

**CHRÓNICAÇORES:
*CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA,
BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS
AÇORES*
volume 3**



CRÓNICAS 1 A 183 - 2005-2017

J. CHRYS CHRYSTELLO. EDIÇÃO 2017-2018

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua pátria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um mi-lhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígene a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou a sua pátria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições.

Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida azorica" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

CHRÓNICA AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA
ATÉ AOS AÇORES - VOLUME 3 - 2018



J. CHRYS CHRYSTELLO 2018

"A verdadeira natureza da felicidade é, muitas vezes, mal compreendida.

*É frequentemente confundida com satisfação, contentamento, ou paz de espírito. A forma mais simples de explicar a diferença é descrever o contentamento como a disposição que sentimos quando a vida nos corre bem, enquanto a felicidade é a sensação que temos quando ela melhora subitamente. No preciso momento em que nos acontece algo de maravilhoso, somos invadidos por uma onda de emoção, um sentimento de prazer intenso: uma explosão de puro deleite.
Este é o momento em que somos verdadeiramente felizes."*

Desmond Morris in A Natureza da felicidade

*Todos os dias devíamos ouvir um pouco de música, ler uma boa poesia, ver um quadro bonito e, se possível, dizer algumas palavras sensatas.
Goethe*

*Eu,
Já perdoei erros quase imperdoáveis, tentei substituir pessoas insubstituíveis e esquecer pessoas inesquecíveis.
Já fiz coisas por impulso, já me dececionei com pessoas quando nunca pensei dececionar-me, mas também dececionei alguém.
Já abracei para proteger, dei risadas quando não podia, fiz amigos eternos, amei e fui amado, mas também já fui rejeitado, fui amado e não amei.
Já gritei e pulei de tanta felicidade, já vivi de amor e fiz juras eternas..
Já chorei ouvindo música e vendo fotos, já liguei só para escutar uma voz, já me apaixonei por um sorriso, já pensei que fosse morrer de tanta saudade e tive medo de perder alguém especial (e acabei perdendo).
Mas vivi!
E ainda vivo!
Não passo pela vida.
E você também não deveria passar!
Viva! Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é MUITO para ser insignificante.*

Charlie Chaplin

*O Tempo é um ótimo professor. Pena é que mate os seus alunos.
(Hector Berlioz)*

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018. CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores,-uma-circum-navegacao-vol.1-3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade, 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2017. Poema "Maria Nobody" in VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre Luís, Carla Luís, Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in A condição de ilhéu, capítulo de "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. Prefácio de "Um missionário açoriano em Timor" de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COM-PLETA%20compressed.pdf/
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5-2012.pdf
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD - 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, CrónicaAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results

2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Victor Rui Dores, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf
2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de “La familia: el desafio de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb .
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf ,
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results , http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf , https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng- ,
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&qt=show+more+ap%3A&cookie
1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf , http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cgi-Volume-3-4#scribd -
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf ,
Outros artigos in https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram “dois sistemas opostos diante da mente do mundo”. E disse mais: “Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira”. Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de “mágica”. Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser “politicamente incorreto” já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um “idiota”.

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da “*civitas*”. Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um “castelo” na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua “falsa” (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu “castelo” e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental.

Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil,

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mátria, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa.

Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos.

Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência.

Tal como George Steiner em *“Os livros que não escrevi”* não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma claridade e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão.

O meu retiro no “castelo” aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros que li, sobretudo na infância e juventude. Temia

todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nau-seavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu “castelo” era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele.

Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela “sorte”, os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixo é sempre o mexilhão”, pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da sua idade”. Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente.

Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha.

Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga

de mar que vislumbrava pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tornara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado.

Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil]

-- 11 h.
*A correr do café com leite para o elétrico torrado.
Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.
-- Quinze tostões.
Direito a empurrões, pisadelas.
O pó é grátis
por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...”*

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas

as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, mesmo que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram paudadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação.

Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada.

Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fchasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão

de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda familiar que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens.

Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol. que é um Palácio de verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento duma filha desse aio, Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal).

Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPresss, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV.

D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925.

Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Moraes Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia.

Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o verão já não as conheci.

Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹.

Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul.

Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular.

Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I).

Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cónego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos.

Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras.

Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados - por exemplo - Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José

1 (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois.

Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considereei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes. Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu.

Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto.

A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um “mono” demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou “sopeira” como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França.

Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

1. CRÓNICA 1. DOS AÇORES. 17-24 junho 2005

1.1. DA CHEGADA

Durante a maior parte da minha vida ignorei a mera existência das então denominadas ilhas adjacentes e nunca fiz delas nem plano de vida nem de visita. A minha ignorância era confrangedora, tal como a da maioria dos portugueses no ano de 2005. Entabulara negociações, prolongadas por mais de um ano, com um primo direito da minha mãe para o ir visitar a São Miguel, sem jamais imaginar que ali iria arribar com passaporte para a velhice. Mas isso é uma história para contar noutra ocasião.

Pouco ou nada sabia destas terras quando, antecipando as prometidas férias na ilha de S. Miguel, aterrei em junho 2005, pela primeira vez no grupo oriental dos Açores. Bom tempo, quente e húmido (26 °C, 85% humidade). Estavam à espera uns primos direitos da minha mãe, para cá emigrados quando foram corridos da então província ultramarina, vulgo colónia, de Angola em 1975. Nunca mais saíram a não ser em férias.

No aeroporto começaram as complicações pois a bagagem tinha-se extraviado...Entramos no Porto num pequeno e acharutado avião da Portugália [*Embraer EMB-145LR*] rumo a Lisboa onde mudámos para um avião maior [*Airbus A310-304*] da SATA. A vista durante o voo limitou-se a esse vasto e imenso mar salgado das lágrimas camonianas, que separa a Europa do continente americano. Embora não houvesse tubarões visíveis interrogara-me sobre a sua existência nestas paragens, agora que o mundo assiste a uma fase de aquecimento global. Nunca imaginei servir de repasto a esses tão-pouco simpáticos animais que ferozmente povoam de medo a mente dos mais suscetíveis. Vieram à mente as sagas dos navegadores de antanho, à vela e à bolina, desbravando mares temerosos, de fantasmas imaginados e monstros marinhos ainda hoje por deslindar. Frequentemente atacados pelo escorbuto, pela fome e sede, dias e meses a fio sem verem terra firme na miragem de descobrirem novas chãs para a cristandade e os cofres de suas altezas reais. Só com muita fé, medo e necessidade poderiam os marujos de então ter sobrevivido a tanta provação.

De regresso à realidade corrente, no avião foi servida, para jantar, uma sanduíche indescritível (da sua memória nada ficou) e um queque. Só na executiva há direito a refeições. Felizmente não tinha fome nem escorbuto, pois a dose soube a pouco. As malas não chegaram, tinham-se perdido algures no transbordo entre Porto e Lisboa, que nisto de mareantes dos céus ainda hoje se não pode confiar as malas a ninguém. A companhia de aviação, orgulhosamente verde e grená [TAP] era a que mais malas perdia de todas as companhias de aviação que havia na Europa. Ali estava eu em Ponta Delgada, com a minha mulher, enfrentando o dilema de trazermos apenas a roupa que tínhamos no corpo e uma pequena mala a que em Portugal se chama pomposamente “*nécessaire*” contendo os cosméticos. Pelo menos cheirar mal não iríamos e sempre me poderia barbear, mas teríamos de dormir sem pijama.

A cena pior foi a do jantar em casa dos primos. Da comida típica portuguesa normal apenas abomino (e não sou capaz de comer) lulas e polvo, além de que fazia uma certa cerimónia da mulher do primo (apenas a vira uma vez em toda a vida) e logo ela nos havia de presentear com aquele jantar de lulas...

Já em 1980, com outro primo, tivera uma cena semelhante. Estava em Lisboa numa das suas incursões a Portugal, e esse primo direito recém-casado com uma menina muito bem da Linha de Cascais, queria impressionar-me com a sua casa, a sua riqueza, a sua mulher cor-de-rosa e tudo o mais para australiano ver. Ao chegarmos ao jantar iluminado por música clássica e ao som da romântica luz de velas, em castiçais de prata maciça, colocam-me um prato de comida em frente. Iria ficar a deliciar-me durante uns longos vinte minutos. Passeava o garfo em círculos

concêntricos ou em espiral, movimentos entrecortados com o saltitar da faca, esboçando novos bailados ou desenhos no molho viscoso e escuro. Imagens que a luz das velas não deixava penetrar...O cheiro intenso e a consistência da carne eram por demais óbvias, maldito polvo. Lá se fora a cerimónia, antigamente denominada “das nove horas”. A jovem esposa teve de ir, de emergência à cozinha, meter no micro-ondas um bife a descongelar. Tive de o comer acompanhado dum arroz, então, já frio. Seria este o meu primeiro e único jantar em casa desse primo, quer durante esse casamento quer nos seguintes. Ainda hoje me interrogo por que nunca mais fui convidado por ele.

Pois bem, regressemos na nossa narrativa a Ponta Delgada, onde depois da falta de bagagem, e do incidente do polvo nada fazia prever novos acontecimentos nefastos. Os primos resolveram oferecer, nessa primeira noite, uma rápida visão urbana da capital da ilha levando-os até à avenida marginal (Infante D. Henrique), ainda bem frequentada apesar de ser já noite alta, com muitas pessoas a pé e muitos carros a circularem. Nessa data ninguém idealizara as Portas do Mar com o novo cais e marina que surgiriam em 2008...

Numa primeira abordagem enganadora, parecia mais cosmopolita e dinâmica que a Bragança que haviam deixado ontem. Depois, levaram-nos a ver as vistas do porto, marina e baía, através da esplanada do Clube Naval que em 2001 celebrou os cem anos. À entrada do parque de estacionamento, o carro tocou na berma e lá se foi um pneu. As bermas são basálticas, mas a direito, não são arredondadas. Pelo contrário, erguem-se perpendiculares a dez centímetros do solo, como facas aceradas à espera do incauto pneu que ouse tocá-lhes. Depois de tomarem café e fingirem que nada de anormal se passara, ajudei a mudar o pneu para o de reserva. Tratava-se duma daquelas miniaturas de pneu que atualmente algumas marcas usam como sobressalente. São uma péssima desculpa para poupar espaço e dinheiro, antes se destinando a roubar o comprador da viatura de ter direito a cinco pneus idênticos como era uso.

Voltamos para dentro do Clube Naval, pondo em dia uma conversa com mais de três décadas de atraso, tal fora o vão temporal e geográfico que os seus encontros proporcionaram. Quando íamos sair, por volta da meia-noite, a miniatura a que chamam pneu de reserva estava irremediavelmente vazio. Ali mesmo aprendi também que não era conveniente deixar o carro até à manhã seguinte. A zona era frequentada por emigrantes “devolvidos” pelos EUA e Canadá em virtude de terem cometido crimes e não terem a nacionalidade daqueles países. Mais tarde aprendi que esses repatriados eram responsáveis por grande parte dos problemas sociais da ilha, um inusitado número de crimes, um enorme consumo de droga e outras coisas que o progresso faz ao trazerem gente de países evoluídos para ilhas protegidas como estas.

Andamos pela marginal, a pé, o que pareceu ser mais de dois quilómetros (afinal era muito menos) até apanharmos um táxi que deixou as senhoras em casa enquanto fomos comprar um daqueles tubos mágicos que enchem pneus vazios. O desembarque inicial em Ponta Delgada fora atribulado. Nenhum dos presentes se esqueceria durante várias luas. Fomo-nos deitar, sem roupa para mudar, mas o calor e a humidade assim o permitiam. Na manhã seguinte, levantamo-nos cedo pois nos Açores andam uma hora atrasados. Assim pelas 10 horas do continente batiam as 9 nos Açores. Já o primo, a pé bem cedo, tinha ido comprar pneus novos. Custou-lhe saber que nunca mais iria recuperar esta hora de sono que lhe fora roubada, até um dia ir viver fora do arquipélago.

Nos dias seguintes vimos paisagens da ilha verde num roteiro turístico que nos levou a vários pontos. As Furnas malcheirosas, a quase sempre enevoadas Lagoa do Fogo e as belas Lagoas das Sete Cidades. Começamos em busca de casa depois de termos visto a enorme escola onde a minha mulher iria lecionar - pelo menos - durante três anos. Dizíamos a toda a gente que vínhamos para ficar e queiramos uma casa sem mobília. Vimos poucas e más,

todas mui pequenas e com mobília, mas achamo-las caras (500 euros ao mês por um T2 minúsculo com cerca de 40 m² na Maia). Claro que isto era barato comparado com os preços em Ponta Delgada, já então exorbitantemente similares aos de Lisboa.

Tratamos de burocracias relacionadas com a mudança para as ilhas, mas de casa nada, até que surgiu a uns 4 km da escola, a hipótese de uma vivenda pequena de 2 quartos, em vias de conclusão de obras. Tinha um sótão amplo [aqui designado como “falsa”] com uma área razoável cerca de 60 m², mas o teto em telha sem forro, estava à vista sem proteção contra a chuva. Pediram 60 contos mensais na antiga moeda (€ 300.00). Na “falsa” antevi logo um pequeno escritório com a sua pequena janela com vista para as vacas alpinistas e para o mar. Via-se metade da costa norte até à ponta oeste na Bretanha. Perguntamos ao dono da casa se era possível meter uma placa de madeira (aqui normalmente em criptoméria) para forrar o sótão e ele anuiu. Ficamos contentes. Na manhã seguinte voltamos para ver melhor a casa e tirar medidas a fim de reavaliar o que se iria trazer do enorme apartamento com 200 m² a que chamamos lar durante três anos em Bragança.

A casa estava em acabamentos. Ainda fomos a tempo de indicar onde queríamos algumas tomadas elétricas e de telefone. Atrás, havia um pátio - metade coberto - e depois um enorme quintal de 50 por 20 m com vistas para o mar. Afinal, arranjam casa bem perto da escola, contra todas as expectativas e com muita sorte, visto que na ilha além de serem muito pequenas estão normalmente mobiladas, para o aluguer fácil e rápido aos forasteiros (normalmente professores, essa nova classe de caixeiros-viajantes, ou de caracóis com a casa às costas, que caracteriza o ensino atual em Portugal). Iríamos ficar mesmo no centro da aldeia. Cedo entendemos que os nativos não gostam que chamemos aldeias às mesmas, acham mais pomposo e digno o termo freguesia. A rua, frontal à imponente igreja datada de 1877, dispõe de um café a dois passos, na esquina de cima, que também pertence ao senhorio, que acumula funções com as de Presidente da Junta de Freguesia. Existem mais dois cafés (tipo taberna) por perto e dois minimercados, uma loja de ferragens, uma bomba de gasolina (em frente aos Bombeiros) e de comércio mais nada, exceto uma delegação da Caixa Agrícola dos Açores com o buraco na parede (ATM).

Regressaríamos assim a Bragança para fazer as despedidas dessa terra mátria que tão bem nos acolhera, deixando nos Açores uma casa alugada, pedido de linha telefónica, de TV Cabo, etc. Após a chegada em definitivo, um mês e meio mais tarde, antecedendo a vinda do contentor, demoraria uma semana para eu me sentar em frente ao meu fiel teclado a fazer o primeiro relato da ilha. Estava numa aldeia agrícola sobre o mar, as gentes simpáticas, aparentemente muito educadas e corteses. Entendiam-se apesar do sotaque curiosamente difícil de apanhar. Nesta terra, aqui em plena costa norte, ficam localizados numa Lomba, assim denominada por ficar numa elevação, a 4 km da vila piscatória da Maia, implantada numa chã junto ao mar, onde a minha mulher vai dar aulas e onde o João Nigel vai frequentar a 4ª classe (4º ano como pomposamente se lhe chama hoje).

Uma primeira constatação etnográfica: só há agricultores e leiteiros... parece o faroeste dos vaqueiros. Estávamos a viver em pleno centro da aldeia a 20 m da igreja monstruosa de grande, que assusta com o repetido repicar dos seus sinos indicando as horas, as meias horas, os quartos de hora e os desastres naturais e pessoais que vão acontecendo para eventos tais como mortes, nascimentos e casamentos. A casa demorou mais uns dias do que o previsto, mas ficou pronta a habitar e agora poderiam enfim dizer que era um T3+2 com um sótão onde o senhorio construía dois novos quartos (o de dormir do João e o de brincar) e para a frente com janela para o mar e montes um pequeno escritório onde cabem 2 secretárias, os PC e auxiliares, arquivadores e 2 estantes. Tínhamos um belo e amplo

pátio coberto onde logo colocaram uma mesa de almoçar com um banco de igreja, e um banco de pedreiro, dispondo ainda de um grelhador (BBQ) a gás e uma banca. Depois havia o longo quintal ainda cheio de batatas acabadas de colher, onde tinham construído outro grelhador (barbecue) a lenha com vistas para o mar imenso da costa norte da ilha de S. Miguel.

O clima parece mais ameno que em PDL (Ponta Delgada), menos húmido e mais fresco com temperaturas de 21-25 °C. O mar é mais frio aqui: 20-22 °C e em PDL 23-24 °C... No inverno faz frio 12-17 °C (ah! ah! que saudades dos -12 °C a +43 °C de Bragança) e nevoeiro com vento... O clima muda constantemente e tanto chove como faz sol... As lagoas, as crateras e as baías são um espanto. Os montes e colinas cheios de vegetação estão peçados de vacas penduradas como alpinistas. O peixe (dizem-nos) é muito bom, a carne bastante apreciável (mas menos que a posta mirandesa de Bragança), o pão é entregue todas as manhãs à porta de casa acabado de fazer, e o leite vem diretamente da vaca para casa.

Depois disto narrado entregamo-nos à hercúlea tarefa de desmontar o que faltava dos 148 caixotes (36 m³) + mobília + carro que vieram por barco e chegaram à rua com grande espalhafato e interrupções viárias. O camião impediu a circulação, meteu as suas sapatas (pás) no chão e começou a içar o enorme contentor para o depositar no passeio, tendo depois saído do seu bojo, a viatura e os caixotes todos, transportados ao longo de várias horas para o interior da casa, até esta ficar praticamente sem espaço para uma pessoa se mover.

2. CRÓNICA 2 - OLÁ GENTE. 11 agosto 2005

A Lomba da Maia fica numa elevação, a 4 km da vila piscatória da Maia (afinal, parece, mas ainda não é vila, segundo descobri depois) junto ao mar, onde a Nini (Helena) vai dar aulas e o João vai para a 4^a classe.

Até agora gostamos disto bastante, estamos numa aldeia agrícola numa Lomba (dorso de um monte que se prolonga para o mar). As gentes são simpáticas, muito educadas e corteses e entendem-se apesar do sotaque curioso.

Aqui só há agricultores e leiteiros. Estamos em pleno centro da aldeia a 20 m da igreja monstruosa.

O irónico foi ver na realidade que a Maia era diferente do imaginado, esta era a de S Miguel e não de a Santa Maria cujas imagens da estrada e da piscina natural tínhamos visto

O clima muda constantemente e tanto chove como faz sol... As lagoas, as crateras e as baías são um espanto e os montes e colinas cheios de vegetação estão peçados de vacas penduradas das alturas como alpinistas. Depois dumas semanas de bom tempo e sem chuva, tivemos três dias de chuva sem parar e outros três maravilhosos sem chuva. Consta que nada disto é normal, pois o habitual é chover, passar, vir o sol.

De início só encontrei duas pessoas antipáticas (por sinal ambas na administração dos serviços de saúde...se calhar precisavam de tratamento).

A aldeia agrícola onde vivíamos sobre o mar era povoada por gentes simpáticas e corteses que nos tratam com deferência.

3. CRÓNICA 3 DOS AÇORES 8 setembro 2005

3.1. OLÁ GENTES

Continuamos a gostar disto, depois dumas semanas de bom tempo e sem chuva, tivemos 3 dias de chuva sem parar e 3 dias sem chuva maravilhosos. Consta que nada disto é normal, pois o habitual é chover, passar, vir o sol, etc. Empiricamente pude constatar que se assiste a uma nova colonização dos Açores, pois existem centenas, ou até milhares, de continentais que para aqui vêm em busca de emprego, normalmente no setor do ensino. As escolas têm uma qualidade superior às do Continente quer em tipo de equipamentos quer mesmo em organização, pelo pouco que já observamos.

A nossa aldeia agrícola sobre o mar de gentes simpáticas, muito educadas e corteses terminou agosto com uma semana de folguedos e festas à antiga portuguesa, incluindo uma sessão de fados à desgarrada (aqui chama-se cantigas ao desafio) como eu já não ouvia desde a infância. Apesar de difícil pelo sotaque curioso conseguem-se entender. Ainda só encontramos duas pessoas antipáticas, ambas na administração dos serviços de saúde...se calhar precisam de tratamento.

*Amigo tu tens razão
Nos versos qu'agora deste
Vamos ter ocasião
De ouvir o que disseste.
Não sei se somos iguais
À mulher dos desafios*

*Acontece que jamais
Senti desses arrepios.
Minha voz não foi treinada
Para cantar ao luar
A escrever não custa nada
E agora estou a treinar.
Se conheceres alguém
Que tenha uma garagem
Leva-se violas também
Para ver se há coragem.
É assim que fazem cá
À conta do Carnaval
Mas não sei como será
Cantar rima ao natural.*

<http://ideiaseideais.blogs.sapo.pt/144500.html>

Veio gente de todas as povoações limítrofes e havia foguetes, música, desfile de carros alegóricos à vida campesina e quotidiana. Arrematações e leilões de porcos e outros bens agrícolas...além de tasquinhas e venda de bugigangas. A parte pior foi quando a procissão que passava à nossa porta teve de ir em corrida rua acima até à igreja porque o aguaceiro que caía era demais...

Continuamos a apreciar e a achar estranho algo que era normal na minha juventude: o pão é entregue todas as manhãs à porta de casa acabado de fazer, e o leite vem diretamente da vaca para casa (há vaqueiros aqui na rua, aliás, creio que em todas as ruas da Lomba da Maia).

A nossa filha mais velha, Bebé, o marido Ricardo e a neta Mariana de 2 anos e meio, estiveram cá 15 dias. Uma noite ouço gritos porque um grilo estava no quarto deles e não

deixava a miúda e a mãe da miúda dormir.... la sendo uma tragédia pois como sabem os grilos são descendentes diretos dos dinossáurios... deviam ter ouvido os gritos histéricos, parece que estavam a ser levados pelo King Kong... Se, por acaso, é uma barata que entra em casa, por baixo das portas, é impossível e não podemos ter as janelas fechadas todo o dia, nem queiram saber a tragédia familiar que se põe. Faz-me lembrar a cena dos primeiros dias em que o João estremunhado nos veio contar que havia uma aranha venenosa no quarto (deve ter sonhado que estava na Austrália!) Era um pequeno inseto inofensivo.... Por vezes custa aos urbanos esta adaptação ao mundo rural.

Entretanto com a chuva o nosso capim cresceu 50 centímetros em 3 dias e não sabemos o que havemos de fazer pois há mais de 50 por 20 metros de quintal... Há dias saímos com imenso sol e quando chegámos tínhamos o escritório inundado porque a janela tinha ficado aberta. Ninguém se lembra destas coisas a princípio...

A nossa praia local (a Praia da Viola) tem duas cascatas em plena praia e um aspeto que só me lembro de ter visto em filmes de locais tropicais em ilhas de sonho. Não é vigiada, mas tem um leve problema de acesso, são 4,5 km daqui lá, de estrada a pique (mais de 15% de inclinação) bem no fundo da rua e da Lomba, e é preciso rodear dois montes íngremes para chegar até lá.... Depois de chegar (de carro, é claro) são 137 degraus de pedra por entre dois ou três moinhos de água abandonados com pequenas ribeiras e cascatas. O pior é subir aquilo tudo a pé até chegar ao carro, e os locais olham para nós com estupefação pois sobem e descem a pé desde a Lomba e não se lhes nota o ar de cansaço que nós temos só por subir os degraus ...

No fim de semana fomos dar uma volta de carro e no miradouro da Caloura (na costa sul, zona de residências de fim de semana de médicos, escritores e outra gente fina, rica e pretensiosa) havia uma vala profunda no asfalto. Entrei de lado por causa do Audi A4 ser baixo, mas mesmo assim fiquei com uma roda na valeta profunda de águas pluviais. O carro assentou no chão e não havia meio de o tirarmos. Logo de imediato, parou um jipe que se ofereceu para me ajudar, mas a corda com que me ia rebocar partiu. Caía um daqueles aguaceiros que equivalem a um ano de chuva em Bragança, e pararam mais 3 ou 4 carros. Rapidamente seis ou sete pessoas levantaram os 2 mil kg do carro em mãos e puseram-me de novo a circular ao som das suas próprias palmas. Eu estava todo encharcado dentro do carro, os outros piores que pintos, mas todos satisfeitos por terem ajudado outro ser humano. Lembrei-me se alguma vez poderíamos assistir a uma cena destas noutro sítio. Lembrei-me do estado de quase guerra civil na Luisiana após o furacão Katrina (roubos, violações, assaltos, etc.) e admiti que ainda o ser humano ainda tem algo de valores importantes que o resto da sociedade já esqueceu. Saudades e até sempre do Cronista Australiano Transmontano Açoreano.

3.2 DA CHEGADA AOS SISMOS VAI O VOO DUMAÇOR NA ILHA VERDE SISMOS - 21/9/2005 13.30 HORAS AÇORES (14.30 LISBOA) 23.30 SYDNEY

A rotina começara a instalar-se. Dentro de dias todos teriam os seus horários a cumprir. Mas nem sempre a vida é o que os homens querem. Há sempre forças superiores a determinar qual o destino de cada um. Dia 21 de setembro 2005 desde o meio-dia local, (uma da tarde no continente) que a terra está a tremer. Em Vila Franca do Campo (costa sul) a 10 km de Ponta Delgada foram sentidos mais de cem abalos, alguns de grau 6,5 na escala de Mercalli. Na Maia, evacuaram a escola, pois as mesas da escola deslizaram uns metros. Os alunos choraram, a maioria dos professores (vindos do continente) em pânico. Alguns

fugiram ainda mais depressa do que os alunos. Uma mãe deixou os filhos pequenos enquanto buscava abrigo. A Proteção Civil acionou os mecanismos devidos. Nessa altura, no café da esquina, andava um polícia a saber do Presidente da Junta de Freguesia e a indagar dos estragos locais. Em toda a ilha apenas se verificaram pequenos danos: caiu a cruz da igreja de Vila Franca e uma casa abandonada em Porto Formoso, mas não houve vítimas.

Na nova casa, não se sentia nada no rés-do-chão. No primeiro andar, na falsa (sótão), tudo tremeu bem durante os dez abalos telúricos. A parte de baixo da casa é em alvenaria ou pedra (assim parece) e a de cima em madeira, o que tem a vantagem de ser mais seguro pois oscila e treme, mas não parte tão facilmente como a pedra. O maior tremor durou apenas uns 4 segundos. Esta crise, segundo disseram os entendidos, é a maior desde há trinta anos tendo começado em 10 maio de 2005. Espera-se que, a continuar assim, a terra trema durante todo o dia e toda a noite... Não há nada a fazer, só esperar que a hora que está destinada a cada um não chegue. Há que ter calma e ponderação sem entrar em histerias e alarmes injustificados.

E vai mais um... 21 de setembro 2005, 22.30 Açores: Mais dois pequenos sismos na última hora, o que totaliza 20 na aldeia. Isto não é nada quando comparado com mais duma centena em Vila Franca do Campo (na costa sul), onde as pessoas dormindo em tendas irão passar a noite ao relento. Felizmente não está muito frio (16 - 17 °C) para o caso de se ser obrigado a evacuar o abrigo sob telhas. Prevê-se mais atividade para a noite. Como resultado, decidi que o meu filho iria dormir no rés-do-chão hoje, pois fica mais perto da rua e do enorme quintal para onde poderemos fugir, se necessário. Não há casas altas por perto, apenas uma casa em risco de ruir ao lado, mas se a igreja cair os destroços podem chegar até à nossa casa a menos de 100 metros....

A fratura *graben* da Lagoa do Congro passa a poucos quilómetros de casa e segue até à Maia. Amanhã não se sabe se haverá aulas, pois se a atividade de noite for igual à do dia continuarão em alerta laranja: o grau 4 da escala de 5... As águas da lagoa, perto do epicentro, subiram substancialmente de temperatura, o que é normal quando há atividade das placas tectónicas instáveis como esta. O mais impressionante é a incerteza, os silêncios entre tremores. A dúvida se o próximo vai ser dos pequenos ou quando virá um grande. Medo propriamente dito não há, um certo temor. Como dizia eu filosoficamente aos 18 anos quando proclamava a supremacia da ciência sobre a religião: *o homem é um ser infinitamente pequeno na grande escala das coisas da vida como a Natureza*. O meu desejo era esperar que fosse a natura-mãe e não madrastra.

Mas o homem sonha sempre. Uma das coisas que me mantém vivo, é a idealidade. Além de económica tem funções terapêuticas importantes. Continuo sonhador, idealista, poeta e jovem, tentando justificar dessa maneira a triste existência terrena. Invento sempre novos sonhos que passam a ser desafios pessoais para conquistar novas metas e atingir cumes mais altos. Este desafio da natureza é encarado com um certo pragmatismo inelutável que não devemos confundir com o típico fatalismo açoriano. Como a velha melodia dizia "*Que Sera, Sera (Whatever Will Be, Will Be)*"²

O João está a aceitar tudo isto com um certo *fair-play* e os pais vão nesta incerteza. Pensam noutros locais do mundo, no furacão que está a assolar Cuba e na Luisiana...e é nestas alturas que deparam com esta realidade, as desgraças que a TV transmite

² [composição de 1956 de Jay Livingston e Ray Evans servindo de tema musical ao clássico de Alfred Hitchcock: *The Man Who Knew Too Much*, com Doris Day e James Stewart].

anonimamente de todo o mundo podem também chegar até qualquer um de nós. Pensa-se sempre que essas tragédias só acontecem aos outros até que a dor bem pode morar ao lado.

Sabíamos disto ao vir para cá e tínhamos de aceitar, pois nada se pode fazer. Se a atividade sísmica fosse também vulcânica era bem pior, pois em 1522 (os meus conhecimentos de história local daquela época ainda eram muito fragmentários) a mesma Vila Franca (então capital desta província do reino dos Algarves) foi totalmente aniquilada. Pouca gente sobrou da velha capital e na nova paisagem devastada nada sobrou, a não ser duas das mais belas lagoas e uns quantos picos que ora estão bem verdejantes. Depois disso houve a erupção dos Capelinhos algures na sua memória por volta de 1959 antes da morte do J. F. Kennedy. Os outros mais recentes foram na ilha Terceira e Faial...

Desde o meio-dia local, uma da tarde no Continente, que isto está a tremer. Em Vila Franca do Campo na costa sul, a 10 km de Ponta Delgada já foram mais de cem sismos e alguns de grau 6.5 na escala de Mercalli. Caiu a cruz da igreja de Vila Franca e uma casa abandonada aqui perto em Porto Formoso. Não há vítimas. Em casa não se sente nada no rés-do-chão, mas aqui no primeiro andar, na falsa (sótão) isto tremeu bem, mas só senti dez abalos telúricos. O maior durou uns 4 segundos. Esta crise é a maior desde há uns trinta anos e começou em maio. E vai mais um...

3.3. SUBVERSÃO DE VILA FRANCA

Consultando os registos aprendi sobre a Subversão de Vila Franca ou Terramoto de Vila Franca, como se designa o grande sismo que na noite de 21 para 22 de outubro de 1522 provocara grandes movimentos de terra e destruição generalizada em Vila Franca do Campo, então capital da ilha. O sismo teve epicentro a NNW da Vila, derrubou a maioria dos edifícios e desencadeou movimentos de vertente com origem nas encostas sobranceiras à vila que mobilizaram material que formou um lahar que soterrou o povoado. Estima-se que morreram entre 3 a 5 mil pessoas na vila, a quase totalidade dos habitantes de então. Para além da destruição causada em Vila Franca do Campo, o terramoto atingiu as povoações vizinhas, com destaque para Ponta Garça. No norte da ilha, com destaque exatamente para a sua vizinha Maia e Porto Formoso, onde houve centenas de mortos. Um tsunami causou a destruição de vários navios junto ao ilhéu de Vila Franca e algumas dezenas de mortos (centenas segundo algumas crónicas). Gaspar Frutuoso, escrevendo 70 anos após a ocorrência, recolheu uma completa notícia dos eventos e um romance oral a eles referente. A vila assistiu a um calmo anoitecer no dia 21 de outubro de 1522, quando, de acordo com o Romance de Vila Franca...

Quarto de Lua seria:

*Era uma quarta-feira,
Quarta-feira triste dia,
E em a noite mais serena
Que o céu fazer podia,
Inda que corre Levante
Nada d'ele se sentia;
Não corre bafo de vento,
Nem folha d'árvore bolia,
Estrelado estava o céu,
Nuvem não o escurecia.
Ante manhã duas horas
Inda não amanhecia,
Começou tremer a terra,
Mais que outras vezes tremia,
E a dar fortes balanços
Parecendo maresia:
Não treme do baixo a cima,
Mas para os lados tremia.
Nem abre boca nenhuma
O espírito que isto fazia;
Sacudiu somente a terra
Dos lados em que feria.
Sacode a terra dos ombros,
Com o peso que sentia*

*O grão gigante Almoural
Que deitado ali jazia.
Movem-se todas as cousas
Quando seu corpo movia;
Estrondo que faz a terra
Roncos são do que dormia,
Que de ser velho cansado
Ronca quando adormecia.
Correu a terra d'um monte
Que d'alta serra pendia,
E com ímpeto furioso
Sobre a vila se estendia,
Ali começa a dar gritos
A gente que se afligia,
Deles chamaram por Deus,
Deles por Santa Maria.
Quando chegou a manhã
Nenhum deles parecia
que correu daquela terra
Que sobre a vila jazia,
Essa gente que escapara
Como pasmada morria;
Outra que viva ficava
Vivendo assi não vivia.*

Aquela calma seria de pouca dura, já que pelas duas da madrugada de acordo com as *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso,

...estando o céu estrelado e claro, sem aparecer nuvem alguma, se sentiu em toda a ilha um grandíssimo e espantoso tremor de terra, que durou por espaço de um credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro dela, fazendo-a dar grandes abalos, com roncoss e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores da ilha que se virava o centro dela para cima e que o céu caía. E acabando o espaço do credo ou de um pater-noster e ave-maria a todo o mais, e ainda não foi tanto, tornou outra vez a tremer mais brandamente outro tanto... Durante a madrugada e até ao meio-dia do fatídico 22 de outubro, as réplicas foram muitas e rijas. O grande sismo, que a tecnologia atual permite estimar ter tido epicentro a alguns quilómetros a NNW da vila, na zona do Monte Escuro, e ter atingido grau X da EMS-98 (Escala Macrossísmica Europeia), desencadeou movimentos de massa generalizados por toda a ilha, devido aos solos se encontrarem saturados de água em resultado de chuvas intensas ocorridas nos dias anteriores. Aliás, os terrenos vulcânicos, em particular os constituídos por materiais piroclásticos de baixa densidade, como são os profundos depósitos pomíticos que constituem as encostas do Maciço de Água de Pau, por estimulação sísmica são em extremo propícios a gerar grandes movimentos de massa, autênticos lahars. Ainda nas palavras de Gaspar Frutuoso: ...não houve grota nenhuma, assim da parte sul como do Nordeste, por onde não corresse ribeiras de lodo. Diz Gaspar Frutuoso: ...da ribeira para a parte do oriente, onde estava a vila, tudo foi assolado e os moradores todos quase mortos. Somente da mesma ribeira para o poente, escaparam algumas casas, a maioria delas caídas, onde ficaram vivas até 70 pessoas pouco mais ou menos, as quais todas começaram a dar grandes gritos, chamando por Deus e outros por Santa Maria. A massa de lodo soterrou o porto e entrou mar adentro, arrastando muita gente consigo e gerando um tsunami que destruiu as embarcações ali surtas.

Continuando a transcrição de Gaspar Frutuoso:

...havia no porto então quatro ou cinco navios abrigados no ilhéu para partirem para Portugal, o que foi causa de morrer mais gente ali onde se ajuntava de toda a ilha para fazer aquela viagem. Um estudo recente dos depósitos resultantes dos movimentos de vertente de 1522 permite estimar que a escoada de detritos que soterrou Vila Franca teve origem nas cabeceiras da Ribeira da Mãe d'Água, a NW de Vila Franca, ao sul do Pico da Cruz, então Monte Rabaçal. A partir de uma face de rotura esventrada para SSE libertaram-se cerca de 6,75 milhões de metros cúbicos de detritos que correram ao longo da ribeira, com uma velocidade que hoje se estima ser de 1 a 3 m/s, atingindo em poucos minutos o centro da vila e recobrin-do-o completamente. As consequências foram trágicas: a parte central da vila ficou soterrada e o porto desapareceu sob uma espessa camada de pedra-pomes.

Regressemos por instantes à descrição de Gaspar Frutuoso que é bem eloquente:

...e sendo já dia claro, se ajuntaram algumas pessoas que viviam pelos montes e nas quintas, e os que ficaram vivos no arrabalde, espantados todos dos grandes tremores e estrondos que ouviram; e vendo a vila no estado em que se encontrava, pasmavam. Muitas pessoas de toda a ilha que ali tinham as suas casas, parentes, amigos e conhecidos, mandaram cada um cavar onde lhes soía, uns para tirar os corpos dos mortos, outros para ver se achavam dinheiro e alfaias que tinham em suas casas, outros para fazer o mesmo aos corpos e haveres dos seus parentes e conhecidos. E assim se cavava em muitas partes da vila, e uns achavam mortos pelas ruas e outros em suas casas e leitoss, entre os quais achavam alguns vivos. Em uma só triste noite foram acabadas muitas vidas e ficou tudo tão coberto, que nem nobres casas, nem altos edifícios, nem suntuosos templos, nem nobres ou vulgares pessoas pela manhã apareceram, ficando tudo raso e chão, sem sinal nem mostra de onde a vila estivera. Esta catástrofe, que ficou conhecida pela subversão de Vila Franca, marcou profundamente o desenvolvimento da ilha de S. Miguel,

fazendo migrar o centro político e económico para a nascente vila de Ponta Delgada, que em breve seria a capital de ilha e continuaria a crescer até ser hoje a maior cidade açoriana e o principal centro político e económico de todo o arquipélago. Não fora o terramoto e esse papel caberia a Vila Franca, vila mais bem situada e com um melhor porto natural. Foi pena, pois a ilha ficou desequilibrada com a capital em Ponta Delgada. Ficaria mais balanceada caso se tivesse mantido em Vila Franca (do Campo).

Se a atividade sísmica de agora fosse também vulcânica era bem pior. Os outros sismos e acontecimentos vulcânicos mais recentes foram na ilha Terceira em 1980, no Faial em 1998... E vou deixar aqui esta crónica tremida e trabalhar.

4. CRÓNICA 4, SISMOS, 21/9/2005 22.30 AÇORES, 23.30 LISBOA, 09.30 SYDNEY

Para o casal, ainda mal assentes estavam os pés nesta terra verde e já ela se insurgia com estes tremores repetidos. Mantínhamo-nos mais calmos do que a maioria dos que nos rodeavam. Já ontem constatei isso, na escola da Maia. A maioria dos 120 professores estava mais nervosa que muitos alunos e suas famílias. Houve quem dormisse ao relento, outros levaram mantas e uma percentagem da população não dormiu em casa. A atividade parecia estar a abrandar, quer em frequência quer em intensidade, mas os especialistas preveniram que se iria manter. Desconhecia-se se ia lentamente acalmar ou se haveria um maior. Neste caso, os medos são justificados pois a fratura separa a ilha ao meio.

Corria-se o risco de ficarem a ser duas ilhas...A zona afetada deriva da falha na região Fogo-Congro (mais exatamente a Caldeira do Fogo e a Lagoa do Congro, uma falha de direção aproximada N-S) atravessando transversalmente a ilha na sua zona mais estreita (18 km) e mais baixa. Ora a Maia onde a Nini dá aulas e o João anda, está mesmo nas faldas da parte mais oriental da ilha contígua à dita falha. Existem estudos (mas não os consegui descobrir) que diziam que era provável num caso de erupções violentas (como as de há 500 anos) que a ilha se voltasse a separar em duas. Parece ter sido essa a sua origem inicial há milhares de anos. Com respeito, mas com uma certa ligeireza de espírito assim contavam levar esta crise.

Conta a tradição que, no outono de 1713, durante um grande terramoto na ilha de S. Miguel, um grupo de freiras saiu à rua em procissão com uma imagem de Jesus que, até então, não tinha grande culto. A elas se juntou o povo com andores e ladainhas e os notáveis da terra com seus trajes de cerimónia. Passaram entre escombros e cadáveres até que um tremor mais forte fez cair a imagem do Cristo do andor para o chão, a qual ficou direita, sem se partir ou sujar. Nesse momento, a terra parou de tremer, o mar amansou e o céu descobriu-se. Assim nasceu a grande devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres. A parte central da ilha de S. Miguel é atravessada por um sistema de falhas, da costa norte à costa sul, abrangendo o maciço de Água de Pau e toda a região da Achada das Furnas (Congro). Num contexto mais geral, a estrutura do Fogo-Congro representa um setor emerso da fratura que se prolonga desde leste da ilha de Santa Maria até à Crista Médio-Atlântica, a oeste das ilhas Graciosa e Faial. Não se estranha que o sistema Fogo-Congro seja uma das mais importantes áreas sismogénicas do arquipélago, aqui se acumulando tensões que resultam do jogo das placas litosféricas Eurasiática, Africana e Americana. Mesmo em períodos de "acalmia", este sistema regista, em média, 3 a 5 microssismos por dia. Ocasionalmente, a área é palco de uma crise sísmica mais importante, tal como aconteceu em 1989, ou mais recentemente nos últimos 3 anos. A presente atividade enquadrava-se neste contexto geológico e refletia a instabilidade de um sistema que busca o equilíbrio. Numa região como a dos Açores os sismos não podem ser dissociados dos vulcões e esse é, em particular, o caso do observado no sistema Fogo-Congro. Este sistema tectónico abrange o Vulcão do Fogo, a oeste, e um alinhamento de pequenos centros vulcânicos, a leste, que se estende até ao bordo da caldeira do Vulcão das Furnas. Porque falhas tectónicas e sistemas vulcânicos ativos se cruzam nesta zona da ilha é imprescindível que a vigilância sismovulcânica tenha um carácter multidisciplinar, cobrindo todos os aspetos possíveis nas áreas da Geofísica, da Geoquímica e da Geodesia. Uma tarefa que obriga à mobilização de técnicos especializados que, 24 sobre 24 horas, recolhem e interpretam dados essenciais para compreender o comportamento das estruturas, como se fossem peças de um "puzzle" de difícil construção. Tal como noutras situações similares, os grupos de monitorização vulcanológica do Centro de Vulcanologia e Avaliação de Riscos Geológicos da Universidade dos Açores têm acompanhado o evoluir da situação, reforçando as redes de observação permanente e procedendo a diversos trabalhos de campo. Diariamente são recolhidas amostras de águas e de gases em diversos pontos da ilha que, posteriormente, são analisadas nos laboratórios daquela unidade de investigação. Os dados recolhidos, até à data, mostram que não existe qualquer variação dos parâmetros físico-químicos determinados, facto que confirma a natureza tectónica da presente

crise sísmica. Embora se registe um decréscimo da atividade, o número de microssismos registado está ainda significativamente acima do normal. É previsível que a atividade sísmica se venha a prolongar por mais algum tempo.

Mais dois pequenos sismos na última hora, o que totaliza 20 aqui na aldeia (Lomba da Maia), o que nada é comparado com mais duma centena em Vila Franca do Campo na costa sul, onde as pessoas ficaram ao relento dormindo em tendas. Felizmente não é muito frio (16-17 °C). A fratura passa a poucos km daqui e vai até à Maia a 5 km daqui. Amanhã não se sabe se haverá aulas, pois se a atividade esta noite for igual à do dia continuamos em alerta laranja o grau 4 da escala de 5... As águas da Lagoa perto do epicentro de hoje subiram a temperatura substancialmente, o que é normal aquando da atividade das placas tectónicas instáveis como esta. O mais impressionante é esta incerteza, estes silêncios entre tremores, e a dúvida se o próximo vai ser dos pequenos ou quando virá um grande. Medo propriamente dito não há, um certo temor, ou como eu dizia quando filosoficamente aos 18 anos proclamava a supremacia da ciência sobre a religião: o homem é um ser infinitamente pequeno na grande escala das coisas da vida como a Natureza. Esperemos que seja natureza-mãe e não madrasta.

5. CRÓNICA 5, 22/9/2005,

5.1. SISMOS 10 MANHÃ AÇORES, 11 LISBOA, 20 HORAS SYDNEY

Como na véspera alguém dissera, o certo é que é mais perigoso andar de carro nas estradas do continente. O João está mais calmo, ao pé do pai, nesta sua primeira experiência telúrica. A estreia paterna fora já em 28 fevereiro de 1969 no Porto pelas 06.27 da manhã. Depois, perdi-lhe a conta. Em Timor havia tremores todos os dias (entre o 5 e o 7 da escala de Richter), embora só um tenha sido suficiente grande para todos se porem a correr em março de 1974 ou 75. Depois, escapei dos vulcões ativos em *Kintamani*, Bali (Indonésia) cujas maiores erupções foram em 1927, 1929 e 1947. Estava em Sidney, a 250 km, quando senti o tremor de Newcastle (Austrália) com o grau 5,6 na escala de Richter, 13 mortos e 140 feridos (10:27 28 dezembro 1989), uma cidade centenária que ficou semidestruída.

Já anunciaram: “*Amanhã não há aulas*” havendo a possibilidade de um grande terremoto como acontecera na Terceira em 1980. Porque de memórias de eventos similares se faz a história, recordem-se os maiores eventos telúricos do século XX:

1907 - Erupção submarina na Fratura Mónaco - A 1 de abril detetou-se uma pequena erupção a cerca de 400 m de profundidade no Banco Mónaco (SSW de S: Miguel). Emitiu cinzas e provocou o corte do cabo submarino S. Miguel - Faial.

1911 - Erupção submarina na Fratura Mónaco - Em março detetou-se uma pequena erupção a cerca de 200-300 m de profundidade

1926 - Grande sismo na cidade da Horta - A partir de abril deste ano a ilha do Faial foi sacudida por uma série de sismos de intensidade variável, um dos quais, a 5 de abril, provocou danos em edifícios nas freguesias de Flamengos, Ribeirinha e Conceição, particularmente nos lugares de Farrobo, Lomba e Espalhafatos. A 31 de agosto, pelas 8 h 42 min., a ilha foi sacudida por um violento sismo que provocou 8 mortos, mais de 200 feridos e destruição generalizada na cidade da Horta, especialmente na freguesia da Conceição, e nas freguesias de Praia do Almocharife (onde das 220 casas apenas 16 ficaram habitáveis), Flamengos, Feteira e Castelo Branco e na zona compreendida entre a Lomba do Pilar e o Salão. Ao todo ficaram derrubadas 4138 casas.

1957-1958 - Erupção dos Capelinhos, Faial - De 16 a 27 de setembro de 1957 sentiram-se na ilha do Faial mais de 200 abalos de terra, de intensidade geralmente fraca. A 27 de setembro iniciou-se uma erupção submarina a cerca de 1 km de distância da Ponta dos Capelinhos. A erupção evoluiu formando primeiro uma ilha que, com o aparecimento de um istmo, se ligou a terra. O vulcão manteve-se em atividade até outubro de 1958. O tremor associado ao vulcão e a queda de cinzas e materiais de projeção provocaram a destruição generalizada das habitações e campos do oeste do Faial. Legislação passada pelo Congresso dos EUA permitindo a imigração de açorianos desencadeou um êxodo de que a demografia das ilhas ainda não recuperou.

1963 - Crise sísmica e erupção submarina frente a Sta Luzia, Pico - Entre os dias 12 e 15 de dezembro, os sismógrafos instalados no Faial registaram tremor vulcânico com foco ao largo do lugar do Cachorro, Sta Luzia, costa norte da ilha do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de dezembro. A 15 de dezembro, com bom tempo e boa

visibilidade, diversas pessoas do Faial e Pico avistaram "bolas ou nuvens de vapor" saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado.

1964 - Crise sísmica em S. Jorge - Uma crise sísmica abalou a parte oeste da ilha de S. Jorge, provocando grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico na ilha, levando à evacuação de grande número de jorgenses para a Terceira e outras ilhas. Esta crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo dos Rosais.

1973 - Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e S. Jorge, com particular destaque para a freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, na ilha do Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Stº António, no Pico. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, em Bandeiras, Santa Luzia, Stº António, e S. Roque, na costa norte, na freguesia de S. Mateus, na costa sul e ainda na Conceição, Matriz e Flamengos, Faial.

1980 - Sismo de 1 de janeiro, Terceira, S. Jorge, Graciosa - Pelas 16:42 do dia 1 de janeiro de 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.0 Richter, uma profundidade hipocentral de 10-15 km, epicentro situado no mar cerca de 35 km a SSW de Angra do Heroísmo. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra do Heroísmo, na Vila de S. Sebastião e nas freguesias do W e NW da Terceira, nas freguesias do Topo e Santo Antão, em S. Jorge, e no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em S. Jorge) e mais de 400 com ferimentos. Ficaram danificadas mais de 15 mil casas, e outros tantos desalojados.

1981 - Erupção submarina na Fratura Mónaco - Em princípios de julho uma pequena erupção submarina a cerca de 300 m de profundidade foi detetada no Banco Mónaco (SSW de S. Miguel), com emissão de gases e de material basáltico.

1997 - Erupção submarina no Banco D. João de Castro - Na primavera de 1997 a intensa atividade microssísmica registada naquela área, acompanhada de numerosos pequenos sismos (I a III da escala Mercali) sentidos na Terceira e em S. Miguel levam a admitir a ocorrência de uma erupção submarina, a grande profundidade, no Banco D. João de Castro.

1998 - Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e S. Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 Richter com epicentro a NNE do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Almoxarife, no Faial. Também atingidas localidades do Pico. No extremo W de S. Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias. Morreram 8 pessoas, todas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.

1999-2000 - Erupção vulcânica submarina da Serreta, Terceira - Foram registados microssismos na área a partir de 25 de novembro de 1998. Pescadores detetaram a erupção em finais de dezembro. A erupção decorre de forma intermitente com emissão de gases e de lava basáltica. Não tem provocado sismicidade sentida. Em fevereiro de 2000 a erupção continuava.

A noite passamo-la bem, embora tenha havido 17 sismos, nós não os sentimos e conseguimos dormir seis ou sete horas. Grande parte da população ficou (outra vez) desperta a dormir em carros, nas ruas ou em ginásios em especial nas terras mais afetadas como Vila Franca do Campo (costa sul) ou aqui perto na Maia (costa norte). Nota-se uma grande insegurança nas pessoas com quem contactamos e naquilo que vemos e ouvimos na TV e rádio. A gente mais nova nunca tinha passado por uma crise sísmica tão grande e prolongada como esta e os sismos e microssismos jamais tinham atingido o grau 5 ou 6 na escala de Mercali... Existe apreensão autêntica, e os mais velhos estão muito temerosos. Nós mantemo-nos mais calmos do que a maior parte dos que nos rodeiam.

Desconhece-se se isto se vai lentamente acalmando ou se haverá um maior, os especialistas preveniram que se ia manter. Como disse ontem a alguém das inúmeras pessoas amigas, que se têm solidarizado connosco nas últimas 24 h através do Skype, telemóvel e telefone fixo, o certo é que mais perigoso andar de carro nas estradas do Continente. Na pior das hipóteses se houvesse um cataclismo, como aquele que formou a ilha (eram duas e juntaram-se) ficaríamos na metade sem acesso ao exterior e sem portos onde nos viessem buscar. O aeroporto fica na metade ocidental da ilha nos arrabaldes de PDL, pelo que como o meu Audi A4 não nada nem voa, não teremos hipóteses de sair...Com respeito, mas com uma certa ligeireza de espírito é assim que contamos levar isto.

Hoje a Nini foi para a escola da Maia que está aberta embora os alunos estejam dispensados das aulas, mas o João voltou comigo. Irei manter-vos atualizados através destas crónicas, enquanto não tenho tempo de criar o meu blogue.

5.2. SISMOS 22 setembro 2005 14.30 AÇORES, 15.30 LISBOA, 00.30 DIA 22 SIDNEY

A manhã foi calma, mas foram sentidos mais de 30 desde a meia-noite. Nós sentimos dois - um deles, grande, de grau 6 escala de Mercalli - pelas 12.10. Até agora desde as 12 horas já vai uma dezena. Amanhã não há aulas e existe a possibilidade de um grande como na Horta em 1980. Nós calmos, mas a Nini acabada de chegar da escola diz-me que os professores entraram em pânico e desapareceram, i.e., os poucos que tinham aparecido. Consta-se que as pessoas não tiveram treino sísmico, nem tinham planos de contingência nas escolas, o Plano Nacional está a funcionar e a escola da Maia é considerado o ponto de encontro de velhos e incapacitados, no caso de vir um grande. Aqui a excitação das pessoas é enorme e nós os dois parecemos os mais calmos no meio disto. O grande abalo desta manhã foi sentido em toda a casa e eu já ia no meio das escadas. Tenho este hábito de desatar a correr ao fim de 3 segundos de tremuras...e já tinha berrado para o João que estava no r/c e este já ia no pátio das traseiras que dá para o enorme quintal.

6. CRÓNICA 6 PROJETO CULTURAL CMRG 8 – 23 outubro 2005

6.1. PROJETO DE PATRIMÓNIO CULTURAL A DESENVOLVER COM AS JUNTAS DE FREGUESIA DE Lomba da Maia, da MAIA E CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRA GRANDE (3 ANOS 2005-2008)

*PROJETO DE CANCIONEIRO REGIONAL AÇORIANO:
ANTIGOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS - recolha e exposição de brinquedos antigos (latão, papel, etc.), lançamento de papagaios de papel, etc.
PREGÕES - recolha, concurso e divulgação (escrita)
PROFISSÕES - semana das profissões, feira artesanal com trajos de épocas antigas, feira à moda antiga (durante as Festas das Vilas / Aldeias e Cidade), etc.
LENDAS E CONTOS TRADICIONAIS - recolha, colocação em cena, contadores de histórias - publicação (livro/CD).
TRADIÇÕES DE NATAL, PÁSCOA, CARNAVAL, etc. - compilação
PROVÉRBIOS, CANTILENAS E LENGALENGAS - recolha, exposição e publicação (livro/CD)
RUAS, RUELAS, PRAÇAS E PRACETAS, SUA HISTÓRIA - recolha toponímica e sua publicação (livro/CD).
Tal como tive oportunidade de fazer com o lançamento em junho 2005 do CANCIONEIRO TRANSMONTANO 2005 (editado pela SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGANÇA e com o apoio da CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA), pretendo após a compilação preparar a sua publicação em livro intitulado CANCIONEIRO REGIONAL AÇORIANO (S. Miguel).*

6.2. METODOLOGIA

Tentar obter uma colaboração multidisciplinar com todas as unidades de ensino (agrupamentos) em todo o Concelho / Distrito (por ex. dentro do âmbito do Projeto Escola), Juntas de Freguesia, com as Unidades IPSS da Terceira Idade, Misericórdias, etc. Promover a participação dos órgãos de comunicação social e escrita.

6.3. ENCONTROS AÇORIANOS (ANUAIS) DA LUSOFONIA

À semelhança dos Colóquios da Lusofonia que venho organizando desde 2001 pretendo criar já a partir de maio 2006 com caráter anual os ENCONTROS AÇORIANOS (ANUAIS) DA LUSOFONIA visando debater todos os problemas da LUSOFONIA que sejam pertinentes para a população açoriana aqui residente e na diáspora (EUA, Canadá, etc.). Pretende-se dar voz aos autores locais e a temas locais a fim de todos os anos terem um fórum onde possam apresentar trabalhos literários e de pesquisa. Igualmente se visa envolver toda a população a todos os níveis para poder ter forma de expressar a sua voz.

6.4. FINANCIAMENTO

Para o Cancioneiro pretende-se uma parceria entre a Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia aderentes e até mesmo a Santa Casa da Misericórdia que podem utilizar este volume como "cartão de apresentação" da região e das suas gentes (a título de curiosidade um livro destes orçava em 2005 (286 páginas, quantidade: 1000 ex., Valor: €2 750,00). Para os ENCONTROS AÇORIANOS DA LUSOFONIA necessita-se que seja disponibilizado um anfiteatro com capacidade até 100 pessoas, todo o equipamento sonoro, PC, retroprojektor, projetor de slides, projetor de vídeo, TV, e facilidades de impressão do Programa (100 exemplares). NADA MAIS. Relembro a propósito o que

afirmei recentemente quanto aos Colóquios Anuais da Lusofonia no jornal Lusitano de 24 de setembro (ver adiante recorte). Por isso, iremos tentar continuar a ser independentes de subsídios. Para aqueles que me não conhecem, vejam o meu CV <https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html>

Foi assim nas vésperas de eleições que elaborei o meu plano para o triénio. Tinha acabado de chegar dum estafante viagem a Bragança para o 4º Colóquio da Lusofonia que este ano incidia sobre Timor. A presença de honra era o Prémio Nobel da Paz 1996, D. Ximenes Belo, a quem servimos de mestres-de-cerimónias no dia 4 à chegada, ao almoço, durante as sessões e ao jantar que se prolongou até às 22.15, hora a que o Sr. Motorista do Sr. Presidente da Câmara nos trouxe ao Porto para embarcarmos de regresso aos Açores pela manhã de dia 5 outubro. Tínhamos ido ao fim da tarde de dia 30 setembro.

A Helena (Nini) tinha tido uma reunião na escola (daquelas que agora acontecem todos os dias ou quase...) e o João tinha acabado as aulas. Dia 1 de outubro como era sábado descansámos alguma coisa, revimos a família, cortou-se o cabelo, e preparamo-nos para arrancar pelas 15 de dia 2 rumo a Bragança no Mercedes da Presidência da Câmara. Soube bem ser conduzido em vez de conduzir... mal chegamos ao Hotel deparamo-nos com centenas de pastas, documentos e outras coisas para levar na manhã seguinte para o Colóquio. Avisámos a receção para avisarem todos de que ainda não tínhamos chegado para nos deixarem descansados.

Estávamos a tomar um café no ex-pouso habitual, a Torre da Princesa, quando fomos efusivamente cumprimentados pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia decerto desconhecedor de que não íamos votar: nem nele nem noutra qualquer.... Curioso como ele nunca se tinha mostrado tão efusivo, devia ser o efeito autárquicas... íamos a sair para jantar quando o telefone toca (desvantagens dos telemóveis), era um dos oradores brasileiros em Timor a dizer quer o Sr. Reitor da Universidade de Díli estava pronto para jantar e se se podiam juntar a nós. Assim aconteceu e quando saímos do restaurante Poças já lá estavam para aí uns dez...

Vimos para o hotel e com a preciosa ajuda de ex-alunos e alunas da ESE/IPB da Nini lá estivemos até à meia-noite a preparar as pastas dos oradores e restante material do secretariado do colóquio. Do resto já todos devem saber pelos jornais e TV pelo que não vos maço com detalhes...

Aqui nesta quinzena nos Açores a vida começa finalmente a entrar numa nova rotina. Os tremores são menos frequentes e menos sentidos, mas continuam a existir. Não temos saído tanto quanto pretendíamos porque a minha cara-metade está sempre a preparar aulas, reuniões e coisas quejandas dado que é devido aos professores que não faziam nada que o país está nesta crise e por isso agora terão de se matar a trabalhar para o país sair da crise.

O João continua a ser EXCELENTE em tudo, mas a culpa não é dele, mas da insularidade que nivela por baixo os conhecimentos mínimos dos alunos. Nas horas vagas, vagueia pela aldeia na sua trotineta e os seus inúmeros amigos recentes e adora estar aqui e desfrutar desta liberdade e autonomia.

Há dias confrontei-me com a diferença do preço de gás em botija ao ter de mudar, pela primeira vez desde agosto as duas botijas de gás cujo preço (das duas) não chegou aos 22 euros...vantagem a juntar ao do gasóleo que está nos 75 cêntimos o litro. A empregada doméstica aufer 25 euros ao dia por 9 (nove) horas de trabalho semanal aqui em casa, e o jardineiro 25 ao mês por vir cá tratar da horta e do jardim.

Para a semana o novo Presidente da Câmara da Ribeira Grande toma posse e logo veremos como vai aceitar a minha proposta cultural. Entretanto preparo o 5º colóquio da lusofonia em Bragança para outubro 2006 e acedi à vontade da família em que lá fossemos passar o Natal (ao Continente), espero que isto se não torne num hábito que estas viagens custam mais de €500.00 ida e volta para os três e há coisas mais importantes a fazer por esse custo. Que venham cá todos ver-nos era bem mais simpático.

Constato que está a chover, depois de 3 dias secos, o que é anormal aqui. Começo a sentir-me em casa ou será que com a humidade já estou a criar raízes?

As pessoas aqui apesar de serem aparentemente lentas na sua maneira de agir, têm longas horas de trabalho: no café trabalha um genro do dono que começa nas obras pelas 08.00 e quando acaba pelas 17.00 vai trabalhar no café até às 24.00...e exemplos destes há mais. As horas são longas, a semana tem pelo menos seis dias de trabalho, quando não é na agricultura que aí são sete.... todos andam quilómetros a pé ou a cavalo para as distâncias que não sendo grandes são através de percursos acidentados e íngremes. O nível socioeconómico é baixo e isso nota-se a olho nu. Os hábitos de banho ainda não estão muito arraigados e segundo algumas auscultações, mais ou menos discretas que fizemos, ronda um banho semanal.

A TV local transmite apenas a RTP1 e a RTP Açores. Em 2005 só há 32 mil lares ligados à TV Cabo num universo de cerca de 150 000. A Rádio transmite a RDP (Antena Um e Antena 2) e TSF com conteúdos locais e existem apenas umas tantas outras estações insulares. A vida é calma numa forma geral, todas as pessoas nos conhecem e cumprimentam, mesmo que a gente as não conheça. Toda a gente sabe onde moramos. No café (à noite a frequência é exclusivamente masculina) falam logo mais baixo quando entramos e voltam a falar mais alto depois de sairmos. Pequenos pormenores ou apontamentos desta viagem da vida nos Açores que promete ser a grande e última diáspora: numa ponta oriental do Império (Timor) à outra ponta mais ocidental (Açores).

7. CRÓNICA 7 AÇORES, 9/11/2005, A APRENDER A VIDA INSULAR

Aqui vão mais algumas notas e observações sobre a vida insular. Há uma semana estávamos a tomar café na esquina, que é propriedade do nosso senhorio e Presidente da Junta de Freguesia, quando fomos abordados por um senhor que nos convidou a ir (nessa noite de sábado) ver uma passagem de modelos no salão dos Bombeiros. Sem sabermos quem ele era, pensamos que era o chefe dos Bombeiros da Lomba da Maia³, pelas 21 entrámos no salão que já estava apinhado de gente, na sua maioria jovens, mas bem composto de mães e pais de família e algumas crianças.

Ao fim duns 5 minutos fizeram sinal para que viéssemos para a frente pois tínhamos umas cadeiras reservadas junto à passerelle. Ao som de música e com efeitos de fumo a cerimónia começou e nela desfilaram 20 jovens (os mais novos entre os 3 e os 10 anos) durante uma hora e tal. Bastante bem organizados e com um certo profissionalismo, deixaram-nos surpreendidos pois jamais esperávamos encontrar numa aldeia rural um 3º desfile de modelos e roupas... A participação popular - como era de esperar - constava dos jovens

³ Era o professor Manuel Sá Couto que viria a tornar-se um grande amigo até falecer em 2014

do sexo masculino embasbacados e atrasados mentais frustrados, como é habitual nestes eventos, mas havia muitas jovens, pais e mães.

No fim do desfile, houve um discurso de agradecimento no qual se mencionava a presença de pessoas do Continente (éramos os únicos) e de várias aldeias e vilas limítrofes. O João foi entrevistado pelo apresentador e acabou por engasgar-se no nome dele, disse que éramos de Bragança, enfim os nervosismos próprios de quem tinha acabado de participar durante o intervalo num Bingo a favor dos Bombeiros e estava rodeado de três ou quatro amigos aqui da aldeia. Ficou todo contente porque primeiro tinha ido à primeira sessão de fado há umas semanas atrás e agora foi à primeira passagem de modelos da sua vida...

O curioso é que este evento teve lugar, o que é uma ótima iniciativa, que visa a participação dos jovens, em vez de os abandonar à sua sorte e desespero como tem acontecido esta semana em França. Assim, eles participam e ocupam umas horas do seu tempo numa atividade sem fins lucrativos, mas de vasto alcance social. Esta aldeia (aqui detestam que a gente lhe chame aldeia, preferem freguesia) tem iniciativas comunitárias bastante dignas de encómios, para além das tradicionais procissões e festas anuais que visam perpetuar tradições.

Quando vinha de levar o João à escola deparei-me com um grupo de seis cantoneiros que cortavam os arbustos e desmatavam as bermas da estrada. Lembrei-me da minha infância em Portugal em que os cantoneiros nas estradas solitárias de Trás-os-Montes faziam o mesmo, levando a mão ao boné num cumprimento. Perdeu-se esse uso no Continente, mas mantém-se aqui (aliás lá desapareceram de vez os cantoneiros, substituídos por nada!). Um pequeno gesto que os irmana nesse grupo monstruoso a que se dá o nome de humanidade. Cada vez mais se olvida o velho lema “*todos por um e um por todos*”, substituído pelo pragmatismo de cada um para si e todos a lixar todos em proveito próprio. Não haja dúvida que os valores estão a alterar-se substancialmente. Demasiado rapidamente para toda uma geração ensinada a respeitar-se a si mesma e ao próximo, assente em valores como a vida inviolável e em que a violência não era uma realidade quotidiana nem urbana, a menos que se tratasse de países distantes e muitas vezes desconhecidos.

Hoje, dizia eu “*esses valores e esses padrões mudaram numa forma mais rápida entre a sua juventude e a dos seus filhos, do que haviam mudado do tempo dos seus avós para ele...*”

De facto, a vida calma e pausada, quase bucólica, descrita pelos escritores românticos portugueses do final do século XIX mantivera-se em Portugal até meados da década de 1950. Da década libertária de 1960 para cá tudo se alterara com a emancipação sexual, a igualdade dos géneros, de direitos, a nova revolução industrial, a que se chama tecnológica, o neoliberalismo desumano. A família deixara de ser nuclear e em grande parte dos casos deixara de ser família. Passou a ter constituição diferente, os pais até podem ser do mesmo sexo, os matrimónios deixaram de ter valor, ultrapassados estatisticamente pelos divórcios e pelos não-enlaces, situações “de facto” ou nem isso, em que as pessoas se juntam por meros interesses de momento, por indicação das cartas de Tarô ou conjugação de estrelas favoráveis numa determinada fase lunar...

De facto, tudo estava a mudar e nem sempre para melhor, tanto mais que o futuro dos filhos era bem mais questionável do que fora na infância. Ao fim de quase cinquenta anos em que as pessoas nasciam para levarem uma vida melhor do que os pais tinham tido, hoje punha-se um novo paradigma. Certamente os filhos iriam ter uma vida mais difícil e pior do

que a dos pais. Isto, não obstante, estarem rodeados por milhões de tecnologias novas capazes e teoricamente facilitadoras, mas o que tinham a mais em tecnologia faltava-lhes em princípios e em empregos, condenados que estavam a engrossar aquilo que era já tido como premissa imutável: a de haver uma larga percentagem de pessoas que nunca teria emprego pago ou nunca mais o tornaria a ter.

Pois aqui as estradas estão sempre embelezadas por flores da época, começou com as hortênsias (hidrângea, hidranja ou como lhe chamam localmente, novelão) de junho a agosto, depois vêm outras amarelas que parecem candeeiros e a que chamam conteiras ou Rocas de Vénus (Hedychium gardenarum), incensos (Pittosporum undulatum), agapantos (Agapanthus praecox), beladonas (Brunsvigia rosea), no fim de setembro e outubro. Além disto há sempre as imponentes invasoras (e não-nativas) criptomérias (Cryptomeria japónica) orlando as estradas em pequenos bosques acolhedores que nos reportam a uma imagem constante de tranquilidade do Parque Jurássico sem dinossáurios. As conteiras, nome popular para as flores (em que se chupa o seu caule, bem doce, segundo dizem) foram trazidas para as ilhas no tempo da guerra e são oriundas das matas asiáticas. Também se sabe que são umas pragas que não param de alastrar.

Bem sei que isto é fértil e húmido e daí não ser difícil florescerem, mas a verdade é que as estradas (e estou a falar de vias municipais e caminhos rurais) estão bem enfeitadas e sem arbustos. Um sério contraste com o abandono que se verifica no Continente onde as Juntas de Freguesia nem dinheiro têm para mandar limpar as bermas das estradas, sempre embrulhadas em disputas com o IEP ou lá como se chama a substituta da velhinha JAE (Junta Autónoma de Estradas) que bem cumpria a sua missão em períodos bem mais difíceis com menos dinheiro.

A terra tem tremido menos ou nós pouco sentimos tais tremores, enquanto nos acostumámos a este novo e diferente clima, com pequenas variações de amplitude térmica anual e diurna, mas onde faz frio mesmo que os termómetros não o digam, onde no verão a humidade fazia dos 26º C um calor semelhante a 35º C e onde agora 17º parecem 5º... pois a humidade penetra e se há vento então é cortante. Não há geada, mas o carro aparece coberto duma película húmida. A mesa onde repousa, há muito, o tabuleiro de xadrez, em vidro, esperando um Godot que o queira jogar, se não for limpa todas as semanas cria mofo. Parece que a solução passa por adquirir um desumidificador como tive na década de 70 nessas terras húmidas asiáticas de Macau.

Há dias fui à farmácia da Maia onde nunca tinha entrado antes para pedir um medicamento que aparentemente necessita de receita, e a senhora farmacêutica lá mo aviou sem receita e lá me foi dizendo que a minha mulher que era professora, ali ao lado, lá tinha estado dois dias antes... Aqui todos nos conhecem e nós não conhecemos ninguém. Quando contratámos a empregada (atualmente designada como técnica auxiliar de ação doméstica) ela já sabia onde morávamos e que íamos todas as manhãs tomar café aqui ao lado, apesar de nunca termos visto a cara dela antes. Além disso um filho dela é aluno da Nini ...

O João continua a chegar a casa, e depois dos trabalhos feitos, lá vai na sua trotineta visitar os amigos que vivem a uns 300 metros daqui, voltando pelas 18.00 para tomar o seu duche, pôr a mesa e brincar até se deitar. Adora isto e se lhe perguntam diz que isto é melhor do que o Continente. Muitas vezes, uns primos que vivem em Ponta Delgada, telefonam a perguntar quando lá vamos à civilização, e embora por vezes isso faça bem, o certo é que a maior parte das vezes nos sentimos bem aqui... Além do projeto cultural que enviei às autoridades para apoio e aprovação estou a pensar numa dinamização do turismo local, mas deixo os detalhes para mais tarde...

Felizmente nas últimas semanas entrou trabalho de tradução e como é habitual, o PC principal deixou de funcionar... tive de o mandar para o Porto (onde se constatou que não

tinha nada ...) pois aqui nunca há peças e se me dissessem que era a placa gráfica tinha de esperar umas semanas até chegar outra... Essa é uma das graves deficiências locais, nunca armazenam nada e dependem de Lisboa para tudo que devia existir localmente em estoque ou ser fabricado cá o que pudesse ser fabricado. Falta ainda um certo engenho e ousadia a esta gente, mas depois de começar a (re)ler um livro intitulado A GENTE DOS AÇORES (de Caetano Valadão Serpa, edição Prelo Editora de julho / agosto 1978) já começo a perceber porquê... resquícios do feudalismo que aqui imperou e ainda se manifesta coartando toda a iniciativa. Assim vou aprendendo, isto de viver em ilhas tem muito que se lhe diga.

8. CRÓNICA 8, 19/10/2005, DOS CAGARROS AO CHÁ AÇORIANO E AO MEU 7º ANO DO LICEU

8.1. *Campanha SOS Cagarro 2005. 19 de outubro*

O meu filho ontem estava muito preocupado porque os colegas lá na Escola andavam a fumar cagarros. Para quem não sabe os cagarros são uma ave típica daqui que nada tem a ver com os charros que se fumam.



Irá decorrer mais uma vez este ano a Campanha de sensibilização ambiental e conservação do cagarro. Esta Campanha foi iniciada há 10 anos pelo DOP e pela DRA e tem como objetivo primordial envolver as populações no salvamento dos cagarros juvenis junto às estradas e na sua proximidade. A Direção Regional do Ambiente organizará, no próximo dia 21 de outubro, pelas 16:00 uma sessão pública sobre o tema "como salvar um cagarro..." na Ecoteca do Faial, no Castelo de São Sebastião.

A envergadura das asas do cagarro varia entre 100 e 125 cm. As fêmeas pesam em média 780 g. Os machos são maiores do que as fêmeas e aproximam-se das 900 g. Esta ave nidifica ao longo do litoral de todas as ilhas e em alguns ilhéus, incluindo setores inacessíveis em falésias. Para fazer o ninho escolhe preferencialmente cavidades naturais e fendas na rocha, podendo também reutilizar luras de coelho no solo ou escavar o seu próprio buraco, que pode atingir alguns metros de profundidade. O ciclo reprodutor tem uma duração de quase 9 meses, estendendo-se desde finais de fevereiro até finais de outubro, e apresenta grande sincronia entre as diferentes fases. A postura ocorre de fins de maio a início de junho, a eclosão nos finais de julho e a emancipação dos juvenis entre finais de outubro e início de novembro. Após esse período, os cagarros reúnem-se em grandes bandos e efetuam migrações transequatoriais, nomeadamente, para a costa do Brasil e do Uruguai. No mar é frequente observar bandos de cagarros a alimentar-se em associação com outros predadores marinhos, tais como cetáceos e tunídeos, que dirigem as potenciais presas para a superfície. Na sua dieta incluem-se pequenos peixes pelágicos (como por exemplo, chicharro ou cavala e pequenas lulas e crustáceos). Os seus cantos são peculiares e inesquecíveis. O seu voo é caracterizado pelos poucos movimentos de asas e pela agilidade com que rasa as ondas. Em contrapartida, quando aterram e têm de se deslocar em terra são muito desajeitados com as populações mundiais a reduzirem-se nas últimas décadas o que leva a considerar esta espécie como vulnerável.



Ilustração: Gonçalo Cabaça - Imagem DOP *Calonectris diomedea borealis* (Cria de Cagarro) Lajes, Ilha do Pico, agosto 2003.



Em meados de maio, com a postura de um único ovo por casal, dá-se início à história da vida das cagaras. A cria, entretanto, nascida permanecerá em terra até meados de outubro, momento em que os progenitores deixarão de aportar à ilha para a alimentar. Durante alguns dias os jovens vivem das suas reservas até que são obrigados a enfrentar o mar. Divagação pela imensidão do Atlântico durante pelo menos 7 anos, avistando ao longe as costas de Pernambuco e da Nova Inglaterra, regressando à ilha natal quando atingirem a maturidade sexual onde disputarão um local para nidificar de preferência próximo ao sítio onde nasceram. Se sobreviverem a temporais, lutas, armadilhas em terra e no mar, viverão mais de três décadas entre o mar e o céu apenas vindo a terra para se reproduzir.⁴

Ora bem, lá lhe tivemos de explicar que era difícil fumar estes animais mesmo quando recém-nascidos ou jovens que estão a ser objeto do projeto SOS Cagarro...se calhar havia colegas lá na escola era a fumarem charros...pois há umas semanas atrás houve um colega dele que foi levado para a esquadra...

8.2. ANIMAIS E COMIDA, O DILEMA

Há cerca de duas semanas fomos convidados pelo Sr. Presidente da Junta (o nosso soba como afetuosamente o considero, em vez de o tratar como regedor cá do sítio) que por acaso é o nosso bem amável e prestimoso senhorio. Disse para irmos pelas 10 horas de domingo para assistir à matança do porco ou pelas 11 se não quiséssemos assistir ao evento. Assim fizemos, é sempre mais saudável não ver o que os pobres animais sofrem quando são preparados para nos servirem de alimento.

Ainda ontem, Sir Paul McCartney, esse grande Beatle se recusou a ir à China pela forma como ele tratam os animais. Ah se ele visse como os portugueses tratam os animais quando vão de férias e os abandonam nunca mais cá vinha... Bem, lá fomos sendo recebidos pela mulher do anfitrião, já de avental porque estava na cozinha a aprontar os comes, ela que às quartas e sábados é a cabeleireira cá da aldeia. Foi-nos mostrar a mansão de cinco quartos, quatro casas de banho, duas salas de estar e duas de jantar, mais uma falsa (sótão). Cá fora havia um pátio tipo árabe, com um enorme BBQ (barbecue=grelhador) e ar de pouco uso.

A propósito do BBQ (grelhador tenho de narrar uma cena a que assisti na casa em frente). Após longos meses de chuva e frio, os vizinhos puderam finalmente convidar uns amigos e fazer um Barbecue. Talvez porque há um certo risco envolvido na atividade, este é o único tipo de cozinha a que um verdadeiro homem se deve dedicar. Contudo, não é tarefa fácil. Quando um homem aceita fazer o Barbecue põe-se em marcha uma cadeia de ações:

1º) A mulher compra os alimentos;

2º) A mulher faz as saladas, prepara as batatas fritas, o arroz e a sobremesa;

3º) A mulher prepara a carne para ser cozinhada, tempera-a, coloca-a numa travessa e leva-a ao homem que já está à espera ao pé do grelhador, de cerveja fresca na mão; aqui vem a primeira parte realmente importante da questão:

4º) O homem coloca a carne na grelha;

5º) A mulher vai para dentro e põe a mesa;

6º) A mulher apercebe-se que o homem está com os outros homens a contar anedotas e vem cá fora a correr a avisar que a carne se está a queimar;

7º) O homem aproveita e pede-lhe mais uma cervejinha fresquinha;

⁴ Retirado do livro Percursos - Paisagens Habitats de Portugal da editora Assírio & Alvim. Recorte de jornal - a história de um cagarro com 23 anos.

8º) *A mulher vem cá fora trazer a cerveja e uma travessa...e é então que aparece a segunda parte importante do processo:*

9º) *O homem tira a carne da grelha e entrega-a à mulher;*

10º) *Depois de comerem, a mulher tira a mesa, lava a louça, arruma a cozinha e lava a grelha;*

11º) *Toda gente dá os parabéns ao homem pela fantástica refeição que ele preparou;*

12º) *O homem pergunta à mulher se lhe soube bem o tempo de folga de que usufruiu e, perante o ar chateado dela, conclui que há mulheres que nunca estão satisfeitas com nada...*

Tinha o senhorio um quintal a sério (eu achava que o nosso era grande com 25 por 80 metros, mas aquilo ali era maior que um campo de futebol, com horta e estufa para morangos, várias plantas para consumo doméstico, e um anexo onde se procedia aos preparativos do porco. Havia ainda outra casa mais pequena, no pátio tipo árabe, no terreno (e contígua à mansão principal) que continha uma garagem onde cabem o Mercedes do dono, e vários outros utensílios, ladeada por um salão com cozinha totalmente apetrechada, forno, etc. onde se encontravam outros membros de sexo feminino cá da comunidade. Ao fundo do quintal havia outra garagem para a carrinha de vaqueiro e demais instrumentos agrícolas. ~

No jardim pastava uma burra sem sela que fazia as delícias do nosso rebento João durante horas. Nessa zona do terreno estava um animal encorpado da raça porcina, aí com uns 200 a 300 kg, já imóvel e exangue a ser depilado. Em volta estava o sogro do nosso *Regedor* com os seus ágeis 81 anos, um genro que é o nosso canalizador, pintor, e outras coisas como reparador de telhas (lembram-se da tempestade em que chovia cá dentro, ele foi o homem das telhas e já tinha sido o que nos canalizou a máquina de lavar louça, etc.).

Estava ainda outro jovem (Tiago Hintze Mota), o futuro genro da filha mais nova que está a estudar Animação Cultural (e não a louça) nas Caldas da Rainha. Creio que nada terá a ver com as obras do Rafael Bordallo Pinheiro que não é conducente a ser bem aceite pela moral estrita cá da terra. Estava ainda a filha mais velha do casal que nos dias de semana toma conta do café do pai onde vamos tomar a nossa bica o vulgar Cimbalino, etc....

Depois de cumprimentados os membros da família que ainda não tinham sido formalmente apresentados aos forasteiros, foi dada uma volta pelas instalações domésticas. O João foi andar de burra pela arreata da mãe e eu a observar paulatinamente que é para isso que tenho fama de escritor, tudo observando e nada mais fazendo. Quando viemos para dentro a dona da casa disse que era costume os homens servirem-se primeiro e só depois se serviam as mulheres noutra compartimento, mas que ela pusera um lugar na mesa dos homens, ao meu lado, para a Nini se sentar. Obviamente que em terra de romanos se faz como eles, pelo que ela prontamente se dignou aceitar a honra de ser mulher e ser só servida duas ou três horas depois de os homens terem degustado os melhores pedaços do porco recém-abatido. O João apesar de criança teve lugar na mesa dos homens, o que lhe deu um certo espírito machista sempre útil nesta idade de afirmação identitária.

Depois do almoço, os homens que fumavam vieram cá para fora e aí tive uma conversa deveras interessante com o futuro genro, o Tiago, através do qual vim a saber que era um dos herdeiros da Casa de Chá da Gorreana (a quem eu inicialmente tinha a mania de chamar gonorreia por achar que os dois nomes eram similares). Convém abrir aqui um parêntesis para explicar que a Casa de Chá desta ilha não é um sítio onde se vai pelas 5 da tarde tomar uma "cup of tea", mas sim onde se planta, trata e vende o chá. Aliás é uma das duas únicas explorações de chá da Europa, sendo a outra a de Porto Formoso (a 5 km desta) onde fomos em agosto ver o plantio, tratamento e demais aspetos da produção do Pekoe, Orange Pekoe do Broken Leaf

Ora bem, este jovem que estava no almoço atrás descrito, o Tiago, noivo da filha do meu senhorio, é sobrinho do falecido Melo Antunes, esse coronel que eu conheci como major nos idos de 1973 e a quem devo quase tudo da minha indoutrinação política quando com ele coabitei em Leiria durante os meses de abril a setembro 1973. Falámos longamente da atividade do Melo Antunes e do seu primeiro casamento com a irmã da mãe deste Tiago e vim a saber coisas interessantes dos tempos da grande conspiração anti-regime em que o Ernesto de Melo Antunes aqui esteve exilado (aliás ele foi recambiado para cá pelo Marcelo Caetano uma segunda vez para melhor preparar o golpe do 25 de abril em março de 1974.

O regime era mesmo estúpido! Escusado será dizer que nas 24 horas seguintes vim devorar o livro intitulado Melo Antunes o Sonhador Pragmático da autora Maria Manuela Cruzeiro e Boaventura Santos, editado pela Círculo de Leitores e adorei. Nunca me passara pela cabeça que esta terra simpática e de gente afável podia ter sido o coio de tais arrivistas revolucionários que destroçaram o Império Português... Melo Antunes foi relevante para a minha formação tal como outra pessoa antes dele me havia impressionado positivamente de 1965 a 1967, quando foi meu professor de Moral no antigo 6º e 7º ano do Liceu Normal D. Manuel (hoje, Rodrigues de Freitas, no Porto), o Padre Mário de Oliveira, o famoso padre Mário de Macieira da Lixa (Felgueiras) ...

Adiante na imagem, sentado ao meu lado esquerdo (de que lado mais poderia ele sentar-se?). Tudo isto nas imagens se passa em maio 1967 escassos meses antes de ele ser enviado como Capelão Militar para a Guiné em novembro desse ano, e onde esteve até março 1968 quando foi expulso de Capelão Militar por pregar o direito dos povos colonizados à autonomia e independência.



Ao meu lado o Jorge Alvarez. O jovem, de óculos é o médico Mário (Oliveira) Dessa, ao lado do Carlos Macedo, e atrás deste estão o Chico Nazaré e Tó Paim. O jovem careca numa das fotos é o Gomes da Torre, atualmente professor jubilado da Faculdade de Letras, que quando era estagiário e meu Prof. de Inglês discutiu em pleno exame de 7º ano na oral com o Carlos Macedo, o jovem de mão no queixo no centro da foto que leather era para os humanos e skin para os animais. Nunca esquecerei esse momento e eu a assistir ...hilariante.... Coincidentemente fui reencontrá-lo em maio de 2005, pela primeira vez desde 1967, numa Conferência do ISAI onde obviamente não lhe recordei esse incidente.... Mas curiosamente ele lembrava-se de mais pessoas nestas fotos que eu próprio incluindo os nomes deles. Devemos ter sido uma turma inesquecível. Creio também que foi nesta noite que apanhei o meu pifo número uno, já se estavam todos a rir com o meu brinde, a pensarem que tinham de me trazer a casa.... Ao lado da professora de Filosofia está o Rui Terraseca (melhor aluno da turma juntamente com o banqueiro Vinagre), e na ponta esquerda o Carlos Villas Boas Tavares sentado ao lado do Prof. de História.

Bom, voltemos aos Açores, onde o porco estava ótimo e nem me recordava já de ter visto o seu estertor e a preparação final.... Pelas 4 da tarde já as mulheres tinham almoçado (nós almoçamos pelas 12:30) e vim para casa trabalhar enquanto a Nini ficava a ver fazer as morcelas e, no quintal, a burra já fugia do João e pedia folga.

8.3. DE AQUECEDORES A GÁS E OUTROS INSTRUMENTOS

Nestes dias mais recentes aconteceu uma coisa inevitável: tivemos de comprar um aquecedor porque embora a temperatura nunca tenha baixado de 11º C o certo é que a humidade ños mata e à noite é um frio de rachar na sala de jantar e sala de estar. Tentei a Worten e liguei para lá, mas o modelo que escolhera pelo catálogo da Internet não existia nos Açores, disseram-me que podia encomendar do Continente e só demorava uns 21 dias a chegar, mas teria de pagar portes. Perguntei que modelos tinham e disseram-me que nenhum.... Vim a saber mais tarde que apenas 17% dos lares açorianos dispõem de aspirador, e eu queria um aquecedor catalítico grande a gás? Liguei para a Singer, Worten, e outras marcas aqui representadas e nada. Acabei por descobrir na cadeia local de hipermercados Solmar, aqui perto na Ribeira Grande, três ou quatro modelos entre os 80 e os 120 euros. Fomos lá ver e acabamos por trazer um.

Nisto e como em muitas outras coisas os Açores fazem-me lembrar Timor (1973-75). Se querias um rádio tinhas de esperar pelo barco para encomendares e passados seis meses depois do pedido o barco trazia o que querias de Singapura ou Hong Kong. Aqui é semelhante. Nunca há nada disponível e tudo vem do Continente. Uma dependência que me espanta ou talvez não. Bem com o aquecedor no carro pensei que era só chegar a casa e ligar... mas não, além da botija de gás butano convencional tive de comprar um tubo de 30 cm com capacidade de x disto e y daquilo para uma pressão de z bares, com um acoplador para a botija e duas abraçadeiras, o que fiz aqui no Ananias, dono da loja de ferragens da aldeia que também vende botijas de gás. Finalmente nessa noite iria ver TV sem congelar.

No dia seguinte ainda satisfeito com o calorzinho que à noite tivéramos a ver TV, a Nini resolveu meter-se no duche, porque as banheiras aqui só existem em casa de ricos, e qual não é o meu espanto quando a certa altura me chama lá de baixo, a dizer que não tinha água quente. Eu estava aqui em cima na falsa a trabalhar no PC. Fui a correr trocar a botija, mas nada. O esquentador não arrancava, a chama piloto acendia. De facto, acendia a luz indicadora verde, mas a chama não irrompia nos seus tons flamejantes e quentes. Fui a correr ao café ver se encontrava o maiorial - dono da casa - a quem contei o infortúnio e ele disse-me que sendo assim não podia dizer à minha senhora para ir lá a casa dele tomar banho e aquela hora ia ser difícil, mas como estava ali um electricista, ele viria cá ver. Assim se fez e o jovem prestável electricista veio, viu os circuitos elétricos e inteirou-se daquilo que já narrara sem poder acrescentar nada visto que o problema era de origem não-elétrica.

Depois tivemos - eu e o João - de aquecer na chaleira elétrica dois litros de água que metemos num recipiente misturando com água normal fria da torneira para ajudar a tirar a espuma de cima da minha cara-metade que se queixava de que estava cheia de frio (estava assim há cerca de 20 minutos) e ora se queixava de a água estar a ferver ou demasiado fria, mas lá acabamos por conseguir e ela saiu do chuveiro. Cerca de 24 horas depois, e após terem cá passado por casa mais duas ou três pessoas que não eram especializadas na matéria, mas queriam tentar resolver o problema, veio finalmente um técnico de esquentadores que se deslocou da cidade da Ribeira Grande a ver o que se passava. Eram impurezas acumuladas, provavelmente durante a fase de obras a que a casa foi sujeita antes da nossa chegada, que haviam impedido o normal funcionamento do aparelho novo e ainda no prazo de garantia. Mais um problema resolvido.

Estes burgueses citadinos sempre tiveram uma certa dificuldade em lidar com as adversidades de quem vive num meio rural. Já era assim dantes e continuará a ser sempre que houver transições. O povo português vive há séculos a transformar-se. De rural para citadino.

Esta transição, no sentido inverso, que eu encetara há uns anos também não estava desprovida de dificuldades. Para debater este e outros problemas similares, dado o atual estado do ensino em Portugal não espantaria a ninguém que surgisse em breve outra brilhante tese de mestrado a culminar um dos cerca de 836 inúteis cursos de licenciatura existentes.

8.4. DO LIXO E SEPARAÇÃO DE RESÍDUOS

Vou terminar com a cena do lixo. Aqui há recolha de lixo duas vezes por semana e fora isso só temos um ecoponto com as 3 cores da praxe. Cada casa tem o seu contentor assinalado com o brasão da cidade da Ribeira Grande e a morada da casa. Só que este contentor é demasiado pequeno e enche rapidamente. Vieram recolher o lixo na terça-feira, hoje era quinta-feira, dia de recolha, mas sendo feriado, não houve lixo. Ora bem, nós já tínhamos o nosso cheio. Durante os primeiros tempos o João ia ali à esquina meter num contentor que julgávamos ser coletivo, mas depois disseram-nos que era da loja de ferragens... E nunca mais lá metemos o nosso lixo... Hoje decido pegar nos quatro sacos de lixo que se haviam acumulado desde terça-feira, juntá-los num daqueles sacos gigantes de 100 litros e ir ao pé do cemitério onde há um contentor que parece ser coletivo, mas não deve ser, e como não há grande movimento junto ao cemitério ao fim da tarde lá metemos o nosso lixo... Pequenas coisas que nos enchem o quotidiano de atividades interessantes.

8.5. Breve nota histórica sobre o chá nos Açores

O caráter chinês para chá é 茶, com duas formas distintas de se pronunciar. Uma é 'te' que vem da palavra malaia para a bebida, usada pelo Dialeto Min. Outra é usada em cantonês e mandarim, que soa como chá e significa 'apanhar, colher'. Esta duplicidade fez com que o nome do chá nas línguas não chinesas se dividisse em dois grupos. Línguas que usam derivados da palavra Te: alemão, inglês, francês, dinamarquês, hebraico, húngaro, finlandês, indonésio, italiano, islandês, letão, tâmil, sinhala, holandês, castelhano, arménio, galês, e latim científico. Línguas que usam derivados da palavra Cha: hindi, japonês, português, albanês, checo, russo, turco, persa, tibetano, árabe, vietnamita, coreano, tailandês, grego, romeno, suaili e croata.

A utilização do chá, ao que parece, começou por ter um caráter medicinal e o seu uso como bebida, preparada a partir da infusão das folhas de chá, data de há milénios. Segundo a lenda deve-se ao imperador chinês Shen Nung (2737 A.C.) a descoberta das propriedades estimulantes da folha do chá. O tratado de Lu Yu, primeiro tratado sobre chá com caráter técnico, escrito no século VIII durante a dinastia Tang ajudou a immortalizar o papel da China como responsável pela introdução do chá no mundo. Nele foram estipulados pela primeira vez uma série de preceitos de caráter técnico. No início do século IX a cultura do chá foi introduzida no Japão por um monge budista, Saicho, que trouxera da China algumas sementes. A cultura resultou com êxito e desenvolveu-se rapidamente. Produziu-se então nestes dois países, China e Japão, uma evolução extraordinária, talvez única na história dos produtos de consumo humano e que tocou não só o domínio técnico e económico, mas também, e principalmente, os domínios artístico, poético, filosófico e mesmo religioso, envolvendo o consumo de chá nestes dois países, mas principalmente no Japão, um cerimonial por vezes complexo, mas sempre de grande significado. A Europa só conheceu o chá num passado mais recente. As referências mais antigas que se encontram na literatura europeia respeitantes ao chá devem-se a Marco Polo no relato da sua viagem assim como a seu compatriota Ramusio, em escritos que datam de 1559, e ao português Gaspar da Cruz que a ele se refere numa carta dirigida ao seu soberano. A sua introdução neste Continente só se veio a verificar no início do século XVII, em consequência do comércio que então se estabelecia entre a Europa e o Oriente. Teriam sido os holandeses a trazer pela primeira vez o chá à Europa, sendo responsáveis pela intensificação do seu comércio mais tarde desenvolvido pelos ingleses. O chá era importado por intermédio da famosa "Tea English East Indian Company", que detinha o monopólio do comércio de chá com a Ásia e que em 1715 se estabeleceu em Cantão passando a gozar de uma situação privilegiada. Esta manteve-se até 1833, altura em que se viu forçada a procurar novas fontes de abastecimento; virou-se então para as possessões da Inglaterra na Ásia (Índia e Ceilão) onde introduziu a cultura, primeiro na Índia e depois em Ceilão. Na Inglaterra, o seu consumo intensificou-se rapidamente e a partir de meados do século XVIII o chá tornou-se a bebida de eleição de todas as classes sociais. É de sublinhar a popularidade que ainda hoje goza neste país, sendo bem conhecido o lugar que esta bebida ocupa na vida de todo o cidadão britânico. A sua popularidade estendeu-se aos países onde a influência inglesa se fez sentir, primeiro nos EUA depois a Austrália e o Canadá, sendo o chá a bebida mais consumida em todo o mundo. Em território português, presentemente, o chá só é cultivado em S. Miguel nos Açores onde a cultura, que se pratica desde finais do século XIX, é feita, contudo em pequena escala. Apesar de no Continente ter sido tentada a sua

cultura, nomeadamente no Minho e no Alentejo, hoje restam apenas algumas destas plantas, que existem com carácter ornamental.

A planta do chá é designada por *Camellia sinensis* (L.) e na botânica pertence à família Theaceae. É uma planta lenhosa e de folhagem persistente. As folhas são alternas, de pecíolo pequeno, elípticas, dentadas e normalmente coriáceas, apresentando-se glabras ou ligeiramente pubescentes na página inferior ao longo da nervura principal.

As suas folhas mais jovens e os gomos, parte da planta utilizada na produção do chá comercial, são cobertas por um fino indumento branco e sedoso que mais tarde vem a desaparecer. É este indumento, aliás, que está na origem do nome dado ao gomo terminal: Pekoe, da palavra chinesa pak-ho que significa cabelo ou penugem branca. As flores, pequenas, são brancas, geralmente com 4 ou 5 pétalas, aromáticas e aparecem nas axilas das folhas em grupos de 2,3 ou 4. O fruto é uma cápsula tricoca com 2 ou 3 cm de diâmetro. Dada a grande dispersão que a planta sofreu desde o início do seu cultivo até aos nossos dias e a livre hibridação entre os vários tipos geográficos, não tem sido fácil para os botânicos a descrição das variedades existentes. Contudo, atendendo ao fator geográfico, consideram-se três variedades principais de *Camellia sinensis*, que podem ser reconhecidas na região de origem desta planta. São: var. *Sinensis* (chá da China), var. *Assamica* (chá de Assam) var. *Assamica ssp. Lasiocalyx* (chá do Camboja ou Indochina). Estas variedades cruzam-se entre si originando múltiplos híbridos. Em 1874, chegaram aos Açores (Ilha de S. Miguel) as primeiras sementes de *C. Sinensis* - a planta do chá - e, alguns anos mais tarde, foram chamados dois especialistas chineses que se dedicaram a ensinar aos fabricantes locais as técnicas de preparação das folhas. Todas as variedades de chá provêm dos rebentos jovens desta planta, as diferenças derivam do clima, do período da colheita e do tratamento a que são submetidos posteriormente.



Fábricas de chá da Gorreana e de Porto Formoso

Chegaram a funcionar na Ilha mais de uma dezena de plantações com fábrica própria. Entre elas a Gorreana que explora 23 hectares, uma área capaz de produzir cerca de 40 toneladas de chá seco. São necessários em média, cerca de 4 kg de folhas de chá fresco para obter 1 kg de chá seco pronto para infusão. A Gorreana produz chá verde e chá preto ortodoxo, assim designado porque durante o processo de transformação das folhas estas ficam na sua maioria, enroladas e inteiras - tal como acontecia com o chá que era trabalhado com as mãos e não por meio das novas tecnologias, que deixam as folhas partidas ou esmagadas. O processo de transformação tradicional ortodoxo do chá compreende várias fases como o Emurchamento - que tem como objetivo murchar a folha, ou seja, fazê-la perder água por evaporação, para que não quebre durante a fase seguinte de enrolamento. As folhas são estendidas em camadas finas em tabuleiros sobre redes metálicas através das quais se faz passar uma corrente de ar quente, a temperatura controlada, forçada por ventiladores. As folhas pelo emurchamento perdem cerca de 25-50% do seu peso, num processo que demora de 16 a 24 horas.

9. CRÓNICA 9 DOS AÇORES. QUATRO MESES INSULARES E REVISITANDO MACAU. 11 dezembro 2005 -

9.1. OLÁ GENTE

Faz hoje quatro meses que escrevi a minha primeira crónica dos Açores. Isto continua a ser uma aldeia (aliás, freguesia) de gente trabalhadora, gente simpática, muito educada e cortês. Mas há peculiaridades para além do sotaque curioso.

Passaram-se quatro meses desde que chegamos a S. Miguel. Continuamos a viver e a gostar da aldeia, com pouco ou nada digno de reportar. Sempre a mesma lufa-lufa diária a que todos se entregam, cumprindo rituais centenários, sem queixas nem arrependimentos. Como se tal fosse o desígnio que um qualquer deus lhes tivesse imposto, para ser seguido sem hesitações. Há uma certa fatalidade no ar, que se manifesta na forma como não reagem aos infortúnios, antes os aceitando, quiçá, como se ainda hoje fossem castigos divinos. Nada a dizer, recebem melhor os forasteiros do que os de Bragança, que são mais desconfiados dos de fora e temem tudo o que eles possam fazer. Aqui quando uma pessoa "trata bem os da terra e os ajuda, eles retribuem" dando-lhes tudo e todo o apoio. Aliás, jamais esquecerei essas palavras que me foram ditas ainda antes de me estabelecer na ilha. Mas há peculiaridades para além do sotaque curioso. Ainda ontem à noite quando saímos para ir ao café da esquina "Eurobar" constatámos

que a Nini era a única mulher presente, de manhã e à tarde (até ao anoitecer, lá pelas 17 ou 18 horas) anda se veem mulheres de todas as idades em grupos, ou sós, mas de noite o café mais parece uma taberna cheia de homens a beberem os seus vinhos e cervejas e por vezes a jogarem às cartas. Um certo machismo rural ou uma herança do feudalismo que ninguém ousa comentar? Onde estão as minhas amigas radicais feministas quando agente precisa delas? Curioso como este tema é tabu e as pessoas se retraem quando se lhes fala nas mágicas palavras começadas por feudo...há uns certos sorrisos amarelados, um desviar do olhar, uns movimentos impercetíveis de boca, meros trejeitos sem som, nem sequer chegam a ser esgares, um encolher de ombros. Parece restar ainda um certo temor da palavra, como se tivesse ácido e queimasse. Como se fora uma imoralidade caseira que não deva ser discutida ao ar livre, fora do lar. Como se fosse a sífilis ou outra doença venérea, em finais do século XIX. Todos as tinham, mas ninguém se queixava nem ia ao médico. Uma espécie de lepra, uma nova peste, que como pandemia ou epidemia não se divulga para não assustar, como se assim a pudessem conter. Tolera-se que um forasteiro as pronuncie: os da terra nada têm a dizer. Como escreveu Caetano Valadão Serpa (in "A Gente dos Açores") "Nos Açores, desde a injustiça social na distribuição das terras pelos capitães donatários até ao ruir das esperanças de progresso para a camada popular, que praticamente nunca beneficiou grande coisa dos empreendimentos agrícolas, comerciais e industriais da vida das ilhas, de qualquer tempo. Esta sempre albergou em si a ânsia de se libertar duma vida e onerosa em terras estagnadas, ricas é certo, mas duma riqueza tantas vezes nas mãos de gente indolente e falha de iniciativa, desejosos de se enriquecerem ainda mais, mas completamente alheios ao progresso da terra e mais ainda ao bem-estar daqueles que eram instrumento da sua prosperidade." ... Quem chamou aos arquipélagos atlânticos "As ilhas adjacentes" não imaginou decerto a carga negativa que este qualificativo trazia consigo... Há ali implícita uma ideia de subordinação passiva - no caso a uma Metrópole continental -... Foi perante a evidência desta situação...que os açorianos, descrentes da terra e crentes em si mesmos, intensificaram a sua emigração... Pode acontecer que os que saíram e emigraram tenham tido a coragem de se libertarem dessas grilhetas medievais que parecem ainda hoje permear a sociedade rural micaelense. Os que ficaram, temerosos, sentem-se menos corajosos por não terem tido essa coragem de sair e de se libertarem. Como tal, podem sentir-se agrilhoados por séculos de privações e provações, injustiças de toda a ordem, sem direito a reposição de nada...

A ida ontem ao café não estava planeada, mas foi causada por uma inundação na casa de banho com a água a surgir da parte de baixo da sanita. O senhorio, dono do café e Presidente da Junta lá nos disse que de manhã o genro cá viria resolver o problema. De facto, pelas 8 e meia cá estava. Desmontou a sanita, viu, e descobriu que a caixa de fossa onde se armazenam as águas da sanita e do banho estava muito compacta e não estava a escorrer para o esgoto da rua. O motivo, aparentemente, era devido à minha preocupação ecológica de reduzir os fluxos de água no autoclismo e que obviamente eram insuficientes para fazer a dissolução dos resíduos domésticos na caixa da fossa antes de desaguar no esgoto que desce pela rua abaixo, presumivelmente até ao mar á na Praia da Viola, pois aqui não há ETAR nem coisa que se pareça.

Está visto que a ecologia aqui não medra e causa destes problemas. Lá temos a sanita reposta e resselada a descarregar 50 litros em vez de 15 ou 20 litros. O cheiro intenso desapareceu. As visitas (se as houvera) já poderiam ir ver o pátio e o quintal sem serem assaltadas olfativa mente. O João achou imensa piada. Entreteve-se a descarregar, com a mangueira, centenas de litros de água pela fossa abaixo. Isto destinava-se a ajudar a dissolver os sólidos fétidos e desagradáveis, à vista e ao olfato. Trabalho repugnante, nauseabundo e repelente. Deveras assustador para qualquer urbano. Verifica-se aqui mais outro erro ecológicamente censurável com este inócuo desperdício de água da mangueira pela fossa abaixo...A interrogação podia ser como provar aos autóctones que aquilo que sempre fizeram é hostil ao ambiente. Iria ser difícil convencê-los ou dissuadi-los. Por outro lado, como se pode constatar a passagem dum ser urbano a rural demora menos do que se pensa quando se é jovem, mas a dificuldade aumenta proporcionalmente à idade.

Esta tarde, já sem o desagradável cheiro que parecia provir diretamente das Furnas, tivemos cá a presença duns tantos miúdos da aldeia que vieram jogar como o João na sua PlayStation e no computador. Isto funciona quase como um OTL (Ocupação dos Tempos Livres) e tem bastante meios para as necessidades locais. A Nini que entra agora na última semana do período não tem tempo para nada e esteve a trabalhar e a preparar coisas para a escola. Decidimos, entretanto, que este ano será excepcional pois iremos a Portugal (ao Continente) passar o Natal, mas a partir de agora quem quiser que nos venha cá ver e visitar

e/ou passar o Natal. Já em Bragança acontecia isto, e era sempre a nossa vez de ir passar o Natal ao Porto.

Uma das queixas frequentes entre os locais, vulgarmente designada como o preço da insularidade, é o custo das passagens para o Continente e vice-versa. Poder-se-ia pensar que foram concebidas propositadamente onerosas para a população local não emigrar, mas creio que é para a população local não ficar em minoria com a quantidade de pessoas de Portugal que viria cá se fossem mais baratas, depois eram capazes de gostar e transformavam isto num inferno. Em Bragança, eu dizia aos nativos que a autoestrada era um falso progresso, era melhor não terem uma autoestrada para não perderem a boa qualidade de vida.... O movimento desertificador da estrada podia reduzir a população indígena. Lá se iria a boa qualidade de vida... Já em Bragança eu lhes dizia ...

9.2. SEXO LIVRE

Há dias descobri o meu filho a fazer uma busca na Internet de sexo livre. Ficou de castigo e pensei que ele era ainda um felizardo pois os ideais de 1968 ainda se justificam naquela cabeça. Mal sabe ele que nada é livre nesta vida e muito menos o sexo. Teve de levar uma repreensão a que acrescentei os perigos de vírus nessas buscas. Acabou por confessar que havia sido um colega mais velho do que ele que o incentivara a fazer a busca. Mais um problema que resultou na implantação local de vários sistemas de censura de acesso a todos os pesquisadores da rede (K9) e controlo de acesso ao correio eletrónico e serviço de mensagens escritas.

Na idade dele escrevia eu românticos bilhetes de amor... Em frente à nossa casa em Maria Pia, havia uma "*ilha*" onde viviam dezenas de pessoas, incluindo o meu primeiro alfaite e os seus dois filhos (Adalberto e Chico) com quem, apenas muito ocasionalmente, podia ir brincar ao sair da escola. Ao lado da entrada para essa "*ilha*"⁵ havia uma casa térrea, de

5 A ilha do Porto é um tipo de habitação operária muito diferente do de outras cidades industriais, como Lisboa, onde existem os pátios, ou as cidades industriais europeias. Surgiram inicialmente na zona oriental da cidade, mas rapidamente se estenderam ao centro e aos concelhos limítrofes. Para o aparecimento das ilhas acredita-se que tenha contribuído a grande influência inglesa na cidade. O esquema das ilhas é frequentemente associado às primeiras *back-to-back houses* em Leeds, quer em termos de morfologia, de promotores e em termos de intuito de construção. A origem das ilhas é desconhecida sendo certo que no século XVIII já eram relatadas casas a que se chamava de ilhas. Em inquirições de D. Afonso IV (1291-1357) faz-se referência também a conjuntos de habitações com apenas uma saída para a rua. Foi, no entanto, no final do século XIX, com o desenvolvimento industrial da cidade, e com a chegada de muitos migrantes das terras do norte do país, que este tipo de habitação se massificou. O lote almadino tinha, normalmente, 5,5 m de largura, de frente para a rua, por uns 100 m de comprimento. As casas burguesas eram construídas nos primeiros 30 m, sendo que ficavam a sobrar uns 70 m nas traseiras das casas. O proprietário abria uma ligação por baixo da casa por um corredor até ao fundo do quintal, de 1 a 2 metros de largura, e de um lado e de outro construía pequenas habitações precárias. Essas eram então pequenas habitações com áreas que não excediam os 16 m² (algumas apenas com 9 m²), construídas em fila (algumas vezes também costas com costas), nos quintais das casas da classe média que davam para a rua. As frentes dessas habitações tinham, regra geral, cerca de 4 metros, tinham uma porta e uma janela (que deitavam para o corredor central). A primeira divisão, que ocupava quase toda a casa, era a sala. Ao fundo existia um quarto, de 2,5 m por 1,5 m, e uma cozinha, de 1,5 m por 1,5 m. Por vezes, era improvisado um pequeno quarto no sótão. As retretes eram comuns, sendo que correspondiam, em média, 1 retrete para cada 5 casa. Na segunda metade do século XIX, o Porto vivia um clima de euforia industrial que atraiu à cidade populações rurais, vindas do Minho, de Trás-os-Montes e Alto Douro e da Beira Alta, fugidas da crise rural que ali se vivia. A procura de alojamentos baratos fez então destes aglomerados de construções abarracadas, com uma única entrada, um atrativo negócio, principalmente explorado por pequenos proprietários que, dispondo de pouco capital, viram nas ilhas a garantia de uma rápida recuperação do capital investido e, a curto prazo, lucros significativos. Os interiores dessas casas, onde viviam famílias inteiras, facilmente de 10 ou mais pessoas, eram de madeira, não tinham esgotos, nem abastecimento de água, tinham ausência de ventilação e janelas pequenas que forneciam fraca iluminação. A juntar a estas condições a utilização comum de certos equipamentos, a convivência com animais (em um inquérito assinalam 709 porcos em 1124 casas visitadas) e a falta de educação dessas pessoas e a pobreza moral de alguns, deixam imaginar o ambiente desses espaços. Como o Código de Posturas Municipais de 1869 limitava a fiscalização camarária ao que era visível da rua (que neste caso eram as frentes de uma casa vulgar, normalmente a do promotor) e as ilhas acabavam por ser construídas no interior dos quarteirões, elas não estavam sujeitas ao controlo municipal, e à vista do cidadão. A uma primeira vista a cidade não mostrava aquela miséria. Entre 1878 e 1890 teriam sido construídas 5.100 habitações nas ilhas (metade das que existiriam em 1900), onde segundo Ricardo Jorge habitaria, em 1899, um terço da população da cidade! Segundo um inquérito realizado pela Câmara Municipal do Porto em 1939, havia então na cidade 1 152 ilhas abrigando 45 291 habitantes, ou seja, nessa altura, 17% da sua população total! Seguindo uma tentativa de higienização da cidade, de forma a prevenir a ocorrência de surtos epidémicos, a partir da década de 1940, as autoridades municipais empenharam-se na demolição progressiva das ilhas do Porto, realojando as famílias em grandes bairros sociais,

porta e duas janelas, onde morava o taxista da zona com uma filha (provavelmente dois ou três anos mais velha que eu) e para quem eu ia, dissimuladamente, colocar pequenos bilhetes amorosos e declarações juvenis na caixa do correio, ficando depois à janela à espera dum sinal. Nunca recebi nenhum sinal ou, então, ela nunca recebeu essas primeiras missivas de amor escritas em pequenas folhas arrancadas dum qualquer caderno de cópia com uma caligrafia decerto bem certinha e trabalhada para a filha do taxista que vivia em frente à casa dos meus pais. Lembro-me igualmente do grande desgosto que tive por a jovem Tina (assim se chamava a jovem) nunca ter correspondido àquele bilhete.

Uma das atrações da jovem, confessei muitos anos depois, era o pai dela ser motorista de praça (vulgo taxista, com o seu Mercedes 180D de teto verde e o resto do carro negro) que era a minha ambição máxima naquela idade.

Ser taxista não me importunava desde que pudesse andar sempre de carro. Esta característica arrastou-se comigo, de certo modo, até esta data: ainda adoro conduzir. Quando vivia em Bragança, a luta contra possíveis estados depressivos ou negativos, fazia-se conduzindo centenas de quilómetros por estradas, aldeias, ou meramente nas planícies de Castela. Embora nunca tivesse tido um táxi, só para mim, mais tarde fui “pendura” de ralis e fiz milhões de quilómetros ao volante em vários continentes, guiando dos dois lados da estrada. Vivi sempre a conhecer os modelos de todos os carros que via e dos que sabia existirem pela Europa fora e até mesmo nos EUA, lembrando-me, ainda hoje, de modelos que nunca mais existiram para cá da década de 1960, e que há pouco tempo aquando de uma mudança de casa descobri ter guardado o álbum de cromos de carros de 1960 e pouco.

Carros na família mais chegada ainda havia poucos: além do meu avô materno, os meus três tios e alguns primos apenas. Era um bem ainda fora do alcance de muitas bolsas. Mais tarde fizeram-me ver que a falta de resposta dela seria, sem dúvida, devido às pressões sociais existentes mais do que a qualquer deliberada rejeição. Creio que com a idade própria dos jovens, em 1958, ainda me não apercebera das diferenças sociais e devo ter encontrado algo de atraente naquela cara. Como os tempos mudaram agora busca-se sexo livre aos nove anos. O meu acesso, na mesma idade deste meu filho mais novo (9 anos), não era à Internet e restringia-se ao *Meccano* criado em 1934⁶. Eu brincava também, e disso a memória estava bem clara, com uns carrinhos metálicos. Eram um pouco maiores que os *Dinky Toys* e *Corgi Toys*. Com eles fazia corridas aproveitando a forma de retângulo dos mosaicos do chão da casa de banho. Pouco mais tinha de diversões caseiras. O meu modelo favorito era um de seis, feitos para a Dinky, em França e posteriormente em Hong Kong: n.º de referência 57-005. Um Ford Thunderbird azul-marinho descapotável que fizera corridas loucas. Os *Dinky Toys* foram lançados pela Meccano em 1934 e duraram até 1979. Os *Corgi* eram na escala 1:48, a partir de 1967 passaram para 1:42, e durariam até 1983.

Para além disso havia sempre muitos livros infantis e não só... Pena que a internet não tivesse sido inventada na minha infância para descobrir novos mundos e explorar os velhos, tal como fazia na miríade de leituras, umas obrigatórias impostas pelo regime educacional do seu pai, e outras permitidas como sendo próprias do entretenimento da idade... Seria este o momento de dar especial destaque ao excepcional livro de *Selma Lagerloff* “A maravilhosa viagem de *Nils Holgersson* através da Suécia”, “*Rob Roy*” de *Walter Scott*, *Mark Twain* e as “*Aventuras de Huckleberry Finn*” pelo Mississípi, “*Ivanhoe*” de *Walter Scott*, um livro cujo título esquecera de Herman J. Mankiewicz (autor de *Citizen Kane*), “*Robinson Crusoe*” de *Daniel Defoe*, uma ou outra lenda de santos como Joana d’Arc, a coleção de “Os 5” de *Enid Blyton*, ou mesmo as “*Aventuras dos 7*” da mesma autora, os quadradinhos de *Tintim* em francês, aventuras de dervixes algures perto do Corno de África, a expedição ao Polo Norte de *Robert F. Scott*, caçadas de leões, alguns livros sobre o faroeste. Uma outra banda desenhada favorita era *Michel Valliant*... e tantos outros livros religiosamente guardados numa

afastados do centro. Cinquenta anos depois, as ilhas ainda não foram completamente erradicadas do Porto, e do Grande Porto. Muitas mantêm-se firmes “de pedra e cal” e tentam renovar-se numa perspectiva de contrariar o espírito frio e impessoal que cada vez mais define a vida nos bairros sociais. Dados recentes apontam para a persistência de 1.130 ilhas espalhadas pela cidade do Porto. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_\(bairro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_(bairro))

⁶ *Essa britânica invenção, que juntava peças perfuradas, parafusos, porcas e vários outros apetrechos, permitia incentivar a imaginação para utilizar recursos limitados. Podiam-se criar formas e objetos, proporcionais à quantidade de peças que fossem comprando para se aventurarem a voos mais altos e acessórios mais complicados. Era um entretenimento de dias.*

estante, em casa da mãe, prontos a serem retirados de lá para um cantinho especial que um dia há de criar para as suas recordações de infância.

Nada disto igualava em prazer a escuta dos relatos radiofónicos dos jogos de hóquei em patins em campeonatos do Mundo com nomes míticos como Adrião, Velasco e Bouçós, muito antes do Livramento e outros nomes. Lembrava-me de ter menos de nove anos. Ir para a cama no verão significava deitar-se pelas 20 horas, com o sol no horizonte, ainda bem alto, e as portadas fechadas para não se ver a luz. O rádio ficava no primeiro andar e JC dormia no segundo andar. Era frequente ficar a pé a ouvir o relato, ao cimo das escadas. Descalço para não fazer barulho no chão que, eventualmente, poderia ranger com os seus passos. Sem que os seus pais, a sua avó ou a empregada dessem conta dessa incursão auditiva. A irmã deveria ter uns 3 ou 4 anos e já estaria a dormir nessa altura, no quarto dos seus pais.

Pequenos prazeres proibidos do tempo em que ainda não havia televisão. Creio que a primeira chegou já eu teria uns dez ou onze anos lá para 1959 ou 1960. Assistir a um Festival da Eurovisão era uma festa. Não me recordava quando começara a ver esses festivais que ainda hoje existem e tiveram início em 1956. Antes disso, reunia-se ao sábado a família, em casa de uns tios que já dispunham desse aparelho. Essa caixinha mágica de madeira castanha, com botões como os do rádio, era uma atração irresistível. Prendia-nos, horas a fio, a contemplar a mira técnica. Uma atração magnética e incompreensível, levando a interrogações sobre como a imagem era transportada pelo éter hertziano...e os levava a ver programas, sem qualquer interesse pessoal. Ainda lembrava bem a delgada e bela imagem desse figurino de mulher que era a Isabel Ruth (nascida em 1940) que se tornara na sua primeira paixão televisiva, daquela que, mais tarde, ficaria conhecida pela sua intervenção no filme “Verdes Anos” (1963) e fora dirigida por Pasolini em *Edipo Re* (1967).

Na TV lembrava-se ainda dela e do então idoso Ruy (?) Sacramento que já devia ter uns 80 anos. Mais tarde, vieram os apresentadores eternos, a Isabel Wolmar e o Henrique Mendes, nós estávamos ansiosos pelo início da emissão que era pelas 18 ou pelas 20 horas, a memória já não se recorda desses detalhes. Depois, começava o tormento das noites de quinta-feira com as touradas no Campo Pequeno ([mais detalhes em Crónica 31.3.](#))

9.3. PRÓS E CONTRA SOBRE MACAU, A VERGONHA

Dia 12 dezembro 2005, à noite, assisti a um programa dos canais generalistas de televisão, “Prós e Contras” da Fátima Campos Ferreira, o que raramente faço, pois estava interessado em observar o que iria ser dito seis anos após a transição do poder em Macau. Para os que não sabem ou não se lembram ali estive colocado de dezembro 1976 a março 1983, embora só lá tivesse vivido a de 15 janeiro de 1977 a 15 janeiro 1982. Pouco sei de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora ainda consiga balbuciar algumas frases elementares, mormente em relação a comida. Aprendi imenso com os chineses, ou não tivesse eu casado com uma macaense com quem vivi de 1979 a 1992. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de que se deve programar e agir com vista a um futuro longínquo e invisível. Sei que os valores morais e materiais do nosso mundo ocidental ali de nada valem, conforme a minha inútil cruzada contra a corrupção e o nepotismo o viria a provar. Mas saí de lá com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada, ao contrário de praticamente todos aqueles com quem me cruzei lá.

Não terei grande autoridade moral para falar da China e de Macau, mas tenho alguma, alicerçada nos anos todos em que depois do meu emprego como economista na CEM

(Companhia de Electricidade de Macau) tinha os meus inúmeros e bem-sucedidos programas de rádio, prolongando-se até à meia-noite ou até às duas da manhã. Lidei com muita gente, dos 750 funcionários da CEM, 150 estavam sob a minha alçada indireta e 32 sob a minha direção imediata nas três secções da Divisão de Serviços Administrativos. Convivi com eles, partilhei das suas festas, e aprendi o valor incomensurável da palavra tempo que ali surge com outro significado. As normas sociais eram bem distintas de todas as outras que eu conhecia quer em Portugal quer em Timor-Leste, onde estivera antes de rumar a Macau.

Um dia no meu gabinete entrou-me um dos administradores japoneses muito sorridente com um envelope contendo alegadamente um cheque (digo alegadamente porque não sei se já prescreveu...) e qual é o espanto dele quando eu abro o envelope e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser, etc. Ele pensando que estava ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos) recuou às vénias dizendo que iria substituir o cheque por outro. Claro está que lhe fiz ver que eu era diferente. A minha mãe chamou-me estúpido, como estúpido me chamou o meu chefe que no mesmo período em que lá estive comigo conseguiu colocar um milhão na Suíça... certamente acumulando aquilo que eu recusara. Limitei-me a declinar a oferta antes de saber que ela se devia a uns meros 10% de “luvas” pelo valor da assinatura anual que eu iria apor em documentos de compra de peças sobressalentes para a Central e que iriam ser fornecidas pela Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central). Dado que, por ano eu assinava uns AUD\$ 333,000,000 (dois milhões de dólares de HK\$) = 21 000 000 euros,⁷ creio que posso berrar bem alto quão estúpido fui ao recusar os 10%, mas não me arrependo embora só a terminação daquele número já me desse jeito hoje.

Ora bem, estava eu a ver o tal programa da RTP1 quando começo a ouvir falar dos “Portugueses que deram novos mundos ao mundo”, e doutras alevisias semelhantes. Pensei enganei-me no século, isto não está a acontecer. Ali diante dos meus olhos, o ecrã mostrava uma cena passada na RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) Território Chinês desde sempre e um grupo de lusofalantes a discutirem o mérito dos portugueses e da sua ação em Macau? Decerto que eu alucinava, mas eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna Fernandes (mais velho que o Mário Soares) e ouço a Fátima não-sei-das-quantas perguntar, “mas então se se sente tão português porque é que não se foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?” Desisti ali mesmo, ela já ofendera um professor universitário chinês, tradutor de Eugénio de Andrade e outros, ela já ofendera os macaenses que ficaram em Macau, ela já ofendera quase toda a gente, e ali continuava ela a bater na mesma tecla do Grande Império Português...e Império para aqui, Império para ali, citando sempre “aquela data em que terminou o Grande Império...” “Então, porque é que não se foi embora? E como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num Território Chinês e morrer aqui?”

Estas perguntas martelavam-me os ouvidos e eu sem saber o que pensar ou fazer, mas com pena de não ter acesso ao satélite de transmissões e acabar ali mesmo com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da Administração Portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que o chinês manda e o outro já não... Como é que aquela mulher se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses que bem conheço e portugueses que lá ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal, mas ela de nada queria saber exceto para manifestar o seu desagrado por Portugal ter entregado Macau à R.P. da China.

Ela já se esqueceu dos anos em que estagiou ali na RTP Macau com a Judite de Sousa, e o Zé Rodrigues dos Santos andava pelos corredores da Rádio? Nada aprendeu no tempo em que lá esteve? No tempo em que aparte algumas instituições terem Portugueses à frente

7 (vinte e um milhões cento e oitenta e três mil euros)

e as ruas ostentarem nomes bem-soantes em português ninguém sabia onde ficavam a menos que fossem ditos em chinês? Em que a Avenida Sidónio Pais era *Sidonau Pasi* e outras do género? Ou será que no tempo em que lá esteve nunca se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa. Que Macau nunca foi Português? Pasmado de ver tanta ignorância, comentava eu ao ouvir o alarve que o meu cartão de jornalista profissional chorava lágrimas de verdade ao confrontar-se com este exemplo de jornalismo à portuguesa...

Felizmente que os chineses e a sua cultura milenar (apenas têm mais uns milhares de anos que a dos portugueses), são corteses e educados e não a puseram logo no olho da rua...e ela vai voltar satisfeita a pensar que magnífico programa ali fez. As caras de gozo do advogado Jorge Neto Valente, do Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por aquela anormal. Não me admirava que ela recebesse já outro Globo de Ouro por este programa. Não me revejo nem aliás alguma vez me revi neste país, nesta pátria de que falava a Fátima Campos. É esta arrogância portuguesa que me irritou sempre nos aviões e aeroportos de todo o mundo, esta insignificância com manias de grandeza, que agora se reproduz em dez campos de futebol para estarem às moscas, para um aeroporto da OTA sem futuro, para um TGV para espanhol ver e outras quejandas. É esta a Lusofonia que eu não quero e que me leva a sentimentos de repulsa quando vejo proposta uma bandeira da Lusofonia com a esfera armilar...e por que não com os cinco castelos e ainda o de S. João Baptista de Ajudá que já ardeu nos idos de 60?

Para não perdermos o comboio da Europa vamos ter um TGV, mas já perdemos os comboios todos que diariamente são arrancados dos carris e substituídos por TIR nas nossas estradas, para que sejamos o país da Europa com mais mortos na estrada que em qualquer guerra civil.

Qual comboio, quando a saúde, a educação, a justiça são o que são?

Quando as famílias portuguesas vivem miseravelmente com um nível de vida e uma qualidade de vida inferior aos dos chamados países de leste e em vez de se investir nessa melhoria vamos investir em mais elefantes brancos e obras faraónicas.

Para quê? Para mostrar aos outros que somos os maiores e os melhores.

Para eles verem da janela do TGV as fachadas degradadas de milhares de prédios onde vive gente sem qualidade de vida ou de casa, e as barracas que ciclicamente as Câmaras anunciam que vão demolir?

Para verem naquilo em que tornaram o Algarve, uma enorme construção LEGO de cimento, rodeada de campos de golfe para os nossos 9 milhões de praticantes da modalidade, que consomem a água do Alqueva que afinal não serviu para a rega?

Para verem os nossos campos agrícolas abandonados como eu os vi no distrito de Bragança?

Para verem as filas de autocarro (as maiores e mais lentas da Europa), as filas para o médico, para isto e para aquilo?

Para verem os nossos estádios de futebol vazios de gente, com jogadores que não recebem salário enquanto os seus presidentes enriquecem?

Para verem os nossos museus fechados quando as pessoas podiam ter disponibilidade para os visitar? (afinal para que servem os museus se temos os melhores Shoppings da Europa e onde todos vão nos dias feriados e fins de semana?)

Será que do TGV se conseguem ver as listas de espera dos hospitais, e as dos tribunais?

Um país de falidos em que todos têm dinheiro para ir ao Brasil de férias...

Ainda bem que foram os portugueses quem "descobriu" o Brasil. Imaginem que se fossem os espanhóis ou os ingleses não havia índios como eles fizeram na América do Sul e na Austrália aos aborígenes.

Mas que país é este de fama machista e recheado de pedófilos?

Lá fora brilham as luzes de Natal em todas estas aldeias e vilas, mas eu gostava era que fosse natal sempre e não apenas quando os calendários mandam. Eu é que estou sempre errado e nunca me conformo com a maioria que nos domina e nos dita as leis. Sou eu quem esteve sempre mal e não o mundo que me rodeia, mas ainda bem que assim continuo nesta idade, é sinal de que afinal estava certo e as minhas opções eram as acertadas. Os outros? Quero que se entretendam a ver programas de TV como aquele que descrevi pois serão muito mais felizes e contentes e este país bem precisa de gente mais contente.

10. CRÓNICA 10, DOS AÇORES A BALI VAI O VOO DUM MILHAFRE, 19 janeiro 2006

10.1. DOS AÇORES

Quando viera para o arquipélago ignorava tudo, até as estatísticas locais de longevidade familiar. Nem sabia que, a crer nelas, iria ter a sua vida condicionada e drasticamente reduzida pelo mero facto de ali habitar. Estava preocupado. Acabara de saber que ia viver menos do que esperava. O Diário dos Açores, o quotidiano mais antigo do arquipélago, fundado em 1870, na sua edição de 19 de janeiro de 2006, afirmava em artigo assinado por Manuel Morniz: “Açores entre as regiões onde se vive menos...”

Os Açores estão entre as regiões do país onde a esperança média de vida à nascença, em 2004, é mais baixa. No entanto, é possível que seja uma questão de ilhas: a Madeira está ainda ligeiramente abaixo dos Açores - ou seja, em média vive-se menos tempo nas ilhas do que no Continente. Em 2004, a esperança de vida para as pessoas nascidas nesse ano é de 74 anos nos Açores, menos 4 que a média do país, que é de 77,8 anos.

Os números do Instituto Nacional de Estatística não explicam o porquê - mas são os números oficiais. Se será da humidade, das preocupações, da falta de médicos ou de um nível escolar mais baixo, isso terá de ser o leitor a concluir. Os números apenas dizem que é assim: cá vivem-se quase menos 4 anos do que a média nacional. Apesar de tudo, a situação tem melhorado nos últimos anos. No triénio 1992/1994, a esperança mediana de vida açoriana era de apenas 70,44 anos (mais ou menos 70 anos e 5 meses), o que significa que em pouco mais de uma década esse valor melhorou 5%. Não é, no entanto, o crescimento maior do país: há distritos onde o crescimento ultrapassou os 10% (o Ave, no Norte, atingiu mesmo os 13,19%, atingindo neste momento uma esperança média de vida de 78,4 anos). O melhor distrito para se nascer é...a Cova da Beira, onde a esperança média é de 79,3 anos, e o Entre Douro e Vouga, com 79,2. Os piores: o Baixo Alentejo, com apenas 71,2 anos de esperança média de vida, e a Serra da Estrela, com 72,2. Os grandes centros urbanos também são bons, como a Grande Lisboa, onde se espera uma média de 78,2 anos, e o Grande Porto, com 78 anos. O facto, no entanto, é que os Açores estão claramente na cauda do país neste tipo de indicador: apenas o 5º do fim. Abaixo dos Açores, apenas estão a Beira Interior (com 73,8), a Madeira (com 73,4) e as já referidas Serra da Estrela e o Baixo Alentejo, que se ocupam dos piores valores. Facto também é que a separar-nos da pior região em termos de esperança média de vida estão apenas 2,8 anos, enquanto para o melhor distrito separam-nos 5,3 anos...

Não sabia o que fazer. Se calhar o melhor seria nem fazer nada e ficar a aguardar. Tal como “a nêspira” do Mário Henrique Leiria “que estava quieta e calada, à espera, até que vieram e zás comeram-na”.

*A Nêspira
Uma nêspira
estava na cama
deitada
muito calada
a ver
o que acontecia
chegou a Velha
e disse
olha uma nêspira
e zás comeu-a
é o que acontece
às nêspiras
que ficam deitadas
caladas
a esperar
o que acontece
Mário Henrique Leiria, in Novos Contos do Gin*

Não deveria ter esse fim, mas também podia ficar calado e quieto à espera de que esse dia chegasse. Não podia ir para mais nenhum sítio, a minha mulher tem emprego aqui até morrer e aqui teremos de ficar. Terei de me adaptar às estatísticas. A notícia não mencionava, mas poderia eventualmente acontecer que os que nasceram e viveram noutras paragens durassem mais.... Vejamos: cinco vírgula três (5,3) anos de diferença é muito ano a menos para se viver quando se está feliz. Os nascidos em 1992 só duravam 70,44 anos e os que nasceram na primeira metade do século passado deveriam estar quase a desaparecer. Aí sim, isso já era preocupante.

Estou assim com um novo dilema numa altura em que tenho ainda tantos projetos para elaborar, tanto livro para escrever e tanta outra coisa por fazer. O melhor é começar a acelerar este ritmo pachorrento que aqui se vive a ver se me dá tempo para tudo, mas tenho de me cuidar para não elevar os níveis de stresse que fazem encurtar a vida, e tentar encontrar um balanço equilibrado entre tudo.

Para já vou deixar de me preocupar, seja com o que for, contas, tristezas, desgostos de amor e outros, vou deitá-los para trás das costas e manter um sorriso, espero que beatífico, a fim de não aumentar as rugas faciais e causar tensões nas áreas nervosas que por seu turno podem desencadear acidentes cardiovasculares, e para isso já me basta ter de arcar com o peso de ser um fumador, ter sido um bebedor e continuar a ser um carnívoro. Bem, vegetariano não quero ser que para aí nunca estive muito virado. Agora que anda para aí a gripe das aves a matar pessoas, ainda apreciarei menos os animais com asas, por isso aproveitem esta fase em que as vacas já não andam loucas para comer uns bons bifes.

Por outro lado, tenho de ter cuidado com a água porque aqui no Nordeste (da ilha de São Miguel) os níveis de arsénio - ou seria arsénico? -o (sempre pensei que o Arsénio era um homem como o *Arsène Lupin*) são dos mais altos do país e como não incluíram a Lomba (da Maia) fiquei sem saber se continuo a beber água da torneira.

10.2. AS DESCOBERTAS DOS AÇORES

Quando escrevia, nalgumas ocasiões em que até o chilrear dos pássaros me penetrava os ouvidos (cada vez mais) moucos (para não ouvir o que de mau no mundo ocorria em cada momento), sentia-me como se sentiram os inominados descobridores de antanho quando aqui arribaram. Espantarrécidos, estapasmados ou assombrados como diria, talvez, o Mia Couto, autor que lera avidamente na década de 1990. Deixou subitamente de me despertar quando parou de desinventar a língua que estrenuamente descompunha.

Os achadores destas terras no meio do nada, o Grande Mar Oceano, devem ter pensado nas metáforas do cristianismo, nas descrições do Éden terrestre, e devem ter-se benzido inúmeras vezes com a beleza que se lhes deparou. Mal sabiam, porém, que como em todos os paraísos, haveria uma maçã envenenada nascendo das entranhas das terras.

Nunca se saberão ao certo os seus nomes pois as teorias são inúmeras, e dividem-se em três:

- *primeiro as que sustentam que a revelação geográfica do arquipélago se terá verificado no segundo quartel do século XIV, no reinado de D. Afonso IV (H. Major, Ferreira de Serpa);*
- *segundo, as que afirmam que o descobrimento será da primeira metade do século XV por Frei Gonçalo Velho (cardeal Saraiva, Aires de Sá); e*
- *terceiro, as que conciliam as duas correntes de opinião (Jordão de Freitas, Velho Arruda).*

As primeiras teses fundamentam-se na existência de mapas genoveses a partir de 1351, onde aparecem esboçadas ilhas que muitos investigadores identificam com os Açores, quer pela sua situação, quer pelos nomes.

A existência desses mapas teria derivado das expedições às Canárias, no tempo de D. Afonso IV, por marinheiros genoveses ao serviço de Portugal. As teses que defendem o descobrimento dos Açores como obra do infante D. Henrique e, especificamente por Frei Gonçalo Velho, baseiam-se essencialmente na tradição oral recolhida pelo cronista micalense Gaspar Frutuoso no arquipélago, na segunda metade do século XVI. Contudo, escritores como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citaram o nome de Gonçalo Velho. Frutuoso, e os historiadores desta linha, opinam que o início das explorações atlânticas para os Açores datava de 1431. As teses ecléticas consideram, porém, que o descobrimento se terá verificado, realmente, no tempo de D. Afonso IV e que as viagens por ordem do infante D. Henrique teriam sido de simples reconhecimento. O mapa de Beccario, de 1435, assinala a maior parte das ilhas dos Açores como "insule de nuovo reperte". O Prof. Damião Peres defende que "foram achadas por Diogo de Sunis (ou de Silves), piloto de el-rei de Portugal no ano de 1427". Por esse motivo é atribuído a Gonçalo

Velho, depois primeiro capitão donatário das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, o papel, de não menor importância, de lançador de gados e de colonizador. A primeira referência da descoberta do arquipélago açoriano vem em Azurara (Crónica do descobrimento da Guiné): „,“E na era de mil...(?) anos mandou o Infante D. Henrique a um cavaleiro que se chamava Gonçalo Velho, Comendador que era da Ordem de Xpõ (Cristo) que fosse povoar, outras duas ilhas que estão afastadas daquelas (Madeira e Porto Santo) a cento e setenta léguas a noroeste”.

Outro escritor coevo do Infante, o almoxarife do Paço de Sintra, Diogo Gomes, conta:

“O Infante D. Henrique desejando descobrir lugares no Oceano Ocidental, com o intuito de averiguar se existiam ilhas ou terra firme pra além das descritas por Ptolomeu, mandou caravelas a procurar essas terras. Seguiram viagem e viram a ocidente trezentas léguas além do Cabo Finisterra e vendo que eram ilhas, entraram na primeira. Aquelas caravelas voltaram a Portugal a comunicar ao referido Infante as descobertas que tinham feito, com o que ele folgou muitíssimo. O Infante D. Henrique mandou o cavaleiro Frei Gonçalo Velho, capitanear as caravelas que conduziam animais domésticos que se distribuíram por cada uma das ilhas...”

Não diz quem capitaneou as caravelas. A descoberta só fala do seu povoamento. Gaspar Frutuoso escrevia:

“No ano de 1428 se conta que foi o Infante D. Pedro à Inglaterra, França, Alemanha, à Casa Santa e outras daquelas bandas e tornou pela Itália, esteve em Roma e Veneza e trouxe de lá um mapa-múndi que tinha todo o ambiente da Terra e o estreito de Magalhães a que chamavam de Cola do Dragão e o Cabo da Boa Esperança, fronteira da África; e conjeturou que deste se ajudaria o Infante em seu descobrimento...”

Isto foi escrito 150 anos depois, o que pressupõe as terras já serem conhecidas. Mas quem seriam os que as viram primeiro? Os fenícios, mareantes que saídos do Mediterrâneo, singravam aqueles mares até à Grã-Bretanha, à cata de estanho e animais? A favor dessa hipótese há a hipotética descoberta de moedas fenícias e cirenaicas na Ilha do Corvo, no século XVIII.

Já os romanos falavam das numerosas ilhas atlânticas. Estrabão, cita as Ilha Britânicas e as Cassitéridas. Plínio, fala das Gorgónias, onde as mulheres tinham o corpo coberto de cabelos, fala igualmente das Hespérides ou Purpurinas e, a meio delas, das Afortunadas. Durante séculos falou-se de uma lendária ilha das Sete Cidades, situada algures no Mar Oceano, a oeste da Europa. Datam de escritores latinos, provavelmente no seguimento de tradições bem antigas de povos mediterrânicos as nomenclaturas de Insula Septem Civitatum, Ilha das Sete Tribos ou Sete Povos, posteriormente traduzida como Ilha das Sete Cidades. Estariam os fenícios na sua génese? A hipótese da presença dos fenícios nos Açores é mais provável do que se pensa. Com efeito no jornal Público de 31 de outubro de 2008 era noticiado que o “ADN dos fenícios está nos genes dos portugueses”. Um em cada 17 homens que hoje vivem nas costas do Norte de África e no sul da Europa podem ter tido um antepassado fenício, que tinha como ponto de partida o atual Líbano, conclui um estudo publicado na revista científica American Journal of Human Genetics. Os cientistas do “Genographic Project,” que estuda a forma como a humanidade se espalhou pelo planeta, identificaram um padrão genético associado à expansão dos fenícios, tal como as fontes históricas a revelam. Depois, estudaram o cromossoma Y de 1330 homens nesses locais, para verificar a frequência desse padrão. Descobriram os locais da bacia do Mediterrâneo onde é mais provável haver descendentes masculinos dos fenícios. As zonas litorais e a costa atlântica portuguesa, estão entre as que têm mais descendentes dos fenícios. Na antiguidade havia efetivamente conhecimento de algumas ilhas atlânticas e do litoral africano. Recorde-se a lenda da Atlântida, referida pela primeira vez em 421 antes de Cristo. O conhecimento da costa africana teria resultado de algumas expedições realizadas de que se destacam: a primeira por ordem do faraó Necao II em 610 A.C., depois a viagem de Sataspes (480-470 a.C.) até à Guiné, e o périplo de Hanão em 485 a.C. com sessenta navios desde Cartago, que teria percorrido a costa africana até Cabo Verde.

Estas viagens referenciadas não têm cativado o interesse da historiografia atual dado que os historiadores contemporâneos estão sempre renitentes em aceitar a verdade dos relatos contidos nos textos clássicos e fazer tábua rasa de tudo o que passaram a vida a ensinar. A Historiografia dos séculos XVIII e XIX afirmava perentoriamente a veracidade destas informações e defendia que os fenícios projetaram o seu império comercial na costa ocidental africana. Apenas os portugueses, pela voz dos seus eruditos mantiveram a tese de que esta área estava por revelar no início das navegações henriquinas.

Mais problemático é o nome das Sete Cidades, hoje um ex-libris turístico da ilha verde de S. Miguel. Existe uma crónica relativa às Sete Cidades dum clérigo cristão em 750 a.C. residente em Portucale (atual Porto). Os árabes dominavam já a península ibérica (a sua invasão data de 711 d.C.) e ouvia-se o estertor do fim dos reinos visigóticos. No ano de 734, o arcebispo de Portucale estava em fuga, acompanhado de outros prelados e milhares de fiéis, numa frota de veleiros que chegou sã e salva ao seu destino. Nada mais se sabe dessa

expedição à terra das Sete Cidades (*Sete Civitates*) que os marinheiros asseveravam existir no meio do oceano ocidental.

Esta lenda perdurou na Idade Média com expedições organizadas para o seu achamento. Quase todas as cartas e portulanos medievais onde se representava o Mar Oceano tinham as Sete Cidades. No contexto da tradição brandonianas, a Ilha das Sete Cidades é uma das referências geográficas mais antigas. S. Brandão (484-577) o Navegador (S. Brandão de Ardfert e Clonfert) terá nascido em Ciarraighe Luachra, próximo da cidade de Tralee, condado de Kerry, Irlanda, pelo ano 484. Deve a sua notoriedade e o cognome de Navegador na literatura medieval, às suas famosas viagens marítimas no Atlântico Norte que lhe trouxeram a celebridade. Terá garantidamente visitado a Bretanha, as ilhas Órcadas e Shetland e possivelmente as Ilhas Faroé, um feito então incomum. Outras expedições, a lugares mais distantes, nunca puderam ser comprovadas embora fossem possíveis.

A era dos descobrimentos portugueses foi iniciada em 1317 por D. Dinis que contratara o genovês *Micer Manuel Pezagno* (em português Pessanha) para o comando da frota real. Em 1335, D. Afonso IV envia uma armada ao arquipélago das Canárias cujos privilégios seriam concedidos anos mais tarde (1338) a mercadores estrangeiros. Segue-se, em 1415, a conquista de Ceuta por uma expedição organizada por D. João I. Com estas atividades aumentam os relatos de registo sobre as ilhas.

Fernão Teles, natural dos Açores, mostrou ao rei D. Afonso V (em 1473) um mapa com uma longa costa, ilhas, baías e rios que declarou fazerem parte das Sete Cidades. Talvez fosse a costa norte do Brasil, no delta do Parnaíba, entre Maranhão e Ceará. Aparentemente, o rei não terá acreditado na descoberta, ou não considerou Fernão Teles suficientemente digno, pelo que da carta de doação concedida não consta nenhuma referência às Sete Cidades, mas apenas a uma grande ilha ocidental que se pretenderia povoar. Insatisfeito com a carta de doação, Fernão Teles insiste no pedido das Sete Cidades. Consultado o cosmógrafo genovês Paolo del Pozzo Toscanelli (1398-1492), que declarou que a Antília e a Ilha das Sete Cidades seriam naquela margem do Atlântico, finalmente foi concedida (1476) a carta solicitada, mas não se conhece a existência de qualquer expedição subsequente por parte daquele donatário. Entre as expedições mais bem documentadas conta-se a capitaneada pelo flamengo Ferdinand van Olm (Fernando de Ulmo ou Fernão Dulmo), residente nos Açores. Casado com uma filha de Fernão Teles, recebeu (em 1486) autorização do rei D. João II para achar o paradeiro da ilha onde estaria localizado o reino cristão perdido das Sete Cidades, o mesmo que o seu sogro teria reconhecido anos antes. De parceria com o madeirense Afonso do Estreito, organizou uma expedição com cofinanciamento real. Infelizmente, Dulmo não teve melhor sorte que os seus antecessores. Mesmo assim, em pleno século XVII, organizou-se na ilha Terceira uma expedição para explorar o oceano a noroeste do arquipélago, onde teria sido avistada uma ilha desconhecida. Nos Açores sobrevive a lenda da ilha encantada que apenas pode ser avistada por volta do dia de S. João (24 de junho). É frequente, naquele período, o registo visual de ilhas desconhecidas, mas na realidade são bancos de nevoeiro (os temidos nevoeiros de S. João que encerram aeroportos por dias seguidos) e nuvens distantes a emergir do horizonte.

Sobre a Ilha das Sete Cidades, parafraseando a observação aposta no mapa-múndi de Johannes Ruysch (1508) sobre a Antília: *“esta ilha foi descoberta, antigamente, pelos portugueses; agora, quando a procuramos não a encontramos”*. Como consolação ficou o nome do maior vulcão do Atlântico, o vulcão das Sete Cidades, na metade ocidental da ilha de S. Miguel, com as suas lagoas e a freguesia do mesmo nome, anichadas no interior da caldeira. Há ainda o lugar das Sete Cidades na ilha do Pico; o Parque Nacional de Sete Cidades no sertão do Piauí, Brasil e múltiplas lendas e histórias em permanente recriação.

O arquipélago, segundo parece, era já bem conhecido pelos Cartagineses e pelos Árabes. Surge perfeitamente localizado em mapas genoveses do século XIV, que atribuem o seu achamento a marinheiros portugueses e a genoveses (ao serviço de Portugal), entre 1317 e 1339. Outros, porém (Daniel de Sá, op. cit.) opinam diferentemente quanto à data:

“O padrão erguido em Santa Maria para comemorar o quinto centenário do Descobrimento tem uma data: 1432! Era a que a gente aprendia nesse tempo. E também aprendíamos que o descobridor fora Gonçalo Velho Cabral. Ainda não chegara aos livros de História a decisão que Damião Peres tomara em 1943 de atribuir tal feito a Diogo de Silves. E digo que se tratou de uma decisão, porque o achado pouco parece ter de rigor histórico. No mapa que Gabriel de Valsequa, judeu convertido da Escola Hebraica da Catalunha, fez das ilhas dos Açores em 1439, consta uma legenda que diz que elas foram encontradas em 1427 por um piloto do rei de Portugal. Quanto à data, poucos discordam, havendo, no entanto, quem entenda tratar-se de 1432. Fazendo fé na maioria, aceitemos 1427. Questão resolvida, portanto. Poucas dúvidas também para o nome de batismo do enigmático navegador: Diogo. (Gabriel de Valsequa, que era maiorquino, teria escrito Diego.) A leitura mais antiga que se conhece da carta de Valsequa é de 1789, e foi feita por um tal Pasqual, também maiorquino. E ele leu Guullen. Depois disso, sucederam-se leituras diferentes, com uma repetição desta. Para complicar tudo, em 1838, no palácio dos condes de Montenegro e de Montouro, em Palma de Maiorca, a tinta de um tinteiro derramou-se sobre o mapa, e não encontrou outro lugar onde cair senão no apelido do navegador. George Sand, que acompanhava o seu amado Chopin que ali fora procurar melhoras para o mal da

tuberculose que haveria de matá-lo, assistiu horrorizada à cena, que descreveu mais tarde. Foi uma simples testemunha, mas ainda há quem a culpe do desastre.”

Eu sempre associei açores a um pássaro. Como nunca visitara o arquipélago, assim o concebia cheio daquelas aves. De facto, o nome destas ilhas é frequente e incorretamente assinalado como parecendo provir da palavra açor

Segundo pesquisas efetuadas por Luiz Antônio de Assis Brasil, que foi professor de literatura na Universidade dos Açores, há uma versão contando que os primeiros navegadores que aqui chegaram viram milhafres, muito comuns no arquipélago e provavelmente os confundiram com açores, originando-se daí o nome das ilhas. Mas esta resposta, repetida até à exaustão na maior parte dos guias turísticos, de que o nome vem das aves de rapina avistadas pelos navegadores carece de qualquer fundamento científico. Não há açores nos Açores e a ave a que os açorianos chamam milhafre não é nem um açor nem um milhafre, mas uma subespécie de águia-asa-redonda. Açores foi uma freguesia do concelho de Celorico da Beira, com 10,12 km² de área e 352 habitantes (2011). Densidade: 34,8 hab/km². Foi vila e sede de concelho entre 1512 e o início do século XIX. Era constituído apenas pela freguesia da sede e tinha, em 1801, 505 habitantes. Foi extinta em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, tendo sido agregada à freguesia de Velosa, para formar uma nova freguesia denominada União das Freguesias de Açores e Velosa da qual é a sede. Açores terá sido uma importante fortificação antiga, tendo sido identificado o castro de Açores, sendo a atual aldeia edificada a partir do castro existente ou expandindo-se em seu redor. Pode assim inferir-se com alguma segurança que constituiu um importante santuário dos visigodos, um dos povos “godos” (chamados bárbaros) que dominaram grande parte da Península nos séculos VI e VII d.C. É uma das povoações mais antigas da Beira Alta, assim o prova a lápide funerária visigótica epigrafada que pode ser vista na Capela-mor da Igreja de N^ª Sr.^ª do Açor. Encontra-se sepultada na Igreja uma princesa visigoda - Suintiliuba -, datada de 666 d.C. (704 era de César). Na medievalidade, dividia-se em duas partes: a vila que se governa conforme a sua jurisdição e a lameira à qual pertenciam os lugares da Aldeia Rica e Massa. Em 1758 tinha apenas 10 fogos com uma população de 10 homens e 13 mulheres. Outrora designada por Freixial, a atual freguesia de Açores deriva sim o seu nome da ave com o mesmo nome, associada a um dos milagres da Senhora do Açor. A freguesia era constituída pelos aglomerados de Aldeia Rica e Açores. Na aldeia de Açores, existe uma antiga e bela igreja gótica que tem por patrona Nossa Senhora dos Açores. Lá dentro, três antigos retábulos rememoram milagres, os que vou contar e o povo guardou na primitiva ermida, que construiu, e um rei comemorou na igreja que sobre ela erigiu. Um dia, andava um pastor a pastorear as suas vacas, quando uma delas e tresmalhou e caiu a uma lagoa. Atirou-se o homem à água, sem pensar que não sabia nadar, para tentar recuperar o animal. Afrito, em riscos de se afogar, suplicou veemente o auxílio da Virgem, e tanta fé pôs no seu pedido que Nossa Senhora apareceu-lhe, salvando-o a ele e à vaca. Radiante e agradecido à Senhora que o salvara, correu o pastor à aldeia a contar o milagre, e o povo imediatamente acorreu ao local, com a ingenuidade e credulidade que é seu apanágio. Segundo conta a lenda, no local do salvamento miraculoso, semiescondida entre silvas, encontraram uma pequena imagem da Virgem. E, para guardarem a imagem e perpetuarem o milagre, ergueram ali uma pequena ermida. Em pouco tempo, o local e a ermida tornaram-se ponto concorrido da região, porque muitas foram as mercês e milagres operados pela imagem devota. Tão longe foi a sua fama que chegou a terras de Espanha. Reinava então em Espanha um rei desesperado. Casado há muito tempo, não conseguia a dádiva de um filho que o perpetuasse como homem e continuasse como rei. Assim cheio de fé, no seu palácio, implorou à Virgem daquela aldeia longínqua de Portugal a benesse de um herdeiro. E também a ele a Virgem concedeu a mercê pedida, só que - sabe-se lá por que pecado antigo - a criança nasceu aleijada e extremamente fraca. No meio da imensa alegria pelo filho nascido, o aguilhão de dor provocado pela enfermidade da criança não fez esmorecer a fé daqueles reis. Pegando no menino recém-nascido, iniciaram uma romagem, morosa e dolorosa à ermida da Nossa Senhora das suas devoções. Iam agradecer o herdeiro e suplicar remédio para a doença daquela criança sua esperança e do reino. Durante a viagem, porém, a criança, que era tão fraca, morreu. Quiseram tirar o corpito dos braços da Rainha, mas ela, cheia de fé, continuou a sua jornada com o filho nos braços: tinha prometido a Nossa Senhora que só a ela o entregaria. Chegada a comitiva à ermida, armou-se o acampamento real. A Rainha foi logo depor o corpo do infante no altar da Virgem, enquanto o Rei ficava dando ordens para que fizessem as exéquias. Sucedeu, entretanto, que um monteiro do Rei, transgredindo as ordens, soltou o seu açor. Num segundo, a bela ave sulcava os céus em liberdade, voando para longe, para o alto dos penhascos, de onde jamais voltaria sem dúvida. O Rei, furioso, ordenou que cortassem o braço do transgressor. Este, por sua vez, convicto da sua falta, implorou proteção à Virgem, arrependido sinceramente do ato irrefletido. Perante a sua fé simples, a Virgem não faz esperar a resposta: inverte o voo ao açor, que, descendo em círculos, vem pousar na mão que ia ser cortada, renunciando à liberdade que ansiara. Ao mesmo tempo, dentro da ermida onde a Rainha velava o corpo do infante, uma luz desceu sobre a criança, que abrindo os olhos, sorriu à sua volta, tornando à vida, livre do defeito com que nascera. A um grito da Rainha, o Rei, que observava o insólito facto do retorno do açor, entrou correndo na ermida, atempo de presenciar os primeiros revagidos de seu filho. Louco de alegria, o Rei ali mesmo prometeu erguer uma igreja, mais digna da miraculosa Senhora. Deste modo se construiu a igreja hoje existente, e que, em memória do duplo milagre, ficou a chamar-se de Nossa Senhora dos Açores. Ainda hoje, conforme essa promessa feita, (a aldeia) Açores constitui o principal e mais importante centro de romaria. A esta padroeira vários milagres são atribuídos:

"O Açor e o Pajem" <http://www.cm-celoricoabeira.pt/utills/showfoto.asp?id=/images/500/concelho/acoes/vista-do-jardim.jpg>

Um rei cristão que veio de longe em peregrinação fazia-se acompanhar por um pajem que, segurava um açor destinado à caça de altanaria. Porém, o pajem descuidou-se e a ave fugiu das suas mãos, o que irritou grandemente o monarca, que de pronto sentenciou que lhe fosse cortado um braço. O criado vendo-se afrito, pediu auxílio à Senhora que atendeu o pedido do pajem fazendo com que o açor viesse de novo pousar milagrosamente no braço do criado, safando-se este da mutilação.

"Milagre da Batalha da Penhadeira"

Em 1187, um poderoso exército castelhano, entrou em Portugal, invadindo e apoderando-se de vários castelos beirões. Quando estavam em retirada foram surpreendidos por um pequeno exército, chefiado pelos alcaides de Trancoso e Celorico da Beira, que com ajuda da virgem do Açor venceram os castelhanos. Deste milagre surgiu a romaria à Senhora do Açor. Ainda segundo Daniel de Sá, Gonçalo Velho Cabral era muito devoto da Nossa Senhora do Açor e, quando foi encarregue da viagem de exploração às ilhas avistadas por Diogo Silves, pediu a proteção à Virgem. Quando descobriu a primeira deu-lhe o nome de Santa Maria, em agradecimento pela descoberta. Ao descobrir as outras, verificou que era um arquipélago e deu-lhe o nome de Açores, em honra da sua protetora. Outros autores, ignorando esta possível origem do nome, pretendem que o conhecimento das ilhas teve lugar aquando do regresso das expedições às Canárias (entre 1340-1345) no reinado de D. Afonso IV (1325-1357).

Com base no contista, poeta, historiador, que é Daniel de Sá, verifica-se que corrige no seu livro Açores (ed. Everest) as versões que circulam em rede sobre o Descobrimento:

Gonçalo Velho Cabral que, a mando do Infante D. Henrique (quinto filho de D. João I e o principal impulsionador dos Descobrimentos), organizou o povoamento de Santa Maria e São Miguel, talvez tenha sido também o padrinho destas ilhas honrando Nossa Senhora dos Açores, que se venera na antiquíssima igreja gótica de Aldeia Rica, na Beira Alta, que era da sua especial devoção.

Data de 1345 o "Libro del Conoscimiento", de um frade de Sevilha, que teria acompanhado essas expedições portuguesas, descreve diversas ilhas:

Sobí en un leño con unos moros e llegamos a la primera isla, que dizen Gresa, e après d'ella es la isla de Lançarote. E dende fui a otra isla que dizen Salvaje, [Selvagens, Madeira] e a otra que dizen la isla Desierta [Desertas, idem], e a otra que dizen Lecmane [Madeira], e a otra el Puerto Santo [Porto Santo], e a otra la isla del Lobo, e a otra la isla de las Cabras [S. Miguel], e a otra la isla del Brasil [Terceira], e a otra la Columbaria [Pico], e a otra la isla de la Ventura [Faial], e a otra la isla de San Jorge, e a otra la isla de los Conejos, e a otra la isla de los Cuervos Marines [Flores e Corvo], e en tal manera que son veinte e cinco islas. (Monterey, 1981:28).

Após esta descrição, manter-se-ão os nomes das ilhas dos Açores nas cartas náuticas, por mais de um século:

1351 - O *Portulano Mediceo Laurentiano* (Atlas Laurentino, Atlas Mediceo), na Biblioteca Nacional de Florença, Itália, assinala as ilhas "Cabrera" (Santa Maria e S. Miguel), Brasil (Terceira), Ventura (Faial), Columbis (Pico), Corvis Marinis (Flores e Corvo) e a de S. Jorge, sem, no entanto, a nomear.

1375 - O *Atlas Catalão*, de Jehuda Cresques, na Bibliothèque Nationale de France, Paris, nomeia a ilha de S. Jorge.

1384 - O *Atlas Walckenaer-Pinelli* assinala a ilha de Santa Maria

1385 - A *Carta de Soleri* assinala as ilhas anteriormente apontadas e mantém a indicação da "Capraria" (Sta Maria e S. Miguel).

1413 - O *mapa de Maciá de Viladestes*, na Bibliothèque Nationale de France, assinala a ilha de Santa Maria.

1426 - A *carta de Giacomo Giraldi*, assinala a ilha de Santa Maria.

Uma outra explicação, mais simples e plausível é através do aportuguesamento da designação genovesa ou florentina das míticas *ilhas azuis*. Esta versão é a menos estimada pelos estudiosos da nomenclatura açoriana. A partir do vocábulo *azzurro*, ou *azzorre*, isto é, *azuis*, terá nascido o nome *açores*. De facto, o carregado verde azulado da vegetação nativa dos Açores, que então recobria totalmente as ilhas, fazem-nas parecer azuis, mesmo quando vistas a curta distância. Resumindo, as ilhas acabaram por ser chamadas assim:

- **Santa Maria** - padroeira do descobridor Gonçalo Velho Cabral pois no dia em que a avistou era o dia dedicado a Santa Maria de agosto.

Outros autores pretendem que o conhecimento das ilhas dos Açores teve lugar quando do regresso das expedições às Canárias realizadas cerca de 1340-1345, sob o reinado de D. Afonso IV (1325-1357).

- **S. Miguel** - em honra do santo do mesmo nome quando um escravo africano em fuga a avistou do alto do Pico Alto de Santa Maria em dia de S. Miguel Arcanjo. A alternativa a este batismo deve-se à cura de D. Pedro, irmão do Infante D. Henrique. Estando muito doente, quase a morrer; a família resolveu levá-lo ao altar de S. Miguel Arcanjo. D. Pedro recuperou milagrosamente a saúde e o Infante D. Henrique manteve grande devoção a S. Miguel por ter salvado a vida de seu irmão. Convém esclarecer e que ao contrário de registos circulando na rede S. Miguel não é nem nunca foi Maida, Mayda, ou Ilha dos Demónios a qual parece ser a continuação de uma tradição referente a uma ilha Mam ou Man Satanaxia em mapas medievais. Foi uma das mais duradouras ilhas lendárias do Atlântico e aparece em mapas de 1375 a 1906.

- **S. Jorge** - em honra de outro santo, mas o descobrimento e povoamento estão envoltos em mistério. A primeira referência data de 1439. Em 1470 existiam núcleos de colonos na costa oeste e sul e a povoação de Velas fora fundada. Foi então que chegou o flamengo Wilhelm Van der Haegen, que, no Topo, criou uma povoação, onde veio a morrer com o seu nome convertido para Guilherme da Silveira. Rápido deve ter sido o povoamento bem como a sua prosperidade, pois a sua capitania era doada em 1483, a João Vaz Corte-Real, donatário de Angra na Terceira. Velas recebeu foral de vila antes do final do século XV. "é evidente que a ilha de S. Jorge, no ano de 1439, estava descoberta e em 1443 havia n'ella habitantes. Estas ilhas foram mencionadas na Livraria Laurentina, de Florença, dando-se ahi ao grupo de S. Jorge, Pico e Fayal, a designação de Insule de Ventura Sive de Columbis" (Diccionario de Geographia Universal, 1º vol. pp. 16). "E no mappa catalão de 1375 teve a ilha a indicação de San Zorze, significativa do dia do seu descobrimento. (Archivo dos Açores, vol. X p. 279). É de presumir que o nome dado à ilha proveio

do mappa catalão, onde foi designada por San Zorze, allusivo ao dia do seu descobrimento, ou então é uma coincidência muito notável a descoberta feita pelos portugueses em igual dia, 23 d'abril" [op. cit.]. O primeiro documento que fala sobre o povoamento da ilha é um trecho do testamento do Infante Dom Henrique, falecido em 1460, que diz: "...ordenei e estabeleci a igreja de S. Jorge na ilha de S. Jorge". Oficialmente foram criadas três vilas: Velas (1500), Topo (1510) e Calheta (1534).

- **Graciosa** - provavelmente deve o seu nome às paisagens marcadas por aglomerações de baixas montanhas, colinas dispersas e pequenos cones vulcânicos, não atingindo os 100 metros de altitude. Contrastando com as demais ilhas, a população concentra-se no interior. O epíteto "ilha branca" deve-se, provavelmente ao facto de existirem rochas claras na costa sul, onde a encosta da Serra Branca se junta ao mar;

- **Pico** - O nome tem origem na montanha que a domina num pico pronunciado, sendo o mais alto de Portugal.

É a mais montanhosa ilha dos Açores, com 2351 m de altura. Após a sua descoberta, antes de 1439, era designada S. Dinis. Começou a ser povoada em 1460;

- **Faial** - Deve o seu nome à abundância de árvores de pequeno porte chamadas faia-das-ilhas (lat. *Myrica faya*).

Em 1460, a designação henriquina era "Ilha de S. Luís [de França]". Aparece pela primeira vez no Atlas Catalão de 1375-1377, como "Ilha da Ventura". Gonçalo Velho Cabral, em 1432, terá achado as ilhas do Grupo Central. Diogo de Teive passa ao largo do Faial na sua primeira viagem de exploração para ocidente dos Açores, em 1451. O único relato coevo conhecido da primeira expedição à ilha pertence a Valentim Fernandes da Morávia. Diz que o confessor da Rainha de Portugal, Frei Pedro, indo à Flandres, como embaixador junto da Duquesa de Borgonha (Infanta D. Isabel de Portugal) relacionou-se com um nobre flamengo chamado Joss van Hurtere, ao qual contou como se acharam as ilhas em tal rota e que havia nelas muita prata e estanho. Os Açores eram as supostas Cassitéridas. Hurtere convenceu 15 homens de bem e trabalhadores, dando a entender, de como os faria ricos se o acompanhassem.

- **Corvo** - pela colónia de corvos marinhos lá existente. A designação henriquina é Ilha de Santa Iria que também se aplicaria às Flores. Foi também chamada "Ilhéu das Flores", e "Ilha do Marco", pelo monte do Caldeirão servir como referência geográfica para os marinheiros. Nos mapas genoveses do século XIV e Atlas Mediceo de 1351, é mencionada a "Insula Corvi Marini" (Ilha dos Corvos Marinhos) entre as sete ilhas que compunham o arquipélago. É provável ser uma designação para ambas [Flores e Corvo], como parece ser o caso no chamado Mapa Catalão de 1375.

- **Flores** - o seu nome deve-se à variedade de flores e plantas. Inicialmente, foi denominada de S. Tomás ou de Santa Iria. O nome foi mudado para Flores, devido à abundância de flores amarelas (cubres) cujas sementes foram possivelmente trazidas da península da Florida, América do Norte, por aves. A hortênsia (nos Açores "novelões") foi introduzida no século XIX. Esta planta, chamada Hidranja ou Hidrângea é nativa do sudeste asiático (Japão, China, Himalaias e Indonésia). Hidrângea é uma palavra grega composta (de água e vaso) usada desde 1739. O nome hortênsia surge a partir de 1773 em honra de Hortense Lepaute, astrónoma que definiu o período do cometa Halley. Hortênsia não é considerada nomenclatura científica e apenas se refere à subespécie trazida das ilhas Maurícias: *Hydrangea macrophylla*.

- **Terceiras** - Como já se conheciam os arquipélagos das Canárias e Madeira, as novas ilhas eram conhecidas como Terceiras. Ali se situava o porto onde os barcos dos descobrimentos aportavam para se abastecerem, os navegadores portugueses passaram a dizer que iam à Terceira. O trigo era a principal cultura açoriana.

Brasil / Terceira - Cento e cinquenta anos antes da descoberta do Brasil já havia nos Açores esse nome. A origem é contraditória. As raízes estão em vocábulos italianos da Idade Média para designarem o vermelho: *verzino*, *barcino*, *verzi*, *berzi*, *varzino*, *brazino* e a palavra latina *brasile* "aspeto de brasa". "Terras do Brasil" seriam as regiões onde se encontravam plantas tintureiras. Também no Oriente há espécies diferentes com o nome de "brasil". O Monte Brasil é uma península com pouco mais de um quilómetro de largura e fecha a Angra que dá o nome à cidade. Já tinha esse nome antes de Pedro Álvares Cabral topar com o Monte Pascoal. Em 1436, nove anos depois da descoberta e três anos antes do povoamento dos Açores, a ilha foi assinalada como I. de Brazi no mapa-mundo do veneziano Andrea Bianco. Desde 1325 nos mapas e antes nas lendas, uma ilha chamada Brasil rondava o imaginário europeu e continuou a assombrar as cartas marítimas entre a Irlanda e os Açores. "Brasil" são duas palavras com etimologias e histórias diferentes. Uma, de origem celta, deu nome à ilha lendária, ao monte Brasil dos Açores, a um recife canadense e ao sobrenome Brazil de descendentes de irlandeses. A outra, de origem árabe, deu "brasa", "braseiro" e "pau-brasil" e o nome do maior país da América do Sul. "Wars" é o nome árabe de uma planta iemenita ("*Memecylon tinctorium*"), usada para tingir tecidos. Dela derivam o verbo "warrasa" (tingir vermelho-alaranjado) e o adjetivo "warsii" (cor de brasa). Maomé proibiu o seu uso nas roupas dos peregrinos a Meca. Os árabes chamam "warsii" a corantes vegetais que forneciam uma tonalidade semelhante, e o mais importante era extraído da árvore "pau warsii" ou pau-brasil. O Brasil irlandês nasceu em Dubhadh ou Sidhe Breasail, hoje Dowth, o mais imponente monumento pré-histórico irlandês. Breasal, filho de Felim, é o lendário antepassado de um clã Breasal no lago Neagh (Ulster), que em inglês é Clan Brazil e do qual descendem muitos de apelido Brazil. Mas no Brasil há algo mais intrigante do que a origem do nome. São vestígios de presença humana, há pelo menos 15 mil anos, como ossos humanos na Lagoa Santa (Minas Gerais) e cerâmica no baixo Amazonas. Quando os europeus chegaram ao Brasil havia entre 1,5 e 5 milhões de habitantes. No Nordeste, datações superiores a 10 mil anos foram constatadas na Bahia em Coribe (Morro Furado), em Central (Toca de Manoel); em Pernambuco, em Bom Jardim (Chã do Caboclo) e Brejo da Madre de Deus (Furna do Estrago); no Rio Grande do Norte em Parelhas (Sítio Mirador), em Carnaúba dos Dantas (Sítio do Alexandre). No Piauí além do Boqueirão da Pedra Furada, no Sítio do Caldeirão do Rodrigues I, obteve-se a data de 18.600 anos e 10-15 mil anos no Sítio do Meio, no Sítio da Janela da Barra do Antonião e no Sítio do Perna I. Finalmente, no vale do S. Francisco, em Petrolândia (PE), a Gruta do Padre e o Sítio do Letreiro do Sobrado forneceram datações entre 7 e 5 mil anos".

10.3. MEMÓRIAS DE BALI

Em Bali nos meses que lá vivi, a melhor água era a do mar que ficava a uns meros cem passos da minha choupana de colmo. Era uma cabana duns 30 metros quadrados, com janelas de bambu a toda a volta, e umas traves fortes no teto a segurar a cobertura de colmo. Ao acordar, era levantar e ir dar um mergulho naquelas águas quentes, sem preocupações, sem amanhã, nem ontem. Cá fora havia as instalações sanitárias que até eram ocidentais... e isso contrastava, felizmente para mim, com as do primeiro “losmen” onde vivi em que tínhamos um buraco no chão, com duas pegadas grandes onde era suposto colocarmos os pés e depois para fazer as necessidades tínhamos de nos agachar, à boa moda oriental. Para nos lavarmos havia uma espécie de um grande tanque de lavar a roupa, com um balde que tínhamos de encher e depois despejar por cima de nós quando já estávamos ensaboados. Havia ainda, pendurado do teto, um pequeno espelho para aqueles que ainda faziam a barba, uma atividade rara nos idos de 1973-1975.



Casa em Legian Beach 1974



a minha casa em Legian era como esta

A princípio aquilo fazia uma certa impressão, mas depois de viver em Timor sem banhos quentes, e raramente tendo acesso à luz elétrica, esta vida era ainda mais primitiva e mais simples. Foi lá que comprei o meu primeiro par de “jeans” (calças de ganga chamam-lhe os portugueses) e umas sandálias à Jesus Cristo, enquanto o cabelo e a barba cresciam e surgia uma fita na testa. Ao chegar a Bali nada conhecia desta realidade, além do que ouvira aos “hippies” em Díli na “Beach House (o Hilton Hippie)” em plena praia de Lecidere, e fui para o alojamento mais barato que encontrara: um losmen... era uma instituição bem curiosa, uma espécie de casa de hóspedes ou albergaria comunitária ocupado maioritariamente por jovens ocidentais como eu. Um retângulo em torno de um jardim central. O meu chamava-se *Sapta Petala* (*Sete partes descrevendo a vida do homem. Sapta Petala é um símbolo das sete hierarquias da vida humana*) com 12 quartos em volta, e no centro do jardim havia a casa dos donos, uma casa comunitária em bambu, toda aberta, com a sua cama elevada dominando o centro e com uma espécie de pequeno jardim entre a varanda que corria a toda a volta em frente à porta dos quartos e a casa dos donos do losmen. Era ali onde, interminavelmente, dia após dia, o jovem “Sam” Katut tocava o xilofone de bambu evocando as lendas e tradições locais do célebre livro sagrado a *Rāmāyana*⁸. Toda a vida girava em volta do centro, a casa, onde continuamente preparavam o chá quente para encher as garrafas termos que colocavam com um biscoito à porta dos hóspedes.

8 A Rāmāyana (रामायणम्, *Rāmāyaṇam*, Sânscrito: marcha ou jornada (Āyana) de Rāma) que é parte do Hindu smriti, escrito por Valmiki. Este épico de 24 mil versos em sete kānds (capítulos ou livros) fala-nos dum príncipe Raghuvansi (Sânscrito - "Da Dinastia do Sol"), Rama de Ayodhya, cuja mulher Sita é raptada por Rākshasa, ou demónio, Rāvana. A Rāmāyana teve uma importância notável na poesia tardia em Sânscrito, sobretudo devido ao facto de ter criado a métrica Sloka. Mas, à semelhança do seu primo épico Mahābhārata, a Rāmāyana não é apenas uma boa história. Contém os ensinamentos dos velhos sábios hindus e apresenta-os através de alegorias na narrativa, misturadas com aspetos de devoção e de filosofia. Os personagens Rama, Sita, Lakshmana, Bharat, Hanumāna e Rāvana (o supervilão da história) são todos fundamentais numa consciência alargada da Índia Tal como os Cristãos historicamente acreditam no nascimento de Jesus, as pessoas da religião Hindu creem no nascimento de Rāma. Interpreta-se com sendo datada de 3000 a.C. (com base nos dados astronómicos da Rāmāyana). In Wikipédia <http://en.wikipedia.org/wiki/Ramayana>



Praia de Kuta dezº 1974 maio 1975



De manhã era normal ver todos os membros da família a preparar as oferendas dum cesto de comida e um pau de incenso que iriam colocar nas representações das divindades na esquina da estrada. Eram estatuetas pequenas, de feições aterradoras, normalmente vestidas com uma espécie de saia de chita aos quadrados pretos e brancos. Havia-os na esquina da estrada da praia de Kuta para Denpasar e noutras esquinas. Esses pequenos cestos, de uma leveza e complexidade incríveis, têm por única função acomodar uma flor, uma vela, um pedaço de incenso. Colocam-se no chão, numa encruzilhada, num rodapé, para agradecer aos deuses (e são tantos!) que vivem diariamente com os balineses. Estas oferendas são biodegradáveis, e acabam sendo reincorporadas na natureza. As meninas cantam uns cânticos, enquanto seguem as mães ou irmãs mais velhas durante as cerimónias, umas aprendendo com as outras.

O animismo, a crença nos demónios e nos espíritos malévolos, mantêm-se bem arraigados. Os balineses têm uma visão dualística do mundo: o céu e a terra, o dia e a noite e os deuses e demónios são o oposto, mas com a mesma importância. A isto que se refere o pano, tipo saiote, de xadrez que é sempre usado em decorações de templos e estátuas. Quer os deuses quer os demónios necessitam de oferendas para se apaziguarem. Muitas vezes estas oferendas não passam dum pedaço de banana com um pequeno cesto de arroz ou um pequeno cesto de flores. São estes que se encontram por toda a parte e não apenas em templos, mas muitas vezes também são colocados no chão e aí de quem os pisar, como aconteceu a alguém que me acompanhava e que ouviu durante uma eternidade uma série de improperios em balinês ou indonésio. Nunca cheguei a saber se era um esconjuro ou não, nem se a maldição se cumpriu. Quem me acompanhava perdeu-se na voragem de pessoas que preenchem a vida de cada um, depois, tal como apareceram, misteriosamente desaparecem sem deixar rasto, nem sequer o fumo dum nome ou a névoa dum face. São como as pupas das borboletas que cumprem a sua função transitória e desaparecem.

Depois desse losmen *Sapta Petala* passei a viver numa minúscula casa dum quarto só, toda pintada nas paredes exteriores por anteriores locatários, em *Poppy's Lane* (quem desce do lado esquerdo) a meio caminho entre Legian e *Kuta Beach*. A casa era uma verdadeira obra de arte em permanente construção. Nada lhe acrescentei, pois, a minha área como perito era mais dos gafafunhos que dos riscos.



ESTA ERA A PEQUENA E MAGNIFICAMENTE DECORADA VARANDA DE ENTRADA PARA A CASA DUM QUARTO SÓ, EM POPPY'S LANE A MEIO CAMINHO ENTRE LEGIAN E KUTA BEACH.

Esta viela (*Poppy's Lane*) era, na altura, um mero caminho poeirento ou lamacento, sendo hoje um mercado de tendinhas alcatroado. Há 35 anos era uma estrada de areia orlada de palmeiras e cheia de buracos, normalmente cheios de água das chuvas.



Poppies Lane 1975



Poppies Lane em 1975



em 2012 Poppy's Lane é assim, mas há 30 anos era



uma estrada de areia orlada de palmeiras e cheia de buracos no chão, normalmente cheios de água das chuvas.



O que era o Poppy's?⁹



O Poppies' bar original 1975



⁹ The story goes that during the late 60s and early 70s a small restaurant called Poppies already existed in La Jolla, California, and was patronized by certain famous Hollywood personalities of the day. The restaurant was named after the state flower of California, the Golden Poppy, which is actually more orange than gold, and grows wild throughout that state. In 1972 rumour has it that this restaurant closed down; its former owners were holidaying in Bali at the same time as their friends George and Bob, who had met a young Balinese girl named Zenik Sukenny ("Jenik"), with whom they planned to open a restaurant and bar in Kuta, Bali. Zenik was already operating her own highly successful little streetside restaurant called "Jenik's Warung", which served simple meals to the overlanders and travellers of the day, another of which was John, who happened to like laying out gardens. The first four cottages were built in 1974/75, and twenty more followed in 1980/81. A pool was added in 1987, and the newer group of cottages was renovated in 1996, and again in 2006. In establishing the layout for the cottages John worked closely with Zenik's cousin who was a Balinese craftsman. The combined ideas produced the result so appreciated by visitors - a blending of traditional building styles and details with modern Western comforts, including privacy which is provided by the gardens and curved pathways. There are now two other restaurants in Bali - the Kopi Pot in Kuta, opened in 1990, and Strawberry Hill in



cabanas do Poppies's original em 1975

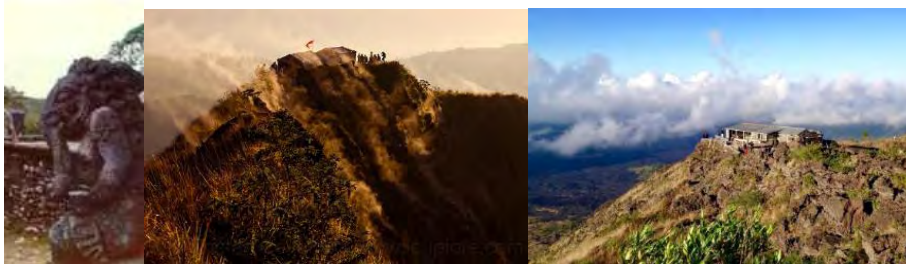


First Poppies' Staff, 1973

Bali é muitas vezes denominada “Ilha dos 1000 Templos” ou “dos Deuses”. As aldeias têm sempre três templos: *Pura Desa*, para os festivais religiosos, *Pura Dalem* para a Deusa da Morte (é aqui que se iniciam os rituais da cremação) e *Pura Puseh* dedicado aos Deuses do Céu. Há templos por toda a parte, na montanha, nos vales ou nos inúmeros arrozais em socalcos (onde há um templo apenas dedicado à Deusa do Arroz) e até mesmo na costa. Todos são diferentes. Há quem fale em mais de 300 mil templos na ilha, outros falam de 20 mil, milhares há decerto, mas apenas vi algumas dezenas nos enriquecedores meses da vida na ilha. Verdade seja dita que eu não fora lá para contar templos. A religião balinesa está bem ativa. Bali tem duas montanhas sagradas, o *Gunung Agung* (com o vulcão do mesmo nome) e *Gunung Batour*. Talvez o mais sagrado seja o grande templo de *Besakhi* nas encostas do monte Agung (3 150 m), um vulcão que nunca adormece profundamente.



O Gunung Agung (atrás com o vulcão do mesmo nome) e Gunung Batour, as duas Montanhas Sagradas de Bali



estive aqui no topo, numa tarde chuvosa e ventosa, cheio de frio e de medo pois as fumarolas estavam muito ativas nesse dia.

Em 1963, um erro cometido na data da cerimónia do centenário do Eka Desa Rudra terá feito despertar a cólera do vulcão, após um repouso de 120 anos. Foi considerado milagre o templo não ter sido afetado apesar de se terem registado mortes e danos consideráveis. Este evento, o mais majestoso de todos apenas se realiza uma vez em cada cem anos. Uma cerimónia espetacular de purificação em que a harmonia e o equilíbrio nas pessoas e na natureza são restaurados em onze direções diferentes. Toda a população de Bali acorre para assistir ao festival. O que ocorreu em março 1963, ou seja, antes 16 anos da data prevista, deveu-se a uma tentativa do ditador Sukarno impressionar um congresso mundial de agentes de viagem. Ia a cerimónia a meio quando o Gunung Agung começou a vomitar cinzas e fumo antes de explodir na sua mais violenta erupção em seiscentos anos. Mais de mil e seiscentos mortos e oitenta mil desalojados foi o custo da imprudência religiosa do ditador indonésio.

the mountains at Bedugul, opened in 1993. There is now a large vegetable garden in Bedugul which supplies the needs of all three restaurants.

Não só este, mas todos os grandes festivais são cortejos coloridos. São celebrados por todos com enormes procissões ao templo. Vão acompanhadas de músicos a tocarem gamelão, um instrumento musical coletivo constituído por metalofones, xilofones, gongos e outras percussões. Alguns homens levam bambus altos com bandeiras brancas e amarelas, outros seguram guarda-sóis dourados de hastes compridas sobre um andor. Vão à ribeira purificar-se, pois em cada aldeia existem pontos de água sagrados. Animada pelas mantras, esta água torna-se água de exorcismo: irá lavar as oferendas sagradas.



Templo Kintamani Pura Ulun Danu Batur Candi Bentar em Pura Beji, norte de Bali Merus em Pura Batour Lago Batour

Todos os templos têm duas áreas abertas, um ante-pátio exterior para o qual se entra pela entrada dividida ou *Candi Bentar*, e um pátio interior para o qual se entra através duma porta com telhado ou *Padu Raksa*. A palavra para templo é *Pura*, derivada do sânscrito que se traduz literalmente como um lugar cercado por paredes. Os templos balineses têm dois ou três pátios, cuja entrada exterior é normalmente elaboradamente decorada com relevos na pedra e duas estátuas, uma de cada lado a servirem de guardiões do templo. O pátio externo está separado do interior por uma parede cuja entrada é a porta com telhado, a *Padu Raksa*. As paredes estão decoradas com baixos-relevos descrevendo cenas históricas que podem vir da tradicional mitologia *Mahabharata*, ou meras cenas da vida quotidiana em Bali.

No meio do pátio interior existe uma imponente árvore frangipana (*Plumeria rubra*, ou frangipana, jasmim-manga, árvore-pagode) ou uma figueira *waringin* (*Ficus benjamina*). No primeiro pátio exterior, fazem-se as preparações para os ritos religiosos ou os festivais do templo. No interior está o autêntico santuário com altares e tronos dos deuses. Cada templo tem um altar para o deus local dos antepassados (e é o mais importante de todos os altares), e dois altares para as montanhas sagradas *Gunung Agung* e *Gunung Batur*.



Merus em Pura Batour no Lago Batour

Impressionantemente avassaladores pela majestosidade são os *Meru*. Parecem pagodes chineses de madeira, assentes numa base de pedra e podem ter até onze fileiras de telhados cobertos com folhas ou fibra negra de palma, cuja arquitetura, data de construção, tipo de madeira, obedece ao calendário balinês e a uma complexa teia de normas. Os *Meru* têm sempre um número ímpar de fileiras. Com onze fileiras são dedicados a *Shiva*.

O povo balinês mantém-se conservador e tradicional, sendo muito educado e sorridente, e utilizando o aperto de mão como cumprimento normal para homens e mulheres. A mão esquerda é utilizada para higiene e nunca se deve dar ou receber seja o que for com essa mão, nem sequer apontar com ela. Quanto a vestuário, tenha sempre um sarong à mão.

Para os ocidentais uma visita a um templo obriga a que se adapte o vestuário, pois não se pode entrar utilizando as roupas ocidentais, por mais púdicas que sejam. Terão sempre de vestir o *sarong*, com uma faixa ou banda de pano em volta da cintura a segurar essa espécie de longa saia, tipo *sari*, usada comumente por homens e mulheres em todo o oriente. É impossível penetrar num lugar santo sem esse retângulo de pano apertado na cintura e a descer até aos tornozelos. As cerimónias nos templos e outros rituais são sempre eventos sagrados pelo que a utilização desse vestuário apropriado é obrigatória.

Nas visitas aos templos podem ainda vestir-se com o traje nativo "*pakian adat*", as mulheres de cabaia, *kain* [saia] e faixa, e os homens de *udung* [bandana na cabeça], um *saput* comprido por cima do *sarong* [aliás a designação correta deveria ser *kamben*] e faixa. Se estiver a ocorrer um festival não deve entrar sem ser convidado. Na entrada dos templos havia quase sempre um letreiro que impressionara (e chocara da primeira vez que o vi) em 1974. Depois habituei-me a vê-lo repetido, muitas vezes em quatro línguas, lembrando que o ingresso no templo é interdito às pessoas "impuras", como as mulheres no período menstrual. Por uma lei religiosa ancestral, mulheres menstruadas ou qualquer pessoa com uma ferida ensanguentada não podem entrar nos templos. Seria talvez uma ideia genial a aproveitar para os templos portugueses dada a impureza que grassa em Portugal...

A dança constitui, para os Balineses, um meio de comunicar com os deuses. Os bailarões mimam as cenas da época hinduísta *Rāmāyana* bem como episódios míticos em que participam monstros, feiticeiras, o amor e o ódio. O *legong kraton*, uma das danças clássicas, não pode ser interpretado a não ser por duas jovens de menos de dezasseis anos. Uma longa tira encerra o busto das bailadeiras que executam passos muito precisos, acompanhados de movimentos de cabeça, dos ombros e do corpo. As outras danças (o *Kecak*, o *barong kris* ou o *tari legong*) são igualmente mesmerizantes e sempre acompanhadas pela música que a princípio se estranha e depois toma conta de nós. Se a princípio parece monocórdica, depois apodera-se de todos parecendo ter várias tonalidades sonoras.

A religião Balinesa baseia-se no Hinduísmo, mas incorpora inúmeras influências anteriores e crenças animistas em especial no que concerne à adoração dos antepassados. Em tempos imemoriais, o fundador duma aldeia era venerado como um deus após a sua morte. Quando os príncipes Hindus de Java ocuparam a ilha a sua forma de adoração dos mortos aproximava-se bastante da dos habitantes de Bali. Os vários deuses (Terra, Fogo, Água e Fertilidade) eram vistos como manifestações diferentes do *Trimurti*, a trindade Hindu de *Brahma*, *Vishnu*, e a criadora - destruidora *Shiva*. Bali tem um sistema de castas Hindu semelhante ao da Índia, mas nenhuma se assemelha aos Párias da Índia. A casta mais elevada é a dos *Brâmanes*, sacerdotes. A seguir vêm os nobres (membros das antigas famílias reais de Bali) denominados *Ksatriyas*. A terceira casta é a dos *Vesija*, os guerreiros. A mais baixa é a dos *Sudra*, à qual pertence quase 95% da população de Bali. Os membros das castas mais elevadas usam títulos especiais como *Gusti* (membro dos guerreiros), *Ida Ayu* or *Ida Bagus* (mulher ou homem, respetivamente duma família Brâmane), ou *Anak Agung* (membro da casta *Ksatriya*), etc.

Por outro lado, o animismo, a crença nos demónios e sobretudo nos espíritos malévolos mantém-se bem arraigado. Cada ano em Bali só dura 210 dias e não 365...o que dá uma média de uma festa em cada 3,82 dias de Bali. A um forasteiro ninguém estranharia se dissesse que a ilha está sempre em festa. É nessas ocasiões que os tocadores de gamelão fazem o ar vibrar, as oferendas de flores e frutos enfeitam os altares e a alegria dos deuses se derrama sobre todos os participantes. Em *Besakhi*, no templo-mãe, são programadas cinquenta e cinco festas todos os anos.

As tradições exóticas desta cultura milenar, diferente das restantes 18 mil ilhas indonésias, continuam a serem preservadas apesar duma certa massificação turística intensificada após 1975 duma forma generalizada, pois representam a principal fonte de rendimento dos Balineses. As festas quotidianas, danças e oferendas aos deuses venerados na ilha são rituais cada vez mais aplaudidos. O espetáculo de *Wayang Kulit* (teatro de sombras) começa todos os dias ao pôr-do-sol. O cenário é simples: um ecrã de algodão branco estendido verticalmente defronte do qual são animadas as marionetas. O *dalang*, que manipula as figuras, oficia como uma personagem sagrada: ele tem a sombra dos deuses na ponta dos dedos. Inesquecível, um autêntico transe. Originalmente, os *wayang kulit* eram retratos em pergaminho dos antepassados já mortos que funcionavam no ritual da representação como receptores dos seus espíritos.



Ngaben em Bali

Torre com 11 telhados, o máximo permitido, destinada ao transporte do morto de sua casa até ao local da cremação. O número máximo de telhados indica a morte de um rei. Quatrocentas pessoas transportaram essa torre de 25 metros, com o Rei Pemecutan morto. A honraria dos 11 telhados só é concedida aos nobres Brâmanes - altos sacerdotes. Quase 600 pessoas foram cremadas nesse dia em um ritual semelhante a uma festa, com bebidas e doces em profusão

A não perder é, sem dúvida, a cerimónia religiosa que mais me marcou em toda a vida: o *Ngaben*, cerimónia da cremação. Muitos acreditam que esta é a cerimónia mais importante de Bali, porque catalisa todas as crenças que se manifestam nas cerimónias públicas e rituais mais privados. Como os rituais indicam, a religião hindu balinesa acredita que a alma da pessoa se reencarna, e tem que passar por várias fases para atingir a *Moksha*, ou a libertação eterna. Os que não conseguem atingir a perfeição voltam ao mundo e têm que atravessar as mesmas fases, em busca da libertação. Depois da morte, os cinco elementos cósmicos - ar, terra, fogo, água, e espaço exterior - acompanham a pessoa na viagem após a morte, e ajudam-na a atingir a *Moksha*.

Esta cerimónia do Ngaben não pode ser feita a qualquer dia nem pode ser oficiada por qualquer pessoa. Terá que se determinar um dia propício e a família do morto ou morta deverá financiar a grande cerimónia e festa. Se o dia propício à cremação só chegar anos após a morte, constitui um problema para a alma da pessoa, que não pode ser libertada. Durante esse compasso de espera o corpo é temporariamente enterrado. Quando chega o dia da cremação, o corpo é desenterrado para a cerimónia. Se uma comunidade tiver vários corpos enterrados com as famílias a esperarem a época propícia para a cremação, é possível haver uma cremação conjunta, o que ajuda às despesas. Esta procissão não pode ir diretamente para o lugar da cremação, porque se o espírito do morto se lembrar de onde vivia, pode voltar para importunar a família, pelo que será preciso confundir-lo quanto ao caminho de regresso à casa da família. Também é necessário atrapalhar os possíveis espíritos desocupados que se encontrem pelo caminho da procissão e resolvam segui-la. Se considerarmos que o espírito do morto também se pode lembrar de onde vivia, isto resultaria numa grande confusão de espíritos, trazidos pelo espírito do parente morto para apoquentar a família.

Os balineses têm por hábito reunir em grupos para conversar e contar histórias, portanto não seria de estranhar que os seus espíritos continuassem a fazer o mesmo, e acabassem por ir bater à casa do morto. Isto faz bastante sentido, e motiva a que as procissões funerárias, além de serem coloridas e festivas, também sejam complicadas, porque envolvem andar em círculos, definir caminhos de ida e volta, enquanto um sacerdote sentado no andor deita

uma aspersão de água benta na procissão e nos que se encontram à beira da estrada, para protegê-los. Vale tudo para confundir os espíritos. Todos os membros duma comunidade têm que participar no evento e contribuir de alguma maneira, mesmo quando a família é rica. Depois da cremação propriamente dita, as cinzas são dispersas no ar e na água (de um rio ou do mar). O corpo deve estar contido num sarcófago com a forma de animal e a escolha do animal varia de etnia para etnia. Alguns são inteiramente surrealistas, formando-se pela mistura de elefantes com peixes ou algo semelhante. Os corpos são envolvidos com finos tecidos - os mais caros que a família puder dispor - e são transportados numa espécie de andor que pode ter apenas um telhado no caso das pessoas pobres e até 11 telhados, o máximo permitido apenas para os reis. A altura desse andor ou armação em bambu, pode chegar até 25 metros e o transporte pelas ruas pode necessitar de 400 pessoas desde a casa do morto até ao local de cremação, cumprindo rituais de dança que fazem a torre girar perigosamente.

A mais impressionante a que assisti - talvez por ser a primeira - ocorreu em plena praia de Kuta e o sarcófago era em forma de vaca. Presentes centenas de pessoas num dia bem quente e húmido como é costume em fevereiro (1975). O cortejo foi levado ao local da cremação, onde o falecido foi devolvido aos cinco elementos originais: a terra (*Pertivi*), a água (*Apah*), o fogo (*Teja*), o ar (*Bau*), e o éter (*Akasa*).

O corpo transportado numa espécie de andor de bambu enfeitado de flores, espelhos e sedas coloridas. Este andor tem um tamanho determinado pela importância do morto e é carregado nos ombros de homens da comunidade. Toda a gente dançava e cantava em volta do andor após ter sido ateadado o fogo. O cheiro era intenso, mas não desagradável numa atmosfera surreal, que não se explica, mas se vive, em presença de toda a conjugação de elementos. Depois das várias horas que demorou a arder, os convivas meteram-se em canoas e foram para o mar onde se despojaram das cinzas. Talvez tivesse sido esse dia indeterminado aquele em que decidi que queria ser cremado com as cinzas deitadas ao Pacífico Sul. Durante muitos anos tive essa cláusula num testamento válido à época, o que muito espantara a minha atual mulher, descrente dessas coisas dos orientes exóticos.

Curiosamente, em outubro 2016, a Igreja Católica desaconselhava as cinzas e proibia que as mesmas fossem guardadas em casa ou lançadas aos elementos, estipulando que deveriam ser guardadas em local de culto...

Em Bali ainda não se usam nomes de “estrelas de cinema, futebol ou televisão” para os recém-nascidos. O primeiro filho recebe sempre o nome de *Wayan*, *Gede* ou *Putu*. O segundo chama-se *Made* (lê-se *máhdei*), *Nengah* ou *Kadek*. O terceiro é *Nyoman* ou *Nengah* ou *Kadek* e o quarto de *Ketut* (pronunciado *katu*). Se houver um quinto filho, é fácil, a lista recomeça em *Wayan* e assim por diante. Tanto faz se for homem ou mulher. Pode parecer estranho, mas os balineses acham o sistema muito simples e prático. Existem ainda outras formas de designar as pessoas num sistema circular de quatro gerações, mas fica para outros pesquisarem, porque envolveria explicar os casamentos interfamiliares e outras noções de homenagem aos mortos que seriam demasiado específicas para este contexto.



UBUD

Falar de Bali obriga a mencionar Ubud que é considerada o coração artístico de Bali, e fica nas montanhas. Ubud é também um centro comercial e turístico desde que artistas do ocidente, a partir de 1940, descobriram a arte local: escultura, pintura, dança, música. Lá encontra-se de tudo, especialmente, trabalhos esculpidos em madeira. Não muito longe fica a Montanha dos Macacos com os seus templos (atenção que são criaturas irritantes e pestilentas), detestei ir ao santuário, pois os macacos eram uma verdadeira peste.

Para viajar em Bali, que é uma ilha grande [atualmente 3,5 milhões de habitantes e 5600 km² enquanto a ilha de S. Miguel nos Açores tem 131 609 habitantes e apenas 750 km²], quando se tem algum dinheiro, aluga-se uma moto e tenta-se sobreviver nas estradas pejudicadas de perigos. Hoje em dia ainda é mais perigoso do que na época em que lá vivi, pois não há regras de trânsito. Se existem, deve ser como em Portugal, só se aplicam se o polícia vier

e obrigar... Lembro-me de mais do que uma vez me ter atirado rapidamente para a valeta a fim de não ser colhido por um dos carros que circulava a grande velocidade como se a estrada lhe pertencesse. Nessa altura ainda se guiava moto sem capacete. Guardo ainda hoje num tornozelo uma cicatriz duma dessas quedas.

Havia também os becak ou riquexós, bicicletas com um assento para passageiros (até um máximo de dois) puxadas pelos pedais e a força dos esqueléticos condutores, autênticas bestas humanas. Quando o dinheiro era pouco usava-se o bemo, transporte coletivo curioso. Só arrancava quando estava cheio e acreditem que aquelas motorizadas com uma pequena caixa chegavam a levar 10 pessoas. (ver foto abaixo). Havia também os becak ou riquexós que eram bicicletas, com um assento para passageiros, puxadas pelo condutor. Hoje estes meios de transporte existem em versões mais modernas e bem mais confortáveis.



Becak,

riquexó

Denpasar 1975

Tudo começou por um acaso a que a minha vontade era alheia. Parei em Bali após um telefonema que me deixou solteiro, geograficamente já o era. Só iria regressar definitivamente depois de terminar o famigerado SMO (Serviço Militar Obrigatório) no Exército Colonial Português, mais propriamente ao serviço do CTIT (Comando Territorial Independente de Timor), em Díli, na Chefia dos Serviços de Intendência. Há tempos, fiz uma estatística: dos casais portugueses que conheci em Timor quase nenhum se mantinha casado! Seria da comida? Da água? Do clima? Que aquela terra marcava as pessoas já se sabia há muito, mas que iria influenciar duma forma duradoura todos os que lá tinham estado era merecedor dum estudo sério. Mais um tema de mestrado a explorar quando o Ministério da Educação anunciar mais uns tantos cursos novos.

Éramos uns três ou quatro nessa nossa primeira aventura em Bali, tudo engatões - os tão típicos machos latinos com vinte e poucos anos -, esfaimados pela ausência de quase tudo em Timor. Em Bali havia muitas mulheres belas e a gentileza e cortesia das locais deixou-nos assombrados. Mais tarde descobriríamos que era só simpatia e mais nada. Ainda hoje me lamurio de nunca ter namorado, flirtado ou coisa assim com uma Balinesa. A comida era barata, a humidade insuportável, mas as praias eram um espanto. Enchi-me de passear, conhecer gente nova e aprender finalmente o que era a vida: *sex, drugs and rock'roll*.

Reconhecem o Francisco Sarsfield Cabral, à esquerda, a meu lado, na foto em baixo?



Depois viria outra paixão louca, o regresso súbito a Timor e uma deserção com ida para a Austrália. Isto viera a propósito da notícia que me preocupara com a reduzida esperança de vida nos Açores. Levava-me a pensar quão feliz já era por ter experienciado isto e muito mais. Cedo conheci gente australiana e apaixonei-me (uma vez mais e sempre loucamente) por uma australiana. Fizemos um casamento tradicional numa cerimónia gira à moda local e vivi com ela até regressar a Melbourne após 2 anos na Europa e uma viagem hinterland através do então pacífico Afeganistão, Nepal, Índia, etc. Fiquei desolado, mas prometi ir ter com ela logo que pudesse.

Como o ato já prescreveu confesso que foi nesta fase que fui "batizado" tardiamente com uns charros dopados a ópio (bob hope), depois numas cachimbadas num chillum e finalmente numa omeleta de 32 cogumelos mágicos que me fez tripar durante seis horas. Nesse período fiz bodysurf apesar do medo ancestral que tinha do mar e recusava-me a sair apesar da chuva torrencial, para depois vir fazer amor no areal sob os palmares como se não houvesse amanhã. Sentia-me verdadeiramente feliz e livre.

Momentos inesquecíveis que me levaram a apanhar o primeiro avião para Díli a custo das habituais centenas de rupias para a corrupção local no aeroporto da metade ocidental da ilha de Timor (Kupang ou Cupão) e lá cheguei a Díli. Nem sequer sabia que Darwin tinha ficado destruído pelo ciclone Tracy na noite de natal...e teria de voar por outro lado. Vendi as minhas coisas para ter dinheiro para a viagem, e nelas se incluía uma das raras máquinas de filmar Super8 que havia em Timor. Consegui dinheiro suficiente para "subornar" alguém da agência de viagens da família do Capitão Chungue e conseguir obter lugar num dos voos sempre superlotados para Jacarta e apresentar-me na Embaixada Australiana acompanhado dum documento que provava ser um oficial do exército português e duma carta dela a garantir-me acomodação garantida quando fosse à Austrália.

A minha carta de condução emitida em Denpasar, Bali, documentos e vistos no passaporte com as entradas e saídas em Timor, Bali e Jacarta, Austrália, etc.





10.4. BALI, AUSTRÁLIA, AMNISTIA, FÉRIAS, VIAGENS

Recapitulemos, depois da amnistia concedida a todos os militares pelo Presidente Spínola, sou finalmente autorizado a partir [novembro 1974] em gozo de licença militar acumulada e prolongada, viajando para Bali e Java (Jacarta, Jogyakarta, Surabaya) antes de visitar a Austrália (Melbourne e Sidney). Ali estabeleci contactos com os diplomatas portugueses naquelas capitais estaduais, e tentei aperceber-me da amplitude da revolução dos cravos e dos sentimentos quanto ao futuro de Timor Leste. Apanhei um avião para Bali, num dos célebres bimotores adiante, mas nem me lembro em qual.



Hawker Siddeley



Hawker de Havilland DH-104 Dove 6 .



Douglas DC2



Disponha então de bilhete de regresso e de dinheiro suficiente para a estadia pelo que rapidamente me deram o visto desejado. Embarquei no primeiro avião para a Austrália e fui instalar-me no económico YMCA (alojamento para jovens cristãos, Young Men's Christian Association). Lembro-me bem de que levava duas malas e mal saí do terminal das linhas aéreas Ansett na baixa da cidade, apanhei um eléctrico em direção a Prahran e o condutor, emigrante jugoslavo meteui conversa comigo e achou piada à minha história e não trocou a nota que lhe dei para pagar a viagem. Foi ele que me indicou onde dormir barato e saí daí a umas paragens no YMCA. Depois saí e apanhei novo eléctrico por St Kilda Rd. e pela Commercial Road. A mãe dela mal me abriu a porta, com cara de poucos amigos e desconfiada deste wog. Disse-me que ela não estava pois tinha ido às corridas de cavalos com umas amigas. Esperei toda a tarde em Malvern Road, frente à rua dela em Bendigo St. sentado num banco na paragem de autocarro na esquina. Por trás ficavam uns prédios horrorosos com mais de 20 andares que eram habitação social construída nos anos 70 numa altura em que se gentrificou o subúrbio que era - até então - predominante irlandês e grego.

Só no segundo dia a vi e ela pergunta-me o que é que eu estava ali a fazer, pois ela regressara para estar com a família e amigos depois de tantos anos fora. Dias depois fomos tomar um café e jantar a um ótimo restaurante na Baixa que este otário pagou. Entretanto conheci o irmão dela, Bryan então ainda casado com uma certa Gayle. Teve pena de mim e tirou-me do miserável hostel onde estava e fui para casa dele uns dias. A mulher dele com quem ele já tinha alguns problemas não apreciou minimamente a vinda deste intruso que andava atrás da cunhada e menos ainda apreciou quando ele me começou a apresentar gente a levar-me a festas e bares, a apresentar-me a amigos e amigas dele, a levar-me a passear e a conhecer Melbourne a subúrbios, praias, etc. A situação, porém, estava tão tensa que resolvi mudar-me para um hotel barato na baixa. O dinheiro que levava começava a ser insuficiente para o elevado custo de vida australiano. Tinha ido a uns concertos (lembro-me que Neil Young e Roberto Carlos (pasmem-

se!) eram atrações da época naquele mês. Aproveitei para ter a minha primeira ida ao Hard Rock Café onde ouvi pela primeira vez a Renée Geyer que mais tarde ouviria em muitos outros sítios e ainda hoje adoro.

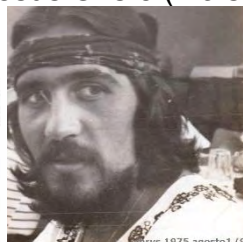
Perdi um festival tipo Woodstock que havia em Sunbury, mas acabei por ver a cidade a pé e gostar imenso da Austrália. Haveria de regressar apesar deste contratempo afetivo. Creio que foi então que decidi fixar-me no país.

Fui de seguida ao Consulado Português (então na St Kilda Road) onde pontificava o já falecido John Dowd onde prontamente me adiantara cem dólares (coisa que ao que parece ninguém faz hoje em dia). Tentei depois encontrar-me com uma penpal neozelandesa de há muitos anos, mas não tinha dinheiro suficiente para entrar e nenhuma carta a garantir a acomodação no caso de ir à Nova Zelândia. Depois disto resolvi ir a Sydney conhecer a cidade pois era um desperdício de tempo e dinheiro continuar ali em Melbourne. Em Sydney fiquei num hostel da juventude em North Bondi e fui até Strathfield onde estava então o velho Consulado onde conheci o Deolindo da Encarnação e o cônsul que me levaram a almoçar e se disponibilizaram a tudo. Tinha lá estado o Zé Ramos Horta, uns dias antes, e trocamos impressões sobre a situação em Timor.

Depois desta curta estadia turística e depois de ter decidido que este era o país do meu futuro, apesar de tudo, regresssei aos amigos que deixara em Bali. Não demorei tempo (aliás era a marca pessoal da minha vida afetiva, logo que uma oportunidade se fecha outra se abre) a conhecer gente nova, fazendo novas amizades e dentre estas havia um anjo de Byron Bay, no norte de Nova Gales do Sul onde vive o ator Paul Hogan (Hodges) mais conhecido pelos seus papéis em “Crocodile Dundee”. Ali existe desde há muito uma comunidade de hippies misturada com verdes, ecologistas, naturalistas, lésbicas e homossexuais. Consta que se cultiva a melhor erva australiana, ciclicamente destruída pela polícia federal.

Como atrás disse, ao regressar à Indonésia, a caminho de Timor em janeiro 1975, fui impedido em Denpasar (Bali) de embarcar num voo para Kupang (Timor Ocidental), porque o território estava 'off-limits' (interdito a passageiros estrangeiros). Tentando insistir, reiterando a minha posição como Oficial do Exército [português] em férias que queria regressar ao meu posto, a situação agrava-se mais, sendo momentaneamente considerado suspeito de ser um espião e interrogado pelas autoridades militares da Indonésia. Por fim, volto, de novo, a Bali onde estava a minha futura Ms com a Stephanie e o irmão desta, primos direitos que geriam um negócio de importação, exportação e manufatura dos típicos batik indonésios, peças de vestuário impressas a tinta no tecido segundo um método centenário próprio dos locais. Ela fazia o design têxtil para os batik e depois exportava para a firma dos pais visto haver grande procura deste produto na Austrália. Tímida e sensual, lentamente se foi começando a envolver comigo para grande consternação dos primos que não me achavam grande peça, apesar de caucasiano, não era australiano e vinha de cultura e hábitos diferentes. E foi assim, por culpa de não me terem deixado embarcar para Kupang que tudo começou. Pouco depois, mudou-se para a minha casa que (como já se descreveu atrás) era um quarto só com uma cama de madeira em pau-preto, muito alta e sem colchão, como era típico da zona. Cá fora havia um pequeno pátio coberto com desenhos das centenas de pessoas que por lá passaram antes. Tomava-se banho de balde, cá fora, à moda balinesa no jardim, ao lado do pátio cheio de pinturas. Isto fora antes de mudarmos para uma bela cabana - privativa - numa espécie de pequeno resort típico - mais além - na praia de Legian como atrás ficou também amplamente descrito noutra capítulo. Era uma construção octogonal com janelas a toda a volta e, no meio do palmar em Legian a uns 50 m da água, no meio do areal. A vida decorria simples, bebia-se Pernod no Poppies' que era um dos melhores bares da época em Kuta e curiosamente até dispunha já do célebre Mateus Rosé, que incentivei toda a gente a provar. Já naquela altura a exportação de Mateus era cem mil vezes superior à sua produção local em Vila Real. Nesta época no nosso restrito círculo não se fumavam charros. Longe ia também a vontade de experimentar cogumelos mágicos pois fica-a a estranha e irrepetível memória do dia que nunca mais findava e do banho prolongado com bodysurf por entre vagas alterosas. Seria um idílio suave, marcado apenas pela minha constante incerteza e volatilidade, que iria durar três anos embora na altura não o soubesse. Durou uns meses então e foi culminado com a repetição da tradicional cerimónia local de casamento, suas danças e lengalengas. Foi um tempo de paz e de serenidade comigo mesmo e com o mundo que me deixaria saudades eternas e dúvidas sobre se aquele não teria sido de facto o encontro fortuito e único de duas almas gémeas. (existe uma magnífica e completa experiência similar com descrição deste tipo de casamento em <https://www.voucontigo.com.br/o-nosso-casamento-em-bali/>)

Entretanto eu mudara e não era só de aspeto. Deixara crescer a barba e o cabelo, usava uma fita (bandana) a segurá-lo, vestia calções de linho e uma curta kebaya ou camiseta batik e calçava umas sandálias locais à Jesus Cristo (mais ou menos isto ou isto).



Entretanto comprei, a meias, com o meu "mate" australiano Dick Thornton (um vigarista barato de Bondi, em Sidney) um pequeno café restaurante chamado *Perama's* especializado em bolos, e do qual jamais esqueceria o *Banana Cake* (bolo de banana). O Dick estava exilado em Bali por causa dum "pequeno problema" com drogas e se voltasse à Austrália enfrentava o sério risco de ir preso para cumprir pena. Entretanto, anos mais tarde vim a saber que continuava a importar "material" da Tailândia para a Austrália. Já o irmão dele não escapara à cadeia em Sidney. Tinha-nos custado no total uns 20 contos a comprar o restaurante. A família balinesa que o vendeu continuava a viver lá e a cozinhar na mesma, só que o trabalho lhes era pago pelos dois novos sócios e donos. Dava sempre bom lucro porque era bom e barato. Em breve, porém, a família dos donos originais do Perama's me perderia como principal comedor dos bolos de banana. Estes eram os meus favoritos, entre outros, pois eram menos enjoativos que a cana-de-açúcar esmagada por primitivas máquinas em todas as esquinas e que custava uns cêntimos. O Dick ficou a tomar conta do Perama's até eu regressar, o que prometi fazer em breve, pois continuava envolvido na compra e exportação de "Buddha sticks" (erva dopada com ópio da Tailândia) e ia ficar uns tempos largos ali.

O que se passara ali e no mundo que deixara há pouco? Em Bali já nem acompanhava, nem me importava com a situação política em Timor. Limitava-me a viver esses momentos únicos. Um certo dia, andava eu de mota numa rua de Kuta Beach quando fui reconhecido por um companheiro de armas de Timor. Era o, então alferes, Carlos Alão (velho conhecido da Foz do Douro, no Porto) que disse que eu já estava considerado como desertor pois deveria ter-me apresentado em janeiro 75 em Díli. Proferiu a notável novidade de que o período do SMO fora encurtado e se eu voltasse ficaria a substituir interinamente o Chefe dos Serviços de Intendência, que se queria ir embora. Talvez arquivassem o processo. Foi o que fiz depois de falar com a minha companheira, que deixei com a promessa de que voltaria logo que resolvesse a complicada situação militar. Havia a certeza de que iríamos viver juntos, ali ou no fim-de-mundo. Iria cumprir-se a profecia, mas não da forma duradoura que ambos previam e queriam. A vida por vezes prega destas partidas, que a vontade humana e os conflitos de interesses não sabem ou não podem resolver.

Ainda agora sentia uma certa nostalgia ao pensar na mulher doce, nem dócil, nem subjugada, que soubera romper com as barreiras de oposição da sua família para seguir o coração. Talvez me tivesse levado a bom rumo e não ao caos que tive pela frente. Pensei que se a minha vida não se tivesse complicado da forma que se complicava sempre, teria sido melhor ter continuado a viver com ela quando se juntou a mim em Macau em 1977. Talvez tivesse tido menos provações e mais alegrias, talvez.... Nunca saberia, e nunca haveria de saber, dado que todas as tentativas que fiz nos anos 80 e 90 para a reencontrar se haviam mostrado infrutíferas. O velho endereço postal remetia-me as cartas devolvidas.

Fui a uma agência de viagens e tratei de arranjar os documentos necessários para provar que não pudera partir antes para Díli pela Zamrud, companhia para a qual tinha bilhete de regresso a Timor. Por isso viajei na Merpati (outra das companhias internas de aviação da Indonésia). Parti de Bali a 28 fevereiro 1975 rumo ao Cupão e Díli, Timor. Tarde regresssei a Díli. A chegada tão fora do prazo assinala a possibilidade de ocorrer um raro caso de tribunal marcial, por deserção, como era exigido por alguns elementos mais conservadores da hierarquia militar. Contudo, devido à situação de rarefação de oficiais do exército, o Chefe dos Serviços de Intendência que estava a tentar regressar a Portugal, não tinha (além de mim) mais nenhum subordinado imediato suficientemente graduado para lhe suceder.

Mal chego, nova surpresa. Deparo com o governador no aeroporto a despedir-se de alguém. Apesar do meu aspeto hippie fui logo reconhecido e deu-me boleia no Mercedes até

à cidade. Deixou-me em casa, nos apartamentos da SOTA, no Largo de Lecidere, e *convitou-me* a ir visitá-lo ao Palácio na manhã seguinte. Logo que me refresquei fui falar com o meu chefe dos Serviços de Intendência, major Carlos V. Carrilho, numa tarde de imenso calor. Claro que naqueles preparos de vestuário e de cabelos longos mal me reconheceu, antes de se sentar calmamente como era seu apanágio na varanda da sua casa no Bairro do Farol, a ouvir as minhas aventuras e desventuras desses dois meses. Não havia necessidade de entrar em detalhe com o superior hierárquico apesar do bom relacionamento que havia entre nós. Falamos casualmente, mas naquela ocasião não quis mostrar o meu desapontamento australiano, pois saíra de Díli no auge da excitação.

Amedrontado, fui ao governador na manhã seguinte, devidamente equipado com o fardamento da praxe. Depois de ouvir uma preleção sobre a ausência prolongada, expliquei por que razão não pudera voltar mais cedo. A companhia de aviação indonésia Zamrud tinha interrompido os voos - o que até era verdade - e custara-me a conseguir transferir os bilhetes para outra companhia, a Merpati - o que também era verdade - e não tinha já dinheiro para adquirir um bilhete novo sem conseguir trocar o que tinha e que não pudera utilizar. Tinha até, como prova disto, documentos sobre um empréstimo de cem dólares feito ao consulado português na Austrália em Melbourne e outro em Sidney...

O governador aceitou as provas que levava, disse que ia arquivar o processo sumário de deserção que estava a ser instaurado, e, sorridente, aproveitou para me mostrar um *Louvor por Altos e Relevantes serviços* no Setor de Reabastecimentos e Combustíveis, que havia sido proposto pelo meu Chefe da Intendência. Devo admitir que sempre entendi este louvor como merecido pela minha ação, mas - mesmo assim - fiquei espantado!

Mais satisfeito ainda ficou o major, meu chefe, por finalmente poder regressar a Portugal e deixar a Chefia do Serviço de Intendência para mim, dado que os restantes oficiais eram muito novos e sem experiência suficiente, enquanto eu estivera já a atuar como adjunto dele, a que correspondia o posto de Capitão embora fosse apenas um alferes.

Assim, é concedido um perdão a este autor, por ter sido aceite como legítima e fundamentada a explicação de não poder voar de regresso a Timor, e o meu estatuto de 'AWOL' (ausente sem licença) revogado. Recebo também um louvor por altos e meritórios serviços e sou promovido a Chefe Interino dos Serviços de Intendência. Acabei ainda por fazer um acordo com o governador, falando-lhe do restaurante que comprara para me sustentar no futuro, depois da tropa, para que ele me deixasse regressar a Bali e depois ir apanhar o próximo voo militar português das FAP (Força Aérea Portuguesa) com escala em Jacarta.

O resto do tempo (cerca de um mês, visto que na guia de marcha se indica a partida a 30 de abril 1975 e chegada a Lisboa a 27 de maio de 1975) passei-o muitas vezes num estado de imponderabilidade que se podia confundir com outra coisa, mas estava a desempenhar as funções de chefe da intendência. Cortei levemente o cabelo e ia diariamente a despacho ao CEM (Chefe do estado-maior) gozando a minha nova felicidade e a irresponsabilidade de não ter já que me preocupar mais com as notícias a publicar no jornal *A Voz de Timor* (e a permanente censura), ou com a revolução em curso.

Alheei-me, decerto, de tudo aquilo. Tinha-me fartado da censura, das punições, da revolução de abril que nunca chegou.... Contava as horas para me deixarem partir tal como acordado. Consta que nas altas patentes apenas deram conta do meu cabelo mais comprido e do meu sorriso feliz. A tropa nesta altura era uma balda total.

PAGOU DE TAXA DE EXPEDIENTE A QUANTIA DE 20\$00

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



VISTO
EM 02/NOV/76
O COMANDANTE
[Signature]
MANUEL EDUARDO DE AZEVEDO SIMÕES
COR. DE INFA.

CERTIDÃO

MANUEL GONÇALVES DA CRUZ MAGALHÃES, Tenente do Serviço Geral de Exército, Chefe da Secretaria do Batalhão de Mobilização do Regimento de Infantaria de Ponta, certifica em virtude de despacho exarado pelo Excelentíssimo Comandante no requerimento que fica arquivado, que da folha de matrícula e na parte respeitante a prêmios, condecorações e louvores, do Alferes Militiano Nº.07929170-**JOSÉ ALBERTO ALVES BARBOSA CHRYSTELLO**, consta e seguinte:- Louvado pelo Ex.º Comandante Militar de C.T.I. TIMOR, pela muita competência, dedicação e sentido de responsabilidade com que desempenhou durante cerca de um ano as funções de Chefe das Secções de Viveres e Combustíveis da Chefia de Serviço de Intendência, funções valorizadas por terem sido exercidas de forma excepcional em momentos particularmente difíceis neste C.T.I.. A missão de que estava incumbido sempre a colocou na cimeira das suas preocupações não se limitando a bem executar mas procurando permanentemente novos métodos de trabalho tendentes à consecução de uma estrutura mais eficaz nos reabastecimentos e controlos de existências das Unidades. Merecem destaque, os estudos que efectuou relativos a abastecimentos, consubstanciados numa valiosa simplificação burocrática e administrativa. Inteligente e muito desembaraçada, conseguiu atingir alto grau de eficiência aplicando de forma notável os seus invulgares conhecimentos técnicos no estudo e accionamento dos complexos problemas de abastecimentos a cargo do Serviço de Intendência. Foi o Alferes CHRYSTELLO um óptimo colaborador que desenvolveu inequivocamente actividade de alto interesse no apoio das tropas pelo que os seus serviços devem ser considerados de relevante utilidade e de muito mérito. (D.S./CTIT Nº.11 de 6FEV75).

E, por ser verdade mandei passar a presente que assino sobre um selo fiscal no valor de 20\$00(VINTE ESCUDOS) depois de a achar com firme.

Quartel em Ponta, 02 de Novembro de 1976

O CHEFE DA SECRETARIA DO BATALHÃO DE MOBILIZAÇÃO



[Signature]
Tenente do SGE

MANUEL GONÇALVES DA CRUZ MAGALHÃES

TEN. DO S.G.E.

Em casa dedicava-me a um jogo curiosíssimo com os meus companheiros. Qualquer um deles passava a vida a comprar inúmeros géneros no supermercado (açambarcamento puro e duro) pois sabia-se como era difícil abastecer a população civil. Ora bem, como não tinham acesso a todos os bens e eu tinha dezenas de latas de pêssego em calda, comecei a vender-lhes as latas. Depois, esquecia-me deste facto e era eu mesmo quem as comia. Um negócio de que nunca se cansaram de falar, mesmo quando nos reencontramos 25 anos mais tarde (1999) no lançamento do meu livro Timor-Leste 1973-1975, o dossier secreto....

Conheci, entretanto, melhor um dos poucos casais civis que havia em Díli, com quem me dera superficialmente antes, o Moisés estava na Agronomia em comissão civil e a Helena Sá Nogueira (da prestigiosa família Sá da Bandeira) dava umas aulas, enquanto ambos faziam visitas psicadélicas ao mundo do LSD. Eu (raras vezes saía da minha toca nos apartamentos da SOTA, com vista para o Largo de Lecidere) enquanto passava as horas livres em meditação ouvindo incessantemente as cassetes (King Crimson sobretudo entre muitos outros) que trouxera de Bali e que eram obviamente cópias ilegais, mas a SPA (Sociedade Portuguesa de Autores) na época estava longe de atuar em Timor como atua nos Bailinhos das ilhas açorianas. Devem ter sido os dias menos dolorosos, e menos sociáveis de todos.

Por fim, chegou o dia de partir. Apanhei um avião (sem saber que seria o último em Timor) e parti para Bali, num dos célebres bimotores Hawker Siddeley ou talvez num Hawker de Havilland DH-104 Dove 6,¹⁰ pois não há registo fotográfico da partida e a minha memória já não é o que era. Para trás deixei 2 caixotes com livros e roupas para serem despachados no próximo avião militar (Boeing 747 das FAP) e que era esperado em Timor no verão. O jipe (que o Tony Belo me emprestara até voltar), a minha benquista mota, e tudo o mais ficara no meu apartamento na SOTA entregue aos companheiros que ainda ficaram em Timor.

Estava certo de voltar em breve e queria ficar a viver em Timor ou até mesmo em Bali. Não houve grandes despedidas, exceto dos colegas de casa e amigos mais íntimos que ainda não tinham sido autorizados a regressar a Portugal, agora que a “guerra” acabara e a tropa estava a ser desmobilizada rapidamente. Há muito que eu adotara a terra oriental que “o sol em nascendo vê primeiro” e com a independência próxima sabia que iria ter um lugar naquela sociedade. Seria a minha primeira pátria. Finalmente teria uma pátria no verdadeiro sentido, algo em comunhão com o chão que pisava.

Mal chegara a Bali, de novo, em maio 1975, fui logo em busca da angélica companheira que estava, de novo, a viver com os primos. Mudamo-nos e fomos viver para Legian para a tal cabana no areal como atrás descrito. Acabei por revender o restaurante (a minha quota de 50%) aos donos originais bem satisfeitos com o lucro que aquilo estava a dar com algumas mudanças que introduzimos naquele terreiro de terra batida, coberto a lona. Para surpresa minha ainda tive de pagar o aluguer da mota do meu sócio, Dick Thorne, que se pisgara para local incerto sem pagar o aluguer da dita.

Depois de algumas semanas chegou a Bali um telegrama de Díli a dizer que deveria seguir para Jacarta pois estava a aparecer em finais de maio um avião militar português que me levaria de volta a Portugal. Fomos para a capital e desta vez, ao contrário do que fiz antes, não fui a Borobodur ou a Jogjakarta onde já estivera no Natal de 1974. Apreciei imenso Borobodur, essa enorme catedral redescoberta em finais do século XIX, 40 km a noroeste de Jogjakarta. Este templo é considerado uma das sete maravilhas do mundo. Visto de avião parece que flutua.

10 ou Douglas DC2

Em tempos, de acordo com os geólogos, foi um grande lago, rodeado agora por povoações a 235 m acima do nível do mar. Quem começou a construção do Borobodur foram os reis da dinastia hindu Sanjaya, mas logo a cessaram. No ano de 780, o rei Sanmaratungga da dinastia budista Shailendra começou a governar a região e continuara a construção, adaptando o complexo segundo o seu próprio conceito de mundo. Isto significa que a construção, originalmente hinduísta, se tornou num grandioso monumento budista dedicado ao Buda Mahayana. Foi misteriosamente abandonado pouco tempo depois, sendo efetivamente o maior santuário budista do mundo. Está disposto em quatro níveis, representando os níveis da realidade, dos quais apenas três visíveis, dado que o outro se situa sob a terra. O primeiro nível tem cinco degraus. No segundo nível, podem apreciar-se 72 Stupas (templos) dispostos em três círculos, cada um dos quais contendo no seu interior uma estátua de Buda. No terceiro nível, uma Stupa gigantesca, mas vazia (representando o vazio cósmico). Os ingleses administraram a colónia de 1811 até 1815. O governador geral de Java foi Sir Thomas Stamford Raffles, que acreditava que Java poderia ser o lugar de uma civilização desenvolvida. Raffles incumbiu o funcionário holandês H. C. Cornelius de explorar a região onde (como acabara de saber) havia, escondida pela vegetação, uma enorme construção. Foi revelada ao mundo em 1814, estava enterrada e parcialmente em ruínas. Cerca de duzentos homens começaram a descobrir o monumento e a restaurá-lo de maneira simples durante 5 anos até 1910. Tem 42 metros de altura (o que equivale a um prédio de 13 andares) e mede 123 x 123 metros com dez andares de altura sendo do primeiro ao sexto na forma quadrada e circulares do sétimo andar ao décimo. Está virado para leste e contém 1460 painéis dos quais 1212 são em relevo de dois metros de largura. O total de estátuas de Buda atinge 504. Entre 1973 e 1983, foi completamente reconstruído sob o patrocínio da Unesco, sendo totalmente "desmontado", cada pedra foi marcada, tratada e limpada quimicamente, e novamente recolocada. A reforma custou 25 milhões de dólares. O formato deste tempo é uma mistura dum zigurate (pirâmide da Ásia menor) com uma Stupa indiana.

Quando falo da estadia no nirvana, perdão Bali, reconstruo sempre mentalmente esse período e junto as poucas fotos de que disponho para melhor ilustrar a época. Mas sempre menciono (mais de quarenta anos mais tarde) como se tivesse ocorrido na véspera: “*Quando vivi na Indonésia, em Bali*” e depois peroro sobre o tempo feliz e despreocupado que lá vivi...

Em Jacarta, fui até à Embaixada de Portugal, onde vim a conhecer pessoalmente o célebre major Vítor Alves, do Conselho da Revolução, que estava a tentar infrutiferamente ir a Timor (acabaria por nunca ir porque os indonésios o retiveram no Cupão (Kupang) e não teve outro remédio senão vir-se embora sem chegar a Timor. Enquanto esperava pelo avião das FAP, alojei-me num albergue da juventude “Wisma de Lima” e aproveitei para ir tratar dum pé que estava infetado, há um mês, devido a uma queda de mota em Kuta Beach. A embaixada indicou-me um médico local e lá fui de bemo. Depois duma boa espera, de bem mais do que uma hora, no meio de mais de 50 pessoas, lá fui atendido sendo a ferida tratada e receitados antibióticos. Ainda hoje tenho a marca desse ferimento com origem em Bali: se não tivesse ido ao médico em Jacarta poderia tornar-se numa ferida gangrenada, o que, provavelmente, teria acontecido se não a tivesse tratado.

O escritor turístico contemporâneo Brian Thacker tentou em 2008 seguir as pisadas da viagem aconselhada em 1974 pelos fundadores da Lonely Plante, Maureen e Tony Wheeler no seu primeiro guia de viagens pelo sudeste asiático. Usou apenas as informações ali recolhidas (há um terço de século) partindo de Melbourne convicto de que a maior parte dos locais mencionados no Guia se tinham tornado viadutos ou autoestradas. O livrinho de 148 páginas esbarrou logo numa dificuldade em Darwin, para ir para “Timor Português” pois o voo trissemanal da TAA a um custo de 73 dólares australianos (\$73) há muito tinha desaparecido, assim como a companhia aérea TAA e algumas companhias indonésias existentes naquela época. Com a sua recente história de agitação, Timor já não era a “colónia antiquada” descrita no Guia. Não tinha nenhum turismo ao contrário do que acontecia em 1974, e os locais pensavam que qualquer estrangeiro era um alvo de quem extorquir dinheiro pois devia estar a trabalhar para a ONU ou uma NGO. A “Beach House” de Díli (conhecida como o “Hippie Hilton”), esse hotel na praia (uma palapa de colmo com água potável e o mar a escassos metros) já não existia.



WISMA DE LIMA, JACARTA

O Hilton dos Hippies, Beach House de Díli

Os excelentes restaurantes chineses de Baucau, mencionados no Guia, desapareceram quando os seus donos foram obrigados a abandonar a ilha bem como a maior parte da população chinesa aquando da invasão indonésia

de 7 de dezembro de 1975. Já na Indonésia, Thacker teve a agradável surpresa de encontrar muita coisa inalterada, as casas ainda de pé e nas mãos dos mesmos donos ou de seus filhos e netos, como foi o caso em de Jalan Jaksa, ainda o centro dos turistas de pé descalço ou "backpackers". O hostel Wisma de Lima onde eu estivera era agora gerido pelo filho do dono. O pai abriu o Hostel em 1969 quando todos pensavam que ele enlouquecera e em 2008 a rua está pejada de hotéis e restaurantes. Também na vila montanhosa dos artistas, em Ubud, os restaurantes daquela época ainda existem embora a paisagem já não seja a mesma, com as ruas pejadas de carros buzinando em vez de picadas não asfaltadas por entre arrozais. O "Canderi" e o "Ibu Rai" tinham agora netos dos donos a geri-los e serviam ainda a mesma ementa, como por exemplo "bean soup and Bali-style porridge" (sopa de feijão e papa de aveia).

Voltando a 1975 em Bali, finalmente, fui chamado à triste realidade. Recebi novo telegrama da embaixada a dizer para que data estava previsto o avião das FAP de regresso à Europa. Comecei a fazer as despedidas e no dia aprazado partia (26 maio) no meio duma cena digna de um filme de terror.

Havia poucos dias encontrara a Jeanette, que conhecera anteriormente em Bali, e acabara de sair de dois meses de prisão após ter sido denunciada como consumidora de droga pelo seu amante indonésio. Estava magra e irreconhecível, depois dos maus tratos numa cela. Se os eventos tivessem corrido mal, ninguém saberia que tinha sido presa. Devia estar louca, mas naquela época era assim. Muitos pensavam que não podia acontecer com eles...

Ao chegar ao aeroporto informaram-me de que o avião estava em escala técnica e não me autorizavam a embarcar, pois não havia manifesto de carga nem de passageiros naquele voo. Dentro do aeroporto a alguns metros de distância, mas sem poder chegar-me mais a eles, vira alguns colegas, o comandante da aeronave e o capitão Cariano (que me punira com cinco dias de detenção, posteriormente agravada para 8 dias em Bobonaro pouco depois da minha chegada em outubro 1973).

Falaram comigo e foram perentórios ou eu arranjava maneira de me deixarem entrar ou ficava em terra. Apesar de naquela época falar já fluentemente Bahasa, liguei, pressuroso, para a embaixada que me disponibilizou uma senhora nativa da Indonésia para servir de intérprete. Fui ouvido por um coronel indonésio que estava intrigado como é que um oficial do exército português podia ter o aspeto andrajoso de hippie que tinha. Lá expliquei que estava já em férias há muito tempo e aguardava apenas embarque para voltar a ser civil. Mesmo assim o coronel queria saber como é que eu tinha passado os últimos meses a entrar e sair da Indonésia, para a Austrália e para Timor, pois a única explicação que tinha para tal era a de eu ser um espião. Depois de muito conferenciar, com outras altas patentes, quer pessoalmente, quer pelo telefone, acabou - relutantemente - por deixar-me embarcar.

Não interessa aqui contar mais nada pois o certo é que consegui (com imensa sorte) passar pelo controlo alfandegário sem problema. Foi complicado e demorado e não interessa aqui esmiuçar essa épica cena que, por qualquer razão, me faz evocar sempre o filme *Midnight Express*. Levava comigo apenas uma pequena mochila às costas, um rucksack (espécie de mochila militar redonda e verde, mas com cerca de um metro de altura) cheio de roupa suja e limpa...e uma sacola de linho a tiracolo com os documentos. Nunca mais voltei ao nirvana embora tivesse parado em Jacarta muitos anos depois...sem sair do aeroporto.

11. CRÓNICA 11 – O INSÓLITO. 24 janeiro 2006 –

11.1. Insólito

O dia acordou fresco. De facto, fora o dia açoriano mais fresco desde que JC chegara. No carro a temperatura indicava 6 °C. Em Ponta Delgada os termómetros marcavam 9º, mas esperava-se que subisse até aos previstos 18 °C. De acordo com o calendário (daqueles antigos de espetar nas paredes), pendurado em frente à secretária, era 23 janeiro 2006. Ao ler o jornal Público a atenção focou-se numa notícia insólita: *ISLÁMICOS DEBATEM O USO DE ROUPA NO ATO SEXUAL*

À luz ou às escuras? Apagada, torna tudo muito mais louco: apalpões, encontrões, tropeções. Manter a roupa? Deve ser sempre mantida, antes, durante e depois, pois será mais quentinho e aconchegado. Se for no campo alentejano espera-se que ele esteja com ceroulas e samarra e ela de saioite, combinação e chancas...

Como seria nas velhas dinastias praticantes de safada e jesuítica hipocrisia? Claro que todos teriam um buraco no amplo camisão de noite, mas quando os reis e príncipes se encontravam com as amantes ou barregãs, será que haveria mais intimidade e seriam dispensadas as vestes?

O Freitas do Amaral na biografia do primeiro rei de Portugal esqueceu-se de abordar este tema. A literatura medieval e posterior, atazanada pela sede persecutória da Inquisição deixou esta lacuna que urge investigar. Atenção mestrandos e demais investigadores. Apliquem-se e estudem este tema em profundidade. O resto da população deverá regressar à pacatez islâmica e cumprir as normas e regulamentos: nudez total nunca!

Ora aqui está a prova de que eu necessitava para afirmar porque é que Portugal sofre de todas as maleitas e de baixa estima nacional. Finalmente sei porque é o desemprego aumenta, as empresas deslocalizam, a pátria espera pelo salvador que não se chama Sebastião e não chegou numa noite de nevoeiro, nem será natural de Santa Comba Dão. Agora sei bem por que razão a igreja católica se viu compelida a criar a Santa Inquisição. Fora pedida inicialmente por D. Manuel I, para cumprir o acordo de casamento com Maria de Aragão. A 17 de dezembro de 1531, o Papa Clemente VII, pela bula Cum ad nihil magis instituiu-a em Portugal, mas um ano depois anulou a decisão. Em 1533, concedeu a primeira bula de perdão aos cristãos-novos portugueses. D. João III, filho da mesma D. Maria de Aragão, renovou o pedido e encontrou ouvidos favoráveis no novo Papa Paulo III que cedeu, em parte por pressão de Carlos V de Habsburgo e em 23 de maio de 1536, noutra bula, ali estava ela instituída para durar até 1821.

A crer na História, na Idade Média o quotidiano das pessoas era preenchido por devassidão, depravação, desregramento, intemperança, libertinagem, devassidão, e por isso a Igreja teve de agir. Agora é a vez do Egito, com uns 477 anos de atraso verificar a gravidade do problema que como é afirmado pode invalidar casamentos. Se em vez do Egito se estivesse em Portugal quem sabe quantos seriam os casamentos anulados? Mas também neste particular Portugal pode dar umas dicas aos egípcios: ao preço a que a eletricidade está, deve ser sempre de luz apagada, com os dois parceiros totalmente vestidos por haver falta de verbas para aquecimento. Nem se consegue imaginar a cena doutra forma. Infelizmente este debate já não vem a tempo para perguntar aos recentes candidatos a Presidente da República qual das infrações já teriam cometido.

Imagine-se como seria esta discussão nos 27 países da Comunidade Europeia. Resta aguardar que o debate chegue ao Parlamento Europeu. Haverá por esse país fora, por estas ilhas atlânticas, alguém interessado em começar a realizar uns inquéritos para ver quantos casamentos são inválidos?

Na Idade Média as pessoas eram assim e por isso a Igreja teve de agir. Agora é a vez do Egito, com uns 500 anos de atraso verificar a gravidade do problema que como é afirmado pode invalidar casamentos. Se em vez do Egito estivéssemos em Portugal quem sabe quantos seriam os casamentos anulados? Mas também aqui Portugal pode dar umas dicas aos egípcios: ao preço a que a eletricidade está, é sempre de luz apagada, e os dois totalmente vestidos por que não há verba para aquecimento. Nem se consegue imaginar a cena doutra forma. Infelizmente este debate já não vem a tempo para nos pormos a perguntar aos recentes candidatos a Presidente da República qual das infrações já teriam cometido. Imagine-se o que será esta discussão nos restantes países da Europa e só nos resta aguardar que este debate chegue ao Parlamento Europeu. Vou ter de começar a realizar aqui uns inquéritos nos Açores a ver quantos casamentos são inválidos.

Por mais tolerante e multicultural que eu possa ser esta questão está a dar comigo em doido. Acabo de descobrir que se seguir esta norma ora decretada no Egito nunca estive casado! Isto sem contar com as noites quentes passadas - nem sei em quantos países quentes - em que ABSOLUTAMENTE me esqueci dos lençóis.

E na praia quando havia luar? E quando era novo e ainda acampava? E naquela fase louca da sua vida em que vivera com os hippies na *Beach House* na praia em Díli? Ou quando fora às massagens na Tailândia? E em Macau, na Malásia, na Indonésia, em Kuwait City, ou quando estivera no Brasil e em Espanha com temperaturas de mais de 43 °C? em Perth estivera até sob 49 °C. O melhor será mesmo invocar uma doença degenerativa do foro psíquico ou mental, uma amnésia súbita e localizada. Ai se eles me apanham! Ainda bem que nunca fui ao Egito nem para ver as múmias nem as pirâmides, caso contrário andava agora a pensar numa qualquer cadeia do Cairo.

Vou aproveitar para enviar esta Crónica aos filhos a avisá-los dos perigos que correm. Admira-me até que o primeiro-ministro não tenha dado uma conferência de imprensa a alertar o povinho para estar atento. O novo Papa Benedito se calhar até vai aproveitar esta boleia islâmica e exigir o mesmo dos católicos.

“Sou casado, tenho filhos, mas você é linda. Quer fazer amor comigo?” Ouvi esta frase num filme indeterminado. Penso que era mais romântico dizer “Voulez-vous coucher avec moi (ce soir)?” É uma frase francesa vulgarizada através da música e em especial da faixa “Lady Marmalade,” escrita por Bob Crewe e Kenny Nolan e popularizada em 1975 pelo grupo Labelle com Patti LaBelle, Nona Hendryx e Sarah Dash. A esta interpretação seguiram-se versões em 1998 pelos All Saints e em 2001 por Christina Aguilera, Lil’ Kim, Mya e Pink num “single” para a banda sonora do filme Moulin Rouge! Esta frase apareceu numa peça de 1947 de Tennessee Williams “A Streetcar Named Desire ou Um elétrico chamado desejo”. David Frizzell e Shelly West gravaram um disco com música “country” em 1980 com o mesmo título, mas sem relação ao êxito anterior. Também em 1973, a antiga atriz porno, virada política e parlamentar italiana, Ilona Staller (Cicciolina), atingiu a fama com um programa de rádio com esse título “Voulez-vous coucher avec moi?” na Rádio Luna. Mas a verdadeira origem da frase data de 1922 num poema de E. E. Cummings mais conhecido pela sua primeira estrofe “little ladies more”, que contém duas vezes a célebre frase.

Apesar de me lembrar de frases semelhantes estou vivamente convicto de jamais ter cometido qualquer crime islâmico de qualquer natureza. Houvera uma jovem árabe, a meu lado, numa viagem para a Europa, que de seis em seis horas se levantava, estendia o seu tapete portátil, como quem abre um computador de viagem, perguntava onde ficava Meca e punha-se a orar a Alá. Bem a tentei converter, mas sem sucesso. Não se teria tornado ela, uns anos mais tarde, numa mártir e não se fizera explodir? Dissera ser libanesa e não iraquiana. Nunca se deve fiar no que elas dizem.

Evoco as gaiatas jovens persas a meu lado no voo Air France de Paris que me levaria, em 1973, a Bangucoque rumo a Timor. O Xá Reza Pahlavi ainda estava no poder na Pérsia e Farah Diba era nome de imperatriz. As meninas ricas passavam a vida a ir a Paris comprar joias e vestidos. Pareciam ocidentais com traços exóticos e pele levemente tisonada. Depois da viagem nunca mais as vira. Nem eu nem ninguém. O Xá fora apeado. A Pérsia desvanecera-se no Irão. Havia mullahs, ayatollahs e polícias à paisana para levantarem as burcas às jovens e verificarem se tinham batom nos lábios ou outras manifestações decadentes da civilização ocidental.

Quantas não recordariam hoje a mesma viagem que rememorava? Essa civilização retornara à idade da pedra. Construía um poderio nuclear, açoitando os criminosos, empalando mulheres à pedrada, cortando mãos, enforcando homossexuais e outros desviantes. O Irão, a antiga Pérsia, desafiava o ocidente, negava o holocausto e seguia rumo ao abismo.

Uma vez no bar dum hotel alemão, uma jovem sarracena, atraente, misteriosa e enigmática abordara-me com sinais de cabeça, já a noite ia alta. A atração das Arábias. Como se respondia nos antigos interrogatórios judiciais “Aos costumes disse nada”. Não recordava se argelina ou marroquina, talvez maltesa com sangue francês? Ou fora em Paris? Em Madrid não fora decerto, mas poderia ter sido em Londres ou Milão ou mesmo Roma, Dubai, Abu Dhabi, Qatar, Omã, Kuwait, Kuala Lumpur, Bangucoque, Pattaya ou Sidney. As memórias entrecortavam-se, rostos sem nome e nomes sem rosto, lugares e momentos guardados sem legendas. Aeromoças, companheiras de viagem, meras companhias de ocasião em busca de almas e corpos solitários. Nada sabia já, nem nomes nem faces, nem uma história. A miúda, hospedeira da Cathay Pacific que telefonava sempre que ia de Hong Kong a Sidney. Gestas que o tempo perdera. Episódios sem pontas para atar no balanço de vida hedonista. Acreditem, era absolutamente demolidor. Nunca me lembrei ao conhecê-las de lhes perguntar a religião, nas estadias relativamente curtas que fizera em cidades exóticas. Estava mais interessado em partilhar culturas e experiências, descobrir o que se escondia por trás de véus e burcas. A ação jornalística em pleno Médio Oriente, de férias ou em trânsito, não estava totalmente

desprovida de riscos como mais de uma vez constatara, mas este não fora previsto. Não creio jamais ter cometido qualquer ato de qualquer natureza com uma cidadã de qualquer país que professasse a religião islâmica, mas vou ter de rever os meus apontamentos. Acreditem que isto é demolidor.

A minha mulher anda cabisbaixa e muito sisuda desde que leu esta notícia, sei que algo se prepara e não se espera nada de bom. Isto não vem nada a calhar. Por outro lado, como se sabe, sendo a minha mulher uma "moura lisboeta" isto poderia explicar por que é que anda ultimamente apreensiva, se bem que nunca tivesse suspeitado de ser cumpridora dos ensinamentos de Maomé. Anda cabisbaixa e muito sisuda desde que lera esta notícia, talvez algo se preparasse e não se augurasse nada de bom. Isto não vinha nada a calhar, após tantos anos de casamento.

A sociedade portuguesa iria agitar-se, imaginava já as conversas em voz baixa à mesa dos cafés... Todos a fazerem perguntas e a tirarem notas, sabe-se lá do que são capazes para apanhar um qualquer pecador desprevenido. Este país sempre foi um covil de bufos. Que se cuidem os incautos que esta fé pode abalar montanhas. Já me decidi, caso venha a ser descoberto e exposto à ira islâmica, deverei tornar-me num mártir usando o método do homem-bomba e fazer-me explodir a fim de ir direito para o céu onde me garantem que 72 virgens me aguardam após a consagração como mártir em prol do Grande califado *Al Andalus*.guardo apenas que me indiquem o alvo.

11.2. Kuwait, Koweit, Cuvaite

A propósito recordei estar no Kuwait a 31 julho 1990, exatamente dois dias antes da invasão iraquiana de Saddam Hussein ao Kuwait, numa primeira tentativa de subjugar aquele pequeno emirado. Não o fiz voluntariamente, mas devido a uma avaria no avião da *UTA* (transportadora aérea criada em 1963 para as províncias ultramarinas francesas, absorvida pela *Air France*, mais tarde, em 1992) que me trouxera da Nova Caledónia via Sidney. Curiosamente nós tínhamos de entrar em Sidney, ir a Nouméa e voltar a Sidney para irmos para Paris.

James Colnett avistou em 1774, uma terra desconhecida no horizonte. A bordo do navio estava o navegador e explorador inglês James Cook que batizou a terra como «Nova Caledónia» em homenagem à Escócia. Na verdade, disseram que o aspeto da costa teria lembrado desta região do Reino Unido. Caledónia é em latim antigo, correspondente à Escócia. Em 1788, a expedição francesa liderada por La Pérouse deve ter feito o reconhecimento da costa Ocidental, a bordo do l'Astrolabe e do La Boussole, pouco antes de um naufrágio sobre o recife Vanikoro nas Ilhas Salomão. Em 1793, o Contra-Almirante francês Antoine Bruny D'Entrecasteaux, que partiu em 1791 a pedido de Luís XVI para encontrar La Perouse, passa ao longo da Nova Caledónia, reconhece a Costa Oeste da Grande Terre e teria parado incluindo as Ilhas Lealdade. No entanto, os atributos da recente descoberta são explorador francês Jules Dumont d'Urville, em 1827, que foi o primeiro que as localizou com precisão num mapa. No final do século XIX e início do século XX diversas tentativas de colonização fracassam. Em 1931, um grupo de Kanakas era exposto como sendo canibais dentro de caixas, no jardim de aclimação do Bosque de Bolonha, por ocasião da Exposição Colonial Internacional (1931) de Paris. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Nova Caledónia apoia a França Livre em 1940 e tornou-se a partir de 12 março de 1942 numa importante base norte-americana na guerra contra o Japão. Nouméa é a capital fundada com o nome de Port-de-France em 1854 pelo Capitão Tardy de Montravel. O território registou importante crescimento económico graças à exploração do níquel, e a Nova Caledónia passaria a ser o terceiro maior produtor do mundo, enquanto a França a tornava numa colónia penal. Depois da guerra, a França abandona o termo colónia, passando a ser território ultramarino em 1956. O ano de 1980 marca o ponto alto de tensões entre opositores e partidários da independência com uma rebelião quase generalizada durante o período conhecido como «Eventos» (1984-1988). A violência atingiu um ponto culminante em 1988 com a Tomada de Reféns em Ouvéa. Depois seguiram-se negociações e a assinatura dos Acordos de Matignon (1988), prevendo a criação de um estatuto transitório de 10 anos a conduzir um referendo sobre a autodeterminação para que se pronunciem a favor ou contra a independência. Este acordo é complementado pelo Acordo de Nouméa de maio de 1998, que prevê o estabelecimento de uma forte autonomia. O último referendo sobre a questão do futuro institucional (ou manutenção da autonomia dentro da República Francesa) terá lugar em 2018.

Estes voos da possessão ultramarina da Nova Caledónia eram, naquela época, frequentados por funcionários públicos franceses de regresso ao continente europeu e vice-versa.

Trata-se de um dos locais mais caros do Pacífico, tudo é importado de França, tem-se a sensação de se estar em Paris na maior parte das lojas, mas com atendimento pelos habitantes das vizinhas ilhas de Ouvéa e Futuna que constituem a maioria dos nativos locais: 45% Melanésios (Kanakas) e 35% Europeus (Franceses) com Polinésios nas ilhas mais afastadas. Os Europeus concentram-se no sul, sendo Francês a língua oficial além de serem falados dialetos melanésios e polinésios numa mistura de 60% de católicos e 30% de protestantes. O turismo é pouco e desproporcionalmente caro ao contrário doutros países do Pacífico Sul sendo preferido por franceses.

Ora bem, fui de Sydney para a Nova Caledónia (sem sair do aeroporto) para voltar a Sydney antes de rumar à Europa (esse era o pequeno inconveniente do desvio obrigatório ao UTA). Estava a bordo dum trimotor McDonnell Douglas DC-10, levantara voo do Omã (Emirados Árabes Unidos) quando se regista a implosão do motor esquerdo. A maior parte dos passageiros a bordo fica sobressaltada e durante largos momentos não há instruções em inglês, apenas um curto anúncio em francês, a falar dum pequeno (!!!) problema técnico.

Outros passageiros anglófonos abordam-me a perguntar o que se passa. Ficam preocupados ao sobrevoarem o imenso deserto de Omã (parte desse enormíssimo deserto da Arábia), onde apenas se viam dunas e centenas de antigos depósitos de água totalmente secos. A imagem era aterradora pois só havíamos começado a subida há cerca de 20 minutos, mas já estávamos muito afastados, há muitos quilómetros, do centro urbano mais próximo. Cá em baixo dunas e mais dunas, deserto e mais deserto, sem vivalma, apenas velhos poços secos... Os restantes dois motores, do trimotor DC-10, começaram a obedecer às ordens do piloto e lentamente o avião começou a subir mais e a descrever um enorme círculo enquanto tentava voltar para trás. Acabou por completar o círculo enquanto ganhava altitude e o piloto, avisou que iríamos regressar, mas para Kuwait City.

Ali chegamos sem mais incidentes numa cena mais própria dum filme de terrorismo internacional. Fomos mandados para o setor militar do aeroporto, onde tropas armadas rodearam o avião e fortes medidas de segurança eram impostas, antes de os passageiros serem autorizados a desembarcar. Saímos todos, por fim, levados através duma avenida com poucos prédios (que hoje mais parece a baixa de Manhattan), que sulcava o deserto, para um luxuoso Intercontinental Hotel onde ficamos alojados. Era de manhã bem cedo e os bares do Hotel só abriam pelas 11 horas. Eu falava com um pequeno grupo de expatriados franceses que então regressavam a França, eram quatro *kafir* (infiéis) franceses e duas francesas, uma delas, cinquentona ou mais. Íamos a entrar para o bar para nos dessedentarmos, pois apesar do ar condicionado a temperatura exterior já rondava 46º C àquela hora matinal, quando fomos impedidos por um funcionário do hotel que nos disse que não poderíamos entrar ainda. Nessa altura desembocara no bar, um grupo ruidoso de uns dez a doze nativos, vestidos com o seu vestuário tradicional masculino, o "*thoub*" branco, uma peça única e comprida. Na cabeça usavam a "*ghutra*" ou *keffiyeh*. O "*shemagh*" é usado em ambientes religiosos. Não havia nesse grupo árabe nenhuma mulher com ou sem *chador* (véu islâmico).

Teria decorrido certamente uma meia hora ou mais quando nós, os infiéis, fomos autorizados a entrar e beber. Para espanto nosso, constatamos que quase todos aqueles árabes estavam a beber alegremente álcool, o que não lhes é permitido, na maior parte dos casos, de acordo com o Corão. A conversa deles parou mal entramos, enquanto miravam, de alto a baixo, os estrangeiros, e em especial as duas francesas, imodestamente vestidas para os padrões locais. Começaram a ouvir-se o que se presumia serem piropos em sotaque forte árabe numa língua presumivelmente inglesa. A atmosfera era de cortar à faca. Tomamos todos as nossas bebidas e como o ambiente era de tal forma hostil e ameaçador, resolvemos sair do bar para o enormíssimo átrio do hotel, ver as montras e conversar. Eu estava animadíssimo a falar com um certo Michel, programador de computação do governo francês na Nova Caledónia. Estávamos sentados num dos cadeirões, forrados a ouro e veludo, que se espalhavam pelo átrio do Hotel e devia ter o tamanho de um campo de futebol. Não reparámos, que mesmo em frente a nós no *foyer*, a uns 20 ou 30 metros, estava um grupo familiar local constituído por três homens, duas mulheres totalmente cobertas com uma elegante *jilbab* ou *jilbaab* (جلباب) e a cara coberta com um *niqāb* (نقاب), véu que cobre na totalidade a face, deixando antever os olhos e faz parte do hijāb ou *burqa*. Convém aqui acrescentar uma nota para os que nunca andaram por aqueles lados do Oriente do Meio.

Manda a tradição islâmica que o contacto físico entre sexos opostos seja bastante rigoroso. A troca de apertos de mãos é permitida somente dentro de uma relação lícita ou quando há um vínculo forte de parentesco. As normas de cortesia indicam que se uma pessoa de sexo oposto lhe estender a mão, deve aceitar o cumprimento. Em meios diplomáticos, é permitida a troca de cumprimentos entre homens e mulheres. As mulheres devem ser cumprimentadas verbalmente, a não ser que tomem a iniciativa e ofereçam o braço para o cumprimento. A mão esquerda é sempre considerada "suja", pois é utilizada na higiene pessoal, conforme a tradição islâmica. Portanto, deve evitar-se cumprimentar, gesticular, dar e receber presentes e cartões com a mão esquerda. Em hipótese alguma se deve gesticular balançando as mãos fechadas, pois é considerado um gesto hostil. A lógica é que, se usa força contra os seus inimigos, então ao balançar as mãos contra alguém com muita força e potência, este ato pode ser interpretado como se essa pessoa fosse um inimigo. Nunca se devem cruzar as pernas, mostrar a sola do sapato constitui um insolente insulto, por ser a parte mais baixa do corpo e estar em contacto direto com o chão. Daí ser considerada impura.

Estávamos Michel e eu, alheios de tudo e de todos, em amena galhofa discutindo as virtudes que poderia haver se tivessem uma mulher no mundo ocidental que ninguém pudesse olhar ou cobiçar. Provavelmente gesticulando, possivelmente mostrando as impuras solas dos sapatos, ténis ou botas que calçavam, sem se aperceberem que estavam quase sós no enorme átrio. Sabiam que não podiam olhar diretamente para a mulher árabe, ao contrário do que é normal no Ocidente. De repente, pelo canto do olho, apercebo-me que uma imponente figura em traje completo de xequê, se levantara e cobrira já metade dos 20 metros que separavam os sofás deles aos nossos. Sem me desconcertar, mas subitamente tomado de pânico ou mero medo ancestral, pela segunda vez nessa manhã, levantamo-nos a uma frase minha, conversando como se nada fosse, antes que o árabe tivesse tempo de se aproximar mais. Distanciamo-nos rapidamente, sem olhar para trás, mas tendo a certeza, pelo sexto sentido, de que não fomos seguidos.

Ficamos, para o resto das nossas vidas, com dúvidas se o árabe se nos ia dirigir, como pressentíamos, a acusar-nos de um qualquer crime, como ter olhado para aquele monte de tecido negro com dois pontos coloridos movediços, numa pequena abertura da parte superior do vestido. Poderia ter-se sentido insultado com a lamacenta sola dos sapatos, cheia de areia árabe. Ou, teria apenas constatado que o seu *Cartier* ou *Rolex* dourado e cravejado de diamantes de 50 mil dólares tinha parado e apenas ia perguntar as horas? Fosse o que fosse, mudamos rapidamente de piso no hotel. Dirigimo-nos para uma zona onde estavam mais dos, quase, duzentos ocidentais que se encontravam ali exilados tecnicamente enquanto o avião era reparado. Toda aquela atmosfera, mesmo num hotel daqueles era aterradora. Os árabes eram sempre servidos primeiro e só depois os estrangeiros, fosse para o que fosse, mesmo que apenas se tratasse de se sentarem numa mesa dum dos bares do hotel.

Senti mais medo nessa cena do que em qualquer outro momento da minha vida. Mesmo muito mais do que uns anos antes, em Carachi (Paquistão) quando tive de sair do avião devido a uma tempestade de areia. O quadrimotor tentou arrancar, mais de uma vez, mas chegava ao fim da pista com esta tão coberta de areia que não descolava. Rapidamente saímos e fomos encontrar abrigo temporário no terminal. Do dia se fez noite e a pista ficou coberta por mais de dois metros de areia. O átrio do terminal parecia uma duna saariana. Foram horas na escuridão. Por fim, amainara, os bulldozers vieram limpar a pista e o avião da Air India partiu.

Da janela do hotel, na cidade do Kuwait, via-se o deserto ciclicamente cortado por um autocarro dos hotéis ou por uma viatura de alta cilindrada e topo de gama. A neblina própria do calor e humidade parava sobre a estrada, numa tonalidade de amarelo sujo a tudo o que circundava o hotel. Criavam-se miragens e a mente toldava-se enublada. Dias depois seria a neblina dos fogos da primeira invasão de Saddam Hussein, o terror, a morte, a pilhagem e a destruição que as forças iraquianas iriam impor no hotel e em todo o Kuwait. Mais uma vez o mundo perdia a sua inocência.

PS: A despropósito vocês sabem que se o Andrea Bocelli tivesse nascido português andava hoje a cantar numa esquina, e a pedir esmola? Tal como eu já tinha dito a um amigo meu em Hong-Kong nos anos 80, se os portugueses tivessem ficado com o rochedo e os Novos Territórios em vez de Macau, Hong-Kong seria um rochedo deserto com a bandeira das quinas.

12. CRÓNICA 12, DAS NOITES DAS AMIGAS AOS LIVROS SÉRIOS 4 fevereiro 2006,

12.1. CARNAVAIS.

Na minha opinião, os homens verdadeiramente grandes devem sentir-se desolados na Terra.
F. Dostoievski

Ontem comecei o dia a receber os agradecimentos de Dom Carlos Ximenes Belo por me ter lembrado das 58 velas que ele acendia nessa data. Depois, dei comigo a ler que Ramos Horta é um dos favoritos para ser Secretário-Geral da ONU, embora a concorrência do candidato tailandês seja grande. Timor continua sempre presente no meu quotidiano mesmo sem nada fazer para tal.

6 fevereiro 2006: O dia acordou fresco, de facto, foi este o dia mais fresco desde que cá cheguei. No carro a temperatura indicava 6º C enquanto em Ponta Delgada os termómetros marcavam 9º, mas espera-se que rapidamente isto chegue aos 18º previstos para hoje. No Portugal profundo já se começam a acalmar as excitações da vinda do patrão da Microsoft que se encheu de assinar protocolos para fazer disto um país evoluído. Interrogo-me se não sairia mais barato comprar o país todo, por atacado e em saldo, e depois modernizá-lo, do que contar com os que cá estão para o fazerem.

Esta semana começaram as quatro semanas de celebração do carnaval com a passagem na noite da quinta-feira dia 2 de fevereiro 2006 do Jantar dos Amigos que é uma cena curiosa pois as mulheres ficam em casa e os homens reúnem-se. Depois do jantar há sessões de striptease que decerto ajudam o ego frustrado de tanto macho latino reprimido que aqui deve haver. Agora na semana que vem na quinta é a Noite das Amigas em que elas farão o mesmo, mas espera-se que com striptease masculino...a menos que sejam de preferências sexuais alternativas. Na semana a seguir é a Noite dos Compadres logo a seguir ao S. Valentim ou Dia dos Namorados e por fim a noite das Comadres.

Curiosos estes hábitos a que chamam tradições da ilha de S. Miguel e até tiveram direito a espaço informativo nas televisões do Continente, embora ninguém saiba, ao certo, como ou quando surgiram e por quê... Lentamente se vai aprendendo de que é feita a massa cinzenta e outra (menos cinzenta) destas gentes. Era vê-los em frente às câmaras de televisão todos lampeiros, satisfeitos depois de se alambazarem com imensa comida e bebida à espera da “sobremesa”. Desconhece-se o que é que os dez por cento de preferências homossexuais fizeram nessa noite, mas podemos calcular.

12.2. DOS LIVROS. 4 fevereiro 2006.

Creio que o que importa é saber porque é que livros bons não se publicam e o que se vende são autobiografias do Vítor Baía, José Mourinho, Pinto da Costa e melhor ainda é ter um Presidente da República que devia ser uma pessoa séria dedicada aos graves problemas da Nação a escrever o prefácio do livro do “Bicho” ou Jorge Costa ex-jogador do F. C. do Porto. Isto sim é um apoio à juventude para ler livros. Mais do que qualquer campanha do Instituto Camões ou do Instituto Nacional do Livro. Já decidi: vou meter outra vez o meu filho a jogar futebol para, mais tarde, poder publicar um livro. Toda a educação que lhe tenho dado está errada, pois assentava em conhecimentos clássicos sem eu ter entendido os novos paradigmas da educação e da cultura contemporâneas. Ando eu a fazer Colóquios da Lusofonia há cinco anos para quê? Devia era estar a organizar simpósios desportivos onde os jogadores pudessem falar das suas vidas e dos seus problemas, e depois pedir a um

primeiro-ministro ou Presidente da República para prefaciar um livro de Atas sobre este tema. Como é que uma pessoa minimamente culta como eu não viu esta alteração comportamental no seio dos portugueses? De facto, devo ter andado distraído nestes 11 anos que vivi em Portugal. Andava eu preocupado por causa do meu livro CD (Timor-Leste vol. 2 1983-1992 Historiografia de um repórter) à procura dum editor que o quisesse por em papel para quê?

Refarei o conteúdo e chamar-lhe-ei “Memórias dum espetador de futebol 1983-1992, e pata subtítulo *“tudo aquilo que sempre quis saber sobre o que se passa nos balneários e para lá das quatro linhas, conversas com os árbitros e com as meninas, normalmente brasileiras, que os clubes põem à disposição dos árbitros para a sua preparação física, saiba os escândalos e a vida privada dos grandes dirigentes do futebol e das suas amantes, viva por dentro o que os seus ídolos sentem e fazem”*. Depois é só aguardar que o telefone toque com propostas milionárias. Até pode ser que apareçam uns interessados em verter a escrita para filme. De facto, estou errado e não o mundo inteiro.

Bem me dizia a minha mãe que a minha atividade não dava dinheiro, e que eu nunca mais aprendia. Só agora entendo o alcance das suas palavras: queria era transmitir-me que a intelectualidade frustrada que eu professava não ia dar a lado nenhum e que devia concentrar-me nos grandes problemas que preocupam nove milhões e meio de portugueses e sabem os nomes dos jogadores das equipas de futebol e que confundem o Salazar com ou outro qualquer como o Camões que é um poeta que ninguém leu e deve ser chato como o carças. Esta revelação que tive ontem à noite num sonho vai abrir novos horizontes a todo o resto da minha vida. Em vez de me ter dedicado mais de 25 anos à causa de Timor e passar por louco, com toda a gente dizendo-me para eu desistir devia era ter-me metido na cena do futebol. Já perdi o direito aos meus quinze minutos de fama e não sei se vou a tempo de ter algum proveito. Desculpem, estou inconsolável e vou ter de me começar a preparar.

Como estou nos Açores nada melhor do que escrever sobre a vida secreta de Pedro Pauleta, o açor de S. Miguel. Vou investigar as ex-namoradas, filhos ilegítimos e demais truques de bola para dar a conhecer ao mundo. Tenho a certeza de que o Presidente do Governo Regional e as autoridades me irão apoiar incondicionalmente no projeto. Isto, apesar de nunca terem lido uma só linha dos milhões que já escrevi, nem terem lido um só livro dos que publiquei, e de nunca me terem visto nem ouvido na Rádio ou TV porque naquele tempo eram muito novos e iam para a cama cedo ao som do Vítinho ou do Patinho. Bem, mãos à obra e vou-me deixar destes escritos que ninguém lê e a que ninguém interessa.

13. CRÓNICA 13 OS FERIADOS SÃO PARA QUÊ? – março 2006

13.1. OS FERIADOS SÃO PARA QUÊ? ILS SONT FOUS LES AZORIENS

O Astérix dizia *“Ils sont fous ces gaulois”*, mas devo acrescentar que os açorianos também o são. Hoje de manhã, sábado de carnaval (25 fevereiro 2006), acordaram-me pelas 08:00 horas quando o previsto neste primeiro dia das miniférias de Carnaval era dormir.

Como já devo ter anteriormente escrito quando aqui chove, não dura muito tempo, mas a quantidade de água despejada pelos céus é enorme. Acontece que a água entrava pela chaminé da cozinha, tornando-a inabitável e mal se podia cozinhar. O senhorio que já tentara várias medidas para diminuir este problema decidiu finalmente substituir a chaminé que tinha muitas dezenas de anos e não fora beneficiada aquando das obras da casa. Que melhor altura para o fazer se não nesta manhã de sábado? Esta gente não dorme? Será que só

trabalham? A dúvida permanece, pois, ao levantar-me estremunhado e a ter de mudar rapidamente a programação do meu chip cerebral acabo de constatar que não tinha água quente, pois o esquentador tinha sido retirado para não se entupir com o desmantelamento da chaminé.

A minha mulher que pensara dormir estas manhãs todas, ameaçou logo fugir para Ponta Delgada para casa dos meus primos, na reação intempestiva que, por vezes, caracteriza o espírito feminino português. Mais pragmático e com a sabedoria de chinês paciente (para isso que lá vivi e aprendi com eles) levantei-me, lavei-me como pude e aqui aproveito estas horas inesperadas e não programadas para escrever esta Crónica. Claro que podia ter-lhe recordado que na messe de oficiais de Bobonaro, junto à fronteira indonésia e frente à “Mesa dos japoneses” tomar banho era mais do que um luxo: uma tarefa que nunca se aceitava como garantida naquela vila montanhosa de Timor. Um bidão de óleo ou gasóleo de 200 litros cortado ao meio, ligado a uma tubagem incipiente canalizava a água para o duche. Esperava-se que o meio bidão enchesse de água, acendia-se a fogueira sob o mesmo e aguardava-se que a água esquentasse para se tomar um duche rápido com a semelhança de água tépida. Isso era lá no Oriente e os tempos eram outros.

13.2. EXISTO LOGO INCOMODO, março 2006

Nas últimas semanas o meu aparelho digestivo resolveu decidir manifestar numa versão livre aquela premissa de Descartes “Existo logo incomodo”. Assim tenho tido de forma irregular desde o Natal, vários ataques dolorosos que se prolongam por várias horas e só surgem ao fim do dia. Na semana passada resolvi pedir ajuda aos médicos embora, por questão de princípio, entenda a medicina como uma das ciências mais vagas e menos precisas que existe. Fui a uma consulta, fui medicado e mandaram-me fazer análises, testes, uma ecografia e uma endoscopia. Estas últimas aguardam marcação, as análises foram feitas e para a semana recebo os resultados. O certo é que ou por efeito placebo ou por sugestão mental desde então só passei mal uma noite em vez de passar mal todas...quem sabe se isto não é provocado pelo sistema nervoso que andou preocupado estes seis meses por não se descobrir por onde crescia água dentro do Audi A4? A verdade também é que logo a seguir à consulta médica fui ver o Audi todo descarnado e desprovido de interiores para enfim me mostrarem que mau serviço fora feito na viatura antes de ela me ser entregue pelo ato de compra. Eventualmente agora que se sabe o que estava mal e se reparou o dano pode ser que não volte a chover dentro do Audi sem se saber por onde. Quem sabe se não era esta preocupação que me causava um acréscimo de acidez estomacal e más digestões acompanhadas de fluxos gasosos? O corpo humano é quase tão difícil de escrutinar como o universo só que é mais pequeno.

13.3. LIVROS PARA A ESCOLA, março 2006

Entretanto a Nini (minha mulher e dedicada professora) resolveu por as crianças lá da escola a lerem livros de autores portugueses, e como vinha cá esta semana um desses autores (António Mota, se a memória não me falha, dado que lamentavelmente nunca li nada deste autor infantil) resolveu igualmente encenar uma peça duma das suas primeiras obras para ele observar. Parece que foi um sucesso dado que as crianças andaram uma semana inteira, depois do autor se ir embora, a repetir a peça para todos os professores, alunos, auxiliares e pais que não a tinham visto. O certo é que a Biblioteca precisa de mais livros e

a campanha feita junto do professor Marcelo Rebelo de Sousa e ao Francisco Viegas até agora não deu nenhum resultado. Por isso se me está a ler e tem livros que só ocupam espaço, lembre-se de que há crianças carenciadas que os podiam estar a ler. Perca o amor a uns tostões e compre um envelope verde grande daqueles que custam 3 euros e envie-nos os livros excedentários

A Escola Básica Integrada da Maia, no Concelho da Ribeira Grande foi criada em 2001 servindo uma zona de população predominantemente carenciada, cuja atividade se reparte entre a agricultura e a pesca e com uma elevada taxa de desemprego. Desde a sua formação que a Escola se debate com a inadequada dotação orçamental que nunca lhe permitiu criar uma Biblioteca escolar digna desse nome, antes vivendo das generosas dádivas dos seus docentes e de poucas pessoas residentes na sua área geográfica. Se - por um lado - dentre as suas funções está o estímulo à leitura por outro lado vê-se constrangida pela exígua quantidade de volumes que tem à disposição dos milhares de jovens que fazem parte deste agrupamento escolar. Resta-nos assim endereçar a V. Ex.^a o apelo de que quaisquer livros excedentários ou que não tenham já destino predeterminado possam vir a ser encaminhados para nós. Numa época em que as estatísticas nos demonstram que as crianças, fruto da atual conjuntura, do mercado consumista e da variedade de atrações existentes, parece distanciar-se progressivamente da leitura, temos aqui centenas de jovens carenciados ávidos de livros e dos quais não dispomos, para lhes podermos facultar esse saudável hábito que a leitura durante os anos formativos da juventude. Desde já ficaremos gratos por toda e qualquer oferta que nos proporcionar. Aqui fica o pedido formal, pois isto de falar da Lusofonia é muito lindo, mas se não pusermos as crianças a ler desde muito novas elas nem vão perceber do que estamos a falar mais tarde.

13.4. ONDE SE FALA DE TRABALHO, março 2006

Esta gente só trabalha, como já se escreveu anteriormente, e aparentemente nunca ouviu falar da semana-inglesa pois aqui, excetuando alguns que já não trabalham ao sábado, toda a gente trabalha 24/7/365 (ou seja sete dias por semana todo o ano). Como grande parte da população rural cá do sítio está envolvida nas vacas (ou tem vacas ou trabalha-as para terceiros), chova ou faça sol, de noite ou de dia, de tantas em tantas horas lá estão eles a mungir as vacas (já não o fazem manualmente) ou a levá-las de um pasto para o outro (e aqui não faltam, pois, todo o inverno a ilha se mantém verde, à exceção das árvores caducas).

Em geral toda a criança que se preza falta à escola ou não faz os deveres porque foi às vacas. O mais curioso é que esta gente não parece infeliz por esta vida que muitos considerariam similar à escravatura de outros tempos. Os seus rendimentos são bastante inferiores aos de Portugal, mas nem por isso são menos felizes. Hei de descobrir a razão da sua falta de queixas e lamúrias tão frequentes aí no Continente e aqui raramente escutados. A sua energia positiva é canalizada para ações relacionadas com o culto cristão eivado de paganismos, como ainda ontem se viu com jovens a entornarem frascos de ketchup, mostarda e farinha sobre as pessoas e carros à saída da escola numa celebração carnavalesca.

A nossa empregada doméstica ou como agora se diz em PPC (Português politicamente correto) a técnica auxiliar de apoio domiciliário, trabalha cá uma vez por semana durante 9 horas (das 8:00 às 17:00 com uma pequena pausa para almoçar) e ganha 25 euros ao dia. A anterior em Bragança apenas nos proporcionava por esse custo 5 horas de trabalho e antes dessa no Porto apenas dava para quatro horas... Todas se queixavam menos a atual.

Como é que hei de transmitir esta noção ao meu filho mais novo de que mais é menos? Quanto mais se tem mais se quer, talvez não tenha tido o mesmo que os outros, mas decerto que em termos pessoais beneficiou duma presença sempre constante do pai, duma liberdade e dum contacto com a natureza quer em Bragança quer aqui, que os outros filhos nunca tiveram.

13.5. SAUDADES TRANSMONTANAS, Lomba da Maia, S. Miguel, Açores 25-02-2006

Penso que (o meu filho) um dia possa dar valor a isso como eu dei às minhas memórias transmontananas de infância que aqui recupero o discurso de apresentação para quem não esteve presente ao lançamento do Cancioneiro Transmontano 2005 (05/06/2005):

Os aborígenes australianos sobreviveram aos últimos 60 mil anos sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa.

A Bragança de hoje é irmã gémea da outra celta e romana, dela tendo herdado costumes, língua e artesanato, sempre marcados pela sua importância militar e estratégica, mas sem jamais perder as suas raízes rurais. Bragança é ainda hoje um distrito possuidor de um enorme acervo de peculiaridades étnicas e culturais, que o seu isolamento permitiu preservar e que derivam da influência de todas as suas colonizações. Esta antiga Cidade de origem neolítica foi posteriormente um importante centro romano localizado na zona atual da Sé. Às invasões bárbaras sucederam-se as guerras entre mouros e cristãos que tantas tradições orais deixaram como podemos apreciar neste volume, e posteriormente a enorme influência marrana.

Quando aqui cheguei há 3 anos este foi um dos projetos que apresentei por entender que na cultura local, tal como em muitas outras regiões do país, falta o amor-próprio e o apreço à herança de cada um. Os movimentos populacionais exógenos e a atração pelas grandes urbes levam ao menosprezo do que é mais peculiar e mais notório nesta região. Se houvesse uma verdadeira apreciação multicultural, pode ser que as gentes da terra tivessem maior orgulho no que lhes é único. Constatei com tristeza que das dezenas de cartas enviadas a responsáveis autárquicos pedindo apoio nas recolhas de material para o cancioneiro apenas tivesse recebido apoio do Sr. Presidente da Câmara de Bragança (Eng.º Jorge Nunes), do Sr. Presidente da Junta de Freguesia da Sé (Dr. Paulo Xavier) e do Sr. Provedor da Misericórdia (Dr. Eleutério Alves). Foi com eles que parti para esta aventura que era a de compilar registos ainda existentes dos traços culturais autênticos da região.

Creio que a exemplo dos aborígenes australianos esta obra pode vir a perpetuar a cultura transmontana que hoje está em risco de desaparecer na voragem urbana progressista, no desagregamento da família dita tradicional e na importação de modas e hábitos estranhos. Neste volume pretendemos fazer ouvir a nossa voz, através das memórias do passado para que não desapareçam as lendas e tradições que permitiram a Bragança ser uma terra onde se congregam esforços e iniciativas para manter viva a língua de todos nós, sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno. Em 2003, sabia que havia fortes laços de sangue que me prendiam a esta região. Com um avô materno Vimiosense há séculos, uma avó materna e uma mãe alfandegueses, recordava daqui as férias de infância passadas em terras da vetusta região de Bragança e Miranda. Havia primos e tios avós que contavam histórias de outros tempos, e tinham um falar diferente. Aprendi a liberdade de passear pelos campos até ao pôr-do-sol, montado numa burra ou num macho, sem peias nem fronteiras, por montes e vales, inspirando este ar puro, experimentando detalhes desconhecidos da natureza que a minha juventude urbana desconhecia. Nas casas, à exceção da do Azinhoso onde havia um gerador, ainda não havia luz elétrica que essa só chegaria depois do 25 de abril, mas os campos já estavam plantados de postes de alta tensão. Das vindimas à apanha da amêndoa muitas foram essas recordações que recuperei. Lembro-me de ver como no céu havia estrelas em número inaudito, que jamais se podiam observar nas poluídas abobadas das cidades portuguesas. Lembro-me do cheiro a feno na Eucísia, do chiar dos carros de bois no Azinhoso, dos cortejos pascais engalanados com as colchas penduradas nos janelucos da Eucísia (as pequenas janelas como seteiras abertas em paredes de grossa espessura). Lembro-me dos burricos e dos seus cântaros saltitantes a caminho da fonte da Grichinha, dos jantares à luz da vela e do sempre presente Petromax. As cavilhas na central telefónica do Sendim da Ribeira com doze números de telefones que se ligavam à loja ou venda onde tudo se comprava. Havia ainda as celebradas danças no salão dos Bombeiros em Alfândega da Fé, e as festas típicas da Eucísia em honra de São Sebastião, onde aprendi um povo que desconhecia.

Na pequena e ora semi-despovoada Eucísia, aldeia da minha avó materna encontrei os rituais senhoriais da família Gama, do engenheiro Camilo Mendonça, onde se ia prestar vassalagem quando ali chegávamos para férias, ansiosos de beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feiticeiras. Revisito a imagem bucólica do Vale da Vilarça antes da barragem, quando da varanda de casa me deleitava com ela enquanto devorava os livros de Jules Verne. Vi rostos e tradições do tempo dos Cristãos-Novos, ainda hoje envergonhados da sua herança marrana. Há cinquenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cónego ou padre, tão comum a tantas famílias da região, numa mescla de respeito, medo e veneração ao Cristianismo que se impusera aos mouros da rica Alfandagh, para depois ser temporariamente substituído pelos judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição. Conheci capelas, vi santos milagreiros em altares cobertos de ouro, andei em procissões e fui a missas onde os importantes da terra tinham as suas cadeiras próprias reservadas em pleno altar. Tomei banho em tanques de rega, piscinas improvisadas, e provei frutas desconhecidas.

Fiquei sempre com esta recordação destas terras e destas gentes e ela me acompanhou no périplo de mundos e na diáspora que me levou a passar metade da vida no sudeste asiático e na Australásia. Essas eram, aliás, as únicas recordações agradáveis que levavam do país onde cresci. Eram tão importantes que as utilizei numa entrevista à cadeia ABC australiana em 1989 para dizer na Austrália como era belo este país de bons vinhos e boas comidas,

e paisagens variegadas. Lembrava-me sempre dos fragedos de Penas Roias (onde fora pela primeira vez em 1962), e da famosa arca do senhor cura dessa aldeia esquecida, onde só regressaria no conforto do alcatrão em 2004.

No Vimioso percorri as ruas onde o meu avô crescera, vi a casa onde a família habitara que permanecia ativa e brasonada.

Em Alfândega da Fé reví os jardins e os parques e as memórias dum castelo de que restava apenas o relógio, que a minha mãe sempre referiu nos idos da memória. Recordei as viagens longas e inesquecíveis pelo Douro acima, em comboios que a estupidez do homem mandou retirar dos carris trocando-os por alcatrão.

Recordo com emoção os jantares feitos à lareira, em tachos negros como tições ou como a noite sem luar, e onde os sabores eram bem diferentes dos cozinhados nas cidades. Depois do jantar, sentados no escano, imaginávamos figuras misteriosas que o fogo e as sombras criavam, antes de nos confrontarmos com o medo de regressarmos aos quartos, atravessando enormes salões onde a chama bruxuleante da vela nos desenhava os demónios de que a catequese nos avisara. Mais terríveis ainda eram as trovoadas em plena época das sezões, quando na Quinta da Bendada (hoje em ruínas e não mais pertença da família) ou na Casa do Alto do Sendim da Ribeira, nos anichávamos debaixo da cama, enrolados em cobertores de papa, a rezar a Santa Bárbara.

Foi tudo isto e muito mais que eu revivi ao editar este maravilhoso Cancioneiro Transmontano 2005. Foi o facto de saber que não vivi em Portugal os anos suficientes para ter mais recordações de histórias e contos dos avós e tias, e de que a minha mãe hoje com 82 anos é o último elo para tantas dessas histórias e lendas que as tias contavam e cantavam. Ao sentir que se podem perder esses registos fundamentais numa memória coletiva resolvi meter as mãos à obra e preservar em papel aquilo que tantos idosos nos deram. Sabemos que a língua e cultura dum povo se preservam sobretudo pela tradição oral, limitamo-nos a transcrever o que foi possível ainda recuperar, para que mais tarde, os vindouros saibam que aqui houve gentes que nos falavam de mouras encantadas oitocentos anos depois de elas terem deixado de aqui viver. Lamenta-se que mais recolhas não nos tivessem chegado a tempo de as publicar. Estamos dispostos a guardá-las para uma próxima oportunidade se alguém as fizer chegar até nós. Mas para já vos deixo cerca de duzentas e cinquenta páginas desta memória transmontana. Espero que todos tenham tanto prazer em lê-lo como eu tive a transformá-lo naquilo que aqui têm, e que possa servir para passar de geração em geração com a satisfação de todos os que podem dizer, comigo,

TENHO ORGULHO DE SER TRANSMONTANO.

14. CRÓNICA 14 - DA FALTA DE ÁGUA ÀS IDAS AO HOSPITAL. 7 março 2006

14.1 DA FALTA DE ÁGUA E DOS ROMEIROS

A velha saga, do abastecimento de água à residência e a falta de desempenho do esquentador a gás, parece - finalmente - ter chegado a bom termo. Há dias veio cá o agueiro (técnico da água) da Câmara Municipal da Ribeira Grande a fim de aumentar a pressão de água na canalização dentro de casa e para tal fim, abriu um buraco de metro e meio de profundidade e dois metros de comprido que praticamente cortou o trânsito na nossa rua.

Claro que isto tinha de ser feito num dia dedicado ao descanso, ou seja, a quarta-feira de cinzas em que ninguém tinha aulas e logo pela manhã bem cedo, eram para aí oito horas e cinco minutos... A minha mulher pensou logo (outra vez?) em mudar-se para a capital (Ponta Delgada) pois tinha predestinado essa manhã para descansar e dormir a retemperar forças. Obviamente que ainda não está a costumada a este ritmo de trabalho local, em que a hora da levanta é todos os dias pelas seis ou seis e meia e a deita pelas nove da noite, sete dias por semana, 365 dias ao ano.

O barulho das pazadas de terra a serem cavadas na rua era acompanhado, em estéreo, pelo barulho de um “mestre” (de construção civil) a fazer os acabamentos da chaminé, que deixou de o ser, para se tornar numa placa de cimento com dois tubos protuberantes invertidos em J. Como não havia água corrente, nem para mim nem para os restantes moradores da rua a jusante, fiquei com o dia estragado porque recuso-me a sair à rua sem tomar o meu duche matinal. Felizmente antes da hora do almoço, o novo tubo com um diâmetro maior estava instalado e a água fluía com mais vigor dentro da canalização. Mais umas pazadas de terra e a rua de volta à normalidade, mas sem asfalto na área onde a intervenção ocorrera.

Quando a seguir ao Natal abriu ao pé de casa o minimercado Rosa com os bens essenciais, incluindo congelados, começámos a frequentá-lo, pois os vegetais que não crescem na nossa horta têm de ser adquiridos fora.

Ainda não me habituei às buzinelas que diariamente me enchem os tímpanos, para anunciar o talho móvel, a peixaria móvel, os vegetais e legumes e outras coisas. Assim, nunca sei em que dia vem o quê, e por isso perguntamos no minimercado se nos podiam arranjar aí uns cinco quilos de batata. Dissemos que não era urgente, mas ao fim da tarde estava o marido da senhora do minimercado a bater à nossa porta e a colocar no nosso pátio um saco com vinte quilos de batatas, declarando que não era nada. Claro que fomos perguntar à senhora do supermercado quanto lhe devíamos, sob a ameaça velada de nunca mais lá irmos se não nos dissesse quanto devíamos pelas batatas. Até hoje a resposta foi sempre a da oferta. Nisto, esta gente é excepcional e ganharam um cliente fiel.

O senhorio, entretanto, aproveitou as obras para nos vir limpar o quintal de ervas daninhas e outras que já tinham um metro de altura e nos tiravam a vista para o mar. Ao mesmo tempo, desbastou umas dezenas de pés de inhame que nos deixou descascados para cozinharmos, experimentarmos e não gostarmos. Cortou também a couve-galega que já ia nos dois metros e arranjou a horta onde temos vários tipos doutras couves, salsa, cenoura e sei lá que mais. A relva que foi plantada em novembro está com uma boa camada de tapete, e como estava uma tarde soalheira e de acalmia, decidi jogar futebol com o meu filho.

O quintal estava destituído de batatas, acabadas de colher pela segunda vez nesse ano. Havia uma baliza de plástico com rede e o João Nigel encantado a demonstrar os seus dotes de guarda-redes. Em Bragança chamavam “piteiro” aos que sofriam “frangos”, termo que não era bonito nem apreciado noutras regiões, mas ele nem se apercebera que os pontapés fortes do pai não se destinavam a provar as suas fragilidades de guarda-redes, mas para atirar a bola para o fundo do quintal. Tática velhaca para desgastar o excesso de energia do filho. Vigor que a mim começa a faltar nesta fase a que chamam de madura, e que preferia enunciar como da aplicação da sabedoria adquirida.

Ontem, tal como todas as outras manhãs, fui ao café buscar o meu jornal da véspera, pois os jornais do Continente só chegam à aldeia no dia seguinte por volta das 11 horas, e eu não estou para andar uns 30 ou 40 km ao dia para ir buscar o jornal do dia... Na escadaria da igreja estavam aí uns cinquenta peregrinos ou Romeiros como aqui são chamados. Tinham partido na antevéspera de Ponta Delgada e dirigiam-se rumo ao Nordeste naquilo que é anualmente, nesta época religiosa, a sua peregrinação anual a toda a ilha. O Governo Regional concede-lhes uma semana de tolerância de ponto para calcorrearem, de dia e de noite, chova ou faça sol, as estradas estreitas e perigosas da ilha. Param em todas as igrejas e localidades, vão-se aboletando em casa deste ou daquele e aí lhe são servidos alimentos antes de prosseguirem nesta sua peregrinação religiosa bem arreigada. Já hoje assistimos a mais um grupo de Romeiros a passar aqui. Disseram-me que os mais novos fazem percursos mais pequenos, enquanto os outros andam por toda a ilha. São cerca de 65 km de comprido com 40 na ponta mais larga e 8-15 km na zona central mais estreita.

Se fosse plano seria fácil, mas dada a inclinação íngreme da maior parte dos caminhos e estradas podem avaliar bem como não será difícil esta caminhada. As estradas são estreitas e nalguns pontos nem dois carros se cruzam, não existem passeios e a hipótese de acidente é grande. A fé move montanhas e aqui está a prova disso mesmo.

14.2. HOSPITAL

Entretanto o João estreou-se nos acidentes pois até agora sempre escapara incólume sem grandes arranhões ou outras mazelas. Em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas na sexta-feira dia 3 de março de 2006, telefona-me a mãe a perguntar onde estava eu porque o João se tinha magoado e precisava de cuidados que o Centro de Saúde da Maia não poderia proporcionar. Estava eu na Ribeira Grande, a meia hora de distância, pelo que era mais rápido ela vir com ele de táxi ou de ambulância do que eu fazer duas vezes o percurso. Assim aconteceu e quarenta minutos mais tarde chegaram. Tinha vários hematomas e cortes na cara e queixava-se de um braço. Fez o que os médicos entenderam por bem fazer, eu não pude assistir e só a mãe entrou. Quando saiu tinha a cara com cores distintas do vermelho do mercurocromo ao laranja do iodeto, mais o negro de pele pisada e um ar amarelo pálido. Tinha caído numa pequena elevação no recreio com um muro e foi com a cara ao chão cimentado em vez de se cingir ao chão relvado. Hoje, passados quatro dias sobre o acidente, os olhos estão menos chineses e menos inchados, as crostas começaram a aparecer, sinal evidente numa rápida cicatrização e já ontem saiu para andar de bicicleta.

Creio, porém, que, nestes primeiros dias, a lição lhe serviu para meditar sobre a fragilidade da cara humana e possivelmente retirará (ou não) alguma lição deste facto. Anda sempre esgrouviado, a correr, a saltar, a atirar-se para o chão, enfim as proezas atléticas dum jovem de 9 anos saudável. Fiquei admirado como a mãe não desmaiou, sempre tão atreita a desmaios mal vislumbra sangue ou vestígios do mesmo. Pai sofre...

14.3. AQUECIMENTO GLOBAL



previsão de Portugal em 2100

Entretanto pelo mundo as notícias são cada vez mais animadoras, no Ártico o degelo dos glaciares e icebergues continua a ritmo galopante pelo que em menos de um século é provável que aquela massa gelada desapareça da mesma forma que os gelados de verão desaparecem: derretidos. Não é caso para alarme dizem alguns, que comentam que mesmo que o planeta parasse instantaneamente as suas emissões de CO2 hoje, já nada conseguia parar o degelo e o aquecimento global desta pequena parcela de universo onde vivemos, mas muitos proclamam o oposto e eu que nada sei. Concordo que isto só prova o progresso

da humanidade e o qual, imparável como está, só terá um retrocesso quando o homem deixar de existir. Aliás que é que 15 milhões de anos com humanoides e humanos nos deixaram de herança? A guerra, a fome, e tantas outras qualidades boas que seria cansativo enumerá-las. Sou eu que continuo errado e não o mundo.

Já na Gronelândia também o degelo é visível e cada vez mais acentuado, mas preocupados como andamos com os cartunes islâmicos só daremos conta quando a água nos chegar ao pescoço, ou seja, quando a costa portuguesa parecer como o mapa acima, o que seria ótimo para tomar banho de mar em Coimbra, Leiria ou Grândola.... Claro que este meu ponto de vista em nada afeta o meu otimismo pois não espero durar até isto acontecer. O melhor fazer é ensinar o meu puto a nadar e bem, porque na ilha de S. Miguel só os lugares altos (a Lomba da Maia onde vivo) ficarão acima do nível das águas do mar....

14.4. DESERTIFICAÇÃO

Sei que há problemas mais prementes como o aumento das taxas moderadoras da saúde, autêntica descoberta olímpica. Como toda a gente sabe os pobres não são afetados, são os ricos que se cansaram de ir a clínicas privadas cheias de luxos e preferem esperar umas tantas horas em espaços insalubres, sem cadeiras nem outras condições, a verem um qualquer funcionário público da saúde horas a fio, a carimbar guias enquanto um qualquer médico, esforçado e abnegado, não tem disponibilidade para perguntar de que se queixa o paciente pois dispõe apenas de uns muito breves minutos para cada um. Não há nada que uma aspirina e outra qualquer receita antiviral não resolva numa manhã ou tarde bem passada num qualquer Centro de Saúde português.

Ainda ontem fiquei menente (traduzido ironicamente como imensamente satisfeito) com a ida do primeiro-ministro de Portugal, Sócrates, à Finlândia para copiar o modelo de sucesso finlandês. Há pouco tempo atrás, outro colega dele de nome Barroso queria copiar a Irlanda. Penso que são medidas acertadas, em vez de nomearem comissões para estudarem o problema e apresentarem sugestões, vai-se a um qualquer país que funcione bem, e copia-se o sistema deles, mesmo que não sejamos nem altos, nem louros nem tenhamos olhos azuis.

Por que é que isto não foi feito antes? Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca concluíram nada nem propuseram nada que fosse digno de ser aplicado, por isso é que o país se atrasou tanto, penso eu. Mas com tanto betão a mexer-se para os lados da Ota e com a velocidade do TGV quase ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete dos anos 50 e 60 estão a apodrecer de vez, em Elvas, porque não há dinheiro para os recuperar e o progresso do país assim o exige.

Como as linhas todas para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam, o melhor é acabar com todos os serviços no interior do país para que todos tenham a possibilidade de desfrutarem do ótimo clima à beira-mar plantado e se mudem, de vez, para a costa. Aliás nos últimos anos a Europa já nos ensinou que a agricultura portuguesa não dá nada e o melhor é importar tudo de Espanha pois lá é que eles sabem fazer agricultura a sério.

Como vão acabar com as escolas, maternidades, e outros serviços no interior, fica mais barato mudá-los todos (aos habitantes) para a cidade pois aí terão todos um nível económico uma qualidade de vida mais elevada do que se continuassem a viver em aldeias de primitivas casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser

transportada, mais as linhas de telefone fixo, mais o saneamento e o abastecimento de água, pois que tudo isto já existe nas cidades e no litoral, vê-se aqui a pertinência desta lógica. Anda o Estado a gastar dinheiro com estradas, sua manutenção, pontes, viadutos e túneis, para o interior quando toda a gente sabe que lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos, e agora como as crianças são deslocadas para as cidades, logo na escola primária, depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para aquele atraso e provincianismo da aldeia.

Assim, é mesmo o mais lógico trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, eles morrem e nas terras deles ainda se poderá aproveitar para fazer uns campos de golfe que é um desporto de milhões de aficionados portugueses, e sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, pois que como todos sabem há um excesso de produção da batata portuguesa.

Intriga-me imaginar porque é que isto não foi pensado há mais tempo e teríamos evitado todo este atraso. Como devem saber, tal atraso é causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo do país tentando, romanticamente, manter uma agricultura de subsistência à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados que tinham de se levantar pelas 5 da manhã e trabalhavam até ao pôr-do-sol.

Já se sabia que se vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto pois não vale a pena cultivar uma couve-galega só para se fazer um caldo verde. Depois, tenha-se em consideração que a matança do porco e de outros animais está condenada pela sociedade e por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante. Além do mais, fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos matadouros devidamente licenciados, nos moldes higiénicos e salutareos propugnados pela União Europeia.

O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar. Assim, sempre se aproveita para manter a tradição viva ao ensinarmos um pouco de história dos antepassados, coisa que é muito mais vantajosa do que ir a um museu, que como todos sabem estão sempre fechados nas férias, nos dias santos e aos fins de semana.

15. CRÓNICA 15 O NEGÓCIO DO MEDO e AS AVES LOUCAS.

15.1. TAMIFLU, BUSH, DONALD RUMSFELD E O NEGÓCIO DO MEDO, março 2006

Há dias que deixei de me preocupar com a Gripe das Aves, afinal trata-se de mais um esquema norte-americano para fazerem dinheiro (Bush e seus amigos), senão vejamos.

Extrato do editorial do nº 18 (abril 2006) da revista DSALUD (www.dsalud.com)

Sabia que o vírus da gripe das aves foi descoberto há 9 anos no Vietname?

Sabia que desde então morreram apenas 100 pessoas em todo o mundo durante estes 9 anos (menos do que com qualquer outra doença conhecida)?

Sabia que foram os americanos quem informou da eficácia do TAMIFLU (antiviral humano) como preventivo?

Sabia que o TAMIFLU apenas alivia alguns sintomas da gripe comum?

Sabia que a sua eficácia no tratamento da gripe comum está a ser questionada por grande parte da comunidade científica?

Sabia que perante um suposto vírus mutante como o H5N1, o TAMIFLU apenas aliviará alguns sintomas?

Sabia que a gripe das aves até ao momento apenas afeta as aves e seres humanos em contacto muito direto e continuado com elas?

Sabia que quem comercializa o TAMIFLU são os Laboratórios ROCHE?

Sabia que a ROCHE comprou em 1996 a patente do TAMIFLU à Gilead Sciences INC?

Sabia que o Presidente da Gilead Sciences INC. e o seu principal acionista era Donald Rumsfeld?

Sabia que Donald Rumsfeld é o atual Secretário da Defesa norte-americana?

Sabia que a principal base do TAMIFLU é o anis estrelado?

*Sabia que quem detém 90% da produção desta árvore é a ROCHE?
Sabia que as vendas do TAMIFLU passaram de 254 milhões em 2004 para mais de 1.000 milhões em 2005?
Sabe quantos milhões mais pode ganhar a ROCHE e os mercenários da administração Bush nos próximos meses se continuar este negócio do medo?*

Ou seja, o resumo do negócio é o seguinte:

Os amigos do Sr. Bush decidem que um fármaco como o TAMIFLU é a solução para uma pandemia que ainda não ocorreu e que causou 100 mortos no mundo inteiro desde há 9 anos. Este fármaco não cura nem sequer a gripe comum. O vírus atual não afeta o ser humano em condições normais. Rumsfeld vende a patente do TAMIFLU à ROCHE e esta paga-lhe uma verdadeira fortuna. A ROCHE adquire 90% da produção do anís estrelado que é a base do antiviral. Os governos de todo o mundo ameaçam com uma pandemia e compram à ROCHE quantidades industriais desse produto. Nós acabamos por pagar o medicamento e Rumsfeld, Cheney e Bush fazem um belo negócio...

15.2. ESTAMOS LOUCOS, OU SOMOS TODOS IDIOTAS? março 2006

A vida por aqui continua na sua calma rotina, afetada por fortes ventos e ocasionalmente não chove, cai água a potes cheios, depois lá passa e volta o sol, sem que as temperaturas baixem dos 12-13 °C (este mês só numa vez baixou até aos 9 °C) de mínima enquanto as máximas andam pelos 16-18 °C. A ilha é sempre verde, seja inverno ou verão. O mar da costa norte, mais alteroso que o da costa sul, é sempre motivo para olhar para ele, quando a visibilidade o permite, para lá da janela do meu “castelo” onde tenho o escritório.

De quando em vez na estrada para a escola da Maia (a 5 km) lá está uma arriba a desmoronar-se pela ação das chuvas, mas passado um dia já lá andam os cantoneiros da Junta de Freguesia a compor a falésia. Quando não andam no “*reparamento dos taludes*” cortam arbustos para que não ceifem mais espaço às estreitas ruas e estradas da ilha. O mesmo se pode dizer das ruas e estradas esburacadas, que regularmente levam a sua dose de gravilha ou de asfalto quente atirado às pazadas. A quantidade de chuva que cai, quando chove a sério, só surpreende por não fazer desmoronar mais escarpas. Aqui, os solos estão sempre encharcados, ao contrário do que se passa no Continente, onde a seca impera.

Noutra área, o governo português contratou um advogado que vai analisar o processo de expulsão de cidadãos portugueses do Canadá, anunciou hoje o ministro dos Negócios Estrangeiros. “*Ontem, através da Embaixada de Portugal em Otava, mandei contratar um advogado especializado na questão dos imigrantes ilegais*”, disse Diogo Freitas do Amaral aos jornalistas no Aeroporto de Lisboa. O ministro falava antes de embarcar para o Canadá, onde vai ter encontros com os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Imigração canadenses para debater a questão dos cidadãos portugueses ilegais que estão a ser repatriados pelo Estado canadiano.

Agora fala-se dos repatriados que o Canadá e EUA devolvem à procedência e muitos deles são açorianos. Não percebo por quê tanto falatório, se estavam lá ilegais, que esperavam, uma amnistia à velha portuguesa para se salvarem? Achei lírico ouvir na televisão os que tinham pedido o estatuto de refugiado no Canadá? Refugiados de quê, deste atraso de vida de país? Isso que eu saiba ainda não se qualifica como direito fundamental. Por que deve o Estado ajudá-los? Não entendo, ainda se poderia compreender aos que fogem da guerra e da violência sectária ou étnica, ou de regimes não-democráticos, mas fugir dos Açores?

Claro que é mais fácil emigrar do que estudar ou adquirir qualificações profissionais.

15.3. BANQUEIROS

Sempre escrevi que os portugueses só eram bons a trabalhar no estrangeiro e diziam-me sempre que é por não terem condições cá. Hoje acabo de ouvir que mais de 80% dos empresários da última década têm menos que o 9º ano de escolaridade e mais de 70% dos trabalhadores estão com pouco mais do que a antiga quarta classe. Nem comento, pois nem todos tiveram a sorte do Belmiro de Azevedo que aparentemente se acoplou com o que pode e estava à sua guarda, mas pertença do banqueiro Pinto de Magalhães. Não admira que seja um dos 500 mais ricos do mundo. Se tivesse tido um empurrão inicial daqueles quem sabe onde estaria? Abro um aparte sobre a fortuna do Belmiro, esse esquerdista do PREC:

Como o Belmiro começou a enriquecer...nadava nas águas da UDP...

Quando, em 14 de março de 1975, o governo de Vasco Gonçalves nacionalizou a banca com o apoio de todos os partidos que nele participavam (PS, PPD e PCP), todo o património dos bancos passou a propriedade pública. O Banco Pinto de Magalhães (BPM) detinha a SONAE, a única produtora de termolaminados, material muito usado na indústria de móveis e como revestimento na construção civil. Dada a sua posição monopolista, a SONAE constituía a verdadeira tesouraria do BPM, pois as encomendas eram pagas a pronto e, por vezes, entregues 60, 90 e até 180 dias depois. Belmiro de Azevedo trabalhava lá como agente técnico (agora engenheiro técnico) e, nessa altura, vogava nas águas da UDP. Em plenário, pôs os trabalhadores em greve com a reclamação de a propriedade da empresa reverter a favor destes. A União dos Sindicatos do Porto e a Comissão Sindical do BPM (ainda não havia CT na banca) procuraram intervir junto dos trabalhadores alertando-os para a situação política delicada e para a necessidade de se garantir o fornecimento dos termolaminados às atividades produtoras. Eram recebidas por Belmiro que se intitulava "chefe da comissão de trabalhadores", mas a greve só parou mais de uma semana depois quando o governo tomou a decisão de distribuir as ações da SONAE aos trabalhadores proporcionalmente à antiguidade de cada um. É fácil imaginar o panorama. A bolsa estava encerrada e o pessoal da SONAE detinha uns papéis que, de tão feios, não serviam sequer para forrar as paredes de casa. Meses depois, aparece um salvador na figura do chefe da CT que se dispõe a trocar por dinheiro aqueles horrorosos papéis. Assim se torna Belmiro de Azevedo dono da SONAE. Leva a mesma técnica de tesouraria para a rede de supermercados Continente depois criada onde recebe a pronto e paga a 90, 120 e 180 dias. Há meia dúzia de anos, no edifício da Alfândega do Porto, tive oportunidade de intervir num daqueles debates promovidos pelo Rui Rio com antigos primeiros-ministros e fiz este relato. Vasco Gonçalves não tinha ideia desta decisão do seu governo, mas não a refutou, claro. Com o salão pleno de gente e de jornalistas, nenhum órgão da comunicação social noticiou a minha intervenção. Este relato foi-me feito por colegas do então BPM entre eles um membro da comissão sindical (Manuel Pires Duque) que por várias vezes se deslocou na altura à SONAE para falar aos trabalhadores. Enviei-o para os jornais e, salvo o já extinto "Tal & Qual", nenhum o publicou. Gaspar Martins, bancário reformado, ex-deputado

15.4. EMIGRAÇÃO

Voltando à emigração, lembro-me da tragédia que era nos anos 60 e 70 do século passado quando as pessoas tinham de fugir "a salto" para tentarem sobreviver à custa do seu trabalho braçal numa Europa em crescimento que carecia de mão-de-obra. Havia outros que se exilavam para lutarem contra o regime colonial da ditadura do chamado Estado Novo. Os que agora emigram fazem-no apenas porque se vive numa sociedade consumista cada vez mais exigente e ninguém está para grandes sacrifícios, e lá fora ganha-se bem mais para o mesmo trabalho indiferenciado e escravo que faziam aqui. Só não entendo porque não emigraram pela via normal e legal, e foram com vistos de turista que há muito prescreveram e se deixaram ficar sempre na miragem duma amnistia. Mas ouvi-los falar de injustiça custame a engolir, tanto mais que criticam a falta de apoio do Estado português.

Onde é que eles estiveram nos últimos trinta anos? Não sabem o que é e como funciona o Estado português, afinal aquele que agora manda as crianças de Elvas nascerem a Badajoz porque não compensa ter abertas maternidades no interior desertificado do país. Parece que se esqueceram de perguntar ao vizinho estado soberano espanhol se estava pelos ajustes.... Já estou a ver o problema burocrático daqui a uns anos. Onde nasceu? Em Badajoz, então mostre-me a sua documentação. Tem autorização de residência neste país? Mas eu sou português, a minha mãe é que teve de ir ao lado de lá da fronteira para a maternidade. Pois bem se nasceu em Badajoz não pode ser português.... Se esse problema demorar tanto

a resolver como o de alguns portugueses que por nascerem em Angola ficaram apátridas bem podem esperar sentados.

15.5. DESERTIFICAÇÃO 2: DAS ALDEIAS PORTUGUESAS À CORRIDA AO OURO AUSTRALIANO

Há cerca de dois meses uma anciã partiu uma perna numa queda na ilha do Corvo. Era apenas uma das 300 e tantas pessoas que ali residem naqueles 17,13 km² (pouco maior do que Macau no meu tempo que tinha 16 km² e 400 mil habitantes, mas bem menor do que Macau hoje com 27 km² e 449 mil almas).

A menor ilha dos Açores tem 6,24 quilómetros de comprimento e 3,99 quilómetros de largura máximos. A sua superfície ovalada e alongada segundo uma direção norte-sul ocupa uma área de 17,1 km² sendo habitada por 430 residentes (dados de 2011). O Corvo constitui o Grupo Ocidental do Arquipélago em conjunto com a ilha das Flores, que está a uma distância de 17,9 quilómetros. O ponto mais elevado da ilha, aos 720 m de altitude, está situado na zona do Estreitinho, a 39°41'58" de latitude norte e 31°06'55" de longitude oeste. Fica mesmo em cima da placa tectónica norte-americana. É formada por uma única montanha vulcânica extinta - o Monte Gordo, coroado com uma ampla cratera de abatimento chamada localmente de Caldeirão, com 3,7 km de perímetro e 300 metros de profundidade e onde se aloja a Lagoa do Caldeirão. Nela se podem observar várias lagoas, turfeiras e pequenas "ilhotas", duas compridas e cinco redondas. O ponto mais alto da ilha é o Estreitinho no rebordo sul do Caldeirão, com 720 metros de altura acima do nível médio do mar. Além desta elevação destacam-se ainda: o Morro dos Homens, a Lomba Redonda, a Coroa do Pico, o Morro da Fonte, o Espigãozinho e o Serrão Alto. Todo o litoral é alto e escarpado, constituindo o cone central do vulcão, com exceção da parte Sul, onde numa fajã lávica se estabeleceu a Vila do Corvo, a única povoação da ilha. A escarpa oeste, com uma falésia quase vertical com cerca de 700 m de altura sobre o oceano, é uma das maiores elevações costeiras existentes no Atlântico. As terras imediatamente em redor da única povoação da ilha e uma pequena zona abrigadas na costa leste (as Quintas e Fojo) são as únicas em que é possível praticar a agricultura e manter algumas árvores de fruto. As melhores pastagens para o gado ficam mais para norte, nas chamadas Terras Altas. Na enseada sul, denominada Enseada de Nossa Senhora do Rosário, existem três cais de desembarque - o Porto Novo (não usado), o Porto do Boqueirão e o Porto da Casa, o maior e o único utilizado no tráfego comercial. O Portinho da Areia, no extremo oeste da pista do aeroporto, é o único areal da ilha e a sua principal zona balnear. É o único município sem qualquer freguesia. As funções dos órgãos de freguesia são assumidas pelos correspondentes órgãos municipais.

A sua pequena dimensão e o isolamento, provocado pela inexistência de um porto seguro, levou ao desenvolvimento de uma sociedade agropastoril com padrões tradicionais, embora a melhoria das comunicações tenha contribuído para aumentar o bem-estar e o progresso da população, podem ainda observar-se nalgumas portas os carabelhos, as típicas fechaduras de madeira com que, na falta de metal de outros tempos, se trancavam as portas das casas e palheiros, tal como ainda se veem hoje em Rio de Onor no distrito de Bragança.

Pois foi nesta simpática e pequena ilha que a senhora resolveu cair e para cúmulo do seu azar já tinha mais de 80 anos. Obviamente que não tinha nada que andar a dar voltas, ou a trabalhar nos campos, ou a fazer o que quer que fosse que ela estava a fazer com aquela idade e naquele local. Não sabia essa autóctone que não havia meios de cuidados de saúde na ilha para o caso de ter um acidente? Como não havia meios de a transportar no avião normal lá ficou uma semana. Então queriam pô-la a subir os degraus da escada para o avião com uma cadeira de rodas ou quê? Se a senhora não podia andar pelos seus próprios meios também não podia andar de avião...

Até que um jornalista (lá estão eles, essa raça maldita de arruaceiros que só querem é criar confusão e mal-estar) descobriu o caso da dita senhora e veio com grandes parangonas para a rádio e para os jornais a criticar a TAP e a SATA (empresas de navegação aérea) por não levarem a senhora para outra ilha. A TAP nem voa para aquelas bandas.... Passado um dia lá foi um avião da Força Aérea buscar a senhora e tratar-lhe dos ossos partidos. Estão a ver como tudo se resolveu?

Como um partido português já sugeriu, não seria mais conveniente retirar esta idosa senhora e mais os 300 companheiros que ali vivem e metê-los assim que a modos numa cidade mais evoluída como Lisboa? O Estado deixava de subsidiar os voos para a ilha do Corvo que não se justificam. Com o que aí poupava já dava para não sei quê. Ou então fazer o mesmo às grávidas de Elvas? Mudá-las todas para Lisboa para poderem ter a maternidade ali ao pé. Quem sabe se não haverá por aí um grupo privado interessado em abrir uma clínica privada com serviços maternoinfantis nas maternidades de todo o país que estão para fechar? Falem com o Cheney, Rumsfeld e Bush que eles devem ter alguma ideia.

Vão ver que quando a poeira assentar ainda vão agradecer a este governo por ter fechado 4500 escolas que quase não tinham gente e custavam tanto a manter. A poupança em professores, salas de aula, despesas de manutenção e sei lá que mais, é uma medida indispensável, pois como toda a gente sabe, nessas aldeias só vivem velhos, reformados, desempregados e parasitas que teimam em cultivar uma horta de autossustento no seu quintal, vivendo assim à margem dos grandes hipermercados e da sociedade tecnologicamente evoluída das grandes urbes nacionais.

Primeiro cortaram-se as vias-férreas que como todos estão recordados eram a principal causa de incêndios no verão quente de Portugal. Substituíram-se por transportes rodoviários, mas como as estradas eram más teve de se fazer um peditório a São Bruxelas para construir estradas novas. Depois passamos a ter todos os transportes feitos por estrada a fim de unir o interior ao litoral. Este fenómeno é sobretudo visível em Bragança (que por acaso nesta data não tem um único quilómetro de autoestrada, mas está prometida e há de vir) que está ligada ao interior espanhol melhor do que ao litoral português.

Desconhece-se se por detrás disto não haveria uma retaliação em virtude de D. Afonso IV (1325-57) ter confiscado os bens do mais velho dos seus irmãos ilegítimos, D. Afonso Sanches que moveu guerra ao monarca e invadiu Portugal pela fronteira de Bragança, pondo tudo a ferro e fogo. Ou então, porque na campanha de 1369, de Henrique I de Castela contra D. Fernando, Bragança ter sido dominada pelos castelhanos e só voltar à posse portuguesa com o tratado de Alcoutim em 1371.

A seguir acabamos com os CTT nas aldeias que aquilo era uma chatice e não havia carteiros para andar lá pelos montes no meio de lobos e de nevões. Como hoje cada português tem mais do que um telemóvel, foi a vez de a Telecom deixar de reparar as linhas de telefone fixas que são uma chatice em Trás-os-Montes, Alentejo e sítios assim que ninguém sabe bem onde ficam. Felizmente a água não foi preciso cortar porque muitas dessas aldeias nunca tiveram nem água nem saneamento, e a mãe-natureza encarregou-se de mandar vir uma seca das grandes e lá se foi a água.

Depois, querem esses velhos agricultores vir protestar a Lisboa com o Ministro da Agricultura por causa dos subsídios. Se se tivessem modernizado e saído das berças para as cidades já não andavam agora a pedir esmolas e subsídios. Toda a gente sabe que os métodos tradicionais da agricultura em Portugal não dão sustento a ninguém desde que El-Rei D. Dinis mandou plantar o pinhal de Leiria e introduziu uma espécie não-autóctone. Já nessa época o que vinha de fora parecia sempre melhor do que o que era nativo. Assim se importou a praga do eucalipto que arde depressa e bem e só serve para alimentar o negócio das fábricas de papel. Ao contrário do que é crença em Portugal, o que vem de fora são normalmente pragas. Não me refiro aos espanhóis de 1580 a 1640. Basta deixarem ir para Trás-os-Montes os espanhóis que eles mostram logo o que é cultivar e depois até exportam para cá o que produziram nas terras que os portugueses não sabiam lavrar. Voltando ao problema das aldeias creio que o melhor era encerrá-las a todas e criar Turismo Rural no interior, uma

estufa para turista ver, onde se pudessem estudar as formas de vida primária existentes no país e cobrar uns tostões aos turistas para verem.



Ballarat

Na Austrália vi uma excelente reconstrução de Ballarat e Bendigo, Estado de Vitória) onde havia garimpeiros, e até as tendas imundas e pobres dos chineses eles reergueram.

O ouro foi descoberto em 1851 em Poverty Point (Ponto da Pobreza) no ribeiro Canadian. No ano seguinte havia mais de 20 000 pessoas a escavarem os campos de ouro (Ballarat Goldfields). Em 1855 havia 19 000 Chineses na colónia de Vitória e dois anos mais tarde já existiam 26 000 odiados e perseguidos pelos colonos brancos.



Levei lá a minha filha para aprender um pouco da história australiana, numa das vezes que me fora visitar a Melbourne. Depois de conduzir o carro até perto do local, compramos o bilhete simbólico para sermos transportados numa linha de comboio centenária. Era mantida por um ex-maquinista que orgulhosamente conservava a circular a locomotiva e alguns vagões, sempre cheios de turistas em todas as épocas do ano. Cobravam uma taxa simbólica suficiente para sustentar a linha desativada. Houvesse em Portugal gente com aquela visão para se manterem algumas das linhas mais belas do mundo como a do Tua, ou a Pocinho a Barca d'Alva...ou as linhas do Vouga, do Tâmega e outras que desapareceram pela estupidez dos governantes em Lisboa. Claro que na Austrália haviam dado (ao ex-maquinista) uma concessão de 25 anos - sem custos nem impostos - para manter a linha. Ao longo de duas dezenas de quilómetros haviam-se desenvolvido algumas atividades paralelas, para além do belo parque natural numa das suas extremidades. Todo o acampamento mineiro fora mantido, nos edifícios que estavam em pé, labutavam (ou fingiam labutar nessa recriação permanente doutras eras) pessoas vestidas à época da febre do ouro, cozinhando "scones", fazendo chá, trabalhando no jornal, numa tipografia da época, que ora se limitava a emitir certificados decalcados doutras eras com os nomes dos visitantes atuais. Havia a prisão e as quintas, carros de bois, o render da guarda e tudo o mais numa constante recriação do que fora a vida na época. A filha e o pai jamais esqueceriam aquele mergulho na história do século XIX no estado australiano de Vitória.

Mas em Portugal, tudo era díspar. Poucos estavam interessados em recriar o passado histórico e as gloriosas máquinas de caminho-de-ferro a vapor. Ignoravam que a ferrovia (por exemplo) por entre alcantiladas margens do Douro e seus afluentes percorria algumas das mais belas paisagens do mundo. Isto era um país indiferente, amante do lucro rápido e do cimento, a que chamam progresso, sem respeito pelo valor incomensurável do passado e da sua riqueza histórica e patrimonial. A grandeza da História nada representa. Assim se perdia a paisagem protegida por deus e pela natureza, como se perdiam os castelos, as igrejas, os pelourinhos, e tantos outros monumentos abandonados ou deixados à sua triste sina de decadência forçada aguardando que a natureza tomasse conta deles e os ocultasse. Seria um legado para arqueólogos futuros os descobrirem...

Voltando ao problema das aldeias portuguesas, o melhor era, de facto, encerrá-las a todas. Depois criar-se-ia uma zona protegida, uma espécie de Parque natural de turismo rural em todo o interior do país. Um tipo de estufa para turista ver, onde se pudessem estudar as formas de vida primária anteriormente existentes no país. O Estado cobraria uma taxa aos turistas para visitarem. Não era isso que se fazia com os animais no zoológico? Como então, provavelmente já não haveria animais para mostrar (perdão, habitantes) poderiam contratar-se figurantes. Tal como se faz nas recriações históricas e feiras medievais, todos em trajos típicos da época. De igual modo, se poderia seguir esta orientação de despovoar ainda mais o interior, porque não compensava mantê-lo aberto, criando depois subsídios para um forte investimento em atrair turistas. Mostrar-se-iam as velhas aldeias abandonadas, recuperavam-se umas casas onde os turistas pudessem ficar a viver macaqueando os nativos.

. Depois desta inovadora revolução populacional aproveitar-se-ia o efeito da novidade. Dera imenso resultado com os lisboetas a comprarem “montes” alentejanos. Atrair-se-iam cidadãos de várias outras regiões (num programa regional de formação profissional e de criação de emprego) para fazerem o mesmo nas regiões abandonadas de Trás-os-Montes, Beiras e Alentejo. A economia melhorava, incrementava-se o turismo interno em vez de se irem deixar divisas no Brasil e outros locais, onde se vai para se dizer que se é muito viajado. Os nativos dessas regiões podiam viver tranquilamente nos novos dormitórios de cimento do Porto e de Lisboa, em vez de passarem necessidades nas aldeias. Ficavam com a vantagem de estarem perto de hospitais e de centros de saúde onde poderiam ocupar os seus dias na infinda espera para serem atendidos por um médico de família.

Já houve turistas que vieram a Portugal de férias e não saíram, tendo adquirido as casas abandonadas, reconvertido as mesmas com comodidades modernas, vulgo casas de banho, cozinhas, água corrente, aquecimento e outros luxos típicos do norte da Europa. Eram esses estrangeiros que estavam a mudar a paisagem e a ensinar aos portugueses que era possível conviverem com o passado e lucrarem com o mesmo. Já fora assim com alguns teares e fiações artesanais recuperados por holandeses, alemães, belgas e franceses.

Se os “tugas” fizerem isso criar-se-ão novos empregos para guias turísticos. Iriam trabalhar em povoados perdidos em mapas que nunca ninguém abriu, em terriolas cujos nomes desconhecem. As aldeias do interior, que o Estado desabitara de autóctones, seriam repovoadas por gente de posses e estrangeiros. Seria o seu momento de aburguesamento e entrariam para a civilização, coisa que nenhum rei nem governante depois de 1143 havia conseguido. Essa ideia genial foi iniciada pela autarquia de Alfândega da Fé em 2004 ao inaugurar escolas primárias reconvertidas em Turismo Rural nas aldeias de Sendim da Serra e Gouveia. Tiveram tanto sucesso que mais sete escolas foram reconvertidas. Incentivemos a construção civil. Toca a reconverter escolas, hospitais, tribunais, casas dos cantoneiros. Transformemos o país num imenso hotel para turistas, pois habitantes não haverá em breve.

Vamos a isso portugues, pode ser que eu arranje trabalho como guia.

16. CRÓNICA 16 DOS ROMEIROS MICAELENSES, março 2006

Durante este último mês não faltaram Romeiros por estas estradas ora em grupos pequenos de cerca de vinte ou trinta ou em números bem maiores até perto da centena. A sua caminhada pelas estradas com paragem pelas igrejas em cada aldeia, vila ou povoado marcaram bem esta preparação pascal que aqui assume significado diferente dos Caminhos de Santiago.

Quando, esta semana, a família toda foi cortar o cabelo dizia-nos a cabeleireira e mulher do nosso Presidente da Junta e senhorio, que nessa noite tinha 25 Romeiros para jantar dum grupo de mais de cem que aqui passava.

Há dias (no último dia do período escolar 7 de abril de 2006 e não 1946) até queriam que todos os alunos e professores fossem à missa no ginásio da Escola Secundária EBI da Maia (S. Miguel). Afinal já não há liberdade religiosa neste Estado ou então confunde-se a religião maioritária e descarta-se a separação entre religião e ensino oficial... peculiaridades insulares dirão alguns ou então um abuso extremo diria eu que até sou ateu embora pela educação que tive haja quem me queira considerar apenas agnóstico ou não-crente, ou ainda crente não praticante...

Vai demorar tempo a fazer entender a esta gente que acredito no multiculturalismo e sou um confesso defensor do mesmo, apesar do 11 de setembro em Nova Iorque e do 11 de março em Madrid e muitas outras datas anti-islâmicas o que não implica que seja um simpatizante (antes pelo contrário) dos islamitas, mas respeito todos os que não são fundamentalistas qualquer que seja a sua religião, credo, raça ou preferência sexual. Sei que isto me coloca - atualmente - numa minoria.

O meu filho já gastou, desde o Natal, o pneu da roda de trás da sua bicicleta que aliás aprendeu a utilizar em cerca de 24 horas de treino no nosso pátio logo após irmos das férias de Natal no Continente. Mas quanto a sapatos e calças continua a gastar quase um par por mês... ele gosta de estar aqui e andar livre de bicicleta pela aldeia, para cima e para baixo, a visitar os amigos e entretido a brincar. Na semana passada tivemos mais um caso na escola dele. Ele queixou-se de que um colega mais velho (14 anos) que anda no 4º ano lhe batia na cabeça e daí o seu galo... prontamente escrevi uma carta à professora a protestar. No dia seguinte vim a saber que ele dissera que fora o outro só porque este o ameaçava diariamente que o ia apanhar e bater e como tinha medo e não sabia o que fazer resolvera denunciá-lo desta forma. Tivemos de explicar à professora que esta atitude fora por temor e ele levou uma tremenda descompostura por mentir.

Só problemas. Já estou velho e sem paciência para lidar com miúdos... especialmente este mais novo que é parecido a mim em feitio e esperteza, mas que só cria problemas. Fora isso é miúdo muito querido e mimado que passa a vida a chamar a atenção para si e quer ser o centro das atenções, dizem que é igual ao pai nisso e noutras características. Nos dias que antecederam aquela cena da escola, ele de manhã metia-se vestido na cama de manhã e sem vontade de ir para a escola, o que estranhámos pois ele levanta-se sempre antes de mim por volta das sete da manhã embora só saíamos pelas oito. Já era uma reação de medo ao colega. Como não está habituado à violência e não apanha tarefas em casa as ameaças do outro devem ter-lhe parecido imensamente enormes. Eu tive outros problemas como se pode ver adiante.

17. CRÓNICA 17. DOMINGO DE PÁSCOA, 16 abril 2006

Hoje não irei falar desta estação festiva para muitos crentes pois cada vez mais ela deixou de ser um momento de reflexão. Similarmente ao Natal converteu-se num apelo ao consumismo de chocolates e amêndoas em que ninguém se dá ao trabalho de pensar porque existem estas férias e feriados. É irónico que seja um não-crente, ateu até ao tutano, a falar disto, mas cada um é como é e não renego as minhas origens cristãs embora professe um profundo respeito por todas as outras crenças e religiões desde que não sejam fundamentalistas ou exacerbadas por ódios ancestrais.

Para mim a Páscoa é uma época de reflexão sobre o caminho terreno de cada um de nós (perdoem-me se isto começa a parecer uma homilia), sobre a inevitabilidade causal desta curta passagem, sobre a ineficácia de tentarmos deixar uma marca dessa passagem, sobre a futilidade de nos tentarmos afirmar enquanto seres vivos, sobre o materialismo exacerbado que nos preenche o quotidiano, sobre a falta de amor e caridade com que permeamos os nossos dias, sobre a incapacidade de perdoar e ser perdoado. Não, não era sobre isto que vos queria falar hoje.

Queria dizer-vos que me sinto (como antigamente se dizia) um bota-de-elástico, *démodé*, ou (como se usa correntemente) um autêntico “*cota*”. Pois é, cada vez mais a vida se aproxima da ficção de Quentin Tarantino, um realizador obcecado pela violência e brutalidade. Cada vez menos tenho paciência para essa forma de vida, mas é uma luta desigual, pois basta abrir um telejornal, folhear as páginas dum jornal ou fazer qualquer pesquisa sobre um qualquer tema e aí está o genocídio, a morte gratuita, o ódio racial, religioso ou

económico. Cada vez mais me revolto por ser - cada vez mais - um ente isolado e minoritário neste mundo que me rodeia.

Quando vejo um Tribunal Português a entender que um castigo corporal a uma criança deficiente até faz bem, quando vejo os deputados a fazerem ponte em véspera de feriado e a não permitir a aprovação de leis por falta de quórum,

quando sei da responsabilidade dos serviços secretos franceses em forjarem um documento falso (a falsa compra de urânio no Níger por Saddam Hussein) para impelirem os EUA mais depressa para a invasão do Iraque,

quando sei que os mesmos franceses que nos deram a guilhotina junto com a Revolução Francesa estiveram coniventes no genocídio do Ruanda,

quando me questiono sobre a destruição das Torres Gémeas e quem esteve por detrás dos danos do Pentágono em que nenhum avião ou destroços aparecem...

quando me questiono entre o direito de o Irão ter armas nucleares (por que é que tem de ser excluído, só porque os seus representantes são fanáticos? E os dos EUA não são?) e o direito dos fanáticos israelitas a usarem as mesmas armas...

Tudo questiono, farto de violência, desde os putos norte-americanos que se chateiam e pegam na arma do pai (ou compram-na mesmo sem terem idade para beber uma cerveja) e limpam o sebo aos colegas, aos condutores portugueses que se comportam como assassinos ou aos vendedores de armas que vão de terra em terra a fomentar mais uma guerra civil.

O assunto que me preocupa hoje é mais comezinho e mundano: a EN 128, entre Miranda e Bragança, é demasiado longa e estragada. Precisa de alternativa, benfeita e que poupe quilómetros. Há anos que se estudam traçados, mas a coisa emperra sempre. Um dia, porque ali havia uma colónia de morcegos protegidos. Agora, ao quilómetro não sei quantos, apareceu o rato de Cabrera, raro. Para avançar, a empresa Estradas de Portugal precisa de estudos.

Isto parece atingir o ridículo como daquela vez em Nova Gales do Sul em que as obras de ampliação de uma estrada nacional (aí uns 8 mil km de estrada circundante da Austrália...) tiveram de ser suspensas para a construção de um viaduto para a passagem de uma colónia de formigas em vias de extinção. Ignoro se depois disto houve um estudo para se analisar como destruir a praga das formigas que infestavam a região... Sou moderadamente a favor da continuação da espécie humana no planeta, apesar de há mais de quinze milhões de anos esta espécie só ter construído uma coisa duradoura: a guerra e a destruição, entre si mesma e com as outras espécies. Assim, entendo que devem ser preservadas, sempre que possível, as outras espécies que conosco partilham esta superfície planetária e tal deverá sempre ser feito numa estranha harmonia em que os interesses de uns não atropelem os doutros e vice-versa.

Imagino já uma campanha a favor do não-abate da vaca e doutros animais indispensáveis para a alimentação dos humanos, o ridículo pode levar a este ponto. Já temos a preservação do bacalhau, das baleias, dos golfinhos, mais dia, menos dia chega a campanha da preservação da couve-galega, do tomate e da cebola e esses fanáticos irão propugnar pela alimentação artificial do ser humano, mas claro está sem recorrer a transgénicos e outros alimentos manipulados. Essa cega preservação das espécies (e elas de facto estão a extinguir-se a uma velocidade galopante) pode conduzir à extinção da raça humana tal como a conhecemos. Foi pena que não viesse a tempo de salvar o lince da Serra da Malcata, ou águia-real do Gerês.

Nesta ilha onde vivo sou quase diariamente confrontado com a necessidade de eliminar do meu convívio - dentro de casa - animais que podem estar em vias de extinção, há uma melga com um tamanho gigantesco, baratas e aranhas de todos os tamanhos e feitios, a que se juntam caracóis no quintal e outros vermes. Como devo proceder? Extermino-os ou deixo-os livremente fruir o mesmo espaço que habito? Terei de construir vias separadas para eles

ou coexistimos? Bem sei que a minha casa não tem a importância duma estrada no desconhecido nordeste transmontano, mas agradecia que alguém me desse algumas indicações, politicamente corretas, sobre a forma de proceder nestes casos.

Como devem estar lembrados, há meses assisti a um ritual da matança do porco, um ato barbárico que me repugna. Deverei denunciar esse ato e propugnar pelo seu fim, ou devo recordar apenas que a carne de porco estava saborosa? Estou dividido. Além do mais tenho problemas de consciência porque há uns dias as formigas invadiram a minha mesa-de-ca-beceira onde guardo uns “lollies” que gosto de trincar antes de adormecer e exterminei-as. Sinto-me um genocida. Não sei de que raça eram ou se estavam em vias de extinção, mas como eram às centenas afoguei-as a todas na pia da cozinha. Será que, à semelhança da igreja católica, posso ir a um confessorário de crimes contra animais confessar este ato hediondo da minha parte? Terei absolvição ou irei passar o resto dos meus dias a penar este crime sórdido? Esta é uma questão que me apoquento enquanto lá fora na rua pululam os residentes da aldeia nos seus fatos domingueiros a caminho da missa pascal.

18. CRÓNICA 18 DE HUMIDADE E DE VACAS, 23 abril 2006

Perguntaram-me há dias porque é que nas fotografias aparecemos sempre todos enca-sacados. É simples, embora as temperaturas andem pelos 15 ou 16º C durante o dia, sempre que se sobe às montanhas está bastante mais fresco, e além disso as casas são todas muito húmidas. Ainda não deu para comprarmos uns desumidificadores este ano, mas bem os precisamos. Essa humidade causa uma sensação de frio que não é proporcional ao que os termómetros marcam... assim podem estar 10-12º C e não estar frio nem vento nenhum e podem estar 17º C e estarmos cheios de frio com as humidades nos 80 ou 90% a penetrarem até aos ossos. Claro que estivemos três anos num clima continental super-seco como o de Bragança e os nossos termómetros biológicos ainda não se ajustaram a esta realidade.

Aliás, os ossos ressentem-se desta humidade e este talvez o fator mais negativo dos invernos que se prolongam até abril. A chuva quando cai é a sério e raras vezes temos ne-voeiros ou chuva miudinha, só que quando ela resolve cair é a potes e cântaros ao ponto de se formarem pequenos rios nas estradas com a água tipo enxurrada que vem das arribas. As valas são muito profundas. Creio que numa das primeiras crónicas contei que ficámos com o carro assente no chão por causa da altura duma vala funda que atravessava a estrada.

O meu filho ontem foi às vacas... e ficou todo entusiasmado por ter estado a tratar duma trintena de vacas durante a tarde. Com efeito, aqui é vulgar as crianças saírem da escola diretas para os campos a fim de ajudarem as famílias a tratar das vacas. Convidaram-no (um dos amigos dele aqui na aldeia) e ele lá foi num trator com o amigo e o pai deste. Quando chegou a casa correu logo a telefonar à avó e à tia a contar a proeza.

Lembra-me as recordações da minha infância em Trás-os-Montes, embora nunca ti-vesse andado com as vacas. Pensei bem que isto sim era qualidade de vida e quantas cri-anças no mundo inteiro nunca tiveram a possibilidade de estarem em contacto com a natu-reza e com os animais, estando fechadas em casas com poucas condições passando o dia a ver televisão ou a jogar jogos de computador sem respirarem este ar fresco dos campos, sem ouvir os pássaros que chilreiam fora desta janela e sem saberem que a natureza é isto. Estou a ficar cada vez mais bucólico neste regresso ao passado e à vida simples, que nós, os urbanos, jamais apreciamos enquanto vivíamos em torres de cimento em cidades inex-pressivas e sem qualidade de vida.

Não posso deixar passar esta oportunidade para saudar o atraso dos juizes do Supremo Tribunal que obviamente vivem no século XIX pois ilibaram e absolveram uma dita "educadora" que dava palmadas às crianças deficientes a seu cargo e as fechava em quartos escuros quando se recusavam a comer. Para além da decisão, em si mesmo incompreensível, o fundamento da mesma raia a loucura que se deve instalado na mente dos juizes. O Supremo Tribunal ao legitimar estes castigos corporais esquece o direito à dignidade, ignora a psicologia infantil e não tem em conta a sua honra. O acórdão do Supremo Tribunal vai longe demais ao afirmar: "Qual é o bom pai de família que, por uma ou duas vezes, não dá palmadas no rabo dum filho que se recusa a ir para a escola, que não dá uma bofetada a um filho...ou que não manda um filho de castigo para o quarto quando ele não quer comer?" O Supremo acaba por vir dar razão a todos os que alegam que a justiça está de rastos neste país. Bater é grave. Uma criança, e para mais uma deficiente mental não vê a conexão entre os seus atos e os castigos. Os castigos têm um valor muito limitado porque a crianças não reagem por compreensão, mas por medo. Em vez de se castigar deve-se levar a criança a sofrer as consequências do seu agir. Quem se recusa a comer não deve alimentar-se até à próxima refeição, mas não deve ser fechado num quarto às escuras nem sofrer castigos corporais. Reservemos estes para quem deveras os merece: os juizes do Supremo Tribunal. O exemplo de vida dado pelos familiares ou educadores e a confiança neles são fundamentais para a determinação da educação. O educando sabe que o afeto dos educadores depende também do seu comportamento. Muitas vezes os educandos pagam as incapacidades, insatisfações e fracassos dos seus progenitores assoberbados, por uma sociedade cada vez mais exigente, que lhes não deixa tempo ou espaço para poderem criar uma base de diálogo com os seus filhos, a vida. A falta de objetividade e de distância emocional e talvez a falta de pessoal e de formação profissional serão motivos para desculpar a educadora em causa. A compreensão duma situação não pode, porém, acontecer à custa da outra. Neste julgamento os juizes agiram como bons pais para com a educadora e argumentaram contra a criança como maus pais. Dum modo ou outro deram um péssimo exemplo a um país recheado de abusos e violência doméstica contra jovens e mulheres, um país de esqueletos nos armários, muito fruto de toda uma geração nascida do medo e do silêncio que os 48 anos de obscurantismo e repressão criaram. Num país em que há pais e avós a matarem crianças por não terem paciência para as aturarem, esta decisão judicial veio dar uma certa consolação a todos os que usam e abusam da sua pretensa posição de poder, seja ela como maridos ou pais. Para ser reposta a normalidade sugiro que os juizes sejam publicamente humilhados com uns açoites e fiquem uma semana de castigo no quarto escuro.

Lá fora os vizinhos afadigam-se a colocar verdes e flores no chão na antecipação do cortejo pascal que nesta aldeia ocorre não no domingo de Páscoa, mas no de Pascoela e para grande desgosto da minha mulher benfiquista o F. C. do Porto sagrou-se mais uma vez campeão ontem à noite.

19. CRÓNICA 19 – I ENCONTRO AÇORIANO DA Lusofonia maio 2006

19.2. DAS COMUNHÕES, ATÉ A MINHA, maio 2006

Apenas mais uma nota de rodapé. No domingo passado fui a uma primeira comunhão de uma prima em quarto grau, filha do Pedro e neta do Acácio Cordeiro que aqui casou com a Lourdes Furtado Lima, na década de 1960 e por cá ficou. Creio que foi a quarta cerimónia destas em toda a vida, já não ia a coisas destas desde que fiz a minha no já longínquo ano de 1958, da comunhão dum primo direito em 1959 e da primeira comunhão do meu mais neófito em 2005.

Estavam cerca de sessenta pessoas incluindo alguns VIP. Ficamos numa mesa com algumas das pessoas mais idosas entre elas um interessante casal que faz parte da história da ilha. Trata-se dum cirurgião de renome, de baixa estatura (ao pé dele o Marques Mendes é um homem alto), que está quase com oitenta anos e fala por provérbios e rimas, sendo vegetariano convicto, mas não fundamentalista, cristão acérrimo e com uma visão curiosa do mundo e da medicina adotando uma postura antifármacos.



1958 Quintal da nossa casa na Rua de Maria Pia 101, Porto Igreja do Marquês de Pombal no Porto 1958

A mulher dele (Furtado Lima, irmã da recentemente falecida mulher do meu primo Acácio Cordeiro) é uma senhora dada às letras, interessante e com quem se pode conversar horas a fio sem maçar. A pergunta que continuo a fazer (esta é a terceira vez que passamos horas juntos) é como ela continua ali firme ao lado dele e a única explicação que é plausível é que o catolicismo dela inclui o perdão cristão que raramente vemos aplicado. As restantes pessoas que ficaram na nossa mesa não merecem destaque especial dada a futilidade das conversas tidas sobre generalidades, trivialidades e inutilidades. Foi um almoço que durou das 13.30 até às 18.30 numa unidade hoteleira de luxo (*Hotel Bahia Palace*) na Praia Baixa de Água de Alto, Vila Franca do Campo, na costa sul. O bufete e o serviço eram irrepreensíveis assim como o preço que devia chegar para pagar as minhas dívidas. Quando chegámos a casa estranhamente ninguém quis jantar. A comida que sobrou dava para alimentar uma vila africana, mas é isto o mundo cheio de desigualdades e se fosse crente daria graças a Deus por ter nascido deste lado da barricada.

Lá fora, na rua, totalmente alheios a este debate, pululam os residentes da aldeia nos seus fatos domingueiros a caminho da missa pascal. As mulheres e as crianças assistem dentro da igreja à missa, enquanto os homens vão à taverna ou ficam a conversar na porta principal de entrada da igreja. As tradições aqui são ainda mantidas de acordo com um guião escrito há muito, como na minha infância, e para a semana aí vem mais uma prova: as Festas do Santo Cristo, sendo feriado na segunda-feira (22 maio) e quinta-feira (25) com procissões e demais festividades litúrgicas e pagãs durante o resto da semana.

O tempo vai-se compondo e hoje chegou aos 21º C na Maia. Mas a humidade nunca parará de me espantar. Hoje fui vestir um par de jeans (calças de ganga) que já não vestia há meses e qual a minha surpresa de os ver totalmente verdes de mildio ou mofo ou lá o que era (fungos). Demorei imenso tempo a limpá-los e a retorná-los à sua cor original azul.

O João cá anda a jogar futebol e de bicicleta, sempre que pode ao ar livre, enquanto o pai tenta angariar novos clientes de traduções, sem grande sucesso, embora este ano tenha havido maior continuidade de trabalho do que é habitual. A minha mulher cada vez gosta mais disto e já se decidiu a não sair da freguesia da Lomba da Maia mesmo depois de vender a casa do Porto. Agora vai tentar entrar num doutoramento cá para subir mais na carreira antes da reforma.

*(Nota em devido tempo:
As carreiras foram desde então congeladas, bem como os vencimentos há uns dez anos, e a ideia do doutoramento esfumou-se como desnecessária - dezº 2015).*

Por outro lado, fui convidado a ir a Timor em agosto 2006 de 22 a 25 conforme programa em anexo. Será o regresso depois de 31 anos à primeira terra que escolhi como pátria... esperemos que as coisas por lá acalmem até ir e passamos pela pátria australiana a matar saudades. Se se concretizar a oferta da viagem e estadia será um evento para guardar na memória.

I Fórum da Língua Portuguesa em Timor-Leste - (programação provisória)				25 agosto 2006		
22 agosto		23 agosto	24 agosto	25 agosto 2006		
12h30	Chegada ao Aeroporto Pres. Nicolau Lobato	9h 10h30	Cerimónia de Abertura, MNEC, José Ramos Horta (TL), Moderador Embaixador do Brasil Embaixador de Portugal MEC, Armindo Maia (TL) Edite Estrela (MEC - PT) Gilberto Gil (MEC - BR) Primeiro-ministro, Mari Alkatiri (TL), Presidente da RDTL, Kay Rala Xanana Gusmão (TL)	24 agosto	Plenária: Ensino e aprendizagem do Português em contextos diversos Madalena Arroja (PT) Perpétua Gonçalves (MZ) Edson de Oliveira (BR/TL) Luís Costa (TL/PT) Moderador Maria Helena Carreira (PT) José Luiz Fiorin (BR)	Plenária: Língua e Globalização José Ramos Horta (TL) CPLP / AULP (PT) Chrys Chrystello (PT), Moderador Geoffrey Hull (AUS/TL) Jorge Couto Francisco Ramos (PT) Gilberto Gil (BR) Mari Alkatiri (TL)
	Traslado para o Hotel					
		10h30	Intervalo	Intervalo	Intervalo	
		11h	Conferência de abertura	Mesas-redondas simultâneas	Mesas-redondas simultâneas	Resistência Cultural: Roque Rodrigues (TL) Leão da Costa (TL) Benjamin Corte-Real (TL) Barbedo Magalhães (PT), Moderador Memória e identidade: Taur Matan Ruak (TL) João Inocêncio (TL/Vat) José Mattoso (PT/TL), Moderador Eduardo Lourenço (PT) Francisco Menezes (PT/TL) Rui Fonseca (PT/TL)
		12h30	Benjamim de Araújo e Corte-Real (TL), Moderador Benjamin Abdala (BR) Kay Rala Xanana Gusmão (TL)	1. Uso do Português na administração pública em TL Ana Pessoa (TL) Cláudio Ximenes (TL) Manuel Abrantes (TL), Moderador Libório Pereira (TL) 2. O Português como Língua de Instrução em TL Domingos Sousa (TL) José Barreto Martins (TL/PT) Rosemeire Faccina (BR) Rosa Cabecinhas (PT) Rosa Menezes (PT/TL), moderadora		
		14h30	Almoço	Almoço		
14h30 - 18h	Entrega do material	14h30 - 16h	Plenária: Sentimento da Lusofonia Dom Basílio, do Nascimento (TL) Moisés de Lemos Martins (PT), Joaquim Paulo da Conceição (NAG) Regina Helena Brito (BR), Moderadora Luís Filipe Thomaz (PT) Eduardo Namburete (MZ)	Grupos de Trabalho O ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste Filipe da Silva (PT/TL) Fernando Spagnolo (BR/TL) Flávia Mendes Ba (PT) FUP / UNTL	Visita a Maubara	
		16h	Intervalo	Intervalo		
		16h20	Plenária: Literaturas de Língua Portuguesa em perspectiva João Paulo Esperança (PT/TL), Moderador Helena Sousa (PT) Luís Cunha (PT), Hélder Garmes/ Vima Martin (BR) Crisódio Araújo (TL/PT) Noite Musical Projeto "Universidades em Timor-Leste" (coordenação: José António da Costa / Aurélio Guterres / Miguel Maia) estudantes timorenses cantam com Gilberto Gil	Grupos de Trabalho Pesquisa sobre Língua Portuguesa em Timor-Leste Finalistas da UNTL Francisco Falcão (BR/TL), Moderador		
18h	Coquetel de Boas-vindas com a Comissão da CPLP/TL Dr. José Ramos Horta, Presidente da Comissão	16h20 - 17h30		Cinema de Língua Portuguesa Lucélia Santos (BR) Rui Guerra (MZ/PT)	Noite dos Escritores Mário Prata (BR) Luís Cardoso (TL) José Saramago (PT) Benjamin Abdala (BR), Moderador Mia Couto (MZ)	

*Portugal é uma Pátria de fadistas e marinheiros.
A prova é de que vamos em qualquer cantiga e acabamos a ver navios.
Gonçalo Pereira, Jornal 24 horas (data indeterminada)*

Mas como em tudo na vida, o homem sonha, o timorense mata e o sonho desfalece. A grande crise de Timor de abril 2006 colocaria o país, de novo, a ferro e fogo. Pouco propício a convenções internacionais sobre o futuro da língua. O convite não fora reiterado. A oportunidade perdera-se. Poderia conservar a imagem melancólica e suave dos tempos que lá vivera entre 1973 e 1975, sem ter de se confrontar com as imagens da destruição de 1999 e subsequentes. O tempo doura todas as pílulas. Quase esquecera o que lá sofrera e como a sua vida seria alterada radicalmente depois de Timor. Permanecia apenas a imagem dos magnificentes e únicos pôr-do-sol com a sua multitudine de cores, a beleza da natureza agreste, a natureza bondosa do seu povo.

Nem de propósito, em setembro de 2008 ao rever esta passagem surgira um artigo no qual se confirmavam velhas teses sobre a justiça timorense que tantos problemas deram ao colonizador português. Em Timor, a justiça mediu-se sempre em búfalos de água. O roubo de uma cabra é punido com um búfalo, uma violação custa dois búfalos, e assim por diante, com pequenas variações de zona para zona. Embora a justiça tradicional nunca fosse institucionalizada ela manteve-se na base da vida nas aldeias. O problema surgiu quando se apronta a fase final do primeiro código penal do país motivando um ministro a lançar uma cruzada a favor lei tradicional a fim de proteger os recursos naturais. Um terço da população mostra-se convicta que a maior parte desses crimes podem ser melhor resolvidos fora dos tribunais do que dentro deles através da justiça do búfalo de água. Este sistema aliás vigora já em metade dos distritos de Timor, onde as pessoas se recusam a seguir o desatualizado código penal indonésio em vigor desde 1999. Antes da invasão indonésia de 1975, a lei portuguesa ignorava a maior parte dos delitos passados fora da capital Dili. Durante a colonização indonésia a corrupção dos tribunais levou a que as decisões dos juizes não fossem acatadas pela população e esperava-se que tudo melhorasse quando a Indonésia foi expulsa em 1999.

Quando a independência foi promulgada em 2002 após dois anos de mandato da ONU esperava-se a entrada em vigor de novas regras. A Constituição garante o direito de todos a um julgamento justo e ao direito a um advogado sendo todos considerados inocentes até se provar a sua culpa. Não existe qualquer menção aos búfalos de água na nova constituição, mas não existem nem advogados nem juizes suficientes ou devidamente treinados para fazer aplicar qualquer lei. O problema agudiza-se quando se pensa que 50% das mulheres são vítimas de violência e doutros crimes pelo que a inexistência de justiça formal pode ter graves consequências. O que pode acontecer é que essas mulheres em vez de irem a um tribunal exigir justiça se desloquem aos anciãos da aldeia em busca de justiça numa sociedade em que o homem é ainda o chefe tradicional.

*“A estrada para o inferno é pavimentada de advérbios”
Mark Twain (1835-1910), escritor norte-americano*

20. CRÓNICA 20. ADOLESCENTES, 19 maio 2006

A maior dos pais de jovens e adolescentes costumam enfrentar atualmente uma situação desconcertante de terem filhos que, por um lado, se comportam irresponsavelmente sem dar importância às coisas que teoricamente lhes deveriam interessar e, por outro lado, manifestam sentirem-se devastados pelo peso dos estudos, pela incerteza do futuro ou até por pequenos reveses do quotidiano. Em vários aspetos da vida parece que nasceram sabendo tudo. Por outro lado, são incapazes de enfrentarem minúsculos contratemplos.

Estou deprimido, é uma das expressões mais constantes nesta geração paradoxal. Inconsciência crónica com um excesso de preocupações. Da banalidade despreocupada à angústia paralisante. Como é possível, interrogam-se os pais e educadores, que uns jovens tão pouco dados a levar a vida a sério se tornem em vítimas quando veem as coisas malparadas. Estarão a exagerar? Não se tratará antes dum estratagema de autodesculpa, um recurso para obterem compaixão e evitarem terem de atuar como é costume? Tudo leva a crer que não é assim. Poucas vezes se trata de excesso de birras e de espanto de crianças malcriadas tentando comover os adultos assustadiços a fim de conseguirem levar a sua por diante. Aumentou substancialmente na última década o número de consultas de adolescentes nos serviços de urgência psiquiátrica. Num hospital de Barcelona as estatísticas indicam em primeiro lugar as alterações de conduta, seguidas das crises de ansiedade com quase 25% do total de casos. Se a estes acrescentarmos os 15% de tentativas de suicídio teremos de admitir que se trata dum problema grave e crescente.

Trata-se, de facto, de intolerância à frustração. Muitos jovens não aguentam os revezes porque não foram treinados para os enfrentarem. Nasceram sobreprotegidos, acostumados a conseguirem da sua família mais próxima tudo aquilo que querem, falta-lhes a experiência de sentirem necessidades ou de passarem pela penúria, carecendo de defesas face às dificuldades. Os adolescentes naufragam no trajeto entre uma infância almofadada que nada lhes exigiu em termos de sacrifícios e um futuro que se lhes apresenta eriçado de obstáculos. A geração paterna apenas tem para lhes oferecer a perpetuação desse estereótipo. A sobreproteção e a permissividade excessivas fizeram deles jovens dependentes, sem qualquer autonomia quando se trata de fazer planos, de tomar decisões maduras e de confrontarem os seus próprios problemas.

A maior parte dos pais de jovens e adolescentes costumam enfrentar atualmente uma situação desconcertante de terem filhos que, por um lado, se comportam irresponsavelmente sem dar importância às coisas que teoricamente lhes deveriam interessar e, por outro lado, manifestam sentirem-se devastados pelo peso dos estudos, pela incerteza do futuro ou até por pequenos revezes do quotidiano. Em vários aspetos da vida parecem terem nascido sabendo tudo e por outro lado são incapazes de enfrentarem minúsculos contratemplos. "Estou deprimido" é uma expressão recorrente nesta geração paradoxal. Inconsciência crónica com um excesso de preocupações. Da banalidade despreocupada à angústia paralisante.

Como é possível, interrogam-se os pais e educadores, que uns jovens tão pouco dados a levar a vida a sério se tornem em vítimas quando veem as coisas malparadas. Estarão a exagerar? Não se tratará antes dum estratagema de auto desculpa, um recurso para obterem compaixão e evitarem terem de atuar como é costume? Tudo leva a crer que não é assim. Poucas vezes se trata de excesso de birras e de espanto de crianças malcriadas tentando comover os adultos assustadiços a fim de conseguirem levar a sua por avante. Aumentou substancialmente na última década o número de consultas de adolescentes nos serviços de urgência psiquiátrica.

Num hospital de Barcelona as estatísticas indicavam recentemente, em primeiro lugar, as alterações de conduta, seguidas das crises de ansiedade com quase 25% do total de casos. Se a estes acrescentarmos os 15% de tentativas de suicídio teremos de admitir que se trata dum problema grave e crescente. Trata-se, de facto, de intolerância à frustração. Muitos jovens não aguentam os revezes porque não foram treinados para os enfrentarem. Nasceram sobreprotegidos, acostumados a conseguirem da sua família mais próxima tudo aquilo que querem, falta-lhes a experiência de sentirem necessidades ou de passarem pela penúria, carecendo de defesas face às dificuldades. Já se disse e redisse até à saciedade, e com um certo fundamento, que os pais das últimas décadas estão a criar inválidos, sem recursos para enfrentarem um mundo regido pela competitividade e pelos elevados padrões de exigência, quer a nível laboral quer profissional, como ainda nas relações interpessoais e na integração social. Os adolescentes naufragam no trajeto entre uma infância almofadada que nada lhes exigiu em termos de sacrifícios e um futuro que se lhes apresenta eriçado de obstáculos. A geração paterna apenas tem para lhes oferecer a perpetuação desse estereótipo. A sobreproteção e a permissividade excessivas fizeram deles dependentes, sem qualquer autonomia quando se trata de fazer planos, de tomar decisões maduras e de confrontarem os seus próprios problemas.

Não será, porém, justo adotar o discurso de serem os pais culpados como acontece hoje em dia com a maior parte dos diagnósticos sobre o mal-estar da juventude e a desventura da adolescência. As famílias - apenas em parte - são culpadas da irresponsabilidade dos filhos que acabam por pagar com angústias a sua vida mole e não adianta colocar mais esse peso nos ombros dos pais. Eles atuaram movidos pelo carinho, mesmo que este se tenha revestido de formas erradas. A maior parte dos jovens deprimidos deixou de buscar apoio e cumplicidade nos amigos como acontecia até há pouco tempo, quando se refugiavam dos pais cheios de defeitos, mas mais eficazes a gerirem a segurança emocional que é necessária nesses momentos.

Muitos especialistas estão de acordo sobre o facto de as causas da intolerância e da frustração nas idades jovens estarem intimamente ligadas aos valores propugnados pelos meios de comunicação. Quando, desde a nascença, um jovem recebe através do televisor mensagens incessantes sobre o consumo fácil, o êxito assegurado e a felicidade gratuita,

não é descabido pensar que alguém os incapacitou para enfrentarem a dura realidade e esse alguém não foi nem o pai nem a mãe, incapazes de negarem todos os seus caprichos. Foram esses meios de comunicação capazes de enganar e de manipular as mentes dos seus receptores consumidores. A televisão (ou a publicidade que dirige como uma soberana implacável os conteúdos e as formas das suas mensagens) é o agente principal dessa frustração.

Que capacidades de enfrentar os problemas podem ter aqueles que durante os anos mais recetivos das suas vidas foram metralhados a todas as horas com promessas de felicidade virtual, de satisfação através do consumo, de êxito imediato, com visões da vida pintada como um show de diversões que nunca termina? O discurso mediático e mercantil alimenta uma falta de maturidade que só se revela quando a realidade nua e crua mostra a sua face e o jovem constata que nada é como lhe disseram, criando um desajustamento causador de insatisfação e ansiedade extrema. Assim como nos anos 60 e 70 se falava da geração rebelde, nos anos 90 foi a geração Prozac, agora dá a impressão de termos chegado à geração da frustração. Nem poderia ter acontecido doutra forma, mas a evidência não resolve o problema nem serve de consolo. Quando os nossos adolescentes dizem que estão agoniados e deprimidos estão na maior parte dos casos a falar a sério, sofrendo a sério muito mais do que possamos imaginar.

<http://servicios.elcorreodigital.com/vizcaya/pg060514/prensa/noticias/Sociedad/200605/14/VIZ-SOC-046.html> Traduzido de José María Romera. Ilustração: Martín Olmos. Fonte: Pág 92 de El Correo del 14/5/06

E é a propósito deste trecho que convém fazer algumas constatações mais comezinhas. A atual geração não passou por nada em termos de privações familiares como a geração de “baby boomers” a que pertence nascida no pós-guerra (entenda-se 2ª Grande Guerra). A geração rebelde que no fim dos anos 60 se revoltava contra o status quo na França e contra a guerra colonial em Portugal tinha algo contra que lutar. Vivia melhor que a geração de seus pais em termos de conforto e de posses económicas, mas era arrastada para projetos militares que nada lhes diziam e aos quais se opunham porque queriam tomar parte na construção da História em vez de serem arrastados como uma nota de rodapé para essa mesma história tal como acontecera aos seus pais. Numa conferência sobre educação e sobre conflitos de gerações, o médico inglês Ronald Gibson começou a conferência citando quatro frases:

1) A nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, troça da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Os nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem aos seus pais e são simplesmente maus.

2) Não tenho nenhuma esperança no futuro do nosso país se a juventude de hoje tomar o poder amanhã, porque essa juventude é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível.

3) O nosso mundo atingiu o seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais seus pais. O fim do mundo não pode estar muito longe.

4) Esta juventude está estragada até ao fundo do coração. Os jovens são malfeitores e preguiçosos. Eles jamais serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter a nossa cultura.

Após ter lido as citações, ficou satisfeito com a aprovação dos espetadores. Então, revelou a sua origem:

- A primeira é de Sócrates (470-399 a.C.)

- A segunda é de Hesíodo (720 a.C.)

- A terceira é de um sacerdote do ano 2.000 a.C.

- E a quarta escrita em um vaso de argila descoberto nas ruínas da Babilónia (atual Bagdad) com mais de 4.000 anos de existência.

Aos que são pais: RELAXEM, POIS SEMPRE FOI ASSIM... GRAÇAS A DEUS! Depois chegou o 25 de abril e as liberdades misturaram-se inicialmente com as libertinagens em que tudo era permitido e os jovens dos anos 70 e 80 nasceram com o rei na barriga, nada era proibido, tudo era permitido e assim sendo podiam almejar a uma sociedade sem classes em que todos tinham acesso ilimitado a todos os bens e seriam felizes de então e até todo o sempre.

As crises económicas que atravessaram o mundo não se fizeram sentir demasiado nesta Europa Ocidental (exceção feita à crise do petróleo de 1972) e a máquina da publicidade assenhoreou-se da televisão e demais órgãos de comunicação social moldando aquilo que hoje temos em casa ou que dela saíram há pouco. Por mais que lhes tenhamos dito que a vida era feita de sacrifícios eles não passaram pelas nossas experiências dolorosas, nem as viram nem as sentiram. Frequentar uma universidade não era um apanágio de elites, nem mesmo frequentar universidades privadas era já considerado elitista. Os cursos facilitaram o acesso a canudos que ainda tinham a fama de servirem para distinguir entre os que vencem na vida e os outros, embora na prática começasse a ser diferente.

As classes sociais esbateram-se e o grande fosso entre os que tinham e os que não tinham passou a ser uma memória do passado. Claro que como pais fizemos o que nos competia dando o máximo de bens materiais aos nossos filhos, já que no nosso tempo não tínhamos tido livre acesso aos mesmos. Aproveitámos também para nos rodearmos desses mesmos bens e deixamos de poder viver sem eles. Parecia uma sociedade de abundância e parecia não haver limites ao que os nossos filhos podiam aspirar a ter. A pressão dos pares a nível social e movida pela insaciável máquina da publicidade ajudou-nos a comprar tudo e mais alguma coisa. Só que quando a árvore das patacas seca, i.e., quando os filhos saem de casa dão-se conta que as pequenas coisas têm um custo e a vida está feita de pequenas coisas, o que os irrita profundamente porque quando chega a altura das grandes coisas já não há dinheiro para nada.

Como crianças mimadas que são em vez de lutarem por trabalhar mais e ganhar mais queixam-se, entram em depressão e sofrem, mas apáticos ficam na inação em vez da ação e deprimem-se anda mais. Para eles tudo é um direito divino que compete aos pais satisfazer e quando os progenitores não podem ou não querem continuar a alimentar essa ilusória vida fácil a que os habituaram eles sentem-se traídos pela sociedade e pela família. Mas o que eles não sabem (ou pretendem ignorar?) é que um dia irão ter de pagar pelas dívidas que o mundo e a sociedade dos seus pais lhes deixaram, porque então aí sim teriam razão para se sentirem deprimidos, mas ainda não chegaram lá e não se preocupam. Parece a história deste país que habito, mas não é.

21. CRÓNICA 21 AS FESTAS,

21.1. AS FESTAS DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES. 21 maio 2006

Como esta era a primeira vez que estava aqui presente e nada sabia sobre estas festividades do Santo Cristo dos Milagres, resolvi fazer uma busca na rede e incluir aqui excertos modificados do que ali encontrei.

QUE SENTIDO TÊM, OU PODEM TER, AS FESTAS DO SENHOR SANTO CRISTO?

“Várias respostas são possíveis, conforme o ponto de vista que se adote. Como pastor, fixar-me-ia no sentido teológico da Paixão de Jesus, que nos dá uma imagem diferente de Deus, a não confundir com os deuses, fabricados por mão humana. Quando os homens ‘criam’ deuses, fazem-nos onnipotentes e inflexíveis. A sugestiva Imagem do Senhor Santo Cristo representa um Deus Onnipotente pelo amor. O verdadeiro rosto do Deus vivo e verdadeiro, revelado por Jesus Cristo, é o Amor que se faz próximo, que partilha a dor e se faz serviço gratuito e solidário. A Paixão de Jesus é a paixão de Deus pela humanidade. A grandiosa procissão do Senhor Santo Cristo, expressão de fé e também cortejo civil, representativo da sociedade, constitui uma homenagem pública, crente e não-crente, à Pessoa de Jesus, cuja mensagem de amor está na raiz da nossa matriz cultural. A fraternidade não é apenas estratégica. É paradigma de convivência social. O gesto comunitário de levar a Imagem do ‘Ecce Homo’ em procissão, a ser autêntico, compromete-nos a sermos todos mais solidários, no pensar e no agir.”

D. ANTÓNIO S. BRAGA, Bispo de Angra

E A CÓLERA DIVINA SE APLACOU...No Convento da Caloura, em Água de Pau, começa a história do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em S. Miguel. Reza a tradição que foi neste lugar que se erigiu o primeiro Convento de religiosas nesta ilha, cuja fundação se deveu à piedade das filhas de Jorge da Mota, de Vila Franca do Campo. A criação desta comunidade implicou uma ida a Roma de duas religiosas para pedir a respetiva Bula Apostólica. O Sumo Pontífice não só concedeu a ambicionada Bula como ainda lhes ofereceu uma Imagem do Ecce Homo. No ano de 1700, a ilha de S. Miguel foi abalada por fortes e sucessivos tremores de terra durante vários dias. Em 13 de abril, a mesa da Misericórdia e grande parte da nobreza da cidade de Ponta Delgada percorreram, em procissão, todas as igrejas até chegarem ao Mosteiro da Esperança. A Imagem do Ecce Homo começava a ganhar dimensão popular... Hoje em dia, o culto do Ecce Homo é um dos maiores pilares da fé açoriana que une os mais fiéis e os menos crentes.. No ano de 1700, a Ilha de S. Miguel foi abalada por fortes e repetidos tremores de terra. Duravam estes já vários dias quando a Mesa da Misericórdia e grande parte da nobreza da cidade, vendo que os terramotos não cessavam, resolveram ir à portaria do Mosteiro da Esperança para levarem em procissão a Imagem do Santo Cristo. Ao princípio da tarde desse dia 13 de abril de 1700, juntaram-se as confrarias e comunidades religiosas. Concorreu igualmente toda a nobreza e inumerável multidão que, com viva fé, confiava se aplacaria a indignação divina com vista da santa Imagem. Caminhava já a procissão em que todos iam descalços; e logo que a veneranda Imagem se deixou ver na portaria, foi tão grande a comoção em todos que a traduziram em lágrimas e suspiros, testemunhos irrefragáveis da contrição dos corações. Levaram o andor do Santo Cristo as pessoas mais qualificadas em nobreza. Andando a procissão, ia a veneranda Imagem entrando em todas as igrejas onde, em bem concertados coros, Lhe cantavam os salmos "Miserere mei Deus". Saindo da Igreja dos Jesuítas, e caminhando para a das Religiosas de Santo André, não obstante toda a boa segurança e a cautela com que levavam a santa Imagem, com assombro e admiração de todos, caiu esta fora do andor e deu em terra. Foi esta queda misteriosa, porque não caiu a Imagem por algum dos lados do andor, como era natural, senão pela parte superior do dossel. O povo ficou aflito com sucesso tão estranho. Uns feriam os peitos com as pedras; outros, pondo a boca em terra, que julgavam santificada com o contacto da santa Imagem, pediam a Deus misericórdia; estes, tomando os instrumentos de penitência, davam sobre si rijos e desapiedados golpes, regando a terra com o sangue das veias; aqueles publicavam em alta voz as suas culpas, como causas da indignação do Senhor; e todos, com clamores e enternecidos suspiros, pediam a Deus que suspendesse as demonstrações da sua justa vingança. Verificaram, então, que a santa Imagem não experimentara com a queda dano considerável, pois somente se observou no braço direito uma contusão. A Imagem foi lavada e limpa no Convento de Santo André e, colocada outra vez no andor com a maior segurança, continuou a procissão, na qual as lágrimas e soluços do povo aflito embargavam as preces, até que, bem de noite, se recolheu no Mosteiro da Esperança. E a cólera divina se aplacou.

O Prelado da Diocese de Angra deu início ao processo jurídico sobre a Vida e Virtudes de Madre Teresa, em 5 de maio de 1738; nesse mesmo ano, em 6 de agosto, o Provincial dos Franciscanos nos Açores deu início ao processo jurídico da Vida e Virtudes de Madre Teresa, feito pela Ordem de São Francisco. Há poucos anos, circulou, entre a população açoriana, um abaixo-assinado, dirigido ao Santo Padre, do seguinte teor:

Tudo começou com uma Religiosa Clarissa, Madre Teresa da Anunciada que, no silêncio do Convento, recebeu um apelo especial para honrar e desagravar o Senhor na Sua Flagelação representado na Imagem do Ecce Homo. A partir, sobretudo de 1700, o culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres tomou tal grandeza que, desde então, nunca mais esfriou. As graças e os milagres têm sido uma constante. Madre Teresa da Anunciada foi um instrumento para ajudar a recordar aos homens que Deus é solidário com o Seu povo. Monja de vida austera e intrépida na sua fé, pela oração intensa, pelo seu amor a Jesus e à Eucaristia e pela sua devoção a Maria Santíssima, é tida como modelo de santidade e considerada a grande intercessora junto do Senhor que tanto amou. Por isso, junto a minha voz à de muitos sacerdotes e fiéis, implorando a Vossa Santidade seja concedido o "nihil obstat" para a organização do Processo de Beatificação da Serva de Deus a fim de ser elevada à honra dos altares, assim o espero".

O Reitor do Santuário da Esperança, Monsenhor Agostinho Tavares, anunciou que vai solicitar a intervenção junto da Santa Sé do novo Bispo dos Açores, D. António Braga, no sentido da beatificação de Madre Teresa da Anunciada cujos restos mortais se conservam numa pequena urna na Capela do Senhor Santo Cristo, no Mosteiro da Esperança. Em fins do século XIX, ou começos do XX, um dos bispos de Angra mandou abrir a caixa, que ainda hoje se conserva no coro baixo do Convento da Esperança e que contém os despojos mortais de Madre Teresa da Anunciada. Removida que foi a respetiva cobertura, logo se evolou um magnífico e inexplicável aroma. Poderá alguém, mais exigente, não querer aceitar o facto. O certo é, porém, que da vida da Madre Teresa se evolou um perfume que resiste a todas as inconseqüências dos homens, a todos os desvios de alguns devotos, certamente sinceros, mas pouco esclarecidos.

Madre Teresa da Anunciada nasceu e foi batizada no dia 25 de novembro de 1658, na freguesia de São Pedro da então vila da Ribeira Grande. Entrou para o Convento da Esperança onde iniciou o seu noviciado, em 19 de novembro de 1681, vindo a fazer os votos solenes em 23 de julho de 1683. Morreu, com fama de santidade, em 16 de maio de 1738. O pai de Teresa de Jesus (mais tarde, Teresa da Anunciada) foi Jerónimo Ledo de Paiva, nascido na Ribeira Seca da Ribeira Grande, em julho de 1601. A mãe foi Maria do Rego Quintanilha, batizada na paroquial de S. Jorge, da Vila do Nordeste, em 11 de agosto de 1614. A prolongada doença de Jerónimo Ledo de Paiva, que acabou por vitimá-lo, numa sexta-feira, 24 de janeiro de 1666, foi a grande desgraça que se abateu sobre esta família, de treze filhos, sendo Teresa a mais nova. Foi sua irmã, Joana de Santo António, que fez os impossíveis até conseguir que Teresa de Jesus entrasse no Convento de Nossa Senhora da Esperança. Quando Teresa chegou à idade de aprender a ler, sucedeu que veio por essa ocasião do Brasil seu irmão, Frei Simão do Rosário, para descansar alguns meses e restabelecer-se das extenuantes missões pelo sertão brasileiro. Ensinou a ler as irmãs mais moças e Teresa deliciava-se com a leitura da vida de santos, em especial as "Meditações de Santa Brígida". Quando chegou o dia da profissão de Teresa, a procissão de ingresso que se organizou com luzido acompanhamento, saiu da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, do Convento dos Franciscanos, para a de Nossa Senhora da Esperança. Sobressaía a figura

de Teresa de Jesus que, nesse momento, já estava crismada com o nome que a devia celebrar - Teresa da Anunciada. A família, os convidados e o conjunto musical, acompanhados de alegre repicar de sinos das torres de várias igrejas circunvizinhas, festejavam este acontecimento. Quando Teresa entrou para o Mosteiro da Esperança, estava no coro baixo, a um lado, num pequeno altar, uma imagem do Senhor, no passo do "Ecce Homo", que tinha um registo a tapan a abertura do peito, pois outrora servira de sacrário. A pedido de sua irmã, Joana de Santo António, Teresa conseguiu um novo altar para a Imagem que foi a encarnar. Pediu a Madre Jerónima do Sacramento, do Convento de Santo André, de Ponta Delgada, que fizesse uma cana de flores de seda, para ornar o Senhor quando regressasse ao seu novo altar. A Imagem do Senhor Santo Cristo estava no seu novo altar, mas o teto do coro era formado pelo soalho do coro-alto que, além de velho, tinha muitas frinchas que deixavam passar o pó, além do barulho que se sentia quando se andava no coro-alto. Teresa conseguiu que fosse construída uma Capela e, a seu pedido, D. Pedro II, por alvará de 2 de setembro de 1700, concedeu uma tença de doze mil réis, para manter acesa, dia e noite, uma lâmpada de azeite diante do altar do Senhor Santo Cristo. Nenhuma dessas capelas chegou aos nossos dias, mas, sim, uma terceira, mandada construir posteriormente e que foi benzida a 22 de março de 1771. Foi por esta época que Madre Teresa da Anunciada desejou que a Imagem do Senhor saísse em procissão, passando por todas as igrejas e conventos da cidade. Por intermédio do Conde da Ribeira Grande, obteve licença do Prelado, D. Frei António de Pádua, e a primeira procissão do Senhor Santo Cristo realizou-se a 11 de abril de 1700, segundo o investigador Urbano de Mendonça Dias. (O investigador mais recente Luciano Mota Vieira invocou pesquisas que fazem recuar para 1698 a primeira procissão. O cortejo repetiu-se em abril de 1700 e foi esta data que, durante muito tempo, foi apontada como sendo a da primeira procissão). A devoção que esta procissão despertou foi tal que nunca mais deixou de se realizar, salvo uma ou outra vez, por efeito de mau tempo. É a maior devoção que se realiza em terras portuguesas. Madre Teresa parece que não teve velhice, tal a energia que manteve até ao fim da vida. A última doença prostrou-a aceleradamente. Os jejuos, os cilícios, as penitências e uma cama feita com uma enxerga de palha sobre ramos, parece que nunca lhe tiraram as forças do corpo e lhe fortaleceram as da alma. A doença que a vitimou não foi longa. Pressentiu a morte que chegou ao amanhecer de sexta-feira, dia 16 de maio de 1738. Teresa ia completar, em novembro seguinte, 80 anos de idade. A 16 de maio de 1954, foi colocada uma lápide comemorativa na casa onde nasceu a Madre Teresa, sita à Rua do Torninho, na Ribeira Seca. A 12 de maio de 1963, foi inaugurado, junto à igreja da Ribeira Seca, um busto da Madre Teresa, da autoria do escultor Numídico Bessone. Em dezembro de 1992, Madre Teresa da Anunciada foi oficialmente designada Patrona da escola n.º 5 da Ribeira Seca. A grande estátua da Madre Teresa, junto ao Santuário do Santo Cristo, em Ponta Delgada, foi inaugurada em 26 de maio de 1984.

Por haver discrepância quanto à data da primeira procissão se transcreve o que o autor Daniel de Sá longamente escreveu sobre o tema:

1698 - Primeira procissão

Naquela que é considerada a primeira procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, embora a intenção fosse apenas a visita da imagem aos outros conventos de Ponta Delgada, as ruas foram atapetadas com flores de um modo algo espontâneo, tendo participado muitas pessoas do clero, da nobreza e do povo. No entanto têm persistido opiniões diferentes acerca do ano em que teria acontecido este cortejo. A maior parte, seguindo Urbano de Mendonça Dias, aponta o ano de 1700 como aquele em que esta manifestação de fé teria ocorrido. Outros, e conforme investigação de Luciano da Mota Vieira, aceitam que a mesma tenha acontecido em 1698. Há um claro erro na conclusão a que chegou o ilustre investigador Mendonça Dias. E isto deveu-se, sem dúvida, a que a cronologia fornecida pelo padre José Clemente é caótica ou inexistente, porque Madre Teresa raramente situou no tempo os acontecimentos que recordou nas suas memórias. Mas, não tendo nós informação explícita sobre o dia da semana nem quanto ao ano, sabemos, no entanto, que o cortejo foi a onze de abril. Eis, porém, o que a certa altura diz o biógrafo de Madre Teresa: "Em último lugar ia o púlpito com o Santo Lenho, a que acompanhava uma tão numerosa multidão de povo, que os oficiais deixaram o trabalho, os mercadores as lojas e os forasteiros as vilas e lugares circunvizinhos."

Esta descrição anula claramente a hipótese de que essa procissão se tivesse realizado num domingo. Era impensável em 1700 que os "oficiais" estivessem no seu trabalho ou os mercadores com as lojas abertas. ("Oficial" era aquele que tinha um ofício manual, um artífice. Ainda em meados do século XX uma testemunha idosa, num julgamento na Ribeira Grande, ao identificar-se declarou a profissão como sendo "oficial campónio".) E onze de abril de 1700 foi um domingo, e nem sequer um domingo vulgar, mas o da Páscoa. O erro de Mendonça Dias ter-se-á devido ao facto de o padre José Clemente misturar o anúncio da procissão e a descrição da mesma a outros acontecimentos claramente datados. Um é o da morte da rainha Maria Sofia, segunda mulher de D. Pedro II, em 4 de agosto de 1699; o outro é o de um barco de carga (charrua), que partira para Lisboa em outubro desse mesmo ano e só regressou a Ponta Delgada em março do seguinte. A conclusão aparentemente lógica seria a de julgar que esse onze de abril era, pois, o de 1700. Mas se Urbano de Mendonça Dias tivesse notado que se tratava de um domingo, de certeza que haveria corrigido a sua opinião. No entanto, não deverá haver grandes dúvidas de que a procissão terá sido numa 6ª feira. E isto porque Madre Teresa honrava sempre a sexta-feira, o dia da Paixão do Senhor, de um modo muito especial, inclusivamente quando começava alguma obra para o Senhor Santo Cristo. Foi o que aconteceu por exemplo com o lançamento da primeira pedra e início da construção da segunda capela. E eis o que diz Frei José Clemente, a propósito da morte de Madre Teresa: "Era o dia de sexta-feira, dia dedicado ao Senhor e de tanta devoção para a venerável Madre, que sempre nele recebia de Deus algum favor especial, e justo era que nele alcançasse o último como coroa dos seus merecimentos." E em outro passo escrevera: "Era o dia de sexta-feira e deste dia em diante sempre em semelhantes dias recebia Teresa algum favor especial." E ainda, transcrevendo uma conversa da Madre com o Senhor, diz a certa altura: "Até sexta-feira, que é dia Vosso, espero que há de chegar a este porto." Desde que Madre Teresa da Anunciada foi admitida no convento da Esperança, em 20 de junho de 1682, onze de abril foi em 6ª feira nos seguintes anos: 1687, 1692, 1698, 1704, 1710, 1721, 1727, 1732 e no ano da sua

morte, 1738. A primeira referência a este dia é feita a propósito de algo difícil de explicar para o entendimento da religiosa. Havendo percebido falta de pão para o jantar dos catorze "oficiais" que trabalhavam na capela do Senhor, depois de uma fervorosa oração terá dado com o armário cheio dele e da melhor qualidade. E de certeza quase absoluta que tal não aconteceu em 1687, menos de cinco anos depois de Madre Teresa ter sido admitida como noviça, pois ainda não teria havido tempo de se impor ao respeito das demais religiosas e da comunidade leiga, de modo a que já se atrevesse a obra tão dispendiosa como aquela em que estava empenhada. E o tempo para chegar a esse ponto da sua atividade abrevia-se muito mais, se tomarmos em conta que foi sua irmã Joana que a entusiasmou a promover o culto da sagrada imagem. Ora D. Joana terá entrado no convento em 1685, morrendo um ano e meio depois, em doze de dezembro, numa quinta-feira, parecendo que todas as principais diligências na dignificação do culto por parte de Madre Teresa aconteceram estando a irmã já morta. Por outro lado, e depois de narrar a procissão, há cerca de trinta páginas dedicadas pelo padre José Clemente a outros acontecimentos, até chegarmos a um que volta a situar-nos na história desse tempo. Trata-se do envio à corte de uma carta do conde da Ribeira Grande, pedindo uma tença de doze mil réis para o azeite da lâmpada do Senhor Santo Cristo. Foi portador dessa carta "um sargento-mor da obrigação do Conde" que passava à Espanha como militar na guerra que oprimia toda a Europa". Era essa a guerra da Sucessão de Espanha, pelo o que o episódio terá acontecido entre 1704 e 1706, uma vez que a Espanha declarou guerra a Portugal em 30 de maio de 1704, tendo D. Pedro II avançado em direção à fronteira logo nesse ano. O exército português acabou por invadir o país vizinho em 1706, e proclamou em Madrid como rei o arquiduque da Áustria, filho do imperador Leopoldo da Alemanha, com o nome de Carlos III... o qual, no entanto não figura na lista dos reis de Espanha. Perante isto, teremos de concluir que a primeira procissão do Senhor Santo Cristo foi antes de 1704, restando-nos as datas de 1692 e 1698. E, como a sexta-feira, onze de abril, em que aconteceu aquilo que é considerado o milagre do pão, foi anterior à procissão, encontramos deste modo as datas de onze de abril de 1682 como o dia do dito milagre, e a sexta-feira, onze de abril de 1698, o da primeira procissão. E faz todo sentido que Madre Teresa, segundo o que ela disse ter sido inspiração do Senhor, houvesse escolhido o primeiro aniversário daquele milagre a coincidir com 6ª feira para realizar a procissão. Tanto mais que ela sempre associou a Paixão à Ressurreição, e essa sexta-feira foi a que se seguiu ao domingo de Pascoela. Houve também quem julgasse possível ter havido uma segunda procissão em 1700, o que parece tratar-se apenas de uma tentativa de harmonização de ambas as teses, mas que não tem qualquer fundamento na tradição ou suporte documental. Para além da procissão de penitência de 1713, por causa dos tremores de terra que houve na ilha, não há o menor indício de outras. - Daniel de Sá.

O Convento da Esperança foi edificado, na primeira metade do século XVI, por iniciativa de Filipa Coutinho, viúva do Capitão Donatário Rui Gonçalves da Câmara. Os terrenos necessários para a Igreja e para a cerca haviam sido doados por Fernando Quental e sua mulher, Margarida de Matos. A linha nascente do Campo de S. Francisco, já na segunda metade do século XVI, teve a orientação atual, porque Cristóvão de Matos Quental, descendente de Fernando de Quental, mandara construir, por volta de 1609, nas suas casas, daquele lado, a Ermida de Nossa Senhora da Ressurreição, também conhecida por Senhora da Soledade. Foi em 23 de abril de 1540 que as freiras deixaram o Convento da Caloura, trazendo a Imagem do Senhor Santo Cristo, e vieram habitar o Mosteiro da Esperança. Na segunda metade do século XVII, o Convento da Esperança começou a beneficiar de grandes melhoramentos: os célebres azulejos que ainda hoje se encontram no coro baixo, são da autoria de António de Oliveira Bernardes; a talha da Capela do coro baixo é atribuída a Miguel Romeiro que, em sonhos, a ideara; a decoração do teto da igreja e da primitiva talha da Capela-mor e dos altares laterais foi realizada, em 1658, pelo pintor micalense Manuel Pí-nheiro Moreira, irmão da Ordem Terceira de S. Francisco, em Ponta Delgada, e professor de pintura de suas próprias filhas. No ano de 1723, havia na Esperança 102 freiras e 57 noviças, pupilas e servas. Em 1821, a população do Mosteiro era de 108 senhoras - 42 freiras professoras, 36 seculares sem dispensa e 30 fâmulas. Em 1865, havia 72 senhoras, sendo 9 religiosas da Esperança, 11 do Convento da Conceição, uma do Convento de S. João, uma do Convento do Bom Jesus da Ribeira Grande, uma do Convento de Santo André de Vila Franca, 16 meninas que serviam no coro, uma secular, duas senhoras que não faziam serviço, vinte e uma servas da comunidade e onze servas particulares. As Religiosas de Maria Imaculada foram o quarto instituto a ocupar o Convento da Esperança. A última religiosa clarissa, a Madre Abadessa Maria Vicência Cabral, faleceu em dezembro de 1894. Já então havia recolhidas que vestiam hábito e continuavam os usos conventuais, não obstante os reparos da imprensa periódica, ainda presa aos decretos antimonásticos de maio de 1832. Com o Bispo D. António Meireles, na terceira década do presente século, vieram as Visitandinas, a que sucedeu a Congregação de São José de Cluny. Constituído o seu colégio, conforme risco do arquiteto micalense João Rebelo, na Rua Agostinho Pacheco, coube às Religiosas de Maria Imaculada ocupar o Convento, em cuja recuperação trabalharam como operárias. Tinham as Clunícenses confiado à Madre Maria do Carmo o cuidado da Capela do Santo Cristo, dizendo a sua superiora que ninguém melhor do que uma açoriana saberia ocupar-se daquele recinto. As Religiosas de Maria Imaculada, que ocupam, atualmente, o lugar das antigas Clarissas, ali presentes de 1541 a 1894, têm sido extremamente atentas ao significado espiritual do Convento e têm dado aos reitores do Santuário uma excelente cooperação.

O aspeto do Campo de S. Francisco mais próximo do atual foi dado, por volta de 1825, pelo Governador Militar Brederode que o mandou arborizar, e colocar banquetas em redor. Até então, era o Campo do Dizimo, passando, a partir dessas obras, a ser local de recreio e de exercícios e paradas militares. A sul do mesmo campo, havia uma fonte monumental. As armas da cidade, esculpidas em mármore e que havia na parte central dessa fonte, vieram de Lisboa e foram colocadas em fins de 1849. Em 9 de setembro de 1868, o Campo foi aterrado e nivelado de novo, sendo então cortado o adro do Convento dos Franciscanos, para aí ser rasgada uma rua que ligaria diretamente com a Praça. Em março de 1871, houve uma subscrição pública para alindar o Campo, iluminá-lo a petróleo e dotá-lo com um quiosque, ao centro. As obras de alinhamento começaram no mês seguinte, tendo a Câmara plantado novas árvores. O coreto - uma construção leve, rendilhada, de madeira, imitando um pagode chinês - foi inaugurado no dia

12 de maio de 1871. Segundo Bretão Ribeira (pseudónimo de Joaquim Maria Cabral, in "Açores", 1951), o coreto seria da autoria de Pedro Paulo que também foi autor do edifício da Agência do Banco de Portugal, em Ponta Delgada, de que foi diretor. Outros afirmam que o quiosque foi projeto dos irmãos José e Ernesto do Canto. O antigo coreto foi substituído, anos depois, pelo atual, uma pesada estrutura de cimento, muito longe da graciosidade, leveza e harmonia daquele que ardeu em 1957. O primeiro carrossel que apareceu no Campo de S. Francisco, pelas Festas do Senhor, foi em 1884, e pertencia a Manuel Coelho Lourenço, da Ilha Terceira, donde o trouxera. Vendera-o a Cândido José Xavier Jr., que o vendeu, por sua vez, a João Diogo, por 60\$000 réis insulanos, ficando conhecido, por isso, pelo nome de "cavalinhos de mestre João Diogo". A 7 de abril de 1886, começou a demolição de parte da cerca do Convento da Esperança, para a abertura da Avenida do Coliseu, hoje denominada de Roberto Ivens. Por esse motivo, em junho desse ano, procedeu-se à exumação de 80 cadáveres de freiras, que foram depositados no Cemitério de S. Joaquim, construído em 1846.

Numa ilha de vulcões em atividade constante e de sismos frequentes, a devoção era o único refúgio do povo, através do culto do Divino Espírito Santo e ao Senhor Santo Cristo dos Milagres. A devoção que Teresa da Anunciada, venerável religiosa do Convento de Nossa Senhora da Esperança, tão intensamente sentiu por Cristo, marcou profundamente a alma do povo, de tal modo que o culto ao Senhor, através da procissão com a imagem, se expandiu e fortaleceu ao longo dos séculos. É, hoje em dia, a maior procissão, a mais grandiosa e a de maior devoção que se realiza em terras portuguesas. No coração de cada açoriano, disperso pelo mundo, há um altar de culto eterno ao Senhor Santo Cristo, onde as suas preces mantêm permanentemente acesas místicas velas de imperecível devoção e saudade. Daí a presença de milhares de açorianos que vêm participar, todos os anos, de Portugal, dos Estados Unidos da América, do Canadá e, naturalmente, das outras ilhas, nas grandes Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, numa autêntica e profunda manifestação de fé e devoção. As Festas duram vários dias. Na tarde de sábado, há pessoas que andam à volta da Praça, de joelhos, sobre as pedras do pavimento ou, então, carregadas de cirios de cera, num agradecimento pela graça recebida do Senhor numa hora de aflição e sofrimento. Depois, no domingo, milhares de pessoas incorporam-se na procissão. A abrir, o guião, com a coroa de espinhos dourada, depois duas longas filas de homens com opas, muitos com grossos cirios votivos, outros descalços, no cumprimento de promessas, interrompidos por grupos de filarmónicas. Seguem-se associações juvenis transportando guiões de cores garridas, crianças vestidas de anjos, alunos do seminário, o clero micaelense e alguns sacerdotes convidados, todos eles a precederem a veneranda imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, transportada sob um dossel de veludo e ouro, num trono de lindíssimas flores de seda e pano, tecidas no século XVIII. Após a veneranda imagem, seguem-se os dignatários da Igreja Católica, representantes das congregações religiosas sediadas em S. Miguel e muitos milhares de senhoras, no cumprimento de promessas. A fechar o extenso cortejo, seguem-se as mais altas autoridades militares e civis, representações e associações sociais e desportivas. A grande procissão recolhe, já quase noite, após cinco horas de circulação pelas principais ruas de Ponta Delgada. O corpo principal do Tesouro do Senhor Santo Cristo dos Milagres é constituído pelas seguintes joias: o Resplendor, a Coroa, o Relicário, o Cetro e as Cordas.

O Ex-libris do Tesouro, o RESPLENDOR é a peça mais rica do espólio. Fotografado e documentado por especialistas internacionais em arte, foi recentemente considerado, num congresso em Valladolid, Espanha, a peça mais valiosa do seu género em toda a Península Ibérica. O Resplendor, em platina cromada de ouro, pesa 4,850 gramas e está incrustado de 6.842 pedras preciosas de todas as qualidades: topázios, rubis, ametistas, safiras, etc. Além do valor artístico, esta joia está carregada de elementos simbólicos ligados à teologia. O primeiro é a da Santíssima Trindade, representada por um triângulo no centro que contém três caracteres com o seguinte significado: "Sou o que Sou" e também "Pai, Filho e Espírito Santo". Deste triângulo irradiam os resplendores para as extremidades da peça. O segundo elemento é a Redenção de Cristo, representada pelo cordeiro sobre a cruz e pelo livro dos Sete Selos do Apocalipse. Um terceiro é a Eucaristia, simbolizada por uma ave, o pelicano, pelo cálice e pelo cibório. O último elemento simbólico do RESPLENDOR é a Paixão de Cristo passando pela coroa representada em pormenor: desde a túnica ao galo da Paixão, passando pela coroa de espinhos integralmente feita de esmeraldas.

Se o Resplendor é a joia mais rica do Tesouro, a COROA é a sua peça mais delicada. Em ouro, pesando apenas 800 gramas, possui 1.082 pedras preciosas, todas elas trabalhadas com minúcia, onde os próprios espinhos são pequeníssimas pedras que diminuem de tamanho nas extremidades.

O RELICÁRIO é, por outro lado, a peça mais enigmática do Tesouro. É a única que está permanentemente colocada no peito da imagem e serve para guardar o Santo Lenho, que se crê ser uma farpa da verdadeira cruz em que Jesus foi crucificado.

O CETRO, a quarta peça do Tesouro, é constituído por 2.000 pérolas que formam uma maçaroca de cana, 993 pedras preciosas ao longo do tronco e no conjunto de brilhantes com renda de ouro na base, onde está colocada a Cruz de Cristo.

Finalmente, as CORDAS, com 5,20 metros de comprimento, constituem a quinta peça do corpo principal do Tesouro. São duas voltas de pérolas e pedras preciosas enroladas em fio de ouro. Estas joias possuem um valor incalculável, que ainda não está devidamente avaliado.

Os "REGISTOS" são a mais antiga forma de arte dedicada ao Senhor dos Milagres. As suas origens são incertas. Reza a história que esta arte começou nos conventos, quando a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres estava na Caloura. Os primeiros cunhos alusivos à Imagem datam do século XVIII. Foram adquirindo ao longo dos anos as formas e as cores que hoje apresentam.

Datada de 1843, a primeira capa foi encomendada e oferecida ao Senhor Santo Cristo pelo coronel Nicolau Maria Raposo de Amaral, homem de fé e devoção. O rigor do bordado realça o fervor e fé depositados na mão de quem a bordou. Desde sempre que o culto pela Imagem ultrapassou as barreiras socioeconómicas de uma comunidade movida pela fé. O manto mais recente do Senhor Santo Cristo foi oferecido, em 2000, por um cidadão norte-americano. Ornamentado com belíssimas joias, a capa revela um pouco do Tesouro do Ecce Homo. Pedras preciosas e diamantes encastrados no manto vermelho representam ofertas de inúmeros crentes que, não olhando ao valor, são capazes de se despojar das suas peças mais valiosas. Uma vez mais o culto ultrapassa os limites da

nacionalidade e da geografia. As Joias do Senhor Santo Cristo dos Milagres, como também a coleção de capas usadas pela imagem, podem ser admiradas no Convento de Nossa Senhora da Esperança. Esta devoção faz parte da história de Fall River, da Igreja Católica local e da comunidade portuguesa em geral. No Canadá, as Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres já são consideradas as maiores do género no país. Elas realizam-se este ano em Toronto, a 15 e 16 de maio, ou seja, a mesma data em que se celebram em Ponta Delgada. Trazidas para o Canadá pelos primeiros emigrantes açorianos, as Festas são celebradas em Toronto desde 1966, reunindo na Igreja de Santa Maria muitos milhares de fiéis, alguns vindos de terras distantes dos Estados Unidos, Canadá e Bermudas. O padre Libório Tavares, há mais de 20 anos à frente da paróquia, confia na “fé e religiosidade” do povo. Diz mesmo ter a certeza de que “as Festas serão uma homenagem ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, a exemplo do que se passa desde 1700 na Ilha de São Miguel”. O sacerdote referiu que há muitos jovens lusodescendentes que continuam agarrados à tradição e à devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres. Este ano acompanharão a procissão do dia 16 de maio, que percorre diversas ruas da baixa de Toronto, cinco bandas, sendo três de Toronto - Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Fátima e Senhor Santo Cristo - uma banda de Brampton e outra de London.

21.2.1. SÃO MIGUEL OU ILHA VERDE. 21 maio 2006

É a maior ilha do Arquipélago, juntamente com Santa Maria, forma o Grupo Oriental. Possui uma superfície de 759,41 km² comprimento de 65 km e 14 de largura. A sua descoberta deu-se por volta do séc. XIV. O povoamento teve início a 1439, depois de D. Henrique ter mandado lançar gado em sete ilhas do Arquipélago, aqui chegaram colonos portugueses vindos da Estremadura, Algarve, Alto Alentejo e estrangeiros oriundos da França. Graças à fertilidade do seu solo e à sua posição geográfica, São Miguel desde cedo, desenvolveu-se economicamente. Aqui se produziam enormes quantidades de trigo, pastel, urzela, vinho, laticínios, batata-doce, milho, inhame, linho e laranja. A laranja, exportada para Inglaterra, traz para a ilha, nos finais do século XVIII, uma grande prosperidade e enriquecimento. No entanto a prosperidade é abalada em 1860, quando a doença extermina por completo todos os laranjais, que sustentavam a ilha. Mas, graças à força de vontade dos habitantes, essa fase acaba com a introdução de novas culturas – tabaco, chá, espadana, chicória, beterraba sacarina e ananás que garantem a sobrevivência económica e a que vêm juntar-se, com o passar dos anos indústrias dos mais diversos setores, incluindo a pesca e a pecuária. Hoje, São Miguel, é o centro das decisões políticas e administrativas, uma ilha em franco desenvolvimento, com museus e monumentos, locais históricos com restaurantes, lojas, hotéis. Um local de visita obrigatória.

21.2.2. FESTIVIDADES

São diversas as Festas realizadas na ilha de São Miguel, no entanto, é a festa do Senhor Santo Cristo a que mobiliza milhares de pessoas de todas as ilhas e de todo o mundo, principalmente emigrantes. Esta festa tem lugar em Ponta Delgada e é comemorada anualmente na Quinta Domingo depois da Páscoa. A imagem do Senhor Santo Cristo, percorre em procissão as ruas de Ponta Delgada, sendo de seguida levada para o Convento da Esperança. Estas Festas possuem, não só, uma componente religiosa, mas também profana, com feiras, exposições, e as tradicionais tasquinhas com comes e bebes. São Miguel, celebra todos os anos as suas semanas culturais, festas em homenagem ao seu padroeiro. No entanto, e para os mais exigentes, temos ainda para oferecer diversos museus e casas etnográficas um pouco por toda a ilha. De abril a junho, também aqui se comemoram as mais tradicionais festas conhecidas nos Açores, as Festas do Espírito Santo. A procissão do Senhor dos Enfermos, com os seus belos tapetes de flores, que ornamentam as ruas da cidade. As festas realizadas na Ribeira Grande com homens montados a cavalo a desfilar pelas ruas, onde em versos saúdam o santo padroeiro, ou mesmo os Romeiros, grupos de homens, que rezando, percorrendo a ilha a pé. São certamente manifestações religiosas que não quererá perder. Por fim e não menos importante, temos o folclore bem preservado pelos diversos grupos existentes na ilha. Rico.

21.2.3. GASTRONOMIA

Pratos como caldo azedo, os torresmos de molho de figado, a linguíça com inhames, o assado misto, o polvo guisado ou assado, o arroz de lapas, as lapas de molho Afonso, as caldeiradas de peixe, os chicharrinhos com molho vilão, a morcela com ananás, e o cozido da caldeira, são algumas das especialidades que pode provar e que decerto não o deixará indiferente. Nos mariscos, temos, as lapas, as cracas, lagostas, cavacos e caranguejos. Na doçaria temos, a massa sovada, os bolos lêvedos, as malassadas, as queijadas de Vila Franca, as fofas da Povoação e as barrigas de freira, doces tipicamente micalenses. Há uma enorme diversidade de queijos na ilha, que vão desde os amanteigados aos mais secos, dos mais frescos, produzido de leite de vaca ou de cabra, aos mais antigos em que é necessário um período de várias semanas ou meses para fermentar e ganhar o tão característico paladar. O ananás de São Miguel, é já uma referência a todos os que por lá passam que não deixem de o saborear. O ananás de São Miguel é exportado para todas as ilhas, bem como para o Continente. Produz-se nesta ilha o vinho de cheiro, tipo morangueiro, sendo o mais conhecido, aquele que se produz na região da Caloura. Nos licores uma referência especial para os de maracujá e ananás. O chá, produzido na Gorreana e Porto Formoso é uma bebida a apreciar.

21.3. COMENTÁRIO DO AUTOR às festas. 21 maio 2006

Foram as minhas primeiras Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres. No sábado desloquei-me a Ponta Delgada sob tempo nublado e chuvoso para poder presenciar algo

que me diziam não ter paralelo noutras paragens e ser o momento alto de todas as festividades religiosas da ilha de S. Miguel. Apesar da chuva miudinha havia milhares de pessoas nas ruas circundantes à Igreja da Esperança ou do Santo Cristo, umas cumpriam promessas de joelhos desnudos na calçada, outras levavam pesados círios, consoante as promessas feitas. Em tudo havia um misto de catolicismo, paganismo e era notório que a população sentia bem arreigada esta tradição centenária.

Depois dum programa televisivo especial dedicado às festividades (onde tomei parte a propósito do 5º colóquio da lusofonia que acabara há dias), foi a vez da imagem ricamente ornada de pérolas e joias preciosas dar uma volta à Praça antes de se quedar à porta da Igreja onde ficou aguardando que a procissão de crentes a pudesse observar. Durante mais de duas horas as pessoas desfilaram em quase silêncio perante a rica imagem. Não pude deixar de escapar o comentário de que esta homenagem e a riqueza do ícone eram contrárias aos ensinamentos de Jesus que desprezava as riquezas materiais e a idolatria. Toda a gente e os comentários televisivos me alertavam para a necessidade de ali ver a mensagem do Senhor Santo Cristo: O verdadeiro rosto do Deus vivo e verdadeiro, revelado por Jesus Cristo. Lamento, mas nada disso consegui ver: o que vi foi a autoflagelação de crentes a arrastarem-se pela calçada em cumprimento de promessas. Lembrou-me a autoflagelação muçulmana no Iraque. Resquícios da Idade Média em pleno século XXI.

Contaram-me que as pessoas compram fatos e vestidos novos para levarem na procissão, também isso me pareceu menos religioso do que me queriam fazer crer. Se a fé é assim tão grande para quê os fatos novos, para os outros verem? O dinheiro das joias, 2.000 pérolas que formam uma maçaroca de cana, 993 pedras preciosas ao longo do tronco e no conjunto de brilhantes com renda de ouro na base, onde está colocada a Cruz de Cristo e a quinta peça do corpo principal do Tesouro, duas voltas de pérolas e pedras preciosas enroladas em fio de ouro, parecem-me que seriam melhor empregues a aliviar o sofrimento dos pobres e carenciados do que nesta exibição de riqueza. Mas enfim são estes os meus valores e certamente não serão os propugnados pela Santa Igreja. Aliás nunca concordei com as riquezas imensas do Vaticano e com os bens materiais acumulados pela Igreja ao longo dos séculos. Só muito levemente se falou nisto quando o Vaticano esteve envolvido no caos da queda do Banco Ambrosiano. Em 1982, personalidades do Vaticano são envolvidas no escândalo da falência fraudulenta do Banco. As relações do Vaticano com o Estado italiano pioram em 1987, quando a Justiça da Itália ordena a prisão do cardeal Paul Marcinkus, secretário de Estado do Vaticano e diretor do Instituto de Obras Religiosas, instituição financeira envolvida no escândalo Ambrosiano. Baseando-se nos termos da concordata - pela qual a Itália não tem jurisdição sobre o Vaticano -, a Suprema Corte italiana absolve o cardeal.

21.4. O EXEMPLO DE D. HÉLDER DA CÂMARA - 21 maio 2006

A trajetória de vida do 'arcebispo dos pobres', não se afastou da meta de levar os pobres e miseráveis à categoria de cidadãos. Os quatro anos do Concílio Vaticano II (1962 a 1965) o transformariam, do relativamente pouco conhecido arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, num dos personagens mais influentes na cena internacional da igreja contemporânea. A sua trajetória de vida não se afastou da meta de levar os pobres e miseráveis à categoria de cidadãos. Os quatro anos do Concílio Vaticano II (1962-1965) transformá-lo-iam, do relativamente pouco conhecido arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, num dos personagens mais influentes na cena internacional da igreja contemporânea. Durante o Concílio, o brasileiro Dom Helder Câmara surpreendeu e movimentou cardeais e bispos de todo o mundo numa articulação a favor da inserção da Igreja nos setores populares. Fez mais: propôs ao papa João XXIII entregar o Vaticano e suas obras de arte aos cuidados da UNESCO, como património cultural da humanidade, enquanto o papa passaria a morar, na qualidade de bispo de Roma, numa paróquia da capital italiana. Este era o "arcebispo dos pobres", como ficou conhecido no Brasil e no exterior. Sonhava com uma Igreja menos imperial e mais parecida com a comunidade dos pescadores da Galileia

Isto para mim representa mais aquilo que eu gostaria de ter visto nas Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres e que não vi. Esta afinal é a terra que sempre aceitou a escravatura nas ilhas com um feudalismo atroz e a Inquisição e mais recentemente se deitou na cama do alegado fascismo «soft» português do século XX. Todos, pois, no Campo de São Francisco, em silêncio à espera do Senhor Santo Cristo dos Milagres, como podia ser o Espírito Santo ou Nossa Senhora de Fátima. Talvez ainda no inconsciente, de umas sacas de roupa da América, agora em versão Bruxelas. A mesma que faz manifestações e abaixo-assinados a favor de alegados violadores de crianças. Tudo sabiam e tudo era em silêncio.

Talvez seja por isso o atraso que ninguém fala. Talvez cada povo tenha o que mereça. Pode ser que estas tradições encerrem nelas algo de mais sinistro que aquilo que numa primeira abordagem não nos é dado observar. Quando nos confrontamos com a preservação de tradições centenárias podemos deparar-nos com situações antagónicas como esta. A extrema religiosidade deste povo açoriano assenta afinal nas mesmas premissas que tantas outras de que enferma a sociedade portuguesa em geral: a religião é também o ópio do povo. Já António de Oliveira Salazar dizia “*quanto mais ignorantes mais felizes*” e assim é, de facto, se nada se contestar pode-se obter uma aparência de felicidade. A tradição é, afinal, quem mais ordena, seja ela, ou não, a tradição da sujeição à superstição e à escravatura, exigindo-se, ao mesmo tempo que essa tradição seja aceite pelo obscurantista e opressor como parte do sistema que lhe permite obscurecer a verdade e, desse modo, perpetuar a opressão.

Embora muitos autores clássicos tenham pesquisado e escrito sobre religião, o seu estudo, como o das festas populares, não é considerado prioritário, especialmente em regiões subdesenvolvidas, onde diante da escassez de recursos disponíveis, há outros temas considerados mais urgentes. Religiosidade e festas populares parecem a muitos como tema de menor importância. Para o povo, entretanto, religião e festas, são temas importantes na vida diária, como podemos constatar na realidade quotidiana das camadas populares. Nos locais mais remotos do Portugal continental e aqui nas ilhas, religião e festas constituem assunto fundamental na vida de muitas pessoas. A rotina diária é interrompida muitas vezes ao longo do ano, pela organização ou a participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica desta rotina. Para os que as organizam, as festas não representam propriamente momentos de lazer, mas de trabalho, intenso e prazeroso, no seu preparo e na sua realização. A relação estreita entre religião e festas foi apontada por Durkheim, para quem (1989: 372), “nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”. Para Durkheim¹¹, as festas teriam surgido da necessidade de separar o tempo em dias sagrados e profanos (1989: 373). Referindo-se ao descanso religioso, lembra Durkheim (1989: 372/273) que “o carácter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada à medida que estas não apresentam objetivo religioso”. As festas surgiram pela necessidade de separar o tempo, “dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas” (Id. 373). Adiante afirma: “O que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente em épocas determinadas”. (Id. 419). Assim repetição do ciclo das festas constitui, para Durkheim, elemento essencial do culto religioso. O mesmo autor também salienta (1989: 452), a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os a representações dramáticas e mostrando (1989: 453), que às vezes é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público. Este autor estabelece, portanto, relações íntimas entre religião e festas, entre recreação e estética, mostrando o parentesco ou a proximidade entre o estado religioso e a efervescência, o delírio, os excessos ou exageros das festas.

Como escrevia, há pouco tempo, o Padre Mário de Oliveira, meu professor de Religião e Moral nos 6º e 7º anos do Liceu Normal D. Manuel II:

“De Jesus, o de Nazaré, sim, a Igreja católica afastou-se quase cem por cento. Também se afastou quase cem por cento de Cristo, mas apenas daquele Cristo Crucificado pelo Império e pelo Templo, que era, afinal, o próprio Jesus de Nazaré, pelo menos, no desassombrado testemunhar das suas discípulas e dos seus discípulos, que não hesitaram em colar para sempre esse título messiânico, libertador, ao seu nome histórico. Jesus, como testemunha o Evangelho, resistiu até ao sangue contra o Império e as suas seduções. A Igreja, ao contrário, acabou por cair nos braços do Império e disse sim a todas as suas seduções. Felizmente, sempre houve, através dos tempos, Igreja que resistiu até ao sangue contra o Império, concretamente a Igreja dos mártires assassinados e de muitos outros mártires incruentos, alguns deles, martirizados como “hereges” pela perseguição assassina da própria Igreja oficial, amancebada com o Império e que, numa postura de manifesta traição, aceitou transformar-se de via ou caminho de libertação para a liberdade, que inicialmente era, em religião, e, depois, pior ainda, em religião oficial do Império. Foi uma Igreja assim, em estado de completa traição ao Evangelho, que acabou a identificar Jesus, o Crucificado pelo Império, com

11 <https://www.scribd.com/document/85374174/Sociologia-Durkheim>

Em Durkheim, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo, Paulus, 1989.

em Durkheim, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. O sistema totémico na Austrália... São Paulo: Paulinas, 1989.

o Cristo divinizado pelo Império. É por isso que o que hoje chamamos Cristianismo é sobretudo Paganismo, melhor, Cristianismo paganizado. Quase não tem nada a ver com Jesus, o de Nazaré, que o Templo e o Império mataram, depois de o terem prendido e julgado sumariamente. É neste ponto que estamos ainda hoje.”

Terminemos: a arquidiocese de Braga, baluarte do catolicismo mais jurássico, que se distinguiu pela fé explosiva das bombas do cónego Eduardo Melo, volta a ser notícia pelos pecados dos seus padres. E uma diocese que não comprova a virtude dos seus clérigos não convence os paroquianos da bondade do seu Deus.

Segundo o «Correio da Manhã» há sacerdotes afastados devido ao envolvimento com mulheres, um caso de dependência da droga e, agora, um jovem padre que se afundou em dívidas. O Pe. Nuno Melo, de 29 anos, gosta de carros de luxo, jantaras e diversões noturnas. A gula, a vaidade e a luxúria são três pecados capitais que qualquer confissão benfeita aliviaria, mas o dinheiro esportulado pelos paroquianos não é dívida que se possa remir com padres-nossos e ave-marias. O promissor apóstolo do Senhor está num retiro em Santo Tirso, aguardando o regresso ao múnus enquanto «algumas dívidas já começaram a ser pagas, por intermédio do arcepreste de Amares e também pelos conselhos económicos das paróquias».

Enquanto a Igreja for isto continuarei não sendo cristão, embora tenha tido uma educação cristã. Católica. Por opção própria, desisti. Ninguém me obrigou a continuá-la, no momento em que concluí que a religião institucional tende a suportar-se no obscurantismo e no seguidismo acrítico. Mas retirei algumas lições muito positivas dessa experiência. Nomeadamente, alguns valores cristãos que retive como a compaixão e o respeito pelo próximo ou a noção de igualdade entre todos os homens. E se me foi fácil descrever do Cristianismo, isso se deveu à gritante discrepância entre a teoria e a prática do mundo cristão. Cristo era um pacifista e, provavelmente, um «comunista». Os seus seguidores não.

Não sendo cristão, também não tenho grandes problemas em discordar e afastar-me das suas ideias. Não sou pessoa para dar a outra face. Quando me sinto agredido, sinto-me também no direito de me defender. Ripostando, se for caso disso, ou por outros meios se eles forem mais vantajosos. O que parece inaceitável é que, quem a todo o momento se socorre dos valores cristãos para sustentar uma suposta «superioridade moral», se afaste tão grosseiramente de uma das sentenças mais paradigmáticas do Cristianismo. Não me recorde de ler que Cristo tenha incitado os seus discípulos a matarem os que o não seguissem.

No longínquo dia 15 de maio de 1252, o Papa Inocêncio IV editou a Bula "Ad Extirpanda", que possibilitou a criação do Tribunal da Santa Inquisição. A partir deste momento passou a ser autorizado o uso da tortura para se conseguir declarações verdadeiras ou falsas. Mas NUNCA irei deixar de dizer o que penso e sinto e por isso escrevo. Sei que muitos dos meus leitores e familiares se sentirão incomodados por estes escritos, mas peço-lhes a mesma tolerância que eu tenho para com eles: chama-se aceitação e compreensão. Não podemos ser todos iguais nem acreditar todos nas mesmas coisas. Viva o direito à diferença!

22.

23.

24.

25. CRÓNICA 25 DA PRAIA DA VIOLA AOS POLÍTICOS

25.1. PRAIA DA VIOLA

Na véspera de um jogo de futebol que é vital para a maioria dos portugueses que gostam de futebol, para se saber se se vai repetir ou não a proeza de há 40 anos, nada mais útil do que levar-vos a divagar pela ilha de S. Miguel e pelas atividades do último mês. Decidimos

perguntar ao nosso senhorio se nos queria vender esta casa, mas ele disse que nos alugava para sempre e que se alguma vez a vendesse seria para nós. Assim, não há venda à vista e continuaremos a ser rendeiros (ou inquilinos arrendatários como se diz no Continente).

Fomos convidados para uma comunhão e para um almoço neste último mês. A comunhão era da filha mais nova da nossa empregada, e a comida para as mais de vinte pessoas foi toda feita ao forno, daqueles antigos que se acendem com madeira de manhã e ficam em brasa até à noite. Havia carne assada, batatas, frango, saladas e um sem número de doçarias e sobremesas bem saborosas. Tivemos a presença de metade da família deles ao almoço e a outra metade só viria ao jantar. Trata-se de gente simples do campo, lavradores e vaqueiros (têm cerca de 30 vacas de outrem e de que eles tratam como rendeiros ou algo assim) em que toda a gente ajuda nas lides, e os rapazes andam nas vacas com o pai das seis da manhã até à noite. Cada vaca chega a dar 750 litros de leite. É uma vida dura, sem feriados nem dias santos, com horários rigorosos, seja qual for o clima, dia ou noite, chova, vente ou faça sol, calor ou frio. Uma vida que envolve ainda arranjar tratores para arar a terra, plantar e colher o que a casa vai gastar em vegetais.

O meu filho João já lá foi com eles uma vez e tem ido com outros a tratar das vacas e acha uma atividade interessante, mas isto decerto se deve ao facto de não o ter de fazer diariamente. De qualquer forma os filhos deste casal mostram-se entusiasmados e parecem gostar da atividade, não se arrependendo de não terem prosseguido os estudos. A filha mais velha anda em cursos de estética capilar pois o seu destino está (destinado, em princípio) na grande urbe que é Ponta Delgada já que na freguesia não haverá negócio suficiente para duas cabeleireiras. A outra é a mulher do nosso senhorio que só trabalha quarta à tarde e sábado de manhã e nos outros dias não tem clientela. Se a minha mãe vivesse aqui já teria uma cliente todas as sextas feiras de manhã.

Quinze dias depois fomos convidados para ir almoçar com a cunhada e irmão da nossa funcionária, a casa da mãe deles mesmo sobre as arribas a caminho da local Praia da Viola. Trata-se de uma construção (ainda clandestina pois não está legalizada, nem parece poder vir a estar, apesar de ter sido construída há dez anos) sobranceira ao mar com uma vista estupenda sobre toda a costa norte da ilha em direção a oeste. Uma casa externamente com um piso, mas internamente são dois. Toda em madeira, sem luz elétrica, água da nascente, com uma ampla varanda coberta em cima e aberta dos lados para uma imensa vista do mar até à ponta oeste. No rés-do-chão existe uma sala comum com cozinha e dois quartos e depois uma escada de madeira leva para uma “falsa” no andar de cima com um dormitório de beliches.

Havia no menu caranguejos frescos, carne assada, frango, batatas e salada além de várias sobremesas. Para comer éramos apenas 14 ou 15 pessoas, o nosso filho João entreteve-se a brincar e a chafurdar e estava pronto para ser pendurado no chuveiro quando chegamos a casa. Desta vez não aceitamos o convite para o jantar apesar de já terem chegado mais pessoas para o mesmo. As vistas e o ar simples daquela casa de praia ou casa de fim de semana como nós lhe chamaríamos eram de facto soberbos. Soubemos depois numa notícia do jornal que a Câmara Municipal fez o levantamento das casas na orla costeira e algumas delas seriam legalizadas em breve. Em termos de localização seria difícil obter melhor. A casa fica a um quilómetro depois da Lomba de Baixo, no fim da nossa aldeia numa estrada recentemente (2004) aberta para a Praia da Viola, com uma inclinação de 15% seguida dum caminho tortuoso com mais de 137 degraus até se chegar à orla marítima pejada das azenhas do Nateiro, uma série de moinhos em ruínas que urgia recuperar. Por trás da casa há um patamar ou terraço de agricultura vedado do abismo com bambus e logo a seguir

as altas escarpas direitas ao mar lá em baixo. A praia da Viola, bem protegida do vento e embelezada por três cascatas naturais imponentes, é das melhores e das poucas da costa norte de S. Miguel. Eu fazia ali um restaurante em vez de casa de fim de semana... com aquela localização era sucesso garantido desde que se fizesse uma baixada de luz elétrica.

O ano escolar aproxima-se do fim cheio de reuniões infundáveis e de atividades de encerramento que dão imenso trabalho à professora cá de casa, enquanto o filho mais novo se vai enchendo de prémios como um dos melhores alunos o que sempre serve para recheiar o ego dum pai babado. Entretanto a minha filha veio da Austrália, dia 19 de junho, ficou com amigos e um dos irmãos mais velhos em Lisboa uns dias, depois foi para o Porto diretamente na noite de S. João onde andou pelas ruas do velho burgo até às sete da manhã. Fica no Porto até dia 3 julho data em que rumará ao Arquipélago, acompanhada do Boris, seu namorado de origem sérvia e croata, mas, claro está, de nacionalidade australiana... existe uma certa expectativa em vê-la a completar 20 anos. Da última vez que cá esteve tinha 12 ou 13...

Eu continuo a debruçar-me com o problema da falta de trabalho de tradução que se agravou desde março com um cliente inglês renitente em pagar o trabalho já efetuado e sem conseguir arranjar clientes novos para incrementar o rendimento. Creio que estamos todos a precisar de férias e para isso iremos passar 11 dias na Ilha de Santa Maria na segunda quinzena de agosto.

Por aqui já houve não sei quantas procissões, fogo-de-artifício e demais celebrações não só pelo São João, como pelo Espírito Santo, Corpo de Deus e sei lá que mais (é demasiada cerimónia religiosa para a minha camioneta) e agora vão continuar. Não são tantas como as da ilha Terceira, mas também há muitas procissões e festas religiosas. Ainda neste fim de semana o meu filho João vai entrar - pela primeira vez - numa procissão e está todo entusiasmado pois vai com alguns dos seus amigos aqui da freguesia que já se tornaram indispensáveis para o seu quotidiano. Quando chega da escola já estão à espera aqui na rua, sentados num degrau, na soleira duma casa fronteira à nossa. Depois de fazer os trabalhos de casa, é vê-lo meter-se na sua bicicleta e ir por essa rua abaixo com o pneu de trás todo careca, devido ao uso excessivo dos travões por estas ruas íngremes que vão desde o centro da aldeia até ao miradouro antes da Praia da Viola.

Depois pelas 18 horas vai tomar o seu banho, pôr a mesa (que, desde os 8 anos, faz parte da sua ajuda nas lides domésticas, assim como levantar a mesa depois das refeições) e vai-se deitar descansado ou melhor dizendo cansado pelas 21.15. Nas manhãs de aulas nem é preciso ser eu a acordá-lo, está sempre pronto antes de eu subir as escadas e aproveita para brincar com a PlayStation até a mãe se arranjar e irem para a escola.

25.2. POLÍTICOS julho 2006

Notícias surgidas esta semana do mundo exterior que já não nos surpreendem:

Fernando Ruas, o bigodaças que é Presidente da Câmara Municipal de Viseu em pleno coração do Cavaquistão e Presidente da Associação Nacional de Municípios incitou as juntas de freguesia a correrem à pedrada os fiscais do Ministério do Ambiente. Para mim isto parece configurar um ato criminoso além de ilegal, mas o governo disse apenas que ele tinha de pedir desculpas o que obviamente não fez.

Alberto João Jardim, esse dinossauro autárquico autonomista do paraíso fiscal da Madeira, continua impune apesar de todos os desrespeitos a leis constitucionais e outras.

Luís Filipe Menezes o sempre adiado eterno candidato a qualquer coisa, acaba de assinar um protocolo com sete jornais onde irá colocar a sua publicidade institucional a troco de acompanharem as suas políticas camarárias.

Rui Rio, que se tornou Presidente da Câmara Municipal do Porto por descuido dos eleitores que voltaram a reelegê-lo, acaba de promulgar em tons de édito romano, que para atribuição de subsídios da CMP qualquer entidade subsidiada fica proibida de “expressar críticas que ponham em causa o bom nome e a imagem do município do Porto...

Aqui na freguesia e em tantas outras (apesar da proibição contra o fogo de artifício e os foguetes, a cada momento, seja dia, tarde ou noite (até mesmo pela uma e meia da manhã) há sempre alguém a enviar para o ar uns foguetes ruidosos que não se veem durante o dia, mas fazem imenso barulho e à noite só servem para porem os cães a ladrar e assustar os pacatos cidadãos endormidos como eu... Aliás há décadas que decidi que o melhor para estes foguetórios era que os foguetes fossem colocados no assento dos que os lançam para irem todos ao ar e assim não tornavam a atirar foguetes. Os deputados sistematicamente andam em excesso de velocidade, mas não são multados, porque estão acima da lei. As firmas cometem ilegalidades, mas nada lhes acontece porque todos estão acima da lei exceto um ou outro pobre de espírito e sem dinheiro que acaba por ser condenado a penas exemplares...

Todo este desrespeito continua a dar razão ao meu velho ditado de que Portugal é o país da UE com melhores leis: são decerto as mais completas e rebuscadas, mas não servem para nada visto que ninguém as aplica, ninguém se interessa pela sua fiscalização ou aplicação e os poucos que se importam, como eu, são como as vozes de cegos que não chegam aos céus da administração. Como vimos atrás naqueles exemplos autárquicos, a liberdade de expressão compra-se se os municípios tiverem dinheiro para comprar a consciência da imprensa dita livre. Continuo cansado de lutar contra os mais poderosos, corruptos e outros déspotas, mas não desisti de ser uma espécie de paladino das verdades que ninguém cuida de ouvir nem se interessa, mas não vou desistir, lá terei de ir para a cova com este peso às costas.

Mas o momento é de euforia pois quarenta anos depois Portugal chega às meias-finais do campeonato de mundo de futebol e isso é que faz realçar a alma do povo lusitano segundo dizem os entusiasmados comentadores esquecendo as tristezas do país. Ainda me recordo de há quarenta anos estar a ouvir na rádio, enquanto trabalhava no meu primeiro emprego de férias de verão, o relato de futebol quando Portugal perdia 3-0 com a Coreia e o Eusébio se chateou e deu a volta para virar o resultado em 5-3 a favor de Portugal.

De julho a agosto 1965 e 1966 estive dois meses em Valença como Intérprete para a Mobil Oil, a dar material de propaganda turística e a vender cadernetas de compra de gasolina a preços reduzidos para turistas. Éramos contratados em grupos de dois e estávamos albergados no já demolido Hotel Valenciano. Tinha-nos sido prometido que aos que conseguissem maiores vendas seria atribuída uma viagem paga aos EUA. Eu e o Salinas de Moura vencemos esse prémio num dos anos, mas até hoje nunca recebemos a viagem (percebem agora como eu, desde então, desgosto imenso dos americanês, perdão, americanos). A forma que encontramos para vencer os outros, que estavam nas fronteiras de Vilar Formoso e (Vila Real de Santo António) no Algarve, foi a de trabalharmos em turnos duplos nas horas de maior movimento, pois assim tínhamos tempo para dar o material a mais turistas. Descansávamos à vez e cumpríamos vendas enormes todos os dias. Claro que ao almoço e ao jantar uma dose só não chegava para a imensa fome que tínhamos nessa época. O vencimento era enorme para um jovem de 15-16 anos: 1500\$00 com casa, cama e roupa lavada. Foi a primeira experiência laboral da minha vida e fazia aquilo de que gostava: contactar gente e culturas diferentes falando-lhes nas próprias línguas deles. Foi ali que ouvi os relatos do célebre campeonato do mundo de futebol em que Portugal chegou às meias-finais e foi batido injustamente pela Inglaterra por 2-1, depois de antes ter derrotado a Coreia por 5-3 após ter estado a perder por 3-0 e Eusébio ter salvo a honra do convento. Memórias...

Hoje ainda falo línguas e culturas diferentes, mas continuo a pensar que o país continua muito parecido na sua pretensa pequenez e atraso mental dos seus dirigentes, com a grande e inolvidável diferença de ser uma dita democracia e de ter liberdade de expressão.

26. CRÓNICA 26. A VISITA DA FILHA AUSTRALIANA 16 julho 2006

Houve uma pausa na escrita por motivos que me encheram de alegria, como só um pai pode sentir quando uma filha ausente na australiana terra natal resolve estar um ano a trabalhar e a amealhar dinheiro para vir ver o seu pai. Assim foi e tive comigo a Vanessa-Ingrid durante uns curtos dez dias acompanhada do seu namorado australiano de origem croata e sérvia, o Boris Kresic, que se encheu de brincar com o meu mais novo, o João, e este

aproveitou para desemburrar o seu Inglês com o qual se tinha de desvencilhar para se entender com o Boris.

A Vanessa continua a falar o seu Português suave com sotaque deleitoso, de vez em quando misturando um anglicismo, e perguntando quando não sabe alguma palavra. Passaram sete anos desde que veio a Portugal depois de cá ter vindo quatro anos seguidos, logo no começo da minha nova vida neste país. É sempre difícil a um pai criar uma relação com uma filha da qual está há muito afastado e que surge como um estranho na família, mas desta vez as coisas correram melhor do que se podia ter antecipado. Deixei a liberdade e o espaço suficiente para a Vanessa se poder relacionar connosco, como o fazia quando era menina, e isso permitiu que saíssem reforçados os laços entre pai e filha. Não fiz demasiadas perguntas e deixei-a ser ela mesma, impondo um mínimo de obrigações para desfrutar destes dias no melhor dos convívios.

Estabeleceu uma relação quase maternal com o irmão, dez anos mais novo e irrequieto como sempre, e levou bem a sério a tarefa, sempre a dizer-lhe para comer menos “lollies” (doces) e insistindo para que ele lavasse mais vezes os dentes. De resto era uma brincadeira pegada e até parecia - por vezes - que eram da mesma idade. Quer ela, quer o Boris não se cansaram nunca dos pedidos dele para ir jogar futebol no imenso quintal que temos, ou para se entreterem com jogos de consola, fossem eles na PlayStation, no GameBoy ou no computador. Uma convivência saudável e agradável, entretanto, picotada aqui e ali pelos ciúmes do João que entendia que eu dava demasiada atenção à irmã, o que é natural numa criança que nestes últimos anos ficou quase como um filho único...

Nos primeiros dias, que coincidiram com os primeiros dias de calor de verão, andamos a passear pela ilha, com a limitação das horas de ir buscar a minha mulher afadigada numa ação de formação pós-ano escolar que terminava pelas 16 horas. Fomos a quase toda a ilha. Logo que chegaram levei-os a dar uma volta pela cidade, com especial incidência pela parte velha de Ponta Delgada marcada pelas suas inúmeras igrejas e ruas estreitas. Seguimos depois pela marginal cheia de bulício, até Vila Franca do Campo para que conhecessem um pouco mais da costa sul antes de se estabelecerem na nossa costa norte.

Apesar do regime vegetariano fundamentalista da Vanessa lá se desvencilhou nesta casa de carnívoros e o Boris come de tudo e mais alguma coisa. Depois foram conhecer a Lagoa do Fogo e Sete Cidades, Mosteiros e no regresso viemos pela Candelária, Ginetes, Feteiras, e Ribeira Grande. Estivemos na Lagoa das Furnas e vimos as Furnas, bebemos a água ferrosa e a água naturalmente gaseificada que ali corre por entre a água quente e fria que brota das paredes sobre aquele enorme caldeirão cheio de fumarolas e géisers. Levámo-los à praia local, a Praia da Viola com as suas monumentais cascatas e duzentos degraus em socalcos de pedra, ao lado de moinhos de água abandonados, até às areias negras de basalto e onde pouca gente vai. No primeiro dia só o Boris e o João se aventuraram, mas no segundo a Vanessa quis ir com eles. Em casa estava faladora e extrovertida e os três pareciam crianças de dez anos com as suas brincadeiras.

Na sexta-feira à noite tínhamos os anos do nosso primo Artur que aqui está desde o 25 de abril, depois de ter sido obrigado a abandonar a Angola, onde a mulher dele cresceu e onde ele trabalhou grande parte da vida. Lá estavam inúmeros primos e primas que desconheciam a existência da Vanessa e vice-versa, para além dos convidados habituais e amigos da família radicada há muito em Ponta Delgada. Temi que a Vanessa e em especial o Boris (pelo seu isolamento linguístico) se aborrecessem e se fartassem de estar lá, mas comeram, falaram com inúmeras pessoas e eu troquei impressões com vários convidados num bom

ambiente. No fim antes de nos retirarmos perguntei à Vanessa se ela queria ir almoçar com o Artur, filho e netas ao restaurante chinês e ela disse logo que sim, porque eles tinham sido umas pessoas bem simpáticas. Com efeito, convém aqui referir que eles foram ter connosco ao Aeroporto à chegada dos viajantes como é costume fazerem, para poderem conhecer a Vanessa e o Boris antes da festa de anos. Pequenos gestos de cortesia, que só fica bem aqui registar, pela elevada consideração que nos merecem.



Na lagoa das Empadadas



Pôr-do-sol na Ribeira Grande

Os dias passaram a correr, e tivemos oportunidade de ir jantar fora ao Ala Bote na Ribeira Grande onde fomos presenteados com um magnífico pôr-do-sol. Depois nos dias seguintes fomos para a melhor praia da costa norte da ilha, a Praia dos Moinhos em Porto Formoso, onde ficamos até ao fim da tarde quando ia buscar a minha mulher à escola para ela arejar um pouco. Não podíamos deixar a oportunidade de lhes mostrar a Cascata da Ribeira dos Caldeirões entre a Achada e a Achadinha embora tenhamos tido pouco tempo para verem tudo. Fomos igualmente tomar café ao Hotel Terra Nostra com a sua piscina interior aquecida e uma piscina de águas lamacentas que é um local curioso pela construção labiríntica do hotel ao estilo *art nouveau* de 1920 e no qual se ouvem sempre falar inúmeras línguas estrangeiras. Creio que ela saiu daqui satisfeita depois destes dias pois já perto da partida ouvi-os dizer que foi pena terem desperdiçado tanto tempo no Continente. Ainda estivemos uma tarde no Centro Atlântico o maior shopping da cidade capital da ilha a fazer umas compras e escolher lembranças para ela levar.



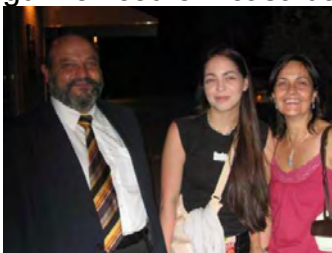
Na Lagoa da Raza



Nas Furnas, uma fonte de água termal quente



Claro que se poderia considerar um sucesso a vinda desta minha filha cá. Chegada a 19 de junho a Lisboa ficou com um dos irmãos gémeos, o Rodrigo, e teve tempo para ver a cidade e rever amigos de velha data da Austrália, como a Jane Placé, o Jacko e a Lisa. Depois veio para o Porto no dia de S. João com o Rodrigo e andou nas festividades até de manhã, embora não tenha gostado muito de levar com o martelo na cabeça. Na noite seguinte ficou em casa da avó.

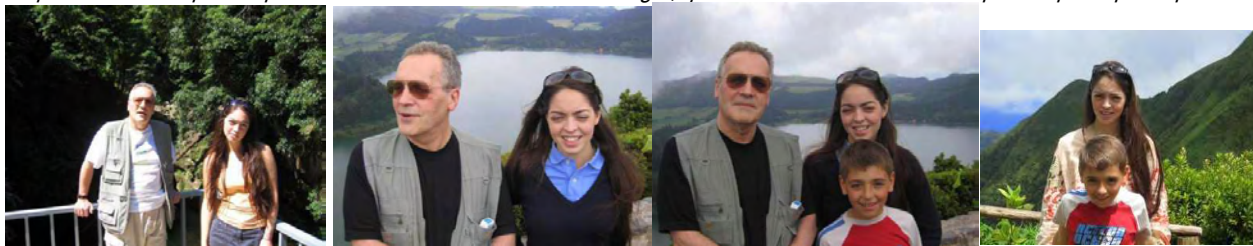


Com o Jacko e a Lisa Valente



Com Nat Placé que vira a 1ª vez aos 2 anos de idade, (Quadro da Vanessa oferecido à Nat

Excetuando uma vez que o irmão Nuno a deixou no El Corte Inglés em Gaia, nada mais fez de relevante a não ser acompanhar a avó ao café onde passou horas intermináveis. Falei quase todos os dias e notava-a calada e introspetiva. Estava tudo naquela modorra típica e que bem recordava das vindas a Portugal, que tantas vezes me levava a pensar para que é que eu vinha.



Na Ribeira dos Caldeirões na Achadinha (Nordeste) Nas Sete Cidades

E o pai ao despedir-se dela disse

“Lamento ser frio e reservado como teu avô paterno, e não saber expressar os sentimentos e emoções, mas não vou cometer o mesmo erro do meu pai e vou-te dizer que te estou muito grato pelo que fizeste e por me teres vindo ver. Só queria que soubesses que essa alegria é comprável à do teu nascimento, e a maior alegria que algum filho alguma vez me deu, mas queria também que soubesses que tenho pena de ninguém me ter dito estas palavras numa das 64 viagens intercontinentais que fiz para visitar os meus pais e os meus filhos gémeos. Bem hajas filha minha por assim teres procedido e espero que possas repetir esta viagem mais vezes, pois esta é e será sempre também a tua casa”.

Anda uma pessoa meia vida sozinho a sonhar com a família que deixou e quando um dia regressa já não é o que se pensava que ela fosse, ou aliás aquilo que sempre foi, mas que nós com a saudade a distância não queríamos ver. A minha família é agora a minha e não aquela em que cresci. É nela que vou concentrar as energias e nada me garante que não continue a propagar os valores que julgava serem os da minha família de nascimento porque esses continuo a considerá-los essenciais e vão continuar a fazer parte de mim. Por isso ditoso pai que tem uma filha destas, capaz de correr mundo para me vir visitar.

27. CRÓNICA 27. AS FÉRIAS EM SANTA MARIA DOS AÇORES. 20 setembro 2006

Passaram-se quase dois meses sem me dedicar a esta escrevinhadora veia habitual. Quase sem descanso para por as coisas em ordem e fazer as malas para as merecidas férias que nos esperavam desde 2004. Na noite de 14 de agosto uma violenta tempestade abateu-se sobre a ilha com ventos ciclónicos e chuva. Perdemos - por ter ficado totalmente destruída - a tenda tão bonita que acabáramos de comprar e mal utilizáramos, pois, o vento partiu as hastes que a seguravam. Deve ter sido pouco forte esse vento pois também se partiu em dois o toldo que cobria o balço de jardim onde nos sentávamos a ler e a ver o pôr-do-sol. Felizmente só viríamos a saber disto quando já estávamos de férias longe daqui. As pedras com dezenas de quilos que tínhamos colocado em círculo a fazerem de bancos, à espera de uma mó para o centro foram todas parar ao chão, e eu nem as conseguia mover sozinho.



AEROPORTO DE SANTA MARIA

Chovia bastante quando saímos daqui, mas ao arribarmos a Ponta Delgada a chuva amainara e embora mais fresco que o habitual, os prognósticos eram de melhoria. O voo foi num bimotor a hélice da British Aerospace ATP e a viagem demorou menos de vinte minutos mal dando tempo para seja o que for. A abordagem à enorme pista construída em 1944 fez-

se bem e mostrou o lado seco da Ilha de Santa Maria. Fomos para o Hotel e durante as primeiras 36 horas esteve enevoado e chuvoso pelo que não deu para grandes viagens de descoberta. Só no segundo dia nos levaram o carro que alugáramos e era um satisfatório Hyundai Matrix Pininfarina que nos levou ao longo de 11 dias a todos os cantos da pequena ilha, fossem em estrada de asfalto ou de terra.

A partir do segundo dia o tempo esteve sempre bom, bem mais quente e húmido do em São Miguel. A primeira coisa que nos chamou a atenção foi a falta de gente na ilha. Em especial à noite, vista do Hotel, Vila do Porto mostrava os postes de iluminação pública acesos, as casas estavam (na maioria) às escuras. Para perceberem porque é nos sentimos numa ilha temos de perceber a dimensão da ilha e da sua pequena população... A capital, Vila do Porto é a mais antiga das vilas açorianas, onde se podem ainda observar vestígios de velhas casas, que pertenciam ao Capitão Donatário com janelas do século XV. Santa Maria foi a primeira ilha do Arquipélago dos Açores a ser descoberta. Foi Diogo Silves quem a descobriu, aquando de uma viagem de regresso da Madeira, decorria o ano de 1427. É a única ilha dos Açores com grandes proporções de terra de origem sedimentar, onde se podem encontrar fosseis marinhos.

As casas estão espalhadas por toda a ilha fazendo as suas chaminés lembrar o Algarve. As terras são muito férteis e a paisagem rural é de grande beleza. Ilha de formas irregulares, com uma área de 97,42 km², tendo o comprimento de 17 km e de largura 9,5 km, é a ilha que se encontra mais a sul e a oriente do Arquipélago, com uma população de 5 500 habitantes. Foi a primeira ilha dos Açores a ser povoada, em 1439, com o punhado de pioneiros que se fixaram na Praia dos Lobos, ao longo da ribeira do Capitão. João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro Capitão Donatário e seu herdeiro, deu um impulso ao povoamento tra-



zendo famílias do Continente.

Até final do século XV, Santa Maria regista grande desenvolvimento, o que leva a que o primeiro foral de vila nos Açores seja concedido à localidade do Porto, desde então denominada Vila do Porto. A prosperidade da ilha assentou, até final do século XVIII, no pastel, que era considerado o melhor do Arquipélago e em abundância, e na urzela, exportados para as tinturarias da Flandres, e na cultura do trigo, que tinha procura no Continente e abastecia as praças-fortes portuguesas do norte de África. Em 1493, alegadamente recebe a visita de Cristóvão Colombo, no regresso da primeira viagem à América. Considerado um vulgar pirata, foi preso, às ordens do Governador da ilha, até completo esclarecimento das razões da sua vinda. Os verdadeiros piratas vieram, nos sécs. XVI e XVII, com os ataques de corsários ingleses, franceses, turcos e argelinos, que apesar da valentia do povo, efetuavam razias, incendiavam, pilhavam e levavam os habitantes prisioneiros como escravos e reféns. Dedicando-se à agricultura, em que predominam vinhedos, trigo, milho, batata, inhame, pomares, à pecuária e aos laticínios, Santa Maria atravessou, sem sobressaltos, os sécs. XVIII e XIX, se excetuarmos a presença de um contingente de jovens da ilha entre as tropas que participam no desembarque do Mindelo em plenas guerras liberais. O século XX traz-lhe uma nova dinâmica e progresso, com a construção do Aeroporto em 1944, de grande valor estratégico durante a Segunda Guerra Mundial e ponto de escala obrigatório nas travessias atlânticas, até finais da década de 60.

Quando estive pela primeira vez em Santa Maria, ficara fascinado por prédios e instalações antigas, em especial as instalações do enorme aeroporto, daquela que é a Vila do Porto. Tudo me remete ao passado glorioso e azafamado da Segunda Guerra, quase coetâneo do meu nascimento, e me encanta. Até pensei em tentar fazer um projeto ou algo assim de recuperação das instalações. Nessa data - e já lá vão uns seis anos - ainda não era a Câmara Municipal responsável por muitos desses equipamentos urbanos.

Imaginem só, a vila possui pontos turísticos e se fosse possível das instalações desativadas construir um verdadeiro museu vivo em homenagem ao esforço da Segunda Guerra, seria possível reproduzir artesanalmente dentro daquele espaço incrível a vida no tempo da guerra. Haveria lugar para o artesanato que os visitantes poderiam levar de lembrança, criando novas oportunidades e revitalizando a Vila do Porto. Até agora nestes sessenta anos deixaram acabar quase tudo o que era importante preservar. Assim se reporia a verdade sobre um povo maravilhoso que merecia um maior respeito com a sua história e o seu património, realmente uma pena... Agora só falta converter aquilo tudo num Museu vivo e recolher exemplares que andem para aí espalhados de relíquias da guerra.

27.1.1. FESTIVIDADES

O Festival Maré de agosto, uma das maiores e afamadas festividades realizadas nos Açores engloba diversas atividades culturais, entre os quais se destacam os concertos musicais que se realizam na Praia Formosa e que normalmente é visitada com nomes sonantes do meio musical, nacional e internacional, atraindo à pacata Ilha de Santa Maria milhares de jovens que (este ano) durante os dias 23 a 26 de agosto, vibram de alegria e vivacidade.

As maiores festas com características tradicionais e religiosas, realizam-se na Vila do Porto a 15 de agosto em honra da sua padroeira Nossa Senhora da Assunção. Ao contrário do que os jornais noticiavam havia mais gente nas festas da nossa aldeia ou freguesia (Lomba da Maia) do que na Maré de agosto. Ali, à semelhança das outras ilhas, também se realizam as Festas do Espírito Santo, que decorrem de abril a junho. Juntando devotos de toda a ilha, para presidir à coroação do Imperador e o tradicional cortejo, seguidas, das sopas do Império, únicas no Arquipélago. Quem quiser pode juntar-se na azáfama tão característica das Festas do Espírito Santo, desfrutando a bela paisagem e saboreando a deliciosa sopa. Com origens na música popular portuguesa, mais especificamente das regiões da Beira e Alentejo, o folclore de Santa Maria é único na sua forma de ser e estar, isto porque, com o passar dos tempos e com o isolamento, as músicas foram moldadas, adquirindo formas próprias. Atualmente existem vários grupos folclóricos que dão vida, quer às músicas e danças de outros tempos, mas também aos trajes, rigorosamente preservados pelos habitantes da ilha.

27.1.2. GASTRONOMIA -

À semelhança das restantes ilhas dos Açores, também aqui se encontram as típicas sopas de Império, feitas em grandes panelas de ferro e acompanhada por pão de milho. Santa Maria oferece, ainda, o caldo de nabos, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa e caldeirada de peixe. Para os apreciadores de mariscos, temos o cavaco, a lagosta, a lapa e cracas, verdadeiras iguarias a não perder. Por fim, temos a doçaria de Santa Maria, rica pelos seus biscoitos, nomeadamente os biscoitos encanelados, biscoitos de orelha, biscoitos brancos, biscoitos de aguardente e as típicas cavacas. Proveniente das vinhas de S. Lourenço, temos o vinho de cheiro, conhecido em toda a região. O vinho abafado, o abafadinho, o licor e a aguardente, produzidos de forma artesanal, são sinónimos da enorme diversidade de produtos.

27.2.1 PRAIA FORMOSA e FÁTIMA

Magnífica praia de areias claras e cristalinas, aqui se realiza o Festival Maré de agosto, a maior festa da ilha, numa maravilhosa baía, onde abunda a alegria e boa disposição a todos os visitantes que por lá passam. Uma das primeiras capelas a serem construídas em honra de N. Sra. de Fátima, tem a particularidade de ter, em degraus, o mesmo número de contas do rosário, sendo necessário subir cento e cinquenta degraus para se chegar à Ermida.



Praia Formosa -



Ermida De Nossa Senhora De Fátima

27.2.2. BAÍA DE SÃO LOURENÇO:



Estância balnear com praia e piscinas naturais, e a possibilidade de praticar desportos aquáticos ou de visitar o ilhéu único na sua riqueza subaquática. Das muitas vinhas que cobrem toda a costa, provém o apreciado vinho de São Lourenço, consumido pelos grandes apreciadores de um bom vinho. A Baía de São Lourenço, situada a noroeste, é - sem dúvida - um local magnífico. Com as encostas plantadas de vinhedos em típicos “currais” orlando uma praia de areia clara, no extremo da qual se situa o Ilhéu do Romeiro, ali se encontra uma gruta com estalactites e estalagmites, que é acessível de barco e com um cais natural no seu interior.

27.2.3. ANJOS:

Pequena localidade, a norte da Ilha de Santa Maria, onde ainda hoje se mantém maravilhosamente preservada a pequena Capela onde Cristóvão Colombo mandou celebrar uma missa após o seu regresso da América. Tem praia e piscina natural com temperaturas de água convidativas a um banho relaxante com vista para a Ponta dos Frades.



Monumento a Colombo e Capela onde alegadamente Colombo rezou

27.2.4. GUIA TURÍSTICO



Coberta de vinha, a Ilha de Santa Maria assemelha-se a um quadro, que não o deixará indiferente. As elegantes chaminés brancas, que muitos alegam terem sido trazidas pelos primeiros povoadores do sul do Continente, fazem lembrar o Algarve. Nesta ilha distinguem-se os inúmeros jardins e plantações de flores em vez das hortas mais tradicionais em S. Miguel. Há páginas de história que merecem ser revisitadas em Vila do Porto e nos Anjos, que viu chegar Colombo na sua primeira viagem à América. Vila do Porto, Santo Espírito, Anjos e São Pedro são pontos de um roteiro que também leva a conhecer igrejas, conventos, fortalezas que recordam tempos passados. Recortada por baías, Santa Maria tem das mais belas praias dos Açores, com areias brancas e águas cristalinas onde as suas ondas desafiam os “surfers”, convidando ao windsurf, à vela, ao mergulho, à pesca desportiva de alto mar....enfim, inúmeras atividades para os verdadeiros apreciadores de férias desportivas. Os apreciadores de férias tranquilas e revigorantes encontram à sua disposição uma paisagem bucólica. Contraste entre os montes verdejantes e as planuras despidas de vegetação primitiva.

O Barreiro da Faneca consiste numa vasta área de solo árido conhecido pelo “Deserto Vermelho dos Açores”, onde outrora se extraía o barro, que serviu de base a uma atividade económica importante da Ilha de Santa Maria, sendo também exportado para outras ilhas dos Açores. É uma paisagem singular e única no Arquipélago, advinda principalmente de uma forte erosão, e composição físico-química do solo, resultando num “ex-líbris” paisagístico de

Santa Maria, que urge preservar, combatendo a expansão de vegetação invasora e o controle da prática de desportos motorizados que destroem as dunas”. Aquando da nossa visita faltavam placas pois não há indicações em como ir para este local, ao qual acabamos por ir parar na nossa incessante descoberta de caminhos e vias secundárias e terciárias. Posteriormente, noutra senda descobridora acabamos por encontrar um acesso melhor ao Barreiro da Faneca. Sentimo-nos numa verdadeira paisagem do outro mundo, rodeados pelas dunas.



Barreiro da Faneca

O movimento do Aeroporto é reduzido e como há pouco fazer na ilha resolvemos ir até lá um dia e vimos isto:



Cargueiro Ilyushin de fabrico Russo cuja

tripulação de nove membros (todos vestidos de igual) se dirigiu em fila indiana, porte altivo, militar, para o Hotel Santa Maria (onde tinham sido as antigas instalações da messe militar norte-americana) e que descolou pela meia-noite

A este propósito uma das coisas mais impressionantes da ilha é a zona das velhas instalações norte-americanas na zona aeroportuária. Devido à sua posição estratégica no Atlântico, em 1944, as Forças Aéreas Americanas construíram um Aeroporto e base militar na costa ocidental de Santa Maria. Durante um largo período, até que não precisassem de reabastecimento para a travessia do Atlântico, todos os aviões transatlânticos tinham que fazer uma paragem obrigatória em Santa Maria. Desde que a base foi desativada, o Aeroporto perdeu a sua importância, e hoje, serve os voos Interilhas da SATA, assegurando assim a ligação diária com São Miguel. Durante os meses de verão, pode-se chegar à ilha através do serviço regular de ferry, duas vezes por semana, que vai de São Miguel. Em 1944 a construção do Aeroporto em Santa Maria fez com que esta se tornasse de grande valor estratégico durante a Segunda Guerra Mundial e uma paragem obrigatória no Atlântico até ao fim dos anos 60. A introdução de novos tipos de aviões com uma maior autonomia de voo tem vindo a reduzir o tráfego no Aeroporto de Santa Maria, mas, no entanto, este continua a ser um dos dois aeroportos mais bem equipados dos Açores. O controlo de tráfego aéreo da Região de Informação Aérea (FIR) Oceânica de Santa Maria também se situa na ilha. Também na Ilha de Santa Maria, que irá seguir o lançamento do primeiro Automated Transfer Vehicle (ATV) europeu para a Estação Espacial Internacional (ISS) e planeado para ajudar no reabastecimento para os astronautas em órbita. A 28 de novembro de 1944 foi assinado um acordo entre os governos de Portugal e dos Estados Unidos concedendo a este último, autorização para construir e utilizar uma base naval e aérea na Ilha de Santa Maria, no Arquipélago dos Açores. Tratava-se de uma primeira presença norte-americana nos Açores, antes mesmo da sua transferência para a base das Lajes, já depois do final da Segunda Guerra Mundial. Assinado na fase final da Segunda Guerra Mundial, o acordo luso-americano não pode deixar de ser entendido no contexto da política externa portuguesa durante a Segunda Guerra Mundial, nomeadamente da inflexão dessa mesma política no sentido de uma “neutralidade colaborante” com as potências aliadas. Recorde-se que este acordo foi precedido de um outro, assinado em agosto de 1943, entre os governos de Portugal e do Reino Unido, concedendo ao governo britânico autorização para criar nas Lajes uma base naval e aérea durante o período de guerra. Os Estados Unidos, sobretudo as autoridades militares, não ficaram satisfeitos com o teor do acordo luso-britânico de 1943, uma vez que este não previa a possibilidade de as forças norte-americanas terem acesso direto à base inglesa. Esta era cedida unicamente à Inglaterra e, apesar de estar previsto o seu uso “para o reabastecimento de aviões e navios das Nações Unidas”, a “manutenção de unidades americanas em permanência” não era contemplada.¹² Para os americanos esta situação tinha um duplo inconveniente: por um lado, continuava a faltar uma escala fundamental no transporte das tropas americanas para os continentes europeu e africano; por outro lado, sendo a base dos Açores um estabelecimento britânico, não assegurava os direitos de longa duração que os americanos pretendiam já adquirir.

27.3. URBANIZAÇÃO

Coexiste em Santa Maria um antigo aglomerado urbano, datando dos inícios do povoamento insular - Vila do Porto - com um recente núcleo de características mais modernas -- o Bairro do Aeroporto. Mas esta situação é talvez ainda mais interessante, pois o povoado

¹² http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=8&ida=138#_ftn1#_ftn1

antigo é o primeiro em data de fundação, em todo o Arquipélago, possui uma clara originalidade de traçado, e constituiu, até ao século XX, o único da ilha mais oriental.

Posteriormente na década de 1950 o bairro moderno assumiu um carácter mais inovador, do ponto de vista urbanístico e arquitetónico. Vila do Porto, com o seu troço mais antigo, a sul, de desenho claramente linear, implantou-se ao longo da crista de uma elevação junto à costa, no sentido norte-sul, entre dois vales escavados por ribeiras, e apresenta uma estrutura de feição medievo-renascentista, transicional, que recorda na forma as vilas de fundação real e medieval (embora sem as muralhas). De facto, uma rua principal, acompanhada de outra via paralela, ambas grosseiramente retilíneas, formam o essencial da antiga povoação, completadas por terceira rua secundária, e por algumas curtas transversais.



Assim descreveu Gaspar Frutuoso a vila mariense em finais de Quinhentos, depois de século e meio de consolidação:

“Tem esta Vila do Porto três ruas compridas, que correm direitas a esta Ermida de Nossa Senhora da Conceição e ao porto, as quais começam no adro da igreja principal. A rua do meio, muito larga e formosa e de boa casaria (...). As outras duas ruas não são tão povoadas por se entremeterem nelas paredes de muitas hortas e quintais e serrados; divididas estas três ruas com outras azinhagas e travessas.” (in Saudades da Terra, volume III, capítulo VI, pág. 47). Esta “primeira fase” do povoado talvez ainda tenha tido um núcleo primevo e prévio, de tipo “povoação-praça”, ainda mais concentrado (antes de crescer pelas três ruas), junto ao forte e à Ermida da Conceição, considerada a primeira Matriz. Também as analogias desta estrutura com fundações iniciais nas outras ilhas são evidentes: veja-se a comparação de Vila do Porto com o traçado da vila da Povoação em São Miguel ou mesmo com o Machico na Madeira (apenas nestes casos a implantação fez-se em vale, ao longo da margem da ribeira, embora igualmente perpendicular à costa). No caso de Vila do Porto, o assentamento sobre a longa elevação só contribuiu para a sua expressão e silhueta mais medievalista.



Hoje, em planta atual da capital mariense, podemos reconhecer efetivamente as três ruas fundacionais, que se desenvolvem entre a Ermida da Conceição e a Matriz de Nossa Senhora da Assunção: são elas a rua principal (de Frei Gonçalo Velho), a via que a acompanha a nascente (Rua Dr. João de Deus Vieira / Rua da Boa Nova / Rua da Misericórdia), e a mais secundária, quase de “traseiras”, a Rua do Livramento / Rua José Inácio de Andrade.¹³

Mesmo as arquiteturas residenciais que as definem (ou definiam até há poucos anos) ainda em muitos casos proveem dos primeiros séculos do povoamento. Destaquem-se, na rua principal, a tradicional Casa do Capitão Brás Soares de Sousa, (nº 14 da Rua Frei Gonçalo Velho), notável solar de resquício medieval, com a Capela do Livramento, exemplar de solar antigo dos Açores (preciosidade que caiu em ruína nos últimos vinte anos, e finalmente, em 2003-2004, desapareceu por demolição altamente lamentável); e a fachada térrea da Casa do Donatário, de feição quatrocentista, com arcos góticos e manuelinos

¹³ <http://www.inventario.iacultura.pt/smaria/vilaporto/vila-porto.html>



(outro “caco”, só fachada). É também neste troço que se situa a Misericórdia (na rua homónima), com a tradicional Capela do Senhor dos Passos, dedicada ao Santo Espírito e à procissão dos Passos, como se presume uma vez mais pelo texto de Frutuoso: “(...) há mais duas igrejas nesta vila [além da Matriz], muito boas casas: uma, nomeada Espírito Santo e Misericórdia, onde se fazem muitas obras de caridade; outra de Nossa Senhora da Conceição, que está sobre a rocha e o porto.

Num quadro fundacional, onde apenas se edificavam as funções essenciais, estaria completa a vila, com Forte, Casa do Capitão, Matriz e Misericórdia, se lhe acrescentássemos a Câmara e Cadeia, que devem ter tido lugar aqui, e só mais tarde terão passado para o atual sítio, no Convento franciscano. De facto, as três ruas atrás referidas convergem junto à Matriz, e o seu prolongamento para norte faz-se por uma típica “rua nova”, mais larga que as anteriores, mais reta e de traçado claramente já atribuível aos sécs. XVII-XVIII (atual eixo da R. Teófilo Braga / R. Dr. Luís Bettencourt / R. José Leandres Chaves) - o que se comprova novamente pela descrição de Frutuoso, que em 1590 referia a área como ainda por urbanizar, embora com a direção norte já definida: “Acima da igreja principal, para dentro da terra, ficam algumas casas, as mais delas de palha, em um caminho a modo de rua muito larga, quer vai correndo entre serrados, e acabar antes que cheguem a uma Ermida de Santo Antão, que está em um alto (...)” (idem, pág. 47). A Ermida é hoje a Igreja de Santo Antão, que culmina a rua longa e larga que referimos antes, e com ela o núcleo urbano linear como ele se definiu até aos sécs. XIX-XX. Foi nesta rua que se instalaram os sucessivos conventos da vila, em típica instalação arrabaldina. De sul para norte, implantaram-se: o Recolhimento de Santa Maria Madalena, com Capela (logo acima da Matriz, num largo lateral), de 1594-1600, melhorada em 1691 e 1841; o Convento de São Francisco, com a Igreja de Nossa Senhora da Vitória (a “Igreja dos Frades”, de 1607-09, reconstruída em 1725), sede atual da Câmara Municipal, deitando para um amplo largo ajardinado, e a mais erudita destas instalações em Vila do Porto, com um elegante claustro; e, do outro lado da rua, o Convento de Santo António, de expressão mais vernácula, atual Biblioteca Municipal.

Por tudo o que atrás se afirmou, se depreende a persistência notável deste traçado urbano de Vila do Porto, que chegou quase intacto até ao século XX. Mais para norte, a vila apenas se desenvolveu lenta e secularmente, pelo prolongamento, natural e gradual, da via direita que nasce no cabeço fortificado junto ao porto. No século XX algumas construções recentes, em desenho moderno, foram lentamente renovando o ambiente urbano desta “vila-rua”, embora de modo muito pontual: refirmam-se, a título de exemplo, os Correios (pelo arquiteto João Rebelo, dos anos 1958-63) e a sede da Polícia (pelo arquiteto Jorge Kol de Carvalho, de 1988-95). Este conjunto urbano foi reconhecido oficialmente no seu alto valor histórico arquitetónico, há alguns anos. O chamado “Centro Histórico de Vila do Porto”, classificado pelo Governo como “Valor Regional” em 1992 (com plano de salvaguarda e regulamentação em 1993), permanece, porém, atualmente meio abandonado e pouco a pouco transformado num “caco”, sobretudo do lado do mar, o mais antigo, pois não recebe há anos investimento governamental ou municipal digno desse nome. Sendo o exemplar único de uma vila medieva, ensaiada pela primeira vez fora da Europa nos idos de 1450, aventurosamente sem recorrer à muralha habitual, o qual singrou e persistiu até hoje, merece por certo melhor apoio, destino e futuro.

O Bairro do Aeroporto constitui uma pequena “cidade-jardim” característica do urbanismo moderno internacional dos meados do século XX, fruto da instalação aeroportuária de emergência que, entre 1944 e 1946, foi edificada pelos norte-americanos para apoio à vasta pista de aviação e à escala do trânsito militar por ar, destinado a terminar com a guerra no Pacífico. Curiosamente, a sua forma urbana implantou-se de um modo relativamente análogo ao da projectada Vila do Porto, em orientação sensivelmente nor-noroeste (enquanto a implantação de Vila do Porto é parecida, mas de nor-nordeste), e com uma estrutura também essencialmente linear, embora mais complexa que a da antiga vila marítima, como veremos. Por esta via, e fruto dos “ventos da história”, surgiu deste modo em Santa Maria uma inesperada vertente moderna, com



obras de arquitetura coerente e servindo as funções mais diversas. O bairro representou uma profunda inovação, mesmo uma rutura no quadro do urbanismo tradicional insular, “(...)”, porém em sintonia com a grande escala do urbanismo americano: ruas largas, curvilíneas (para evitar as velocidades excessivas), edifícios simples, prefabricados (com estrutura metálica, trazida dos Estados Unidos), espaços arborizados entre os imóveis. Verdadeiro bairro-jardim, a base americana revolucionou o quotidiano da população mariense, que depressa a ela se habituou. Incluía equipamentos, todos prefabricados, como o Cinema ‘Atlântida Cine’, inaugurado em 1946; o clube ‘Asas do Atlântico’, de 1950; e ainda igreja, ginásio e residências, estas isoladas e em blocos coletivos (estas últimas foram depois transformadas no original Hotel do Aeroporto). (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, pág. 336). O conjunto do Bairro do Aeroporto, retomado pela Aeronáutica Portuguesa em junho de 1946, teve uma sequente intervenção de desenho moderno por Keil do Amaral (em 1950). Este autor deve ter trabalhado no plano geral (com a rede viária e as suas placas de sinalização de trânsito, idênticas na forma e no lettering às do Parque do Monsanto, em Lisboa, do mesmo arquiteto), na adaptação da aerogare a uso civil, na habitação do diretor e na fiada de habitações contíguas, tudo dentro da estética dos anos 1950. Em termos urbanos, o desenho do bairro é bastante simples (uma representação geral em planta, que existia no antigo Hotel do Aeroporto nos anos de 1980, e que, entretanto, ardeu com o Hotel, há vários anos): uma via de serviço, mais a poente, liga as instalações da aerogare à antiga vila ou diretamente ao porto, pela famosa “Estrada da Birmânia”; uma outra via destina-se às áreas mais residenciais, a nascente. Estas áreas estão agrupadas em sequências de largos quarteirões abertos, muito arborizados e com afastamentos entre todas as edificações. De sul para norte, passa-se por uma série de habitações “em lata” (os prefabricados); uma via transversal de equipamentos (igreja, ginásio, cinema, etc.), com um espaço livre e amplo fronteiro; uma nova série de habitações metálicas, até se atingir o extremo norte do conjunto, onde fica o Hotel (entretanto reconstruído com outro projeto) e o Clube Asas do Atlântico, para além de algumas habitações mais individualizadas destinadas aos dirigentes do Aeroporto.¹⁴

As imagens das casas prefabricadas deram-me que pensar que os norte-americanos gostariam de ver como são preservadas estas relíquias da 2ª Guerra, só é pena que hoje muitas estejam abandonadas, embora grande parte delas disponha de jardins arrançados e de parabólicas para a televisão.



esta tinha 3 parabólicas...uma para cada canal?? Estas com mais requintado jardim e sebes.

Legendas das imagens

- 1 Vista da Matriz sobre Vila do Porto, 2000.
- 2 Carta com a implantação de Vila do Porto e do Bairro do Aeroporto (S.C.E.), 1968.
- 3 Fotografia aérea de Vila do Porto (A.F.B.A.), 1978.
- 4 Planta da vila com os arruamentos atuais.
- 5 Vista geral de Vila do Porto, do lado do mar, anos 1980.

¹⁴ <http://www.inventario.iacultura.pt/smaria/vilaporto/vila-porto.html>

Bibliografia: AA VV, *Arquitetura Popular dos Açores*, Ordem dos Arquitetos, Lisboa, 2000, Fernandes, José Manuel, “Arquitetura e Urbanismo no Espaço Ultramarino Português”, in *História da Expansão Portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chauduri, Círculo de Leitores, Lisboa, 1997, vol. 5, pp. 334-383, Fernandes, José Manuel, *Cidades e Casas da Macaronésia*, FAUP, Porto, 1996, Ferreira, Adriano, *Era uma Vez... Santa Maria*, Câmara Municipal de Vila do Porto, 1996, Figueiredo, Jaime de, *Ilha de Gonçalo Velho*, C. de Oliveira Lda, Lisboa, 1954, *Fotografia Aérea de Vila do Porto*, in “Arquivo Fotográfico da Base Aérea nº 1 de Sintra”, Voo 12-B de 3/5/1978; Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-1987, 6 livros e 8 volumes, *Ilha de Santa Maria - Açores*, Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, Folha 35, de 1968; João Correia Rebelo. *Um Arquiteto Moderno nos Açores*, coord. João Vieira Caldas. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2002. Monterey, Guido de, *Santa Maria e São Miguel. As Duas Ilhas do Oriente*, ed. Autor, Porto, 1981. Planta do Bairro do Aeroporto, existente no Hotel do Aeroporto em 1984

6	Vista geral de Vila do Porto, do lado de terra, 2000.
7	Recolhimento de Santa Maria Madalena, 2000.
8	Igreja de Nossa Senhora da Vitória.
9	Antigo Convento de Santo António, atual Biblioteca Municipal, 2000.
10	Sede da Polícia de Segurança Pública de Vila do Porto, 2000.
11	Planta do Bairro do Aeroporto (adaptada), anos 1980.
12	Vista da aerogare de Santa Maria, 2000.
13	Cinema do Bairro do Aeroporto, 2000.
14	Ginásio do Bairro do Aeroporto, 2000.
15	Igreja do Bairro do Aeroporto, anos 1980.
16	Casas prefabricadas dos anos 1940, 2000.

27.4. SANTO ESPÍRITO

Durante os doze dias de estadia andamos mil quilómetros, mas, frequentemente, tivemos a sensação de estar numa ilha. Convém aqui ainda realçar o notável monumento que é a igreja de Santo Espírito que, contudo, tem o seu altar preenchido com uma talha retirada do antigo Convento de Sto António que não é coevo da igreja nem a ela se adapta.

Largamente aberta para o mar do que a zona que lhe fica a norte e com uma maior extensão de terras agricultáveis, a freguesia de Nossa Senhora da Purificação, vulgarmente chamada de Santo Espírito, beneficiou ainda com a proximidade da sede concelhia; e, nos finais de Quinhentos, contava 413 almas de confissão em 102 fogos. A população congregava-se a sul e a sudeste. As marcas da presença humana atenuam-se à medida que se caminha para o interior. O maior peso demográfico das zonas sul e sueste explica a mudança da sede da freguesia da primitiva paróquia, hoje Ermida de Santo António, para a Igreja de N. Sra. da Purificação. Data do séc. XVII/XVIII. Tem um corpo principal, três naves, torre sineira, adossada à direita das naves, uma capela saliente do lado do evangelho, outra com a pia batismal e a sacristia salientes do lado da epístola. A fachada, tripartida, tem dois vãos ao eixo da secção central, a porta principal encimada por janela, enquadrados por uma decoração barroca exuberante e popular em cantaria. No eixo de cada secção lateral existe uma janela encimada por cornija, grandes volutas e uma concha. A secção central da fachada é encimada por um frontão contracurvado formado por duas volutas que elevam uma cruz. As secções laterais mais baixas, são encimadas por aletas definidas por grandes volutas que amparam a parte superior da secção central. As três secções estão divididas por pilastras encimadas por pináculos e separadas das aletas e do frontão por um forte cordão moldurado como uma cornija quebrada. A torre sineira tem, na parte superior, um vão de sino em cada face rematado em arco de volta perfeita. Os cunhais da torre sineira são encimados por pináculos. A inscrição na torre sob o campanário marca 1779. A igreja está envolvida por um adro, limitado por um murete com remates de cantaria, com degraus a toda a largura da fachada, escadas laterais e uma rampa posterior. No interior, as naves estão separadas por quatro arcos de volta inteira assentes em pilares de secção quadrada com grandes bases sobre plintos. Os tetos são de madeira de três esteiras. Sobre a entrada existe um coro alto à largura das três naves. A capela-mor e as colaterais têm retábulos, sendo o da capela-mor e o da colateral do lado da epístola de talha barroca de estilo nacional. No pilar central do lado da epístola está um púlpito com base de pedra, em consola e uma guarda de madeira torneada. O edifício é em alvenaria de pedra rebocada e caiada, com exceção do soco, de volumetria densa e bojuda, dos cunhais, das molduras dos vãos, das bordaduras e restantes elementos decorativos da fachada, dos arcos e dos pilares do interior que são em cantaria. Alguns dos blocos de pedra das faces das torres



deveriam estar rebocadas, mas estão à vista.

SÉC. XVII / XVIII -
Inscrição no fecho do arco da Capela lateral do lado da epístola: "1909"; inscrição no fecho do arco da Capela lateral do lado do Evangelho: "1926"; inscrição na torre sineira sob o campanário da fachada: "1779". A cobertura é de duas águas em telha de meia-cana tradicional rematada por beiral duplo. A torre sineira culmina em cúpula apontada revestida a azulejo. Note-se, todavia, que a população se congregava sobretudo a sul e a SE e que as marcas da presença humana se tornavam mais ténues à medida que se caminhava para o interior e se desvaneciam os tons de meridionalidade. Saliente-se que o maior peso demográfico das zonas sul e sueste explica, certamente, a decisão de se ter mudado a sede da freguesia da primitiva paroquial - o templo que é hoje a Ermida de Santo António - para

a atual Igreja de Nossa Senhora da Purificação. A igreja é constituída por um corpo principal (de três naves), corpo da Capela-mor ladeado pelos corpos das colaterais, torre sineira (adossada à direita do corpo das naves na continuidade da fachada), uma Capela saliente do lado do Evangelho, outra Capela (onde se encontra a pia batismal) e a sacristia salientes do lado da epístola. A fachada, tripartida, tem dois vãos ao eixo da secção central (a porta principal encimada por uma janela) enquadrados por uma decoração barroca exuberante e de sabor popularizante em cantaria. Ao eixo de cada uma das secções laterais existe uma janela encimada por cornija, por grandes volutas e por uma concha. A secção central da fachada é encimada por um frontão contracurvado formado por duas volutas que elevam uma cruz. As secções laterais, mais baixas, são encimadas por aletas definidas por grandes volutas que amparam a parte superior da secção central. As três secções da fachada estão divididas por pilastras encimadas por pináculos e estão separadas das aletas e do frontão por um forte cordão moldurado (como uma cornija quebrada). A torre sineira tem, na parte superior, um vão de sino em cada face rematado em arco de volta perfeita sobre impostas. Os cunhais da torre sineira são também encimados por pináculos. A torre sineira culmina em cúpula revestida a azulejo. A igreja está envolvida por um adro, limitado por um murete com remates de cantaria, acessível por degraus a toda a largura da fachada, por escadas laterais e por uma rampa posterior. No adro existe uma placa com a inscrição "CONST. SÉCULO XVI / AMPL. SÉCULO XVIII / REP. ADRO 1966". No interior, as naves estão separadas por quatro arcos de volta inteira assentes em pilares de secção quadrada com grandes bases sobre plintos. Os tetos são de madeira de três esteiras. Sobre a entrada existe um coro-alto à largura das três naves. A Capela-mor e as colaterais têm retábulos, sendo o da Capela-mor e o da colateral do lado da epístola de talha barroca de estilo nacional. No pilar central do lado da epístola está inserido um púlpito com a base de pedra, em consola, e com uma guarda de madeira torneada. O edifício é em alvenaria de pedra rebocada e caiada, com exceção do soco (de volumetria densa e bojudá), dos cunhais, das molduras dos vãos, das bordaduras e restantes elementos decorativos da fachada, dos arcos e dos pilares em cantaria (alguns dos blocos de pedra das faces das torres que deveriam estar rebocadas estão à vista).

27.5. MUSEU DE SANTA MARIA

Junto à igreja de Santo Espírito, encontra-se o Museu da Ilha de Santa Maria, reorganizado e reaberto ao público no verão de 1996.

A visita ao Museu inicia-se pela descoberta de alguns ambientes tradicionais como a cozinha, espaço da maior importância na casa mariense. Aqui, dão-se a conhecer no seu contexto os objetos utilizados nos afazeres quotidianos, quase todos de fabrico local e alguns, os de faiança, oriundos da vizinha Ilha de S. Miguel. Depois de subirmos a escada de acesso ao primeiro piso, surge o quarto, com a alta cama de estado, coberta de mantas e de colchas regionais. Sobre a cómoda, "o oratório, velha herança familiar onde se veneram os santos de maior devoção", como escreveu Jaime de Figueiredo ainda na década de 1950. Entramos agora na zona da exposição permanente temática sobre "O Barro, a Cerâmica e a Vida Quotidiana". Num primeiro núcleo é abordada a importância que o barro teve ao longo dos séculos para a Ilha de Santa Maria - desde a sua extração e preparação para exportação até ao trabalho nas olarias locais, florescente e diversificado em tempos. São as peças saídas das tendas de alguns célebres mestres oleiros, completadas por outros objetos, que vão contar um pouco da história e do quotidiano mariense. O talhão de Santa Maria, para reserva de água ou de cereais, é a peça mais emblemática e também a mais conhecida e utilizada nas outras ilhas dos Açores... Mas de fabrico marcadamente local são ainda a escoadeira de torresmos, o cuscuzeiro, para a confeção de cuscuz, e a cabouca para servir as sopas do Espírito Santo. De seguida, outros objetos cerâmicos pertencentes ao interior da casa evocam a preparação, o consumo e a conservação dos alimentos, quer nos meios humildes quer nos extratos mais ricos da sociedade mariense, com influências vindas do mundo exterior - as faianças e porcelanas, as garrafas de vinho do Porto... objetos ligados à higiene, à decoração da casa, à criação de animais... As fábricas de telha e os materiais de construção. Tão antigos como o povoamento da Ilha, são os trabalhos nos campos. Ao lado das alfaias agrícolas, a bilha da água ou do vinho e o talhão para armazenagem de cereais. A dorna, das adegas. Os têxteis e o traje tradicional. Os brinquedos de barro das crianças. Testemunhos do culto e das festas religiosas. No enquadramento da cozinha, como nas copeiras de Santa Maria, apresenta-se a parafernália usada ainda hoje na feitura e no serviço da "função" em honra do Divino Espírito Santo, cujas festas são as maiores em todas as ilhas. Os aspetos multifacetados da cultura atual têm lugar nas duas salas de exposições temporárias.

Foi aqui no Museu e com o nosso guia e seu Diretor, Dr. João Manuel Trindade Reis dos Santos, que tivemos uma longa conversa e em vez de fechar o Museu pelas 12:30 acabamos a sair de lá pelas 14 horas e cheios de fome. Recebi aqui um convite para levar a Santa Maria os Colóquios da Lusofonia, mas os problemas da insularidade parecem-me difíceis de ultrapassar. Antes de terminar este roteiro reconstruído de 12 dias na Ilha de Santa Maria convém referir que além dos Anjos celebrizada pela sua ligação a Cristóvão Colombo, e a merecer visita, há duas praias notáveis pela sua envolvente de socalcos cheios de vinhedo: São Lourenço (de nenhuma das vezes conseguimos descortinar o areal das imagens publicitárias) e a outra (mais pequena) Maia.



A sala de jantar de uma casa da vila (no Museu). São Lourenço: (sécs. XVIII-XIX)

Conjunto de encostas voltadas ao mar, dispostas em anfiteatro, estruturadas em socalcos preenchidos com compartimentos regulares, murados, para cultivo e proteção da vinha ("quartéis"). Estes compartimentos têm acesso por estreitos escadórios orientados no sentido do maior declive das encostas. Ao longo da estrada distribuem-se construções para habitação de veraneio de qualidade muito desigual



cascatas do Aveiro (parte final da Ribeira Grande) os socalcos (Maia) a estrada a piscina natural.

A Maia também é conhecida pelo seu Farol a que nós trepamos e cuja jovem faroleira nós conhecemos tendo dela ouvido as palavras que a "solidão dos faroleiros é muito relativa" e ali pretendia continuar. Natural da ilha, confessou que quando esteve no Continente a tirar o seu curso, não tinha gostado do que tinha visto e se sentia melhor ali que em qualquer outro lugar. Lá viemos a conhecer uma jovem faroleira que colocada há dois anos num dos poucos faróis ainda manejados por seres humanos, se mostrou sem medos nem temores declarando que ali pretendia ficar. Ainda por cima os telemóveis não funcionavam naquela parte da ilha nem mesmo no topo do farol.



As atividades vulcânicas que deram origem à ilha, deixaram profundas fendas e túneis, conhecidos por furnas. Merecem visita a Furna das Pombas com 337 metros de comprimento, e a Furna dos Anjos com 118 metros de comprimento. A visita às furnas exige a presença de um guia e o uso de equipamento adequado. Foi tendo isto em vista que resolvemos contactar a Márcia, organizadora de Passeios Pedestres para nos levar a uma das grutas com fósseis. E fomos, só que me esqueci de lhe perguntar onde íamos e ela pensando que éramos os três (eu, a Nini e o Johnny Boy) experientes andarilhos meteu-nos por vales e montes, íngremes, por caminhos de cabras (se cabras aí houvesse), por trilhos que ela mesmo ia desbravando com uma faca (aquí não é Timor e não há catanas). Uma viagem que era para demorar quatro horas, mas dado o nosso estado de esgotamento (à exceção do João que até carregava a mochila da guia) terminou ao fim de três horas. Desde o SMO¹⁵ que eu não andava tanto..., mas valeu a pena, a gruta estava cheia de exemplos de fósseis.

27.6. **LENDAS - fonte principal: FURTADO-BRUM, Ângela, Ponta Delgada, Ribeiro & Caravana editores, 1999**

As principais lendas da ilha de Santa Maria (Açores), tradicionalmente passadas de geração a geração

1. **Lenda da descoberta da ilha de Santa Maria** - Era no século quinze. Nesse tempo muita gente tinha vontade de descobrir novas terras. A frente de todos esses portugueses estava o Infante D. Henrique, fundador da escola ...
2. **Lenda da donzela encantada da Ribeira na ilha de Santa Maria** - a ilha que, de 7 em 7 anos, surgia no poente, podendo-se ver detalhes das pessoas às janelas das casas
3. **A lenda da Cruz dos Anjos** - ligada à construção da Ermida dos Anjos.
4. **A Furna de Santo Cristo** - Um certo dia, uma mulher de Vila do Porto, que não tinha lenha para acender o lume ao forno, foi ao areal do Calhau do Peixe juntar bocados de ... - alusiva ao achamento de uma imagem do Santo Cristo, depois conduzida em procissão para a Igreja da Misericórdia.

¹⁵ Serviço Militar Obrigatório, vulgo tropa.

5. **Piratas nos Anjos** - ligada a várias lendas todas sobre os Anjos e piratas
6. **Umaromeira da Senhora dos Anjos**, uma romeira às escondidas
7. **Ana Fernandes** devota da Senhora dos Anjos por lhe ter salvo o filho da peste
8. **A Senhora da Conceição da Rocha e os Piratas** - um milagre do sino a avisar da vinda dos piratas
9. **O Canavial dos Piratas** - Ermida dos Anjos aquando do desembarque de piratas mouros, um canavial brotou miraculosamente, ocultando a ermida ...
10. **O pirata Bei** - ligada às incursões de piratas mouros à ilha, em busca de víveres, riquezas e escravos.
11. **A Lenda da Sereia da Praia** - sobre um pescador que se apaixona por uma sereia na praia.
12. **O vinhateiro cativo e a Ermida dos Prazeres** - o rapto de um mariense pelos piratas e o seu regresso....
13. **A lenda da fuma de Sant'Ana** - alusiva à invasão de piratas da Barbária em 1616
14. **a Furna de Cal no Facho** - uma aparição e premonição
15. **feira do Espírito Santo na Mãe de Deus**, o milagre da água em vinho
16. **O boi enfeitado**, o milagre da carne para o bodo
17. **O Pico alto, o negro e a ilha de S. Miguel** - como foi descoberta outra ilha
18. **Ponta de Malmerenda**, o castigo da falta de fé foi a morte
19. **Trigo vendido para uma ilha encantada**, o trigo vendido para ilha encantada ..
20. **O Távora** - indivíduo ligado à Casa dos Távoras, refugiado do Marquês de Pombal, cujo esqueleto foi encontrado entaipado em um antigo solar em Vila do Porto.
21. **O Ermitão** - acerca de um indivíduo que teria vivido na furna de Santana, afamado por curar impingem e cobreiro com benzeduras e mezinhas.
22. **O Tesouro** - que justifica a mancha calçada, que se avista no rochedo de Malbusca, como a porta de um grande tesouro ali escondido à época dos Castelhanos.
23. **As canas da Índia e os buxeiros** - Havia, em S. Maria, um homem casado que tinha um barco e vivia com algum desafogo por ser muito assorteado e apanhar sempre grande quantidade de peixe, que vendia ou ...
24. **A Sereia da Praia** - No lugar da Praia, em Santa Maria, muito próximo do mar, vivia um pescador que tinha um filho já homem. Nas noites de lua cheia costumavam sentar-se fora da
25. **Dom Sebastião na Canada do Aguilhão**, - Há muitos anos ia uma mulher, num dia de muito nevoeiro, passando pela Canada do Aguilhão. De repente, como se estivesse entre nuvens, apareceu-lhe um homem, com aspeto de ...
26. **Ermida da Glória em Santo Espírito** - Há muitos anos, uma pastorinha muito bondosa de Santo Espírito passava os dias a tomar conta das ovelhas e rezava para pedir a Deus e a Nossa Senhora que ...
27. **Santa Maria Encantada** - Era no dia de Santa Maria de Agosto e, apesar de ser dia Santo, uma mulherzinha da Praia, estava lavando roupa na pia, fora da porta da cozinha. Quando acabou ...
28. **O poço do negro** - Por meados do século quinze, já Santa Maria era povoada por colonos vindos de várias partes do reino e escravos do Norte de África. Todos trabalhavam arduamente na ...
29. **Os corsários e a ajuda da Senhora da Conceição** - Era no final do século dezasseis e, se Portugal Continental estava, em parte, ao abandono porque era governado por estrangeiros, mais desprotegidas estavam as ilhas dos Açores que ...

28.

29.

30. CRÓNICA 30 DO TUFÃO GORDON À PEQUENA ALDEIA DE BABE.

30.1. O GORDON. 25 setembro 2006

Hoje acordei estremunhado, havia mais um engarrafamento na CRIL, um desastre no Fogueteiro, trânsito lento na VCI. O meteorologista disse que o tufão Helene era depressão tropical e ia passar ao largo do grupo ocidental a mais de 600 km, mas as lufadas de vento forte lá fora diziam que ia ser um dia mau. Abri a janela e olhei, ainda não chovia, o céu cinzento, sopravam rajadas fortes, a temperatura nos 22º C e a humidade nos 89%. Não havia engarrafamentos à porta de casa, raramente acontecem, a não ser que as carrinhas de distribuição de pão, fruta, carne ou outros bens alimentares aqui parem. Porque é que a Rádio e TV nacional me impingem os problemas dos que vivem em Lisboa ou no Porto. Já em Bragança quando me levantava tinha de ouvir os engarrafamentos e desastres na 2ª circular e nós íamos de um extremo a outro - em horas de ponta - em sete minutos.

Na semana passada quando passou por aqui o tufão Gordon a TV só mostrava as ondas minúsculas em Ponta Delgada, esquecendo que a costa norte tem vagas bem maiores e sofre mais as ventanias que a costa sul. Aliás já tivemos temporais em fevereiro, abril e agosto bem maiores do que as causadas por estes tufões que tanto deliciam os locutores no Continente. O vento hoje está mais forte do que aquando do Gordon e isto apesar de o Helene ter passado a 600 km de distância do grupo ocidental, a centenas de quilómetros deste grupo oriental onde vivo. Agora chove e para ir buscar o jornal ao café da esquina espero que abrande, disso não falam os locutores da televisão.

No sábado queria comprar uns sapatos para o miúdo e no minimercado não havia e na Maia as lojas estavam fechadas. Assim teria de ir às cidades da Ribeira Grande ou Ponta Delgada fazer compras. Mas o que mais me preocupa tem a ver com a saúde pública. A recolha do lixo é pela terça e quinta-feira o que me deixa um ror de sacos de lixo entre quinta-feira e a terça-feira seguinte. Não os posso deixar no quintal porque os gatos vadios vão aos sacos, rebentam-nos todos em busca de comida, e eu depois tenho de limpar o lixo outra vez. Falei com as autoridades, aqui representadas pelo emérito Presidente da Junta, nosso amigo e senhorio, e ele, gentil, ofereceu-se para levar o lixo para casa dele. Não era isto que queria. Dantes havia um contentor em frente ao cemitério onde íamos ao sábado deitar o lixo, mas devem-nos ter visto fazer isso e agora retiraram o contentor.¹⁶ Como hei de explicar a esta gente que fazemos mais lixo do que os outros e pretendemos desfazer-nos dele no mais curto prazo possível e não ter de o partilhar? Ainda hei de descobrir uma solução.

Os noticiários continuam a falar de não-eventos como outro furacão, será para abafarem as mudanças que o governo está a introduzir na nossa vida? Se vier para aqui um tufão a sério sobre esta ilha, pouca casa fica em pé inteira e haverá danos que cheguem para encher as manchetes dos jornais por um mês. Lembro-me que na semana passada era assim enquanto me ligavam da Austrália, da Europa e do Continente a perguntar como estávamos. 16.30 horas: está um calor de rachar 26 °C bom para ir para a praia, mas a Nini tinha uma reunião esta tarde. Só agora surgem no horizonte umas nuvens. Está abafado e se fosse no Continente iria dar trovoadas.... Aqui o vento ainda está de norte e o tufão vem de sudoeste... A ameaça é para o grupo central lá para as 20.00-22.00 e para cá deve chegar em forma de tempestade e não tufão só para as 03.00-05.00.... Tivemos ventos ciclónicos em agosto, na véspera de irmos para Sta Maria com 120 km/h, que nos deram cabo da tenda que tínhamos no imenso quintal e partiu o toldo do baloiço de jardim apesar de ser bem grosso (2,5 cm).

Depois dos 6,5 anos em Macau com tufões de grau 5 este Gordon (nome do celebrante matrimonial meu e da Ni) é só de grau 2 e não deverá ser de grave para aqui se não piorar, mas vai ser mau para as ilhas do grupo central onde as ondas devem atingir 12 metros...e rajadas a 170 km/h....com médias de 120 km/h. Yupee! Amanhã não há escola, pode-se dormir até mais tarde.... Lembro-me que o meu primeiro tufão teve direito a discurso poético.

*vês tu
my dear
é um tufão
e se aproxima
o mundo acontece sempre lá fora
as revoluções dão-se apenas
em cada um
de nós. 26 junho de 1977 Macau*

25 setembro 2006 - Afinal o malandro do tufão virou para aqui por entre S. Miguel e Santa Maria, mas não acertou (felizmente) em nenhuma ilha e nada se verificou.

As coisas parecem ter um impacto maior nos telejornais do que na realidade, mas ainda bem, assim passou ao largo e não fez estragos pois decerto seriam bem graves se nos tivesse atingido. A Proteção Civil aqui funciona bem, mas a falta de estruturas, de preparação das pessoas, de cultura e um certo fatalismo irremediável não as predispõem a segurarem os seus bens. A construção é dum forma geral fraca e não leva em conta os problemas da ilha nomeadamente a proteção sísmica.

Entretanto estou na fase final de preparação do 6º Colóquio Anual da Lusofonia. Uma tarefa hercúlea a que meti mãos há cinco anos e que começa a dar alguns frutos limitados no reconhecimento dum evento que já se impôs pela sua persistência.

16 Passadas umas semanas já o repuseram.

30.2.1. O REGRESSO A BRAGANÇA 29 setembro - 6 outubro 2006

«Deus criou o mar e a água para que o homem pudesse viver e criou o deserto para que o homem pudesse descobrir a sua alma.» provérbio Tuaregue

Sáimos na sexta-feira dia 29 depois das aulas e havia inúmeros professores no avião, aproveitando um fim de semana no Continente, além do nosso gerente do Banco Comercial dos Açores e da mulher que é a chefe de secretaria da escola. Nunca pensei que tanta gente se deslocasse assim....uma colega da escola da Maia que tinha assistido aos Encontros Açorianos, em maio na Ribeira Grande, resolveu juntar-se a nós e foi mais cedo via Lisboa. Aterrámos no Porto com a habitual receção chuvosa que caracteriza bem o tom cinzento daquela urbe suja e escura. Fomos buscar a colega a Campanhã vinda num Alfa Pendular. No dia seguinte, depois de rever a família, seguimos para Bragança, logo que o motorista da Câmara Municipal nos veio buscar. Chegamos ao fim da tarde. Arrumámos as coisas nos quartos, desta vez o mais novo (o João) foi connosco para rever amigos e a cidade.



O segundo dia de trabalhos, depois de na véspera termos tido uma chuvada em Rio de Onor, levou-nos a Miranda do Douro, terra sempre bonita e limpa, bem recuperada e interessante. Fomos recebidos com a Capa de Honras na Câmara Municipal, e depois visitámos o Museu e a Biblioteca e o Centro Cultural fora de horas, mas uma velha empregada do clero não nos deixou visitar a Catedral (faltavam 20 minutos para as 18 horas do fecho). Os membros do clero por vezes conseguem ter destas coisas simpáticas. Ou eu me engano ou foi esta megera que há uns três anos atrás nos fez a mesma coisa. Encheram-nos de explicações e partilharam esse orgulho de ser transmuntano e mirandês que bem falta ao país...todos gostaram e aprenderam (entre outras coisas) a existência duma segunda língua oficial portuguesa, e prometeram voltar a esta terra. No próximo ano iremos incluir esta visita com um passeio de barco (se o tempo o permitir) pelo Douro...

Nos dois primeiros dias tínhamos concertos à noite, na primeira noite, um sarau de guitarra de Isabel Rei com música clássica renascentista bem agradável de ouvir e aplaudir, e a seguir um de piano com obras menos atraentes para mim (autores contemporâneos galegos) com ótimo desempenho, mas menos sentida pelos presentes. No último dia de sessões nada havia de atividades organizadas. Era chegada a hora de fazer as malas, entrar no carro e voltar aos locais de origem com a consciência de que valera a pena este exercício.

Por motivo de uma chamada telefónica de última hora, tive de ir à Rádio Brigantia gravar um programa de 45 minutos, com outros conferencistas e acabei por ir jantar perto das dez da noite. O programa correu muito bem e está disponível para audição na nossa página juntamente com a entrevista dada à RDP Antena 1. Do programa de televisão sei que muitos viram, mas não tenho registo.

Nessa altura já o nosso filho João estava de volta delirando de alegria pois além de rever o melhor amigo, logo que chegara fora à aldeia dele almoçar. A aldeia deles é Babe e aposto que poucos sabem o que se passou ali de relevo para Portugal há muitos anos...

30.2.2. BABE - BRAGANÇA E A SUA HISTÓRIA

Situada a 800 metros de altitude, a leste de Bragança, é a entrada no planalto de Lombada. No séc. XVIII eram visíveis os restos da igreja de S. Pedro, localizada perto de Castrogosa a sul. Ali, no Castro da Sapeira, passava a estrada romana que de Braga se dirigia a Astorga. Algumas estelas funerárias e um marco milenário documentam a romanização da aldeia. Tem uma Capela dedicada a S. Sebastião e outra recuperada em 1991, dedicada a S. José. Babe ficou célebre pelo Tratado de Babe, de 26 de março de 1387, entre D. João I e o Duque de Lencastre. Babe, fica no denominado alto da Lombada a 12 km de Bragança. Com 398 habitantes, 131 famílias e 168 fogos, Babe remonta a épocas pouco definidas, mas muito antigas. A sua importância afirma-se pela Comenda, trazida por Domingos de Morais Madureira Pimentel, fidalgo da Casa-Real que casou em Bragança com D. Luísa Caetana de Mesquita, seu 1º Comendador. E tal era o seu tamanho territorial, que El-Rei D. Sebastião por sua ordem mandou dividir em duas: a de S. Pedro de Babe e a de Nossa Senhora de Gimonde, como pedira o Duque D. Teodósio, em obediência a uma Bula do Papa, de 4 de maio de 1561. E se é verdade que este comendador terá sido um dos notáveis desta terra, outros houve como Júlio Pires de Castro, nascido a 11 novembro 1814. Escreveu várias obras e lecionou latim em Bragança com grandes créditos de competência. Recuando no tempo, convém dizer que a Comenda de S. Pedro de Babe tinha um rendimento de 250 mil réis, conforme Diogo Nunes. Quanto à reitoria que também foi, o seu rendimento era de 44 mil réis, posto à disposição da Sua Alteza Real, durante a Restauração de Portugal. Durante a fase posterior à guerra de Aclamação, muitos foram os contributos para restaurar o país, pelo que Babe, na pessoa de António Alurez [Alvarez] de Magalhães, ofereceu, para as necessidades de Sua Majestade, 20 mil réis, que era o salário que obteria pelo dia de S. João, bem como ainda deu poder bastante para cobrar dos comendados ou rendeiros das Comendas de Babe, e se necessário tudo o que tenho venderei e darei de salário todos os anos, enquanto viver, já que eu, António Alurez¹⁷, me sustentarei com o pé do altar, feito nesta terra. Mas Babe está ligada à nacionalidade através do Tratado de Babe. D. João I, Rei de Portugal, ofereceu auxílio ao Duque de Alencastre, João de Gaudí, para provocar a divisão das forças e tropas de Castela. É assim que o Inglês desembarca na Corunha, seguindo depois para Melgaço, onde se avistou com D. João. Nesse encontro estipularam as condições do auxílio que, à boa maneira inglesa, comportava o casamento de uma das filhas, de nome Filipa com o nosso rei D. João, (já que com ele trouxe duas, vindo a casar a última em Espanha, para firmar outro acordo). Enquanto as tropas do Duque Inglês seguem para Bragança, consuma-se na cidade do Porto o dito casamento, após o qual o nosso rei haveria de juntar as suas tropas às de Alencastre, hospedado no Mosteiro de Castro de Avelãs. A demora foi tal que se diz que o Duque resolveu seguir com o seu exército, no momento em que chega a boa nova da chegada do Rei. É então que, durante esta pausa, o refinado Duque negocia aquele que seria o Tratado de Babe, que obrigava o dito Duque a abdicar de quaisquer direitos que pudesse vir a ter sobre a Coroa portuguesa. Diz-se que a Lombada nunca teria estado tão engalanada, já que foram milhares os homens que por ali acamparam, distinguindo-se de entre eles, o Santo Condestável. Portugal pouco lucrou, já que o Duque inglês, após ter casado as filhas nada aconteceu e muito menos a tal divisão das forças castelhanas, há quem afirme que outra coisa não queria que não fora casar as filhas.

Chegados aqui, é tempo de falar das origens desta bonita aldeia a que chamam de "Varanda da cidade". O Castro de Babe ou da Sapeira, fica a 2,5 km a sudoeste e situa-se no cume de um outeiro inacessível a nordeste. Tem de área 350 x 150 metros, é cercado por muro de pedra solta e nas partes falhas de defesa natural por três parapeitos e respetivos fossos, distanciados entre si 54 x 150 x 320 metros. Tinha duas portas, uma a sul e outra a sueste. Mas no extremo do seu termo, outro Castro há, a raia com Milhão, a Castragosa, e perto dele as ruínas da igreja de S. Pedro, onde apareceram lápides funerárias que se encontram no Museu Abade de Baçal em Bragança.

À semelhança da maioria das aldeias de Bragança, Babe foi terra de minérios, tais como, as pirites de ferro, uma mina de chumbo e uma mina de manganês, situada entre o termo de Babe e Caravela, criada por decreto de 8 abril 1880, DG de 6 outubro 1876. Comercialmente e industrialmente, Babe foi conhecida por todo o Trás-os-Montes, entre outros, pela fama das suas facas de bolso e cozinha, feitas por ferreiro com altos conhecimentos, segundo afirma o Abade de Baçal na sua obra do mesmo nome. E ainda segundo este autor vamos à origem etimológica de Babe, Babi nas inquirições, tiradas pelo ano de 1258, quer dizer em árabe "portinha", mas porta, também pode derivar de Babon. Por sua vez, Babius, foi nome de poeta romano, donde também podia provir Babe. Já sob o ponto de vista militar, Babe é realmente uma portinha, relativamente ao lado de Bragança, enquanto pelo lado de Miranda, Babe apresenta fácil entrada ao invasor. O toponímico Babão é frequente, enquanto Babilon é apelido de uma família portuguesa do século XIII. Deste modo, não é fácil dizer qual a origem do nome, embora não custe acreditar na origem romana do seu topónimo. Para terminar e dado que a sua etnografia é rica, aqui deixamos o convite para visitar o Museu Etnográfico de Babe. Quanto ao término deste apontamento, porque não fazê-lo com a quadra:

Adeus, ó fonte da Praça,

Bica do chafariz;

Onde deitei o meu laço,

Não me quis vir a perdiz!... Nota: apontamento feito com a ajuda da obra do Abade de Baçal.

<http://www.bragancanet.pt/braganca/babe.html> em setº2006

O meu filho mais novo é assim, adora aldeias e coisas velhas como igrejas, castelos, etc. Não sei a quem sai assim tão anti-urbano e pró-rural... Adorei ter estado em Bragança e ter descoberto as minhas verdadeiras raízes e só para o ano devo regressar, já que as hipóteses de ali voltarmos a viver são profissionalmente impossíveis na atual conjuntura.

30.2.3. LÍNGUA PORTUGUESA NA GALIZA TEMA 1:

Como a sociolinguística tem mostrado nas últimas décadas as línguas não mudam em bloco. Uma língua, um dialeto, mesmo um idioleto, não são homogéneos, comportam variedades internas que são parte integrante do sistema. Se o objeto da linguística histórica é a mudança linguística, o objeto da história da língua é uma língua em particular, sua existência definida temporal e espacialmente. Importa conhecer a situação na Galiza desde as origens, e sua evolução, o rumo da literatura galega no período pós-Franco, em defesa da cultura, dos valores solidários e dos direitos históricos. O conflito entre reintegracionistas, normativos e outros: um genocídio da língua? compreender o papel histórico desempenhado pelos intelectuais e políticos galegos e extrair conclusões sobre os conflitos e respetivos desenlaces da História além de permitir o debate aberto sobre a língua; tanto sobre a forma gráfica, como sobre conceito de língua (isolada ou parte ativa do tronco galaico-português) e situação atual.

A situação do galego é paradoxal. Se atendermos a critérios linguísticos, é uma das formas do português e, neste sentido, é uma língua nacional - uma forma especial, pois foi na antiga Gallaecia que nasceu a língua de Camões. Mas conforme ao uso maioritário da população, quer no atinente à ortografia, a formalização da língua ou corpus, quer atendendo ao estatuto social ou status, em relação ao castelhano, a situação do galego mais se assemelha a um patuá (patois), apesar dos avanços observados nas últimas décadas.

Como dizia Ângelo Cristóvão:

“A esperança de uma mudança de rumo na política linguística continua a estar longe dos âmbitos oficiais, nas mãos dos movimentos de normalização linguística, dependente do seu dinamismo e da capacidade de somar esforços numa mesma linha de trabalho: o fomento do galego como língua nacional e na defesa dos direitos dos utentes. O trabalho das associações lusófonas galegas é fundamental. Uma das características mais felizes da geração da Lusofonia é a sua independência económica, organizativa e ideológica a respeito dos poderes estabelecidos na Galiza. O outro, não menos importante, é tratar-se de um movimento que nada tem a ver com saudosismos nem a defesa de privilégios adquiridos. Tem mais a ver com a aquisição de direitos - individuais e coletivos negados no dia-a-dia, roubados ao povo, negados à nação galega. Questão importante, a ter em conta, é a sua articulação em várias associações culturais e cívicas cujo elo de união é colaborar numa mesma tarefa de dignificação da língua e cultura da Galiza, do português galego. Isto é feito por diferentes vias, em resumo: a produção de textos (livros, revistas, jornais) e as diversas atividades culturais direta ou indiretamente relacionadas com o uso e promoção de um galego dignificado e, mais cada vez, implícita ou explicitamente, identificado com o português.

No 6º Colóquio da Lusofonia debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política de exclusão dos dissidentes lusófonos (reintegracionistas ou lusistas). Debateu-se a Galiza que luta pela sobrevivência linguística, quando a UNESCO adverte do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos avanços e recuos e de movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza. Existe ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem esse mercado de quase três milhões. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela região. Foi assinalada a generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais, temerosas de ofenderem o poder em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior de pessoas para este genocídio linguístico desconhecido e que mora aqui ao lado. Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado, mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

31. CRÓNICA 31 - DOS DIAS DE FINADOS DE VOLTA À MINHA INFÂNCIA, 1 novº 2006

31.1. DIA DE FINADOS. ainda estou vivo

Entrei no café, depois de percorrer estes vinte e cinco passos habituais e diários. Ao balcão do Eurobar, no Largo da Igreja da Lomba da Maia, os clientes do costume a beberem os seus bagaços, cervejas, vinho de cheiro ou qualquer outra variante alcoólica. Raramente reparo neles, depois de atirar os meus bons dias, tardes ou noites. Conheço-os a todos, embora desconheça os seus nomes, com todos já falei em momentos vários. Podia descrevê-los ou às suas profissões mesmo sem lhes saber os nomes. Muitas vezes nem os ouço, nem os entendo com o seu rápido sotaque cerrado micaelense neles, depois de atirar mecanicamente os seus bons dias, tardes ou noites. Faces escalavradas pelo tempo, pelas horas sob este clima inclemente, ou meramente faces que eu não escrutino mais. Também não constato as pedras de basalto cinzento que orlam o passeio por onde sigo, nem tampouco me apoquento com as faces lavadas das casas que no verão são sempre pintadas de fresco como é hábito centenário antes das festas locais.

Nos montes, ao longe, lá estão as, sempre alpinistas, vacas, e os montes que na semana passada estavam castanhos já passaram, de novo a verde, com a chuva destes últimos dias. O mar confunde-se com o céu num horizonte que ora está cinzento ou azuláceo e que se perde para além do alcance da vista. A humidade escorre pelas paredes, pelas ruas, pelas casas, pelas faces e ninguém parece aperceber-se dela embora exista omnipresente e se note na camada de mildio que ocupa as faces de tudo o que é cabedal ou couro.

Esta a realidade que me escapa e, no entanto, ela está lá. As pessoas continuam a levantar-se de noite embora a mudança da hora já traga os primeiros alvares da aurora pelas sete da manhã. Continuam a deitar-se cansadas depois de um dia, semana, ano de trabalho ininterrupto que apenas é entrecortado pelas festas da freguesia e por uma ou outra procissão ou evento de cariz religioso tradicional. Não as ouço queixarem-se da carestia de vida ou da má sorte que lhes repete destinos ingratos. Há uma certa resignação amargurada que se entrevê nas comissuras das peles rugosas e encarquilhadas. Os campos continuam a ser arados e as vacas mungidas, chova ou faça sol, seja feriado ou fim de semana. A propriedade da terra é deveras sagrada embora sem os exageros transmontanos de se matarem uns aos outros por um metro de terra. A terra e as vacas são os únicos elementos mensuráveis da riqueza de cada um. Os filhos ainda são abundantes e vão à escola nos intervalos da ajuda nos campos, que não é opção, mas obrigação. Esta a realidade que não vejo, mas me rodeia porque ainda estou vivo.

O dia dos fiéis defuntos, dia dos mortos ou dia de finados é celebrado pela Igreja Católica no dia 2 de novembro, logo a seguir ao Dia de Todos-os-Santos. No século um os cristãos não rezavam pelos mortos. Essa nunca foi uma prática da chamada, "Igreja Primitiva". Pelo contrário, líderes como o apóstolo São Paulo orientavam o povo cristão a não se preocupar com a situação dos mortos, como os pagãos - os não cristãos - faziam (*1 Ts 4. 13*).¹⁸

Desde o século I, os cristãos rezavam pelos falecidos, visitando os túmulos dos mártires para rezar pelos que morreram. No século V, a igreja dedicava um dia do ano para rezar por todos os mortos, por quem ninguém rezava e dos quais ninguém lembrava. Também o abade Cluny, santo Odilon, em 998 pedia aos monges que orassem pelos mortos. Desde o século XI os papas Silvestre II (1009), João XVII (1009) e Leão IX (1015) obrigam a comunidade a dedicar um dia aos mortos. No século XIII esse dia anual passa a ser comemorado em 2 de novembro, porque 1 de novembro é a Festa de Todos os Santos. Na cultura judaico-cristã que nos rodeia, esta recordação dos que já morreram assume uma grande importância, quanto mais não seja para pensarmos que outra vida melhor nos espera. Quem não se deu conta que aspiramos à eternidade e sentimos que essa aspiração se concretiza na memória dos que conviveram com cada um de nós. Há um dia expressamente dedicado a este fim, a essa saudade. Essa é a

18 Retirado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_dos_fi%C3%A9is_defuntos

razão que motiva muitos dos que vivem longe dos locais onde nasceram, a visitá-los uma vez em cada ano, e isso torna-se bem mais visível no interior do país, onde, cada vez vive menos gente. O dia de finados é uma evidente expressão da cultura lusófona a que pertencemos e manifesta-se em todos os povos que se exprimem culturalmente em português.

Nota-se, pelo menos eu assim o observo empiricamente, um nítido decréscimo de participação comparativamente à minha infância, o que quer dizer uma de duas coisas, ou há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou isto parece estar destinado apenas aos mais velhos que eu. O decréscimo de crentes católicos em Portugal deve contar para isso pois apesar de no último censo serem 92,2% apenas 10% ia regularmente à missa... Eu tenho para mim que não é preciso haver um dia no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos os Santos.

Ora esta data tem ainda algum relevo para uma minoria, e obviamente um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para as pessoas irem aos cemitérios, depois de se levantarem cedo, deixarem os filhos na escola, voltarem do trabalho, irem buscar os filhos ao ATL (tempos livres), prepararem o jantar, etc. Penso que cada um, na reclusão do seu lar, deve dedicar todos os momentos que quiser ou sentir necessidade a homenagear os seus mortos, da forma como melhor o entender. Por vezes, bastará um pensamento ou uma lembrança de como eles nos fazem falta num momento de dor, de alegria, de dúvida. Essa sim seria uma forma mais adequada de nos lembrarmos daqueles que nos deixaram e de quem sentimos a falta, porque - não o neguemos - há muitos que nos deixaram e de quem não sentimos falta nenhuma...esta coisa da religião, cria hipocrisias que nos levam a venerar todos os mortos mesmo aqueles que não queremos ou por quem nada sentimos, incluindo antepassados que nunca conhecemos.

Desde há muito que dedico momentos silenciosos, de pausa, na minha vida para recordar aqueles que gostaria estivessem comigo em determinados momentos, para saborear com eles uma vitória pessoal ou profissional, para partilhar com eles um triunfo particularmente interessante ou apenas para eles nos darem uma palmada congratulatória nas costas. São meus companheiros de sempre mesmo que já não estejam no rol dos vivos, a sua memória perdura e dessa forma os homenageio, sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas. Talvez o faça por ser assim que gostaria me recordassem, tanto mais que desde 1974 decidi que iria ser cremado e com as cinzas lançadas ao mar. Na altura exigia o Oceano Pacífico, mas dada a distância a que estamos agora creio que terei de me satisfazer com o Atlântico Norte.

De repente, dei comigo a pensar que sou demasiado exigente com o meu filho mais novo, tal como o meu pai foi exigente comigo e creio estar errado. Vou tentar emendar-me. Fui bafejado com uma criança inteligente, ativa e dinâmica, sem dificuldades no ensino e continuo a exigir dele uma calma e uma atitude que - eu próprio - só tive em fase adiantada da minha vida.

Repito afinal trajetos genéticos nesta ânsia de ter um filho que sofra menos do que sofri até encontrar esta estabilidade emocional e psíquica que atravesso. Quero incutir-lhe esta ética de trabalho, de dedicação e respeito pelos outros que raramente se vê nos jovens hoje em dia e que caracterizaram a maior parte da minha vida. No resto não preciso de lhe incutir nada pois ele sai ao pai e irá decerto beneficiar duma educação mais independente, destes tempos livre mais desacompanhados do que eu tive, andando por esta aldeia de bicicleta, a brincar com os amigos e a descobrir o que quer que ele ande a descobrir.

31.2. DE VOLTA À INFÂNCIA. O FIM DO FILHO ÚNICO E A ESCOLA - UMA DESGRAÇA NUNCA VEM SÓ. 1 novembro 2006

Convém aqui recordar um pouco como foram esses tempos de infância. Aos quatro anos e meio, foi necessário mudar para uma casa maior (perto das Antas e do Marquês de Pombal) numa rua paralela à Rua de Costa Cabral com o pomposo nome de Rua de Maria Pia¹⁹. Desconheço a razão pela qual tão pacata rua mereceu um nome régio.

Era um casarão de três pisos (nós ocupávamos dois) e um longo quintal onde tinha o meu canteiro de flores do qual cuidava quando não andava no galinheiro a espantar as galinhas. No 1º andar duas salas para a frente e uma para trás, ao lado da cozinha, da despensa, e uma varanda envidraçada e coberta, com WC, dando para a escadaria do quintal. Em cima, havia quatro quartos, uma casa de banho e um WC na outra varanda coberta, donde se avistava o Estádio Eng.º Vidal Pinheiro, do Sport Comércio e Salgueiros que deixou de ter futebol em 2005.

No quintal, ao fundo das escadas de pedra - nas traseiras - ao lado da nossa casa, havia uma cabana ridiculamente pequena, mais parecia uma arrecadação de vassouras, onde vivia a nossa empregada Emília, que tinha para aí umas 20 dioptrias, com os dois filhos sempre ranhosos e um marido bêbedo que lhe dava porrada de meia-noite, ainda antes desta hora. Esse barulho de violência doméstica, o choro dela e dos filhos, ficaram para sempre gravados no meu inconsciente de não-violência, pois, entre os meus 5 e os 9 anos, quase todas as noites se ouviam essas cenas de violência conjugal. Eram uns pobres miseráveis e esse foi um dos meus primeiros contactos com a pobreza que aliás podia também ser vista em ruas adjacentes.

A Escola Primária da Rua do Cunha, a 200 metros da Rua de Costa Cabral, ficava a uns metros da nossa Rua de Maria Pia nº 101.... Era um casarão senhorial de dois andares e cave, adaptado (há muito vítima do camartelo e substituído por uns banais prédios de andares vulgares) com um recreio de dimensões suficientes para as quatro classes que a frequentavam, cheio de árvores centenárias e em terra batida.

A minha mãe que já perdera duas gravidezes (abortara espontaneamente), finalmente deu à luz, cinco anos e meio depois de eu nascer, uma linda menina com 4 quilos e 56 cm. Se bem que eu a esperasse com ansiedade também havia um medo ancestral de que viesse a ocupar um certo espaço que até então tinha sido exclusivamente meu. As prerrogativas de filho único perderam a razão de ser no dia do nascimento dela. De qualquer forma fiquei satisfeito por ver aquele enorme bebé gorducho e cheio de cabelos alourados quando me chamaram pelas 8 e meia da manhã.

É bom não esquecer que, naquele já longínquo ano de 1955, a maior parte dos partos ocorria em casa, pois as pessoas não se deslocavam aos hospitais ou clínicas. Havia, normalmente, um médico, acompanhado de uma enfermeira-parteira que se deslocava à residência das pessoas e aí fazia o parto da criança. No caso vertente foi o mesmo médico (Dr Eugénio Franco) que me ajudara a ver a luz quem fez o parto. Ainda me lembro de o ver sorridente a sair do quarto dos meus pais. Se houvesse problema chamava-se uma ambulância e ia-se para o hospital mais perto (na altura deste nascimento, no Porto, ainda só existia o vetusto Hospital de Santo António, onde viria a nascer o meu filho mais novo em 1996) já que os mais velhos - gémeos - nasceram na Venerável Ordem da Trindade em 1976 e a filha nasceu em Sidney no Royal Hospital for Women, Paddington em 1986. Raras eram as crianças a nascerem fora de suas casas. O Hospital de São João foi criado pelo Decreto-Lei n.º 22917, de 31 de julho de 1943, com a designação de Hospital Escolar do Porto, ligado à Faculdade de Medicina do Porto, mas o projeto sofreu um atraso considerável, a que não foi alheia a II Guerra Mundial, pelo que a sua inauguração ocorreu a 24 de junho de 1959, já a minha irmã tinha quatro anos.

A minha irmã em breve iria enfrentar (sem se aperceber) o trauma da mudança de casa que eu sentira uns anos antes.

A minha avó estranhou bastante a mudança de zona do Amial para Costa Cabral, mas continuou com a sua vida recatada, ocasionalmente entrecortada pela visita de primas e amigas ou convites para as visitar. Lá fazia os seus tricôs e crochês, jogava umas paciências de cartas e mantinha-se à margem agora que a minha mãe, finalmente na "sua casa" mandava em tudo, ao contrário do que se tinha passado na casa anterior, que era da sogra. Estas coisas nunca se sabem nem se discutem, não fica bem as famílias dizerem o porquê destas atitudes e eu, interessado em autopsicanalisar o mundo que me rodeava, indagava-me sobre quais as verdadeiras razões destas mudanças.

¹⁹ A rainha, Maria Pia de Saboia (1847-1911) era filha de Víctor Emanuel II, rei da Itália e de Adelaide Habsburgo Lotaringiano. Casou em 1862 com Luís I, Saxe-Coburg-Gotha, Rei de Portugal

As crianças sofrem muito mais com as mutações que os adultos, embora na aparência façam crer a toda a gente que gostam de tudo o que é novo e diferente.

Bem no meu íntimo, perderei uma primeira noção de estabilidade, que me era querida, sem perceber porquê. Havia vantagens e desvantagens nesta mudança inicial. Tudo tinha que ser reaprendido, desde os cantos escuros, às sombras, aos sons novos e desconhecidos. Cada casa tem o seu ranger de soalho característico, cada canto tem os seus segredos peculiares, as sombras são únicas e toda essa aprendizagem demora o seu tempo. Esses sons e sombras permeiam os minutos de vigília de todas as crianças antes de adormecerem. Enaltecem ou recalcam os seus medos e temores. Há sempre um mundo desconhecido em cada quintal e aquele era o primeiro em que eu me aventurava, onde imponentes mandavam as galinhas poedeiras, o galo e o peru que aparecia em novembro e desaparecia em dezembro. Ficava ao fundo dos pequenos talhões dedicados a uma pequena horta doméstica e outro mais virado para decoração floral que ia preencher os vasos e vasinhos daquele casarão.

Voltando a 1955, nove meses decorridos sobre o nascimento da minha irmã, acabaram-se as férias eternas que os infantes gozavam nesses tempos. Sempre pensei que a vida era um estado natural de nada fazer, a não ser brincar e divertir-me. Lá fui para a Escola Primária da Rua do Cunha que ficava quase ao lado de casa e onde a mãe lecionava naquela altura ou iria lecionar a seguir. Pensem agora no efeito traumatizante para uma criança da mudança de casa em 1953, seguida imediatamente do nascimento da irmã (1955) e o fim da vida de filho único com o começo da escola primária. A pré-escola e as creches em Portugal não haviam ainda sido inventadas, e o mais que se assemelhava eram as “criadas de meninos” que havia lá em casa para tomarem conta de nós. Naquela época não havia psicólogos infantis nem se estudava ainda a fundo a problemática da traumatologia infantil, a não ser alguns estudos então pouco conhecidos ou divulgados de Vygotsky que acredita que

“A evolução da consciência passa dum ordem menor a uma ordem maior do desenvolvimento da criança à medida que as funções mentais passam a ser socioculturais e não apenas biologicamente mentais. Parte assim dum requisito biológico para o transformar através da interação sociocultural numa forma de desenvolvimento, passando do estágio de dependência para o de independência e autorregulação. A criança inicia a sua aprendizagem através das atividades em que a sociedade colocou algum valor (trabalho, atividades lúdicas, educação, literacia). Socioculturalmente, a criança é confrontada com um ambiente recheado de tarefas e exigências que requerem da criança a utilização da linguagem como instrumento, enquanto ela se mantém dependente dos adultos que a rodeiam (normalmente os progenitores) para saber como fazer, o que fazer e não fazer”.

Rodeado por uns poucos adultos até então, com uns pais mais ausentes que presentes, pois, ambos trabalhavam, as noções de vida haviam-me sido transmitidas através da avó paterna e de todas as suas visões adulteradas dum realidade a que nunca se habituaria nos seus mais de oitenta anos de vida. Iriam retirar-me desse círculo, onde a vida dos adultos se passava à banda e sem intervenção de maior, mas simultaneamente dependendo deles para aprender o ambiente que me rodeava, tendo que descobrir por mim mesmo, pela minha imaginação e investigação, próprias da idade, as soluções para os problemas e questões que se me punham.

Os pais saindo bem cedo de casa e regressando já tarde, deixavam-me apenas o tempo, antes e durante o jantar, para interagir antes de me ir deitar pelas oito e pouco da noite, o que era manifestamente pouco para a construção do meu ego modelado em exemplos maduros paternos e maternos. Restava-me assim, uma vez mais e sempre, a imagem da avó, das suas lendas e contarelhos, das histórias de fadas e princesas que teria sido a vida da minha avó enquanto jovem, uma vida de gente rica e influente, de que eu nunca viria a desfrutar nem a partilhar, mas que criaria no meu imaginário um modelo conceitual de vida que pretendi ter a todo o custo. Assim, vi e revi imagens fotográficas e daguerreótipos do século XIX, de viagens ao estrangeiro, de tempos e locais distantes, sonhando sempre um dia poder ir e visitar tais locais de encantos tamanhos.

Esta época foi muito traumática porque durante grande parte da segunda e terceira classes estive doente com quase todas as doenças imagináveis e próprias da idade: sarampo, varicela, sarampelo, etc. Isto reduziu o meu rendimento escolar embora tivesse o apoio da minha mãe em casa. Na terceira classe, a minha professora, D. Júlia, adoeceu ou engravidou (já não me recordo) e foi substituída pela minha mãe, que um dia (embora ainda hoje ela o negue alegando não se recordar) me deu não sei quantas palmatoadas (provavelmente uma dúzia ou meia dúzia que eram as medidas estandardizadas mais correntes à época). Ela pode não se lembrar, mas eu nunca o esqueci até hoje, pois deve ter sido dos castigos que mais me doeram em toda a vida.

Estas classes, a terceira e a quarta, devem ter sido lecionadas pelo velho diretor da escola, um professor de apelido Guimarães, já avançado na idade e perto de atingir a sua reforma, mas ainda persistente nos seus métodos de ensino ancestrais, que haveriam de ter tanto sucesso que eu vencera um prémio de melhor aluno regional ou distrital.

Embora me desgoste ainda hoje o título [Prémio Dr. Oliveira Salazar], devem aqueles diplomas estar guardados em casa dos meus pais. Dizia, por vezes, entre o embaraçado e o orgulhoso, que se não fosse o título ainda os desembrulhava e emoldurava..., mas por mais que me tentem convencer que o 25 de abril foi um erro eu jamais esquecerei a Ditadura Nacional e os anos que se seguiram e preencheram a primeira parte da minha vida. Chegava mesmo a admitir - nalguns casos - que a sociedade no tempo da ditadura era menos corrupta, a justiça funcionava melhor, e a educação (se bem que elitista) proporcionava muitos mais conhecimentos do que hoje em dia.

Mas a falta de liberdade, a opressão política, a cegueira colonial e a falta de visão para o futuro, eram zonas negras dos anos de obscurantismo salazarista. A minha mãe bem se pode orgulhar de ter apertado a mão ao ditador (o meu pai gozava dizendo que ela andara dias sem a lavar) mas foram anos de obscurantismo e repressão. Uma minoria de pessoas, que se julgavam importantes, bajulavam o velho ditador em troca dumas pequenas benesses e lugares de proeminência, enquanto a polícia política, silenciosa e matreiramente, se encarregava de punir todos os que queriam pensar pela sua própria cabeça.

De qualquer modo, a mãe e eu tinham, finalmente, nos últimos anos conseguido um relacionamento amigável e pacífico que nunca existira antes. Haviam feito as pazes embora nunca se tivessem zangado. Tudo estava perdoado e compreendido entre ambos. Nem sequer havia razões para a mãe se lamuriar, como fizera recentemente, de ter errado ao não me deixar ir para Coimbra tirar Direito. Fora melhor assim, acabara por resultar melhor assim. Nem eu tinha já a certeza de alguma vez ter querido ir para Direito. Jornalismo ou Humanidades sim, e nessas vencera. Fui para Timor, Macau e Austrália e ali me enriquecera culturalmente mais do que se tivesse ido para Coimbra.

Uma coisa eu aprendera, é a de que por mais força que faça, o destino nunca se verga às vontades do Homem, ou usando um lugar-comum, se há vontades que movem montanhas, há montes que se não deixam mover. Nesses casos, apenas resta o diálogo, conosco próprios e com os outros, para se criarem pontes suspensas sobre o abismo e evitar a queda abrupta. A ponte para o outro lado é o nosso passaporte, o livre conduto, a palavra passe que abrirá as fronteiras do entendimento. E essa ponte já eu a construíra havia anos, tinha apenas de a manter operacional. Por ser quem fora me tornara naquilo que hoje era. Dicotomias indissociáveis.

Cuidando do país como se de uma mercearia se tratasse e escorreitas as contas da falência da I República, o ditador começara a amealhar uma valiosa fortuna para o país, para a geração pós 25 de abril perdulariamente esbanjar. Tal como o ditador fazia com ele mesmo, na sua espartana e sovina maneira de ser, incorrupto, acabaria por nunca investir nem gastar essa fortuna. Nem para melhorar o país, nem para uso pessoal (honra lhe seja feita) pois o país não precisava de progresso que esse só traz a devassidão e maus costumes. Era conhecido por “o botas” por jamais usar outro calçado que não botas. De igual forma imaginava o país, vestindo uniforme e cinzento, como ele mesmo.

Queria uma massa de seguidores fiéis que nunca o questionassem, e uma população ignorante para poder continuar a dirigi-la sem que ela se inquietasse com o rumo seguido, numa visão paternalista e autocrática. Um bom dono de mercearia, mas sem ideias para o país, para além dos seus ideais sempre próximos do Eixo da 2ª Grande Guerra, por quem nunca escondeu a sua simpatia apesar de ter mantido Portugal “oficialmente” neutro na guerra (exceção feita à ocupação de Timor pelos japoneses e australianos). Emulava o seu vizinho da Espanha que vencera a guerra civil espanhola contra os comunistas e outros vermelhos, inimigos dos católicos e da pátria, mas jamais poria os pés fora do torrão continental do velho e decadente Império Colonial Português. Nunca se apercebera de que deveria ter melhorado a situação de pobreza extrema e de miséria da maioria da população.

O meu pai, que tinha nas suas estantes vários livros proibidos e no Índice, sempre se definira como *democrata da 1ª República*, com elevados ideais de justiça universal. Isto fazia parte de um conjunto de princípios inabaláveis e uma firmeza, singelamente desprovida de qualquer manifestação direta de afeto. Tratou-me sempre como se fosse filho único, muito protetor (demasiado!), com medo que eu atravessasse a rua, apesar de naquela época não haver movimento, e a Rua de Maria Pia (paralela a Costa Cabral) naquela época se poder bem denominar a Rua do Lá Vai Um. Fazia-o cheio de boas intenções e porque não sabia melhor. No entanto esse protecionismo era excessivo: temia, por tudo e por nada, que eu me debruçasse das janelas, que eu caísse no quintal, que me cortasse com os espinhos das rosas. O meu canteiro no quintal tinha jarros, ervilhas-de-cheiro, feijões, e uns quanto mais exemplares de flores e plantas inofensivas. Mesmo assim dizia cuidado que as ervilhas são venenosas... e aquelas pequenas bolas pretas intimidavam-me.

Havia um galinheiro ao fundo do quintal com umas galinhas e um galo, que além de porem ovos, serviam para a alimentação durante o ano, e acrescentava-se o inevitável peru pelo Natal, sem eu nunca ter percebido bem o fim que os animais tinham e que estava intimamente relacionado com o que me punham na mesa para comer. No Natal aparecia o dito peru que tivera a malfadada sorte (?) de estar na engorda antes de ser degolado. Uma vez, um deles andou pela cozinha sem cabeça, aos saltos, para grande gáudio nosso e espanto da empregada que se calhar bebeu parte do brandi que era destinado ao peru... como era seu apanágio. Foi isso que se descobriu quando foi despedida logo após o natal.

Essa educação que tive e viria a durar toda a minha vida em casa dos pais, condicionou-me, criou-me medos quiçá injustificáveis, criou um espírito de iniciativa e de aventura embotado (mas vingá-lo-ia, bem mais tarde) e aumentou uma timidez, seria mais acanhamento, que se arrastaria durante décadas. Depois tive de compensar isto com a minha vida profissional de jornalista o que permitiu dissimular os meus medos e temores para além da extrema timidez. Dito isto hoje, sei que dificilmente alguém acreditará, já que fui sempre aquilo que os britânicos chamam de “*outspoken*” e os portugueses de antanho podiam qualificar quase como desbragado ou desbocado. Mas a verdade é que sou ainda tímido e acanhado embora tenha aprendido os instrumentos sociais para o disfarçar sem que ninguém note. Pode até ter acontecido que esse aparente excesso e agressividade sejam formas camufladas dessa timidez.

As proibições nesse tempo eram muitas e raramente pude brincar com crianças da minha idade, nem na adolescência sem nunca ter entendido muito bem quais as razões para tal proibição. Foi sempre apanágio eu nunca sair, raramente era convidado e mais raramente ainda podia convidar fosse quem fosse. Creio que a minha mãe apesar de ter a casa esmeradamente limpa e apresentável não gostava de intrusos a observarem o seu conteúdo. Mesmo as amigas e colegas dela raramente a visitavam. As poucas pessoas que passavam

o umbral da porta eram familiares e apenas os mais chegados (avós maternos, tios, primos). Lembrava-me também durante a fase da escola primária ter ido apenas a duas festas, uma numa casa em frente à nossa (creio que a família tinha Cascais por apelido) e outra com um colega de escola chamado Matos.

Recordo vários modelos de carros naquela rua, mas o mais impressionante era um *Nash Rambler Airflyte* de 1955 cujas rodas estavam tapadas num *design* original. Do pai do Matos recordava um *Renault 4CV* conhecido como "Joaninha" em Portugal ou o mais apropriado "Rabo Quente" no Brasil (em virtude do motor traseiro), ou "La motte de beurre" (pedaço de manteiga) em França, devido ao tamanho e à cor amarela areia dos primeiros carros feitos para o exército ocupante alemão e para a sua campanha no norte de África. O motor de 748 cc tinha 17 cavalos e três velocidades. Continuou a ser produzido até 1961.



Nash



Joaninha



O Renault 4CV foi produzido entre 1946 e 1961. Era um carro do povo, muito económico, inspirado pelo Volkswagen Carocha, tendo sido a primeira viatura francesa a exceder um milhão de veículos vendidos. O protótipo ficou pronto durante a guerra em 1942, mas a versão final só seria apresentada em 1946 no Salão Automóvel de Paris. Era para ter sido substituído pelo Renault Dauphine, em 1956, mas continuou a ser produzido até 1961, um ano antes de terminar a produção do Dauphine. Facilmente artilhado o 4CV foi usado em corridas tendo ganho as 24 Horas de Le Mans e as Mile Miglia, em parceria com a Alpine que mais tarde utilizaria a plataforma 4CV para criar o lendário Alpine A-110 e o Alpine A-106. No Japão o carro foi produzido e comercializado pela Hino Motors, Ltd.

Traumático na época da Escola Primária parece ter sido o acidente que tive na terceira ou quarta classe no recreio da escola. Havia uns alunos enormes, de 14 anos, que andavam na quarta classe (aquilo a que se chamava gandulos) e como eu era filho de professora muitas vezes andavam atrás de mim, a ameaçar e outras coisas que se fazem nessa idade. Muitas décadas depois descobri que isso que eu temia na década de 1950, não era mais do que ser vítima de bullying. Não havia ainda pedopsicólogos para me aconselharem e ajudarem a recuperar dos traumas. Um dia ia a fugir deles, à saída da sala de aulas e com a pressa (talvez aflição) tropecei na escadaria de pedra que dava para o recreio, nas traseiras da escola. Caí desamparado e abri o sobrolho que borbulhava de sangue pela cara abaixo.

Era o pânico. Uma contínua (auxiliar de ação educativa) levou-me ao médico, mas eu só chamava a minha mãe (que nesse dia não estava na escola) e não queria ir sozinho. Lembro-me de ir agarrado à auxiliar aos berros, com um lenço molhado a tapar o "lanho" na testa, na curta viagem (que pareceu uma eternidade) pela Rua de Maria Pia, Rua de Álvaro Castelões até à casa do Dr. Mota Torres, na Rua do Lindo Vale, do lado esquerdo da rua antes de chegar à Praça Marquês de Pombal... Lá me fizeram o curativo (nessa data ainda não havia Enfermeiros Associados ou coisa que o valha). Guardo até este dia uma sobrançelha levemente diferente da outra e essa recordação do meu pranto pelas ruas até à casa do médico, um senhor de óculos grossos, baixo e atarracado, cujo filho em 2005 era dirigente regional de um partido político português.

Quando terminei, com sucesso, o exame da quarta classe tive de fazer o exame de admissão aos liceus como era costume nessa altura. Se o exame da quarta classe já era considerado difícil, o de admissão era encarado com muito temor por todos os infantis da

minha idade. Era a passagem ao estágio seguinte do ensino em que deixávamos de ter o conforto de um só professor numa só sala, para termos de lidar com vários professores ao mesmo tempo, cada um deles dando matéria específica em salas diferentes. Tudo isso metia medo aos meus nove anos. Sabia que estava bem preparado, mas desde cedo revelei uma incapacidade natural em lidar com exames de qualquer tipo. O mais assustador era o facto de os exames, do Bairro Ocidental a que a minha freguesia de Paranhos pertencia, se realizarem apenas num local na cidade do Porto com professores que nunca tínhamos visto e não nas nossas bem conhecidas escolas. Ou seja, seria um exame num ambiente desconhecido, hostil e cheio de pessoas estranhas.

A escola onde fiz esse exame ainda existe, ao contrário da minha Escola Primária, chama-se EB1 nº 18 na Rua dos Miosótis (Ramalde) e fica junto ao bairro de Santa Luzia (Prelada, Ramalde) muito perto de onde eu viria a viver no século seguinte e onde viria a andar uma neta nossa. Apesar dos nervos, lá fiz a prova numa sala do primeiro andar. Era um dia de sol e calor. Lembro-me da alegria ao saber que tinha passado esse exame e da recompensa do meu pai que me deu: o meu primeiro relógio, a corda, um Cauny dourado.

Outra recordação indelevelmente associada à infância na casa da Rua de Maria Pia, é a dos saltimbancos que apareciam, uma ou outra vez por ano, já não recordo exatamente quando mas creio que na época do natal, para fazerem as suas acrobacias na rua em troca de tostões. Eram em geral famélicos e escanzelados e divertiam-nos com as suas habilidades. Já desde os palhaços, a um outro a vomitar fogo, outros marchando em cima de umas “andas” e vários números que a memória deixou escapar. Nunca excediam uma meia dúzia de artistas que assim ganhavam a vida e o que me espantava é que houvesse já mulheres naquele meio, numa era em que elas estavam quase totalmente apagadas da sociedade caseira que lhes era imposta.

Nas férias de verão íamos para a Póvoa do Varzim onde alugávamos uma casa em frente à velha estação dos caminhos-de-ferro, o que aconteceu, creio que até 1960. Para além do redondo e original Diana Bar na praia e da extensão do areal são poucas as recordações desses tempos. Desde o século 18 que havia a tradição de todas famílias transmontanas com algumas posses para férias (como a da minha mãe) irem a banhos para a Póvoa, enquanto o meu pai e a minha avó falavam de férias em Miramar e na Granja no início do século XX, como era tradição da família que tivera casas de praia em Matosinhos e na Foz.

Passariam a ir para Espinho a partir de então, tradição essa que a minha mãe manteria até depois dos 90 anos de idade, acompanhada pela filha e pelo neto. O curioso, porém, é que todos os anos se queixava do mau tempo, da nortada, do frio e apesar de todas estas queixas, com tantos locais mais amenos e aprazíveis no país inteiro onde poderia ir, mantinha-se firme a essa tradição espinhense. Bem a tentara convencer a ir a Macau, Austrália ou para Trás-os-Montes enquanto vivia em Bragança, ou mesmo depois aos Açores, quando para o arquipélago me deslocara, mas sem qualquer resultado. Há tradições que custa a quebrar e outras que custam a manter. Num dos anos em que fomos com as primas do

Azinhoso para a Póvoa, a mais nova (Stella) namorou com um tipo que tinha um Karmann



Ghia.

Não me lembro do nome verdadeiro dele, mas chamava-lhe Agapito por razões que ora desconheço, nem sei se era alto ou baixo, mas apenas a memória do carro permaneceu. Já nesta altura os carros tinham papel predominante e por isso estas memórias marcam, repetidas vezes, a sua presença no meu imaginário. A outra prima, mais velha, a Ester já era casada com o Dr. Artur de Oliveira Pimentel (advogado) que foi - várias vezes - Presidente da Câmara Municipal de Mogadouro, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Procurador à Câmara Corporativa na IX Legislatura, Presidente da Comissão Distrital da União Nacional de Bragança (1969), Conservador dos Registos Cíveis e Prediais (1961-1969) e Deputado da Assembleia Nacional²⁰.

Os meus avós (e umas tias-avós de Trás-os-Montes) apareciam lá a visitar-nos aos fins de semana. Eram sempre visitas curtas acompanhando uma ou duas refeições. Fugazmente, poderiam ir até à praia, todos vestidos, sem se descalçarem, e colocando-se sempre na sombra abrigada do toldo ou barraca, alugados ao mês, para proteger a brancura das peles da família. Se fossem à praia, as criadas teriam de ir lá, mais tarde, levar o lanche nas suas cestas de verga, todas aperaltadas nos seus vestidos pretos, com golas e mangas brancas, sob um calor estival. Os biquínis e fatos de banho mais ousados ainda não tinham chegado a esta região do país, e os homens e jovens ainda usavam maioritariamente fatos de banho com alças em vez de calções. Aliás, jamais esquecera que era bem novo quando fui multado em Espinho, em dois mil e quinhentos [réis] (dois escudos e cinquenta centavos ou € 0,01) por andar descalço fora do perímetro do areal, por um “cabo-de-mar” zeloso (ainda não havia a famigerada ASAE nessa época) que me apanhara descalço numa passadeira para os lavabos.

Eram sempre casas grandes estas casas de aluguer de férias, para os meus pais, a minha avó paterna, eu e a minha irmã, mais a empregada, quando não iam também as primas do Azinhoso. Quer na Póvoa de Varzim, quer, mais tarde, em Espinho, estas casas eram disponibilizadas sempre com o recheio fundamental e equipamentos suficientes, para uma família viver naquele mês ou meses de aluguer, obrigando os donos das mesmas a refugiarem-se em cubículos que normalmente tinham construído nos seus quintais para poderem obter uma renda extra (provavelmente nunca declarada ao fisco) dos forasteiros que há décadas vinham a banhos. Nos primeiros anos lembrava-me da excitação que era sentar-me na camioneta das mudanças que levava as malas, o frigorífico, talheres, serviços de louça e roupa entre outras comodidades para preencher os vazios deixados pelos donos das casas no seu recheio. O transporte fora durante anos organizado por um polícia, que era oficial de diligências do meu avô no Tribunal do Porto na Rua de Santa Catarina, e a viagem até Espinho nesses anos (em que não havia autoestrada até aos Carvalhos) demorava uma hora para os míseros dezassete quilómetros numa estrada concorridíssima, decerto bem mais lenta do que os comboios que seguiam paralelos à mesma

20 8ª legislatura 1961-1965, 10ª legislatura 1969-1973, XI Legislatura 1973-1974

Voltemos a esta ilha de S. Miguel. Aqui existem ainda coisas positivas que são raras no resto do mundo. Ao chegar a casa, vindo de Ponta Delgada, estacionara quase ao fundo da rua pois havia tratores e vários carros à porta de casa, e a vizinha Maria da casa em frente (uma emigrada do Canadá) veio bater à nossa porta, já era noite alta, a dizer-me que podia colocar o carro no meu sítio preferido, em frente à porta ... As outras viaturas que ocupavam o espaço favorito já tinham ido embora.... Isto fez-me lembrar uma outra cena, ora divertida para recordar mais adiante, passada algures em 1968 ou 1969.

Começo por descrever os vizinhos da nossa casa no Campo Lindo para onde mudamos em 1959 em mais pormenor. Começamos pelo nosso prédio, propriedade do arquiteto (falecido em 2015) Alfredo Nery Durão de Matos Ferreira, já conhecido da família e de origem transmontana, natural de Urrós, Mogadouro, junto à fronteira (depois de Bemposta e antes de Sendim de Miranda). Tinha construído este prédio para ele e família em 1958. No rés-do-chão viveu até falecer a sua mãe Berta Nery. Nós vivíamos no 1º andar, no 2º andar uma família fidalga, quase falida, sem filhos, de apelido Santa-Martha (o José Pedro e a Maria Cândida) e no 3º andar, o dono do prédio, a mulher e os três filhos. Depois acrescentaram um outro andar, por cima, sem licença municipal. Aí, nesse andar, a todo o comprimento da casa, tinha o arquiteto, um enorme salão preenchido com uma gigantesca rede de comboios elétricos que faziam as minhas delícias, bem como o seu estúdio de trabalho voltado para a frente, que também era a sua sala de música onde aprendi, bem novo, a gostar de Bob Dylan, Joan Baez e tantos outros logo no início da década de 60.

Ele gostava que lhe fizesse companhia (o filho mais velho dos gémeos dele, mais ou menos da minha idade, era retardado) e tocava as suas músicas favoritas que também passaram a ser as minhas favoritas... Por cima, no terraço havia de acrescentar uma pequena piscina onde também íamos sempre que podíamos. Claro que este acrescento do 4º andar e piscina eram ilegais e o meu tio, arquiteto Almeida D'Eça, diretor de urbanismo na Câmara Municipal do Porto, estava sempre a ameaçar que ia mandar lá os fiscais (felizmente, nunca mandou).

A minha avó paterna continuava a sua infeliz vida sempre sem um queixume, remetida ao conforto do seu quarto onde tricotava ou crochetava, quando não jogava uma das muitas paciências de cartas que a entretinham. À medida que os anos passavam iam falhando amigas e primas e saía menos vezes ou vinham-na buscar menos vezes. Quando lhe apetecia tocar piano lá ia para o 150 da mesma rua do Campo Lindo para casa de meus tios tirar o pé à pianola embora há muito tivesse desistido de nos ensinar (aos netos) a conseguir algo mais que uma ou outra nota solta duma qualquer canção popular da época.

Muitos anos depois da sua morte descobriu-se um livrinho no qual ela apontava as despesas que fazia com a escassa mesada que o filho lhe dava (provavelmente contra vontade da minha mãe que nunca parou de a recriminar). Nesse livrinho até os poucos selos gastos em cartas para o Brasil para o filho mais velho (que nunca a veio ver e raras vezes lhe escreveu) estavam apontados, além dos romances de lá e fio de tricotar. Tinha medo que alguém a acusasse de gastadora! Deve ter sofrido muitas privações nesses anos derradeiros de vida, limitada a estar presente como estranha na casa do filho e da nora e com umas breves fugas até à casa das filhas para não ouvir da minha mãe as bocas do costume “se está lá tão bem, e a tratam tão bem porque é que não se muda para lá?”

Pode ter tido os seus defeitos, nunca foi habituada a trabalhar nem a fazer nada, de repente perdeu o marido, a fortuna e viu-se dependente do segundo filho com quem foi viver, enquanto o resto da família se deleitava com os despojos da fortuna e a nora a torturava psicologicamente (tal como minha avó materna fizera à bisavó, mãe do meu avô materno). Pensei nisto ontem e achei que tinha o dever de acrescentar estas linhas pois nunca tinha tentado ver como devia ser difícil a vida dela sem autonomia, sem dinheiro, sem teto seu e sempre dependente dos outros e das suas vontades. Mesmo assim guardo dela a melhor das memórias e a forma como o meu pai conseguiu gerir a presença dela e a da minha mãe sob o mesmo teto. A minha irmã tem uma leitura diferente dos eventos, por ter estado sempre na linha seguidista da minha mãe e por outro, era demasiado pequena à data da sua morte (11 anos) para que pudesse ter sido demasiado influenciada pela avó paterna.

O primeiro café da nossa zona, o Café Cenáculo, abriu - se a memória me não falha - em 1961, na esquina do Campo Lindo com a Rua Antero de Quental nº 1035. O nome evocava quer a Grécia Antiga quer os grandes debates filosóficos entre os escritores do final do século XIX. Era muito frequentado pelos estudantes de Medicina da zona e mais tarde por

peessoas como eu. Criou-se ali uma verdadeira tertúlia de casais numa certa idade (como os meus pais) que criaram hábitos e mesas fixas. Curiosamente, e mau grado muitos dos originais membros da tertúlia já terem falecido, ainda se mantém essa rotina, quarenta e cinco anos mais tarde, conforme a minha mãe (83 anos) e irmã (51) bem atestam. Tomava-se um café depois do almoço e depois a tarde ia escorrendo e as pessoas iam ficando para o lanche. Durante muitos anos, na fase final do liceu e na universidade, passei ali muitas tardes a estudar, a ver quem entrava e saía ou ocasionalmente a jogar bilhar na cave sordidamente escura e insalubre. Por vezes, era este o sítio onde se trazia uma namorada nova para impressionar o pessoal. A minha mãe, um certo dia, dissera-me para não trazer mais nenhuma que já nem os nomes conseguia fixar quanto mais as caras delas.

Uma das habituais fugas a esta rotina era a de ir ensaiar um grupo de música rock muito *soft* que era inicialmente chamado “Fantasmas do Ritmo” constituído por mim na voz, pelo Jorge Alvarez na bateria e pelo primo deste o António Jorge Oliveira Martins no piano. Mais tarde acrescentaram-se as guitarras e violas elétricas, mas já então desistira de ser vocalista dada a total nulidade para a função. Fiz, isso sim com mais sucesso, a gestão doutros grupos musicais que levei a atuar na Igreja de Cristo-Rei, pedindo emprestada a aparelhagem de som ao primo Henrique Pinto Leite. A Babs & ... como era conhecida a banda que tinha uma vocalista feminina (coisa raríssima na época) era a principal atração desses concertos para jovens, apadrinhados pelos padres franciscanos de Cristo-Rei. Eu ficava por detrás do palco a movimentar o órgão de luzes e a consola sonora. A atração pelo espetáculo fazia-se sentir.

Voltemos aos vizinhos, do lado esquerdo da casa havia meia dúzia de prédios, mais antigos que o nosso, e habitados por pessoas de poucas posses, e no andar térreo desses havia uma droguaria (a filha do dono era bem conhecida pelo seu penteado à Madame Pompadour, um pouco fora da época), a mercearia do senhor José (que emigrou para a França) e depois foi do irmão, senhor Manuel, e uma confeitaria Brasília cujo dono era um inventor falhado que tinha acabado de inventar um ecrã para dar cor à televisão a preto e branco... O dono da confeitaria e inventor já há muito desaparecido da região seria substituído por outro cuja confeitaria passaria a ser denominada Universal mas que nada tem a ver com o vizinho Cineteatro Vale Formoso (onde eu ia na década de 1960 ver filmes e ouvir bandas musicais) e que na década de 1990 foi adquirido pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e deixou de passar filmes pornográficos. Na esquina por cima da Brasília havia o alfaiate de apelido Sereno que nos vestiu durante largos anos.

Do lado direito da casa (para quem está virado para a rua) havia melhor vizinhança. No r/c contíguo vivia a simpática família do Pinto de Almeida um fala-barato, vendedor de não-sei-o-quê, por cima havia não sei quem e os pais do João Cabeçudo assim denominado por ter uma cabeça desproporcionada em relação ao corpo, e no terceiro e último andar havia um engenheiro transmontano de Vila Real, de apelido Serôdio. E a recordação do caso da vizinha aqui da Lomba da Maia me vir chamar para estacionar o carro à porta de casa, sempre que os tratores se vão embora, trouxe-me este vizinho à memória. O engenheiro Serôdio seria notícia familiar em 1969, quando eu resolvera ir dar uma volta no Fiat 850, o carro dos meus pais (obviamente eles não estavam) e ao regressar vi que ele tinha posto o BMW 600 Isetta no lugar em que eu deveria recolocar o carro. Já era quase meia-noite, os meus pais quase a chegar pelo que tive de pedir à minha irmã para ir lá a casa dele explicar-lhe a situação. E o desgraçado do senhor Serôdio lá veio, de roupão e chinelos de quarto, mudar o carro para eu estacionar... Nunca mais tive coragem de o olhar...

A irmã do meu tio Almeida D’Eça namorava com o atual marido que tinha um carro sensacional parecido a este. Era tão leve que quase se pegava nele ao colo.... Tratava-se

também duma invenção germânica como a anterior. Era mais pequeno, menos potente e mais leve e surpreendia toda a gente porque andava embora mais soasse a uma motorizada qua um carro. Recordo esse carro de 2 cilindros e 15 CV Goggomobil assim batizado em honra dum sobrinho do Presidente da companhia que os fabricava, Hans Glas, cujo diminutivo era "Goggi". Daqui resultou Goggi's Mobile (minicarro) e Goggomobil. Era um pequeno veículo que acabou por ser um sucesso devido a ser um autêntico carro em miniatura, e não uma motorizada. Mudaram os tempos, as gentes, os carros, as casas e as ruas.



Hoje é proibido parar à porta daquela casa no Porto e já nem sequer conheço os vizinhos, mudaram ou morreram todos, mas agora jamais esperaria deles algo que nem sequer um bom dia...mudam-se os tempos... creio que do meu tempo apenas restam (e ambas naquele prédio como moradoras) a minha mãe e a viúva do senhorio. Desses tempos infanto-juvenis tenho outras recordações que adiantei surgem em catadupa.

31.3. DE VOLTA À MINHA INFÂNCIA, MUDANÇA DE CASA N.º 2 E LICEU. 1 novembro 2006

A entrada para o Liceu foi traumática pela mudança total de ambiente e metodologias. Coincidiu com a mudança de casa para outra zona do Porto, ainda na hiperfreguesia de Paranhos. A vivenda onde vivíamos na Rua de Maria Pia era antiga e tinha algumas deficiências estruturais que o tempo acentuava. Há muito que a minha mãe vinha clamando que seria melhor mudar para uma mais pequena e mais fácil de lidar do que esta com tantos andares e um quintal. Assim, passamos para um apartamento num andar com quatro quartos, cozinha, quarto de criada como se chamava naquele tempo, e uma pequena varanda com um WC e vista para o quintal do andar de baixo e um enorme pátio interior cheio de garagens das casas das traseiras. A Rua chamava-se (e chama-se) bucolicamente do Campo Lindo embora os campos e quintas naquela época estivessem já a quinhentos metros nas imediações da Igreja de Paranhos à espera da construção da VCI (Via de Cintura Interna). Mais acima ficava a Rua de Vale Formoso que contrastava com a Rua de Lindo Vale, que era paralela à anterior Rua de Maria Pia e a de Costa Cabral. Os formosos e os lindos perseguiram-nos.

Eu teria pouco mais de nove anos quando mudámos em 1959 e a minha irmã andava pelos quatro. A principio achei esta zona mais atrasada do que aquela em que vivíamos. Quase não havia lojas nem cafés nas imediações e a calma da nossa anterior rua tinha sido trocada pelo constante rodar metálico do elétrico n.º 8 que terminava a sua carreira ao fim da nossa rua. A linha era única e bifurcava ao cimo da rua onde um elétrico esperava pelo outro. Passava ali também o autocarro que seguia para a Maia. Era uma rua secundária e sem trânsito, ao contrário do que se passou durante anos, em que funcionava como desvio da VCI, da Arca de Água e da Igreja de Paranhos. Em frente a casa havia um Palacete da família Barbot, mais tarde convertido em Centro de Educação Especial, mas não sem que antes tenha sido usado como palco de sessões de fotografia que mandava às minhas correspondentes no estrangeiro para as impressionar. A mania das grandezas, fogo-fátuo das aparências já me contaminava então. Essas correspondentes chegaram a atingir dezenas com preferência pelas nórdicas (Suécia e Finlândia) embora posteriormente se tivessem acrescentado outros países da Espanha à Nova Zelândia. Era uma renda só em selos para o estrangeiro que me consumia grande parte da mesada.

Nunca tive muitos amigos nas redondezas. Os nossos primos Almeida D'Eça viviam a uns 200 metros de distância perto do Palacete da avó deles que mais tarde o meu tio converteria num prédio de quatro andares de apartamentos. Entretanto haveriam de viver muitos anos no número 150 da mesma rua mesmo em frente ao Palacete do Dr. Vitorino Leão. Um dos filhos deste médico mais tarde seria um amigo, de longa data, tendo feito a tropa comigo em Timor enquanto outros irmãos foram alunos da minha mãe. Havia duas jovens atraentes que faziam trepidar-me, mas a vida afetiva delas era algo que não se pode qualificar de propriamente proba. Uma (Gina) era filha dum advogado com fama de vigarista e a outra (Odete) filha duma colega da minha mãe.

Não obstante esta mudança de casa e de zona residencial, fui um aluno acima da média nos dois primeiros anos (antigo ciclo preparatório ou 5º e 6º ano de escolaridade), do Liceu.

O Liceu Alexandre Herculano na Avenida Camilo do Porto, notável desde que em 31 de janeiro de 1916, o Presidente da República, Bernardino Machado, presidiu à cerimónia do lançamento da primeira pedra do edifício concebido pelo Arquitecto Marques da Silva. O novo Liceu foi frequentado a partir do ano letivo de 1921/22.



O edifício concebido pelo Arqt.º Marques da Silva contemplava inicialmente 28 salas de aula, laboratórios, gabinetes e salas específicas para Física e Química; espaços especiais para aulas de Ciências, Geografia, Desenho e Música; Biblioteca, anfiteatro para espetáculos (Teatro e mais tarde Cinema). Havia ainda 5 pátios de recreio, um pátio de desporto, 3 ginásios, piscina, cozinha e refeitórios, sanitários, gabinetes médicos, sala de professores, gabinete do médico escolar e 3 "habitações" para o Reitor, para o chefe de secretaria e para o tarefeiro (cf. Relatório anual do Liceu 1934/35). No início da década de 1960, por iniciativa do Reitor Martinho Vaz Pires, acrescentaram-se 8 salas de aulas para garantirem um aumento à previsão inicial de 800 alunos, distribuídos pelos cursos Geral e Complementar (Letras e Ciências). As únicas alterações verificaram-se nas salas que passaram de 28 para 36 e a construção de uma Capela destinada, nas palavras do Reitor, aos pais que acompanhavam os filhos aos exames. Desde a sua origem em 1906, até ao ano de 1933 a frequência é mista. A partir de 1933 passa a ser só masculina.

As memórias de professores são escassas, mas não posso deixar de referir aquilo que considerei sempre uma injustiça: o professor Moraes Sarmiento (História) obrigava os melhores alunos a terem explicações privativas com ele, para subirem de nota. Eu era um aluno acima da média em História e achava inacreditável ter de ir a casa dele para me subir a nota. Outro professor que me deixou uma má impressão foi um Henrique (qualquer coisa) Sá que era da família das primas do Azinhoso e que um dia me expulsou da aula de Matemática por qualquer razão que então achei injusta e da qual me não recordo.

O professor de Música (então chamava-se Canto Coral) até eu ter 12 anos achava que eu tinha uma ótima primeira voz. Escolheu-me como aluno modelo e ali estava eu em todas as aulas na primeira fila a mostrar aos outros que era melhor que eles nalguma coisa. Tremendamente frustrante foi a mudança de voz no ano seguinte que me impediu de ser o melhor em qualquer coisa... Daí eu ter gravado em 1961 um disco EP (45 rpm) em casa do meu Tio Artur Mesquita Guimarães do qual me recordo apenas do principal tema "Et maintenant" (de Gilbert Bécaud) e de um cântico de natal.

Dos restantes profes pouco ou nada sobra no arquivo da memória. Havia a de Português que era monstruosamente grande e que por esse motivo recebeu o maldoso cognome de “carro de assalto”. Da professora de Francês (Graça) lembro-me das filhas que ela transportava para o Liceu Rainha Santa Isabel e que, por vezes, me dava boleia no carro dela. O professor de Moral era salvo erro, o Padre Brochado que tinha a mania das sabatinas e de dar “santinhos” aos melhores e mais rápidos a disparar os conhecimentos religiosos, além de dirigir o jornal “Prelúdio”. Dos restantes profes não guardo qualquer memória, assim como dos de Desenho (matéria tenebrosa para um mal-amanhado como eu).



jornal do Liceu²¹

A ida para o Liceu era demorada. Quando não apanhava o elétrico n.º 8 na Rua do Campo Lindo, ou n.º 7 ou 7/ (ler sete com traço) na Rua de Vale Formoso, ia a pé até à Rua da Constituição (10-12 minutos) apanhando outro carro elétrico da linha 20 até à Praça do Marquês de Pombal (uns dez minutos mais) e aí tomava o n.º 15 até Silva Tapada ou o n.º 15/ Antas que me levava mesmo até ao Bonfim, só tendo de fazer uns 200 metros a pé até à Avenida Camilo. De elétrico a viagem demorava, em média, uma hora, se não houvesse atrasos e a coordenação de horários fosse esmerada, o que por vezes, era complicado.

Depois comecei a ter boleia regular na viatura dos Bombeiros disponibilizada ao vice-presidente da Câmara Municipal do Porto (Eng.º Veiga de Faria) ou ao Vereador Barbot que eram pais de colegas meus. Eu ia a pé, ter a casa deles (eram só dez ou doze minutos) na Rua de Faria Guimarães (as casas já foram demolidas) e depois apanhava o carro dos Bombeiros que nos levava ao Liceu. O carro dava um salto, com as quatro rodas no ar, quando acelerava na descida da Avenida Fernão de Magalhães, onde há agora o Hotel Vila Galé Porto. Parecia que o estômago ia para o tejadilho do carro. Nunca esquecerei essa sensação matinal tão agradável, quase regurgitava o pequeno-almoço como se fosse herbívoro. Eram bem poucos os que eram transportados de carro, nessa época, apesar de haver naquele Liceu alguns nomes bem-soantes da nossa praça que eu já esqueci. Outras vezes apanhava boleia da citada professora de Francês, que morava na esquina das ruas de Faria Guimarães com António Cândido, com as filhas que cursavam o Liceu Rainha Santa Isabel.

Em 1959 chegaram ao Porto os primeiros troleicarros. Foi uma loucura pois toda a gente queria experimentar aquele novo meio de transporte, bem silencioso em relação aos velhos, lentos e ruidosos carros elétricos. Eram pintados de vermelho escuro e com o tejadilho cinza, sendo fabricados em Inglaterra pela BUT - British United Trolley, com chassis Leyland e motor elétrico de 99 kW (135 CV) Metropolitan-Vickers; com duas portas e podiam transportar até 55 passageiros, dos quais 32 sentados. A primeira encomenda de 20 carros chega ao Porto durante os primeiros meses de 1959 e durariam até 1992. Acabaram de vez em 1997 quando se extinguiu a última linha (#49) entre o Mercado do Bolhão e o Hospital de S. João.

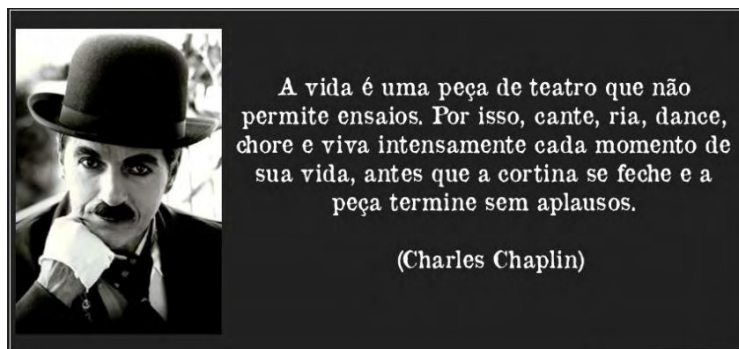


O Liceu feminino (Rainha Santa Isabel) ficava ao lado das traseiras do nosso (Alexandre Herculano) e era para lá que íamos ver a saída das meninas sempre que podíamos e a PSP (Polícia de Segurança Pública) não nos enxotava, pois para tal estava ali. Dizem que em Lisboa a cena era diferente, mas no Porto de brandos costumes, não se misturavam os jovens dos dois sexos em estabelecimentos de ensino até à Revolução de abril de 1974.

21 Com a ajuda dum colega de nome Celso fizemos uma versão concorrente deste jornal dos padres e obtivemos apoios para o manter durante dois anos.

Eu havia sido o mais novo a entrar na Escola Primária com 6 anos e o mais novo ao entrar no Liceu ainda com 9 anos, o que para além de ser um recorde para a época me deixava bastante orgulhoso. As turmas tinham então cerca de 30 alunos. Aos 11 anos estava já no terceiro ano e até ao quinto ano do Liceu fui excelente em Francês e Inglês (o que não admira se tivermos em conta que frequentava um curso de línguas privado) e era bastante bom a História e a Geografia. A Português curiosamente raramente recebia mais do que um 10... nas outras disciplinas mostrava dificuldades a Desenho, a Matemática, Física e Química.

Ora se voltarmos ao presente (2006), o João entrou este ano no Liceu a seguir a uma mudança de casa e de escola (também a terceira mudança dele) sem grandes traumas aparentes e com uma capacidade de adaptação bem melhor do que o pai. Frequenta a catequese local, tem inúmeros amigos aqui onde vivemos e não tem havido problemas na escola apesar da mudança de turma e de colegas. Aproveitamento acima da média, sem qualquer esforço (bem sei que a média aqui é baixa...) com uma rápida capacidade de absorção de conhecimentos e uma memória boa, enorme aptidão técnica e tecnológica, falta de capacidade de concentração e de atenção por períodos longos, pauta a sua vida por objetivos em jogos da PlayStation e diariamente nos comunica que ultrapassou as metas que tinha imposto a si mesmo em relação a esses jogos. Uma nova geração desponta e a nós, mais velhos, nada mais resta do que isto que aqui fiz, reminiscências em retalhos da vida ...



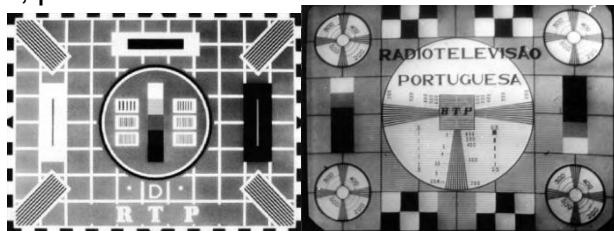
31.4. ENTRETENIMENTOS, JORNALISMO, XADREZ E RÁDIO



A rádio sem fios (TSF) era uma companhia habitual. Eu tinha um pequeno rádio galena com uns auscultadores do tempo da 2ª Grande Guerra quando o meu pai e a minha tia (irmã dele mais nova) eram locutores na Rádio Renascença. Nele ouvia o programa 23ª hora na RR (Rádio Renascença) todas as noites antes de me deitar, realizado por Joaquim Pedro, Matos Maia, João Pedro Baptista (o trio criador), João Martins, Armando Marques Ferreira e Fernando Curado Ribeiro. Mais tarde com José Corte Real. Era nesse programa que em 1966 surgiria o eterno “5 minutos de Jazz” do José Duarte... E havia ainda o programa PBX de Carlos Cruz e Fialho Gouveia no RCP (Rádio Clube Português) em 1967.

Os entretenimentos eram poucos, jogar às cartas (King, canasta e paciências), dominó, Monopólio. Quando era pequeno, passava horas a olhar para esta merda. Não me

perguntem porquê. A mira técnica até tinha um primo, que se chamava "Pedimos desculpa por esta interrupção. O programa segue dentro de momentos", que tinha o diminutivo de "Olha, partiu-se a fita outra vez!"



A TV era parca e insípida. Havia o Pedro Homem de Mello com a divulgação do folclore na sua voz afetada, companheiro de nascença do meu pai em Afife.

Recordo igualmente (e durou trinta anos) o programa do engenheiro Sousa Veloso da TV Rural, sempre sorridente com o seu capachinho pintado de preto, na cabeça. O programa nasceu a 6 de dezembro 1960, "TV Rural", e iria ficar "no ar" até 15 de setembro de 1990, marcando assim 30 anos da televisão e da vida do Eng.º Sousa Veloso. Depois dos primeiros curtos filmes sobre agricultura, Sousa Veloso passou a conduzir o programa sozinho, e em pouco tempo foi dominando as várias técnicas de televisão. Muitas vezes, era ele quem produzia, realizava e montava, para além de apresentar. O seu estilo ficou para sempre ligado ao programa, e a sua voz reconhecia-se em qualquer sítio, tal era o hábito, carinho e interesse que os portugueses tinham adquirido em ver a TV Rural. Em 1963 Sousa Veloso recebe mesmo o Prémio Imprensa, por TV Rural. Os pesadelos da minha infância são povoados por este senhor.



Os desenhos animados na televisão eram depois da TV Rural, e tinha de assistir ao programa do Sr. Eng.º, desesperando pelo seu fim, à medida que ia desenvolvendo dentro de mim um sentimento que ainda não conhecia bem. Cheguei a odiar o Eng.º Sousa Veloso, desejava que ele desaparecesse para não haver mais TV Rural antes dos desenhos animados... Frase mítica: "Despeço-me com amizade até ao próximo programa."

As corridas de touros eram transmitidas na quinta-feira à noite, e lembro nomes como João Branco Núncio, Manuel Conde, José Mestre-Baptista, Alfredo Conde e os Forcados Amadores de Lisboa e de Montemor-o-Novo. Na altura, todos viam touradas e ainda não eram consideradas um entretenimento sangrento como eu hoje as considero. Havia ainda um ou outro programa de variedades ao sábado vindo de Itália (ou era o Festival de San Remo?), filmes poucos e maus, muito teatro português à moda antiga, cheio de declamação e muita falsidade emproada. De 1960 a 1969, o Telejornal mantém-se como um dos programas com mais horas de emissão.



[José Gomes Ferreira e José Fialho Gouveia no Telejornal](#)

O agravamento dos conflitos nas colónias portuguesas também para isso contribui. Mas são várias as reportagens ao longo de 10 anos: a visita papal, a chegada do homem à lua, as vitórias portuguesas no desporto, e até a situação política nacional. Uma equipa sempre em conflito com a censura, cuja bitola nem sempre deixava margem para que os portugueses pudessem saber o que acontecia e qual a sua real dimensão para o contexto nacional, europeu ou mundial.



Artur Agostinho era presença constante nos concursos

Durante esta década a programação infantil assumiu um papel mais forte na televisão e junto do público. A equipa que levou este projeto a bom porto tinha nomes que hoje são uma referência e que então fizeram maravilhas. Deles evoco João Lobo Antunes e Júlio Isidro. Foi com eles que aprendi a jogar melhor Xadrez...



(Tudo começou no dia 16 de janeiro de 1960. Num programa para crianças. Na altura eram os dois alunos do Liceu Camões e o João "ensinava xadrez em direto na televisão". Além disso o rapaz louro de olhos azuis recebia todas as "cartas das meninas" e "as cartas que eu (Júlio Isidro) recebia, vim a saber mais tarde, eram escritas pelas minhas irmãs)". Aparecem, entretanto, as séries míticas, como "Os Vingadores", a "Missão: Impossível", ou o favorito

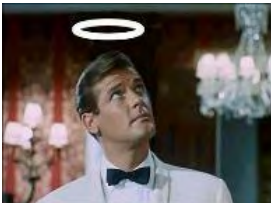


de todos: "Bonanza"

que marcam profundamente os anos 60. Esta série Bonanza contava com Lorne Green a fazer de pai (Ben Cartwright com a sua máxima "Old fools make poor fathers."), Pernell Roberts no papel de Adam, Dan Blocker no de Eric "Hoss" e Joseph "Little Joe" desempenhado por Michael Landon. Havia ainda o cozinheiro Hop Sing desempenhado por Victor Sem Yung e Ray Teal no papel de Xerife Roy Coffee. Quem não se lembra de Robin dos Bosques? com Richard Greene no papel principal de Robin Hood, com Archie Duncan como Little John, Alexander Gauge como Frei



Tuck e Paul Eddington (o da série Yes Minister) como Will Scarlet? E Guilherme Tell com Conrad Phillips no papel principal e Jennifer Jayne como Hedda Tell, Nigel Green como o amigo gordo de Guilherme Tell's (O Urso/The Bear). Havia ainda o "Santo" com um jovem Roger Moore, ou este a fazer "Maverick" (1957), um jogador de cartas no Oeste Bravio). A "O Santo" durou sete anos (1962-1969 dos quais 71 a preto e branco e 47



a cores. Recordo igualmente Roger Moore em "The Alaskans" (1959 a história de dois vigaristas durante a corrida ao ouro no Alasca)



Melhor era *“Ivanhoe”* (1958).

*“Ivanhoe, Ivanhoe to adventure, bold adventure, watch him go;
There's no power on earth can stop what he's begun;
With Bart and Gurth, he fights till he has won;
Ivanhoe, Ivanhoe ...”*

O tema musical era:

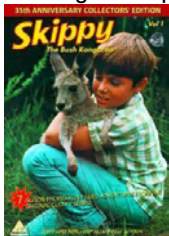
A série foi adaptada da obra de Sir Walter Scott, com um muito jovem Roger Moore no papel principal de Sir Wilfrid de Ivanhoe, filho de Sir Cedric de Rotherwood. Decorria no reinado de Ricardo I (vulgo Ricardo Coração-de-Leão). As Cruzadas tinham terminado em desastre para o jovem rei inglês que era presumido morto. O irmão, ambicioso e malévolo, Príncipe João (Andrew Keir) tornar-se-ia rei e retiraria os direitos e as terras ao povo. Mas Ivanhoe e os seus companheiros Bart (Andrew Pike) e Gurth (Robert Brown), eram ex-escravos libertos do sadístico e traçoeiro Sir Maurice de Melensford (Anthony Dawson famoso pelo *“Dial M For Murder”* & *“Dr. No”*). Tudo isto girava em volta das tentativas de o Príncipe João aceder ao trono britânico e as contramanobras de Ivanhoe em nome da justiça para as turbas num enredo complexo para uma duração de apenas trinta minutos.

Jamais olvidarei uma série australiana de 1960-1961 *“Whiplash”* (Peter Graves o da *Missão Impossível*) no papel de Christopher Cobb no deserto. Contava a história do norte-americano Cobb e a sua criação na Austrália da primeira



carreira de carruagens na Nova Gales do Sul, Austrália).

Nunca imaginaria que iria percorrer esses locais umas décadas mais tarde. E havia o *“Skippy, the Bush Kan-*



garoo”, a estrela desta série era Skippy um Eastern Grey Kangaroo, num fictício Waratah National Park (baseado e rodado no real Ku-ring-gai Chase National Park a norte de Sydney), e as histórias eram centradas nas criaturas e nos perigos das suas aventuras no mato australiano, cuja música composta por by Eric Jupp é ainda hoje reconhecida mundialmente.

Bem longe estava eu de saber que o meu percurso me haveria de levar aquelas paragens... Algumas séries virão mesmo a ser transpostas para a tela mágica do cinema nos anos 80 e 90. Gradualmente, as séries viriam a tornar-se um dos tipos de programas mais visto, e não era para menos.

Estes dois eram os rostos de um programa mítico que ficou no coração de muitos portugueses: Museu do Cinema (1957-1975). Jornalista, produtor, realizador, homem de teatro e tantas outras coisas, António Lopes Ribeiro apoiou a primeira obra de Manoel de Oliveira *“Aniki Bobó.”* Mítica era a sua frase do *“diz Boa-Noite, António”* e o António Melo lá



balbuciava *“boa noute”*.

António Lopes Ribeiro

e António Melo

Ao domingo havia a missa em direto.

Em 1963, surge TV Jazz, um programa para os apaixonados do Jazz, que então não o perdiam por nada, e mais globalmente para todos os amantes de música e que era uma versão bem mais completa do que os 5 minutos de Jazz da rádio (então e hoje) apresentados pelo José Duarte que consegue, desde 1966, fazer o impensável: um programa radiofónico com apenas cinco minutos de duração. Ao longo das últimas quatro décadas foi escutado por três gerações de ouvintes. Há 40 anos, um jovem dileitante era convidado para fazer um programa de jazz na Rádio Renascença. Esse jovem era José Duarte e o programa, *“Cinco minutos de jazz”*, viria a tornar-se numa autêntica lenda da rádio nacional não há outro

que tenha durado tanto tempo. "1, 2, 3, 4, 5 minutos de jazz", a frase com que José Duarte imortalizou o programa, esteve na Rádio Renascença até 1975, altura em que sofreu uma interrupção forçada para regressar na Rádio Comercial, em 1983. A partir de 1993, passou a integrar a programação da RDP Antena 1, onde hoje pode ser ouvido, de segunda a sexta, às 18.50, 22.50 e 1.50 horas.

Em 1964 é a estreia de "Riso e Ritmo", um programa de humor muito "nonsense", com 'gags' humorísticos entre o irónico e o absurdo. Idealizado e protagonizado por Francisco Nicholson e Armando Cortez, contava com a colaboração de José Mensurado.

2 de fevereiro 1964 estreia o "Grande Prémio TV da Canção Portuguesa".

Em Portugal, o evento passou depois a ganhar a imagem "glamorosa" e o estatuto de um verdadeiro espetáculo mediático a nível nacional. O vencedor dessa noite, António Calvário, representaria semanas mais tarde Portugal no "Concurso Eurovisão da Canção", em Copenhaga. A ele se seguiriam em 1965 Simone de Oliveira, 1966 Madalena Iglésias, Eduardo Nascimento, cantor negro de voz quente, é o primeiro entre os cantores portugueses no Grande Prémio TV da Canção Portuguesa. Lá fora Sandy Shaw é a grande vencedora da Europa. 1968 é a vez de Carlos Mendes, mas ainda não é desta que a vitória canta português. Ainda assim, 5 pontos são obtidos em Londres...em 1969 O ano da "Desfolhada", da segunda vitória de Simone de Oliveira e de um grande escritor e poeta: Ary dos Santos. Em 1969, no Eurofestival, acabam em 1º lugar Espanha, França, Holanda e Reino Unido. Como tal, vários países abandonam a competição. Portugal fá-lo em setembro de 1969. em 1971 Uma jovem e bonita promessa na canção portuguesa, Tonicha, dá voz às palavras de Ary dos Santos e representa Portugal no estrangeiro, 1972 Carlos Mendes vence, com "Festa da Vida", e vai representar Portugal a Edimburgo. 1973, um ano antes da "Revolução dos Cravos", Fernando Tordo canta "Tourada" e carimba assim o passaporte para o Festival da Eurovisão. 1974 a par com "Grândola, Vila Morena", Paulo de Carvalho canta "E Depois do Adeus", as duas músicas que iniciariam a Revolução de 25 de abril. Esta última visita a Europa.

E os vencedores neste período foram

- 1956 - Refrain, Lys Assia (Suíça)
- 1957 - Net als toen, Corry Brokken (Holanda)
- 1958 - Dors mon amour, André Claveau (França)
- 1959 - Een beetje, Teddy Scholten (Holanda)
- 1960 - Tom Pillibi, Jacqueline Boyer (França)
- 1961 - Nous les amoureux, Jean-Claude Pascal (Luxemburgo)
- 1962 - Un premier amour, Isabelle Aubret (França)
- 1963 - Dansevise, Grethe & Jørgen Ingmann, (Dinamarca)
- 1964 - Non he l'età, Gigliola Cinquetti (Itália)
- 1965 - Poupée de cire, poupée de son, France Gall (Luxemburgo)
- 1966 - Merci chérie, Udo Jürgens (Áustria)
- 1967 - Puppet on a string, Sandie Shaw (Reino Unido)
- 1968 - La La La, Massiel (Espanha)
- 1969 - Viva cantando, Salomé (Espanha)
- 1969 - Bang a bang, Lulu (Reino Unido)
- 1969 - De troubadour, Lenny Kuhr (Holanda)
- 1969 - Un jour, un enfant, Boccara (França)
- 1970 - All kinds of eyerything, Dana (Irlanda)
- 1971 - Un banc, un arbre, une rue, Séverine (Mónaco)
- 1972 - Après toi, Vicky Leandros (Luxemburgo)
- 1973 - Tu te reconnaîtras, Anne-Marie David (Luxemburgo)
- 1974 - Waterloo, Abba (Suécia)

E finalmente Portugal seria o vencedor em 2017 com Salvador Sobral e "Amar pelos dois"



A partir de 1965 a TV apresentou "Ao Serviço da Nação"

Era um programa para mostrar aos portugueses o quotidiano das Forças Armadas pelas regiões de África. Da Guiné, Luís Miranda e António Silva trazem reportagens que não escondem a evidência de guerra. Depois, já com Jorge Teófilo e Alves da Silva, seguem para Moçambique, onde a realidade não diferia grandemente. O que então se dizia serem "missões de guerra e de paz" tornava visível, cada vez mais, que era a primeira que verdadeiramente correspondia à realidade. Apesar de mentirem abertamente ao mostrarem uma situação mais calma que na realidade isto atemorizava já os jovens que sabiam que, mais cedo ou mais tarde, iriam para lá lutar...



1966 "As Árvores Morrem de Pé", uma das peças de teatro que marcaram para sempre os espetadores e as noites de televisão. Gravada no Teatro Avenida, com

público presente, esta foi a última peça com que Palmira Bastos apareceu nos ecrãs de televisão, mas foi igualmente uma das suas melhores atuações de sempre. Quanto ao tratamento televisivo, todo ele esteve a cargo de Fernando Frazão.

1967 - As transmissões de festivais, concertos, óperas e bailados assumem mais importância em cooperação com a rede Eurovisão. A transmissão dos concertos dirigidos por Leonard Bernstein, no Carnegie Hall, em Nova Iorque, é disso um exemplo.



1967 É o ano do "Discorama", um programa da responsabilidade de Carlos Cruz e Diniz de Abreu, com a realização a cargo de Luís Andrade. Falava-se de tudo o que estava relacionado com o mundo da música, numa linguagem nova, diferente, por vezes transigente com tudo menos com o bom gosto e a inovação. Um programa que criou os videoclips, quando ainda estes não existiam em parte alguma, tendo sido depois enviados para a Europa.



1964/1968 David Mourão-Ferreira foi uma presença constante na vida da RTP. Já em 1964 havia apresentado "Hospital das Letras", e agora em 68 retomava o diálogo com o espetador, em "Imagens da Poesia Europeia".



1969 - Um homem apaixonado pela palavra, um homem culto e um comunicador nato, Victorino Nemésio assina neste ano um programa mágico: "Se Bem Me Lembro". Um programa de conversas que o viria tornar bem popular junto do público. E a sua presença tão natural na televisão enganava mesmo - é que era uma absoluta estreia de Nemésio em frente às câmaras. Mas o tempo viria a torná-lo, com justiça, uma presença assídua e importante.

1969 - 8 de janeiro A conselho de Ramiro Valadão, o Prof. Dr. Marcello Caetano avança para a frente das câmaras, e surge em casa dos portugueses a falar na caixa mágica num programa com um absoluto, mas dissimulado objetivo político. "Conversas em Família" foi o nome escolhido. Uma indigestão, a primeira vez que a TV em Portugal foi usada para



propaganda de Estado.



1969 - maio. Quando em Houston se preparavam para revolucionar a história do Homem no espaço, em Portugal a "revolução" era feita mesmo em frente às câmaras. Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, com Luís Andrade na realização, criavam o "Zip-Zip", absolutamente um dos programas mais influentes na história da televisão portuguesa, e mesmo na história do país. Nele tomei parte e fui colaborador - como adiante se verá - na sua versão radiofónica "Tempo ZIP" (1970: Carlos Cruz, Zé Fialho Gouveia, José Nuno Martins, João Paulo Guerra...).



Do 3º ao 5º ano eu passava a vida em casa do João Paulo Seabra Lage que era de Carrazedo de Montenegro ou Jales no planalto do mesmo nome perto de Vila Pouca de Aguiar. Além de jogar futebol num pequeno campo que eles (João Paulo, Eduardo e Carlos) tinham no quintal, jogava imenso xadrez com eles e com um vizinho com o qual fui à final do Torneio Académico de Xadrez Escolar... além disso passava horas com o meu primo Paulo Almeida D'Eça a jogar xadrez até altas horas da manhã. Fizemos centenas de jogos que se prolongavam por dias ou até mesmo semanas... ele ganhou mais vezes que eu...

Desta primeira fase liceal recordava bem, apenas, mais dois ou três colegas como o João Pedro Menéres e o João Paulo Malafaia Baptista. Do segundo descobri um irmão mais velho, ao primeiro “redescobri-o” em 2008, como o responsável pela exploração agrícola de Romeu e do restaurante Maria Rita, ao pé de Mirandela. Escrevera-lhe e já lhe falara. Se ainda não o tinha reencontrado em pessoa ia sabendo dele pelos prémios de azeite ecológico que ganhava e pela obra que fizera na sua quinta, herdada do bisavô Clemente Menéres, um dos grandes personagens do início do século XX em Trás-os-Montes.

A Quinta do Romeu nasceu da visão de Clemente Guimarães Menéres, nascido em 1843 na Vila da Feira, com uma energia enorme. Foi para o Rio de Janeiro aos 15 anos onde então residiam parentes seus. Regressou cinco anos depois, dedicou-se ao comércio e voltou lá mais tarde. Percorreu a Europa Central e de Leste e o Médio Oriente à procura de mercados. Tinha um caminho novo a percorrer. Talvez por isso, acrescentou um nome, Menéres, ao Guimarães que já tinha. Não cabia no País nem na família. Fundou imensas sociedades para exportar produtos portugueses, nomeadamente vinhos, conservas e cortiça. Criou a primeira fábrica de conservas e a primeira fábrica de rolhas em Portugal. Aos 31 anos, em 1874, parte em carro de cavalos para Trás-os-Montes para comprar os sobreirais que ouviu dizer que por lá havia. Cria uma propriedade, a Quinta do Romeu, com uns milhares de hectares dispersos por oito concelhos do distrito de Bragança. Refaz as vinhas que encontra dizimadas pela filoxera e alarga os olivais que existiam. Como a qualidade dos vinhos e o “terroir” o justificavam, na remodelação da Região do Douro de 1907 é autorizado a produzir Vinho do Porto. Participou em muitas feiras na Europa e na América do Norte e do Sul. O diplomata Venceslau de Moraes no seu livro “Cartas do Japão” refere, com elogios, a sua presença na Feira de Osaca de 1903. Em 1902 funda, com os filhos, a atual Soc. Clemente Menéres Lda. Depois de falecer, em 1916, sucedem-lhe os filhos, netos e bisnetos. Um dos filhos, Manoel Menéres, na década de 60, pessoalmente restaura e renova três aldeias locais, cria infantários para as crianças e um restaurante para as sustentar com a sua receita, o Maria Rita, e faz também o Museu de Curiosidades. Com o mesmo espírito, os seus descendentes continuam e aperfeiçoam a Quinta do Romeu, com carinho e dedicação. Também com persistência, muita. Passou esta Sociedade os tempos da implantação da República, das duas grandes guerras, da revolução de abril, da integração europeia e atua agora no palco global. Produz um dos melhores azeites do mundo e vinhos do Porto e de consumo de muita categoria. Vende para a Europa, América e Ásia. Procura-se, no Romeu, uma harmonia entre as pessoas, as culturas agrícolas, o ambiente e a economia. Como se fosse música. Para lá da agricultura biológica, com alma. Eticamente empenhados. Conscientes dos pés na terra e do Divino no “céu”. Alimentados por Ambos.

Voltemos aos estudos, no quinto ano do liceu (1963-64) passei a Letras e chumbei a Ciências pois neste período de 13-15 anos já só pensava em mulheres, pensamento que me iria acompanhar durante grande parte da minha vida. Caso chumbasse nesse ano o meu pai prometera que me ia meter a marçano na mercearia do Sr. José e do Sr. Manuel (mesmo ao lado da nossa casa) mas acabou por não ter coragem, tendo-me posto num colégio externo (o Grande Colégio Universal da Rua da Boavista). Ainda tive a oportunidade de lhe dizer (25 anos mais tarde, em 1988) que tinha cometido um erro ao não ter a coragem de me mandar para marçano uns tempos. Teria aprendido humildade e trabalho. O Grande Colégio Universal era um colégio de rapazes (naquela época não havia colégios nem liceus mistos no Porto) bastante rígido e entregue nas mãos de padres com a fama de serem exigentes. Isso ajudou e permitiu que eu passasse de ano. Raras são as recordações desse ano exceto ter-me estreado a jogar bilhar “snooker” no café da esquina da Rua da Boavista e da Praça da República hábito que se iria prolongar por mais dois ou três anos até terminar o liceu.

Foi durante esta fase que aconteceu outro facto traumático (28 dezembro 1966) quando morreu a minha avó paterna a quem estava tão profundamente ligado. Senti um ruído de noite, mas pensei que fosse o vizinho de cima, o Zé Pedro Santa Martha, que atirara as botas de caça ao chão. Na manhã seguinte veríamos que tinha sido a minha avó a cair. Ainda se

tentou levantar e ali ficou inanimada a noite toda. Ainda hoje sinto remorsos por não ter ido ver. Esta morte marcou-me de várias maneiras bem mais que outras que já tinham ocorrido no seio da família. Tornei-me definitivamente ateu e creio que para além de ter mantido vivas as recordações daquela noite preferi bloquear esta fase da vida e apagá-la da mente. Ape-tecia-me esquecer tudo aquilo. Senti que a vida era demasiado injusta. Perdera o meu primeiro baluarte sólido. Lembrava-me das vezes sem fim que estivera com a minha avó pa-terna a jogar às cartas (ela era perita em paciências). Doutras vezes víamos postais ilustra-dos do fim do século XIX e líamos postais que o meu avô lhe escrevera, numa técnica que nunca mais vi repetida: escrevia no sentido horizontal e depois tornava a escrever sobre-posto no sentido vertical... ouvi muitas fábulas da vida de ricos que tinham tido (e muito me influenciaram) mas raramente ouvi uma queixa.

Depois do enterro, o meu pai decretara uma semana (ou mais) de luto profundo. Nem as persianas se levantavam nem se podia ligar o rádio ao almoço para escutar os Parodian-tes de Lisboa nos Emissores Associados de Lisboa, ou o folhetim do Tide, a seguir ao noti-ciário da hora do almoço e que a mãe gostava de ouvir. Parecia um velório dentro de casa, silêncio que não era entrecortado sequer por suspiros e ais, pois eram sinais de fraqueza e ali não havia fracos.

A avó quando se sentia mal ia para casa da filha que morava a uns metros de nós e onde tinha a sua pianola que gostava de tocar. Tinha um sistema mecânico que permitia tocar pautas pré-impressas em metal (tipo Braille) e como não cabia no apartamento em 1959 acabou por ir para a casa da irmã do meu pai. Era muito criticada pela minha mãe por não trabalhar nem saber fazer nada, mas fora assim que nascera e crescera, mantendo calado dentro de si o desgosto de nunca mais ter visto o filho que fora para o Brasil em férias e lá ficara para sempre, sem nunca a vir ver nem para ela conhecer os netos mais velhos.

Pensei nesta problemática um certo dia, já nos Açores. Decidi que tinha o dever de acrescentar estas linhas, mesmo que a minha mãe discordasse e apresentasse as suas razões, já sobejamente conhecidas. Sabia-se que deve igualmente ter sido um tormento para a minha mãe recém-casada ir viver com as picuinhas e manias de grandeza e de sangue-azul da sogra e das cunhadas. Também não deve ter sido pera doce.

Nunca, antes, tentei ver como devia ser difícil a vida da minha avó sem autonomia, sem dinheiro, sem teto seu, sempre dependente dos outros e das suas vontades. Guardo dela a melhor das memórias. Foi ela que me incutiu o orgulho na família, nas memórias coletivas que fazem da língua e da cultura a herança que transporto. Sempre me apoiou e encobriu. Estava sempre lá (ao passo que os meus pais raramente estavam lá ou falavam comigo, fruto da educação e do feitio). Foi influência decisiva na minha educação (e bem cara me havia de custar) e marcou-me nos anos decisivos do crescimento, motivada sobretudo pela ausência dos meus pais sempre obcecados em trabalharem mais e nos darem uma vida melhor, mas descurando toda a afetividade de que era tão carente.

A presença constante da avó nesses anos formativos foi essencial também para ter tantos desgostos como tive e para viver em busca do materialismo que caraterizou os meus primeiros quarenta e cinco anos de vida. Mas nem por isso deixo de ter por ela uma adoração ilimitada e recordar tantos momentos bons que me proporcionou na infância. São esses mo-mentos bons que guardamos para idades mais maduras recordarmos como o faço agora.

As recordações do Colégio Universal podem ser poucas, mas passei à secção de Ciên-cias do Curso Geral dos Liceus (antigo 5º ano). Fui para o sexto ano (primeiro ano e penúl-timo do velho Curso Complementar dos Liceus) com 15 anos e mudei para outro liceu, o então denominado Liceu Normal de D. Manuel II (hoje Rodrigues de Freitas). Era lá que eram colocados em estágio os professores acabados de formar. Na vizinhança havia um liceu feminino, o Carolina Michaëlis que mais tarde a minha irmã iria frequentar com a atração de ter colegas bastante talentosas. Lembro-me bem de a ir buscar no carro do meu pai e apro-veitar para trazer todas as colegas “giras” e depois levá-las a casa sempre na esperança de as convidar para uma festa ou um “convívio”. Essas boleias ao sábado de manhã (sim, nessa época havia aulas aos sábados até ao meio-dia...) os policias bem nos mandavam circular e pediam para não estarmos parados, mas era legitimo ir buscar uma pessoa de família e nada podiam fazer mesmo sem comprovarem a família das pessoas que metíamos nos carros.

Era um divertimento sociocultural de relevo, esse de ir buscar as pequenas à saída dos liceus. Houve uma fase em que íamos a correr da saída do Colégio Nossa Senhora da Paz no Marquês de Pombal ou ao Colégio do Rosário

na Avenida da Boavista para depois irmos a tempo da saída do Carolina Michaëlis. Costumávamos variar indo pedir carros aos primos, amigos e outros familiares para ir sempre em carros diferentes e impressionar mais as pequenas, pois sabíamos que estas primeiras impressões podiam ser muito positivas. Claro que ser um pinga-amor (bonitão como eu me julgava) sempre ajudava, mas não o dizer era falsa humildade. Além do mais o facto de darmos boleias às colegas da mana sempre ajudavam a abrir a porta dos pais mais "caretas" quanto ao convívio entre sexos... eventualmente dava para uns convites para entrar ou jantar e nunca se sabia o que dali saía. Tive muitas mães que me convidavam assim para o pretexto de criar empatia com as filhas delas na mira de um bom casamento, mas nunca fui muito nessa cantiga para grande desgosto das ditas mães. Essas atividades casamenteiras para um jovem poeta sonhador estavam longe de qualquer tergiversação pois achava que o amor devia ser um sentimento entre jovens e não uma imposição de preferências paternas ou maternas.

Comecei, em data incerta, a fumar às escondidas, primeiro Ritz, depois Estoril ou Sintra (sempre gostei de cigarros de filtro branco). Era um fumador ocasional, mais fruto da pressão dos pares e da idade. Tive sempre a mania dos isqueiros e um dia fui multado pela polícia que tinha autoridade para apreender isqueiros sem licença de uso e porte de isqueiro....

Sabiam que, no Portugal Salazarista (especificamente entre 1937 e 1970), para ter um isqueiro era preciso ter licença de uso? Atuavam diversos "caçadores de multas" a tentar apanhar todos aqueles que acendiam o isqueirozito e não eram portadores da respetiva licença. Em novembro de 1937, o Decreto-lei nº 28219 estabelecia que qualquer cidadão, para poder utilizar isqueiros (ou outro tipo de acendedores) em público, tinha que possuir uma licença. Esta era passada por uma Repartição de Finanças, era nominal, o que significava que um mesmo isqueiro não podia ser utilizado por outra pessoa sem que esta tivesse uma licença para o utilizar. E não era nada barata, pelo que se pode avaliar do imposto do documento e dos selos. O decreto (Decreto-lei 28219 de novembro de 1937 para proteção da Fosforeira, que tinha o monopólio da fabricação de fósforos) que regulamentava a licença de isqueiro foi abolido em maio de 1970. Se me lembro os caçadores de multas andavam à paisana, e tínhamos de estar sempre precavidos num café pois qualquer um podia ser fiscal e ganhar a sua "comissão". A licença (nunca a tive) era uma imponente cartolina que dizia: "República Portuguesa - Licença de Isqueiro"! Salazar queria proteger os fósforos, a "Fosforeira Nacional", os "amorfos", como constava da caixa de fina madeira onde eram vendidos. Se alguém não apresentasse a referida licença ao ser interpelado por um «fiscal de isqueiros» ou por um polícia, sujeitava-se ao pagamento de uma multa e à apreensão do acendedor. Note-se no verso do documento a referência aos «delinquentes». Portanto, todo o lume que escapasse ao monopólio da Fosforeira, pagava licença. Um tipo até podia ser abordado na rua por um fulano que, dobrando a aba do casaco, dizia: --- Fiscal! Ora venha de lá a licençazinha! Constava que a única solução para a multa era acender sempre o isqueiro "debaixo de telha".

Quanto ao regime político que criou leis tão extraordinárias como a licença de isqueiro,



foi abolido a 25 de abril de 1974.

Mais tarde, no dia em que fiz 21 anos de idade o meu pai ofereceu-me um cigarro dos dele, sempre SG-Ventil, dizendo que eu já podia fumar, mas eu saquei do meu maço de Estoril do bolso e disse obrigado pai, mas prefiro dos meus.

Um dos professores que mais me marcou nesta fase foi exatamente o de Religião e Moral, Padre Mário de Oliveira, mais tarde conhecido como o Padre da Lixa, preso pela PIDE pouco depois e autor de vários livros contestatários da linha oficial do Vaticano. (na foto ao meu lado). Este padre não fazia sabatinas como o velho Padre Brochado do outro liceu. Falava de temas que compreendíamos e nos interessavam e estava sempre muita gente à porta do seu quarto num anexo do (atual) Hospital Infantil de Maria Pia a tentar falar com ele. As suas aulas eram partilhadas com interesse por muitos e nelas aprendi mais do que em muitas outras cadeiras escolares. É a ele talvez que devo o despertar duma consciência cívica e política que mais tarde viria a marcar a minha vida.

Ao terminar o liceu, em 12 maio 1967 apanhei o primeiro grande "pifo" da minha vida tal como os restantes colegas, alguns dos quais tiveram de me levar a casa. Lembro-me ainda de no ano anterior (1966) na Eucísia ter bebido a primeira e única cerveja em toda a vida que me levou à cama com uma hepatite A que me manteve de cama durante um período

prolongado. Não sei se era das sopas de leite que me davam, mas fiquei igualmente alérgico ao leite e ao cheiro. Ao contrário de muitos jovens de hoje nem sabia o que era beber. Em casa o meu pai autorizou-me a beber o equivalente a um dedal de vinho misturado com água durante a refeição em cada dia. Esta seria a primeira de muitas experiências com o álcool. Nem recordo se gostei ou não, pois acho que sabia apenas a água e nem tivesse notado a diferença, mas fazia-me sentir mais homem. Foi nesses dois últimos anos de liceu que ocasionalmente comecei a beber o meu cálice de Vinho do Porto de produção familiar, para acompanhar um colega de liceu que comigo estudava e tinha a mania do Porto e fazia-se passar por bom apreciador. Foi nesta fase da vida que comecei a cobrar propinas em duplicado aos meus pais, facto que o meu pai mais tarde (1980) admitiu saber, mas ter deixado passar. Tenho poucas recordações destes dois anos de liceu.



JORGE ALVAREZ E J. CHRYSTELLO AO LADO DO PADRE MÁRIO, À ESQUERDA O PROFESSOR DE HISTÓRIA, AO CENTRO O DE INGLÊS, E NA DIREITA A DE FILOSOFIA E O DE GEOGRAFIA



TÓ PAIM, CHICO NAZARÉ, CARLOS MACEDO, MÁRIO OLIVEIRA DESSA NA PRIMEIRA FILA, ATRÁS JORGE ALVAREZ E J. CHRYSTELLO AO LADO DO PADRE MÁRIO., À DIREITA RUI TERRASSECA, AO LADO DA Prof.^a DE FILOSOFIA E DO DE INGLÊS (GOMES DA TORRE)



CARLOS VILLAS-BOAS TAVARES, AO LADO DO ??? (ERA UM RAPAZ TÃO PACATO E CALADO QUE ATÉ O NOME SE LHE PERDEU NA MEMÓRIA DOS TEMPOS), O FILHO DO DONO DA PAPELARIA PAPÉLIA (??), JORGE ALVAREZ E EU

No exame da primeira época de admissão à faculdade tive 3 a Matemática que era uma das cadeiras nucleares. Tiveram de me meter com explicações e com alguma aplicação da minha parte acabei por tirar 19 valores na 2ª época, notas excelentes do exame de admissão à Faculdade de Economia. Aproveitei as férias para os habituais e inconsequentes “affaires” de verão em Espinho para onde era costume irmos desde há anos. (para quem não sabe a melhor descrição de Espinho é de José Pacheco Pereira em 5/12/2009 no jornal Público:

O mar em Espinho é o que sempre foi. Duro, áspero, alteroso, o mar que mata os pescadores. Esse mar é praticamente a única coisa viva que se via na viagem de comboio entre Lisboa e Porto. De repente, quando o comboio ia por cima da terra, via-se aquele bocado de mar, ao mesmo tempo luminoso e sombrio, que anunciava a chegada às pontes do Porto, ao Norte. Lembro-me bem desse mar, e dessa terra quando era cortada pela via-férrea que separava duas partes, a vila progressiva e burguesa a oriente, uma vez por semana moldada por uma das maiores

feiras de Portugal. Tudo, abaixo da linha férrea, seria "comido" pelo mar, que já tinha "comido" uma antiga parte de Espinho de que restavam apenas as ruínas de uma igreja submersa que aparecia em marés muito baixas. Do lado de baixo da linha, junto ao mar, havia uma estranha combinação de gentes, a começar pelo Casino e a sua fauna, os restaurantes, os hotéis e as praias, vazios, grande parte do ano, até que, se se caminhasse para sul, encontrassem-se as ruínas de velhas fábricas e depois o bairro dos pescadores, um gueto social que pouco comunicava com o resto da cidade.)

Faltou falar da segunda experiência radiofónica para a Rádio Alto Douro (1966-67).

A RAD acabaria sendo integrada na RDP em 1975 juntamente com a Rádio Graça; Emissora Nacional; Rádio Clube Português; Rádio Voz de Lisboa; Rádio Peninsular; Rádio Ribatejo; Rádio Alfabeta. A Rádio Alto Douro era propriedade do avô do meu primo João Pinto Leite de Oliveira. Em casa dele, o pai que era na época o Sr. Grundig da firma SGO montou um estúdio improvisado, com insonorização total a esferovite e eu e ele começámos a gravar programas com a ajuda do António Figueiredo (atualmente professor universitário e ilustre economista dum grande banco). Eu escrevera a várias estações piratas como a Radio Caroline e a Radio Luxembourg a pedir envio de discos e outro material. Escrevíamos os nossos textos e fazíamos a gravação, montagem e todos os arranjos para um programa semanal de uma hora que era transmitido (se a memória me não falha aos sábados). Transmitíamos músicas que raramente se ouviam nas rádios comerciais acompanhadas de textos esclarecedores sobre as grandes correntes musicais (isto foi pouco antes de Woodstock e estávamos profundamente influenciados pela cultural musical norte-americana e inglesa. Nunca cheguei a ir à Régua ver os estúdios do programa que se chamava "Estúdio-2". Era um programa patrocinado pela própria estação sem intervalos publicitários e com bastante audição na região. Ainda existe uma cópia em mau estado de um dos programas que emitimos em maio 1967.

Tive uma interessante experiência de juventude a que se juntavam artigos escritos numa revista jovem em Lisboa chamada Musidisco. Isto tudo vinha na sequência da publicação entre 1963 e 1964 do jornal "Centaurus" propriedade dos alunos do Liceu Alexandre Herculano em oposição ao velho jornal "Prelúdio" que considerávamos deveras estático e formal. Eu e o Celso Ferrão decidimos meter mãos à obra, batemos todas as lojas das redondezas do Liceu em busca de apoios publicitários e através da mimeografia ou stencil, lá conseguimos publicar uns tantos números desse jornaleco estudantil. Escrevíamos sobre tudo e todos num tom leve e mais juvenil que os colegas mais velhos de "O Prelúdio" feito sob a orientação conservadora e salazarista do Padre Brochado.

Este era o meu padre de Moral que me dava "santinhos" como prémio de eu vencer as muitas sabatinas que ele fazia nas aulas... E que não deve ter ficado muito satisfeito com a concorrência que lhe fazíamos. Lembro-me de termos um colega tipo António Sala (apresentador televisivo) que tinha a mania de declamar e por isso aproveitámos o seu jeito para incluir uma secção de poesia, coisa que não era muito vulgar neste tipo de publicações. Havia uma secção de xadrez na qual colocava problemas de difícil solução dentre os livros que estudava.

31.5.A TRETA E INVERDADE

Hoje, estamos a viver obviamente numa sociedade de treta ou parafraseando Harry G. Frankfurt "On bullshit". Esta é a mais nova adjetivação da sociedade atual. A treta (*bullshit*) é mais perigosa e insidiosa do que as mentiras pois está-se nas tintas para a verdade, e está de tal modo generalizada e entrincheirada nos discursos dos políticos e dos fazedores de ideias que dificilmente a extirparão. Trata-se duma regra socialmente aceite por todos, escondendo dos destinatários aquilo que o autor ambiciona. Tendo sido inicialmente utilizada pelos responsáveis de marketing e de relações públicas para vender, passou a ser utilizada por toda a gente mesmo sem intenções de vendas.

Toda a gente tem opinião esclarecida sobre tudo, mesmo que nada saiba sobre o assunto. Agora em todos os jornais e telejornais todos são comentadores e opinam sobre tudo e mais alguma coisa, mesmo que não detenham nenhuma formação específica sobre os assuntos. Começam por serem comentadores desportivos e acabam como comentadores

políticos ou vice-versa, mas falam de defesa nacional, relações internacionais, terrorismo, gastronomia e o mais que for necessário. A hipocrisia passou a substituir a busca da verdade e a defesa dos interesses de Estado.

Já não se ouvem ministros dizerem o que é melhor para o país, mas apenas o que pode servir os seus interesses e dos grupos que os alimentam. A verdade deixou de ser importante e foi substituída pela inverdade, para não lhe chamarmos abertamente, mentira. Cada vez mais o que se lê nos jornais tem de ser posto em causa, temos, como no tempo da ditadura, de buscar fontes alternativas ou subterrâneas. Assiste-se em todos os jogos de futebol televisionados a comentadores que não sabem disfarçar o seu sectarismo clubístico e interrogámo-nos sobre se estão a ver o mesmo jogo que nós.

Num país onde a responsabilidade morreu solteira, ouvimos dizer que se vai fazer um estudo, uma investigação, seja lá o que for para apurar responsabilidades que nunca serão apuradas, em vez de os ouvirmos dizer a culpa é minha, a incompetência foi nossa, ou coisa desse jaez. É a regra da treta aplicada a tudo, desde os professores doutores sem cursos que são apanhados a lecionar, sem quaisquer pruridos, em instituições do ensino universitário, a ministros corruptos envolvidos em negociatas resultantes dos anteriores postos políticos. A vergonha parece ter desaparecido da face da terra ou então os valores educacionais que tenho foram deitados fora. Ministros a empregarem mulheres, filhos, cunhados, sobrinhos, primos, descaradamente sem concurso porque essas são as pessoas da sua confiança. Até que nem acho mal empregarem pessoas de confiança desde que tenham mérito, mas essa seria a exceção à regra...

Devemos fazer o mesmo com o nosso voto e só o darmos a pessoas da nossa inteira confiança e da família...é a descrença total no sistema político, da saúde, da justiça, da educação, eu sei lá.

Os alunos não passam e a taxa ou o PISA indicam que Portugal está atrasado? Então vamos passar os alunos todos e a taxa melhorará...os alunos não aprendem? Vamos reduzir e simplificar os cursos ao denominador mínimo comum para que todos passem e possam ser doutores. Que interessa que os nossos licenciados não se empreguem nas áreas da especialidade, que os cursos nada tenham a ver com a realidade e com o mundo do emprego? Criem-se mais cursos, novos diplomas e façamos disto um país de doutores que a taxa ainda está baixa. Mais regra da treta.

A vida está cara? Para quem? Para o professor Cavaco antes da reforma, ou depois de ser Presidente da República com reforma paga que mal pode viver com dez ou doze mil euros e tudo pago...? Para todos aqueles que fruto de arranjinhos vários depois de trabalharem x tempo no lugar y recebem compensações, pagamentos ou rendas vitalícias que podem acumular livremente com qualquer outro emprego sem jamais perderem as reformas anteriores? Ou como aquele senhor que se reformou por incapacidade aos 45 anos e recebe salários de milhares?

Mas se pensam que isto está hoje bem pior do que há 25 ou 50 anos, então fiquem por cá mais uns 25 ou 50 anos e vamos a ver se ainda há reformas para alguém. Claro que o que me move é a inveja de não ter uma Fundação Soares ou outra Fundação qualquer a receber subsídios do Estado, inveja de já não ter ninguém da família no Governo ou no Parlamento, inveja de não pertencer ao bando dos que perpetuam a regra da treta. Ainda sou do tempo em que uma verdade bem contada podia arruinar a carreira de qualquer pessoa, hoje nem uma mentira bem contada afeta seja quem for...

32. CRÓNICA 32. DO PAÍS QUE ÉRAMOS E SOMOS, À EXPULSÃO DOS JUDEUS, AO IBERISMO, E DOS JUDEUS DE VIMIOSO AO 1º DE DEZEMBRO

32.1. DO PAÍS QUE ÉRAMOS...SOMOS. 27 novembro 2006

Nos primórdios do século passado, no jornal O Norte, em 1908, o médico e escritor Manuel Laranjeira²² lamentava que Portugal fosse “um país onde a inteligência não é um capital e onde o único capital deveras produtivo é a falta de vergonha e a falta de escrúpulos”. Republicano, médico, poeta, escritor e filósofo, foi o retrato fiel do português pessimista e do pessimista português. Merecia realmente outra sorte. E merecia, por exemplo, que pelo menos na escola a que empresta, sem saber, o nome, alguém soubesse quem ele foi. Porque a maioria não sabe, ninguém explicou.

“Ando na ‘Manuel Laranjeira!’”

“Quem é esse?”

“Um poeta qualquer de Espinho...”

<http://boblog.adrianoastro.net/archives/2005/03/02/42/>

Miguel de Unamuno, com quem conviveu em Espinho, havia de escrever, em 1913 no prefácio ao volume de cartas organizado por Ramiro Mourão, que Laranjeira era um grande pensador, mas era um sentidor maior ainda. O artista sobrepujava o filósofo, o docente. Desde cedo, Manuel Laranjeira, médico no Porto, exerceu grande influência, no plano intelectual e humano, na evolução do jovem Amadeo, a quem via nos verões da praia de Espinho, onde seus pais tinham casa. As tertúlias no Café Chinês, os passeios e a troca de correspondência, tornariam Amadeo seu confidente. Laranjeira tinha perante a arte um sentimento de raiz literária da Renascença Portuguesa, entre névoas e saudades. Esta melancolia não afetava Amadeo, antes lhe provocava desgosto pela futilidade da vida que levava; O tédio das cópias a carvão no casarão do Largo da Biblioteca, as caricaturas de professores e colegas, fraca compensação da mediocridade que deixara em Lisboa e Porto. Fernando Pessoa chegava a Portugal e Almada Negreiros tinha dez anos. Amadeo, a quem Manuel Laranjeira vaticinara que «haveria de vencer, haveria de triunfar», desenhou o corpo do amigo enrodilhado numa cadeira de café, abandonado, escorregando, um braço estirado sobre o tampo, outro torcido para as costas da cadeira, as pernas magras torcidas e a trunfa negra saindo do chapeirão enfiado pela cabeça abaixo, boneco desarticulado, só de costas e à deriva do destino...



²² Manuel Laranjeira (1877-1912) nasceu em São Martinho de Moselos, conselho de Vila da Feira, de uma família modesta. É graças à herança recebida depois da morte de um tio brasileiro que Manuel Laranjeira prossegue estudos e consegue formar-se em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Dedicar-se desde novo à poesia e ao teatro, colaborando em diversas publicações periódicas, como a Revista Nova, A Arte e O Norte. Viaja, entretanto, até Madrid, visitando o Museu do Prado e mostra interesse em fixar-se em Paris onde se encontrava o pintor Amadeo de Souza-Cardoso, seu amigo. Em 1908 conhece Miguel de Unamuno na cidade de Espinho, trocando correspondência. Troca também correspondência com João de Barros, António Patrício, Afonso Lopes Vieira, entre outros. Em 1912, desesperado com a doença (uma sífilis nervosa), suicida-se com um tiro na cabeça. Obras: “Amanhã. (Prólogo Dramático), A Doença da Santidade (1907), Comigo. Versos dum Solitário (1912), Naquele Engano d’Alma, Cartas (1943), Diário Íntimo (1952), A Cartilha Maternal e a Fisiologia, Dor Surda (novela, 1957), Prosas Perdidas (1958), etc.

Que diria hoje, Manuel Laranjeira deste país? Provavelmente concordaria que isto é um país de fachadas, de novo-riquismo republicano a imitar os fidalgos de antanho, falidos, mas vestidos com as suas melhores roupas a passearem na Baixa para inveja do povoleu. O país assiste, impávido e sereno a uma procissão de ministros com motoristas, batedores da PSP, uma grande parafernália e aparato de segurança, como se as ameaças aqui fossem as do dia-a-dia iraquiano.

Um excesso de funcionários dirigentes cuja missão nunca se descortina bem para além de assegurarem os seus “tachos” e os dos seus e assim poderem usufruir de chorudas reformas, conseguidas instantaneamente, em tempo recorde, sem esforço nem dedicação à “res publica” e enquanto isso, à glebe pedem - cada vez mais - sacrifícios, enquanto impõem mais cortes na segurança social, na saúde, aumentos nos impostos, nos transportes, no gás e gasolina, e mais esforços para o bem da nação.

Simultaneamente, os noticiários televisivos avisavam em outubro que as excursões de férias exóticas no estrangeiro, em paragens paradisíacas, se haviam esgotado para o Natal de 2006... algo está mal e ninguém tem a coragem de dizer que o exemplo deve vir do topo, da hierarquia. Povo de brandos costumes, come e cala, porque quem cala consente, sempre assim foi e neste país e continuará a ser. A revolução que falta fazer nunca mais chega.

O ensino que temos é uma lástima, mas, propositadamente, escolhem-se os professores para bodes expiatórios da crise, e se bem que muitos mereçam ser punidos, a maioria come por tabela. Em vez de se extirparem os culpados, aplicam-se as novas medidas draconianas para os incumpridores e para os outros, os que se esforçam e cumprem, mesmo sem ambiente de trabalho apropriado, sem condições físicas ou materiais para exercerem a sua profissão, e receberem de prémio a honra de serem vilipendiados como prémio da sua dedicação. Entretanto como os miúdos não gostam de Filosofia, Matemática e outras coisas sem relevância, o melhor que há a fazer é cortar essas disciplinas e o seu peso curricular. Os editores agradecem, pois sempre são mais uns livritos a imprimir para os encarregados de educação comprarem. Depois, em vez de porem as crianças a gostar da língua e da gramática inventaram a TLEBS que é uma coisa muito fina, própria de doutores, esquecendo-se que a TLEBS é boa para os filólogos e estudantes do ensino superior que se dedicam àquela área específica da língua. Vai haver uma certa dificuldade porque no ensino do Francês, Inglês e doutras línguas não se podem ensinar aqueles palavões porque essas línguas se esqueceram de adotar a TLEBS, claro está que a França e a Inglaterra (como todos sabem) são países de analfabetos que não percebem nada de linguística e ninguém lhes disse que Portugal inventara a TLEBS.

Depois da caça ao funcionário público, que é uma figura muito odiada na sociedade, não pelas suas funções, mas pela inutilidade das mesmas, como sempre foi apanágio de décadas de governação desde o Estado Novo salazarista, surgem umas ameaças veladas de que se irá fazer cumprir a lei fiscal para a banca (que vem acumulando lucros fenomenais à custa de todos nós) mas acaba tudo em águas de bacalhau, como convém a um país que vai ter de deixar de o comer, agora em vias de extinção como ovas de esturjão, ou o caviar servido nos banquetes oficiais, em vez dos bem típicos e portugueses bolos de bacalhau. No estrangeiro os nossos governantes impressionam todos com a sua fluência linguística em vez de falarem bom português. Os líderes franceses e ingleses promovem respetivamente a Francofonia e a Anglofonia e nós tememos nesta pequenez mental que se assemelha ao tamanho do país lutar pela Lusofonia pois as ex-colónias podem ofender-se... Ninguém faz nada com o facto de o português ser a sexta língua mais falada no mundo. A figura do Zé

Povinho aplica-se agora ao pacóvio do governante português quando vai à estrangeira. E de sabujice estamos ditos.

Ainda assim, temos um país que se pensa sempre ser pequeno, mas não se mede pelo seu tamanho territorial terrestre, pois é dos maiores se considerarmos a plataforma marinha das ilhas, dantes adjacentes e hoje regiões autónomas da Madeira e Açores. Além do mais já temos as maiores pontes, os melhores estádios de futebol, a maior pizza, a maior panela de assar castanhas, o maior bolo-rei e tanta outra coisa enorme, maravilhosamente grande, cara e inútil. No verão, por seu turno, chegam os incêndios porque não havia dinheiro para cortar o mato e desbravar caminhos corta-fogo, porque a mata cresceu incontavelmente, porque os velhos já não desmatam e os novos emigraram todos e ninguém se deu ao trabalho de tomar as precauções devidas. ano após ano. Depois, quando chove um pouco mais, o continente alaga-se e as pessoas perdem os seus haveres, porque se esqueceram de manter os níveis seguros das albufeiras, de limpar os esgotos pluviais, porque se emparedaram ribeiras, porque os patos bravos construíram e os terrenos passaram a estar impermeáveis. Um país de extremos e nenhum deles aconselhável. Mudemos agora de assunto.

32.2. EXPULSÃO DOS JUDEUS. 27 novembro 2006

32.2.1. HISTÓRIA, JUDEUS

Mudemos de tema e de desgraças minorcas de viver na aldeia. A investigação em Portugal não é deficitária e existem muitas vezes estudos sobre determinadas épocas que permitem avaliações satisfatórias, a quem gosta de perceber melhor o nosso passado, mas poucos os conhecem ou não estão ao alcance de quem deles necessita. Não sendo precisamente o caso vertente, pois aqui o que falta é o ensino destas matérias, sabemos pouco e mal sobre a importância dos judeus na nossa história, esses mesmos judeus que fazem parte integrante da nossa herança genética (sabe-se agora que raro era o membro da Inquisição que não tinha sangue judaico).

Uma das questões que sempre me atraiu e quis entender melhor foi a verdadeira razão que existiu para determinar a expulsão dos judeus de Portugal, que (1º) eram uma “mina” de ouro para a Coroa portuguesa em especial para D. João II, (2º) eram fundamentais para a economia portuguesa. O rei D. Manuel I não queria, tentou tudo para o evitar, cometeu atrocidades ao que julgo saber contra o seu carácter e acabou por fazê-lo. Porquê?

Para os açorianos, D. Manuel foi um divisor de águas. Como donatário, criou os senhorios (ou capitães) que dirigiam as ilhas, resguardando os direitos da Coroa (de vida ou morte sobre as pessoas) e da Ordem de Cristo (a jurisdição espiritual), fundou as vilas de Ponta Delgada, Ribeira Grande, Água de Pau (na ilha de São Miguel) e a vila de São Sebastião (na ilha Terceira), organizou o foral alfandegário, criou Misericórdias no arquipélago, além de vários melhoramentos que alavancaram a economia das ilhas atlânticas.

E como hoje andam todos a celebrar o desastre de 1 de dezembro de 1640 eu resolvi recordar que o jovem Miguel da Paz nascido em 1499 tinha sido Rei de Portugal e de Espanha se não morresse ao fim de dois anos. É verdade amigos, como são interessantes os “pequenos detalhes” da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II de Espanha ao trono de Portugal em 1580, por morte sem descendência do herdeiro varão o cardeal D. Henrique com 68 anos, 9º filho do rei D. Manuel I. A candidatura de Filipe é fortíssima e praticamente indiscutível, já que resultava do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais do “nosso” Filipe. Os tais detalhes da vida que determinam o curso da História... Paradoxalmente algum tempo antes desse acontecimento a situação poderia ter sido de certo modo invertida, unificando as coroas ibéricas “para o nosso lado”, pois em 1499 um menino chamado Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel

I com Isabel, filha dos Reis católicos, foi proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha. Só que morreu com 2 anos. Há quem tenha saudades dos espanhóis, há quem tenha saudades do Salazar e ainda há quem tenha saudades do sonho chamado 25 de abril.

Quem me garante que éramos melhor como província espanhola do que independentes?

Quem me garante que não seríamos hoje uma célula independentista como as da ETA?

Quem me garante que teríamos aqueles magníficos jogadores de futebol? Eusébio nunca teria existido... Figo não era um "pesetero" e Deco não tinha necessidade de arranjar outra nacionalidade porque como o Brasil tinha ficado espanhol ele ia jogar pela Argentina...

E se fosse ao contrário e a Espanha fosse hoje uma província de Portugal? Que aconteceria aos Bourbon?

Só tinham utilidade nos EUA onde eles bebem os Bourbons todos que podem, enquanto aqui no país ao lado entronam-nos e chamam-lhes Reis.

São conjecturas apropriadas de ler num dia destes, mas os jornais não especulam sobre estas coisas sérias, antes se comprazem em ridicularizar os candidatos à Presidência porque um Levanta-se e Não Ri e o outro Ri mas já não se levanta! (e passados uns anos nem do nome deles me lembro)

Com o advento do Cristianismo, começaram a ser aprovadas leis discriminatórias contra os judeus - primeiro, pelos romanos, e depois pelos Visigodos que invadiram a península em 409 d.C... Foram proibidos os casamentos mistos entre judeus e cristãos e até mesmo instituída uma conversão forçada ao Cristianismo (não parece ter surtido grande efeito, visto que outras conversões em massa se seguiram ao longo da História). Em 711 d.C., tropas mouras invadem a Península Ibérica e derrotam os visigodos. Os mouros até foram inicialmente encarados como libertadores pelos judeus, uma visão até certo ponto correta, visto que Cristãos, Judeus e Sabeus (uma categoria nebulosa que incluía os hindus, por exemplo), eram incluídos pelos muçulmanos no grupo dos "Povos do Livro" (Bíblia, Torá, etc.). Os indivíduos que professavam tais crenças podiam continuar a praticá-las sob domínio islâmico, desde que pagassem uma taxa (a jizya) aos governantes e respeitassem as leis islâmicas. Com a Reconquista (cristã) da Península, os judeus passaram novamente a temer pela sua sorte, mas em Portugal gozavam de relativa liberdade e tinham grande destaque na vida pública, como diplomatas, conselheiros reais, administradores, médicos²³, matemáticos²⁴, astrónomos²⁵, comerciantes e banqueiros (embora a maioria da população judaica fosse composta de pessoas com profissões bem mais modestas: alfaiates, sapateiros, tecelões, pastores e pequenos comerciantes). Isto criou o contentamento entre o povo, que sentia estar "a Críandade submetida à jurisdição judaica". A insatisfação generalizou-se e os judeus começaram a ser vítimas de perseguições e violência por parte de populares. Mais ou menos como a situação de destaque económico dos chineses na sociedade timorense. Ressalvadas as devidas proporções.

Quando Afonso Henriques conquista Santarém, em 1147, serve-se (fazem sempre isso quando lhes convém) da comunidade judaica que aí vivia, como colonizadora e povoadora do novo reino que se formava. O conselheiro do primeiro rei (no tempo de Salazar denominado apenas aio para não dar demasiada importância aos subalternos) chamava-se Egas Moniz e era judeu sefardita português. Aliás, quando o primeiro rei entrega a Yahia Aben-Yaisch o controlo total da arrecadação das rendas públicas, inaugura a política protecionista que continuará até D. Manuel I. Os monarcas precisavam dos judeus, sobretudo por razões económicas. Estes possuíam largas fortunas pessoais que ajudavam a corte a sobreviver, como estavam obrigados a pagar pesadíssimos impostos e tributos. Por isso ocupavam altos cargos públicos (normalmente associados com assuntos do Tesouro), contribuindo para manter baixa tensão entre a população cristã e a comunidade hebraica.

23 Abraão Zacuto foi médico do grande rei D. João II. Era também astrónomo e foi ele que como matemático escreveu o "Almanach Perpetuum" e fez as Tábuas de Navegação que, mais tarde, foram usadas por outro judeu sefardita português de nome Cristóvão Colón quando fez a viagem às Caraíbas em 1492 e também pelo navegador Vasco da Gama. Foi durante a estadia de Zacuto em Tomar - nome judaico que quer dizer montanha - que se construiu a Sinagoga do Arco ou do Zarco que está agora aberta ao público. Outro judeu que fez parte da armada de Cristóvão Colombo / Colón chamava-se Mestre Luís de Torres e além de ser poliglota era também judeu sefardita português. Isaac Abravanel foi médico do Conde de Bragança, mas como o Conde foi condenado à morte por estar envolvido numa conspiração contra o Rei D. João II, este sefardita português fugiu para a Turquia chegando a ser médico particular do Sultão Mahmud II, o Grande. José Vezinho (de Viseu) foi também médico do rei. Era matemático e astrónomo e trabalhou também nos projetos de navegação da Escola de Sagres. Este judeu sefardita português foi membro da Comissão que reviu o plano de Cristóvão Colombo para chegar à Índia indo pelo ocidente. Até à Inquisição (1497) TODOS os reis de Portugal foram tratados por médicos sefarditas portugueses! Duma maneira geral todos os reis de Portugal trataram bem os judeus sefarditas portugueses porque lhes reconheciam muita capacidade profissional, não só no campo da medicina e da cirurgia, mas também na matemática, nas finanças como banqueiros e no artesanato

24 Pedro Nunes (1492-1577) de família marrana e sefardita foi cosmógrafo, matemático e um dos mais destacados astrónomos náuticos portugueses. Foi professor do jovem D. Luís. Escreveu: a) "Tratado sobre a Esfera" (1537), dando início à moderna cartografia, b) "Tratado sobre a Carta de Marear", c) "De arte atque rationale navigandi" - Tratado sobre Dúvidas de Navegação - e d) "Annotationes", sobre a teoria planetária de Purbachio. Foi o primeiro observador do "Coração do Escorpião" em 1541. Foi o primeiro a traduzir parte do "Tratado de Geografia" de Ptolomeu, do latim para o português. Apesar de viver no auge da inquisição, conservou-se secretamente ligado ao judaísmo.

25 Abraão Cresques (? - 1387) - Nasceu em Palma de Maiorca, Espanha. Foi um dos maiores mestres cartógrafos, descendente de uma família antiga das Ilhas Baleares (Maiorca, Minorca e Ibiza). Recebeu do rei de Aragão o título de "Mestre dos Compassos e dos Mapas". Pode-se encontrar na Biblioteca Nacional de Paris, doado ao rei da França pelo de Portugal, o seu famoso "Atlas Catalão". Mais tarde ao serviço do rei de Portugal, seu filho Judá Cresques, auxiliou no desenvolvimento da ciência cartográfica. Tornou-se chefe do Observatório Náutico de Sagres usando o nome de Jácome de Maiorca.

D. Diniz, filho e herdeiro de Afonso II e, como este, envolvido em questões com o clero ambicioso, em nada modificou a posição favorável em que se encontravam os judeus em Portugal e na qual se mantiveram até a época de D. Duarte. Não só os dispensou do uso dos distintivos e do pagamento da dízima à Igreja, como concedeu privilégios especiais a certos indivíduos e a comunidades inteiras. Com os judeus de Bragança, naquele tempo em número de 19, assinou D. Diniz um tratado logo após a sua ascensão ao poder em 1279, o que nos fornece ampla visão das condições da época. Bragança tornou-se posteriormente um dos centros de maior efervescência judaica. Através desta cidade entraram em Portugal, em 1492, muitos fugitivos de Castela. Depois da conversão forçada em Portugal em 1497, aí predominaram os marranos, ou Cristãos-Novos. Mas os judeus mais importantes não estavam em Bragança, mas na Guarda. Na época da expansão marítima, a judiaria da Guarda, uma das mais abastadas, graças ao labor artesanal e mercantil dos seus membros, foi das mais causticadas e das que mais contribuíram para o espírito de cruzada das expedições e também para a defesa do Reino. Infelizmente, a fanática pressão dos reis católicos de Castela junto de D. Manuel I (futuro genro) levou-o a decretar a expulsão ou a conversão forçada dos judeus, em 1496. Para se fazer uma ideia do que foram as recolhas de dinheiro junto da comunidade dos judeus na Guarda, num período de 40 anos, bastara referir as seguintes:

Em 1438, a judiaria da Guarda pagou 30700 reais a pedido de D. Duarte para a expedição militar a Tânger.

Em 1440, a comuna da Guarda emprestava 97600 reais ao regente D. Pedro (irmão do Infante D. Henrique), para a expedição de D. Pedro de Castro às Canárias, disputadas pelos castelhanos.

Em 1479 os judeus da Guarda contribuíram para a defesa do reino com 170715 reais, emprestando ainda à Coroa, 80000 reais.

A Guarda conserva um bairro que mantém o aspeto geral da judiaria, os seus arruamentos e casas, não obstante de ter sofrido alterações, principalmente nos últimos decénios. Desde o repovoamento de D. Sancho I até à expulsão e conversão forçada, (1496), sempre aqui houve judeus. Sabemo-lo pelo foral sanchino, pelos costumes e pelo foral novo de D. Manuel I, de 1 de junho de 1510. As casas da judiaria são baixas, térreas ou de um só andar. As casas sobradadas da gente do Povo eram raras até ao século XIV, multiplicando-se a partir de então. As moradias dos mercadores apresentam, normalmente, uma porta estreita e uma larga e esta abria para a loja, para o estabelecimento comercial. A estreita dava para as escadas, que conduziam à residência assoalhada sobre a loja de comércio. Curiosamente, muitas têm as ombreiras e torsa trabalhadas em bisel, quer na porta de entrada da habitação, quer na do comércio.



Cada casa tinha duas portas. Uma para a habitação e outra para o comércio, Rua da Judiaria Nova

O largo da judiaria, apesar das adulterações, é um dos recantos mais castiços da Guarda primitiva, na modéstia dos seus edifícios. O comércio e o desenvolvimento agrícola incrementado nos séculos XVI e XVII, modificaram o ruralismo introduzindo na Guarda a arquitetura pesada quinhentista a que se seguiu a filipina, com cornijas salientes, gárgulas de canhão, pátios e amplas salas. Havia um arrai-menor, o qual, entre outras funções, determinava os tributos que deveriam pagar os judeus daquela comarca, o que por vezes levantava protestos, como aconteceu nos tempos de D. Afonso IV. Os judeus tinham Sinagoga. Deles se regista a presença numerosa dos nomes mais clássicos (embora não exclusivos) de origem cristã-nova em muitos dos atuais habitantes da cidade (ex.: Mendes, Cardoso, Costa, Pereira, Henriques, Cruz, Dias, Baltazar, Vizinho, Gomes, Ramalho, Nunes, Flores, Franco, Vaz, Pinho, Teles, Faleiro, Elias, Mesquita, Oliveira, Ranito, Benjamim etc.). A situação no século XIV em Espanha prenunciava o destino que esperava os judeus portugueses. 12 mil judeus morreram vítimas de perseguição religiosa em Toledo (1355) e 50 mil em Palma de Maiorca (1391). A Inquisição data de 1478. Milhares converteram-se e outros procuraram refúgio em Portugal. 170 mil foram expulsos de Espanha em 1492 e desses, 120 mil refugiaram-se em Portugal. Historiadores dizem que os judeus constituíam ¼ da população portuguesa. D. João II instituiu a cobrança de dois Escudos por cada imigrante, para permanecer em Portugal por oito meses. Ao fim do prazo, os judeus não conseguiram sair de Portugal (disse-se que não havia navios suficientes para transportá-los), e o rei ordenou que fossem vendidos como escravos. As crianças entre dois e dez anos foram tiradas aos pais, batizadas e levadas para colonizar as ilhas de S. Tomé e Príncipe (os descendentes, com extrema resistência cultural, conservam alguns costumes judaicos). Antes da conversão forçada, com D. Manuel I, são bem identificáveis os judeus portugueses, que aqui nasceram e/ou viveram. Tinham um estatuto jurídico e fiscal distinto dos portugueses e aparecem na documentação do reino, com a indicação de judeus ou da nação judaica. São várias as cartas de privilégio passadas pelo rei a judeus, escusando-os por exemplo de usar o sinal, de pernoitar nas judiarias, permitindo-lhes andar por todo o reino, nalguns casos montados e armados. Podiam mesmo ter a qualidade de vizinhos, como é o caso de Isaque Abravanel, judeu, mercador, morador na cidade de Lisboa, que a 7/10/1472 o rei recebeu por vizinho da dita cidade, com todos os privilégios, liberdades e franquezas, como têm os cristãos vizinhos e moradores da dita cidade. O casamento entre judeus e cristãos estava proibido, bem como todas as relações carnavais, havendo mesmo alguns casos de condenação por isso. Na sua maioria, os judeus desta época eram mercadores, seguidos dos médicos (físicos e cirurgiões) e dos ourives. Desempenhavam também ofícios variados, ferreiros, alfaiates e gibeteiros. Aparecem também bastantes tecelões, muitos eram rendeiros, alguns da criação do rei e seus servidores, tendo participado nas conquistas de Ceuta e Tânger, por exemplo. E muitos desempenhavam funções nas judiarias e respetivas câmaras, como

vereadores, escrivães, ouvidores, etc. Globalmente pode dizer-se que a comunidade judaica era mais rica do que o povo e até do que muita nobreza. Sobretudo após o êxodo de Castela... O estatuto social e económico de algumas famílias judias era muito alto. Nestes casos, os homens chegavam a ter o tratamento de Dom e as mulheres de Dona. E podiam instituir e possuir morgadios, como é o caso, por exemplo, de Gabriel Ben Crespo, morador na cidade de Lisboa, que a 24/9/1450 teve confirmação real da doação de um morgadio, com todos os privilégios, honras, graças, mercês, liberdades, usos e costumes, feita a 31/1/1436 por Abraão Romeiro e Lidiça, sua mulher, que o haviam recebido por morte de D. Mousen Navarro, rabino-mor, que morrera sem herdeiros. Já D. Pedro I tinha confirmado a Isaac Navarro a administração do morgado de Mousen Navarro e sua mulher, Salva, onde se transcreve a carta de instituição. Certos judeus ou Cristãos-Novos conseguiram mesmo chegar à nobreza portuguesa, como é o caso bem conhecido dos Castro do Rio. É o caso, também, do rico mercador judeu Jacob Baru, falecido em 1471, cujo filho foi para primeiro para a Holanda e depois para Inglaterra, onde o rei Edward IV o batizou de pé com o nome de Edward Brampton, o armou cavaleiro (documenta-se como Sir) e lhe deu o governo da ilha de Guernsey. Com a morte deste rei, voltou a Portugal, adotando o nome de Duarte Brandão, tendo comprado a lezíria da Corte dos Cavalos, no termo de Azambuja, a D. João de Almeida, e a vila de Buarcos, com as marinas de Tavadere e a dízima nova de Montemor, a Martim de Sepúlveda, tudo bens da Coroa que D. João II lhe doou de juro e herdade a 14 de janeiro e 22 de maio de 1487, sendo então já do Conselho deste rei e continuando a sê-lo com D. Manuel. Paradigmático também é o caso dos Espargosa e dos Alte, que foram nobilitados, não só eles, mas retroativamente os seus ascendentes. O doutor Cristóvão Esteves de Espargosa, desembargador dos feitos da fazenda de D. João III, e sua mulher Isabel da Pinta, foram senhores da quinta de Espargosa, no termo de Mértola, que instituíram em morgadio (7/6/1543), vinculando-lhe ainda a quinta de Vale da Pinta, no termo de Santarém, a herdade do Moutinho, no termo de Mértola, e casas e a quinta da Silveira, no termo de Évora. Cristóvão Esteves foi nobilitado, adotando no nome da sua quinta (Espargosa), que D. João III privilegiou como solar da família e a quem deu carta de armas novas. Era judeu e fora batizado de pé, sendo filho de Mestre Estêvão (Isaac antes do batismo), boticário em Beja, e sua mulher Branca Esteves. O Doutor Cristóvão Esteves, que a 29/8/1533 teve de D. João III carta de privilégio que supria o seu «defeito de nascimento», foi primeiro procurador dos feitos da fazenda, pelo menos desde 1518 até 14/9/1521. Deste Cristóvão Esteves foi irmão o licenciado Bernardim Esteves de Alte, desembargador do Paço, senhor da herdade de Alte, no termo de Serpa, de que tirou o nome e que também foi nobilitado por D. João III e confirmado por D. Filipe I em 1583, sendo pai do doutor Cristóvão Esteves de Alte, nascido na corte de Lisboa, doutorado em Leis pela Universidade de Coimbra a 9/6/1553, onde foi lente (16/11/1551), sendo também chanceler e desembargador da Casa da Suplicação, e do doutor Bernardim Esteves de Alte, lente de Vocações (1553) da Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, desembargador da Casa da Suplicação e do Paço, etc. O rei fez o dito licenciado Bernardim Esteves «Fidalgo, e nobre como se toda sua avoenga o for», e como «se o dito sollar fora antigo, e os Pays, Avós, bisavós, e tresavós dos ditos L. dos Bernardim Esteves e Simão Gonçalves (Simão Gonçalves Preto, seu genro) fossem Fidalgos de sollar conhecido».

32.2.2. OS NOMES. 27 novembro 2006²⁶

Nomes de família de “cripto-judeus”, prevalecentes, mas não de forma exclusiva, nas regiões da Beira-Baixa, Trás-os-Montes e Alentejo²⁷:

Amorim; Azevedo; Alvares; Avelar; Almeida; Barros; Basto; Belmonte; Bravo; Cáceres; Caetano; Campos; Carneiro; Carvalho; Crespo; Cruz; Dias; Duarte; Elias; Estrela; Ferreira; Franco; Gaiola; Gonçalves; Guerreiro; Henriques; Josué; Leão; Lemos; Lobo; Lombroso; Lopes; Lousada; Macias; Machado; Martins; Mascarenhas; Mattos; Meira; Mello e Canto; Mendes da Costa; Miranda; Montesino; Morão; Moreno; Morões; Mota; Moucada; Negro; Nunes; Oliveira; Ozório; Paiva; Pardo; Pilão; Pina; Pinto; Pessoa; Preto; Pizarro; Ribeiro; Robles; Rodrigues; Rosa; Salvador; Souza; Torres; Vaz; Viana e Vargas.

Nomes de famílias judaicas portuguesas na Diáspora (Holanda, Reino Unido e Américas)²⁸

Abrantes; Aguilar; Andrade; Brandão; Brito; Bueno; Cardoso; Carvalho; Castro; Costa; Coutinho; Dourado; Fonseca; Furtado; Gomes; Gouveia; Granjo; Henriques; Lara; Marques; Melo e Prado; Mesquita; Mendes; Neto; Nunes; Pereira; Pinheiro; Rodrigues; Rosa; Sarmento; Silva; Soares; Teixeira e Teles (entre muitos outros).

Sobrenomes judaicos de origem portuguesa na América Latina²⁹:

26 Genealogia Judaica Portuguesa, Nuno Guerreiro Josué, at 11/12/2003 in Judeus Portugueses e História. Recebi no Correio da Judaria várias mensagens de leitores que indagavam sobre as suas eventuais raízes judaicas. Por vezes os nomes de família e as terras de origem dizem tudo, e basta uma consulta rápida em dois ou três livros de história ou genealogia sefardita para confirmar uma conversão forçada ao catolicismo ou um julgamento perante os tribunais da Inquisição. Outras vezes é preciso trabalhar mais para conseguir desenterrar o que em muitas famílias portuguesas é o mais bem guardado dos segredos. Há uma extensa bibliografia que pode ajudar a traçar esta geografia da identidade pessoal de muitos descendentes de judeus portugueses. Aqui ficam alguns dos livros que considero fundamentais: “A History of the Marranos”, Cecil Roth; “Sangre Judia”, Pere Bonnin; “Secrecy and Deceit: The Religion of the Crypto-Jews”, David Gitlitz; “Os Marranos em Portugal”, Arnold Diesendruck; “A Origem Judaica dos Brasileiros”, José Geraldo Rodrigues de Alckmin Filho; “Dicionário Sefardi de Sobrenomes”, Guilherme Faiguenboim, Anna Rosa Campagnano e Paulo Valadares (ver Folha Online - Dicionário viaja ao passado dos Sefardi - 06/01/2004)

27 *in “Os Marranos em Portugal”, Arnold Diesendruck

28 ** in “Raízes Judaicas no Brasil”, Flávio Mendes de Carvalho

29 in “Os Nomes de Família dos Judeus Creolos”, estudo de Arturo Rab, publicado na revista “Juedische Familien Forschung”, Berlim, 1933

Almeida; Avelar; Bravo; Carvajal; Crespo; Duarte; Ferreira; Franco; Gato; Gonçalves; Guerreiro; Léon; Leão; Lopes; Leiria; Lobo; Lousada; Machorro; Martins; Montesino; Moreno; Mota; Macias; Miranda; Oliveira; Osório; Pardo; Pina; Pinto; Pimentel; Pizarro; Querido; Rei; Ribeiro; Robles; Salvador; Solva; Torres e Viana

Adenda: Nomes de família citados com maior frequência nos documentos da Inquisição, relativos a “relapsos” condenados pelo “crime de judaísmo”:

Rodrigues	453 pessoas
Nunes	229
Mendes	224
Lopes	282
Miranda	190
Gomes	184
Henriques	174
Costa	138
Fernandes	132
Pereira	124
Dias	124

Segue uma listagem (reduzida) de nomes de famílias judias e cripto-judias retirada do Dicionário Sefaradi de Sobrenomes:

A Abreu Abrunhosa Affonseca Affonso Aguiar Ayres Alam Alberto Albuquerque Alfaro Almeida Alonso Alvade Alvarado Alvarenga Álvares Alvarez Alvelos Alveres Alves Alvim Alvorada Alvres Amado Amaral Andrada Andrade Anta António Antunes Araújo Arrabaca Arroyo Arroja Aspalhão Assunção Athayde Ávila Avis Azeda Azeitado Azeredo Azevedo

B Bacelar Balão Balboa Balieyro Baltiero Bandes Baptista Barata Barbalha Barboza Barbosa Bareda Barajas Barreira Baretta Baretto Barros Bastos Bautista Beirão Belinque Belmonte Bello Bentes Bernal Bernardes Bezerra Bicudo Bispo Bivar Boccoro Boned Bonsucesso Borges Borralho Botelho Bragança Brandão Bravo Brites Brito Brum Bueno Bulhão

C Cabaco Cabral Cabreira Cáceres Caetano Calassa Caldas Caldeira Caldeyrao Callado Camacho Câmara Camejo Caminha Campo Campos Candeas Capote Cárceres Cardozo / Cardoso Carlos Carneiro Carranca Carnide Carreira Carrilho Carrollo Carvalho Casado Casqueiro Casseres Castanheda Castanho Castelo Castelo-Branco Castelhana Castilho Castro Cazado Cazales Ceya Cespedes Chacla Chacon Chaves Chito Cid Cobilhos Coche Coelho Collaço Contreiras Cordeiro Corgenaga Coronel Correa Cortez Corujo Costa Coutinho Couto Covilhã Crasto Cruz Cunha

D Damas Daniel Datto Delgado Devet Diamante Dias Diniz Dionísio Dique Dória Dorta Dourado Drago Duarte Durães

E Eliate Escobar Espadilha Espinhosa Espinoza Esteves Évora

F Faisca Falcão Faria Farinha Faro Farto Fatexa Febos Feijão Feijó Fernandes Ferrão Ferraz Ferreira Ferro Fialho Fidalgo Figueira Figueiredo Figueiró Figueiroa Flores Fogaça Fonseca Fontes Forro Fraga Fragoso Franca Frances Francisco Franco Freire Freitas Froes, Fróis Furtado

G Gabriel Gago Galante Galego Galeno Gallo Galvão Gama Gamboa Gancoso Ganso Garcia Gasto Gavião Gil Godinho Godins Goes Gomes Gonçalves Gouvea Gracia Gradis Gramacho Guadalupe Guedes Gueybara Gueiros Guerra Guerreiro Gusmão Guterres

H/I Henriques Homem Idanha Iscol Isidro Jordão Jorge Jubim Julião

L Lafaia Lago Laguna Lamy Lara Lassa Leal Leão Ledesma Leitão Leite Lemos Lima Liz Lobo Lopes Loução Loureiro Lourenço Louzada Lucena Luiz Luna Luzarte

M Macedo Machado Machuca Madeira Madureira Magalhães Maia Maioral Maj Maldonado Malheiro Manem Manganes Manhanas Manoel Manzona Marçal Marques Martins Mascarenhas Mattos Matoso Medalha Medeiros Medina Melão Mello Mendanha Mendes Mendonça Menezes Mesquita Mezas Milão Miles Miranda Moeda Moga-douro Mogo Molina Monforte Monguinho Moniz Monsanto Montearroyo Monteiro Montes Montezinhos Moraes Morales Morão Morato Moreas Moreira Moreno Motta Moura Mouzinho Munhoz

N Nabo Nagera Navarro Negrão Neves Nicolao Nobre Nogueira Noronha Novaes Nunes

O Oliva Olivares Oliveira Oróbio

P Pacham/Pachão/ Paixão Pacheco Paes Paiva Palancho Palhano Pantoja Pardo Paredes Parra Páscoa Passos Paz Pedroso Pegado Peinado Penalvo Penha Penso Penteado Peralta Perdigão Pereira Peres Pessoa Pestana Picanço Pilar Pimentel Pina Pineda Pinhão Pinheiro Pinto Pires Pisco Pissarro Piteyra Pizarro Pombeiro Ponte Porto Pousado Prado Preto Proença

Q Quadros Quaresma Queiroz Quental

R Rabelo Rabocho Raphael Ramalho Ramires Ramos Rangel Raposo Rasquete Rebello Rego Reis Rezende Ribeiro Rios Robles Rocha Rodriguez Roldão Romão Romeiro Rosário Rosa Rosas Rozado Ruivo Ruiz

S Sá Salvador Samora Sampaio Samuda Sanches Sandoval Santarém Santiago Santos Saraiva Sarilho Saro Sarzedas Seixas Sena Semedo Sequeira Seralvo Serpa Serqueira Serra Serrano Serrão Serveira Silva Silveira Simão Simões Soares Siqueira Sodenha Sodrê Soeyro Sueyro Soeiro Sola Solís Sondo Soutto Souza

T/U Tagarro Tareu Tavares Taveira Teixeira Telles Thomas Toloza Torres Torrones Tota Tourinho Tovar Triguillos Trigueiros Trindade Uchôa

V/X/Z Valladolid Vale Valle Valença Valente Vareda Vargas Vasconcellos Vasques Vaz Veiga Veyga Velasco Velez Vellez Veloso Vergueiro Viana Vicente Viegas Vieyra Viera Vigo Vilhalva Villhegas Vilhena Villa Villalao Villa-Lobos Villanova Villar Villa Real Villella Vilela Vizeu Xavier Ximenez Zuriaga

Fonte: <http://ruadajudiaria.com/index.php?p=77>

Os judeus anteriores à conversão forçada são também facilmente reconhecíveis pelos nomes, não só pelos nomes próprios, mas também pelos apelidos ou nomes de família. Percorrendo a longa Chancelaria de D. Afonso V (1438-1481) é possível recolher um vasto conjunto de nomes de família tipicamente judeus, se bem que muitos deles apenas se documentem com os nomes próprios, geralmente anteceditos da designação mosse ou mestre. Esses nomes de família são os seguintes, por ordem alfabética:

A - Abam, Abaya, Abaz, Abeçar/Abeça, Abençall, Abraçar, Abenzamorro, Abenazo, Abete, Abez, Abife, Aboa/a Boa, Abraão / Abraham (sobretudo nome próprio), Abravanel, Abroz, Abudente, Açaral, Adaroque, Ade-reos/Aderes, Adida, Aidara, Alarbom Albarrux, Albogalim, Albotene, Alcabaz, Alcale, Alegria, Alfaquy/Alfaquem/Alfa-quim, Alfeice/Alferce, Almalle/Almalee, Almusas Alzagal, Alravel, Alroz, Alvargo/Alvargii/Alvargy, Alvo, Am/Ham, Amalho, Amanilho, Amigo, Amyz, Anyneu, Arary/Arari, Arrobas, Arte, Azeerim/Azecrim, Azenha;

B - Bacoa, Bagally, Barnabé, Barrocas, Barrobe, Bari, Baru/Barru, de Barbova, Baquis, Beacar/Beçar/Beatar, Bega, Beiçudo/Beyçudo, Beiro, Belacide, Belhamym, Benafull, Benafaçom, Benazo, Benjamim, Bemzammerro Ben-ziza, Beuafaçom, Bichacho, Bicudo, Bixorda, Brafanez, Bono, Boym;

C - Caçez, Cachado, Çaçom/Saçom/Sacam, Cadaley, Çadiz, Caldeirão, Calimy, Çalleicaa, Calvo, Camacas, Camarinha, Canana, Canfi, Capam, Capaya/Capayo, Catarribas, Catelaão/Catalão, Cardinel, Carrilho, Carraf, Caru-chel, Castelão /Castelhão, Catam, Catiell, Cefim, Cerasady, Chaveirol, Cide / Cid, Codilho, Cofeiro, de Colhar, Çoleima, Colem, Colodro, Conciel, Cordilha, Coser, Cosfem, Cosim, do Crasto / de Castro, Crespim, Crescente, Crudo, Cudello, Curuto;

D - Dano, Danom, Delhescas, Donhas, Douo;

E - Eide, de Elhifes, Escalona, Espanom, Espantão, Erguas, Erudo;

F - Falaz, Famiz, Famta, Faquom, Faquim, Faracho, Faravom, Fayham/Fayam, Focem, Folega, Frances, Franco/Franquo;

G - Gabay, Gabriel, Gadim, Gaguim/Gaguy, Gaim, Galiete/Galite, Galaje, Galante, Garçom, Gayos, Gedelha (sobretudo nome próprio), Golete, Gota, Guaryto, Gualite, Graço;

H - Husque;

L - de Labynda, Latam / Latão, Lavanca, Lázaro, de Llescas, de Llestes, Levi, Liam, Lias, de Liscas, de Lixeas, Loquem, Lozora;

M - Maalom, Macaz, Machosso, Maçon, Maconde, Martelo, Marracoxy, Mataro, Matrotel, Mayll, de Medina, Menafem, Mocatel, Mocato, Mofejo, Mosejo, Mollaão, Montam, Motaal, Motal, Muça;

N - Nafas, Nanyas, Naniras, Natam;

P - Papo, Palaçano, Palacho, Patteiro, Peço, Pello, Pernica, Pexeiro, Picorro, Piecho, Picho, Prateiro;

R - Ribaro, Ricomem, Rodriga, de Rogos, Romano, Romão, Romdyem, Romeiro, Rondim, Rosall;

S - Samaia/Çamaya, Sanamel, Saraya, Savarigo, Solega;

T - Tarraz, Tavy/Tovy, Toby, Tolledam/Toledano, Tony, Torigo, Tristam;

V - Vaca, Vallency, Varmar, Vascos, Venyeste, Viarcis, Vivas/Vivaz, Vidas, Vidos, Vivallaquero;

Z - Zaaboca, Zabocas, Zaquim, Zaquem, Zarco.

Outros nomes usados por judeus desta época têm a aparência de alcunhas, como é o caso de Crespo, Dourado, Querido, Parente e Ruivo (nome usado por vários judeus de Évora, alguns pais e filhos), podendo também ser o caso de Branco e Preto, nomes que também se documentam em judeus, este último o nome de uma importante família de mercadores de Lisboa. Mas Crespo, que também aparece antecedido da partícula ben, seria por isso um nome próprio. E resta saber se alguns outros nomes de aparência portuguesa não são afinal palavras hebraicas homónimas ou pelo menos homógrafas. Documentam-se também famílias judias com nomes claramente tirados de cidades ou vilas portuguesas: Murça, de Faro, de Leiria, Coimbra, de Lamego, de Tomar, Penafiel, da Pedreireira, de Cea / Seia, da Vitória (uma família do Porto) e Cascais. Se bem que, quando se documentam, estas famílias vivessem em terras completamente distintas das que ostentavam no nome. Como característica geral, os nomes judeus nunca têm patronímicos à portuguesa, se bem que pelo menos os nomes anteceditos por ben o pareçam ser. Como é o caso, por exemplo, de Benafaçom, que significaria filho de Afaçom. Na verdade, só se encontram três judeus com nomes de família que podem ser patronímicos à portuguesa: Marcos, Vicente e Manuel, se bem que este último nome também apareça como Manueell.

Claramente patronímico português só um, aliás associado a um primeiro nome cristão. Trata-se de Álvaro Gonçalves, judeu, morador na cidade de Évora, que a 15/10/1454 teve perdão da justiça régia pela fuga da prisão, tratar-se-ia já de um converso (ou um dos vários que foram obrigados a converter-se), ou então um descendente de judeus de Castela, onde as conversões forçadas começaram em 1391 e desde 1449 estavam em vigor os estatutos de pureza de sangue. Alguns documentos mantêm registados os nomes originais dos judeus que, ao serem batizados, assumiram nomes tipicamente portugueses. Eis alguns:

Nome Original Judeu --> Nome Cristão Português

Abraão ...? --> Gonçalo Dias

Abraão Gatel --> Jerónimo Henriques

Benyamim Beneviste --> Duarte Ramires de Leão

Eliézer Toledano --> Manoel Toledano
Isaac Catalan --> Rafael Dias
Isaac Tunes --> Gabriel Velho
Icer ...? --> Grácia Dias
Luna Abravanel --> Leonor Fernandes
Salomão aben Haim --> Luís Álvares
Salomão Coleiria --> Gonçalo Rodrigues
Salomão Molcho --> Diogo Pires
Samuel Samaia --> Pero Francisco
Santo Fidalgo --> Diogo Pires
...? Arame --> Francisco Martins
...? Cabanas --> Estevam Godinho
...? Cohen --> Luís Mendes Caldeirão
...? Gatel --> Francisco Pires

Costuma-se dizer que os judeus tomavam como apelidos nomes de árvores e animais. Mas, a bem da verdade, esses apelidos já apareciam na antroponímia portuguesa desde que se tornou usual a adoção de um nome de família, não sendo, portanto, de ocorrência exclusiva entre os hebreus. Muitos judeus modernos, descendentes dos expulsos da Espanha e Portugal, que hoje vivem principalmente na Holanda, Itália, EUA e Israel, preservam seus apelidos portugueses, às vezes com grafia já deturpada.

A verdade é que vários judeus se converteram ao Cristianismo muito antes da conversão obrigatória. E este batismo obrigou ao abandono do nome judeu e à adoção de um outro, normalmente o do padrinho. É certamente o caso de Simão Homem, judeu, convertido ao Cristianismo, que a 27/4/1473 teve perdão da justiça régia por ter ferido Yuda, judeu, e pela fuga da prisão, mediante o perdão das partes e tendo pago 400 reais para a Piedade. Isto leva à questão dos judeus, anteriores à conversão forçada, que ostentam nomes de famílias da nobreza portuguesa. Não são muitos, mas são alguns, sendo que esta adoção não pode estar relacionada com a conversão, pois usavam esses nomes como judeus. É o caso típico de uma das mais importantes famílias judias de Portugal, os Navarro. Sendo certo, que no século XV existia o nome Navarro em cristãos, como é o caso de Gomes Martins Navarro, morador em Altares, que esteve em Alfarrobeira pelo Infante D. Pedro, bem como uma importante família de judeus alentejanos que usava o nome Pinto. Documentam-se ainda judeus com os nomes do Crasto / de Castro, Lobo, Marinho, Caldeira, Caldas, de Sá, Amado e Pereira. Em alguns destes casos apenas se encontrou um indivíduo com este nome, como é o caso de Isaque Pereira, judeu, morador na cidade de Évora, servidor de D. Afonso V, que a 9/7/1439 lhe confirma um privilégio D. Duarte de 9/4/1434 que o isentava do pagamento de qualquer imposto régio e concelhio, de qualquer encargo e servidões régias e concelhias, de pagar o serviço real novo em cabeças, do direito das sisas, de nenhum encargo na comuna dos judeus, bem como de trazer na roupa o sinal no peito, concedendo-lhe ainda licença para andar em besta muar de sela e freio.

32.2.3. D. MANUEL I, E OS JUDEUS. 27 novembro 2006

Com a ascensão de D. Manuel I ao trono, em 1495, os castelhanos escravizados foram libertados. Todavia, o casamento anunciado do rei com a princesa Isabel da Espanha colocou os judeus novamente em tensão. Isto porque o contrato de casamento incluía uma cláusula que exigia a expulsão dos hereges (mouros e judeus) do território português. O rei tentou fazer com que a princesa reconsiderasse (pois precisava dos capitais e do conhecimento técnico dos judeus para o seu projeto de desenvolvimento de Portugal), mas foi em vão. Em 5 dezembro 1496 assinou o decreto de expulsão dos hereges, concedendo-lhes até 31 outubro 1497 para deixarem Portugal. Aos judeus, o rei permitiu que optassem pela conversão ou desterro, esperando assim que muitos se batizassem.

Durante esse tempo, D. Manuel não faz preparativos para o embarque dos judeus; manda retirar as crianças judias às suas famílias e educá-las em famílias cristãs; isenta de inquérito ou perseguição religiosa todos os Cristãos-Novos durante vinte anos, o que na prática significava que mesmo depois de batizados poderiam continuar a ser judeus; e, finalmente, no momento do embarque, manda batizar à força os últimos renitentes. Assim, a maior parte dos judeus fica em Portugal como Cristãos-Novos. A comunidade judaica desaparece, enquanto entidade autónoma. Mas os judeus, as suas fortunas e as suas

capacidades de trabalho, permanecem no país, ao serviço do reino. D. Manuel pode proclamar a "limpeza" de Portugal e ao mesmo tempo desfrutar do que sempre possuiu.

Os judeus, em grande maioria, resolvem, porém, abandonar o país. O rei, ao ver ir por terra sua estratégia, manda então fechar todos os portos de Portugal para impedir a fuga - menos o de Lisboa. Foi ali que se concentraram cerca de 20 mil judeus, que esperavam transporte. Em abril de 1497, o rei manda sequestrar as crianças judias menores de 14 anos, para serem criadas por famílias cristãs, o que foi feito com grande violência. Em outubro desse ano, os que ainda assim resistiram a conversão, foram arrastados à pia batismal pelo populacho, incitado por clérigos fanáticos e com a complacência das forças policiais. D. Manuel, assustado com a ideia de que os judeus pudessem esconder as crianças e que a sua decisão tomada em Estremoz viesse a extravasar, determinou que a ação fosse executada no domingo de Páscoa. O país viu-se palco de grandes tragédias. Filhos arrancados dos pais, arrastados com violência, tendo-se constatado inúmeras mortes e suicídios. É de se notar a desigualdade embutida nessa ação, pois os mouros, como os judeus, eram passíveis do decreto de expulsão. Não lhes tiravam, porém, os filhos. Por que razão se haveriam de poupar os mouros? A resposta encontra-se no comentário feito pelo cronista Damião de Goes a respeito do assunto, na sua obra Crónica de Dom Manuel:

"A causa foi porque de tomarem os filhos aos judeus, se não podia recrescer nenhum damno aos christãos, que andam espalhados pelo mundo, no qual os judeus por seus peccados não tem reinos, nem senhorios, cidades nem villas, mas antes em toda a parte onde vivem são peregrinos e tributários, sem terem poder nem authoridade para executar suas vontades contra as injurias e mal que lhes fazem. Mas aos mouros por nossos peccados e castigo permite Deus terem occupada a mór parte da Asia e Africa e boa da Europa, onde tem impérios e reinos e grandes senhorios, nos quaes vivem muitos christãos debaixo de seus tributos, além dos que muitos tem captivos e a todos estes fora mui prejudicial tomarem-se os filhos dos mouros porque aos que se este agravo fizera, é claro que se não houveram de esquecer de pedir vingança dos christãos... e sobretudo dos portugueses."

Assim é que os judeus não tinham quem os protegesse, enquanto os árabes possuíam príncipes e reinos poderosos que não só poderiam pôr em perigo a própria estabilidade portuguesa como vingar-se em eventuais súbditos do país que vivessem em seus territórios.

Damião de Goes, dentro da concepção, na época universal, de que os judeus constituíam uma nação, pois sempre foram chamados "os da nação" ou "gente da nação", compreendeu que sem impérios, reinos, vilas ou poderosos príncipes que os defendessem, os judeus estariam à mercê de seus perseguidores, que poderiam fazer com eles o que bem entendessem. No século XVI, a visão de Damião de Goes já tornava clara a necessidade de que os judeus tivessem um estado ou um reino constituído. Damião de Goes, através da sua sensibilidade, talvez tenha sido um dos primeiros europeus que teve a visão do que mais tarde viria a ser o fulcro do movimento sionista.

Foram desses batismos em massa e à força que surgiram os marranos, ou criptojudeus, que praticavam o judaísmo em segredo, mas professavam publicamente a fé católica. Os "Cristãos-Novos" nunca foram realmente bem aceites pela população "cristã velha", que desconfiava (justificadamente) da sinceridade da fé dos conversos. Essa desconfiança evoluiu para a violência explícita: o Pogrom de Lisboa ocorreu em 1506. A peste grassava na cidade desde janeiro, fazendo dezenas de vítimas por dia, e em abril, insuflados por clérigos fanáticos que culpavam os "Cristãos-Novos" pela calamidade, o populacho investiu contra eles, matando mais de dois mil deles, entre homens, mulheres e crianças.

Assim se iniciava nova diáspora judaica, rumando ao norte da Europa, onde fundaram comunidades nos Países Baixos, sul de França, e Médio Oriente. Após a expulsão dos judeus da Espanha (1492), o mundo árabe acolheu boa parte deles e deu-lhes - tal como aos cristãos - o estatuto de *dhimmi*, inferior ao dos muçulmanos, claramente mais favorável que

o de seus correligionários na Europa, preservando-os das perseguições recorrentes que sofreram na Europa. Judeus portugueses seguiram com os holandeses para Nova Amsterdão (posteriormente Nova Iorque), onde fundaram uma das mais antigas comunidades judaicas. No Brasil, chegaram juntamente com os holandeses a Belém do Pará, embora houvesse judeus convertidos na expedição de (Pedro Álvares) Cabral que "descobriu" o Brasil em 22 abril de 1500. Muitos dos judeus sefarditas portugueses fugiram para as montanhas das Beiras Alta e da Beira Baixa tornando-se criptojudes. Os que se converteram ao Cristianismo passaram a ser chamados "marranos" (de porcos) ou "conversos", ou Cristãos-Novos.

Só por ironia do destino, os Cristãos-Novos portugueses, que se estabeleceram no sul da França nos séculos XVII e XVIII eram conhecidos por "Messieurs les portugais". Português como sinónimo de judeu. Com a expulsão dos médicos sefarditas portugueses assim como dos vários eruditos judaicos, Portugal sofreu uma perda terrível de valores intelectuais e até à data ainda não conseguiu recuperar desse desespero, o que nos trás de volta à citação de início. Portugal arruinou-se (e muito) com a Inquisição, mas as outras nações ganharam com a inteligência e qualidades profissionais dos judeus sefarditas portugueses. É depois da Inquisição que passamos a ver nomes famosos de médicos sefarditas portugueses em todos os países da Europa, não só como professores das faculdades de medicina, mas médicos privados dos chefes do governo, reis e rainhas. Assim há nomes de médicos portugueses em lugares de destaque: Costa, Bueno, Cardoso, De Castro, Da Silva, Fonseca e Nunes.

João Rodrigues Castelo Branco também conhecido por Amato Lusitano (Amatus Lusitanus) além de um bom médico foi botânico em Antuérpia e chegou a ser professor de medicina em Ferrare. Chegou a ser o médico que tratou do Papa Julius III.

Daniel Fonseca fugiu para França e depois foi médico do Príncipe de Budapeste. Judah Abravanel foi para Nápoles, Génova e Veneza tornando-se um médico famoso.

Filoteu Montalto depois de fugir de Portugal foi para Florença chegando a ser médico particular do Duque Frederico. Depois foi chamado para tratar da Rainha Catarina de Médicis, em Paris, França, que sofria de enxaquecas e ele receitou-lhe pó de tabaco que naquele tempo "eram as ervas milagrosas".

Jacob Martinho foi para a Itália onde chegou a ser professor de medicina na Universidade de Roma e médico do Papa Paulo III. Rodrigues da Fonseca foi professor de Medicina em Pisa e Pádua.

Fabrizio de Água Pendente foi professor de anatomia em Bolonha e descobriu as válvulas nas veias profundas das nossas pernas e coxas.

Rodrigo de Castro foi para Hamburgo (Alemanha), chegando depois a tratar da Rainha Cristina da Suécia.

Uma grande parte dos judeus sefarditas portugueses fugiu para Amsterdão, onde construíram a maior Sinagoga que há no mundo. É nesta cidade que encontramos muitos nomes de médicos sefarditas portugueses como Fernando Mendes, que depois foi para Londres chegando a ser médico particular da Rainha Catarina de Bragança, mulher do Rei Carlos II, que sofria de gota e este médico judaico sefardita português receitou-lhe, pela primeira vez na Inglaterra, a colquicina, medicamento que ainda se usa hoje no mundo inteiro para o tratamento do ataque de gota! Foram os judeus sefarditas portugueses que ensinaram os ingleses a fritar peixe, porque levaram com eles o azeite português! Foi a Rainha Catarina de Bragança que ensinou os ingleses a beberem o "chá das cinco" e levou também com ela o uso do garfo para a Casa-Real Inglesa, e até as tangerinas! Foi esta Rainha que deu o nome ao maior Bairro da Cidade de Nova Iorque que se chama hoje "Queens" em sua honra!

A Primeira Rainha de Bristol era 100 % Portuguesa porque no primeiro mapa das ruas de Bristol (1680) aparecem ruas com o nome de "King" (em honra de Carlos II) de "Queen" (em honra da Rainha Catarina de Bragança) e ainda outra rua que dá seguimento a esta que tem o nome de "Catarine Street".

Os judeus sefarditas portugueses emigraram também para os Açores, Madeira, Cabo Verde, Guiné e Brasil, envolvendo-se na indústria (do açúcar) e nas outras profissões

incluindo a medicina. Mesmo da Holanda deram o salto para o Recife, no norte do Brasil, porque os holandeses tinham roubado a Portugal este território. Seguiram depois para Curaçau e Nova Amsterdão que mais tarde mudou o nome para Nova Iorque, quando os ingleses a conquistaram.

Nas listas de processados pelo Santo Ofício, por serem judeus ou Cristãos-Novos, encontram-se milhares de nomes e apelidos genuinamente portugueses, causando mesmo estranheza que nomes hebraicos raramente sejam mencionados. Analisando essas listas, nota-se que qualquer apelido português poderá ter sido, em algum tempo ou lugar, usado por um judeu ou cristão-novo. Não escaparam ao uso apelidos bem cristãos, tais como "dos Santos", "de Jesus", "Santiago", etc. Certos apelidos, porém, aparecem com maior frequência, tais como "Mendes", "Pinheiro", "Cardoso", "Paredes", "Costa", "Pereira", "Henriques", etc. O de maior incidência, no entanto, foi "Rodrigues."

Os historiadores sempre assinalaram a nítida diferença com que a Inquisição tratava muçulmanos e judeus. Na verdade, o número de processos por conta de seguidores da religião de Maomé é diminuto e totalmente desproporcional ao do julgamento dos criptojudeus considerados apóstatas da igreja católica por retornarem à prática judaizante. A maior comunidade judaica encontrava-se em Lisboa, onde havia diversas judiarias. A mais antiga situava-se no bairro da Pedreira, entre os conventos do Carmo e Santa Trindade, e uma mais nova no bairro da Conceição. Desde 1457 existiu uma terceira judiaria perto do Portão de Pedro, chamada judiaria da Alfama. Depois de Lisboa, as maiores comunidades e, portanto, as maiores judiarias, ficavam em Santarém, Lamego, Bragança, Guimarães, Évora, Alcácer, Coimbra, Viseu, Porto, Chaves, Leiria, Trancoso, Alvito, Guarda, Alenquer, Elvas, Estremoz, Faro, Covilhã, Beja, Penamacor, Vila Marim, Castro Marim, Miranda, Porches, Cacilhas, Meação Frio, Barcelos e Vila Viçosa.

Além disso, parte dos judeus viviam dispersos por várias localidades, faltando-lhes os dez adultos necessários para o serviço divino regular. Esta situação explica a pergunta dirigida por judeus portugueses ao rabino de Barcelona, Salomon Adreth, sobre se dois meninos de 13 anos podiam completar o número de adultos necessários para o serviço divino. A resposta do rabino foi negativa. Os judeus em Portugal precisavam pagar muitos impostos ao Estado. O mais antigo foi provavelmente a juderenga, capitação fixada em 30 dinheiros, como em Castela, onde fora introduzida por Sancho II em 1295, era cobrada pelo fato de Judas ter denunciado Jesus aos romanos pela mesma soma. Na mesma época, talvez simultaneamente com a introdução do rabinato, estabeleceu-se, sobre este uma taxa que revertia para a Coroa. Também a taxa corporal não era desconhecida em Portugal. Em Beja, por exemplo, cada judeu que nela ingressasse pagava um maravedí como tributo corporal. Além disso, estavam sujeitos a um tributo para o incremento da marinha. Desde o reinado de Sancho II, que fora o primeiro a favorecê-la, tiveram os judeus que fornecer, para cada nau que o rei equipasse, uma âncora e uma amarra com comprimento de 60 côvados ou pagar a soma equivalente de 60 libras. Cada judeu ou judia recolhia anualmente um "serviço real". O rapaz de sete a 14 anos, cinco soldos. A menina de sete a 12 anos, dois soldos e meio. As moças maiores de 12 anos, enquanto fossem solteiras, pagavam meio maravedí. O dobro pagava o solteiro que vivesse na casa paterna. O homem ou a mulher, solteiros ou casados, eram taxados respetivamente em 20 e dez soldos. Colheitas agrícolas e transações comerciais também estavam sujeitas a taxações. No reinado seguinte (Afonso V), a situação dos judeus em Portugal era extremamente favorável. Nenhum dos monarcas anteriores tanto os protegera, parecendo que todas as leis canónicas e restrições vigentes tivessem sido repentinamente suspensas. Viviam fora das judiarias, não usavam distintivos, pavoneavam-se sobre cavalos ricamente enfeitados com custosos arreios, envergando longas túnicas e finos capuzes, com coletes de seda e espadas douradas. Exerciam cargos públicos. Como burgueses livres, também negligenciavam muitos de seus deveres religiosos. Uma descrição contemporânea sobre o comportamento durante o culto, que condiz com as censuras de Abraão Saba (o qual viveu mais ou menos 80 anos depois), é-nos transmitida num pequeno livro por Salomão Alami, que viveu na mesma época do rabino Simão Duran. As liberdades que Afonso V concedera aos judeus nunca foram bem vistas pela massa ignorante da população e pelo clero corrupto. Isso estimulou novamente, e agora em grau mais intenso, o ódio da plebe. Num auto-de-fé em Coimbra, em 1718, saíram mais de 50 nativos de Bragança, continuando esta cidade a prover, nos anos seguintes, nove décimos do total das vítimas do Tribunal da Inquisição. Nos registos publicados do Santo Ofício, figuram 805 pessoas de Bragança.

Esta questão sempre me atraiu, qual a verdadeira razão para determinar a expulsão dos judeus de Portugal, que eram fundamentais e uma "mina" de ouro para a Coroa portuguesa. D. Manuel I, não queria, tentou tudo para o evitar, cometeu atrocidades contra o seu caráter e acabou por fazê-lo. Porquê? Para Eduardo Mayonne Dias (Universidade of Califórnia, Los Angeles, na obra "Os criptojudeus da Faixa Fronteiriça Portuguesa") na realidade D. Manuel não tinha interesse em expulsar a comunidade, destacado elemento de progresso na economia e profissões liberais. A sua esperança era que, retendo os judeus no país, os seus descendentes pudessem eventualmente, como cristãos, atingir um maior grau de aculturação.

32.2.4. JUDEUS NO BRASIL

Marcelo Miranda Guimarães interroga quem foram os brancos portugueses que vieram colonizar o Brasil? Viriam atraídos pelas riquezas e maravilhas da terra Pau-Brasil? A grande verdade é que muitos historiadores do Brasil colonial ocultaram uma casta étnica que havia em Portugal denominada por cristãos-novos, ou seja, os Judeus! Em 1499, já não havia judeus em Portugal só cristãos-novos. Naquele momento de crise, perseguição e desespero, uma porta se abriu quando uma grande esquadra descobre o Brasil em abril de 1500.

O judeu Fernando de Noronha, primeiro arrendatário do Brasil, demanda trazer um grande número de mão-de-obra para explorar seiscentas milhas da costa, construindo e guarnecendo fortalezas na obrigação de pagar uma taxa de arrendamento à coroa portuguesa a partir do terceiro ano. Assim, milhares de judeus fugindo da chamada "Santa Inquisição" e das perseguições do "Santo Ofício" começaram a colonizar o novo país. Em 1531, Portugal obteve de Roma a indicação de um Inquisidor Oficial para o Reino, e em 1540, Lisboa promulgou o primeiro Auto-de-fé. Daí em diante o Brasil passou a ser terra de exílio, dos réus de crimes comuns, bem como daqueles que se diziam cristãos-novos, mas continuavam a professar a fé judaica. Em 1591 um oficial da Inquisição foi designado para a Bahia, então capital do Brasil. Em 1624, a Santa Inquisição processava 25 judaizantes brasileiros. Nomes extraídos do Livro: "Os Judeus no Brasil Colonial" de Arnold Wiznitzer, pp. 35, Pioneira Editora, Universidade de S. Paulo com base nos arquivos da Inquisição da Torre do Tombo, Lisboa: Alcoforada, Ana; Antunes, Heitor; Antunes, Beatriz; Costa, Ana da; Dias, Manoel Espinosa; Duarte, Paula; Gonçalves, Diogo Lasso; Favella, Catarina; Fernandes, Beatriz; Lopes, Diogo; Franco, Lopes Matheus; Lopes, Guiomar; Maia, Salvador da; Mendes, Henrique; Miranda, Antônio de; Nunes, João; Reis, Ana; Souza, João Pereira de; Teixeira, Bento; Teixeira, Diogo; Souza, Beatriz de; Souza, João Pereira de; Souza, Jorge de; Ulhoa, André Lopes.

É importante ressaltar que nesses processos os sobrenomes abaixo receberam a qualificação de "judeus convictos" ou "judeus relapsos" em alguns casos. Citam-se apelidos ou sobrenomes:

Abreu; Álvares; Azeredo; Ayres; Affonseca; Azevedo; Affonso; Aguiar; Almeida; Amaral; Andrade; Antunes; Araújo; Ávila; Azeda; Barbosa; Barros; Bastos; Borges; Bulhão; Bicudo; Cardoso; Campos; Casado; Chaves; Costa; Carvalho; Castanheda; Castro; Coelho; Cordeiro; Carneiro; Carnide; Castanho; Corrêa; Cunha, Diniz; Duarte; Delgado; Dias; Esteves; Évora; Febos; Fernandes; Flores; Franco; Ferreira; Figueira; Fonseca; Freire; Froes; Furtado; Freitas; Galvão, Garcia, Gonçalves, Guedes, Gomes, Gusmão, Henriques, Izidro, Jorge, Laguna; Lassa; Leão; Lemos; Lopes; Lucena; Luzaete; Liz; Lourenço; Macedo; Machado; Maldonado; Mascarenhas; Martins; Medina; Mendes; Mendonça; Mesquita; Miranda; Martins; Moniz; Monteiro; Moraes; Morão; Moreno; Mota; Munhoz; Moura, Nagera; Navarro; Nogueira; Neves; Nunes, Oliveira; Oróbio; Oliva, Paes; Paiva; Paredes; Paz; Pereira; Perez; Pestana; Pina; Pinheiro; Pinto; Pires; Porto, Quaresma; Quental, Ramos; Rebello; Rego; Reis; Ribeiro; Rios; Rodrigues; Rosa; Sá; Sequeira; Serqueira; Serra; Silva; Silveira; Simões; Siqueira; Soares; Souza, Tavares; Telles; Torrões; Tovar; Trigueiros; Trindade, Vale; Valença; Vargas; Vasques; Vaz; Veiga; Velez; Vergueiro; Vieira; Villela.

Todos esses judeus brasileiros, foram julgados e condenados pela Inquisição, sendo alguns foram deportados para Portugal e queimados, como por exemplo o judeu António Félix de Miranda, o primeiro judeu a ser deportado do Brasil. Outros foram condenados a cárcere e hábito perpétuo. os judeus desembarcavam na maioria das vezes na Bahia, por ser o principal porto. Grande parte deles dirigia-se para sul, fixando residência no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Outros preferiam Pernambuco e Pará. A influência histórica judaico-sefardita é inegável.³⁰

32.2.5. DOS JUDEUS DE VIMIOSO, ARGOZELO, BRAGANÇA, ETC., 27 novembro 2006.

Com uma população de cerca de 1000 habitantes, a freguesia de Argozelo pertence ao Concelho de Vimioso, distrito de Bragança. Presume-se que esta vila tenha sido criada numa data anterior a 1187. A origem da vila teve a sua génese numa troca entre os monges de Castro de Avelãs, que deram ao rei a sua herdade de Benquerença, no local que é atualmente Bragança e em troca a Coroa dava aos referidos monges a igreja de S. Mamede e as suas

30 (Fontes Bibliográficas: Os Judeus no Brasil Colonial - Arnold Wiznitzer - Editora Pioneira - SP - 1996, Raízes judaicas no Brasil - Flávio Mendes Carvalho - Editora Nova Arcádia - SP - 1992, Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil - Nachman Falbel Fisesp - SP. Judaizantes e judeus no Brasil - Egon e Frieda Wolff - RJ.)

vilas de Santulhão, Pinelo e Argozelo, na época chamada Ulgusello. Cem anos depois, ainda os Frades de Castro de Avelãs e o arcebispo de Braga andavam às voltas sobre a real posse daqueles territórios. Em 1290, D. Dinis dava carta de foro à freguesia, que a partir daí ganhava uma independência administrativa relativa. Só em 1319 um despacho do rei D. Dinis viria sanar o conflito e determinava os verdadeiros direitos sobre a posse da atual freguesia, integrando-o no Concelho de Miranda do Douro. A nível populacional, o crescimento maior deu-se, no entanto, a



partir do século XVI.

Com a expulsão dos Judeus de Espanha, e com Argozelo perto da fronteira, centenas de pessoas desta religião acorreu à freguesia, aumentando em muito o seu número de habitantes. O traçado atual da povoação apresenta características nitidamente judaicas, com ruas muito estreitas e becos sem saída. Este facto comprova bem a sua importância no desenvolvimento da terra. Para saber mais consulte <http://eira.espigueiro.pt/gac-argoselo/>. Na igreja ainda hoje se mantêm os lugares fixos das famílias sendo alguns referidos como sendo dos Cristãos-Novos. Contou-nos alguém que a sua avó, muito em segredo, tão em segredo que nem ela saberia já porquê, sabia umas rezas diferentes que rezava também em segredo....

Chamam peliqueiro àquele que prepara ou vende pelicas (peles, especialmente de cabrito, curtidas e preparadas). Peliqueiros são os habitantes de Argozelo, localidade do Concelho de Vimioso, no distrito de Bragança. Ao que tudo indica, a tradição do negócio das pelicas em Argozelo tem raízes judaicas. Assim o fazem crer os relatos dos antigos e os vários documentos históricos escritos sobre as origens daquela terra.

A importância do legado judaico revela-se no símbolo da Junta de freguesia de Carção que tem no brasão um mezuzá³¹ e uma menorá, o candelabro de sete braços, um dos mais antigos símbolos judaicos. Em Argozelo é comum dizer-se que foram os Judeus - “finos” para o negócio e com tradições de comerciantes - quem por aquelas bandas deixou a “semente” dos peliqueiros. Na verdade, na região, a compra de peles (bovinas, ovinas e caprinas) está estritamente ligada a Argozelo, daí que os seus habitantes tenham sido apelidados de peliqueiros. Mas, para além dos relatos populares, também o Abade de Baçal escreveu [no Tomo V da Enciclopédia “Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança”, dedicado à presença dos Judeus na região] que “esses emigrantes [Judeus que no século XV vieram para o Nordeste de Portugal] estabeleceram-se nas povoações de Vimioso, Argozelo, Carção, Azinhoso, Chacim, Lagoaça e Moncorvo”, acrescentando que “nos lugares de Argozelo e Carção exercem uns a indústria de sarradores de peles”³².

Luís (Francisco de Paula) Mina é também um profundo conhecedor dos usos e costumes de Carção, uma terra que ocupa um lugar especial em toda a História de Portugal e não apenas do Concelho de Vimioso ou do distrito de Bragança, porque ali se abrigaram muitos judeus perseguidos pelos reis portugueses e espanhóis do período da Inquisição. Segundo explicou Luís Mina e vem desenvolvido no livro em referência, a aldeia de Carção esteve dividida, ao longo dos anos, em dois grupos étnicos diferenciados: os judeus, de um lado, e os chamados “cabrões”, do outro, sem que estas alcunhas tivessem a conotação negativa que se lhe dá nos nossos dias. Os primeiros, como se disse, foram ali abrigar-se das

31 Mezuzá (do hebraico מַזְזֻזָּה "umbral") é o nome de um mandamento da Torá que ordena que seja afixado no umbral das portas um pequeno rolo de pergaminho (klaf) que contém as duas passagens da Torá que ordenam este mandamento, "Shemá" e "Vehaiá" (Deuterónimo 6:4-9 e 11:13-21). O mezuzá deve ser afixado no umbral direito de cada dependência do lar, sinagoga ou estabelecimento judaico como lembrança do criador. Deve ser posto a sete palmos de altura do chão, apontando para dentro do estabelecimento com a extremidade de cima. Os judeus costumam beijar a mezuzá toda a vez que se passa pela porta, para lembrar das orações que estão contidas ali dentro e os princípios do judaísmo que elas carregam. Na tradição, as mezuzot (plural de mezuzá) dos judeus asquenzitas são posicionadas a um ângulo, enquanto os judeus sefarditas posicionam as suas mezuzot verticalmente

32 Fátima Garcia in ST, 2005-05-11 <http://www.diariodetrasmontes.com/noticias/complexa.php3?id=7006>

investidas inquisitoriais de alguns reis portugueses, dedicando-se sobretudo ao negócio e a algumas atividades de artífices. Os segundos dedicavam-se sobretudo à lavoura.

Apesar de viverem lado a lado, estes dois grupos não se misturavam no convívio nem no casamento, preservando cada um deles a pureza da sua identidade original. Muitos dos usos e costumes relatados na obra do Sr. Francisco Rodrigues já se foram perdendo ao longo dos tempos, mas sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Por isso, este livro tem, entre outras, a grande virtude de ajudar a preservar na memória dos mais novos e das gerações futuras os usos e costumes dos seus antepassados. As fontes do autor foram a sua própria memória, porque nalguns casos ainda foi testemunha viva dos usos descritos, e o que ouviu aos seus avós, que lhe contaram muitas outras tradições que ele já não pôde testemunhar. (in Carção, suas gentes, usos e tradições Francisco Rodrigues, ed. CM Vimioso Abril 2001). Em 1497 em Bragança, predominam os Cristãos-Novos. A Sinagoga ainda existia no início do século XX como se lia na descrição duma procissão católica” ao subir a Rua Direita os meus olhos fixavam uma “lata” enrugada, dona de verdete, estampada na fachada de um prédio, no qual uma médica-dentista chumbava e arrancava dentes. A dita “lata” em tempo menos abafado e mais livre, indicava ali existir uma Sinagoga”.

Ou então como se lê na atual página da Câmara Municipal de Bragança:

Com a expulsão dos judeus de Espanha pelos Reis Católicos em finais do século XV entra um grande contingente nesta região, calculando o Abade de Baçal (idem, XLVIII) em cerca de três mil os que deram entrada em Bragança. Foi, com certeza, após esta entrada que o ritmo de desenvolvimento da cidade aumentou, alargando-se o leque das atividades. O nome mais antigo que possuímos para a ponte d'Além do Rio é de Ponte das Tinarias ou Tenarias. Efetivamente, deve datar ainda do século XV ou inícios do seguinte o monopólio dos judeus sobre os curtumes, situando-se as várias unidades que existiam em Bragança ao longo do Fervença, e eram chamadas de tinarias ou pelames. Diz-nos Bivar Guerra que envolviam «... Muito pessoal dado que as peles para serem curtidas tinham de passar por uma grande variedade de tratamentos oficiais que se praticavam em locais separados e por operários especializados em cada uma dessas operações» (1975: 480). O tratamento das peles implicava operações em que tinham de se manusear excrementos canídeos que eram apanhados pelas ruas por um operário, fazendo com que esta operação fosse pouco cobiçada. As tinarias tinham de se situar obrigatoriamente à beira-rio, de maneira a poderem esvaziar-se e encher-se regularmente sem incomodar o resto da cidade com os maus cheiros. Portanto, este «bairro» forma-se progressivamente neste local associado a um tipo específico de profissão ou atividade e não porque os judeus fossem empurrados para fora da cidade. À volta desta operação floresceram a do calçado, a da selaria e a das solas, dando origem a que se mantivesse uma atividade comercial assinalável, tanto nas oficinas como nas feiras, tendente a fornecer a região de produtos acabados. Estas unidades serão arruinadas a partir de meados do século XIX, após a industrialização deste setor verificada no Porto e em Guimarães. A sua Sinagoga, pelo menos até finais do século XV, situava-se no interior da Cidadela e aí se deve ter conservado durante muito tempo, mudando de edifício por vezes, até que se lhe perde a pista já no reinado de D. Manuel, com certeza devido à proibição da religião e culto respetivo, e as referências que por vezes aparecem aludem à «antiga casa da Sinagoga». Já no primeiro quartel de Setecentos, José Cardoso Borges, no seu manuscrito, faz-lhes uma única referência dizendo que «em esta cidade havia antigamente judeus...» (op. cit.: fl. 208v). Durante quanto tempo esteve Bragança sem Sinagoga? Simplesmente sabemos que no primeiro quartel do século XX recrudescer a atividade judaica a nível de todo o País. Assim, em Bragança, foi instalada uma escola judaica onde se ensinava hebraico em 1923 (Alves, 1975 - 1989: XI, 348). Pouco depois, a 22 de junho de 1928, foi inaugurada a nova Sinagoga de Bragança que funcionou num edifício da atual Avenida João da Cruz até à sua transferência para um segundo andar na Rua Direita, hoje com o n.º 23, após a vinda de um rabino do Porto. A este rabino ainda sucedeu outro de origem inglesa, mas a morte prematura do filho que o acompanhava, na década de 30, leva-o a afastar-se de Bragança. Julgamos nós ter sido este rabino o último a officiar em Bragança. Como já foi afirmado, relativamente cedo os judeus passam a controlar grande parte do comércio, das finanças (usura) e da indústria da nossa região. As listas inquisitoriais são elucidativas: segundo o Rol Dos Confessados De Santa Maria, de 1737, havia 21 penitenciados pela Inquisição, situando-se dois intramuros, cinco na Rua dos Oleiros (antiga Rua da Mesquita) e catorze na Rua Direita. Por outro rol da mesma freguesia e do ano de 1744 ficamos a saber que existiam treze penitenciados na cidade e, salvo dois ou três que não indicam a profissão, eram todos comerciantes ou industriais, com certeza descendentes de Cristãos-Novos, morando um na Rua dos Oleiros, onze na Rua Direita e um no interior da Vila (Alves, 1975-1989: X, 338-340). Julgamos estes dados suficientes para definirmos a dinâmica funcional das ruas da cidade nesta altura. A Rua Direita era, de facto, a rua comercialmente mais dinâmica. Teria sido aqui no distrito de Bragança, perto de Vimioso que teriam nascido as alheiras? Segundo o Abade Baçal, S. Joanico teve o seu princípio numa quinta que daquele lado da Ribeira “houve” a que se lhe deu o nome de S. Joane, a propagação de vizinhos a aumentou de “hua e outra parte, que chegou a ter Igreja Matriz e a poucos anos sacrário”. (Ab Baç p. 537). O sufixo “ico” e não em “inho”, aparece na região, por influência remota do mirandês como se nota em outras palavras toponímicas da mesma, por exemplo: Lagonica (Lhagonica), Colmenica... Todavia, antes teve o seu nome de San Joane. Observação que levou Leite da Vasconcelos a concluir que em São Joanico, bem como em Serapicos, Avelanoso e Campo de Víboras se tenha um dia falado o mirandês.” Faz ainda parte da história de S. Joanico, quase ignorada e, talvez um dos seus factos mais importantes - a presença dos Judeus em Cabanas “onde assentaram arraiais, durante três anos, aquando da sua expulsão de Espanha, até obterem autorização de El-Rei para se fixarem em Portugal”. As “tabafeias” (alheiras) fazem o cartaz turístico e económico de Mirandela; mas, não teriam nos freixos de Cabanas as suas primeiras origens? O termo tabafeia, termo árabe, poderia ter sido trazido para Portugal pelos judeus, quando, no final do século XV são expulsos de Espanha pelos Reis Católicos. Remonta a essa época a entrada em Portugal de certas comidas e respetiva designação.” A “tabafeia” - a alheira - nasceu em Portugal, (em Cabanas?), como alternativa ao fumeiro de carne de porco que os judeus não faziam nem comiam porque tal comportamento os denunciava como sendo judeus, perante a Inquisição. Então, inventaram este tipo de fumeiro de quase todas as carnes, menos de porco.

32.2.6. O FERIADO DE 1 de DEZEMBRO. 27 novembro 2006

A terminar, passemos agora a uma data (que nada tem a ver com judeus) celebrada esta semana, sem que a maioria da população se dê conta dela ou do seu significado. O 1º de dezembro. Restauração da independência de Portugal (1640)*arreatados do generoso impulso, saíram todos das carroças e avançaram ao Paço. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida, venerável e brioso, com a espada na mão gritando: – Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João, o Quarto!*" D. Luís de Meneses em História de Portugal Restaurado

Parece não haver dúvida de que a ideia de nacionalidade esteve por trás da Restauração da independência plena de Portugal após 60 anos de monarquia dualista. Cinco séculos de governo próprio haviam forjado uma nação, fortalecendo-a até ao ponto de rejeitar qualquer espécie de união com o país vizinho. Para mais, a independência fora sempre um desafio a Castela e uma vontade de não ser confundido com ela. Entre os dois estados foram sucessivas e acerbadas as guerras, as únicas que Portugal realmente travou na Europa. Para a maioria dos Portugueses, os monarcas Habsburgo não eram mais do que usurpadores, os Espanhóis, inimigos, e os seus partidários, traidores. Mas a Restauração carece de ser explicada por grande número de outros elementos.

D. João foi aclamado como D. João IV, entrando em Lisboa alguns dias mais tarde. Por quase todo o Portugal metropolitano e ultramarino as notícias da mudança do regime e do novo juramento de fidelidade ao Bragança foram recebidas e obedecidas sem qualquer dúvida. Apenas Ceuta permaneceu fiel à causa de Filipe IV. Como "governadores", para gerirem os negócios públicos até à chegada do novo rei, foram escolhidos o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, o de Braga, D. Sebastião de Matos de Noronha, e o visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Lourenço de Lima. D. João IV entrou em Lisboa a 6 de dezembro, cessando nesta data as funções dos "governadores". Proclamar a separação fora coisa relativamente fácil. Mais difícil seria conseguir mantê-la. Tal como em 1580, os portugueses de 1640 estavam longe de unidos. Se as classes inferiores conservavam intacta a fé nacionalista e aderiram a D. João IV sem sombra de dúvida, já a nobreza, muitas vezes com laços familiares em Espanha, hesitou e só parte dela alinhou firmemente com o Duque de Bragança. O mesmo se poderia afirmar em relação ao clero. O novo monarca português não gozava por certo de uma posição invejável. Do ponto de vista teórico, tornava-se necessário justificar a sucessão: o novo monarca, longe de figurar como usurpador, reaveria simplesmente aquilo que por direito legítimo lhe pertencia. Abundante bibliografia produzida em Portugal e fora dele a partir de 1640 procurou demonstrar os direitos reais do Duque de Bragança. Se o trono jamais estivera vago de direito, tanto em 1580 como em 1640, não havia razões para qualquer tipo de eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que ele porventura teria, fosse o trono declarado vacante



literatura de pendor autonomista proliferou visando a legitimação da subida

ao trono de D. João IV

Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades. Em primeiro lugar a reorganização do aparelho militar, com reparação de fortalezas das linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições e obtenção de material e reforços no estrangeiro. Paralelamente, uma intensa atividade diplomática junto das cortes da Europa - no sentido de obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, e conseguir o reconhecimento da Restauração - e a reconquista do império ultramarino. A nível interno, a estabilidade do regime dependeu, antes de mais, do aniquilamento de toda a dissensão a favor de Espanha. A guerra da Restauração mobilizou todos os esforços que Portugal podia despende e absorveu enormes somas de dinheiro. Pior do que isso, impediu o governo de conceder ajuda às frequentemente atacadas possessões ultramarinas. Mas, se o cerne do Império, pelo menos na Ásia, teve de ser sacrificado, salvou pelo menos a Metrópole de uma ocupação pelas forças espanholas. Portugal não dispunha de um exército moderno, as suas forças eram escassas - sobretudo na fronteira terrestre -, as coudelarias haviam sido extintas, os seus melhores generais lutavam pela Espanha algures na Europa. Do lado português, tudo isto explica por que motivo a guerra se limitou em geral a operações fronteiriças de pouca envergadura. Do lado espanhol, é preciso lembrar que a Guerra dos Trinta Anos (prolongada em Espanha até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) demoraram quaisquer ofensivas de vulto. Regra geral, a guerra, que se prolongou por 28 anos, teve os seus altos e baixos para os dois contendores até ser assinado o Tratado

*de Lisboa, em 13 de fevereiro de 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este último reconhece a independência do nosso País.*³³

Creemos que as páginas anteriores serviram para lembrar a muita gente algo que devem ter aprendido nos bancos de escola, desta ou doutra forma menos enfática, mas que com o passar dos anos se foi esbatendo e dela só restava uma longínqua memória. Esta semana poucos celebram o 1º de dezembro de 1640, mas recordo um personagem especial de quem muitos nunca ouviram falar. Em 24/8/1499 Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel I e Isabel de Castela, filha dos Reis católicos, foi proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, mas o jovem morreu com 2 anos.

D. Miguel da Paz de Trastâmara e Avis (Saragoça, 24 de agosto de 1498 - Granada, 19 de julho de 1500) foi um Infante de Portugal, Castela e Aragão, filho do primeiro casamento do rei D. Manuel I com a infanta Isabel de Aragão, então Princesa das Astúrias e presumível herdeira das coroas de Castela e Aragão. Após a morte da sua mãe durante o parto, Miguel da Paz (como foi batizado, para selar a paz existente entre as três coroas peninsulares) tornou-se o herdeiro conjunto de Castela (onde foi de imediato reconhecido como Príncipe das Astúrias), de Aragão (e como tal jurado herdeiro nas Cortes reunidas em Saragoça) e de Portugal. Permaneceu em Castela, em Granada, onde foi educado pelos avós maternos (os Reis Católicos) até atingir a idade de dois anos, data da sua morte precoce, que pôs fim ao sonho da União Ibérica na sua pessoa. Foi enterrado no Convento de Santa Isabel, em Toledo. Após a sua morte, tornou-se herdeira das coroas de Castela e Aragão a irmã mais nova da sua mãe, Joana, a qual, pelo casamento com Filipe, Duque da Borgonha, traria a Espanha para a alçada dos Habsburgos. Em Portugal, o seu sucessor como herdeiro presuntivo viria a ser o filho que D. Manuel teve de uma outra irmã mais nova de Isabel, Maria, e que viria a ser o futuro D. João III. Interessantes estes "pequenos detalhes" da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II de Espanha ao trono de Portugal em 1580, por morte sem descendência do herdeiro varão, o cardeal D. Henrique com 68 anos, 9º filho do rei D. Manuel I. A candidatura de Filipe é fortíssima e indiscutível, resultante do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais do "nosso" Filipe. A situação poderia ter sido de certo modo invertida, unificando as coroas ibéricas "para o nosso lado, se Miguel da Paz tivesse sobrevivido.

33. CRÓNICA 33 CONFRONTOS NA DINAMARCA E UMA ALTERNADEIRA AUTORA DE BEST-SELLER.

33.1. CONFRONTOS NA DINAMARCA. 19 dezembro 2006

A Dinamarca foi abalada nos últimos dias por confrontos de rua entre jovens, expulsos duma casa que ocupavam ilegalmente. Trata-se duma herança da era pós-maio 1968. Nessa época houve um bairro que ficou reservado a jovens (já entradotes hoje). Copenhaga foi agora palco de violentos confrontos entre a polícia e jovens em protesto. A manifestação ocorreu dia 16 dezembro e originou mais de 300 detenções. O protesto ficou a dever-se ao projeto de encerramento de um centro juvenil, situado no centro de Copenhaga. A Polícia carregou e lançou garrafas de gás lacrimogéneo contra os manifestantes e estes, na sua maioria jovens, lançaram pedras e petardos contra os agentes, convertendo a zona envolvente da casa numa batalha campal. A manifestação, que não tinha autorização, convocou centenas de pessoas, muitas delas vindas de fora de Noerrebro (bairro multicultural da capital dinamarquesa) e do próprio país. Duas centenas de jovens permaneceram encerrados na casa, rodeada de forte dispositivo da Polícia, que pretendia desalojá-los.

Os ocupantes pertencem ao grupo "Ungdomshuset", que nasceu em 1982, quando a autarquia de Copenhaga cedeu uma antiga casa aos jovens da cidade para a usarem como centro cultural e social. As autoridades municipais venderam a casa a uma comunidade religiosa há três anos, o que originou que os utilizadores do centro iniciassem uma luta pela sua sobrevivência, com um fracassado processo judicial, intenções de comprá-la e diversas iniciativas apoiadas por personalidades do mundo cultural dinamarquês.

³³ Adaptado de A. H. de Oliveira Marques, "A Restauração e suas Consequências", in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 176-201.

Mas se estas notícias trouxeram aquele país à ribalta dos nossos pobres telejornais em todos os canais, sempre ávidos e mórbidos por tudo que seja desastre, acidente, morte, guerra, ou qualquer tipo de violência, não era por isso que vos queria falar da Dinamarca. Uma notícia em letra pequena que passou despercebida dos telejornais e demais fazedores de notícias anunciava há duas semanas que os doentes com cancro na Dinamarca, que não tenham sido tratados no prazo máximo definido por lei, irão ser indemnizados. Aos atrasos que podem ter custado a vida a algumas pessoas se irá dedicar agora uma comissão de investigação para definir tais indemnizações, fruto das falhas do sistema de saúde dinamarquês. O mínimo previsto é equivalente a quatro mil euros. O período de tratamento para os doentes com cancro é de quatro semanas, mas registaram-se atrasos até oito e dez semanas. Estando sempre Portugal ávido de copiar tudo o que lá fora se faz, interrogo-me para quando a introdução desta medida em Portugal.

33.2. TORNADO NA LAGOA. ATÉ OS TORNADOS ANDAM LOUCOS E DESVIADOS. 19 dezembro 2006

Entretanto houve, ontem, um pequeno tornado na Vila de Lagoa, na costa sul da ilha de São Miguel, causando inúmeros danos e espanto aos residentes mais habituados a verem estas coisas na televisão norte-americana. Prontamente, como aliás é costume, a Proteção Civil e diversas entidades regionais puseram mãos à obra e começaram a reparar os estragos. Já há uns três dias, quando houve outro temporal e chuvas inclementes, se haviam registado aluimentos de terras e bloqueio da estrada regional que aqui passa, entre a Ribeira Grande e o Nordeste. Saímos ao entardecer, e pudemos constatar como trabalham. Tinha acabado de aluir um talude, mesmo à saída da Lomba da Maia, estava lá um camião dos bombeiros a alertar para o perigo. Passado meia hora, ao regressarmos, estava lá um carro da polícia e um caterpillar da Proteção Civil a tirar a terra e pedras que bloqueava a estrada.

As equipas de manutenção estão sempre prontas a atuar, de dia ou de noite, para além do trabalho que, regularmente fazem de podar árvores, desbastar canaviais, renques de hortênsias e outras plantas que orlam as estradas ou meramente a consolidar taludes em perigo de desabamento. Se aqui nos Açores (pelo menos nesta ilha, na costa norte) isto é possível, uma pessoa interroga-se quanto à demora que ocorrências similares sofrem (no Continente) até serem objeto de intervenção das autoridades.

Entretanto na Austrália continuam a arder casas, há mais duma quinzena, em fogos que nos estados de Vitória e da Tasmânia. Enquanto numa ponta da terra, a seca mais prolongada da história recente australiana se mantém, na outra inúmeras inundações e chuvadas continuam a fazer estragos em Portugal. Assim vai este mundo sem estações do ano, fixas ou previsíveis, cobrando a fatura da construção e destruição que os humanos têm vindo a impor a ritmo acelerado nestes últimos cem anos.

33.3. UMA ALTERNADORA AUTORA DE BEST-SELLER. 19 dezembro 2006

Não posso deixar de mencionar aqui o caso da última semana, cujo protagonista agora denominado vítima é o Presidente do F.C. Porto que conseguiu por uma ex-mulher e ex-alternadora escrever um best-seller. Rico país este em que até as putas escrevem obras que toda a gente lê. Ah! Eça de Queiroz se cá estivesses ainda te ririas disto como nós nos rimos. Isto do mundo do futebol tem muito que se lhe diga em todos os países, mas aqui

parece pior porque até hoje toda a gente sabe a corrupção que ali grassa, mas a justiça ainda não encontrou meio de o disciplinar. Claro que há magistrados (até agora) a coabitarem com dirigentes desportivos que aqueles magistrados investigam, mas quem pode dizer que há algum mal nisso. Claro que não há lepra no futebol português, como dizia o iluminado Gilberto Madail, Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, antes se trata dum cancro alastrado a todos os níveis e quase todas as coletividades.

33.4. DA ECONOMIA E DA POLÍTICA. 19 dezembro 2006

Sou otimista e gostava de vos contar algo sobre aquilo que corre bem neste país, mas raramente leio notícias dessas para as reportar.

Há uns cientistas aclamados internacionalmente, mas não estão cá, uma ou outra firma com contratos para a NASA, um ou outro personagem reconhecido mundialmente, mas são a exceção e não a norma, porque esta é o compadrio, o facilitismo, a cunha, o nepotismo, os apregoados “*jobs for the boys*” (que isto ainda é machista e não há ainda muitos lugares para as “*girls*”), as reformas milionárias daqueles que exortam o povo a apertar ainda mais o cinto.

Entretanto as fábricas que se vinham aproveitando, desde há décadas, da mão-de-obra barata e não-qualificada, vão fechando pois já se esgotaram os subsídios a fundo perdido. Em vez de usarem esses fundos para requalificarem pessoal apenas aumentaram a frota de carros de topo de gama para os patrões. Diariamente centenas de pessoas, vão para a rua e perdem os seus empregos, condenadas a viverem de expedientes, dado que não há programas de reabilitação profissional para elas. O cinto aperta-se e Portugal fica melhor, dirão os políticos, mas na realidade apenas se assiste ao aumento do fosso entre muito ricos e os outros, sendo este um país de contrastes que ameaça assemelhar-se ao Brasil pelas suas desigualdades. Alguns dos novos países da “Europa a 25” acabam de ultrapassar Portugal nalguns indicadores económicos.

Queria falar-vos de algo positivo, mas temo o que se venha a descobrir nos ossos de Afonso Henriques, primeiro rei do país, ou naquilo que pode vir a acontecer se autorizarem os exames de ADN aos restos alegadamente pertencentes ao Sebastião I. Há um livro maravilhoso “Império à deriva” de Patrick Wilken editado pela Civilização que retrata bem as venturas e desventuras da Casa-Real nas suas perambulações pelo Rio de Janeiro antes do grito do Ipiranga. Devia fazer parte de todos os programas de História a todos os níveis liceais, mas infelizmente quem quer saber dela? Está condenada (tal como a Filosofia a desaparecer dos programas oficiais). Ali se pode apreciar bem o que constitui o espírito português, e se nos nobres da época era assim, imagine-se nos plebeus. Como se podia esperar que as coisas melhorassem em pouco mais de cento e oitenta anos? Leiam bem esse livro que vale a pena. Foi pena ter sido um estrangeiro a escrever, porque um português dificilmente se desinibiria o suficiente para o fazer.

Continuo a tentar encontrar uma boa razão além do clima, das paisagens, dos bons petiscos, da hospitalidade nalgumas regiões. Ainda há sapatos bons e baratos e há sempre as feiras (embora agora estejam na mira dos invejosos da ASAE ou lá como se chama a Inspeção das Atividades Económicas, que um dia resolveu começar a fechar uns restaurantes chineses e depois descobriu que tinha de fechar quase todos os restaurantes portugueses, incluindo o célebre Galeto).

Bom, pessoalmente não me posso queixar, vivo numa aldeia pacata onde a droga ainda não é a palavra de ordem nas conversas de café (só no largo do coreto da igreja e entre meia dúzia de janados), mas há outras coisas e a pedofilia é muitas vezes, atirada para debaixo do tapete. A segurança ainda não me levou a reforçar os cuidados que por exemplo tinha em Macau, onde, apesar de viver num 10º andar e haver dois portões de ferro com guarda, havia assaltos efetuados pelos algerozes e caleiras até ao 15º andar onde os assaltantes punham um “spray” para as pessoas não se incomodarem enquanto lhes limpavam a casa de aparelhagens, joias e outros bens. Aqui posso deixar o carro aberto que está seguro. Já o mesmo se não pode fazer em Ponta Delgada, dizem que por culpa dos repatriados dos EUA e do Canadá. Como se diz em Bragança “*e eu que lá sei?*”

Como é natal e já falei de futebol, vou abrir outra exceção e tagarelar sobre política. Quero apenas lembrar alguns factos importantes da governação Sócrates, que antes das eleições prometeu não subir o IVA, não se pagarem pelas SCUT, não haver cortes na saúde, nem na educação ou na cultura, criar 150 mil novos empregos. Ora vejamos bem o que estas promessas antes das eleições nos trouxeram na vida real:

O IVA subiu.

Os idosos (outra das bandeiras pré-eleitorais) vão pagar mais IRS, claro que são só aí uns cerca de quatrocentos mil reformados, mas francamente...

Depois as SCUT (sem custos para o utilizador) foram recalculadas e algumas (vá lá, podia ser pior e podiam ser todas) irão pagar taxas de utilização pelo utilizador e espera-se que mudem de nome para CUT...

Os desempregados que sonhavam com os 150 mil empregozitos socratinos aumentaram de 4,2 para 6,8% pelas últimas contagens e sempre a subir.

A cultura a quem tinha sido prometido um orçamento de 1% baixou para uns notáveis 0,1% do PIB, decerto com a ajuda de Rui Rio no Porto...sem Festa da Música e sem mais nada.

Claro que se tem de pagar a coleção Berardo que, ao contrário do que muitos pensam, não foi dada, mas sim emprestada a Portugal...

A educação assistiu impávida ao massacre desses inúteis párias da sociedade, os professores, e por isso o orçamento baixou mais de 4% na secundária e básica e mais de 8 por cento na terciária. Os professores qualquer dia passam a ter de acampar na escola para fazerem o que os pais não fazem e deixarem de ser uns malandros, pois - pelos vistos - eram os únicos que eram uns malandros privilegiados, no resto da função pública ninguém se lhes iguala.

A censura que se pensava estar encarcerada depois do 25 de abril voltou dissimulada pela entidade reguladora que se estreou em beleza contra o Público e um dos seus articulistas com admoestações ao seu diretor. Salazar aplaude...

Numa altura em que há falências em massa, em que todos apertam o cinto, os bancos batem os recordes de lucros e o governo apenas ameaça aumentar os seus impostos...

Este é o Sócrates que afinal foi eleito porque os outros fugiram e ele estava lá quando outros caíram. Um líder em confusões, desde o seu curso tirado num domingo com professores amigos e colegas, numa universidade que já fechara. Um líder que com salário baixo comprara a pronto casa a um “offshore” por mais de 250 mil euros, e a mãe também, apesar da falta de rendimentos da senhora que fazia umas limpezas domésticas e outros biscates e mesmo assim recebia uma pensão maior do que o salário de professores universitários. O mesmo primeiro-ministro que aprovara o projeto do maior “outlet” do mundo, apenas três horas antes de deixar de ser ministro. Enfim, complicações que o mesmo atribuía a uma negra cabala urdida contra ele. Um primeiro-ministro anunciando como portugueses os computadores Magalhães feitos pela Intel com outro nome para os países subdesenvolvidos.

Esqueci, obviamente, de enumerar as medidas renovadoras revolucionárias deste governo que iriam tomar este país num país civilizado. Nem uma ocorria à mente. Para isso bastava ouvir a RTP e ler os jornais diários dedicando grandes parangonas aos seus sucessos.

Parecia que o país se assemelhava já a um país sul-americano. Já cá vinha amiúde o amigo Hugo Chávez. Com uma 3ª República destas, qualquer democrata anseia pela monarquia.

Quando não há democracia há ditadura!

Lutou-se pela democratização e ganhou-se uma ditadura do capital sobre o trabalho. Dizem que a democracia é burguesa. Não pode ser conjuntamente um governo do povo e de uma elite privilegiada economicamente, que explora a classe trabalhadora. É a ditadura ideológica.

Não há liberdade de expressão! Não há liberdade para dizer a verdade!

Há uma ditadura da classe economicamente dominante, que privatiza o Estado para extorquir impostos dos pobres, depois usados para defender os interesses dos lóbis que elegeram os políticos.

O restante, a maioria, fica mais pobre, sem serviços de qualidade na educação, saúde, justiça, transporte, habitação, etc.,

Direitos garantidos constitucionalmente, mas que na prática, nada significam. Obedientes, todos comem e calam sem nada dizerem, com o medo que é uma noção implantada desde há séculos na sociedade portuguesa.

Já a Santa Inquisição fizera um bom trabalho na perpetuação desse temor, a que acrescentaram a delação como característica a preservar pelos bons cristãos.

São estes traços o que distinguem os portugueses dos restantes europeus: a mediocridade, a delação e o medo, não por esta ordem hierárquica, mas como alicerces da sociedade.

Claro que vos ia falar do natal, da paz e daquelas coisas que as pessoas falam nesta época, porque no resto do ano andam muito deprimidos ou muito atarefados a tentar sobreviver para se lembrarem delas. Ia falar-vos do amor ao próximo e da necessidade de fazermos algo, mas como já não tenho 20 anos e os sonhos se esvaem deixo antes o meu cinismo envelhecido. Afinal o natal de que eu me lembro não era do Pai Natal ou de Santa Klaus, mas sim do Menino Jesus e das prendinhas no sapatinho. Agora é demasiado consumista. Li hoje num jornal que em cada intervalo nos canais infantis há dez minutos de publicidade a condicionarem ou lavarem o cérebro aos jovens e levá-los a desejar mais esta e aquela prenda, obviamente eletrónica e moderna = cara. Ia falar de natal, mas prefiro fazê-lo à minha moda, em silêncio pelo que se passa em volta de nós neste momento.

Para quê todo este desperdício de dinheiro em coisas maioritariamente inúteis, quando seria bem mais salutar promover valores imateriais. Sei bem que estou a ficar aquilo que na minha juventude se chamava de bota-de-elástico, mas ainda creio nos valores da família e estes não se devem revelar apenas uma vez por ano na consoada. Devem ser alimentados e nutridos ao longo do ano, sem prendas nem comida especial apenas pela mera fruição da companhia, com a televisão (esse invasor alienígena) desligada e quando, no fim das refeições as pessoas ainda tinham tempo para falar, para sonhar, para trocar impressões e fazer correções ao seu percurso de vida. Devo estar a ficar um senil saudosista, mas é disso que eu tenho saudades neste natal. As pessoas hoje andam demasiado ocupadas e quando falam é para comentar uma telenovela da TV, um escândalo público, ou qualquer outra trivialidade. Ou então andam tão deprimidas com a sua situação pessoal, profissional ou a do país nem sequer têm tempo para pararem e pensarem, onde estão, donde vieram e NÃO PARA ONDE VÃO, mas PARA ONDE QUEREM IR.

Claro que há as mensalidades por pagar, os estudos dos filhos, e outras preocupações que, quando o cansaço se instala e já deitadas, mal lhes sobram energia para conversarem. É isto o ideal de vida que nos reservam os tempos atuais e - cada vez mais será pior daqui por diante - e não gosto dele, nem foi para isto que lutei na juventude em inúmeras discussões filosóficas que se prolongavam pela noite dentro. Ainda mantenho sonhos e quero realizá-los partilhados, sem ser com uma série televisiva que nos anestesia e deixa num torpor onde não resta lugar para a inteligência ou para o pensamento crítico. Ainda não será neste natal que vou ter hipóteses de visitar este passado, embora se prepare uma reunião de família (redescoberta aquando da minha chegada aos Açores em agosto de 2005) e seus amigos com cerca de quarenta pessoas.

Tenho a certeza de que algo mais produtivo que uma telenovela ou quejandos terá lugar nessa consoada que se avizinha e por isso me sinto satisfeito por não ir ao Continente passar a noite com a restante família. É que esta já há muito se deixou adormecer nessa modorra entediante televisiva e deixou de questionar o porquê de estarmos aqui neste mundo. Falta-lhe uma centelha de inconformismo otimista, capaz de a arrebatara e pensar que a vida vale a pena. Se não for isso então para quê andar aqui? Se não inventamos uma desculpa para este curto percurso terreno não temos sequer a utilidade de qualquer outro animal insignificante ou inseto. Quero acreditar que os meus sonhos, suores e lágrimas valeram a pena.

Por isso, ainda hoje creio que devo dar graças por estar aqui e ter sido um privilegiado por ter vivido a minha vida nos quatro cantos do mundo, ter aprendido o que aprendi com familiares, amigos e desconhecidos, de línguas e culturas diferentes desde a minha juventude recatada aos meus anos "hippies" a uma falta de maturidade notória na idade do meio

e uma certa tranquilidade nesta opção de assentar aos 45 anos e concentrar-me apenas em coisas que são de valor para os outros e me dão prazer imaterial.

Sinto-me feliz e orgulhoso dos Colóquios Anuais da Lusofonia, a que dedico meses de trabalho todos os anos e, que são a minha forma de dar de volta algo a essa comunidade abstrata em que estou integrado e que nada me deu de palpável. Essa intangibilidade da minha dádiva permite-me por outro lado uma satisfação pessoal que não tem eco em mordomias ou benfeitorias materiais.

Esta era afinal a minha mensagem de natal, para que todos, novos ou menos novos, disponham dumhas horas do seu tempo neste percurso terreno para dar de volta à sociedade algo que tenham aprendido e se possa transmitir aos outros, sem ser por dinheiro, ou fama ou qualquer outra atributo egoísta ou materialista. Espero haver quem me ouça neste natal e faça suas as minhas palavras pois este era o presente que eu queria no meu sapatinho, mas esqueci-me de escrever a tempo ao Menino Jesus, pois nos CTT só sabiam o endereço do Pai Natal e esse eu não queria. PS: continuo ateu, apesar de tudo. Graças a deus...

34. CRÓNICA 34. DO PRESTES JOÃO E DA ABISSÍNIA À TAILÂNDIA, dezº 2006

Mais um ano se passou e pouco ou nada, do que é verdadeiramente importante e vital, mudou. Num país de sebastianistas e sonhadores convém recuperar algumas páginas importantes da História de Portugal que a rede da internet nos proporciona com pequeno esforço. Por isso hoje vamos viajar pela Net até ao Prestes João, figura imaginária que encheu de sonhos muitos jovens como eu.

E neste sebastiânico país há séculos à espera de el-rei Sebastião, o “Desejado”, numa manhã de nevoeiro, precisamos de acreditar num novo dia em que o sol volte a raiar por entre as nuvens e as brumas da memória e surja um novo Prestes João, que nos apoie e ajude na reconquista da grandeza do país, minimizada por líderes corruptos, incapazes de pensarem naquilo de que realmente este povo necessita. É disso que as novas gerações precisam, impossibilitadas como estão de acreditar que elas mesmas são esse Prestes João novo do século XXI. E se o conseguem ser quando emigram para outros países também o podem ser se quiserem mudar este país anémico e acéfalo, sem rei nem roque, onde todos se abotoam e se locupletam com o máximo que podem enquanto detêm a minúscula parcela de poder que liderar o país lhes concede.

34.1.1. DO PRESTES JOÃO

A Abissínia é a Terra (Prometida) do Prestes João um suposto rei católico de pele tsnada que ali viveria, numa zona que mais tarde se alegou ser território da Rainha do Sabá... material fascinante para visitar também a história portuguesa. As primeiras notícias sobre o Prestes João chegaram à Europa em 1145, quando Hugo de Gebel, Bispo de uma colónia cristã no Líbano, informou o Papa da existência de um reino cristão situado "para lá da Pérsia e da Arménia", governado por um rei-sacerdote denominado Iohannes Presbyter (João, o Presbítero, i.e., sacerdote ou ancião) e que seria descendente de um dos Reis Magos. A Etiópia (anteriormente conhecida como Abissínia, nome derivado das suas regiões montanhosas) foi sempre uma grande potência na África subsaariana. Um grande contingente de judeus existiu ali desde o século VIII a.C., depois de ter emigrado através do Egito ou depois de cruzar o Mar Vermelho vindos da península Arábica. A Cristandade desceu do sul do Egito para a Abissínia no século IV. Após o período inicial de conversão, a Igreja Etíope ficou sob a autoridade da Igreja Copta do Egito com um Prelado nomeado pelo Patriarca do Cairo. Mais tarde, tornou-se na principal religião embora o país seja, desde há muito, uma manta de retalhos no que toca a religiões. O avanço dos conquistadores islâmicos, nos séculos VII e VIII, isolaram a Etiópia do resto da Cristandade. As Legiões do Profeta estenderam-se ao Egito e à Núbia (atual Sudão) mas a escada islâmica esbarrou contra as altas montanhas da Abissínia. Ao findar a era medieval os marinheiros portugueses navegavam por África e pelo Oceano Índico, em busca do fabuloso reino cristão do Prestes João. Ao descobrirem os cristãos etíopes, pensaram que o tinham encontrado. Na época, os etíopes estavam sob a constante ameaça das Legiões do Profeta, comandadas pelo Sultão do Império Otomano, e pediram ajuda dos Portugueses que, numa

aliança com mais forças europeias e africanas entraram numa batalha contra as forças turcas em 1542. A princípio, foi perdida, mas no ano seguinte, venceram uma batalha decisiva e os (islâmicos) turcos foram obrigados a bater em retirada. "Se abriram as cortinas e subitamente vimos o Preste João, ricamente adornado sobre uma plataforma de seis degraus. Tinha em sua cabeça uma grande coroa de ouro e prata. Uma de suas mãos apoiava uma cruz de prata (...). À sua direita, um pajem apoiava uma cruz de prata bordada em forma de pétalas (...). O Preste João usava um belo vestido de seda com bordados de ouro e prata e uma camisa de seda com mangas largas. Era uma bela vestimenta, semelhante a uma batina de um bispo, e ia de seus joelhos até o chão (...). Sua postura e seus modos são inteiramente dignos do poderoso personagem que é. (Francisco Alves, embaixador português enviado à Etiópia, século XVI)

Dum ponto de vista português, os abissínios praticavam uma forma aberrante de Cristianismo, e queriam trazê-los de volta à autoridade papal em Roma. Os etíopes não estavam interessados e as relações deterioraram-se. Os Jesuítas permaneceram, primeiro tolerados, depois indesejados e, finalmente expulsos.

A Etiópia permaneceu isolada do resto do mundo cristão até ao avanço das forças coloniais europeias nos finais do séc. XIX: franceses, italianos e britânicos tentaram colonizar o país sem o conseguirem. Os ingleses invadiram e derrotaram a Abissínia em 1868, sem a ocuparem efetivamente. Os italianos lutaram contra os etíopes em Adowa (1896), foram derrotados por um exército predominantemente nativo com equipamento bélico francês. Mussolini viria a vingá-se desta derrota militar e da afronta à dignidade italiana quando invadiu, ocupou e anexou a Etiópia em 1936. Este período (5 anos 1936-41) foi o único em que a Etiópia esteve sob o jugo duma potência estrangeira. O vírus comunista acabaria por infetar a Etiópia em 1974 quando o Imperador Haile Selassie foi derrubado e substituído por uma ditadura marxista. Durante dezassete anos de jugo comunista a economia etíope foi destruída, a fome devastou toda a terra e os conflitos fronteiriços alastraram à Eritreia e Somália. A igreja sofreu perseguições sem conta durante o regime comunista - o Patriarca foi assassinado em 1974 - mas recuperou depois da criação dum governo representativo em 1991. Ainda hoje a Etiópia é predominantemente cristã.

34.1.2. PONTES PORTUGUESAS

Uma Ponte Portuguesa ali construída há séculos foi recentemente reconstruída.



Durante a II Guerra Mundial, a Ponte Portuguesa na Etiópia, com 295 anos de idade - uma das quatro que atravessavam o Rio Nilo - foi seriamente danificada. Nas seis décadas seguintes, os esforços de reconstrução foram em vão. Em consequência, os utilizadores que quisessem ir da província de Gojam até à de Gondar, tinham que atravessar o trecho vazio suspensos por uma corda. Perdiam-se cinco vidas, em média, por ano. Inspirado pela fotografia de um homem que empreendia a perigosa travessia, Ken Frantz, um ex-rotário do RC (Rotary Club) de Gloucester-Point D.7610, EUA, criou a "Pontes para a Prosperidade." Frantz, proprietário de uma empresa de construção, sabia que a sua experiência seria valiosa para ajudar os 375 mil habitantes que viviam nos dois lados da

Ponte Portuguesa. Com o apoio financeiro do RC de Gloucester-Point, dos rotários de Gloucester e os de Adis-Abeba, D 9200, Etiópia, Frantz, com sete outros voluntários dos EUA e da Etiópia, foram à luta.

A empreitada foi muito mais difícil do que o esperado. O vão da ponte, com um quilómetro de extensão, a mais de 40 km de distância da cidade mais próxima, requeria cerca de 12 toneladas de aço, cimento e equipamento para a execução do serviço, e tudo teve que ser transportado no lombo de mais de 350 burros. Durante duas semanas (fev^o 2002), os voluntários, assistidos por mais de 250 residentes, conseguiram reparar a ponte. Todo o trabalho foi executado à mão, e a maior ferramenta usada foi um martelo de pedra. Mais de mil residentes e autoridades estiveram presentes na cerimónia de reinauguração da ponte.



A Ponte Portuguesa em Debre Libanos a cerca de 100 quilómetros a norte de Adis-Abeba, construída no séc. XVI ou XVII e (alegadamente) os construtores usaram ovos de avestruz na construção. Há quem defenda que é mais recente.



<http://thumbs.dreamstime.com/x/ponte-portuguesa-50747823.jpg>

Esta Ponte Portuguesa fica em frente à Garganta de Jemma, sobre um pequeno tributário do Nilo Azul, perto do Mosteiro ortodoxo de Debre Libanos³⁴.



A segunda Ponte Portuguesa fica sobre o Nilo Azul - os Etíopes chamam-lhe Abbay -, a cerca de 35 km da cidade de Bahar Dar, a 400 km a norte de Adis-Abeba. Foi construída no séc. XVII a curta distância da Cascata de Tississat (literalmente «A água que fumega»), que forma uma cortina de 400 m. de comprido e 35 de altura. Este espetáculo natural ficou seriamente comprometido com a construção de uma hidroelétrica. Os Chineses desviaram o rio para alimentar a nova central...

34.1.3. A ARQUITETURA DE PEDRA NA ETIÓPIA

De acordo com a lenda da fundação de Gondar pelo rei Fasiladas, uma velha profecia proclamava que uma nova era para o Cristianismo na Etiópia se iniciaria quando um rei justo estabelecesse a corte régia num local começado pela letra G. Os reis que precederam Fasiladas construíram castelos de pedra em Gorgora, Gomangué, Guzara e Gânâtâ léssusse. A profecia indica que o conceito de acampamento real como centro político e cosmológico e o conceito de vida urbana na Etiópia se alterou com a substituição de tendas semi-itinerantes por castelos em pedra e argamassa. Os primeiros castelos etiopes em pedra aparelhada foram construídos em Dambá e no Gôdjame, após o estabelecimento dos portugueses (depois de 1543), e a simultânea ocupação da costa da Eritreia pelos turcos em 1557. As residências reais são

³⁴ (Monte Libano).

castelos quadrados em pedra ou argamassa, com cisternas adjacentes, com um suplemento permanente de água, rodeados por complexos de paredes circulares encimados por torres cilíndricas. É provável que a arquitetura defensiva portuguesa e turca tenham tido uma especial influência na arquitetura militar etíope. A torre central do castelo de Fasiladas em Gondar (meados do séc. XVII) evoca as torres telescópicas da arquitetura militar portuguesa do início do séc. XVI. Outra influência é detetada num pavilhão real no centro de um tanque em Ázâzô. Parece inspirado na arquitetura dos pavilhões de lazer indianos: condutas conduziam a água até ao telhado, e daí descia como um ecrã pelas paredes, refrescando o pavilhão. O desenho das igrejas e residências católicas etíopes do século XVII surge intimamente associado à presença no país, de um conjunto de missionários Jesuítas portugueses enviados de Goa e Diu e resultaram possivelmente, de influências e trocas de saberes técnicos entre etíopes, turcos, indianos e portugueses.

Para construírem as suas igrejas, os padres católicos recorriam a dois tipos alternativos de planta desenvolvidos pela Sociedade de Jesus na Europa:

- O modelo da igreja-salão (presente em Gorgora Nova e em Ázâzô), que responde a um conceito congregacional da comunidade religiosa;

- A igreja cruciforme latina, na qual o espaço interior é organizado de acordo com regras estritas codificadas no Concílio de Trento e iluminado por grandes janelas (a Catedral de Dancaze segue o mesmo projeto que a igreja de Jesus em Roma, do arquiteto Vignola). A planta arquitetónica favorece a decoração das paredes interiores e arcos, tal como em Mertula Mariame.

34.1.4. QUEM ERA O PRESTES JOÃO?



gravura veneziana do séc. XVI e as três localizações do reino do Prestes João.

A lenda do Prestes João foi alimentada por dois grandes grupos cristãos primitivos isolados da Cristandade ocidental e jamais submetidos à autoridade papal: os coptas, na Abissínia (atual Etiópia, cristianizada desde o séc. IV) e os nestorianos na Ásia, atingindo zonas da Índia (os famosos "cristãos de S. Tomé", da costa do Malabar, cujas comunidades teriam, segundo a lenda, sido fundadas por aquele apóstolo, e da Tartária, onde foram convertidos os turcos Kereitas e tribos mongóis). Em todas as regiões o lendário rei foi procurado, tendo sido encontrado um pouco por todas elas. A data das primeiras notícias do Prestes, uma tribo turco-mongólica - Kara Kitai - chefiada por Ye-liu Ta-che conquistou Samarcanda (1137) e obteve uma grande vitória sobre o Sultão seljúcida do Irão Ocidental (1141). A notícia das vitórias destes inimigos do Islão poderia levá-los a ser confundidos com um povo cristão, e é provável que tivessem combatido aliados a tribos cristianizadas. Ye-liu Ta-che terá usado o título de Gur-Khan, em árabe pronunciado Yuhanan e que seria latinizado para Johannes. Mas este título foi apenas utilizado pelos sucessores de Ye-liu Ta-che. Ora Khan, além de poder ser para Yuhanan, pode ser facilmente confundido com Kham (sacerdote). Outra teoria refere que João derive de Zan-hoy (meu senhor), tratamento do imperador da Etiópia. Sob o domínio muçulmano, a região, que mantivera o contacto com o restante mundo cristão, encontrava-se isolada da Europa desde o séc. XI. Poderia aquela forma de tratamento ter-se mantido no imaginário coletivo ocidental, deturpada para Gianni, Giovanni ou Johannes e acabando por se misturar com as primeiras notícias das vitórias de Ye-liu Ta-che. O mito surgiu quando a Europa se encontrava sitiada pelas forças do Islão (da Ásia Menor ao Norte de África) e com parte da Península Ibérica ainda a servir de "ponta de lança" a um possível avanço dos "infiéis", pelo que se desejava o surgimento de um aliado poderoso que atacasse o inimigo pela retaguarda. Mas as atenções começavam a deslocar-se para a Abissínia. A pretensa carta do Prestes, em 1165, tratava-se de uma mistificação, devido ao caráter fantasioso (que não o era, porém, no pensamento do homem medieval). Não se sabe se era um embuste consciente para levantar o moral cristão. O importante é o facto de alargar as possibilidades de localização do mítico rei-sacerdote, uma vez que se refere às "Três Índias". Talvez por, numa peregrinação à Terra Santa, ter encontrado peregrinos abexins (etíopes) que lhe comunicaram o interesse do seu imperador em instruir-se no catolicismo romano, foi, provavelmente, à Abissínia que Mestre Filipe se dirigiu, em 1177 com a resposta do Papa. Mas vieram da Ásia notícias frescas, relacionadas com um suposto descendente do Prestes, o rei David que, de acordo com a carta do bispo de Acre (1221) "... tinha três exércitos. Um deles foi mandado para a região pertencente ao irmão do Sultão do Egito, o outro contra Bagdade e o terceiro contra Mossul. E agora o rei (...) apressa-se a alcançar a Terra Prometida, para visitar o sepulcro de Nosso Senhor e reconstruir a Cidade Santa. Mas é sua intenção (...) subjugar a terra do Sultão de Iconio, Caláfia e Damasco...". Estava-se em presença de um terrível flagelo dos "infiéis". Se não era o Prestes João, só poderia ser alguém com uma grandeza equivalente! Embora tenha existido um rei georgiano chamado David que infligiu uma severa derrota a um numeroso exército muçulmano, as tropas vindas do Oriente eram conduzidas por outro grande inimigo do Islão - Gêngis Khan, o conquistador mongol cujos domínios acabariam por se estender até à Europa. Durante as suas viagens (1271-1295), o explorador Marco Polo viria a identificar os tártaros como o povo do Prestes João, embora já em franca decadência, pois as reminiscências do seu antigo esplendor eram, então, claramente ofuscadas pelo brilho da corte de Kublai Khan, a quem prestavam vassalagem.

34.1.5. PRESTES JOÃO NA ABISSÍNIA

Sendo infrutíferas as buscas do Prestes pela Ásia, a Europa volta-se para a África, a Abissínia (a "Média Índia"). Evangelizada no séc. IV, manteve-se cristã após as invasões árabes (séc. VII) e acabou isolada do mundo cristão ocidental.

Segundo uma lenda, talvez forjada pelos próprios, com o intuito de vencer os seus súbditos da nobreza da sua linhagem, os imperadores da dinastia que se estabeleceu a partir de 1270 eram descendentes do rei Salomão e da Rainha de Sabá (a Sabá bíblica situar-se-ia no território do atual Iémen, portanto do outro lado do Mar Vermelho) e usavam o título de Leão de Judá. É possível que, na Europa, a lenda acabasse distorcida e a salomónica ascendência transferida para um dos Reis Magos, adaptando-se à mítica origem do Prestes (o nome poderá ter derivado, do tratamento Zan-hoy dado aos soberanos etíopes). O longo isolamento a que a Abissínia foi sujeita até se libertar finalmente do domínio muçulmano, nos finais do séc. XIII, terá alimentado fantasiosas especulações sobre aquele país misterioso situado nos confins do mundo. Tal não impediu que se estabelecessem contactos pontuais entre peregrinos europeus e etíopes, que os árabes ocasionalmente autorizavam a deslocar-se à Terra Santa, e se fizessem esporádicas visitas de missionários católicos à Abissínia (a primeira embaixada oficial, enviada pelo papa João XXII, chegaria em 1316). Começam a chegar, a partir do séc. XIV, relatos fascinantes sobre a região, referida como "a terra do Prestes João". Falavam de impressionantes basílicas chapeadas a ouro (4) e mesmo o túmulo do apóstolo Tomé, tradicionalmente localizado em Meliapor, na Índia, passa, muitas vezes a ser assinalado na "Média Índia". Poderá não existir qualquer relação entre as localizações asiática e africana do reino do Prestes. Se tivermos, porém, em conta que a cartografia medieval não dispunha da capacidade de representar o Mundo como um todo, recorrendo muitas vezes a uma justaposição de levantamentos parciais em que o posicionamento relativo era grosseiramente distorcido devido a imprecisões de distância e de direção (era frequente o engano quanto aos pontos cardeais), verificamos que a confusão tinha alguma razão de existir. Ambas ficavam "para as bandas do Oriente", onde se situava o paraíso terreal, e para ambas era necessário atravessar um "grande deserto arenoso", fosse ele o Saara, o Arábico, o Negeve ou as grandes estepes asiáticas.



Os Turcos conquistam Constantinopla.

Os primeiros contactos dos portugueses com o reino do Prestes João

Na primeira metade do séc. XV o imperador Yechak estabeleceu relações diplomáticas com soberanos europeus, como Afonso V de Aragão, propondo-lhes uma aliança contra os árabes, mas o interesse da Europa havia, há muito, esmorecido, quanto mais não fosse pelo facto de se verificar um acentuado alívio da ameaça islâmica. Seria outro pequeno país, situado no extremo sudoeste do Continente europeu, a reacender o interesse na demanda do reino do Prestes João: Portugal.

Vejamos o que Jorge Manuel Moreira Silva, Primeiro-Tenente escreveu: ^{35 36}

³⁵ Só se voltou a ouvir falar do mítico soberano em 1221, quando o bispo de Acre escreveu ao Papa acerca de um possível descendente, o rei David da Índia, chamado Prestes João, que combatia poderosos exércitos muçulmanos.

36 NOTAS

- 1) A ideia de Cruzada entrava em franca decadência, após o fracasso da 2ª, e esbarrava no espírito de saque e ambição de nobres sem escrúpulos que não hesitavam em comprometer o sucesso da expedição, o oposto do que se passava nos moralizados exércitos turcos que, sob a forte liderança de Saladino acabariam por tomar Jerusalém em 1187.
- 2) é provável que, entre os aliados de Gêngis Khan se encontrassem tribos nestorianas Kereitas, a cujo auxílio já o seu pai recorrera. Gêngis chegara mesmo a ser vassalo de Toghril, o chefe do povo que viria a receber o título de Wang-Khan (rei do povo). Embora haja quem veja neste título outra origem para o nome João, a verdade é que havia, já, vários anos que a lenda do rei-sacerdote era conhecida.
- 3) Suposição do autor.
- 4) para estes relatos podem ter contribuído as belas igrejas talhadas na rocha mandadas construir pelo imperador Lalibela, que reinou nos princípios do séc. XIII. Estas igrejas, esculpidas num só bloco rochoso (incluindo todo o seu interior - naves e altares), teriam, quando iluminadas pela luz solar, um aspeto dourado que tornaria ainda maior o seu esplendor.
- 5) No Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama pode ler-se: "Aquele dia que o Capitão-Mor foi andar nos batéis, por junto da vila, atiraram das naus dos cristãos índios muitas bombardadas; e alevantavam as mãos quando os viam passar, dizendo todos com muita alegria: Christe! Christe!"
- 6) Na realidade existem muitas semelhanças entre os relatos das vidas de Krishna e de Cristo que nos levam a especular se não se tratará de algo mais que uma simples coincidência. Se não, veja-se:
 - Ambos terão nascido de uma virgem;
 - Ambos nasceram numa gruta ou num estábulo;
 - Ambos foram, enquanto crianças, alvo de tentativas de assassinio por parte de um rei cruel que ordenou uma matança de inocente;
 - Ambos foram, pela mesma altura, obrigados a refugiar-se com a família num país estrangeiro;
 - Ambos se transfiguraram perante os discípulos;
 - Ambos perdoaram a pecadoras arrependidas que não mais os abandonaram;
 - Ambos ensinaram a retribuir o mal com o bem;
 - Ambos foram abandonados pelos discípulos na hora da morte;
 - Ambos deram a vida pela verdade.

Este soberano teria derrotado os reis dos Medos e dos Persas e avançado com o seu exército, em auxílio a Jerusalém, ameaçada pelos muçulmanos, tendo esbarrado no rio Tigre, por falta de embarcações para a travessia e forçado a regressar. Os líderes europeus informados da queda de Edessa em poder dos muçulmanos, já se preparavam para ir em socorro dos reinos cristãos, na 2ª Cruzada. A expedição acabou num fracasso. Em 1165, chegou às mãos do Papa e dos imperadores Manuel Comneno (de Constantinopla), e Frederico Barba-Ruiva (da Alemanha), os três maiores governantes da Cristandade, uma carta dirigida simultaneamente aos imperadores romanos do Ocidente e do Oriente, cujo remetente se intitulava "João, Presbítero, pela Omnipotência Divina e pelo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor dos Senhores". Proclamava-se "Senhor das Três Índias" (no conceito medieval, as Três Índias eram a Próxima Índia, Extrema Índia e Média Índia, correspondendo às partes norte e sul do subcontinente indiano e à africana hoje denominada Etiópia) e vangloriava-se de ser "superior em virtude, riquezas e poder a todos os que caminham sob os Céus", habitando um Palácio de ébano e cristal com teto de pedras preciosas e colunas de ouro, sendo servido por reis e por bispos. Em 1177, o papa Alexandre III enviou, através do seu médico, Mestre Philippus, uma resposta à suposta carta do Prestes, em que o convidava a reconhecer no papa de Roma o único e legítimo sucessor do apóstolo Pedro. Philippus partiu para se encontrar com o rei-sacerdote, mas nunca regressou. Jorge Manuel Moreira Silva, Primeiro-Tenente

34.1.6. OS PORTUGUESES E O PRESTES JOÃO

Embora não faça referência direta à figura do rei-sacerdote, Gomes Eanes de Zurara refere, na Crónica da Guiné, que um dos objetivos que nortearam a exploração portuguesa da costa africana foi o de procurar reinos cristãos. É natural que, durante a sua infância, o Infante D. Henrique tivesse escutado as narrativas sobre o reino do Prestes João (recorde-mos que a localização na Abissínia era, já, a conceção dominante da altura), posteriormente reavivadas, aquando da conquista de Ceuta (1415), pelos relatos de mercadores e prisioneiros mouros, que falavam de grandes reinos negros a Sul do Grande deserto.

A riqueza da costa ocidental africana e as teorias geográficas da época, que davam aquele Continente como sendo menos extenso em longitude do que realmente era, criaram a esperança de se poder atingir o reino do Prestes por via fluvial, subindo os grandes rios que fluíam de Leste, dando a possibilidade aos navios portugueses de navegarem diretamente para a Índia e participarem no lucrativo comércio das especiarias. Era uma das ideias que D. João II tinha quando, em 1482, enviou Diogo Cão à foz do Congo. Tendo subido o rio, o navegador encontrou nativos amigáveis e permeáveis à fé cristã que lhe deram a entender serem governados por um poderoso rei que residia longe, numa cidade real para o interior que podia ser alcançada navegando ao longo daquele rio. Tendo navegado mais para sul, Diogo Cão acabou por dar mais importância ao facto de atingir aquilo que julgou ser o extremo meridional de África (um erro que lhe valeria, mais tarde, cair em desgraça), mas ainda durante as suas viagens um tal João Afonso de Aveiro regressou de Benim, onde estabelecera uma feitoria comercial e encontrara pimenta de boa qualidade, e relatou que "a vinte meses de jornada a partir da costa vive um rei que é venerado pela sua gente de maneira igual àquela como o Papa é venerado pelos cristãos católicos". Esta jornada corresponderia a um percurso de cerca de 1800 km e conduzia diretamente ao reino da Abissínia. Mas D. João II pretendia saber mais acerca do poderio do rei-presbítero e aprender coisas sobre a Índia propriamente dita. Queria também saber se o mar da Índia era rodeado de terra, como julgava Ptolomeu, ou se estava ligado ao Atlântico. Desejava, por fim, saber onde terminava a África. Enviou vários "espíões", com o objetivo de conseguir tais informações, entre eles seguiram, em 1490, Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã. Tendo chegado juntos a Adén, no Iémen, dali partiu Afonso de Paiva, com o objetivo de visitar o Prestes João, enquanto Pêro da Covilhã seguiu para a Índia. Visitou Cananor, Calecut e Goa e, ao considerar cumprida a sua missão regressou ao Cairo onde os dois exploradores tinham combinado encontrar-se. Ali soube, por dois mensageiros do rei D. João II, que Afonso de Paiva tinha morrido antes de atingir o objetivo, sendo sua a missão de visitar o Prestes na Abissínia. Tendo atingido aquele reino em 1493, ficou Pêro da Covilhã, à semelhança com o que antes sucedera com vários emissários europeus, detido pelo Negus (o soberano), impedido de enviar relatórios (o Prestes João temia que na Europa se soubesse que o reino não era, afinal, tão esplendoroso como se especulava). Não obstante, foi cumulado de honrarias e gozou de uma grande influência na corte abissínia, tendo sido encontrado vivo pela primeira embaixada oficial portuguesa a chegar ali em 1520.

Entretanto, o caminho marítimo para a Índia era finalmente descoberto por Vasco da Gama. Numa providencial escala em Melinde, na costa oriental africana, os portugueses foram muito bem-recebidos pelo Sultão local, cujo porte imponente os impressionou. Quando os indígenas se inclinaram e rezaram perante um altar existente num dos navios, os marinheiros concluíram que se encontravam perante um povo cristão (e os indígenas, por sua vez, devem ter julgado que os portugueses eram hindus). O entusiasmo cresceu quando

7) D. Estêvão enviou o seu irmão, D. Cristóvão da Gama, à frente de um pequeno exército que infligiu várias derrotas a um inimigo seis vezes mais numeroso. O bravo punhado de portugueses acabou, porém, por sucumbir à superioridade numérica dos somalis e dos seus aliados turcos, tendo sido completamente aniquilado. Capturado após ter sido ferido, D. Cristóvão foi torturado e degolado pelos seus inimigos, mas o seu auxílio foi determinante para dar ao soberano etíope tempo de reorganizar as suas forças.

Vasco da Gama foi saudado com os gritos "Krishna! Krishna!", que deve ter soado como "Cristo!"⁽⁵⁾ (6). Mais uma vez se encontravam sinais da existência do Prestes João, agora mais para sul. Seria o rei de Melinde um vassalo do rei-sacerdote? As especulações viriam a terminar quando, em 1520, uma embaixada chefiada por D. Rodrigo de Lima (que incluía o Padre Francisco Álvares, o cronista da missão), chegou à corte Etíope. Era o fim da lenda e o início das relações diplomáticas com aquele país, sempre acompanhadas de uma forte ação missionária destinada a trazer aquele povo de volta ao seio do catolicismo.

Dali a pouco tempo, perante o ataque do chefe somali Ahmad Al-Ghazi, aliado aos turcos, o Negus solicitava auxílio militar aos portugueses, auxílio esse que viria a ser prontamente prestado por D. Estêvão da Gama, filho de Vasco da Gama e Governador da Índia. Ao contrário do que sempre fora esperado pelos monarcas europeus, era a vez do Prestes João pedir a ajuda do mundo ocidental.



Página de rosto da 1ª edição da VERDADEIRA INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO, Francisco Álvares. Iluminura do Wappenbuch de Conrad Grünenberg (Constance, 1480). München, Bayerische Staatsbibliothek, Cgm, 145, p. 53).

34.1.7. MITO CHEGA AOS NOSSOS DIAS

Já no início do séc. XX missionários portugueses estabelecidos na Etiópia encontraram antigas espadas e bandeiras cristãs, transmitidas de geração em geração, acompanhadas da lenda de terem pertencido a um monarca cristão de aparência divina. Seriam estes os mais recentes indícios da existência do Prestes?

Em 1935 o imperador Hailé Selassié (que, tal como os seus antecessores usava o título de Leão de Judá) encabeçou a resistência etíope contra os invasores italianos de Mussolini, tendo sido reinstalado no trono com o auxílio britânico. No seu reinado a Etiópia afirmou-se, nas décadas de 50 e 60, como um dos principais estados neutrais africanos. Devido aos problemas sociais do país, aos quais não conseguiu dar resposta, foi deposto por um golpe militar em 1974. Em 1975 morria aquele que foi, provavelmente, o último descendente do Prestes João. A crença que considerava aquele imperador uma espécie de messias deu origem ao movimento pan-africanista rastafári (derivado do título Ras Tafari Makonnen atribuído em 1916 a Hailé Selassié), que influenciou muitos descendentes de africanos e jamaicanos de raça negra (de que o cantor Bob Marley foi um exemplo marcante), na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Em resumo, podemos afirmar que o mito do Prestes João surgiu em resposta à desesperada necessidade de uma Europa cercada pelas forças do Islão encontrar um aliado que, atrás das linhas inimigas, pudesse afrouxar a pressão. Esse aliado foi procurado e, de certo modo, encontrado nos vários grupos cristãos primitivos do Oriente isolados do mundo ocidental pelo "império" muçulmano, que, por sua vez, deram origem a diferentes localizações do reino do Prestes, a que não foi alheio o contexto histórico de cada momento - na altura das Cruzadas, por exemplo, predominou a tendência para localizar o mítico reino por terras da Ásia -, enquanto na época das Descobertas se tornou mais conveniente a localização em África. Real ou um mero produto da imaginação medieval, o rei-sacerdote acabou por ser um verdadeiro aliado da Cristandade, pois a "busca do seu reino foi, sem dúvida, um incentivo e um catalisador da expansão europeia para Oriente."³⁷ Jorge

37 BIBLIOGRAFIA:

- Albuquerque, Luís de. Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses - sécs. XV e XVI, Editorial Caminho, 1987
- Ao encontro do passado, 1ª edição, s.l., Seleções do Reader's Digest, setembro 1985
- Atlas do mundo e dos descobrimentos, s.l., Ediclube, 1992
- Grande enciclopédia portuguesa e brasileira, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d.
- História do mundo - Rumo a um mundo novo (vol. VII) - 1ª edição, Lisboa, Seleções do Reader's Digest, agosto de 1997
- Landström, Björn, A Caminho da Índia, 1ª edição, s.l., Publicações Europa-América, 1964
- Marques, António Gromicho P., Os Grandes Profetas, Almada, Gromicho, s.d.
- Mendanha, Victor, História Misteriosa de Portugal, 2ª edição, s.l., Editora Pergaminho, agosto de 1995
- O grande livro do maravilhoso e do fantástico, 2ª edição, Lisboa, Seleções do Reader's Digest, dezembro 1979
- os grandes exploradores de todos os tempos, 1ª edição, s.l., Seleções do Reader's Digest, maio 1980
- Santos, Frei João dos, Etiópia Oriental, Lisboa, Publicações Alfa, 1989
- Serrão, Joel, Dicionário da História de Portugal, Porto, Livraria Figueirinhas, 1990
- Teles, Pe. Baltazar, História da Etiópia, Lisboa, Publicações Alfa, 1989
- Velho?, Álvaro?, Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama, edição 149501/4337, s.l., Publicações Europa-América, s.d.
- Zurara, Gomes Eanes de. Crónica da Guiné, s.l., Livraria Civilização, 20 de janeiro 1973

Manuel Moreira Silva³⁸. Primeiro-Tenente

34.1.8. O NASCIMENTO DO MITO

A queda da cidade de Edessa, na Palestina (1144), após um cerco de vinte e oito dias efetuado por Imad ed-Din Zengi (general do Sultão Mahmud), foi o principal motivo da 2ª Cruzada. O banho de sangue que se seguiu à conquista causou comoção nos líderes europeus como o cronista árabe Ibn al-Qalānisi relata: Começaram então o saque e a matança, a captura e a pilhagem. As mãos dos vitoriosos se encheram de dinheiro e tesouro, cavalos e presas de guerra o suficiente para alegrar e fazer com que as almas se regozijassem (al-Qalānisi, 279-80) (Gabrielli, 1984: p. 50). Hugo, bispo de Jabala, foi enviado como embaixador do reino de Jerusalém e do principado de Antioquia para tratar com o papa Eugénio III (Pisano, 1145-1153) - em Viterbo, (Roma estava em poder de um grupo hostil ao papa) - a possibilidade de nova cruzada. Em Viterbo encontrava-se Oto Babenberger, alemão, bispo de Freising e tio de Frederico I Barba-Ruiva, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1152-1190). Oto registou na sua Crónica a notícia, mas estava na cúria papal com o objetivo de notificar Eugénio III da existência de um potentado cristão na Ásia, na fronteira com a Pérsia, que fazia uma guerra vitoriosa contra o mundo árabe (Runciman, 1973: p. 229). O rei que triunfava numa segunda frente de batalha contra o Islão num momento em que todos fracassavam, chamava-se Preste (padre) João. Era nestoriano, portanto herético.

Mas que importava? Um aliado, herético, cristão, vencendo outra frente de batalha, miando o inimigo, o “outro”, alimentando as esperanças de uma vitória final da verdadeira fé.

Seu exército era imenso: sua carta, destinada apenas a “Nossa Majestade”, afirma que sua milícia levava “treze grandes e altas cruces, feitas de ouro e de pedras preciosas (...) e a cada uma delas seguem dez mil soldados e cem mil peões armados” (Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, 1998: p. 82). Com este poderoso exército, Preste João teria conquistado Ectabana, capital persa, dirigindo-se então para o norte, quando então regressou a seu país.

Foi dessa forma que o mito de Preste João "entrou" na História, ou seja, pelas mãos de Oto de Freising. O bispo foi mais além: já na corte de Frederico I, Barba-Ruiva, provavelmente falsificou uma carta, que teria sido enviada em 1150 por Prestes João ao imperador bizantino Manuel I Comneno (1143-1180), ao papa e ao próprio Frederico I Barba-Ruiva. A notícia da suposta carta que contava as maravilhas do reino de Preste João espalhou-se pela Europa. Até ao século XV foram feitas várias traduções e cópias. As diferentes versões descrevem as maravilhas do seu reino.

“As joias corriam nos rios, o Palácio do Preste João abrigava 30.000 pessoas à mesa, todos os dias... não contando com os forasteiros que chegam ou partem. E todos eles recebem em cada dia, da nossa câmara, ajudas

38 NOTAS

1) Não nos esqueçamos que a ideia de Cruzada entrava, já então, em franca decadência, após o fracasso da Segunda, pois começava a esbarrar no espírito de saque e na ambição de alguns nobres sem escrúpulos que não hesitavam, se necessário, em comprometer o sucesso da expedição, o oposto do que se passava entre os moralizados exércitos turcos que, sob a forte liderança de Saladino acabariam por, finalmente, tomar Jerusalém em 1187.

2) É provável que, entre os aliados de Gêngis Khan se encontrassem várias tribos nestorianas Kereitas, a cujo auxílio já o seu pai recorrera. Gêngis chegara mesmo, na sua juventude, a ser vassalo de Toghril, o chefe daquele povo que viria, mais tarde, a receber o título de Wang-Khan (rei do povo). Embora haja quem veja neste título outra origem para o nome João, a verdade é que havia, já, vários anos que a lenda do rei-sacerdote era conhecida.

3) Suposição do autor.

4) Para estes relatos podem ter contribuído as belas igrejas talhadas na rocha mandadas construir pelo imperador Lalibela, que reinou nos princípios do século XIII. Estas igrejas, esculpidas num só bloco rochoso (incluindo todo o seu interior - naves e altares), teriam, quando iluminadas pela luz solar, um aspeto dourado que tornaria ainda maior o seu esplendor.

5) No Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama pode ler-se: "Aquele dia que o Capitão-Mor foi andar nos batéis, por junto da vila, atiraram das naus dos cristãos índios muitas bombardadas; e levantavam as mãos quando os viam passar, dizendo todos com muita alegria: Christe! Christe!"

6) Na realidade existem muitas semelhanças entre os relatos das vidas de Krishna e de Cristo que nos levam a especular se não se tratará de algo mais que uma simples coincidência:

- Ambos terão nascido de uma virgem;
- Ambos nasceram numa gruta ou num estábulo;
- Ambos foram, enquanto crianças, alvo de tentativas de assassinio por parte de um rei cruel que ordenou uma matança de inocente;
- Ambos foram, pela mesma altura, obrigados a refugiar-se com a família num país estrangeiro;
- Ambos se transfiguraram perante os discípulos;
- Ambos perdoaram a pecadoras arrependidas que não mais os abandonaram;
- Ambos ensinaram a retribuir o mal com o bem;
- Ambos foram abandonados pelos discípulos na hora da morte;
- Ambos deram a vida pela verdade.

7) D. Estêvão enviou o seu irmão, D. Cristóvão da Gama, à frente de um pequeno exército que infligiu várias derrotas a um inimigo seis vezes mais numeroso. O bravo punhado de portugueses acabou, porém, por sucumbir à superioridade numérica dos somalis e dos seus aliados turcos, tendo sido completamente aniquilado. Capturado após ter sido ferido, D. Cristóvão foi torturado e degolado pelos seus inimigos, mas o seu auxílio foi determinante para dar ao soberano etíope tempo de reorganizar as suas forças.

de custo quer em cavalos quer em outras espécies” (Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas, 1998: p. 82). O seu Palácio era ricamente decorado. Tetos de cedro, cobertura de ébano, em seu cume dois pomos de ouro, portas de [pedra] sardónica, janelas de cristal, mesas de ouro e ametista com colunas de marfim. Além disso, existiam seres fantásticos: “bois selvagens, sagitários, homens selvagens, homens com cornos, faunos, sátiros e mulheres da mesma raça, pigmeus, cinocéfalos, gigantes, cuja altura é de quarenta côvados, monóculos, ciclopes e uma ave que chamam Fénix e quase todo o gênero de animais que existem debaixo do céu.” (Carta do Preste João das Índias, p. 56). “Entre nós não existem pobres. Não existe entre nós nem roubo nem rapina, nem o adulator ou o avaro têm lugar aqui. Não há disputa entre nós. Os nossos homens abundam em todas as riquezas.” (Carta do Preste João das Índias, p. 76). Os seus súbditos eram abençoados por terem um rei tão maravilhoso. A similitude com Salomão é clara: “A população de Judá e de Israel (...); comiam, bebiam e viviam felizes” (I Rs, 4,20). Preste João proclamava-se imperador de 72 reis na Ásia - o número 72 era uma analogia a Isidoro de Sevilha: “De facto, segundo a autoridade de Isidoro de Sevilha, o mundo é formado por 72 povos (44: IX, 2, 2), e Preste João afirma na sua carta governar 72 províncias, cada uma delas tendo um rei que lhe é tributário (Franco JR., 1992: p. 39-40). “Dessa maneira, não é de surpreender que, em 1177, o papa Alexandre III (nascido em Siena, 1159-1181) tenha enviado como embaixador para o reino de Preste João o seu médico particular, Felipe, solicitando ajuda contra os muçulmanos. A Igreja já nesse momento, também enxergava a possibilidade de se apropriar do mito. Ao que parece, Felipe terminou a missão na Abissínia sem nenhum resultado (Runciman, 1973: p. 382).

Mas qual o interesse do bispo Oto de Freising em divulgar um rei lendário, um reino fantástico e falsificar a carta? Devemos buscar no contexto político germânico as causas da atitude do bispo alemão. Em primeiro lugar, as lutas internas no Império entre guelfos e gibelinos - guelfo de Welf ou Guelf, tio do Duque Henrique da Baviera, que se opôs à eleição de Conrado III da Suábia, o primeiro da dinastia dos Hohenstaufen; gibelino - de Waiblingen, aldeia pertencente aos Hohenstaufen. Mais tarde, na Itália, com as campanhas de Frederico contra a Liga Lombarda, guelfo passou a designar os partidários do papa, e gibelino os partidários do imperador.

Outra questão importante era a disputa entre Frederico e o papa Alexandre III (poder temporal vs poder espiritual) - que tinha suas origens na Questão das Investiduras - uma grande crise que assolou as relações entre o Império e o Papado, e, na verdade, entre a Igreja e as Monarquias europeias de um modo geral, no período de 1075 a 1122 (Investidura - ato físico de investir um clérigo com as insígnias do cargo). Todas estas questões faziam do mito de Preste João um importante instrumento político nas mãos de Frederico (Franco JR., 1994). Como imperador, Frederico também detinha o título de rei da Lombardia. Resolvendo assumi-lo literalmente, enviou a cada uma das cidades lombardas italianas um podestà - representante imperial - para governar em seu nome. O papa Alexandre III, com receio pelos direitos temporais do papado, excomungou-o (1160). A Liga Lombarda (composta pelas cidades de Verona, Bolonha, Milão, Vicenza, Treviso, Pádua, Mântua, Bréscia, Cremona, Ferrara, Bérgamo, Parma, Módena e Piacenza), criada em 1167 após a tomada de Milão por Frederico (o imperador arrasou a cidade, incendiando-a totalmente), venceu o exército germânico em Legnano (1176), obrigando-o a reconciliar-se com o papa e a assinar um tratado restituindo o governo próprio das cidades italianas (Tratado de Constança, de 1183). O imperador necessitava de um apoio espiritual superior ao papa, um suporte mental que desse legitimidade às suas pretensões de um grande Império contra o poder papal (Duffy, 1998: p. 108-109). Preste João era a oportunidade que Frederico estava esperando. Através de uma série de confluências mitológicas, o imperador construiu uma “ponte” com Preste João, que, por sua vez, desembocava em Cristo. De que forma? O Preste João tinha elementos que o projetavam até o nascimento de Cristo, mais especificamente na figura dos três Reis Magos, que, numa tradição oriental, seriam os seus ascendentes diretos (Franco JR., 1994). Devemos então observar a ligação dos magos com Cristo.

34.1.9. OS TRÊS REIS MAGOS E JESUS CRISTO

Na tradição bíblica, o encontro dos magos com Jesus está no Evangelho de Mateus:

“Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no céu surgir e viemos homenageá-lo” (Mt 2, 1-2). O diálogo narrado deu-se entre os magos e Herodes. Alarmado, Herodes ordenou aos magos que se certificassem do nascimento. Maravilhosamente, a estrela os conduziu à casa de Jesus: “Eles, revendo a estrela, alegraram-se imensamente. Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho para a sua região” (Mt. 2, 10-12). O onírico novamente interfere nas ações humanas. Os magos, “do Oriente”, região por excelência “dos sábios astrólogos”, ofereceram os presentes paradigmáticos do “outro” mundo: ouro, incenso e mirra. Para a Igreja, simbolizam a realeza, a divindade e a paixão (A Bíblia de Jerusalém, 1991: p. 1.839). É interessante observar que apenas Mateus descreve o encontro com os magos. Marcos e João nada dizem; Lucas fala na presença de pastores (Lc, 2, 1-20). Essas diferenças podem ser historicamente explicadas? (Meier, 1992: p. 205-230). Possivelmente não. Por exemplo, salta aos olhos que na sua obra Meier não comente a ausência dos Três Magos nos outros Evangelhos sinópticos. Mas o mais importante neste ensaio é identificar o momento em que os magos entraram na casa de Jesus: simultaneamente. Esta tradição bíblica difere significativamente de outra tradição, oral, apócrifa, fixada por Marco Polo (1254-1324) em seu

Livro das Maravilhas. Nele, Polo encontra seus túmulos, dá seus nomes (que não constam do Evangelho segundo São Mateus) - Baltazar, Gaspar e Belchior -; identifica a cidade de onde partiram para adorar o Menino Jesus ("Sava", atual Saveh, cem quilômetros a sudoeste de Teerão) (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 64). Por fim, narra o momento de encontro: "Chegando ao local onde havia nascido o Menino, o mais novo dos reis saiu da caravana e foi sozinho vê-lo, verificou que era parecido consigo, tinha a sua idade e estava vestido como ele; ficou assombrado. Logo a seguir foi o segundo Rei Mago, de meia-idade, e certificou-se do mesmo. Quando foi o terceiro rei, que era o mais velho, sucedeu-lhe aquilo que tinha sucedido aos outros. Ficaram pensativos e quando se reuniram, contaram uns aos outros o que tinham visto e maravilharam-se todos. Decidiram, então, ir os três ao mesmo tempo, encontrando o Menino do tamanho e com a idade que lhe correspondia (pois não tinha mais do que três dias). Prostraram-se diante dele, oferecendo-lhe o ouro, o incenso e a mirra. O Menino aceitou e ofereceu-lhes um cofrezinho fechado. Os Reis Magos voltaram aos respetivos países" (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 58-59). Os Magos são o "Cristo tripartido". Nessa "genealogia mitificada e idealizada" da tradição oriental, são associados a Preste João, que assim descenderia do próprio Cristo (Franco JR., 1994). Mas e Frederico? Onde se insere nessa tradição mitológica que vai de Cristo a Preste João, passando pelos três Reis Magos? A sua ligação é de reconhecimento, diplomático, real e imperial. A ele, ao imperador bizantino e ao papa Preste João se dirige. Frederico, através de seu tio Oto de Freising, traz o mito para si, como os Reis Magos e Carlos Magno, como força espiritual na sua luta por um império à frente dos demais reinos da Europa. Assim, Frederico colocava-se na condição de maior representante da Cristandade, único digno de trocar correspondência com o descendente direto de Cristo. Estava dessa maneira acima de Alexandre III ou de qualquer outro que estivesse no cargo de Sumo Pontífice. Frederico também se cercou de provas materiais. Aquando da tomada de Milão, o imperador apossou-se das relíquias dos Reis Magos, que se encontravam na cidade. Transferiu-as para Colônia, cidade alemã que também possuía muitas relíquias (Franco JR., 1994). Paralelamente, promoveu a canonização de Carlos Magno (embora Carlos Magno não tenha sido santificado, foi incluído no rol dos bem-aventurados em 1165, isto é, aquele que desfruta após a morte uma felicidade celestial eterna. De qualquer modo, é o primeiro passo para a sua canonização). Assim, isso não significa um fracasso nas intenções de Frederico: o seu projeto de ter um antepassado real "santo" foi realizado. Foi uma forma de aumentar seu prestígio e a sua aura sacrossanta, através de um antecessor glorioso alçado à santidade. Esse "processo santificatório" só pôde ser levado a cabo pela falsificação de Oto de Freising. No fim de sua vida reconciliou-se com Roma. A morte de Urbano III em 1187 facilitou as coisas; Gregório VIII (de Benevento, 1187) e Clemente III (romano, 1187-1191) mostraram-se amistosos com esse novo aliado na luta contra o Islão (Runciman, 1973: p. 23-24). A sua inesperada morte a caminho da Palestina para a Terceira Cruzada, afogado - um rude golpe tanto para seus seguidores cruzados quanto para todo o mundo franco (Runciman, 1973: p. 28) - aumentou as lendas que cercaram sua figura. Para muitos, Frederico não tinha morrido; estava adormecido na montanha Kyffhauser, na Turíngia, pronto para voltar e trazer a glória do Sacro Império de volta. Uma lenda afirmava que podia-se ver a longa barba de Frederico crescendo através do mármore que o cobria. Um dia ele despertaria e faria de novo o Império ordeiro e poderoso. É interessante observar que a construção da imagem de Frederico como um unificador alemão não corresponde à realidade, pois o imperador fez grandes concessões senhoriais aos nobres alemães. Foi nesse contexto político que "surgiu" historicamente Preste João. A Europa recebeu-o de braços abertos; em pouquíssimo tempo o mito ultrapassou a corte germânica para assumir as mais variadas texturas, até se deslocar para a África.

34.1.10. MARCO POLO E O PRESTE JOÃO

Mas antes que passemos da Ásia para a África, é necessário mostrar por que o mito mudou geograficamente de posição. Consideramos o testemunho de Marco Polo essencial para delimitar esse marco. No livro já citado, Polo confirma a existência de Preste João na Ásia. Chegando a Karakorum, "cidade de três milhas de circunferência" na planície de Tangut, Polo relata que o povo que vivia nessa região, os tártaros, não tinham rei, mas pagavam tributo a um senhor (Cã): era este o Prestes João, de que falavam todos, no Grande Império.

Os tártaros davam-lhe uma renda de dez cabeças de gado (o dízimo). Mas o povo multiplicou-se, e, quando isto viu, o Prestes João decidiu dividi-lo por várias regiões, e enviar, para governá-las, alguns dos seus barões. (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 92).

Nesta narrativa, Preste João governava um império de muitos povos. Os tártaros recusaram-se a obedecer às suas determinações; declararam-se revoltados, emigraram "para outro deserto" e elegeram o seu próprio rei, Gêngis Khan. Quando se sentiu suficientemente fortalecido, Gêngis enviou emissários a Preste João, pedindo-lhe a sua filha como mulher. Este, ofendido, expulsou os mensageiros, dizendo-lhes:

"Dizei ao vosso povo que o condeno à morte por ser traidor e desleal, e por ter a audácia de pedir a filha do seu senhor para mulher, e que eu o farei morrer de morte afrontosa" (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 93).

Preste João considerava Gêngis Khan um vassalo e, portanto, indigno de ser seu genro.

Gêngis organizou um exército para o combate

"...na grande planície chamada Tangut, que pertencia ao Prestes João, e ali aparelhou os seus cavalos, e eram tantos os homens que não podiam contá-los" (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 94). Após consulta astrológica com dois cristãos - onde Gêngis Khan soube da sua vitória - deu-se o combate. Durante dois dias, as duas hostes

inimigas bateram-se duramente. E foi a batalha maior e mais encarniçada que jamais viu o género humano. Houve grandes perdas, duma parte e doutra, mas venceu Gêngis Khan esta batalha, na qual morreu Prestes João (...). Conteí-vos como os tártaros elegeram o seu primeiro grão-senhor e como venceram Prestes João. Agora falarei dos seus usos e costumes. (Marco Polo. O Livro das Maravilhas, p. 95).

Sem dor, sem lamentação. Assim Polo narrou a morte do mito, esperança última da Cristandade na luta contra o Islão. Por quê? Polo é um homem novo num tempo ainda antigo. Está colocado na curva, virada de um tipo de mentalidade. Seus olhos estão direcionados para a frente, para a troca, o comércio. O mito faz parte do passado, é intransigente e unilateral. Polo representa a multiplicidade, os dois mundos interagindo: é a alavanca para o desenvolvimento, afinal é veneziano... Quando Polo “mata” o mito, está contribuindo para essa transposição geográfica: na verdade, as pessoas ainda desejavam que Preste João existisse, o Ocidente ainda tinha como sinal paradigmático a cruzada.

A Europa estava pressionada militarmente pelo Islão, principalmente nas suas áreas limítrofes: o Império Bizantino e a Península Ibérica (então no auge de seu processo de Reconquista). Preste João era a esperança da abertura de uma segunda frente. Provavelmente por isso o mito deslocou-se então da Ásia para a África no séc. XIV, mais precisamente para a Etiópia. Segundo Mollat (1990, p. 35), o primeiro a situar seu reino “ao sul do Egito” foi o cartógrafo genovês Angelino Dulcert. O desconhecimento europeu em relação ao reino etíope, devido ao não-mapeamento das fontes do Nilo (por terra havia o Deserto do Sudão e o Maciço Etíope) criava um clima propício ao desenvolvimento de lendas maravilhosas. Conta uma delas que Makeda era a Rainha de Sabá (Etiópia) que seria o Reino de Aksum, mais tarde o Império da Etiópia, que ocupava o sudoeste da península arábica (Ki-Zerbo, s/d: p. 116). No entanto, a Rainha de Sabá foi provavelmente a soberana de uma das colónias Sabeias existentes na Arábia do Norte (A Bíblia de Jerusalém, p. 525). Portanto, não se considera hoje que Sabá correspondesse a Aksum. De qualquer modo, maravilhada com as preciosidades trazidas do reino de Salomão por um mercador, a Rainha de Sabá resolveu fazer uma visita pessoal e veio pô-lo à prova por meio de enigmas. Chegou a Jerusalém com numerosa comitiva, com camelos carregados de aromas, grande quantidade de ouro e de pedras preciosas (...). Quando a Rainha de Sabá ouviu toda a sabedoria de Salomão (...) ficou fora de si e disse: “Realmente era verdade quanto ouvi na minha terra a respeito de ti e da tua sabedoria (...) Felizes das tuas mulheres, felizes destes servos, que estão continuamente na tua presença e ouvem a tua sabedoria (...). O rei Salomão ofereceu à Rainha de Sabá tudo o que desejou e pediu além dos presentes que lhe deu com munificência digna de Salomão. Depois ela partiu e voltou para sua terra, com seus servos” (1 Rs, 10, 1-13). O final dessa passagem bíblica permite uma aproximação com a tradição apócrifa: Makeda é seduzida por Salomão, dá à luz um filho chamado Menelike, que será sagrado rei por Salomão “e voltará com um grupo de jovens notáveis à Etiópia, não sem terem subtraído a arca da Santa Aliança, para a honrarem em África” (Ki-Zerbo, s/d: p. 116). Assim se inicia uma dinastia salomónica na Etiópia, conferindo-lhe uma condição mítica que desembocará na lenda de Preste João no século XIV. No século IV o reino etíope de Aksum converteu-se ao Cristianismo pelas mãos de Fromentius, monge sírio, sagrado bispo e chefe espiritual da Etiópia por Santo Atanásio, Patriarca de Alexandria (Ki-Zerbo, s/d: p. 118). A Igreja etíope é, portanto, herética e cismática, seguindo o rito litúrgico e o calendário copta egípcio, além de certos costumes sincréticos, como, “danças arrebatadas, tambores, sacrifícios de cabras (...) interdição de entrar na igreja no dia seguinte a relações sexuais e a observação do sábado em vez do domingo resultam da prática judaica” (Ki-Zerbo, s/d: p. 118).

É mais uma aproximação à lenda de Preste João, que também era herético.

34.1.11. PRESTE JOÃO NA ÁFRICA

O avanço do Islão chegou à Etiópia. Alguns companheiros de Maomé, fugindo da aristocracia coraixita (originalmente da tribo dos Quraish, do norte da Arábia, uma importante comunidade comercial de Meca. Lewis, 1990: p. 40-41), refugiaram-se em Aksum, em 615, instigados pelo próprio Profeta, que teria lhes assegurado: “Se fordes para a Abissínia (...) encontrareis um rei sob o qual ninguém é perseguido. É uma terra de justiça, onde Deus trará o repouso às vossas tribulações” (Ki-Zerbo, s/d: p. 152). Nessa tradição, a Etiópia também é a terra das maravilhas, como na descrição do reino de Preste João. Mas a pirataria etíope no Mar Vermelho e suas razias nas costas árabes (os etíopes pilharam Jeddah, porto de Meca, em 702) levaram o Profeta, segundo outra tradição, a dizer: “Evitai toda a querela com os Etíopes, porque eles receberam em herança nove décimos da coragem da humanidade” (Ki-Zerbo, s/d: p. 153). É mais uma oralidade que ajuda a conexão com Preste João: agora, os etíopes são os inimigos dos árabes, portanto, amigos da Cristandade. O início da dinastia Zagwés no século XII não interromperia o caráter maravilhoso da Etiópia iniciado desde a visita da Rainha de Sabá a Salomão: segundo alguns autores, esta dinastia seria uma descendência salomónica por via de Balkis, uma das criadas de Makeda, Rainha de Sabá (Ki-Zerbo, s/d: p. 155). Assim estava preparado o terreno para a chegada do reino de Preste João diretamente da Ásia. Principalmente porque a Etiópia já possuía seu santo católico: Lalibela, da dinastia Zagwés, rei piedoso que fundou inúmeras igrejas e mosteiros (Ki-Zerbo, s/d: p. 153). Após a geografação do maravilhoso feita pelo cartógrafo genovês Angelino Dulcert, temos notícia do encontro em Nápoles de um dominicano de origem siciliana, Pedro Ranzano, com um embaixador do soberano etíope Negus, de nome Pedro Rambulo. O título oficial do imperador era Rei dos Reis (Negusa nagast), que se explicava pelo grande número de príncipes da periferia do império que lhe reconheciam laços de vassalagem. Tais laços eram frequentemente consagrados através do casamento do rei etíope com princesas árabes, em detrimento da monogamia cristã. Embora essas princesas fossem obrigadas a converter-se, aconteciam casos de regentes filhas de príncipes muçulmanos, como, por exemplo Helena, princesa que recebeu uma delegação portuguesa em 1520. A parte central do império estava sob a autoridade absoluta dos Negus (Ki-Zerbo, s/d: p. 229).

Este embaixador estava em missão junto ao rei de Aragão, em 1450. Afirmou que o seu rei era o verdadeiro Preste João, descendente direto da Rainha de Sabá, e que o seu reino havia sido evangelizado pelo apóstolo Tomás (Mollat, 1990: p. 37). Além de transferência geográfica, percebe-se aqui outro elemento mítico: o nome Preste João começa a se tornar um título, intemporal. Assim, o “nome se pereniza (...) mais conveniente para a lenda” (Braga JR., 1994: p. 20). Preste João é sempre um rei, sacerdote, chefe religioso, inimigo do Islão (pelo menos em teoria). A Europa receberia muitos embaixadores etíopes a partir de então, mas nenhum com descrição tão precisa quanto Ranzano. As relações tornaram-se mais sólidas com a fundação do Colégio Etíope, em 1474, pelo papa Sixto IV (de Savona, 1471-1484) e duas missões de Battista d’Imola (em 1482 e 1484) (Mollat, 1990: p. 37).

34.1.12. A “MORTE” DO MITO

No tempo do rei Lebna Denguel (Incenso da Virgem) (1508-1540) (Ki-Zerbo, s/d: p. 57), a regente Helena, uma princesa muçulmana convertida, mandou um mensageiro a Portugal, Mateo, o Arménio, durante uma série de escaramuças do reino etíope com as potências islâmicas da costa. Uma embaixada portuguesa foi enviada em 1520. No entanto, parece que os portugueses foram acolhidos sem entusiasmo, pois Lebna Denguel teria ficado decepcionado com os magros presentes da Europa. Quando lhe mostraram num mapa o pequeno Portugal em comparação com o seu reino (cuja extensão era exagerada por causa das técnicas de representação cartográfica), Lebna Denguel encheu-se de orgulho e ficou consternado com o fato dos reinos cristãos recorrerem às armas. Aceitou ceder Massawa como base naval a Portugal e prometeu a sua aliança contra os Muçulmanos. Por sua parte, pediu artesãos e médicos (Ki-Zerbo, s/d: p. 57). Na embaixada portuguesa encontrava-se Francisco Alves, padre e capelão. Devemos a ele a primeira descrição do Preste João. Ele foi o primeiro cristão a “ver”, e, por conseguinte, “matar” o mito: “Se abriram as cortinas e subitamente vimos o Preste João, ricamente adornado sobre uma plataforma de seis degraus. Tinha em sua cabeça uma grande coroa de ouro e prata. Uma de suas mãos apoiava uma cruz de prata (...). À sua direita, um pajem apoiava uma cruz de prata bordada em forma de pétalas (...). O Preste João usava um belo vestido de seda com bordados de ouro e prata e uma camisa de seda com mangas largas. Era uma bela vestimenta, semelhante a uma batina de um bispo, e ia de seus joelhos até o chão (...). A sua postura e seus modos são inteiramente dignos do poderoso personagem que é. (Mollat, 1990: p. 39). O surgimento do mito é uma correspondência mental com a realidade. O mito é uma das formas da consciência humana, “o exame dos mitos ilumina a estrutura dessa consciência” (Mora, 1982: p. 266). A sua eferescência mostra uma tomada de atitude, a sua aceitação aponta em direção do anseio coletivo, personificação do fabuloso na forma do reino imaginário, distante e inatingível. A sua inexistência física amenizava os desgastes dos personagens concretos, talvez por isso “seu conteúdo mítico e sua longa duração” (Franco JR., 1994). Acreditar em Preste João foi, para o homem dos sécs. XII-XV, a esperança da cruzada, um motivo para permanecer lutando, reconquistando. É esse espírito belicoso que sempre insiste em renascer de nossas entranhas, mesmo com todo o racionalismo delirante que cresce, século após século. É parte de nós.³⁹

E neste sebastiânico país há séculos à espera de el-rei Sebastião, o “Desejado”, numa manhã de nevoeiro, precisamos de acreditar num novo dia em que o sol volte a raiar por entre as nuvens e as brumas da memória e surja um novo Prestes João, que nos apoie e ajude na reconquista da grandeza do país, minimizada por líderes corruptos, incapazes de pensarem naquilo de que realmente este povo necessita. É disso que as novas gerações precisam, impossibilitadas como estão de acreditar que elas mesmas são esse Prestes João novo do século XXI. E se o conseguem ser quando emigram para outros países também o podem ser se quiserem mudar este país anémico e acéfalo, sem rei nem roque, onde todos se abotoam e se locupletam com o máximo que podem enquanto detêm a minúscula parcela de poder que liderar o país lhes concede.

³⁹Fontes: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas (trad. Leonor Buescu). Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

Gabrieli, Francesco (selected and translated). Arab historians of the crusades. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984.

Marco Polo. O Livro das Maravilhas. Porto Alegre: L & PM, 1994.

Braga Jr. Elói. "Introdução". In: Marco Polo. O Livro das Maravilhas. Porto Alegre: L & PM, 1994.

Cahen, Claude. Oriente Y Occidente en tiempos de las cruzadas. México: Breviarios, Fondo de Cultura Económica, 1989.

Duffy, Eamon. Santos & Pecadores. História dos Papas. São Paulo: Cosac & Naif, 1998.

Franco Jr., Hilário. As utopias medievais. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

Franco Jr., Hilário. A construção de uma utopia: o império de Preste João. Conferência proferida em 12-10-94 durante o I Simpósio Internacional de História Antiga e Medieval e VI Simpósio de História Antiga, 10 a 14 de outubro de 1994, Porto Alegre (notas pessoais).

Ki-Zerbo, Joseph. História da África Negra I. Viseu: Publicações Europa-América, s/d.

Lewis, Bernard. Os Árabes na História. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

Loyn, Henry R. (org.). Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

Meier, John P. Um judeu marginal – repensando o JESUS histórico. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

Mollat, Michel. Los Exploradores del siglo XIII al XVI, primeras miradas sobre nuevos mundos. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

Mora, José Ferrater. Dicionário de Filosofia. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

Runciman, Steven. História de las Cruzadas II. Madrid: Alianza Universidad, 1973.

34.2. PORTUGUESES NA BIRMÂNIA

E da Abissínia vamos até à Birmânia ou Myanmar onde os Portugueses também andaram (facto igualmente esquecido hoje)

... Fernão Mendes Pinto voltou para Malaca, onde estava o seu Capitão e ao serviço dele, começou uma nova aventura. Tantos caminhos fez, tantas guerras viu e tantos países, que é impossível contá-lo. O seu Capitão enviara-o à cidade do Martavão no golfo de Bengala. Ali foi aprisionado e feito escravo com os seus companheiros por um general do rei da Birmânia. Subindo o Ganges e o Bramaputra acompanharam este general até à capital do Calaminhão (Tibete?), observando as suas extraordinárias práticas religiosas. Sucedem-se batalhas, cercos, marchas de exércitos em que os soldados se contam às centenas de milhar, revoltas, traições, suplicios, no país devastado pela Guerra. Até que um dia, aproveitando a confusão da batalha, os Portugueses escapam-se. E, descendo numa jangada os rios que correm para o golfo de Bengala, encontraram transporte para Goa. As armas, as especiarias, a cruz e o amor são fatores importantes para a fixação do homem luso no Oriente. Assimilou-se a outras etnias com facilidade. Não abandonou os filhos que as mulheres lhe deram, com quem casaram debaixo dos preceitos da Igreja Católica. Formaram comunidades lusodescendentes, que ainda estão vivas, em Malaca e Singapura, adaptaram-se ao meio que os acolheu. Foram amados pela magia da submissa mulher oriental.

José Gomes Martins escreveu:

O homem português na Ásia nunca esqueceu a pátria que os viu nascer. O berço que lhes tinha sido mardrasto, aliás o tinha sido para os portugueses quinhentistas. Pela ironia do destino a migração continuou por séculos, mas fica-lhe para sempre na mente e no coração o amor pátrio. Transmitiu o seu Portugal à família constituída... no sudeste asiático ou no Japão. Podemos tomar o exemplo de Venceslau Morais, no seu exílio nipónico que embora tivesse escrito e enviado dezenas de cartas e postais ilustrados a Francisca Paul, para Nelas, nunca lhe referiu a intenção de regressar a Portugal. A memória do Cônsul de Portugal em Kobe, no longínquo país do Sol Nascente, ficou nos anais das relações culturais entre Portugal e o Japão, depois da sua morte. Fernão Mendes Pinto, regressou a Portugal, pobre como Job, apelidado de mentiroso. Quando apoquentado pela nostalgia do Oriente, sentava-se na margem do Tejo, esperando as caravelas, de velas desfraldadas, com a Cruz de Cristo, para que as tripulações lhe transmitissem coisas do Oriente. O imaginário, "aldrabão" na mentalidade dos portugueses da época e acossado pela "gadanha" da censura demolidora da Santa Inquisição, reportou as realidades do Oriente como nenhum português, até hoje, as escreveu na sua Obra, em dois volumes a "Peregrinação". Os portugueses chegados ao sudeste asiático, não fugiram à regra da época. São humildes, ordeiros, fiéis aos Reis que servem, como soldados mercenários, do Sião ou do Pegú (Birmânia). Lutaram homens lusos, irmãos de sangue, em campos adversos, embrenhados na poeira provocada pelas patas, as bestas de guerra, dos elefantes. Milhares envolvidos como se fossem tanques nas guerras contemporâneas... Os gemidos desses portugueses, feridos na peleja, encontraram o apoio moral e espiritual do irmão, inimigo, no campo de batalha em Lampang. Passados 450 anos, da coragem dos soldados portugueses e talvez a única no mundo, o feito, ainda se encontra na memória dos lampanguenses. A 600 km de Bangucoque, os canhões portugueses, estão expostos num jardim público na cidade de Lampang, no norte da Tailândia, num fortim, no Templo Budista "Prakaew Dao Tao". No museu, estão duas armas ligeiras da grande peleja... O templo foi murado e no cimo foram montadas as tradicionais ameias portuguesas que trazidas para o Bangucoque moderno, foram imortalizadas no Grand Palace, na Montanha Dourada, e em outros sítios que ficam para sempre: Monumentos de Portugal na Tailândia. ©José Gomes Martins

Miguel Castelo Branco escreveu:

Ora, se na evangelização portuguesa houve, não o duvidemos, uma forte componente joaquimita - milenarista e redentorista, bem presente na visão de D. Manuel I - tal permitiu, sem paradoxo, desvelar a unidade da humanidade na multiplicidade dos povos, crenças, substratos culturais e linguísticos. Os outros, calvinistas e puritanos, exclusivistas e sem anelo predicador, ativeram-se ao trato comercial antes de lançarem os caminhos-de-ferro e o telégrafo. Se das colonizações britânica e holandesa nasceram estados, da colonização portuguesa nasceram comunidades de afeto. Não se trata de um mero topos, este de enfatizar o carácter distintivo das relações portuguesas com a Ásia do Sul ou subcontinente indiano; as Índias Orientais e o sudeste asiático; o Extremo-Oriente. Em primeiro lugar, posto não existir correspondência direta entre o "Estado Português da Índia" e a presença portuguesa, poderemos falar de uma presença multimodal, fluida, quase informal, tão diferente daquela praticada pelas companhias dos povos comerciantes. Tivemos o cartaz, praticamos o monopólio, tentando destruir a concorrência. Tudo isso é claro, mas estávamos em todo o tablado pois contávamos com fidelidades regionais que extravasavam largamente o interesse diplomático, comercial e político da Coroa. A língua portuguesa era língua franca, "portugueses" eram todos os que professassem a fé católica, amigos e aliados todos os que aceitassem, enriquecendo, um quinhão nessa comunidade continental de comércio, favores, acolhimento e proteção. As "lusotopias" não eram da Coroa: eram das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam na liberdade dos concelhos, na unidade religiosa das igrejas e na entreatura das Misericórdias. Estas lusotopias resistiram aos ventos e tempestades da história. Teimosamente, mantiveram a língua, os costumes, a memória da linhagem: na Birmânia, no Sião, na Malásia, na Indonésia há populações que orgulhosamente afixam o nome de Portugal. Os outros passaram. Nós ficámos, estamos lá, sem subsídios, sem apoios e sem estímulo do Portugal distante, abúlico e "europeu", um Portugal que regrediu para uma visão tardo-medieval da esfera de contactos internacionais: a Antuérpia e Bruxelas, a costa da Guiné e pouco mais. Querem hoje fazer crer aos portugueses que a "Ásia Portuguesa" se limita a Goa, Macau e

Timor. Tamanho disparate tem criado atritos diplomáticos e reduzido ao limite da caricatura a verdadeira expressão da presença portuguesa nas Ásias. Felizmente, a "Ásia Portuguesa" está bem para além das Portas do Cerco, do bazar de Díli e dos ananizados limites de Goa. Pede-se hoje, no limiar de um século que será o século chinês, que os decisores de Lisboa abram os olhos e consigam tirar partido dessa imensa vantagem que foi, é e será se o quisermos, a grandeza do nome de Portugal em terras da Ásia. © Miguel Castelo Branco
http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses_orientephp

Carlos Fontes escreveu:

Em 1511 a cidade de Malaca era um centro económico transbordante de riqueza do sudeste asiático. O Sultão que a governava foi mandado para o exílio depois de Albuquerque a conquistar facilmente. O talentoso e ilustre diplomata, sonha e quer chamar à realidade a fundação do vasto império português na Ásia. Conquista Ormuz, junto ao estreito que liga o Oceano Índico com o Golfo Pérsico, em 1507 e, definitivamente, Goa em 1510. O Mar Vermelho, nas costas da Arábia e Norte de África, já está na posse da navegação portuguesa o controlo marítimo em direção ao Mediterrâneo. As embarcações do Império Otomano que transportavam a mercadoria de Malaca pelo Golfo Pérsico e Mar Vermelho, depois de vários embates nessas águas com os navegantes lusos, já não assustam Afonso de Albuquerque. Pretende ir mais além: o senhorio absoluto do comércio da Costa do Coramandel, na Baía de Bengala, Reino do Pegú (Birmânia), Malaca, Samatra e Reino do Sião. No pensamento do grande português, estavam noutras terras no sul dos mares da China estendendo-se até ao Japão. Outros portugueses, depois lhe seguiram a linha do seu pensamento e obviamente animados pela coragem e inspirados pelos feitos anos não muito distantes. Albuquerque não é apenas um guerreiro indomável. É um diplomata, negociador, inteligente que prefere tratar dos assuntos pacificamente que o servir-se das armas. Não pretende conquistar países, deseja sim, apoderar-se dos grandes pontos estratégicos de permutas e comércio onde todos: "gregos e troianos" vivam na melhor das harmonias. De forma alguma que perder embarcações e homens em lutas desnecessárias. Fazem-lhe falta, para a concretização do seu objetivo - a administração do empório de Malaca. À península malaia chegam os têxteis da Índia, sedas e cerâmicas da China, cravo das Molucas, noz-moscada de Banda, papel de arroz de Samatra, cânfora do Brunei, madeira de Sândalo de Timor, pau-santo, benjoim, chifres de Rinoceronte, marfim, pérolas, carpetes, adagas, baticues de Java. Os mercadores árabes do Cairo, Meca, Adén, Ormuz e da África Oriental, chegavam a Malaca com as embarcações carregadas de armas, tapeçarias, talheres de cobre, ópio, água de rosas, estoraques e incenso. Corante azul da costa oriental da Índia (Coramandel). Juncos chineses aportavam a Malaca com seda em bruto para manufacturar em vestidos brocados em relevo, drogas aromáticas, coralina e marfim. Do reino do Sião aportam, todos os anos, 30 barcos com carregamentos de laca, madeira de teca, pedras preciosas, roupas rudimentares siamesas, pimenta, metais diversos que permutam por escravos ou por mercadorias que não produziam. Da Birmânia arroz, diversos produtos agrícolas, rubis, estanho e prata. De Palembang em Samatra, escravos, produtos da floresta, entre eles as ervas medicinais e produtos alimentares conservados. A presença portuguesa foi particularmente forte nesta região nos séculos XVI e XVII, sobretudo em Pegú. Entre as grandes feitorias que os portugueses tiveram na região, destaca-se a de Serião (1599-1613). Muitas palavras birmanesas são de origem portuguesa: Lelain - Leilão; Tauliya - Toalha; Natatu - Natal; Balon - Bola, Balão, Waranta - Varanda, etc. In Carlos Fontes <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexOP.html>

Um interessante guia para a Birmânia (além do sempre útil Lonely Planet Myanmar - Burma, edição de 2005), e do Guide du Routard, foi o essencial Further India de Hugh Clifford (edição White Lotus Co., Banguécoque 1990, 378 páginas). Publicado pela primeira vez em 1904, o autor, acérrimo defensor do sistema colonial britânico, descreve de um modo isento para a época, a epopeia do desbravamento destes territórios por parte dos ocidentais, desde a chegada dos árabes, dos primeiros conquistadores portugueses como Albuquerque e outros (the Filibusters), dos primeiros exploradores com nomes totalmente desconhecidos para a maioria dos portugueses, nomes como os de António de Faria, António de Miranda, Duarte Fernandes, Ruy de Araújo, Francisco Serrano, António de Abreu, Pedro Afonso de Loroso, e o conhecido Fernão Mendes Pinto, dos grandes exploradores franceses como Mouhot e o famoso Francis Garnier a quem se atribui erradamente a descoberta dos templos de Angkor Vat, dos holandeses e finalmente dos inúmeros ingleses. O termo de filibusteiros aplicado aos primeiros exploradores portugueses, tem a sua razão de ser pelo facto de serem, de todos os povos que exploraram o sueste asiático, os portugueses os únicos que construíram fortes, impuseram a sua religião, e comercializaram pela força. Até à chegada dos portugueses, eram os árabes os únicos cuja influência se alastrava até ao oriente, e estes tinham como princípio nunca se imiscuir na política local. O sucesso dos holandeses e ingleses que vieram depois deveu-se simplesmente ao facto de só quererem o comércio, nunca as terras nem as almas das gentes. A colonização veio depois...

Essa perspetiva é nova, para aqueles que nasceram e cresceram no mundo paroquial da epopeia quinhentista da História de Portugal do Adolfo Simões Müller. Muitos sentem-se afrontados ao lerem opiniões sobre Vasco da Gama diferentes das que o ensino oficial da Ditadura inculcou nos jovens portugueses. Como acontece com a Birmânia, também a religião predominante e o alfabeto tailandês (embora a religião seja a mesma, os alfabetos são distintos, mas de inspiração comum) servem de prova da influência cultural indiana forte durante o primeiro milénio, embora os primeiros relatos históricos só comecem no século X. Tal como os magiares na Hungria vão buscar as suas origens às estepes asiáticas, também

o santuário original dos Thais fica na China, na província de Iunão, de onde eles se deslocaram lentamente para sul entre os sécs. X e XII desalojando e pressionando o reino khmer para sudeste e para o atual Camboja.

No século XIII surgem os primeiros principados importantes e em 1350 o príncipe que funda uma capital central em Ayuthia (a fazer lembrar o exemplo moscovita por essa mesma altura) acaba por ganhar a supremacia num território que, pela configuração, representa o embrião da atual Tailândia, embora naquela altura se chamasse Sião. Tornou-se um reino com um elevado grau de sofisticação, como os portugueses vieram a descobrir quando se tornaram sua potência vizinha, ao conquistarem Malaca em 1511, altura em que o Sião esteve envolvido numa luta épica com os birmaneses que venceriam nos finais do século XVI. Do contacto ficou a norma, que perdurou por mais de 300 anos, da corte siamesa empregar o português como idioma diplomático, para desconcerto do embaixador norte-americano que ali apresentou credenciais no século XIX. Mas a infiltração europeia acabou por ser bloqueada com a expulsão de todos os comerciantes europeus da capital e o fecho das feitorias em 1688. Os conflitos entre tailandeses e birmaneses reacenderam-se no século XVIII, com vantagem para os segundos que conquistaram e destruíram a capital siamesa em 1767. Mas o estado veio a recompor-se em 1782 na pessoa de um general que se veio a coroar (é o fundador da dinastia atual) e que fundou Banguccoque, a nova e atual capital da Tailândia, a pouca distância da anterior. Expulsos os birmaneses para Oeste e dada a fraqueza progressiva do Khmers, o Sião acabou por descobrir um novo inimigo histórico nos vietnamitas com quem houve alguns choques durante a primeira metade do século XIX. No entanto a área de influência siamesa teve de recuar substancialmente com a chegada dos franceses à Indochina (1859), com as suas fronteiras orientais a só ficarem definidas em 1910. No ano de 849 d. C. os habitantes que chegaram aquelas terras criaram um reino cuja capital era Pagan agora denominada Bagan. Este reino, liderado por Anawrahta atacou a cidade Mon de Thaton em 1057. Aquilo que é hoje o território de Myanmar está unificado desde os tempos do reinado de Pagan. Em 1277 o último verdadeiro governante do reino, Narathihapate, sentiu-se suficientemente forte para atacar os mongóis na batalha de Ngasaunggyan, mas acabou por ser derrotado e o reino acabaria por se desintegrar no reinado do seu filho na batalha de Pagan em 1287 ficando a ser administrado por um governado mongol. O que fora o reino de Pagan desmembrou-se e estabeleceu-se a dinastia Ava na cidade do mesmo nome em 1364 tendo ressuscitado grande parte da cultura de Pagan. Mantiveram-se, porém, os confrontos com outras dinastias como as Ming ou do Sião. Em 1527, os povos Shan destruíram a dinastia Ava, não obstante as suas fronteiras fossem fáceis de defender. Os povos Mon que sobreviveram estabeleceram-se em Martaban e depois em Pegú. Durante o reinado de Rajadhirat (1383-1421) os Pegú estiveram em guerra constante com os Ava. A Rainha de Pegú, Bañha Thau (1453-1472) levou o seu povo a uma paz duradoura e nomeou como seu sucessor, o monge budista Dhammazedī (1472-92) que converteu as suas gentes ao Budismo Theravada. A governação deste monge seria a última do povo Pegú. Pouco antes do desaparecimento da dinastia Ava, o rei Mingyinyo fundou a dinastia Toungoo (1486-1599) na cidade do mesmo nome. Com o desaparecimento dos Ava os seus habitantes mudam-se para Toungoo e fazendo desta dinastia uma sucessora dos Ava. O seu herdeiro, Tabinshwehti (1530-1550) viu como Ayutthaya se tornava num importante reino numa área que mais tarde se tornaria no Sião. Os europeus tinham, entretanto, chegado transformando esta região num importante centro comercial. Tabinshwehti reunificou o que agora é Myanmar e o seu cunhado Bayinnaung (1551-81) conseguiria grandes conquistas, incluindo todo Ayutthaya, mas as rebeliões e as incursões portuguesas levariam a que a dinastia, agora sediada em Pegú se movesse para o norte e fundasse uma segunda dinastia Ava ou Dinastia Restaurada Toungoo (1597-1752), cujo expoente máximo foi o reunificador neto de Bayinnaung, Anaukpetlun, em 1613. Foi este que infligiu uma pesada derrota aos portugueses evitando os seus avanços em Myanmar. O fim desta dinastia, chegou em 1752, após várias rebeliões dos Pegú. Estes seriam, por sua vez, expulsos em 1753 na dinastia Konbaung formada por birmaneses (aparentados com os Ava), reconquistando enormes territórios e aniquilando os Mon enquanto repeliam os Chineses. Em 1824 o rei Bagyidaw conquistou Assam assim despertando a inimizade dos hindus e dos britânicos, que após várias guerras proclamavam um Protetorado Britânico em 1886 com capital em Rangum.

Voltemos ao tema da presença portuguesa. Jorge Morbey escreveu ao então Presidente Jorge Sampaio uma longa missiva da qual extraio excertos:

“... Como referiu o Arcebispo Emérito de Mandalay, na Birmânia, U Than Aung - descendente de portugueses - onde a maioria do clero católico é de origem portuguesa e cuja Comunidade tem as suas origens na cidade de Pegú no ano de 1600, quem nunca recebeu a mais ténue manifestação de solidariedade de Portugal nada tem a esperar daí. Na verdade, o que poderão as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente esperar de Portugal? O poder colonial inglês não descolonizou as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente, no sentido de restituir dignidade à sua identidade, de que a língua crioula faz parte integrante, o que, aliás, não era de esperar. Nem é de esperar que os poderes pós-coloniais de moto próprio venham a dedicar-lhes a atenção a que têm direito. A incapacidade de Portugal nesta matéria tem sido uma evidência secular, filha da ignorância e do preconceito. A pequena Cristandade Crioula Lusófona de Korlai [junto a Chaúl], na Índia, somente em 1982 seria revelada ao Mundo pelo etnólogo romeno Laurentiu Theban. O seu crioulo é designado por Kristi. A Cristandade Crioula Lusófona da Birmânia - Myanmar atualmente - já não usa a língua crioula e, ao contrário das demais, perdeu com o tempo os próprios nomes e apelidos cristãos, apesar de permanecer fiel à religião católica. As Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente - gente simples e temente a Deus - mantidas na ignorância dos conflitos entre Portugal e a Santa Sé, lutaram anos sem fim contra as novas autoridades eclesiais com quem conflituavam abertamente e às quais consideravam estrangeiras. Durante décadas pagaram o elevado preço de lhes serem recusados os sacramentos a que só esporadicamente tinham acesso quando aportava um navio com um sacerdote, ainda que espanhol. Clamaram sempre pelo envio de clero. De Portugal, de Goa ou de Macau. Em vão. A firme identidade

das Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente, ainda hoje, evita o casamento dos seus membros com indivíduos exteriores a elas e prefere que os futuros cônjuges provenham do seu seio ou de outras cristandades, ainda que distantes. Quando assim não acontece e o casamento une um membro da Comunidade a alguém que a ela não pertence, a regra é a conversão deste à religião católica e a aprendizagem da língua crioula. Algumas dessas comunidades desfrutam de um status social positivo nos países onde vivem. Outras, porém, são socialmente desqualificadas e os seus membros são depreciativamente designados por “negros”, apesar da sua cor mais clara - da pele, do cabelo e dos olhos - relativamente aos naturais com outras origens étnicas. A nível individual, nos países onde vivem, podem encontrar-se membros originários destas comunidades nos mais elevados estratos da sociedade: do mundo da política à atividade empresarial próspera, nas mais elevadas funções da hierarquia eclesiástica ou simples párocos de aldeia. Onde se verifique a existência de uma significativa percentagem de membros destas comunidades no clero católico, isso parece resultar da intensa discriminação de que são objeto no acesso ao ensino público e ao mercado de trabalho - público e privado. Em geral, dedicam-se a atividades modestas. São pequenos proprietários, simples trabalhadores agrícolas ou pescadores. A abertura dos mares à navegação de outros países europeus, além de Portugal e de Espanha, foi o resultado da perda do exercício do poder central europeu pela autoridade pontifícia - que vigorava desde a queda do Império Romano - por ação da Reforma iniciada com Martim Lutero. A transferência de domínios entre países europeus - de Portugal católico para a Holanda protestante, principalmente - constituiu o pano de fundo em que emergiram as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente. Com a substituição da dominação portuguesa pela holandesa, permanecendo nas terras que as viram nascer, deportadas para outras paragens, ou forçadas à emigração, essas comunidades mestiças talharam a sua identidade própria que perdurou até aos nossos dias, assente em dois pilares principais: a religião católica e a língua crioula. A religião católica fora trazida pelos portugueses, diretamente de Portugal ou através de Goa - a Roma do Oriente. Convertidos ou nascidos nela, com ela haveriam de morrer, geração após geração. A sua língua - o crioulo - era a língua portuguesa na formulação que lhe garantira o estatuto de língua franca no litoral da Ásia e da Oceânia, desde o século XVI até à sua substituição pelo inglês, no século XIX. Holandeses, ingleses, dinamarqueses e franceses não podiam prescindir de um “língua” [intérprete] a bordo para poderem comerciar nos portos do Oriente, na língua que era - nada mais, nada menos - aquela que as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente falavam e, muitas delas, ainda falam. Tratados, entre esses países europeus e poderes locais, foram firmados nessa mesma língua, por ser a única a que os europeus podiam recorrer para comunicar no Oriente, ainda que contra os interesses portugueses. Ainda hoje, em muitas partes deste lado do Mundo, “Cristão” [Kristang] e “Português” [Portugis] são sinónimos. A forte identidade das Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente cimentou-se em grande parte na adversidade. O conflito religioso nascido na Europa, entre católicos e protestantes, ramificou-se por todas as paragens do Oriente onde o poderio holandês se firmou. A profanação e a destruição de igrejas e mosteiros, a expulsão dos padres, a proibição de qualquer ato de culto católico, as deportações maciças, a redução de muitos à condição de escravos, compeliram os membros dessas cristandades à clandestinidade e à emigração: Macau, Índia, Insulíndia, Sião e Indochina foram os seus destinos principais. Os que teimavam em ficar escondidos em suas casas ou refugiados nas florestas, celebravam como podiam os atos de culto da religião católica. Sem padres e sem igrejas, organizaram-se em irmandades clandestinas que, ao fim de décadas, produziram fenómenos de cristalização cultural, de natureza religiosa e linguística, que impediriam, por séculos, a sua plena integração nas paróquias criadas posteriormente. Tais irmandades permaneceram até aos nossos dias e conservam determinadas prerrogativas que limitam a autoridade dos párocos, o que é visível em algumas celebrações onde os sacerdotes se limitam à Eucaristia e à Confissão dos fiéis porque, em tudo o mais, quem manda é a Irmandade. À medida que a dominação holandesa foi sendo substituída pela inglesa, as Comunidades Crioulas Lusófonas do Oriente foram ficando menos oprimidas e, em alguns casos, foram as próprias autoridades coloniais britânicas a tomar a iniciativa de lhes facultar padres portugueses. Perdida a confiança que a Santa Sé depositara desde o século XV em Sua Majestade Fidelíssima o Rei de Portugal, na sequência do corte de relações diplomáticas por iniciativa do Governo liberal em 1833 e a extinção das ordens religiosas por decreto de 31 de maio de 1834, o Padroado Português do Oriente sofreu um golpe mortal, na Índia, no Ceilão - hoje Sri-Lanka -, no sudeste asiático, na China e na Oceânia. Permanecendo - aqueles que podiam - nas missões, os missionários religiosos do Padroado não seriam substituídos pelos seus confrades. O clero secular de Goa, numeroso e bem preparado, acorria em socorro das Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente que iam ficando sem religiosos. Quase sempre em vão. Os missionários da Propaganda Fidae e das Missions Étrangères de Paris já as ocupavam e os respetivos vigários apostólicos impediam-lhes o exercício do seu múnus. A expansão missionária francesa no Oriente começara ainda no século XVII. Mas a língua crioula falou-se também nas Cristandades Crioulas Lusófonas da Tailândia - Ayutia ou Ayutthaya e, posteriormente, Bangucoque - até aos anos 50 do século XX, onde permanecem vocábulos de uso corrente no relacionamento familiar e nas práticas da religião católica. Na Indonésia, além de Java, na ilha das Flores [Larantuka e Sikka], nas ilhas de Ternate e Tidore e em Bali. Em Timor [Lifau e Bidau]. No Bangladeche - Chittagong e Dacca - até aos anos 20 do século XX era muito viva a presença da língua crioula nas Cristandades locais. Em Dacca existe ainda vocabulário crioulo entre os católicos locais. © Jorge Morbey

Por isso tudo o que atrás ficou dito recorde um grande universalista português. No último canto de “Os Lusíadas”, o décimo, o grande épico da língua portuguesa, Vasco da Gama, o almirante herói, é recebido pela deusa Tétis na Ilha dos Amores. Lá, naquele espaço encantado, ela descortinou a Máquina do Mundo, a visão do Cosmo e dos continentes da terra recém-descoberta pelos feitos dos lusos, cena que coloca o poeta português como quem por

primeiro, no campo das letras europeias, percebeu os efeitos irreversíveis da globalização que então dava os seus primeiros passos.

"Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea elemental, que fabricada
Assim foi do Saber, alto e profundo,
Quem é sem princípio e mete limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende"
(Canto X, 80)

"É então que a deusa, abrindo os braços para enfatizar a amplitude de tudo aquilo, a magnitude do reino augusto, aponta ao Gama as mais diversas regiões do mundo. Povoam-na "gente sem lei", a bruta multidão, "bando espesso e negro de estorninhos", do império do Benomotapa (Zimbabwe) à Taprobana (Sri-Lanka)". Todos eles estão à espera da chegada da cruz, desenhada na vela principal da nau dos argonautas lusitanos. Mostra-lhe então o Mar Vermelho, o Monte Sinai, a segura dura e arenosa da Arábia, o Rio Tigre o Eufrates, o planalto dos cavaleiros da Pérsia, o estreito de Ormuz, o Sind, a terra dos Brâmanes onde São Tomé tentara a conversão dos gentios, o Rio Ganges e o Indo, a terra da Birmânia, o império do Sião, a Ilha de Sumatra, a ponta estreita de Singapura, o Camboja e o rio Mekong (no qual Camões naufragou, mas salvou os versos). Em seguida, margeando com os olhos a costa da Cochinchina (o Vietname de hoje), mostrou-lhe a China e mais longe ainda o Japão, regiões de onde vinha a maravilhosa seda e o ouro fino. De tudo aquilo desprendiam-se o aroma do cravo, da noz-moscada, do licor perfumado do benjoim, do coco do mar, do incenso da mirra e do precioso âmbar, de onde se extraem fragrâncias mil. Tétis, então, voltando-se para o outro lado da Terra, apontou-lhe para as partes recentemente conquistadas pelos castelhanos, que lançaram o seu rude colar sobre as gentes cativas do Novo Mundo. Enquanto isso, da Terra de Santa Cruz, do litoral do Brasil, o braço lusitano já carregava o tronco vermelho, o Ibirapitanga dos nativos, para dele extrair as tintas para os panos de todos. Reembarcados os portugueses, partindo da Ilha dos Amores, aos adeuses no convés, velas soltas ao vento em mar tranquilo, manso, carregados de refrescos e iguarias deliciosas, navegaram então de volta à boca do Rio Tejo. Todos eles de agora em diante estavam convencidos de que os fados da Humanidade, desde que Vasco da Gama unira o Ocidente ao Oriente, não se prendiam mais a um só reino, a uma só nação ou sequer a um só hemisfério.

Somente gente surda e endurecida, de testa fechada, teimosa, não reconheceria que, escancarado para sempre o Caminho das Índias, o mundo se globalizaria cada vez mais, tornando-se algo único, entrelaçado para sempre povos e continentes num destino em comum. Ainda hoje estou rodeado dessa gente surda e endurecida.

[Compilação de Chrys Chrystello para os textos não assinalados.](#)

35. CRÓNICA 35 DO NATAL, 30 dezembro 2006

Já o disse e torno a repetir, o meu Natal das recordações de infância é diferente dos atuais e nunca mais será mágico como dantes. O Natal era a festa dos bolos, doces minhotos e transmontanos (aletria, sopa dourada, filhós, formigos), do execrável polvo e arroz e dum segundo prato de bacalhau com todos, cozido na noite de consoada, acompanhado dos seus típicos vegetais (pelo menos dois tipos de couves) e das batatas, cenoura, cebola e ovo. Era o tempo dos presentes no sapatinho, um presépio com musgo autêntico (agora é proibido apanhar musgo, dá multa e tudo), um pinheiro que se ia buscar nem eu sei onde, mas que era autêntico (ainda não havia movimentos ecologistas nessa época) e que, pelo menos uma vez, veio de Santo Tirso (Negrelos). As velas eram verdadeiras e as bolas da árvore de Natal eram poucas e caras. Era a festa do nascimento do Menino Jesus, Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade.

Era também a festa dos pobres pois vivia-se na era da caridadezinha cristã que o Estado Novo incentivava. Eles até nem faziam grande festa, mas os ricos e os remediados, como nós, dedicavam alguns minutos do seu precioso tempo a pensar neles e a dar-lhes alguma atenção, nuns mimos que a criada ia entregar (ainda se não chamavam empregadas

domésticas na época) com uns tostões mais do que era habitual. Lembro que devia haver muitos pobres pois era um constante rodopio de gente a bater à porta, pela hora do jantar, *“desejando a Bossência e excentíssima família Boas Festas e um Próspero Ano Novo”*.

Havia muitos com uns cartões de Natal impressos propositadamente para a ocasião que depois se juntavam num monte para vermos quem se tinha ajudado: o carteiro, os homens do lixo (então chamados lixeiros), os cantoneiros, o guarda-noturno, os homens da água (eram os SMAS na época), da eletricidade pré-EDP, dos jardineiros da Câmara, dos bombeiros, dos limpa-chaminés, dos varredores de rua e o mais que me não lembro. Esses desprotegidos ainda não tinham subsídio de Natal e dependiam da bondade alheia para se darem ao luxo de celebrar o Santo Natal. Havia também os outros, os “habitués”, os pobres de pedir, regulares visitantes da nossa aldraba de porta, que nessa época tinham também um “mimo” extra, fosse uma “rabanada” ou uma sopa quentinha.



Exemplo de aldraba tradicional

Nessa época abria-se a porta quando alguém tocava, pois não se tinham inventado os olhos mágicos que deixam de fora quem se não quer receber. Os “nossos” pobres tinham dias certos para receber a esmola certa como quem vai receber o soldo ao fim da semana de labuta. As criadas impantes na sua superioridade de assalariadas sob um teto confortável desprezavam estas criaturas e sei que era por temor de um dia se poderem inverter os papéis. Era importante para nós crianças vermos que havia desprotegidos, aqueles a quem a sorte não tocou, e para quem estranhamente ou, melhor dizendo, infantilmente nos interrogávamos porque é que a sorte lhes era madrasta. Eram todos servilmente submissos, educados e atenciosos, sempre de chapéu na mão (os que ainda o usavam) a pedir *“por alminha de quem lá tem, meu rico menino”* ou outra frase do género, que sempre me impressionava. Sentia-me feliz quando entregava essa oferenda minúscula dumas moedas que faziam sorrir essa velha cara, a retirar-se às arrecuas, de chapéu na mão, dizendo *“Bem-haja, muita saúdinha para si e para os seus”*.

Isto tudo vem à lembrança porque - tal como em anos anteriores - no Natal chamo o meu filho mais novo e digo-lhe para fazer uma seleção dos jogos e brinquedos menos utilizados ou que já perderam a atração, para os dar a outros mais necessitados. Já o fazia em Sidney na Austrália com a minha filha, e depois com este mais novo, em Bragança e no Porto, mas aqui nos Açores este foi o primeiro Natal aqui passado e embora haja algumas pessoas que obviamente são mais carenciadas aqui não me batem os pobres à porta nem os conheço. Bêbedos há muitos, mas pobres só os vi em Ponta Delgada e na Ribeira Grande. De qualquer forma juntou tudo num saco, que ele acabou por decidir oferecer a um dos seus amigos locais mais necessitados (são dez filhos, espalhados por várias casas, dado que os pais não os podem ter a todos numa só).

Mas o que eu não esqueço neste ano de 2006, é o olhar dum desses miúdos mais desfavorecidos ao entrar no café da aldeia já no dia 25 com uma guitarra de plástico, daquelas que custa para aí um euro ou dois nas lojas dos chineses, com o ar de quem tinha acabado de adquirir o último modelo dum Porsche Carrera. Era o miúdo mais feliz do mundo,

mais orgulhoso e rico de toda a aldeia. Queria mostrar a sua guitarra e felicidade a todos, para ele o Natal valeu a pena.

Nós repetimos um Natal em família com a qual os laços se haviam entrecortado pela distância e pelo tempo nos idos de 1960. Com efeito, estes meus primos emigraram para aqui, um deles, o médico radiologista, em meados da década de 60 do século passado e o outro após a Revolução dos Cravos em virtude desta lhe ter trazido mais espinhos que flores. A nova geração (trinta e poucos anos) consegue ter uma casa suficientemente grande para albergar quatro dezenas de pessoas (apenas 5 ou 6 crianças) e permite este franco convívio que tanto me faz lembrar Páscoas antigas e Natais doutros tempos em que nos juntávamos com os tios direitos e primos direitos (éramos então apenas 21). Foi interessante falar com os mais velhos e trocar impressões com os mais novos. É isto que há muito se está a perder em troca da televisão de gosto duvidoso; a perda dos laços familiares, das conversas, das trocas de experiências intergerações. [Curiosamente depois da morte do pai em 2013 ou 2014, nunca mais os filhos fizeram convívios nem connosco com o outro tio e primos...]

Os pais dificilmente têm tempo ou espaço para dialogar com os filhos e nos casos mais felizes apenas encontram os netos mais novos como interlocutores. Os jovens deixam de conhecer a família para além da que lhe é imediata e mais chegada, perdem-se o contacto com tos, tios avós, primos direitos, segundos e terceiros. Os da minha geração, se se esforçarem como eu tento, podem ainda manter o contacto com os primos segundos e terceiros, mas os meus filhos já não sabem quem são esses, e muito menos os filhos e netos deles. Nalguns casos podemos todos ostentar o mesmo apelido e sem sabermos que somos da mesma família. Felizmente com o sobrenome Chrystello, sempre que aparece um vou logo perguntar de quem é filho ou neto.... e já conheço via internet uma mão cheia de filhos primeiros e segundos em Portugal e no Brasil e até mesmo na Austrália para uns primos mais afastados.

Há muitas experiências de vida que seria útil partilhar e trazê-los de volta a um tempo em que a família era alargada, mas mesmo assim conviviam nas festas de natal e Páscoa. Lembro-me da série Família Forsythe e creio que aquilo que se passou na mudança do século XIX para o XX está a suceder a um ritmo bem mais acelerado. Qualquer dia só nos conhecemos virtualmente através do Facebook ou qualquer outro instrumento virtual. Talvez seja melhor e assim haja menos intrigas e desavenças familiares. É mais difícil brigar com estranhos, em especial se não soubermos que são da mesma família...

Bem, resumindo foi um Natal à moda antiga. Para a Passagem de Ano recusamos convites e decidimos passar só os três aqui no conforto da nossa casinha, vendo na TV fogos-de-artifício alheios (em todo o mundo) e sonhando com os sítios aonde não fomos e recordando aqueles onde já estivemos.

Chrys Chrystello termina com os votos de que 2007 vos traga saúde e mais força de vontade para lutar as pequenas batalhas diárias e que estas nunca se tornem em guerras.

Dinheiro apenas vos desejo suficiente para sobreviverem porque mais do que isso traz vícios. Já pude comprovar que o dinheiro não traz felicidade a ninguém, ao contrário do que as revistas cor-de-rosa indiciam.



36. CRÓNICA 36. A MINHA PALESTRA SOBRE O ABORTO. 2 fevº 2007

37. CRÓNICA 37. I HAD A DREAM, DOS FILHOS E DOS PAIS. 18 fevereiro 2007

37.1. I HAD A DREAM...MARTIN LUTHER KING JR

Uma certa madrugada, quando a Lomba da Maia (fevereiro 2007) e mais de 99,9% da população do arquipélago dormia, deliciava-me com um espetacular concerto de André Rieu no Radio City Music Hall em Nova Iorque e sonhei que com o dinheiro necessário para trazer os mais de cem elementos do grupo Johann Strauss, que acompanha André, se obtinham melhores resultados para a educação musical das massas do que todos os orçamentos dos Ministérios da Cultura desde 1975. Era bonito ver as crianças e os adultos impelidos por aquela explosão musical saltarem a dançar para as coxias daquele espaço, com capacidade para mais de 10 mil pessoas. Era belo ver as lágrimas comovidas dos espetadores ao ouvirem óperas célebres ou a mais mundana *Amazing Grace* naquela partilha completa entre a orquestra, cantores, músicos e população. Sonhei que era possível colocar as crianças açorianas a gostarem de música, dita clássica, e a ouvirem peças de Strauss a Mozart e outros sem as associarem a jogos de PlayStation. Então, acordei e vi que a RTP só dava programas com interesse a partir das 3 da manhã, porque o que o povo gosta é de telenovelas...

I had a dream

37.2. O DESAFIO DO SÉCULO XXI. 18 fevereiro 2007

O governo central em Lisboa esvazia de serviços o interior profundo e as pessoas são forçadas a buscar oportunidades na costa, junto das metrópoles Lisboa e Porto. À medida que esvaziam as escolas, os politécnicos e universidades do interior, atrás ficarão, apenas, os velhos abandonados. Dantes, havia o prestígio dos filhos a estudarem cursos superiores, mas o desemprego dos licenciados vai aumentar; quando os cursos superiores deixarem de equivaler a empregos e respeitabilidade, irá acentuar-se o fosso entre a cidade e as vilas e aldeias. Os jovens raramente regressarão aos locais de origem, que sem importância ficarão - cada vez mais - desertos. Mesmo que houvesse emprego, não haveria escolas ou hospitais ou outros serviços nos locais de origem. Será o continuar da agonia dos mais velhos e das pessoas do interior, que se recusam a abandonar as suas terras e a sua herança patrimonial. Assim, enquanto caem pontes em Entre-os-Rios e comboios no Tua, as faraónicas obras e elefantes brancos do TGV e OTA só servem para mascarar o país que somos.

37.3. O SILÊNCIO DOS BONS. 18 fevereiro 2007

"O que mais preocupa não é nem o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons" Martin Luther King

"... O que podes fazer pelo teu país" perguntou J. F. Kennedy. Deputados, administradores de bancos e empresas públicas com reformas chorudas e corrupção. Lucros exorbitantes nos bancos e empresas com administradores ex-ministros, ex-deputados, ex-qualquer coisa recebendo dividendos desmedidos. Os professores escolhidos para bode expiatório com carreiras congeladas. Os alunos, sem sequer estudarem, passam para não estragarem as estatísticas em Bruxelas. Quero políticos a pensarem no país, a congelarem 150 deputados inúteis, a desburocratizarem, a pensarem no progresso da Nação sem betão nem alcatrão. Quero-os num hospital, repartição, tribunal, transportes públicos coletivos, a tirarem o seu número na fila sem privilégios nem mordomias, sem um médico de família como milhões de portugueses. Sonhei que o país tinha deixado de ser Lisboa. Sonhei com aldeias,

crianças em escolas reativadas, campos cultivados, e os mais idosos a usufruírem boas reformas. Não posso continuar silente e tenho de erguer o meu grito de revolta porque aquilo que todos ouvimos é apenas o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética.



37. 4. DOS FILHOS E DOS PAIS, 18 fevereiro 2007

Ando há meses a matutar neste tema. Aqui pelos Açores neste princípio do ano nada há a assinalar, a não ser a repetição de tradições como o dia dos amigos, seguido uma semana depois pelo dia das amigas agora deturpadas das origens e uma mera desculpa para umas jantaradas e umas sessões de *strip* masculino ou feminino conforme a audiência. Entretanto começaram também nesta quarta-feira de cinzas (na ilha de São Miguel Arcanjo) as romagens dos romeiros que durante as próximas semanas irão encher as nossas estreitas estradas regionais com o seu colorido e cânticos nesta manifestação de fé ancestral mesclada de paganismo religioso.

O que se passa é a perda irreparável dos laços tradicionais entre pais e filhos, muitas vezes mantida através da “compra” da sua presença por viagens e estadias. Tenho observado o fenómeno no seio da minha família alargada, mas em famílias que me rodeiam e em todas se verifica o mesmo fenómeno. Lembro-me de durante as mais de duas décadas e meia em que estive expatriado sempre ter tido o cuidado de vir a Portugal ver pais e filhos. Hoje quase deploro, lastimo, que em vez dessas viagens tivesse aproveitado para viajar pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas a que não fui. Não é que tivesse saudades, que isso perdi pelos 24 anos, mas entendia ter a obrigação de vir pois os de cá jamais iriam lá... por mais bilhetes de avião que lhes mandasse ou por mais súplicas que fizesse. Assim fiz e apesar de não ter ido a outras terras, vim para estar com a família, alargada a primos e descendentes, e mantive sempre a ligação a um passado mítico que só muito mais tarde viria a desmistificar.

Enquanto o benjamim João (Nigel tem agora dez anos) crescia com o pai e a mãe, a filha na Austrália há seis anos sem vir cá, depois duma série de visitas entre os 8 e os 13 anos. Qual não foi o meu espanto quando em fevereiro de 2006 decidi juntar dinheiro para vir cá ver o pai e família...e muita alegria me deu. Dos outros filhos (os da minha mulher), tivemos cá a mais nova quando chegámos em agosto 2005 porque pagamos a viagem e estadia aos três (ela, marido e a pequena neta agora com 4 anos) e o irmão veio cá em julho 2006 também porque a viagem nada lhe custou.

Em dezembro 2005 voamos pelo Atlântico para passar o Natal com a minha mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação. Julgava que os filhos tinham esse dever. Esperava que os meus e os dela fizessem o mesmo, mas não tivemos essa sorte.

Há um primo nosso em Ponta Delgada que tem uma filha em Lisboa e outra em Angola e regularmente vêm visitá-lo (quando não são eles a irem lá). Também ele apostou nos incentivos económicos à vinda delas. Temos outro casal amigo cujos filhos únicos estão aqui noutras ilhas e são os pais que cá vêm se não querem passar a vida a enviar bilhetes para os filhos os visitarem. Discordo veementemente deste método e a partir de agora quem vier cá virá à sua custa sem subsídios. Estive [e estou] sempre disposto a fazer tudo o que fosse preciso pelos meus pais (desde que isso não envolvesse a minha vida pessoal, amorosa, etc.) e sonhei durante anos que isso se repetiria comigo, mas já tirei o cavalinho da chuva.

Que se passou? Erramos na educação dada aos filhos, não lhes inculcámos valores pelos quais nos guiámos durante as nossas vidas? Não soubemos transmitir esses laços? Algo fizemos, mas a sociedade em que vivem nada tem a ver com a nossa ou a sociedade mudou os paradigmas em que nós assentávamos. O casamento deixou de ser uma meta na vida, as pessoas jovens agora amancebam-se para ver se dá e para pagarem menos impostos, assim se não der ou quando não der, é muito mais fácil e económico, cada um vai à sua vida. Os filhos não-programados vêm quando vêm e depois logo se vê, porque, entretanto, vão-se aproveitando de os pais serem à moda antiga e sempre vão entrando com o que for preciso para terem a alegria de verem os netos. Uma palavra que se usava na minha infância define-nos como pais: somos uns palônços....

Irão aprender à custa própria, como nós o fizemos, e antes de nós tantos outros. Esta é uma reação ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal que ocorre e para a qual não estávamos preparados. Como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para enfrentarem as diferenças e prosseguir. Quando aprenderem é bem provável que nos telefonem a solicitar comiseração e talvez um pequeno subsídio para enfrentarem as dificuldades. Estou cético e negativista pois a velhice (com ou sem subsídios) vai encontrar um grande silêncio por parte deles, incapazes de nos verem envelhecer como vi e soube aceitar graciosamente as mudanças que isso implicou nos meus pais. Sei que os desiludi durante décadas que queriam fazer de mim uma imagem outra dum espelho em que não estava, mas nada disso peço aos meus filhos.

Vou tentar concentrar-me no mais novo e dar-lhe o mais que puder da minha geração em termos de experiência e de conselhos ÚTEIS, pois ele para já beneficiou de ter vivido mais tempo com o pai do que qualquer um dos outros e isso para mim foi ótimo embora não saiba bem se para ele também o foi. Quanto ao resto forçosamente irei fazer os mesmos telefonemas que faço para a minha mãe, sem me lembrar de que raramente recebemos um telefonema dos filhos e se queremos saber deles somos nós a tomar a iniciativa. Assim correm as modas neste fim de fevereiro de 2007



38. CRÓNICA 38. DO ENVELHECIMENTO EUROPEU À ISLAMIZAÇÃO, 24 março 2007

38.1. DO ENVELHECIMENTO EUROPEU

Vem tudo isto a propósito de a minha mãe ter completado 84 anos saudáveis e rijos anos em 2009, esta semana, mantendo a tradição octogenária e nonagenária daquele ramo familiar. O envelhecimento da população significa um aumento da dependência e um eventual decréscimo do potencial crescimento. Segundo a ONU, do total de países da esfera europeia, apenas um apresenta uma taxa de fecundidade acima da média - a pobre e pequena Albânia. Os restantes, da Rússia à Irlanda, evidenciam taxas de fecundidade que variam entre uma taxa bastante baixa ou quase inexistente. A Europa está na iminência de se tornar num lar da terceira idade, ela que foi, em tempos, pioneira da modernidade. O Departamento para População da ONU estima que a população europeia decresça 13% entre 2000 e 2050 e que a média etária aumente dez anos, passando então para os 48 anos.

A baixa fecundidade e o aumento da esperança de vida são os pilares destas mudanças. Ambos resultam de situações benignas: o controlo da fertilidade por parte das mulheres e o crescente bem-estar das sociedades. Estas alterações demográficas implicam um decréscimo do potencial crescimento económico. Segundo a Comissão Europeia, a Europa - encarada como um todo -, poderá assistir a uma acentuada quebra da taxa de crescimento, que pode descer dos 2,25% ao ano para 1,25%. O envelhecimento da população impede o crescimento da produtividade. Como fazer frente a estes desafios? Uma sociedade onde mais de 40% da população se situe acima dos 60 anos e apenas 13% esteja abaixo dos 14 anos - cenário previsto para Espanha e Itália, é uma situação sem precedentes, preocupante. Com taxas de fecundidade de 1%, a população nativa fica reduzida a metade a cada nova geração. A ONU estima que em 2050, mais de 10% da população da Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Itália, Noruega, Eslovénia, Espanha, Suécia e Suíça terá mais de 80 anos - serão eles a terceira idade. A maioria dos cidadãos, entre os 60 e os 80 anos, constituindo 20% a 30% da população em 2050, deverá sustentar-se a si mesma.

É aqui que entra a imigração. As pressões relativas à imigração vão acentuar-se devido às baixas taxas de crescimento populacional e à elevada taxa de natalidade registada nos países vizinhos. Este tipo de imigração deve, porém, ser planeado de forma a minimizar atritos, capitalizando os benefícios. Será, sem dúvida, uma árdua tarefa para os países ricos da Europa Ocidental e, mais árdua, para a Europa Central e de Leste que têm de fazer face aos mesmos desafios, com salários inferiores. Devem, antes de mais, aproveitar os próximos dez a vinte anos para crescer, para que as suas economias possam alcançar os padrões de vida dos seus vizinhos ricos. No sul da Europa o declínio da taxa de natalidade é o mais acentuado: 1,45 em Portugal, 1,27 na Grécia, 1,23 em Itália e 1,15 em Espanha. Em 2050, prevê-se que a média etária oscile entre os 49 anos, em Portugal, e os 52 anos, em Itália. Estima-se que a população decresça entre os 8% em Espanha e os 22% em Itália. Os três países mais ricos do centro da Europa, Alemanha, Áustria e Suíça, registam igualmente baixas taxas de natalidade: Áustria (1,28), Alemanha (1,35) e Suíça (1,41). Prevê-se, também, que a população suíça diminua 19% em 2050, a austríaca, 9% e a alemã, 4%.

Nos países do norte e leste da Europa, regista-se uma taxa de natalidade relativamente alta que oscila entre uma taxa mais elevada na Irlanda - 1,9 nascimentos - e uma mais baixa, no Reino Unido - 1,6 nascimentos por cada mulher. Os restantes países encontram-se no meio desta tabela: França (1,89), Noruega (1,8), Dinamarca (1,77), Finlândia (1,73), Luxemburgo (1,73), Holanda (1,72), Bélgica (1,66) e, por fim, a Suécia (1,64). A população do Reino Unido deverá crescer 13% devido, em grande parte, à imigração. Os mais recentes países

na União Europeia - incluindo a Bulgária e a Roménia -, registam baixas taxas de natalidade que podem variar entre os 1,1 na Letónia e os 1,32 na Roménia, enquanto a Polónia, regista 1,26. Estes países sofrerão, igualmente, grandes quebras populacionais nos próximos cinquenta anos, podendo oscilar entre uma pequena descida de 8% na Eslováquia e uma descida acentuada de 52% na Estónia. O maior abrandamento de crescimento de população, porém, deverá verificar-se mais a Leste. Estima-se que a população russa decresça em 30%, acompanhada de perto pela Ucrânia, com uma descida de 36% entre 2000 e 2050.

38.2. A TAXA DE NATALIDADE EM PORTUGAL BAIXOU PARA METADE EM 40 ANOS, SEGUNDO RECENTES ESTUDOS DA UE, QUE RECOMENDA UM AUMENTO DA IMIGRAÇÃO PARA ASSEGURAR O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO

De acordo com o estudo «*Confrontando a alteração demográfica: uma nova solidariedade entre as gerações*», um casal português tinha em média três filhos em 1960, mas em 2003 a média baixou para 1.5. O relatório, alerta para o facto de os europeus terem uma taxa de «fertilidade insuficiente para a substituição da população», indica que em todos os países europeus a taxa de natalidade está abaixo do valor mínimo para a renovação da população (cerca de 2.1 por casal), tendo caído para 1.5 filhos por casal em muitos Estados-membros, incluindo Portugal. Desta forma, o relatório da Comissão Europeia sugere que «*serão necessários maiores fluxos de migrações para satisfazer as necessidades de trabalho e salvar a prosperidade europeia*». Segundo o estudo, a imigração nalguns países da UE tornou-se «vital» para assegurar o crescimento populacional. O Público tratava deste assunto:

Ricardo Garcia 23 de janeiro de 2006, Público

A imigração diminuiu na Europa, em 2005, mas ainda assim foi responsável por 84 por cento do aumento da população. Um balanço demográfico divulgado pelo Eurostat - a agência de estatísticas da União Europeia (UE) - indica que os 25 Estados-membros, somados, aumentaram a sua população em cerca de dois milhões de pessoas no ano passado. A maior parte (mais de um milhão e meio) ⁴⁰são novos imigrantes - cerca de 1.690.000. Neste número estão incluídos os imigrantes que chegaram à UE em 2005 e também os que, estando já cá, regularizaram a sua situação. Houve um decréscimo em relação a 2004, quando se registaram 1.852.000 novos imigrantes - um pico absoluto desde 1960. Não fosse a imigração, a população europeia teria aumentado apenas 327.000 pessoas - uma taxa de crescimento de apenas 0,07 por cento. O número de nascimentos cresceu ligeiramente em 2005, mas o número de mortes subiu ainda mais. Na prática, o crescimento natural da população foi mais lento. Em média, em cada semana de 2005 nasceram 92 mil europeus, morreram 86 mil e entraram 32 mil imigrantes. A Espanha responde por 38 por cento de toda a imigração europeia, com 652 mil novos estrangeiros registados como residentes no ano passado. A seguir está a Itália (338 mil novos imigrantes). Sem a imigração, a população italiana teria decrescido: houve 28 mil mortes a mais do que nascimentos. Os dados do Eurostat confirmam a tendência europeia para uma redução progressiva da natalidade. Nas últimas quatro décadas, o número de filhos por mulher tem caído ano a ano. Na década de 1960 - quando a população mundial registou as mais altas taxas de crescimento de sempre - nasciam por ano mais de sete milhões de crianças na Europa. O número foi diminuindo e atingiu o ponto mais baixo em 2002. Hoje, há menos de cinco milhões de nascimentos por ano. Com poucas crianças e cada vez mais idosos, a Europa enfrentará sérias dificuldades na segurança social. O ministro das Finanças português, disse que, com a atual tendência de envelhecimento da população, dentro de dez anos o Estado português não terá dinheiro para pagar reformas. De acordo com um estudo realizado pela ONU em 2000, os 15 Estados-membros mais antigos da UE precisariam de receber 674 milhões de imigrantes, até 2050, para poder equilibrar a conta entre os contribuintes e os beneficiários da segurança social. Portugal aparece nas estatísticas do Eurostat com uma população de 10,5 milhões de habitantes. Segundo o INE, no ano passado houve uma quebra de 2,9 por cento no número de nascimentos, em relação a 2004. Mas os óbitos também caíram (6,2 por cento). O crescimento natural da população portuguesa em 2005 foi o mesmo da média europeia: apenas 0,07 por cento. Em números absolutos, entre nascidos e mortos o país ganhou sete mil habitantes. Assim como no resto da Europa, o aumento da população esteve por conta dos imigrantes - 41 mil novos estrangeiros, segundo o Eurostat. Artigo <http://www.oi.acime.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=813>

A Alemanha regista a menor taxa de natalidade da União Europeia (UE) e, se a situação se mantiver, em 2050 haverá menos 32 milhões de alemães. Assim como no Reino Unido já se fazem contas à crescente islamização da população e às projeções num futuro que é já daqui a cem anos, também seria importante saber em Portugal qual a taxa de crescimento das populações não-europeias. Estes números não são divulgados, ou por não existirem, ou por se temer reação da divulgação. Admitamos que a taxa de crescimento populacional dos

40 (mais de um milhão e meio)

não-europeus é a mesma que nos seus países de origem. A taxa de mortalidade infantil nos PALOP é de 93 crianças por cada mil nascimentos.

Em Portugal essa taxa é de apenas 7/1000 nascimentos. Outro fator é a taxa de fertilidade. Nos PALOP cada mulher tem 5,74 filhos enquanto em Portugal esse número é de 1.35. Os imigrantes africanos trazem consigo uma mentalidade típica como por exemplo o de que o "valor" de um homem se mede pelo número de filhos que tem. Quantos não-europeus, legais, ilegais e nascidos cá, são residentes no nosso país ninguém sabe, mas vamos admitir um valor entre 100 000 (1% da população) e 1 milhão (10%). Considerem-se as hipóteses de imigração:

Portas fechadas: nesta hipótese não entram mais imigrantes

Portas abertas: continuam a entrar à razão de 10-20 000 por ano.

% Pop. Total	2,8	4,6	6,4	8,2	10
N.º desc. Imig.	280 000	460 000	640 000	820 000	1 milhão

In A. Stonefield - "30 fevº - 05.mai.06 <http://www.libreopinion.com/members/imigport/Projecoes.htm>

Se admitirmos que o total de residentes não-europeus é de 460 000 pessoas, isso equivale a 4,6% da população total. Na situação de portas fechadas a maioria negra é atingida no ano 2200. Com as portas abertas seria até 2100-2130. Não se confundam estes dados com desejos arianos, mas com a provável evolução demográfica com base nos dados atuais.

38.3. MAIS DE 65 MIL EMPRESAS FECHARAM EM PORTUGAL NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS.

A legião dos desempregados continua a crescer na União Europeia e não há política, recomendação ou iniciativa que lhe ponha um travão. Em novembro 1997 na União Europeia (de 15 países), 18 dos 385 milhões de cidadãos, 10,8 por cento da população ativa europeia estava desempregada. Agora há já 36-39 milhões de desempregados, dispersos por 25 países, sequiosos de dias de trabalho para alimentar a esperança. Ninguém acredita que saiam à rua para se manifestarem, pois seguem religiões onde os extremismos não têm lugar. Contudo, pode haver um dia; pode sempre haver um dia, em que as manifestações de desagrado num Estado encontrem eco noutra. A estabilidade de que todos gozamos poderia então ficar ameaçada pelos terroristas desempregados. Mas para isso temos aí a policia, uma policia cada vez mais eficiente, mais forte e bem equipada.

Mesmo que as Escolas fechem e o Ensino se degrade; que os Hospitais e Centros de Saúde sejam sacrificados no altar do défice; há sempre a medicina convencionada. Pensar livremente a Europa devia ser uma tarefa prioritária. O Velho Continente está a ficar moribundo. Estamos na Era da Ásia, é um facto, mas isso não implica a demissão europeia. Vejamos agora a situação concreta Portuguesa quanto a pensões e reformas. Existem em Portugal quase 2,2 milhões de pessoas que recebem pensões pelo regime geral da DSS, dos quais 85 por cento (mais de 1,8 milhões) são inferiores a 380 euros (salário mínimo nacional). As pessoas que saem do sistema (um eufemismo para designar os que morrem) têm, em média, pensões muito mais baixas do que aquelas que entram diariamente. Basta pensar nos que se reformaram "à pressa" nos últimos meses e anos: o número de reformados com pensões acima dos 4.000,00 euros duplicou em 2006; só as 1500 pessoas que, no primeiro trimestre de 2006, se aposentaram com pensões médias de 5.000,00 euros vão-nos custar 105 milhões de euros por ano! E neste aspeto a situação só tende a piorar. A única maneira de os jovens atuais terem uma pensão justa, é acabar desde já com todas as pensões injustas, mordomias e regimes de exceção que se implementaram ao longo do tempo, para políticos, gestores públicos e mesmo funcionários públicos, a começar pelas reformas mais altas. Refazer o cálculo das pensões destes aposentados tendo em conta toda a sua carreira contributiva - com as mesmas regras que vão ser aplicadas nos atuais jovens - para que recebam a partir de agora a quantia a que têm verdadeiramente direito, e quiçá impor um teto máximo por cada pensão paga pela DSS. Atualmente há 2,6 trabalhadores ativos por cada reformado quando, há 20 anos, havia 3,8 trabalhadores ativos por cada pensionista. Segundo o governo, das duas três: ou os portugueses trabalham mais anos, ou descontam mais, ou recebem reformas menores. Trabalhar mais anos é, na verdade, impensável. Além disso, o patronato também não gosta muito da ideia, porque a partir dos 65 anos os trabalhadores são menos produtivos e é por isso que nos anúncios não querem contratar ninguém com mais de 35 anos. Descontar mais? Ainda se ao menos esse dinheiro fosse para alguma coisa útil, mas boa parte dele vai parar aos bolsos dos ditos cujos. Receber reformas menores ainda é capaz de ser o que seja mais aceitável. Chega-se facilmente à conclusão de que existem 5,7 milhões de trabalhadores ativos e, para termos uma proporção entre ativos e aposentados semelhante à que existia nos anos 80, deviam existir 8,4 milhões de trabalhadores ativos. Ou seja, faltam-nos 2,7 milhões de trabalhadores! Daqui a 40 anos, quando todos eles estivessem reformados, precisávamos de 32 milhões de trabalhadores para garantir as respetivas pensões. Passados 40 anos seriam precisos 120 milhões de trabalhadores para garantir as pensões dos anteriores... e assim sucessivamente. Se de facto precisamos de 2,7 milhões de trabalhadores para agora, há uma solução imediata: abrir as portas à imigração. Certamente que iam sobrar candidatos brasileiros, ucranianos, asiáticos ou africanos, atraídos pela miragem europeia, e o problema resolvia-se de imediato. Creio que essa será a única solução viável a curto prazo para a perpetuação da Europa, mas implicará a longo prazo a sua aniquilação, pelo menos no formato e contexto em que a conhecemos. Quando isso acontecer a civilização ocidental como a conhecemos nestes últimos cinco séculos terá seguido o destino das velhas civilizações da Grécia Antiga, ao Império Romano, aos faraós, ou mesmo ao Império Otomano. Assim como a grande civilização

grega nada tem a ver com a Grécia atual, assim a Europa seguirá os seus passos; assim como a Itália atual nada tem a ver com o Império Romano, ou o Egito com a Terra dos Faraós. Enquanto a Europa se islamiza, a China e a Índia continuarão a progredir economicamente sem interesse nestas regiões periféricas dos seus futuros impérios a não ser como entrepostos comerciais. Os EUA irão rapidamente cair em declínio e aproximar-se da situação dos vizinhos da América do Sul. A África continuará, como até agora, irrelevante. Tudo isto será entremeadado por umas quantas guerras em vários pontos de leste a oeste, umas com conotações religiosas, outras nem por isso, mas o grande reinado da Europa que da Idade Média até aos nossos dias foi o poder dominante está prestes a acabar.

Leonardo Boff, Teólogo escrevia em setembro de 2009 matéria para refletirmos:

A tradição do Tao vê a história como um jogo dialético e complementar de dois princípios: yin e yang, forças subjacentes a todos os fenómenos humanos e cósmicos. Procurando luzes para sair da crise global talvez este olhar holístico dos sábios orientais possa inspirar. A figura de referência para representar estes dois princípios é a montanha. O lado norte, coberto pela sombra, é o yin, que quer dizer sombreamento e corresponde à dimensão Terra. Expressa-se pelas qualidades da alma, do feminino nos homens e nas mulheres: o cuidado, a ternura, a acolhida, a cooperação, a intuição e a sensibilidade pelos mistérios da vida. O yang significa a luminosidade do lado sul e corresponde à dimensão Céu. Ganha corpo no animus, as qualidades masculinas no homem e na mulher como o trabalho, a competição, o uso da força, a objetivação do mundo, a análise e a racionalidade discursiva e técnica. A sabedoria milenar do Taoísmo ensina que as duas forças devem ser balanceadas para que o caminhar das coisas se faça dinâmica e harmonicamente. Se uma predomina sobre a outra, importa buscar o equilíbrio difícil entre elas. O yin e o yang remetem a um círculo que contém ambos: o Shi. Os cristãos falam do Spiritus Creator, ou Sopro cósmico, que enche e dinamiza toda a criação. Os modernos cosmólogos se referem a constante cosmológica que é a Energia que produziu aquele minúsculo ponto que se inflacionou e depois explodiu - big bang - dando origem ao universo. Após esta incomensurável explosão, a Energia de fundo desdobrou-se nas quatro forças fundamentais que atuam sempre juntas e que subjazem a todos os eventos - a energia gravitacional, eletromagnética, nuclear fraca e forte - para as quais não existe, na verdade, nenhuma teoria explicativa. A nossa cultura ocidental, hoje globalizada, rompeu com a visão integradora e dinâmica. Enfatizou tanto o yang que tornou anémico o yin. Permitiu que o racional recalcasse o emocional, que a ciência se inimizasse com a espiritualidade, que o poder negasse o carisma, que a concorrência prevalecesse sobre a cooperação e a exploração da natureza descursasse o cuidado e o respeito devidos. Este desequilíbrio originou o antropocentrismo, o patriarcalismo, a pobreza espiritual, a cultura materialista e predadora e a atual crise ecológica. Só com a integração da força do yin, da alma, da logique du coeur (Pascal), do mundo dos valores, corrigindo a exacerbação do yang, do animus, do espírito de dominação, podemos proceder às correções necessárias e dar novo rumo ao nosso projeto. Se não encontrarmos um equilíbrio tudo pode acontecer, até um flagelo antropológico. Precisamos de uma loucura sábia que faculte uma nova síntese entre os dois polos para reinventar um caminho que nos garanta o futuro.

38.4. DOS FARAÓS

Num estudo sobre 21 civilizações extintas, o historiador inglês do séc. XX, Arnold Toynbee, descobriu dois fatores comuns a todas: *“a concentração de riqueza e propriedade nas mãos de poucos e a incapacidade de fazer mudanças necessárias antes de sua extinção. O mesmo acontece hoje. O mundo está doente, precisa de líderes corajosos e sábios”*. Consultemos a Wikipédia para lembrar a história e o fim das civilizações, que inexoravelmente se repete, sem se registarem melhorias do comportamento dos Homens que a habitam.

Calcula-se que pelo menos desde 5000 a. C. as margens do Nilo sirvam de suporte a comunidades agrícolas, mas só em 3100 a. C. que o Egito deu o grande salto civilizacional. O rei Menes unificou os reinos do Baixo Egito, no Delta, e do Alto Egito o sul, e, sem querer, deu início a 31 dinastias de faraós e fundou o Império mais longo da Antiguidade. Tempo para construir mais de 700 templos, 80 pirâmides, criar o primeiro calendário da História - o primeiro com 365 dias - e inventar a escrita hieroglífica, base do alfabeto de hoje. Tudo graças ao Nilo. Sem o rio servindo de artéria única e permitindo o cultivo das margens, o Egito jamais teria acontecido. Os egípcios fizeram do grande rio a despensa, a estrada e uma eficaz via de comunicação. Quem tinha o Nilo nunca precisou inventar a roda. Até as múmias se valiam do Nilo. Depois da vazante, uma das substâncias que ficam no solo é o natrão (carbonato de sódio hidratado), cuja característica é a formidável capacidade de absorver a humidade do ar - e, assim, retardar a decomposição orgânica. Durante o processo de mumificação, o cadáver era conservado numa solução de natrão por vários dias, até que fosse desidratado. Dessa forma, o corpo era mantido, o que assegurava uma viagem tranquila ao mundo dos mortos. O Egito deixou de ser faraónico em 332 a.C. ano da invasão de Alexandre, o Grande. Depois vieram os romanos e por fim os árabes, que mudaram a configuração do país. Originalmente um golfo do Mediterrâneo, o Delta do Nilo foi preenchido durante milénios pela aluvião do rio. Ganhou um solo rico em nutrientes, bom para as plantações de cítricos, trigo, algodão e hortaliças. E ganhou também uma das cidades mais importantes do planeta. Alexandria nasceu grega, decretando o fim dos faraós, e dela os patrícios de Platão fizeram-na depositária de séculos de conhecimento, bem guardados dentro da célebre Biblioteca. No Vale do Nilo, ao sul do Cairo, o rio é uma via de tráfego intenso.

38.5. GRÉCIA

A antiga Grécia Continental estava confinada com a Ilíria a norte, a leste com o mar Egeu, a oeste com o Jónico, e a sul com o Mediterrâneo. Tinha mais de 100.000 km². As montanhas, céu quase sempre azul e clima suave faziam da Grécia um dos mais maravilhosos e melhores países. Foi ali que a civilização ocidental começou há 2800 anos. A civilização grega estava dividida em cidades-Estado que dominavam grandes áreas das margens do Mediterrâneo e do mar Negro. Hoje, a Grécia é um país de poder reduzido, e dos menos desenvolvidos da Europa. Há milhares de anos, os gregos estabeleceram tradições de justiça e liberdade individual que são as bases da democracia e da economia de mercado. A arte, filosofia e ciência tornaram-se fundamentos do pensamento e da cultura ocidentais. Os gregos da Antiguidade chamados Helenos (todos que falavam o grego, mesmo que não vivessem na Grécia Continental), e davam o nome de Hélade à sua terra. Os que não falavam o grego eram bárbaros. Nunca formaram um governo central, porém estavam unidos pela mesma cultura, religião e língua.

38.6. IMPÉRIO ROMANO

O Império Romano nasce da expansão crescente de Roma nos séculos III e II a.C., a população sob o domínio de Roma aumentou de 4 milhões em 250 a.C. para 60 milhões em 30 a.C., de 1.5% da população mundial, para 25%. Nos últimos anos do séc. II a.C., Gaius Marius transforma o Exército Romano num exército profissional, no qual a lealdade dos soldados de uma legião é declarada ao general que a lidera e não à pátria. Isto, combinado com as guerras que Roma travou nos finais da República⁴¹ favoreceu o surgimento de líderes militares (Sulla, Pompeu, Júlio César). As instituições republicanas encontravam-se em crise desde o princípio do séc. I a.C., quando Lucius Cornelius Sulla quebrou as regras ao tomar Roma com o exército, em 82 a.C., para se tornar ditador vitalício antes de resignar e devolver o poder ao senado romano. O primeiro Imperador, César Augusto, recusou admitir-se como tal, pelo que se coloca o fim da República em 27 a.C., data em que César Augusto adquire este cognome e em que começa, oficialmente, a governar sem parceiros. Com a esperança de vida média em quarenta e cinco anos, o cidadão romano médio não conhecia outra forma de governação e estava preparado para aceitar um sucessor. Augusto era também comandante-chefe do exército e decidia a guerra ou a paz e autoneomeou-se tribuno por toda a vida. Embora não sendo dotado para a estratégia, tinha bons generais e de confiança, como Agripa, que anexou oficialmente o Egito, que já estava sob domínio romano há 40 anos, toda a península Ibérica, a Panónia, a Judeia, a Germânia Inferior e Superior e colocou as fronteiras do Império nos rios Danúbio e Reno, onde permaneceram por 400 anos. O Império que Augusto recebeu era vasto e heterogéneo, com várias línguas e povos. O grego era a língua mais falada nos territórios orientais, e o latim progredia pouco nestes territórios, mas nos territórios ocidentais era a língua mais falada. Augusto passou a tratar todos os habitantes do Império como iguais e visitou várias zonas para verificar quais os problemas de cada província, o que levou a que estas florescessem e atingissem o máximo do seu desenvolvimento. Cláudio introduziu reformas e procurou a prosperidade do Império, foi o responsável pela invasão romana das ilhas britânicas em 43, e pela adição de mais uma província ao Império. Em 64, durante o reinado de Nero, Roma foi consumida por um violento incêndio⁴² e começaram as perseguições aos cristãos. Os Julio-Claudianos foram eficazes em espalhar o culto imperial. Alguns deles, como Cláudio, foram deificados em vida e elevaram à dignidade divina muitos dos familiares (alguns subsequentemente assassinados). Uma das mais notáveis obras de engenharia clássica, o Coliseu de Roma, mandado erigir por Vespasiano, serviu para inúmeros espetáculos, incluindo dramatizações de batalhas navais. Vespasiano⁴³ mostrou ser um Imperador responsável e razoável em comparação aos excessos perpetrados pelos Julio-Claudianos. Apesar de autocrata, procurou reorganizar o exército, as finanças do Estado e a sociedade romana. Aumentou os impostos, mas erigiu grandes obras. Como antigo governador e general, Vespasiano sabia qual o melhor para as províncias e como manter o exército satisfeito, tudo condições indispensáveis para a estabilidade de um reinado. O seu filho, Tito Flávio, sucedeu-lhe em 79. Em agosto desse ano, o vulcão Vesúvio destruiu as cidades de Pompeia e Herculano e, em 80, Roma foi de novo consumida por um incêndio. Em 81, Tito é sucedido pelo irmão Domiciano. Assim, tal como na dinastia Julio-Claudianas, o que começou por ser um período de prosperidade, depressa caiu em instabilidade política. Domiciano revelou-se tão paranoico como Calígula ou Nero e as atrocidades do seu reinado valeram-lhe o epíteto de pior Imperador de sempre. Quando em 96 Domiciano é assassinado, Roma encontra-se bastante cética quanto à validade do modelo dinástico e a sucessão imperial evoluiu para o conceito do mais apto, o que deu origem ao período dos cinco bons imperadores. Depois do assassinato de Domiciano, o senado nomeou Nerva como Imperador. Apesar de ser já de meia-idade e de não ter descendentes, era considerado capaz, do ponto de vista militar e administrativo, racional e confiável. Trajano, Adriano e Antonino Pio seguiram a política de nomear o sucessor mais apto, o que resultou num período de estabilidade conhecido como os cinco bons imperadores. Roma prosperou e atingiu o seu pico civilizacional, ao ponto de alguns analistas defenderem que o nível civilizacional alcançado durante este período só foi novamente alcançado na Inglaterra do século XVIII. Trajano teve a extensão máxima do Império em 117, com a fronteira oriental a incluir a Mesopotâmia. O sucessor, Adriano, deu as conquistas por terminadas, construiu a muralha de Adriano no norte de Inglaterra como símbolo do fim do Império. Período conhecido como a Pax Romana. O ciclo de prosperidade terminou quando Marco Aurélio designou para sucessor o filho Cómodo. À prosperidade seguiu-se uma governação errática de um paranoico que seria assassinado em 193. Seguiu-se uma situação caricata, em que a Guarda Pretoriana pôs o Império em leilão, tendo este sido ganho por Dídio Juliano, ao oferecer um donativum maior (193). Septímio Severo acabou por assegurar a coroa imperial e levar o Império para um período de estabilidade. Entre a morte de Severo em 211 e o início da Tetrarquia em 285, o Império teve 28 imperadores, e apenas 2 faleceram por causas

41 (Invasão dos Cimbrós e Teutões, Guerras contra Mitridates, rei do Ponto, entre outras, a culminar nas guerras civis do tempo de César e Augusto)

42 (do qual o próprio imperador é muitas vezes erroneamente considerado culpado)

43 (Titus Flavius Vespasianus)

naturais (de peste). Estão registados 38 usurpadores romanos. Para além da crise política endémica, o séc. III foi marcado pelo início das invasões dos povos bárbaros. Durante 50 anos, o Império iria sofrer usurpações, derrotas e fragmentação; imperadores assassinados, mortos em batalha ou pelos rivais, num desespero para encontrar uma solução. Por fim, surgiria o Dominato, a monarquia absoluta. Diocleciano (285) cria a Tetrarquia como forma de resolver os problemas militares e económicos do Império romano. Dividiu o poder entre os setores orientais (pars Orientis) e ocidentais (pars Occidentis). Manteve o controlo pessoal do setor leste e o seu colega Maximiano controlou o ocidente. Na realidade, Diocleciano estava em posição superior à de Maximiliano. A partir daí, o Império passou a ter dois Augustos (augusti), cada qual com exército, administração e capital próprios, embora Diocleciano continuasse a ser o chefe do Estado, representando a unidade do mundo romano que passou a tolerar o cristianismo a partir de 313 d.C., com o Édito de Milão, assinado durante o Império de Constantino I (do Ocidente) e Licínio (do Oriente), no mesmo dia em que ocorreu o casamento de Licínio com Constantia, irmã de Constantino. Com este édito, o cristianismo deixou de ser proibido e passou a ser uma das religiões oficiais do Império e tornou-se a única religião oficial sob Teodósio I (379-395 d.C.). Inicialmente, o Imperador detinha o controlo da Igreja; o paganismo ainda tinha um número muito significativo de adeptos. Uma das medidas de Teodósio I para que sua decisão fosse ratificada foi tratar com rigidez aqueles que se opuseram a ela. O massacre de Tessalónica devido a uma rebelião pagã deixa clara esta posição do Imperador. Um dos conflitos entre a nova religião do Império e a tradição pagã consistiu na condenação da homossexualidade, uma prática comum na Grécia antes e durante o domínio romano. O Imperador foi proibido pelo bispo Ambrósio de entrar numa igreja sem que fizesse uma confissão pública. Teodósio I assim o fez, e o poder da Igreja iniciou o seu crescimento, e tornou-se num dos fatores de sobrevivência do Império do Oriente. Depois da morte de Teodósio, o Império dividiu-se em dois. O Império Ocidental foi a parte invadida pelos bárbaros⁴⁴ e tinha como capital Roma. A capital do Império foi transferida para Constantinopla, no Império Oriental. Com a conversão do Imperador bizantino Constantino, Jerusalém recuperou o nome. Tornou-se o maior centro de peregrinação do Império romano e em 335, com 300 bispos, a basílica do Santo Sepulcro foi inaugurada. Em 514, os Persas invadem a cidade, roubam a Cruz Santa. Tudo volta ao normal com Heráclio, o Bizantino, em 630. Só por oito anos, quando surgem os cavaleiros de Maomé. Yerushalaim, a "Cidade da Paz", agora é Al Khuds, "A Santa". Os islamitas já se voltavam para Jerusalém, depois de Meca e Medina, desde que Maomé a visitara com seu cavalo alado Burak, com cabeça de mulher e rabo de pavão. O marco sagrado muçulmano tinha-se tornado um depósito de lixo nos tempos cristãos, o califa Omar apeou-se do camelo, rezou e prometeu que ali haveria uma mesquita. O califa Abdel Malek atendeu-o, duplamente, em 685. Ergueu o Domo da Rocha, a mesquita de Omar e ainda "a remota", Al Aksa. Por 400 anos, Al Khuds passou da dinastia omíada de Damasco para a dos abássidas, de Bagdade. Foi governada pelo "califa doído" al-Hakim. Os cruzados surgiram em 1099, massacraram árabes e judeus. Lavavam-se do sangue nas fontes do antigo templo e mesquitas e iam rezar no Santo Sepulcro. O conquistador de Jerusalém, Saladino, o Curdo, restabeleceria o islamismo por nove séculos. Vieram os mamelucos, a aristocracia feudal militar do Egito e os turcos otomanos, em 1517, Suleimão, o Magnífico, devolveu fulgor à cidade, reconstruindo as muralhas e portões, conservados até hoje.

38.7. IMPÉRIO OTOMANO

A Turquia entrou na primeira guerra mundial com a Alemanha, em 1914. Foi o fim do Império Otomano. Tropas inglesas, comandadas pelo general Allenby, ocuparam a Palestina em 1917. Ao terminar o Mandato Britânico, a 14 de maio de 1948, Israel proclamou a independência, decidida pelas Nações Unidas em 29 de novembro de 1947. Os países árabes atacaram. O armistício de 1949 criou duas Jerusalém, a cidade velha, sob o domínio da Jordânia, e a nova, a sudoeste e ocidental, com os israelitas. Tornaram-se uma, outra vez, com a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Al Khuds Yerushalaim, "A Santa Cidade da Paz". Seriam nome e sobrenome se árabes e judeus se unissem para compartilhá-la. A cidade saturada de fé e religião também se tornou uma metrópole moderna. Onde pastavam rebanhos de cabras e camelos, brota o Vale do silício israelita. As oliveiras estão dando chips. Mas o passado está presente e palestinos e israelitas reclamam o direito a Al Khuds e a Yerushalaim. O Vaticano propõe a internacionalização de Jerusalém. Existem 56 diferentes propostas sobre como governá-la. Israel unificou-a por lei constitucional, em 30 de julho de 1980. Mas, então, ganhou um novo destino com o aperto de mãos entre o primeiro-ministro Yitzhak Rabin e o líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, em 1993. De nada serviu como se tem visto pela autofágica governação palestina pós-Arafat.

38.8. CONCLUINDO

Podia falar do fim da grande civilização chinesa (e até hoje ainda não recuperou relevância em mais de 4 mil anos), podia falar dos Hunos, de Alexandre o Grande, do Grande Império Persa, de Incas a Astecas, ou de tantas outras civilizações aniquiladas por outras mais fortes, ou conquistadas, ou autodestruídas no nadir pela sua inépcia depois de atingirem o seu zénite. Mas não vou enumerar essas tantas civilizações de que já ninguém se lembra e mal se fala nos livros de História pois esse é também o inexorável destino dos EUA e da Europa que nos deu a Renascença e a Inquisição... a menos que algum líder iluminado resolva fazer como Nero e carregar no botão atômico e ver a Terra a desfazer-se...

44 (qualquer povo não-romano ou não-dominado pelos romanos)

39. CRÓNICA 39. PORQUE SOU TRANSMONTANO, 25 maio 2007

40. CRÓNICA 40 DA EDUCAÇÃO, DA SAÚDE PÚBLICA, DA RELIGIÃO AO 10 DE JUNHO. 9 junho 2007

40.1. INDUCANDO

Tenho andado preocupado com o que se passa neste país à beira-mar prantado, e com a educação dos portugueses. Há um número crescente de docentes impreparados. Por aquilo que já observara nos alunos da minha mulher enquanto ela habilitara professores, no triénio que lecionara na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se. O erro começou com o fim da vetusta Escola do Magistério e com a criação das Escolas Superiores de Educação. Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos, sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência. Mais uma boa ideia no papel que não funcionou na prática, apenas serviu para aumentar os rendimentos das instituições que os ministravam. Hoje, o ensino primário e secundário é demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...A tabuada era fascista? A obsessão hodierna é com as más notas da OCDE, da EU e do sistema PISA. Isto implica a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los. Neste caso, deparam-se com uma escalada aos Himalaias ou o equivalente a uma tese de mestrado para preenchimento de relatórios.... Isto vai permitir que personagens iletradas, analfabetas cheguem assim à universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos. Assim se formara um primeiro-ministro no jardim à beira-mar plantado. E a ministra da educação também? Tantos do governo e da oposição obtiveram assim os “canudos”. Ninguém lhes dissera que poderiam ter valor, ou mais valor, mesmo sem “canudo”?

Quase ninguém sabe escrever uma composição daquelas que eu ortografava na velhinha terceira classe. Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos...afinal não estamos nós na era SMS, mensagens de texto incompreensíveis para a maioria dos mortais nascidos antes de 1980? Na Nova Zelândia já aceitam respostas a testes em linguagem textual...em Portugal ainda há demasiado professores avessos a essas novas tecnologias. Grassa uma caótica falta de respeito por professores, a que muito ajudou a ministra e a sua campanha de denegrir esse bode expiatório que são os professores. Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar todas as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas. Mesmo depois de baterem nos professores, ou ameaçarem-nos com armas, verdadeiras ou de imitação, continuam a ir às aulas. No jornal Público⁴⁵ a 5 de junho 2007 surgiu uma carta ao editor do escritor micalense Daniel de Sá, da vizinha Maia:

Assinar de cruz

Como se prepara um aluno de Língua Portuguesa para exames em que terá de fazer apenas umas cruzinhas? Com testes do mesmo modelo? Poderá assinar de cruz, caso não saiba escrever o seu nome? Nunca vi nenhuma dessas famosas provas, mas gostava de saber como são. Arrisco uma hipótese, a propósito daquele soneto de Camões que acaba assim: "e eu, gritando: Dina.../ antes que diga Mene, acordo e vejo/ que nem um breve engano posso ter." (Nem nós. Mas o ministério parece que sim.) Será talvez da seguinte maneira, por exemplo. Pergunta: "Como se chamava a amada de Camões?" Resposta múltipla: "1) Dina; 2) Mene; 3) Dinamene".

Ou então, como interpretação do que acabara de fazer D. João V no lançamento da primeira pedra do convento de Maíra, segundo José Saramago. Lembrem-se? ("pode vossa majestade subir, cuidado não caia, que o resto do convento nós o construiremos, e agora podem ser postas as outras pedras"). Do possível teste: "Que pôs D. João V para início do convento?" Resposta múltipla: "1) uma luva; 2) A mão da rainha; 3) uma pedra." O atual sistema de ensino deixa cada vez mais convento para construir. Há um ror de anos, um rapaz da minha ilha, praticante de halterofilia, estava muito próximo de conseguir os mínimos olímpicos. O peso que ele levantava correspondia à categoria imediatamente inferior àquela a que pertencia. Por isso não treinou para se tornar mais

⁴⁵ de que me não canso de dizer fui um dos fundadores e se bem que me não reveja nele atualmente, continuo a rotina diária de o ler

forte, mas fez dieta para emagrecer. O caso é real e o atleta acabou por não ir ao Oriente. Portugal irá a algum lado com tanto faz-de-conta? Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores

Logo, [num fórum privado do qual não posso transcrever nada], uma professora jovem e com poucos anos de tarimba], declarou em tom magistral:

Caro Daniel,

Portugal pode, algum dia, chegar a algum lado, mas não me parece ser através do sistema de ensino atual.... Este tipo de provas de que fala só tem servido para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa. Em meu nome pessoal e das centenas de professores desiludidos com o sistema, agradeço ter dado voz à nossa voz através da carta que escreveu. Assinado CCC

A seguir, outra escrevia:

Caro Daniel,

Está uma delícia essa carta! Eu ainda cheguei a escrever bastantes testes destes no Canadá. Aprendia-se depressa a reconhecer a resposta certa: era geralmente a opção mais comprida ou a última, portanto me atrevo a dizer as respostas me parecem ser: Dinamene e pedra. Estarei certa? -)

Um abraço, IJ

Foi então que não resisti e dei voz à minha indignação pela prática recorrente em Portugal de todos criticarem, sempre *ex-cathedra* sem, no entanto, se aperceberem de que a culpa muitas vezes assenta que nem uma luva nos que criticam. Aqui vai a minha resposta:

Portugal pode, algum dia, chegar a algum lado, e isto nada tem a ver com o sistema de ensino atual....o ensino bom ou mau, com umas ou outras regras será sempre aquilo que os professores forem ou quiserem ser. Há professores desiludidos com o sistema, é certo, mas a maioria tem dezenas de anos de trabalho e de dedicação pelos quais se podem lamentar. Há outros, porém, que agem contra as novas normativas ministeriais portuguesas porque lhes retira "privilégios" ou "mordomias" e os obriga a fazerem "formação" coisa horrenda que todos dizem detestar, esquecendo-se de que em todos os países ditos civilizados as pessoas fazem formação até morrer, mesmo bem depois de reformados (não estou só a falar da minha pátria australiana, mas de outros países ditos desenvolvidos). Claro que nem toda a formação será a que mais interessa ao ensino, mas há sempre a formação que cada professor ou pessoa pode escolher independentemente de ser mandatada pelo ministério. Vê-se aliás como os professores em Portugal são avessos a qualquer tipo de formação, ou de investigação científica (a menos que se repercuta em saltos de carreira ou outros interesses pecuniários). Tive a oportunidade de o constatar ao longo dos últimos anos com a repetida ausência de docentes (do ensino primário, secundário ou terciário, fossem eles da área de Português ou não) nos Colóquios da Lusofonia. Cada pessoa, professor ou não tem a obrigação de ir para além do que o ministério manda ou não, pois a sua principal obrigação não é para com o ministério que lhe paga, mas com os alunos que tem de educar, é daí que surge o étimo magistério... caso contrário deve dedicar-se a outra atividade profissional menos exigente ou para a qual tenha mais vocação. Assim como nem todos podem/devem ser pais/mães, nem todos deviam/podiam ser professores/as... Este tipo de provas de que falam [aqui] para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa, pode mostrar muitas coisas, mas a falta de literacia de muitos professores (hoje em dia, no passado seria diferente) anda de mãos dadas com a de muitos alunos... Estamos todos desiludidos com o "sistema", (aliás essa palavra veio de um dirigente desportivo) mas poucos fazem mais do que queixarem-se. Nos meus tempos ainda se lutava contra a guerra colonial e outras coisas importantes, mas atualmente já ninguém luta por nada, embora todos lutem contra tudo e todos... Esquecem-se os queixosos de que muitas vezes a revolução deve começar por nossas casas antes de chegar à sociedade, e se não investimos na tal formação (só por mero gozo pessoal ou vontade de nos melhorarmos) não iremos longe, seguiremos a pisada dos nossos iletrados e incultos políticos que tão bem nos dirigem, como os pastores conduzem os seus rebanhos de cordeiros. (Portugal é uma carneirada, que me desculpem os carneiros). Falemos agora das provas de escolha-múltipla: Uma decisão necessária, em qualquer tipo de teste, refere-se aos tipos de pergunta (ou item) a utilizar. A escolha não é arbitrária, dado que cada tipo apresenta vantagens e desvantagens. Deve o professor na elaboração de testes de conhecimento selecionar criteriosamente o tipo ou tipos de pergunta a utilizar, consciente das implicações da escolha feita, em termos de adequação aos fins em vista, vantagens comparadas com outros tipos de pergunta. Quanto ao tipo de item: escolha-múltipla - permite avaliar comportamentos situados em todos os níveis das taxonomias de objetivos educacionais. Sendo, entre os itens de tipo objetivo, o único que permite avaliar aprendizagens complexas, é o tipo de pergunta objetiva mais conhecido e utilizado em toda a parte. E cito: "Pela mão de especialistas é possível elaborar perguntas de escolha-múltipla que requerem processos mentais sofisticados de vária ordem" (Gage e Berliner, 1975: 800) e volto a citar: "Muitos críticos do tipo de item "escolha-múltipla" sublinharam que apenas requer do aluno o reconhecimento e não o conhecimento ou a construção da resposta correta. Sugerem que o reconhecimento é uma forma elementar de comportamento e que muitos alunos capazes de reconhecer as respostas curtas num teste não saberiam aplicar, na prática, o que aprenderam. De um modo geral, os resultados da investigação não confirmam esta afirmação. Vários estudos em que foram comparados testes objetivos e testes de composição mostraram que os testes objetivos conseguiam prever o desempenho geral do aluno na composição, aproximadamente tão bem quanto a pouco fiável classificação de um teste de composição o permitiria" (Choppin, 1988: 357). Ora vamos lá ver se será assim tão fácil:

1. A determinação dos contextos em que se desenvolve o ato educativo resulta (indique a resposta FALSA)

- A. da influência da instituição escolar na definição dos papéis sociais dos alunos e professores.
- B. da imposição de normas decorrentes da organização do sistema educativo.
- C. do controle das representações sociais exercido pelos órgãos de gestão.

D. dos modelos de gestão assumidos pelos responsáveis escolares.

Entretenham-se que eu prometo dar a solução...Chrys,

A ministra pode de facto ser a besta-quadrada que muitos dizem que é, mas conheço muitos professores que precisavam mesmo deste tratamento, ou seja, o mal é que muita gente entrou na profissão porque não sabia fazer mais nada e não tinham emprego em sítio algum, ergo, foram para professores. Coitados dos alunos e dos pais de tais alunos. Muitas almas continuam a questionar por que razão anda pelas ruas da amargura o ensino em Portugal (Também anda assim nos EUA, na Austrália, no Reino Unido, e em tantos outros países). Os problemas já vêm dos meus tempos de escola:

Programas extensos, maus, e impreparados pedagogicamente para a sociedade em que se inserem. Manuais desprezíveis, alterados ciclicamente para manterem o lóbi dos seus editores.

Disciplinas a mais e a menos, com cargas horárias erradas. O crime de retirar a Filosofia, a despromoção da História, a falta de ênfase no Português e na Matemática como cadeiras nucleares de todo e qualquer ramo de ensino.

Um número crescente de professores mal-preparados e por aquilo que observei nos alunos da minha mulher enquanto ela preparava professores no triénio em que estive na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se.

Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência.

O ensino primário e secundário demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...

A obsessão com as más notas da OCDE e da UE e a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los e se deparam com um mestrado em preenchimento de relatórios.... Isto permite que personagens iletradas, analfabetas cheguem assim à Universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos ou escrever uma composição daquelas que eu escrevia na minha velhinha terceira classe.

Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos...

A verdadeira e caótica falta de respeito por professores (a muito ajudou a campanha de denegrir o bode expiatório que são os professores). Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar todas as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas, mesmo depois de baterem nos professores continuam a ir às aulas.

A predominância no Ministério da Educação de “mentes brilhantes” formadas nessa linguagem a que se chama “eduquês” e é politicamente correto para impressionar o parolo, ou como dantes se dizia num francesismo típico “pour épater le bourgeois,” que é aquilo porque todos aspiram “serem bourgeois”, mais prosaicamente “para inglês ver” que nisto de impressionar os estrangeiros é connosco... Esses brilhantes funcionários, eternos românticos de pedagogias gastas e inadequadas, botam faladura que ninguém entende, criam novas terminologias para que todos se impressionem com a sua inteligência opaca e baça e dão palmadas nas costas (uns dos outros) pelo seu arrojo e coragem em mudar... por isso é que a educação mudou mais vezes desde que nasci do que muita gente muda de camisa numa vida inteira (mas isso de ensinar a higiene não deve ser feito nas escolas...para não maltratar o amor-próprio das criancinhas)

Pelo que atrás resumi e por tanta coisa que poderia acrescentar posso afirmar que no tempo da velha senhora qualquer pessoa que completasse uma 4ª classe, um 5º ano ou 7º do Liceu evidenciava competências e saberes, sabendo ler e escrever, e os profissionais (juizes, médicos e outros) eram mais competentes (mesmo amordaçados pela censura), habilitados a desempenhar as funções sem alguém duvidar do seu percurso e preparação científica, técnica e intelectual. Bem sei que nesse tempo um exame de Inglês (técnico ou não-técnico) não se fazia por fax, nem com aulas privativas de reitores nominais, nem ao domingo em universidades de “faz-de-conta”. Estas, depois de graduarem os seus alunos, encerram-se por decreto. Não se cancelam os títulos de “faz de conta” que já emitiram, a primeiros-ministros, outros membros do governo e da oposição. Será que alguém já sugeriu ao primeiro-ministro que se fosse bom e competente não precisava daquele “canudo”?

Naqueles tempos, os que não estudavam eram rapidamente excluídos do sistema escolar e iam mais cedo para a tropa e para a guerra colonial. Hoje arrastam-se pelas salas de aula para maltratarem professores, para não estudarem nem deixarem estudar, pois há de haver sempre um programa profissionalizante ou similar para lhe dar umas luzes e que pomposamente o habilitam a estragar a nossa canalização, a não saberem servirem num café, ou em qualquer outra das atividades a que se dedicarão mais tarde. Mas não me digam que

um bom professor não consegue - mesmo contra estas adversidades - fazer alguma coisa dos alunos, porque casei com uma professora que o consegue. Não quero acreditar que seja a única, nem que seja a exceção (sei que não será a regra) e assim como ela consegue outros poderiam se se dessem ao trabalho de tentar.

No dia 8 de agosto de 2008, na cerimónia de inauguração das Olimpíadas, todos tinham os olhos grudados na TV. Foi um momento inesquecível. Os chineses capricharam na sole-nidade e mostraram toda a pujança do seu povo.

Esqueçamos, por instantes, os direitos humanos. Eles mostraram os grandes inventos que legaram à humanidade. Não mostraram a repressão violenta, a brutalidade e o "esquecimento" dos direitos humanos em tantos locais que não só o Tibete. A contribuição, como povo, ao desenvolvimento da raça humana, e, o que está sendo feito agora. A busca incessante para sair do atraso e mostrar-se como a nova potência do mundo.

Mas o recado foi dado com grande precisão e beleza.

Chamou a atenção e despertou uma enorme emoção, a passagem em que os chineses mostraram uma professora e seus alunos.... Poderiam ter destacado o peso de sua arquitetura, antiga e moderna. Poderiam ter feito apelo aos profetas e filósofos de todos os tempos. Poderiam ter insistido mais no ballet, na dança, na cultura oriental, riquíssima e milenar. Não. Esses chineses são malucos! Foram mostrar uma professora e seus alunos! Estava aí a chave para compreensão da "coisa". Ninguém consegue desenvolver um país sem investir maciçamente em educação. Não é apenas uma questão de mais recursos. Não são precisos discursos, decretos e leis, insistindo que acreditamos no futuro de nossa juventude. Em tempos, ao passear pelas ruas, numa terra estrangeira, sem ver uma criança, perguntei: "onde estão as crianças desta cidade?" Responderam-me "na escola, senhor! Entram às 8.30 e saem às 16.30 horas. Escola a tempo inteiro." Estará explicada a diferença? Escola a sério? Não sei se será a solução? (passados uns anos sei que em Portugal se tentou isto, mas o resultado negativo foi o mesmo de sempre). Se calhar ainda aprendiam a tabuada em voz alta e memorizam as coisas para nunca as mais esquecerem. Nada do "faz de conta" português, com muitos programas, muitos nomes e abreviaturas sonantes, cheios de regulamentos e normas que ninguém lerá.

Na China aprendem pintura. Levam cinco anos na alfabetização. Tocam piano. Jogam xadrez. Fazem da escola um lugar de amizade e vida... Os chineses têm razão. Há lugar para a professora e seus alunos nesta festa das Olimpíadas. Como pensar o futuro da humanidade, sem escola, sem professora?

Elementary... e simples, my dear Watson.

40.2. CONVERSÃO RELIGIOSA

O casamento é o triunfo da imaginação sobre a inteligência."
Óscar Wilde [1854-1890]

Li há semanas na Newsweek e, posteriormente, vi um debate no canal da Al Jazeera que me preocupou: na Malásia, uma mulher, de seu nome Lina Joy (a propósito não poderia ela mudar o nome para "*Bonjour tristesse*"?) anda há oito (8) anos em guerra com os tribunais para mudar de religião e não consegue. Em 1990 começou a ir à Igreja e foi batizada em 1998, mas o Supremo Tribunal da Malásia (fazendo tábua rasa da Constituição que dá a liberdade de todos os cidadãos terem a religião que entenderem sem serem discriminados) bloqueou a autorização para que a sua conversão do islamismo ao cristianismo fosse final. A lei geral (civil) na Malásia proíbe (em deferência para com a maioria muçulmana) o casamento inter-fés (entre Muçulmanos, Cristãos, Budistas, Hindus e outros) pelo que Lina Joy não poderá desposar o noivo cristão no seu país. Sendo uma nação, alegadamente, moderada no seu islamismo esta decisão prova o oposto. A maioria muçulmana aplaudiu nas ruas esta decisão, mas os que propugnam uma separação entre Estado e Igreja mostram-se preocupados, pelo efeito que isto pode ter na deconstrução do tecido multiétnico, multicultural, multireligioso do país.

Na Malásia todos os que professam a fé muçulmana estão, primeiramente, sujeitos à "sharia" nas áreas de matrimónio, divórcio e bens. Segundo esta lei religiosa, é um crime abandonar a fé muçulmana, pelo que a requerente ainda é considerada muçulmana, e assim sendo não pode recorrer aos tribunais civis para que lhe confirmem a sua

conversão ao catolicismo. Nada mais lhe resta se não voltar ao seio do islamismo ou mudar de país. Isto passa-se num país em que para o divórcio basta o marido enviar uma mensagem de texto, SMS, três vezes, à mulher dizendo “divorcio-te...”

E ainda há quem se queixe da falta de liberdade em Portugal...Pena não podermos enviar um SMS ao governo com idêntica mensagem. Por mais tolerante e multicultural que eu possa ser, o mundo que me rodeia não o é. Existem tabus, mitos e tradições que urgem cumprir. O Cardeal Patriarca Dom José Policarpo advertiu as jovens portuguesas que “*casar com muçulmanos pode causar uma carga de sarilhos*”. O líder da União Budista considera que o casamento entre religiões é positivo. Já o líder da comunidade Judaica sublinha que as declarações do Patriarca, não se referem aos muçulmanos em Portugal, mas em todo o mundo. E ainda há quem se queixe da falta de liberdade em Portugal...

40.3. A SAÚDE QUE SE TEM DE TER

Há dias o meu filho apareceu com uma ferida infetada no pé que se agravava e mal podia andar. Eram 16.45 quando chegamos ao Centro de Saúde da Maia, mas a porta estava fechada. Sendo sexta-feira, deslocámo-nos à cidade mais próxima, a Ribeira Grande onde existe um Centro Hospitalar com um SAP - Centro de Atendimento Permanente. Chegamos ali, deparámos com uma pequeníssima sala cheia (12 pessoas incluindo crianças), o rececionista preencheu a ficha com os sintomas e esperamos. Devia dizer, desesperámos, pois entre as 17.15 e as 22.15 decorreram cinco longas horas. Foi - finalmente - visto por uma médica e tratado por uma enfermeira que lhe fez um penso, saindo com a recomendação de voltar no dia seguinte antes das 08.30 pois a médica queria observá-lo, de novo, antes de sair de serviço pelas 09.00 horas da manhã de sábado.

Vimos jantar pelas 23.00 horas e pelas 08.00 de sábado já estávamos na estrada rumo à Ribeira Grande. A médica havia recomendado que, mal chegássemos, avisássemos a receção de que devíamos ser atendidos de imediato antes dela sair. Passaram-se os minutos e nada acontecia, tal como na véspera, muitas pessoas saíam e poucas eram chamadas a entrar para os aposentos médicos... Ao fim de trinta minutos fui falar com o rececionista que se desculpou por não ter entendido a urgência de tratamento...a minha mulher já dissera que se estavam ali a tratar de gado, nós não éramos gado e não nos iríamos comportar como os presentes que acatavam estoicamente as cinco ou seis horas de espera que os aguardavam.... Poucos minutos decorreram até ser chamado o nome do meu filhote. Depois duma hora já eu me preocupava sobre tão grande demora em fazer um penso novo. A médica (da véspera) antes de sair de serviço e depois de observar o pé do miúdo decidira que aquilo estava demasiado negro e podia haver uma fratura. Depois do penso feito, tirou uma radiografia, e enquanto esperavam pela mesma, a médica saiu de serviço.

Ouviu-se a recomendação de que domingo (dia seguinte) lá teria de estar, outra vez, pelas 08.30 da manhã. Trata-se das únicas manhãs que temos para por o sono em dia, mas, enfim, a saúde está primeiro.... Quando o Rx veio, foi observado por outra médica, esta proveniente dum país de leste, pela sua aparência e sotaque. Ao ver a radiografia disse que havia uma fratura e prontificou-se a chamar uma ambulância para ser transportado aos serviços de ortopedia de Ponta Delgada. A minha mulher teve de assinar um Termo de Responsabilidade (que nome tão gravosamente importante) para o podermos levar na viatura particular. No Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada, a demora na triagem foi ínfima e ao fim de 15 minutos estava a ser observado por um ortopedista, que mandou desfazer aquele penso elaboradíssimo, pois apenas precisava de dois pensos rápidos na ferida, dado

não haver fratura nem nada que se parecesse. Viemos depois a saber que a médica eslava da Ribeira Grande havia sido condenada recentemente pela morte duma criança, estando a aguardar decisão sobre o recurso da sua condenação. Daí a ver uma fratura num Rx, onde ela não existia, vai o passo duma mosca que talvez tenha pousado na radiografia...

Assim, na manhã seguinte não fomos fazer o penso nem teríamos de nos levantar cedo. O jovem já corria domingo à tarde e já se esquecera da “fratura” que esteve quase a ter na semana passada. Assim vai a saúde em Portugal, viva o ministro da saúde, e só lhe desejo que um dia já não seja ministro e se tenha de sujeitar a uma espera destas numa sala dum qualquer SAP ou similar. Aliás creio que todos os ministros se deveriam sujeitar a tudo aquilo por que fazem passar os seus concidadãos para - na prática - pensarem, duas vezes, antes de legislar mal. E já hoje é dia 10 de junho e não quero falar desta data, tão maltratada, tão mal designada e tão contrária ao que o seu nome indica. Mas para isso regresso adiante, a 1984, e a uma das minhas crónicas na revista Macau - Nam Van em Macau.

40.4. O 10 DE JUNHO - CRÓNICA AUSTRAL IIIª - A VIDA CULTURAL NA AUSTRÁLIA PARTE 2ª - O 10 de junho

Durante mais de uma década⁴⁶ assisti a inúmeras manifestações, a que os políticos gostam de apodar de ‘portuguesismo’. Recordarei uma passada no já longínquo ano de 1984, em Marrickville, subúrbio de Sydney com vasta população de imigrantes (16 mil Gregos, 10 mil Indochineses e 5 mil Portugueses).

Domingo à noite, 19:30, temperatura a convidar abafa neste inverno (sim, aqui junho é como dezembro em Portugal). Local: Salão da Câmara Municipal (Town Hall) de Marrickville. Audiência estimada em mil pessoas. O palco engalanado com a bandeira das cinco quas lusitanas e com os castelos de Afonso IV a provar a sua ligação real ao reino de Castela, ladeada pelo estandarte australiano que incorpora no seu quarto superior esquerdo a britânica Cruz de São Jorge em branco e encarnado, em fundo azul com as estrelas brancas. Uma grande estrela com sete pontas, um conto de cinco estrelas, o Cruzeiro do Sul, e uma pequena bandeira do Reino Unido. A estrela de sete pontas é conhecida como Estrela Federação, pois cada extremidade representa um dos seis estados e os territórios do país. Uma bandeira monárquica de 1901 ao lado da representante da nação que em 1143 se chamou de Portugal. Atmosfera de festa com as crianças a brincar no chão encerado. As mesas apejadas de gente com caras bem típicas da mescla lusitana oriunda das sete partidas do mundo. Bebidas circulam: um rápido inquérito visual, às preferências públicas, revela como vencedora a cerveja enlatada, seguida de perto pelo vinho português, com predominância para o verde sobre o tinto. A mesa de honra situada no canto da sala, em forma de U, ainda vazia, decorada com os tradicionais adornos. As restantes mesas cobertas por toalhas de papel, sem pratos, talheres ou copos. As luzes e os focos experimentais sobre o palco ainda deserto, orlado de taças e medalhas. Nas paredes cartazes alusivos a Luís Vaz de Camões, o poeta e o português que é louvaminhado nesta data, para, depois, recolher aos sótãos da memória e às mansardas do esquecimento durante o resto do ano. Por sobre o burburinho do falatório tipicamente português, ornado de diferentes tonalidades e dialetos, algumas pessoas entram na sala e dirigem-se para a mesa de honra.

A CERIMÓNIA VAI COMEÇAR.

As luzes apagam-se e recobram vida os focos. As câmaras de vídeo aprontadas. Os fotógrafos em posição. Duas jovens aos microfones esforçam-se por sobressair ao zumbido que ecoa nos altos tetos trabalhados deste município onde tantos portugueses vivem e labutam (5 mil dos cerca de 35 mil portugueses do Estado de Nova Gales do Sul). Marrickville é um subúrbio interior de Sydney, povoada por inúmeras nacionalidades, a 12 km do centro da cidade (‘A Baixa’, CBD ou ‘The City’), sendo os portugueses a sua 3ª nacionalidade predominante. Finalmente, abafado o ruído, as vozes femininas anunciam o início da confraternização mais esperada do ano para a comunidade: o 10 de junho. Anunciado, ou antes, lido, o programa das celebrações, é chamado ao palco o Embaixador de Portugal⁴⁷ em Camberra, que, numa breve alocução explica o significado da data e da reunião, lamentando o facto de, nem sempre poder estar em Sydney nesta data, face à diversidade geográfica pela qual a comunidade se dispersa. Uma gravação sonora transmite a alocução de S.Ex.^ª, o Presidente da República⁴⁸. As crianças continuam a brincar e a pular alheias ao significado e desenrolar dos discursos, que nem entendem. Antes da alocução, todos se ergueram para os hinos dos dois países⁴⁹. O espetáculo começa com um grupo timorense em boa toada reminiscente das mornas cabo-verdianas. Depois, em traje de gala, guerreiros Mauberes (Timor Leste) do grupo ‘Loro Sae’ numa excepcional demonstração das danças de Timor, encantando e aquecendo o

46 Trabalho originalmente publicado na revista Nam Van, Macau, #3 de 1 de agosto de 1984.

47 à data era o Dr. Rebelo de Andrade.

48 à data o General Ramalho Eanes.

49 A Austrália tem um hino oficial datando de 1984 “Advance Australia Fair”.

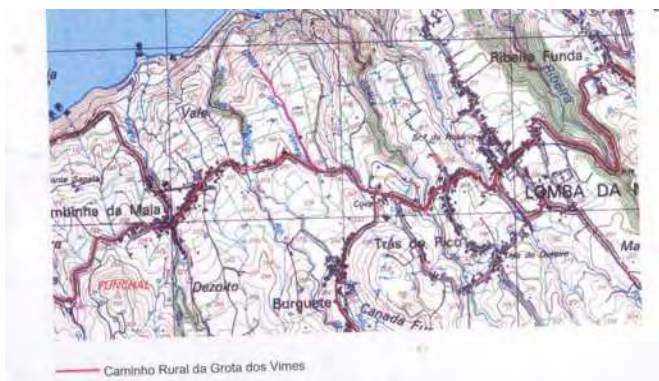
público presente, ainda pouco habituado ao exotismo oriental, mas ocorrendo em doses maciças ao setor dedicado às bebidas. Vieram, a seguir, as danças regionais folclóricas portuguesas pelo grupo 'Aldeias de Portugal' (o mais antigo da Austrália), de fama bem reconhecida na comunidade, constituído por jovens dos 5 aos 20 anos, desempenhando vários números do seu repertório continental e insular (convém não esquecer que uma grande parte da comunidade aqui residente é originária da Madeira). Mais algumas baladas e canções timorenses lançam definitivamente a favor da comunidade maubere o ónus de manter a festa animada e a audiência entretida. Seguiu-se um momento alusivo a Camões, com uma pequena aluna de um dos 'Cursos de Língua e História Portuguesas' recitando passagens célebres de "Os Lusíadas", infelizmente em fracas condições sonoras e com alterações ao texto vernacular. Outras participações idênticas estavam previstas por parte de escolas portuguesas deste Estado, mas foram boicotadas pelos docentes, numa manifestação clara de que nem o 10 de junho acaba com as quezílias e guerrilhas do quotidiano da comunidade. A primeira parte das celebrações do dia de Camões e das Comunidades teria ainda mais danças guerreiras de Timor. Entretanto, a mesa de honra estava a ser servida dos aperitivos típicos: rojões, pastéis de carne, rissóis, carne assada, pão, vinho verde e maduro. O remanescente dos convidados e o Zé Pagante satisfazia-se com a possibilidade de comprar bebidas no bar. Chegados ao intervalo foi-nos servida (haviam-nos convidado para a mesa de honra) uma feijoada à portuguesa. A segunda parte do espetáculo trouxe mais danças timorenses e folclore, tendo culminado com a atribuição de medalhas e troféus a membros da comunidade. Além do embaixador estavam presentes em representação de Portugal, um Vice-cônsul, um Chanceler e dois Secretários Consulares. A festa teria o seu encerramento depois de um baile típico à antiga portuguesa.

Esta foi das melhores festas de 10 de junho que recordo pelo portuguesismo dos Timorenses. A comunidade aliou-se às comemorações, mas não cooperou. Dir-se-ia que Camões no já longínquo ano de 1984, era Timorense na Austrália de contrastes e nacionalidades distintas.

41. CRÓNICA 41. POLÍTICA LOCAL, 11 junho 2007

Houve festa na vizinha Maia neste fim de semana. Aliás, desde as Festas do Divino que as festas ainda não pararam, todas as noites há foguetes e barulho aqui na aldeia até altas horas, num dia destes já eram duas da manhã e os foguetes ainda estralejavam, contrariamente às normas europeia e portuguesas relativamente à poluição sonora. Quando fomos à Maia (à farmácia buscar pensos de nicotina pois a minha mulher vai tentar, mais uma vez, deixar de fumar) vimos em animada conversa com populares, o Presidente da Câmara da Ribeira Grande. Nada havia de controverso nisto não fora o facto de a TV não estar presente e dele ter fama de só sair para se postar em frente às câmaras de televisão.

Ainda falta muito para a próxima eleição, mas este passeio para contactar com as massas deve ser por se ouvirem já algumas críticas a este homem de gabinete com uma acentuada necessidade de marcar a sua atuação pelo desmedido culto da personalidade e da imagem. Na última revista camarária havia mais de 42 fotos dele em cerca de trinta páginas... um caso sério. Recentemente, o nosso Presidente da junta de freguesia (da mesma cor política, socialista) queixou-se dele por estar no poder há quase dois anos e ainda não ter vindo visitar a freguesia nem sequer ser visto pelos seus habitantes. Qual não foi a surpresa, nesse sábado à tarde, quando estávamos a tomar um café e vimos o senhor Presidente da Câmara (sem TV por perto) a dar uma volta pela obra de construção da escadaria nova da igreja e pela obra de construção da nova sede da junta..., mas a visita foi curta e depois dessa breve observação do andamento dos trabalhos lá se foi. Afinal, tinha vindo nessa manhã com o Governo Regional inaugurar um caminho rural (da Grota dos Vimes) com 600 metros de comprido que não vai dar a lado nenhum, permite acesso a propriedades de nove agricultores locais numa zona sobranceira ao mar (veja-se a imagem). Sabemos quão importante é para a agricultura local (a maioria dos votantes na costa norte) a existência destes caminhos rurais, mas não exorbitemos.



Além de obrigarem o legislativo a deslocar-se à Lombinha da Maia onde se situa a nova artéria asfaltada, mais de um ano depois de ter sido aberta ao trânsito, vi in loco que lá plantaram uma lápide num pedestal a assinalar esta inauguração. Daqui para a frente, as gerações vindouras decerto não vão ali parar, tipo romagem, e homenagear o grande homem que ali descerrou tão inútil placa. Esta mania dos governantes portugueses porem lápides em tudo o que é sítio para assinalarem a sua passagem tem origens históricas antiquíssimas: os padrões das Descobertas. Em versão majestosa como este em baixo tendo por pano de fundo a Torre de Belém.



Existem também em versão mais comum para exportação como este em Cannon Hill, Warrnambool, Estado de Vitória, (na Austrália, claro) a marcar onde as naus de Cristóvam de Mendonça terão chegado entre 1521 e 1525 e a cuja inauguração assisti em 25 fevereiro 1990, mas sem que lá tenha ficado escrito na lápide quem foi o ministro que a inaugurou...

42. CRÓNICA 42 DOS AÇORES A BRAGANÇA VAI O VOO DUMA SATA, julho 3-9 2007

Há dias assim, uma pessoa levanta-se e é noite cerrada. Lembro-me num passado (não muito distante) de quando isto era a regra. Trabalhar das 8 e meia às cinco, mudar de emprego e de chapéu até à hora de jantar e depois trabalhar até às duas ou três da manhã para, logo a seguir, lá pelas sete estar, de novo, a pé... Na época era um mero escravo do trabalho, ou como sói dizer-se em português politicamente correto, um trabalhólico. Mas este acordar de noite deve-se a uma circunstância única na minha vida, a de acompanhar os alunos da minha mulher numa visita de estudo ao continente, mais propriamente à minha benquista Bragança. Nunca crianças, que não as minhas, me haviam obrigado a este toque de alvorada tão a despropósito para mim que não sou cuidador de vacas como os meus vizinhos.

Itinerário dia 20 junho

06.30 h - Lomba de S. Pedro - Ponta Delgada (aeroporto)

12.15 h - (locais) - Chegada ao Porto

12.30 h - Partida para Bragança em autocarro

13.10 h - Paragem almoço em Penafiel - a cargo dos alunos ou levam o almoço

16.00 h - Chegada a Bragança, paragem na Residencial

17.00 h - Visita ao Mercado Municipal e ao Cibercentro

20.00 h - Jantar

Cheguei ao aeroporto João Paulo II, ou da Nordela, em Ponta Delgada, já a minha mulher estava à frente duma fila de crianças impacientes, irrequietas e palradoras, aguardando a sua vez de embarcar. Coloquei-me, com o meu filho mais novo, noutra fila, pois sabia que a demora ia ser grande a processar bilhetes de identidade e cartões de contribuinte de 21 criança e três adultos. Já dentro do avião, eram 09:10, a algazarra era enorme, a confusão maior perante o sorriso condescendente dos comissários de bordo. Fez-se silêncio ao levantar voo, logo acompanhado de ais e uis quando o aparelho se inclinou após ter deixado o contacto com o solo. Para muitos esta

não só era a primeira viagem de avião, como a primeira saída da ilha que os viu nascer. Para a maioria, esta viagem (quicá única) será um marco nas suas memórias que tempo algum jamais obnubilará, pois estão condenados a ficar na ilha, a casar, ter filhos e a tratar de vacas para o resto das suas vidas, logo que acabem os estudos a que os forçam.

Ao aterrar, pelas 12:10, verificou-se a usual salva de palmas para o piloto, este é um costume açoriano muito peculiar, mas que, no caso vertente, nem teve razão de ser pois foi uma das piores aterragens que já fiz em centenas de voos.... Seguiu-se a corrida e o espanto ao longo dos futuristas e metálicos corredores do aeroporto Sá Carneiro no Porto. Não pude deixar de esboçar um sorriso quando passei por eles, parados e embasbacados junto à primeira área de bagagens que ostentava no ecrã a indicação de Bordéus... Alguém os redirecionou para a área correta, a tempo de correrem para o carrossel de bagagens.

Saíram, pelas 13:00 horas, para uma camioneta da autarquia de Bragança que os esperava e, nesta altura, o vozear era ensurdecedor, seguido de milhentos toques de telemóvel a avisar as famílias que tinham aterrado em segurança, como decerto Vasco da Gama gostaria de ter feito ao desembarcar em Cochim nos idos de 1498. À autoestrada não prestaram grande atenção, mas admiraram-se dos inúmeros prédios altos que circundavam a rodovia na saída do Porto. Passados quarenta minutos, que lhes pareceram uma eternidade, pararam para um almoço volante na área de serviço de Penafiel, onde não pararam de comprar coisas na loja de conveniência e de gastar dinheiro nas inúmeras maquinas de jogos que ali existem...o tormento da viagem feita ora sob calor ora sob céu encoberto e chuviscos ia durar até Vila Real onde se aperceberam de que a distância de Bragança ao Porto é quatro vezes o comprimento da maior ilha açoriana, S. Miguel. Seguiam-se as incessantes perguntas sobre quanto tempo falta, a uma cadência de dez em dez minutos. Eram 16:20 ao chegar a Bragança num dia semiencoberto, mas sem frio. Lá se descarregaram as bagagens para os seus quartos e começou o tormento do velho elevador da residencial, acabado de descobrir por crianças que raríssimas vezes terão visto um aparelho semelhante. Depois de acomodados, os professores (eram três) que os acompanhavam levaram-nos ao Mercado Municipal e ao Cibercentro. Após o obrigatório banho (a que muitos decerto jamais se habituaram a ser uma rotina diária) iam os jovens bem cheirosos (como se fosse dia de festa) a caminho do restaurante onde se iriam deparar com comida que nunca tinham visto e sabores desconhecidos sem a habitual pasta de pimentão e outros temperos típicos da Ilha de S. Miguel.

A algazarra durou todo o jantar e - duma forma ou doutra - acabaram todos por fingir comer a sopa de legumes, o prato e a sobremesa que lhes caíra na rifa. Eu aproveitei para ser visitado por alguns poucos amigos que decidiram aproveitar a pausa do jantar para trocarem umas curtas palavras. Acabado o jantar, os professores decidiram levá-los ao Centro Comercial o que para muitos foi uma experiência rara, dado que raramente se deslocam dos seus locais de residência a Ponta Delgada onde existe o maior Centro Comercial da Ilha de S. Miguel. Embora o Centro Comercial do Nordeste Transmontano seja mais pequeno que o seu congénere micaelense fez as delícias de todos até à hora do fecho.

Recolhidos aos seus quartos, a agitação parecia não ter fim, com portas a abrirem e a fecharem, os conluios noturnos da primeira noite fora da alçada paterna, a motivarem uma intervenção mais enérgica dos professores a fim de não incomodarem os restantes habitantes da residencial que também tinham direito a descanso.

dia 21 junho

09.00 h - Comboio turístico

10.00 h - Visita à Santa Casa da Misericórdia, Escola Dr. Diogo Albino de Sá Vargas, Lar 3ª Idade

11.00 h - Visita à Feira Municipal

12.30 h - Receção pelo Sr. Presidente da Câmara

13.00 h - Almoço (Santa Casa da Misericórdia)

14.30 h - Parque Natural de Montesinho. Visita a Rio de Onor e à aldeia preservada de Montesinho

20.00 h - Jantar

Na manhã seguinte, ainda a sala dos pequenos-almoços não tinha aberto e já lá estava a maioria dos 22 jovens ávidos de saírem. Primeiro foi um passeio no comboio turístico pela cidade, cerca duma hora, e curta deslocação (cerca de dez minutos a pé) até ao complexo da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, onde após visita às instalações, lhes foi proporcionado um pequeno concerto coral pelos alunos da escola de música da Misericórdia, gravado pela RTP local. A excitação de fazerem parte dum programa televisivo aumentou nalguns decibéis a agitação geral, a que se seguiu depois duma passagem pelas cinco salas de aula do 1º ao 4º ano uma visita ao Museu Etnográfico Dr Belarmino Afonso, onde se depararam com utensílios agrícolas distintos dos das ilhas dos Açores.

Na sala da esquerda podia ver-se como se fazia o pão, bem como fotografias que mostravam o ciclo do pão e algumas peças que se usavam para fazer este alimento. Uma funcionária explicava as máquinas antigas que moíam a farinha e que era o processo de fabrico mais demorado do "Ciclo do Pão". De seguida fomos ver como se fazia a massa do pão. Vimos também os fornos e desenhos das crianças sobre o ciclo do pão.

Na sala do centro via-se um carro de bois ao lado da estátua do fundador. Viram-se lindas antiguidades, como o tear onde se faziam tapeçarias de linho e algodão. Apreciamos igualmente a mosqueira, onde se guardava a comida, protegendo-a dos insetos. Viu-se também uma casa velha, com um baú com vestidos antigos e outras roupas, carteiras de pele antigas, bancos e escanos. Também se observou a planta do linho e o que se podia fazer com este material: toalhas, camisas de dormir e lençóis já colocados numa cama. Ali perto estavam umas cântaras de barro que serviam para ir buscar água ao poço.

Para muitos esta foi a primeira visita a um Museu, a que se seguiu a visita à feira municipal que se desloca a Bragança três vezes por mês, a 3, 11 e 22. Durante cerca de hora e meia os sacos acumulavam-se nas suas compras desenfreadas. Arrumadas as compras no hotel, foi uma correria para os Paços do Concelho onde o Presidente da Câmara local aguardava a oportunidade de dar as boas-vindas aos jovens estudantes, naquilo que foi a primeira visita oficial duma delegação açoriana ao município bragançano.

Foi passado um vídeo sobre o distrito, oferecidos livros de banda desenhada sobre a história de Bragança e os mais novos puderam fazer perguntas ao edil. Após este ato solene, seguiu-se o almoço juntamente com os alunos do ensino primário da escola da Misericórdia. A maioria estranhou imenso a comida e comeu mal, mas alegremente. Seguiram os alunos para um autocarro dos STUB (transportes públicos urbanos da Câmara) que os iria levar pela extremidade oriental do Parque de Montesinho. A área das serras de Montesinho e Coroa foi escolhida para Parque Natural por reunir condições em que é visível a integração harmoniosa do homem com o meio ambiente. O Parque Natural de Montesinho foi criado em 1979, sendo uma das maiores áreas protegidas de Portugal.

Com uma superfície de 75 000 ha, inclui cerca de 9 000 habitantes distribuídos por 92 aldeias. É constituído por uma sucessão de elevações arredondadas e vales profundamente encaixados, com altitudes variando entre os 438 m e os 1481 m onde as aldeias, aninhadas em pontos abrigados e discretos, passam facilmente despercebidas aos olhos do visitante ocasional. Região povoada desde há milénios, conserva vestígios arqueológicos em muitas das suas aldeias. Algumas possuem ainda nas toponímias antigos nomes de fortificações castrejas; outras, antigas propriedades rurais, exibem nomes pessoais de origem germânica, atribuídos pelos colonizadores visigodos, que conservavam o costume romano de dar às "villas" o nome de "dominus", ou proprietário. Após a queda do Império visigodo e a formação da nacionalidade, uma das primeiras preocupações dos soberanos foi povoar o reino, através da distribuição de terras a fidalgos e à Igreja., e da criação de um sistema de "forais" coletivos, já que as rudes condições geográficas e sociais desses tempos exigiam que toda a organização do espaço dependesse da vida em grupo. Ainda hoje, as estruturas económicas e sociais das aldeias conservam hábitos comunitários. O que dá a este Parque características únicas no nosso país é precisamente a forma como ao longo dos séculos as populações souberam integrar-se harmoniosamente na paisagem, apesar das peculiaridades geoclimáticas. http://www.cm-braganca.pt/pagegen.asp?SYS_PAGE_ID=496563

Passado Guadramil chegaram a Rio de Onor, onde se divertiram longamente com o falar dialetal local, com a diferença nas pessoas, casas, usos e costumes e a excitação de passarem a fronteira para o Reino de Espanha. Mais compras, e centenas de fotos depois, regressaram à estrada com paragem na aldeia preservada de Montesinho, terra de ótimo mel e belezas naturais com inúmeras casas de turismo rural. Já de regresso a Bragança uma paragem em França. Um dos alunos, já farto de tanto andar de autocarro, que as distâncias aqui não se assemelham às da ilha micalense, quando lhe disseram que ia a França perguntou “depois de tantas horas a andar de autocarro ainda vamos a França? E a que horas vamos regressar?” Esta paragem motivou inúmeras fotografias e várias cenas cómicas, como a da mãe duma aluna ao telefone a perorar que não tinha autorizado a filha a deslocar-se a tantos países...quando recebeu MMS da filha fotografada na placa da pequena aldeia transmontana.



e quem te autorizou a ir a França?

Diver tiraram-se imenso e aprenderam que não é apenas na Sibéria que há estepes pois na zona de Montesinho ela existe também, pois este Parque Natural reúne três tipos distintos de vegetação e de geografia que vão do extremo do planalto mirandense aos montes e vales mais profundos das serras de Montesinho e Coroa. Foram vários os rios atravessados e vistos, e lembremo-nos da não-existência de rios nos Açores... tudo era novidade e tudo era ávida e sofregamente digerido por estes jovens. Após o regresso, o banho e o jantar seguido de nova incursão ao "shopping". As cenas habituais da demora em adormecerem e acalmarem, as trocas de quarto e as habituais provocações intersexos próprias da idade.

dia 22 junho

08.45 h - Visita à Cidadela, ao Castelo e Museu Militar

11.30 h - Museu da Máscara

13.00 h - Almoço (Santa Casa da Misericórdia)

16.00 h - Partida rumo a Macedo de Cavaleiros - Lago e Barragem do Azibo e Porto

20.00 h - Chegada aeroporto Porto (jantar bar aeroporto ou avião)

00.30 h - Chegada à Maia



O último dia amanheceu mais quente e lá estava o autocarro da Câmara após o pequeno-almoço à espera dos jovens para os transportar até ao Castelo, onde se deliciaram com os restos doutras eras, no magnífico Museu Militar.

E provável que, em povoado tão próximo da fronteira, se tenha construído uma linha defensiva, ainda no reinado de D. Sancho I (dador do 1º foral em 1187). D. Dinis, nos fins do século XIII, teria mandado construir o primeiro castelo (mais um "castelo novo" dos muitos que foram edificadas no seu tempo), afirmando-se, assim, a importância do aglomerado. É sobre este castelo que se constrói o que hoje podemos ver (As obras, iniciadas em 1409, com D. João I, só terminam 40 anos depois). http://www.cm-braganca.pt/pagegen.asp?SYS_PAGE_ID=493799. Em 1377, reinava D. Fernando, a "Vila" já estava totalmente cercada. A fonte d' El-Rei - "poço do rei" - e os panos de muralha devem datar do séc. XV, reinado de D. Afonso V. Não há certeza concreta, quanto à data da criação do Museu. Contudo julga-se que terá ocorrido entre 1928 e 1933. A 30 de maio 1933, foi um louvor ao então Comandante do Regimento de Infantaria n.º 10, Coronel António José Teixeira, onde lhe era atribuída a "criação e organização do Museu Militar de Bragança como repositório das relíquias gloriosas que dizem respeito ao Exército". Organizou e implantou em três salas do último piso da Torre de Menagem um pequeno Museu. Com a extinção em 1958 do Batalhão de Caçadores n.º 3, junto do Castelo, o espólio foi transferido para o Museu Militar de Lisboa. Em 1979, deu-se a extinção da última Unidade militar sediada em Bragança. Em 1981, o CEMGFA, General Ramalho Eanes, encarregou o Diretor do Museu Militar de Lisboa de proceder à reinstalação do antigo Museu Militar de Bragança. O antigo acervo existente foi significativamente ampliado, ficando constituído por um total de 14 salas de exposição, inaugurado em 22 de agosto de 1983. Atualmente o Museu ocupa 16 salas, distribuídas pela cripta e quatro pisos. Do terraço pode desfrutar-se de uma vista deslumbrante, podendo observar-se Bragança, grande parte do Parque Natural de Montesinho e algumas serranias espanholas, cobertas de neve, durante uns meses ao longo do ano. Os expositores apresentam a evolução do armamento, desde a armaria dos séculos XIV, XV, XVI, ao armamento ligeiro dos séculos XVI ao XX. É dado relevo às ações militares relevantes dos Bragançanos, nas Invasões Francesa, Campanhas de 1895/96 em Moçambique e 1ª Grande Guerra 1917-1918. http://www.exercito.pt/portal/exercito/_specific/public/allbrowsers/asp/acessibilidade/historial.asp?ueo_id=152. As ameias, os torreões e as altas escadarias tudo despertava o interesse, inicialmente centrado nas lendas da Torre da Princesa a que não podiam aceder. Seguiu-se uma curta passagem pela Igreja de Santa Maria, pela Domus Municipalis e a visita ao recém-inaugurado Museu Ibérico da Máscara e do Traje instalado na cidadela de Bragança. No seu acervo estão objetos de 29 localidades, 18 de Trás-os-Montes e 11 da província de Zamora. Em exposição permanente estão 60 máscaras, 45 trajes e um percurso da

máscara em Portugal e Espanha, com 46 artesãos. A inauguração foi a 24 fev^o 2007 http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_seu_l%C3%A9rico_da_M%C3%A1scara_e_do_Traje

Este era já o terceiro Museu em dois dias e provavelmente mais do que irão ver no resto das vidas, condenados que estão a seguirem as pisadas ancestrais de cuidadores de vacas e de domésticas mães de filhos destinados à lavoura. Esta foi decerto uma viagem que lhes irá ocupar as mentes por tempos infindos abrindo novos horizontes e quiçá levando-os a almejar por voos mais altos. Depois do almoço, foi o regresso ao Porto com a paragem obrigatória na catedral do Dragão para os amantes do F. C. do Porto e a descoberta do trânsito em hora de ponta na VCI rumo ao aeroporto. O regresso ao torrão natal fez-se sem sobressaltos com um grande número de pais esperando os filhos à chegada já pela meia-noite para as horas de narrativas sem pausa que se iriam seguir.

Curiosamente eram 22 os jovens à partida e 23 à chegada, porque o meu filho resolveu trazer de lá o seu amigo dos tempos de Bragança, Stefan para aqui passar uns dias. Ele lá veio, temeroso com esta sua primeira saída do seio materno e paterno, restritivo. Educado e nascido na Suíça, viveu esta metade da sua vida de 12 anos em Bragança. Foi a sua primeira viagem de avião e portou-se bem sem grandes medos. Deveria ter ficado até dia 6 de julho, mas acabou por permanecer até dia 17, tendo ido a todos os principais locais dos percursos turísticos da ilha, e várias vezes à praia. Aliás era sempre aí que queria ir, dada a ausência de praia no nordeste transmontano...aguentou-se bem e satisfeito, embora nos últimos dias já estivesse com saudades dos pais e irmã. Foi o feliz contemplado com umas férias de Bragança aos Açores, que jamais esquecerá, assim como em sentido contrário, os restantes 22 jovens jamais esquecerão a ida dos Açores a Bragança. Ficamos satisfeitos por termos proporcionado estas alegrias aos jovens. Esperemos que as preservem e cuidem delas.

43. CRÓNICA 43 - OS 500 ANOS DA RIBEIRA GRANDE, 3 agosto 07



A Ribeira Grande recebeu hoje milhares de pessoas na celebração dos seus 500 anos, cujas festividades incluíam uma bem elaborada recriação medieval, com torneios a cavalo, e outras atividades. A animação prolongou-se até altas horas da madrugada, numa cidade onde à noite o movimento é, normalmente, escasso e a participação popular não costuma ser tão abrangente. Pena é que as lições medievais representadas nunca tivessem provavelmente ocorrido naqueles modos aqui nos Açores, mas sim no Continente e provavelmente um ou dois séculos antes...

Melhor fora recriar, de novo, o foral da cidade, ou a vida difícil naqueles tempos antes dos terríveis acontecimentos que se haviam de suceder à formação do burgo. A verdade histórica foi adulterada e as pessoas vão pensar que havia cavaleiros em torneios medievais disputados entre as casas da Ribeira Grande e de Vila Franca... O período da Idade Média foi delimitado com ênfase em eventos políticos e ter-se-ia iniciado com a desintegração do Império Romano do Ocidente, no século V (476 d. C.), e terminado com o fim do Império Romano do Oriente, com a Queda de Constantinopla, no século XV (1453 d. C.). A Era Medieval pode também ser subdividida em períodos menores, num dos modos de classificação mais populares ela é separada em dois períodos: Alta Idade Média, que decorre do séc. V ao X; Baixa Idade Média, do séc. XI ao XV. http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_M%C3%A9dia

Adiante, o que sei, e bem pouco é, sobre os primeiros anos da cidade:

A Ribeira Grande está a celebrar os seus 500 anos. Foi fundada em meados do século XV na "margem direita da foz da ribeira que lhe deu o nome...sufragânea de Vila Franca, onde mais eram os casebres de "pau-a-pique",

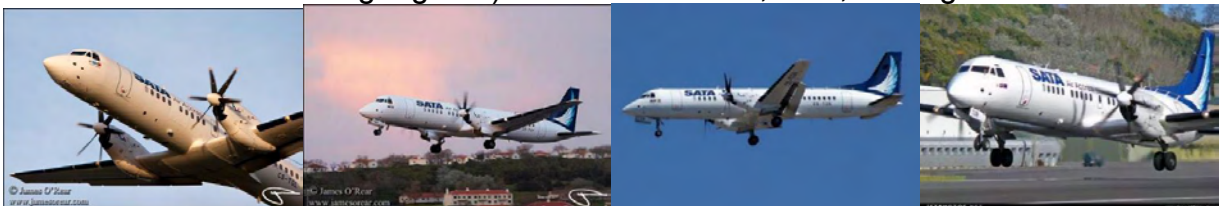
cobertos de colmo, onde se abrigavam os pobres, do que as casas de pedra e telha onde habitavam já à volta do largo de Santo André, alguns homens mais abastados ou mais nobres.” É naquele local que se encontra a rua “dos Fundadores da Vila” onde foi edificada a mais antiga ermida da Ribeira Grande, a Sto André, reconstruída em 1648, segundo um manuscrito de João Cabral de Melo e Silva. “Durante os primeiros cinquenta anos da sua existência, este isolado aglomerado urbano nem uma simples ermida tinha onde pudessem orar... construíram a primeira, com a evocação de N. Sra. do Loreto, no sítio onde hoje se encontra a Igreja da Matriz, um pequeno templo coberto de palha e com ingénuo painel pintado por cima do altar.”⁵⁰ Só mais tarde a Ribeira Grande se expande para a margem esquerda, tendo sido seu primeiro habitante João do Outeiro, cuja casa viria a ser comprada para a construção do Teatro Ribeiragrandense. O Recreatório, o Largo Gaspar Frutuoso e o Salão dos Bombeiros, transformados, adaptados, ou até mesmo preparados regularmente para locais de exibição de récitas, de concertos musicais e de filmes, iam dando conta da realidade cultural que aqui florescia. Edifício de arquitetura eclética, o monumental Teatro Ribeiragrandense foi inaugurado em 1933, e remodelado e reaberto em maio de 2000. Voltemos, pois, à nossa História. “Em 1507 muitas outras dificuldades e carências fundamentais tinham já sido, todavia, resolvidas. As terras que tanto haviam custado a desbravar, já se desentranhavam em fartas produções de vários géneros e as águas impetuosas da ribeira, já emprestavam boa parte da sua força às pedras dos moinhos. Estavam assim criadas as condições mínimas para uma efetiva e duradoura sobrevivência. E os heroicos Homens das Descobertas que aqui chegaram e que aqui se fixaram em obediência às ordens do Infante de Sagres aqui também cresceram e se multiplicaram em obediência à lei de Deus. Na alma forte destes homens havia uma excepcional capacidade de fé e de resignação, provinda da Idade Média. Mas havia também uma enorme ânsia de melhor vida gerada pela Renascença. E esta ânsia levou-os a solicitar ao rei um diploma que lhes abrisse, mais amplamente, as portas do seu destino.” Assim, a Ribeira Grande foi elevada à categoria de Vila por Foral de El-rei D. Manuel I de 4 de agosto de 1507 com uma área de “uma légua em redor do pelourinho em frente aos Paços do Concelho”. A Igreja Matriz foi construída de 1507 a 1526 por um mestre biscainho, João de la Pêña. Em 1563 tinha 794 fogos com 2 583 almas...” ... Em 1526-1527 a peste assolou o povoado, com os homens a arrancarem, o teto das casas e delas se afastando durante um ano.” No dia 25 de junho de 1563, houve a erupção vulcânica da Serra de Água de Pau que destruiu Vila Franca, todas as suas casas, igrejas e ermidas. Três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas, seguida de inundações torrenciais que arrastaram para o mar tudo quanto havia ficado de pé, incluindo os moinhos. No lugar do Pico das Berlengas surgiu a enorme cratera hoje conhecida como a Lagoa do Fogo. Durante quatro décadas durou a reconstrução, que aqueles homens não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza. Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram tudo, limpando as terras, recompondo os moinhos, refizeram as casas e repararam os templos, erguendo a nova ermida de N. Sra de Guadalupe, depois incluída na Igreja de São Francisco onde hoje forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna. Nos alvares do século XVII uma nova Vila cresceu, de ruas mais largas e mais direitas, com casas mais amplas e mais belas e templos mais vastos e mais sólidos. Flagelada, ao longo dos tempos, por calamidades naturais sobreviveu a todas e tem vindo a crescer para as povoações vizinhas. Foi pioneira da indústria têxtil na região e sede da primeira central geotérmica e a 29 junho 1981 foi elevada a cidade.⁵¹

Isto tudo a propósito da festa que ontem se iniciou.

44. CRÓNICA 44 SENHORA DA ASSUNÇÃO E DE CUECAS. 14 agosto 2007

45. CRÓNICA 45 FÉRIAS NO FAIAL, 6 set. 07

Não é fácil dizer a quem trabalhou no duro durante um ano que não se podem tirar férias e assim começa esta história a 22 de agosto, data da partida para uns curtos nove dias de relaxamento e de conquista do desconhecido nas ilhas do meio ou do triângulo. Trata-se (para os menos versados em geografia) das ilhas do Faial, Pico, S. Jorge.



Não sei exatamente se era o CS-TKK, ou o CS-TGN, CS-TGY, CS-TGN, CS-TGX, CS-TGL, mas era um deles. A partida prevista para as 10 horas correu anormalmente bem, fizemos o check-in em menos de dois minutos, entramos e aguardamos a chamada. Como os lugares nestes voos internos não são marcados éramos os primeiros da fila após dois inválidos em cadeiras de rodas. Entramos, o avião fez-se à pista e vira para arrancar rumo a noroeste.

Espera aí, que ruído é este? Falta de potência no motor ao lado da minha janela esquerda? Bem me pareceu... o outro motor acelerou bem, mas este parecia um dos antigos corta-corrente que os carros tinham para cortar a gasolina, e fanava-se ao aumentar a rotação do motor... Parámos, alguns olhares entrecruzados dos turistas e não só que estavam a bordo, num total de 53 pessoas mais tripulação. Mas que se passa? Os motores pararam e o piloto vai fazer nova tentativa de arranque, isto cheira-me a experiência de motor, 1, 2, 3 senhores passageiros, não se preocupem, vou só ver se estes motores se decidem a arrancar ara voarmos duas horas por cima do mar, mas não

50 (Vasconcelos, J. G. op. cit.).

51 (Vasconcelos, J. G. op. cit. e Moreira da Silva, Armindo de Melo)

há perigo, as águas nem são frias e não há tubarões por perto... nova tentativa abortada e o avião vai lentamente para o hangar que fica na extremidade sul da pista. Um autocarro leva-nos de novo à gare de embarque com o circunstancial aviso de que “problemas técnicos nos impedem de prosseguir a viagem, por favor aguardem até que lhes seja comunicado algo...” Na gare junto ao guichet da SATA seis pessoas impacientes esperavam já a vez de serem atendidas e uma delas deixou escapar o desabafo de estar ali há mais de uma hora... não há crise, como só nos darão mais informações pelas 11 e meia ou meio-dia podemos esperar na fila da SATA. Assim fizemos, eram umas onze e meia (apenas desesperámos uma hora) quando fomos atendidos. Pretendia eu que a funcionária nos fizesse uma marcação para o voo das 15 horas, independentemente do que se passasse com o avião ora estabilizado o hangar. A senhora (já exasperada com os protestos e as bocas dos que me antecederam insatisfeitos com o serviço de monopólio proporcionado pela SATA) acabou por nada me poder fazer alegando que aquele voo já estava preenchido. Felizmente pelas 13 horas vejo os meus companheiros de voo dirigirem-se, de novo, para o controlo de passageiros e bagagens, (a instalação sonora do aeroporto João Paulo II deixa muito a desejar, pois ninguém ouve ou entende o que se anuncia). Segui-os, a melhor tática em aeroportos é a do carneiro. Embarcamos e (não há lugares marcados nos voos internos) ficamos instalados mesmo ao lado do motor a fim de termos a certeza de que se avariasse saberíamos o motivo de a viagem terminar assim... desta vez, levantamos voo sem incidentes, com três horas e meia de atraso. Quase no final do voo, começou a sentir-se um cheiro a motor queimado e a haver uma trepidação esquisita nesse mesmo motor. Felizmente aterrámos sem problema, mas demos graças a quem cuida de nós por nos ter levado a bom porto. Recordarei esta viagem como uma das mais esquisitas das centenas que fiz. O mais trepidante dos motores quase fazia esquecer esta imagem do Pico mesmo ao lado do avião imponente nos seus 2351 metros. Depois das curtas formalidades levantei o carro e rumei por Castelo Branco fora rumo aos Flamengos onde iríamos ficar na Quinta do Vale. Trata-se de um empreendimento rural que foi destruído antes de ser construído. Ou seja, quando ocorreu o grande tremor de 1998 as duas casas rurais estavam a ser arranjadas, mas só se lhes aproveitou a fachada que foi mantida.



Descarregadas as malas, e vistoriado o meio ambiente, resolvemos ir a essa instituição mundial, o Peter's, e mesmo ao lado existe a melhor loja de roupas (e preços) da ilha (e é Peter's) ...o resto vem nos livros e há um cheiro e um ambiente muito peculiar: cheira a Hemingway, disse eu..., mas aquilo estava quase sempre cheio a qualquer hora do dia, disso ninguém tem dúvidas.

Nessa tarde ainda fomos dar umas voltas para ficar a conhecer a Horta e áreas adjacentes. A paisagem é bonita, as baías, quer a da Horta e a da Conceição quer a de Porto Pim são um espanto, de dia ou de noite com aquela vista deslumbrante sempre à sombra imponente do Pico que ora se esconde, ora revela num constante jogo do gato e do rato, que nos entusiasma e nos prende: há aqui sortilégio. Esta terra marca, estou a adorar isto. Nem demasiado grande, nem demasiado pequena, muito cosmopolita, pois só no primeiro dia já tinha ouvido espanhol, italiano, holandês, sueco, finlandês, inglês, francês e português de vários quadrantes. Achei a comida cara, e a ida ao supermercado Modelo assim o comprovou. Existem poucos minimercados, algumas lojas tradicionais, poucas lojas de roupa ou boutiques e demorou a encontrar um sítio onde um prato de comida rondasse os 5-7 euros, a média ia acima dos 10 e muitas vezes dos 15 euros por prato principal. Mas acabei por encontrar quase tudo o que precisava para viver ali. Já falarei disso, se me lembrar...

As pessoas simpáticas, sem serem subservientes. Ninguém perguntou (ao contrário de S. Miguel) se estava a gostar da ilha, disto ou daquilo. As águas eram servidas com copo sem me perguntarem se o queria ... A falta do sotaque micalense era uma dádiva da qual os locais se orgulhavam, pois, vangloriavam-se de falarem o português mais parecido ao de Portugal dentre todas as ilhas. Que diferença do sotaque ininteligível de Rabo de Peixe ou dos Fenais da Ajuda... Ao fim do segundo dia já déramos a volta a toda a ilha, sem ser pelas estradas principais, tendo já ido ao incontornável, lunar, estranho e fantasmagórico ponto mais ocidental: o do vulcão dos Capelinhos, brr... aquilo faz arrepiar, em especial depois de vermos os filmes, fotos e imagens da época (out^o 1957 a nov^o 1958), a emigração para os EUA depois do J. F. Kennedy aprovar uma lei especial para os refugiados dos Capelinhos.

Cinza, só cinza e areia, vegetação escassa e a terra cheia de sulcos profundos onde nos enterramos com facilidade. Dos 2,5 km² que o vulcão acrescentou à ilha, a erosão, a ação do mar e outros elementos já desfizeram quase tudo, restando apenas 0,5 km². Obras no local aprontam um novo centro de interpretação, com 20 novos formandos prestes a entrar em atividade na altura em que se irão celebrar 50 anos da erupção.



Estivemos no Salão, terra simpática na costa norte a pequena distância dos Capelinhos. A história recente da freguesia fica marcada pelo sismo de 9 de julho de 1998. O Salão encontrava-se relativamente próximo do epicentro, e devido a esse facto, a destruição de grande parte das habitações e lugares da freguesia foi bastante notória. Pouco passava das cinco horas de manhã, quando um violento sismo destruiu grande parte das casas e infraestruturas da freguesia:

- Destruição total da Igreja Paroquial do Salão;
- Destruição significativa do Império do Divino Espírito Santo;
- Destruição completa ou parcial da maior parte das moradias;
- Pontes parcialmente e totalmente destruídas;
- Acesso ao Porto do Salão destruído;
- Snack-Bar (o único) "A Canoa" destruído totalmente.

Esta poderia ter sido a descrição que o senhor José (Sebastião de Freitas) do café local nos deu do violento sismo que se abateu sobre toda a ilha desde o salão, à Ribeirinha onde o farol ficou destruído e bem assim a igreja.



Ribeirinha Farol



Igreja Ribeirinha



Igreja Flamengos

O sismo abalou os Flamengos, destruiu a igreja local (ainda hoje as missas se realizam no pavilhão gimnodesportivo local pois o auxílio económico para a reconstrução não dá para repor a igreja) e chegou a Castelo Branco... Antes de saber destes factos, interrogara-me por que é que as igrejas e faróis estavam todos destruídos nestas ilhas. Seria possível que o povo não gostasse de marinheiros e de clérigos? Não, quem não gosta é a mãe natureza...

Mas o que o simpático setuagenário Sr. José, do Salão, nos disse foi que naquela manhã toda a gente se levantara ao primeiro tremor e saíra para a rua, os que ficaram em casa morreram. O picaresco da situação foi a igreja que caiu quase toda de uma só vez, menos o altar onde estava a padroeira da freguesia (a N^ª Sr.^ª do Socorro), e quando uns populares a foram buscar foi o altar que acabou por desabar salvando-se a "santa". No cemitério, os caixões vieram todos à tona abertos e demorou meses a ser possível reenterrá-los, incluindo o próprio pai do nosso interlocutor que morreu uns meses antes. As ondas de choque provocadas pelo sismo haviam agitado o terreno do cemitério e desenterrado os mortos. Esta igreja foi a única que ruiu completamente, as restantes, incluindo as de Pedro Miguel aguentaram-se e não caíram totalmente... Este senhor tinha 21 anos quando ocorreu a erupção dos Capelinhos, estando então na tropa e tendo assistido durante treze meses a todo o horror de destruição que ocorreu, e ao "voyeurismo" das populações que não arredavam pé do local, nem queriam abandonar as suas casas que viriam a ser todas destruídas.

Recapitulemos:

No dia 9 de julho de 1998, ocorreu um sismo de magnitude 5,8 (Md) com epicentro a 17 km a NE da cidade da Horta, Faial, com intensidade máxima de VIII (Escala de Mercalli Modificada). Este sismo provocou, oito mortos e estragos significativos no parque habitacional, na rede viária, nos sistemas de abastecimento de água, energia elétrica e de telecomunicações. Há também a registar avultados estragos no parque habitacional de S. Jorge e do Pico. Além destes danos há a registar a ocorrência de numerosos deslizamentos translacionais superficiais, especialmente nas arribas litorais mais próximas da zona epicentral (no Faial, Pico e S. Jorge) ao longo de várias escarpas de falha e na vertente norte do vulcão central (no Faial). Os recuos da linha de costa identificados no Faial, causados pela grande densidade de movimentos de vertente, foram nalguns casos superiores a 10 m. O movimento de vertente com maior expressão, respondeu a uma escoada de detritos que ocorreu na vertente norte da Caldeira, numa zona conhecida por Alto do Chão ou Risco. Fruto da topografia, o material solicitado foi canalizado para a Ribeira do Risco, aonde se encontravam as nascentes captadas pela Câmara Municipal da Horta para abastecimento das populações, ficando soterradas ou parcialmente destruídas.



e escarpa da lomba grande

movimentos de vertente no interior da caldeira⁵²

Aliás no século XX foram inúmeras as manifestações sísmicas no arquipélago, a saber.

1907 Erupção submarina - A 1 de abril detetou-se uma erupção a 400 m de profundidade no Banco Mónaco (SSW de S. Miguel). Emitiu cinzas e cortou o cabo submarino S. Miguel - Faial.

1911 Erupção submarina na Fratura Mónaco - Em março detetou-se uma pequena erupção a cerca de 200-300 m de profundidade a SSW da de 1907. Terá durado apenas algumas horas.

1926 Grande sismo da Horta - A ilha do Faial foi sacudida por sismos de intensidade variável, um dos quais, a 5 de abril, provocou danos em edifícios nas freguesias de Flamengos, Ribeirinha e Conceição, nos lugares de Farrobo, Lomba e Espalhafatos. A 31 de agosto, pelas 8:42, a ilha foi sacudida por um violento sismo que provocou 8 mortos, mais de 200 feridos e destruição generalizada na cidade da Horta, especialmente na freguesia da Conceição, e nas freguesias de Praia do Almojarife (das 220 casas 16 ficaram habitáveis), Flamengos, Feteira e Castelo Branco e na zona entre a Lomba do Pilar e o Salão. Ao todo ficaram derrubadas, total ou parcialmente, 4138 casas.

1957-1958 Erupção dos Capelinhos, Faial - De 16 a 27 de setembro de 1957 sentiram-se na ilha do Faial mais de 200 abalos de terra, de intensidade fraca. A 27 de setembro iniciou-se uma erupção submarina a cerca de 1 km de distância da Ponta dos Capelinhos. A erupção evoluiu formando primeiro uma ilha que, com o aparecimento de um istmo, se ligou a terra. O vulcão manteve-se em atividade até outubro de 1958. O tremor associado ao vulcão e a queda de cinzas e materiais de projeção provocaram a destruição generalizada das habitações e campos do oeste do Faial. Legislação passada pelo Congresso dos EUA permitindo a imigração de açorianos desencadeou um êxodo de que a demografia das ilhas ainda não recuperou.

1963 Crise sísmica e erupção submarina frente a St^a. Luzia, Pico - Entre os dias 12 e 15 de dezembro, os sismógrafos instalados no Faial registaram tremor vulcânico ao largo do Cachorro, St^a Luzia, costa norte do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de dezembro. A 15 de dezembro, com bom tempo e boa visibilidade, diversas pessoas do Faial e Pico avistaram "bolas ou nuvens de vapor" saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando quaisquer danos

1964 Crise sísmica em S. Jorge - abalou a parte oeste da ilha de S. Jorge, provocando grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico na ilha, levando à evacuação de grande número de jorgenses para a Terceira e outras ilhas. Esta crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo dos Rosais.

1973 Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de outubro foram sentidos numerosos sismos no Pico, Faial e S. Jorge, em especial na freguesia de S. Mateus e lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 min., registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António, Pico. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, St^a António e S. Roque, na costa norte do Pico, na freguesia de S. Mateus, na costa sul do Pico, e ainda nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, na ilha do Faial.

1980 Sismo de 1 de janeiro, Terceira, S. Jorge, Graciosa - Pelas 16h42 do dia 1 de janeiro de 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.0 Richter, uma profundidade hipocentral de 10-15 km e epicentro no mar cerca de 35 km a SSW de Angra do Heroísmo. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra do Heroísmo, na Vila de S. Sebastião e nas freguesias do W e NW da Terceira, nas freguesias do Topo e Santo Antão, em S. Jorge, e ainda no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em S. Jorge) e ficaram mais de 400 com ferimentos. Ficaram danificadas mais de 15 500 casas, com cerca de 15 000 desalojados.

1981 Erupção submarina na Fratura Mónaco - Em princípios de julho uma pequena erupção submarina a cerca de 300 m de profundidade foi detetada no Banco Mónaco (SSW de S. Miguel), com emissão de gases e de material basáltico.

1997 Erupção submarina no Banco D. João de Castro - a intensa atividade microsísmica registada na área, acompanhada de numerosos pequenos sismos (I a III da escala Mercali) sentidos na Terceira e em S. Miguel, levam a admitir a ocorrência de uma erupção submarina, a grande profundidade, no Banco D. João de Castro.

1987 - Escorregamento da Ribeira Quente, S. Miguel - Em 31 de outubro de 1987, após mais de uma semana de chuvadas intensas, que culminou com duas horas de precipitação excecional na madrugada de 31 de outubro, ocorreu um escorregamento de terras na encosta do Outeiro das Freiras, sobranceira à Ribeira Quente, S. Miguel, provocando 29 mortos, 3 feridos graves, o desalojamento de 36 agregados familiares, num total de 114 pessoas. Particularmente afetada foi a Canada da Igreja Velha, onde diversas habitações ficaram soterradas.

1998 - Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e S. Jorge - Pelas 5:19 da madrugada, um sismo de magnitude 5,6 Richter com epicentro a NNE do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros na ilha do Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almojarife, Faial. Também atingidas foram várias localidades do Pico. No extremo W de S. Jorge (Rosais) o sismo

52 <http://www.cvarg.azores.gov.pt/Cvarg/CentroVulcanologia/movimentosmassa/1998julfaial.htm>

provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 pessoas, todas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas. Leia mais sobre o sismo. 1999-2000 <http://www.minerva.uevora.pt/eschola/acoreshcalamidades.htm>

As descrições que ouvimos ao longo dos 9 dias de estadia na ilha não conseguiram ensombrar a beleza da ilha e um desejo crescente de me mudar para lá.

Nem mesmo quando estando estacionado no parque do hipermercado Modelo um habitante local me veio chamar alertando-me para o facto de um "pommie" ter machucado o meu carro de aluguer e pretender alçar para longe. Confrontei o inglês, que tinha paleio de vendedor da banha de cobra adereçando-me por "Esquire" como se estivéssemos em pleno século XIX, e acedeu a pagar os danos. Chamei a companhia de aluguer de carros, que chamou a PSP, para tomar parte da ocorrência, tendo ouvido os intervenientes, feito um filme da ocorrência, e depois fomos à seguradora prestar as mesmas declarações. Foi uma manhã toda preenchida com burocracias..., mas admirei-me de ver dois jovens polícias a falarem inglês com o súbdito britânico que mal balbuciava palavras em português. Tive a sorte da testemunha local me ter ido chamar, sem o que teria de pagar pesada multa e reparação ao entregar o carro...

A visita à Caldeira acabou por se desdobrar em três etapas, duas delas enevoadas e uma com sol, na última tarde que passamos na ilha. É bonita, mas perdeu a água no sismo de 1998. No caminho, pouco acima dos Flamengos encontramos a bela ermida de S. João onde havia uma venda de artesanato local.



Ermida de S João Entrada para a cratera da Caldeira do Faial Em pleno parque florestal do Capelo, encontramos gamos, árvores nativas catalogadas, incluindo a faia que deu o nome à ilha.



A Fajã no Norte Pequeno faz lembrar as arribas de S. Miguel e era um forno (o ponto mais quente da ilha) De volta a Porto Pim e à sua bela baía onde existe um Museu interativo sobre a fauna subaquática e submarina além do velho local onde se trabalhava a carne e derivados da baleia (cachalote)

Lembro que o monumento à N^a S^a da Conceição tem uma bela vista sobre a baía e para o Pico, e que a marginal da Horta é pequenina, mas tem a dimensão ideal para a sua marina cheia de barcos, com a tradição a ditar que cada tripulação pinte um quadrado nas paredes, no chão, onde calhar, alusiva à sua passagem pela Horta... Um espetáculo. Mesmo ao lado, a praia do Almojarife era um sítio bom para se viver, mas a casa que estava à venda e fomos espreitar custava 92 mil euros e mal se via o Pico...



pressionante morro de Castelo Branco (perto do aeroporto)



pressionante morro de Castelo Branco (perto do aeroporto)

46. CRÓNICA 46 NASCIDOS ANTES DE 1980. 19 setembro 2007

47. CRÓNICA 47 DOIDOS. A ASAE VAI-ME BANIR. CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS MANIPULADOS. novembro 2007

47.1. ELES ESTÃO DOIDOS

Foi ao ler um elucidativo artigo de António Barreto, sobre o longo braço punitivo da ASAE, nesta última semana de novembro no jornal Público que me comecei a preocupar. A ASAE é a autoridade administrativa nacional especializada no âmbito da segurança alimentar e da fiscalização económica. Deste modo, é responsável pela avaliação e comunicação dos riscos na cadeia alimentar, bem como pela disciplina do exercício das atividades económicas nos setores alimentar e não alimentar ... A ASAE é um órgão de polícia criminal, dependente do Ministério da Economia

A máquina de lavar roupa tem mais de 20 anos e está ao ar livre em cima duma palete sem proteção contra os elementos e cheia de ferrugem. A máquina de lavar a louça está cheia de ferrugem, a base onde se colocam os pratos só gira para dentro e fora com buchas de meter na parede, porque as rodas já se foram...

Por outro lado, o meu supergrande frigorífico que finalmente começa a ter paralelo nos que existem nas lojas, tem uma capacidade de 470 litros, mas veda mal, tem inúmeros pontos de ferrugem, foi pintado e repintado por mim, mal e porcamente, sem obedecer a nenhuma das normas aprovadas, mas o pior de tudo é que obedece a normas australianas não homologadas em Portugal e já não tenho na minha posse os documentos da sua imigração para a União Europeia nos idos de 1995. Nem o ano sei, mas lembro-me de o ter comprado em fevereiro ou março de 1983. A arca frigorífica é nacional, mas a data perdeu-se e tem sido vítima da minha tinta de spray branco sem grandes resultados apresentando sinais notórios de ferrugem. Motivo de preocupação acrescido são as cadeiras da mesa de jantar que vieram da aldeia e foram construídas em data incerta há cerca de cem anos atrás. Igualmente preocupante é a existência cá em casa de um dente de marfim que a minha mulher herdou e está na lista de substâncias proibidas. Além disto tenho inúmeras coisas ainda compradas na Austrália e que não estão ao gosto dos senhores da ASAE. A banca da cozinha apresenta defeitos de fabrico nas juntas e o esquentador a gás apenas ontem ficou a funcionar duma forma segura, após mais de dois anos de luta contra tudo e todos. Agora já deve estar com a sua emissão de gases regularizada, pois até agora, não escapavam e desligava automaticamente ao fim de 3 ou 4 minutos, o que tornava cada duche cá em casa numa aventura empolgante até se saber quando o frio se instalava e a água quente voltava. A chaminé foi desfeita há dois anos e os tubos que lá meteram numa placa de cimento não estão em conformidade com nenhuma norma e muito menos as de segurança. Eu sei lá, são tantas as coisas que a ASAE podia encontrar aqui que acho melhor fechar-me em casa e não sair nem abrir a porta a ninguém, com medo de ser descoberto. Por causa das piratarías dos CD já pedi hoje número ISBN para os CD que faço aquando dos Colóquios da Lusofonia para deixarem de ser ilegais. Já me telefonaram a dizer que me vão dar os números de série. Ufa! Que alívio. Agora o pior vai ser para o azeite e vinagre pois não temos embalagens seladas individuais e toda a gente se serve duma garrafa de groselha que era da minha mãe e data dos anos 50 ou 60 do século passado, e na qual se mete o azeite que se compra na loja em embalagens de 2 ou 4 litros... Também para o café e o açúcar dispomos de recipientes não homologados onde se metem os cafés (e por vezes até se misturam marcas) e os pacotinhos de açúcar que a minha irmã rouba do café. Ela diz que não rouba, pois, paga os pacotinhos, mas não os deita no café para não engordar (se bem que esse método não tenha dado resultados visíveis). Depois há ainda as cassetes piratas que comprei em Bali (na Indonésia) quando era hippie em 1974 e que trouxe como recordação. Ainda se ouvem bem apesar de piratas e de terem tocado mais de dois milhões de vezes, e sabe bem ouvi-las pois lembro-me que foi nessa altura que desertei do exército colonial português e fui até à Austrália e Indonésia. Podia ainda referir mais umas centenas de coisas que estão cá em casa sem ser em conformidade com as normas europeias e da ASAE, mas temo poder vir a ser preso por ser demasiado individualista e este texto, adiante, só serve para eu recordar o George Orwell e a "Vingança dos Porcos" e "1984".

47.2. A ASAE VAI BANIR

Como muitos o citam sem o terem lido extraio um resumo da obra

<http://www.duplipensar.net/george-orwell/1984-orwell-resumo.html>

No mais famoso romance de George Orwell, a história passa-se no "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, ou Pista de Pouso Número 1, parte integrante do megabloco da Oceânia. É comum a confusão dos leitores com o continente homónimo real. O megabloco imaginado por Orwell tem este nome por ser uma congregação de países de todos os oceanos. A união da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece estar tão distante da realidade.

A transformação da realidade é o tema principal de 1984. Disfarçada de democracia, a Oceânia vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob a batuta do omnipresente Grande Irmão (Big Brother). Narrado na terceira pessoa, o livro conta a história de Winston Smith, membro do partido externo, funcionário do Ministério da Verdade. A função de Winston é reescrever e alterar dados de acordo com o interesse do Partido. Nada muito diferente do que hoje em dia faz um qualquer jornalista ou um historiador. Winston questiona a opressão que o Partido exercia nos cidadãos. Se alguém pensa diferente, comete crimeideia (crime de ideia em Novilingua) e fatalmente será capturado pela Polícia do Pensamento e vaporizado. Desaparecia, pura e simplesmente como se nunca tivesse existido. Winston Smith representa o cidadão comum vigiado pelas teletelas e pelas diretrizes do Partido.

Inspirado na opressão dos regimes totalitários das décadas de 30 e 40, o livro não se resume a apenas criticar o estalinismo e o nazismo, mas toda a nivelção da sociedade, a redução do indivíduo a peça para servir o estado ou o mercado através do controlo total, incluindo o pensamento e a redução do idioma.

Orwell escolhe este nome na soma da 'homenagem' ao primeiro-ministro Winston Churchill com o uso do sobrenome mais comum na Inglaterra. Esta obra-prima foi escrita no ano de 1948 e o seu título invertido para 1984 por pressão dos editores. A intenção de Orwell era descrever um futuro baseado nos absurdos do presente. Winston Smith e todos os cidadãos sabiam que qualquer atitude suspeita poderia significar o seu fim. Não era apenas sair de um programa de TV com o bolso cheio de dinheiro, mas desaparecer de facto. Os vizinhos e os próprios filhos eram incentivados a denunciar à Polícia do Pensamento quem cometesse crimeideia. Facto comum nos regimes totalitários.

Algo estava errado, Winston não sabia como, mas sentia-o e precisava extravasar. Com quem seria seguro comentar sobre suas angústias? Não tendo respostas satisfatórias, Winston compra clandestinamente um bloco e um lápis (artigos de venda proibida que adquiriu num antiquário). Para verbalizar os seus sentimentos, Winston atualiza o diário usando o canto "cego" do apartamento. Desta forma não recebia comentários nem era focado pela teletela de seu apartamento. Um membro do Partido (mesmo que externo como Winston) tinha de ter um teletela em casa, nem que fosse antiga.

A primeira frase que Winston escreve é justificável e atual: Abaixo o Big Brother! A vida de repressão e medo nem sempre fora assim na Oceânia. Antes da Terceira Guerra e do Partido chegar ao poder, Winston desfrutava uma vida normal com os seus pais. Mesmo Winston tinha dificuldades para lembrar as recordações do passado e da vida pré-revolucionária. Os esforços da propaganda do Partido com números e duplipensamento tornavam a tarefa quase impossível já que o futuro, presente e passado eram controlados pelo Partido. O próprio ofício de Winston era transformar a realidade. No MINIVER (Ministério da Verdade), ele alterava dados de tudo que pudesse contradizer as verdades do Partido e lançava os originais no incinerador (Buraco da Memória). A função de Winston é uma crítica à fabricação da verdade pela mídia e da ascensão e queda de ídolos de acordo com alguns interesses. O Partido informa: a ração de chocolate semanal aumenta para 20 g por cidadão. O trabalho de Winston consistia em coletar todos os dados antigos em que descreviam que a ração antiga era de 30 g e substituí-los pela versão oficial. A população agradece ao Grande Irmão pelo aumento devido aos propósitos mediáticos do poder.

Winston entendia que adulterava a verdade. Havia muito tempo que ele encobria a verdade para si, mas, aos poucos, começava, calado e solitariamente, a questionar tudo. O medo de comentar algo era um dos trunfos do Partido para o controlo total da população. Winston tinha esperança na prole. Na sua ingénua visão [que se confunde com a biografia de Orwell na sua visão durante a guerra civil espanhola] a prole é a única que pode mudar o status quo. Winston lembra os "Dois minutos de ódio", parte do dia em que todos os membros do partido se reúnem para ver propaganda enaltecendo as conquistas do Grande Irmão e, principalmente, direcionar o ódio contido contra os inimigos (toteísmo usado amplamente pelo ser humano: odeie o seu inimigo e identifique-se com o seu semelhante). Winston separara-se devido à devoção de sua esposa ao Partido que seguia as determinações que o sexo deveria ser apenas para procriação de novos cidadãos. O sexo como prazer era crime. Ao ver uma bela mulher, lembrou-se da última vez que fizera sexo. Havia três anos e com uma prostituta repugnante. Boicotar o sexo, como pretendem os atuais donos do mundo é uma das forças motrizes para dominar a mente. Winston anotava tudo o que se passava pela sua cabeça. Um exercício proibido, mas necessário. Anotar e lembrar pode ser muito perigoso. O caso mais escandaloso que revoltava Winston era o de Jones, Aaronson and Rutherford, os últimos três sobreviventes da Revolução. Presos em 1965, confessaram assassinatos e sabotagens nos seus julgamentos. Foram perdoados, mas logo após, foram presos e executados. Após um breve período Winston viu-os no Café Castanheira (local mal visto pelos cidadãos que não queriam cometer crimeideia). No ano do julgamento Winston refez uma matéria sobre os três 'traidores'. Recebeu através do tubo de transporte que eles estavam na Lestásia naqueles dias, mas ele sabia que eles confessaram estar na Eurásia (naquela época a Eurásia era a inimiga, mas num piscar de olhos, a Lestásia deixava de ser a aliada e passava a ser a inimiga).

Esta é uma crítica às alianças políticas, principalmente ao pacto de Hitler e Estaline. Os nazis chegaram ao poder financiados também por setores dos EUA para combater o avanço do comunismo. Durante a vigência do pacto, a aliança entre Moscovo e Berlim sempre existiu para a população dos dois países. Eles não eram amigos, eles sempre foram amigos! No ano seguinte, rumo ao 'espaço vital alemão', os russos sempre foram os inimigos. Sempre tinham sido. Bastante atual se se comparar o apoio logístico e bélico dado aos estado-unidenses a Saddam Hussein, Osama bin Laden para combater o comunismo. Agora, eles são os inimigos eternos. A mentira do Partido era a prova que Winston procurava para si. Havia algo podre na Oceânia. Winston, que era curioso, mas não era burro, deita o papel que podia incriminá-lo no buraco da memória. Revoltado, escreve no seu diário que

liberdade é poder escrever que dois mais dois são quatro. As fábricas russas ainda contêm placas com o lema: dois mais dois são cinco se o partido quiser.

Não era bem-visto que membros do Partido frequentassem o bairro proletário. Winston estivera há poucos dias no mesmo local para comprar o seu diário. Depois de um contumaz bombardeio, Winston entrevista pessoas sobre como era a vida antes da guerra, mas os idosos não lembram mais, apenas futilidades e coisas pessoais. Ao voltar ao antiquário o proprietário tem uma surpresa para o curioso por antiguidades. Winston esperava ver algum objeto anterior ao Partido, mas o que o Sr. Carrington lhe mostra é um quarto com arrumação e mobílias antigas. Sem teletelas. Winston, ao sair do antiquário, vê uma mulher e desconfia que ela seja uma espia da Polícia do Pensamento. No dia seguinte, encontra-a no Ministério da Verdade, o que aumenta o seu temor em ser denunciado. Ao passar por Winston, ela simula uma dor para desviar a atenção das teletelas, e passar um bilhete escrito: "Eu te amo". As normas do Partido deixavam claro que membros do Partido, principalmente dos sexos opostos, não deveriam comunicar-se a não ser a respeito de trabalho. Passaram semanas em conversas fragmentadas até conseguirem marcar um encontro num lugar secreto longe dos microfones escondidos. Winston só descobriu o seu nome após beijá-la. Júlia confessa que ficou atraída por Winston pelo seu rosto que parecia ir contra o partido. Estava na cara que Winston era perigoso à ordem e ao progresso. Winston surpreende-se ao saber que Júlia se 'apaixonava' com facilidade. O desejo dela era corromper o estado por dentro, literalmente. Para continuar o seu romance com Júlia, Winston tem a ideia de alugar aquele quarto do antiquário. Winston ficou impressionado e passou a acreditar que Júlia seria uma ótima companheira de guerra. Por enquanto, era a pessoa com quem Winston podia compartilhar os seus sentimentos e segretos. Apaixonado, recupera peso e saúde.

Certo dia, O'Brien, um membro do Partido Interno, percebe também que Winston era diferente dos outros e convida-o, para despistar as teletelas, a ir ao seu apartamento ver a nova edição do dicionário de Novíngua. O convite de O'Brien era incomum e fez Winston animar-se com a possibilidade de uma insurreição. Passa a crer que a Fraternidade não era apenas peça de propaganda, a organização anti-Grande Irmão responsável por todos os danos causados na Oceânia tal qual Bola de Neve em a "Revolução dos Bichos". Winston leva Júlia ao encontro. Para espanto do casal, O'Brien desliga a teletela do luxuoso apartamento. Alguns membros do partido Interno tinham permissão para se desconectar da sua 'banda larga' por alguns instantes. Winston confessa o seu desejo de conspirar contra o Partido, pois acreditava na existência da Fraternidade e para tal as suas esperanças estavam depositadas em O'Brien. Os planos eram regados a vinho digno, artigo inviável para os integrantes do Partido Externo, e o brinde destinado ao líder da Fraternidade, Emanuel Goldstein. Dias depois, Winston recebe a obra política de Goldstein. Winston "devora" o livro enquanto Júlia não demonstra o mesmo interesse. Winston ainda acredita nas proles mesmo ao ver uma mulher cantando uma música prefabricada em máquinas de fazer versos. Nada muito distante da música atual. "Nós somos os mortos" filosofa Winston ao contemplar a vida simples da prole. A ignorância dos menos abastados não era perigo para o Partido e, portanto, não sofria tanta repressão quanto os membros, superiores e inferiores do Partido, a classe média. "Nós somos os mortos" repete uma voz metálica. Sim, era uma teletela escondida atrás de um quadro. Guardas irrompem no quarto e Winston vai para uma cela no Ministério do Amor. Até as celas tinham teletelas que vigiavam cada passo de um Winston doente e faminto. Os prisioneiros têm a fisionomia dos do campo de concentração. Ao encontrar O'Brien, Winston que pensara que ele também fora capturado, escuta a frase mais enigmática do livro: "Eles já me agarraram há muito tempo". Winston vai para uma sala e O'Brien torna-se o seu torturador. O'Brien explica o conceito do duplípensar, o funcionamento do Partido e questiona Winston sobre as frases de seu diário sobre liberdade. O'Brien não esquece o que o Winston escreveu. A liberdade é o tema para que O'Brien explique durante a tortura o controle da realidade. Se necessário deveria haver tantos dedos na sua mão estendida quantos o partido quisesse. A verdade pertence ao Partido já que este controla a memória das pessoas. Winston, torturado e drogado começa a aceitar o mundo de O'Brien e passa ao estágio seguinte de adaptação que consiste em aprender, entender e aceitar.

Winston sabia que já se estava a adaptar e a confessar que a Eurásia era inimiga e que nunca tinha visto a foto dos revolucionários. Mas ainda faltava a reintegração e este ritual de passagem só poderia ser concluído no Quarto 101. Segundo O'Brien, o pior lugar do mundo. O Quarto 101 é um inferno personalizado. Como Winston tem pavor de roedores, os torturadores colocam uma máscara no rosto com uma abertura para uma gaiola cheia de ratos famintos separada apenas por uma portinhola. A única forma de escapar é renegar o perigo maior ao Partido, o amor a outra pessoa acima do Grande Irmão. "Pare. Faça isso com a Júlia" grita Winston. Winston, libertado, termina seus dias tomando Gin Vitória e jogando sozinho xadrez no Castanheira Café. Ao fundo, o seu rosto aparece na teletela confessando vários crimes. Foi libertado e teve a posição rebaixada para um trabalho ordinário num subcomité. Trajetória de milhares de pessoas de regimes totalitários, como o checo Thomaz de "A Insustentável Leveza do Ser" de Milan Kundera, o caso do médico que vira pintor de paredes ao renegar as ordens do partido não é muito diferente daqueles que não se adaptam em suas profissões no mundo livre S.A.

Júlia escapa também do Quarto 101. O Partido separou-os e os dois só voltaram a encontrar-se ocasionalmente. Já não eram as mesmas pessoas. Tinham "crescido" e traído. Winston, no Café Castanheira, sorri. Está completamente adaptado ao mundo. Finalmente ele ama o Grande Irmão."

Já tudo isto acontece e só vai piorar. O Big Brother já está nas nossas vidas e nós aceitamo-lo sem pruridos. É fácil saber o que fazemos através dos cartões de crédito e débito, do novo cartão de cidadão, da passagem pelas portagens numa qualquer autoestrada, pelo Metro e seu "Cartão Andante", pelas câmaras nos centros comerciais e em toda a parte. Não se admirem se qualquer dia com a nossa inconformidade e individualismo pudermos ser privados da nossa pseudoliberalidade por não termos cumprido as normas de higiene e de saúde que "eles" determinaram serem obrigatórias. Cada vez há menos espaço para seres

pensantes e questionadores como eu. Só espero que isto não acelere demasiado para os anos de vida que ainda tenho. Não se preocupem demasiado pois eu sou assim e esta fobia excessiva que tenho contra as bases de dados, é um sinal evidente da minha hipocondria e da necessidade absoluta que existe de me internarem como um perigo para a sociedade uniforme e cinzenta que me querem impor. Ah! Se eu ao menos tivesse cá a cicuta, repetia-se o destino naquele cujo nome não podemos mencionar sem arriscarmos irmos presos.

Podia continuar a crónica com o comezinho incómodo das últimas semanas enquanto deitavam abaixo, à marretada e à força bruta de retroescavadora, a centenária casa aqui ao lado, que em ruínas nos acompanhara nos últimos dois anos. O som daqueles constantes tremores de terra, abanava a estrutura centenária que habita, em especial a falsa (sótão) no primeiro andar em madeira... Se não soubesse já como era sentir um terramoto esta era a oportunidade de o experimentar entre as oito da manhã e as cinco da tarde. Dias e dias, de fio a pavio, sempre a tremer. Pior que a doença de Parkinson. Sem sequer poder abrir a janela devido às toneladas de pó que se iam acumulando pela casa toda. Era como se o mundo real lá fora estivesse a conspirar contra mim, e estava, mas a maior parte das pessoas nem se apercebia e vivia tranquila na morrinha da lufa diária pela sobrevivência, que a mais não podiam aspirar.

Voltemos ao Big Brother... Também isto constava das previsões de George Orwell (n. Eric Arthur Blair, Bengala, 1903-1950). Nesse seu famoso romance, a história desenrola-se quatro décadas depois de ter sido escrito, num "futuro" ano de 1984 na Inglaterra, aliás, PP1 (Pista de Pouso Número 1), parte integrante do megabloco da Oceânia.

O megabloco imaginado por Orwell tem este nome por ser a congregação de países de todos os oceanos. A união da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), Reino Unido, Sul da África e Austrália não parece estar tão distante da realidade. A transformação da realidade é o tema do livro. Disfarçada de democracia, a Oceânia vive um totalitarismo desde que o IngSoc (o Partido) chegou ao poder sob a batuta do omnipresente Grande Irmão. Narrado na terceira pessoa, o livro conta a história de Winston Smith, membro do partido externo e funcionário do Ministério da Verdade. A sua função é re-escrever e alterar os dados de acordo com os interesses do Partido. Não muito diferente das atuais funções de um qualquer jornalista ou historiador que se preze, seja na América ou mesmo na UE. Winston questiona a opressão que o Partido exerce nos cidadãos. Se alguém pensasse de forma diferente, cometia crimeideia (crime de ideia, em novílingua), seria fatalmente capturado pela Polícia do Pensamento e vaporizado. Desaparecia.

Eu adquirei rapidamente pés de galinha, os cabelos e pelos eriçam-se como se tivesse visto um fantasma, isto, claro está, no caso de existirem. Comecei a olhar por sobre o ombro à cata de alguém que me espiolhe ou esquadrinhe as ideias, tão diversas do pensamento "aprovado e oficial". Não me apetecia ser vaporizado pois tinha um legado que queria imune à ação de um qualquer ministério da verdade.

Inspirado na opressão dos regimes totalitários das décadas de 1930 e 1940, o livro de Orwell critica o estalinismo e o nazismo e toda a nivelação da sociedade, tal como pretenderam fazer em Portugal depois do 25 de abril. Uma redução do indivíduo a uma peça para servir o estado ou o mercado através do controlo total, incluindo o pensamento e a redução do idioma. Winston Smith representa o cidadão comum vigiado pelos ecrãs (teletelas) e diretores do Partido. Orwell escolheu o nome em 'homenagem' ao primeiro-ministro Winston Churchill. Esta obra-prima escrita em 1948 viu o título invertido para "1984" por pressão dos editores. A intenção era descrever o futuro baseado nos absurdos do presente. Winston e todos os cidadãos sabiam que qualquer atitude suspeita poderia significar o fim. Não apenas sair de um programa televisivo "Big Brother" com o bolso cheio de dinheiro, mas desaparecer de facto. Vizinhos e filhos eram incentivados a denunciar à Polícia do Pensamento quem cometesse crimeideia. Nada que Mao, Pol Pot e tantos outros, não tivessem já feito. Comum em regimes totalitários. Winston separou-se da mulher devido à devoção dela ao Partido. Ela seguia a norma de que o sexo era apenas para procriação de cidadãos. Como prazer era um crime. Boicotar o sexo é uma das forças motrizes para dominar a mente. Winston inventariava tudo num exercício proibido, mas necessário. Anotar pode ser muito perigoso. O caso mais escandaloso que revoltava Winston era o dos últimos sobreviventes da Revolução. Foram presos e confessaram assassinatos e sabotagens. Foram perdoados. Depois, Winston viu-os no Café, local mal visto pelos cidadãos que não queriam cometer crimeideia. Foram executados. No ano do julgamento Winston refez uma matéria sobre os três 'traidores'. Informavam que estavam na Lestásia, mas estava na Eurásia que era inimiga naquela época. Num piscar de olhos, deixava de ser aliada e passava a ser a inimiga.

Esta era uma dura crítica às alianças políticas, principalmente ao pacto de Hitler e Estaline. Os nazis chegaram ao poder financiados pelos EUA para combater o avanço comunista. Durante a vigência do pacto, a aliança entre Moscovo e Berlim sempre existiu para a população dos dois países. “Eles não eram amigos, sempre foram amigos!” No ano seguinte, rumo ao espaço vital alemão, os russos “sempre foram os inimigos”. Sempre.

Os membros do Partido não deviam frequentar o bairro proletário. Winston fora lá para comprar o diário e entrevistara pessoas sobre a vida antes da guerra. Os idosos não se lembravam. Ao voltar ao antiquário, o proprietário mostra-lhe um quarto com mobílias antigas sem teletelas. Ao sair, vê uma mulher e desconfia que seja espiã da Polícia do Pensamento. No dia seguinte, encontra-a no Ministério da Verdade. Aumenta o temor em ser denunciado. No entanto, ao passar por Winston, passa-lhe um bilhete: “amo-te”. As normas do Partido determinavam que os seus membros não deveriam comunicar a não ser sobre trabalho. Passaram semanas e marcaram um encontro longe dos microfones escondidos. Winston descobre-lhe o nome após beijá-la. Júlia confessa que ficou atraída pelo seu rosto que parecia ir contra o partido. Winston surpreende-se ao saber que Júlia se ‘apaixonava’ com facilidade.

Esta foi a trajetória de milhares de pessoas em regimes totalitários, como narrado com o checo Thomaz em "A Insustentável Leveza do Ser" de Milan Kundera. A ficção já não iguala a realidade, mas é ultrapassada por esta. Este texto é bastante atual se compararmos o apoio logístico e bélico dado pelos norte-americanos a Saddam Hussein e a Osama bin Laden para combaterem o comunismo. Depois passaram a inimigos eternos. Saddam foi capturado e enforcado, Osama ausente em parte incerta. Assim no-lo querem fazer crer. Podem sempre desenterrá-lo, um dia, se e quando for necessário. O que acabamos de rever é já a quase realidade em que vivemos.

A privacidade de há 10, 15, 20 anos ou mais, seria impensável hoje. Tudo em nome da defesa dos valores sagrados da civilização ocidental. Da luta contra o terrorismo. Doutra qualquer peleja que os líderes hão de inventar. Como as armas químicas que o velhaco genocida do Saddam Hussein afinal não tinha. O mesmo que os EUA forjaram com Bin Laden. Desde há um século que “inventam” personalidades destas para fazerem o que lhes convém, lembremo-nos do Xá da Pérsia, ou do Panamá e de mais umas centenas de golpes falhados e aqueles que fizeram ricochete como no atual Irão...

Aprovada pela maioria socialista portuguesa na Assembleia da República uma conquista inolvidável de todos os “esquerdistas” traumatizados (ler adiante). Alguns ficaram com pena de se não ir mais além. De não ter havido coragem para desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas. Reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários no caso extremo e anormal de haver exames ou provas de avaliação. As famílias ficavam felizes com os filhos que tinham obtido excelente aproveitamento escolar e podiam ser doutores, o governo exultava com as estatísticas para Bruxelas ver e com os progressos feitos no seu mandato e acabava-se com esta fascista prática de obrigar crianças e adolescentes a aprenderem matéria que não serve para nada.

Jornal Público Notícia 2008-01-18 11:09:00

O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário. Este documento estipula que o prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, se o aluno estiver no primeiro ciclo, e do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino.

Mas os desígnios do governo eram mais avançados (como escrevi em crónica anterior, ver **14.4. DESERTIFICAÇÃO**): fechar o interior do país para ficar como uma coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Deveriam ter decidido encerrar todo o país. Com a lusitana nação fechada era mais fácil governá-la. Gastava-se menos dinheiro. Ficava resolvido o problema do défice. Os espanhóis vinham e podiam plantar tudo o que os portugueses não plantam. Porque não dá, ou porque não vale a pena, dizem os lusos. Faziam disto a horta ou quinta espanhola, à moda dos da ilha do

Faial que entendiam a ilha do Pico como colónia privativa de férias. Só havia um problema. Os portugueses têm uma produtividade elevada quando trabalham no estrangeiro. Aí era uma chatice. Se começassem a trabalhar nas hortas espanholas, que dantes eram portuguesas, podiam habituar-se a trabalhar no duro e ainda tornavam este país rentável...

Podia ainda falar-vos das chuvas torrenciais dos últimos dias. Como é habitual, levaram nas suas enxurradas umas terras, desabadas estrada dentro, e obrigaram à intervenção das solícitas equipas da protecção civil açoriana, mas tudisto era habitual e já ninguém estranhava. Vários os começos idealizados, mas todos esquecidos. Sintoma do avançar da idade.

47.3. DO ENSINO AO JORNALISMO, CRIAMOS UMA MASSA CINZENTA DE CARNEIROS AMESTRADOS

É importante, e há muito que o ando a dizer nos labirintos esconsos das minhas conversas (se bem que ninguém me leia e ninguém me ouça): o ensino em Portugal (tal como a democracia) segue um rumo globalizado de privatização. No futuro, haverá um acesso universal ao ensino, mas de má qualidade e sem grande futuro. A alternativa será o ensino privado, levando algumas pessoas a engrenagens de dívidas perenes e endividamento sem hipótese de saírem desse círculo vicioso. Entretanto, as pequenas elites com poder de compra irão optar por escolas privadas, donde sairão os futuros dirigentes da nação que optem por não irem para o estrangeiro. Ter-se-á assim um país, e um mundo, a duas velocidades. A das massas, o antigo proletariado, com melhores condições que no tempo da ditadura, pois ostentam títulos académicos sem que isso represente emprego ou profissão duradoura. A das elites (à semelhança dos tempos da outra senhora) terá o privilégio de nomear os seus eleitos para todos os níveis de chefia a partir do intermédio.

Mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental. Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, e com o programa “Novas Oportunidades” vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que muitos pensam, não vai deixar de os ter, o que vai ter é analfabetos com diplomas. Nada disto é à toa, nem por uma questão de birra.... Já acontece nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias que custam tanto ou mais que universidades privadas.... Teremos um país dos que têm e dos que não têm. Ninguém se preocupa com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal). Ninguém perde o sono ou o apetite, pelos sem-abrigo, que se propagam mais depressa que coelhos, nas ruas das cidades esvaziadas de Humanidade, autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser “gentrificadas” para dar origem a condóminos de luxo. Os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP. O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino será a coutada de férias dos ricos e poderosos.

Decidi não mais comprar a habitual dose de livros de ficção. A realidade não para de se exceder e tornar-se mais inverosímil que a própria ficção. No pequeno jardim à beira-mar plantado, as liberdadezinhas vão sendo ameaçadas e cidadania é sinónimo de coragem. Há uma crise das instituições que ninguém ousará negar. A própria democracia do 25 de abril resvalou para a pura demagogia. É encabeçada pelos discursos gloriosos do onipotente e intocável líder socrático. O tal que fez um curso universitário por faxe num domingo. O que assinou projetos de casas de emigrantes construídas em cima de pocilgas de porcos, sem saneamento. Nenhum mal veio ao mundo pois nem era proibido nem ilegal. Os representantes eleitos estão, sem ideias e sem horizontes, que não sejam os dos benefícios pessoais e dos seus mais próximos colaboradores. Esta teia intrincada de corrupção e nepotismo coloca

em causa a democracia. Os ataques à liberdade começaram há muito com a autocensura, imposta pelos poderes económicos que dominam os meios de comunicação. Depois, seguindo um processo a nível mundial, centrado no politicamente correto, assiste-se à criação artificial do ser imperfeito: agora é o fumador, daqui a uns tempos serão os obesos e depois os carnívoros ou os heterossexuais.

Tudo isso será tão grave como não pagar impostos. As represálias irão sentir-se sobre os que exercem um mero ato de cidadania. Os jornalistas não ousam criticar ninguém a menos que “mandados”. Já não há espírito de missão nem a profissão pode ser levada a sério. Portugal nunca foi um país de “jornalismo de investigação” e agora ainda menos. A sociedade civil não se pronuncia e os jornalistas raramente o fazem. Os que querem ser esclarecidos contentam-se com o mundo “underground” dos blogues. O progresso tecnológico galopante, nas últimas décadas, permitiu a todos um acesso alargado à informação, mas as pessoas estão menos informadas e - na maior parte dos casos - incapazes de decifrar as torrentes de informação que lhes são debitadas. Vive-se a miragem de uma multiplicidade de jornais e de canais. Os telejornais são decalcados uns dos outros, apenas os apresentadores e a ordem das notícias muda.

Os grandes grupos económicos que dominam os meios de comunicação (e os meios livreiros nacionais) promovem um cartel monopolizador da “verdade”, onde a independência e isenção são palavras vãs que se arriscam - em qualquer momento - a serem trucidadas. Os assalariados (leia-se jornalistas) se bem que hipoteticamente livres para escreverem sobre qualquer assunto, de qualquer forma ou feitio, só serão publicados se o conteúdo for conveniente aos interesses dos seus donos (leia-se patrões). Este tipo de censura é a pior. Cresceu incomensuravelmente nas últimas décadas e já me preocupava em meados de 80 na Austrália. É quase invisível. Mais brutal que o velho sistema do “lápiz azul” do SNI que eliminou 64 das 100 páginas do meu primeiro livro de poesia em 1972 (Crónica do Quotidiano Inútil) para ficar elegantemente reduzido a 32.

Agora, o quarto poder, a imprensa escrita e audiovisual, na sequência do célebre caso Watergate, deixou de funcionar em prol das liberdades e direitos dos cidadãos. Já não faz denúncias, pactua e esconde-se sob a ameaça velada das restritas leis que obrigam um jornalista a indicar fontes sob pena de ir para a cadeia ou pagar indemnizações milionárias. Os grandes grupos gabam-se de conseguirem eleger governos e presidentes e quando não o conseguem vale sempre a ajudinha duma batota, como aconteceu com a eleição de George W. Bush graças aos votos da Florida (onde o seu irmão mandava). O homem que perdeu as eleições e teve menos votos, foi eleito para aquilo que se assistiu nos últimos oito anos. Ninguém sabe quantas guerras e milhares de mortos por causa de tais eleições. Em simultâneo, os grupos económicos que o apoiavam aumentaram desmesuradamente a sua influência, poder e lucros. Nem só de petróleo viveu a administração Bush.

Aqui vos deixo um alerta para a necessidade de acordarem. Todos. Mesmo os que têm a consciência escondida ou pesada pelas atoardas com que diariamente vos metralham na comunicação social. É preciso haver jornalistas. Daqueles que nunca se calaram nem se vergaram ao peso do que era conveniente ou não dizer, sem olhar a atenuantes ou consequências. Têm - agora, mas do que nunca - que ser arautos dos que não têm voz. Cada vez é maior o número dos desprovidos. Têm de ter uma probidade e ética inultrapassável para afrontar tudo e todos, sem encolher os ombros cómodos, tal como os antepassados fizeram. Assim surgiu o deflagrar da 1ª e da 2ª Grande Guerra.

Durante mais de vinte anos, fui um paladino internacional pela causa de Timor quando ninguém acreditava. Era sistematicamente ridicularizado pela direção da LUSA, RDP, RTP ou Público (do qual fui um dos fundadores) por escrever demasiado sobre a “guerra perdida dos timorenses”. Arquei com esse peso e consequências, a nível da própria sanidade mental, durante 24 anos. Em 1999 consegui publicar o primeiro volume da trilogia da história de Timor (Timor Leste: o dossier secreto 1973-1975) com documentos que eram secretos. Este facto é relevante por ter sido, originalmente, escrito na semana em que o ditador indonésio, o genocida Suharto faleceu. Foi considerado o maior cleptocrata de sempre ao longo de 32 anos de reinado tendo acumulado 53 biliões de dólares.

No prefácio autoral escrevi então:

Este trabalho mostra a atitude lânguida dos colonizadores portugueses, os primeiros europeus a “descobrir” Timor Leste e Austrália, que se descartaram da Austrália e preferiram instalar-se em Timor devido à sua madeira de sândalo. A expansão holandesa forçou os Portugueses a colonizar Timor Leste e a tentar “pacificar” a sua rebelde população. Este diário de acontecimentos, até à sangrenta anexação de Timor Leste, pretende mostrar como Portugal lidou incompetente e apressadamente com a sua retardada descolonização. conclui-se que Timor Leste não estava então preparado, nem os Portugueses tiveram tempo para os preparar, e, os EUA, Austrália e Indonésia estavam ansiosos para se verem livres do problema de Timor. O Timor Português era um atraso, sem educação, nem infraestruturas. A Austrália competia pelo petróleo em plena crise energética de 1973, e Portugal estava ainda a aprender a tornar-se numa democracia depois de 48 anos de ditadura, à medida que tentava evitar a sua própria quase guerra civil. Quando a descolonização se inicia em 1974, a administração portuguesa introduz medidas aceleradas para a preparação de quadros com vista à futura passagem de poderes e autodeterminação. A Indonésia já estava adiantada a falsificar a escrita apoiada pela histeria anticomunista dos EUA devido à queda de Saigão, à “Teoria do Dominó” do Dr. Kissinger e incentivada pela pragmática ingenuidade da diplomacia petrolífera australiana. Para Portugal, Timor ainda é, uma vez mais, demasiado longe, demasiado pobre e demasiado pequeno para ter alguma importância. Deficientemente preparados, os Timorenses esperavam, por qualquer razão desconhecida, que o mundo escutasse os seus pedidos de S.O.S., depois duma curta guerra civil e breve declaração unilateral de independência. Mas, quando os abutres Indonésios descem a pique, o mais abafado genocídio secreto do século ocorre fora dos olhos e ouvidos do mundo. Apesar dos duzentos mil mortos (um terço da população), sabemos agora que Timor não era o Kuwait, e ninguém escutava os apelos. A luta prossegue ainda após a queda de Suharto. Ao invés da invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990, os EUA, Reino Unido e outras potências ocidentais não fizeram uma campanha unida contra a brutal agressão da Indonésia. Ninguém se importou então e poucos querem saber disso agora. Esta é a razão principal desta tese. Dedico-a à memória de todos os que lutaram de armas na mão, ou doutras formas, e que ainda lutam pelo direito do povo Maubere à autodeterminação, que com pleno direito eles têm tentado afirmar ao longo dos últimos 23 anos. Este trabalho acompanha a bibliografia disponível para o período 1973-1975: artigos de jornal, entrevistas, a minha vivência real de Timor, e mais de vinte anos de pesquisas em bibliotecas. As suas conclusões tornam-se óbvias ao adicionarmos os cabogramas SECRETOS de países ocidentais. A tese, baseada em documentação escrita da época, pretende demonstrar que embora enormemente desejada, a independência não teria sido viável então, mas é mais do que merecida hoje

Hoje em dia já não há debates, mas fachadas de pretensa discussão, veículos de propaganda governamental da democracia “guiada”. Este cinzentismo acéfalo e monocórdico da comunicação social foi enriquecido pelo aparecimento dessa droga legal chamada “imprensa cor-de-rosa”. É soporífera e causa danos irreversíveis à mente humana. Nenhum governo se atreve a legislá-la, proibi-la ou sancioná-la. Pelo contrário, encontram nela um valioso aliado na luta obscurantista em que estão empenhados, para que o povo pense que está a ser governado enquanto eles se governam. Resta o mundo dos blogues para se saber o que é de veras importante. Quando os políticos falam não são eles, mas sim as agências de comunicação e os grandes grupos que os sustentam.

Quer-se, teoricamente, um cidadão culto e educado, para ter a liberdade de fazer as suas opções em liberdade. Mas o que se criou foi um pateta manipulado. Pensa que vive em democracia e é livre, mas não passa de participante involuntário em uma fraude democrática. São esses os idiotas que votaram no Sócrates, nos antecessores e nos sucessores. Os que se queixam de terem sido enganados. Como se diz em inglês “*read my lips*” ... O que o povo quer é ver as revistas com os escândalos dum pseudojetset e duma pseudonobreza sem sangue azul, só fama fácil. O que o bom povo quer é mortes, violações, abusos, desgraças, inundações, incêndios, bombas, guerras e as tragédias longínquas, dos outros. As suas não lhe interessam.

O povinho (tão bem retratado como foi por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, em imagens ainda hoje atuais) quer ver as vergonhas dos outros para que não vejam a sua. “é disto que o meu povo gosta” como diria Pedro Homem de Mello, embora se referisse ao folclore... Assim se explica que a maior parte dos bons jornalistas portugueses se encontre desempregada sem ser por opção ou por reforma antecipada. Não eram fabricantes de notícias sensacionalistas para abrir o telejornal, empolando banalidades em transmissões diretas do nada. Nunca o país viu aumentar tanto e em tão pouco tempo o fosso entre ricos e pobres como nestas últimas décadas. As pensões e reformas são das mais baixas da Europa, mas os Executivos portugueses ganham mais do que os seus milionários congéneres norte-americanos. Não se escreve sobre isto? Limitam-se todos a passar secretamente essas notícias em e-mails aos amigos.

Uma idosa que roubou uma peça avaliada em menos de quatro euros foi levada a tribunal pelo supermercado, e o filho do banqueiro Jardim Gonçalves (entre outros ladrõezinhos que existem por aí) nem sequer a tribunal vai? Claro, que o roubo de muitos milhões é investimento falhado e o de uns cêntimos é um crime de lesa-majestade. Gosto de escrever a palavra REVOLTEM-SE, mas podia ser considerado um crime de traição ou de apelo ao terrorismo, face às novas leis, pelo que me coíbo de o fazer.

Faltou frisar que a ideia da nova educação é fazer com que os professores estejam cada vez menos preparados e criem alunos ignorantes. É a teoria do mínimo denominador comum. Não interessa a nenhum governo uma população culta, educada e lida...depois era mais difícil regê-los. Segue-se uma nova versão da máxima salazarista "quanto mais ignorantes mais felizes..." ou como o amigo Daniel de Sá lestamente me avisou, no seu formato original, a máxima de Salazar era: "*Um povo culto é um povo infeliz.*" Sejam felizes, sejam incultos. A razão de todas as infelicidades reside na Santa Cultura que tanta dor pariu. Depois criam-se artificialmente novas castas (este país sempre foi um país de castas).

Primeiro, havia uma dicotomia entre professores primários, secundários e os universitários. Vasos não comunicantes e estanques. Depois passaram os primários a professores do básico. Não os melhoraram, não lhes deram mais instrumentos de cultura e de formação, promoveram-nos apenas no nome, título e casta. Fizeram isso com os do secundário e apenas restava agora a dicotomia entre os do Politécnico e os das Universidades.

Como não lhes deram mais formação, nem preparação nem educação, os professores primários (e a minha mãe era-o) apesar de serem agora equivalentes aos antigos professores de liceu continuavam com a sua velha mentalidade de professores primários, o que impedia o sistema de seguir em frente e evoluir (as honrosas exceções que ainda existem e estão no ativo que me perdoem este desabafo) e se sentem atacados quando os colegas que vêm de outros ramos do ensino e com outra formação académica os confrontam.

A ignorância e a falta de preparação de tantos professores até doem. Já basta haver programas que pouco ou nada ensinam (cada vez são mais curtos, inúteis e fúteis para contrapor a asserção vigente no meu tempo de que aprendiam coisas de que mais tarde não se iriam servir). Claro que a falta de preparação dos professores aplicada numa educação de massas, caracterizada pelo mínimo denominador comum, vai perpetuar o ciclo descendente de conhecimentos, e cada vez haverá mais burros nas fileiras. Isso é altamente importante para os políticos no poder. Quanto mais iletrados os professores e seus alunos, melhor serão conduzidos os dez milhões de cordeiros do rebanho da nação portuguesa. A educação é uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros.

Quanto a estruturas, este país tem demasiadas leis e incumprimentos a mais...para quê tantas se ninguém as cumpre? Quando as tentam impor, é sempre numa forma arbitrária, bruta e cega de aderência à letra da lei e não ao seu espírito, ou então limita-se a uma mera caça à multa. Uma coisa é ter regras e normas. Outra é tentar impor leis a uma população impreparada e ignorante pela força bruta.

Há ainda os lóbis fortíssimos dos médicos, farmacêuticos e advogados em quem ninguém toca e são corresponsáveis pela má saúde do país. O que é preciso é civilizar [leia-se DOMESTICAR] o povo primeiro para se poderem impor regras e normas. O que se faz é impor regras e normas à bruta sem se educar o povo, logo o resultado está à vista...vive-se numa ditadura republicana, de esgares monárquicos, disfarçada de democracia. Tal como no tempo do Hitler só quando ela chegar à nossa porta é que nos daremos conta do caminho por onde nos levaram... As democracias só podem funcionar com gente culta e preparada e não com quase dez milhões de analfabetos como em Portugal....

Nos outros países (e na Austrália vi isso) fazem-se sacrifícios e o país avança e progride, aqui obrigam-se a sacrifícios e o país fica na mesma. Aqui só se trabalhou para a estatística europeia e não para criar riqueza. É isso que acontece com os empresários portugueses na sua maioria. Como escrevia Mendo Henriques em agosto de 2008: *“é altura de fazer uma revolução e dar o poder a quem tem cultura e não a quem tem dinheiro”*.

É tudo uma questão de visão, os portugueses têm-na tipo túnel (quando a têm). Outros veem mais longe e preocupam-se com o futuro. Aprendi imenso com os chineses. Foi a lição mais importante. Nunca me esqueço também daquilo que mais me impressionara na aprendizagem com os aborígenes australianos: como sobreviver milhares de anos com uma cultura oral, sem escrita, sem posse de terras, sem matar (a não ser o que é necessário para uma alimentação frugal, para preservar o meio ambiente). Assim foram capazes de manter um segredo durante séculos (como era o crioulo de português que uma tribo manteve durante mais de quatrocentos anos).

O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos que falam muito e se queixam ainda mais, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticarem o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles. O país continua diariamente - há muitos anos - a gastar muito mais do que produz. A hipotecar-se sem construir ou criar algo de produtivo. Esta irresponsabilidade coletiva será paga pelas gerações futuras, hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá.

Os portugueses habituaram-se a ir de férias à República Dominicana ou a Cancún, pagando em dinheiro ou com cartão de crédito. Goze agora e pague depois, se não morrer antes. Não se importem com os que roubam à sua volta, sejam eles do governo ou da privada, pode ser que os invejem e gostassem de poder fazer o mesmo. Por outro lado, os que se aproveitam desta e de outras crises, os que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e os que orbitam nessas esferas continuam a ir aos stands de automóveis de desporto comprar Ferrari, Porsche etc. Não há rutura de abastecimentos, e os supermercados continuam a oferecer milhares de artigos. A maioria dos habitantes, desta Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios. Abomina quem os tem.

Se bem que poucos, ainda existem alguns, que os preservam e perseveram. Se não são mais ouvidos, quando ainda têm direito a tempo de antena nas rádios e televisões, é porque os seus programas só são transmitidos quando todos dormem e apenas os alcoólicos com insónia estão despertos.

Outra coisa verdadeiramente preocupante é a do desemprego, que já levou milhares de imigrantes a deixarem o país. Nem os pobres imigrantes da África subsaariana já querem vir para cá. Preferem qualquer outro país europeu. Para onde imigrar? Para qualquer país, menos Espanha onde fazem dos portugueses escravos numa qualquer pocilga agrícola. O subsídio de desemprego e o rendimento de reinserção social são meros paliativos, desincentivos ao emprego e servem para atrasar ainda mais a miséria profunda que já afeta mais de dois milhões de portugueses. Isto significa que 20 por cento da população do país já está abaixo do limiar da pobreza. Ninguém se preocupa, esses já estão tão pobres que nem devem votar, por isso não vale a pena preocuparem-se com eles.

De qualquer modo o que é que o homem e a mulher comuns podem fazer, além de falar alto no café e queixarem-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que soubessem rabiscar umas ideias e quisessem escrever uns artigos, provavelmente não seriam publicados. Vive-se numa ditadura dissimulada em que mesmo com 200 mil pessoas em manifestações de rua nada se consegue. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião dos governantes sobre o povo que manietam. Para quê denunciar escândalos? Raro é o dia em que um ou mais são denunciados nas redes da internet ou na rádio e televisão. A justiça, que sempre esteve ao lado dos poderosos, agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país

E apesar dos iberistas todos que por aí pululam, à sombra deste governo, nem os mais otimistas acreditam que a Espanha quisesse tomar conta desta província ingovernável, pois já lhe basta o País Vasco e os etarras. Já a dominam economicamente e não estão interessados em pagar as suas contas. Que se desiluda o primeiro-ministro Sócrates e seus muchachos, Viriato e Sertório foram apunhalados pelos seus mais chegados conselheiros e assessores. Aprende-se mesmo pouco em Portugal. Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República.

*Para se pensar !
Quando vieram
Quando vieram contra os negros,
eu não era negro e não fiz nada.
Quando vieram contra os favelados,
eu não era favelado, não fiz nada.
Quando vieram contra os homossexuais,
eu não era homossexual e não fiz nada.
Quando vieram contra as mulheres,
eu não era mulher e não fiz nada.
Quando vieram contra os analfabetos,
eu não era analfabeto, não fiz nada.
Quando vieram contra os pobres,
eu não era pobre e não fiz nada.
Quando vieram contra os aleijados,
eu não era aleijado e não fiz nada.
Quando vieram contra os outros,
o assunto não me dizia respeito e
não fiz nada.
Quando vieram contra mim,
ninguém me defendeu.
Quem não é vítima de discriminação e abuso
sempre pensará que o sofrimento do outro não é*

*grande coisa, que é exagero.
Alguns acham que discriminação
nem existe, que não existe discriminação contra
negros, contra mulheres, contra homossexuais,
aleijados, favelados, pobres...
Assim seguimos e fazemos todos os dias,
desprezamos ou diminuimos
o sofrimento alheio.
Não dando atenção à dor do outro nos
condenamos a sofrermos em silêncio, a
sofrermos sozinhos a nossa própria dor.
O preconceito só existe porque o silêncio
favorece os opressores.
Quem, acovardado, se omite,
concorda com o abuso.
Quem concorda com o abuso,
será abusado ouvindo o silêncio cúmplice dos
outros.
E tudo parece muito normal,
tão normal quanto sofrido e solitário.
Aqueles frases acima poderiam ser
reescritas assim?
Quando vieram contra os negros,
eu não era negro e não fiz nada e,
calado, também eu era contra os negros.
Quando vieram contra os homossexuais,
eu não era homossexual e não fiz nada e, calado,
também eu era contra os homossexuais.
Quando vieram contra as mulheres,
eu não era mulher e não fiz nada e,
calado, também eu era contra as mulheres.
Quando vieram contra os analfabetos, eu não era
analfabeto, não fiz nada e, calado, também eu era
contra os analfabetos.
Quando vieram contra os favelados, eu não era
favelado, não fiz nada e, calado, também eu era contra
os favelados.
Quando vieram contra os pobres, eu não era pobre
e não fiz nada e, calado, também eu era contra os
pobres.
Quando vieram contra os aleijados,
eu não era aleijado e não fiz nada e,
calado, também eu era contra os aleijados.
Quando vieram contra mim, ninguém me
defendeu, usaram o silêncio e a indiferença
para apoiar meus inimigos.
Uma lição a ser aprendida:
o que nos faz iguais é que somos, todos,
diferentes uns dos outros.
De onde vem o medo de ser diferente?
Do silêncio?*

(Inspirado no documentário: "Olhos azuis" de Jane Elliott)

Porquê?

Pense nisso.

47.4. AS 10 ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO MEDIÁTICA

O linguista estadunidense Noam Chomsky elaborou a lista das “10 estratégias de manipulação” através da mídia:

47.4.1. A ESTRATÉGIA DA DISTRAÇÃO.

O elemento primordial do controlo social é a estratégia da distração que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas e económicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundações de contínuas distrações e de informações insignificantes. A estratégia da distração é igualmente indispensável para impedir o público de interessar-se pelos conhecimentos essenciais, na área da ciência, da economia, da psicologia, da neurobiologia e da cibernética.

“Manter a atenção do público distraída, longe dos verdadeiros problemas sociais, cativada por temas sem importância real. Manter o público ocupado, ocupado, ocupado, sem nenhum tempo para pensar; de volta à granja como os outros animais.

(citação do texto 'Armas silenciosas para guerras tranquilas')”.

47.4.2. CRIAR PROBLEMAS, DEPOIS OFERECER SOLUÇÕES.

Este método também é chamado “problema-reação-solução”. Cria-se um problema, uma “situação” para causar certa reação no público, a fim de que este seja o mandante das medidas que se deseja fazer aceitar. Por exemplo: deixar que se desenvolva ou se intensifique a violência urbana, ou organizar atentados sangrentos, a fim de que o público seja o mandante de leis de segurança e políticas em prejuízo da liberdade. Ou criar uma crise económica para fazer aceitar como um mal necessário o retrocesso dos direitos sociais e o desmantelamento dos serviços públicos.

47.4.3- A ESTRATÉGIA DA GRADAÇÃO.

Para fazer com que se aceite uma medida inaceitável, basta aplicá-la gradativamente, a conta-gotas, por anos consecutivos. É dessa maneira que condições socioeconómicas radicalmente novas (neoliberalismo) foram impostas durante as décadas de 1980 e 1990: Estado mínimo, privatizações, precariedade, flexibilidade, desemprego em massa, salários que já não asseguram rendimentos decentes, mudanças que haveriam provocado uma revolução se tivessem sido aplicadas de uma só vez.

47.4.4- A ESTRATÉGIA DO DIFERIDO.

Outra maneira de se fazer aceitar uma decisão impopular é a de apresentá-la como sendo “dolorosa e necessária”, obtendo a aceitação pública, no momento, para uma aplicação futura. É mais fácil aceitar um sacrifício futuro do que um sacrifício imediato. Primeiro, porque o esforço não é empregado imediatamente. Em seguida, porque o público, a massa, tem sempre a tendência a esperar ingenuamente que “tudo irá melhorar amanhã” e que o sacrifício exigido poderá ser evitado. Isto dá mais tempo ao público para acostumar-se com a ideia de mudança e de aceitá-la com resignação quando chegar o momento.

47.4.5- DIRIGIR-SE AO PÚBLICO COMO CRIANÇAS DE TENRA IDADE.

A maioria da publicidade dirigida ao grande público utiliza discurso, argumentos, personagens e entonação particularmente infantis, muitas vezes próximos à debilidade, como se o espetador fosse uma criança de tenra idade ou deficiente mental. Quanto mais se busca enganar o espetador, mais se tende a adotar um tom infantilizante. Por quê? *“Se se dirige a uma pessoa como se ela tivesse 12 anos ou menos, então, em razão da sugestibilidade, ela tenderá, com certa probabilidade, a uma resposta ou reação também desprovida de um sentido crítico como a de uma pessoa de 12 anos ou menos de idade* (ver “Armas silenciosas para guerras tranquilas”)”.

47.4.6- UTILIZAR O ASPETO EMOCIONAL MUITO MAIS DO QUE A REFLEXÃO.

Fazer uso do aspeto emocional é uma técnica clássica para causar um curto circuito na análise racional, e por fim ao sentido crítico dos indivíduos. Além do mais, a utilização do registo emocional permite abrir a porta de acesso ao inconsciente para implantar ou enxertar ideias, desejos, medos e temores, compulsões, ou induzir comportamentos...

47.4.7.- MANTER O PÚBLICO NA IGNORÂNCIA E NA MEDIOCRIDADE.

Fazer com que o público seja incapaz de compreender as tecnologias e os métodos utilizados para seu controle e sua escravidão. “*A qualidade da educação dada as classes sociais inferiores deve ser a mais pobre e medíocre possível, de forma que a distância da ignorância que paira entre as classes inferiores às classes sociais superiores seja e permaneça impossível para o alcance das classes inferiores (ver ‘Armas silenciosas para guerras tranquilas’)*”.

47.4.8- ESTIMULAR O PÚBLICO A SER COMPLACENTE NA MEDIOCRIDADE.

Promover o público a achar que é moda o fato de ser estúpido, vulgar e inculto

47.4.9- REFORÇAR A REVOLTA PELA AUTOCULPABILIDADE.

Fazer o indivíduo acreditar que é somente ele o culpado pela sua própria desgraça, por causa da insuficiência de sua inteligência, de suas capacidades, ou de seus esforços. Assim, ao invés de rebelar-se contra o sistema, o indivíduo se autodesvalida e culpa-se, o que gera um estado depressivo do qual um dos seus efeitos é a inibição da sua ação. E, sem ação, não há revolução!

47.4.10- CONHECER MELHOR OS INDIVÍDUOS DO QUE ELES MESMOS SE CONHECEM.

No decurso dos últimos 50 anos, os avanços acelerados da ciência têm gerado crescente brecha entre os conhecimentos do público e aquelas possuídas e utilizadas pelas elites dominantes. Graças à biologia, à neurobiologia e à psicologia aplicada, o “sistema” tem desfrutado de um conhecimento avançado do ser humano, tanto de forma física como psicologicamente. O sistema tem conseguido conhecer melhor o indivíduo comum do que ele se conhece a si mesmo. Isto significa que, na maioria dos casos, o sistema exerce um controle maior e um grande poder sobre os indivíduos do que os indivíduos a si mesmos.

48. CRÓNICA 48. PRINCIPADO DE TRÁS-OS-MONTES, 3 dezembro de 007

49. CRÓNICA 49, PICO, 13 janeiro 2008

la começar as crónicas deste ano a falar-vos outra vez dessa magia do Pico e de olhar pelos olhos de quem está no Faial, Horta. Tentar transmitir-vos essa atração irreprimível que as duas ilhas exercem sobre mim e que me desejam levar a empacotar a casa e mudar-me para lá, não obstante as mil e uma ameaças de tremores de terra catastróficos e de vulcões semiadormecidos.

la falar-vos de como era o Pico com neve em pleno natal. De como era difícil arranjar onde jantar na véspera de Natal, no dia de Natal e dia seguinte (a que os anglófonos chamam de Boxing Day ou para nós prosaicos de dia 26 de dezembro).

la contar-vos como era o vento nos Capelinhos a fazer lembrar o frio que os termómetros não marcavam, pois assinalavam sempre entre 14 e 17 °C. Dizer-vos que o meu filho benjamim, de seu nome, João, adorou esta visita já que ali não fora em agosto connosco.

la dizer-vos que descobrimos cento e uma crateras na ilha do Pico e andamos a ver as pequenas lagoas existentes nas caldeiras de vulcões há muito extintos (dizem que há 440 mil anos, mas podem ser menos...) houve uma paisagem que não esqueço e aqui reproduzo, bucólica e mágica, encantada mesmo, dava uma paz interior que nos fez desejar construir uma cabana ali mesmo, naquele sopé do Pico voltado a norte.



Isto pouco depois de ali termos chegado dia 23 de dezembro. Levantamo-nos pelas seis da manhã pois o barco arrancava pelas 07.40 da manhã, que ainda não nascera, armados com o farnel e uma máquina fotográfica. Levantámos o carro de aluguer, e mal nele entrámos, a chuva começou a cair, a princípio hesitante e depois assertiva, numa forma continuada e sem desfalecimentos. Não me amedrontei, pois, nestas ilhas chove, chove, chove e depois brilha o sol outra vez.... Só que no Pico quando chove assim, não mais para e andamos durante duas horas ao longo de sinuosas estradas, estreitas, cobertas de água, com uma visibilidade reduzida a 20 ou 30 metros, sem sabermos para onde ir e sem nada ver.

Houve um certo momento, o ponto decisivo, em que estávamos a uma altitude considerável já nas faldas sul da cordilheira central do Pico, em que o vento abanava de forma ameaçadora o pequeno carro. Havia mais estrada de montanha, pela frente e a chuva impiedosa nada nos deixava ver. Indecisos e a medo, retrocedemos, convencidos de que o melhor era voltar à Madalena do Pico e apanhar o barco das 13 horas de regresso à Horta. Descemos, devagarosamente que a visibilidade era nula, até Santo Amaro, e fomos redescobrir os locais por onde andáramos em agosto. Parou-se para um café (Café Rego em São Roque) e a chuva abrandou, o nevoeiro levantou e a esperança de descobrirmos o que nos faltava conhecer surgiu.

Resumidamente, acabámos por voltar à estrada que atravessa o Pico transversalmente e nos sítios por onde andáramos havia lagoas que não tínhamos visto, não obstante estarem a escassos metros da estrada. Estivéramos no sopé do Pico sem o vislumbrarmos. Recupéramos o nosso sorriso e fomos mostrar ao filhote júnior o resto da ilha que sabíamos iria gostar, nomeadamente o Lajido do Verdelho com as suas veredas estreitas tal qual o labirinto de Creta ou Micenos. Regressámos à Horta pelas 18 horas com 300 km de estrada feita em poucas horas. A promessa de voltarmos ficava desde então lavrada na lava vulcânica que a todo o passo encontrávamos.

la falar-vos do jantar de dia 24 de dezembro, no Hotel Canal, a única unidade hoteleira aberta nesses dias, pois na sala de jantar imensa éramos apenas nós três e a funcionária. la quase pedir-lhe desculpa de a ter obrigado a estar ali naquela noite santa, quando um grupo de 7 alemães, e outro de 5 espanhóis entrou na sala e deixei de me sentir responsável pela reserva efetuada em outubro passado.

Dia de natal cozinhou-se na pequena cozinha kitchenette que tínhamos na habitação (, a “Estrela do Atlântico” da alemã Ruth Bartenschlager) e ainda conseguimos sair duas vezes para tomar um café. Rapidamente se passou a semana que decidíamos passar ali e tivemos de regressar ao rural meio onde vivemos o resto do ano.

la falar-vos disto tudo e dar-vos mais imagens e mais detalhes, mas mal o ano começou, fui confrontado com a morte do Miguel, um amigo duma “irmandade” de verdadeiros amigos que tenho, bem mais jovem do que eu, com um ataque cardíaco fulminante quando se encontrava de trabalho em Cabo Verde. Fiquei (e ainda estou) transido.

Ainda há poucos meses, em agosto 2007, falecera o Cristóvão Santos, assessor do Ramos Horta, que fora, em Timor Português, um (colega e amigo) jornalista das minhas primeiras lides de jornalismo político e com o qual combati a ausência do 25 de abril. Isto veio trazer-me de volta à realidade nua e crua, de que a passagem terrena é curta e o melhor a fazermos é aproveitá-la bem, enquanto cá andamos, pois nunca se sabe quando chega o prazo de validade de cada um. A quantidade de horas desperdiçadas em guerras, desentendimentos, amuos, é enorme considerando o já imenso tempo desperdiçado a dormir e a efetuar outras atividades sem impacto na nossa marca terrena, mas é assim a matéria humana e quem sou eu para endireitar este mundo? Já o deixei de fazer há mais de uma década.

A morte, como já escrevi muitas vezes, é tabu na sociedade ocidental que não se prepara para ela nem a aceita livremente quando ela chega. Prefiro a maneira de ser oriental, em que toda a vida é vivida tendo em mente que a morte é o fim de cada vida, o objetivo primário. A vida é uma fase transiente e passageira, e não um fim em si. Apenas uma curta etapa da passagem por esta orbe que diariamente destruimos.

A morte da minha avó materna em 1966, do meu melhor amigo em 1976, do meu pai em 1992, dos meus tios em 2000, da minha sogra especial em 2005, além de outros amigos nestes últimos anos são as que mais me marcaram e a ausência dessas pessoas pesa na minha forma de estar na vida hoje, pois muitas vezes existem pequenas conquistas e alegrias que gostaria de partilhar com elas e já o não posso fazer da forma mais direta.

Costumo dizer que (no máximo) terei uns 20 anos à minha frente se repetir a durabilidade do fumador inveterado que o meu pai era e ainda há tanta coisa por fazer e tão pouco tempo para o concretizar, quanto mais tempo livre teoricamente temos menos tempo para o fazer. Para nos dedicarmos ao que é verdadeiramente importante. Quando comecei a escrever estas crónicas para incluir numa espécie de livro autobiográfico era para poder deixar alguns apontamentos sobre o que penso e sinto, mas falta-me muito engenho e imensa arte, além de que tenho esta certeza (talvez infundada) de que nenhum dos meus “rebetos” a valer ou dela retirar os ensinamentos que retirei dos ensinamentos dos meus pais.

Tenho saudades da Austrália, de Bragança e agora morro de amores pelo Faial (e pelas outras ilhas açorianas que já conheço) mas tenho a certeza de que estou aqui preso e amarrado e dificilmente sairei deste buraco, bem verde e bonito é verdade, mas que, por vezes, é tão ou mais deserto que o Saara. Estes silêncios enormes que partilho comigo mesmo estão a tornar-me - cada vez mais - árido. Como esta sociedade conformista e carneirista em que vivemos, com a ASAE (DGS) a assumir o papel de controladora da vida privada e pública, nesta caça às bruxas que agora se chamam fumadores. Há já artigos de opinião a serem escritos diariamente por fanáticos “aiatolas” a exigirem que o SNS (Serviço Nacional de Saúde) não pague os tratamentos dos fumadores, mas são esses fumadores que pagam os seus impostos, descontam para o SNS, e veem o Estado arrecadar milhões em impostos sobre o tabaco e não têm o apoio do Estado se quiserem deixar de fumar.

Mais hipocrisia que esta não imagino. Ao menos proibam, de vez o tabaco como se fosse uma droga dura, deixem de arrecadar milhões e tratem-nos a nós todos, fumadores, como drogados. Depois prendam-nos, pois como é sabido dentro das prisões pudemos fumar à vontade. Pouco tempo falta para chegarmos ao ponto em que estávamos em 1989, na Austrália, em que se tornava quase missão impossível alugar uma casa sendo-se fumador, e nos poucos casos em que se conseguia era-se obrigado a fazer uma desinfestação e uma pintura geral ao largarmos a casa.

Se começamos a usar os estilos de vida para proibir o acesso ao SNS daqui a pouco vem a vez dos obesos, dos diabéticos ou doutros para se poupar e excluí-los da sociedade. Podemos começar já com os STD (os que têm doenças sexualmente transmissíveis), toxicodependentes e alcoólicos que nem gerem grandes receitas para o fisco, mas são um enorme peso social e económico para o Estado e a família. Depois vamos incluir os que não fazem ginástica ou não se pavoneiam em traje de jogging como o excelso senhor primeiro-ministro Sócrates, alargando-se depois (através de um qualquer estudo) para provar uma relação causa-efeito com qualquer outra coisa como por exemplo a heterossexualidade.

O Hitler começou com os judeus...podemos começar com isto ou com os ciganos (ah..., mas criem uma cláusula de exclusão como a dos casinos para o tabaco, que inclua o jogador de futebol Quaresma que é cigano). Na China apenas executaram 1010 pessoas em 2006, por crimes violentos (assassínio, violação e roubo) e crimes não violentos como a fraude fiscal e o desfalque, nós podíamos começar com os políticos que mentem, roubam e acumulam mordomias. Isto recorda-me Milan Kundera (n. 1929) "*Nada há de mais inútil do que querer provar alguma coisa a um imbecil*" embora eu acrescentasse, a menos que ele tenha frequentado e terminado a sua graduação na Universidade Independente... Ou como escreve hoje 16 janeiro de 2008 no Público, Catarina Almeida:

Enquanto o Governo proíbe o cigarro, permite e paga o aborto. O Presidente da República Portuguesa convocou hoje o referendo à despenalização do fumo em locais públicos, depois de o Tribunal Constitucional se ter pronunciado favoravelmente à pergunta: "Concorda com a despenalização do fumo em locais públicos, se realizado por opção do fumador maior de idade ou emancipado?" Desde 2008, conhecem-se 130 processos terminados, com 344 arguidos (todos de baixos rendimentos) e 103 condenações. Segundo a análise feita pelos deputados que requereram o referendo, a maioria dos fumadores julgados tinha entre 35 e 50 anos e fumava por prazer.

Conhece-se agora o primeiro movimento a favor da despenalização, Sim, Fumamos! No documento constitutivo do movimento, que reúne fumadores de vários quadrantes políticos, partidários e culturais, lê-se: "Os julgamentos de Lisboa, Coimbra e Braga são exemplos da ineficácia da atual lei - não evita que se fume e coloca os fumadores numa posição desumana de penalização e humilhação." Aquando da elaboração da lei, o Governo de Sócrates afirmou ter em conta sobretudo a prevenção do tabagismo, proibindo-o, protegendo assim a sociedade, principalmente os cidadãos mais vulneráveis. "É vergonhosa a condição a que nós, fumadores, somos remetidos. Empurram-nos para a barra do tribunal, abrindo espaço a que se criem espaços privados de higiene e condições. Somos atualmente vítimas do fumo do vão de escada e sentimo-nos verdadeiros criminosos. No entanto, aqueles que têm posses conseguem fumar sem ser importunados."

Enquanto a atual lei se mantiver, acontecerão as denúncias e, como consequência, a investigação policial sobre fumadores e suas famílias. O tabagismo clandestino é um flagelo e um problema de saúde pública. A atual política de proibição impede o SNS de ajudar os fumadores, prevenindo os seus riscos através da educação para a saúde. Talvez não cheguemos a ler esta notícia no ano de 2028. É, claro está, uma analogia aparentemente exagerada e desproporcionada entre o aborto e a caça aos fumadores.

Independente sempre fui, desde que me rebelei contra a tirania paternal, seguida da rebelião contra o Exército Colonial Português mais conhecido como SMO⁵³ e que me levaria a desertar em janeiro de 1974 para a Austrália. Não será agora com esta lei antitabágica que serei mais racional e conformista. Concordo com a lei em termos gerais, e como tal, os meus

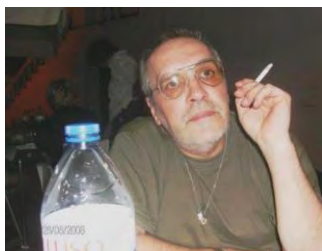
⁵³ Serviço Militar Obrigatório

filhos mais novos são incentivados a adotarem (e adotam) uma postura contra o tabaco, mas este macaco velho precisa de incentivos fiscais e estatais para deixar de fumar.

Deixei de beber há uns 12 anos e outros prazeres da vida têm-se extinguido com o passar dos anos, resta-me este vício, esta droga, esta doença, mas quero que me seja permitido fumar sem ter de me esconder ou de fugir para a rua para poder desfrutar duma baforada de nicotina. Não quero que façam de mim mais pária do que já sou pelas minhas ideias e atos. Moderado, sempre acreditei que era possível a coexistência pacífica ou coabitação e é isso que os não-fumadores deviam tolerar. Já basta ter a ASAE a proibir os sabores tradicionais... Ainda não os vi proibir o pisar do vinho que enche a minha memória e que ainda ocorre nalguns locais. Aqui na freguesia, apesar de ser proibido ainda há quem mate o porco em casa que o faz todos os anos. Sei disto por que ele me convidou para a célebre matança do porco (e é autarca). Se a ASAE descobre lá se vai o convite que me permite contactar com este povo e com as suas tradições mais sagradas. Depois só restarão as procissões, e isto enquanto a ASAE não fiscaliza as hóstias e a higiene do vinho da missa...

Ter humor é possuir a capacidade de perceber a discrepância entre duas realidades: entre os factos (brutos) e o sonho, entre as limitações do sistema e o poder da fantasia criadora. No humor ocorre um sentimento de alívio face às limitações da existência e até das próprias tragédias. O humor é sinal da transcendência do ser humano que sempre pode estar para além de qualquer situação. O humor é libertador. Por isso sorrir e ter humor sobre o que nos rodeia, sobre a violência com a qual a sociedade e as suas regras limitadoras nos pretendem submeter, é uma forma de nos opormos a ela. Somente aquele que é capaz de relativizar as coisas mais sérias, embora as assuma, pode ter bom humor.

O maior inimigo do humor é o fundamentalista e o dogmático. Ninguém viu um terrorista sorrir ou um severo conservador cristão esboçar um sorriso. Geralmente são tão tristes como se fossem ao seu próprio enterro. Basta ver os seus rostos crispados. Como afirmava Nietzsche, *“festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas”*. Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano. Façamos uma festa enquanto me despeço daqui com esta baforada tabágica.



50. CRÓNICA 50. O DESENSINO. 18-31 janeiro 2008

Podia começar esta crónica com o comezinho incómodo que tive nas últimas semanas enquanto deitavam abaixo a casa centenária que em ruínas aqui ao lado. Também podia começar com a remodelação governamental, mas não me apetece falar da política do jardim à beira-mar prantado pois teria de mencionar a mais ridícula de todas as deliberações legais levada a cabo pela zelosa ASAE:

O milho para os pardais ou galinhas só pode ser vendido em sacos de 5 kg, nem mais nem menos...isto mesmo que se trate de velhinhas que só podem levantar dois quilos de cada vez, para darem às galinhas que sobrevivem no pátio enquanto não são comidas na noite de consoada em memória dos perus que já não comem há muito. Um cronista da nossa praça dizia com razão que, a continuar assim, mais valera a ASAE acabar com as velhinhas...

Mas a razão por que não queria falar de política é que o ministro Correia de Campos da pasta da Saúde (ou falta dela) ora demissionário (será este o novo nome que dão aos despedidos ou demitidos?) andava a tentar rapidamente fechar todo o país interior: começara pelas urgências e por outras coisas com nomes esquisitos SAP, SAPU, VMR, etc. Mas os desígnios dele eram mesmo fechar o interior para ficar como coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias.

Eram vários os começos que idealizei para esta crónica demicentenária, mas como eram muitos acabei por esquecer-los. Neste interior pacato da ilha de São Miguel, nesta costa norte com chilrear de passarinhos, vaquinhas a pastar nos campos verdes, ar puro, a luz falha frequentemente, mas quem precisa de Internet? Penso até mandar cortar a luz e comprar candeeiros a azeite, a eletricidade é uma modernice desnecessária para estas bandas...

In Informativo Notícia 2008-01-18 11:09:00 publicadas alterações ao Estatuto do Aluno em Diário da República

As alterações ao estatuto do aluno, datado de 2002, foram aprovadas com os votos contra de toda a oposição e após um período de controvérsia em torno das faltas dos estudantes, tendo sido realizadas três alterações ao projeto. O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário. Este documento estipula que o prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, se o aluno estiver no primeiro ciclo, e do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino. O estatuto do aluno até agora em vigor, introduzido em 2002 no Governo PSD-CDS/PP, previa a retenção automática de um aluno do ensino básico que excedesse o limite de faltas injustificadas ou a sua imediata exclusão da frequência de uma disciplina, no caso de estar no secundário.

Foi pena não ter havido coragem para também desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas, pois reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários para exames ou provas de avaliação. Qualquer dia os ladrões vão todos dar aulas para saberem como é. O que é preciso é estar nas boas graças do chefe, ser mais papista que o Papa, e o futuro está garantido com a promessa dum lugar executivo numa qualquer empresa do Estado ou naquelas privadas onde o Estado é que manda...

Adiante, começaram em janeiro as quatro semanas de celebração do carnaval com a passagem ritual na noite da quinta-feira do Jantar dos Amigos que é uma cena curiosa pois as mulheres ficam em casa e os homens reúnem-se. Depois do jantar há sessões de *strip-tease* que decerto ajudam o ego frustrado de tanto macho latino reprimido que aqui deve haver. Na semana seguinte foi a vez da Noite das Amigas em que elas fizeram o mesmo, mas com *striptease* masculino para se vingarem dos machos que têm. A menos que sejam de preferências sexuais alternativas. Depois foi a Noite dos Compadres e a das Comadres que antecedem o Carnaval e o S. Valentim ou Dia dos Namorados. Digo e repito: são curiosos estes hábitos - a que chamam tradições embora relativamente recentes - da ilha de S. Miguel com direito a espaço informativo nas televisões do continente. Assim se vê de que é feita a massa cinzenta (e outra menos cinzenta) destas gentes. Era vê-los em frente às câmaras de televisão todos lampeiros, satisfeitos depois de se alambazarem com imensa comida e bebida à espera da "sobremesa". Só estou a falar disto porque segundo me parece não estou ainda de forma nenhuma integrado na sociedade local, dado que ninguém me convidou ainda a ir a uma destas noites.

Dia dos Amigos nos Açores



COMO MINHA MÃE IMAGINA

COMO EU IMAGINO



COMO A NAMORADA IMAGINA

Como vai realmente ser

Bem, era disto que vos queria falar, mas sei que apenas os desempregados ou reformados me podem apoiar pois os outros temem ser punidos, como aquele Charrua da DREN (Direção Regional de Educação do Norte) que ao fim de 20 anos naquela Direção foi punido e obrigado a dar aulas como dizia o Zink há dias.

51. CRÓNICA 51. REVISITANDO 1984, GEORGE ORWELL. A REALIDADE EXCEDE A FICÇÃO. 24 fev.º 2008.

Vou deixar de comprar a minha habitual dose de livros de ficção, pois a realidade não para de se exceder e tornar-se mais inverosímil que a própria ficção como li esta semana. Se não, vejamos:

Mohamed al-Fayed sublinhou que o provável assassino do casal foi o paparazzo James Andanson, que constava da folha de pagamentos dos serviços secretos (britânicos) e terá, entretanto, sido morto por aqueles serviços, segundo afirmou. Outra acusação foi a de que a tripulação da ambulância que levou Diana para o hospital, em Paris, era constituída por membros dos serviços de segurança (franceses e britânicos), para se certificarem que a princesa chegava sem vida ao hospital. O milionário declarou que a ambulância demorou uma hora a chegar ao hospital Pitié Salpêtrière, quando o trajeto entre o túnel de Alma e o hospital demorava apenas dez minutos a ser percorrido. Sobre o mordomo de Diana, Paul Burrell, e a recente descoberta de que poderá ter cometido perjúrio, al-Fayed disse, citado pela Sky News: "Ele tem estado sentado no banco das testemunhas a dizer aldrabices. É importante trazê-lo de volta". O egípcio acusou Tony Blair, o MI-5, o MI-6 e o embaixador britânico em França de fazerem parte da conspiração que matou Diana e o seu filho, mencionando uma nota - a chamada "nota Michand" - escrita pelo advogado de Diana em 1995, expressando os receios da princesa sobre o plano para a assassinar num acidente de automóvel. A nota foi entregue ao comissário da Polícia de Londres após a morte da princesa de Gales, mas nunca chegou às mãos dos investigadores."

O pior disto tudo é que é altamente possível que isto tenha acontecido, mas que só se venha a saber daqui a 20, 30 ou 50 anos...tal como no caso de Camarate ou no assassinato de J. F. Kennedy e tantos outros de gente que foi suicidada.

Entretanto aqui no pequeno jardim à beira-mar plantado as liberdadezinhas vão sendo ameaçadas com a cidadania a ser sinónimo de coragem. Há uma crise das instituições democráticas que ninguém ousará negar, a própria democracia saída do 25 de abril resvalou já para a pura demagogia encabeçada pelos discursos gloriosos do nosso líder intocável

(primeiro-ministro Sócrates), o tal que fez um curso por faxe num domingo e assinou projetos de casas de emigrantes em cima de pocilgas de porcos sem saneamento.

Os nossos representantes eleitos estão - cada vez mais - sem ideias e sem horizontes, que não sejam os dos benefícios pessoais e dos seus mais próximos colaboradores numa teia de corrupção e nepotismo que está a por em causa a própria democracia. Os ataques à liberdade começaram há muito com a autocensura imposta pelos poderes económicos que dominam os meios de comunicação. As represálias irão fazer-se sentir sobre aqueles que exercem um mero ato de cidadania. Já há escutas telefónicas, câmaras de videovigilância (em todas as esquinas de Londres e em breve num bairro perto de si), existem ficheiros sobre cada um de nós que convenientemente (e em nome do antiterrorismo global) se fundiram num documento único de cidadania ou cartão único, tal como constava das previsões de George Orwell⁵⁴. ([LER CRÓNICA 47.2](#))

Mas tudo isto é já a quase realidade virtual em que vivemos neste mundo em que a privacidade de há 10, 15 ou 20 anos seria impensável, tudo em nome da defesa dos valores sagrados da civilização ocidental e da luta contra o terrorismo ou outra qualquer luta que os nossos líderes hão de inventar, como a das armas químicas que o malandro do genocida do Saddam Hussein não tinha. Assim nem imaginem fugir a esse pesadelo de constante vigilância sobre os mais pequenos movimentos das nossas vidas: fugir às portagens onde se controlam os nossos movimentos, fugir do multibanco, da internet que traça todos os nossos movimentos virtuais cibernéticos, não entrando em locais vigiados por câmaras tais como bancos, supermercados, centros comerciais, repartições, tribunais, e outros locais. Isso de certo chamaria a atenção de um qualquer bufo de serviço para as autoridades que iriam vigiar ainda mais o nosso comportamento antissocial e instaurar o respetivo inquérito de averiguações, pois alguém que assim procedesse era - de facto - muito suspeito de estar a esconder algo de muito grave.

No tempo do Salazar a PIDE podia torturar legalmente, mas os EUA de Bush levaram mais longe essa prática e pediram a “países amigos” que fizessem os interrogatórios e torturas por eles, além de terem criado esse Gulag que se chama Guantánamo e que faria a inveja dos estalinistas mais ferrenhos. Claro que tudo isto tem sido feito em nome da liberdade, da sua defesa em estados de Direito. E é tudo legal e feito em nome da liberdade, que ameaça colocar na reforma todos os terroristas pois os tais Estados de Direito efetuarão o seu (deles, terroristas) trabalho sujo. O abismo está já ao virar da esquina em nome dum pragmatismo qualquer. Ninguém nota, pois como sabemos, os que votam neles são irresponsavelmente ignorantes

Vai ser difícil qualquer dia concorrer a um emprego, dado o excesso de qualificações dos candidatos entretanto formados por uma qualquer fábrica universitária dessas que produzem “canudos de Bolonha” que para nada servem, exceto para enganar as estatísticas de Bruxelas. Mas ficaremos decerto bem na fotografia pois estaremos com um nível de qualificações elevado face ao resto do mundo, embora os nossos diplomados possam apenas exercer a sua profissão em países altamente desenvolvidos como a Indonésia, Sri Lanka, Maldivas, Filipinas, Angola, Moçambique ou Guiné-Bissau. Nos outros países é provável que não durem muito dada a sua incompetência pessoal e profissional.

Isto é o retrato do que espera os nossos filhos e netos que, entretanto, se vão deparar com um país e uma Europa demasiado envelhecidos para pagarem as reformas das

54 Eric Arthur Blair, n. Bengala, 25 de junho de 1903 – m. Londres, 21 de janeiro de 1950

gerações anteriores. Com esta dívida que herdarão desta famosa geração “*a baby-boom generation*” ficarão também para eles resolverem problemas como o das autoestradas sem custo para nós que eles terão de pagar com juros e dividendos e as obras faraonicamente desnecessárias que os seus antepassados foram construindo para deixarem o seu “legado” às gerações vindouras. Pareceu-me, pois, apropriado recortar estas receitas para quem se candidate a emprego nos tempos mais próximos. Dá que pensar e é isso que pretendo com esta crónica.

“O Inimigo Público deixa-lhe algumas estratégias para uma entrevista de emprego:

1. *Fui raptado pela CIA e levado para uma prisão no norte de África, onde fui interrogado por métodos desumanos. Mas nunca disse nada. Sexta-feira libertaram-me numa estrada de terra batida na Transilvânia, mandei o meu currículo e aqui estou.*
2. *Habilitações - nível do 10º primeiro ano incompleto*
Línguas: português, espanhol, brasileiro
Qualificações: curso avançado de astrologia do centro Andrómeda
Licença de condução de velocípedes
Competências: utilização de agraphador e fita-cola, atendimento de telefones de várias redes, recebimento de faxes, idas ao banco e prática de fotocopiadora
Experiência profissional (por ordem crunológica inversa)
Dispensador semafórico d imprensa gratuita 2006-2007
Pai natal - natal 2006 e 2007
Agente de marketing direto ao transeunte (Rua Augusta) 2004 a 2005
Técnico de embrulho natais 2003, 2004, 2005
Coelho - Páscoa 2003
Piloto gastronómico (Telepizza) 2002
Prémios e distinções: melhor desenho do dia da árvore (1989)
Cores preferidas: azul e castanho
Outros: redação de SMS com ambos os dois polegares
Obies: ver televisão, ver cinema e ver filmes

52. CRÓNICA 52. 9º colóquio (3º encontro açoriano) da lusofonia maio 2008

52.1. PROJETO DE ESTUDOS AÇORIANOS 2008-2012

A vida sem provações não vale a pena ser vivida.
- Sócrates, Apologia, 38

Tudo começara no dia em que me pusera a traduzir alguns autores açorianos e descobria neles a vida e a imortalidade que julgava inexecutáveis. Não era um trabalho fácil pois um escritor raramente se alcançava à fama daqueles jogadores efémeros de futebol que, em cada dois ou em cada quatro anos, tentam arrebatá-los atrás deles, como se fossem velhos deuses gregos descidos do Olimpo. Eram a antítese deles, com a sua sobriedade, honestidade, integridade e humildade. Não se julgavam salvadores do mundo, nem tampouco enviados por uma qualquer divindade para gravarem as palavras na rocha sagrada que iria perpetuar uma civilização. Aqui não se tratava dum retângulo com mais de cem metros e vinte e duas pessoas a correrem atrás dum esférico para o enfiarem numa rede. Era apenas um enorme campo, sem delimitações, nem marcações onde se traçavam no alvo papel os hieróglifos, nesse fluir ritmado das palavras ao som das ondas destes mares, entremeadas pelo cíclico estremecer dos solos numa lembrança de Hefesto, Deus do fogo, dos metais e da metalurgia, filho de Zeus e Hera.

Ou seria recordando Hades, irmão de Zeus e Posêidon? Enquanto o primeiro detém os Céus e o segundo os Mares, Hades é o senhor do mundo subterrâneo, o Inferno local genérico para a moradia dos mortos.

A escrita dos autores açorianos fluía como lava incandescente, era como o próprio magma descendo a 25 de junho de 1563, da Serra de Água de Pau para destruir Vila Franca do Campo, todas as suas casas, igrejas e ermidas. E, como todos sabemos, três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas, seguida de inundações torrenciais que arrastaram para o mar tudo quanto havia ficado de pé na Ribeira Grande, incluindo os seus moinhos. No Pico das Berlengas surgiu a enorme cratera hoje conhecida como a Lagoa do Fogo.

Nada do que escrevi parecia ter paralelo na, enormemente rica e diversa, literatura açoriana que lentamente ia conhecendo com cada livro que traduzia. Esses autores locais eram tão persistentes como tenazes foram os habitantes da Ribeira Grande que durante quatro décadas labutaram na sua reconstrução. Aqueles homens não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza. Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram tudo, limpando as terras, recompondo os moinhos, refizeram as suas casas e repararam os seus templos, erguendo a nova ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, depois incluída na Igreja de S. Francisco onde hoje forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna. Embora os autores açorianos tenham os seus livros lidos apenas por umas, bem poucas, centenas de pessoas no arquipélago e na diáspora, continuavam, ano após ano, a arar as palavras como se fossem terreno pedregoso sem húmus, mais duro que o basalto e mais inóspito que os terrenos do Pico. Estavam assim esses autores tão olvidados como a população esquecera já as erupções mais célebres do arquipélago.

A Erupção da Lagoa do Fogo: (um vulcão que pode estar sempre prestes a despertar)

Em 1563, com a erupção de um vulcão em cuja cratera está a Lagoa do Fogo, deu-se um novo cataclismo em S. Miguel de maiores proporções que a subversão de Vila Franca do Campo. Ora, o Dr. Gaspar Frutuoso, embora não estivesse na ilha, fixou residência na Ribeira Grande, dois anos depois nas cinzas daquele cataclismo. Já o Nordeste se encontrava devastado e ainda ninguém ali sabia a origem do que estava a suceder. O povo entregava-se à proteção da Virgem, implorando a misericórdia divina. Terra farta e de excelentes criações, via toda a sua riqueza desfeita e imaginava chegando o fim dos seus dias. Com este dilúvio morreram todos os pássaros de toda a sorte. Dilúvio - chama Frutuoso a esta chuva de pedras de várias "granduras" e de cinza fina e branca, que havia de petrificar-se, transformando as. Os povos, cheios de pavor, abandonaram as casas e saíram para as ruas, largos e praças, e os lamentos e preces misturaram-se e ouviram-se em toda a parte. E os abalos seguiram-se, a pequenos intervalos, toda uma noite...a terra tremeu quarenta vezes. Os habitantes do Nordeste, da Ribeira Grande, de Vila Franca, não cessaram de implorar a clemência divina. E parecia que as suas preces tinham sido ouvidas, porque durante o domingo, 28 de julho, nenhum abalo se sentiu. Porém logo na segunda-feira começou outra vez a terra a tremer mui amiúde e rijamente, mais horrenda e espantosamente. Ao anoitecer, notou-se uma densa e grande nuvem que pairava sobre a serra de Água de Pau. A nuvem subiu e alastrou-se. Em toda a ilha foi visível e a todos deu a ilusão de que caminhava na sua direção, quer estivessem em Ponta Delgada, quer na Ribeira Grande, quer em Vila Franca. Os povos olhavam-na estarecidos e no seu ânimo abalado e supersticioso não lhes parecia já uma nuvem, mas um monstro colossal e fabuloso. E a nuvem crescia tão obscura e tão mal-assombrada que, estando a noite algum tanto serena e clara, a tornou tão triste e desairosa que a todos dobrou a desconsolação e medo, dando de si mostras de aparências mui espantosas, variando-se com a sua feia escuridão em diversas figuras e mui horrendas... não parecendo nuvem, mas coisa fabricada para destruição das gentes. E o monstro aéreo, que assim parecia aos ânimos espavoridos, abriu grandes bocas e por elas vomitou línguas de fogo que iluminaram todo o horizonte, caminhando negro e pavoroso sobre Vila Franca.

Diz o cronista:

Vendo-a (a nuvem) todos se puseram de joelhos, pedindo misericórdia. Estariam assim tanto espaço quanto se poderiam dizer quatro credos de vagar, e em todo este tempo a nuvem não descansou de botar de si fuziladas por todo o corpo dela, sem estrondo que parecia que se abria o céu com fogo, chegando com a ladainha a dizer-se: Santa Maria, ora pro nobis, se abalou a esta palavra a nuvem de cima da gente e se tornou ao norte com as três bocas diante, porque deu uma volta sobre a gente, como um navio e virou as bocas, como proa caminho do norte. Pareceu àquelas almas crentes que as suas fervorosas preces tinham afastado o monstro fantástico e fabuloso e que o terrível castigo que as ameaçava tinha sido suspenso pela clemência divina, mas pouco tempo durou esta ilusão porque pouco depois começou a sair do alto da serra, donde viera a nuvem, um sopro grande, branco, sem trovoadas, e a terra a tremer muito, logo seguido de uma densa chuva de cinzas e pedras em tal quantidade que as pessoas ficaram cobertas e barradas como se em caldeiras de cinzas delidas fossem metidas. Então o pânico apossou-se de novo da multidão. A lembrança do cataclismo de 1522 invadiu os ânimos e a população fugiu desordenadamente para os campos, para os montes, para Ponta Garça, para a Ribeira das Tainhas, para o mar. O vulcão que, no alto da Serra de Água de Pau, rebentara, poupou a antiga capital de S. Miguel, por terem caído as suas ardentes lavas sobre a parte norte da ilha, na então vila da Ribeira Grande e seus termos. A terrível erupção dera-se no mais alto sítio da Serra de Água de Pau - já denominada o vulcão - junto dos picos das Berlengas e das Mesas, entre os quais ficava situada uma pequena lagoa. Começou naquele dia 28 de junho, como dissemos, o pico hiante a vomitar torrentes de lava ardente, que corriam pelas vertentes norte da serra, como ribeiras caudalosas, abrindo sulcos nos terrenos. Submergiram-se, por vezes, estas correntes impetuosas para aparecer mais adiante, alastrando-se em pastosos lagos sobre as terras lavradas. Formaram-se assim, pelo posterior arrefecimento, os vastos espaços de rugosas pedreiras que chamam biscoutos e que aqui e ali manham de negro e de infecundidade a terra arável desta ilha fértil. No dia 2 de julho uma outra erupção, no Pico do Sapateiro, mais próximo da vila da Ribeira Grande, veio juntar-se àquela na sua fúria destruidora. E as duas crateras, ao desafio, expulsavam das suas entranhas as lavas candentes que, correndo, como ribeiras, por colinas, campos e vales, tudo assolavam, ao mesmo tempo, que, com violento impeto, arremessavam para o ar, a alturas inauditas, massas ígneas e grandes pedras, algumas da grandura de bois, diz o cronista, que ao caírem se fragmentavam, juncando os terrenos, ou o mar, com pedras-pomes que, por mais leves, iam a maior distância, flutuando as que caíam no mar. Foi tal a quantidade dessas pedras que flutuavam no mar, que acumulando-se, chegaram a formar pequenas ilhas, derivando ao sabor das águas. Foram as piores erupções que ocorreram em S. Miguel. Contudo, embora o das Furnas seja o mais ativo e perigoso, está mais ou menos controlado. No vulcão da Lagoa do Fogo, as águas da lagoa começam a aquecer, com pequenos abalos de origem tectónica com falha no graben Lagoa-Congro.

A erupção do vulcão das Furnas: (o vulcão mais perigoso dos Açores).

Erupção do Cinzeiro, Ano do Cinzeiro ou simplesmente Cinzeiro, é o nome porque ficou conhecida a grande erupção do Vulcão das Furnas de 3 de setembro de 1630. Foi a maior das erupções registadas após a colonização

dos Açores, do tipo pliniano, com grande explosividade, emitindo um gigantesco volume de pedra-pomes e de material pomítico pulverizado para a atmosfera. A nuvem obscureceu o Sol por três dias e cobriu a ilha com uma camada de cinzas que nalgumas zonas distantes excedeu 1,5 m de espessura. A erupção atirou cinzas para a alta atmosfera que se depositaram na ilha das Flores, mais de 360 km para oeste. A camada de pedra-pomes flutuante impedia a navegação nas proximidades da ilha. Causou centenas de mortos. Terminou a 2 de novembro de 1630, isto é, 61 dias depois do seu início

Mas quem quereria saber disto ou de tudo o que mais rico existe neste arquipélago esquecido e distante das mentes e vontades dos governantes de Lisboa desde o Terreiro do Paço aos nossos dias? E se os governantes se descuidam há séculos em cuidar dos açorianos que dizer dos que mal sabem da nossa existência? Nem sempre assim é. De quando em vez, surge uma exceção, como foi o caso a 10 de junho de 2008 quando o escritor Daniel de Sá foi merecidamente agraciado com o grau de oficial da ordem do Infante D. Henrique. Um grupo de amigos homenageou-o num jantar a 13 de junho e em nome dos Colóquios da Lusofonia apresentei a proposta, que segue, da criação dos Estudos Açorianos.

*É um privilégio estar aqui hoje nesta singela, mas sentida homenagem a um ser muito especial, que noutra país, noutra continente, certamente teria sido convidado para representar a cultura. Felizmente novas vozes fazem ouvir o seu clamor para o reconhecimento mais do que merecido a este grande homem das letras e da cultura. Resta-me esperar que a sua obra continue a ser editada, reeditada, traduzida e divulgada nos quatro cantos do mundo, como um verdadeiro representante desta açorianidade micaelense e universal que tanto orgulho devia incutir em todos os que aqui habitam. Infelizmente a Universidade dos Açores carece de um curso de literatura e cultura açorianas onde esta e outras vozes se possam fazer ouvir. A Universidade de Brown tem há anos uma cadeira chamada Literatura Açoriana - e na Universidade dos Açores, Urbano Bettencourt ministrou desde 1990 o curso de literatura açoriana (enquanto unidade curricular das licenciaturas) com a duração de dois semestres; havendo outro curso, "Portugal atlântico e a açorianidade" como módulo de 10 horas integrado nos Cursos de verão. O próprio Urbano nos declarou, que, de momento não sabe se, "para lá do que o Onésimo leciona na Brown existem outros cursos de iniciação à Literatura açoriana; embora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Assis Brasil oriente um curso de literatura açoriana, mas já em pós-graduação." **Considero que é indecoroso não haver esta disciplina nos açores. Chegou a altura de criar os Estudos Açorianos e Daniel de Sá a liderá-los com o apoio de nomes como Urbano Bettencourt.***

Posteriormente, foi avançada uma proposta mais ambiciosa. O desafio é concretizar este desiderato, com apoios e mecenas que o concretizem, dentro ou fora do seio da universidade [dos Açores], entidade estática e formal a quem desafiamos, diversas vezes já, para aceitar o repto. Podemos criar a cadeira de estudos e literatura açorianos, através de educação à distância, incluindo autores de todas as nove ilhas, com o apoio duma instituição, fundação, etc., mesmo que não seja num qualquer programa curricular de licenciatura ou mestrado.

São precisas vontades férreas e abnegação para levar este projeto avante, pois era como se se sentisse em toda a ilha um grandíssimo e espantoso tremor de terra, durando por espaço d'um credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro d'ela, fazendo-a dar grandes abalos, com roncões e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores, que se virava o centro d'ela para cima e que o céu caía, e acabando o espaço do Credo ou de um Pater Noster e Ave-maria a todo o mais, e ainda não foi tanto, tornou outra vez a tremer mais brandamente outro tanto e sendo já dia claro, se juntaram algumas pessoas, que viviam pelos montes e nas quintas, e os que ficaram vivos no arrabalde, espantados todos dos grandes tremores e estrondos que ouviram; e vendo a vila no estado em que se encontrava pasmavam da enorme força desta ideia.

52.2 Considerações em torno do Manifesto-Petição contra o novo AO 1990

Considerações em torno do Manifesto-Petição dirigido ao Senhor Presidente da República e aos Membros da Assembleia da República contra o novo Acordo Ortográfico de 1990. O noticiário da imprensa portuguesa veicula as razões que levaram numerosas personalidades da cultura do país a assinar o Manifesto-Petição contra o Acordo Ortográfico de 1990, a ser examinado pela Assembleia da República, provavelmente no próximo dia 15. No Acordo se propõe a unificação ortográfica nos países de expressão oficial de língua portuguesa. É incontestável o peso e o prestígio, justamente alcançados, dos signatários do Manifesto-Petição; o que vamos tentar mostrar é o peso e a autenticidade das críticas feitas ao texto do Acordo em discussão, segundo as declarações que se dizem extraídas do referido Manifesto-Petição e divulgadas pela imprensa. O primeiro conjunto de críticas atribuídas à proposta de reforma ortográfica diz que ela é "mal concebida" e "desconchavada". Ora, quem faz a história crítica das diversas propostas de reforma ortográfica em Portugal, percebe claramente que elas constituem um texto matriz a partir do estudo inicial de Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu, entre 1885 e 1886, passando pelo livro seminal Ortografia Nacional, de Gonçalves Viana, saído em 1904 e, finalmente, consubstanciadas as ideias fundamentais na reforma oficial de 1911, referendada pelo governo português, consoante proposta assinada por um grupo dos mais conceituados filólogos da época, onde luziam os nomes de J. Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, J. J. Nunes, Gonçalves Guimarães, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, A.G. Ribeiro de Vasconcelos, entre outros. De então a esta parte, as bases das reformas ortográficas que se sucederam, independentemente ou em conjunto, em Portugal e no Brasil, vieram tecendo esse texto matriz, ora reduzido, ora ampliado em aspetos secundários; mas, na essência, as linhas

mestras garantiam o ideário e a conceção dos ortógrafos que, a partir de 1911, puseram o problema da reforma ortográfica no trilho da ciência linguístico-filológica. As bases que orientam a proposta de 1943 e, principalmente, de 1945 são filhas diletas dessa tradição do texto matriz. Nesta última, ressalte-se a erudição e a competência do saudoso ortógrafo Rebelo Gonçalves; na proposta de 1986, a participação desse mestre incomparável que foi L. F. Lindley Cintra. O Acordo Ortográfico de 1986, retocado na proposta de 1990, graças às críticas e sugestões recebidas, pertence, inexoravelmente, a essa tradição científica, e, portanto, custa atribuir a ambos os textos qualificativos de “mal concebida” e “desconchavada”. Aceitá-los, sem um exame acurado, como está a exigir um Manifesto-Petição da natureza e propósito dirigido à Assembleia da República, representa, no mínimo, desmerecer o trabalho dos que, em Portugal, melhor fizeram para o estabelecimento e progresso das ciências da linguagem. Pelas mesmas razões até aqui exaradas, não se há de aceitar a crítica, segundo a qual a reforma peca por apresentar-se “sem critério de rigor”. Pode-se dizer, em sã consciência, de uma reforma que não se caracteriza pelo critério de rigor, quando essa mesma reforma, publicado o texto de 1986, acolhe as críticas e sugestões que lhe chegam ao conhecimento, e os incorpora, quando possíveis, à nova redação de 1990? Diz também o Manifesto-Petição que a proposta é “perniciosa, e de custos financeiros não calculados”. Ora, a crítica não se aplica, em rigor, só à reforma em discussão, mas a toda a série de reformas que se propuseram - e não foram poucas! - desde 1911 até nossos dias. Um inteligente e razoável prazo fixado pelas autoridades e editoras tem minorado os custos financeiros de quem se considerou prejudicado.

Toda a motivação que tem justificado as sucessivas reformas ortográficas insiste em que elas pretendem garantir a defesa da língua e facilitar o estudo e ensino do idioma. Por isso, também parece não caber à presente proposta a declaração exarada no Manifesto-Petição de que ela é, “nas suas prescrições, atentatória da defesa da língua”. Só num ponto concordamos, em parte, com os termos do Manifesto-Petição, quando declara que o Acordo, para servir de base a uma proposta normativa, contém “imprecisões, erros e ambiguidades”. Os doutos linguistas da Universidade de Lisboa, professores de ambas as margens do Atlântico e especialistas de línguas africanas já apontaram nele falhas e sugestões. Mas isso tem ocorrido com todas as propostas de reforma, e elas têm sido aceitas e adotadas mesmo assim, com promessas de melhorias no futuro. A mesma reforma de 1911, que tem sido considerada a mais feliz de todas, tão logo foi oficialmente aprovada, mereceu palavras de elogio, mas também de receio da boa solução para alguns problemas da nossa rica fonologia das vogais e da flexão verbal. Essas apreensões partiam do alto saber de D. Carolina Michaëlis, signatária do texto da referida reforma. As falhas que se podem apontar no Acordo Ortográfico, facilmente sanáveis, não devem impedir que a língua escrita portuguesa perca a oportunidade de se inscrever no rol daquelas que conseguiram unificação no seu sistema de grafar as palavras, numa demonstração de consciência da política do idioma e de maturidade na defesa, difusão e ilustração da língua da Lusofonia. A necessidade de ações que melhorem a competência efetiva e reflexiva dos utentes do idioma não está, em rigor, na dependência direta de uma proposta de unificação ortográfica, mas sim de uma efetiva e inteligente vontade política dos órgãos governamentais, a que deve se juntar a colaboração das agências culturais de que dispõe a sociedade.

Assinado Evanildo Cavalcante Bechara

Lagoa, S. Miguel, Açores, 9º colóquio da lusofonia, 8 a 11 de maio de 2008, (seguem-se 34 Assinaturas)

53. CRÓNICA 53. NOVA JUNTA NA LOMBA DA MAIA, julho ago 08

53.1. Lomba da Maia NOVA SEDE DE JUNTA

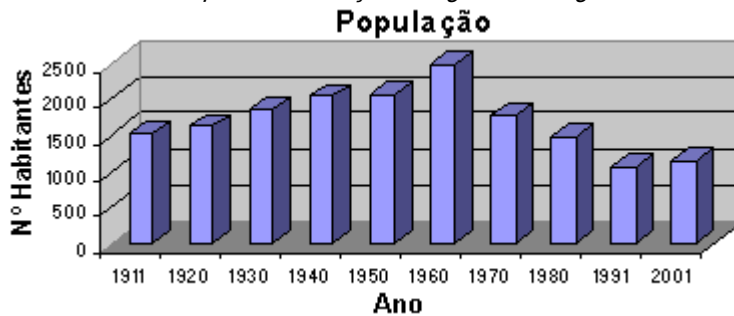
O lugar da Lomba da Maia deve o seu nome a um dorso geográfico, o que a caracteriza como uma lomba. Esta freguesia, com uma importante atividade pecuária, foi povoada, provavelmente, no primeiro quarto do século XVI. Situa-se na costa norte da ilha de São Miguel ocupando uma área de 20.50 km² e encontra-se a cerca de 21 km de distância da cidade da Ribeira Grande, a sede do concelho a que pertence.

É uma freguesia virada para o mar, com uma visão muito ampla do imenso Oceano Atlântico Norte. Localiza-se a uma latitude 37.833 (37°44') norte e a uma longitude 25.35 (25°21') Oeste, estando a uma altitude de 339 metros. A região onde se localiza a freguesia, com uma importante atividade pecuária, foi provavelmente povoada no primeiro quartel do século XVI a partir da localidade da Maia, hoje a freguesia da Maia, cuja existência é anterior a 1522, ano em que a Maia já tinha um desenvolvimento considerável [4].

Foi a partir da Maia, onde era relativamente fácil o desembarque, que o povoamento se foi estendendo para leste, com as habitações a localizarem-se sobre as lombas sobranceiras às principais ribeiras, a partir das quais era fácil o abastecimento de água. Em consequência, o território da freguesia da Maia, nele se incluindo a Lomba da Maia, ocupava inicialmente toda a faixa costeira desde a ponta onde foi fundada até à Ribeira da Salga, já para além dos Fenais da Ajuda (que então se chamavam Fenais da Maia). Para o interior da ilha, o território da Maia chegava até ao vale das Furnas.

Inicialmente o território da Maia, aqui entendido na aceção mais geral da faixa norte da ilha entre a Ponta da Maia e a Ponta da Ajuda, pertencia ao concelho de Vila Franca do Campo. Com a elevação da Ribeira Grande à categoria de vila, a 4 de agosto de 1507, aquela situação manteve-se, pois, o território do novo concelho foi então definido como sendo o que se situava até à distância de uma légua do seu pelourinho, o que excluía a Maia. Assim, a Maia (e por consequência a Lomba da Maia) continuou a pertencer a Vila Franca do Campo até 1820, ano em que território vilafranquense da costa norte foi incorporado no concelho da Ribeira Grande. A partir de 1916 a Lomba da

Maia passou a fazer parte da Ouvidoria católica de Fenais de Vera Cruz (Fenais da Ajuda), o que alimentou por muitos anos o desejo de autonomização da parte oriental do concelho da Ribeira Grande como um novo concelho, com sede na Maia. Com o crescimento da população, as diversas localidades foram inicialmente transformadas em curatos sufragâneos da Igreja Paroquial do Espírito Santo da Maia e depois progressivamente transformados em freguesias autónomas, num processo que prosseguiu até ao século XX e que ainda não se completou, como o prova a discussão em torno da possível elevação a freguesia do lugar da Lombinha da Maia.



© Chrys Chrystello 2011

O lugar da Lomba da Maia foi elevado à categoria de paróquia autónoma em 1876, devendo o seu nome a um dorso geográfico, o que a caracteriza como uma lomba e à sua anterior pertença à Maia. No território da paróquia ficou incorporado o Burguete, até ali também da Maia. A elevação do lugar a freguesia ocorreu por decreto de 7 de novembro de 1907, o qual fixou a atual configuração territorial das freguesias da Lomba da Maia e da Maia.



A igreja paroquial da Lomba da Maia, construída em 1877, é dedicada a Nossa Senhora do Rosário, orago da paróquia. O interior, com três naves separadas por esbeltas colunas talhadas em basalto, é decorado com altares em talha dourada. A festa em honra da padroeira é no último domingo de agosto, com procissão e arraial a que em geral se segue uma semana de festejos. Nos últimos anos, a afluência de emigrantes e visitantes tem aumentado substancialmente. Em dias de festa, vive-se um outro espírito na freguesia, as pessoas empenham-se em embelezar suas casas bem como as ruas. No domingo de festa, as ruas por onde passa a procissão são decoradas com magníficos tapetes de flores. Um dos vários orgulhos da freguesia é a praia da Viola que encanta cada visitante e possibilita um sossego e relaxamento como nunca imaginados. A água é uma delícia. Os acessos à praia são vários, quer de carro quer de pé. De carro basta descer a rua da Igreja e seguir até ao fim da Lomba. No percurso da descida encontra-se um miradouro do Ti Domingos (ver foto) concluído em agosto de 2008. Sugere-se uma descida a pé pelos trilhos criados aquando do funcionamento dos moinhos que junto à praia moíam o milho que servia de sustento a toda a população da freguesia e até de freguesias vizinhas.



Esta freguesia foi durante muitos anos uma fonte de emigração (representado no gráfico), principalmente para os Estados Unidos da América e Canadá.

53.3. BENEMÉRITOS E FILHOS ILUSTRES DA Lomba da Maia:

53.3.1.

João Augusto Soares Brandão (1844-1921), aos 11 anos rumou ao Brasil, onde se tornou num ator de comédia, conhecido como Brandão, o Popularíssimo. João desembarcou da sua supliciada viagem em 1855, no cais Pharoux, atual Praça 15 de Novembro no Rio de Janeiro...em 1860 resolveu ser ator...contava 16 anos quando entrou para

um grémio amador... Em 1983, os conterrâneos fizeram uma homenagem, na Lomba da Maia, indicando 1845 no monumento como data de nascimento. O filho, o também comediante Brandão Filho também atingiu notoriedade, garantia 19 junho 1844 como data de nascimento, data que surge na certidão de batismo de Brandão como sendo 27 setembro 1844. "João, filho de José Soares Brandão, casado, e de Francisca Carreira, solteira sui juris, naturais da Paróquia da Senhora Mãe de Deus da vila da Povoação, nasceu em vinte e sete de setembro de mil oitocentos e quarenta e quatro e foi batizado em cinco de outubro da dita era por mim, José Ignácio Moniz, cura, e foi padrinho José Jacintho de Medeiros, tesoureiro paroquial do Divino Espírito Santo da Maia e testemunhas o sacristão João Muniz e seu filho Venâncio Muniz que comigo assinarão este termo em dia, mês e ano ut supra." Na freguesia há um monumento, em baixo-relevo, homenageando o grande ator. O livro "Popularíssimo, o ator Brandão e seu tempo" de Marco Santos, publicado em 2007, foi apresentado em 2010 no 13º Colóquio da Lusofonia em Santa Catarina, Brasil.

53.3.2.

Amâncio da Câmara Leite, professor de primeiras letras, muito contribuiu para o desenvolvimento cultural da localidade, no ensino da música, do teatro e no apoio à criação de grupos de jovens vocacionados para o efeito. Foi durante vários mandatos presidente da Junta de Freguesia. É patrono da escola do primeiro ciclo designada Escola Básica Professor Amâncio da Câmara Leite.

53.3.3.

Jonas de Amaral Medeiros Negalha (1933-2007), professor, poeta, escritor, filósofo, diplomado em literatura (1972) e filosofia (1976), membro da União Brasileira de Escritores viveu no Brasil e faleceu em S. Paulo em 2007. Autor de "Os Meninos da Rua", obra, considerada pelos entendidos de elevado mérito pedagógico, mas a sua obra é contestada por vários intelectuais.

53.3.4.

Elias de Medeiros Negalha, radicado em Lisboa e autor de *Os Meninos da Rua: Prevenção da Delinquência Juvenil* (S. Paulo, 1993) obra considerada de elevado mérito pedagógico.

53.3.5.

Agnelo Clementino serviu o Exército Português e fundou um grupo de Escuteiros. Em 1940 emigrou para Santo Domingo, malograda experiência para centenas de micaelenses com contratos de trabalho. Um ano depois, estavam cheios de fome, maltratados e abandonados pelo Governo Português. Escreveu uma carta aberta ao Diário de Notícias de Nova Bedford, apelando à ajuda para emigrarem. Alguns regressam à terra natal e Agnelo emigra para a Venezuela onde trabalha como empregado doméstico. Por intermédio do irmão Manuel, consegue carta de chamada para a Califórnia onde inicia lides radiofónicas na KTIM de San Rafael (1947). Fadista amador e tocador da guitarra, Agnelo supera a falta de discos e preenche o programa com originalidade. Durante 30 anos dirigiu um programa diário em língua portuguesa com mais de cem mil ouvintes. Importou filmes portugueses, projetados em mais de 12 cidades e contratou artistas portugueses como Amália Rodrigues. Angariou centenas de milhares de dólares para as mais diferentes causas. Faleceu em San Rafael em 1977.

53.3.6.

Serafim Clementino de Medeiros emigrou muito novo para as Bermudas. Na cidade de Hamilton, alia-se ao seu conterrâneo Mariano Raposo e a outros emigrantes e funda a Associação Benemérita Vasco da Gama em 1936. Foi Tesoureiro até 1943, já esta agremiação contava com 125 sócios.

53.3.7.

Manuel Eduardo ("Eddy") de Mello (n. em 1937) emigrou para as Bermudas com a família aos 11 anos. É o seu próprio empresário musical e produz gravações dos principais artistas locais. Trouxe aos palcos Ray Charles e Amália Rodrigues. Foi presidente do Clube Desportivo Vasco da Gama (1967-84) e serviu de intérprete comunitário. Diretor de um programa em língua portuguesa por mais de 30 anos, serviu no Centro Cultural Português, e foi membro do comité para a residência permanente nas Bermudas. Foi agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1979) e em 1988 foi condecorado pela rainha da Inglaterra com um Certificado e Medalha de Honra pelos serviços prestados à comunidade portuguesa e ao entretenimento. Em 2004 foi reconhecido com o prémio "Bermuda Arts Council's Lifetime Achievement Award" pela sua contribuição em prol das artes.

53.3.8.

Eng.º Clemente Clementino de Medeiros nasceu na Rua do Rosário. Filho de António e Rosa Clementino Craveiro, desde novo demonstrou qualidades de bom estudante e enorme habilidade mecânica. Construiu vários engenhos em miniatura. Foi o primeiro aluno universitário da freguesia, formando-se em engenharia na Universidade de Coimbra. Na Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada foi Chefe das Obras Públicas até a sua morte (aos 50 anos). Construiu a estrada das Pedras do Galego (Furnas) que tinha sofrido enormes derrocadas porque os traços anteriores não conseguiam desviar as águas da estrada. Foi responsável pelas modificações na estrada da Ribeira Grande ao Nordeste, incluindo a ponte da Ribeira do Preto na Lomba da Maia. Foi benfeitor da Casa do Trabalho (Nordeste), empreendimento de valor para a preservação do artesanato regional. A mãe explorou uma mercearia na parte inferior da casa. Em Ponta Delgada comprou lotaria, e com os 300 contos do prémio (1931) adquiriu a fábrica da chicória na Ribeirinha, que o pai geriu por muitos anos.

53.3.39

José Arruda - O Tio José Arruda do Burquete merecia o enorme respeito da freguesia. Depois da 2ª Grande Guerra, criou a feira de gado da Achada das Furnas. Por mais de 20 anos os lavradores do Nordeste a Porto Formoso, e do sul, traziam gado para vender na estrada às quartas-feiras no verão. O local tornou-se o maior mercado de gado

da ilha, melhorando a vida dos lavradores que nunca falhavam as feiras semanais. Mais tarde foi transferida da estrada para uma propriedade privada.

53.3.10

Anthony de Sá, n. em Toronto, filho dum açoriano da Lomba da Maia. É autor de Barnacle Love (Random House, 2008) que interjeta o sonho emigrante com a desilusão e realidade amarga da experiência do açoriano num mundo onde o leitor caminha do isolamento e sossego da ilha para o multiculturalismo e alvoroço da cidade. Decorrendo de experiências e vivências do autor, caracteriza sucinta, mas sugestivamente o 'emigrante', dando-lhe uma feição universalista.

Os curtos contos de ficção têm sido publicados em jornais e revistas literárias norte-americanas. Frequentou a Humber School for Writers (Toronto) onde chefia o departamento de Inglês e dirige escrita criativa. O primeiro livro foi um sucesso, traduzido para português pela D. Quixote (2009). Vive com a mulher e três filhos em Toronto e esteve no 13º Colóquio da Lusofonia em Santa Catarina, Brasil.

53.3.11.

Manuel Sá Couto, influente figura política micalense e professor de Filosofia na Escola Antero de Quental, uma referência local de vulto.

Na Lomba poucos sabem quem foi o ator Brandão. Em junho 2009, escrevi ao Presidente da Junta “a sugerir que fossem batizadas Ruas da Freguesia em homenagem a ilustres da Lomba da Maia. Mais se sugeria que nas placas toponímicas se acrescentasse uma pequena nota sobre os homenageados. Por último, deveriam convidar-se os homenageados vivos e os descendentes dos falecidos”. Como nada disto se concretizasse, em protesto, decidi toponimicamente passar a chamar Fish Tails a Rabo de Peixe, Slim Point a Ponta Delgada e Maia Hump à Lomba da Maia. Desisto de homenagens, sigo a minha toponímia: Rua do Rosário será R. Sá Couto, Rua da Igreja será R. da Lusofonia, etc.

Tudo isto vem a propósito da inauguração domingo, dia 27 julho de 2008, da nova sede da Junta de Freguesia da Lomba da Maia, cujas obras de construção foram comparticipadas pela Câmara Municipal da Ribeira Grande e pelo Governo Regional.

A inauguração foi presidida pelo vice-presidente do Governo Regional, Sérgio Ávila, com a presença do Presidente da Câmara Municipal, Ricardo Silva e de outras entidades e individualidades.

Orçada em cerca de 200 mil euros, a nova sede (situada em frente à igreja local) é constituída por três pisos: na cave, uma sala de formação equipada com vários computadores e destinada a responder às necessidades formativas da freguesia; no primeiro piso, os serviços administrativos e de atendimento ao público da junta de freguesia, bem como o posto do SNIRB - Serviço Nacional de Identificação e Registo de Bovinos.

O segundo piso está aberto a várias funcionalidades entre elas, como espaço de realização de colóquios e conferências, estando equipado com cozinha e casa de banho, e preparado para receber grupos, como os romeiros que pernoitam na localidade.

Após a inauguração houve um churrasco para toda a população (mais de 600 pessoas presentes), animado pelo grupo terceirense “Só Fórrô”. Lá estivemos presentes no meio daquele amontoado de gente, esperando pelas bifanas e costeletas, acompanhadas de batatas fritas e salada, com bolo na sobremesa. Tudo correu bem, para uma festa com tantos convivas, sem grandes esperas pela comida e bebida, com que todos se banquetearam.

53.4. DA SAÚDE NOS AÇORES

Quando se fala do sistema de saúde em Portugal, as críticas são mais que muitas. Em grande parte dos casos as vozes do povo são acertadamente críticas. Justamente. Todos os episódios caricatos que se ouvem ou que surgem no pequeno ecrã da televisão desfilam perante os nossos incrédulos olhos em qualquer visita que se faça a um dos centros de saúde. Claro que nunca nenhum governante, nestes últimos 35 anos pós-revolução de abril, teve de se deslocar por enfermidade a um dos Centros de Saúde, que aí pululam, cheios de gente, doentes na maior parte, vazios de médicos, ostentando as mais estapafúrdias designações e acrónimos.

Um dia, o meu filho mais novo aparecera com uma infeção num pé. Mal podia andar. Eram 16.45 quando chegamos ao Centro de Saúde da Maia. Porta fechada. Fechara mais cedo, era fim de semana e não valia a pena esperar pelas 17 horas. Deslocamo-nos à cidade mais próxima, Ribeira Grande, com SAP, Serviço de Atendimento Permanente. Ali chegados comprovamos a enchente da pequena sala, 12 pessoas. O rececionista preencheu a ficha com os sintomas, esperamos e tornámos a esperar. Desesperamos cinco longas horas. A maioria dos doentes eram crianças, com outras crianças ao colo, ou seja, jovens mães (15-16 anos) da zona de Rabo de Peixe. Exemplo vivo das beneficiárias do rendimento mínimo garantido e do abono de família, propiciador de filhos sem nenhum trabalho. Há várias versões, uns que dizem que é uma miséria, outros defendem a pequena vila dizendo que há gente boa. Ali naquele Centro de Saúde, constatei o excesso de imaturas, juvenis mães.

O meu filho foi finalmente observado pela médica e tratado pela enfermeira que lhe fez um penso. Saindo para voltar no dia seguinte antes das 08.30 da manhã pois a médica queria observá-lo, antes de sair de serviço. Viemos jantar às 23.00. Eram 08.00 de sábado e já estávamos na sinuosa, conquanto bela, estrada da Ribeira Grande. A médica havia recomendado que, mal chegassem, avisassem a receção para serem atendidos antes de ela sair. Passavam-se os minutos e nada acontecia. Muitas pessoas saíam e poucas eram chamadas a entrar. Foi falar com o rececionista. Desculpou-se, não entendera a urgência de tratamento... A minha mulher obviamente irada, interrogava-se sobre se estavam a tratar de gado.

Os restantes enfermos acatavam estoicamente as seis horas de espera que os aguardavam.... Foi chamado o nome do meu filho. E decorreu uma hora. Grande demora para fazer um penso novo. A médica da véspera antes de sair de serviço e depois de observar o pé decidira que estava demasiado negro e podia ter uma fratura. Depois do penso feito, foi à radiografia, mas a médica saíra de serviço. No dia seguinte (domingo) lá teria de estar pelas 08.30. Sábados e domingos são as únicas manhãs que dispõem para pôr o sono em dia, mas a saúde está primeiro... Quando o Rx veio, foi observado por outra médica dum país de leste, pela aparência e sotaque. Ao ver o Rx disse haver uma fratura e prontificou-se a chamar a ambulância para ir aos serviços de ortopedia de Ponta Delgada. A minha mulher teve de assinar um Termo de Responsabilidade - que nome tão gravosamente importante - para o poder levar na viatura particular. No Hospital do Divino Espírito Santo, a demora na triagem foi ínfima sendo logo observado pelo ortopedista. Mandou desfazer o penso elaboradíssimo, substituiu-o por dois pensos rápidos. Não havia fratura nem algo parecido. Viria a saber que a médica eslava da Ribeira Grande fora condenada recentemente pela morte duma criança, aguardando decisão sobre o recurso da sua condenação. Daí a ver uma fratura num Rx, onde ela não existia, vai o passo duma mosca que talvez tenha pousado na radiografia...

Na manhã seguinte não teriam de ir fazer o penso nem de se levantar cedo. O jovem já corria domingo pela tarde e já se esquecera da "fratura" que esteve quase a ter. Assim vai a saúde em Portugal, viva o ministro da saúde, a quem desejo que um dia se tenha de sujeitar a uma espera destas numa sala dum qualquer SAP. Creio que todos os ministros se deveriam sujeitar a tudo aquilo por que fazem passar os seus concidadãos para - na prática - pensarem, duas vezes, antes de legislar mal.

54. CRÓNICA 54 SÃO JORGE 21/9/2008

54.1. INTRO

Estou a ficar mais eremita e raramente saio do meu "castelo", nome pomposo que Daniel de Sá deu à "falsa" onde tenho o escritório com vista para as vacas alpinistas e para a costa até à Bretanha. Por outro lado, tenho a satisfação dum dever enorme cumprido: o de ter acabado o "livro da vida" como afetuosamente ou afetivamente lhe chamo. Trata de tudo e de nada, uma ficção histórica narrativa sem heróis nem moral, poderia ser uma lenda ou um diário de bordo de muitas viagens e de muitos anos nos mares salgados que tantas lágrimas e fel deram.



Em agosto de 2008 ainda o mês não acabara quando decidi ter direito às merecidas férias partindo de avião para a ilha de São Jorge com pouca bagagem e estas instruções do Onésimo [Teotónio de Almeida]:

Não se esqueça de subir ao Pico da Esperança, aonde muito pouca gente vai. É seguramente uma das mais belas vistas dos Açores, e vá também à Caldeira do Santo Cristo. Não fui desta vez, mas dizem-me que já não é preciso descer a pé da Serra do Topo. Vai-se de carro até à Fajã dos Cubres (uma descida mais íngreme que a do Lombo Gordo no Nordeste ou a do Salto da Farinha, nos Fenais da Ajuda, mas que vale a pena). De lá, vai-se agora numas motorizadas até à caldeira. Antigamente ia-se a pé - uma hora, mas um bocado menos que a descida da Serra do Topo.

As Fajãs de S. João e dos Vimes também são uma bela descida. O farol dos Rosais (cuidado, que é perigoso, pois tem fendas) é ótimo ao pôr-do-sol, com a vista do Pico e Faial.

Para banhos, a Fajã Grande, na Calheta, o porto das Manadas são os nossos favoritos. Um passeio da Calheta ao Topo em dia claro oferece um verdadeiramente belo panorama sobre a ilha do Pico. Se conseguir um passeio de barco à volta do morro das Velas verá rochas impressionantes.

A expectativa era grande pois fora um ano difícil para todos, com muito trabalho e algumas preocupações para além das normais contrariedades quotidianas.

São Jorge é assim chamada em honra do santo do mesmo nome. O descobrimento e povoamento da ilha estão envoltos em mistério. A primeira referência data de 1439. Sabe-se que, por volta de 1470, quando já existiam núcleos de colonos nas costas oeste e sul e a povoação de Velas fora fundada, veio para a ilha o nobre flamengo Wilhelm Van der Haegen, que, no Topo, criou uma povoação, onde veio a morrer com fama de grandes virtudes, já com o seu nome convertido para Guilherme da Silveira. Rápido deve ter sido o povoamento da ilha, com gentes vindas do norte do continente, bem como a sua prosperidade, pois a sua capitania era doada, em 1483, a João Vaz Corte Real, donatário de Angra, na Terceira, e Velas recebia foral de vila antes do final do século XV.

Ora desde que temos aquelas cartas, que precisam tão claramente a data em que el-rei mandou povoar as ilhas dos Açores, e isentou os seus moradores que estão e vivem n'ellas da dizima, é evidente que a ilha de S. Jorge, no anno de 1439, estava descoberta e em 1443 havia n'ella habitantes. Semelhantes factos destroem as diferentes opiniões sobre a descoberta e povoação, depois de 1450, que o auctor sr. J. Duarte menciona nos seus apontamentos, referindo-se a outros escriptores.

Estas ilhas foram mencionadas na Livraria Laurentina, de Florença, em grupos distintos, dando-se ahí ao grupo de S. Jorge, Pico e Fayal, a designação de Insule de Ventura Sive de Columbus (Diccionario de Geographia Universal, 1.0 vol. Pág. 16, art.º Açores). É no mapa catalão de 1375 teve a ilha de S. Jorge a indicação de San Zorze, significativa do dia do seu descobrimento. (Archivo dos Açores, vol. X pág. 279). Parece, pois, que os portugueses do seculo XV não foram os que lhe deram o nome e que d'estas ilhas já tinham conhecimento pelo infante D. Henrique, que os mandou navegar para estas paragens. É por tanto de presumir que o nome dado à ilha de S. Jorge, proveio do mappa catalão de 1375, onde foi designada por San Zorze, allusivo ao dia do seu descobrimento, ou então é uma coincidência muito notavel a descoberta feita pelos portugueses em igual dia, 23 d'abril. O primeiro documento sobre o povoamento de São Jorge é do testamento do Infante Dom Henrique, falecido em 1460, que diz: "...ordenei e estabeleci a igreja de S. Jorge na ilha de S. Jorge". Os primeiros povoadores, provavelmente, entraram na ilha na década de 1460 a 1470. João Vaz da Costa Côrte-Real, seu donatário a partir de 1483, esforçou-se pela sua colonização. Era também donatário de Angra. Oficialmente foram criadas três vilas em São Jorge: Velas (1500), Topo (1510) e Calheta (1534).

Sempre assolado por inúmera atividade vulcânica, pirataria e maus anos agrícolas (a fome causou mais vítimas que os terremotos), a ilha de São Jorge sofreu as maiores crises:

1580 – *Erupção do vulcão da Queimada. Na noite de 28 de abril a terra tremeu 30 vezes e 50 no dia seguinte. No dia 1 de maio os tremores recrudesceram e nesse mesmo dia ocorreu uma explosão vulcânica no cimo da encosta sobranceira à Queimada. Outra explosão ocorreu posteriormente no alto da Ribeira do Nabo, 2 km a leste da inicial. Outra emissão de lavas teve a sua origem junto à Ribeira do Almeida. A erupção durou 4 meses com emissão de grandes correntes de lava que atingiram o mar e de muitas cinzas que recobriram a ilha, atingindo mesmo a Terceira. Uma nuvem ardente matou pelo menos 10 pessoas. Mais de 4000 cabeças de gado pereceram de fome e devido aos gases e cinzas que destruíram as pastagens.*

1593 – *Mau ano agrícola provoca fome na Terceira e S. Jorge - 1593 foi um mau ano agrícola, o que associado às consequências da guerra de 1580-1583, do saque e dos pesados tributos para manutenção da força de ocupação castelhana, causou miséria e fome generalizada entre a população rural da ilha. Há notícia de terem morrido muitas pessoas de fome. Em São Jorge também se morreu de fome neste ano.*

1606 – *Inundações nas Velas. Em fevereiro grandes chuvadas provocaram grandes danos na vila. Muitas ruas ficaram "de modo que se não podia andar a pé".*

1641 – *Grande enchente de mar (maremoto?) nas Velas. A 21 de dezembro "empolgou-se o mar de tal sorte que dominando o Monte dos Fachos, com três mares" provocou grande destruição na vila, ferindo 50 pessoas e arrastando ao mar muitos bens. Terá sido um maremoto?*

1668 – *Tempestade - Causa grandes prejuizos na Calheta. A 23 de novembro uma violenta tempestade provocou "tal alteração de mar que este entrou pela dita vila derrubando casas" e obstruindo o porto com penedia.*

1678 – *Falta de cereais - Causa desaguisado entre as Câmaras da ilha de São Jorge e da ilha do Pico - Mais uma vez um mau ano agrícola torna escassos os cereais pelo que as câmaras de São Jorge e Pico se vêm na necessidade de proibir a sua exportação.*

1713 – *Inundações na vila de Velas. A 10 de dezembro, chuvas muito intensas entre a Urzelina e os Rosais provocaram grandes inundações, destruindo 27 casas na vila de Velas. A Ribeira do Almeida veio tão carregada de caudal sólido que criou uma praia que permitia a passagem a pé entre a vila e a Queimada.*

1713-1714 – *Mau ano agrícola, fome e peste - Um mau ano agrícola, a que não foi alheio ciclone tropical de 25 setembro 1713, levou a que em São Jorge fosse tal "a falta de mantimentos que morreu muita gente de fome".*

1732 – *Cheias provocam 5 mortos. A 6 de dezembro grandes cheias provocaram destruição matando 5 pessoas. Os lugares mais afetados foram Urzelina, Figueiras, Serroa e Velas.*

1744-1746 – *Mau ano agrícola - Provoca fome e emigração em massa - Em resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada nos Açores... [No Pico] o povo "recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe mesmo esse mísero alimento emigrou para as mais ilhas". Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade. Face a esta situação, por alvará régio foi autorizada a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.*

1755 – *Maremoto atinge os Açores - O Terramoto de Lisboa de 1 de novembro de 1755 provocou o grande maremoto de 1755 (um tsunami) que atravessou a área oceânica onde os Açores se situam, afetando essencialmente as costas viradas a sul e sueste, direção de onde as ondas se aproximaram das ilhas. O maremoto fez com que "estando o mar em ordinária tranquilidade, se elevou tanto em três contínuas marés ficando quase seca a sua profundidade por largo espaço". Assim, em Angra o mar entrou até à Praça Velha, causando grande destruição; no Porto Judeu o mar subiu "10 palmos acima da rocha mais alta"; na Praia, inundou o Paul e derribou 15 casas na costa até à Ribeira Seca, incluindo a ermida do Porto Martins. Morreram várias pessoas arrastadas pelo mar. Quase todos os portos dos Açores sofreram graves danos, ficando destruídas muitas embarcações. Em Ponta Delgada o mar subiu pelas ruas estragando muitos edifícios. Na Horta, o mar entrou pela Ribeira da Conceição, chegando aos moinhos de água "na altura de 8 palmos".*

1757 – *Grande terramoto de São Jorge: O Mandado de Deus. Em 9 de julho de 1757 um dos mais violentos, senão o mais violento, dos terremotos de que há memória nos Açores atingiu a ilha causando destruição generalizada e formando muitas das atuais fajãs, entre elas a da Caldeira de Santo Cristo. O terramoto ficou conhecido na tradição popular pelo Mandado de Deus. Dos grandes deslizamentos resultou um maremoto que atingiu todo o Grupo Central. Pelo menos 1053 pessoas morreram em São Jorge e 11 no Pico. O terramoto foi tal que a norte desta ilha, distância de 100 braças, pouco mais, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10 [de julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha. Nas Fajãs dos Vimes, São João e Cubres, se moveu a terra, voltando-se do centro para cima, de sorte que nelas não há sinal [de] onde houvesse edifício. No Faial o sismo foi sentido sem causar grandes danos.*

1761 – *Ciclone tropical atinge o Grupo Central - A 29 de setembro de 1761 foi a Terceira atingida por um temporal "por efeito do qual ficaram derribadas muitas casas e arrancada muita quantidade de árvores". Copiosas chuvas fizeram transbordar as ribeiras.*

1779 – *Ciclone tropical atinge o Grupo Central - Na noite de 30 para 31 de outubro levantou-se um rijo temporal que trouxe à costa 7 navios e arruinou as muralhas da Horta.*

1792 – *Enchente de mar vila de Velas. A 23 de janeiro deste ano, foi "tão impetuosa a bravura do mar" que derrubou a muralha de proteção, destruiu uma casa e danificou outras, ameaçando atingir a praça defronte da Matriz de Velas.*

1808 – *Erupção do Vulcão da Urzelina. Depois de várias semanas em que ocorreram muitos sismos, no dia 1 de maio a terra tremeu tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora, alguns tão fortes que espalharam o pânico entre a população. Por volta do meio-dia foi ouvido um grande estrondo acompanhado pelo aparecimento de uma grande nuvem de fumo por sobre os montes sobranceiros à Urzelina. A breve trecho, a nuvem engrossou e subindo ao mais alto céu fez arco sobre a freguesia de Manadas e a Urzelina...já mostrando nas*

redobradas e negras nuvens uns incumbrados montes, umas medonhas furnas. A erupção destruiu muitas casas, vinhedos e campos cultivados. A 17 de maio, quando o vigário acompanhado por populares tentava salvar algumas coisas da igreja da Urzelina, uma nuvem ardente abateu-se sobre o local queimando mortalmente trinta e tantas pessoas: uns com os couros das mãos e pés pendurados, outros tão inchados e pretos que se não conheciam, outros com as pernas quebradas, e alguns expirando. Existe no Arquivo Histórico Ultramarino uma aguarela mostrando a erupção vista do Faial. A erupção ficou conhecida na história dos Açores pelo Vulcão da Urzelina.

1812 – Mau ano agrícola -Provoca grave crise alimentar em São Jorge e Terceira. Um mau ano agrícola em 1811, agravado por uma forte tempestade em dezembro, levou a que no início de 1812 grassasse a fome em São Jorge. Em março na Câmara Municipal de Velas recebeu-se uma proposta de importação de milho para "sublevar a misérrima necessidade e falta de mantimentos que atualmente padece o povo".

1842 – Cheia - Provoca grandes danos nas Velas. No domingo da Trindade grandes chuvadas provocaram inundações de parte da vila de Velas. Na praça junto à Câmara a enxurrada foi tal que em algumas casas saiu a "água pelas janelas de sacada".

1846-1847 – Fome. Um mau ano agrícola, associado à grande densidade populacional de então, leva à "penúria de cereais e falta de batata" sendo necessário recorrer à "Comissão de Socorros de Boca" de São Miguel para evitar a catástrofe alimentar.

1856 – Mar invade a vila de Velas. Provoca naufrágio. A 6 de janeiro, Dia de Reis, "levantou-se o mar com tal fúria que produziu uma terrível enchente". A escuna Leonor que estava surta no porto naufragou provocando a morte a todos os tripulantes que estavam a bordo. O mar levou casas e barcos e galgou a zona da Conceição, chegando às paredes da cerca do convento de São Francisco (hoje Centro de Saúde), que parcialmente derribou.

1857-1859 – Fome. Um ciclone tropical atingiu o Grupo Central no dia 24 de agosto de 1857 provocando a destruição total dos milharais, então a principal produção alimentar da ilha de São Jorge. Daí resultou penúria generalizada, pelo que no início de 1858 "estava no concelho de Velas, toda a ilha, e suas vizinhas, manifestada a fome com as suas negras cores". Os anos seguintes foram também maus anos agrícolas pelo que a crise alimentar se manteve até 1859. Foi preciso recorrer a subscrições públicas, incluindo uma nos EUA, organizada pela família Dabney, para evitar que se morresse à fome.

1877 – Fome. Um mau ano agrícola em 1876, associado à grande densidade populacional de então, leva, mais uma vez, à "falta de cereais e fome" em São Jorge, sendo necessário recorrer à importação de milho e trigo para evitar a catástrofe alimentar.

1893 – Furacão - Provoca grande destruição no Grupo Central - A 28 de agosto a maior tempestade de que há memória atingiu o Grupo Central, provocando grande enchente de mar e arruinando casas, igrejas e palheiros. Também os portos foram severamente atingidos com perda de muitas embarcações. A destruição dos milhos nos campos causou fome generalizada no ano seguinte. A ilha de São Jorge foi severamente atingida, particularmente o Topo. Os danos do Furacão de 1893 ainda são visíveis nalguns pontos da costa, nomeadamente na antiga, e hoje abandonada, Igreja Velha de São Mateus da Calheta, na Terceira, e nas ruínas da Baía do Refúgio, no Porto Judeu.

1899 – Grande enchente de mar. Na madrugada de 3 de fevereiro, uma grande tempestade marítima atingiu as costas viradas a sul. Em São Jorge, o mar galgou a terra matando uma pessoa nas Velas e provocando enorme destruição na Conceição e zonas adjacentes.

1899 – Furacão atinge o Grupo Central - A 17 de outubro um furacão atravessou o Grupo Central provocando destruição generalizada das habitações e perda de colheitas e de gados. Em São Jorge verificaram-se os maiores danos.

1964 – Crise sísmica dos Rosais, em São Jorge - Uma crise sísmica abalou a parte oeste da ilha de São Jorge, provocando grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico na ilha, levando à evacuação de grande número de jorgenses para a Terceira e outras ilhas. Esta crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo da Ponta dos Rosais.

1973 - Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e S. Jorge, com particular destaque para a freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, na ilha do Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António, no Pico. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, St.º António, e S. Roque, na costa norte do Pico, na freguesia de S. Mateus, na costa sul do Pico, e ainda nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, na ilha do Faial.

1980 - Terramoto de 1980 nas ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa - Pelas 16h42 (hora local) do dia 1 de janeiro de 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.2 na escala de Richter, uma profundidade hipocentral de 10-15 km e com epicentro situado no mar cerca de 35 km a SSW de Angra do Heroísmo. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra do Heroísmo, na vila de São Sebastião e nas freguesias do W e NW da Terceira, nas freguesias do Topo e Santo Antão, em São Jorge, e ainda no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em São Jorge) e ficaram mais de 400 com ferimentos. Ficaram danificadas mais de 15 500 casas, causando cerca de 15 000 desalojados.

1998 – Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e São Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros na ilha do Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almoxarife, também do Faial. Também atingidas foram várias localidades da ilha do Pico. No extremo oeste da ilha de São Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de fálésias costeiras. Morreram 8 pessoas, todas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.

Na obra “*Ilha de S. Jorge (Açores): Apontamentos para a sua História, de José Cândido da Silveira Avelar*”⁵⁵ está compilado um conjunto de descrições da erupção e dos acontecimentos que a rodearam. A mais extensa e circunstanciada deve-se ao padre João Ignácio da Silveira (1767 - 1852), então cura de Santo Amaro, que escreveu uma relação que o Dr. João Teixeira Soares publicou com algumas notas no *Jorgense*, n.º 6, de 1 de maio de 1871, e foi transcrita no *Archivo dos Açores*, vol. V, páginas 437 a 441. Foi aquele escrito, com algumas variantes, que João Duarte de Sousa seguiu na narrativa do fenómeno, de página 188 a 193 dos seus *Apontamentos*. Eis o seu conteúdo:

Na noite amanhecendo para o domingo do Bom Pastor, primeiro dia do mez de maio do presente anno de 1808, tremeu a terra tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora, e d’estes foi um sobre a madrugada tão grande, que fez levantar o povo das camas. No mesmo dia, estando já parte do povo na igreja deprecando a Deus nosso pai, houve outro abalo tão forte que fez fugir todo o povo da egreja, das 11 para as 12 do mesmo dia houve outro tremor, e juntamente um estrondo tão grande que a todos amortiso, e de repente se vio levantar uma grande nuvem de fumo sobre o mais alto monte da freguezia da Urzelina, no pico d’ António José de Sequeira, e bem defronte da egreja de S. Matheus cuja planta e centro da freguesia era o mais agradável da ilha, e por isso mesmo muito frequentado de muitos sujeitos bons e maus de todas as ilhas, e em breve tempo engrossou e subindo ao mais alto ceo fez arco sobre parte da freguezia das Manadas e da Urzelina, indicando um terrível castigo já mostrando nas redobradas e negras nuvens uns incumbrados montes, umas medonhas furnas. Da bocca daquele vulcão saíam estrondos tão fortes e medonhos sem intervalo que convidavam aos habitantes d’ esta ilha para Juízo. Correu todo o povo a deprecar a Deos, porém logo o povo da freguezia da Urzelina se assustou deixando o seu vigário o rev. José António de Barcellos só no adro da sua igreja, e logo no mesmo dia choveu tanta areia de tarde que ficaram as casas chamadas do mato cobertas de areia e os campos d’ahi para cima em parte ficaram com altura de 7 palmos, e as vinhas dos Castelletes até à ermida de Santa Rita, da freguezia das Manadas, ficaram cravadas e as casas quasi abatidas com o pezo, sahindo immediatamente línguas de fogo do centro que chegavam aos ceos, deitando pedras ignitas de 8 palmos, em distância dum quarto de legoa, outras de 16 palmos em quadro e outras menores, subindo à mesma altura cahiam como densos chuvereiros. Chegou a triste noite, então é que desfaleceram os habitantes desta ilha vendo todo o fogo e pedras ignitas, que saíam como coriscos e quase pareciam cair sobre os povos, e as vidraças das egrejas pareciam quebrarem-se aos eccos d’aquelle pregoeiro que nos ameaçava de morte. Até à terça feira, 3 do mesmo mez, rebentou o fogo em 7 logares, ficando a bocca ou vulcão perto da Ribeira do Arieiro, em cuja tarde abrandou o fogo: e na madrugada da quarta-feira, 4 do mesmo mez, arrebitou o fogo entre as Ribeiras, acima da fonte da Fajã, e da mesma sorte fazendo nuvem de pó de enxofre e terra que parecia arder todo aquelle logar. Logo fez procissão o vigario da Urzelina para a parte da Fajã com o Senhor Santo Christo e Senhora das Dôres e a poucos passos encontrou-se com o padre José de Sousa Machado, que trazia em procissão a Senhora da Encarnação acompanhado de varias pessoas, mas quasi suffocadas do muito pó enxofrado que estava cahindo. reunidos àquella procissão algum tanto animados, chegaram à ermida da Senhora do Desterro, ainda, que com muito trabalho porque do cruzeiro para cima cahia muita terra sulfúrea e tão pegajosa que muitas arvores cahiram com o peso d’ ella e o fétido entontava aos viajantes. Passados mais 7 dias rebentou o fogo nas areias da freguezia de Santo Amaro, onde abrindo duas bocas vomitava fogo à maneira de duas grandes ribeiras de matéria fluida, e com tanta força que no segundo dia se achava a mais de um moio de campo de mistério que encaminhando-se às casas fez pôr parte do povo em fuga, o vigário, o rev. Amaro Pereira de Lemos, esteve falto dos sentidos e a irmã, D. Anna Maria de Lemos, esteve douda. O vigário das Velas e ouvidor, o rev. António Machado Teixeira, temendo fosse o fogo à villa mandou deitar pregão para que se retirassem, e que mandava o Sacramento para a Beira e d’aqui resultou um levante que se não pode explicar. As freiras foram para a igreja de Rosais; o ouvidor e outros clérigos para o Faial, o doutor juiz de fóra e outros para o Pico e o mais povo de quasi toda a villa foi para a Beira e Rosaes. Este levante foi sem maior necessidade, por que no dia em que o fizeram foram ver o fogo que já pouco corria e só por dentro da ribeira. O alto da serra por onde o dito fogo passou ficou abatido e em grotas formidáveis, os caminhos quebrados de forma que não passavam carros nem gente por parte, as fontes secas. Poucos dias depois retrocedeu ao primeiro logar em que tinha rebentado, defronte da igreja da Urzelina, com a mesma força que dantes, e perseverou doze dias, em que foram continuas as súplicas a Deus e por não sermos ouvidos do Senhor, por serem as culpas em maior número que as suas misericórdias, continuou o mesmo flagello. sahindo do vulcão (que dizem ter bocca em circunferência de um moio de campo) muitas areias, que arruinavam parte dos campos da referida freguezia de São Matheus e das mais circunvizinhanças, e chegou a cahir na ponta do Pico, em Angra e São Miguel, e para a parte da villa não cahio porque os ventos sempre cursaram pelo nor-noroeste. N’este tempo todo o povo da Urzelina se ausentou desamparando todos as suas moradas, uns para as Manadas, outros para a Calheta. outros para Rosais e uns para Angra, isto o povo da Urzelina, ficando só o reverendo vigário no adro. Observou-se que em quanto a maré enchia aquelle vulcão embravecia mais e deitava com mais força pedras mármores grandes, umas das gerais eram muito pretas e pesadas e feriam lume, e outras à maneira de vergas, de lagens e outras redondas, umas muito brancas e partidas reluziam pelo muito salitre que tinham. Em uma noite estando o vigário da Urzelina em guarda de sua igreja, sendo já 11 horas e meia, pegou a observar umas ribeiras de fogo, que vinham correndo pelo monte abaixo, e tocando a fogo apenas acudiram 6 ou 8 pessoas, que acompanharam o Santissimo para a ermida do Senhor Jesus, para onde na mesma noite fez trasladar todas as imagens, vasos sagrados e vestes sacerdotais. Entraram logo a observar que os campos circunvizinhos ao dito monte se iam incendiando e levantando-se pedras como montes, que corriam

55 https://pt.wikipedia.org/wiki/Vulco%C3%A3o_da_Urzelina#cite_note-0

ardentes até à planície das vinhas que faziam pasmar a quem tal castigo via. Em 17 do dito mez de maio, vindo o vigário das Manadas, o reverendo Jorge de Mattos Pereira, que o da Urzelina se achava estrompado e com a sua gente dispersa veio com parte dos seus fregueses à igreja da dita freguezia de S. Matheus para salvar o que podesse da dita egreja, o que assim fez, e estando trabalhando na mesma de repente se levantou um tufão de fogo ou vulcão e introduzindo-se nas terras lavradas levantou todos aquellos campos até abaixo ás vinhas com todas as árvores e bardos, fazendo-se uma medonha e ardente nuvem e correndo até abaixo da igreja queimou trinta e tantas pessoas na egreja e nos campos, e vindo para a parte da ermida do Senhor Santo Christo tomou a luz ao sol de sorte que parecia uma tremenda noite e pensando o dito vigário da Urzelina que era a última hora de vida já trémulo tratava de consumir o Sacramento, mas em quanto se aprontou entrou a divisar uma pequena luz e esperando um pouco, vendo que ia esclariando, não quiz consumir o Sacramento e saindo a ermida logo se encontrou com o vigário das Manadas e um clérigo queimados e todas as mais pessoas que com elles entraram, uns por menos molestos foram para a sua casa e outros ficaram na referida ermida e casas vizinhas, por não poderem ir para as suas, vindo uns com os couros das mãos e pés pendurados, outros tão inchados e pretos que se não conheciam, outros com as pernas quebradas, e alguns espirando, todos pedindo Sacramentos, e apenas os receberam alguns logo expiraram (4.). E vindo o rev. vigário que o fogo era cada vez mais e que se ia aproximando à dita ermida levou o divino Sacramento para as Manadas para a ermida de Santa Rita, em cuja tarde administrou os sacramentos a alguns dos seus fregueses, que ali se achavam queimados e a outros d'aquella freguezia das Manadas com licença do rev. vigário. No dia seguinte consumiu o Sacramento o rev. vigário da Urzelina e a toda a pressa passou à parte do Norte por onde veio para o logar da Ribeira do Nabo para acudir a alguns dos seus freguezes, que para o dito logar se tinham passado queimados, isto por já não poder passar pelo sul pelos tufões de fogo que saíam da bocca d'onde corriam caudalosas ribeiras de fogo em matérias fluidas, que já chegavam quasi ao mar. Agora se acha o dito vigário com os sacramentos na ermida de Nossa Senhora da Encarnação para onde voltaram os que andavam dispersos. Até ao dia 16 do dito mez eis aqui o que se observou, apparecendo na falda do monte que se formou de pedra e areia, o mais alto da ilha, uma abertura d'onde sahia uma caudalosa ribeira de fogo que chegou a dividir-se em cinco, e transbordando todas arrasaram os principaes campos e sessenta e sete casas de morada, toda a canada dos Abreus até à canada onde o padre Bartholomeu Luiz morava, com vinhas e terras, ficou em mysterio, e vindo estas ribeiras ao mar levaram a igreja de S. Matheus, que hoje se acha em mysterio tão alto que hombra com a torre da dita egreja, menos a dita torre e frontispício com um bocado do adro. Até 5 de junho do dito anno, domingo do Senhor Espírito Santo, sahiu d'aquelle vulcão umas vezes pedra outras areia, em cujo dia sahiu com tanta força que chegou à villa, (7.) e desde este dia até à sexta-feira seguinte deitou tantas cinzas, que abrasaram as cearas de muitas freguezias, e cobriram os pastos de forma que alguns sujeitos varreram os pastos para ver se os gados comiam, mas nem assim podiam pastar e por esta razão morreram muitos gados. Todas as boccas por onde rebentou fogo fumam, mas sem prejuizo (8.), ainda que estamos esperando a cada instante renovação do fogo, porque nossos corações nenhum arde de amor Divino. Em todo o espaço do mez de maio, em que correu o fogo, nunca anoiteceu n'esta ilha, porque faltando a luz do sol ficava a do fogo.

O Dr. João Teixeira Soares escreveu a narrativa da mesma erupção, que publicou no jornal Jorgense, nº 21 e 22 de 15 de agosto e 1 de setembro de 1872, que foi transcrita no Archivo dos Açores, vol. V, páginas 442 e 443, firma-se naquela outra do padre João Ignacio e nas notas que havia feito. Desta narrativa destacam-se as seguintes considerações:

Desde aquelle dia (5 de junho) até ao dia 10 do mesmo mez teve logar a emissão de cinzas, que cahiram sobre uma grande área da ilha, chegando mesmo a algumas vizinhas. Então cessou a actividade vulcânica, mas gradualmente; as crateras fumaram ainda por muito tempo, e por muitos anos se percebeu próximo às fendas, que na direcção do oriente ao occidente se abriram, uma maior elevação de temperatura, assaz denunciada pela vegetação herbácea que cobria o solo. As lavas conservaram também por annos gazes sulfurosos. Dos phenomenos que relatamos, aquelle que nos parece dever chamar mais a atenção do geólogo, é o das nuvens ardentes. Sahiam das crateras depois de uma como syncope da actividade d'estas. Eram carregadas d'uma poeira húmida ou polme, que fazendo-as pesadas as obrigava a correr por sobre a terra, vertente abaixo, para o mar. Traziam uma terrível força de translação. A introdução da mais leve parte nos órgãos da respiração causava a morte. Idêntico phenomeno appareceu como vimos em 1580. A lava de 1808 é a mais tratável que talvez se conheça na história geológica. Muitas partes d'ella estão já convertidas em frondosas matas. A representação gráfica das crateras e lavas dum e outro vulcão esclareceriam notavelmente a sua historia e relações. Na Revue Scientifique de la France a de l'Etranger, 2.^a série, 2.^o ano, n.^o 51, 21 de junho de 1873, página 1200, com o título Saint George (Açores) et ses eruptions, Ferdinand André Fouqué escreveu o que a respeito das erupções de 1580 e 1808 verificou nas duas crateras que visitou, e que o volume V do Archivo dos Açores, páginas 444 e 445, transcreveu. Aquele naturalista, desembarcando na vila da Calheta no dia 8 de julho de 1872, dirigiu-se no dia immediato, acompanhado do Dr. João Pereira da Cunha Pacheco, ao lugar das ditas crateras, resultando do seu estudo o seguinte: Estas nuvens eram carregadas de uma poeira húmida, desciam ao longo da vertente, rojando-se pela superficie do terreno. A este contacto venenoso as plantas murcham e morrem immediatamente. ... O poder asphixiante d'estas nuvens, a sua progressão perto da superficie do solo e o seu constante movimento pelos declives do terreno indicam como elemento principal d'ellas a existência de um gaz deletério e denso que, muito provavelmente, não seria senão o ácido carbónico. A sua opacidade deve attribuir-se ao vapor d'agoa, meio condensado e a sua cor avermelhada ao pó vulcânico muito subtil arrastado e em suspensão naquella mistura de gazes e vapores. Enfim a ação deletéria exercida rapidamente sobre as plantas provém sem dúvida do acido clorídrico e do acido sulfuroso expelidos juntamente com os vapores aquosos e arrastados por elles. As testemunhas da erupção de 1808 não fazem menção de chamas; as descrições que deixaram levam a pensar que a temperatura das nuvens ardentes era pouco elevada. A sua atenção foi principalmente excitada

pela ação venenosa d'estes agentes. Segundo uma narrativa, provavelmente um pouco exagerada, os homens e os animais morriam mal respiravam aqueles vapores pestilenciais. É evidente, portanto que as nuvens ardentes de 1808 eram muito mais húmidas e com uma temperatura muito mais baixa que as de 1580. Sem dar plena fé do que se conta das nuvens daquela primeira erupção conterem em si globos de chamas, pode-se pelo menos afirmar que elas transportavam ao longe matérias incandescentes e que os efeitos destruidores eram devidos tanto ao seu poder calorífico como à sua natureza química propriedades bem diferentes das nuvens de 1808. Todavia a identidade dos nomes dados pelos habitantes, com dois séculos de intervalo, àquelas singulares manifestações é na realidade justificada por muitas considerações. Nos dois casos com efeito, trata-se de massas vaporosas, opalinas, carregadas de matérias pulverulentas, de contornos arredondados como os de uma nuvem, que descem pelas encostas das montanhas à superfície do solo, e que mataram as plantas e os animais. A existência de globos de fogo nas nuvens ardentes de 1580 é mais duvidosa, porque com muita dificuldade se compreende como gases, cuja combustão produz chamas, possam transportar-se ao longe, ao ar livre, sem que imediatamente sejam inflamados. Admitindo além d'isso, que houve uma diferença considerável entre as temperaturas das nuvens ardentes das duas erupções, não se pode achar n'este único facto rasgo bastante para os qualificar como dois fenómenos absolutamente distintos. Os efeitos caloríficos descritos foram presenciados por observadores inexperientes: a situação dos logares em que se produziram, a distância mais ou menos afastada das bocas de emissão, a rapidez variável de translação da nuvem vulcânica, as condições climáticas particulares da atmosfera no momento de cada uma das erupções, e muitas outras causas, podiam ainda modificar considerável e diversamente a intensidade das ações devidas à intervenção do calórico. É, pois, com razão que as testemunhas da erupção de 1808 conservaram a denominação usada em 1580, posto que não tivesse todo o vigor e precisão desejáveis. Phenomenos semelhantes aparecem perto d'outros vulcões (9.) mas talvez em parte alguma as nuvens ardentes se viram melhor do que nas duas erupções de S. Jorge. Insisto tanto mais no seu exame, quanto ellas me parecem fornecer a chave de alguns problemas fornecidos pelas exumações de Pompeia. A situação estranha dos esqueletos descobertos no meio das ruas da necrópole vulcânica romana é muito difícil de explicar, invocando somente a analogia com os phenomenos que se observam nas modernas erupções do Vesúvio. Uma chuva de cinzas por mais abundante e carregada de humidade que seja, não pode, por exemplo ter, lançado por terra e soffocado um homem robusto, que encontrou a morte fugindo por uma rua pública, em companhia de suas duas filhas. Foi necessária a intervenção de um gaz deletério para matar todos três com espantosas agonias. De todas as lavas que tem corrido nos Açores, depois que os portugueses as abordaram, a de 1808 é de todas a mais alterável. Os musgos e os líquenes invadiram-na primeiro, depois a vegetação herbácea implantou-se n'ella e por fim arbustos e árvores. Atualmente certas porções estão transformadas em espessas matas, enquanto ali próximo muitas camadas de lavas de 1580 apenas começam a desagregar-se.

Na *Corographia Açorica*, página 94, João Soares de Albergaria de Sousa, que foi testemunha ocular da erupção de 1808, diz:

O vulcão de 1808, que vimos rebentar nas Lagoinhas, sobre a serra que fica ao norte e iminente à aldeia da Urzelina, também respirou no lugar d'Entre Ribeiras, uma légua ao noroeste e depois no das Areias; a primeira boca expeliu por largos dias grande quantidade de materiais; 7 dias apareceu o sol obscuro pela densidade da atmosfera, impregnada dos vapores vulcânicos; choveram cinzas; a ilha sofreu muitas e violentas concussões; o solo na vizinhança do vulcão abriu fendas profundas; os lábios dos hiatos abateram em lugares de 4 a 6 palmos. Este vulcão correu ao mar sem interrupção, deixando o chão coberto de lava em altura de 30 pés, pouco mais ou menos. Como se vê, nem o Padre João Ignacio da Silveira, nem João Soares de Albergaria de Sousa, testemunhas da erupção, aludem ao pedaço de terreno rodeado de lavas que ficou incólume e que a tradição do povo atribui ao facto de nele pastar uma rez destinada ao bodo do Espírito Santo. Também Francisco Ferreira Drummond, nos Anais da Ilha Terceira, tom. III, pág. 184, referindo-se àquele fenómeno diz que foi visto e sentido na ilha Terceira, caindo até cinzas por muitos dias, que se achava a cada passo, empacada sobre as plantas dos jardins, das hortaliças e campos mais remotos. Foram igualmente pressentidos os terremotos na ilha do Faial, de onde vendo-se rebentar o fogo na ilha de S. Jorge, mandou a Câmara Municipal da Horta uma lanchar com algum socorro e uma carta à câmara das Velas, oferecendo hospitalidade às pessoas que se quisessem nela refugiar

(in António Lourenço da Silveira Macedo, História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta, tomo 1, páginas 300 e 542).

54.3.2. A REACÇÃO DAS AUTORIDADES PERANTE A CATÁSTROFE

Abandonada a presidência da câmara das Velas pelo juiz de fora, dr. António Augusto Pereira, que se retirou para a fronteira ilha do Pico apenas rebentou o fogo, os demais vereadores nomeados por carta régia de 9 de dezembro de 1806, capitão Amaro Teixeira de Sousa, sargento-mor José Soares de Sousa, capitão João Ignacio da Silveira, e procurador do concelho Jorge José Covilhão, encerraram-se na administração municipal, tomando providências cujos acórdãos relacionaram em um caderno, que o juiz de fora no seu regresso fez desaparecer para ofuscar os serviços daqueles patriotas. Tendo o capitão-general D. Miguel António de Melo conhecimento do sucesso, mandou em carta de 18 de maio à câmara para distribuir gratuitamente pelos pobres 5 moios de milho: recomendo u-lhe se implorasse a misericórdia divina, e que ela o avisasse da necessidade de maiores socorros, concluindo em prestar-se em ir à ilha se a sua presença fosse necessária. A câmara, por sua carta de 23 de julho agradeceu ao capitão-general a oferta do cereal e os bons desejos que nutria a favor do povo oprimido pelo fogo. E aproveitando os oferecimentos do capitão-general terminou pedindo que a maior esmola que v. ex. lhe fazia em atenção à suma pobreza em que ficava esta ilha, era representar a sua alteza real se dignasse abolir o regimento de milícias, cujo corpo é

formado por uma grande parte dos empobrecidos com a queima: com os pobres que não vivem de outra coisa senão do seu jornal e outros muitos miseráveis que talvez apareçam com a farda para fazerem as guardas sem vestirem camisa pela não terem: a ocasião é oportuna, v. ex. está disposto a proteger esta ilha queira dignar-se fazer-lhe a maior de todas as esmolas. O governador e capitão-general, como resposta, em sua carta de 21 de outubro ao juiz de fora, insultando a câmara, mandou que aquele magistrado em vereação severamente repreendesse os sujeitos que tal carta assignaram (!) que não tendo o escrivão da câmara registado aquela carta o suspendesse, como efetivamente foi suspenso o que o era, José Félix Rodrigues Mendes. E por desconfiar, ele capitão-general, tenha para tais absurdos concorrido com suas astúcias ordinárias António Sebastião Espínola, v. mercê o mandará prender à minha ordem pelo tempo que deixo ao seu arbitrio!!! Ao pároco da freguezia José António de Barcellos - diz em manuscrito o dr. João Teixeira Soares, publicado no jornal Velense, n.º 135, de 23 de julho de 1885 - verdadeiro pastor do seu rebanho, foram durante muitos anos pela junta da real fazenda dadas respostas de evasiva às petições em que implorava o auxílio para a construção d'uma nova paróquia: e só no governo do capitão-general Francisco de Borja Garção Stockler pôde alcançar os auxílios que pediu, levantando à custa de fadigas e sacrifícios penosos a nova paróquia, sem outro galardão mais que o reconhecimento da posteridade.

Notas:

Na semana antecedente a terra havia tremido por vários dias. Este fenómeno foi pressentido pelos irracionais que se achavam nas proximidades do lugar em que ocorreu. Poucos minutos antes do acontecimento os gados que se achavam próximos, começaram a mostrar-se inquietos e aterrados correndo sem que houvesse tapumes que os pudesse aguentar para o lado norte da ilha. As pessoas que se achavam por aqueles sítios vendo a fuga dos gados, seguiram instintivamente o mesmo proceder, de uma delas houvemos esta informação. Foi este para os homens o mais terrível dos acontecimentos d'este vulcão. Manifestou-se pela primeira vez depois de começar o curso das lavas e foi então que produziu o maior estrago por ser ainda desconhecido. Por um pouco parecia que a atividade das crateras se suspendia. Seguiu-se a esta síncope a explosão d'uma nuvem escura que rojando-se pelo solo baixava pela vertente da ilha até ao mar com uma força prodigiosa arrasando e queimando quanto encontrava: o que d'ela respirava morria necessariamente. Os efeitos d'este fenómeno fazem lembrar os do simaun do deserto, assim não lhe ficaria mal o nome de simaun vulcânico. Segundo os assentos da paróquia foi n'este dia 17 levado ao mar pelos ares pelo referido tufão Francisco José de Sousa, casado, de 59 annos de idade e morador na freguezia. Morreram mais no mesmo dia queimados pelo mesmo tufão Anna da Gloria, solteira, de 49 annos de idade, Francisco Machado, casado, de 30 annos de idade, Luzia de Jesus, casada, Thereza Ignacia, viuva, de 30 annos de idade, João, solteiro, de 14 annos, José Silveira Borges, casado, de 42 annos, João Espinola, casado, de 55 annos. Os proprietários que mais perderam foram, acima do caminho, começando do poente, o convento das freiras desta villa, os filhos de José Monteiro de Castro, o capitão Joaquim José Pereira e seu irmão o capitão Manuel José da Silveira, abaixo do caminho o padre António Homem de Bettencourt. As lavas d'este vulcão, que apenas tem uma existência externa de 63 annos, são talvez as mais benignas que se encontram em toda a terra. Em logares, sobretudo nos declives, já se encontram frondosas matas. Se a incúria dos proprietários não fosse tão grande, já podia aquele solo estar na quasi totalidade arborizado. Esta igreja havia sido construída no primeiro quartel do século passado. Estava voltada ao oriente. A sua torre ainda hoje existe completa. A causa da chegada d'aquelles productos vulcânicos a esta villa não foi devida tanto à força com que foram expellidos como a haver n'aquelle dia soprado o vento de leste o que até ali não sucedera. As emissões gasosas duraram ainda por muitos annos não só nas crateras e fendas do solo, mas nas próprias lavas. Ainda em 8 de julho de 1810, por ocasião de se pretender limpar o poço de baixa-mar da freguesia, no qual haviam caído escórias da lava, morreram asfixiados dentro do mesmo por emanações sulfurosas: Manuel Ignacio Lopes, de 29 annos, casado: Manuel José de Sequeira, 23 annos, casado: António, filho de José António Fagundes, 15 annos, solteiro. Eram todos trez da freguesia de Santo Amaro e tinham ido àquela de faxina.

O vulcão de Santorini (1866)⁵⁶ produziu fumaradas ácidas de movimentos rotatórios singulares causando efeitos devastadores análogos aos das nuvens ardentes dos Açores.

54.4.1. DESASTRE DE 1964

15 de fevereiro de 1964 não foi apenas um dia em que a terra estremeceu com violência na Ilha de São Jorge. Abriu caminho para uma verdadeira revolução dos pacatos habitantes da ilha, dado que muitos acabaram por emigrar para as mais diversas partes do mundo, abrindo um caminho inesperado para África, em particular para Angola. Como sempre, tudo muda quando a Natureza nos sacode, porém este foi um dos mais trágicos acontecimentos que resultaria num outro, não menos grave para esta gente, que foi a independência da ex-colónia portuguesa, que os fez regressar às suas terras na condição de quase apátridas, apelidados de “retornados” e sem meios para recomeçar o que haviam.

⁵⁶ Veja-se a nota de M. de Corona inserta nas Comptes Rendues de l'Academie des Sciences, Tomo LXIV, 1867.

O sofrimento ainda não terá acabado para muitos dos jorgenses que estremeçeram por cá e, depois, a milhares de quilómetros da terra que os viu nascer. Muitos, não cumpridas as promessas, regressaram à terra dois anos depois e outros foram-se ficando ou seguiram para os EUA e Canadá. Todos sofreram pelo caminho. A crise sísmica iniciou-se em agosto de 1962 com *pequenos sismos, sendo alguns deles um bocadinho fortes*, conta Victor Hugo Forjaz, que se encontrava a estudar no Continente.

Recorda que, a partir de dezembro desse ano, a crise pareceu decair, porém, no dia 15 de fevereiro de 1964, às sete horas da manhã, recomeçou a crise e, em 24 horas, registaram-se 179 abalos, alguns macrossismos, alguns deles de grau VI ou VII, com tudo a acontecer envolto no meio de uma violenta tempestade ciclónica com chuva e vento, o que ainda acabou por agravar, em muito, sobretudo as operações de salvamento das pessoas e entre elas os medos foram ainda maiores, atingindo pontos de sofrimento só entendível para quem os viveu. “Esta crise de São Jorge, ocorrida em 1964, ocorreu essencialmente ao longo do mês de fevereiro” recorda o geólogo Victor Hugo Forjaz, que tinha, na altura, 23 anos de idade, e que foi testemunha ocular dos acontecimentos que se seguiram ao terramoto que mudou por completo a vida a milhares de jorgenses. Entre os primeiros técnicos a chegar a São Jorge, encontrava-se o tenente-coronel José Agostinho, já então, uma autoridade na matéria e o jovem estudante Victor Hugo Forjaz, mas isso aconteceu apenas três dias depois dos eventos, devido ao mau estado do tempo e à falta de um aeroporto na ilha. No entanto, já antes, o nosso interlocutor conta que haviam sobrevoado a ilha, numa altura em que a rede sísmica existia apenas nas ilhas do Faial (Horta), Terceira (Angra do Heroísmo), e São Miguel (Ponta Delgada). Durante as primeiras duas semanas os habitantes da ilha de São Jorge viveram no meio da maior confusão, com cerca de 500 sismos sentidos e como consequências imediatas, ficaram destruídas 900 casas de habitação, para além de outras de arrumos. Das 900 casas destruídas, cerca de 400 ruíram desde os alicerces, não ficando pedra sobre pedra, tendo sido evacuadas para fora da ilha, cinco mil pessoas. Victor Hugo Forjaz relewa o facto desta crise sísmica ter começado, epicentralmente falando, pelas zonas da Urzelina, depois, Manadas e Pico da Esperança, tendo depois mudado para a zona da Vila das Velas e, nos dias 18, 19 e 20 de fevereiro de 1964, “eu já me encontrava em São Jorge, no meio de ventos fortes e do lacrimejar atmosférico, ocorreu uma erupção no mar, a cerca de milha e meia de terra, em frente aos Rosais” - conta à DI-revista, o vulcanólogo. “Com a erupção para Sudoeste, para o lado do Faial, deram em aparecer milhares e milhares de peixes mortos que deram à costa e aquele cheiro persistente típico de uma erupção vulcânica. Já uns dias antes, no início do mês, havia surgido o alerta do corte de um dos cabos submarinos que ligavam as ilhas”. Na primeira missão, a 16 de fevereiro, Frederico Machado (que chefiava a missão), José Agostinho e Victor Hugo Forjaz, já se encontravam na ilha, tendo-se reunido a Tomás Pacheco da Rosa, faroleiro dos Rosais, que fora observador vulcanológico nos Capelinhos, durante a crise ocorrida no Faial, na década de 1959. Victor Hugo Forjaz disse ao DI que uma das características negativas do que aconteceu com o terramoto na ilha de São Jorge também se prendeu com o formato da ilha, estreita e muito escarpada, o que criava um sentimento de aflição, com muitas pessoas a lançar-se autenticamente para os navios. A evacuação retirou da ilha cerca de cinco mil pessoas, das quais cerca de um milhar ficaram temporariamente na ilha Terceira, o que criou, ao tempo, uma enorme perturbação social gerada pela falta de meios para albergar, de repente, tanta gente, sendo que aqueles que tinham parentes na ilha de Jesus resolveram o seu problema, mas muitos ficaram albergados em casas de pessoas que nunca tinham visto antes, com todos os incómodos que isso traz. Entretanto, entraram em ação o então Governador Civil do ex-distrito de Angra do Heroísmo, Teotónio Machado Pires, e o presidente da Câmara Municipal das Velas, Duarte de Sá, que utilizaram as embarcações “Espírito Santo”, “Santo Amaro” e “Terra Alta”, dando início a uma verdadeira epopeia marítima, acartando víveres para a ilha onde a vida ficou praticamente parada. “Nesse tempo, eram apenas pequenas mercearias, não havendo supermercados nem sequer stocks de bens alimentares ou meios para os confeccionar, como a farinha, que teve que partir da ilha Terceira no meio de grande tempestade num dos mais famosos barcos de carga interilhas do Grupo Central, o “Girão”. Após sobrevoarem a ilha de São Jorge num Dakota da SATA, a equipa de técnicos teve ainda que viajar numa fragata da Marinha Portuguesa “enfrentando ventos ciclónicos e após diversas tentativas não foi possível desembarcar nas Velas, o mesmo tendo acontecido no porto da Urzelina, acabando por continuar a navegar até um cantinho da Vila da Calheta, e foi ali que ficou instalado uma espécie de quartel-general. “A entrada na Vila das Velas foi “chocante”, conta Victor Hugo Forjaz. “Parecia que estávamos a entrar numa daquelas pequenas cidades fantasma do faroeste. Não se vislumbra viva alma. Apenas casas abatidas e janelas partidas e escancaradas; gatos, cães, vacas e outros animais domésticos por todos os cantos da Vila, presumivelmente assustados e em busca de comida. Enfim, uma verdadeira tragédia”. Quando a crise acalmou, vieram as tendas da tropa, mas eram precisas muitas para recolher tantas famílias, o que levou a que fosse disponibilizado o navio “Niassa” para se deslocar às Velas transportando os equipamentos necessários para resolver os problemas mais imediatos que eram os de alojamento. Foi precisamente nesse navio, o “Niassa”, que as pessoas que desejaram abandonar a ilha foram levadas até Angola, com a promessa de receberem terras e gado, mas isso nunca foi cumprido, afirma Victor Hugo Forjaz. Por isso, dois anos após a crise sísmica, muitas dessas famílias estavam de volta à ilha de São Jorge, e apenas as que emigraram para os Estados Unidos da América do Norte e Canadá, acabaram por assentar na diáspora, se bem que alguns, poucos, saíram com destino ao Brasil. Para o geólogo, hoje não teria sido tão complicado como aconteceu em 1964 porque “há maiores cuidados na construção das habitações”, mas adianta que “ainda existem pessoas que estão a construir com pouca qualidade e, sobretudo, escolhendo localizações em zonas de elevado risco, perto do mar, em encostas que em caso de um sinistro com estas proporções poderão estar condenadas a ficarem destruídas constituindo grande perigo para os seus moradores, porque os terramotos nunca acabarão nas ilhas dos Açores, sendo sempre uma questão de tempo e muitas vezes sem aviso prévio”, pelo que todos os cuidados serão sempre poucos.

54.4.2. VELAS, 17 de fevereiro

Sob a presidência de Duarte Sá, foi possível efetuar a 17 de fevereiro uma reunião extraordinária da Câmara Municipal das Velas, tendo sido decidida a constituição de diversas comissões.

A primeira, denominada "Comissão Central", era constituída pelo presidente e vice-presidente da edilidade, aos quais se juntaram os vereadores António Cristiano da Silveira e Manuel da Silva Bettencourt; "Comissão de Transportes", constituída pelos comandantes da Polícia e da Guarda Fiscal, e que tinha como função obter e colocar em funcionamento todos os meios de transporte necessários para organizar as mais diversas tarefas; "Comissão de Instalação, constituída pelo chefe de equipa da Junta Autónoma dos Portos e presidente da Junta de Freguesia das Velas, "destinada ao estabelecimento de sítios de recolha das populações", "Comissão de Assistência Médico-Social", de que faziam parte o delegado de Saúde, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, que ficaram responsáveis por todo o serviço de assistência às pessoas que necessitassem de apoio médico e social; a "Comissão de Assistência" era dirigida pelo presidente da Comissão Concelhia da União Nacional e Assistente Social, com o fim de proceder à "recolha, preparação e distribuição de géneros alimentícios às populações; a "Comissão de Comunicações" era formada pelo Delegado Marítimo e chefe da Estação Telégrafo Postal, mantendo os serviços de comunicações e de escuta permanente; as "Comissões de Freguesia" foram lideradas pelos párocos com o fim de atenderem diretamente às populações e estabelecerem contacto com a Comissão Central para o envio de assistência e, se necessário, de observadores. Com Fernando Silveira, em São Jorge 01/03/2004 - 09:29

54.5.1. REGRESSANDO AO TURISMO NO CHARUTO-ILHA

Quanto ao Povoamento das ilhas sabia já que o Faial e Pico tinham sido doados, antes de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra, nome posteriormente transformado em Dutra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Na sua companhia teriam vindo muitos flamengos, dentre os quais se destacou Wilhelm Van der Haagen (Guilherme da Silveira), que, passou às Flores e desta para a Terceira e S. Jorge, promovendo, desse modo, o povoamento. A rua dedicada a este homem carece de importância e está na vila das Velas a demonstrar que a História continua a merecer lugar secundário nas mentes dos homens.

Pois bem, a ilha de 246 km² com 65 km de comprimento e 8 de largura sempre lhe parecera um enorme charuto abandonado no oceano, ao lado da perna de galinha (Pico) e já longe do cachalote (S. Miguel). Distanto 21 milhas da Terceira, 19 da Graciosa e 10 do Pico, dispunha apenas de dois concelhos: Velas e Calheta. Nas Velas ainda se podem observar várias casas solarengas de rica traça que atestam a sua riqueza patrimonial apesar dos muitos sismos que ficaram na história. As Igrejas da Matriz e N. Sr.^a da Conceição nada têm de extraordinário, o mesmo se podendo dizer da Igreja de Sta Catarina na Calheta, mais interessante é a de Sta Bárbara nas Manadas, a da Queimada sendo também digna de visita a Torre Sineira na Urzelina, ou o que resta da igreja derrocada pelo violento sismo de 1 de maio de 1808.

A cordilheira central atravessa a ilha a todo o comprimento e deixa apenas nas suas franjas as interessantes fajãs, exercício de vontade dum povo que lutava pela sua independência económica arrebanhando a terra que a natureza criava. Beleza agressiva e de acesso capaz de cortar a respiração a qualquer um, a ida às Fajãs que dispõem de estrada alcatroada é em si mesma um exercício de desafio das leis da natureza e não aconselhável a quem tenha vertigens ou seja impressionável. Conhecida pelas suas fajãs (terras baixas, à beira-mar, resultantes de materiais desprendidos por quebradas ou acumulados na foz de uma ribeira e assentes quase sempre num banco de lava muito resistente, são extremamente férteis e habitadas e cultivadas com fantásticas piscinas naturais que são autênticos aquários, onde se nada rodeado de peixes que não se incomodam minimamente com a presença humana) a ilha tem uma grande variedade de circuitos pedestres. A que mais impressionou pela positiva e sua beleza foi a do Ouvidor, mas pela perigosidade da estrada a de São João ganhava a todas mesmo à dos Cubres (e daqui era ainda necessário ir a pé uma hora para a maravilha da ilha, a do Santo Cristo).

O ilhéu do Topo é único e impressiona pela beleza que a natureza proporciona sem estar conspurcado pelo Homem. No outro extremo da ilha há uma maravilha paradisíaca: a reserva ou parque natural das Sete Fontes em Rosais, cujo farol abandonado deveria ser recuperado pois tem uma localização inigualável e umas vistas excelentes. Ali se faria uma excelente pousada com vista para um pôr-do-sol inolvidável. As formações geológicas em volta do farol são espantosas pelos caprichos da mãe natureza. O mais estranho no Parque Natural das Sete Fontes, foi encontrar os tão diferentes e originais porcos do Vietname e os omnipresentes e engraçados gamos.

A ida ao Pico da Esperança foi coartada pelas nuvens pois nunca passara do seu sopé intermédio e não pudera ir aos 1053 metros onde há oito anos se despenhou, sem sobreviventes, um avião da SATA onde ia um primo seu. A ilha tem inúmeros miradouros estrategicamente colocados e mais úteis quanto a paisagens deslumbrantes do que muitos dos miradouros que existem em São Miguel, por exemplo. A reserva da Silveira só permitia o acesso a pé e como a estadia era de cinco dias ficou adiada a sua exploração.

É nas Velas, de frente para o imponente Pico, que a ilha se centra, mas os seus segredos e encantos estão por todo o lado. S. Jorge é um exemplo de que o Homem pode viver em conformidade com a Natureza, se cada um souber ocupar o espaço que lhe é designado. O verde e o azul predominam, as estradas estão orladas por hortênsias. Lá em cima, à noite, os cagarros mantêm animadas conversas e alguns parecem crianças a chorar. Demorara duas noites a descobrir o que era aquele som original. É indescritível, mas ao mesmo tempo belo e melancólico. Durante a noite apenas se viam as suas sombras acompanhadas daquele lânguido som, a pairar por sobre a piscina do hotel, contigua às arribas e ao mar.

A nota mais forte das primeiras impressões era o calor abrasador, o calor maior já sentido em mais de três anos no arquipélago, mas os termómetros não aparentavam mais do que os valores normais entre os 20 e os 27 °C. Essa sensação iria permanecer mesmo durante a noite em que o ar condicionado ficava ligado e durou todos os dias da estadia. Interrogado um local no Topo este disse que de facto a ilha era mais quente que as outras, mas no inverno também era bem mais fria. Uma ilha sofrida, mas bela, agreste, mas acolhedora pelas suas gentes simpáticas e despreziosas. Mal chegámos havia uma carrinha dita shuttle a fazer o “transfere” (sic) do aeródromo para a Vila numa curta viagem de seis ou sete minutos por entre escarpas alcantiladas sobre o mar e uma planície de sedimentação entre dois morros vulcânicos já parcialmente no mar. O aluguer de carros pertencia ao hotel S. Jorge Garden onde ficamos e rapidamente cumprimos as poucas burocracias (estava tudo previamente pago e acordado).

Fomos almoçar a um snack-bar chamado *Café do Jardim* na bem cuidada e manicurada Praça da República e depois fomos ao único hipermercado da ilha numa cadeia local que acabou por se revelar uma surpresa. Os preços eram consistentemente mais baixos do que em idênticos locais em São Miguel. A diferença era grande em muitos itens importados. Assim, tínhamos já pão fresco e seus acompanhamentos para os nossos piqueniques de almoço. Depois o meu filho saltou para a piscina donde veio, já com guelras, arranjar-se para jantar. Fiquei impressionado com ele, nada bem em mais do que um estilo e sem medo. Aprendeu sozinho como já aprendera a andar de bicicleta e computação. Não sai ao pai, que aos 12 anos ainda berrava ao molhar os pés numa poça da piscina de Espinho com medo...ao ponto de o instrutor de natação se recusar a dar-me mais aulas, pois eu era um caso perdido. Eventualmente perdi o medo e aprendi a nadar, mas só me sentia tranquilo nas quentes águas (30 °C) na praia da Areia Branca em Díli, Timor ou em Bali onde fiz bo-dysurf...

Fomos ainda dar uma volta pelo Farol da Ponta dos Rosais, indo pela estrada de terra para melhor apreciar a vista daquela zona com declives suaves, quase harmoniosas colinas descendo calmamente da serra Figueiras. Acabamos por descobrir uma estrada melhor e exploramos várias derivadas destas proporcionando belas vistas e melhores fotografias para a imensa coleção açoriana já coletada em três anos. Para jantar decidimos ir ao *Açor* que era indicado como sendo um dos melhores sítios, mas não necessariamente o mais barato. Gostamos e esteve-se e comeu-se bem, a carne uma delícia... ainda não me habituei à carne dura que se vende em São Miguel... Nos dois dias seguintes fizemos mais de 300 quilómetros. Primeiro percorrendo toda a costa sul com paragem no Miradouro da Ribeira do Almeida sobranceiro a Velas e onde se pode ver a enorme fajã que é aquela zona da ilha. A paragem foi prolongada na Queimada (onde aliás fica o pequeno e simpático aeródromo cujas salas foram inauguradas em 2007), tem um pequeno, mas belo porto e uma grande igreja além de capelas interessantes, o mesmo se podendo dizer da paragem seguinte em Manadas.

Na Urzelina veríamos a bela Furna das Pombas que é um tubo de lava com origem nos vulcões do interior da ilha talvez originada pela erupção histórica de 1808, mas que ainda não foi explorada em profundidade. Sabe-se que se estende por mais de 100 metros em direção ao interior da ilha, podendo uma parte deste percurso ser percorrido num barco pequeno de preferência no verão, durante a maré baixa e com mar calmo. Como é de origem vulcânica basáltica apresenta-se formada por maciças paredes de rocha basáltica repletas de saliências que grandes bandos de Pombo-das-Rochas utilizam como local de nidificação e abrigo. Igualmente mereceu especial atenção para observar e pensar um pouco o que terá sido o dia 1 de maio de 1808 (atrás descrito) um pequeno monumento em homenagem à ocorrência, ilustrado com um poema de Urbano Bettencourt.

Depois no miradouro da Fajã das Almas e Biscoitos paramos para um café antes de descermos à vila da Calheta. Uma vila sem grande interesse que se prolonga por quilómetros ao longo duma estreita via. As igrejas merecem algum destaque com apenas uma pequena residencial e falta de minimercados ou outras lojas. O mais curioso é o centro de saúde ficar lá no alto e a população viver cá em baixo nas Calhetas, longe e de difícil acesso a pé...



Adiante, fomos ao Topo, que fica no fim da ilha, parando no Miradouro das Pedras Brancas, reabastecendo a viatura em Santo Antão. Antes de ir ver o farol (onde uma simpática grade fechada convidava os forasteiros a saírem) fomos apreciar o pequeno porto de pesca onde mal dava para o carro inverter a marcha. Após as obrigatórias fotografias ao estranhamente diferente ilhéu do Topo, com vista para a Terceira, regressamos pela espinha dorsal da ilha, detendo-nos por altura da Fajã de São João, cuja viagem nos fez sustar a respiração e nos obrigou à ladainha dumas preces inventadas para que nenhum outro carro se cruzasse connosco na subida ou descida. As súplicas foram ouvidas e saímos de lá numa viagem só...

O narrador interrompe a ação para atender às necessidades dos limpadores da fossa que semestralmente aqui vêm lembrar-me que este é um dos preços por viver afastado da civilização das ETAR...uma rotina ao módico preço de 40 euros por semestre efetuada pelo funcionário da Câmara durante as horas normais de expediente...sem direito a recibo. Depois queixam-se da economia paralela e da fuga ao fisco. Mas já poderemos dormir com menos cheiro nauseabundo esta noite e de manhã ao acordar para ir ao café já não terei as minhas papilas olfativas agredidas. Existe uma interessante lenda sobre a fajã de São João:

54.5.2. LENDA DA FAJÃ DE SÃO JOÃO

*Em tempos que já lá vão
uma pobre velha havia
na Fajã de São João
de quem o bom povo se ria.*

*Um dia a pobre velhinha
quando o seu pão fazia
uma formosa senhora
à sua porta batia.*

*- Entre! - lhe disse a velhinha
- venha junto do meu lar,
do pouco que Deus me deu
a todos gosto de dar.*

*Mas a senhora lhe disse
com voz doce de encantar
- Vai dizer a toda a gente
que fuja deste lugar.*

*Que caso estranho e terrível
muito em breve se irá dar
que fugissem para a serra
antes da noite chegar.*

*E logo a velhinha foi
de casa em casa a chamar,
dizendo a todos que deixassem
a sua casa, o seu lar.*

*Muita gente zombou
do que a velhinha dizia,
ninguém quis acreditar
em tão triste profecia.*

*Com uma filha que tinha
pôs-se a velha a caminhar
para o mais alto da serra
no triste caso a cismar.*

Nessa noite, à meia-noite

*pôs-se a terra a baloiçar
houve um grande terramoto
uivava sinistro o mar.*

*E ruíram com fulgor
muitas rochas sobre o mar
muitas casas desabaram,
vibraram gritos no mar.*

*Quando a manhã despontou,
o sol pelo azul subia,
muita gente que zombara
na paz da morte dormia.*

*E a velhinha que dissera
atrás esta profecia,
diz o povo que falara
com a Virgem Santa Maria.*

Passamos depois, outra vez, pelos moinhos de vento na extremidade noroeste da serra do Topo (as novas energias eólicas não irão longe só com meia dúzia de pás a esvoaçarem). Continuamos sempre a ver o imponente Pico, presença amiga e intimidatória que nos persegue desde a chegada. Sempre atento a todos os nossos movimentos, espreitando por entre as nuvens que o coroam, dando a conhecer mil e uma faces ao longo dos dias, numa visão majestática bem diferente da imponência da Horta que quase nos afoga.

Aqui em São Jorge, o Pico estende-se de norte a sul mostrando bem os vários picos que o compõem, pejado de cones correspondentes a tantos outros vulcões que sulcam a ilha, sempre a nosso lado, lembrando-nos que a tragédia está ao virar da esquina quando de novo, começar a roncar das entranhas da terra e nos começar a vomitar o conteúdo desse seu estômago de magma que nos acompanha desde a criação da vida na terra. Se, por acaso deixamos de ver o Pico, o que raramente acontece, podemos ter a sorte de olhar as restantes ilhas do grupo central, a pequena bossa de dromedário chamada Graciosa, e a ilha Terceira. Mas na maior parte dos locais da cordilheira central e da costa sul temos sempre o Pico e o Faial a acompanhar-nos.

Queríamos explorar o parque natural da Silveira, mas a pé não havia tempo, pois muito faltava ver para o pouco tempo que tínhamos. No dia seguinte voltamos a passear, para descobrir a costa norte. Fomos pela Beira, Ribeira do Nabo, Santo Amaro. Aqui, descobrimos uma estrada com uma inclinação de mais de 15% em que se não vê o fim da estrada, mas apenas o mar....começamos a descer em segunda velocidade até nos depararmos com um entroncamento e a entrada na estrada principal, mas mesmo em frente, um pequeno portão de metal separava-nos duma encosta bem pronunciada sempre a descer a pique até ao mar... Espera-se que ninguém tenha ali uma falha de travões...Santo Amaro estava ativo nos preparativos para uma corrida de touros (à corda) que iria ter lugar nesse fim de semana.

Ao fim da tarde fomos encontrar-nos com a Ana G, ex-colega da minha mulher na Maia, que ficara colocada por três anos em São Jorge. Conhecemos o marido e o filhote de dois anos e a saga da chegada deles uma semana antes. Tinham escolhido em junho a casa com quinta e muito espaço agrícola, deixaram carros e mobílias e ao chegarem definitivamente ao aeródromo, tinham o senhorio viúvo a dizer-lhes que tinha encontrado a mulher dos sonhos, e não poderia alugar a propriedade pois não ia regressar aos “States”, mas ficar ali.

Ficaram desesperados e aboletaram-se onde puderam durante uns dias até encontrarem nova casa na Queimada onde nos receberam para um lanche ajantarado de salpicão, alheiras e outros enchidos acabados de trazer de Bragança donde são naturais. Foi

excelente comer aquelas delícias naquele ambiente paradisíaco sob a sombra protetora do Pico enquanto o sol se punha. Dormimos que nem sei lá o quê depois do delicioso jantar, simples, mas sentido e amigo, de pessoas que eu e o João (cansado de brincar com o petiz) tínhamos acabado de conhecer. Gostava de os ver outra vez, gente de bem, aquela que ali fomos encontrar acabada de chegar das berças maternas do autor. Ou mais uma história de como os professores são os únicos profissionais em Portugal que fazem como o caracol (casa às costas). Porque não os médicos, enfermeiros e outros? Só professores? Faz lembrar a proposta da avaliação dos professores para outras profissões:

Já que muitos jornalistas e comentadores defendem e compreendem o modelo proposto para a avaliação dos docentes, estranho que, por analogia, não o apliquem a outras profissões (médicos, enfermeiros, juizes, etc.).

Se é suposto compreenderem o que está em causa e as virtualidades deste modelo, vamos imaginar a sua aplicação a uma outra profissão, os médicos.

A carreira seria dividida em duas: Médico titular (a que apenas um terço dos profissionais poderia aspirar) e Médico.

A avaliação seria feita pelos pares e pelo diretor de serviços.

Assim, o médico titular teria de assistir a três sessões de consultas, por ano, dos seus subordinados, verificar o diagnóstico, tratamento e prescrição de todos os pacientes observados.

Avaliaria também um portefólio com o registo de todos os doentes a cargo do médico a avaliar, com todos os planos de ação, tratamentos e respetiva análise relativa aos pacientes.

O médico teria de estabelecer, anualmente os seus objetivos: doentes a tratar, a curar, etc.

A morte de qualquer paciente, ainda que por razões alheias à ação médica, seria penalizadora para o clínico, bem como todos os casos de insucesso na cura, mesmo que grande parte dos doentes sofresse de doença incurável, ou terminal.

Seriam avaliados da mesma forma todos os clínicos, quer a sua especialidade fosse oncologia, nefrologia ou cirurgia estética...

Poder-se-ia estabelecer a analogia completa, mas penso que os nossos 'especialistas' na área da educação não terão dificuldade em levar o exercício até ao fim.

A questão é saber se consideram aceitável o modelo?

Caso a resposta seja afirmativa, então porque não aplicar o mesmo, tão virtuoso, a todas as profissões? Será?!

Já agora...

Poderiam começar a 'experiência' pela Assembleia da República e pelos (des)governantes.

Voltemos à ilha... A localidade de Toledo foi batizada por causa dos seus primeiros habitantes serem de Toledo (Espanha), mas nada tem que justifique tão nobre nome, a não ser a vista das ilhas Graciosa e Terceira a marcarem o seu horizonte marítimo.

Está numa área de Laurissilva, típica da Macaronésia, rodeado por três elevações, Pico Alto 766 m, de cinzas vulcânicas consolidadas e barro; a Nascente, o Pico do Loíçano com 411 m; e Pico da Ponta Furada a poente com 622 m.



Estas duas últimas elevações são geologicamente falando dois domos vulcânicos de média dimensão cujo surgimento é muito antigo. O da Ponta Furada estende-se até ao mar e termina numa ponta rochosa de basalto maciço, e na sua extremidade existe um orifício gigantesco que a atravessa lateralmente e cuja explicação geológica é deveras difícil. Isto levou a que os habitantes dos Nortes (Norte Pequeno e Norte Grande), e de Toledo em particular criassem lendas numa tentativa de explicar o que humanamente é inexplicável. Lendas transmitidas há séculos de boca em boca pelas populações.

54.5.3. LENDA DA PONTA FURADA

Conta esta lenda, que há muitos, anos, quando Deus ainda andava pelo mundo viveu alguns anos na ilha de São Jorge. Um dia, São José, o menino Jesus e a Virgem Maria meteram-se num batel a remos e foram navegar junto às grandes falésias da costa norte, algumas com mais de 600 metros de altitude. Era um dia de sol e de mar manso e a viagem estava a correr bem. No entanto São José, prudente como era e conhecedor da costa norte, sabia que esta tinha muitas correntes e perigos escondidos e por isso procurava sempre estar o mais ao abrigo da terra que lhes era possível. Depois de muitas horas a navegar São José já estava cansado de remar e foi quando chegaram junto ao local denominado Ponta do Garajau que se lhes deparou uma enorme formação de terra que entrava pelo mar dentro, descia desde as altas serras e mergulhava nas profundezas dos oceanos. São José com pressa de chegar à localidade do Toledo para descansar, não estava com predisposição para remar ao redor de tão grande formação. Ficou a pensar no que havia de fazer, no entanto, não pensou muito e confiando no poder Divino, conta a lenda, que levantou a mão, estendeu o dedo indicador e com ele tocou no centro da grande formação geológica, que em vez de ser uma maciça rocha de basalto mais parecia de massa de pão de milho. Logo o centro rochoso cedeu e deu origem a um buraco de grandes dimensões e ao nível da água, por onde São José e a sua Família passaram no seu barco a remos. São José, diz a lenda, ficou muito feliz e tomou o rumo do Toledo, onde chegou ainda antes do fim do dia. Era verão e a Sagrada Família gostou tanto da paisagem, do ar fresco da montanha, dos campos floridos com belos bardos de hortênsias que resolveu fixar a sua residência para sempre no Toledo. Rapidamente toda a população se afeiçãoou à Sagrada Família ao ponto de terem resolvido construir uma ermida para a sua residência, tendo assim nascido a Ermida de São José do Toledo, sendo São José feito padroeiro. Segundo a lenda, a altura do buraco feito por São José é igual à altura da torre da igreja construída para guarida de São José. A pedra empurrada pelo dedo de São José para abrir caminho para a sua passagem encontra-se no mar a algumas dezenas de metros do maciço rochoso que lhe deu origem, formando um pequeno ilhéu que imerge ligeiramente acima das águas do mar. Foi assim, que diz a lenda, nasceu a Ponta Furada, uma das mais estranhas e curiosas formações geológicas da ilha de São Jorge, que aguarda, no seu leito de mar, quem sabe outro passeio de São José e da Sagrada Família.

O domo do Pico do Loiçano fica junto aos acessos às fajãs do Toledo, nomeadamente à Fajã de Vasco Martins e à Fajã Rasa. Do cimo além da vista soberba sobre grande a costa norte, ilha Graciosa e ilha Terceira é possível ver o casario do Toledo misturado por entre os campos verdes das pastagens e a montanha do Pico Alto que do cimo dos seus 766 m. olha serena para a vida que se desenrola cá em baixo. Do cimo é possível observar não muito longe, as restantes ilhas do grupo central: Faial, Pico, Graciosa e Terceira.

De seguida acabamos por descer à famosa Fajã dos Cubres, em obras de beneficiação, um café que a ASAE fecharia de imediato (era a única Fajã com café aberto ao público, mas melhor fora não haver), alguns turistas portugueses, baratos e sujos do tipo backpackers (mochileiros) e uma célebre lagoa à vista na fajã seguinte (Santo Cristo) a que não se chegava a não ser que se caminhasse uma hora a pé pela costa escarpada. Não há nada que se compare ao café da Fajã dos Vimes produzido no local... o único sítio na Europa onde se produz café... Em finais do séc. XVIII “um senhor da Fajã de São João” emigrou para o Brasil, lá trabalhou numa fazenda onde predominavam as plantações de café. Regressado a São Jorge no início do séc. XIX, traz consigo uma planta de café, o café arábica, que veio assim dar origem ao famoso café da Fajã dos Vimes. É aqui que está localizada a maior plantação de café dos Açores, na costa sul da ilha. Cerca de 400 plantas, que após o devido processo se transformam num café que já tem fama por todo o mundo. Manuel Nunes, dono da maior produção de café no arquipélago recorda que o clima da fajã é muito propício para a planta, ameno e solo fértil. “Um clima dos melhores para o café, é muito quente e tem muita pedra”, salienta Manuel Nunes, evidenciando a qualidade do seu café.

Manuel Nunes não sabe precisar, mas recebe anualmente muitas visitas de turistas e curiosos que querem ficar a saber um pouco mais acerca desta plantação e saborear aquele café que muitos afirmam ter “um sabor diferente e especial. Vem aqui muita gente, vêm de propósito das Velas aqui para provar o nosso café”. Umas dezenas de quilómetros que para muitos valem a pena, tal são a fama e a qualidade do café que se pode saborear naquela Fajã localizada no Concelho da Calheta. O café é colhido entre os meses de maio e setembro, isto porque, segundo o produtor, “nunca vem todo de uma vez, vai saindo às camadas”, referindo que o tempo também é que o determina, sendo que “neste momento, em pleno mês de fevereiro”, tem plantas já com flor, “o que não é normal nesta época do ano”, facto nunca antes visto por Manuel Nunes. Apesar de já ter recebido propostas, não quer exportar o seu café, comercializando-o apenas no seu estabelecimento, o Café Nunes. “Não quero vender café meu para revenda, para os turistas levarem 50, 100 gramas, tudo bem”, adiantou Manuel Nunes. O produtor aponta como razão “ser uma indústria pequena, é tudo manual e dá muito trabalho”.

A Fajã dos Vimes, localizada entre outras duas fajãs, nomeadamente a Fragueira e a Fajã da Fonte dos Bodes, é um ponto turístico obrigatório para quem visita São Jorge, não só pelo café, mas também pelo artesanato, também pertencente à Família Nunes. Alzira Nunes, esposa de Manuel, em conjunto com a sua irmã continua a tecer as características colchas no tear, naquela que é denominada por “Casa de Artesanato Nunes”.⁵⁷



Seguimos depois para os Nortes, o Grande e o Pequeno, parando no Miradouro da Fajã do Ouvidor para piquenicar com aquela imensa paisagem de mar e fajã por baixo e espesso maciço rocheo e floresta de laurissilva por cima de nós. Acabamos por descer e apreciar esta bela e ampla fajã, com belas casas (uma delas com uma ótima piscina) tudo muito limpo e arranjado, tentamos seguir até à Ribeira de Areia pela costa, mas desistimos e voltamos a tirar fotos do miradouro para guardar na memória. Depois prosseguimos novamente pelo maciço central, pela Pedra Vermelha, em plena serra do Topo, para vermos mais uma vez o ilhéu do Topo, regressando pelo Loural, Ribeira Seca (sem descermos à Fajã dos Vimes pela estrada de terra a fim de vermos as suas casas orladas a azul, como já viramos em Santa Bárbara na ilha de Santa Maria). A vista cá de cima era impressionante

As fajãs começavam pela sua perigosidade a inquietar-me e a fazer abalar a minha habitual calma chinesa. Em todas as instâncias nunca deixei de pensar como seria a vida naquela e noutras fajãs mais inóspitas ainda só acessíveis em estradas barrentas decerto intransitáveis no inverno. Nem todas estão eletrificadas. Como é possível viver-se há séculos naqueles locais, como se obtinham os mantimentos ou todos viveriam na frugalidade do que a fajã produzia? Estariam meses sem verem outras pessoas? Tudo questões que ainda não encontraram resposta. De qualquer forma a sua ocupação das fajãs pode ter representado uma libertação social e a mudança de estatuto pois passaram a deter a posse das terras. Ainda hei de investigar melhor se esta propriedade e posse das terras das fajãs não representa uma melhoria social no estado dos povoadores das ilhas. Nas outras ilhas rapidamente a posse feudal, pelos grandes senhores e pelo clero, não permitia mais que a terra fosse possuída, mas antes arrendada e o trabalho duro explorado num regime de escravatura semelhante ao do continente português. A ocupação permanente destas fajãs tem riscos muito elevados que os planeadores devem ter em consideração. Em S. Jorge, a qualquer momento, a terra pode tremer e as encostas desabarem até ao mar, sobretudo no inverno com os solos saturados de água. Assim se formaram as fajãs e pelo mesmo mecanismo podem desaparecer. Encontramos no Diário da República um interessante artigo do qual se extrai:

Através da execução do n.º 2 do artigo 80º do Decreto-Lei n.º 380/99, de 22 de setembro, o [presente] diploma assegura a conformidade do PDMC com o POOCISJ, excluindo de ratificação, na planta de ordenamento, as áreas (na Ponta do Topo e proximidades, para norte e para sul) da classe de espaços agrícolas, bem como as áreas (no Topo) da classe de espaços urbanos e as áreas (na Ponta de São João, na fajã com o mesmo nome, e na Fajã dos Vimes) de fajãs humanizadas do tipo 1, da classe de espaços naturais e culturais, que coincidam com as áreas de

57 [Retirado de Liliana Andrade /RL Açores]

especial interesse ambiental ou com as outras áreas naturais e culturais, todas do uso natural e cultural do POOCISJ. Da exclusão de ratificação daquelas áreas dos espaços agrícolas resultará igualmente que as que se sobrepunham à Zona de Proteção Especial da Costa Nordeste e Ponta do Topo e à Reserva Ecológica fiquem, afinal, abrangidas por uso natural. 1ª SÉRIE DIÁRIO DA REPÚBLICA, quinta-feira, 6 de julho de 2006 Número 129

Parece que afinal ali será difícil aplicar as leis de ordenamento. Ou será porque as pessoas foram para lá para terem terras que não eram de ninguém que a natureza dera aquando das grandes catástrofes sísmicas? A sua própria definição não deixa margem para dúvidas: António Cândido de Figueiredo, no seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, define fajã como “*toda a terra baixa e chã ou como pequena extensão de terreno plano, suscetível de cultura, junto a uma rocha, geralmente à beira-mar, formada em regra por materiais desprendidos por quebradas ou acumulados na foz de uma ribeira e assentes quase sempre num banco de lava muito resistente.*”

Em São Jorge, o conceito de fajã foi objeto de consagração legal, tendo o parlamento açoriano definido que se entende por fajã toda a área de terreno relativamente plana, suscetível de albergar construções ou culturas, anichada na falésia costeira entre a linha da preia-mar e a cota dos 250 m de altitude. Pelas suas características climáticas, particularmente quando voltadas para sul ou sueste, e pela abundância de recursos naturais, aliada à facilidade de acesso ao mar, já que virtualmente todas as fajãs têm o seu portinho, as fajãs foram locais de fixação inicial dos colonizadores, tendo sido a partir delas que irradiou o povoamento das terras altas do interior. Depois nos dias seguintes as nuvens baixas e nevoeiros impediram as nossas tentativas de irmos ao Pico da Esperança e caldeirinhas entre outros. Descemos até à cota zero e do lado leste da Baía de Entre-Morros na piscina do hotel lemos enquanto o benjamim manifestava habilidades aquáticas. Aproveitamos para percorrer a rua comercial das Velas, cheia de pequenas lojas e butikues em saldos de verão para além de visitar a enorme loja chinesa (a ubiquidade destas lojas surpreende, embora nos dissessem que ali, havia pouco tempo, uma na Calheta tinha fechado por falta de negócio).

Numa noite regressamos ao Café do Jardim onde éramos sempre bem servidos ao almoço, e a funcionária ainda se lembrava bem das especificidades dos nossos cafés. Nessa noite estava uma jovem a servir, atarantada com o enorme e inusitado movimento dessa noite. Olhamos para ela e decidimos que era de origem timorense. Quando nos trouxe a comida errada eu disse em Tétum “*L’ha tene*” (não entende) e ela olhou para trás. Depois, acertou na encomenda e perguntei-lhe “*Díac ca lai? Díac? L’a díac?* (Como estás? Bem? Mal?) e ela respondeu “*Díac liu*” (muito bem)”. Ela perguntou como eu falava timorense e lá tive de lhe explicar que vivera lá muito antes de ela nascer entre 1973 e 1975. Foi curioso ver o sorriso amigo dela e o brilho nos dentes, tal como eu jamais esperava encontrar uma timorense ali. Noutra noite resolvemos ir jantar ao pomposamente denominado Clube Naval (o *Yacht Club*) do sítio e saímos de lá convencidos de que se tratava antes do Clube dos Botes e não do clube naval quer pela frequência quer pela demora em sermos servidos (demoramos duas horas entre a entrada e saída...) além de que a comida nada tinha de memorável, no que seria a única desilusão digna de registo.

Faltou apenas assinalar que nas ruas das Velas raramente se observam sinais proibidos para o trânsito, o que resultou eu ter andado horas em contramão, até descobrir que tinha de seguir os sinais azuis pois não se viam sinais encarnados. Os poucos polícias locais se me viram não me denunciaram e rapidamente me habituei a esta nova forma de marcar o trânsito. Valeu a pena e não me importava de viver na pequena Vila das Velas. Como esta já vai longa e para que possam ver as duas centenas de fotos selecionadas da visita aconselho-vos uma visita ao meu museu fotográfico em

<http://www.lusofonias.net/acoress-i/sao-jorge/760-s-jorge-a-minha-visao.html>
<http://www.lusofonias.net/acoress-i/sao-jorge/824-s-jorge-diaporama.html>

55. CRÓNICA 55 -7º COLÓQUIO ANUAL DA LUSOFONIA BRAGANÇA, set 2008

56. CRÓNICA 56 DIAS DE MELO⁵⁸ 24 setembro 2008



pintura de Tomáz Borba Vieira (1974)

"A ESPERANÇA NUM MUNDO MELHOR JÁ NÃO SERÁ PARA MIM, TALVEZ NÃO SERÁ PARA NENHUM DE NÓS E EU REVOLTO-ME COM AQUILO QUE VEJO À VOLTA DE MIM" DIAS DE MELO

Hoje fiquei mais pobre e de novo órfão. Até maio deste ano pouco ou nada sabia sobre Dias de Melo que esteve presente como Escritor convidado no 3º Encontro Açoriano da Lusofonia juntamente com o amigo Daniel de Sá. Eram eles os dois representantes da literatura açoriana que quis dar a conhecer a todos os que nem sequer sabiam da existência da mesma. Dias de Melo é um operário, um agricultor, um pescador, um escultor que trabalha, ceifa, pesca e esculpe cada palavra, como se fosse um baleeiro do Pico, referência constante como o é Mestre José Faidoca, personagem sempre presente nas histórias que também presenciou como homem do mar, pescador, marinheiro, mestre de lancha. Escreve como se da janela da sua casa no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

Andei assim apenas quatro meses na descoberta da genialidade, da sinceridade da obra de Dias de Melo (que ainda não estudei na totalidade, mas apenas os títulos reeditados. Foi uma paixão literária à primeira vista, pois a sua escrita flui e embrenha-se como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se tivesse que resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA. É da sua denúncia que ele trata ao abordar temas como a emigração, a vida no seu Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão durante o Estado Novo, e em todas, para além

⁵⁸ Do autor:

Toadas do Mar e da Terra (1950)

"Crónicas do Alto da Rocha do canto da Baía

Das Velas de Lona às Asas de Alumínio" Lisboa, Salamandra. (1991),

Aquém e Além-Canal. Lisboa, Salamandra. (1993),

A Viagem do Medo Maior. Lisboa, Salamandra. (1994),

Memória das gentes 6 vols. (Livro I, três volumes). Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1990), Na Memória das Gentes (Livros II e III, três volumes). Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1992),

Cidade cinzenta

Mar Rubro (1958),

Pedras Negras (1964 Lisboa, Portugalia (3.ª ed., Salamandra, 2003; trad. inglesa, 1988; trad. japonesa, 2005). 4ª ed. VerAçor 2008)

Mar pela Proa (1976 Lisboa, Prelo Editora (2.ª ed., Vega, 1986). (1979).)

Vinde e Vede. Lisboa, Editorial Ilhas. (1983)

Vida Vivida em Terras de Baleeiros. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1983, 1985),

O Menino Deixou de Ser Menino. Lisboa, Salamandra. (1992),

Pena Dela Saudades de Mim. Lisboa, Salamandra. (1996),

Inverno sem primavera. Lisboa, Salamandra (2.ª ed., 1997). 1999

Milhas Contadas. Lisboa, Salamandra. (2004), Poeira do Caminho. Porto, Campo das Letras.

"Tempos últimos"

"O muro amarelo"

O Autógrafo. Lisboa, Salamandra. (2002),

Poeira do Caminho (2005)

dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça.

Não querendo ordenar classificatoriamente os escritores como se de autores de música popular se tratasse, o certo é que desde que o comecei a ler, Dias de Melo alcandorou-se ao lugar cimeiro das minhas preferências e sinto-me extremamente honrado por ter trocado algumas palavras com ele, durante o colóquio e no jantar do primeiro dia de trabalhos. Não o conhecia, mas conhecendo as suas obras e a sua vida de luta fica-se com a sensação de o termos conhecido sempre, de pertencermos à mesma família, uma espécie de alter ego daquilo que gostaríamos de ter sido. Autor e compositor de música popular, Dias de Melo ficará inexoravelmente conhecido como o escritor da baleação e da condição humana. Coube-lhe a sorte de ter recebido algumas merecidas homenagens públicas nos seus últimos meses de vida quando viu a 2 de maio 2008 (na véspera do Encontro Açoriano) reeditar algumas das suas melhores obras. Cumpre-nos a nós não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que os seus livros sejam lidos por todas as novas gerações.

Herman Melville na sua epopeia da Moby Dick na qual retrata alguns açorianos, não conseguiu resumir a essência dos baleeiros como Dias de Melo pois este era um espetador atento da sua luta quotidiana e resolveu dá-la a contar ao mundo. Disso vos trago testemunho com a saudade que a sua morte nos deixa a partir de hoje.

57. CRÓNICA 57. MUSEU DA LUSOFONIA EM BRAGANÇA 1-10 outubro 2008

Da LUSA:

O primeiro museu português da Língua Portuguesa poderá surgir em Bragança, segundo um repto lançado no encerramento do 7º Colóquio anual da Lusofonia que recolheu já apoios individuais e institucionais ligados à temática. A ideia partiu do presidente da Câmara de Bragança (????), Jorge Nunes, que recebeu de imediato a disponibilidade do vice-presidente da Academia de Ciências de Lisboa para ajudar a instalar este espaço, que seria único em Portugal. O autarca de Bragança quer aproveitar o balanço dos colóquios anuais da Lusofonia, que há sete anos reúnem na cidade transmontana representantes dos vários países lusófonos, para desenvolver o primeiro museu nacional da Língua Portuguesa. Jorge Nunes gostaria de ter em Bragança, um espaço idêntico ao que já existe em São Paulo, no Brasil, com a história e evolução da língua falada por 320 milhões de pessoas pelo mundo. «Em Portugal não há um espaço museológico relacionado com a Língua Portuguesa e Bragança pode abraçar esse projeto, desde que conte com a colaboração de professores e instituições representativas nesta área», disse à Lusa. O vice-presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Artur Anselmo, manifestou a disponibilidade deste organismo ajudar a instalar em Bragança o Museu da Língua Portuguesa, embora ressaltando a necessidade de contactos entre as partes para formalizar esta parceria. Artur Anselmo lembrou que a Academia portuguesa tem «um espólio muito importante relacionado com a defesa da Língua Portuguesa, desde os fins do século XVIII até hoje» que poderia disponibilizar para o novo museu. Para este académico, «Bragança é o lugar ideal para a instalação deste espaço porque está na confluência de dois mundos fundamentais da Língua Portuguesa, Portugal e a Galiza». Considerou ainda que o novo espaço terá que ser «um museu vivo e o aspeto didático terá a maior importância para que interesse jovens e instituições de ensino». A ideia mereceu também o aplauso do linguísta brasileiro Evanildo Bechara, presente no Colóquio da Lusofonia, que prometeu propor à Academia de Letras Brasileira, da qual é membro, o apoio ao museu português. O presidente da Câmara de Bragança gostaria de congregas as vontades necessárias, para que no próximo Colóquio da Lusofonia os participantes pudessem discutir o projeto e fazer a validação em termos científicos. Outro apoio com que o projeto conta, desde logo, é o da Academia Galega da Língua Portuguesa, que teve dia 6 de outubro, em Santiago de Compostela, o primeiro ato oficial, e que nasceu no seio dos colóquios da Lusofonia em Bragança. Os Colóquios da Lusofonia irão desenvolver uma ação concertada com o Presidente da Câmara Municipal de Bragança para a futura localização na cidade de Bragança do Museu da Língua Portuguesa. Pretende-se que os Colóquios funcionem como motor (através de propostas de todos os que fazem parte da sua rede) e de elo vital de coordenação das iniciativas das três academias na programação futura e na conceção do Museu, cujo projeto de viabilização será apresentado pela Câmara Municipal de Bragança a fim de ser validado pelos Colóquios e pelas Academias em outubro de 2009. a ideia tem despertado a imaginação dos académicos e investigadores envolvidos pela sua ousadia e vanguardismo e vem culminar os esforços de vários anos através dos Colóquios da Lusofonia de fazer de Bragança a capital da Lusofonia. Apesar das vozes discordantes e dos velhos do Restelo que decerto se manifestarão (aliás manifestam-se contra tudo o que seja modernizar Bragança ou alterar o seu estatuto de «cidade adormecida à sombra do passado») esta é uma ideia cujos frutos serão rapidamente compreendidos pela população em geral. O Brasil, onde a cultura é igualmente mencionada a pratos de polé, registou milhões de visitantes nos primeiros anos do seu Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, muito para além de todas as expectativas.

Para isso convido toda a gente a ver <http://www.youtube.com/watch?v=OzKEfEH7ag>
<http://www.youtube.com/watch?v=rxLG6YzowGg&feature=related>

Haja vontade política, e aqui se reitera que embora sejamos independentes e subsídio independentes é necessária vontade política para fazer arrancar este projeto, e Bragança daqui a uns anos pode orgulhar-se de ser a segunda cidade no mundo a ter um Museu dedicado à Língua.

58. CRÓNICA 58. SAUDADES e MEMÓRIAS TRANSMONTANAS, setº 2008

58.1. VIAGENS INESQUECÍVEIS DE TEMPOS JUVENIS

Sei, porque me contaram, - que por volta dos dois anos de idade - fui visitar as berças a Trás-os-Montes (a aldeia de Azinhoso no Mogadouro e a da Eucísia em Alfândega da Fé) donde a família da minha mãe era originária. Contraí, então, uma primo-infeção gravíssima tendo sido assistido pelo Dr. Miranda, único médico da vila de Alfândega, que na sua santa ignorância diagnosticou qualquer outra coisa e disse logo que a pequena e débil criança que eu era não tinha hipóteses de sobreviver. Ainda bem que sobrevivi para vos contar que fui levado de emergência para uma cidade maior onde fui devidamente diagnosticado e tratado a tempo.

A primo-infeção ocorre quando a pessoa entra em contacto com o bacilo. Onde a tuberculose é endémica, a possibilidade desse contacto ocorrer até os 10 anos de idade é muito grande. Proximidade com pessoas infetadas e ambientes fechados e pouco ventilados favorecem o contágio. O bacilo de Koch é expulso nas gotículas que eliminamos pela respiração e pela tosse. Elas precisam medir 5 micro, uma unidade muito menor do que um milímetro, para poder percorrer as 23 divisões do aparelho respiratório (nariz, traqueia, brônquios, etc.) e alcançar os alvéolos, que se localizam na parte final dos pulmões e têm a forma de um pequeno saco redondo. É neles que a doença vai desenvolver-se. Para que a primo-infeção ocorra é necessário que o bacilo de Koch chegue aos alvéolos. Se parar antes de alcançar os pulmões, nada acontece. Sentindo a presença do bacilo nos alvéolos, as células de defesa, ou macrófagos, o abarcam e pedem ajuda para os linfócitos, outro tipo de células de defesa, que erguem uma paliçada em torno daquelas primeiras que exerceram a fagocitose. Isso forma um granuloma, ou seja, um microcaroço, que será recoberto de cálcio para enterrar literalmente o bacilo. Por isso, nas radiografias de tórax, é comum encontrar um nódulo calcificado consequência da primo-infeção por tuberculose. Não tem significado patológico algum e deve ficar onde está para o resto da vida. A partir dos alvéolos, porém, o bacilo pode invadir a corrente linfática e parar num gânglio, outro órgão de defesa do organismo. Ainda está para ser criada uma vacina contra esta infeção que pode debilitar e matar um bebé de tão tenra idade.

Será conveniente recordar que nessa altura as distâncias eram avassaladoras apesar da pequenez do país. Havia comboios regionais em Portugal e os transportes entre distâncias pequenas eram quase como travessias dos mares alterosos nos infindos oceanos no tempo das Descobertas. Uma viagem entre Trás-os-Montes e o Porto era uma epopeia reminiscente da homónima marítima.

.... Enquanto os avós paternos iam em dois carros (após o fim da primeira grande guerra) até Paris, com filhos e demais pessoal, como o seu pai nunca se cansou de recordar como a memória mais marcante dos seus tenros anos, eu evocava as idas a Trás-os-Montes, na sua infância, viagens históricas na velha e sinuosa estrada nacional nº 15 do Marão. Do Porto a Alfândega da Fé era um dia completo, uma tarefa demorada, cansativa e pejada de perigos. Tempos antes, mais do que um dia tinham, porém, demorado os avós maternos que, ao casarem por volta de 1920, resolveram passar a lua-de-mel em viagem no percurso de Bragança ao Porto em carruagem ou diligência da mala-posta. Era o seu único meio de transporte, à época, sem a pompa dos coches, sem o romantismo das seges e tipoias e sem o misticismo das velhas caravanas ou diligências do oeste bravo nos EUA. Aqui não havia índios selvagens, mas era terreno fértil para assaltantes e saqueadores, prática que se manteve até ao século XX. Não muito tempo antes, e bem perto do Porto, havia o famoso Zé do Telhado, alcunha de José Teixeira da Silva, nascido em 1818 na aldeia de Castelões, Penafiel, filho de um capitão de ladrões. Foi um famoso salteador e chefe da quadrilha mais famosa do Marão. Executou um grande número de assaltos em todo o norte de Portugal entre 1842 e 1859, ficando conhecido por "roubar aos ricos para dar aos pobres". Em 1845 casou-se com uma prima. Foi aprisionado em 1859 quando tentava fugir para o Brasil. Esteve preso na Cadeia da Relação, onde conheceu Camilo Castelo Branco. Em 1861 foi condenado ao degredo em África. Viveu em Malanje, fez-se negociante de borraça, cera e marfim. Casou-se com uma angolana, Conceição, de quem teve três filhos e morreu de varíola em 1875.

A velha EN 15 ligava Ermesinde, Amarante, Vila Real, Mirandela e Bragança. A denominação EN, Estrada Nacional surgiu após a República. No plano de 1889, a rede incluía as Estradas Reais (nacionais), as Distritais (regionais) e as Municipais (locais). Em 1910 a designação "Estrada Real" foi substituída por "Estrada Nacional". A Junta Autónoma de Estradas em 1927 propunha a divisão das Estradas Nacionais em duas classes, como aconteceu em 1933. As atuais Estradas Nacionais são as do Plano Rodoviário de 1945 que classificava as Estradas Nacionais em três classes: as de 1ª classe numeradas de 1 a 125, as de 2ª classe de 201 a 270 e as de 3ª classe, de 301 a 398. Os números de 1 a 18 eram reservados aos Itinerários Principais, correspondendo às estradas que ligavam as capitais de distrito entre si e a estradas com origem em Lisboa e Porto. Na longa e sinuosa EN 15, ou noutras estradas para Trás-os-Montes, o maior tormento da viagem era quando se encontrava um velho autocarro de passageiros, de fabrico bem anterior à 2ª Grande Guerra, servindo de carreira (de passageiros), arrastando-se penosamente, montanha acima, por entre nuvens de fumo do poluente gasóleo. Penava-se atrás dele. Era um inferno. As pessoas a tossirem. Com o calor de verão não se suportavam janelas fechadas. Ultrapassar, só se o condutor fosse simpático e se desviasse ou parasse. A estrada não comportava a modernice das ultrapassagens.

Mas havia paciência nessa época, as pessoas não viviam numa lufa-lufa como atualmente e aceitavam como inevitabilidade do destino o que se lhes deparava, mesmo que fosse seguir na peugada de um velho machimbo fumegante durante quilómetros a fio ou horas. Por vezes, entre vilas ou cidades, surgia uma paragem para passageiros, muitas vezes não assinalada e sem o habitual abrigo para as pessoas se resguardarem da inclemência dos elementos. Outras vezes, havia um motorista simpático que deixava sair um habitante local fora do local da paragem e perto da sua área de residência. Essa era, frequentemente, a oportunidade única de se fazer a ultrapassagem a velocidade moderada na estreita rodovia onde mal cabiam dois veículos, lado a lado. Os carros circulavam então em primeira ou segunda velocidade que essas modernices de cinco e seis velocidades de caixa também não tinham sido inventadas. As estradas tinham poucas retas e essas não eram suficientemente compridas para se adquirir velocidade e ultrapassar, pelo que se continuava a penar atrás da viatura pesada. Nas estradas em terra, o pesadelo era bem pior, pois aos fumos tóxicos acrescentava-se a poeira fina e miúda, penetrante como areia do deserto. Outras vezes, que se infiltrava nas narinas e nos poros e obrigava a um banho após a chegada ao destino. Seguir na peugada doutro veículo significava guiar às escuras por entre espessas nuvens de pó. A esta distância temporal, parecem cenas de um filme mudo, a preto e branco, tão difícil é descrever o que se perdeu na memória. Imagem sempiterna era a dos cantoneiros, que trabalhavam de sol a sol, levando a mão à aba do chapéu para saudar o atrevido viandante que se afoitava a ir às terras do fim do mundo, especialmente à Eucísia, perdida naqueles montes sobranceiros ao majestoso e fértil Vale da Vilaríça. Vestiam umas soturnas fardas cinzentas para que não se visse o pó que os cobria. A eles competiam as pequenas obras de manutenção da estrada, a reparação dos muretes derrubados, a pintura dos troncos das árvores, e o trabalho infindo de apararem as silvas e arbustos que das bermas irrompiam para o leito da estrada. Também lhes pertencia acrescentar umas pazadas de piche quente sobre o asfalto esburacado pela inclemência do clima transmontano. Se bem que, nalguns casos, trabalhassem em grupos, a maioria trabalhava em pares de dois ou solitariamente. Viviam normalmente nas cercanias das suas áreas de trabalho para onde se deslocavam após longas caminhadas. Noutros casos, passavam os meses acantonados nas célebres casas de cantoneiros, bem típicas pela sua construção, e que hoje, infelizmente, estão abandonadas e degradadas por todo o país, sem que alguém tivesse a coragem de as reabilitar e converter para Turismo Rural ou qualquer outro fim. Os carros na conturbada viagem do Porto a Trás-os-Montes gastavam quase tanto de óleo e água como gasolina. O gasóleo era ainda exclusivo de tratores e autocarros que se debatiam a 10 km/h, serra acima, poluindo e deixando quem vinha atrás acossado por ataques de tosse devido à inalação dos gases. A gasolina sem chumbo não fora inventada (apenas havia a Normal de 88 octanas e a Super com 91 octanas, hoje já temos - entre outras - 95 e 98 octanas). Havia poucos postos de abastecimento e era necessário programar os consumos para não se ficar parado sem gasolina. Nessa época, ainda os termómetros tinham mercúrio e faziam as delícias dos mais novos quando se partiam e o mercúrio não se desfazia, rolando numa pequena bola maleável.... Nos anos 1950 e 60, a viagem até Vila Real, era coisa para demorar três horas e meia pela lenta e sinuosa Serra do Marão. Não era aconselhável fazê-la de noite. Um tio meu andava sempre com uma pistola, no porta-luvas do carro, para os encontros prováveis de primeiro grau que podiam acontecer em plena década de 1960. Nunca se sabiam quando apareceriam os meliantes, uns pobres diabos em busca de uns dinheiros trocados e pouco mais, que a tanto não ajudavam nem a arte nem o engenho. Eram tempos de miséria no interior de Portugal, o espetro da guerra colonial e a fome eram perspectivas comuns aos que não tinham conseguido pagar aos "passadores" que "a salto" lhes prometiam as Franças e Alemanhas do seu contentamento. Ali seriam tratados como escravos, mas teriam trabalho e pagar-lhe-iam as jornas com que mais tarde iriam construir uns mamarra-chos conhecidos como casas de emigrantes que hoje poluem os montes e vales de muitas das aldeias do norte de Portugal. Na viagem até Trás-os-Montes, ao aproximar-se a árdua e sinuosa subida do Marão, ressoavam sempre as palavras do velho adágio popular "Para cá do Marão mandam os que cá estão". Nesse tempo, tal como hoje, não se tratava de uma manifestação reivindicativa, nem de uma afirmação independentista, mas apenas da contestação ao abandono a que as suas populações estavam, e estão, votadas. Não eram só a distância e as dificuldades de comunicações, terrestres ou outras, que dificultavam as ligações à cadeira do poder em Lisboa, fosse ele real ou republicano. Havia um profundo desdém da "corte", desde tempos imemoriais ao século XXI, pelos provincianos transmontanos, sempre considerados atávicos e atrasados. Isso explicou durante séculos as más ligações rodoviárias, ferroviárias, telegráficas e telefónicas a essa parcela distante do retângulo português. Ainda hoje serve para explicar a dilapidação do rico património turístico que eram as suas linhas de caminho-de-ferro, retiradas pela calada da noite, como entre Bragança e Mirandela, ou após extraordinários acidentes, na Linha do Tua, que ninguém sabia explicar, mas que eram excelentes desculpas para desativar uma via em nome da segurança. O Opel Olympia 1955 do avô fumegava enquanto pachorrentamente subia a Serra do Marão. Quando, por vezes, decidiam desviarem-se para visitar os primos (Pinto de Magalhães⁵⁹) que tinham a velha casa senhorial em Ribalonga, São Mamede de Riba Tua (Carrazeda de Ansiães) no concelho de Aljô, o carro tinha de parar várias vezes na íngreme subida. O mesmo acontecia na abrupta subida de Murça. Tinha de se dessedentar o radiador com água fresca e o motor com óleo. Os carros tinham grandes dificuldades a subir com as temperaturas elevadas que ali se faziam sentir. Conta-se que se assavam sardinhas nos carris do caminho-de-ferro na estação do Pocinho, um pouco adiante, onde a temperatura à sombra andava sempre pelos 40 °C ou mais no verão... No longo trajeto dessas viagens (de mais de 200 km) havia inúmeras passagens de caminho-de-ferro. Tratava-se de uma linha de via única para os comboios a vapor que, há sessenta anos, faziam aquele itinerário, ligando o litoral ao interior, ora por entre calor abrasador, ora entre chuva, trovoadas e neves inverniais. Esperava-se uma eternidade, 15 minutos ou mais, até o comboio passar, apitando a todo o vapor, pressuroso e temeroso de quem ousasse

59 Altino Amadeu Pinto de Magalhães (n. a 8 de maio de 1922) é um general do Exército português, presentemente na reforma. Foi nomeado Governador Militar dos Açores, em janeiro de 1975, funções que desempenhou até 29 de agosto de 1976. Nesse período de tensões autonomistas registaram-se graves incidentes que a história registou para memória futura. Acumulou o cargo com o de presidente da Junta Regional dos Açores, de 26 de agosto de 1975 a 29 de agosto de 1976

atravessar-se na estreita via sulcada à estonteante velocidade de 30 km/h. Serpenteava a maior parte do tempo à vista da estrada, entremeada de curvas e contracurvas, desbravadas por entre montes cortados à pá e picareta no século XIX. No Brasil foram os escravos quem fez esse trabalho, em Portugal eram homens livres e alguns, poucos, degredados pois estes tinham a irritante tendência para desaparecerem e nunca mais serem vistos. Essas rodovias, originalmente de macadame (brita e saibro compactados por um rolo ou cilindro), começaram a ser asfaltadas em finais de 1950 e estavam engalanadas ao longo do seu trajeto com árvores (carvalhos, castanheiros, o que calhava) de troncos pintados a branco, como ainda hoje se observa nos Açores. Era uma moda do pós-guerra em nome da segurança rodoviária. Ainda não se tinham inventado os "rails" de proteção e nas estradas de montanha havia apenas uns pequenos muretes, de quarenta por vinte centímetros, que era tudo o que protegias as viaturas e que separava o leito da via do abismo, centenas de metros abaixo. Quando havia um acidente e alguém saía da estrada, tinha de se ter muita fé e esperar que alguém passasse. Tudo dependia da sorte, do dia da semana e da hora a que o acidente ocorresse. O movimento era reduzido, mas podia haver a felicidade de passar um carro de praça, nome dado aos táxis das terras do interior. Ou poderia passar uma camioneta de carreira (algumas só passavam uma vez por semana). Turismo ainda se não fazia naqueles dias e poucos dispunham de viatura particular para se deslocarem, usando os lentos transportes públicos, fossem eles o caminho-de-ferro ou a "carreira" onde eram igualmente transportados alguns víveres e o correio das cidades para o inacessível interior. Não havia telemóveis nem postos de telefone "SOS" na berma da estrada. Aliás, a via seguia, muitas vezes, caminho dos velhos postes dos telégrafos que existiam nas cidades e vilas onde começaram a ser colocados na segunda metade do século XIX (entre 1856 e 1878). Ali se implantaram, posteriormente, os telefones a partir de 1882 e até à década de 1960, embora fossem então considerados um luxo apenas ao alcance de uns tantos. A generalização do serviço telefónico nacional e das centrais automáticas, só estaria concluída no final de 1980

O comboio da Linha do Douro ia do Porto à Régua e ao Tua onde se mudava para outro comboio da Linha do Tua mais lento ou uma automotora até ao Pocinho. Depois ia-se de carro até à Junqueira, estrada sinuosa que ainda hoje mantém o mesmo traçado bonito (mas há uma alternativa ao lado em itinerário IC), mas arrepiante e daqui em diante eram mais uns 20 km em estrada de terra batida para Alfândega da Fé, e seis ou sete quilómetros até à Eucísia que teria uns 800 habitantes nessa época, bem mais do que os 170 ou 180 que lá habitavam em 2005 ou os 40 em 2010... Os comboios eram a vapor, abastecidos a carvão, raramente excedendo os 20-40 km/h pelo que a viagem horrorosa ficou para sempre gravada na memória dos seus pais que a narravam, vezes sem conta, a quem não sabia dessa desventura. Claro está que, além de não ganharem para o susto com o filho único, os meus pais se viram privados das suas almeçadas e tão merecidas férias. Talvez tenha sido então que herdei um certo sentimento de culpa por tê-los prejudicado, e que viria a arcar durante largos anos. Tudo o que fiz daí para a frente parecia sempre servir para prejudicar os progenitores.

Esta linha ferroviária fazia parte dum projeto ambicioso de caminho-de-ferro até Zamora, Espanha, que nunca foi completado. Em setembro 1887 foi inaugurada a Linha do Tua (entre o Tua e a cidade de Mirandela), nove anos depois da apresentação dos projetos para a construção. Em dezembro 1906, concluiu-se a extensão da linha até Bragança, num projeto que previa a ligação até Espanha que nunca se veio a concretizar. O traçado veio a prever depois uma ligação a Vinhais, sendo depois abandonado, seguindo o vale do Tuela ou o planalto entre o Tuela e o Rabaçal, mas a dureza do traçado superaria o do próprio Baixo Tua onde a linha acabou por avançar. Em meados de 1940, a Linha do Tua passa da CN - Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro - para a gestão da CP que em 1992 encerra a circulação ferroviária no troço Mirandela e Bragança, numa extensão de 80 quilómetros, para em julho 1995 ser inaugurado o Metro de Mirandela, que possibilita a reabertura da linha entre a cidade e a localidade de Carvalhais. Em abril 1910, o distinto bragançano Abílio Beça, um dos principais promotores da linha, morre trucidado por um comboio. Da estação do Tua (partilhada com a Linha do Douro) à estação de Bragança, a distância total é de 133,8 km. A Linha do Douro avançava vinda do Porto com destino à fronteira com a Espanha, em Barca d'Alva. A Linha do Tua registou em 120 anos de exploração um único acidente mortal. Desde que a construção da Barragem do Tua ganhou o apoio da EDP e do Governo somam-se 4 acidentes, com a perda de 4 vidas que ensombram o futuro desta linha paradisíaca, ameaçada pelos políticos e pela construção da nova barragem. Há quem suspeite de sabotagem, mas ninguém o diz.

A história da linha conta-se assim: em 22 de junho de 1882 a Câmara de Mirandela apresentou à Câmara dos Pares do Reino a aprovação do projeto de lei para a subvenção de 135 contos de réis, para cobrir a garantia de juro de 5% para a empresa que viesse a construir a Linha do Tua. Em 11 de janeiro de 1883, ano em que a Linha do Douro chegaria à estação do Tua, a Câmara de Mirandela apelou ao Rei D. Luís I para a aprovação da Linha do Tua, ato para o qual veio a contar com o apoio da Associação Comercial do Porto, que pretendia salvaguardar os seus interesses ao dar mais força ao Vale do Douro como via de transporte, em detrimento de vias mais a Sul, como Aveiro a Vilar Formoso. Em 26 de abril de 1883, é lançado em Carta de Lei o concurso para a construção da Linha do Tua, ficando ao Conde da Foz adjudicada a obra; viria a trespassá-la à Companhia Nacional de Caminhos-de-Ferro (CN - cujo símbolo é ainda visível na estação de Bragança), em dezembro desse ano. O grupo que construiu a primeira fase da Linha do Tua (até Mirandela) foi o mesmo que veio a construir a Linha do Dão (Santa Comba Dão - Viseu), primeira via-férrea a chegar a Viseu, antes da Linha do Vouga. Em 26 de maio de 1884 é confirmada a adjudicação da obra à CN, assinando-se o contrato definitivo em 30 de junho. A 16 de outubro, a Linha do Tua começa a ser

construída, a partir de Mirandela, rumo à Foz do Rio Tua. A obra teve nos seus primeiros quilómetros uma tarefa facilitada: inserida num vale aprazível e plano, até chegar ao estreitamento de Abreiro, apenas um túnel foi escavado (Frechas), além de esporádicas trincheiras e pontões, com uma única ponte metálica de pequenas dimensões no Cachão. No entanto, Abreiro tornou-se o prenúncio de uma das obras mais extraordinárias de sempre da engenharia portuguesa. Fruto das dificuldades do terreno, e de uma força de trabalho altamente conflituosa, o engenheiro responsável deixou o seu lugar vago, dando lugar a um dos mais notáveis engenheiros portugueses do séc. XIX, o engenheiro açoriano Dinis da Mota, que viria também a deixar a sua assinatura na Linha do Dão. Com o pequeno prelúdio de Abreiro ultrapassado pelos primeiros grandes paredões de suporte e a maior ponte metálica até então necessária (destruída e substituída após cheias no Rio Tua no início do séc. XX), o Vale do Tua volta a dar tréguas, com algumas dificuldades que começam a ser cada vez mais contínuas. A partir da Brunheda, entra-se no Baixo Tua, e começa a fase mais épica da construção da Linha do Tua. Em apenas 10 km, a partir da estação do Tua, foram necessários dois viadutos e uma ponte (Presas, Fragas Más e Paradela), e cinco túneis (Presas, Tralhariz, Fragas Más I e II, e Falcoeira) que totalizam uma distância de 456 metros. Estes, particularmente na zona das Fragas Más - garganta do vale formada por rochedos titânicos, foram conquistados à Natureza com métodos e homens tão temerários como os que ficavam presos por uma corda a uma plataforma elevada nas escarpas, baixados até à plataforma da via, onde acendiam o rastilho da dinamite e eram rapidamente subidos para a plataforma, antes de a encosta vomitar pedaços de rocha na explosão. A 27 de setembro de 1887 a Linha do Tua era inaugurada, com a locomotiva E81 batizada Trás-os-Montes, e conduzida pelo próprio Dinis da Mota. Em Mirandela, a grande estação (a maior estação de via estreita portuguesa) acolhia muitas figuras ilustres e El-Rei D. Luís I. A 29 desse mês a linha era aberta à exploração. O troço Carvalhais - Bragança encontra-se encerrado a todo o tráfego ferroviário desde 1992. Esta data está envolta em controvérsia, uma vez que em dezembro de 1991 se encerrou o troço Mirandela - Macedo de Cavaleiros, deixando o troço até Bragança isolado da rede ferroviária nacional. Poucos dias depois, um descarrilamento em Sortes veio ditar o encerramento do troço Macedo - Bragança, de forma indeterminada, confirmada em 1992. A operação de encerramento definitivo do troço Mirandela - Bragança ocorreu de noite, sem aviso prévio, e simultaneamente em Bragança e Macedo de Cavaleiros. Foi registada a presença de forças policiais, para evitar o registo de imagens, e para afastar a população, que ao saber da operação acorreu às estações destas localidades.

Para evitar a possível recuperação desta via, todo o material circulante estacionado nestas foi retirado não por via ferroviária, mas via rodoviária. Foi relatado nessa noite um súbito corte nas telecomunicações. Devido a estes acontecimentos, o evento é recordado como A Noite do Roubo. Parte do trajeto da Linha do Tua encontra-se neste momento ameaçado de submersão pela albufeira prevista para a barragem do Tua. Se for concretizada a construção, será submersa parte da linha, deixando-a isolada da restante rede nacional ferroviária.

Desde o século XVIII que havia a tradição de as famílias transmontanas (como a da sua mãe) irem a banhos para a Póvoa, enquanto a sua avó e o seu pai falavam de férias na Foz, Matosinhos, em Miramar e na Granja, respetivamente, no início do século XX, como era tradição da sua família paterna que nesses tempos tivera casas de praia em Matosinhos e na Foz. Passariam a ir para Espinho a partir de então, tradição essa que a sua mãe manteria já em pleno século XXI com 85 anos de idade, acompanhada pela filha cinquentona e pelo respetivo filho desta. Há tradições que custa a quebrar e outras que custa manter.

Pois bem, tive uma infância e juventude que só mais tarde apreciei na sua plenitude. Recordava-me do meu avô materno e da avó me levarem de férias para Trás-os-Montes pela primeira vez sem os seus pais. Há imagens disso já em 1954. Que liberdade, que frescura, que lufada de vida aquilo não fora. Teria para aí uns 5 anos quando entrara para essa viagem histórica no Opel Olympia preto com a matrícula IB-17-55. (na imagem).



1954

A gasolina sem chumbo não tinha sido inventada e os termómetros ainda tinham mercúrio! O tabaco ainda não fazia mal e era glamoroso, o cancro era uma palavra quase desconhecida. E como aquele Opel Olympia fumegava a subir aquela estrada! Depois na memória ficavam ainda as curvas rápidas e sinuosas depois do Pópulo e de Alijó, até Carrazeda de Ansiães antes de Vila Flor, descendo à Junqueira e subindo para Alfândega da Fé.

Os meus tios Nóbrega Pizarro em Vila Real tiveram um VW Carocha bege (OO-14-18) seguido de um cinzento Opel Rekord (cuja matrícula não recordo já), antes de chegarem a

um desportivo Talbot (Sunbeam) Rapier Fastback Coupé de 1967 (mais conhecido como Sunbeam Alpine GT nos EUA) e acabaram nos topos de gama da BMW



Uns anos mais tarde começou-se a poder encurtar caminho vindo pelo Pópulo, mas seguindo para Murça, até Mirandela, passando pela então recém-aberta estrada de montanha na Serra de Bornes (ainda hoje o traçado é o mesmo). Saía-se do Porto de manhã, bem cedo, parava-se em casa dos tios Nóbrega Pizarro em Alijó (ou a partir de 1964 em casa deles em Vila Real, primeiro na Rua Diogo Cão, depois na Rua D. Afonso III) onde os tios viviam (filha mais nova dos meus avós) para almoçar e depois recomeçava-se para chegar ao cair da noite à aldeia. Outras vezes o meu avô decidia fazer um desvio por Sabrosa, Favaios, Alijó, para visitar uns primos em Riba de Ave, S. Mamede de Riba Tua (um deles era esse controverso personagem da luta autonómica dos Açores, o General Altino Pinto de Magalhães), seguindo depois para Carrazeda de Ansiães e Vila Flor.

Havia inúmeras passagens de caminho-de-ferro e em cada uma esperava-se aí uns 15 ou 20 minutos que o velho comboio a vapor passasse a apitar em cada passagem de nível. As estradas eram bem estreitas e enfeitadas de árvores com os troncos pintados a branco, como ainda se observa nalgumas estradas dos Açores.

58.2. VIMIOSO

58.2.1. A CASA DOS CONDES DE VIMIOSO

Vimioso (em mirandês Bumioso) é uma vila portuguesa, pertencente ao Distrito de Bragança, Região Norte e sub-região do Alto Trás-os-Montes, com cerca de 1 200 habitantes. É sede de um município com 481,47 km² de área e 5 315 habitantes (2001), subdividido em catorze freguesias. O município é limitado a norte pela Espanha (Alcanices), a leste pelo município de Miranda do Douro, a sul por Mogadouro, a oeste por Macedo de Cavaleiros e a noroeste por Bragança. Em duas aldeias deste concelho, Angueira e Vilar Seco, fala-se o mirandês. Há ainda registo de falantes em Caçarelhos, mas ali já se terá deixado de se usar generalizadamente nos últimos anos. Concelho por entre o qual correm os rios Angueira e Maçãs, Vimioso guarda vestígios de ocupação castreja, nomeadamente o designado Cabeço de Atalaia, sobranceiro à vila. Vimioso tornou-se sede de concelho em 1515, ganhando autonomia em relação a Miranda do Douro. O concelho possui variados pontos de interesse, sobressaindo o Castelo de Algoso. Em Algoso, o impressionante castelo (século XIII), erguendo-se inexpugnável oferece uma bela panorâmica da paisagem selvagem e rude, com o rio Angueira no fundo. O castelo ocupa uma posição privilegiada sobre um promontório alcantilado, no topo do Cabeço da Penenciada, a uma altitude de 681 metros. É rodeado pelos profundos vales dos rios Angueira e das Maçãs que confluem nas proximidades. Subsiste a torre de menagem, no interior da qual são visíveis três registos de ocupação, sendo os dois primeiros de uso para habitação e o último de defesa. Argozelo, freguesia do concelho, guarda alguns castros importantes e em Caçarelhos pode ser apreciado um belo cruzeiro. Intimamente ligado à imagem de Vimioso está o tão apreciado lagostim de água doce. Mas o concelho apresenta outros pontos de interesse: as pontes romanas sobre os rios Sabor, Angueira e Maçãs, o magnífico Cruzeiro de Caçarelhos do século XVIII ou as formidáveis grutas de Santo Adrião, com o seu tesouro em mármore e alabastro de inegável beleza. Vimioso é de muito remota origem, sendo já nomeado nas Inquirições de 1258, ordenadas por D. Afonso III. No entanto, recebeu foral e foi constituído Concelho apenas em 1516, por mercê do rei D. Manuel I. Nesta região remota e agreste, Vimioso foi um ponto de defesa fronteiriça nos primórdios da nação portuguesa. Na vila, quase nada resta do castelo, mas vale a pena admirar a fachada típica da Igreja Matriz (concluída em 1570), com duas torres e um teto magnífico no interior, o Pelourinho e as casas brasonadas. A Igreja Matriz românica tem uma torre com sinos e relógio, e há um interessante pelourinho em frente da Câmara Municipal; as ruínas do Solar dos Marqueses de Távora e as restantes casas de quartzo e granito, com portas e janelas estreitas, também atraem a atenção do visitante. Trabalhos em cobre, tecelagem, cestaria e mármore expressam a habilidade dos artesãos locais. Quanto a gastronomia, a culinária robusta parece compensar a paisagem desabrida: vitela, alheiras, presunto e os saborosos lagostins do Angueira. A Igreja Matriz de Vimioso é um importante templo maneirista, edificado no século XVII, durante o período filipino. A economia de Vimioso baseia-se na agricultura e pecuária que têm diminuído drasticamente a sua atividade. Até aos anos sessenta, antes do surto de emigração da sua população, Vimioso era um concelho rico em produtos agrícolas como o vinho, o azeite, o trigo, o centeio, a batata, ele. A pecuária era uma atividade extraordinária. A existência de boas pastagens e boas terras para forragens proporcionava a criação em grande escala, de gado bovino, ovino e caprino. A carne dos bovinos de raça mirandesa foi sempre muito apreciada por ser de boa qualidade. Constituíam também uma boa fonte de rendimento a cultura da vinha, da oliveira dos cereais

e da batata em algumas zonas do concelho com características específicas de terras fundas e boa água. Relativamente ao relevo não há, no concelho, serras ou elevações dignas de realce. Pode considerar-se que o concelho de Vimioso faz parte da continuação do Planalto Mirandês. Os rios que atravessam o concelho, Sabor, Maçãs e Angueira, tiveram alguma importância na subsistência da população, pois a quantidade e qualidade de peixe neles existente era digna de realce. Nas suas margens havia inúmeros moinhos onde se moía o trigo e centeio que constituíam a base da alimentação da população. Uma outra característica interessante e digna de mencionar diz respeito ao sotaque e pronúncia da população natural de algumas freguesias, designadamente Argozelo, Carção e Santulhão, e em especial Campo de Víboras e Vimioso. As aldeias que confinam com o concelho de Miranda do Douro são já influenciadas pelo sotaque do dialeto do Planalto mirandês. O Natal, o Carnaval, a Páscoa e a festa do verão, são dias especiais que não dispensam a presença da maioria dos filhos da terra espalhados pelo país e até pelo estrangeiro. Na noite de Carnaval não faltam as filhós, as rabanadas, o bacalhau com hortaliça e batata. Na Páscoa, o foliar e os doces caseiros fazem a delícia de todos os transmontanos. "No Entrudo come-se tudo" e por isso nesse dia a carne de porco, o fumeiro, etc. fazem parte da ementa carnavalesca. Nas festas de verão o menu é diferente e a posta mirandesa é o prato preferido. Em todas as freguesias do concelho se faz ainda a matança do porco. Há ainda muitos criadores de porcos que não dispensam a qualidade do porco caseiro alimentado à base de produtos naturais. Mas a maioria da população já não tem condições para criar estes animais e por isso recorre à compra de porcos criados em pocilgas. Destes, uma grande quantidade é importada de Espanha porque o seu preço é mais baixo. O fumeiro fabricado em todo o concelho é de grande qualidade. As alheiras ou tabafeias são excelentes, a chouriça, o salpicão, o butelo, o azedo, o chaviano, são especialidades muito apreciadas. A maioria da população tem mais de cinquenta anos. Não se alterando a tendência de envelhecimento destas comunidades, dentro de poucos anos pode assistir-se a uma desertificação acelerada. Há também uma grande percentagem de pessoas quase analfabetas, e muito ligadas a métodos e processos antigos. Duma maneira geral a população de Vimioso vive bem, não se verificando situações de pobreza extrema, talvez porque as pessoas se habituaram a uma vida com bastantes limitações.

Como diria Miguel Torga, "Vê-se primeiro um mar de pedras...oceano megalítico..." no Reino Maravilhoso, com nove meses de inverno e três de inferno. O mar de pedras irá emprestar-lhe o olhar, para conhecer as ondas deste Reino de Trás-os-Montes, certamente ninguém lhe ficará indiferente. Ali fui apenas uma vez, por volta dos sete anos, a casa do meu avô materno que viria posteriormente a redescobrir em expedições de férias na Europa em 1980, 1995 e a partir de 2002 quando vivera em Bragança. Essa casa de Vimioso foi habitada pela família da minha bisavó Maria Moraes, desde tempos incertos sendo interrompida quando o meu avô a vendeu por volta de 1960. A minha mãe voltou a vê-la pela primeira vez desde que saíra de Trás-os-Montes, 64 anos mais tarde, em 2003, quando insisti para lá a levar em romagem de saudade. Os que lá habitavam nesse ano de 2003, eram caseiros do meu avô e a filha do caseiro ainda se lembrava dele. Embora atualmente sujeita a várias alterações no seu interior e a subdivisões várias, a fachada, maltratada, ainda é imponente embora não se saiba ao certo a data da sua construção.

Trata-se de uma velha casa brasonada que ostenta ainda hoje o brasão dos Condes de Vimioso, título criado por D. Manuel I, rei de Portugal por carta de 02-02-1515 a favor de D. Francisco de Portugal, 1.º conde de Vimioso, neto do conde de Ourém e 1.º marquês de Valença, o qual era filho primogénito do 1.º duque de Bragança D. Afonso, e neto do rei D. João I, de Portugal.



Um primo do meu avô (Alberto Lopes, de Carção) o pai dele e o meu bisavô eram primos diretos) contar-me-ia em Bragança, já no século XXI, que o meu bisavô materno de apelido Alves, de Vimioso, tinha resolvido tirar umas férias de funcionário das Finanças. Fora de vapor com o pai desse primo (médico da Marinha Mercante) até ao Brasil descobrir as belezas da Terra Maravilhosa. Deve ter gostado do que viu, tão diferente da sua pequena vila natal. Demorou tanto a regressar que quase ia ficando sem o emprego.

Quando voltou, a bisavó de JC, Maria Moraes de sua graça, resolveu ostracizá-lo depois de saber o que ele andara por lá a fazer. Ele limitara-se a repetir a saga de milhares de portugueses que deram novos mundos ao

mundo, e assim foram perpetuando a raça e consanguinidade portuguesa nas quatro paradas do globo. Fizera o que tantos, antes dele, já haviam feito durante séculos ao miscigenarem-se e dar novos cristãos ao mundo. A bisavó Moraes ostracizou-o, limitando-se a servir-lhe o almoço e o jantar. Evitara qualquer outro contacto com ele, pois segundo ela entendia, estas eram as obrigações legais e necessárias de uma mulher casada pela Santa Madre Igreja. Desgostoso, o bisavô Alves não encontrou melhor solução do que voltar-se para a companhia mais benevolente dos copos que o haveriam de acompanhar até à morte. Fora um covarde, em vez de se meter a caminho e regressar ao Brasil, acabara amortalhado naquela vivência sem jeito nem amor mantendo uma aparência de casamento e cumprindo as suas rotinas de funcionário das Finanças. Isto foi-me contado, por esse primo da minha mãe já então com mais de oitenta anos. Tinha acabado de descobrir mais um elo de ligação da minha vida à dos meus antepassados, ainda que fosse pouco abonatório. Essa bisavó Maria Moraes, da qual guardo poucas recordações, embora tivesse vivido até aos 91 anos (teria eu 14-15 anos), era uma pessoa de aparência azeda e de poucas palavras, muito ensimesmada, a quem nunca vira um sorriso por baixo do seu viçoso buço. Poucas teriam sido as palavras que trocara com ela. Talvez tivesse razões de sobra dos maus-tratos da nora (a minha avó materna) para ser assim, mas depois do infortúnio do marido que lhe saíra em rifa teria ainda como prémio, a paga de ser maltratada pela nora. Convenhamos que não deve ter tido uma vida fácil.

Outra imagem que guardo daquelas andanças transmontananas, e ficou comigo para sempre, é dos cantoneiros sempre a levarem a mão à aba do chapéu para cumprimentar qualquer viandante que se atrevia a ir para as terras do fim do mundo.

Porque é que insisto sistematicamente em regressar a essas origens que afinal nem são minhas?

Porque assumo uma ascendência transmontana quando apenas lá passei umas horas, dias, semanas, meses na juventude?

Porque pareço esquecer toda a matriz regional geográfica, onde estudei e vivi a infância e juventude e adotei como minha a terra da mãe e avós maternos?

58.2.2. DO RATO DE CABRERA E OUTROS EM VIAS DE EXTINÇÃO

O linco-ibérico, o lobo-marinho, o abutre-preto, a truta-marisca e a lampreia-do-rio são algumas espécies nacionais que estão gravemente ameaçadas - o cenário é de pré-extinção. São mais de 40% as espécies de animais vertebrados existentes no País que enfrentam algum grau de ameaça, sendo os peixes o grupo que corre mais "perigo", segundo o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal de 2006. Nele se incluem espécies de peixes (de água doce e migradores), anfíbios, répteis, aves e mamíferos indicando para cada uma o seu nível de ameaça e avaliando os graus de risco de extinção. Foram desenvolvidas fichas descritivas com informação sobre as populações animais, causas de ameaça e medidas de conservação. As espécies, de acordo com a informação disponível, foram divididas em diversos grupos, de criticamente em perigo, ou seja, quase extintas, a uma situação pouco preocupante. A avaliação, que abrangeu 512 espécies selvagens de vertebrados no Continente, Açores e Madeira, apurou que 42% das espécies estudadas estão ameaçadas ou quase, de extinção - como o coelho bravo, o rato de cabreira ou o tordo-músico; 46% não estão em estado de alarme (categoria pouco preocupante), como o rato preto e o golfinho comum. Em relação aos restantes 12%, a informação é insuficiente para uma avaliação. A equipa de 180 especialistas foi coordenada pelo Instituto de Conservação da Natureza. Foram editados três Livros Vermelhos em Portugal, e o último datava de 1993.

O assunto de hoje é mais comezinho e mundano: a EN-128, entre Miranda do Douro e Bragança, é demasiado longa e está excessivamente estragada, há décadas sem melhorias. Poucos sabem onde fica. Nem saberão apontar em que parte do mapa está. Precisa de uma alternativa, benfeita e que poupe quilómetros. Há anos que se estudam traçados, mas a coisa emperra sempre. Um dia, porque havia uma colónia de morcegos protegidos. Mais recentemente, ao quilómetro não sei quantos, apareceu o rato de Cabrera. Para avançar, a empresa Estradas de Portugal precisa de estudos. Segundo o Presidente, o rato irá atrasar o novo traçado lá para "nunca antes de 2011." Conhecedor da região e já lá tendo passado vezes sem conta, esclareço que se trata duma região abandonada por Deus e pelos homens. A existência de rodovias apropriadas permitiria, por exemplo, que as pessoas de Miranda do Douro, incluindo as ambulâncias de socorro médico, não fossem a Espanha apanhar a via rápida para Bragança. Permitiria que as empresas que ali existem (ou viessem a existir) tivessem vias de escoamento dos seus produtos para Portugal e Espanha. Bruto, mas não violento, obviamente propugno a nova estrada e já! Tanto protecionismo esquece uma espécie em vias de extinção: o homem (e mulher) do Nordeste Transmontano. Estas notícias

parecem saídas dum almanaque do 1º de abril. Não são. Isto parece raiar o ridículo. Aquele que é protagonista de notícias que parecem do 1º de abril e não são. A este respeito não resisto a transcrever um texto em mirandês de 21/12/2007 da autoria de José Antonio Esteves, do Lar de S. José em Brunhoso (quem não perceber mirandês, paciência, mas é curiosa a abordagem do tema escrito)

lhambrou-me daqueilha que mos cuontou tiu Alfredo Cameiron. La de l camboio, que you gostei muito. Tamien me bieno a la eideia la de l ratico de Tie Ana Paixareira. Ua eideia lheiba a outra i lhambrou-me la stória que bus bou a cuntar. Pus aí bai, çpuis me direis se tengo ó nó rezon. Yera tamien un ratico, ó melhor dito, un raton, puís trata-se dun rato grande, tan grande i tan baliente, que até fizo parar ua strada. Trata-se de l Rato Cabreira! Nun sei se bós l cunheceis... tamien nun amporta... you tamien nun l cunheço. El alhá stá, bien zbulhado, naide l bei mas l cundanido nun deixa passar la strada que tanta falta mos fai. Dezie-me anton: - El nun se podie mudar un pouco mais abaixo ó mais arriba? - Claro que podie. Assi you podisse mudar la mie casa i yá la tenie mudado pra Palaçuolo. Carai de rato que teimoso que el ye. Bou mas ye a quedar porqui, l concho de l rato yá me stá a tirar de l sério. Bós que me dezis, armamos-lhe ua rateira a ber se assi mos deixa an paç? Nun sei que bos diga, cumo stan las cousas nun se puede dezir nada, nun seia que l rato me mande prander. Ye solo ua cuonta i mal atropada, mas nun me saliu melhor. You bien bos díxe que nun tenie jeito pra cuntar nin pra fazer nada. Çculpai alhá l chochico, nun me buolbo a meter noutra. Pronto yá deixo l Cabreira cun sue bida, yá me sal puls uolhos. Porqui me quedo mas bolberei. El ye teimoso mas you tamien.

Lembro uma cena similar, daquela vez em que assisti em Nova Gales do Sul à suspensão das obras de ampliação de uma estrada nacional (The Pacific Highway - 790 km de estrada circundante da Austrália entre Sydney e Brisbane...) para se construir um viaduto para a passagem de uma colónia de formigas em vias de extinção. Ignora-se totalmente, e nada encontro a esse respeito, que permita clarificar se depois disto houve um estudo para se analisar como destruir a praga das formigas que infestavam a região...

Afirmei-me sempre *moderadamente* a favor da continuação da espécie humana no planeta, apesar de em mais de 250 mil anos o Homo Sapiens só ter construído uma coisa duradoura: a infalível dupla da guerra e da destruição. Entre si mesma e com outras espécies. Entendo que deviam ser preservadas, sempre que possível, as outras espécies que partilham esta superfície planetária. Tal deveria ser feito numa estranha harmonia em que os interesses de uns não atropelassem os doutros e vice-versa.

Imagino já como próximos alvos, a campanha a favor do não-abate da vaca e doutros animais indispensáveis para a alimentação dos humanos, sabendo que o ridículo pode levar a este ponto, mais depressa do que se pensa. Já há expedições a favor da preservação do bacalhau, das baleias, dos golfinhos. Mais dia, menos dia, chega a campanha da preservação da couve-galega, do tomate e da cebola. Os fanáticos irão propugnar pela alimentação artificial do ser humano, claro está sempre a recorrer a transgénicos e outros alimentos manipulados. Essa cega preservação das espécies (e estão a extinguir-se a uma velocidade galopante) pode conduzir à extinção da raça humana tal como a conhecemos. Foi pena não ter vindo a tempo de salvar o lince da Serra da Malcata ou a águia-real do Gerês. Nesta ilha sou diariamente confrontado com a necessidade de eliminar do meu convívio - dentro de casa - animais que podem estar em vias de extinção. Há a mega melga (inofensiva, mas assustadora com o seu tamanho gigantesco), baratas, formigas de várias raças terrestres e extraterrestres, aranhas de todos os tamanhos e feitios, o ocasional grilo ou sardão, a ubíqua bicha-cadela, centopeias ou milípedes, caracóis no quintal e outros vermes. Como devo proceder para poder viver confortavelmente, sem ser molestado por essas pestes (em vias de extinção ou não)? Extermino-os ou deixo-os livremente fruir o mesmo espaço que habita? Terei de construir vias de circulação, separadas para esses animais, ou coexisto com eles? Claro que a minha casa não tem a importância dum estrada desconhecido ou esquecido nordeste transmontano. De qualquer forma não encontro nenhum manual da sobrevivência humana e do equilíbrio ecológico que me indique, mas a sério sem extremismos e fanatismos ideológicos, algumas dicas politicamente corretas sobre a forma de proceder nestes casos.

Já assisti aqui, por mais de uma vez, a um ritual da matança do porco, um ato bárbarico que desde criança me repugna. Deverei denunciá-lo e propugnar o seu fim, dado que no restante território nacional está proibido fazê-lo, a menos que seja num matadouro municipal, ou deverei recordar apenas que a carne de porco estava saborosa? Estou profundamente dividido entre os meus gostos, que até há pouco nem ilegais eram, e a noção de que devo proceder corretamente em relação às angústias dos que pretendem salvar o mundo. Além do mais, debato-me com novos problemas de consciência. Há dias, pela primeira vez, as formigas invadiram a mesa-de-cabeceira. Lá, onde guardo uns "lollies" (doces cobertos a açúcar, ótimos para dar trabalho aos médicos e dentistas) que gosto de trincar antes de adormecer. Não tive solução senão exterminá-las violentamente.

Senti-me, por alguns momentos, um verdadeiro genocida, capaz de ser levado ao Supremo Tribunal Internacional da Haia. Não sabia, porém, de que raça ou subespécie eram as formigas. Nem se estavam em vias de extinção. Como eram às centenas afoguei-as a todas na pia da cozinha. Será que, à semelhança da Igreja Católica, poderei ir a um confessorário ecologista, confessar este ato hediondo da minha parte, este crime contra animais? Terei possibilidade de absolvição? ou passarei o resto dos meus dias a penar este crime sórdido? Esta é a questão que me apoquentava agora.

58.2.3..EUCÍSIA (ALFÂNDEGA DA FÉ)

Em 2006, a Eucísia era, assim, caracterizada pelo seu edil como ainda tendo agricultura, construção civil e pecuária. Esta era a aldeia de nascença da sua avó materna e da sua mãe, cognominada “a terra das feiticeiras”. Desconheço onde descortinou, no rol dos habitantes, pessoas para tais mesteres. A média de idades dos poucos habitantes é setuagenária.

“A beleza das paisagens e a água em abundância são as principais riquezas da terra, que viu partir a juventude para terras longínquas. Aqui não há emprego. A única fonte de rendimentos é a agricultura, o que levou os jovens a emigrar”, lamenta José Carlos Pimentel, Presidente da Junta de Freguesia. A festa e romaria de S. Sebastião celebram-se no primeiro domingo de setembro. Os oragos são S. Paio e Santa Justa e Como património existe o Santuário neolítico de Revides, a fonte da Gricha e o forno dos mouros. Na gastronomia enchidos e queijo de ovelha churra. O artesanato limita-se a Rendas e Bordados. Apenas uma coletividade existia, em 2006, o Grupo Desportivo e Cultural da Eucísia.

Lia-se no Diário de Trás-os-Montes (2009):

[A] Eucísia, no concelho de Alfândega da Fé, é conhecida pelas lendas das feiticeiras e pelo património histórico e arqueológico. Pelas ruas da aldeia pessoas, na maioria idosas, recordam os tempos em que os jogos de roda e o convívio preenchiam os dias. Os tempos de antigamente permanecem gravados na memória, tal como as lendas que associam a localidade a “terra de feiticeiras”. “Ouvi contar a lenda das feiticeiras aos antigos. Diziam que veio para cá um padre que se embebedou, e, no dia seguinte, acordou na loja de um cavalo. Então espalhou que foram as bruxas que o levaram para lá”, explicou Adélia Monteiro, de 67 anos. A partir daí, quem passava temia o poder das feiticeiras e alguns até traziam trovisco para as afugentar. “Contava-se que passou por aqui um homem a cavalo num burro que trazia um ramo de trovisco. As mulheres sentiram-se ofendidas e juntaram-se todas para bater ao forasteiro”, recorda Maria Alice, outra habitante (pouco mais velha do que eu) antiga vizinha bem conhecida da minha família. O tempo passa devagar num local de sossego e calma transmitida pela natureza imutável há séculos

Mas a verdadeira Lenda das Feiticeiras é esta:

Reza a lenda que quando esta freguesia integrava o arcebispado de Braga era, amiúde, visitada por um padre do Minho. O sacerdote vinha incumbido da função de visitar a Igreja e verificar se tudo corria bem pela paróquia. O abade era também pessoa de boa mesa e boa pinga, fazendo jus a uma característica que, durante muitos anos, esteve associada a estas figuras. Certa noite, depois de um jantar muito bem comido e ainda melhor bebido na casa onde, habitualmente ficava hospedado em Eucísia, o padre foi-se deitar. A meio da noite e para fazer face às necessidades fisiológicas sentidas dirigiu-se às cavalariças. No entanto, embalado pelo sono ou pela bebida, aí se deixou ficar até de manhãzinha, altura em que deram com ele a dormir neste local. Em tom de desculpa disse não se recordar como tinha ido ali parar e atribuiu tal feito às Feiticeiras. Foi assim que a Eucísia ficou conhecida como terra das feiticeiras. Desde então quem passava pela localidade temia o poder destas feiticeiras e até havia quem trouxesse trovisco para as afastar.

Era eu ainda um infante quando pensava (ninguém me explicara o oposto) que as feiticeiras fossem a avó e as tias-avós. Não sabia porquê, nem o conseguia explicar nos atos delas, mas imaginava que se aquela aldeia era das feiticeiras, elas o poderiam ser, mesmo sem me causarem calafrios ou medo a mim e a outras crianças. Podia acontecer que só fizessem feitiços aos que não pertenciam à família ou aos que não pertencessem à aldeia que nada mais era do que um destino sem saída, um mero desvio de 1,5 km em terra, na estrada de macadame que ligava Alfândega da Fé à Junqueira.

Uma parte inicial da Rua Direita (as casas mais importantes estavam aí) tinha o piso em calçada, todo o resto lá para riba rumo à capela de São Sebastião, era em terra poeirenta ou lamacenta. À exceção do miradouro da Capela de S. Sebastião, no cimo do monte mais alto, no termo da aldeia, com exuberante vista para o Vale, não se ia a lado nenhum. Acabava ali. Tal-qualmente uma ilha perdida. Princípio e fim de muitas vidas sem porta de saída para outras paragens. Muitos foram os que dali jamais abalaram, mas uma vez saídos poucos eram os que regressavam. Uma verdadeira ilha esquecida no nordeste transmontano. Como tantas outras, ia a caminho da sua total desertificação em finais de 2005. Milhentas vezes visitei a Capela de S. Sebastião, nos anos 1960, nessa época sempre de portas abertas. Ia-se lá com o único intuito de observar o glorioso pôr-do-sol sobre o Vale da Vilarça. Sentava-me nos degraus à espera que o sol baixasse. Ainda não havia máquinas digitais, mas eu tinha um velho “caixote” Kodak com o qual tirava fotos que, infelizmente, não chegaram até hoje. Guardei no subconsciente as imagens que tento descrever com palavras. A pequena capela em honra do santo era igual a tantas que por aí há, dedicadas a um qualquer outro santo, no cimo dum qualquer monte. Hoje já quase não há gente na aldeia e a Capela está sempre fechada, mas há estradas asfaltadas ligando a Eucísia ao lugar vizinho de Santa Justa e a Vilarelhos, por onde não viajam as gentes das terras pois as não há, mas por elas circulam turistas de ocasião de visita a esses jardins zoológicos em que as aldeias quase desertas se tornaram... Dantes, era apenas aquele insignificante desvio poeirento, quase impercetível, na estrada entre Alfândega da Fé e a Junqueira, serpenteando pelos montes retalhados por curvas, à sombra imponente da Serra de Bornes e com o olhar deitado para o fértil Vale da Vilarça.



Eucísia em 1982 e em 2016 Capela de São Sebastião

vista para o vale da Vilaríça

Na Eucísia, o povo dedicou a Matriz aos seus padroeiros, S. Paio e Santa Justa. É um templo modesto, com quatro altares e humilde fachada que hoje está a escassos metros duma habitação de “franceses” (emigrados nos anos 1960) logo ao início da Rua Direita. A Igreja, logo na entrada do povoado, fica na descida, num adro triangular onde confluem as duas principais vias da aldeia, curiosamente localizada de costas para a estrada e voltada para a povoação, se bem que escondida desta. Teria sido melhor orientar a fachada para qualquer um dos outros três lados, sem que as habitações à sua volta se sobrepussem à sua fachada e quase a abafassem totalmente, mas atualmente não faz grande diferença pois já não há fiéis nem padres para ali oficiarem, apenas a feiura duma casa de emigrantes com ferros forjados a colorir a sombra do alçado da Igreja. Na Eucísia há um inestimável património: o santuário rupestre com duas lajes de grandes dimensões, as “pedras escritas” da quinta de Ridevides, conhecida como Revides, no extremo da freguesia, a duzentos metros da Ribeira da Vilaríça e a 300 m da aldeia de Santa Justa. O que são as Pedras Escritas? Um conjunto de gravuras rupestres proto-históricas sobre um bloco de xisto rente ao solo, com uma superfície quase lisa, orientado a sudoeste. As gravuras consistem em triângulos, formas em escada, cruciformes, quadrados, retângulos e ferraduras. O afloramento principal tem um motivo central de tipo idoliforme. Alfândega da Fé está pejada de restos neolíticos, castros, e fortificações medievais quase todas destruídas ou em ruínas. Hoje, só se ouve falar destas terras para vituperar a construção da barragem do Baixo Sabor.



Igreja da Eucísia dignidade com as suas 6 portas,

Rua Direita vista da janela.

Em 1982 a casa ainda tinha alguma



A casa dos meus avós está também abandonada e arruinada, como tantas outras, sucumbindo à inexorável e reivindicativa voragem do tempo. A natureza readquire tudo que o homem constrói. Não houvera um pastor Manuel Cordovão, como no livro [de Daniel de Sá] “O Pastor das Casas Mortas”, para cuidar daquela e doutras casas. Iam ficando desabitadas, os donos ausentes ou mortos sem que alguém fosse lá acender a lareira da sua história, da família que ali tinha vivido e sonhado. Ali, albergavam-se memórias de meninice que nenhuma autobiografia publicitaria. Além, habitavam esconsos sonhos e pensamentos que nunca chegariam a ser escritos numa folha de papel. Era o refúgio secreto da infância que a idade e a maturidade não revelavam nunca nem às almas gémeas. Havia toda uma mitologia lendária de contarellos, de pequenos episódios e de grandes celebrações pascais, que a recordação desvanecera e atenuara, mas, conquanto esmaecida, ainda havia fragmentos de imagens, sons e cheiros a preservar. Do brasão original com as armas da família Magalhães e do armário, antiquíssimo de séculos, onde estava embutido, nada restava além da imagem que uma máquina fotográfica, a preto e branco, registara na década de 1960. Esse aparador e outras peças ancestrais foram sucessivamente vendidos ou trocados por candelários de plástico e quejandos modernismos. Um aparador (armário) daqueles, valia uns bons quinhentos mil réis (500\$00 escudos = € 2.50 euros) que era em 1965 o valor dum novo lampião de plástico com três velas elétricas para

pendurar nos altos tetos de talha, trabalhados e pintados à mão. Na época, na família quase ninguém valorizava antiguidades. Os que as poderiam apreciar não viviam lá, afastados destas e outras transações mundanas labutando no bulício impiedoso das cidades onde trabalhavam. Muitos foram os antiquários da época que enriqueceram fazendo uma verdadeira razia pelo interior do país em busca de peças valiosas. Em casa apenas uma única peça antiga sobreviveu e data de 1794. É um clavicórdio, com algumas teclas em bom estado, a maioria das cordas intacta, mas a necessitar de uma reparação dispendiosa. Ninguém se preocupa ou se dá ao trabalho de o preservar. Eu fizera várias tentativas para o tirar de lá, mas nunca conseguira arranjar transporte seguro para tão delicado aparelho. Era a única coisa de valor que restava na casa. No séc. XV, os primeiros clavicórdios tinham 20-22 cordas de latão, a vibrar num sistema simples e original, mas pouco eficaz. Na ponta da tecla havia uma pequena lâmina metálica (chamada tangente), montada em posição vertical. O movimento da tecla fazia a tangente encostar à corda que era então mais "agitada" do que vibrada. Entre o séc. XV e XVIII o clavicórdio passou por vários estádios numa interessante evolução. As teclas aumentaram para 50, agrupadas sobre 5 pestanas, tal como no KE chinês, um instrumento de corda beliscada. Foi em 1725 que o germânico Daniel Faber fabricou um clavicórdio com uma corda para cada tecla e uma fita de feltro entrelaçada na parte não vibrante das cordas para evitar vibrações desnecessárias.



É, portanto, desta época o clavicórdio que existe lá em casa. foto da Eucísia vista da quinta de Magalhães hoje designada **TURISMO RURAL BELA VISTA**, explorado por uma prima direita da minha mãe que é da minha idade. À esquerda o vale da Vilarça e em frente depois da Eucísia, fica Sambade.

No início do século XVIII o clavicórdio reúne já quatro características do piano moderno: Tampo harmónico independente, cordas de metal, a agitação da corda por percussão e finalmente os abafadores para interromper a vibração das cordas quando se larga a tecla. Apesar do volume de som ser muito fraco, o clavicórdio produzia delicados gradientes de toque, permitindo executar crescendos e diminuendos como até então não tinha sido possível. João Sebastião e Emanuel Bach escrevem para este instrumento, tirando partido das possibilidades de vibrato que o mecanismo proporciona. Tem-se deteriorado progressivamente. Eu não sou um herdeiro direto, a minha mãe é. O clavicórdio está abandonado e condenado a apodrecer. Quem sabe quais os avoengos que o terão tocado, e para quê? Teria sido usado em declarações apaixonadas de amor ou em estudos religiosos que a isso também eram afeitos? Teria servido para alguma cerimónia mais formal na Igreja, que ao lado foi construída no século XIX? Teria servido para entreter os convivas que, vindos de longe, visitavam aquela imponente casa de gente culta e dada à música? Da coleção de instrumentos, em tempos, existente na casa, sobraram apenas os do bisavô que um primo seu em Ponta Delgada ora guardava ciosamente. Não sobrevivera o bandolim de oito cordas, pertença do meu avô de Vimioso que recorde vagamente ter sido tocado nas férias, a contragosto da minha avó materna que não ia muito em assuntos de música, fosse ela qual fosse. Dos meus tios e tias-avós não lhes sabia dons musicais pelo que se presume terem perdido a vocação do bisavô. Lá havia centenas de livros, que outro primo começara a roubar nos idos de 1950 e a cuja rapina nada escapou. Alguns, segundo o meu pai afirmara, eram bem antigos e valiosos. Devem ter sido vendidos ao ferro-velho, aos antiquários, alfarrabistas ou meramente serviram de pasto ao lume que ardia ininterruptamente na cozinha nova. Também podem ter servido, em tempos idos, para acompanhar os longos serões de inverno. Quem sabe até se a leitura não era entremeada pela execução no clavicórdio, de trechos de Bach, Mozart ou Chopin que eram mais "levezinhos" e talvez fossem mais do agrado dos seus antepassados. Nada disto se sabe nem se saberá. Nem a mãe guarda memórias de tais eventos na meninice ali passada, antes de ir para Bragança estudar. É curioso haver tantas perguntas e ninguém sobrevivo para lhe dar resposta. Pena não as ter questionado enquanto podia, mas então os meus interesses eram outros e não estava inclinado a recriar mentalmente os hábitos e costumes dos antepassados e quando me interessei estava a mais de 18 mil km de distância. Restava especular qual o uso intenso, a avaliar pelo estado do teclado, que o clavicórdio terá tido em mais de duzentos anos de existência. Como terá chegado até ali? Transbordado de cavalo em cavalo ou passado de carruagem em carruagem, desde a remota Alemanha até aquele recôndito lugar nessa ilha perdida do nordeste transmontano. Como terá sido encomendado? Terá alguém ido, propositadamente, ao fabricante buscar tão valioso instrumento? Porquê um clavicórdio que até é mais típico das mãos femininas do que o seu parente mais comum, o piano? Podem adiantar-se vários cenários alternativos, pode até ter sido ganho num qualquer jogo de azar ou de cartas a algum nobre das vizinhanças. Ou seria o cumprimento de uma promessa à mulher ou a uma filha como forma de a dotar de mais um predicado para o competitivo mercado matrimonial em meios tão restritos como aquele? Quem teria sido a sua tia-bisavó ou trisavó, que teria recebido aquele presente divinal para enlear com as suas mãos mágicas os sons capazes de fazer qualquer homem de bem render-se a seus pés? Por outro lado, não poderia ser uma oferta ou retribuição de um clérigo à importante família local por benesses concedidas à Santa Madre Igreja? Seria daí que nascera a história do seu trisavô ter sido cônego? Seria mais fácil explicar a proveniência do clavicórdio numa qualquer ligação à Igreja. Estas questões nunca teriam resposta, morreram juntamente com quem as poderia responder.

(final feliz: em setembro 2015, após algumas tribulações de transporte e guarida de quase cinco anos, foi oferecido por doação, e o instrumento passou a figurar no Museu da Graciosa onde terá uma velhice mais protegida)

Naquela família, como em muitas outras, as pessoas eram sempre tão ciosas dos seus segredos que nunca revelavam senão a pontinha do véu, mantendo toda a história da família envolta em mil e um mistérios, mentiras, inverdades e semiverdades na obrigação secular de manter a fachada respeitável de Cristãos Novos ou judeus negados que sempre foram e nunca admitiram. Sempre ouvira o meu pai dizê-lo, mas a minha mãe só o admitira depois de passar os oitenta anos. Havia orações secretas e costumes judaicos passados de pais para filhos, durante séculos, que se foram perdendo sem jamais serem revelados. O medo da Santa Inquisição (1536-1821) mantinha-se quase duzentos anos após a sua extinção. Tal como o clavicórdio também a casa está degradada. Parte do teto da cozinha velha, nas traseiras, ruiu. Cedeu às inclemências do tempo, do primitivismo da construção, e ao abandono forçado dos seus donos decíduos. Revoltou-se o teto contra a ausência da sua função protetora da família que já não é nem está. Há muito que pedia obras, mas a minha avó nunca estava disposta a gastar mais do que o estritamente necessário e, mesmo assim, sempre a reclamar com o meu avô que tentava manter a casa em bom estado. Tivera o meu avô (falecido em 1974) de contentar-se em mandar colocar remendos e soluções improvisadas para evitar a ira antidespesista da avó. Desde que fora construída, a habitação familiar da Eucísia nunca fora uma casa rica. Os meus avós maternos lá passavam seis meses e a outra metade do ano na casa no Porto. Nunca fizeram as obras que deviam. A minha avó resmungava sempre que não valia a pena enterrar mais dinheiro ali, as obras foram sempre remendos e a casa, sem nunca perder a sua qualidade original, aguentou-se mal depois de ficar desabitada após a morte da minha avó em 1989. Se, a seu devido tempo, aquela casa tivesse sofrido as obras indispensáveis de que carecia nunca teria chegado tão rapidamente a este estado decadente. Um cunhado meu, cedo morto, bem quisera transformá-la em Turismo Rural, numa época em que essa palavra ainda não entrara no vocabulário quotidiano português. Já, mais acima, a Quinta de família alberga agora uma unidade de turismo rural explorada por uma prima minha. A minha tia-avó que foi a última a viver sempre ali, até à morte, uma das últimas daquele ramo familiar, faleceu em 1994 pouco antes de eu regressar ao torrão natal. Desde então o enorme casarão familiar, com as suas cinco portas de entrada, uma por cada segmento da casa, fora vítima de um lento e doloroso processo de partilhas que demorou mais de dez anos a terminar. A herança deixou-a mais dividida e degradada que dantes. Ninguém lá habita nem quer habitar. Era eu um dos poucos a viver no distrito, entre 2002 e 2005. Eterno sonhador, acalentei a romântica esperança de ter dinheiro para a resgatar, antes que desabasse. Queria restaurar a casa e equipá-la com os confortos modernos de que nunca dispôs. Infelizmente esses amores e as recordações juvenis não chegaram para concretizar tal desiderato. Os vidros da frontaria estão partidos há anos e a cal esmaecida deixa antever o reboco de paredes grossas, com quase um metro de espessura. As portas apresentam fissuras dada a idade avançada da madeira sem ver a cor da tinta ou verniz que as pudesse conservar. Uma certa atmosfera de casa repudiada desde o falecimento da minha última tia-avó em 1994. Na aldeia nunca houve muitos pastores e o das Casa Mortas (obra de Daniel de Sá) estava na Beira Alta sem poder cuidar desta casa. Os que podem não querem e os que querem não podem financeiramente reabilitar a velha mansão. Ficará perdida nos seus escombros sem nada a assinalar a sua existência a não ser estas palavras em sua homenagem. A herança não está resolvida. Não se pode vender, nem há a eventualidade remota de alguém a querer comprar. A aldeia aguarda a morte dos mais idosos para ficar como tantas outras, pelo país fora, abandonadas, cheias de histórias por contar. Um monte de casas em diferentes estádios de degradação lentamente regressando à posse da mãe natureza. As janelas defenestradas já demonstravam a ruína do grande casarão. As palomas haviam metamorfoseado a casa de banho em pombal. Ali onde fora o meu quarto de dormir durante anos. Lentamente, a arquitetura animal que os aracnídeos e roedores prontamente edificam, assenhoreava-se dos recantos ainda prenhes de mistérios e de sigilos. O telhado da cozinha velha, talvez caísse de vez. As traves desafiavam as leis da gravidade. Era vital que aquele escaninho da memória e das memórias fosse resguardado do camartelo e da violação por olhares estranhos. Como se as pedras pudessem falar ou revelar segredos insuspeitos. Como se se perdesse a virgindade dos sonhos. Talvez se desbaratassem os últimos idílios. Sem eles qual o valor da vida humana? O espírito desses tempos áureos nada mais era do que uma miragem na falsidade da memória humana. Apagara-se o riso de crianças e adultos. As reprimendas, invetivas e outras admoestações haviam sido silenciadas. O gargalhar feliz e despreocupado das crianças urbanas, sempre assarapantadas com as suas descobertas rurais, tinha-se ido com o vento. Não era mais que um murmúrio, um sussurro, por entre as frestas da madeira ave-lhentada e carunchosa. Quem se recordaria dos meus temores noturnos ao atravessar o velho casarão às escuras, por entre tremelicantes sombras que a vela de estearina projetava nos altos tetos? Onde pairava o som das cigarras e o silêncio das longas noites sem televisão nem rádio, nem luz elétrica, apenas entrecortado por conversas longas, recordações de outras eras e jogos de salão? Quem mais recordaria os foguetes das romarias e Festas anuais, a procissão pascal e sua parafernália de colchas adamsçadas nos janelucos, donde se atiravam os verdes para a rua atapetando o percurso que o senhor padre iria percorrer? De noite, a vela ou castiçal, com que eu percorria os vastos aposentos da casa, que o meu bisavô construíra em meados do século XIX, recortava ilusórias sombras nos tetos trabalhados de madeira rica e bem altos. O medo era a resposta juvenil para as sombras cheias de mistérios por descobrir. Desenhavam-se figuras fantasmagóricas saídas dum qualquer livro de terror, daqueles que nunca se aventurava a ler pois ficava logo com pele de galinha. Até os cabelos se punham literalmente em pé. Havia uma tapeçaria africana com leões que particularmente o aterrorizava no meio dessas sombras. Não podia dar parte de fraco, nem dizer que tinha medo. Ia a rezar pelos longos corredores. A fingir que via figuras agradáveis e não aqueles monstros a contorcerem-se sobre a minha pequena sombra. Umas vezes tentara ir mais depressa, mas as sombras galopavam, à minha frente, ainda mais ameaçadoras. Outras vezes, andando devagarosamente quase consegui iludi-las. Mas estavam lá todas, conspirando para me esperarem desprevenido. De dia nunca as encontrara. Na cozinha havia sempre uma lanterna com o pavio embebido em azeite. Era a principal fonte de iluminação. Uma invenção do tempo dos romanos que ali perdurava. O candeeiro a Petromax era caro e raramente usado, a menos que houvesse visitas importantes. Ao lume, um enorme caldeirão negro sempre pronto. O fogo só se apagava pela noitinha pois servia para o pequeno-almoço, almoço, merenda ou lanche, jantar e ceia. A água guardava-se em cântaros de barro. Os de latão viriam muito mais tarde. Nas traseiras da casa havia uma enorme ânfora, de metro e meio de altura que armazenava tudo. Até azeitonas. Ficava mesmo por baixo da lendária figueira - favorita da minha mãe - cuja data se

perdia na memória dos vivos de então, e que sempre fizera as delícias da minha mãe. Fora aquela ânfora centenária ostensivamente roubada por uma das primas ricas na sua voragem de tudo arrebanhar. Em férias não havia burros nem burras suficientes para transportar a água necessária. Era preciso acarretá-la em grandes quantidades para depois aquecer ao lume. Tomavam banhos diários, um hábito deveras estranho para as pessoas da aldeia, que, raramente, o faziam. Para os de imersão usava-se uma larga tina cinzenta, de latão, feita pelo ferreiro lá do sítio, e depois pintada de esmalte branco, onde se podia tomar banho de semicúpio. Tudo feito com tempo e paciência que isto de pressas era só para os da cidade. Na aldeia tudo tinha uma velocidade diferente. Só voltaria a encontrar essa mesma vertigem quando me mudei para os Açores. Também no arquipélago o tempo era mais lento, como se tivesse parado na década de 1950 ou 60 e se recusasse a aceitar a inabalável voragem do progresso. A água potável vinha da fonte da Gricha que ainda hoje dá água para o lavadouro público. Por cima, perdura a mais romântica, pequena, mas carismática fonte da Grichinha. Hoje está modernizada com tosca escadaria cortada na rocha a poucos metros dum lampião elétrico que ali implantaram, acabando com as memórias dos namoros furtivos seculares ali ocorridos. Uma dúzia de degraus de xisto levavam agora os poucos turistas que ali se aventuravam até essa fonte de mil tradições, em plena aldeia das feiticeiras com umas meras dezenas de habitantes.

Insisto em falar nestas andanças por tempos de juventude, porque recorro os bailaricos pirosos no salão de Bombeiros e as festas típicas e as procissões na Eucísia. Terá a ver com a anamnese do ritual da missa em que as cadeiras e genuflexórios dos homens da família se situavam em lugar mais elevado, em pleno altar, e os genuflexórios das mulheres da família, mais abaixo, mas à frente dos lugares do povo? As missas eram prolongadas e chatas seguindo o velho ritual em latim mesmo quando no resto do país as missas já eram parcialmente em Português. Nessas ocasiões a igreja era pequena para tanta gente e - mais tarde, na década de 1960 - surgiram altifalantes, cá fora, em volta da igreja, para os que não cabiam na igreja poderem acompanhar as rezas.

Hoje já não há pessoas, nem fiéis, nem altifalantes, nem padre que só ocasionalmente aparece para uma missa mensal ou missa de defuntos nalguns meses do ano, ou nem isso. Os sacerdotes já não se deslocam às paróquias a pé ou de burro. Apesar da facilidade e modernice do automóvel, parece que dispõem de menos vontade para se moverem. Até os clérigos se aburguesaram e acomodaram, como a restante sociedade. Dantes, chovesse, nevasse, fizesse sol escaldante ou frio, nunca faltavam a uma celebração dominical, era essa a sua sagrada missão. Agora andam demasiado ocupados em tarefas menos importantes que a salvação das almas. Depois dos padres, até as bruxas e feiticeiras se foram. Nem almas há para arrebatam. A emigração para França, Luxemburgo e Suíça (década de 1960) desertificou-a. O progresso civilizacional de migração costeira atraindo jovens para as cidades acabou o trabalho. Perderam-se mais de 700 pessoas em cerca de 40 anos. Hoje, a média das idades supera os 70 anos. Pouca gente, ou já mesmo ninguém, se recorda de mim e já não há vizinhos. A terra os levou para o cemitério da aldeia ou outro qualquer.

Quem podia esquecer aquelas pirosas (na época ainda não havia “música pimba”) danças no salão dos Bombeiros alandegueses ou as Festas típicas em honra do santo da aldeia, onde eu aprendera um povo que desconhecia. Na pequena e ora despovoada aldeia da sua avó materna encontrara rituais senhoriais da família Gama, a do célebre engenheiro Camilo Mendonça, onde se ia prestar vassalagem quando ali se chegava para férias.

Não posso precisar quantas vezes estive na Eucísia (talvez todos os anos entre os 5 e os 17), mas lembro, em particular uma Páscoa, talvez as das imagens abaixo em 1959, quando se juntaram todos os tios, primos e primas, do clã Magalhães, desde Alfândega da Fé ao Azinhoso, Mogadouro, ao Sendim da Ribeira, ao Porto e a Vila Real quando a enorme sala de jantar velha (que fora o quarto do meu bisavô) era pequena para tanta gente. Estava a abarrotar e até se conseguira encher a mesa comprida de doze lugares na sala de jantar nova na parte da casa dos meus avós. Havia duas cozinhas a funcionarem. As enormes salas de jantar cheias de gente. Essa será sempre a única Páscoa da sua vida que consegue evocar. A família toda junta, coisa importante e hoje raramente vista. Essa é aliás a única Páscoa da minha vida que consigo recordar bem, apesar de ser ainda muito jovem. Todas

as outras celebrações pascais se perderam na voracidade do anonimato e da rotina. Ou então condensei todas essas Páscoas numa só. Aquela perdurou, assim como a comunhão solene de uma primita no Azinhoso, na Páscoa de 1962, onde também estiveram todos, quase enchendo todos os quartos e camas disponíveis nesse outro enorme casarão. No dia seguinte a refeição foi na pequena casa da Quinta cuja varanda era pequena para tanta gente como se pode ver na foto.



A varanda da Quinta em 1982 e

na Páscoa 1959

A apanha das cerejas era de maio a junho e nessa nunca pude tomar parte em virtude do calendário escolar. Apenas me lembrava de comer cerejas da nossa produção local, e deliciar-me com o extraordinário doce de ginjas que dali saía pela mão da minha tia-avó Ema, a mais nova. Ela mesma se encarregava de as despachar para correrem meio mundo para me encontrar em Timor e em Macau. Uma iguaria da qual apenas a memória conserva cheiros e sabores. À Austrália não podiam, porém, chegar, pelas severas limitações à entrada de quaisquer alimentos naquele continente.

A Eucísia foi também berço de muitas criadas ou de servir à mesa (ou empregadas domésticas como hoje se tem de dizer para se ser politicamente correto) em casa dos meus avós ou na nossa, com nomes exóticos tais como Delmira e Delmina. Que lá na terrinha já havia uma América e uma Argentina que ainda eram nossas parentes. Vinham tomar conta da minha irmã ou servir à mesa em casa dos meus avós. Eram jovens, muitas vezes acabadas de fazer a 3ª classe de instrução primária, tímidas, encavacadas pelo bulício citadino, que se sentiam sempre como um peixe fora de água e que mal podiam, asinha regressavam à terra natal. Nem uma só quis ficar no Porto, essa cidade das pontes com mil luzes e atrações. Por volta dos quinze anos regressavam para ajudarem a família e buscarem noivo.



A DELMIRA 1957



A DELMIRA 1957

Creio que li, entre muitos outros livros, toda a coleção de 78 livros de Júlio Verne (em versão de 1886) nessas férias, na varanda de casa com vista para o vale da Vilariça. Apesar da velha *orthographia* oitocentista, nunca dei conta de que essas leituras embotassem os meus dotes de escrevinhador e - por isso - ainda hoje me custa a entender os opositores do Acordo Ortográfico de 1990, devem ser muito retardados. Na Eucísia, podia, às escondidas, namoriscar as moçoilas da aldeia, repetir paixonetas mais típicas de uma obra de Camilo, Eça ou Júlio Diniz do que de meados do século XX. Podia até sentir-me personagem de um qualquer desses livros deles, imaginar que as cenas que lia podiam muito bem terem acontecido ali. Ler e reviver as leituras. Achava piada ao modo de falar delas, às histórias simples

do quotidiano rural de que elas falavam. Nunca esqueci alguns cognomes de alguns dos mais jovens: havia o "Pincha Púcaros" sempre a saltar de poça em poça e um outro que era muito alto a quem chamávamos o "Gambias".

Havia ainda o beijo atrevido a uma prima em pleno jardim de Alfândega da Fé quando tinha uns 15 anos, que tantas memórias me deixara, bem como os ressentimentos. Foi um beijo, um pouco furtivo, mas espontâneo e acalorado, à prima Lili (Julieta Fabião) em pleno jardim. Um beijo para guardar na memória de férias, mas que me causara enormes ressentimentos como bom cristão pecador que ainda era. Logo me apressei a confessar ao sacerdote. Escapara apenas com umas Ave-maria e Padres-nossos e acabara por esquecer esse ósculo. Há mais de quarenta anos que não vejo nem sei dessa prima.

Corri pelos trigais, rebolando nos fenos empilhados, sentando-me no chão à noite a admirar as mil e uma estrelas desconhecidas que só existiam em livros e cujos nomes lera sem jamais as ter observado. Para além do silêncio pungente dessas noites, ouvia bem cedo em cada manhã, a chiadeira dos carros de bois.

Ouçoo como se fosse hoje essa chiadeira dos carros de bois que ainda mantenho viva no meu subconsciente auditivo. Não era tanto na Eucísia, mas no Azinhoso, Mogadouro, onde eu era mesmo capaz de distinguir a quem pertenciam os bois pelo chiar das carroças atulhadas de feno que ali passavam. Mantinha vivo no meu subconsciente, esse lancinante grito dos eixos mal oleados que se escutava muito para além da sua passagem enquanto se afastavam na sua rotina de itinerários agrícolas entre os campos e as lojas. Sobretudo no Azinhoso em que acordava bem cedo com esse som perene na estreita rua que saía para norte da Igreja e acompanhava a casa da tia-avó. Essa chiadeira ecoava lentamente nas pedras da calçada, por entre as casas, e dava-me conta de que a aldeia fervilhava de vida e esperava por mim para as descobertas infindas de toda essa natureza, os meus passeios a pé, por montes e vales ou montado num burro ou numa mula na revelação dos mil e um mistérios que as aldeias sempre encerram para quem cresceu no bulício citadino.

Mas a verdade é que estas férias eram o epitome da liberdade ou antes, a libertação do da educação rígida do resto do ano, apanágio da alforria do jugo paterno. Era a liberdade de poder andar no campo, brincar e jogar à bola com outros jovens lá da aldeia, correr pelos trigais, sentar-me no chão à noite a admirar as mil e uma estrelas desconhecidas que só vira em livros. Os jovens com quem mais brincava na Eucísia, por serem da minha idade e estarem em férias (porque os outros andavam na lavoura), tornaram-se nos primeiros licenciados da aldeia fora do clã da família Camilo de Mendonça ou da família Magalhães, na década de 1970. Tratava-se do Lionel (hoje engenheiro) e o irmão Viriato (hoje médico) a quem os da aldeia chamavam Russo por seu loiro.

Vim a saber, ao chegar aos Açores, que ainda éramos parentes, facto que me foi ocultado na altura, por causa de casamentos de nível social diferente que a família não aceitava, por não ser um matrimónio inter pares. Coisas que se não contavam: casamentos fora do esteio familiar ou com castas diferentes, não eram então tolerados ou perdoados. Daí resultava tratarem esses parentes como estranhos. Haveriam de surgir muitos mais na família, com a liberalização dos costumes na década de 1970 e 1980, mas já sem esse opróbrio

Após a longa viagem que temos vindo a recriar por estradas que ainda hoje perduram vigiando de longe as novas rodovias e vias rápidas, chegava-se à Eucísia com uma sede imensa que só podia saciar-se ao beber a fresca água da Grichinha, fonte milagreira em plena terra das feiticeiras. Ninguém podia jamais esquecer a imagem bucólica do Vale da Vilariça (antes da construção da barragem nos anos 70 ou 80) quando da varanda de casa me deleitava com ela enquanto devorava os livros de Júlio Verne e outras leituras de férias. Vira rostos e tradições do tempo dos Cristãos Novos, ainda hoje envergonhados da sua herança marrana.

Assisti com pesar, numa tarde bem quente em 2004, ao dismantelar dos velhos e se-nhoriais móveis da sala de jantar dos avós. Evoquei um leilão de escravos, sem saber porquê. Eram cobiçados por primas da grande cidade. Comparei aquilo a um ataque da marabunta sobre tudo o que aparentasse ser velho ou ter algum valor. Ali estava eu, impotente, sem os poder comprar para, seguidamente, os libertar. Eram ambicionados pela prima do Azinhoso e suas milionárias filhas, da grande cidade, cujo único fito na vida é amealhar e comprar. Reproduzir dinheiro como quem multiplica coelhos.

Foi doloroso voltar a percorrer aqueles salões, os quartos pequenos nos baixos, ao lado das lojas do rés-do-chão, a enorme sala de jantar com vista para o Vale da Vilariça, o salão onde dormi pela última vez em 1988 (ou seria 1990 ou 1992?) agora que a casa estava esventrada de móveis. Os olhos humedeceram ao visitar os baixos onde dormi, em criança, nas férias da Páscoa quando os primos e os tios também lá iam. As lojas, no andar térreo, onde dantes se acumulava o azeite e seu vasilhame estavam limpas e vazias, já ninguém matava o porco, ninguém colhia o azeite. Já não havia colchas nem lençóis de linho para a procissão pascal, depois dos dias de silêncio e de dieta forçada.

Nesses dias ninguém comia carne pois era um pecado que os levava a todos para a autoestrada do inferno. Felizmente Bento XVI acabaria por decretar em 2008 que o Inferno não existe. Ufa, que alívio. Era a vingança de tantos temores infantis sempre ilustrados por imagens do catecismo que graficamente lhe haviam implantado por volta dos sete anos e que ainda hoje o arrepiavam, mesmo sem crer. Tanto remorso inútil, tanto arrependimento desnecessário por que passara, tanto sentimento de culpa supérfluo.

Por entre as grossas paredes revivi memórias agradáveis de tempos e de gentes que já não voltam mais, admirei-me com os finos tabiques que separavam os dois quartos na casa dos avós. Regressei temporariamente a um passado alegre e sem preocupações. Senti saudades. Sei bem o significado da palavra como já não o experimentava desde que cheguei a Timor, trinta e cinco anos antes. São as saudades que mantêm os sonhos vivos, dissera-me a outra avó paterna, um dia.

Há sessenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cónego ou padre, tão comum a tantas famílias da região. Uma mescla de respeito, medo e veneração ao Cristianismo, que se impusera primeiro aos mouros da rica Alfandagh, para depois ser temporariamente mesclado com judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição. Hoje, séculos depois do êxodo judaico, a região está mais pobre do que nunca, sem a riqueza assinalável que a história descrevia no tempo de romanos e de mouros. Perdiam-se também as histórias de princesas e mouras encantadas, sem avós que as contassem pois já não há netos ou netas nas terras abandonadas.

Depois de falar em clero, nobreza e fidalguias não podia eu, ironicamente, deixar de evocar a retrete ali existente em tempos da sua infância e juventude. Era um buraco circular, aberto, em tábuas de madeira, que descarregava para uma fossa séptica no andar térreo, mesmo por baixo da varanda das traseiras, com vista para o Vale da Vilariça. Não era preciso autoclismo apenas uns tantos jornais ou o luxo urbano do papel higiénico. A “nova” casa de banho (ora transformada em pombal desde que a janela empenada se recusou a fechar e deixou entrar as pombas) foi construída no quarto que eu ocupava quando ia para lá. Data do final da década de 1960. Nessa época ainda não havia água canalizada. Só mais tarde chegou o gás butano em botijas para aquecer o precioso líquido. A burra ia, dezenas de vezes ao dia, com os cântaros à fonte buscar água para beberem e para se lavarem. Em casa, nem nos terrenos anexos que desciam a encosta, não havia fonte artesiana ou outra. As águas municipais só haveriam de chegar décadas depois, já, ia alta a revolução dos cravos.

Na aldeia, toda uma miríade de insetos e outros pequenos animais, lentamente se empossava da enorme propriedade. Os animais pressentiam, ou antes sabiam, que vivalma ali entrava agora que eu emigrara para as ilhas... Fora eu com os meus sonhos e deambulações peripatéticas que ao longo de três anos mantivera o espírito da casa sempre vivo, contra o silêncio e ausência dos restantes proprietários. Tal como gerações de vários nativos da aldeia em tempos idos, também eu me fui nesse vórtice impiedoso que a vida de cada qual impele para onde existe trabalho. Acalentara a utopia de recuperar o velho casarão, de lhe fazer obras, modernizando o interior e os confortos, sem perder a traça original e a sua simples fachada oitocentista onde sobressaíam janelucos pouco maiores que seteiras. Depressa me apercebi que, mau grado a idade, jamais deixara de ser um sonhador.

A dura realidade trazia-me sempre de volta à mesquinha contabilidade dos números e cifrões. Ao voltar a terra firme essa mesma realidade trazia-me de volta à mesquinha contabilidade dos números e dos cifrões. Aprendi que custava menos construir uma casa nova, de raiz, do que recuperar aquela. Para nenhuma hipótese tinha financiamento capaz.

Depressa me dei conta de continuar poeta. Além disso, havia o problema das partilhas que se arrastam por décadas. Todos querem acrescentar uns míseros tostões aos vinténs que já têm. No caso vertente, nem isso, apenas havia uma parte interessada. A outra apenas se manifestara contra a venda sem apresentar soluções ou alternativas. Na sofreguidão de tudo querer, seria responsável pelo abandono e incúria a que a não-venda votara a casa.

Entrementes, a existência tem de ser envelhecida onde existe trabalho e não onde as memórias e o respeito pelos antigos mandam. Sem querer, sem quase o pressentir o destino viera e ditara-me novo rumo. Dum dia para o outro deixei os sonhos de parte. Nunca os devia ter retirado do baú das memórias de infância, deviam lá ter permanecido para sempre. Muitos deles foram perpétuos acompanhantes pelas quatro partidas do mundo (Timor, Macau e Austrália). Foi assim, que um dia tive de partir, de novo, no vórtice impiedoso que a vida impele. Embarquei dessa ilhoa transmontana onde vivemos de 2002 a 2005, para arribar no meio do Oceano Atlântico, num arquipélago da antiga Atlântida, mais conhecido pela sua história de fogo e outras calamidades, meros montes cataclísmicos flutuando à deriva entre a Europa e a América. Deixei para trás os vestígios de roedores e suas marcas fecais onde outrora pousaram mãos de crianças. Tantas ali nasceram e quase todas morreram já, sendo a minha mãe uma das últimas dessa geração. Há toda uma miríade de insetos e pequenos animais, que, lentamente, se empossam da habitação. Os bichos pressentem, ou antes sabem, que vivalma ali entra agora que eu partia...

Fora eu com o meu profundo amor àquela terra e à memória dos seus avoengos quem manteve o espírito da casa sempre vivo, com os meus sonhos e deambulações peripatéticas por projetos de reabilitação imobiliária. Ideias que nunca sairiam do papel para onde não chegariam sequer a ser transpostas. Contra o silêncio e ausência dos proprietários e verdadeiros herdeiros. A casa dos meus sonhos fora fantasiada pelos meus bisavós e seus descendentes, toda a prole se fora sem deixar rasto e idêntico fim estava reservado ao vetusto casarão. Não adianta sonhar. Dificilmente a casa aguentará muitos mais invernos. Acabará por tombar como os seus donos anteriores. Cairá para o lado, para dentro ou para fora. Desabará como um baralho de cartas, assim sem aviso ou alerta. Não o saberei logo que hoje estas notícias demoram a chegar de aldeias desabitadas. Se cair para a rua terão de levar as máquinas e escavadoras para retirar todos os pedaços dos meus sonhos, perdidos e escaqueirados em mil pedaços.

Tudo por causa de um primo direito meu, co-herdeiro juntamente com a minha mãe, que por entender que o casarão valia mais, não a vendera quando havia outro primo interessado. Assim se desvaneceu a hipótese de ser restaurada e permanecer na família. Depois de ela ruir não faltará muito para acontecer o mesmo ao resto da aldeia.

Ficará abandonada enquanto as ervas e demais vegetação medrarão nos escombros tal como aconteceu ao majestoso templo de Borobudur em Java (Indonésia) desaparecido na selva durante 500 anos até ser (re)descoberto em 1814... (ver [crónica 10.3](#)) A escola primária, onde eu tanto gostaria de ter andado, foi encerrada há muito. Serviu, depois, para albergar a Casa do Povo e a Junta de Freguesia. No toural, nem animais nem gente. As crianças já não riem, não galhofam, nem brincam no meio da rua. Há muito que ali não vivem, nem mesmo se veem as que vinham de férias das Françaças e Araganças, da Suíça, Luxemburgo e Alemanha, até essas deixaram de vir. O trânsito retornou ao fluxo dos anos quarenta ou cinquenta. Apenas um ou outro carro se digna acordar a aldeia da sua pacatez.

Um dos locais mais ativos da aldeia é o cemitério onde os poucos vivos ainda continuam a ir mudar as flores na campa e a dizer algumas preces, não deixando que as ervas daninhas se apoderem das tumbas dos antepassados. Até um dia em que mais ninguém ali vá derramar uma lágrima ou uma súplica “in memoriam”.

Mais acima, na Rua Direita que por acaso bem torta é, mantém-se ativa e relativamente bem conservada na aparência, a velha casa solarenga dos Gama ainda ocasionalmente ocupada pela presença de uma descendente octogenária. Os Gama e Mendonça eram aqueles a quem na infância eu tinha de ir prestar vassalagem. Nunca o esqueci e mencionei-o sempre que pude desde que apresentei o Cancioneiro Transmontano em 2005. Eram Morgados de Vilarelhos, antigos donos do Cachão, obra inacabada e majestosa, que o 25 de abril matou juntamente com o sonho de tornar a região rica e agricolamente independente. Fora criada pelo Eng.^o Camilo de Mendonça, um visionário.

Construções novas houve, após um breve surto de regresso de emigrantes. Mas isso fora nos anos 80, na sequência da febre do 25 de abril, quando todos sonhavam com a riqueza infinda que a revolução dos cravos ia trazer às cooperativas agrícolas. Nem revolução, nem cooperativa nem regressos de emigrantes salvou aquelas terras condenadas pela falta de visão estrutural dos líderes políticos, esses pequenos reizinhos do oportunismo democrático que vivem monarquicamente almofadados no conforto fascista de Lisboa. Vive-se a era da ditadura democrática cujo fim único é dilapidar o país e as suas instituições a troco de uns cobres que Judas aceitaria.

A Quinta da família (vulgo “A Quinta”) criada no tempo do meu bisavô, ainda ocupa todo o monte à entrada da aldeia, à esquerda de quem desce. É tão grande como a aldeia toda. Toda a enorme área da Quinta está na posse da família há gerações, mas foi-se subdividindo numa dúzia de parcelas, com as mortes e heranças até ao fim do século XX, embora agora esteja dividida - creio eu que apenas por dois primos -, ocupa toda a encosta do lado sul da aldeia, descendo até aos lameiros. Recordo sempre o esticão que era ir a pé e subir as escarpas íngremes no caminho para a "Quinta" com o seu portão de pedra brasonada. Outra recordação dos quentes verões ali passados, na década de 1960, era ir tomar banho nos tanques de rega dentro da quinta, fazer piqueniques com a prima Beatriz Licínia e amigas, ir a pé até ao cimo da aldeia para ver a deslumbrante paisagem e, em especial o inesquecível pôr-do-sol da capela de S. Sebastião sobre os montes vizinhos e o vale da Vilarça. A Quinta ainda tem agricultura e produz alguma coisa para a prima Beatriz Licínia que a herdou e lá vive. Disseram-me em 2015 que essa prima, junto com o filho e nora, converteram a pequena casa de habitação, e dois silos implantados mais acima, numa unidade de Turismo Rural, acrescentando uma piscina no local donde antes todos se banhavam nos tanques de rega. (ver <https://www.bedandbreakfast.eu/bed-and-breakfast/eucizia/bela-vista-silo-housing/1433272/>)



a casa dos tios na Quinta agora em versão Turismo Rural, 2015

silos-apartamentos



Quinta 1982

A outra metade da Quinta, pertence a um primo setuagenário (o Manel das Arábias, irmão dos que vivem em Ponta Delgada) que já não tem tempo nem disposição para cuidar dela. Era ele quem iria comprar todas as casas do grande casarão do bisavô, na Eucísia, e reconstruir. Ficou-se pelas duas ao lado da parte dos meus avós e já nem a nossa parte quis, agora que os dinheiros amealhados nas plataformas de petróleo se foram, gastos pela mulher e filhos...

Já não há por aqueles lados quem ande à jeira. Mesmo com dinheiro vivo para pagar não há quem trate dos campos. Aqui, nem romenos nem moldavos se aventuram, pois deve ser demasiado parecido com os seus países de origem. Talvez valesse a pena investir em iraquianos ou afegãos para manterem estas terras produtivas. Os frutos morrem de pé nas árvores que os produzem. Esta região, fértil desde o tempo pré-romano, sempre viveu dos campos, mas ora está a esvaír-se de gente e de agricultura. Sem escolas, sem sangue novo, sem crianças, sem casais novos que se queiram fixar. Para quê, pergunta-se? Resta esperar que os poucos sobrevividos se vão de vez, para ficar mais deserta.

João Nigel, o meu filho mais novo por lá andou, em visitas várias, na busca incessante de pequenas recordações que pudessem acompanhar-me no desfiar das memórias que ora trago à estampa. Fartara-se de beber água da Grichinha para ser feiticeiro. Perguntava sempre quantas vezes tinha de beber até se tornar num mago. Troçava do primo da mesma idade, o Pispis, que raramente lá ia e por isso jamais se iria tornar num bruxo da Eucísia, terra de feiticeiras. Acreditava piamente que quanto mais água da Grichinha bebesse, mais hipóteses teria de se transformar num.

Histórias antigas que talvez venha a guardar como o eu que, sistematicamente, insistia em regressar a origens que nem são geograficamente minhas. Porque assumo a ascendência transmontana se apenas lá ia em férias na juventude? Porque esqueço toda a matriz regional geográfica do local onde estudei e vivi a juventude? Porque adotei como minha, em idade madura, a terra da minha mãe e avós maternos? Há aqui, decerto um problema de identidade conflituosa que se esgrime e cuja solução foi encontrada nesta identificação tardia com a minha meninice. Seria isto a que a minha mulher se referia? Jocosamente comentara, que o meu problema existencial era saber qual venceria o duelo, eu ou o meu alter ego.

Recordarei sempre esse hábito (medieval?) de colocarem as colchas adamasgadas pendentes das ventanas. Essas janelas, pequenas como seteiras, a que chamávamos “janelucos” eram demasiado exíguas para dois adultos verem os andores. Dispunham de pequenos assentos, um de cada lado, onde a minha avó e as tias (raras vezes) se sentavam a ver quem passava, tricotando ou crochitando. Desses “janelucos” também as criadas presurosas deitavam os “verdes” para a rua (folhas frescas apanhadas nas imediações, eram só verdes e não desenhos elaborados de verdes e flores como aqui nos Açores) aquando da passagem de toda e qualquer procissão, mas especialmente a pascal.

Havia sempre o momento alto das celebrações, que era esperada cerimónia do benzer da casa, o padre, o sacristão e seus acólitos subiam os 13 degraus e no hall de entrada lá estavam a provar mais um cálice do melhor vinho do Porto de casa, diante da família toda reunida para receber as bênçãos que os iriam manter santificados nos próximos doze meses. Consigo sorrir ao imaginar como não estaria já “animado” o padre ao chegar à nossa casa, que ficava no começo da aldeia já junto à Igreja. Ou então ele parava lá no início da procissão antes de percorrer o resto da aldeia? creio que seria isto e devia chegar à igreja bem “animado” pois quase todas as casas teriam, se não Vinho Porto, um produto de confeção local para lhe dar a provar. Todas essas benzas, bençãos e benções não chegaram para salvar

a família das leis inexoráveis da morte, assim como não bastaram para salvar a casa, mas serviam, então, para manter viva a fé dos crentes que ali habitavam e delas necessitavam.

Além dos arraiais e Festas dos santos populares, merecia especial relevo nas minhas memórias transmontanias, a apanha e o descasque da amêndoa. Era feita numa arrecadação, ao cimo da estrada privada que dava para a “Quinta” e junto à casa desta. A amêndoa era espalhada no chão em serapilheiras. Os jovens ajudavam. Os mais velhos e os assalariados trabalhavam no duro noite adentro. Havia cantigas. Contavam-se histórias de antanho, verdadeira tradição oral popular que preservava a história de todo um povo. Naquela época vivia-se em pleno, todos brincavam aos agricultores e comungavam as dádivas da natureza. Ninguém sabe apreciar o que tem até que seja demasiado tarde. As pessoas que vivem no Paraíso não o sabem e desdenham dele em busca de coisas diferentes. São sempre os forasteiros que têm de lhes dizer como é bela a terra onde vivem. Enquanto hoje em dia as pessoas pagam para ir ver as amendoeiras em flor, como quem vai a um museu ou ao zoológico, ali naquela época, todos brincavam aos agricultores, comungando dessa dádiva da natureza. Antigamente, além de a mão-de-obra ser mais barata, a amêndoa pertencia ao ciclo rico do agricultor, numa época tinha a amêndoa, noutra o vinho e noutra o azeite.

Ultimamente, o fogo tem sido responsável pelo desaparecimento de vastas áreas de amendoal, muitas delas já abandonadas. Como se trata de uma cultura pouco rentável os produtores substituíram-na pela vinha. Antigamente, a mão-de-obra era mais barata e a amêndoa pertencia ao ciclo do agricultor. Metade dos produtores de amêndoa do Alto Douro já não fez colheita em 2006. A razão simples e unânime: Não compensa. Quando termina a época de apanha de amêndoa, é habitual ao percorrer a região, ver amendoais inteiros onde se adivinha que no próximo ano, as novas flores aparecerão ao lado dos frutos antigos.

A apanha das cerejas era de maio a julho. Nela, nunca pude tomar parte, em virtude de ocorrerem após a Páscoa o que impossibilitava a minha presença por colidir com o calendário escolar. Lembrava-me de as comer, e deliciar com o extraordinário doce de ginjinha que dali saía pela mão da minha tia-avó Ema Jesuína. Ela mesma se encarregava de o despachar para correr meio mundo. Foi assim que esses frascos de compota caseira me encontraram em Timor e, mais tarde, em Macau. Uma iguaria da qual apenas a memória conserva cheiros e sabores. À Austrália não puderam chegar pelas severas limitações à entrada de quaisquer alimentos naquele continente. Assim criei o mito das ginjinhas mais saborosas do mundo.

Havia ainda para evocar nestas memórias, um nome de mulher. Havia sempre, nestas coisas de revisitar passados reais e imaginários, uma mulher misteriosa que ocupa a mente do herói do livro, um secreto namorico juvenil de férias com a tão núbil Benilde, nome de deusa, mas mera filha do antigo caseiro lá de casa que descrevo adiante em mais pormenor. Neste caso ficou sempre a imagem, mais imaginada do que real, muito difusa e mítica de uma jovem mulher de tranças, ainda adolescente, de longos cabelos compridos e um nome a evocar lendas medievais. Platónica imagem de sorrisos trigueiros e olhos amendoados de promessas por cumprir. Uma jovem saudável e sorridente, sem quaisquer reminiscências com a homónima “Benilde ou a Virgem Mãe” sobre a qual José Régio escrevera em 1947. Era filha dum antigo caseiro do avô. Tinha um irmão, bem mais velho, emigrado em França que vinha todos os anos de férias, num deles serviu para mostrar o seu novo Peugeot 404, símbolo de sucesso na vida dura de escravo de patrões franceses.

Depois de cada jantar, ainda o sol ia alto, saía apressado, sem entrar em detalhes, para ir ter com ela. Reparti muitos dos meus primeiros poemas e mais estrelas ainda partilhei com ela. Pedia ao tempo para parar e tornar eternos esses momentos, cheios da magia de amores juvenis impossíveis e, por isso mesmo, mais desejáveis. Ambos, esparramados ou deitados sobre o feno, à margem da estrada acima das casas mesmo à entrada da aldeia em frente à Quinta, num tempo em que as ruas eram apenas iluminadas pela loura Phoebe

(deusa da lua na Mitologia) e tudo em nossa volta estava negro como breu. Não só cuidávamos de defenestrar os silêncios entrecortados de cigarras e grilos, como admirávamos os tremeluzentes faróis disfarçados por entre as árvores, lá ao longe, no alto do monte, na estrada poeirenta da Junqueira para Alfândega da Fé. Eram raras as viaturas e menos ainda as que se aventuravam de noite. No silêncio dessas noites estreladas podíamos ver as viaturas ao longe nas cumeadas de outros montes, ora aparecendo, ora desaparecendo, furtivamente, uma luz aqui, uma acolá. Dava para distinguir se era uma viatura ligeira ou pesada, calculando o tempo que demoravam a percorrer pequenos troços do horizonte noturno. Sabia-se de onde vinham e para onde iam, podia até adivinhar-se se eram forasteiros ou locais pela sua velocidade.

As conversas trespassavam dois mundos que nunca se entrecruzavam: o meu, citadino com experiências e vivências localmente desconhecidas e o mundo da jovem aldeã de braços fortes, ancas bem torneadas não demasiado largas, pernas firmes, mas levemente musculadas e peitos bem airosos, habituados às duras lides agrícolas e da casa e do campo. Um belo espécime feminino concebido com um físico saudável que não temia maleitas ou doenças para poder ajudar os pais no sustento da casa. Não teve a Benilde tempo para grandes estudos, além da terceira ou quarta classe feita com o apoio da minha tia-avó Adelina Hermengarda, que fora mestre-escola, aliás regente escolar de quatro gerações na aldeia da Eucísia. Mas tinha interesse em saber de outros mundos e vivências. Gostava de ler subrepticamente qualquer livro, que em casa dela não havia muito disso. Gostava dos poemas delicados deste jovem autor, queria saber da vida na grande cidade, desse mundo por descobrir, cheio de mistérios e de coisas novas e diferentes. Tempos sem malícia nem sordícia que a ingenuidade dos anos não deixa esbater. Foi ali que vi realmente as estrelas, pela primeira vez com olhos de ver, e me dei conta do tamanho do firmamento, acreditando no infinito do universo.

Nunca soube o que acontecera à família e muito menos à atraente Benilde com quem partilhei esses sonhos proibidos na idade em que tudo ainda é possível e nada parece inalcançável. As minhas tias até achavam piada àquele meu encantamento com uma mulher da terra, evento que sempre enriquecia as suas conversas quando eu não estava presente, e a pacatez rural em que viviam. Hoje andaria provavelmente emigrada, casada com outro despojado dessa ou doutra aldeia, teria engordado desmesuradamente, atando os cabelos ainda longos, mas já esbranquiçados num carrapito atrás e seguida por um ror de filhos com netos ranhosos e barulhentos. Ou talvez não. Tudo o que pudesse ter sido sonhado se esvaíra e nem na memória teria ficado guardado, que a vida não se compadecia com esses devaneios. Embora a casa dela ainda lá continue, jamais vi viva alma nas minhas incursões à aldeia no século XXI e não havia já viva alma a quem perguntar sobre o destino da jovem que ali compartilhara estrelas, estirada nos trigais na berma da estrada em noites de luar. O edifício sobradado mantivera-se igual. O alpendre da varanda mudara de madeira para cimento e ferro numa clara concessão ao modernismo que infestara toda a aldeia e vira mamarrachos de ferro forjado e alumínio, substituir fachadas ancestrais e originais.

De que ilusões teriam falado dois adolescentes naquelas noites sussurradas? Que sonhos acalentariam, que loucas poesias e utopias teriam escrito? Palavras que a brisa noturna levava com os pirilampos a acenderem céus de idílios, mitos e fantasias. Nem eu sabia já. Por mais que me esforçasse a sua imagem aparecia esbatida, sem rosto, apenas os cabelos entrançados ou soltos e longos ao vento e um eterno sorriso, feliz e aberto de ponta a ponta. Como eu ainda não fumava, tivera a novel experiência de trincar uma palha seca ao canto da boca, como eram dantes caricaturados os aldeões. Pensava que se o fizesse estaria integrado no meio ambiente que me cercava. Só agora, muitas décadas depois, pude visitar

tais memórias. Era obviamente tarde demais para recordar fosse o que fosse, e conquanto vivesse agora noutra aldeia rural aqui nos Açores, rodeado por vacas alpinistas, montes verdes e um mar imenso, os tempos eram outros, a idade também e mesmo à noite as estrelas me parecem bem menos brilhantes e em menor número... Depois, as férias terminaram, o ramerrame quotidiano da vida na cidade tinha-se imposto às recordações desse verão. Havia o Liceu, as aulas, as exigências da vida na grande urbe, as solicitações várias, e todos esses sonhos, promessas e utopias tinham ficado escondidos no negrume das noites sem estrelas da grande cidade.

- Deverão ser vistas apenas nesta feição?
- Representarão algo mais do que essa libertação inatingível?
- Serão uma mera recriação mitológica que a saudade da distância intercontinental matizou em tons rosa?
- Não será apenas a voz mais forte desse apelo inelutável que é o regresso às origens e raízes de cada um?
- As raízes não estão onde as queremos, mas onde as sentimos. O reencontro anunciado e desejado com a terra onde se foi feliz?
- Teriam sido os momentos de ventura de mim enquanto jovem?
- Dias e meses que as mentiras e hipocrisias da sociedade urbana não molestaram?
- Ou seria aí o limbo da inocência perdida?

58.3. ALFÂNDEGA DA FÉ.

58.3.1. LENDAS E TRADIÇÕES ALFÂNDEGA DA FÉ

Já Alfândega da Fé, a terra onde a minha mãe nascera, permaneceu inalterada nestes 60 anos, exceção feita ao novíssimo Centro Cultural José Rodrigues inaugurado em 2005 e muito pouco mais a assinalar. Um tio-avô materno, fora dos primeiros republicanos na região: http://resistente.3e.com.pt/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=65

Alfândega (da Fé) é um nome de origem árabe adquirido entre os séculos VIII e IX (Alfandagh). É possível que anteriormente a este período já existisse algum povoado de origem castreja, o que não será de admirar, porque na área do concelho existem muitos vestígios arqueológicos desse e de períodos anteriores. No entanto, a transformação em concelho medieval só aconteceu com a carta de foral de D. Dinis de 1294, o qual viria a ser confirmado por D. Manuel, em 1510. Em 1320, o mesmo rei D. Dinis mandou reconstruir o seu castelo, anterior ao primeiro foral e provavelmente construído pelos mouros. Este castelo desapareceu com o tempo. O recenseamento do ano de 1530 já indica o castelo como "derrubado e malbaratado" e nunca mais foi recuperado, muito embora o Tombo dos Bens do Concelho de 1766 ainda identifique os "antigos muros" pelo que, a Torre do Relógio, atual ex-líbris da vila, que fica na zona conhecida por Castelo, parece ser o que resta do antigo castelo medieval. Durante a ocupação árabe foi sede administrativa importante de uma região "Valiato de Alfandica", mas é a 8 de maio de 1294 que D. Dinis lhe concede carta de foral e define os primeiros limites geográficos do concelho. Um ano depois (17 de setembro) o monarca concede-lhe carta de feira, mas com a particularidade de obrigar que a mesma se realizasse depois da de Mogadouro e antes da de Mirandela; sendo novamente passada por D. João I, a 13 de janeiro de 1401. Foi D. Dinis que em 1320 mandou reconstruir o seu castelo. Rui de Pina, na Crónica de Dinis, descreve esta reconstrução, o que tem levantado algumas dúvidas de interpretação, uma vez que permite levantar a hipótese de a localidade árabe não se ter situado no local onde se encontra a atual Alfândega da Fé:

"Ano de 1320. Povoou de novo e fez os castelos de Vinhais, Vila Flor, Alfândega, que mudou para o lugar onde agora está que se chamava antigamente cabeça de S. Miguel." Em 1385 D. João I obrigou os moradores de Alfândega da Fé a trabalhar na reconstrução dos muros de Torre de Moncorvo, talvez como "castigo" pelo facto de a vila ter tomado partido por Castela. Este seria também o primeiro monarca a passar por Alfândega da Fé, na viagem que no ano de 1396 o levou a Torre de Moncorvo e Bragança. Outro dado relevante, no século XV, é a criação, em 1498, da Misericórdia de Alfândega da Fé. Na primeira metade do século XVIII, uma vez que a sua população, na época, não ia ainda além dos 150 vizinhos. Luís Álvares de Távora intitulava-se então senhor de Alfândega. É desse tempo a construção da ponte de Zacarias e seguramente o princípio do fim da povoação com o mesmo nome, a acreditar num documento do século XIX que refere a forma como a família dos Távora conseguiu os terrenos daquela zona. Dos Távora restam poucos elementos da sua presença no concelho: a casa que possuíam na vila foi sendo transformada com o passar dos anos e o que resta não revela grande traça arquitetónica, merecendo apenas registo aquilo que se supõe ser o campanário da capela, atualmente na Capela de S. Sebastião e o portal da entrada, também deslocado para uma casa particular... Na sede do concelho merecem visita a Capela da Misericórdia, a Capela de S. Sebastião, (inicialmente ermida) cujo campanário atual veio da casa dos Távora, de que resta apenas a porta de entrada da capela familiar, o portal da mesma casa e a Capela dos Ferreiras, com brasão picado, a identificar ligações àquela família. Em Alfândega da Fé a divulgação das ideias republicanas verificou-se antes de 1910 podendo considerar-se que já nas manifestações a favor da restauração do concelho (1895 a 1898) estes ideais estiveram presentes no pensamento de alguns dos protagonistas desses episódios, sobretudo de Ricardo Raphael d'Almeida, uma das figuras locais que assinam o "Auto de Proclamação da República" neste concelho. De facto, os ideais republicanos acabaram por ganhar corpo em 1908, com a fundação da primeira Comissão Municipal Republicana, iniciativa do jovem Joaquim Cândido de Mendonça, que foi seu presidente e da qual fizeram parte Simão Machuca, Arthur de Magalhães, Inácio Baptista, Viriato Pessoa, Camilo Correia, Alfredo Moraes, João Francisco, António Rego, António Abreu. Carolino Augusto Trigo; Bernardino Arthur de Magalhães (meu tio bisavó, tio avô da minha mãe).

Sendo um concelho antigo e para mais com um nome de origem árabe, é fácil compreender por que razão o imaginário popular gira fundamentalmente em torno das lendas das "mouras encantadas", não havendo quase freguesia nenhuma onde esse tipo de situações não nos apareça. Contudo, existem duas lendas mais estruturadas e com ligação a factos históricos, como a "Lenda dos Cavaleiros das Esporas Douradas", que pretende explicar uma parte do nome da vila e marca a resistência dos cristãos face à ocupação muçulmana e a "Lenda de Frei João Hortelão", relacionada com uma personagem real e que tenta explicar a existência, na localidade de Valverde, de uma importante cruz processional.

58.3.2. LENDA DOS CAVALEIROS DAS ESPORAS DOURADAS, OU DO TRIBUTO DAS DONZELAS.

Tanto quanto pudemos apurar, esta lenda (e o tributo das donzelas), tem sido referida em várias publicações como "Santuário Mariano", "Monarchia Lusitana" de frei Bernardo de Brito, na "Chorographia" do Padre Carvalho da Costa, no "Dicionário Geográfico" do Padre Luís Cardoso e posteriormente referida em publicações mais recentes, com uma ou as duas designações acima identificadas. Recentemente foi ainda publicado pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé um romance inédito (em termos de livro) de João Baptista Vilares, cujo tema é esta lenda.

A Lenda dos Cavaleiros das Esporas Douradas, ou do Tributo das Donzelas pode resumir-se da seguinte forma: no tempo do domínio muçulmano existia um mouro que, a partir do castelo do monte carrascal, próximo da atual localidade de Chacim (que já foi vila e hoje pertence ao concelho de Macedo de Cavaleiros) dominava toda a região, incluindo as gentes de Castro Vicente (que também já foi vila e hoje pertence ao concelho de Mogadouro) e as de Alfândega e como feudo exigia às populações a entrega de um determinado número de donzelas. Revoltados com este "tributo de donzelas", os moradores de Alfândega e seu concelho (nomeadamente Vilares da Vilarça) reagiram com armas, tendo os seus "Cavaleiros das Esporas Douradas" organizado uma investida contra o mouro, apoiados pelos de Castro Vicente. A batalha entre as duas partes ocorreu próximo do castelo do mouro; apesar de aguerridos os cristãos começaram por ter dificuldade em vencer as hostes muçulmanas e estavam prestes a perder a luta, tantos eram já os mortos e os feridos; entretanto, apareceu Nossa Senhora, que foi reanimando os mortos e curando os vivos, passando lhes um ramo de bálsamo que trazia na mão; à medida que o grupo dos cristãos se foi recompondo a peleja aumentou de intensidade e os muçulmanos foram completamente rechaçados terminando assim a obrigatoriedade daquele tributo. No local construiu-se uma capela em homenagem a Nossa Senhora de Bál-samo na Mão, hoje o santuário de Balsemão; o local de tão grande chacina deu origem a Chacim, localidade que haveria de ser sede de concelho até meados do século XIX; e Alfândega, graças à valentia dos seus cavaleiros, em nome da fé cristã, passou a designar-se Alfândega da Fé. Relativamente à lenda e para explicar a existência dos cavaleiros, o Padre Manuel Pessanha sugere que Alfândega da Fé fosse sede de uma ordem militar, "antiga, anónima, muito anterior aos templários, e mesmo a qualquer ordem militar conhecida" com cerca de duzentos membros. Na realidade o Padre Carvalho da Costa, na sua "Chorographia", refere a existência de duzentos cavaleiros, mas o Padre Luís Cardoso, no "Dicionário Geográfico", refere apenas 25. Entretanto, não deve excluir-se a possibilidade de o imaginário popular ter encontrado na Ordem de Malta a ideia dos cavaleiros. Um estudo recente de Belarmino Afonso refere que a igreja de Malta pertenceu àquela Ordem desde D. Sancho I, o que nos leva para o século XII. Ora, como a carta de foral de D. Dinis já identifica Alfândega da Fé como vila e possuindo castelo, é de admitir que o concelho já existisse anteriormente com esse nome, pelo que a lenda só teria sentido se fosse ainda mais antiga, uma vez que os acontecimentos nela contidos servem sobretudo para explicar o "da Fé". Ou seja, esta lenda pode

muito bem ser anterior à própria nacionalidade e transformar-se num elemento de estudo que comprove o papel que esta vila teve durante o domínio muçulmano nesta região.

58.3.3. LENDA DE FREI JOÃO HORTELÃO.

Frei João Hortelão foi um cidadão real, nascido na localidade de Valverde, em data incerta, uma vez que apenas João Baptista Vilares, na Monografia do Concelho de Alfândega da Fé, refere o ano da sua morte, em 1499, data que parece não condizer com alguns estudos recentes sobre a peça de ourivesaria religiosa, a "Cruz de Valverde", a que se liga todo o seu percurso "lendário". Na verdade, este devoto cristão tem uma biografia cujos percursos por terras de Portugal e Castela são pouco conhecidos, podendo concluir-se que a faceta da lenda resulta mais do imaginário popular do que dos verdadeiros acontecimentos. O seu caráter religioso e as suas virtudes pessoais, onde não faltou sequer o facto de ser oriundo de famílias pobres e ligadas à pastorícia na aldeia natal, foi sendo, ao longo dos séculos, envolvido em histórias e acontecimentos que ninguém pode hoje comprovar, incluindo o espírito profético que o levou a adivinhar o ano da sua morte. Entre as muitas "façanhas", quando ainda jovem, conta-se o seu "jeito" especial para a pastorícia dizendo-se, como escreve João Vilares, "que deixava o gado à volta do seu cajado e ia ouvir missa aos povoados da outra margem do rio Sabor. Quando regressava, o gado lá estava no mesmo sítio quieto e manso. O amo, sabendo isto, proibiu-lhe a passagem do rio na barca, mas ele continuou na sua missão atravessando a corrente, servindo-se da sua capa para barco. O patrão, não gostando de tais ausências, despediu o pastor que se dirigiu então para Castela, sempre mendigando pelo caminho. Na sua descrição J. Vilares não mencionou que no lugar onde Frei João Hortelão deixava o gado cresceu, segundo a tradição popular, uma cornalheira de dimensões fora do vulgar, transformada em árvore frondosa, cuja folhagem se mantém verde durante todo o ano, ao contrário do que acontece com esta espécie, que na região não atinge mais de dois metros de altura, como arbusto, de folha caduca! Talvez "a outra margem do rio Sabor" não corresponda à verdade histórica e estejamos a falar da antiga povoação de Cilhades, na margem direita, que dá para a encosta onde se encontra a tal cornalheira; bem vistas as coisas, estamos a falar do concelho de Alfândega da Fé, criado por carta de foral de D. Dinis em 1294, cujas fronteiras o separavam de Santa Cruz da Vilarça exatamente naquela zona, pelo local designado por "rebentão", sendo que toda esta área foi pertença de Alfândega até à reforma dos concelhos de 1855! Mas o espírito "milagroso" deste nosso Frei João Hortelão não se ficou por aqui. Ainda na sua freguesia de origem, existe outro local conhecido por "bardo do Frei João"; o motivo é semelhante: de acordo, uma vez mais, com a tradição popular, naquele local deixava frequentemente o seu rebanho, sem as habituais guardas de madeira, e os animais não saíam do local, de tal forma que ainda hoje o mesmo se mantém sempre com verdura! Despedido do seu emprego, Frei João Hortelão terá rumado até Castela e ficado pela vila de Ledesma, (Salamanca) tomando o hábito de leigo e entrando para o convento de Santa Marina. Diz J. Vilares, na obra citada, que "por meio de esmolas, conseguiu edificar a igreja matriz de Ledesma onde se conserva, segundo a tradição, uma gota de leite da Virgem e uma madeixa do seu cabelo tudo obtido pelo santo varão". Fernando Pereira, num estudo recente, nega categoricamente estas afirmações, nomeadamente no que respeita à construção daquela igreja. Mas é indiscutível que Frei João Hortelão viveu em Ledesma, onde está sepultado, e em cuja localidade também se confirmam registos populares da sua santidade, nomeadamente aqueles que dizem respeito aos seus dotes para afastar os pássaros das sementes das hortaliças que semeava, atividade que, aliás, acabou por lhe dar o nome! No entanto, a grande façanha que é atribuída pela lenda a Frei João Hortelão resulta de algo muito mais espantoso e menos explicável ainda, porque contraditório com o seu viver conventual: "com bocadinhos de prata que ia guardando na oficina onde trabalhava fez esta formosa cruz", a Cruz Processional de Valverde, símbolo maior da ourivesaria do concelho de Alfândega da Fé e que a população de Valverde guarda com um autêntico sentimento de Fé, de misticismo e de patriotismo. Fernando Pereira fez uma investigação aprofundada sobre esta peça e trouxe ao nosso conhecimento alguns aspetos que importa referir. Em primeiro lugar, a Cruz de Valverde foi, efetivamente, trabalhada em Castela. Não em Ledesma, mas provavelmente em Astorga e o respetivo ourives é conhecido, o que foi possível identificar através da punção existente na peça. Em segundo lugar e de acordo com o mesmo autor, "pelas características técnicas que apresenta, esta cruz e o par de galhetas, não poderão ir além da segunda década do século XVI"; ou seja, a ser verdadeira a data da morte de Frei João Hortelão, não existe coincidência entre a vida do mesmo e o fabrico da peça, ainda que as distâncias temporais, por tão curtas e tanta falta de informação, não nos permitam decidir categoricamente não existir relação direta entre os acontecimentos. Uma coisa é certa: aquele estudo provou que a Cruz de Valverde foi executada numa oficina registada e tem os brasões de armas das famílias Velasco e Avellaneda, ambas de Castela, ligadas por laços matrimoniais, mas nenhuma com ligações conhecidas a Valverde. Fica assim a hipótese, que continuará a alimentar a lenda, também corroborada por Fernando Pereira: veio a Cruz, pelas mãos de Frei João Hortelão, parar a Valverde?! E se assim foi, como explicar que peça tão importante, representativa de uma arte específica da ourivesaria castelhana do século XVI, tenha chegado até esta distante e pequena povoação do Nordeste Transmontano? Que haverá de mais interessante do que manter as dúvidas por desconhecimento histórico... e perceber que as Lendas não se mudam no imaginário popular, por maior que seja o nosso conhecimento científico?! [In http://concelhos.dodouro.com/jornal/alfandegadafe.asp](http://concelhos.dodouro.com/jornal/alfandegadafe.asp)

No meu Cancioneiro Transmontano 2005 (ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança) há outra versão deste conto

58.3.4. FREI JOÃO HORTELÃO

Pascoal era o nome de batismo. Nasceu em Valverde e ali guardava gado. Foi para uma aldeia vizinha, Eucísia. Eram pouco gentis com ele e daí dar ao Felgar. Apresentou-se com o nome de Ildefonso, mas o povo chama-lhe Alifonso. Apascentava também o gado com a condição de o patrão autorizar ir à missa. O patrão discordou e deu

ordens ao barqueiro de o não passar para cá, quando andasse do lado de lá, para ir à missa. Então punha o gado à volta do cajado e deitava a capa na água e assim conseguia transpor as águas para a outra margem. O patrão proibiu-o de guardar o gado, mandando-o tratar da horta. Proibiu-o de ir à missa, porque tinha de ficar a guardar os pássaros e as galinhas. Ele batia-lhes as palmas. Vinham os pássaros e as galinhas e metia-os numa adega. O patrão ao ver neste fenómeno algo de anormal, quis entabular conversa com o Ildefonso, mas este nada respondia. Resolveu ir para Espanha e entrar num convento, em Castela. Ali os monges puseram-lhe o nome de Frei João Hortelão, porque quis dedicar-se à cultura da horta. Plantava as couves com a raiz para cima e ia à cozinha dizer para ir colher folhas, que as couves estavam frondosas! Enviou para Valverde uma linda casula, uma custódia e um sino. Nas trovoadas iminentes tocam-no, e dispersam-se e nunca deixam prejuízos. Enviou também uma cruz gótica, com trabalho de filigrana, do século XV. Para a Eucísia, reza a lenda, que enviou um sino de cortiça, com o badalo de lã.

RECOLHA (1985) de Hermínia Trigo, Ferradosa - Alfândega da Fé.

E mais contos desta região

58.3.5. LENDA DA PIA DOS MOUROS

Em tempos idos, os mouros ocuparam esta região, onde ainda existem reminiscências. Presume-se que ALA, será de origem mourisca (Alla). Existe no local de Perafita uma fraga enorme que, numa cavidade, em dia de chuva, armazena muita água. Diz-se que esse local foi habitado por mouros noutros tempos. Diz-se também que foram os fundadores da povoação de ALA. Perto da ribeira, existe a chamada Pia dos Mouros, feita ou cavada na referida fraga. Servia para dar de beber aos cavalos, e aos demais animais dos mouros. As mouras lindíssimas eram vistas por cristãos, e uma delas, filha do principal Emir Mourisco, amava um jovem cristão às escondidas de seus pais. Nunca acedeu a contrair amores com outro jovem mouro, a quem seus pais a destinavam. Ao tempo já se fazia guerra para a expulsão dos Mouros do território nacional. Sentiram os mouros que teriam de abandonar esses locais, e começaram a retirada. Numa noite, encontrou-se a linda jovem moura com o seu amado e jovem cristão. A moura disse para o amado: - Tenho de fugir com os meus pais, pois sabes que a isso sou forçada, e se assim for, jamais nos encontraremos. O que pensas disto? Respondeu-lhe o jovem cristão: - Eu não te deixo por nada deste mundo. A mourinha, encantada com a resposta, disse-lhe:

- Eu não posso cá ficar, e tu não podes ir comigo, e eu também não quero deixar-te por nada deste mundo.

- Queres ajudar-me agora a encher a Pia dos Mouros? É de noite e ninguém vê.

O jovem cristão respondeu que sim. Começaram a encher a pia de água.

Depois de bem cheia, disse a jovem moura, para o seu amado cristão:

- Nem eu vou com os meus pais, nem tu vais. Vamos selar o nosso amor aqui mesmo. Depois, afogamo-nos na mesma pia dos mouros, que será a nossa cama de núpcias. E assim sucedeu. Quando ao amanhecer, os mouros foram dar de beber aos seus cavalos, encontraram na pia dos mouros a moura e o cristão afogados, de mãos dadas, e com os lábios colados, dizendo ao mundo, em nome do seu amor, que em amor não há distinção de raças ou religiões... Hoje os mais velhos habitantes desta povoação de Ala, ainda cantam a quadra, simples, que algum poeta antigo escreveu:

Existe na Perafita,

Uma enorme pia

Que os mouros lá fizeram

Para beber sua cria.

RECOLHA (1985) de Judite do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.6. A LENDA DO REI QUE FOI À CAÇA

Um dia que o rei foi à caça, perdeu-se no caminho onde começou a anoitecer. Viu ao longe uma luzinha e dirigiu-se para lá. Bateu à porta e, entrando, contou o que lhe aconteceu e ali pernoitou. Fizeram-lhe a ceia que foram batatas cozidas. No fim de as comer disse:

- Estas batatas sabem-me melhor do que faisões.

Ao amanhecer, o rei partiu para sua casa, o palácio, agradecendo a boa vontade em o recolherem. Então o dono da casa disse para a mulher que ia levar ao rei uns sacos de batatas visto o rei gostar tanto delas. Partiu, e chegando ao palácio, o rei o reconheceu e perguntou-lhe:

- O que vens fazer? O homem respondeu:

- Venho trazer estas batatas, visto lhe saberem melhor do que faisões.

O rei mandou recolhê-las, agradeceu e encheu-lhe os sacos de presentes e dinheiro. Mal chegou a casa contou tudo à mulher. Os vizinhos também se aperceberam. Um deles fez logo o mesmo, dizendo para a mulher:

- Se gostou tanto das batatas dele, mais gostará das nossas que são melhores. Chegando ao palácio disse ao rei que as batatas dele eram melhores do que as do vizinho, que lhas oferecia. Então o rei compreendeu a intenção dele e disse-lhe: - Se as batatas do teu vizinho me souberam melhor do que faisões, é porque tinha fome. Agora sai daqui, porque eu podia castigar-te pela tua má intenção.

O homem saiu envergonhado com o insulto do rei.

Ó inveja, ó inveja,

Que reinas no mundo assim?!

Há muito tempo que existes,

Assim a mostrou Caim.

RECOLHA (1985) de Judite do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.7. LENDA DAS COMADRES BÉBADAS

Havia duas comadres, que eram muito bêbadas. Um dia, foram para o forno para cozer o pão.

O marido de uma delas recomendou-lhes para não beberem mais do que uma canada de vinho, para não estragarem o pão. Mas depressa esqueceram a recomendação feita pelo homem e beberam até mais não. O resultado foi que em vez de meterem o pão no forno, o atiraram pela janela, para o curral dos porcos.

Qual o espanto do marido, ao chegar, e viu aquele espetáculo! Pegou na mulher, pôs-lhe a boca na torneira da pipa e com um funil, encheu-a de vinho. A seguir deixou-a inanimada.

Passado algum tempo, quando já meio aliviada, gritou pelo marido: - Ó homem, dá-me mais uma funilada!!!

RECOLHA (1985) de Olinda Pereira, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.8. A LENDA DO PADRE DO MINHO

Veio para esta aldeia, há muitos e muitos anos, um padre minhoto. Este vivia com uma irmã, que segundo diziam dava conversa ao barbeiro do padre. Este, um dia, não gostando da cortesia do barbeiro, matou a irmã e enterrou-a no adro da igreja. Várias pessoas lhe perguntavam pela irmã, às quais respondia que tinha ido para a sua terra natal. Mas, passados alguns anos, foi preciso alargar a igreja. Ao fazer o desaterro, encontraram o cadáver intacto. Foi depois enterrada no altar-mor e considerada santa. O povo indignado fez os seguintes versos:

Passei por trás da igreja

Cheirou-me a pera madura.

D. Maria Luísa

Metida na sepultura

Passei por trás da igreja

Cheirou-me a pera marmela

D. Maria Luísa

Metida debaixo da terra

RECOLHA (1985) de Olinda Pereira, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.9. LENDA DO VERÃO DE SÃO MARTINHO

S. Martinho, antes de ser santo, foi soldado do Imperador. Uma vez ia montado no seu cavalo, num dia tempestuoso de chuva e vento, muito embrulhado na sua capa de soldado. Surgiu-lhe num caminho, um pobrezinho de mão estendida muito magra, seminu, a tremer de frio e também de fome. O Moço cavaleiro ficou abalado, e depois de dar umas moedas ao pobre, desceu do cavalo e com a própria espada cortou a capa que trazia ao meio, dando uma parte ao pobre, para ele se cobrir e ficando com a outra metade para si. Passados momentos, o temporal amainou, as nuvens foram desaparecendo, transformando-se a tempestade num dia de sol brilhante, raro na estação do outono. Eis a Lenda do verão de S. Martinho, Santo que é comemorado no dia 11 de novembro, geralmente com um serão de família e amigos.

Diz o ditado: no dia de S. Martinho, prova o teu vinho.

Usança

- Junta-se a família, convidam-se os amigos e todos se reúnem à lareira, ao redor de uma boa fogueira. É o tempo da apanha das castanhas e nesse dia, assa-se uma grande porção num assador próprio, feito já para tal, em latão com buracos no fundo.

Põe-se dependurado em cima da fogueira e enquanto assam, uns conversam, outros vão buscar o vinho. As castanhas depois de assadas, deitam-se num cesto que se coloca ao centro, para todos lhe chegarem.

Come-se com fartura, bebe-se bem, juntando-se mais uns petiscos que haja na ocasião. Há risos, histórias e anedotas de várias espécies. Uma para exemplo:

Havia uma mulher que gostava muito de vinho e todos os dias ia à pipa, mas às escondidas do marido. Este, um dia morreu e então a mulher fez-lhe um grande pranto e nos dias a seguir, a vida dela era acorçada na lareira coberta com um xaile e com uma bota⁶⁰ de vinho, sempre metida no regaço. As vizinhas vinham vê-la e ela sempre a lamuriar-se. Estas diziam-lhe:

- Sai daí mulher! Agora queres passar a vida a prantecer!? Ela respondia:

- Sem secar estes courinhos não apago as minhas penas, não saio daqui. Ia bebendo sempre, até a bota ficar vazia e só assim as penas se apagavam.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.10 MESTRE DOS MESTRES

Quando S. Pedro andava pelo mundo, feito velhinho e trazendo consigo um burrito, passou num lugar, onde um ferrador estava a ferrar. Aproximou-se, saudando-o: - Bom dia, mestre.

Este, um pouco enfatuado respondeu: - Mestre dos mestres!

Então o velhinho pediu-lhe se o deixava ali pregar uma ferradura ao burro, pois lhe tinha caído pelo caminho, ao que o ferrador disse que sim. O velhinho foi ao burro, cortou-lhe a pata, pô-la em cima da bigorna, pregou-lhe a ferradura e foi colocar a pata na perna do animal, que ficou como estava. Agradeceu ao ferrador e foi-se embora. O ferrador, que viu o que o velhinho fez, e estava também a ferrar um burro, cortou-lhe a pata. Pregou a ferradura. Mas,

60 Bota: vasilha de couro que usam para levar vinho para o trabalho.

quando foi colocar a pata na perna, esta não segurava. Muito aflito, foi procurar o velhinho. Pediu-lhe por caridade e misericórdia que lhe valesse, porque o burro morria! Então o velho, que era Santo, disse-lhe:

- Vais para casa, que tudo se há de remediar, mas, nunca mais voltas a dizer, que és mestre dos mestres, porque acima de nós, há outros de maior poder.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.11. A MOÇA TEIMOSA

Era uma vez um homem que tinha uma filha com quem vivia. Quando a filha chegou à idade de casar, não faltavam pretendentes, porque o pai possuía umas boas terras. Porém quando vinham pedir a filha, o pai dizia sempre: - Por mim está bem, mas tenho que lhe dizer, que ela é muito teimosa.

Por fim apareceu um, pois os outros desanimavam, que respondeu ao pai:

- Está bem. Olhe, eu também sou muito teimoso e então vamos fazer farinha.

Arranjaram tudo e casaram. À noite, quando se iam deitar, o noivo levou uma arma que colocou ao lado da cama. A noiva admirada perguntou-lhe para que era a arma, ao que ele disse, que era sempre bom ter uma defesa ao lado.

Deitaram-se (era no tempo das candeias) e o moço disse para a noiva, que apagasse a candeia. Ela respondeu que a apagasse ele. Por sua vez teimou que fosse ela e daí uma teimosia entre os dois. O homem pega na arma e com um tiro, apagou a candeia. A moça tão assustada, não deu mais pio. O homem foi-lhe dizendo:

- É assim que eu curo os teimosos... Não houve mais barulho e foram felizes.

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.12. OS DOIS MENTIROsos

Havia dois irmãos que viviam muito pobres e sem meios de ganhar dinheiro, até que o mais velho, disse para o outro:

- Ó irmão, lembra-me uma coisa. Vamos por esse mundo de Cristo pregar mentiras por dinheiro. Um vai adiante e depois vai o outro atrás a confirmar. Lá partiram, e ao chegar a uma terra, um segue adiante anunciando:

- Sei uma grande novidade, mas só a digo por dinheiro.

Juntou-se muito povo e começaram a dar-lhe dinheiro, e ele disse: - Em tal terra acaba agora de nascer um menino, com sete braços. O Povinho admirado não teve pena do dinheiro e ele foi seguindo caminho. Apareceu por trás dele o irmão a confirmar. A gente perguntava se era verdadeira a notícia, ao que este dizia: - Eu não vi o menino, mas vi uma camisa estendida a enxugar que tinha sete mangas. Então ficaram crentes que era verdade e ainda lhe deram mais dinheiro. A este tempo, já o irmão espalhava noutra terra:

- Grande novidade, minha gente.

Todos acudiam e lhe davam dinheiro, para saber a novidade

Diz ele: - Vi um moinho a andar, em cima de um pinheiro. Todos admirados, quando apareceu o irmão, perguntavam: - É verdade que está o moinho em cima do pinheiro?

Ele confirmava: - Eu não vi o moinho, o que sei dizer, é que vi um macho carregado com sacos de farinha a subir pelo pinheiro acima. Então é verdade, dizia a gente, e lá iam dando o dinheiro aos homens. Assim foram correndo o mundo a dizer mentiras para irem vivendo (...).

RECOLHA (1985) de Branca do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.13. HISTÓRIA DE UM MARIDO RABUGENTO

Uma mulher vivia muito triste com o feitio do seu marido. Quando vinha para almoçar, chegando à mesa dizia:

- Este frango podia ter sido assado.

No dia seguinte ao começar a almoçar dizia:

- Se fosse guisado era mais saboroso.

A mulher, já muito nervosa, resolveu no dia seguinte pôr na mesa o frango preparado de todas estas maneiras.

Ao chegar, ela diz-lhe:

- Agora aqui tens o frango preparado e variado. Come do que mais gostares.

Mas antes dele chegar, uma galinha tinha subido para cima da mesa e fez lá cocó. A mulher vira a ponta da toalha e cobre-o. A mulher diz: - Podes escolher o que queres.

Resposta dele:

- Quero mierda. A mulher respondeu:

- Então aí a tens, descobrindo a toalha.

RECOLHA (1985) de Judite do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.3.14. A HISTÓRIA DA BOLA CENTEIA

Uma mulher muito má tinha uma vizinha a quem tinha inveja. Um dia estava a fazer bolas no forno e lembrou-se de meter dentro dum veneno para que ela morresse. Quando as tirou do forno já cozidas, deixou-a dum lado e saiu para fora. Neste momento entrou um filho. Viu as bolas quentes e pegou nessa do veneno, que ele não sabia, e começou a comer. Logo caiu morto. Quando a mãe chegou, viu o filho assim e a bola encetada e disse:

- Foi o castigo que caiu em mim, pois quem faz o mal para si o faz, como se costuma dizer.

RECOLHA (1985) de Judite do Sacramento Rodrigues, Sambade - Alfândega da Fé.

58.4. DO AZINHOSO AO SENDIM DA RIBEIRA

Quando estávamos no Azinhoso (Mogadouro) além do chiar dos rodados das carroças de bois que nos acordavam bem cedo todas as manhãs, lembro-me de tantas coisas que é difícil coordenar pensamentos. A primeira recordação bem forte ligada ao Azinhoso relacionava-se com o primo Zeca Magalhães de Oliveira que nos ia buscar, ao Tua ou ao Pocinho, depois da inesquecível viagem de comboio desde Campanhã, no seu imponente automóvel De Soto de 4 portas, cor bege, matrícula AL-13-31, herdado do rico latifundiário seu pai, a chiar todo o caminho por aquela estrada sinuosa. o meu pai sempre temeroso, agarrado a uma alça lateral, com medo a pedir para não ir tão depressa.



De Soto 1940's

Estava sempre um calor de morrer no verão naquelas terras bem quentes transmontanas. O carro era um monstro pesadão e assustava qualquer um, guiar daquele modo naquela estrada cheia de precipícios e sem guardas de proteção, a não ser um velho muro de cinquenta centímetros orlando a estreita via. Até Torre de Moncorvo era um susto dos maiores, depois a estrada era mais plana (em pleno planalto de Terras de Miranda na continuação da Meseta de Castela) até Carviçais, depois Lagoaça, aldeia de Castelo Branco até ao Mogadouro e Azinhoso. Eram uns 70 e poucos km e demorava-se pouco mais de uma hora....Deve ter sido nessas viagens que ganhei o gosto pelas estradas de montanha cheias de curvas e contracurvas.

A garagem da velha casa senhorial do Azinhoso, distava aí uns 200 metros e deliciava-me - todos os dias - a escapulir-me para ir lá e ver aquele carro, estacionado ao lado duma velha caleche de cavalos que a tia-avó utilizara nas suas deslocações, tal como os seus avós tinham ido de Bragança ao Porto aquando da sua lua-de-mel. Sentava-me no carrão a ouvir o rádio e a aprender a manejar os botões e alavancas apesar de ainda não chegar aos pedais. Fiquei triste, muito triste mesmo, quando uns anos mais tarde se desfizeram daquele carro que devia consumir 30 litros aos 100 km.



chrys-1954-azinhoso (2)



chrys-1954-azinhoso (3)



chrys-1954-azinhoso (3)



chrys-1954-azinhoso (4)

pátio do Azinhoso

1954 Azinhoso (Toural)

Durante o dia alguém aparelhava e pegava num burro ou mula pela arreata e lá andava eu a dar os meus primeiros passos a cavalo, a partir dos 5 anos. Foram, assim, férias que não esquecerei todas as que passei na velha aldeia do Azinhoso (já perto da raia com a Espanha) no concelho de Mogadouro, pequena cidade bem antiga, anterior à fundação do condado Portucalense e que recebeu foral de D. Afonso II em 1272.

Da Proto-História são variados os vestígios de povoados geralmente conhecidos por "castros" aqui referenciados e que geralmente acompanham as linhas de água, procurando sempre lugares de difícil acesso e de fácil defesa natural, para a sua implementação. Terá sido a tribo dos Zoelas, parte do povo astur-augustano a responsável pelos diversos povoados fortificados que aqui encontramos. O Azinhoso é uma das poucas localidades do distrito de Bragança onde se pode encontrar um museu de Arte Sacra. O espaço, dentro da antiga capela da Misericórdia da igreja de Santa Maria de Azinhoso, guarda consigo pequenos tesouros do quotidiano religioso dos séculos XVI, XVII e XVIII. O expoente máximo do espólio é a custódia de estilo gótico manuelino que terá sido oferecida pelo Rei Venturoso, D. Manuel I, e um cálice do século XVI. Ambos em prata dourada. Do rol de artigos expostos, destacam-se também alguns missais antigos, diversos frescos, estátuas e alguns paramentos datados do século XVIII. Para além do museu de arte sacra, quem visitar Azinhoso pode encontrar um pelourinho do século XIV, que representa o poder jurisdicional concedido pelo rei D. João I, através duma Carta de Foral datada de 1386. O pelourinho é assente em três degraus quadrangulares. O fuste redondo possui 4,30 m de altura, escadório em pirâmide quadrangular e três degraus e o capitel é constituído por uma cruz grega em pedra. Imóvel de Interesse Público, Dec. 23 122, DG 231, de 11 de outubro de 1933 é o símbolo da autonomia administrativa entretanto perdida.



pelourinho século XIV



museu de arte sacra

Por outro lado, a igreja matriz, principal património, data do século XII, em estilo românico, com a imagem de Santa Maria do Azinhoso, uma obra de escultura medieval do século XIV, perante a qual D. Nuno Álvares Pereira terá pedido proteção para a guerra contra os castelhanos, em 1386. Apenas a imposta corrida da porta lateral esquerda da Igreja do Azinhoso nos apresenta uma decoração visigótica ou pelo menos de influência visigótica (parras e uvas). No ano de 1301, era já conhecido por Santuário do Azinhoso.



igreja matriz do Azinhoso

Azinhoso teve foral novo de D. Manuel I em 1520. Teve também misericórdia e hospital, fundados em 1647, fruto da importância que então detinha. O seu nome deriva da remota existência de azinheiras (Azinhoso nas Inquirições de 1258), localmente conhecidas por carrascos. As festas da freguesia são: Nossa Senhora do Carrasco (1º domingo de maio); Nossa Senhora de Fátima (2º domingo de maio); Santa Bárbara (2º domingo de agosto); Festa de Sampaio (agosto) e Nossa Senhora da Natividade (8 de setembro). A 25 de maio do ano de 1297 El-Rei D. Diniz com a Rainha Santa Isabel e seus filhos os infantes D. Afonso e D. Constança, fazem em Coimbra Carta de doação "aos Templários do padroado das igrejas de S. Mamede de Mogadouro e de Santa Maria de Pena-Royas", com todas as suas capelas e ermidas, direitos e pertenças. Isto com o consentimento de D. Martinho, arcebispo de Braga.

"... E nem alguém se persuada, que n'esta doação amplíssima se incluiu a ermida do Azinhoso, e que então foi quando os Templários fizeram levantar este vasto edificio, que ainda hoje se faz distinguir; porquanto a Real Coroa não dimittio senão o que lhe pertencia, e não o que era de tempos immemoraveis dos Arcebispos de Braga.

Isto se evidencia da composição, que D. Vasco Fernandes, Mestre da Ordem do Templo em Portugal, fez com o mesmo arcebispo sobre a terça pontifical, que as igrejas de Mogadouro, e Pena-Royas deviam pagar à mitra; assentando, que pela terça, e direitos pontificaes, ou episcopaes, houvesse o Arcebispo a quinta parte dos dizimos: que houvesse a preocupação de cada huma das ditas igrejas, quando as fosse visitar: que instituisse os apresentados às ditas igrejas pela Ordem, ora fossem freires, ora seculares, sendo idoneos, os quaes prestariam obediencia, e iriam aos synodos dos arcebispos de Braga. Reserva com tudo o arcebispo D. Martinho para si a cera, e os votos, que das ditas igrejas se lhe costumavam pagar, acrescentando:

" Heremitagium tamen nostrum, quod vocatur Sancta Maria de Azinosa, cum omnibus juribus, et pertinentiis suis, nobis nichilominus reservamus." Feito o instrumento em Santarem a 16 de outubro, e novamente approvedo, e se'lado em Braga pello mesmo Arcebispo a 11 de dezembro, se acha original no archivo de Thomar."

Azinhoso era, também, terra de judeus. No velho caminho medieval que vai para Penas Roias, logo à saída do Azinhoso, ainda existe um local chamado "pelames", onde os peleiros do Azinhoso curtiavam as peles. A Professora

Maria José Pimenta Ferro Tavares, no seu livro "Os Judeus em Portugal no Século XV" (p. 75), regista uma comuna judaica no Azinhoso, no século XV. A própria estrutura da rua da vila, ao longo do caminho, demonstra que o Azinhoso era uma terra de passagem. O solstício de dezembro é festejado em alguns pontos da região, de forma que no sentido não difere dos tempos pagãos. O S. Martinho e o Entrudo, que o Abade de Baçal caracterizou como autênticas bacanais, são aqui festejados e, se o S. Martinho não passa do velho magusto e da bebedeira, o Carnaval difere de aldeia para aldeia com formas e ritos herdados já de antanho. Religiosos praticam um misto de religião com bruxaria, não sabendo bem onde acaba uma e começa a outra e continuam com as suas promessas aos santos, tipo de religião contratual romana. Sem qualquer sentido histórico, aqui tudo o que é velho, de uma velhice de que os vivos não se recordam, é atribuído aos mouros e em todos os locais de interesse arqueológico histórico existem tesouros, mouras encantadas e sinos em ouro, teares que só se veem na manhã de S. João, etc. A crença das mouras encantadas é, no fundo, um vestígio do culto pagão que deificava as águas das fontes, fazendo-lhes sacrifícios e ofertando-lhes flores. A lenda dá continuidade à realidade histórica. O título de Condes de Azinhoso usado apenas uma vez, foi criado por Filipe II, rei de Espanha por carta de 10-01-1583 a favor de D. Nuno Mascarenhas, senhor de Palma c. 1555, casado com Isabel de Castro c. 1555, filho de D. João Mascarenhas 1520 e de D. Helena de Castelo-Branco 1520. Não deixe de visitar a Capela de Nossa Senhora da Saúde; a Ponte romana (no caminho para Penas Roias); as Ruínas do "Castro dos mouros"; a Fonte de mergulho. Alminhas. Os Moinhos de água da ribeira de Bastelos. No final do século XX ali foi erigida a barragem de Bastelos com praia fluvial.



chrys 1958 azinhoso (2) a minha mãe e minha irmã, tia, as primas, outra tia avó

A minha tia-avó, Francisca Alzira Magalhães, era dona de olivais sem conta, sendo viúva dum dos maiores proprietários da região (cujo apelido era apropriadamente Oliveira) e tinha casado a filha mais velha com um filho do outro maior proprietário da região, herdeiro da antiga família Pimentel. Esse genro foi presidente da Câmara de Mogadouro, exerceu advocacia e notariado, chegou a deputado da Assembleia Nacional até ao 25 de abril e depois voltou a ser Presidente da Câmara numa manifestação evidente dos seus dotes democráticos capazes de o fazerem transitar duma ditadura para uma democracia sem perder o seu estatuto. Os Pimentéis além da casa no Azinhoso, paredes meias com a da minha tia, tinham ainda o solar de família na aldeia de Castelo Branco a 11 km de Mogadouro (atualmente destruído à espera de ser restaurado como Hotel ou Pousada de luxo sendo apenas mantida a fachada), e do qual creio falar noutro local. O outro genro era da família Castro e também residia na aldeia do Azinhoso com uma longa linhagem e religiosidade.

A casa era uma casa de aldeia rústica, mas bem rica e apetrechada com todas as comodidades modernas, desde água encanada a eletricidade, coisa que não se via em qualquer outra aldeia da família. Um espanto, tinha uma varanda cheia de trepadeiras e uns bancos de jardim em madeira, depois entrava-se para um enorme salão, bem fresco, com dois pequenos escritórios do lado esquerdo. No da frente havia um magnífico gramofone com discos de 33 rpm do começo do século XX que fez as minhas delícias enquanto ouvia sons desconhecidos. A seguir havia uma pequena sala de jantar com escadas para o andar de cima e ao lado um salão formal de jantar com antecâmara. Havia uma enorme cozinha com escano, seguida da cozinha velha de igual tamanho e que só era usada em alturas de

festas. Ao lado da cozinha nova, havia uma casa de banho com água canalizada (a canalização municipal chegaria só depois de 1974) e dois quartos principais, com janela para a igreja, seguidos de mais três quartos (um deles enorme e dois interiores) onde cabiam umas oito camas.

No andar de cima além de uma varanda envidraçada, havia vários quartos com ligação a umas escadas para uma outra entrada da frente de casa e para as traseiras. (No andar de cima havia vários quartos que ficavam cheios na época da caça). Na parte de trás havia um pátio enorme onde se construíra uma casinha para albergar o gerador elétrico (dado que a eletricidade só viria depois do 25 de abril) e em cima dela um pátio para o Toural. Havia ainda, no pátio, as casas dos dois fornos para cozer pão e folares, a entrada para a cozinha velha e a saída para as cortes dos animais. Ao cimo do pátio e ao lado do portão havia as cortes e as cavaliças nas quais havia sempre burros, e cavalos, um macho ou mula, aos quais eu ia dar de comer. Estas cavaliças davam para um enorme terreiro, em terreno a nível superior, o amplo Toural, onde se realizavam as feiras (a feira anual dos burros foi reativada em 2004), cortado a meio por uma pequena escola primária onde a minha mãe lecionou (creio que dois ou três anos até casar em 1948).

Havia sempre uma presença (para mim inexplicável) lá em casa, o Sr. Padre Manuel (viveu no Azinhoso desde os anos de 1950 e faleceu ao virar do século XX) que era de uma paciência inacreditável e que, segundo consta, eu massacrava com beliscões irritantes, logo aos meus dois anos de idade. Mais tarde, na adolescência, tive grandes discussões filosóficas com ele, embora eu já tivesse muitas dúvidas sobre alguns dos pontos fulcrais da igreja católica apostólica romana. Nunca entendi muito bem porque é que durante as minhas estadias no Azinhoso, o padre Manuel estava sempre presente nos jantares e almoços em casa dessa minha tia-avó. Decerto que ela algo de errado fez, ou tinha a consciência pesada, pois, as minhas primas, filhas dessa tia-avó jamais mostraram laivos religiosos ou cristãos, antes se caracterizando pela sua dependência do dinheiro, pelo seu aspeto facial tipicamente judaico e comportamento avaro. Uma família de gente infeliz, mas podres de ricos. Centram toda a sua existência em acordos e casamentos de famílias ricas para que os filhos e netos crescessem e multiplicassem a fortuna sem jamais a aproveitarem em algo de útil (ou inútil) e vivem ainda obcecadas por esse desiderato.

Quando estava a férias no Azinhoso, além do chiar dos rodados das carroças de bois que me acordava bem cedo todas as manhãs, lembrava-me de tantas coisas que é difícil coordenar pensamentos. Toda a aldeia tinha hábitos e costumes diferentes, as caras eram diferentes (mais judias? interrogar-me-ia anos mais tarde). A casa da minha tia-avó ficava paredes-meias com a do pai do genro, representando ambas as casas os mais ricos proprietários da região, verdadeiros latifundiários numa região tipicamente constituída por minifúndios. De qualquer forma havia uma ligação subconsciente importante, fora lá que a minha mãe dera aulas antes de eu nascer. Curiosamente o primeiro sítio onde ficara colocada para dar aulas havia sido exatamente no Azinhoso após ter trabalhado nas Caixas de Previdência na Rua Visconde de Setúbal, no Porto.

O Azinhoso, na minha juventude, tinha uma venda, quase em frente a casa a cem metros, na descida da Rua Direita do lado direito, onde funcionava também o posto telefónico e os correios, na qual havia um senhor meio-gago, o Henriquinho casado com a Mariazinha (falecida em março 2006) com duas filhas (a Maria Adília e outra cujo nome não recordo, Maria Arminda?). Ora bem era ali que chegavam e o Henriquinho recebia, as cartas de amor do meu pai. Como via um nome estrangeirado e gaguejava, acabava por ir bater à porta de casa para dizer à minha mãe que chegara uma carta do senhor *xri xri* dado não conseguir

ler o *chr...* (Chrystello). Ainda hoje gozo e repito isto quando alguém tem dificuldades em pronunciar o seu apelido, adulterado milhões de vezes, desde Chrysler a Christofle, Castelo, Crastelo, Perestrelo ou Costello consoante os países, digo-lhes sempre que é fácil: xri xri...

Seria ao Azinhoso, de que tanto gostava, que o meu pai se deslocava nas férias a cantar a canção do bandido à minha mãe? Calculo o que devia custar em termos logísticos ao meu pai, partir do Porto de comboio, fazer toda a linha do Douro e Alto-Douro, bem bonita mas lenta e perigosa, demorando quase um dia de viagem, para no final fazer transbordo de comboios no Tua até à estação mais próxima em Mogadouro⁶¹, e dali ao Azinhoso, eram mais uns 6 km até àquela antiga e importante vila, mas então apenas uma pequena aldeia perdida no meio do pó, esquecida das gentes, em terra de ninguém, sem carreiras de autocarros estabelecidas, havendo necessidade de contratar um carro de praça (táxi) para o levar até ao Azinhoso. Sem ter onde ficar no Azinhoso (nessa época os namoros eram com paus-de-cabeleira e à vista de todos e não podia ficar como hóspede na casa da família da futura noiva), teria de contratar outro carro de praça (seria o mesmo?) para ir dormir a uma qualquer pensão (não havia hotéis no Mogadouro do final da guerra) e repetir a cena nos dias seguintes. Tarefa inimaginável nos dias de hoje e - mesmo assim - incompreensível para a maior parte das pessoas. Já sei a quem saí, nestas mirabolantes andanças amorosas. Mas de facto, o meu pai nunca lá fora namorar, limitara-se a fazê-lo no Porto, quando a minha mãe trabalhava na Federação das Caixas de Previdência antes de começar a dar aulas.

Nas minhas férias lá, com ou sem os pais, íamos muitas vezes às pequenas quintas que a família tinha dispersas em vários locais nas redondezas e, dessas idas recordo bem o aviso para não comer melancias quentes por causa da digestão. O sol era abrasador e todos usávamos chapéu, e passavam-se tardes a apanhar frutos diversos e a petiscar na sombra duma qualquer árvore antes de virmos aproveitar alguma frescura ao fim da tarde no enorme pátio do Azinhoso à copa da frondosa, enorme e centenária, figueira que fazia as delícias da minha mãe, sempre adepta deste fruto.



Teria eu uns 14 ou 15 anos quando comecei a conduzir o Volkswagen bege da minha prima Stela ao longo dos 6 km de estrada poeirenta entre o Azinhoso e Mogadouro. A uns 200 metros da entrada no Mogadouro antes do cruzamento para o vale da Madre, cedia o volante à dona do carro para que a Guarda (GNR - Guarda Nacional Republicana) não me apanhasse. Era raro passar outro carro naquela estrada, creio que em todo o Azinhoso havia apenas meia dúzia de carros, 2 lá em casa dos Magalhães de Oliveira Pimentel, 2 dos Pimentéis, 1 na dos Castro e pouco mais. Suponho aliás que a única vez nessa minha aprendizagem de condução, que me cruzei com outro veículo motor foi com um carro de praça (táxi), pois o trânsito normal no início da década de 1960 era de veículos de tração animal.

⁶¹ A linha do Sabor até Mogadouro funcionou entre 1933 e 1988, e de Mogadouro – Duas Igrejas – Miranda do Douro abriu só em 1938

A estrada estreita (que hoje está um pouco mais alargada e asfaltada), tinha o enorme perigo do pó que se levantava e das curvas - bem abauladas pela erosão -, em cascalho solto que podiam levar o carro para fora da estrada com muita facilidade. Havia apenas dois ou três pedaços de reta em que o carro atingia uma boa velocidade (50-60 km/h) e uma delas era junto à capela N. Sr.^a do Caminho. Mas tinha de estar sempre muito atento com a minha inexperiência de principiante às cabras, ovelhas e outro gado que passeavam pela estrada.

Mais velho, recordo-me bem que o meu avô paterno era aficionado pelos piqueniques e quando andávamos por aqueles lados (daquela metade da família) jamais escapávamos a um piquenique debaixo da ancestral Ponte de Remondes que fica quase a meio caminho entre o Azinhoso e Alfândega da Fé. (A ponte, hoje retirada da circulação pela Barragem do Baixo Sabor, esteve encerrada e em risco de cair durante 2005). Embora a água que ali corresse não fosse muita e as sombras não abundassem, o certo é que era o local favorito de piqueniques para o meu avô. embora ficasse a uma boa distância de casa (pelo menos a duas horas de condução nesse tempo). Esta estrada cansativa que ia de Alfândega ao Mogadouro, deve ser das mais difíceis do país com o seu traçado de mais de 200 curvas e contracurvas, e ajudou a manter Mogadouro afastado do resto do país. Quando por ali passei entre 2002 e 2005 parecia que o tempo tinha parado à data da minha memória do local. A estrada estava alcatroada, mas tudo o resto permanecia igual. Hoje, existe uma nova ponte e uma via rápida mais abaixo no rio.



ponte de remondes antigamente

Uma das cenas mais marcantes destas várias férias transmontanas ocorreu, não recordo exatamente, entre 1962 e 1964, quando com os dois primos e o meu pai fomos de jipe a Penas Roias, a 7 km do Azinhoso, mas que à época parecia distar mais duma hora e meia. Penas Roias é um dos povoados acastelados com pinturas rupestres (Fraga da Letra) que pertenceu à Ordem dos Templários e depois entrou em declínio.

Embora tradicionalmente se afirme a data de 1166 como a de início da construção do Castelo de Penas Roias, sob a direção do Mestre da Ordem D. Gualdim Pais, a inscrição epigráfica na Torre de Menagem encontra-se bastante deteriorada. É possível, entretanto, ler-se a data como "Era 1210" (da Era Hispânica, correspondente ao ano de 1172 da Era Cristã) ou ainda Era 1219 (correspondente a 1181). Alguns autores pretendem ler nela o nome de Gualdim Pais, o que não é plenamente verificável. De qualquer modo, os trabalhos contaram com o seu patrocínio direto, uma vez que a torre (e o castelo) inscrevem-se no movimento maior de construção de castelos templários no país, todos assinalados por inscrições epigráficas e empreendidos por Gualdim Pais, como os de Almourol, Longroiva, Tomar e outros. Sob o reinado de D. Sancho I (1185-1211), empreendeu-se novo esforço de repovoamento da vila, que passou a sede de Concelho. Nesta fase, a Ordem deslocava a sua atuação mais para o Sul, para a Beira Baixa, tendo recebido os domínios de Idanha-a-Velha e de Monsanto, em 1165 (os da primeira confirmados em 1197), e uma parcela junto à Vila Velha de Ródão, em 1199. O castelo dominava, à época, a pequena povoação de Penas Roias, ligeiramente afastada. Posteriormente, sob o reinado de D. Afonso III (1248-1279), a vila encontra-se referida nas Inquirições de 1258, tendo recebido Carta de Foral, juntamente com Mogadouro, em 1272, foral esse renovado a Penas Roias no ano seguinte (1273). Perante a extinção da Ordem do Templo, D. Dinis (1279-1325) transferiu os domínios de Penas Roias para a Ordem de Cristo (1319), acreditando-se que tenham tido lugar trabalhos de recuperação e reforço das defesas à época. Conforme a iconografia de Duarte de Armas (Livro das Fortalezas, c. 1509), a vila encontrava-lhe murada. Nesta fase, D. Manuel I (1495-1521) concedeu-lhe o Foral Novo (1512).

No início de 1960 ainda não havia estrada, apenas um caminho de burros serra acima e nem se pensava sequer na mais recente barragem de Bastelos que está aos seus pés. Por isso entramos no jipe do meu primo médico, Zeca, e com o primo Carlos Alberto e o meu pai, um pouco temerosos, que eles não eram para grandes aventuras motorizadas, lá fomos

atravessando um rio (a Ribeira de Bastelos), e por entre montes e rochas despidas de vegetação se subiu o fraguado que se erguia a pique nos socalcos do velho castelo. Passava-se pela velha ponte romana ou ponte templária entre Azinhoso e Penas Roias, monumento hoje completamente ao abandono até se chegar à "fonte da Vila" monumento interessante de grande antiguidade com figuras antropomórficas que hoje também demonstra enorme desprezo. As silvas e arbustos que lhe crescem na cobertura estão lá para o provar.



Castelo de Penas Roias (Mogadouro)

A certa altura o jipe aberto voltou-se (capotou) e tivemos todos de saltar para não ficarmos debaixo. Lá o endireitamos e voltamos a subir até ao castelo onde o senhor padre, numa habitação ao lado do mesmo, nos ofereceu de dentro da sua bem recheada arca em madeira uns ricos chouriços com pão de centeio e bom vinho da região. Jamais esqueci esta aventura que me marcou para eu mesmo fazer viagens semelhantes para o resto da vida. Em 2008 tive a oportunidade de contar esta mítica viagem histórica a um filho desse meu primo Zeca (que não conhecia pois não o via desde que miúdo e aqui estive na PSP no Nordeste).

O castelo de Penas Roias é um castelo roqueiro anterior à nacionalidade, foi seu detentor Fernão Mendes, o Braganção, ao tempo tenens da Terra de Bragança, circunscrição na qual a localidade estava inserida. Este facto sugere que, por essa altura, já existiria um reduto defensivo de alguma importância, pois, de outra forma, não se justificaria a doação aos Templários. A ser assim, poderão ganhar nova relevância os vestígios de torreões de planta circular, que ainda se encontram nos vértices do castelo. Estes elementos não são comuns na nossa arquitetura militar medieval setentrional (que optou, na maioria dos casos, por torres de planta quadrangular) e podem estar associados a uma fase construtiva mais ligada à realidade leonesa (os castelos da margem direita do rio Côa optaram sistematicamente por esta solução). Os estudos mais recentes de Mário Barroca, sugerem uma anterioridade dos torreões circulares de Penas Róias em relação à obra templária⁶². Fernão Mendes de Bragança, em 1145, no tempo de D. Afonso Henriques, doou-o aos Templários. Entre outras obras ergueu-se a torre de menagem por volta de 1172, conforme inscrição aí existente. Após a extinção da ordem o castelo passou à ordem de Cristo e mais tarde aos Távoras. Em 1758 já se encontrava em avançado estado de ruína. Atualmente resume-se a pouco mais que uma torre alcantilada, de planta quadrangular com 5 metros de lado, de aparelho simples à base de xisto quartzítico misturado com argamassa. A estrutura frágil da torre não permite o acesso à mesma. Perto dela existe uma pequena torre circular com uma base em talude de execução recente. A cantaria predomina nas janelas existentes a sul e a este. A porta situa-se a oeste, a cerca de seis metros de altura, e é igualmente feita de cantaria. No lintel podemos observar a cruz pátea templária com a seguinte inscrição: "Gualdim Pais, mestre geral dos Templários, mandou fazer o castelo de Pena Roia, iniciando os trabalhos a 4 das Calendas .. era de 1204 sendo freires assistentes frei João Francisco ...". Penas Róias teve muralha, ainda desenhada por Duarte d'Armas no início do séc. XVI.

Numas férias fui pela primeira vez a Espanha, com os pais, primos e respetivas mulheres. De Mogadouro fomos rumo a Miranda do Douro saindo para Zamora, Salamanca e Ávila.

Depois de termos andado, rua abaixo rua acima, em busca dum Hostel ou residencial qualquer que nos albergasse, sem resultados pois nesse verão estava tudo cheio, encontramos uma vaga, mas os adultos não queriam que eu visse o que eles viram, ou seja, era duma daquelas habitações de entrada e saída rápida de trânsito noturno, de ambos os sexos, e havia vestígios desse intenso trânsito nas camas... Tivemos sorte quando tudo parecia correr mal. Como não se encontrava alojamento, acabamos por ficar no luxuoso Parador Raimundo de Borgonha na suíte presidencial, em virtude do primo Carlos Alberto Castro ser - à data - secretário do ministro das Obras Públicas de Portugal, Eng.º Eduardo Arantes e Oliveira, e ter usado o seu passaporte diplomático para conseguir vaga, dado que o "Parador" também estava cheio. Ainda esperamos um bom bocado enquanto eles ligavam para Madrid a pedir autorização para ceder a suíte e certificarem-se de que ninguém mais importante pretendia lá ir dormir.

A minha mãe e primas nunca souberam o que se passara naquela residencial que tinha as únicas vagas de acomodação em Ávila, mas regalaram-se com a estadia numa suíte que era normalmente reservada ao caudilho (o ditador Francisco Franco) ou aos altos dignitários do governo espanhol. Ficamos no Parador e eu dormi que nem um rei. No dia seguinte em direção a Madrid, em dois carros (Fiat 1500 e Ford Taunus 17M) o Carlos Alberto Castro ao fazer uma ultrapassagem, numa reta sem fim, mas com um risco contínuo ao meio, acabou por ser apanhado pela Guardia Civil e nem o passaporte diplomático do governo português evitou que apanhasse uma pesada multa. A viagem decorreu sem mais incidentes até Madrid onde as senhoras se deleitaram nas compras no Preciados e no El Corte Inglés. Eu estava embaixacado, as jovens funcionárias ao balcão, eram todas muito encantadoras, muito sorridentes e bem mais maquilhadas que as suas colegas portuguesas que raramente usavam maquilhagem. Estava deliciado e decidido a mudar-me logo para Espanha para estar perto daquelas mulheres atraentes. Para além da majestosidade dos edifícios em Madrid, como as Puertas del Sol e o Museu do Prado (onde voltei em 2004), recordo a visita ao imponente Valle de los Caídos que o ditador Francisco Franco construiu em memória da Guerra Civil.



Parador de Ávila



Vale de los caídos

Só voltei em 2004, mas lembrava em detalhe o percurso, as lajes no pavimento da estrada e a subida íngreme, a nave, apesar de terem passado mais de quarenta anos. Igualmente vi o enorme El Escorial na Serra de Guadarama, 50 km a noroeste de Madrid.

Mandado construir por Felipe II, entre 1563 e 1584, é constituído por um palácio, um mosteiro e uma das maiores bibliotecas do mundo, ocupando 30 mil quilómetros quadrados. Tem nove torres, 9 órgãos, 16 pátios, 73 estátuas, 86 escadarias, 88 fontes, 300 celas, 1200 janelas, mais de 1600 quadros, 2673 portas, etc. foi construído em honra de São Lourenço por terem derrotado o exército francês em 10 de agosto de 1557.



Escorial

Aqui jazem grande parte dos Reis de Espanha dos últimos quinhentos anos da dinastia de Habsburgo e Bourbon. O Panteão real contém os túmulos Do Imperador Carlos V (Carlos I de Espanha), Filipe II, Filipe III, Filipe IV, Carlos II, Luis I, Carlos III, Carlos IV, Fernando VII, Isabel II, Afonso XII e Afonso XIII.

Foram uns dias de passeio que me encheram de História, da grandiosidade do país vizinho e da perceção que embora vizinhos, ambos sob uma ditadura, os dois países não tinham nada a ver um com o outro. Eram bem diferentes e se bem que comunicássemos em castelhano com eles pois normalmente não compreendem português, o certo é que tinham toda uma série de atitudes bem diferentes das portuguesas. Ainda não conhecia Lisboa (só a viria a conhecer em 1966 com 17 anos) mas adorei conhecer Madrid, Ávila, Salamanca. As estradas eram melhores, as gentes mais simpáticas, a maneira de viver mais aberta e franca. Comparados com os portugueses os espanhóis pouco ou nada tinham em comum, exceto algumas semelhanças linguísticas, sendo de uma forma geral, mais divertidos, mais luminosos e nada sorumbáticos.

58.5. QUINTA DA BENDADA e SENDIM DA RIBEIRA



Vista geral de parte da Quinta de Zacarias

restos da Bendada

Recordo ainda, e sempre com enorme pesar, mesclado de saudade, as férias passadas na Quinta da Bendada, entre Alfândega da Fé e Sendim da Ribeira, ao lado da Quinta de Zacarias⁶³ e da Quinta de Saldonha⁶⁴. Ali estive umas três vezes, pelo menos, em férias de verão com uma tia-avó e uma prima do Azinhoso. Não havia luz elétrica muito embora um poste com cabos de alta tensão estivesse plantado a menos de cem metros da casa. O poste na Quinta, com o seu zumbido permanente assustava as gentes simples do campo, temerosas daquela inovação que não compreendiam e que lhes não servia de nada.

Comia-se sempre à luz de velas, lamparinas ou Petromax. Levantar era sempre bem cedo como sói acontecer nas aldeias, mal o sol despontava. Depois dum lauto pequeno-almoço de pão centeio, sempre torrado nas brasas, davam-se uns passeios, mas era sobretudo depois da habitual sesta da tarde, lá mais pela fresquinha, que se aprestava uma mula ou macho e ala cascos que estes montes eram indubitavelmente meus durante as horas seguintes, passadas - quase sempre - sem se ver viva alma.

A casa de dois pisos fazia um retângulo com um terreiro, (uma zona central ampla que daria para um picadeiro, se alguém se tivesse lembrado de o construir ali), tendo a ladeá-la, a casa dos caseiros de um piso, a casa de aprestos agrícolas e celeiro, e em frente havia dois lagares. A estrada em macadame passava mesmo por debaixo das janelas laterais da casa, O lagar de azeite deliciava por ver como se trabalhavam as azeitonas e quanto trabalho dava para preparar aquele líquido viscoso e esverdeado que servia para apaladar a comida. Também vi, muitas vezes, fazerem vinho no outro lagar, em pleno terreiro quadrangular da Quinta, onde as uvas eram pisadas com os pés à boa maneira tradicional. Não esqueço o cheiro a mosto, mas evoco os céus (então ainda e sempre azuis) sem sombra de nuvens, as noites estreladas, o silêncio entrecortado pelo vento nos trigais e ocasionalmente lá nas alturas um rasto solitário dum avião europeu a caminho de alguma parte possivelmente bem longínqua. Punha-me a imaginar os destinos prováveis, consoante a direção que o rasto de vapor na atmosfera deixava, imaginando Áfricas, Américas ou apenas a mera Lisboa que ainda não conhecia embora já tivesse ido a Madrid....

Vivíamos com os sons simples dos animais e pássaros chilreantes pois não havia rádio nem televisão, que embora já inventada e divulgada nas cidades ainda lá não chegara. Para

⁶³ Em 2017 a Quinta de Zacarias, a 5 km de Alfândega da Fé é constituída por quatro explorações agroflorestais - Quinta de Zacarias; Quinta da Bendada; Quinta do Arquinho (ou do Cruzeiro) e Quinta do Mário Almeida, ocupando uma área de 950 hectares a que corresponde uma área real de 1.108 hectares. É recortada por ribeiras, linhas de água e envolvida por montes ondulados

⁶⁴ Na zona de caça municipal de Valpereiro, a área florestal, silvopastoril e alguma agricultura associada à encosta nascente da Serra de Bornes, até à Ribeira das Cavas, proveniente da Barragem da Camba, envolvendo as localidades de Felgueiras, Agrobom, Castelo, Valpereiro e Saldonha é um autêntico paraíso para o desenvolvimento e reprodução de animais de caça grossa. Sempre existiu a preocupação dos residentes na preservação deste património. Após a constituição da Associação de Promoção e Preservação da Caça no ano de 2000, e recentemente com o apoio das Juntas de Freguesia associadas, esse trabalho tem sido mais regular, organizado e dinâmico, objetivando criar melhores condições para a manutenção do maior número possível de espécies de caça nesta importante mancha.

quê, se eletricidade não havia, a não ser na casa do Azinhoso onde havia um barulhento gerador a gás, que muitas vezes tive o prazer de ligar? Havia em contrapartida, livros, muitos que se liam devagarosamente, como diria Mia Couto, e o tempo tinha outra duração mais compassada e menos rítmica. Era cavalgar, cavalgar e mais cavalgar, percorrer distâncias não muito grandes, um raio de 5 a 10 km, não mais, mas bem difíceis, que ali só havia montes, vales e ribeiras. Se não fossem as oliveiras, cerejeiras, sobreiros e outras árvores de fruto, lembrariam rotas misteriosas na selva de África, sobre as quais já lera tantos livros infantis ou de aventuras, porque não havia trilhos nem estradas, além dum caminho, bem pisado por cavalgadas, muito estreito e poeirento que os unia à aldeia mais próxima. Um dia caí da cavalgada no empedrado do Sendim da Ribeira e não me magoei, mas uns meses mais tarde iria descobrir uma grave lesão congénita na coluna.

Os relógios haviam parado e o tempo parecia eterno, deixava-me embalar nele e vogava ao sabor da cavalgada. Atravessavam-se rios e ribeiras e escalavam-se montes a perder de vista sem sinal de gente. As aldeias eram poucas e afastadas uma dúzia de quilómetros por picadas e trilhos onde não se aventuravam veículos, exceto no verão. Depois era vir para casa ao entardecer, contar as proezas dessas cavalgadas e após um último olhar às estrelas infundas era o dormir dos santos e justos. Ao domingo fazíamos o percurso lentamente, com a prima e tia sentadas em cima da albarda dos jumentos, de pernas à banda, rumo à igreja mais próxima, no Sendim da Ribeira. Nessa época as aldeias tinham mais gente e os padres iam sempre lá, domingo após domingo. Era o evento da semana quando se viam as pessoas todas, reunidas nos seus melhores fatos domingueiros, já puídos muitos deles até ao fio, herdados do próprio casamento que na vida do campo só se botava fato para ir à Repartição ou à missa. Quando os padres não residiam na aldeia (por terem várias na sua jurisdição e nem em todas tinham casa) faziam o circuito das aldeias vizinhas e celebravam missa após missa, aldeia após aldeia, burro após burro, por entre a canícula de inverno e as neves inverniais. Ainda guardo memória detalhada visual de sítios e gente que nunca mais vi.



SENDIM DA RIBEIRA

Quando entre 2002 e 2005 tentei percorrer alguns desses caminhos descobri estradas novas donde dantes havia trilhos e picadas, e alguns dos locais tinham perdido a imagem misteriosa e mística da juventude e a memória de gentes perdidas. A velha Quinta da Bendada, herdada por uma prima (viúva do primo do De Soto), estava abandonada e decadente, depois de ter sido alugada ou vendida a um artista de telenovelas portuguesas Tó Zé Martinho ou coisa que o valha. Por vezes gostava de poder ter uma máquina do tempo e regressar a essas memórias, mas só o podia fazer através de linhas como estas que se acumulavam no ecrã do monitor. Vima saber em 2017 que a casa fora, entretanto, demolida.

A localidade de Sendim da Ribeira, que dava o nome à antiga freguesia, juntamente com a anexa de Sardão, pode ser uma das mais antigas do concelho. O nome parece ser de origem visigótica e na zona existe um topónimo "castelo", que pode andar associado à existência de um castro, cujos vestígios, contudo, são hoje difíceis de identificar, devido à progressão da agricultura, particularmente dos olivais, cujo azeite, segundo alguns entendidos, é considerado dos melhores do mundo, graças ao clima ameno permitido pelo vale da ribeira de Zacarias. A igreja seiscentista foi profundamente remodelada no século XX (1972). Em 2006 tinha ainda 128 habitantes, mas apenas 92 em 2011 e hoje menos ainda. A freguesia foi extinta em 2013, sendo agregada à de Parada

Da Casa do Alto, pertencente à tia e primas do Azinhoso, na aldeia de Sendim da Ribeira onde iam à missa e, por vezes, ficavam quando precisavam de mantimentos na Quinta da

Bendada e era tarde para regressarem, guardava memórias assustadoras. Lembrava-me, e nunca me esqueceria, das trovoadas fortes em pleno verão durante as quais íamos todos para debaixo das camas, embrulhados em cobertores de papa, a rezar a Santa Bárbara a pedir que a trovoadas passasse. Muitas trovoadas secas que eram as mais perigosas, tanto mais que a casa era o ponto mais alto da aldeia e o ribombar dos trovões ecoava como um temível castigo divino por sobre a cabeça dos pecadores... por outro lado, quando a trovoadas era mais longe à noite valia a pena ver o espetáculo dos raios a caírem em toda a volta do fértil vale. Ali, naquela casa era um espanto ver as inúmeras trovoadas à noite, quando elas estavam mais longe. Indescritível lembrança que guardo com olhos adolescentes. Foi nessa casa que me estreei nas “lides artísticas”, convidando outros jovens da aldeia para me virem ouvir recitar e cantar do cimo das escadas e ficando à espera que me aplaudissem, como grande entretenimento numa terra onde essa palavra era quiçá desconhecida. Ainda há algum tempo encontrei esquecido no meio dum livro, um pequeno pedaço de papel com os nomes das melodias que entoava nessa fase. O cantor era fraco, mas ainda havia quem se recordasse dessas sessões tal como eu ainda tremo hoje quando há trovoadas secas. Já não rezo à Santa Bárbara, mas já recuperei no espólio da abandonada casa dos meus avós na aldeia da Eucísia os cobertores de papa para o caso de uma emergência.

Para quem não sabe, o Sendim da Ribeira fica num buraco, no fundo dum vale, e em volta há, para sul: os Cerejais, Ferradosa, Parada; para leste Vilar Chão; a norte, Vale Pereiro, Saldonha, e para oeste Gouveia e Sendim da Serra. Ora todas estas terrinhas eram na altura servidas por estradas secundárias, municipais ou caminhos de terra batida, mas os montes circundantes tinham as estradas de acesso a Alfândega da Fé, a Macedo e a Mogadouro, pelo que era espantoso ver (de hora a hora, na melhor das hipóteses, que o movimento era pouco na década de 60) pequenas luzes dos tremeluzentes faróis amarelados de viaturas a atravessarem os montes, por entre os relâmpagos que iluminavam todo o vale. Memorável. Essas imagens ficaram para sempre guardadas na memória. Há fotografias destas que não estando registados em negativo ou em papel, jamais esmorecem ou amarelecem na memória de cada um. Foi na década de 1960 que se instalaram postos de PBX nas aldeias, um sistema elaborado de cavilhas com doze extensões a ligarem essas pequenas centrais às pessoas mais importantes. Os meus tios-avós que viviam no Sendim da Ribeira com os primos (dois dos quais vim a reencontrar décadas mais tarde, aqui nos Açores onde se radicaram em 1960 e em 1975) tinham uma venda ou loja na qual estava instalado o Posto Telefónico da Anglo-Portuguesa de Telecomunicações ou ATP⁶⁵. O Posto ATP137 era o único contacto com a civilização. As aldeias, tantas das vezes isoladas durante os nevões de inverno, sempre avessas a qualquer mudança ou modernice não acolhiam bem o telefone e daí só haver meia dúzia de linhas ligadas, em toda a área do Sendim da Ribeira. Era importante para quem tinha um aparelho daqueles em casa, com a sua manivela a dar e a dar, não esperar muito por alguém no Posto para atender. O saudoso PBX era de cavilhas. Estas tinham que se colocar na ranhura. Quando uma chamada entrava na central, a tampinha caía e era só enfiar as cavilhas de dois fios nas ranhuras cujas tampas tinham caído. Depois, havia uns auscultadores de baquelite preta, bem pesados, com microfone através dos quais se perguntava a quem telefonava para onde queria ligar, qual o número, etc. Entretanto trocavam-se dois dedos de conversa enquanto se discava a marcação individual do número pedido, para a Central Telefónica (Regional ou Nacional) a que o Posto pertencia. Quando, por fim, o interlocutor respondia trocavam-se as cavilhas e as pessoas podiam finalmente falar. O período da manhã era muito calmo e quase sem chamadas, depois aumentava ligeiramente até à hora de jantar, depois do qual raras vezes tocava a campainha.



Para um jovem como eu, era um entretenimento delicioso controlar esta forma de comunicação e saber simultaneamente tudo o que se passava, quem falava com quem, ao mesmo tempo que me permitia ir conhecendo “virtualmente” a meia dúzia de pessoas que habitavam nas redondezas. Este sistema de telefone permitia transmitir

⁶⁵ [a que se seguira (1968) a TLP (Telefones de Lisboa e Porto) em 1994 passaria de Telecomunicações de Lisboa e Porto a PT Comunicações e em 2017 a ALTICE]

mensagens, notícias e outros avisos numa era em que os rádios mais potentes captavam emissões espanholas e mal as portuguesas, a televisão ainda não chegara àquelas paragens, e a luz elétrica ainda era uma miragem. Aliás a TV espanhola chegou décadas antes da portuguesa. Os jornais chegavam atrasados pois apesar de usarem os comboios diários da Linha do Douro e suas ramificações, não havia depois carreiras de camionagem regulares para os sítios mais interiores e muito menos para aldeias sem estrada como eram então as aldeias da família: a Eucísia, o Azinhoso ou o Sendim da Ribeira. No inverno, muitas vezes, ficavam isolados pois a estrada de terra batida ficava intransitável. O mundo podia acabar que só viriam a saber bastante mais tarde. Ainda hoje lhe apetecia viver em sítios assim.

Doutra coisa estava, porém, certo: jamais esqueceria o cheiro a carvão e as fagulhas que saltavam da locomotiva nas muitas viagens que fez de comboio do Porto a Trás-os-Montes. Do Porto ao Tua e depois no ramal da Linha do Tua em direção a Bragança tinham de sair creio que na base da Serra de Bornes em Grijó (terra do Professor Adriano Moreira) antes de chegar a Macedo de Cavaleiros. O troço entre Mirandela e Bragança foi encerrado definitivamente no dia 15 de dezembro de 1991. E é esse passado mítico que os modernos governantes estão a querer roubar-me, estão a violar a minha juventude e as minhas memórias perdidas e isso, jamais lhes perdorei. Cambada de novos-ricos, ignorantes e alarves. Juntemo-nos todos para salvar a linha do Tua que é minha e de todos os que amam esta região, única no mundo. É o nosso património que eles querem dilapidar. (nota posterior: de nada serviram os milhares de abaixo-assinados e petições, filmes, idas à Assembleia da República). A voragem capitalista da EDP e dos interesses das barragens tudo soterraram.)

58.6. MOGADOURO

As únicas férias em que não fui a Trás-os-Montes coincidiram com os dois anos finais do curso liceal.

Tinha começado a namorar mais seriamente aos 16 com alguém que a família não considerava compatível com os pergaminhos. Vivía bem longe. Correspondiam-se às escondidas pois a jovem era seis anos mais velha. As missivas iam para casa doutrem e escondidas em locais mais ou menos difíceis de descobrir. Até um dia em que o meu pai descobriu os tacos do parqué desequilibrados e ali destapara epístolas de quentes confissões amorosas. Namoro condenado. Eu no liceu e ela na Faculdade de Letras em Coimbra. Uma paixão anormal. Eu não o via assim. Obviamente, sentia-me o maior. Bom para a imagem, para o ego e sabe-se lá para que mais. Havia outro fator contra, era prima direita das minhas primas do Azinhoso, cuja única vocação na vida era fazer riquezas e multiplicá-las. Constavam coisas, boatos, intrigas e escárnio. Boas razões para continuar o namoro com a oposição dos pais e da prima. Uma vez, estava eu de férias na Eucísia e ela fora, de carro de praça (táxi), visitar-me. Demorava mais de duas horas de Mogadouro na velha estrada que passava pela hoje desaparecida Ponte de Remondes, e custava um balúrdio. Havia telefonemas infundáveis, cartas diárias, o gosto e incentivo pelos escritos poéticos do adolescente.



SOLAR DOS PIMENTÉIS, CASTELO BRANCO (MOGADOURO)

Vivía ela no então ainda imponente, mas atualmente decrépito e arruinado Solar dos Pimentéis⁶⁶ https://www.youtube.com/watch?v=VWW_17e2vjwg, o edifício é em granito branco e embora se desconheça o arquiteto que

⁶⁶ O Solar dos Pimentéis é uma residência solarenga barroca com o frontispício dividido em três corpos, separados por pilastras de capitel coríntio. No corpo principal tem uma porta verga reta, sobre a qual se rasga uma janela com frontão. Por cima da cornija existe um terceiro registo, onde se inscreve o brasão dos Pimentéis, com coroa no timbre, que se inscreve num frontão semicircular. Tem a ladear o brasão duas bandeiras e palmas, ladeadas por sua vez por janelas. O segundo corpo tem uma escadaria de granito que dá acesso a um alpendre em ruínas. Acesso: EN 221, 5 km depois de Mogadouro, em direção de Moncorvo. Proteção: Imóvel de Interesse Público, Dec. nº 2/96, DR 56 de 6 março 1996. Diz Luís Pardal: “O solar foi construído na entrada da aldeia edificado em planta retangular, possivelmente já na segunda metade do século XVIII como parecem indicar certos elementos decorativos, particularmente as molduras das janelas, que ostentam parapeitos de brinco e o remate ondulado, caracteristicamente barroco. Há dados que indiciam que os espaços verdes seriam

o projetou, parece ter influências de Nazoni. Ela fazia viagens ao Porto às escondidas de todos que, com a proverbial falta de sorte, acabavam sempre descobertas. Passei a encontrar-me com ela em casa doutros primos que viviam no Porto. Mal entrei na Faculdade comecei a ir ter com ela todos os fins de semana a Coimbra, à boleia ou de comboio. Fui muitas vezes com o falecido oftalmologista Rufino Ribeiro. O filho (Paulo) frequentava a faculdade em Coimbra e mais tarde (1996) seria seu oftalmologista. Cheguei a ficar em "Repúblicas" de estudantes para passar o fim de semana em festas, latadas, "Queima das Fitas", idílios no Jardim Botânico ou na Quinta das Lágrimas. Claro que para passar o fim de semana fora de casa sem levantar suspeitas tive de inventar uma história sólida. Como me dava bem com outro meu parente, o jovem Francisco Bernardo Correia Leite Sampaio de Almada-Lobo (Azenha), filho do Marquês de Pico de Regalados e 5º Conde da Azenha (título criado em setembro de 1852), que era da minha idade e andava em engenharia, resolvi improvisar. Dizia que ia para a quinta dele (perto de Guimarães), fazendo depois detalhada descrição dos salões da casa senhorial sem jamais lá ter ido. Nem sabia bem onde ficava, lá para os lados de Vizela. Pensava ter encontrado o grande amor da minha vida, duradouro e eterno. Nem sequer me recordo por quê e quando acabou ou quem o terminou. Há paixões humanas que se assemelham a furacões, umas destroem tudo, outras vão sem deixarem rasto. Vidas que pareciam impossíveis sem a presença do outro prosseguem sem recordações. A minha prima mais velha que tanto se opusera ao namoro fazia questão de eu rever esse meu amor adolescente, mais tarde (1988), numa cena caricata aquando dum férias australianas em que escalei o Mogadouro. Ali estava ela, envelhecida (muito mais do que seria de imaginar), casada com um ex-padre e mãe de crianças. Doméstica e domesticada, dona-de-casa-desesperada como as da série televisiva, sem interesse, nem conversa de jeito, nela não se vislumbravam já sombras da antiga flama amorosa. Pelo contrário, destilava veneno e inveja e despejou fel e bilis nos poucos momentos em que trocamos palavras. Abençoado ex-padre que a perdoaria.

O concelho de Mogadouro, a uma altitude média de setecentos metros, estende-se por uma área de 756 km², numa zona essencialmente planáltica. As exceções são os conhecidos "cumes do Mogadouro", que se elevam a cerca de novecentos metros. É um amplo território, no extremo oriental de Portugal, que está repartido pelas bacias dos rios Douro e Sabor. Divide-se em 56 aglomerados populacionais, integrados em vinte e oito freguesias: Azinhoso, Bemposta, Bruçó, Brunhoso, Brunhosinho, Castanheira, Castelo Branco, Castro Vicente, Meirinhos, Mogadouro, Paradela, Penas Roias, Peredo Bemposta, Remondes, Saldanha, Sanhoane, S. Martinho do Peso, Soutelo, Tó, Travanca, Urrós, Vale da Madre, Vale de Porco, Valverde, Ventozelo, Vila de Ala, Vilar de Rei e Vilarinho dos Galegos. Uma população de vinte mil habitantes em 28 freguesias. A vida das terras está definitivamente interligada ao clima com duas faces distintas: inverno rude, frio, muita chuva e neve; verão muito quente, típico dos climas continentais, sufocante. A paisagem, influenciada pelo clima atlântico, continental e mediterrânico, é muito diversificada e abundante. As espécies mais comuns são o carvalho negro e (próximo do Douro e do Sabor), a azinheira, sobreiro e zimbro. Na fauna, lobo, raposa, javali, lebre e coelho. Sobrevoam o território as águias-reais, gaviões, mochos, gralhas, andorinhas, melros azuis (muito raros no País), estorninhos, tordeiras, pombos bravos ou cotovias. A gastronomia de Mogadouro é muito rica e variada. Nesta terra do Nordeste Transmontano, o fumeiro e os enchidos, ocupam, como não podia deixar de ser, lugar de destaque. Na economia doméstica El Rei, o porco, ocupava (e ocupa ainda) um lugar indispensável. Os recos ou laregos, são criados com todo o carinho, com as melhores viandas, para a ocasião, quase ritual, da matança. Assim, os presuntos, as alheiras, os bulhos (chouriços de ossos), os chouriços de sangue, as linguças, as bochas, os chabianos, os vilões, as tabafeias, e por fim, sua majestade, o salpicão, são, em Mogadouro, os reis da gastronomia. Aqui se destaca a célebre posta (naco de vitela da raça mirandesa, criada em pastos naturais, assada na brasa), a marrã (porco assado na brasa), a sopa de xis, as cascas com bulho (vagens de feijão, secas, cozidas com bulhos, bochas, carne de porco gorda e outros enchidos), e os enchidos: [presuntos, alheiras, bulhos (chouriço de ossos), chouriços de sangue, linguças, bochas, chabianos, vilões e salpicão], as sopas das segadas, o cabritinho serrano, o cordeiro churro (assado na brasa), as nabiças e os queijos (cabra e ovelha churra), o mel, os "económicos", os "roscos", os "matrações", "as rosinhas" (doce de Bruçó), os "formigos" e outras iguarias, o folar da Páscoa, O artesanato da lã é ancestral, como o do linho.

Por Mogadouro passaram os mais diversos povos. Muitos vestígios dos celtas, dos muçulmanos, dos Templários e dos Távoras, arqueológicos ou arquitetónicos, povoam ainda grande parte das freguesias do concelho. Muita coisa, no entanto, foi destruída pela febre assanhada da vingança pombalina contra a nobre família.

O povoamento iniciou-se, em termos documentais, a partir do IV milénio a.C. Para trás, muito deve ter acontecido, mas não foi encontrado qualquer vestígio que o prove. O mais remoto elemento de vida humana em Mogadouro foi encontrado na Pena Mosqueira, uma anta, monumento funerário escavado em 1986 por uma equipa de arqueólogos da FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Outros vestígios arqueológicos importantes, do

similares aos do Palácio de Mateus em Vila Real. Ostenta uma imponente fachada, articulada com largas pilastras, de bases pesadas e muito salientes, num tipo muito corrente no Norte por esta época. A fachada central conserva, entre as duas janelas, o grande brasão, magnífica peça heráldica. O que faz com que este seja um dos mais elegantes solares do distrito de Bragança. Este edifício constitui um dos principais marcos arquitetónicos do concelho de Mogadouro. Foi mandado construir, em 1752, pela família dos Távoras, adquirindo brasão, em 1795, por carta de D. José I. Mais tarde, por outro Decreto Real, é conferida à família Morais Pimentel a propriedade que inclui o Solar dos Pimentéis. São os seus primeiros proprietários família da alta aristocracia com os gostos requintados pelos diferentes títulos e pelos cargos como o de vice-rei na Índia e embaixadores nas cortes europeias. O Imóvel possui 365 portas e janelas, uma por cada dia do ano". Outra versão alega: O solar dos Pimentéis em Santa Maria de Castelo Branco foi mandado construir pela família do governador do Rio de Janeiro "Castro Morais". Como as coisas correram mal a este governador aquando da tomada do Rio pelos franceses este veio aposentado para a dita aldeia e as filhas (duas foram para o convento) casaram com familiares dos Pimentéis e Sarmentos que, por via varonil, vão ser os herdeiros do dito palacete. Os Castro Morais eram da terra, valorosos militares da casa real e comendadores da comenda de Santa Maria a Velha de Castelo Branco a par da casa de Távora. ou seja S. M. de Castelo Branco foi sempre independente de Mogadouro, com juiz e abade residentes e só com as reformas administrativas depois do liberalismo é que perdeu o seu estatuto de vila e reguengo real. É um facto que a casa de Távora, senhor de Mogadouro teve muitas vezes influência nesta comenda.

período calcolítico, foram encontrados nas freguesias de Peredo da Bemposta e de Urrós. Durante a época romana, Mogadouro estivera integrado na Astúrica Augusta, capital de um dos três distritos em que estava dividido o Noroeste Peninsular. Alguns elementos desse período foram encontrados como vários altares votivos e estelas funerárias em Saldanha, Sanhoane, Peredo da Bemposta e noutras freguesias. Durante a Idade Média, as terras de Mogadouro desempenharam um importante papel na defesa do território português, recentemente conquistado aos mouros. Os ataques de Leão e Castela tinham aqui uma primeira e decisiva barreira. Foram então edificados os castelos de Penas Roias (1166) e de Mogadouro (também no séc. XII). Estavam ligados às fortificações de Algosó, Miranda do Douro, Outeiro e Vimioso e constituíam a linha de defesa do nordeste português. Controlada a estrada mourisca, principal via de penetração dos povos inimigos, grande parte dos ataques estaria salvaguardada. Aqueles dois castelos chegaram até nós, ao contrário do que aconteceu em outras regiões do País, mas deles vão restando cada vez menos vestígios, sendo necessária uma recuperação urgente para que a degradação não atinja o seu ponto limite.



CASTELO DE MOGADOURO

Mogadouro recebeu foral (D. Afonso II) em 1272. Os Templários a quem a vila havia sido concedida começaram a construir a muralha que D. Dinis concluiria. Após o século XV, a vila foi dominada pelos Távoras que edificaram um soberbo palácio, tendo, como senhores de Mogadouro, assumido importante papel na defesa de Trás-os-Montes durante a Guerra da Independência, a vila foi vítima de uma coluna napoleónica que, passando por Miranda do Douro, ocupou Bragança, Vinhais e Chaves. Ao Marquês de Pombal se fica a dever a quase total destruição da antiga riqueza, dos seus castelos e palácios. Podemos ainda apreciar as ruínas do Castelo. O concelho nem sempre teve a sua configuração atual. Algumas das povoações foram circunscrições independentes, com autonomia política e administrativa, rivalizando em importância social e económica com a sua sede atual. É o caso de Azinhoso, Bemposta, Castro Vicente e Penas Roias, antigas vilas com foral e concelhos com pelourinhos ainda subsistentes (à exceção do de Penas Roias) e as respetivas justiças próprias e funcionários. Registada na documentação oficial desde há vários séculos, foi o primeiro evento deste tipo na região. Falamos da mais tradicional Feira dos Gorazes. Refere o Pe. António Rodrigues Mourinho (Júnior) em relação a este assunto: "Quem trazia o goraz para Mogadouro? Só os almocreves. Em que condições de conservação viria o peixe para Mogadouro? Salgado? Seco? Que em Portugal o povo sempre se alimentou de peixe seco ou salgado, mas principalmente seco, é um facto. (...) O peixe a uma distância de trezentos quilómetros, mesmo salgado e, neste caso, o goraz não parecia fácil aguentar-se sem perigo de corrupção". Outros autores, no entanto, como Viterbo, encontram a origem da palavra no nome pessoal Gorazil ou Gouarazel. Mas a festa anunciava o tempo da matança dos porcos e servia para cumprir as obrigações fiscais aos «senhores do Mogadouro», justamente com carne de porco. Ditava a tradição que "os gorazes anunciavam a altura certa para começar a época das matanças do porco; as pessoas iam aos gorazes para comprar a primeira marrã [como lhe chamavam] e levavam-na como se fosse um mimo", refere o historiador. Na feira "havia um dia para a feira dos burros, que era o dia 15; no dia 16 decorria a feira normal; e no dia 17 era a feira do gado". Do ponto de vista social, era um acontecimento de grande importância para a vila, "vinha gente de todo o lado, a pé, a cavalo, e pernoitavam na vila; era então que se cantava à desgarrada, jogava-se às cartas e a festa era aproveitada para dar início a alguns namoricos", afiança. Em Sendim, perto de Miranda do Douro, «Grazes» (como diz o povo) é principalmente uma feira onde se vendem burros, mulas e cavalos desde há quase 300 anos, mas está a descaraterizar-se. Para quem deixa o vale do Sabor ainda carregado de névoa e sobe até ao planalto mirandês, logo ao nascer do dia, seguindo por Carviçais, Fornos, Lagoaça, Mogadouro...há de ver as carroças dos burros que tomam a estrada de betume com a carga das primeiras horas de um dia de trabalho, ainda na companhia dos seus velhos donos. Estes animais são a principal atração dos Gorazes, todos os anos a 30 de outubro. Atualmente, a Feira dos Burros está descaraterizada pela exposição das alfaias industriais e pelo negócio dos chineses e dos vendedores da banha da cobra. Mas em Sendim encontram-se ainda os chapéus e os lenços pretos dos velhos e velhas que descem das suas aldeias e por ali se instalam para vender as novidades de final de verão: queijo artesanal, cebolas, dióspiros, marmelos, romãs... Dentro de poucos anos já não será possível fazer, assim, retratos de «velhos gorazes».

Essa tue tan grande feira
De trinta de Outubro yê tal
Que nun beio nestas tiêrras
Outra que le seia eigual.

Em visita por Mogadouro, o escritor Nobel, José Saramago percebeu bem o espírito da região. Deixou impressões e memórias em "Viagem a Portugal": "O viajante é natural de terras baixas, lá para o sul, e, sabendo pouco destes montes, esperava-os maiores. Não faltam os acidentes, mas são tudo colinas de boa vizinhança, altas em relação ao mar, mas cada qual ombro com ombro, da qual está próxima e todas perfiladas. Em todo o caso, se alguma se atreve um pouco mais ou espigou de repente, então sim, tem o viajante uma diferente noção destas grandezas, não tanto pelo que está perto, mas pela vultosa serra ao longe. Chegando-se-lhe, percebe-se que a diferença não era assim tão grande, mas bastou para promessa de um momento. A linha férrea que vai ao lado da estrada parece de brincadeira, ou restos de solene antiguidade. O viajante, cujo sonho de infância foi ser maquinista de caminhos-de-ferro, desconfia que a locomotiva e as carruagens são desse tempo, objetos de museu a que o vento que vem dos montes não consegue sacudir as teias de aranha. Esta linha é a do Sabor, do nome do rio que se torce

e retorce para alcançar o Douro, mas onde esteja o gosto da traquitana, isso não descobre o viajante.” Falta apenas acrescentar mais alguns dados sobre a história de Mogadouro <http://concelhos.dodouro.com/jornal/mogadouro.asp>. Também por Mogadouro passavam os Caminhos de Santiago. Temos um Caminho (principal ao nível de Trás os Montes, a nível nacional, secundários), e vários outros menos importantes, constituindo uma autêntica rede “capilar” de inúmeros caminhos jacobeos. Este caminho principal chegava a Mogadouro vindo de Castelo Rodrigo, por duas vias possíveis: uma por Freixo de Espada à Cinta, (Castelo Rodrigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Escalhão, atravessava-se o Douro na barca de Barca de Alva, Quinta de Santiago, Freixo de Espada à Cinta, pelo concelho medieval de Mós, Fornos, Lagoaça, Bruçó, Mogadouro); outra por Moncorvo (Castelo Rodrigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Alameda, Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, atravessava-se o Douro na barca do Pocinho, Moncorvo, Vilarça, Adeganha, Parada (atravessava-se aqui o Sabor na barca de Santo Antão da Barca, Mogadouro). Em Mogadouro o caminho de Santiago bifurcava-se: um por Mogadouro, capela de Nossa Senhora do Caminho de Santiago, Azinhoso (temos um enorme alpendre na Igreja, a grandiosidade do próprio templo e na cachorrada da igreja, cachorros com motivos dos caminhos de Santiago, como cabaças (bilhas e vieiras), depois por uma ponte medieval que ligava a Penas Róias, Algosó, Vimioso, Bragança); outro de Mogadouro, Nossa Senhora do Caminho, Algosinho (igreja onde existem cachorros representando cabaças, símbolo dos peregrinos), Ventoselo (nesta freguesia existem vários vestígios: uma pintura no teto da capela do Senhor da Boa Morte que representa Santiago peregrino, a fonte da vila ficaria na rota dos caminhos, bem como a fonte do carril, e uma antiga capela de Santiago, hoje completamente destruída), Urrós, Sendim (de Senda, caminho), Miranda do Douro). Depois, havia inúmeros “capilares”, atalhos ou desvios secundários, ao Azinhoso podia chegar-se de Santiago (neste caminho ficava o monóptero de S. Gonçalo, santo associado aos caminhos); por Variz, Castanheira, Valcerto, Algosó, Campo de Víboras, Vimioso; a Santiago (Vila de Ala), importante cruzamento de caminhos, podia chegar-se de Peredo de Bemposta (por Algosinho, Ventoselo, Vila de Ala) e de Bemposta (por Lamoso, Tó e Vila de Ala). Quem vem do sul, antes de chegar a Mogadouro, em Zava, fica a capela de S. Cristóvão, santo protetor dos caminhantes. O nome de Zava (o povo também pronuncia Zaba), virá de Zabah (que quer dizer, depressão). Quanto à origem do nome Mogadouro, excetuando teorias fantásticas ou menos credíveis como a origem muçulmana do nome, a versão mais corrente é do Professor Adriano Vasco Rodrigues: “Mógo significa marco implantado, ou considerado simbolicamente como separação ou divisão de um território. Tem o mesmo significado que moiom, ou linde, que é uma baliza para demarcar uma área. O termo foi importado da linguagem popular. O marco do Douro, o Mogadouro, terá nascido assim. Como judiciosamente esclarece Rosa de Viterbo, no *Elucidário*, no seu tempo, isto é, no século XVIII, ainda nesta região de Trás-os-Montes a palavra mógo se ligava a marco de separação dos terrenos, sendo frequente o uso deste vocábulo em Ansiães.” “A Reconquista prossegue atingindo a máxima expansão territorial daquele reino das Astúrias com Afonso III o Magno. Reinou 43 anos, tendo, desde 870, desencadeado uma série de campanhas. Chegou com as suas tropas a Coimbra e a Mérida, a antiga capital da Lusitânia. A ele se deve a fortificação e organização militar da linha do Douro à base de castelos, tornando este rio fronteira estratégica e não fronteira política. Para oriente, a difusão dos castelos deu origem a Castela, a terra dos castelos... Este é o melhor testemunho do já unificado reino astur-leonês. Ao mesmo tempo que D. Afonso III efetuava incursões nas terras dos Mouros, repovoava o território e organizava a sua defesa. Restaurou Orense e outros povoados vizinhos de León. Repovoou parte do Minho, no atual bispado de Braga (Galiza Bracarense), e restabeleceu as sedes de bispados como as de Chaves, Braga e Porto. Porém, a grande obra política militar e estratégica de Afonso III foi a fortificação ao norte do Douro, aproveitando as defesas naturais, de modo a quebrar as incursões para Norte. Fortificou Zamora de raiz, levantando outros castelos nos chamados campos góticos, cujo repovoamento iniciou em 893. Toro e Simancas surgiram então. Deve datar desta altura o aproveitamento de Mogadouro como ponto estratégico e construção da primeira fortaleza, reedificada mais tarde. A toponímia é esclarecedora. Os testemunhos mais antigos que a arqueologia descobriu, datam do século IV a.C. e foram encontrados numa mamoa em Pena Mosqueira, aldeia de Sanhoane, e noutra no Barreiro, aldeia de Vilar do Rei. Do Paleolítico, nada se encontrou. Estes vestígios do Neolítico, foram encontrados numa mamoa em Pena Mosqueira, aldeia de Sanhoane, e outra no Barreiro, aldeia de Vilar do Rei. Vejamos o que diz o Dr. Domingos Marcos e o texto de Rui Cunha e Maria João Cunha, na sua já citada obra: *Do período Calcolítico, transição do Neolítico para a Idade dos Metais, ou do Bronze Final, parecem ser as pinturas rupestres da Fraga da Letra, junto ao castelo de Penas Róias. Da Idade do Ferro, conforme se constata pela edificação de vários castros em locais estratégicos de difícil acesso, por vezes em escarpas sobre o Douro, o Sabor ou o Angueira (castros de Algosinho, Vilarinho dos Galegos e Bruçó), pouco se conhece sobre a região, devido à falta de trabalhos de investigação profundos e sistematizados levados a cabo neste concelho. Da Proto-História, registam-se os inúmeros povoados fortificados alcantilados sobre as arribas dos rios Douro e Sabor. O Dr. Hermínio Augusto Bernardo, no seu estudo, “Povoados Castrejos Portugueses e Espanhóis da Bacia do Douro Internacional”, enumera alguns castros, no concelho de Mogadouro, dos quais destacamos: Castelo dos Mouros (Bruçó); Castelo dos Mouros (Vilarinho dos Galegos); em Peredo de Bemposta; Castelo, presumivelmente um castro (Bemposta); Castelo de Oleiros (Urrós); Cerca e Caçarelhos, Picão da Bouça d’Aires (Urrós). No castro romanizado de Picão da Bouça d’Aires (Urrós), existe um santuário rupestre chamado “Altarico”. Estes não são todos os castros que existem no concelho de Mogadouro, existem muitos mais espalhados pelo concelho, como por exemplo, o castelo da vila de Mogadouro está assente sobre um castro. Muitos deles foram romanizados. A partir do I milénio a.C. começaram a chegar à Península Ibérica diversos povos provenientes do centro da Europa, pertencendo ao grande ramo dos Celtas. Um povo mencionado por Estrabão e também referido em aras votivas encontradas em Castro de Avelãs (Bragança), os Zoelas [ou Zoelae] que, segundo vários autores, se estenderiam desde as serras da Nogueira, Sanábria e Culebra até, pelo menos, aos montes de Mogadouro, era portador de elementos de cultura singular que trouxe até nós estelas funerárias frequentemente decoradas com suásticas circulares, simbolizando o sol, mas também com motivos zoomórficos como o porco e o veado. Não se sabe se os Zoelas faziam parte destes invasores, de origem centro-europeia, eventualmente céltica, ou se faziam parte de povos autóctones peninsulares como os Ástures Augustanos, considerados “um dos mais antigos substratos étnicos da Península”. Entre o espólio deste período há um curiosíssimo conjunto de peças, gravadas e esculpidas*

num tipo de pedra inexistente na região, semelhante a "pedra de sabão", das quais duas esculturas representam cavalos. alguma relação com os Equaesii (Equu, do latim, com o sentido de cavalo)? Seria o cavalo o seu elemento totémico? Também não deixa de ser curioso que Boch Gimpera localize os Equaesii entre a serra de Bornes e os cimos de Mogadouro, se pensarmos que estas peças foram encontradas em Castro Vicente, na margem direita do Sabor, supostamente em pleno território dos Equaesii. Estas e outras interrogações aguardam respostas que venham trazer luz à evidente importância do passado arqueológico do concelho de Mogadouro. Posteriormente, a ocupação romana traz modificações significativas ao fâcies da paisagem e à organização social e administrativa. Senhores de uma técnica agrícola mais evoluída, e com um sistema produtivo desenvolvido a uma escala de mercado, promoveram o arroteamento dos campos para permitir a cerealicultura extensiva, fixaram-se em estruturas construtivas organizadas, as vilas, teriam, provavelmente, fortificado infraestruturas já existentes, como no castelo de Penas Roias, conforme achados encontrados pelo arqueólogo Domingos dos Santos Marcos, romperam estradas que ligaram a região de Mogadouro à Capital do Conventus, Asturica Augusta (atual Astorga), capital da província da Hispânia Citerior, à qual pertencia Mogadouro. No entanto, mau grado as alterações do povoamento, manteve-se a originalidade cultural deste espaço, revelada pelo estilo próprio das estelas funerárias, com elementos decorativos muito característicos, e pela ocorrência frequente dos chamados berrões". É de registar, desta época, o berrão de Vila dos Sinos (perto da aldeia de Vilarinho dos Galegos). De entre o espólio desta época, a estela funerária de Sanhoane e o curiosíssimo altar votivo de Saldanha. Depois da queda do Império Romano do Ocidente (século V d.C.), constituem testemunhos dos novos invasores, provavelmente Suevos ou Visigodos, as necrópoles medievais de Algosinho e Urrós, com os seus túmulos antropomórficos". Na Idade Média, há a destacar o papel dos castelos de Mogadouro e Penas Róias (ambos do século XII), na linha de defesa da nossa fronteira, contra Castela e Leão. Estrategicamente bem colocados, controlando a Estrada Mourisca, esta linha de defesa foi muito importante no período de formação e consolidação da nacionalidade. Esta linha de castelos, protegia as velhas estradas romanas e medievais, pelos castelos de Mogadouro, Penas Roias, Miranda do Douro, Algosinho, Vimioso, Outeiro e Bragança. Desta época são as necrópoles de Urros e Algosinho. Algumas das povoações que hoje se integram em Mogadouro foram circunscrições independentes, com autonomia política e administrativa, que rivalizavam mesmo em importância social e económica com aquela que é hoje a sua sede. É o caso de Azinhoso, Bemposta, Castro Vicente e Penas Roias, todas elas antigas vilas, com foral, e concelhos, com pelourinhos ainda subsistentes (à exceção do de Penas Roias) e as respetivas justiças próprias e funcionários. Mogadouro na Idade Moderna está associado à família nobre dos Távora. Apesar do extermínio que tal família sofreu, em meados do século XVIII (acusada de atentado contra o rei D. José), pela mão de um Marquês de Pombal febrilmente antinobiliárquico, alguns dos seus bens podem ainda hoje ser vistos com admiração em Mogadouro. É o caso do seu palácio, praticamente em ruínas, e a Quinta de Nogueira, perto da vila, com a sua pedra de armas em granito, setecentistas. Nos finais do século XIX, aquando da candidatura de Trindade Coelho como deputado por Mogadouro o eminente político publica um livro sobre o assunto, "A Minha "Candidatura" por Mogadouro". O partido acabaria por não ir às urnas, mas de qualquer modo ficava uma obra excelente sobre o Mogadouro de finais do século e as confusas tricas políticas da agonia monárquica. A importância de Trindade Coelho não se resumiu, no entanto, a este incidente político. Dedicado à sua terra, como poucos, deixou obra feita. Conforme referiu João de Araújo Correia: "Era transmuntano. Quem o é de raiz não pode ser discípulo de ninguém. Tem dentro de si uma Universidade. Com os olhos postos em Mogadouro, escreveu "Os Meus Amores" - livro que não é livro. É a própria terra do escritor, reproduzida pelo talento de quem lhe quer bem". A matriz inicial de Mogadouro, antecessora da atual, era de estilo românico ou até visigodo. Não se sabe quando foi substituída por aquela que podemos ver hoje no centro da freguesia e que já é referida em documentos dos inícios do século XVI. Remodelada em finais da centúria seguinte - passou a ter três naves - voltou a sê-lo no século XVII, data em que lhe foi acrescentada uma torre quadrangular, que ainda hoje existe e que na altura simbolizava um luxo a que só as grandes paróquias podiam aspirar. As naves do templo são separadas por arcos de meio ponto bem abertos e assentes em capitéis de ordem toscana. A capela-mor, manuelina, é pequena, mas tem alguns motivos de interesse, dos quais a abóbada (com os seus arcos cruzeiros) não será por certo o menor. Entre as naves e a capela-mor, um arco triunfal e um degrau para subir para a capela-mor. Três janelas renascentistas populares iluminam de forma eficaz as três naves. Quanto ao exterior da igreja, na frontaria a torre sineira, constituída por três pisos. O Convento de S. Francisco, referido em documentos de 1609 (frades terceiros da Ordem de S. Francisco), foi ampliado com a data incerta na frontaria, 1689, que deve indicar o ano em que as obras ficaram concluídas. Foi mandado edificar por D. Luís Álvares de Távora, sétimo comendador de Mogadouro e extinto em 1834 - com o liberalismo - através de um decreto de Joaquim António de Aguiar, celebrizado como "mata-frades". Com uma planta em forma de cruz latina, inspirada nas igrejas jesuítas do século XVI, o Convento no centro da vila, tem o principal ponto de destaque a torre sineira, quadrangular, que termina em forma piramidal. O interior, é criptolateral, um estilo que só mais tarde se espalhou pelo resto do País e até pela Europa. O coro conserva as cadeiras onde os frades se sentavam. A parte do convento, cujos claustros eram fechados e de planta quadrada, revela-se como um dos mais importantes edifícios maneiristas do Nordeste. Na etnografia do concelho há inúmeras festas, procissões e romarias, em especial no verão, em homenagem a vários santos: S. Brás, S. Pedro, S. Bento, S. João, Santa Catarina, etc. O paganismo, também tem o seu lugar, em festas como o "Velho Chocalheiro", em Bemposta, o "Farandulo" de um "indivíduo" de cara alegre e risonha que se chama Tó, ou das Festas da Bexiga em Bruçó.

Estes anos de férias transmuntanas foram o apogeu da minha juventude que jamais esquecerei.

59. CRÓNICA 59 DE PONTA DELGADA A LISBOA, PORTO E FUNCHAL AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE, 31 outubro 2008

59.1. PONTA DELGADA - LISBOA

A vida tem coisas destas, está uma pessoa bem descansada na sua reforma, com o lazer como forma de vida e de repente, sem se dar conta, é chamado a prestar serviço ativo. Por vezes acontece, mas sempre no conforto do seu lar, nas suas horas vagas e consoante a inspiração diária, mas desta vez tudo foi diferente. Era preciso marchar e andar ao serviço de Sua Majestade, a Rainha Isabel I da Austrália. Uma aventura diferente e certamente não apreciada pela família, que se iria ver separada durante uns dias, pela primeira vez, ao fim de quase catorze anos. A viagem em classe executiva Ponta Delgada - Lisboa, cortesia do governo de Camberra, correu sem incidentes.

A chegada a Lisboa pela meia-noite foi acompanhada duma prolongada e inusitada espera, de mais de 45 minutos pela bagagem no terminal 2, a uma hora em que não havia mais nenhum tráfego aéreo. Fruto da ineficiência propalada pelas críticas à Groundforce que explora aquelas atividades e tem sido acusada de tudo, até de roubos. Depois foi uma alucinante viagem de táxi com um condutor obviamente no pleno uso das capacidades inebriantes do peyote mexicano ou qualquer outra droga inibidora das capacidades motoras e de discernimento. Seria daltónico? Sinais vermelhos ou semáforos verdes eram iguais. Poderia ser um caso extremo de daltonismo não fora a velocidade média de 120 km/h em plena Avenida de Roma, e a agressiva travessia da rotunda do Marquês de Pombal colocando-se à frente doutras viaturas que já ali circulavam e eram obrigadas a travar. O facto de chegar, são e salvo, foi rapidamente celebrado com a apressada saída da viatura kamikaze, à porta do Hotel Marquês de Pombal, na esquina com a avenida Alexandre Herculano.

A hora ia adiantada e o sono só chegaria pelas 4 da manhã, para um toque de despertar da TV e do telefone pelas 07.20 horas. Depois foi a ida para o salão de pequeno-almoço experimentar, pela primeira vez na vida a minha futura droga, um Nespresso de café saborosíssimo, especialmente os mais, fortes Arpeggio e Ristretto. Estava a preparar-me para me deliciar com o primeiro desses dois Nespresso quando a médica australiana, que iria coadjuvar ao longo dos próximos dias, se aproximou e se identificou. Saímos passados minutos, numa longa caminhada pela Fontes Pereira de Melo até Picoas e depois descendo a António Augusto de Aguiar. Paragem num consultório médico e num laboratório, antes de seguirmos, a pé, para o segundo encontro da manhã numa clínica médica e numa de radiologia que nos levaria (sempre) a pé até ao Hotel do Marquês perto do meio-dia e meia hora. Fui ao quarto refrescar-me, dei uma volta pelas imediações e sentei-me na Irlandesa, uma pastelaria nascida em 1938 pela mão de José Loureiro Botas, um prosador célebre (1902-1963). Uma refeição ligeira de prego no prato pela módica quantia de 6,50 euros. (Em 2017 era uma hamburgueria).

O intervalo de almoço era curto pois, pelas 13.30, tínhamos de ir a pé até à estação de metro do Parque (Eduardo VII) em frente da qual se localizava a Clínica Internacional de Lisboa e a clínica de radiologia anexa, onde tínhamos de tratar assuntos do governo australiano relacionados com a imigração e atestados médicos emitidos em Portugal. Depois, regresssei ao hotel, passei pelas brasas a recuperar algum do sono perdido na noite anterior.

Nas poucas horas passadas na capital descobri uma cidade mais limpa do que era habitual, com os condutores (quase todos) a pararem nas passadeiras para os peões atravessarem, menos lixo no chão, pessoas sempre apressadas como acontece em todas as cidades, e um número infimo de prédios devolutos, entaipados e em ruínas a contrastarem com modernos edifícios de escritórios e de hotéis de luxo. Uma surpresa positiva e inesperada na cidade mais falida de Portugal.

Pelas 20 horas, um amigo de longa data, dos anos áureos de Sidney, ex-cônsul da Emigração, o Eduardo Guedes de Oliveira (atualmente quadro superior da GALP) veio buscar-me para jantar. Fomos a uma Cervejaria Portugalia nova, na zona de Alcântara - Cais do Sodré, com uma bela vista para o Tejo (e era noite) não muito longe do magnífico edifício de rico recheio que é o Museu do Oriente da Fundação do mesmo nome.

Por outro lado, não olvidemos que as cidades também têm uma vida própria e pode transmutar-se independentemente do que os próprios habitantes se não apercebem por viverem nelas. Lisboa estava diferente, absolutamente mais limpa e com menos grafitti e mais civismo, havia papeleiras e cinzeiros nas ruas em frente aos prédios onde os párias leprosos dos fumadores podiam deixar as beatas ou priscas do seu vício socialmente condenável, desde que o governo decidira não ser aceitável fumar tabaco em locais fechados. Era assim o mundo, longe iam os dias do glamour cinematográfico do cigarro descaído ao canto da boca dos atores da moda. Agora as modas eram outras, como ser-se gay ou lésbico e era necessário garantir os seus direitos porque, como grupo, como componente social, o seu poderio político e económico assim o exigiam e vivíamos já no século XXI do politicamente correto. Em Lisboa uma outra alteração se dera, as pessoas sabiam já indicar direções e apontar caminhos aos transeuntes forasteiros como nós. Uma revolução pacífica se operara e ninguém dera conta. A vida ao contrário dos rios não corre sempre na mesma direção, embora houvesse países apostados em descer os rápidos rumo ao abismo, mas esse não era o seu país, nem nele habitava. O seu país, real ou imaginado, era ele quem o construía, dia após dia, utopia após utopia, numa galopante desfilada de morros e desfiladeiros que se entretinha a ultrapassar como se fossem meros morros ou pequenas dunas, castelos de areia que ele, mar, tinha por obrigação alisar.

Na manhã seguinte, livre de trabalho levantei-me para um pequeno-almoço tardio e fizera o tempo render até que o seu filho gémeo mais velho me viesse visitar para irmos almoçar juntos, numa cumplicidade que, até aí, nunca existira (nem voltaria a existir). Incómodos de principio, até porque a esplanada da Irlandesa (em 2017 era uma hamburgueria ou pizzaria irreconhecível) estava impraticável devido às ventanias ciclónicas que nessa manhã se tinham abatido sobre a cidade com muita chuva. Acabamos, e ainda bem, por ir mais acima na mesma rua Alexandre Herculano onde um pequeno café (Pastelaria Herculano) tinha algumas mesas abrigadas para poderem almoçar. Acabamos a falar de banalidades e não só, de planos futuros quer a nível emocional quer a nível profissional e estabeleceu-se uma pequena ponte para o entendimento que até aí nunca existira. O futuro dirá se sobrevive às intempéries.

A chuva, entretanto, fazia-se sentir e pelas 13.30 já eu estava no átrio do hotel esperando a médica australiana, que a cada passo que dava me obrigava a dar dois, vegetariana, amante da natureza e de passeios a pé, com mais que um metro e oitenta e uns cem quilos bem pesados. Simpática apesar de tudo e apologética pela chatice do trabalho que acabaria por se revelar pouco exigente e bem pago.

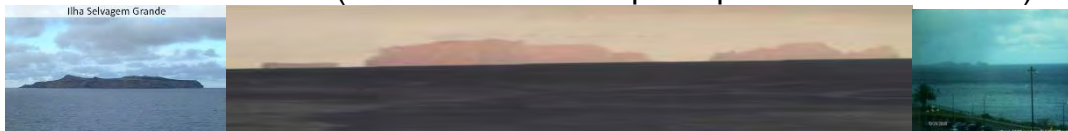
59.2. LISBOA - FUNCHAL

Para quem - como eu - nunca gostou do Alberto João Jardim e algumas linhas escrevi a ridicularizar a personagem e o político que reina na Madeira há duas décadas e meia, jamais esquecerei que a minha melhor memória dele se resumia a levar com uma chuva de perdigotos dele nas suas visitas à Austrália, quando eu era jornalista da LUSA e tinha de ir entrevistar aos clubes madeirenses em Sidney.

A Madeira era um local que prometi apenas visitar depois de o mesmo ser apeado do poder. Contudo, após hora e meia de voo, a Madeira revelou-se uma agradável surpresa depois de sobrevoar a inóspita ilha de Porto Santo que é constituída por uma barreira de areia esbranquiçada orlando a costa sul, um pequeno maciço no norte e o resto é plano, entrecortado a meio por uma pista de aviação ou aeródromo.



Porto Santo, visto do ar, parece que pouco se alterou desde que Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira ali chegaram em 1418. A população de menos de três mil almas é asoberbada por mais de dez mil turistas e o equilíbrio ecológico far-se-á sentir descomedido em breve. Minutos depois de sobrevoar a ilha avista-se a ponta sul da Madeira, do velho Bartolomeu Perestrelo, rochedos e penhascos perdidos no mar como se algum gigante se tivesse esquecido de os buscar para lançar a sua fisga, enquanto um farol solitário observa lá do alto, guardião destas ilhas e ilhotas antes infestadas por piratas. O seu pico atinge 1832 metros e fica 660 km a oeste de Marrocos, no mesmo paralelo da mítica Casablanca e apenas a 440 km das Canárias (a mesma distância que separa Timor de Darwin).



DESERTAS

Tem apenas 57 km de comprimento e 22 de largura máxima numa área de 740,7 km². A sua população ronda os 244 300, 80% dos quais vivem na costa sul e desses cerca de cem mil vivem na capital, Funchal. Uma enorme densidade populacional, das maiores da Europa, com 330 habitantes por quilómetro quadrado. Ao largo viam-se as Desertas (ilhéu Chão, Deserta Grande e Bugio) e no infinito horizonte algures 250 km a sul estariam as Selvagens e o seu santuário animal. A ilha da Madeira é um enorme casario que se espraia monte acima, monte abaixo, entrecortado por estradas, túneis e autoestradas que sulcam os ares, pendurados por cima de profundos vales, todos virados a sul e à baía majestosa celebrizada nas imagens dos finais de ano com fogo-de-artifício do Funchal. O aeroporto inaugurado em 2000 está em estacas a uma considerável altura e impressiona pelo feito recente da sua arquitetura, no entanto a zona continua sujeita a ventos imprevisíveis e ao fator *wind shear* que assusta tanto passageiros como pilotos.

A inclinação íngreme do terreno por onde a auto-estrada, nos leva nos 25 km que separam o aeroporto da capital, fez evocar lutas ancestrais de David contra Golias, para subjugar este terreno árduo, conquistado palmo a palmo, rocha a rocha, numa clara manifestação da vontade suprema do homem sobre a natureza. Jardim ficará sempre como o homem que cavou túneis em toda a Madeira e nela fez estradas improváveis. De noite, tudo parece um enorme presépio descendo do alto dos montes, em cascata para a bela baía, ali mesmo onde o fogo-de-artifício marca a passagem de ano mais conhecida do Império Português.

Os prédios, incluindo a maior parte dos hotéis, descem do nível da rua, aí uns 5, 10 ou 15 andares até ao nível inferior onde a história se repete. De súbito desceu-se ao nível do mar cuja temperatura era então de 23 °C comparados com apenas 19 °C de temperatura do ar, um desafio a que a minha colega médica australiana não poderia resistir antes de regressarmos. Belo presépio iluminado, enquanto na marina, os iates e os grandes barcos de cruzeiro deixam inequívoca a noção de que estamos numa terra que vive quase exclusivamente de e para o turismo.



novο aeroporto Funchal



CATEDRAL

forte de são Tiago



Quinta Vigia (ou Quinta Lambert ou das Angústias) - forte do pico

QUINTA VIGIA OU DO LAMBERT

A parte velha do Funchal, elevada a cidade em 1508, onde ainda hoje se localiza o centro nevrálgico tem inúmeros edifícios do século XV bem preservados e pintados. Ao contrário de Lisboa aqui não se veem muitos edifícios como são meras carcaças devolutas aguardando demolição. A Catedral, verdadeiro ex-libris, intacta desde a sua construção, foi a primeira Sé ultramarina. Nos anos 90 do século XV, D. Manuel I enviou o arquiteto Pêro Anes para trabalhar no desenho da catedral do Funchal, que ficou concluída em 1514. No entanto em 1508, quando o Funchal foi elevado à categoria de cidade, já se celebravam missas no templo. Contudo, o coruchêu da torre sineira e mais alguns detalhes só vieram a ser finalizados cerca dos anos de 1517-1518. Destacam-se ainda o Palácio de São Lourenço (trata-se da primeira fortaleza e foi construído entre 1529 e 1540), o Paço Episcopal (originalmente construído em 1567, posteriormente melhorado e ampliado que voltou a sofrer modificações nos séculos XVII e XVIII, apresentando assim características maneiristas e barrocas. Da original construção destaque para a arcaria do tipo "loggia" à italiana e para a capela de São Luís. Na primeira metade do século XX, foi beneficiado com obras para acolher o Museu de Arte Sacra do Funchal. Os seus arcos impressionam qualquer visitante que parece ter recuado no tempo e na história. O Museu é constituído por coleções de pintura, escultura, ourivesaria e paramentaria, cronologicamente entre os séculos XV e XIX. É de realçar, ainda, a coleção de escultura flamenga, proveniente especialmente de Malines e de Antuérpia dos séculos XV e XVI, a qual chegou à Madeira no século XVI na chamada época áurea da produção açucareira. Os painéis flamengos distinguem-se não só pela sua grande qualidade como pelas grandes dimensões, pouco comuns nos museus da Europa. Ainda a salientar o Forte de São Tiago datado de 1614 quando o domínio quase absoluto dos Portugueses nas rotas do Atlântico Norte, não merecia qualquer cuidado especial na defesa das ilhas. Por esta razão, em 1566, o Funchal acabou por ser vítima dum terrível ataque desencadeado pelos corsários, mas, apesar da constante iminência de novo ataque, só em 1614 é que se construiu a Fortaleza de Santiago com o intuito de proteger a cidade. Em 1767 foi ampliada e foi usada com fins militares até 1992, altura em que foi cedida ao Governo Regional que decidiu utilizá-la para fins culturais. O Forte de São João Baptista (Fortaleza do Pico) na zona de São Pedro, como reduto militar foi edificado no começo do século XVII, em forma de estrela com quatro baluartes pentagonais, cujo projeto foi provavelmente feito por Mateus Fernandes III. Havia ainda a assinalar o Teatro Municipal Baltazar Dias datado de 1888 e a Quinta Vigia (ou Quinta Lambert ou das Angústias) ilustrativa das mansões do século XVII onde viveu a Rainha Adelaide de Inglaterra, o Duque de Luchtenberg e a Imperatriz Amélia, sendo a atual residência do Presidente do Governo Regional...

59.3. ALGUMAS NOTAS SOBRE A HISTÓRIA

Nos finais do século XV, com base na exploração do açúcar, a Madeira torna-se um centro internacional de negócios de capitais alemães, mercadores italianos e flamengos, sob a Coroa portuguesa. A produção e distribuição do açúcar foi uma das bases do capitalismo mercantil internacional da época moderna. O porto teve um enorme incremento, por ali passando os interesses e os agentes económicos da nova sociedade mercantil, como Cristóvão Colombo, então negociante de açúcar, que ali residiu e casou com Filipa Moniz, filha do falecido Capitão de Porto Santo, Bartolomeu Perestrelo. A importância do porto levou a que o pequeno burgo medieval fosse objeto de atenção especial de D. Manuel, mesmo antes de ser rei de Portugal. Em 1486, como duque de Beja, dera ordens para se construir um núcleo administrativo central, entre o burgo medieval de Santa Maria Maior e a área senhorial de Santa

Catarina e São Pedro, residência de João Gonçalves Zarco. Cedeu o “seu” Campo do Duque, mandando aí construir a Câmara, com Paço para os tabeliães e uma “Igreja Grande”, que depois transformou em Sé. Tendo a sua mãe, a infanta D. Beatriz, instituído as alfândegas (1477), no Funchal e Machico, mandou levantar um importante edifício para Alfândega. Dado o regime de ventos, todas as armadas da Europa com destino ao Atlântico Sul e ao Índico, passavam pelos seus mares. O mesmo sucedia com as armadas holandesas e inglesas rumo à América Central. Ao longo dos séculos XVI e XVII, a ilha assegurou uma posição estratégica e comercial graças a um novo produto: o vinho da Madeira. A vinha fora introduzida pelos primeiros povoadores. Em 1455, o navegador veneziano Luís de Cadamosto, ao visitar a Madeira, referia a excelência das uvas madeirenses. Em meados do século seguinte, William Shakespeare fez referência aos vinhos da Ilha em algumas das suas peças. A sua fama seria tão importante, principalmente o malvasia, que o dramaturgo descreve que o duque de Clarence, irmão do rei Eduardo IV, escolhera morrer afogado num tonel deste vinho. Nos séculos seguintes, são atribuídas aos vinhos madeirenses qualidades terapêuticas cuja excelência aumentava com as longas viagens marítimas, pelo que as grandes armadas a caminho das Índias Ocidentais e Orientais ali paravam para se abastecer. No século XVIII, o almirante James Cook, tripulando o Endeavour (1768) e o Resolution (1772) lá esteve com especialistas, que descrevem a flora e a fauna da Madeira. A importância estratégica foi reconhecida pelo Almirantado Britânico em meados do século XVIII, levando a constantes levantamentos geodográficos. Perante a instabilidade política na Europa, decorrente das campanhas napoleónicas, em finais de 1801 uma importante armada de mais de 100 navios ancorou os seus 109 navios na larga baía, desembarcando um contingente militar sob o comando do general Henry Clinton, que ali permaneceu enquanto decorriam as negociações no Continente. Nova ocupação ocorreu quando os franceses invadiram a Península Ibérica, em finais de 1807. A corte portuguesa fugiu para o Brasil, não tendo ficado à mercê das forças napoleónicas, como ocorreu com a espanhola. A Madeira conheceu uma ocupação mais longa, que se prolongou para além dos tratados de paz. Pela Madeira, a caminho do exílio em Santa Helena, passou o imperador Napoleão Bonaparte, que foi presenteado com frutas, livros e uma pipa de vinho. No século XIX correu pela Europa a fama do clima, recomendado para terapia de doenças pulmonares. A Ilha torna-se uma importante estância de veraneio, por ali passando importantes cabeças coroadas, como as imperatrizes do Brasil, as arquiduquesas Leopoldina da Áustria (1817), e Amélia de Luchtenberg (1852). Pela Madeira passaram, em longas estadias, a rainha Adelaide de Inglaterra (1847), o príncipe Maximiliano Napoleão, duque de Luchtenberg (1850), e o futuro imperador Maximiliano do México e mulher, Carlota da Bélgica (inverno de 1859-1860). A figura mais marcante foi a imperatriz Isabel da Áustria, que ali se recolheu entre 1860 e 1861. A imperatriz Sissi, como ficou conhecida na bibliografia romântica, nunca esqueceu os momentos na Ilha, onde foi pela primeira vez fotografada, tendo regressado em 1893-94. Os Habsburgo haveriam de ficar para sempre ligados à Madeira, ali tendo falecido no exílio, Carlos de Áustria, o último imperador, em 1922. O seu corpo repousa na igreja matriz de Nossa Senhora do Monte, frente à quinta onde passou os seus últimos dias. Foi reconhecido para beatificação em 2004. Cite-se ainda o conde Alexandre Charles de Lambert, ajudante de campo do imperador da Rússia, que se fixou na Ilha nos inícios de 1863. Casado no ano seguinte, ali morreria antes do nascimento do seu herdeiro. O conde Carlos Alexandre de Lambert, nascido na Madeira a 30 de dezembro de 1865, depois marquês de Lambert, foi um dos pioneiros da aviação francesa, atribuindo-se-lhe a invenção dos hidroaviões. O primeiro raide internacional sobre o Atlântico teve como destino o Funchal em 22 de março de 1921 e a viagem de Lisboa foi feita pelos pilotos Sacadura Cabral, Gago Coutinho e Ortins Bettencourt, com o mecânico Roger Soubiran, num F 3, com motores Rolls-Royce. Serviu de ensaio para a viagem que aqueles pilotos efetuariam no ano seguinte entre Lisboa e o Rio de Janeiro. Com o final da segunda Guerra Mundial as primeiras carreiras aéreas regulares com caráter turístico foram para o Funchal. O voo inaugural da Aquilla Airways ocorreu a 15 de março de 1949, iniciando-se as viagens regulares e comerciais a partir de 15 de maio seguinte, com hidroaviões que, procedentes de Southampton, amarravam na baía. A pista do aeroporto da Madeira tinha má fama, pela curta pista que, cercada pelo oceano e por montanhas, tornava a aterragem complicada até para os pilotos mais experientes. Com uma pista de 1.400 metros, o Aeroporto foi inaugurado a 8 de julho de 1964, com toda a pompa e circunstância, pelo então Presidente da República, Américo Tomás, embora a primeira aterragem se tivesse dado em 1958. Em 19 de novembro de 1977 ocorreu um trágico acidente, que custou a vida a 130 pessoas, quando um avião da TAP falhou a aterragem, caindo ao mar. Em 1985 foi inaugurada a primeira ampliação da pista, para mais 200 metros. A pista original aumentada em 400 metros depois do incidente do Voo 425 da TAP em 1977, foi reconstruída em 2003, praticamente dobrando o tamanho da pista construída acima do mar. Em vez de proceder a aterros, foram construídos 180 pilares com 70 metros de altura cada, que sustentam a construção. O aeroporto ganhou o Outstanding Structures Award do IABSE, considerado o Óscar da engenharia, num projeto do Eng.º Edgar Cardoso, completado por Segadães Tavares. O Funchal foi elevado a cidade em 1508, e é na sua parte velha onde hoje se localiza o centro nevrálgico com inúmeros edifícios do século XV bem preservados e pintados. Ao contrário de Lisboa aqui não se veem edifícios que são meras carcaças devolutas aguardando demolição. A Catedral, verdadeiro ex-libris, intacta desde a sua construção, foi a primeira Sé ultramarina. Nos anos 90 do século XV, D. Manuel I enviou o arquiteto Pêro Anes para trabalhar no desenhando a catedral, que ficou concluída em 1514. No entanto, quando o Funchal foi elevado a cidade, já se celebravam missas no templo. Realce-se ainda o Teatro Municipal Baltazar Dias datado de 1888 e a Quinta Vigia (Quinta Lambert ou das Angústias) ilustrativa das mansões do século XVII onde viveu a Rainha Adelaide de Inglaterra, o Duque de Luchtenberg e a Imperatriz Amélia, sendo a atual residência do Presidente do Governo Regional. Digno de menção o Forte de São Tiago construído em 1614 quando o domínio dos Portugueses nas rotas do Atlântico Norte, não merecia cuidado especial na defesa das ilhas. Por esta razão, em 1566, o Funchal acabou por ser vítima dum terrível ataque desencadeado pelos corsários. Apesar da constante iminência de novos ataques, só em 1614 se construiu a Fortaleza de Santiago com o intuito de proteger a cidade dos piratas. Em 1767 foi ampliada. Foi sempre usada com fins militares até 1992, data em que foi cedida ao Governo Regional para fins culturais. O Forte de São João Baptista (Fortaleza do Pico) na zona de São Pedro, como reduto militar foi edificado no começo do século XVII, em forma de estrela com quatro baluartes pentagonais.

59.4. HÁ FUNCHAL E FUNCHAL

Voltando às primeiras impressões da Madeira, constatei inúmeros autocarros modernos, a circularem a horas certas, e o trânsito cuja fama era de estar sempre congestionado fluía, sem abrandar desde as sete da manhã, como pude observar na televisão local. Parece nunca parar até cerca da meia-noite. Só então a cidade respira e descansa dum dia mais, invadida por milhares de forasteiros que diariamente aqui desembarcam para uma estadia média de uma semana. Cem mil dos 280 habitantes da ilha vivem na cidade, com 80% da população na costa sul. Há aqui progresso e desenvolvimento (de betão), vê-se obra, motivo porque o Jardim volta sempre a ser reeleito com larga maioria, políticos deram algo que se possa ver. Não contesto a falta de liberdade e nepotismo que possa existir, mas limito-me a observar o desenvolvimento económico da pequena ilha. Há inúmeras obras destinadas a facilitar a vida dos que vivem fora da capital, onde os preços imobiliários são mais convidativos.

No Funchal, assiste-se ao aparecimento da “máfia” russa que adquire prédios e propriedades como uma criança na loja de doces. O taxista que nos trouxe e nos levou ao aeroporto contou que na semana anterior andara com uma família russa que apenas gastara dinheiro vivo (*al contado*) tendo comprado um palácio ou mansão oitocentista, mais um apartamento de luxo sobranceiro ao mar num dos mais modernos condomínios, e duas viaturas topo de gama, tudo com uns trocos saídos duma pasta... Outras cenas passadas em hotéis com russos assinalavam que a idade média é de cerca de 40 anos, que chegam acompanhados da mulher e filhos e colocam as jovens amantes de 20 anos no quarto ao lado. Mais do que uma vez surgia a mulher, ou a amante, nuas na receção do hotel a pedirem ajuda para a ameaça de os maridos ou amantes as matarem. Logo surgia o russo pagando os estragos e pedindo desculpas por se ter excedido com a bebida, mesmo que nos dias seguintes a cena se repetisse. Esta é a nova fronteira, o faroeste, para os russos milionários feitos do nada, da noite para o dia. Pude avistar e ouvir vários nas escassas 24 horas que ali passei. Havia também um verdadeiro corrupio de turistas escandinavos, alemães, holandeses e até portugueses, em cada canto da cidade, em grupos ou isolados, mostrando o lado cosmopolitíssimo da ilha.

Tudo é feito para o turista e pelo turista. Tudo se paga desde o café expresso ao pequeno-almoço, à água gelada, numa ótima manifestação da ótica de maximização do lucro ali existente. A mesma que quase me impedia de deixar o quarto pelas 13.30 pois queriam o mesmo vago pelas 12.00 certas. Foi preciso eu intervir junto da superiora hierárquica da receção para que nos autorizassem a deixar o quarto mais tarde, apesar de terem sugerido que eu e a colega médica australiana partilhássemos o quarto para mudar de roupa ao chegarmos das nossas reuniões de trabalho. Mesmo assim, ao chegar pouco depois das 12 horas já a chave eletrónica se recusava a abrir a porta pelo que tive de subir novamente à receção para alterarem o código. Nota-se (hotel *Regency Cliff*, Travessa da Quinta Calaça) um tratamento impessoal, maciço, talvez devido ao facto de a nossa ser uma mera estadia de uma noite, facto anormal dado que a maioria das pessoas passa uma semana ou mais. A cadeia *Regency* tem aqui mais quatro hotéis, o *Palace*, o *Club*, o *Chiado* e o *Yacht*.

Após o pequeno-almoço lá apanhamos um táxi (ela queria ir a pé os mais de cinco quilómetros que distávamos da cidade) até ao consultório dum médico inglês, nascido e radicado na Madeira há 27 anos, uma espécie de personagem saído duma cena de Hemingway ou quejanda. O médico meteu-nos no seu jipe e levou-nos a outra ponta da cidade ao laboratório de radiologia, onde os meus serviços eram desnecessários dado que o médico chefe era de origem madeirense nascido na África do Sul e fluente na língua de sua majestade. O

médico inglês acabaria por nos deixar no centro da cidade no exato momento em que a chuva desabara, uma vez mais. Tive de apanhar um táxi onde mais uma vez o condutor (este de idade avançada) foi capaz de comunicar em inglês antes de lhe dizer que falasse na língua de Camões. A minha colega australiana não almoçou para poder ir dar um mergulho nas quentes águas atlânticas, que se vislumbravam cem metros abaixo da varanda dos nossos quartos de hotel virado para a baía junto à Ponta da Cruz. Eu fui almoçar logo que abrandou a chuva que nos perseguia desde a véspera, a um restaurante de grelhados (*Monumental Grill*) na Estrada Monumental Edifício Naval Mar Bloco A r/c - Loja B - S. Martinho onde degustei um ótimo *Fillet Mignon* de mui tenra carne local. Acabei o almoço mesmo a horas de vagar o quarto pelas 13.30 ficando no átrio a observar o movimento ininterrupto de hóspedes, e a vida que fervilhava cá fora na rua, enquanto o tempo não passava para nos levar de volta ao aeroporto, enquanto escrevinhava algumas notas deste Diário de Bordo. Foi ali que decidi voltar com a família, com calma e mais dinheiro pois aqui o dinheiro é rei e senhor.

Na véspera, poucas horas após a chegada, dois bons colegas e amigos da Universidade dos Açores, o António Bento (faleceria em 2016) e a São Figueira de Sousa e marido tinham vindo buscar-me para me levarem numa volta pela cidade. Fomos jantar e comer a típica espetada ao restaurante Santo António, que granjeou fama pelos seus grelhados e, especialmente, pelos tradicionais "*kebabs*" típicos na Estrada da Ribeira Brava - Câmara de Lobos, João Gonçalves Zarco 656 - Estreito, sobranceira ao Funchal. O Estreito fica a apenas 5 km de Câmara de Lobos. A grande especialidade da casa, fundada em 1967, é espetada, um verdadeiro ex-libris. Vem com batata frita e milho frito que eu nunca provara. Bastante saboroso era o "Bolo do Caco," uma espécie de pão com alho. As espetadas suspensas tinham um comprimento de um metro, sendo duas mais do que suficientes para os quatro convivas.



O bolo de milho cortado aos cubos assemelhava-se a tofu, mas era bem saboroso, acompanhando uma salada mista e batatas fritas. A conversa foi posta em dia, recordando-se os momentos mais memoráveis dos Colóquios da Lusofonia onde haviam estado presentes. A conversa fluía naturalmente fruto da sede de quem vive como eu, quase um eremita a maior parte do ano, sem pares intelectuais com quem falar e ter uma conversa decente. Entre as 19 e as 24 horas passaram-se horas animadas, fortalecendo laços que os colóquios tinham cimentado para anos vindouros. A gentileza e a bonomia dos presentes faziam uma pessoa sentir-se em casa. Prometi que lhes levaria a mulher e o filho na próxima visita para nos servirem de guias na insuspeita Pérola do Atlântico. Falamos da censura, do cinzentismo que a globalização trouxera, do carneirismo da educação e dos mínimos denominadores comuns, tanto mais que fora anunciada nesse dia, a proposta da famigerada Ministra da Educação de que nem uma só criança deveria chumbar até ao nono ano de escolaridade. A pergunta que se impunha era para que servia ir à escola se não era para aprender, mas sim para passar de ano. Por que se não promulgava que todas as crianças nascidas em Portugal iam diretamente para o 9º ano? Era mais fácil, económico e impressionava os homens das estatísticas em Bruxelas. Falou-se da inação das universidades e politécnicos, das horas negras que se avizinham face à depressão global que nos ronda e sitia, juntaram-se planos e propostas para o futuro dos colóquios e sua projecção como motor da lusofonia nacional. Uma verdadeira delícia, horas que voaram sem que nos apercebêssemos.

59.5. FUNCHAL - PORTO

Sempre me fascinaram as nuvens, vistas do ar como castelos de neve, como montanhas de gelo em movimentos perpétuos, como flocos de açúcar, como algodão doce que se vendia nas feiras de antigamente. Fico sempre ensimesmado, fascino-me a observar as nuvens, de dentro do avião, como se estivessem imóveis para a eternidade, tal como antigamente os gelos eternos e a neve no Kilimanjaro. Noutros casos, voam em direção oposta como se quisessem fugir ao seu volátil destino. Há-as de todos os tamanhos, cores e feitios e nunca sei como resistir ao desejo incontido de abrir a porta do avião e agarrá-las, apertá-las, esfrelá-las e, por fim, espalhá-las aos quatro ventos do mundo.

Ainda hoje senti uma vontade irreprimível de ir fazer surf nelas, naquele imenso oceano de nuvens que separava o Funchal do Porto. Mas nos céus havia outras, muitas outras, mais altas e misteriosas, quase invisíveis e essas eram etéreas, pareciam farrapos de nada arrancados à vida. Sombras quase invisíveis, talvez espíritos, quem sabe? Eram fugazes como o tempo sem deixar rastros nem assinaturas. Um dia, eu sei, irei com elas, mas hoje ainda não posso, tenho uma viagem por acabar. Mas não irei sem aqui vos falar deste fascínio antigo que persigo sempre que estou a bordo dum avião. As que vi hoje eram um encanto, acumulavam-se como se fossem uma enorme família de milhões e milhões de nuvens de todos os formatos, ora crescendo-se, ora reduzindo-se a fiapos, ora engrossando como enormes planícies de melancolia esbranquiçada que davam lugar a montes e montanhas.

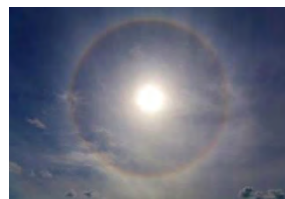
Eu vi-as e elas fugiam sempre. Tinham medo de serem agarradas, até fugiam do meu olhar com medo de serem aprisionadas, ou devoradas por este monstro tonitruante de metal que as violava, perfurando-as como a espada de São Jorge trespassara o Dragão. Ficavam para trás, todas doridas, descompostas, sem a dignidade com que as vira apenas uns segundos antes. Mas cedo se recompunham e recomeçavam novo ciclo através da água que a sua presença, quase sempre, augura. Se alguém as apanhar, antes de mim, pode quebrar este ciclo vital. Elas podem, subitamente, deixar de acumular o orvalho da terra para converter em chuva que rega montanhas e faz jorrar os rios. Sem elas não haveria vida e não podemos interromper essa etapa, mesmo quando somos caçadores de nuvens frustrados como alguns que bem conheço.

Cirros - vem de cirrus, cacho de cabelo, franja - como a penugem de aves - são as nuvens mais comuns, altas, delicadas, brancas, fibrosas, geralmente esbranquiçadas, com aspeto de penas ou flocos de lã. Pairam à altura média de 9 km. São finas e compridas e formam-se no topo da troposfera. Formam estruturas alongadas e permitem inferir a direção do vento àquela altitude (geralmente de Oeste). A sua presença é normalmente indicadora de bom tempo.



Cirros-cúmulos - aparecem sob forma de bolinhas muito pequenas e brancas, ordenadas em bancos ou campos de nuvens. São também constituídas por cristais de gelo, mas aparecem raramente. São menos vistas do que os cirros. Aparecem como pequenos puffs, redondos e brancos. Podem surgir individualmente ou em longas fileiras. Normalmente ocupam uma grande porção de céu.

Cirro-estratos - mostram-se como véu esbranquiçado, fibroso ou liso, mais espesso que os cirros, constituído predominantemente por cristais de gelo. São as nuvens finas que cobrem a totalidade do céu. Como a luz atravessa os cristais de gelo que as constituem, dá-se refração, dando origem a halos. Na aproximação de uma forte tempestade, estas nuvens surgem muito frequentemente e, portanto, dão uma pista para a previsão de chuva ou neve em 12 - 24h.





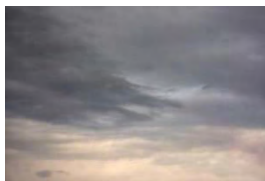
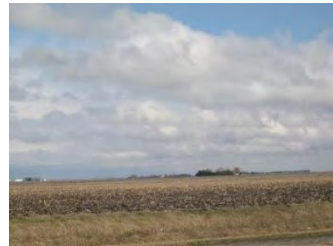
Alto-cúmulos - são as nuvens denominadas vulgarmente de “carneirinhos”, como que novelos, formadas por gotas de água líquida, com os bordos claros e zonas sombreadas no interior, reunidas em faixas alongadas. São nuvens médias que são compostas na sua maioria por gotículas de água e quase nunca ultrapassam o 1 km de espessura. Têm a forma de pequenos tufo de algodão e distinguem-se dos cirros-cúmulos porque normalmente apresentam um dos lados da nuvem mais escuro que o outro. O aparecimento destas nuvens numa manhã quente de verão pode ser um sinal para o aparecimento de nuvens de trovoadas ao final da tarde.

Alto-estratos - são nuvens em forma de véu uniforme, cinzento-azulado, raramente fibroso, através das quais o Sol e a Lua surgem enfraquecidos na sua luminosidade, como se os vissemos por um vidro fumado. Os alto-estratos contêm gotículas de água e cristais de gelo, além de flocos de neve e gotas de chuva. São muito semelhantes aos cirrostratos, sendo muito mais espessas e com a base numa altitude mais baixa. Cobrem em geral a totalidade do céu. O Sol fica muito tênue e não se formam halos como nos cirrostratos. Uma outra forma de os distinguir é olhar para o chão e procurar sombras. Se existirem, então as nuvens não são alto-estrato porque a luz que as consegue atravessar não é suficiente para produzir sombras.



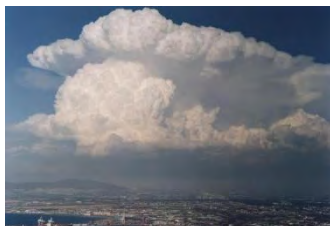
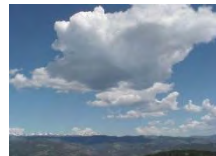
Nimbo-estratos - espessas camadas de nuvens baixas, cinzentas-escuras, cuja base inferior é reforçada por nuvens esfarrapadas, que dão chuva ou neve contínuas. A precipitação pode não atingir o solo, por se evaporar antes. Os nimbo-estratos compõem-se, de gotas de água em temperaturas mais baixas que aquela em que ocorre a solidificação, gotas de chuva, flocos e cristais de neve, ou mistura de formas sólidas e líquidas. Estão associados aos períodos de chuva contínua (fraca a moderada). Podem ser confundidos com alto-estrato mais grossos, mas os nimbo-estratos são de um cinzento mais escuro e nunca se vê o Sol através deles.

Estratocúmulos - nuvens brancas ou cinzentas, arredondadas, dispersas ou em bancos, distribuídas por uma camada horizontal pouco espessa. Contêm partículas de gelo misturadas com gotas líquidas. Nuvens baixas em filas ou agrupadas noutras formas. Normalmente consegue ver-se céu azul nos espaços entre elas. Produzem-se frequentemente a partir de cúmulos por altura do pôr-do-sol. Diferem dos alto-cúmulos porque a sua base é muito mais baixa e são bastante maiores. Raramente provocam precipitação, mas podem provocar aguaceiros no inverno se se desenvolverem verticalmente em nuvens maiores e os topos atingirem uma temperatura de -5°C .



Estratos - vem de stratus, são nuvens típicas dos crepúsculos, baixas, alongadas e horizontais, em camadas uniformes, sem estrutura visível. São constituídas por gotas de água ou, se a temperatura for muito baixa, por partículas de gelo; a precipitação característica é o chuveiro. Cobrem todo o céu e lembram um nevoeiro que não chega a tocar no chão. Normalmente não originam precipitação, que, a ocorrer, é chuveiro.

Cúmulos - vem de cumulus, montão de nuvens) são arredondadas no topo, majestosas, com o aspeto de montanhas de algodão, base plana e quase horizontal. Indicam bom tempo e distam 1-2 km do solo. Surgem isoladas, distinguindo-se dos estratocúmulos. Os cúmulos têm um topo mais arredondado. São chamados cúmulos de bom tempo, pois surgem associadas a dias soalheiros.



Cúmulos-nimbos - Quando na parte superior dos cúmulos se forma a bigorna, constituída por granizo, neve ou gelo, obtém-se um novo tipo de nuvem, o Cúmulo-nimbo. São as mais vulgares de todas e aparecem com grande variedade de formas, sendo a mais vulgar a de um bocado de algodão. A base pode ir desde o branco até ao cinzento claro. São nuvens de tempestade, onde os fenómenos atmosféricos mais interessantes têm lugar (trovoadas, aguaceiros, granizo e até tornados). Estendem-se desde os 600 m até à tropopausa (12 000 m).

59.6. PORTO

Um dos meus amigos de longa data, mas que não via há mais de quatro anos foi ao aeroporto buscar-me e à companheira de viagem australiana. Esta estava intrigada e desconfiada. Como é que um amigo, após um longo dia de labuta, se ia desviar do seu trajeto para ir ao aeroporto buscar um amigo que não via há anos? era impensável na Austrália, mesmo com pessoas de família quanto mais com amigos, mas o António Santos Costa lá estava. A colega médica australiana, cuja missão de serviço partilhei, não se cansava de fazer perguntas, onde é que ele trabalhava, e por que é que se ia desviar do seu rumo para ir ao aeroporto, mesmo depois de saber que íamos jantar juntos. Na Austrália ninguém se desviava, nem que fosse cinco minutos, para ir ao aeroporto buscar um amigo e uma desconhecida, nem mesmo sendo da família. Era uma noção alienígena, não-australiana. Que país era este, em que os amigos iam ao aeroporto, e depois levavam os convidados a jantar após hiatos de anos sem se verem? Assim acontecera, de facto.

O outro amigo, Óscar Malheiro, fora direto ao hotel onde nos esperava, depois da longa e chuvosa viagem num Airbus 320 da TAP, em plena noite portuense a culminar este regresso do Funchal. O frio e a chuva, contudo, não impediram que se recordassem gentes e factos de há uns 14 anos a esta parte. Falou-se dos vivos e dos mortos, que estes já iam engrossando o número daqueles que deixaram de partilhar momentos passados comuns. Eram percursos que só a amizade podia unir e nenhuma diáspora, nenhum silêncio ou distância podiam afetar. Fomos a um restaurante em Leça da Palmeira, o Farol (Rua Sarmiento Pimentel 360, 4450-790 Matosinhos) cervejaria mesmo em frente à costa, perto da antiga piscina e a 200 m do farol da Boa Nova. O turnedó estava magnífico, soube maravilhosamente bem e a conversa e os fios da meada que se foram tecendo deu para que as conversas convergissem num fluxo constante até cerca da meia-noite. Amanhã terminaria a minha primeira grande missão ao serviço de Sua Majestade Isabel I da Austrália e II de Inglaterra, a que se seguiria a monotonia eremita e o retorno à banalidade e à calma vida nos Açores.

Dormi bem nesse magnífico e recente hotel que era o *Sheraton Porto Hotel and Spa* o único de 5 estrelas nesta estadia, ao contrário do Marquês de Pombal e do *Regency Cliff* que eram apenas de 4 estrelas. Este fica na Rua Tenente Valadim, por detrás do antigo *Hotel Meridien* que agora se chama *Park Atlantic Porto*. O quarto suntuosamente grande tinha banheira spa visível através dum vidro translúcido, ao lado da cama *Queen Size* (a maior). Todos estes hotéis se caracterizavam por terem wi-fi, internet livre e gratuita em todos os quartos, uma notável melhoria desde que estivera em hotéis de categoria superior. Tal como nas manhãs e noites anteriores falei para casa a indagar do filho e da mulher e da sua reação a esta primeira ausência prolongada do lar. Obviamente que as saudades eram mútuas.

Na manhã seguinte o despertar pela hora habitual das 07.21 (eram apenas 6:21 nos Açores) para tomar o pequeno-almoço no Restaurante Porto Novo que dispunha de separação entre fumadores e não-fumadores e um ótimo serviço de mesa, excelente para tomar o café expresso bem curto, a minha habitual “italiana”, que lamentei não ter podido ter na véspera - a acompanhar o pequeno-almoço do Funchal e acabei por ter de deslocar-me ao bar do hotel para beber uma pela módica quantia de 1,25 euros mais IVA...

Depois saímos sob chuva pouco intensa, para um táxi descaracterizado, um Mercedes preto, cujo condutor, arrogantemente maldisposto, se insurgira contra a pergunta normal sobre o local do taxímetro invisível para caçar turistas incautos. Este condutor, tal como todos os que o precederam, falava inglês numa notável manifestação das mudanças registadas em Lisboa, Porto e Funchal no que toca a serviço a clientes estrangeiros.

Fomos a um médico na rua Aires de Ornelas, já de certa idade, adepto das novas tecnologias, que mantinha registos de todos os clientes emigrantes ou estudantes para a Austrália, Canadá e EUA desde há 25 anos. Depois, mandou o motorista privativo levar-nos num Audi à clínica GAER na Praça da Batalha onde se acumulavam mais de duas centenas de pacientes pelos 3 andares das instalações, ao lado da Messe Militar. O dono era um médico castiço, com mais de 80 anos, incapaz de nos ouvir e o que estávamos ali a fazer. Apesar de falar mal inglês não me deixava interpretar e insistia em não me deixar falar. Estava prestes a reformar-se. Felizmente o seu substituto, mais jovem, futuro gestor, iria conseguir trocar algumas impressões comigo e com a médica australiana. Apanhamos um táxi de regresso ao Sheraton e despedimo-nos com um café expresso à italiana para mim e um Capuccino para ela com a habitual tigela ou pastel de nata que devorara copiosamente ao longo destes dias em que trabalhamos juntos. Agradeceu os meus serviços e vim para o quarto fazer malas, uma vez mais.

Dado que tínhamos acabado muito antes da hora prevista telefonei à minha vetusta matriarca com os seus 85,5 anos e fiz-lhe a surpresa de a acompanhar ao almoço. É sempre agradável poder conversar com os entes queridos quando menos o esperam. Meti-me numa limusina exclusiva do hotel e fui ter ao Café Cenáculo, onde a família se desloca religiosamente em procissões diárias desde o início da década de 1960. Sentia-se, era palpável, o orgulho dela, junto das amigas da mesma idade, pela missão do filho, tão bem remunerada e com tantas vantagens, bem longínqua dos tempos difíceis que passara em Portugal no terrível *Anno Horribilis* de 1975. Com medo de que não apreciasse devidamente a pescada cozida com todos, e, como sou um amante das carnes, encomendara já um bife na caçarola que iria degustar em casa enquanto ela esperava pela vinda da filha para almoçar. Lá me falou das queixas e achaques ósseos, contando novidades locais da família e do resto. Acabamos por almoçar juntos. Mais tarde viria das aulas a minha irmã e pudemos trocar impressões. Pelas 15 horas já tinha o motorista e a limusina para me levar ao aeroporto, onde, fiz o *check-in* para Lisboa pois teria de mudar de avião e de transportadora para os Açores.

A mulher e o filho esperavam-me no aeroporto de Ponta Delgada. Conduzi pela sinuosa estrada do costume até à nossa aldeia da Lomba da Maia (aqui chamam freguesia, diz a voz subconsciente) onde o frio já se fazia sentir. Entreguei-lhes as lembranças acumuladas ao longo dos aeroportos por onde passei e fui deitar-me, satisfeito por ter visto amigos e aproveitado os momentos livres para exercitar este cérebro que aqui desfalece à mingua por falta de exercício oral ou conversacional. Lembrei-me, de como o governo português apenas uma vez me oferecera uma viagem em categoria turística na *Air France* de Lisboa para Timor para cumprir o SMO e outra vez para vir de Sidney a uma conferência na Universidade do Minho. O governo australiano foi (mais uma vez) pródigo com este concidadão. E era isto que vos vinha contar, com 6500 milhas ganhas em quatro dias.

60. CRÓNICA 60 DO HALLOWEEN A OUTRAS TRADIÇÕES SEMELHANTES, 1-22 novembro 2008

60.1.1. DIA DE BOLINHOS OU DIA DE TI BOLINHOS

É milenária a origem das comemorações do dia 1 de novembro, designado como o “Dia de Todos os Santos”. Nalgumas aldeias de Portugal, ainda se comemora numa forma curiosa este feriado. Na tradição popular, o Dia de Todos os Santos, é conhecido pelo “Dia do Bolinho” ou “Pão de Deus” conforme a região. As crianças em pequenos grupos com as suas sacolas de pano, andam de porta em porta, desde manhã cedo, por ruas e vielas, repetindo

o “Ó tia! dá bolinho?”. Em meios rurais, há ainda quem leve a rigor esta tradição preparando bolinhos com massa, noz, passas e frutos secos.

Para os católicos no dia 1 de novembro é hábito a ida ao cemitério para aí depositarem flores nas campas dos que já abandonaram a slides terrenas. No dia 2 de novembro é o Dia de Finados. Na época de Cristo, na Irlanda, Reino Unido e França, os celtas comemoravam o ano novo no dia 1 de novembro. Isto representava o fim do verão e o início do outono, a época das colheitas, antecedendo a escuro e fria invernia, sinónimo de temporais e morte. Os Druidas consideravam o dia 31 de outubro como o “Samhain” (Senhor da Morte e Príncipe das Trevas) ou o “Dia das Almas”, celebrando a passagem entre a vida e a morte e onde reinava o espírito duma prática fantasmagórica. Com o advento cristão, já no século VII, o Papa Bonifácio IV designou o dia 1 de novembro como “Dia de Todos os Santos” e consequentemente a noite de 31 de outubro passou a ser chamada de “Noite de Todos os Santos” e assim se alterou uma celebração de cariz profano.

60.1.2. PERÍODO PRÉ-CRISTÃO

Acreditava-se que os espíritos dos mortos voltavam para visitar os seus familiares em busca de calor e mantimentos, pois o inverno aproximava-se com o reinado do Príncipe das Trevas. Os Druidas invocavam forças sobrenaturais para acalmar os espíritos, que raptavam crianças, destruíam colheitas, plantações e matavam os animais das quintas. Nessa noite, acendiam-se fogueiras nas colinas para guiar os espíritos ou para espantarem as bruxas. A inclusão de feiticeiras, fadas e duendes nesses rituais, resulta da crença pagã de que, na véspera do Dia de Todos os Santos havia espíritos que se opunham aos ritos da igreja de Roma, e vinham ridicularizar a celebração de Todos os Santos. Supunha-se que os fantasmas pregavam partidas e causavam acontecimentos sobrenaturais.

60.1.3. PERÍODO CRISTÃO

Com o decorrer dos anos, a comemoração do Halloween tornou-se alegre e divertida, sem os aspetos tenebrosos da tradição céltica, tornando-se divulgada na América pelo influxo escocês após 1840. Alguns dos costumes foram mantidos e outros mudados. As Jack-O-Lanterns eram feitas com nabos e passaram a ser feitas com abóboras, sendo um símbolo de origem irlandesa.

60.1.4. JACK-O-LANTERN

A lenda fala de Jack que não conseguiu entrar no céu por ser muito avarento, tendo sido expulso do inferno por pregar partidas ao próprio diabo. Foi, então, condenado a vagar eternamente pela terra carregando uma lanterna para iluminar seu caminho. Outra versão conta a seguinte história: um homem bêbedo e agressivo chamado Jack bebeu demais e o Diabo descera à Terra para levar sua alma. Jack, pediu para ele o deixar viver e beber mais um copo. O Diabo cede, mas Jack não tem dinheiro para pagar e o Diabo transforma-se em moeda na sua carteira. Só que o fecho tem o formato de uma cruz, fazendo com que o Diabo suplique para sair. Jack, então, resolve propor libertar o Diabo e ficar vivo por mais um ano. O Diabo concede o pedido a Jack, que resolve mudar seus hábitos, passando a ser menos violento com sua família. No ano seguinte, exatamente no dia 31 de outubro, o Diabo volta e reclama a sua alma. Jack convence-o a pegar uma maçã numa árvore próxima e sem que ele perceba, risca uma cruz no tronco com um canivete. O Diabo foge e promete só retornar dez anos depois. Mas Jack não aceita e diz que só irá libertá-lo se nunca mais aparecer. O Diabo concorda mais uma vez. Mas passa-se um ano e Jack morre. É impedido de entrar no céu, e vai para o inferno, onde a entrada é recusada pelo Diabo, que fica com pena da alma de Jack e oferece-lhe um pedaço de carvão que usa para iluminar um nabo esculpido em forma de lanterna que vai iluminar os caminhos do espírito de Jack. Daí o nome Jack O'Lantern, alma errante vagando pelo mundo dos vivos.

60.1.5. "TRICK OR TREAT" (TRAVERSURAS OU GOSTOSURAS)

Também originária da Irlanda, onde as crianças iam de casa em casa pedindo provisões para as comemorações do Halloween, em nome da deusa Muck Olla. Esta tradição ganhou roupas extravagantes, máscaras e todos se vestem carnavalescamente como fantasmas, bruxas, duendes, gnomos, Dráculas, Frankenstein, ou outras aterrorizadoras. Vão batendo de porta em porta, carregando abóboras iluminadas com velas, pedindo doces e dizendo: "Trick or Treat". Quem não lhes dá nada recebe uma pequena vingança. O nome de Halloween, adaptado de "All Hallows Eve", significa véspera de Todos os Santos. As fogueiras eram acesas nas casas durante as comemorações. Os vivos que não queriam ser possuídos apagavam o fogo para que o local parecesse frio e indesejado, além de se vestirem com fantasias de criaturas assustadoras e desfilar na vizinhança para afugentar os espíritos que vagavam. Conta a lenda que na festa de Samhain, as fogueiras das casas eram acesas a partir das brasas de uma fogueira sagrada. Para levar a brasa, os moradores usavam um nabo como se fosse um lampião. Daí, os irlandeses, assim como Jack, passaram a esculpir nabos e beterrabas e usá-los como lanternas ou lâmpões quando emigraram para a América, não encontraram nabos e beterrabas em grande quantidade, tendo que os trocar por abóboras.

60.2. DA ESTRADA INACABADA - DA ÁGUA QUE RAREIA (Cuidado! Há um cidadão que não se cala na Lomba da Maia)

online

CORREIO
AÇORES

Artigo publicado: Acoriano Oriental

<http://www.correiosdosacores.net/view.php?id=15668> 15 novembro 2008 [Opinião]

<http://www.correiosdosacores.net> Diga Leitor / Carta ao Diretor | 2008-11-18 12:34 <http://www.acorianooriental.pt/noticias/view/176948>

Falta de chuva origina cortes de água na Ribeira Grande

DIÁRIO AÇORES

Regional 13/11/2008 08:11:8

A falta de chuva na ilha de São Miguel está a obrigar a Câmara Municipal da Ribeira Grande a efetuar cortes noturnos no abastecimento de água em algumas zonas do concelho, anunciou ontem a autarquia. Segundo o vereador Jaime Rita, a pouca pluviosidade registada está a diminuir a pressão de água nas zonas altas do concelho, o que implica cortes noturnos para que os depósitos possam recuperar a sua capacidade. O responsável autárquico da divisão de águas e serviços urbanos explicou à agência Lusa que "o verão prolongado" está "a afetar um pouco os caudais" no concelho, particularmente nas zonas altas, onde a falta de pressão de água é mais notada. "Devido à falta de chuva, as nascentes estão a debitar muita pouca água para os reservatórios, insuficiente para manter o abastecimento normal 24 horas por dia, daí que a água corra com menor pressão", precisou. É o caso das localidades de Lomba da Maia e de São Pedro, Lombinha da Maia, Lugar da Ribeira Funda e Burguete. A situação tem levado a autarquia a proceder a cortes de abastecimento entre as 22h00 e o início da manhã do dia seguinte. "A água que se está a gastar é, muitas vezes, superior àquela que as nascentes debitam", observou o vereador. Segundo Jaime Rita, a população daquelas zonas está devidamente avisada para a necessidade do fecho do abastecimento de água durante a noite, um procedimento que "terá que ser feito enquanto não chover o suficiente". Com o objetivo de contornar este problema, a autarquia tem contado com a colaboração dos bombeiros, que "têm injetado água nos depósitos", acrescentou. O vereador admitiu, contudo, que, a manter-se a situação de "falta de chuva", poderão ocorrer cortes de água com "mais frequência".

Recentemente, a autarquia anunciou um investimento de oito milhões de euros, até 2009, em obras de abastecimento de água na zona poente do concelho, que vai permitir acabar com a falta de água sentida durante o verão nas freguesias do Pico da Pedra, Calhetas e Rabo de Peixe. O PSD da Ribeira Grande já considerou que o recente anúncio da Câmara Municipal sobre os investimentos no abastecimento de água ao concelho "está longe de constituir a varinha mágica", alegando que os problemas persistem nesta área.

"Este anúncio está longe de constituir a varinha mágica deste executivo camarário, quando, ainda por cima, as dificuldades no abastecimento de água voltaram a acentuar-se nos últimos dois anos na zona poente do concelho, devido à evidente expansão urbana que se verifica em Rabo de Peixe, Calhetas e Pico da Pedra", salientou a comissão política concelhia.

Esta notícia tem andado a desassossegear o cidadão da Lomba da Maia que não se cala. A falta de água e seus cortes tiveram início em agosto 2008, em pleno verão, mas só agora foram anunciados em 13 de novembro quando a situação passou a ser crítica. Estes cortes, ignorados pelo resto da população da Ilha Verde, foram sentidos no preço do consumo de água que disparou, pois, o ar sai sobre pressão e faz os contadores dispararem pela água não-consumida. Paga-se, mas pelo ar com que ela se anuncia todas as manhãs.

Não se compreende que os investimentos sejam todos na "Faixa de Gaza", lá onde estão os beneficiários de Rendimento Mínimo Garantido, Rendimento de Inserção Social (esse subsídio de desincentivo ao trabalho que o Ferro Rodrigues inventou há uns anos, cheio de boas intenções e pelo qual espero que arda no inferno do desemprego profissional que criou). Ou será que isto faz já parte da campanha de reeleição por esses habitantes estarem, obviamente, mais inclinados a votar no partido que lhes dá todas as benesses? Assim, esquecidos, UMA VEZ MAIS, estão os habitantes das terras altas (do concelho da Ribeira Grande: "É o caso das localidades de Lomba da Maia e de São Pedro, Lombinha da Maia, Lugar da Ribeira Funda e Burguete"), por serem poucos, menos vocais e por APARENTEMENTE não se importarem em serem continuamente discriminados. Essa "Faixa de Gaza" que ocupa a zona plana da Ribeira Grande, da Ribeirinha a Rabo de Peixe, é onde a maioria dos investimentos da autarquia foi feita neste mandato.

Nós aqui, na Lomba da Maia, é que pagamos o preço da falta de água, pois é a nós que eles cortam a água para que não falte aos outros. Nós, pelas 21 horas é que temos de

desligar as máquinas de lavar a louça, pois, a água nem para as sanitas corre...e se queremos água de novo o melhor é levantarmo-nos lá pelas seis da manhã a ver se tomamos um duche às pinguinhas lembrando-me o tempo em que vivi em Timor nos anos 1970 e a água escorria de um bidão de óleo, cortado a meio a pairar sobre uma fogueira, para ir para a improvisada canalização e nos dar a sensação de que estávamos a tomar banho de duche. O RESTO DA ILHA NEM SE APERCEBEU. Continuam todos felizes, sem se darem conta da falta de água aqui na Costa Norte, a esvaziarem os depósitos do autoclismo em vez de os encherem de garrafas de água cheias ou de tijolos para preservarem a água que temos. Esta ilha não para de me espantar. Desde que cá cheguei, biliões de litros de água vieram diretamente das nuvens para as ribeiras que os despejam no mar. Um equilíbrio perfeito com a natureza, mas que esqueceu a presença humana.

Espero que alguém já tenha lido alguma coisa sobre as mudanças climáticas que se avizinham e comece a construir reservatórios maiores antes de esta ilha se começar a parecer com a metade seca da ilha de Santa Maria ou com a aridez das Canárias e de Cabo Verde. Nessa altura será tarde demais, a menos que nas terras altas como na Lomba da Maia tenhamos reservatórios suficientes para as nossas necessidades e deixemos de depender dos outros que não cuidam de nós como nos prometeram antes de serem eleitos para defenderem os nossos interesses. Ser vocal e “palestiniano” na Ribeira Grande tem imensas vantagens, mas não desisto de ser da Lomba da Maia, de me identificar com esta e por esta perseverar.

61. 61. CRÓNICA 61 NATAL E AS MENTIRAS DOS POLÍTICOS 4 fevereiro 2009

61.1. NATAL

Desde o natal, bem como a passagem de ano, celebrados no calmo remanso familiar em S. Miguel, tivemos a oportunidade de desfrutar da tecnologia Skype para ver a família continental. Depois, tivemos um mês de janeiro bastante quente para a média enquanto o continente se atolava em neve, frio e outras desgraças inverniais. A política dominou as atenções com o caso Freeport, a que o primeiro-ministro, em consequência do seu inglês técnico ter sido feito a um domingo, continua a chamar fripór. Claro que nem vale a pena acrescentar que se isto fosse um país decente obviamente estaria demitido...

Tivemos frio nos últimos dias de janeiro com a temperatura a descer a 4 °C aqui (6 °C em Ponta Delgada), granizo (localmente denominado saraiva), bastante chuva e ventos quase ciclónicos. Um verdadeiro inverno, por fim. Com ele as gripes que teimam em não se afastarem com a minha mulher engripada desde o natal e eu achacado durante vários dias.

A 2 de fevereiro foi notícia o arrombamento e roubo do café do nosso senhorio e presidente da junta. Partiram a porta de madeira, entraram, roubaram as moedas da caixa registadora, uma máquina de brindes, cigarrilhas e pouco mais, mas os danos foram avultados e levaram à substituição da porta. Chamada a polícia, esta tomou conta da ocorrência. Pergunta-me a minha mulher para que servia a polícia e eu respondi que era para tomar conta das ocorrências e fazer como a ministra da educação, melhorar as estatísticas para Bruxelas. Tomando conta da ocorrência, registado o furto e arrombamento esse dado irá constar na base europeia de dados sobre a segurança em Portugal. E as impressões digitais perguntarão os mais habituados a séries de ficção como o CSI? Partindo do princípio de que havia um kit para tal efeito na esquadra da Maia, depois punha-se o problema de comparar com uma base de dados de impressões digitais nacional que é inexistente. A impunidade mantém-se e ninguém se importa. Parece, outra vez, o fatalismo insular. Claro que isto causa

certas preocupações. De imediato se retiraram as chaves da porta para o pátio e para o quintal que sempre ficaram nas respetivas portas. Não que isso adiante muito, mas sempre aquieta a alma. A janela de trás em vidro é facilmente aberta por um qualquer cartão de débito. Mas não me preocupo pois não creio que os ladrões locais tenham cartões de crédito, só de débito...a porta em alumínio tem dois painéis em vidro e a parte de baixo com um pontapé de criança cairá facilmente. Mais uma pequena preocupação a juntar a outras que ainda não chegaram com o progresso a esta terra. Com as novas tecnologias, novas oportunidades e sabe-se lá que mais o progresso chega a toda a parte. Sumariamente resumiremos o que se passou com alguns recortes que acumulamos neste período. Entretanto, nova bronca com o relatório da OCDE a gabar Portugal e a famigerada Ministra da Educação, relatório que afinal não era da OCDE, mas do governo...

61.2. ALEGADO RELATÓRIO DA OCDE FOI ENCOMENDADO E PAGO PELO GOVERNO

Numa cerimónia com pompa e circunstância, o governo e uma equipa de peritos internacionais apresentaram um relatório que elogia as políticas educativas de Maria de Lurdes Rodrigues para o 1º ciclo do ensino básico. O estudo foi apresentado como sendo da OCDE, mas afinal, como diz o sítio do Ministério da Educação, tratou-se de um relatório pago e encomendado pelo governo que "segue a metodologia utilizada pela OCDE". Foi o blogue ProfAvaliação quem alertou para o que designou de "manobra de propaganda" do governo:

«Chamo a atenção para o equívoco que a Comunicação Social tem divulgado. O estudo não é da OCDE. É desenvolvido por um grupo de peritos "liderado por Peter Matthews" e segue os critérios ("metodologia e abordagem") da OCDE. E foi solicitado pelo Ministério da Educação, que, para abonar a credibilidade, assegura que foi elaborado por uma equipa de peritos internacionais de "independentes".»

Com efeito, visitando a página do Ministério (Educação) Portal do Governo, lê-se:

"Solicitado pelo Ministério da Educação (ME), este estudo corresponde a uma avaliação intermédia, realizada durante a fase de implementação das reformas, com o objetivo de verificar se as medidas desenvolvidas estão a atingir os resultados previstos e se as estratégias adotadas devem ser ajustadas em função da experiência. Liderada pelo professor Peter Matthews, esta avaliação seguiu a metodologia e a abordagem que a OCDE tem utilizado para avaliar as políticas educativas em muitos países-membros, ao longo dos anos, com resultados positivos". Na cerimónia que se realizou esta segunda-feira no Centro Cultural de Belém, o relatório foi apresentado como se se tratasse de um documento elaborado pela OCDE. O relatório elogia as reformas introduzidas pelo Governo no 1º ciclo do ensino básico. Deborah Roseveare, chefe da Divisão das Políticas de Educação e Formação da OCDE e convidada para apresentar o relatório, afirmou que "Portugal é um exemplo para os outros países da OCDE, na forma como aplicou as reformas do sistema educativo". No final da sua intervenção, Deborah Roseveare não se inibiu de soltar um "Bravo Portugal" pelas alterações introduzidas. José Sócrates exibiu a sua satisfação imediata pelas conclusões do relatório, elogiando o trabalho de Maria de Lurdes Rodrigues e aproveitando para criticar a oposição. "Que pobreza no debate político, que lamentável atitude de tantos partidos que quando olham para isto (relatório da OCDE) são capazes de dizer: Lá está o Governo a trabalhar para as estatísticas", afirmou Sócrates. "Trabalhar para as estatísticas? É assim que se referem a isto? Que lamentável. Que lamentável o debate político que se concentra nisso" continuou o primeiro-ministro. "Às vezes é preciso vir alguém de fora para nos dizer de forma tão sonora, tão vibrante e tão entusiasmada, como disse a Deborah: Bravo." concluiu o primeiro-ministro. No relatório, os "peritos internacionais" contratados pelo governo elogiam as reformas introduzidas pelo governo no Ensino Básico, nomeadamente o encerramento das "pequenas e ineficazes escola do primeiro ciclo", a "oferta de escola a tempo inteiro", "o excelente modelo de formação contínua dos professores" e a alteração das regras para a escolha dos diretores dos agrupamentos. No entanto, o documento tece algumas críticas e faz recomendações ao governo. Apesar de elogiar a adoção da "escola a tempo inteiro", aconselha-se a adoção de Atividades de Enriquecimento Curricular mais viradas para a prática, já que muitas vezes decorrem em ambiente de sala de aula, "tornando o dia escolar muito longo para as crianças". Por outro lado, os peritos internacionais também tecem críticas às formas de contratação dos monitores das Atividades de Enriquecimento Curricular. Recorde-se que esta tem sido uma das reivindicações dos sindicatos, que denunciam a precariedade extrema em que se encontram estes monitores, pagos a 10.00€ euros por hora, através da subcontratação de empresas pelas Câmaras Municipais. Outra das recomendações vai no sentido de sugerir a introdução do Inglês no currículo oficial, em vez de ser lecionado como uma atividade de tempos livres. Este facto já tinha merecido críticas de sindicatos e partidos da oposição, que acusam o governo de caminhar para a privatização progressiva do currículo. No blogue ProfAvaliação, Ramiro Marques critica a metodologia utilizada pelos "peritos internacionais", que praticamente resumiram o seu trabalho de investigação a reuniões com membros do Ministério da Educação, do Conselho Nacional de Educação, membros do Conselho de Escolas e da Confederação Nacional de Pais, tudo órgãos do governo ou bastante próximos dele. "Não há dados provenientes de provas externas e nada no relatório permite estabelecer uma relação de causa e efeito entre as medidas tomadas pelo Governo e qualquer hipotética melhoria dos resultados escolares ou da qualidade das aprendizagens. Não há nenhuma amostra aleatória ou representativa" sustenta Ramiro Marques que contesta igualmente as conclusões do relatório. "Quais os

indicadores em que a equipa de Matthews se baseou para concluir que os Planos de Formação Contínua dos Professores de Matemática, de Ciências e de Língua Portuguesa são excelentes e que estão a melhorar os resultados escolares dos alunos, na área da Matemática? Deslocaram-se às escolas onde essa formação está a ser dada? Entrevistaram os formadores locais e os formandos? Observaram aulas dos formandos? Trabalharam com uma amostra representativa? A credibilidade destes resultados é muito escassa", assegura Ramiro Marques. Sobre o "excelente modelo de formação contínua dos professores" apontado pelo relatório, o autor do popular blogue ProfAvaliação, lembra que "o que se passou foi a destruição do sistema de formação contínua e a sua substituição por nada. De tal forma é nada que milhares de professores nem sequer podem fazer prova de que fizeram ações de formação contínua certificadas e creditadas."

Finalmente, sobre o fecho das pequenas escolas do interior, Ramiro Marques questiona: *"será que sabem o que isso significou em termos de aumento da desertificação do país? E os custos que o encerramento de 4 mil escolas provocaram nas crianças obrigadas a deslocamentos diários de 50 quilómetros?"* Só mais uma pequena manobra ganhadora, da máquina de propaganda invencível que faria corar de vergonha um qualquer Adolfo Hitler.

61.3. "A TEORIA DO "ORGULHOSAMENTE SÓS" DA PGR

Numa visita ao Portal da Transparência constatam-se factos curiosos:

Portugal, País de grandes tradições e brandos costumes...pelo menos é o que muitos pensam ser verdade...até abrirem os olhos. Para quem não é de cá, ou não sabe o que são os "ajustes diretos", eu explico. Como gastar o dinheiro público é uma coisa que deve ser feita com muita responsabilidade, a maior parte dos fornecedores das entidades públicas é selecionada por concurso público, onde vários fornecedores apresentam a sua melhor proposta, sendo depois escolhida a "melhor" em função de vários critérios (preço mais barato, serviços apresentados, etc.). No entanto, como se imagina, isto é impraticável de ser feito para tudo o que uma câmara municipal, faculdade, universidade, etc., tenha que comprar. Portanto, há coisas que são compradas diretamente, a quem eles muito bem entenderem...e aparentemente, ao preço que muito bem lhes apetece! Finalmente, graças ao portal da transparência, podemos ver finalmente onde e como esse dinheiro é gasto. Agora, expliquem-me, porque eu devo estar a ver mal, como é que se justifica:

- 1) Gastar mais de 10.000,00 euros num GPS para um instituto público como o ISEP - quando dizem que não há dinheiro para baixar as propinas aos alunos.*
- 2) Aquisição de 1 armário persiana; 2 mesas de computador; 3 cadeiras com rodízios, braços e costas altas - pela módica quantia de 97.560,00 EUROS (!)*
- 3) Em Vale de Cambra, vai-se mais longe...e se pensam que o Ferrari do Cristiano Ronaldo é caro, sabem quanto custa um autocarro para as crianças: 2.922.000,00 €. É isso mesmo: quase 3 milhões de euros?*
- 4) No Alentejo, as reparações de fotocopiadoras também não ficam baratas: Reparação de 2 Fotocopiadores WorkCentre Pró 412 e Fotocopiador WorkCentre PE 16 do Centro de Saúde de Portel: 45.144,00 €*
- 5) Ao menos em Alcobça, a felicidade e alegria das crianças fala mais alto: 8.849,60€ para a Concentra, em brinquedos para os filhos dos funcionários da câmara! Crianças... Se não receberam uma Nintendo Wii no Natal, reclamem ao Pai Natal, porque alguém vos atrofiou o esquema!*
- 6) Mas voltemos ao Alentejo, onde - por uns meros 375.600 Euros se podem adquirir 62 cadeiras...a um custo de...6.058 Euros por cadeira! Mas, pensando bem, num país onde quem precisa de ir a um hospital passa mais tempo sentado à espera do que a ser atendido - talvez justifique investir estes montantes no conforto dos utentes...*
- 7) Em Ílhavo, a informática também está cara, 3 computadores e mais uns acessórios custam 380.666,00 €. Sem dúvida, supercomputadores para a Câmara Municipal conseguir descobrir onde andam a estourar o orçamento.*
- 8) Falando em informática, se se interrogam sobre o facto de a Microsoft ser tão amiga do nosso País, e de como o Bill Gates é o homem mais rico do mundo... é fácil quando se olham para as contas: Renovação do licenciamento do software Microsoft: 14.360.063,00 €. Já diz o ditado popular: Dezena de milhão a dezena de milhão, enche a Microsoft o papo! (Já agora, isto dava para quantas reformas de pessoas que trabalharam uma vida inteira?)*
- 9) Para acabar em pleno, cagar na capital fica caro meus amigos! A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa gastou 5.806,08 € em 9072 rolos de papel higiénico! Ora, uma pesquisa rápida pela Net revelou-me que no Jumbo facilmente encontro rolos de papel higiénico (de folha dupla, pois claro! - pois não queremos tratar indignamente os rabos dos nossos futuros doutores) por cerca de 0,16 Euros a unidade... Mas na Faculdade de Letras, aparentemente isso não é suficiente, e o melhor que conseguiram foi um preço de 0,64 Euros a unidade! É "apenas" quatro vezes mais do que qualquer consumidor consegue comprar - e sem sequer pensarmos no fator de "descontos" para tais quantidades industriais. Num País minimamente decente, eu deveria poder exigir que me devolvessem o valor pago em excesso, não? Mandava a hiperligação para a Faculdade de Letras de Lisboa, e exigia que me devolvessem os 4.000 e tal euros pagos a mais. (Se comprassem no Jumbo, teriam pago apenas 1.451 euros pelo mesmo número de rolos de papel higiénico). Como é que é possível justificarem estas situações? Que, como se pode imaginar, não são as únicas. Se continuasse a pesquisar nunca mais parava - como por exemplo, os mais de 650 mil euros gastos em vinho tinto e branco em Loures. Leitores de Loures, não têm por aí nada onde estes 650 mil euros fossem melhor empregues? É preciso ser doutor, ou engenheiro, ou ministro, ou criar uma comissão de inquérito, para perceber como o dinheiro dos nossos impostos anda a ser desperdiçado? Isto até me deixa doente...é mesmo deitar o dinheiro pela retrete abaixo (literalmente, no caso da Faculdade de Letras de Lisboa!) Querem mais? Divirtam-se no portal da transparência! Sugestões de pesquisa: viagens, viaturas, Natal.... Outros candidatos a rouba-lheira do ano:*

"Projeto tempus - viagem aérea Faro/Zagreb/regresso, 1 pessoa, 3-6 dez.º 2008" - 33.745,00 euros.

"Aluguer de iluminação natalícia para arruamentos na cidade de Estremoz" - 1.915.000,00 euros

"Aluguer de tenda para inauguração do Museu do Castelo de Sines" - 1.236.500,00 euros

"6 kit de mala piaggio Fly para as motorizadas do setor de águas" - 106.596,00 euros (por este valor compravam 6 automóveis, todos equipados, e ainda sobrava dinheiro!) e ainda há o misterioso caso do "Router de 400 euros comprado por 35.000,00 Euros"

Voltando ao carismático papagaio falante que ocupa o trono de Portugal republicano: O 1º ministro dos Tugas! Ninguém lhe chega aos calcanhares... Para que se saiba com quem estamos a lidar! "Alguma vez José Sócrates disse a verdade?" Não será ele um oportunista que, à custa da ambição desmedida de querer ser engenheiro a toda a força e de qualquer maneira, encontrou num passe de mágica - que nem a varinha de uma fada se lembraria de engendrar -, a melhor forma de, sem qualquer mérito, se poder ufanar de um título que, às três pancadas e a martelo, subvertendo a verdade e a correção devida, conseguido numa Universidade acabada de abrir as portas, desorganizada, corrupta e de créditos duvidosos, imagine-se "ingenheiro"? Uma Universidade, dita Independente, que no auge de todas as descobertas, num período em que se dizia que havia inúmeras revelações a serem feitas foi IMEDIATAMENTE encerrada. Sabem por quem? Exatamente, pelo governo de José Sócrates. Quantos documentos não terão desaparecido desde então? Quantos segredos por desvendar? Quantos compromettimentos morreram para sempre na sepultura desse abrigo a estudantes "licenciados" a cuspo e a martelo? Verdadeiramente vergonhoso! E anda este homem a exigir aquilo que não tem nem nunca soube ter que é o rigor, a excelência e o mérito. Seriedade e verdade. Crédito e confiança. BRIO e EXEMPLO! Mente com a mesma cara com que desconhecia ter sido sócio da Sovenco em 1990 quando o questionaram. Mente, com a mesma cara com que diz que não sabia que não se podia fumar num avião, com a mesma cara com que diz que o computador Magalhães é português. Enfim, mente compulsivamente com a mesma cara desavergonhada com que sonha na mentira que há de dizer no dia seguinte. Na VI Legislatura, José Sócrates entrega na Assembleia da República, um Registo Biográfico onde consta, escrito pelo seu punho e na sua própria letra, que a sua profissão é a de "ENGENHEIRO" e que as suas habilitações literárias são "ENGENHARIA CIVIL". Tal e qual. Como se sabe, quando esta MENTIRA, para não lhe chamarmos OUTRA COISA, foi descoberta, apareceu igualmente uma segunda versão deste mesmo documento que, onde estava escrito "ENGENHEIRO" foi ACRESCENTADA a palavra "TÉCNICO" e onde estava escrito "ENGENHARIA CIVIL" foi igualmente acrescentado em espaço anterior, quiçá estrategicamente lá deixado, a abreviatura "BACH" de Bacharelato que era o que verdadeiramente ele tinha. Isto é, o Registo Biográfico de José Sócrates foi RASURADO, foi ALTERADO, foi FALSIFICADO por ele próprio sem que alguém (?) responsável (?) na Assembleia da República consiga explicar (?) como é que isso foi possível e admissível. E NADA lhe aconteceu! Em 31 de julho de 1979, termina o Bacharelato no Instituto Politécnico de Coimbra com média de 12 valores. Mais tarde, em 27 de dezembro de 1994, o aluno nº 20382 José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa inscreve-se no Instituto Politécnico de Lisboa no curso de Transportes e Vias de Comunicação. Repentinamente, assim que toma conhecimento que a Universidade Independente foi aprovada pela portaria 496/95 24 de maio de 1995, sem que se conheça qualquer justificação, muda-se de "armas e bagagens" para esta recente, corrupta e desorganizada Universidade. É AQUI, neste antro de facilitismo e promiscuidade, que José Sócrates consegue FINALMENTE aquilo que sempre ambicionou - uma "licenciatura" em Engenharia. Não interessa COMO a possa ter conseguido, isso NÃO INTERESSA, interessa SIM, é que conseguiu uma "licenciatura" em Engenharia. Querem saber como? Das 31 cadeiras que teria de fazer, deram-lhe equivalência a 26. Nem mais, nem menos 26 disciplinas! Apenas teria de fazer mais 5 disciplinas! Quem é amigo, quem é? Ah... Mas isto não fica por aqui, das 5 disciplinas que lhe faltava fazer, 4 delas - os chamados "cadeirões" por serem as mais difíceis - foram dadas por UM ÚNICO PROFESSOR, por sinal, seu amigo e conhecido, de nome António José Morais, adjunto do secretário de estado do também seu amigo Armando Vara e colega do mesmo governo em que estava nessa altura José Sócrates, como secretário de estado adjunto. Lindos meninos, grandes compinchas! Que notas o amigo do peito António José Morais lhe deu? Fácil, vejam o Certificado de Habilitações da UNI: Análise de Estruturas - 17 (dezassete); Projeto e Dissertação - 18 (dezoito); Betão Armado e Pré-Esforçado - 18 (dezoito); Estruturas Especiais - 16 (dezasseis). NADA MAU, para quem vinha com média de 12 do Politécnico ... NADA MAU, NADA MAU. Ah, é verdade, e nessa altura José Sócrates ainda era secretário de estado adjunto do Ministro do Ambiente, tinha pouco tempo para estudar, para trabalhos e exames, agora imaginem se ele tivesse mais tempo para se dedicar às aulas. Mas falta ainda uma cadeira, de entre as 5 que o "obrigaram" a fazer - Inglês Técnico. Teve 15. Sim é verdade, teve 15. Foi seu professor o reitor Luís Arouca, entretanto preso por falsificação de documentos sem que, no entanto, não faltasse a mãozinha de José Sócrates ao enviar a este mesmo reitor um Fax socorrendo-se de um papel timbrado do Ministério do Ambiente, do Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, numa clara atitude de promiscuidade e de pressão, terminando de forma muito pouco formal e excessivamente familiar com um "Seu Sócrates". Curiosamente, e para cúmulo de toda esta trapalhada, se confirmarem no referido certificado de Habilitações da Universidade Independente, diz lá que "concluiu o curso em 08-09-1996" que, estranhamente, foi a um...DOMINGO. É verdade, a um DOMINGO! Há cada uma! ...amadores da treta! Ah, antes de terminar, concluiu com média 14, isto é, estas 5 disciplinas dadas pelo amigo António José Morais mais o "seu" reitor Luís Arouca, fizeram com que, num ápice, subisse a média de 12 que trazia do Politécnico (Escola Pública) para... 14.

62. CRÓNICA 62 DO SORO FISIOLÓGICO 7 março 2009

Ando há um mês para escrever umas Crónicas, mas a falta de tempo é a principal ocupação de uma pessoa reformada, sem emprego nem outras obrigações.... Dirão alguns que um desempregado não produtivo não pode ter falta de tempo, e deve estar sempre

pronto para a ação, mas prova-se facilmente o contrário pois as minhas atividades são imensas, quase tantas como no tempo em que tinha padrões.

De qualquer forma, se ainda não notaram até esta linha já há duas palavras com a nova ortografia, como aliás o meu livro que acabei em outubro e agora depois de cortado em mais de 250 páginas vai finalmente sair monstruosamente grande com cerca de 500 laudas de texto bem preenchido que espero faça a delícia dos que me lerem, como prazer me deu a escrevê-lo sonhando que ia morrer estiolado numa qualquer gaveta como é normal com escritos de autores não consagrados.

Foi assim com a minha poesia infantojuvenil até que em 1972 resolvi publicar um livrinho com 100 páginas, mas que o lápis azul da censura da ditadura reduziria para 32...foi assim com os meus escritos políticos sobre Timor que só saíram em livro em 1999 e em CD em 2005. Foi diferente com o Cancioneiro Transmontano que publiquei em 2005 e desde então escrevia porque sim, porque tinha algo a deixar aos filhos e netos (que hão de vir).

Hoje estou particularmente orgulhoso com esse novo livro que vou lançar em papel na abertura do 12º Colóquio da Lusofonia e simultaneamente com a declamação de alguns poemas escritos há 40 anos o que ocorrerá no 4º dia desse mesmo colóquio. Muita gente morre sem se dar conta de que a sua palavra é passada para as gerações vindouras e a minha mensagem acabará por ficar estampada nas folhas brancas onde a tinta as impregnará com pensamentos, ideias e mementos desta vida triplamente rica que já vivi, com mais de uma carreira profissional e, na maior parte dos casos, a fazer aquilo de que gostava...

Voltando ao mundo mesquinho que me rodeia, neste último mês vi o governo do pequeno Sócrates (para distinguirmos o senhor Pinto de Sousa do grande filósofo de antanho) por um dos seus porta-vozes e antigo ministro da educação, mostrar uma absoluta falta de chá dizendo que gostava era "de malhar neles". No meu tempo malhava-se no feno e não nos deputados... Já o computador Magalhães (que ofensa à minha família descendente daquele apelido nobre de antanho) vem acompanhado dum programa cheio de erros ortográficos. Só faltou dizer que eram de propósito para testarem a capacidade de os alunos os emendarem... Entretanto foi anunciado que numa viagem a Cabo Verde do séquito governamental seguirão 22 mil exemplares daquele PC para as crianças da ex-colónia, isto enquanto em Portugal no distrito de Bragança apenas 5 "Magalhães" foram recebidos na maior parte das escolas, já que nos Açores ainda ninguém os viu ou cheirou nas escolas.

Isto aqui é tão diferente da minha Austrália onde os corruptos e infratores (depois de julgados pelos juízes) vão presos.

Aqui só os pequenos delinquentes vão presos e os grandes veem os processos arquivados, por falta de provas, inadmissibilidade de escutas telefónicas, prescrição dos prazos legais, inaplicação de leis, amnistiados por novas leis exoneratórias, etc., perguntam e mesmo assim continua o povo a votar neles? Claro que sim, o povo prefere os chicos-espertos como o Sócrates do nariz à Pinóquio que é um desenrascado, que faz as suas falcatruas e escapa sempre, a um honesto que não faz nada. No fundo, terão inveja de não serem tão "espertos" como ele e ficarem incólumes a julgamentos e acusações.

Tal como aconteceu hoje, aqui em casa, à criada (perdão, técnica de apoio doméstico) que foi despedida por ter falsificado o conteúdo duma pequena garrafa de soro fisiológico que roubou para os filhos. Só dizia que não tinha roubado nada nem nos tinha prejudicado, apenas metera água no frasco de soro fisiológico. Para aqueles que não sabem, cada embalagem custa uns meros cinquenta cêntimos. Não entendia que o ato de roubar era independente do valor do roubo...já se tinham verificado faltas anteriores e todas de pequenas coisas, medicamentos, panos de limpar a louça, e quejandos...já fora avisada e prevaricou, mas não compreendia que por uma coisa tão pequena fosse perder o ganha-pão, aqui onde era mais bem paga que qualquer outra empregada doméstica (ou funcionária de ação e limpeza doméstica como os puritanos do politicamente correto lhe chamarão). Aqui de onde recebia as roupas, sapatos e outras coisas que em vez de irem parar ao lixo lhe eram entregues para a ajudar e à sua família, pobre, dum marido inválido e filhos na escola. Há princípios de que não abdicamos e este é um deles. Tão roubo é o do soro fisiológico como o dos banqueiros. Só a dimensão varia. A pena para os banqueiros era impedi-los de exercerem funções permanentemente ou por um período de dez anos em vez de lhes entregarmos mais dinheiro para eles dilapidarem. Para esta empregada foi o despedimento com justa causa.

63. CRÓNICA 63 SEXUALIDADE, PROFESSORES E PRESERVATIVOS 20 maio 09

Este mês está cheio de fortuitos eventos e notícias sobre sexo, deve ser efeito da primavera que anda para aí à solta. Depois de três dias de calor e sol chegou hoje a chuva desaparecida há meses e veio acompanhada de granizo e frio. Os deuses andam loucos e as pessoas não menos.

Primeiro foi uma professora de Espinho que enquanto ameaçava os alunos e alunas, ia falando desbragadamente de sexo, do seu e do deles e delas, exigindo ser tratada por senhora doutora por ter doze anos de escolaridade mais quatro de licenciatura, dois de estágio, dois de não sei o quê e uma pós-graduação. Uma mãe duma aluna insurgiu-se e mandou a filha gravar ilegalmente uma aula, logo passando a gravação para a TV que durante dias não se calava a repetir as barbaridades que a aluna permitira ouvir ao gravar ilegalmente uma aula. Veio logo um psicopedagogo ou pedipsicólogo assegurar que havia situações em que os meios justificavam os fins e aquela gravação era um deles. Depois era a cena da igreja católica portuguesa, da oposição, das associações de pais e outros a insurgirem-se com a oferta gratuita de preservativos nas escolas que o governo insistia em propalar para desviar a atenção de problemas mais graves. Por este andar, teremos em breve, o governo a exigir camas para a escola para as crianças aprenderem a terem sexo protegido e de acordo com as normas, já que nesta ânsia de legislar nada parece escapar ao executivo de Sócrates. Para muitos pais esta ideia seria ótima pois como não sabem ou não querem falar de sexo aos filhos ficavam com esse problema resolvido. Mas se há tanta criança a ter sexo e a ser mãe e pai antes do tempo, como as estatísticas demonstram, esta é uma daquelas medidas bem-intencionadas, que ameaça converter-se naquilo que detestamos ouvir: uma causa fraturante. Hoje em dia só se fala de sexo, sexualidade, preservativos, tudo de forma aparentemente delicada e sensível, mas não me parece reconfortante ouvir uma professora (por mais desbocada que seja) dizer que quase todos os alunos de 13 anos começam no «linguado» e avançarem por aí adiante. Não é normal, mas até é provável que aconteça, em todas as classes sociais. Nas mais altas, se algo acontece, passa-se para a fase seguinte do aborto numa clínica privada, enquanto no proletariado as gravidezes infantis ou adolescentes vão até ao fim. A aula da professora de Espinho sobre a «História de Roma» deu lugar a uma confusa mescla de clichés e ideias preconcebidas as quais foram despejadas e não o deveriam ter sido.

Quem estudou a história de Roma, e a da Grécia antiga, decerto sabe que existiam orgias, tanto heterossexuais como homossexuais, ao gosto de cada um. Aliás a homossexualidade só foi banida com Diocleciano no século IV quando determinou o catolicismo como religião do Império Romano.... Há sempre quem assegure que essas orgias viriam a causar o fim desses impérios se assemelham ao fim do império europeu ocidental que se avizinha.

Não parece o mais correto escolher uma aula de história para falar de sexualidade. Existem pessoas treinadas, Serviços de Psicologia, pessoal de Saúde Escolar, grupos de professores voluntários que estão dispostos a falar de sexualidade com os alunos, e tantas outras opções. Tal como Bush queria impor a virgindade nas escolas assim o PS Português, atualmente no poder, parece querer impor a sexualidade. No entanto, não creio que todos os alunos e alunas sejam pervertidos, embora admita a existência de pequenas bolsas de comportamentos desviantes das normas sociais em vigor. Quer a professora quer a aluna e a sua mãe devem ser punidas de forma exemplar. A TV deveria dispensar-se de transmitir estas gravações que só servem para ser emuladas por outros alunos, quaisquer que sejam as circunstâncias atenuantes em que o façam.

A escola parece ser um local para tudo acontecer menos o ensino e a aprendizagem. Passamos do exagero controlador dos tempos salazarentos a este espírito de libertinagem libertária. Perderam-se vetores e referências que construíram a sociedade na qual crescemos.

Pedi o conselho à minha mãe com a experiência dos seus 86 anos completos e uma vida de magistério primário, mas ela disse-me que este mundo estava todo do avesso e já não tinha idade para se adaptar. Perguntei ao meu filho e a colegas da mesma idade (12 anos) amigos que aqui estavam com ele. Foram unânimes em dizer que não era preciso a escola dar preservativos pois sabiam onde os obterem gratuitamente e se tivessem problemas sabiam da existência de linhas telefónicas de apoio. Curiosamente a mesma opinião que o autor detinha sobre a matéria.

Chega de sexo para uma Crónica só, porque aparentemente o problema em Portugal é falar-se demasiado em sexo e praticar-se pouco. Por isso, a população portuguesa está a decrescer a uma taxa alarmante desde há vários anos e ameaça tornar-se numa espécie em vias de extinção. Também não se crê que a ameaça governamental de legislar sobre os casamentos homossexuais venha a incrementar o nascimento de crianças portuguesas, tanto mais que os apoios a famílias numerosas e à procriação de casais heterossexuais são cada vez mais exigüos. Os casamentos decrescem, as situações de facto ameaçam ser maioritárias, os divórcios aumentam e a procriação diminui em flecha.

A população está envelhecida e vai continuar a ser maioritariamente velha, ou seja, haverá sempre menos a pagarem impostos para o número sempre crescente de idosos. Este problema, não é exclusivo de Portugal, mas de toda a Europa Ocidental, e terá efeitos

negativos na economia agravando mais a crise, a depressão, a estagnação e a recessão recorrente deste jardim à beira-mar plantado. Por outro lado, as novas noções de família, de sociedade, de solidariedade e de falta de princípios estruturantes conduzirão a uma sociedade crescentemente envelhecida, egoísta, malthusiana e incapaz de responder aos desafios que se colocam neste século XXI. As medidas protecionistas europeias recusando a entrada dos despojados africanos e outros, erguendo barreiras físicas e legais à sua penetração nos mercados comuns europeus só servirão para que o desenlace final seja mais brutal aquando da grande invasão que se fará mais pela via do domínio económico do que pela mera colonização física de antanho. Estas medidas não passam de paliativos utilizados pelos governos para se manterem no poder mais algum tempo e irão ser cobradas com juros elevados quer pelos que ficarem quer pelos que venham preencher o vácuo que os EUA e a Europa como líderes mundiais irão deixar. Aqui nos Açores ainda se vai estando bem, até quando? E depois começam a faltar os locais idílicos e calmos para onde emigrar.

64. CRÓNICA 64. DO CORREIO. 21 maio 2009

Vivendo na Lomba da Maia há quase quatro anos ainda não entendi como a distribuição do correio, cada vez mais errática, funciona. Passam-se semanas em que só temos uma ou duas distribuições ao domicílio, noutras parece haver distribuição diária, noutras surge correio ao fim de semana ou em dias feriados. Ainda hoje, feriado municipal, acaba de chegar e depositar as cartas que constituem um dos laços com o mundo exterior de que não se abdicou ainda, tal como a ocasional ida ao café da esquina para demonstrar que estou vivo. Hoje, depois de receber três cartas, chegou, de novo, o correio, para trazer uma caixa de Nespresso, esse novo vício burguês a que dificilmente se resiste, dada a superior qualidade das pastilhas que se colocam na máquina ergonomicamente concebida para se assemelhar aos arranha-céus.

Há dias enviei um livro para o estrangeiro e cobraram-me 23.50 euros...depois vim a saber na estação postal central da Ribeira Grande que só tinha a pagar 15.50 se o enviasse como livro e não como carta. Ninguém me disse que podia poupar dinheiro e que havia alternativas. Assumiram que como sou otário devia pagar a taxa máxima. Quis comprar uma dúzia de envelopes verdes, daqueles pré-pagos, mas não havia suficientes, tive de ir à cidade da Ribeira Grande. Não entendo esta terra nem estas gentes. Em compensação o carteiro habitual até me manda parar quando se cruza comigo na estrada para me dar encomendas, um excelente exemplo de solidariedade.

Resulta disto tudo que quem pede o meu livro paga os 20 euros que ele custa e depois desembolsa quase outro tanto pelos portes do correio se estiver no estrangeiro. Ainda querem que as pessoas leiam livros? Desta forma nunca mais torno o meu último livro num Best-seller. E sabem porque custa tão caro? Por ter mais sete! (7) gramas do que o quilo, o que mais do que duplica o custo de envio. Se a capa não fosse tão bonita arrancava-a e já ficava mais barato, mas depois do trabalho que tive em escolhê-la e da labuta do gráfico em realizá-la não tenho coragem de cortar a capa ao meio....

Vou ver se escrevo livros mais curtos e leves para as pessoas poderem ler e levar consigo, que isto de andar com um quilo de prosa debaixo do braço não dá jeito nenhum. Mas quando escrevo esqueço que os CTT (Correios de Portugal) existem e que dependo deles para divulgar a obra pelos quatro cantos do mundo. Vou ter isso em consideração da próxima vez. Já comecei a cortar páginas ao 2º volume a ver se ele fica mais maneirinho.

65. CRÓNICA 65 MORREU O NEGRO MAIS BRANCO DO MUNDO 25 junho 2009

Faleceu hoje o ídolo da música pop, Michael Jackson com 50 anos apenas e uma mudança de pele camaleónica que deixara muitos dos seus fãs atónitos. Que se saiba foi o único “Black” a querer tornar-se branco, vá-se lá saber porquê. As televisões deram a notícia da sua morte como se se tratasse da pessoa mais importante do mundo, mas os seus grandes êxitos musicais datam do início da década de 1980 e há anos que nada fazia musicalmente de jeito. Era extremamente dotado desde criança, dizem que graças ao cinto do pai que se abatia sobre a sua pequena figura, se não ensaiasse o suficiente para compensar a falta de talento paterna. Iniciara-se com os irmãos mais velhos no lendário grupo Jackson 5 em 1966, que duraria até 1990 embora já sem Michael que, nessa época, sofria uma transfiguração facial e dérmica radical, com várias plásticas faciais e a mudança de cor de pele de negro para branco alvar, numa mímica extraterrestre com semelhanças a Elizabeth Taylor e ao próprio ET do filme do mesmo nome.

Pelo meio houve a construção de uma espécie de terra da fantasia (Neverland) que viria a falir com os custos das ações judiciais de alegada pedofilia que lhe foram intentadas. Mas deixemos a estrela da pop e concentremo-nos antes na mudança de pele, que cremos ser caso único na humanidade. Por que raio de pensamento rebuscado iria alguém mudar de cor de pele? Será que foi por ter levado demasiada porrada do pai em pequenino? Seria pelos anos difíceis no termo da segregação racial que ele ajudou a destruir ao tornar-se no primeiro ícone universal da música negra? Com efeito antes de Tiger Woods e quatro décadas antes de Obama, Michael Jackson foi o negro mais visto e ouvido em todo o mundo.

Imagino o escândalo que seria se eu me decidisse a seguir as pisadas dele ao contrário e de repente aparecesse aqui na Lomba da Maia de pele negra e luzidia. A festa que não iria ser, os fornecedores deixavam de bater à porta, o café não me seria servido, as pessoas atravessariam a rua ao verem-me sair de casa, o senhorio pediria referências e os filhos seriam os primeiros a deserdarem-me se é que não se sentissem tentados a internarem-me. Que vantagens poderia eu ter para mudar de cor como o camaleão? Nenhunas, antes pelo contrário, numa Europa xenófoba, num Portugal (cada vez mais) racista. Passaria a sentir na pele a discriminação latente e dissimulada que grassa por essas terras fora. Seria marginalizado pelos meus pares e olhado com receio e desconfiança pelos colegas de cor, que me considerariam um intruso oportunista. Teria de emigrar para outras paragens onde não desse tanto nas vistas. Pensando bem, nem sequer tenho os milhões necessários para as operações imprescindíveis, no caso de serem possíveis e gosto de mim como sou e como tenho sido ao longo dos anos para agora não ter de aprender a gostar de mim diferente. Lembro-me bem de quando estava em Timor, um colega médico me pedir para o deixar circuncidar-me pois cada operação daquelas dava uns pontos adicionais para a sua progressão na carreira. Claro que não iria deixar que fizessem adaptações ao meu segundo cérebro, e muito menos que o artilhassem como se de um carro de corrida se tratasse. Credo, cruces. Bonito ou feio, com mais ou menos prepúcio era aquele com que nascera e seria aquele com que iria morrer, sem mãos de cirurgiões açougueiros ou talhantes a retalharem esse pedaço de mim. Mais tarde, outro cirurgião amigo, que também estivera comigo em Timor, foi chefe de serviços no Hospital de Macau e fartou-se de operar toda a gente que lhe caía na mesa de operações para aumentar os seus créditos como cirurgião.

Já, por outro lado, o Octávio, dentista que conheci no SMO em Timor, não precisava de acrescentar uns tracinhos na parede do consultório para o seu currículo de cirurgião dentista, bastava meter-se no avião de Díli para a Maliana ou para qualquer outro lugar recôndito do velho Timor Português. Ali mesmo, na pista de terra batida, alguém trazia uma cadeira da messe (de sargentos) onde os pacientes se sentavam, à vez, de boca aberta enquanto extraía um ou outro dente ou raiz, infetada sem anestesia. Sem outros cuidados e sem a ajuda da habitual enfermeira assistente. Sem bata branca, nem luvas esterilizadas nem instrumentos fervidos. Todos de boca aberta sem um esgar, sem se contorcerem de dor, sem se mexerem, aguardando o fim do procedimento. Não creio que algum deles pensasse em mudar de cor ou de nacionalidade para não ter dores. Sempre houve quem dissesse que o Michael Jackson era uma criança que se esquecera de crescer e daí querer estar rodeado de miúdos, ter construído o Neverland, mítico terreno dos sonhos e fábulas. Diziam que dormia numa câmara hiperbárica e sonhava como só as crianças podem devanear, sem maldade. Há também quem atribua a sua cor a uma doença rara de despigmentação, o vitiligo. Fosse como fosse, uma criança extremamente dotada a quem, a sociedade racista norte-americana (do Indiana) e a ambição desmesurada do pai, impuseram que não tivesse infância, tornou-se num dos maiores ídolos do entretenimento mundial. Agora morreu, aparentemente duma overdose induzida pelo seu médico para lhe reduzir as dores. Que outras dores faltariam calar? Nunca o saberemos.

66. CRÓNICA 66 O ROMANO SÉRGIO GALBA E OS PORTUGUESES: MUITOS SÃO OS CULPADOS POUCOS VÃO PRESOS. 28 junho 09

Há dias ouvi um comediante português dizer algo muito acertado: muitos são os culpados, mas nem todos vão presos. Com efeito e na sequência do que a Bíblia nos diz "*Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos*" [Mt 22: 14], a lei portuguesa não discrimina quem vai preso, mas o pragmatismo da sociedade portuguesa assim o obriga.

Vejam, se todos os culpados fossem presos, Portugal ficava sem políticos, sem deputados, sem presidentes da câmara, sem vereadores, sem ministros, sem secretários de estado, sem diretores gerais, sem inspetores, e por aí diante. Ora convenhamos que a Assembleia da República, o atual Parlamento português, pode funcionar poucos dias, mas ainda vai dando ocupação a 230 deputados e aos seus assessores. Não se imagina aquele órgão de soberania vazio, por estarem todos arguidos, detidos preventivamente ou a cumprirem pena pelos inúmeros crimes de que obviamente deveriam ser acusados.

O país pararia se a justiça fosse cega como deveria ser e prendesse todos os culpados. Aliás, crê-se que seria difícil isso acontecer, pois Portugal teria de pedir ajuda aos países vizinhos para poder encontrar celas disponíveis para tanta gente. À medida que fossem presos os representantes do povo iriam, na boa tradição inquisitorial portuguesa, incriminar os seus constituintes que os corromperam, e teríamos um efeito bola de neve. Assim, à medida que iam presos, os representantes da nação, também iria com eles a turbamulta dos que neles votaram. O país depois de parar ficaria deserto. Estamos cientes de que só assim seria possível governar este jardim à beira-mar plantado. Isto enquanto não nasce um líder capaz. Não precisa ser sobrenaturalmente dotado, basta ser alguém que ponha o interesse nacional à frente do interesse próprio ou partidário.

Dê-se razão a Sérgio Galba, brioso capitão das Hordas Romanas que invadiram a Península e conquistaram a Lusitânia, onde se instalaram para dominar, mas só obtiveram a vitória com o assassinato de Viriato, por traição. Quando Galba escreveu a César Augusto a dar notícias das gentes deste extremo do Império, fê-lo nestes termos: "Estes lusitanos nem se governam, nem se deixam governar". E os séculos parecem dar-lhe razão. Vejamos como conseguiram os Romanos pacificar esta terra e estas gentes há quase vinte séculos:

Emerge em Cartago o general Amílcar Barca que embarca para a Península Ibérica à frente de um poderoso exército em 237 a.C., para consolidar o domínio púnico na Península, e pagar tributo a Roma. A política expansionista de Cartago não representava uma agressão a Roma. Barca desembarca em Gadir (Cádiz) em 237 a.C. morrendo em combate, sendo substituído pelo genro Asdrúbal que fundou Nova Cartago (Cartagena), centro das minas de prata. Após a morte de Asdrúbal, Aníbal Barca foi nomeado comandante na Península e inicia um processo expansionista. Ataca os povos do interior e do sul conquistando Salmantica (Salamanca) e Arbucaia (Zamora), e fundando Portus Hannibalís (Portimão, Algarve) para apoiar a navegação atlântica. Há vestígios da presença cartaginesa em Ossonoba (Faro). Isto preocupou Roma. A situação explodiu quando Sagunto (cidade a sul do rio Ebro) pediu proteção a Roma, concedida em 220 a.C. Aníbal atacou e tomou a cidade, dando início à II Guerra Púnica. A Península Ibérica dividia-se entre o sul e leste mediterrânico, com influências semitas e helénicas, no caso da Catalunha, e o norte ou interior de feição continental. O Ebro constituía a parte oriental celtibera. Não eram um povo, mas uma amálgama étnica indo-europeia. Os Celtiberos opunham-se aos Vaceus, Vetões e Celtas. Foram usados como mercenários pelos dois lados do conflito. A norte localizavam-se os Vascões (Bascos), os Cântabros e Ástures (nunca totalmente submetidos) e finalmente os Calaicos (Galegos). Os Cartagineses aproveitaram as particularidades da Península e da população, ao utilizarem as cidades a sul para controlo dos recursos regionais, e a recorrerem às populações do norte para os exércitos. Houve emissões de moeda por cidades cartaginesas na Península Hispânica. Em 197 a.C., Roma delinea o primeiro projeto de administração provincial e envia dois governadores para dividir a Península Ibérica na província da Hispânia Ulterior (ocidente) e na Hispânia Citerior (oriente). Após 194 a.C., há confrontos entre Romanos e Lusitanos, com a derrota romana no ataque a Ilipa, no Guadalquivir. Nos anos seguintes, a influência romana estende-se ao interior. Em 155 a.C., Roma controlava do Ebro ao território basco, a Andaluzia, e parte do Alentejo. Começou nesse ano a Guerra Lusitana, que se prolongou até 138 a.C. Em 152 a.C., a Celtibéria revoltou-se, levando Roma a uma guerra sangrenta em duas frentes. Em 155 a.C., um numeroso grupo de lusitanos e de Vetões atacara as regiões meridionais da Hispânia Ulterior. Os combates sucederam-se, até 150 a.C., frequentemente favoráveis aos Lusitanos, mas uma ação concertada dos governadores da Ulterior e da Citerior infligiu uma pesada derrota que os forçou à paz. Sérvio Sulpício Galba concedeu aos 30.000 guerreiros Lusitanos três locais de residência diferentes, chacinando 8.000, e aprisionando milhares. Esta guerra não terá começado como uma operação de pilhagem e saque, mas como reflexo natural do reenquadramento territorial. Os Lusitanos pretendiam ocupar novos territórios. É possível que os confrontos com os Romanos tenham provocado uma brutal queda demográfica. Os exércitos Lusitanos não passavam de bandos isolados e desorganizados. Só os Romanos constituíam uma entidade política organizada. Esta situação fornece a tônica para a "Guerra Lusitana", descrita como "um incêndio que teimava em se reacender". Após a matança promovida por Galba, seguiu-se um período de acalmia. No entanto, em 147 a.C., um novo bando de lusitanos irrompeu na Ulterior, forçando o governador romano Vetúlio a propor uma nova distribuição de terras para os Lusitanos. Nessa altura interveio Viriato, ao que parece, um sobrevivente da primeira matança, que relembrou a anterior traição romana. Aclamado como chefe, Viriato atrai o governador a uma emboscada, onde o venceu e matou. Os Romanos reagiram com um exército de mercenários celtibéricos, que foram

chacinados. Seguiram-se vitórias lusitanas ao longo de 146 a.C., o que permitiu fixarem-se na Andaluzia e na periferia. Os guerreiros locais armados com longas lanças e com os mortíferos gladius hispanienses adequados à guerrilha, não deram tréguas à infantaria romana habituada a lutar em campo aberto com exércitos alinhados. O mito de Viriato começou no século I a.C., e deve a sua origem aos historiadores Possidónio e Teodoro. Ambos transmitem a imagem de um herói puro e justo, não corrompido pelos valores da civilização. Portugal reclamou para si o herói e o local de nascimento, embora seja comemorado na Espanha como seu herói. Terá nascido no Monte Hermínio na serra da Estrela. Na realidade, pode ter nascido junto ao mar, próximo de Coimbra. Terá sobrevivido ao massacre de Galba e participou na expedição de 147 a.C. Casou com a filha de um terratenente indígena e instalou-se em cidades meridionais durante a guerra com os Romanos, o que sugere familiaridade com o mundo mediterrânico peninsular. Possidónio cria uma imagem que não corresponde à verdade, mas a um estereótipo. Viriato opunha-se ao domínio vindo de Roma. Simboliza uma cultura ou civilização, se bem que a formação portuguesa deva mais à romana do que à celtibérica. Viriato faz parte da mitologia, do panteão nacional e da História de Portugal. Os romanos dominaram os cartagineses e depois os celtiberos, imaginando que a Península era deles. Viriato congrega todas as forças rebeldes do centro e do ocidente e inflige às legiões derrotas humilhantes. Foi um grande líder e um hábil estratega, reconhecido como tal pelos generais romanos. Da sua origem [que nem todos aceitam] pode ter sido pastor de ovelhas e cabras de Lobriga ou Lorica no tempo romano, atual Loriga. O facto de ter casado com uma rica herdeira a sul do Tejo, como dizem as biografias de historiadores, não prova que tenha passado muito tempo nas planícies do sul. A segunda guerra lusitana surge na Turdetânia, iberos da Hispânia Bética a oriente do Guadiana. Os lusitanos invadiram em 147 a.C., e atacaram os romanos, mas foram cercados e vencidos por Caio Vetúlio. Viriato assume o comando geral e no mesmo ano em Tribola vence e mata Caio Vetúlio. Animados, os lusitanos vencem Cláudio Unimano (146), e Caio Nigídio (145); mas quando Quinto Fábio Máximo Emiliano, irmão de Cipião Emiliano, entra na Península como cônsul da Citerior e provoca Viriato em campo aberto no vale do Guadalquivir, os lusitanos são derrotados (144). Viriato retira-se para Baecula (Baicor, hoje Bailen), refaz as forças e contra-ataca no ano seguinte, repelindo os romanos, que se afastam para Córdova. As vitórias militares de Viriato entusiasma outros e os celtiberos da Meseta revoltam-se em apoio aos lusitanos. Começa a guerra Numantina. Divididas as legiões, Viriato derrota em 143 as tropas de Quinto Pompeio, e no ano seguinte as do cônsul Lúcio Cecílio Metelo Calvo. Quinto Fábio Máximo Serviliano ataca Viriato (141) que recua e contra-ataca destruindo as legiões, mas volta para se reabastecer na Lusitânia. Serviliano persegue-o, mas é obrigado a recuar pelos guerrilheiros chefiados por Apuleio e Cúrio. O banditismo organizado era um problema endémico na Península e uma ajuda mercenária contra os invasores. Viriato ataca Serviliano e cerca-o. Em Erisane celebra um tratado de paz (140) e recebe o título de Amigo do Povo Romano. No ano seguinte. Na Ulterior, Quintus Servílio Cipião desencadeia uma ofensiva fulgurante que força Viriato a retirar para norte do Tejo, para Badajoz. A investida romana incluiu um ataque contra Vetões e Galaicos. Face ao avanço romano, Viriato vê-se obrigado a enviar três emissários para negociar a paz, Audax, Ditalco, e Minuro, que são aliciados por Cipião com enormes quantidades de ouro para matarem o chefe luso. Viriato é assassinado de noite na sua tenda, por aqueles em quem confiava. No regresso ao acampamento romano, os três ouviram de Cipião que "Roma não paga a traidores". Viriato ficou para a História, a par de Espártaco, como um dos poucos que conseguiu pôr Roma de joelhos enquanto travava uma guerra justa pela liberdade do seu povo. Após a sua morte, o exército lusitano comandado por Tautalo sofre uma última derrota a sul do Tejo e é obrigado a negociar a paz. A guerra continuou na Andaluzia. Em 140 a.C., o governador da Ulterior, Fábio Serviliano, após saquear cidades fiéis a Viriato na Andaluzia, é vencido em Erisane. Quinto Pompeio falha pela segunda vez a tomada de Numância na frente da Citerior. Face a estes desaires, os romanos são forçados à paz: Roma fica com a posse das terras hispânicas já conquistadas, mas renuncia à conquista de mais territórios. É uma humilhação para o Senado romano. Esta paz forçada resulta de uma guerra em larga escala, que teimava em desgastar os exércitos de Roma. Havia em Roma uma corrente pacifista, mas no Senado existia uma corrente belicista encabeçada pelos Cipiões. Graças a eles, Roma invadira e destruíra Cartago em 146 a.C., após 4 anos de cerco, transformando o norte de África numa província romana. Para oriente criaram uma nova província no reino da Macedónia. A guerra peninsular não trazia dividendos. Desde 152 a.C. que Roma tinha dificuldade em recrutar legionários. No ano seguinte Roma rompe as tréguas, exigindo a vitória incondicional. Pelo testemunho de Estrabão, sabemos que em 138 a.C., Décimo Júnio Bruto, o governador da Ulterior, efetuou a primeira grande campanha militar e fortificou Olissipus (Lisboa). Uma linha de cidades muralhadas no vale do Tejo elucidam-nos sobre a extensão do domínio romano, e indica que as regiões do Algarve e Alentejo se sujeitaram ao domínio romano após o fim da Guerra Lusitana. Viriato morreu, mas não acabou a resistência dos lusitanos. Os aliados e vizinhos foram subjugados: o cônsul Décio Júnio Bruto, o Galaico, domina (de 138 a 136) as tribos a norte do rio Douro, incluindo os brácaros. Em 133 os celtiberos rendem-se a Cipião Emiliano que toma Numância e a arrasa. Em 107, Cipião domina uma rebelião lusitana, mas é derrotado em 105. A submissão dos celtiberos em Numância leva-os a colocarem-se do lado das legiões. Em 101 vencem os lusitanos, que se revoltam contra a opressão romana em 99, mas no ano seguinte o pretor Lúcio Cornélio Dolabela derrota-os esmagadoramente. Entretanto o governador Sertório retira-se para a África. Ali foram procurá-lo os emissários lusitanos, ficando às suas ordens contra o dominador. Sertório aceita chefiar as tropas lusitanas e em 81 entra em guerra contra o imperador Mário. Apesar de muitas vitórias, Sertório acaba como Viriato: assassinado à traição em 72. Com ele termina a última campanha lusitana contra os romanos. Nas campanhas de Pompeu (55-49) alguns lusitanos já figuram como auxiliares das suas tropas. Iniciado o Império, e pacificada a Península, Augusto determina uma maior divisão administrativa: a Hispânia Ulterior é dividida em Lusitânia e Bética, esta com capital em Córdova. A Lusitânia passa a uma divisão do Império e a capital, é criada por Públio Carisius em terras de vetões como. Emérita, hoje Mérida, em 25 a.C. O território ficava entre o Guadiana a sul, e o Atlântico a oeste e norte, incluindo lusitanos, vetões, galaicos e ástures. Mais tarde a Calécia (Galiza) foi incorporada na Tarraconense, até que Caracala cria aí nova província, com a capital em Braga. Os lusitanos vão saindo da história. É curioso ver no início do século V a História de Orósio, provavelmente galaico, a censurar os romanos pelas suas crueldades contra os lusitanos, como a do cônsul Fábio que reuniu quinhentos líderes com promessas de paz e quando os viu desarmados os subjugou e lhes mandou cortar as mãos ou

a própria traição no assassinato de Viriato. A pacificação final do povo pelos romanos foi uma vitória sem glória. A Península é invadida (409) por germanos. Orósio deixa Braga e refugia-se em Hipona. Os alanos ocupam a Lusitânia. Em 416 partindo da Calécia (Galiza) os suevos estenderam o seu domínio até à Bética. Em 439 Emérita era a capital do reino suevo, abrangendo a Lusitânia e a Calécia. Os romanos chamam em seu auxílio os visigodos, que ocupavam a Gália e derrotam os suevos em 456. No ano seguinte dominavam a Lusitânia. O domínio visigótico era fraco e em 459 os suevos saqueavam a Lusitânia e massacravam romanos. Em 467 os suevos atacaram e destruíram Conímbriga, importante cidade lusitana, arrasando as suas muralhas. Dois anos depois suevos e visigodos defrontam-se em Olissipus (Lisboa). Apesar destes tumultos o rei visigodo Eurico (466-484) inicia em 470 uma reforma administrativa e extingue a Lusitânia. Como topónimo não desapareceu, nos concílios de Toledo (século VI) o grupo dos bispos lusitanos manteve a identidade comum e o Metropolita de Mérida reclama para sua jurisdição as dioceses da Lusitânia, o que lhe foi concedido (656?) pelo rei visigodo Recesvindo. Em 711 os muçulmanos invadiram a Península, conquistando-a em seis anos. A Lusitânia manteve sua designação, alterada para Lúgidânia. A reconquista cristã começou em 722 em Cangas de Onis, na região dos Cântabros e Bascos. No final do séc. IX a Calécia (Galicia, Galiza) estava em poder dos cristãos. No séc. XI a região de entre Douro e Tejo, núcleo da Lusitânia, era reconquistada: Viseu em 1057, Coimbra em 1064. Em 1146 Dom Afonso Henriques toma Santarém, em 1147 conquista Lisboa, atravessa o Tejo e penetra no território céltico.

A antiga Lusitânia entrava nas brumas da memória, como diz o Hino Nacional Português, para dar lugar ao Reino de Portugal. Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República

67. CRÓNICA 67 AMIGOS, ESCRITORES, FESTAS E SEM-ABRIGO 5 agosto 2009

Na Ribeira Quente, a ver os corpos obesos contrastando com a esbelta arriba alcantilada sobre o mar, não posso deixar de observar como seria idílico este local sem gente, sem os guinchos de miúdos histéricos que se banham e salpicam tudo, sem os alertas esgançados de mães que os invetivam. Todos obesos, sem darem cumprimento ao que, excelsamente, os membros do governo proclamam como a nova praga a extirpar. Há gente na mesa do lado esquerdo a falar lisboetês e na da direita fala-se micaelense, mas que - como habitualmente - não consigo decifrar nem localizar a origem, freguesia ou lugar.

Enquanto isto, a minha neta está-se consolando neste mar tranquilo de águas tépidas, gozando com fruição a sua terceira estadia nas ilhas, desacompanhada do pai que foi obrigado a fazer-se à vida sem a mãe, como se estarem juntos fosse um empecilho. Diz a mãe da neta que “se gastou”. Deve ser coisa nova, no meu tempo os casamentos e as uniões não “se gastavam” assim. Coisas de gente nova, que os mais velhos obviamente não entendem.

Tento concentrar-me e escrever, sem resultados visíveis. Há demasiadas interferências, ruídos de fundo que a minha alma de aprendiz de escriba não tolera. Nasci para as grandes planuras australianas e para o silêncio virginal dos montes nordestinos portugueses. Angustia-se-me o coração e tolda-se-me a mente com as multidões, com o cheiro da democracia e seus eflúvios orais e corporais. A suave agitação das ondas quase marulha despercebida por entre as vagas minúsculas que se espriam na areia. Tal como as palavras sentidas, gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas, mas que encontro na Relação de Bordo I do Cristóvão de Aguiar.

Esse novo autor que ora descubro como se o conhecesse há muito, como se tivéssemos sido irmãos ou compagnons de route à la Jack Kérouac na Route 66, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo papel deste guardanapo onde escrevo, pois esqueci-me do meu bloco de notas, o companheiro de todas as horas, o meu Moleskin... Verdade seja que ando imerso na sua escrita Tateando, como um recém-nascido, às escuras fora do ventre materno. Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Cumprimos, ambos, missões malquistas no exército colonial português. Iniciámos ambos a tropa em Mafra com uns anos de diferença ou nem por isso, ele foi para Tomar e deu aulas em Leiria e eu estive em ambos os lugares ainda na tropa. Entrou para o Teatro Universitário, em Coimbra, já adiantado na idade, e eu entrei no teatro Universitário do Porto quando me queria afirmar como ser independente e pensante, lidando com Zeca Afonso, mestre José Rodrigues e outro principiante destas lides teatrais o Mário Viegas. Em Coimbra, o ilhéu micaelense, Cristóvão lidou com Paulo Quintela, Miguel Torga, Joaquim Namorado e outros monstros sagrados do nosso imaginário. Hoje, ainda lido, melhor, estou a aprender, com outros monstros sagrados

da escrita contemporânea açoriana, como Daniel de Sá, Dias de Melo (infelizmente já falecido) Cristóvão de Aguiar, Onésimo de Almeida, entre outros. Sim, que a estes eu posso chamar de amigos.

Muito inferiorizado me julgo, como sofria já com o meu mentor político, também ele ligado aos Açores (Melo Antunes) e outro mentor intelectual (também já falecido) o Zé Augusto Seabra. Se agora encontro neste amigo novo um escritor que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo, por outro lado, não me revejo nele ao entrar nesta fase adiantada da minha vida com um otimismo que me não é inato. Há dias escrevia-me ele (Cristóvão de Aguiar) a dizer da sua pupila recente:

“Obrigado pelas tuas palavras de amizade. E também pelas fotografias que mandaste em devido tempo e nem sequer respondi, do que me penitencio. Quanto à Rosário, tenho a dizer-te que é uma crítica de primeira-água. Sabe o que faz, e é muito segura no que escreve. Por vezes não chego à sua altura e não entendo certo vocabulário da hermenêutica, mas a culpa é toda minha, que sempre fui relapso à teoria literária e linguística.”

Até hoje nem respondi, pois, não sei como, nem hermenêutica nem exegese me tocam, que são ramos do conhecimento para além da minha compreensão, que estudos de Humanidades não tive, nem me deixaram e, se sou como sou, a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos, uma mera *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Em julho telefonara o Onésimo a convidar para uma tarde nos Moinhos de Porto Formoso, onde estivemos com ele e mulher Leonor, o Daniel de Sá e o Daniel da Ponte, senador dos EUA e mulher e filho. Foi uma tarde de séria discussão (por entre as inenarráveis miúdas anedotas que fazem do Onésimo aquela enciclopédia viva e ambulante de caixeiro-viajante das letras), cujas gavetas mentais estão cheias de anedotas e nunca deixam qualquer conversa cair em saco-roto sem serem permeadas por picarescas cenas e episódios.

Saiu a aconselhar-me vivamente que não criasse uma nova Academia das Letras e a tentar lutar por dentro da vetusta Academia das Ciências. Tentei provar-lhe a impossibilidade física de o fazer, a menos que abatesse a tiro os vetustos cadeirões e seus ocupantes, mas ele cismou que estamos condenados ao falhanço. Quem sabe? Pode ser que esteja certo, mas também diziam que os colóquios nunca iriam além da edição nº 1 ou 2 e vamos na 12ª. Pode ser que ele esteja enganado desta feita e seria uma desfeita que eu lhe faria.

Nessa outra tarde de praia com que iniciei a Crónica, fomos à Maia. A Graça Castanho ia abrir oficialmente uma Biblioteca Infantojuvenil com material doado à Casa do Povo local.

Lá estivemos longamente com o Daniel de Sá e comentamos a desnecessidade de a biblioteca levar o título de Professora Doutora, quando o nome bastaria para perpetuar a herança que ali se estava a criar. Presentes o Presidente da Câmara, uma diretora regional e umas tantas entidades que o padre fez esperar, pois estava a celebrar a missa das 19.00 e só chegou para benzer a obra pelas 19.45. Seguiram-se as palavras de circunstância que o meu filho mais novo e a neta escutaram com enfado antes de penetrar na biblioteca e ver o que os pudesse conquistar.

Mais tarde, a nossa netinha diria que fora a primeira biblioteca a sério que visitara, enquanto o filho notaria que os discursos tinham sido mais breves do que era usual. O Daniel e eu mantivemos um diálogo ininterrupto com sentido crítico sobre tudo aquilo e prometemos fazer um novo encontro, um destes dias, ao jantar dele e meu almoço. Faz-me falta, e já o escrevi no meu último livro, estes encontros que despertam em mim qualquer estímulo intelectual. Resumidamente, alterei os meus hábitos rotineiros (que desgosto de o fazer) e vim jantar pelas 21.00, a desoras, mas considerando este espírito de férias e a “obrigação” de partilhar esta alegria com a Graça, valeu a pena.

Afinal, passou-se mais de um mês desde a minha última Crónica e nesse ínterim cumprimos alguns rituais locais, um deles foi uma comemoração comunitária relacionada com o Divino, a Festa do Espírito Santo e do Império dos Jovens da Lomba da Maia. Quase duas centenas de pessoas a comerem umas tantas vacas e doces típicos da ocasião festiva no calendário ritual de procissões e paganismo eivado de cristianismo e de fé que eivam a seiva dos jovens locais.

Fomos bem-recebidos, nesta primeira incursão a uma festividade pela qual já havíamos passado três anos sem nos imiscuirmos. Todos contribuíram para fazer comida e a preparar tudo, mas o deus das borrascas decidiu mandar vir a chuva e tivemos de cumprir as festividades culinárias dentro de portas, num armazém garagem a seguir

ao largo da Igreja e ao café do Bulhões. Acabou por sobrar comida, pois que se estivesse sol teria sido um bodo ao ar livre com umas 500 a 600 pessoas, e assim só estiveram duas centenas. Há rituais destes em que já somos tratados quase como parentes afastados, vindos duma América de imigrantes gerações depois. Parentes afastados, mas nem por isso menos bem tratados, mesmo sem os laivos do “americano” ou “canadiano” de outros tempos, que “comprava” os locais que haviam ficado para trás com as suas prendas de imigrante rico e bem-sucedido na vida.

O tempo tem andado “caramonico”, com dias quentes e outros cinzentos, bulindo com o meu estado de espírito cansado e a necessitar de férias a sério, como este ano não teremos, excetuando 4 ou 5 dias no Pico a desfrutar da companhia e do convite irrecusável do Cristóvão. É a crise diriam uns, eu encolho os ombros, alheio ao facto de este ser o mais calamitoso ano da minha carreira de tradutor de mais de trinta anos. Os clientes perderam-se com a crise ou antes, não tendo havido quem os substituísse e os candidatos a emigrantes na Austrália retraíram-se, deixaram de emigrar e não tenho processos de emigração para traduzir. Uma mera aplicação prática da lei da oferta e da procura que deixaria qualquer um a arrancar cabelos, mas auguro que melhores dias virão. Haja saudinha para os saudarmos.

Entretanto a presença da filha mais velha e da neta vieram quebrar rotinas, causar novos desafios e permitiram enganar a consciência a que muitos pomposamente chamam de saudade. Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar nesta classe em vias de extinção, a dita família. Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me hoje, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras sem se questionarem. Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora. Mas pior, andam muitos em França, de acordo com um documentário interessantíssimo que nas últimas duas noites passou na TV, pelas duas da manhã, sobre os novos contingentes de sem-abrigo em França. Professores, profissionais diversos ou outros, que subitamente ficam na rua, numa caravana, ou em casa de amigos, num círculo vicioso de autodestruição social e humana, que as agências de solidariedade dificilmente poderão emendar. Fiquei chocado e dei comigo, ateu de várias águas, a dar graças a Deus por ter um teto e comida. Fiquei tão incomodado que nem vi tudo e fui-me deitar. Medo? Espero que não seja premonição.

68. CRÓNICA 68 AMIGOS ESTIMULANTES 6-7 agosto 2009

Cristóvão de Aguiar fez uma comparação lisonjeira, quando hoje eu lhe disse que não mentia ao escrever pois o que saía da minha pena era genuinamente sentido. Afirmou que outro transmuntano e escritor, de seu nome Miguel Torga, lhe dissera alhures que nunca mentira ao escrever poesia. Seria pela origem transmuntana comum mais do que qualquer outra coisa, que Torga não sou nem nunca fui, a não ser na expressão de sentimentos reprimidos. Sei que anda ocupado e acompanhado, mas encontrei um exemplar do modelo base que pretendo (em tamanho maior) para os nossos Cadernos de Estudos Açorianos...aliás foi uma “Maré Cheia” que deu a ideia de fazer os Cadernos com a minha visão de forasteiro. Estão bem entregues para que deles construa, pedra a pedra, Cristóvão de Aguiar um pequeno novo Vértice, a revista vanguardista da qual foi saneado injustamente em meados da década de 1980.

Ao fim de dois meses de silêncio pus a minha pena de croniqueiro a funcionar e enviei-lhe a cópia desse meu escrito (Crónica 67) na qual exprimo com a verve de jornalista que nunca deixei de ser, o que a escrita dele (que lentamente descubro) me proporciona. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua

ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a catarse constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros.

Caro Amigo Chrys,

Após a longa conversa telefónica havida entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança. Como escrevi em epígrafe, é de mais! De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofensa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arrabaldes de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha. Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor. Como o padre no Ofertório, digo-te: Senhor, non sum dignus! De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa em março - abril. Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual... Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvenencilhar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Será este o ano da minha morte? Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato. Um forte abraço do Cristóvão

Ao que respondi como segue:

Cheguei agora da praia (Moinhos), a favorita entre todas as parcas nesgas de areia da ilha (Pópolo e Milícias desgostam-me ambas pelos nomes pejados de democracia malcheirosa). Perdão, que alguém ao ler estas linhas (agora que o governo guarda todas as nossas mensagens nunca se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que não perfilho dum amor doentio pela democracia. Mentiria se não o afirmasse aqui, só que esta democracia à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades de democracias grandes (como a australiana) e de países desse tamanho... Nunca digas que é demais, pois nunca o será demais enquanto escrever o que penso e sinto, e não andar aqui a fazer favores a ninguém. Não é por minha culpa que os açorianos são uns nabos iletrados ao não te apreciarem, nem tampouco me culpem por serem os portugueses como são. Limito-me (dentro das modestas ambições e inúmeras limitações dos colóquios) a fazer o que as secretarias, as fundações, academias e ministérios da cultura há muito deveriam ter feito. Não sou FLA nem MAPA nem nutro sonhos políticos aqui ou em qualquer outro torrão terreno, só escrevo o que penso e sinto. Aliás, sempre o fiz, o que me valeu suspensões sem conta em Timor e no resto do mundo, da Lusa ao Público que ajudei a nascer. Deixa-nos ser (eu, Rosário [Girão], Zélia [Borges] e outros/as) a tua varinha mágica.

E afinal têm sido comunistas alguns dos meus melhores amigos, (e tanto quanto sei) sem comerem criancinhas ao pequeno-almoço. Já a minha melhor amiga jornalista australiana, a Zoe Reynolds, era militante dum partido ilegal (lá no meu país) o ACP⁶⁷ traduzido como PCA. A amiga da minha mãe da ANI (agência nacional de informação) salazarenta arranjou forma de o meu primeiro livro de poesia sair em 1972, com 32 páginas depois de terem cortado as que faltam para as 100 e era membro do PCP na clandestinidade, bem como o marido que prefaciou esse devaneio juvenil.

Nunca deixei que a política interferisse nos meus amores e leituras: nos nossos colóquios, o Presidente da Câmara da Lagoa é PS (antes dele nos colóquios da Ribeira Grande, idem), em Bragança (nos colóquios metropolitanos) é do PSD...tenho na família todas as cores do espetro, até já votei Otelo e UDP no verão quente do meu descontentamento, deixei os maoismos quando vi a China por dentro, encaminhei livros e teorias aos aprendizes da Fretilin e no entanto vivi monárquico antes da entrada na Uni, antes me manifestar contra a guerra colonial e organizar coisas com Zeca Afonso, Mário Viegas e outros... Sou um arco-íris descolorado politicamente. Tinha razão Adriano Moreira, sou um poeta, antes isso que pateta e continuo ateu na minha espiritualidade sem deuses, com laivos de anticlericalismo eivados de Debates do Cenáculo. À moda do fim do século 19. Uma perfeita contradição totalmente coerente. Descansa em paz e em vida. Este não é o ano da tua morte, mas do teu renascimento como Pessoa que Escritor já o és sem o saberes, há muito...Abraço Chrys

Ao contrário de Cristóvão de Aguiar que já deu de caras com um leitor de livros seus em flagrante delito, nunca topei ninguém a ler-me em livro. Nem sei como reagiria! Talvez fosse lá, com a sofreguidão de um putito excitado, oferecer um autógrafa do autor.... Será por ter poucos e tão miudinhos em seus temas, decerto, mas se bem que esse encontro de terceiro grau ainda não se tenha verificado, recebi hoje uma crítica literária a sério de uma leitora (de

67 (Australian Communist Party fundado em 1920, banido em 1951, dissolvido em 1991)

novo a Rosário) que escarpelizou os meus escritos nele encontrando coisas que lá plantei e germinaram em flores por mim desconhecidas. Fiquei comovido, com aquela lágrima furtiva ao canto do olho a escapar-se sob os holofotes da luz diurna e tive de lhe agradecer a imerecida exegese. Tanto mais que me fez sentir nu diante de todos, sem abrigo nem resguardo, inadequado e sofrido como nunca. Enfim, estes amigos e escritores do Daniel de Sá ao Cristóvão e ao Onésimo estão a despertar em mim esse bichinho larvar que se aminhoca nos dedos e no teclado e começa como ténia a sugar as vitalidades escritas que surgem espontâneas como as plantas daninhas no meu quintal.

Caros amigos Rosário e Manuel

Ignorante já sabia que era, mas tanto nunca imaginei, depois de ler este trabalho onde se discorre longamente de um autor que eu gostava imenso de conhecer, pois deve ser deveras interessante. Estou, tal-qualmente o Cristóvão há dias, estupebrado e despalavrado e como raramente fico sem palavra, o melhor é calar-me para não dizer asneira que, como picuinhas que sou, ainda saía com a história toda da asneira ao longo dos séculos. Quem ouvir esta prédica, ou a ler, pensa que está diante de uma opus magnum como lhe chamou a Anna Kalewska. Apenas labutei para encontrar um estilo narrativo com o qual me identificasse e nunca pretendi mais do que partilhar vivências e experiências, conhecimentos avulsos e a granel armazenados no grande celeiro da memória. Que servissem alguma utilidade e não estiolassem no desinteresse de leitura dos meus filhos. Agora sei que houve uma pessoa que se deu ao labor de ler, de fio a pavio, esta resenha de muitas vidas pelas quais passei como passageiro incómodo que nunca incomodado. Nada mais tenho a dizer ou a acrescentar que nestas coisas aprendo devagarosamente mesteres de artes que não as minhas. Ao ler este vosso trabalho de análise, sinto-me como o parolo pintor de naturezas mortas com sentimento artístico, que se depara com a Capela Sistina e sabe nesse mesmo instante que nunca será um Da Vinci. A boca de tão aberta quase deixava entrar mosca, como é que esta gente de fora de mim sabe estas coisas sobre o meu ego e o meu livro que eu nunca suspeitara nem imaginara ao escrever?

Apetece-me reescrever um velho poema da década de 70

469.I LE POISON D'AVRIL

(hoje, todos os jornais cumpriram

nem uma só mentira se imprimiu

era a verdade toda

a do sonho não vivido

talvez possível

em letras garrafais

*- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -
proclamava o editorial)*

a duas colunas no canto esquerdo

a páginas quinze

era minha a foto e o nome

nem me impressionou!

ri mesmo com desprendimento

negra cruz encimava frontispício

dizeres os do costume

a missa presente no corpo do finado

hora a habitual

na residência

o féretro saíria para jazigo familiar

lembram-se de cada!

(claro que me importei quando o padre disse

que ELE me chamara à sua presença)

todos compungidos

choravam rezas e eulogias

vestiam negro

exceto as flores

e as palavras vazias

adivinei um sorriso dissimulado

nos lábios da viúva

andei por aqui e ali

ouvindo este e aquele

pediam à minha alma

que os libertasse

queriam alívio

disfarcei-me por entre sombrias colunatas

e fugi

(ainda hoje me procuram!)

Bem-haja por me ter encontrado.

Dei comigo a sorrir, facto inusitado e deveras inopinado. Encontro tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que me apetece cruzar este Mar Oceano e ir ter com ele ao Pico consolar as suas velhas penas. Durante quarenta e cinco anos sofri calado, ou nem tanto, escrevi para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas. Escreveria Rosário Girão:

Se o espaço múltiplo vai fazendo o homem ao longo dos tempos do Tempo, o Autor vai escrevendo o livro ao mesmo tempo que se escreve a si próprio e que escreve sobre o outro que ele também é... Tal escrita catártica (oscilando entre o passado ilusoriamente ressuscitado e o esboço do presente desatualizado) é regida quer pelo anelo de aprofundar o conhecimento do seu eu (não era "Conhece-te a ti próprio" a divisa do templo de Delfos?), quer pela vontade de fazer um balanço de vivências transatas, estabelecendo uma ponte para projetos futuros, quer pela ânsia de vencer o tempo e de triunfar sobre a morte...

Abateu-se agora uma chuva miudinha, de molha tolos, o cacimbo que veio acompanhado de nevoeiro típico desta costa sul em pleno Aquaparque da Vila (Franca do Campo) constringendo a leitura meada da Relação de Bordo II (Cristóvão de Aguiar). O filho benjamim, a mãe, a filha mais velha e a neta vieram-se postar-se debaixo do para-sol onde me encontrava há horas.

Sim, que nisto de exposição solar, desde que vi amigos australianos vítimas de cancro de pele, sou um sofredor de heliofobia embora não consiga viver sem ele para a minha função clorofilina mental. Curioso, ou assaz irónico, para quem, durante anos, foi escravo do bronzado. Em Macau, durante o inverno, usava uma lâmpada de infravermelhos para obter o efeito do bronze reacionário do Paulo Portas, esse líder político descabelado, vestido em Saville Row e com o tom de pele na moda nos anos setenta.

A praia da Vinha D'Areia esvaziou-se como se alguém tivesse gritado tsunami. Uma dezena e meia de banhistas, porém, lançou-se às águas pois dentro de água o mar é mais acolhedor do que os escuros grãos de basalto que preenchem as pequenas angras da ilha do Arcaño. Deve ter sido então quando as turbas acudiram ao bar, como que impelidas pela mola que caracteriza as multidões, que dei conta do meu envelhecimento temporal. Aquele que se nota mais nos instrumentos burocráticos que nos acompanham da nascença ao túmulo, e que não cessa de assinalar os dias percorridos na corrida infernal para se atingir a meta que se não deseja, mas é inelutável e fatal como o destino. Esse fatum de que o Poeta falava.

Verdade seja que não sentia (ainda) a idade nem a passagem do tempo, aparte umas leves manifestações de articulações e ossos, cuja existência sempre desconheci até chegar a esta húmida ilha. Igualmente me despreocupo com as cães e com as luas de Saturno plenas de gordura natural que orlam o equador do meu corpo. Vagavam os olhos, como mendigos, pelo entorno humano aglomerado ao balcão de comes e bebes, representantes lídimos dessa espécie de cachalote humano que aqui pulula como representante da beleza rural insular. Tal como as vacas, as mulheres querem-se avantajadas e bem recheadas de formas como boas parideiras que devem ser, para assegurar o futuro da prole e o sustento dos campos. Já era assim no século XVI.

Subitamente, como um oásis em pleno deserto, uns poucos corpos esbeltos e jovens preencheram o compartimento mental da beldade, onde se acumulam ninfas imaginadas por conquistar. Por entre as suas comissuras e por entre montes e vales fui levado pelas asas dum qualquer deus a visitar recordações juvenis e adolescentes.

Consta, e alguns cientistas já o provaram, que há intuições e instintos procriadores que se sobrepõem a todas as noções impostas pela sociedade ao longo dos séculos. Uma delas, a da conceção de beleza do sexo oposto, prende-se com noções mais ligadas à procriação e perpetuação dos genes dos machos alfa. Apesar desses vórtices mentais os estímulos normativos da sociedade aliados a essa imposição artificial de normas pela sociedade enviaram, uma vez mais, anti-histamínicos naturais a declararem que aquelas visões não eram do meu reino nem as suas possuidoras poderiam ser súbditas da minha vontade adolescente revisitada. Imenso era o desfasamento de idades. De um lado havia o objeto ou alvo do meu campo de visão e do outro, os lobos occipitais localizados na parte inferior do cérebro. Coberta pelo córtex cerebral, esta área designada por córtex visual, processa os estímulos visuais. É constituída por várias subáreas que processam os dados visuais recebidos do exterior depois de terem passado pelo tálamo: há zonas especializadas em processar a visão da cor, do movimento, da profundidade, da distância, etc. Mas se o córtex estava ativo, superativa estava a parte da frente do lobo frontal, o córtex pré-frontal, que tem que ver com estratégia, decidia quais as seqüências de movimento que devia ativar e em que ordem e avaliar o seu resultado. As suas funções abarcam o pensamento abstrato e criativo, a fluência do pensamento e da linguagem, respostas afetivas e capacidade para ligações emocionais, julgamento social, vontade e determinação para ação e atenção seletiva.

Voltando à realidade, é triste quando o corpo se não apercebe da sua lenta degenerescência e insiste em reagir a estímulos óticos que com ele se entrecruzam nas avenidas do olhar. Agora nem Taiti, Fiji ou Bali, por mais mágicos que possam ter sido, chegam para estimular a testosterona à flor da pele. Afinal, nunca dispus do espírito nem da mente de um Vicente van Gogh ou dum Gauguin para continuar a sonhar com núbias e castas companheiras.

Terei de contentar-me com memórias de arrebatamentos adolescentes quando os dias apareciam no meu juvenil diário, assinalados como BONS quando se trocavam uns olhares, ou palavras desconexas entrançadas em risinhos inconsequentes ou meros e fortuitos toques de derme. Muitos foram os desgostos, as paixões assolapadas, vontades súbitas de morrer na pira dos amores incompreendidos, já que respirar não valia mais a pena. Dias em que se perdia a vontade de viver sem aquele amor que se julgava eterno. A vida entremeava-se entre o branco e o preto, sem qualquer tonalidade cinzenta, já que naquela idade não havia arco-íris para os sentimentos (e esse símbolo ainda não representava gays ou lésbicas). Tudo era simples, linear subordinado a um imponente, majestoso rei e senhor, o Império dos Sentidos que se assenhoreava das impressões digitais da nossa retina. Depois eram enviadas para processamento ao laboratório forense do recato, lá onde o limbo da imaginação se escondia sob alvos lençóis, a grande maioria nunca substanciada, dado que o ADN / DNA ainda não fora decodificado, nem se sabia o que era o genoma humano. Isto tudo apesar da enorme energia despendida na imaginação do seu vórtice ou cume inalcançável. Aterrando estes eflúvios de novo na piscina onde a chuva se implantara, um cruel sorriso se assenhoreou da minha face ruborizada pelo irrealismo e ridículo de alguém da minha idade estar acompanhado de tão núbéis donas, pavoneando-se ufano. Deixaria essa apologia do caricato para aqueles calvos, mais envelhecidos do que um Porto Vintage, ao volante dum descapotável Mercedes SLK. Era ponto assente que tais fogos-fátuos demonstram à saciedade que a sua virilidade (ou o tamanho dela) era proporcionalmente inversa à idade das acompanhantes, nem sempre louras, nem sempre burras. Eles exemplificavam a noção burlesca do que na língua-mãe se chama de "Sugar Daddy". Como se se pudesse açucarar uma jovem daquelas, a menos que as dádivas materiais sirvam meramente para ocultar a falta de desempenho sexual por mais comprimidos azuis que se tomem.

Divago já, a chuvarada abranda. Afasto-me deixando por concretizar mais uma conquista adolescente, mas sentindo-me feliz e orgulhoso da mulher que segue a meu lado onde tem estado plantada de estaca inabalável ao longo duns três quinquênios assistindo ao meu amadurecimento tardio. São estas pequenas coisas que nos fazem felizes e não as aparências. Esta noite vou ter de lhe dizer que ao amá-la conquistei mais um cume, o K2 do meu Everest. Que as avalanchas me sejam leves.

69. CRÓNICA 69 RAUL SOLNADO MORREU 8 agosto 2009

*"A maior prova de coragem é suportar as derrotas sem perder o ânimo."
(Robert G. Ingersoll)*

8 agosto 2009, Raul Solnado morreu este sábado aos 80 anos. O ator estava internado no hospital Santa Maria e esta manhã, pelas 10h50, foi confirmado o óbito. Segundo informou o hospital, Solnado sucumbiu na sequência da evolução de um quadro clínico cardiovascular grave. No palco destacou-se como ator de mil faces, mas foi com as gargalhadas que Raul Solnado se tornou uma figura mítica do espetáculo. Um génio do humor que conseguiu pôr Portugal a rir de uma guerra sem sentido (com a famosa rábula «a guerra de 1908»), numa altura em que a guerra colonial era um assunto tabu. Gargalhadas que venceram uma guerra e que fizeram de Raul Solnado um recordista de vendas discográficas com um disco que nem canções tinha. O êxito dos monólogos «a guerra de 1908» e «a história da minha vida» foi de tal maneira que superou as vendas de Amália Rodrigues. Raul Solnado assinou assim um tipo de humor nunca visto em Portugal, um humor que esgotou bilheteiras nas principais salas de espetáculo. À MARGEM: foi o homem que mais fez divertir os portugueses. Ajudou a minimizar os tempos difíceis da guerra no ultramar com a rábula "É do inimigo?" Um grande Homem que nos deixou. in José Martins Tailândia

Retiro do meu livro CHRÓNICAÇORES volume 1:

Nesse ano 1969, em maio, quando em Houston se preparavam para revolucionar a história do Homem no espaço, em Portugal a "revolução" era feita mesmo em frente às câmaras. Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, com Luís Andrade na realização, criavam o "Zip-Zip". Um dos programas mais influentes da televisão portuguesa, e mesmo na história do país. Nele tomei parte, colaborador da versão radiofónica "Tempo ZIP" (1970: Carlos Cruz, Zé Fialho Gouveia, José Nuno Martins, João Paulo Guerra). Uma grande coroa de glória ter colaborado regularmente naquele programa de atração e popularidade universais. Era a única e saudável voz humorística no cinzento marcelista, marcou-me quase tanto como os Monthy Python na minha veia sarcástica e corrosiva. Alguns dos meus poemas dessa época refletiam já aquele tipo de humor que o caracterizava numa época de censura pouco inteligente incapaz de abarcar o alcance do seu humor de marca.

Público - Notícia 2009-08-08 17:29:00 ZIP-ZIP: Os sete meses que marcaram a televisão em Portugal (por Adelino Gomes)

"E agora, TV? Que monstruoso buraco vai ser o da segunda-feira?", perguntava o papa da crítica televisiva Mário Castrim, recentemente falecido, no vespertino "Diário de Lisboa".

Estávamos em 30 de dezembro de 1969. A RTP transmitira no dia anterior, uma segunda-feira, como sempre, a derradeira emissão do Zip-Zip. Como Castrim, também os críticos dos outros meios de informação dedicaram ao acontecimento a totalidade das suas colunas (ver texto "A crítica rendida"). Carlos Cruz e Fialho Gouveia, ao tempo, locutores da RTP, tinham abandonado o PBX, programa radiofónico de grande impacto junto dos ouvintes do Rádio Clube Português, a maior emissora privada do país. Amigos de Solnado, com quem costumavam

encontrar-se após as representações teatrais do ator no Villaret, tiveram a ideia de fazer um programa de televisão diário, com público. "Um 'talk-show', com notícias pelo meio daquilo", recorda-se Fialho Gouveia. O projeto vinha ao encontro de uma conversa sobre televisão que Solnado mantivera muito antes, nos Estados Unidos, com Ramiro Valadão, ao tempo diretor da Casa de Portugal em Nova Iorque. "Quando ele chegou a Portugal [para presidir à RTP] pensei 'Agora é que é. Vamos recomendar a conversa.' Com o Fialho Gouveia e o Carlos Cruz, fomos almoçar com ele." Os três amigos (a quem se junta, por breve período, Baptista Rosa, um oficial do Exército ligado à televisão desde os seus primeiros passos) partem de uma ideia-base, o programa tem que ser diferente do que até aí se tinha feito. Aventam-se várias hipóteses. Uma delas lembra-se Fialho Gouveia, consistia em fazer um programa diário, à hora de almoço, com notícias e diretos, tendo por cenário uma cabina aberta na qual "entrava um qualquer e dizia o que quisesse". Valadão argumenta que a RTP não tem meios para realizar tal programa e pede-lhes que reformulem o projeto dando-lhe uma periodicidade semanal. "Quero isso em 26 de maio." Estreia com claque para animar o público. Solnado situa o almoço a cerca de um mês da data indicada. "Ficámos aflitos. E então lá começámos a pensar no que se podia fazer. Naquele tempo havia a abertura do Marcelo Caetano. 'Isto agora com a 'primavera' [marcelista, assim designada para refletir promessas de que o regime salazarista iria democratizar-se com Marcelo Caetano] e com este Valadão, vai ser uma maravilha'. E resolvemos fazer um programa que levasse a televisão à casa das pessoas. 'Vamos pôr a malta toda a falar.' À falta de dinheiro, mas também com a consciência de que precisavam de conquistar o público mais jovem, Carlos Cruz e Fialho Gouveia encarregam José Nuno Martins, um estudante de Letras que com eles se profissionalizara no PBX, de selecionar os novos valores da música popular. O primeiro Zip-Zip é gravado no Teatro Villaret, em Lisboa, no sábado 24 de maio, perante uma plateia de amigos e curiosos, que compraram um bilhete de entrada por dez escudos. Corre tudo bem. "Levámos lá uma claque para segurar a coisa: puseram-se de pé na altura que era preciso, aplaudiram. Isto anima o público que está lá em casa a ver", explica Solnado. A crítica nos jornais de terça-feira, 27, do dia seguinte à emissão, não esconde a surpresa e abre-se em elogios. "As câmaras de TV, finalmente, aproximaram-se do povo", avisa, ainda algo incrédulo, Miguel Serrano no "República". "De súbito prova-se que era possível o humor; que era possível refrescar as variedades; que era possível a convivência da inteligência e do riso", aplaude Castrim no "Lisboa". "Nunca tinha acontecido: o espetáculo convivente, a escolha inteligente de cada passo, a graça e a alegria no tom exato (...) tudo num só programa de televisão", corrobora Correia da Fonseca em "A Capital". Interpelados na rua por anónimos agradecidos, os autores têm a noção de que o programa atingiu em cheio o português comum. "Não sabia que havia pessoas tão importantes em Portugal", comenta um taxista a um deles, referindo-se a Almada Negreiros. Figura meio vetada por razões políticas obscuras, Almada nunca fora chamado à televisão. "O ambiente que criou no palco e no programa e a repercussão que teve no país dita definitivamente o impacto do Zip-Zip", considera hoje Carlos Cruz. Acrescente-se-lhe a participação do público, permitida pelo formato do programa, acham Fialho e também Solnado, que o aprendera durante as suas estadas, como ator, no Brasil, onde a televisão estava mais avançada do que em Portugal. "O programa já ia para casa das pessoas com emoção, com a gargalhada, já ia prefabricado nesse aspeto." Entrevista, rábulas e música. Uma grande entrevista, uma rábula de Raul Solnado e atuações musicais inicialmente a cargo de cantores ou grupos que o público há de identificar com o "movimento dos baladeiros" constituem a espinha dorsal de cada programa, realizado, de forma sempre também muito elogiada, por Luís Andrade, hoje diretor de programas da RTP. Pelo palco do Villaret passam, semana após semana, figuras de quem a maioria dos portugueses nunca ouviu falar: intelectuais, escritores, nomes da música clássica e da música popular, ao lado de jovens desconhecidos de viola a tiracolo e de gente com profissões humildes e de falar incomum na televisão a vendedeira, o fotógrafo ambulante, o barrista popular, o limpa-chaminés, o último aguadeiro de Lisboa. Os bilhetes para assistir às gravações esgotam-se semanas antes. Mais de um terço da população fica em casa, à segunda-feira à noite, para ver o programa. As ruas esvaziam-se e as casas de espetáculos ficam sem público. O programa marca a agenda das conversas. A pressão da censura e a vertigem da popularidade fazem descer quase a pique, por vezes, o altíssimo nível das emissões iniciais. Os autores e apresentadores não são poupados. "(...) Cultural, baladeiro, barraqueiro; (...) popularucho, chocarreiro, malcriado (...) o Zip tomou-se um 'clássico' da nossa querida mediania", acusa no "Diário de Lisboa", em novembro, A. Jazente (pseudónimo de Alexandre O'Neill), um dos raros críticos que manteve uma posição reticente. "O cómico chorou." Quando a série chega ao fim, porém, os elogios cairão de todos os lados. No dia a seguir à gravação do último programa, o "Diário Popular" estampa a fotografia de Solnado na primeira página. Sob o título "O cómico chorou", um redator escreve (anonimamente como era de uso, mas onde se reconhece o estilo com que Baptista-Bastos marcou o jornal) breves linhas carregadas de simpatia emocionada: "Ontem, no Villaret, esse pequeno cómico de grande formato que se chama Raul Solnado fez uma humilde declaração de princípios ao narrar a história da sua vida. 'Comecei a trabalhar em vassouras, na loja do meu pai, na Madragoa...' Ficou-lhe, para sempre, a tendência de realizar coisas asseadas (...)." O popular Carlos dos Jornais (ardina lisboeta com facilidade para versejar e que foi um dos entrevistados do programa) traduz pouco depois, num inquerito de rua, o pensamento do espetador comum: "P'ró programa famoso /Remeto esta saudação /Foi o mais maravilhoso /Que teve a Televisão." Como previra dias antes Alice Vieira, crítica do "Diário Popular", a segunda-feira torna-se de novo, em Portugal, "maçadora e desconfortável". E as pessoas voltam a "não ter nada que discutir durante a semana, nem para pensar no que vai acontecer..." Ao serviço da "primavera" de Caetano? No final do Zip-Zip há quem, na imprensa, não tenha dúvidas. "O programa serviu em cheio aquilo que vai sendo hábito chamar de 'a liberalização'", escreve o crítico do "Diário Popular" A. Jazente. "No Zip 'criticaram-se', como nunca antes publicamente se fizera, pessoas e instituições consideradas intocáveis. Da parte de quem o permitiu, foi este um lance bem inteligente. O público teve a sensação de que havia mais liberdade na crítica, e, portanto, um dos principais objetivos do programa foi plenamente atingido". Mário Castrim, que não lhe poupou elogios, também não parece convencido de outra coisa. Esse facto, contudo, leva-o a defender que o programa volte o mais depressa possível. "[. Porque] não deve, não pode assumir aspetos de simples manobra." Raul Solnado assume que o programa pretendeu "ajudar" Caetano, a quem convidou para uma entrevista, segundo revelou ao PÚBLICO. "Gostou

muito do convite, foi muito amável, disse-me que gostava do programa, mas respondeu que não." A pressão constante da censura com quem produtores e apresentadores "negociavam" semanalmente os cortes contribuiu para que poucos meses depois do início do programa já o ator tivesse deixado de acreditar na prometida "primavera" política.

Texto publicado no PÚBLICO a 20 de outubro de 2002 Informativo-Notícia 2009-08-08 17:54: *Raul Solnado, a vida não se perdeu. Seria uma história do humor em Portugal contada por um dos seus protagonistas. Nascido em Lisboa em 1929, Solnado começou a carreira como ator no teatro amador, na Sociedade Guilherme Cossul, em 1947. Numa entrevista a Duarte Mexia, na "Pública", em 2002, conta como tentou ainda trabalhar na loja de móveis do pai, em frente à penitenciária - "não sabia o que queria ser na vida, sabia que queria ser ator, mas era uma coisa muito vaga". Mas já nessa altura aproveitava todas as oportunidades para ir ver os espetáculos dos seus ídolos, Vasco Santana, João Villaret, António Silva, Laura Alves. Quando começou a fazer teatro amador todas as dúvidas desapareceram, e acabou por comunicar ao pai: "olhe pai, vou para o teatro". Foi. Em 53 estreou-se na revista com "Viva o Luxo", no Monumental. E no final da década no cinema com os filmes "Sangue Toureiro" e "O Tarzan do Quinto Esquerdo". Conta, na mesma entrevista, que no princípio do seu trabalho na revista dizia "pouco mais do que meia dúzia de frases", e que foi o ator António Silva, que "era muitíssimo tímido", que lhe começou a achar piada e a puxar por ele. Mas o grande sucesso surgiu em 1961, com as rábulas e, sobretudo, com "A Guerra de 1908", um texto espanhol adaptado para português por Solnado. A história de um soldado que vai "bater à porta da guerra", editado em disco em 1962, torna-se um "best-seller". Foi, recordava Solnado, "um grande salto, o pulo do gato", e, subitamente, uma popularidade "asfíxiante" - tão asfíxiante que o humorista teve que ir para o Brasil para poder respirar. "Eu ligava o rádio e lá estava eu a contar histórias. As pessoas convidavam-me para jantar e lá estava o disco, para eu ouvir. Sentia-me perseguido por mim mesmo". O sucesso não se devia apenas ao facto de ser um texto "fabuloso". Portugal estava em plena guerra colonial e, mesmo falando sobre outra guerra, "o texto foi como um grito", e Solnado achava estranho que a censura na época o tivesse deixado passar. "Os militares nos combates que tinham diziam as minhas frases, era como uma libertação". Havia nesta história de uma guerra que fechava à hora marcada um lado de "nonsense" "que em Portugal nunca se tinha ouvido". A popularidade foi tal que Solnado brincava dizendo que era "uma vítima da guerra". O ano de 62 continuou a correr bem. Venceu o Prémio de Imprensa para melhor ator de cinema. Em 63 o sucesso continuou com o espetáculo Vamos contar Mentiras, com Florbela Queirós e Armando Cortês. O público era exigente. Mais do que exigente: "Quando a peça acabava exigiam que eu contasse mais histórias. [...] Um dia não contei, estava cansado ou doente, já não sei, e apedrejaram-me a carrinha. Foi horrível". Na ressaca do sucesso da "guerra", Solnado regressou ao Brasil - onde tinha tido uma experiência falhada em 1958 - e desta vez as coisas correm muito melhor. "Entre pela porta grande". Em 1964 o ator e humorista tornou-se empresário, fundando o Teatro Villaret - na peça de estreia, em 1965, "O Impostor-Geral" foi o protagonista. Passou a fazer tudo como queria - "escolhia desde o tecido, a cor da tinta para escrever a peça, como se traduz, até à forma como se fazia a publicidade do lançamento" - mas pagou um preço, com os credores a baterem-lhe à porta. Os textos humorísticos continuavam a ser editados em disco: Chamada para Washington (em 1966), Cabeleireiro de Senhoras (68), e no início de 69 a compilação O Irresistível Raul Solnado. É então que surge o segundo momento marcante da carreira: o programa Zip-Zip, gravado no Teatro Villaret, apresentado por Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz, muda a televisão em Portugal. Dura apenas sete meses, mas, em plena primavera marcelista, é uma "pedrada no charco". "Pela primeira vez um programa de televisão marcava a agenda das conversas dos portugueses", recordava Adelino Gomes no Público em 2002. O primeiro Zip-Zip foi gravado num sábado, 24 de maio "perante uma plateia de amigos e curiosos que compraram um bilhete de entrada por dez escudos". A crítica não poupou os elogios, e os autores recebem agradecimentos de pessoas na rua. Intelectuais, escritores, artistas, figuras que nunca tinham tido oportunidade de falar na televisão, passaram pelo palco do Villaret naqueles sete meses que durou o programa cujo nome foi inventado por Solnado durante uma viagem ao Porto - um nome que era bom "precisamente porque não queria dizer nada". E se na primeira gravação foi preciso convidar pessoas para assistir, nos seguintes os bilhetes esgotavam-se com enorme antecedência. E as ruas de Lisboa ficavam vazias às segundas-feiras à noite. O sucesso televisivo repete-se (embora com um impacto diferente, porque por essa altura Portugal já tinha mudado) em 1977 com o programa A Visita da Cornélia, em que a interlocutora de Solnado era a vaca Cornélia. Solnado continua a fazer teatro - "Há Petróleo no Beato" (1981) é um imenso sucesso - ao mesmo tempo que mantém presença na televisão. Novamente com os amigos Fialho Gouveia e Carlos Cruz apresenta o programa O Resto São Cantigas, em que se recordam músicos da época áurea da música ligeira portuguesa, e mais tarde apresenta o concurso Faz de Conta. É protagonista da "sitcom" "Lá Em Casa Tudo Bem", mas é no filme "A Balada da Praia dos Cães" (1987), de José Fonseca e Costa, que revela o seu extraordinário talento como ator dramático. Em 1991 publica a sua biografia, "A Vida Não Se Perdeu", escrita por Leonor Xavier (que foi sua mulher durante 15 anos). Em 93 participa, ao lado de Eunice Muñoz na telenovela "A Banqueira do Povo" e continua a fazer teatro - nomeadamente a peça "O Magnífico Reitor" (2001), de Freitas do Amaral. Numa homenagem, em 2002, no Festival Internacional de Humor de Lisboa, no Tivoli, Carlos Cruz agradeceu ao amigo. "Não temos o direito de lhe exigir nada porque ele nos deu tudo", disse. "Cinquenta anos, Raul, não é nada. É o teu princípio". Seis anos depois, a nova geração do humor em Portugal ainda teve a ajuda dele para a ajudar a contar a história. Notícia atualizada às 18h40 * título da biografia do ator e humorista escrita por Leonor Xavier e publicada em 1991.*

Mas a tristeza súbita que me enche o coração devo-a a esse grande Raul Solnado com o qual privei e de quem tanto aprendi e não a palhaçadas públicas que só me entristecem e servem para defraudar gente aparentemente simples e são desta aldeia onde vivo.

70. CRÓNICA 70. AS “TIAS” DOS MOINHOS, TELEMÓVEL NO CEMITÉRIO E TERMÓMETROS FRIOS 8 agosto 2009

70.1. AS TIAS DOS MOINHOS

Estava nos Moinhos (de Porto Formoso) de novo, aliás, eles são a minha segunda casa na ilha, ponto de refúgio, local de meditação e de inspiração poética, local de encontro e de tertúlias inopinadas com gente rica de experiências e de saber de todo o mundo que acontecem ao sabor das marés. Local para lenta, observação de gentes, costumes e apreciação da linguagem corporal (*body language*) dos humanos que ali transitam. Uma micalense disfarçava um bocejo com sotaque citadino micalense elitista dizendo que os novos lavabos e balneários mais pareciam umas masmorras em betão. A ignorância e as noções de estética não pagam imposto, valha-nos Deus. Quem vira as anteriores faltas de condições para os banhistas, decerto apreciava a obra que acaba por se moldar na paisagem sem ser demasiado agressiva, na sua estética moderna valorizando este mobiliário urbano. A obra favorece o ambiente e a saúde pública, mas aparentemente ia contra privilégios antigos da dita senhora, a cujo sogro pertenceram terrenos e casas limítrofes ora devassadas, conforme apregoava alto e bom som para todos, nas mesas circundantes, ouvirem.

Ri-me evocando o bidé das marquesas em São Martinho do Porto onde passara os verões do meu descontentamento matrimonial original, mas não havia comparação possível em possidonice. Faltava-lhe a sofisticação das “tias” da Linha do Estoril e Cascais e as acompanhantes não conseguiam dissimular a sua origem fonética micalense a que a matriarca tão desesperadamente queria escapar. Complexo de inferioridade ilhéu dissimulado? Querer mostrar ser mais importante que os demais, provar que já ia aquela praia há quarenta anos (só isto era quase um título de posse sobre a praia e a esplanada), sobressair a importância do sogro (e de nomes bem-sonantes que a mim nada diziam - os ingleses usam uma expressão maravilhosa, name-dropping), como quem atira nomes ao ar, em vez de rebuçados para as crianças pobres apanharem. Só lhe faltava ser professora da universidade local para ser totalmente importante. Se calhar seria, ou já teria sido, mas como não o mencionou era improvável, já que esta gente vomita o currículo em voz alta nas esplanadas da praia... Na Austrália trabalhei anos e anos com dezenas de pessoas e nunca soube - nem estava interessado - as suas habilitações. Aqui (Açores e Portugal) andam coladas aos dedos e à cara como se fizessem parte do Bilhete de Identidade genético.

Em ocasiões destas, e em tantas outras que não apetece evocar, desmoralizo em total desespero, ansiando lançar os braços ao mar e nadar para a novi-ilha do Cristóvão de Aguiar e ali arribado, falar, falar, falar até desfalecer. Noutras ocasiões iria à minha amada Austrália onde estes espécimes humanos só se avistam em zoológicos de famílias em vias de extinção, muito britânicos, mais do que os próprios apesar de nados e criados há gerações naquele continente-ilha.

Há solidões solitárias e multidões ermas, faltam tertúlias como as que recordo dos meus anos finais do Liceu Dom Manuel II (atual Rodrigues de Freitas) e do início do percurso na faculdade de Economia do Porto. Já tivemos um arremedo de reuniões assim nas longas noites de invernia insular, aqui no bar dos Moinhos, com o Manuel Sá Couto, o Daniel de Sá, e tantos (outros e outras) que iam e vinham consoante a chuva, o frio e a humidade ilhoa que desperta essa vontade inaudita de contaminação humana.

Tivesse eu fôlego e iria até esse mítico Pico da Atlântida submersa. Trata-se de uma ilha cujo magnetismo me fascina ao ponto de ter desejado, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para o Triângulo Sagrado onde faria imolações e outros sacrifícios nas aras do destino. Não sendo das Bermudas esse triângulo, isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de, como as cobras, trocar de pele e despir esta bela capa colorida terrena, que me vem acompanhando há quase seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que sonhei sempre em lançar ao Pacífico Oceano. Já o escrevi alhures, mas por ora contentar-me-ia com o Atlântico, esse derivado líquido da lendária Atlântida que muitos gostariam de encontrar nestes continentes submersos cujos picos habitamos. Todos à deriva neste imenso Mar Oceano. Não há Derrida que me salve nem Piaget que me explique.

Digo e repito:

A ilha para Natália Correia é “mãe, Mãe-Ilha”, segundo escreveu Cristóvão de Aguiar⁶⁸; para ele é “marilha”: mar e ilha, Marília; enquanto para Daniel de Sá era Ilha-Mãe. Para mim a ilha não é mãe, nem madrastra, antes Ilha-Filha para amar, que nunca enteeda. Para adorar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu e tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, seguidamente após mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima camoniana, nas ilhas de Timor, de Bali, na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), na imensa ilha-continente denominada Austrália, e em Bragança, ilhoa esquecida que é o nordeste transmontano.

Diz a minha mulher que sou altamente influenciável pelo que leio e já escrevo de forma diferente. Tu Daniel, tu Cristóvão, tu Rosário, tu Dias de Melo são os culpados. Acordaram um vulcão adormecido que na sua assinatura eletrónica assinalava, há anos, que a escrita nos Açores era piroclástica. Todos conhecemos o perigo dos vulcões indormidos. Não podem ser perturbados, tal como os ursos hibernados não podem ser molestados no seu descanso. Nunca se sabe o que podem fazer quando enraivecidos, perseguindo os humanos como se fossem presas fáceis, enquanto os vulcões derramam a lava sob a forma escrita, expelindo raivas ancestrais incontidas, sofrimentos amarfanhados, dores insofridas, paixões por materializar e tudo o mais que temporariamente calaram à espera do dia do juízo final, em que pudessem falar como se não houvesse amanhã, como se tudo tivesse de ser dito já hoje e agora, aqui, sob pena de se perder o momento, essa janela do tempo que nos permite, por meros instantes, ser quem realmente somos, sem qualquer máscara ou peia social.

70.2. TELEMÓVEL NO CEMITÉRIO?

Há tempos um falecido, aqui na vizinha Lombinha da Maia, pediu para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel. Qual não foi o meu espanto ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério agarradas aos celulares. Estariam a falar com o falecido? Será que atendeu do lado de lá das grades e de dentro do seu caixão de mogno? De que falariam, que fofuquices estariam trocando?

Lamentar-se-iam os vivos da falta que ele lhes fez ou estariam meramente a queixar-se da carestia de vida? Os sentimentos destes vaqueiros andam centrados nos proventos económicos e nas vacas e não almejam grandes conquistas culturais ou espirituais motivo que me leva a pressupor que o tipo de conversação seria de tal jaez. Não creio que pedissem aconselhamento para as próximas eleições legislativas, daqui a seis semanas, nem tampouco lamentando a sua falta.

Quem sabe de que se queixavam agarrados às grades com uma mão enquanto na outra seguravam o pequeno aparelho. Assunto a merecer futuro estudo até porque me interrogo quanto à duração das baterias do aparelho, sem recarga possível, no esquiife.

Seria uma solução para tantos escritores e outros que se separam de nós sem terem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria uma forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que, como eu, ficam facilmente órfãos de autores que nos acompanham nesta digressão terrena.

*Admira-me que as companhias de telecomunicação não tenham ainda inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado a todos os que nos deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial que poderia vir acompanhado de possibilidades de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? (versão final em **crónica 100.3**)*

Coincidência deveras insólita, pouco depois um amigo e ex-vizinho que há anos deixei de ver e falar, telefonou-me a perguntar o significado de R.I.P. Lá expliquei que era “rest in peace” ou “Requiescam In Pacem” ...

Hoje de manhã estava um excelente dia para ir até à praia, mas ao acordar fui assustado por uma ameaça de gripe do meu filho e tive de correr à farmácia da Maia pois o termómetro recém-adquirido dava “febres” de 35 °C para todos os que estavam aqui em casa.

Experimentamos trazer novo termómetro e o mesmo efeito. Por fim, trouxemos três aparelhos até que satisfatoriamente a temperatura assinalada dos nossos corpos se estabilizava nos 36 °C. Pensei que tinha chegado o momento que todos temem, pois com uma temperatura de 35 °C estaríamos pouco menos do que mortos e prestes a entrar em hipotermia, quando na realidade nos sentíamos ainda de sangue quente e bem vivinhos da costa como os chicharrinhos da ilha antes de serem capturados. Ao fim do dia o jovem pré-adolescente estava sem febre nem sintomas gripais e como recompensa os céus enviaram-me um pôr-do-sol espetacular.

Mais um, que desta falsa espreito à janela por sobre a Bretanha até se deter devagarosamente no meio do oceano, lá onde eu costumava ver a minha ilha mítica, chamada Autonomia, que mais ninguém jamais viu ou anteviu.

E adiante a versão final do texto anterior, num exemplo único e irrepetível nas minhas crônicas, homenageando o rico léxico açoriano:

70.3. CONVERSAS DO ALÉM

Há tempos ficara *menente* quando lhe disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel. O homem sem *pitafe*² algum viera da *Amerca*³, ali da antiga *Calafona*⁴, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso.

Qual não foi o espanto, num *alpardusco*⁵ de *camarça*⁶, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho.

Não tinha *tarelo*⁷ nenhum. Não querendo ser *lambeta*⁸, interrogava-se “*Estará a falar com o falecido, que nascera empelicado*⁹?” Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na “*Stars and Stripes*” à prova de *leiva*¹⁰ ou continuaria na sua eterna *Madorna*¹¹? Teria acendido um *palhito*¹² para ver quem lhe ligava? De que falariam? Que mexericos trocavam?

Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer? Estariam a queixar-se da *sorte caipora*¹³ dos herdeiros ou a culpá-lo pela *caltraçada*¹⁴ criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de *ao pé da porta*¹⁵? Falariam do gado *alfeiro*¹⁶ sem touro de cobrição? Talvez dum derriço numa filha numa constante *arredouça*¹⁷, *às fiúzes*¹⁸ do namorado da cidade?

JC ia *ficar a nove*¹⁹ mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas.

Não devem escalar grandes cumes culturais ou espirituais. Pressupunha ser esse o jaez da conversação. Não se crê que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas. Quem sabe que lastimavam? Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para

se discutir à mesa, sem ninguém a *atramoçar*²⁰, com uns *calzins*²¹ de *abafado*²² até se ficar meio *piteiro*²³.

Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquite. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha.

Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena.

Admira-se que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho.

Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas?

Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis. Um tema a merecer estudos futuros, talvez a local universidade da malagueta (ou era malgueta, pequena escola?) quisesse lançar um mestrado inovador sobre o tema para atrair os fugidios estudantes.

Coincidência deveras insólita, dias passados, um amigo, que há anos deixara de ver, telefonara a perguntar o significado de R.I.P.

Lá explicara “*rest in peace*” ou “*Requiescam In Pacem*” (texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M.

Soares de Barcelos, autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro

1 *Menente*, espantado, estupefacto (São Miguel)

2 *Pitafe*, defeito, atribuído quer a pessoas, quer a objetos. Nódoa na reputação.

3 *America*, corruptela de América, ou Nova Inglaterra por oposição ao outro grande polo de emigração, a Califórnia

4 *Calafona*, Califórnia, na estropiação dos emigrantes de antigamente

5 *Alpardusco*, o mesmo que alparado, crepúsculo, lusco-fusco (São Miguel)

6 *Camarça*, tempo húmido (São Miguel)

7 *Tarelo*, juízo, tino (São Miguel)

8 *Lambeta*, intrometido (São Jorge)

9 *Empelicado*, diz-se de pessoa afortunada, usado na frase *nascer empelicado* (Terceira)

10 *Leiva*, designação dada a formações de musgo de várias espécies *Sphagnum*, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, *Calluna vulgaris*, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.

11 *Madoma*, sono leve, sonolência, torpor

12 *Palhito*, o mesmo que fósforo (Terceira)

13 *Caipora*, de qualidade inferior, reles. *Sorte caipora*: que pouca sorte, sorte maldita (São Miguel)

14 *Caltraçada*, confusão, mixórdia, trapalhada

15 *Vizinho do pé da porta*, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (vizinho de ao pé da porta em São Miguel)

16 *Alfeiro*, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)

17 *Arredouça*, confusão, desordem

18 *Fiúzes* (São Miguel) ou *Às fiúzas de*, à custa de, viver à custa de outrem (Terceira)

19 *Ficar a nove*, não entender nada do que ouviu.

20 *Atramoçar*, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (São Miguel)

21 *Calzins*, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas

22 *Abafado*, O vinho abafado é um vinho tradicional dos Açores, constituindo uma tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos vinhos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micalense, o abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (São Jorge)

24 *Piteiro*, aquele que bebe muito (Terceira, Flores)

70.4.. A GRIPE A E A QUEIXA CONTRA O HOSPITAL DE PONTA DELGADA. HDES

Em setembro 2009 nas vésperas do 8º Colóquio da Lusofonia em Bragança a família foi abalada quando o meu filho contraiu a famigerada Gripe A. As febres altas e algum temor foram, no entanto, relegadas para segundo lugar pela feudal reação de uma médica de serviço no Hospital que ameaçou o que adiante se lerá.

*Exmo Senhor Presidente do Conselho de Administração - Hospital do Divino Espírito Santo, Ponta Delgada
Exposição - participação CASO Gripe A, nº 5457*

Cronologia dos eventos:

18 setembro, 08.00 horas O meu filho menor João Costa Simões Chrystello acordou com temperatura (38,8 °C) e sintomas de gripe. Liguei para a Linha Verde 808246024.

08.30 O médico de serviço na Linha Verde validou a sua imediata admissão no SAP Hospital da Ribeira Grande para onde foi transportado pelas 11 horas. À chegada sentiu-se mal, prestes a desmaiar e com tremores de medo ("esperneando" ou "contorcendo-se" seria o termo mais adequado). Na presença do pai e mãe do menor nada mais foi observado. A médica de serviço, que o recebeu, anotaria na sua ficha que ele teve uma convulsão. A mãe e o pai interrogaram-na a esse respeito ao qual respondeu que ele estava com 39,1 °C de temperatura. Normalmente a febre dele ronda os 35,5° C. Esta médica já lhe fizera diagnósticos errados em anteriores visitas a este SAP Centro Médico da Ribeira Grande, enviando-o para Ponta Delgada onde o médico de serviço se interrogara sobre o discernimento do diagnóstico. Contudo, não é este o facto que está em causa porque é preferível "pecar" por excesso do que por negligência.

11.30. Foi transportado pelos bombeiros, acompanhado da mãe e de uma enfermeira, todos equipados com máscaras e fatos amarelos de proteção viral ao Hospital do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada onde deu entrada cerca das 12 horas. Fizeram-lhe várias colheitas: nasal, bocal e de sangue. Ficou internado no quarto 5 da Pediatria na Urgência, tratado com todo o cuidado pela Dra. Ana Raposo, Dra. Cátia e enfermeiras de serviço. Por volta das 16 horas os primeiros resultados chegaram e nada indicavam de anormal relativamente ao motivo da "alegada" convulsão. A Dr.ª Ana Raposo comunicou à mãe que as análises estavam bem e que continuava a aguardar pelo resultado relativo à gripe A.

18.20 Duas auxiliares, totalmente protegidas, vieram buscá-lo, mudaram-no de cama e levaram-no para a Unidade de Doenças Infecções onde ficou no quarto 10, cama 14. Como nada me disseram, fui buscar a minha mulher, que se encontrava na Recepção, e saímos em busca da Dra. Ana Raposo, que, assoberbada de trabalho na urgência, pelas 19 horas, nos pediu desculpas pelo facto de as auxiliares terem levado a criança antes de ela falar conosco. Disse-nos, perentoriamente e sem qualquer margem para segundas interpretações, que a criança tinha a estirpe A do vírus e que POR MEDIDA DE PRECAUÇÃO, E EM VIRTUDE DE TER DE ACEITAR A INDICAÇÃO REGISTADA NA FICHA DA MÉDICA DE SERVIÇO DA RIBEIRA GRANDE, aconselhava que o João ficasse internado durante 48 horas para ver a sua evolução e descobrir o motivo da "alegada" convulsão. Concordámos ambos com o internamento, para ficarmos com a consciência tranquila quanto a epilepsias ou outras causas prováveis da "alegada" convulsão. A minha mulher ficou no quarto a acompanhar o João durante o período de internamento, estando ambos medicados com Tamiflu.

Dia 19 A temperatura alta manteve-se controlada pela eficiente ação de médicas e enfermeiras sem outros sintomas que inspirassem cuidados, até desaparecer no fim da tarde deste dia. Tanto as médicas como as enfermeiras foram duma atenção extrema e de uma dedicação assinaláveis.

Dia 20 09.30 horas Sem febre e sem nada que justificasse o prolongamento da estadia no Hospital, a minha mulher pediu pelas 09.30 da manhã que chamassem o médico de serviço para ser dada alta ao menor e prosseguir o tratamento em casa. Pelas 14 horas ainda não tinha sido observado por nenhum médico, situação normal no Hospital durante o dia de domingo.

14.00 horas. Foi por essa hora que tentei contactar a médica de serviço nas Urgências, Dra. Rita Soares (296203781), tendo esperado que ela acabasse de almoçar para poder falar com ela. Expliquei a situação pedindo que fosse dada alta ao meu filho para prosseguir o tratamento em casa. Disse-me perentoriamente que não daria alta, que não tinha sido possível contactar a Dra. Ana Raposo e que esta não deixara explícito que a criança sairia após 48 horas de internamento, pelo que como era ela quem mandava ele ficaria internado. Ali mandava ela e não a Dra. Ana e ela seguia as indicações que tinha na ficha do paciente onde nada estava escrito sobre as 48 horas de internamento, pelo que iria ficar ali durante sete dias. Apesar da forma pouco delicada com que se dirigiu, respeito a sua opinião como profissional e entendo, perfeitamente, a sua posição perante as informações que tinha disponíveis. Mostrei-lhe, calmamente, que nesse caso a minha mulher iria assinar um Termo de Responsabilidade e iria sair, ao que a médica me disse que não, que não autorizava, que ele era menor e iria informar a Segurança Social e a Proteção de Menores e me iriam retirar a tutela da criança (???), a qual não iria ser medicada nem atendida outra vez naquele hospital.

15.00 horas. Perante tais dislates, abusos e prepotências, mais adequados a um período político do Estado Novo do que aos correntes dias, avisei a minha mulher para que pedisse para assinar o referido Termo de Responsabilidade enquanto me dirigia da minha residência na Lomba da Maia (costa norte, a 45 minutos da cidade) ao hospital. Nesse intervalo, a médica fora, finalmente, falar com a minha mulher e, perante a criança menor atterrada, proferiu as mesmas ameaças e disse que iria retirar o filho do seio da família. A gravidade desta afirmação é o que motiva a presente exposição. Vai contra todas as normas éticas e outras de um médico representando o Hospital e a Direção Regional de Saúde dos Açores. Disse, também, a senhora que se recusava a tratar ou medicar o meu filho se ele sáisse e que iria chamar de imediato as assistentes sociais (como fez) e que o Tribunal de Menores se

encarregaria do caso. A forma como fomos tratados será, talvez, o tratamento que aquela médica usa, abusivamente, para pessoas de baixos rendimentos socioeconómicos e de reduzidas habilitações académicas, desconhecedoras das regras, direitos e deveres dos doentes e seus acompanhantes, na ótica feudal que durante séculos caracterizou a sociedade açoriana, mas totalmente desajustada dos dias que correm. Por nos sentirmos vexados, humilhados, e maltratados perante o menor, nosso filho, com ameaças infundadas e sem qualquer razão de ser, com perigo emocional e psicológico para a criança, em total desrespeito pelos direitos consagrados aos cidadãos deste país com acesso ao SNS (Serviço Nacional de saúde) e por termos sido ameaçados com a suspensão de tratamento e de medicação ouvimos, ainda, a médica Rita Soares dizer que só daria o Termo de Responsabilidade se o Diretor Clínico autorizasse, pelo que foram chamar aquele responsável do Hospital.

17.00 horas. Depois de uma curta confabulação com as funcionárias dos Serviços Sociais do Hospital (D.^a Helena Soares e outra não identificada) aguardámos a vinda do Diretor Clínico de Serviço que se não dignou falar connosco e após uns minutos em cavaqueira com a médica e enfermeiras lhes disse alto e bom som "Que isto se não volte a repetir e que não torne a haver casos como este". Nessa altura foi-nos dada uma receita para 2 embalagens de Tamiflu que fomos comprar (€50 EUROS), e saímos com um kit de gripe A e algumas máscaras. Prosseguiamos em casa o tratamento do menor tal como indicado pela Direção Regional de Saúde e como sempre fizemos, como pais cultos, educados e responsáveis que somos.

21.00 horas Telefonei ao Delegado de Saúde da Ribeira Grande, falei com a Dra. Rosa Lourenço, a quem dei conta sumariada dos eventos e que pediu para a minha mulher se deslocar à sua presença para lhe dar baixa médica (acompanhamento de familiares) visto que quer ela quer o meu filho saíram do Hospital de Ponta Delgada sem qualquer atestado médico relativo ao período de internamento de três dias. A violação dos direitos fundamentais de cidadão e de doente de que fomos, os três, vítimas, não pode passar incólume nem ficar impune, sob risco de, amanhã, situações idênticas ou piores se registarem. Reitera-se que o tratamento no hospital de todo o pessoal médico, de enfermagem e auxiliar (com exceção da Dra. Rita Soares) foi do mais elevado profissionalismo e simpatia, como aliás só é costume encontrar no setor privado da saúde. Os parabéns ao restante pessoal do Hospital pela sua afabilidade, educação, bom trato e profissionalismo.

Dia 21 17.20 horas. Os serviços sociais do Hospital (D. Helena Soares) telefonaram a comunicar que o caso havia sido remetido à Proteção de Menores. Neste momento, o João encontra-se bem, não voltou a ter temperatura e segundo o Delegado de Saúde poderá fazer a sua vida normal a partir de 5^a feira, dia 24 (dia em que vai deixar de tomar o Tamiflu) e retomar as suas aulas na próxima semana. Foram seguidas à risca todas as indicações (fornecidas pelo Delegado de Saúde) quanto a possíveis contágios a terceiros. Pelo exposto e antes de proceder a diligências junto das autoridades judiciais competentes remeto o assunto à Vossa superior consideração

Posteriormente receberia uma espécie lacónica de "Pedido de desculpas" da direção do hospital a dizer que isto não se repetiria, e ficamos por aqui, dado que a Proteção de Menores nunca nos chamou..., mas convém registar o abuso para memória futura.

71. CRÓNICA 71 MORREU O (MEU CUNHADO E) LIVREIRO HENRIQUE PERDIGÃO, UM HOMEM QUE AMAVA AS LETRAS 11.08.2009



Vou usar as palavras de outros para dizer que morreu o (meu cunhado e) livreiro Henrique, um homem que amava as letras 11.08.2009. Henrique Fonseca Perdigão, o neto homónimo do fundador da Livraria Latina, no Porto, morreu ontem, aos 51 anos, vítima de tumor cerebral. O funeral realiza-se hoje, pelas 15h, a partir da Igreja das Antas. Com a morte de Henrique Perdigão, desaparece a terceira geração de livreiros que transformaram a loja da Rua de Santa Catarina, fundada em 1942, numa das mais prestigiadas livrarias, mas também editoras (nos primeiros anos) portuenses. Já sob a gerência de Henrique Fonseca Perdigão, o edifício da Latina foi restaurado e a loja remodelada, sem perder a matriz afetiva da velha livraria como lugar de tertúlia cultural, com o regresso das sessões de lançamento e autógrafos de livros e a realização de exposições. A outra grande paixão de Henrique Perdigão foi o basquetebol, tendo sido atleta e seccionista do Académico Futebol Clube.

Apesar da sua condição de ex-cunhado, jamais deixamos de nos comunicar ao longo de mais de trinta anos, fosse para falar da educação dos meus filhos, fosse para falar de literatura e de projetos que ambos acalentávamos. Em 1999 esteve na Fundação Eng.^o António de Almeida no lançamento do meu livro "Timor-Leste o dossiê secreto 1973-1975", o qual teve honras de estar exposto na montra principal da Latina durante uma semana. Ainda há meses falara com ele para a possibilidade de lá se fazer uma apresentação da "CrónicaAçores: uma circum-navegação vol. 1", da próxima vez que eu estivesse no Porto. Todos os meus livros mereceram sempre exposição na montra da livraria inclusive o primeiro voluminho de poesia que lancei em maio de 1972 "Crónica do Quotidiano Inútil". Vou perder o meu escaparate favorito. Não vislumbro seguidores capazes de manterem aquela Livraria independente, lugar obrigatório de paragem de todos os que se deslocavam à baixa numa época em que isso era obrigatório e ainda agora em que a Baixa do Porto perdeu muito do seu brilho de outrora.

Chrys CHRYSTELLO

71.1. "A LIVRARIA QUE TEM CAMÕES COMO PATRONO. Autor: Carlos Romão

domingo, 24 novembro 2006, blogue Cidade Surpreendente

http://cidadesurpreendente.blogspot.com/2006_11_01_cidadesurpreendente_archive.html

Segundo uma Crónica de Germano Silva, publicada no Jornal de Notícias há uns dois anos, Luís Vaz de Camões nunca terá passado pelo Porto. Era homem de outros percursos, doutras paragens semeadas de aventuras que aqui não encontraria. A cidade, também, pouco o refere. Deu-lhe o nome a uma rua, ergueu-lhe um interessantíssimo, mas modesto, busto desgrenhado, virado ao vento sul do Atlântico num recanto da Avenida Brasil, e comemora-o no cunhal da Livraria Latina, casa de letras que o assumiu como patrono. O Camões da Latina, que já aqui vimos, despeitado, a meter conversa com a figura feminina que se encontra na esquina oposta, do outro lado da Rua de Santa Catarina, é, imaginem, da autoria de alguém que, tendo formação de escultor, ficou conhecido como um dos pintores que melhor soube retratar o Porto, o aquarelista António Cruz. Deve-se a Henrique Perdigão, fundador da Latina em 1942, a substituição da figura de Mercúrio - companhia inadequada, na opinião do editor-livreiro - pela do nosso maior poeta, na fachada da livraria. Este preciosismo, que acabou por constituir uma boa homenagem da cidade ao nosso maior poeta, não é de admirar se nos aproximarmos um pouco de Henrique Perdigão. Era um literato, decidido, inovador, pleno de iniciativa, que dedicou vinte anos da sua vida à elaboração do Dicionário Universal de Literatura, obra prestigiada tanto em Portugal como no Brasil, onde ficou conhecido como Dicionário Perdigão. Para comemorar a inauguração da livraria, Henrique Perdigão organizou um concurso literário, o primeiro realizado em Portugal. Abria assim também, de forma inédita, as edições da Coleção Latina que, em menos de três anos, poriam nos escaparates das livrarias quarenta novas obras - um prodígio para a época - de autores como António Botto, Teixeira de Pascoaes e João Gaspar Simões, entre outros. Henrique Perdigão considerava a Latina como «a mais moderna organização livreira e editorial do país.» Ali podiam encontrar-se «livros de tudo e para todos, sobre Letras, Filosofia, Artes e Ciências e ainda tratados de Medicina, Cirurgia, Engenharia, Direito, indústrias têxteis metalúrgicas e elétricas, contabilidade comercial, etc.» Vendia ainda, por baixo de mão e com risco não despreciando, livros políticos e outros proibidos pelo regime de Salazar, que incluíam autores como Jorge Amado, Raul Rego, Henrique Galvão, Cunha Leal e pasme-se...duas obras de Aquilino Ribeiro, Quando os Lobos Uivam e Príncipes de Portugal. A ele se deve a iniciativa da primeira página literária nos jornais do Porto, publicada em O Primeiro de janeiro sob a direção do jornalista Jaime Brasil. Mais tarde, O Comércio do Porto e o Jornal de Notícias seguir-lhe-iam as pisadas. Morreria prematuramente, em 1944, numa das suas deslocações ao Brasil, país com que mantinha uma estreita relação afetiva (e onde os filhos nasceram, um deles ainda lá vivendo), para comprar livros que divulgaria em Portugal. Sucedeu-lhe o filho, Mário Perdigão, que manteve a Latina no roteiro bibliográfico portuense durante 53 anos. Uma das características da tradicional livraria era o enorme pé-direito, preenchido com livros até ao teto, que, fazendo a delícia dos turistas, «impedia o acesso do público às obras», segundo Henrique Perdigão, neto homónimo do fundador, que assumiu a decisão da renovação da Latina há dois anos. As obras foram ditadas por «razões comerciais e de estabilidade da estrutura do edifício», acrescentou. O novo espaço, que conjuga a leveza e a elegância permitidas por materiais como a madeira e o aço, mantém a emblemática parede, agora acessível, pejada de livros. Entretanto a livraria duplicou os títulos e aumentou a aposta nos livros temáticos. A avaliar pelas declarações do proprietário, a Latina está de novo, como quando foi fundada, com o olhar posto no futuro."

71.2. "LIVRARIAS MULTIPLICAM-SE APESAR DA CRISE Autor: "O Homem do Leme"

4 de novembro de 2005 isto no blogue "Die Otelo Pruzident" em <http://prusidente.weblog.com.pt/arquivo/213549.html>

Os hábitos de leitura dos portugueses permanecem reduzidos. O preço do livro continua a ser o argumento mais utilizado para não o adquirir. Mas os livreiros do Porto insistem em contrariar a tendência, abrindo mais livrarias, desafiando a concorrência de cadeias como a FNAC, apurando o stock, complementando-o com atividades paralelas de incentivo e divulgação da literatura, apostando ferozmente no atendimento personalizado. Hoje, a livraria Latina, na Rua de Santa Catarina, no Porto, reabre as portas numa casa elegantemente restaurada e ampliada. «Hoje, há menos gente a estudar, mas mais gente a ler. Aliás, só não lê quem não quer», defende, otimista, o proprietário, Henrique Perdigão, rejeitando a teoria do preço inflacionado. «O que é que não é caro, atualmente?»"

71.3. "O PRAZER DA LIVRARIA E UMA SUGESTÃO

José Carlos Pereira: 14 novº 2005 blogue "Incursoes" http://incursoes.blogspot.com/2005_11_01_incursoes_archive.html

Gosto de ir às livrarias. Perco-me na consulta dos índices e nas revistas que trazem resenhas de livros. Na maioria dos casos, as livrarias não dispõem de um espaço para se estar calmamente a fazer tais consultas. Um novo conceito de livraria já entrou em Portugal a proporcionar tempo de fruição descontraído. Sei que já me referi à Livraria Latina, aproveitando um post de Rebedinho Anaximandro. Mas, sem preocupações publicitárias, hoje não posso deixar de referir essa livraria que, encimando o seu frontispício com um busto de Camões, lembra a saga heroica dos latinos. Estive lá toda a manhã. Senti a tranquilidade que o prazer do livro devolve. A remodelação feita pelo nosso amigo Henrique Perdigão imprimiu à livraria Latina a ideia de um espaço para, tranquilamente, poder saborear o prazer de folhear e consultar livros. Vai, inclusivamente, disponibilizar a possibilidade de tomar café durante o tempo em que se frui o prazer de "ver" um livro. Este post nasce de um impulso: prestar o meu reconhecimento a Henrique Perdigão. Num tempo em que as livrarias estão ameaçadas pelos supermercados, o Henrique resistiu à tendência

para baixar os braços e, com o seu investimento, prestou um serviço à cultura. Possivelmente, Henrique Perdigão não terá conhecimento desta pequena homenagem que lhe presto. E isso pouco interessa: afinal é apenas um desabafo que senti necessidade de partilhar com os meus amigos incursionistas.

71.4. "LIVRARIA LATINA CRESCE EM ESPAÇO E TÍTULOS.

Autor: desconhecido Data: 2 de novembro de 2005 isto no Jornal de Notícias em <http://jn.sapo.pt/>

Depois de 163 dias de interregno para obras, a livraria Latina, que desde maio habitou um espaço emprestado na Rua 31 de Janeiro, regressa hoje a casa, na Rua de Santa Catarina. O espaço, quase irreconhecível, com a fachada a recuperar a dourada traça original, reparte-se agora em três pisos - de todos vê-se a rua -, e ameaça crescer. «Depois de ter visto a obra concluída, percebi que a galeria tem um potencial muito maior do que aquele que tinha, inicialmente, imaginado», confessa Henrique Perdigão, proprietário e neto do fundador homónimo da livraria, inaugurada em 1941. A Latina cresceu em espaço e em títulos. «Duplicámos o stock e aumentamos a aposta nos livros temáticos - a única área em que não éramos fortes.» Cresceu também na acessibilidade do público às obras. «Tínhamos uma parede com cerca de quatro metros de altura, que fazia a delícia dos turistas, mas que impossibilitava o consumidor de chegar ao livro.» O proprietário não teme a crise. «Devia haver mais livrarias na Baixa. Só não lê quem não quer. E acho que as pessoas leem mais.»

71.5. "MULTIDÃO QUIS VER O 'SENHOR PROFESSOR'

Sérgio Almeida 25 fev^o 2007 Jornal de Notícias http://jn.sapo.pt/2007/02/25/cultura/multidao_quis_vero_senhor_professor.html

A popularidade e a proverbial resistência física de José Hermano Saraiva conheceram ontem dois novos flagrantíssimos exemplos. Ao longo de quatro (!) horas, o mediático historiador transformou o que se previa ser uma pacata sessão de autógrafos na Livraria Latina, no Porto, numa impressionante manifestação de carinho que qualquer Nobel, por certo, não desdenharia. «É uma comoção extraordinária. Já perdi a conta ao número de exemplares que assinei», confessou o comunicador, de 87 anos, sensibilizado em particular «com os pais que compram livros para os filhos que ainda nem sequer sabem ler» e indiferente «às calosidades que começam a aparecer nas mãos» ao fim de tantas horas a assinar autógrafos. A adesão popular foi tal que a gerência da livraria se viu obrigada a antecipar em meia hora o início. Um paliativo que não evitou as longas filas de espera nas horas seguintes. Com o mais recente livro do autor na mão - 'Lugares históricos de Portugal', uma edição das Seleções do Reader's Digest -, a multidão enfrentou o tempo que tinha pela frente sem o mínimo sinal de enfado. «Por maior que seja, a espera vale a pena», resumiu Clara Esteves, uma secretária de 53 anos disposta a esperar «o tempo que for preciso» para oferecer o novo livro do 'senhor professor' à filha, caloiira do curso de História. Para Hermano Saraiva, a sessão teve também um significado simbólico adicional. Em 1943, com o curso de História terminado há pouco, venceu o primeiro concurso de contos promovido pela Latina, graças ao livro "Este vento vindo dos montes", baseado nas cartas apaixonadas escritas àquela que viria a ser a sua mulher. Com os três mil escudos ganhos, pôde reunir algum dinheiro que o ajudou "a casar e a mobilar a casa". «Não é bem um regresso, porque, sempre que venho ao Porto - e são muitas vezes -, faço questão de cá vir, pois sinto-me em casa», sublinhou. O Proprietário da Latina, H. Perdigão, não ficou surpreendido com a recetividade, porque «é uma figura com um perfil único».

A emblemática livraria está a comemorar os 65 anos e, até fim do ano, vai levar por diante um calendário cultural intenso, com mostras e debates em destaque. Henrique, vais fazer falta a todos nós e a muitos mais que nem sequer sabem da falta que lhes vais fazer.

Chrys Chrystello, agosto 2009

72. CRÓNICA 72 DA NÃO-ODE À NETA AO CENÁCULO ANTERIANO. 17 ago 09

Houve bailho na aldeia neste domingo, mas os locais e forasteiros eram menos do que nas edições anteriores e a culpa foi do bom tempo que há muito andava arredado deste verão e resolveu oferecer o melhor dia do ano. O motivo de mais esta festarola que muito entusiasmo os locais era mais uma Feira do Linho, acompanhada de foguetes estrelejando nos céus com o seu característico bum, que ainda hoje ninguém conseguiu explicar para que servem. A música não era nenhuma Chamarrita nem fazia parte do cancionero açoriano. Fora retirada do elenco pimba abrasileirado duma qualquer banda. Centenas de pessoas entreteram-se durante umas horas de domingo esquecendo as canseiras e a carestia da vida. Um soporífero como outro qualquer, que nisto de tradições, cada vez menos são elas fidedignas reproduções de outras eras. É salutar mantê-las, mas a juventude não vai em cantigas populares de antanho e prefere as pirosices musicais que se vendem aos milhares em todas as feiras. Não estive presente nesta 4^a Feira do Linho, mas ouvi os seus acordes dissonantes a uma escassa centena de metros do evento.

Desculpa lá a intimidade, mas imagina tu, leitor anónimo, que andei mais de três meses a esforçar-me e não consegui (desisti) ler o “Homem Duplicado” de Saramago enquanto devorava os 3 livros da “Relação de Bordo” (Cristóvão de Aguiar) numa semana...ao mesmo tempo que levava a filha e a neta (Mariana de sua graça) aqui, ali, acolá, da praia à piscina e até aos ananases que o tempo estava mesmo dos ditos.

O ananás chegou a S. Miguel em meados do século XIX, proveniente da América do Sul, como planta ornamental. No entanto, o cultivo em estufas depressa veio a conhecer um notável desenvolvimento, pois desenhava-se como uma boa alternativa à cultura da laranja, que já entrara em declínio. O delicioso fruto ganhou adeptos em vários países da Europa e as exportações atingiram valores muito elevados. Nesta ilha, o ananás é cultivado em grandes estufas que preservam calor e humidade e permitem criar uma planta com frutos tão saborosos como de belo efeito estético. As estufas situam-se nos concelhos de Lagoa, Ponta Delgada e Vila Franca do Campo. A antiguidade, a tradição e qualidade desta cultura valeram a classificação com a denominação de origem «Ananás dos Açores / S. Miguel.»

la tentar acabar de ler nas Sete Cidades “À boquinha da Noite” do Dias de Melo. Mais uma leitura gorada pois o tempo estava excecional, e depois dos chuviscos nos ananases do A. Arruda em plena Fajã de Baixo, o sol jorrou a potes a convidar ao desvio aos Moinhos para um banho retemperador nas gélidas águas atlânticas. Fiquei à sombrinha sem ler nem escrever. Na retina ficaram as lagoas mostrando as suas mil e uma facetas renovadas em cada visita. A lagoa de Santiago, mais abaixo do nível normal das águas, a mostrar uns arremedos de praias minúsculas, lá em baixo, ao fundo das suas mui alcantiladas margens. Optei por ouvir o silêncio com todas as suas nuances e variações em plena Lagoa Azul das Sete Cidades, enquanto a neta molhava os pés. Todos se sentiam reconfortados naquele silêncio imaginado da lagoa tentando redescobrir sons e ruídos perdidos na memória dos tempos.

Bem queria eu escrever uma ode à neta, mas não houve sossego suficiente para botar a pena ao papel. A neta com seis anos está com a mesma idade em que perdera o contacto diário com a sua filha australiana e além de evocar semelhanças e diferenças permitiu-lhe retomar, por indireta via, o contacto com a filha que acabara de fazer na véspera 23 anos. Não resisti a telefonar-lhe e indagar da sua vida ainda partilhada com o mesmo namorado que conhecera aquando da visita aos Açores há três anos. Tal como eu era uma extensão da ilha que me adotara, a neta tornava-se assim numa extensão da filha. Como se dezassete anos se não tivessem passado, entretanto, como se tanta dor não houvesse sido chorada, nem tanta lágrima tivesse secado prematuramente nos canais lacrimosos irreversivelmente encerrados. Neste regresso ao passado não escrevi odes à neta, mas entoei-as mentalmente, brincando, contando histórias de adormecer (*lullaby*) que mal entendia dado o seu limitado inglês. Acabaram amigos como nunca foram, dado que raramente se visitavam de longados como estavam por 1800 km de mares salgados. Ainda bem que estão de boas relações com esta filha da sua mulher que adotara há quase quinze anos e que o prendara com uma neta que os restantes filhos ainda não lhe deram.

Só queria escrever umas linhas a agradecer as alegrias que esta neta deu em apenas uma quinzena, a fazer sentir como é transitoriamente frágil este percurso humano de sentimentos contraditórios e revertíveis para quem sempre dizia que não tinha netos. Nisto de casamentos só eu sabia quão importante eram e porquê. Os problemas da filha e sua carmetade, de quem se tinha apartado, parecem ter carrilado na sequência natural do “*E a vida continua,*” não é Padre Videira Pires (nome dum programa televisivo espiritual católico dos anos 1960 na RTP)? Ser mãe solteira já não tem o estigma doutras eras, pois hoje quase todas o são. Desinclinada a vir viver para os Açores por achar isto um atraso de vida que na realidade quase é, era incapaz de admitir ou sentir que idêntico atraso de vida era a sua.

Tanto fazia viver aqui ou na China, pois era sempre igual a precariedade de emprego em campo outro que não o das habilitações. Estas hoje vendem-se ao metro e de pouco servem num mercado de trabalho voltado do avesso. Mal a filha e neta partiram descobriram um vídeo gravado pelo filho mais novo encenando uma cena com amigos, mais típica duma série televisiva, com simulação de armas e, sabe-se lá que mais, artes de guerra. O castigo fora

imediate, que nisto de violência era pai intolerante. Além de a desprezar e vilipendiar não a admitia sequer por perto e muito menos recriada em casa por um filho e amigos. Podia resultar o castigo, ou talvez não, nunca pactuaria com ela. Os constantes problemas, desgostos, inconsiderações dos filhos vários sucedem-se a um ritmo atroz e a neta fora meramente um interlúdio agradável numa refeição indigesta permanente que segue os pais no curso de suas vidas. Fora assim com os seus pais e ora recebia a paga.

Voltaria a dedicar-me aos temas escritos, a minha caverna artificial donde raramente saía para não ver, cobardemente, o mundo desigual, injusto e violento que me rodeava. Cristóvão de Aguiar não era um dogmático, de índole religiosa como Daniel de Sá, mas insurgia-se sempre que lia algo com que discordava e isso acontecera dias antes com um escrito da Adelaide Chichorro a que respondera como se segue:

Não há nem nunca houve língua açoriana. Açoriano é de resto um adjetivo que pouco ou nada diz. Falar açoriano não existe. Existe, sim, falar micalense, terceirense, até à consumação das nove Ilhas. Tudo quanto cá se diz tem a matriz cultural portuguesa. Só que nos Açores alguns vocábulos que se usam ainda, evoluíram no Continente ou caíram em desuso. Há dicionários portugueses que referem certos termos como brasileirismos e são açorianismos. Desde o século XVII houve alguma emigração das Ilhas para lá. No fundo, o falar castiço das Ilhas e do Brasil mais não é do que o Português de Quinhentos que por cá e por lá ficou conservado, como carne em salgadeira. Tal como em Bragança, Alentejo, Algarve, quando as distâncias eram longas e os povos viviam isolados. Agora, não! Dou um exemplo de uma palavra: vexado. Em S. Miguel, depois de alguém se empanturrar com um bom almoço ou jantar diz: estou vexado, que, no sentido físico, significa cheio, repleto. A palavra evoluiu, no Continente, para o sentido psicológico. Em S. Miguel, e não sei se em outras ilhas, evoluiu muito mais tarde. No sentido psicológico sempre existiu vexame: Aquele casamento foi um grande vexame para a família do noivo...Aferventar, meu Deus, é uma palavra mais-que-comum. Mas sopas aferventadas já se não devem confeccionar há muito, sobretudo em Lisboa, capital de onde tem saído as grandes desgraças para a Língua Portuguesa...

Era disto que gostava, da esgrima palavrosa entre seres inteligentes, quem sabe se ao criar o Colóquio da Lusofonia não teria saudades das Conferências do Casino originadas no seio do “Cenáculo” onde pontificou Antero de Quental.

O cenáculo é um nome dado posteriormente nos escritos de alguns dos seus participantes para designar um grupo informal que se reuniu no fim do século XIX em Portugal. Tratava-se de um grupo de intelectuais. Acima de tudo foi uma tertúlia de amigos, de composição variável e de localização instável, que se reunia em casas particulares. Como grupo constituído tentava prolongar em Lisboa os tempos de Coimbra. As discussões do cenáculo começaram na Travessa do Guarda-Mor, onde Batalha Reis tinha um quarto, passaram depois para São Pedro de Alcântara, e para a Rua da Cruz de Pau e acabaram por se instalar numa casa da Rua dos Prazeres. O grupo surgiu no seio da boémia coimbrã, e posteriormente, formados os seus participantes na Universidade de Coimbra, continuou a funcionar em Lisboa, acrescentando uns elementos, perdendo outros. Reuniam-se para discutir livremente os assuntos que apaixonavam toda uma geração. Da política às artes, da sociedade às ciências. Num primeiro momento o Cenáculo assentava mais na boémia estudantil que na reflexão séria. Era uma tertúlia sobretudo anárquica em que se insultavam todas as instituições da sociedade portuguesa da Regeneração, contra os seus bacharéis, os seus ministros, os seus escritores, mas também contra tudo em geral, contra Deus, contra o Universo, era acima de tudo uma “Boémia feroz” ruidosa, tumultuosa, adolescente. Foi nessa altura que o grupo inventou uma personagem, um poeta satânico à maneira de Baudelaire, chamado Carlos Fradique Mendes, e que lhe produziu um livro chamado “Poemas do Macadame”. Este poeta fictício era um exótico personagem, culto, viajado, sempre a par das novidades da ciência, excêntrico e irreverente. Muito posteriormente Eça de Queiroz iria repescar esta figura e atribuir-lhe epístolas no livro “Correspondência de Fradique Mendes”. Num segundo momento, o Cenáculo foi polarizado em torno da figura magnética de Antero de Quental. Este poeta veio pôr uma certa ordem naquela boémia de tiradas líricas, ditos espirituosos e noitadas ruidosas. Antero trouxe e contagiou o grupo com a paixão por Proudhon e o reformismo social, a paixão pela Sociologia e a discussão séria sobre a Metafísica. A inquietação desordenada do grupo tinha agora um líder, alguém capaz de encaminhar as forças desses jovens intelectuais. Foi no seio do Cenáculo que surgiu o projeto da realização das Conferências do Casino. Digamos que, de certa maneira, são a sua expressão exterior, pública, de um grupo privado de amigos.

73. CRÓNICA 73 TRAGÉDIAS NATURAIS E INFINITOS MUTANTES 22-23 agosto 2009

Na praia Maria Luísa, Algarve, aconteceu, de novo, uma tragédia quando uma arriba de mais de 15 metros cedeu e sotou banhistas que haviam ignorado o aviso das autoridades. Estas, vieram prontamente declarar que a praia tinha sido vistoriada e estava segura, pelo que a causa do acidente podia ser encontrada no tremor de terra que ali ocorrera uma semana antes. Tal como em outras tragédias, a culpa é sempre de outrem, dos mortos, dos que se não podem defender, como os terramotos e as causas naturais, ou as areias movediças falsificadas da ponte de Entre-os-Rios que há quase uma década vitimaram mais de cinquenta pessoas, quando caiu a ponte sobre o Douro por falta de manutenção dos seus pilares. A culpa divina ganha, porém, a todas as outras causas. Neste país nunca há responsáveis, nem humanos nem materiais, mas é sempre possível atribuir as culpas a uma divindade ou a um ato da Natureza. Sendo um país eminentemente católico, pelo menos de nome, a tarefa é ainda mais facilitada. Não foram municípios nem construtores civis, nem arquitetos, quem construiu prédios e mais prédios até ao bordo das arribas algarvias e danificou os solos que, alegadamente, não aguentaram um pequeno tremor. Ninguém é

responsável pela especulação dos terrenos e pelo excesso de construção em zonas que deveriam estar protegidas da sofreguidão de lucro imobiliário. Quando surgem os incêndios criminosos, que todos os anos consomem milhares de hectares, a culpa jamais é dos pirómanos, dos madeireiros, dos bombeiros que querem ser heróis, e de tanto louco varrido que por aí anda a atear fogos, é sempre das condições climáticas que ora estão quentes, ora estão frias. A mata cresceu mais do que devia e não impediu o avanço das chamas. O vento mudou de direção e ateou mais fogos. Os responsáveis pelos fogos postos não cumprem penas de cadeia e são libertados, os madeireiros acabam sempre ilibados. Em resultado de tanto fogo compram-se, ou alugam-se a preço de ouro, mais aviões de combate a incêndios. As inundações que se repetem ciclicamente surgem por culpa dos outros, do clima que esteve fora dos parâmetros, de uma situação anómala e inesperada, ou de outra qualquer invocação divina. Nunca advêm dos desastres ambientais que previsivelmente tendem a acontecer, face ao desrespeito do Homem pela natureza que o rodeia, quando constrói em zona de aluvião ou se esquece o leito das ribeiras que se encurralam sob o cimento...

Este ano, mais do que em anos transatos, sinto a minha praia favorita dos Moinhos, Porto Formoso, cheia de forasteiros. Seja em função da crise ou de qualquer atração anormal, há um afluxo maior de portugueses, alemães, holandeses, espanhóis e outros. Vai-se a um restaurante e só se ouve o falar lisboetês em destrinça do micaelense. Este sentimento de pertença e uma aparente repulsa pelos forasteiros mostram que começam a existir vínculos identificadores com o meio circundante, como se dele fizesse parte efetiva. Começará o autor a ser açoriano? Já em Bragança, ao fim de algum tempo sentia que os forasteiros estavam a ocupar o “meu” espaço, criara um sentimento de pertença e temia os “invasores” que vinham quebrar o sossego e pacatez da terra. Estaria a ser assimilado ou integrado? Onde se quedava a tolerância e aceitação do outro como um igual? Estaria a perder o sentimento de equanimidade e equidade? Seria só isso ou haveria algo mais que não descortinava.

Gozamos mais um dia de praia. Uma dezena de tardes que o João (Nigel) partilhou na praia com os pais. Noutros dias tem ido com amigos, como os “americanos” que têm casa aqui ao lado e todos os anos vêm dos EUA passar duas ou três semanas à Lomba. Bom para ele praticar o seu inglês. Por exemplo, como os pais nunca vão à praia aos domingos, saiu de manhã com esses amigos e só voltou depois do jantar. Os pais podem fugir das multidões e não sair ao domingo, mas usam as férias para relaxarem e lerem. Era isso que fruíam na calma esplanada dos Moinhos quando foram apresentados a um professor açoriano residente no Algarve. Nelson Moniz, de sua graça, apresentou-se como professor e poeta tardio. Depois, começou a falar de pedagogia e de poesia e em vez de saírem pelas 17.30 acabaram por vir para casa já perto das 20 horas. Nem todos os dias se encontram “loucos ou poetas” com quem conversar. Há poucos, e este atribuía-se ambas as qualidades para recusar o status quo e a ilusão de sucesso criada pelos sistemas de ensino e de comunicação social ao serviço do poder. São os tais infinitos mutantes que surgem nos quotidianos. Uma pessoa ou se conforma com a mediocridade desta democracia ou luta contra tudo e passa a ser visto como diferente, maluco. São indivíduos assim, uns mais loucos, outros mais poetas, que se tornam perigosos para as sociedades acomodadas pois assumem uma postura vocal crítica num meio de vozes insatisfeitas, mas incapazes de se organizarem e rebelarem contra o sistema.

A chuva e nevoeiro voltaram ao fim dum domingo soalheiro, quente e húmido, mas não chegou para refrescar a casa nem as mentes que se apoquentam. Agosto apresta-se para findar e há esta sensação de não se ter repousado o suficiente. Na véspera à noite, pela uma e meia da manhã aprontavam-se as pálpebras para uma soneca, quando a RTP-N transmitia um programa dedicado a Amadeu Ferreira, o homem que “reinventou” a língua mirandesa e lhe deu uma escrita. Um programa interessante, como muitos que só surgem depois da uma da manhã. Apetece inferir que os programas para gente culta e inteligente só passam na TV a desoras, depois das telenovelas entediantes para as massas. Esta observação é politicamente obsoleta e incorreta. É consabido que as televisões transmitem aquilo de que o povo gosta. Não lhes compete educar, que isso é tarefa difícil para ministérios sem vocação, nem dinheiro nem gente dedicada. Uma minoria, sonha com um mundo melhor e luta por ele, a

despeito dos obstáculos. Um mundo diferente. O Estado e os que o apoiam asseguram a manipulação da opinião pública, as distorcidas manchetes de jornal e TV, as notícias camufladas, o abafamento dos escândalos que só vêm à tona quando (e enquanto) interessam a grupos económicos que foram preteridos nalgum projeto.

O que interessa é mostrar calamidades rodoviárias, ferroviárias e aéreas, secas, inundações, incêndios, furacões ou tufões. Neste ano da desgraça de 2009, convém também mostrar, *ad nauseam*, pessoas pretensamente peritas na gripe pandémica. A tal que nos vai matar a todos, se Deus quiser, já que o Estado faz tudo o que pode, mas não tem conseguido resultados suficientemente satisfatórios. Longe está o autor de insinuar que esta manobra das farmacêuticas faz parte duma Teoria da Conspiração com intuítos malthusianos. Desde há anos que se sabe da existência duma Pandemia do Lucro das Farmacêuticas:

Uns milhares contraem a gripe suína e quase todos querem usar máscara, mas existem 25 milhões com a SIDA e ninguém quer usar preservativo. Entretanto, morrem anualmente, sob o silêncio da comunicação social:

- *Milhões de vítimas da Malária. Bastava prevenir com um mosquito;*
- *Milhões de crianças com diarreia, evitável com um soro de 25 cêntimos;*
- *Milhões com sarampo, pneumonia e outras, curáveis com vacinas baratas.*

Há cerca de dez anos, apareceu a gripe das aves. Uma epidemia, a mais perigosa de todas... Uma pandemia! Só se falava da terrífica enfermidade das aves, que, em dez anos matou um assombroso total de 250 pessoas (25 por ano). A gripe comum mata, por ano, meio milhão de pessoas no mundo, mas ninguém entrou em pânico. A farmacêutica transnacional Roche, com o seu famoso Tamiflu, vendeu milhões de doses aos países asiáticos. Ainda que seja de duvidosa eficácia, o governo britânico comprou 14 milhões de doses para prevenir a sua população. Outros países seguiram a mesma senda. Com a gripe das aves, a Roche e a Relenza, as duas maiores empresas farmacêuticas que vendem os antivirais, obtiveram milhões de dólares de lucro. Agora é a vez da psicose da gripe suína. Os noticiários de todo o mundo falam disso. - A empresa norte-americana Gilead Sciences tem a patente do Tamiflu. O seu principal acionista é Donald Rumsfeld, secretário da defesa de George Bush, artífice da guerra contra o Iraque. A verdadeira pandemia é de lucro, os enormes lucros destes mercenários da saúde. Não se devem negar as necessárias medidas de precaução tomadas pelos diferentes países, mas que fazem parte do senso comum e deviam ser norma em todas as civilizações. Se a gripe porcina é uma pandemia tão terrível, como anunciam os meios de comunicação, se a Organização Mundial de Saúde (liderada pela chinesa Margaret Chan) se preocupa tanto com esta enfermidade, porque não a declara um problema de saúde pública mundial e autoriza a fabricação de genéricos para combatê-la? Assim, prescindia-se das patentes da Roche e Relenza e distribuíam-se medicamentos genéricos gratuitos a todos os países, especialmente os pobres. Esta seria a melhor solução. Além do Tamiflu, de utilidade duvidosa, é preciso lavar as mãos.

Espero não vir a apanhar a gripe que as farmacêuticas inventaram para vender inócuas vacinas. Sou das pessoas que lava as mãos regularmente, não me deixo intimidar pelo Terror, mas também sinto asco, pelo bombardeamento diário mediático, médico e ministerial sobre a progressão da Gripe Porcina, mais sofisticadamente, Gripe A. Ao meu lado, os Portugueses não estão habituados a lavar as mãos... Aquando da crise das vacas loucas nunca deixei de comer carne “vermelha” aceitando a garantia do estado de saúde dos animais em questão, na mesma medida em que aceitava as couves, alfaces e tomates de “aviário” que hoje são produzidos e vendidos, sem cuidar de saber que tipo de adubos são usados na sua criação. Todas as sociedades têm tendência para manipular os seus súbditos na tentativa de os tornar mais dóceis. Interessa ter concidadãos indefesos e temerosos como convém a autocracias transvestidas de democracia. São permitidas algumas liberdades, dentro duma ótica de hedonismo e consumismo desenfreado e compulsivo. Este é o Estado, a escola e a comunicação social que a todos rodeia como num filme de cobóis quando os índios cercavam os caras-pálidas nas suas caravanas. Neste tipo de democracia, o povo vota, mas não governa e pouco participa.

Sinto-me isolado, mas ainda não sitiado, imune à lavagem cerebral imposta pela comunicação social. Invisto na construção de uma vida melhor, sem cuidar dos interesses pessoais e sem intuítos materialistas. É esse também o espírito que rege os Colóquios da Lusofonia que com ele vêm erguendo desde 2001-2002 alguns idealistas, sonhadores e poetas!

74. CRÓNICA 74 A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM-ME, SERÁ AQUI O ABISMO? 09 09 09

74.1. A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM-ME

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico. Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos.

As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem. A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam. Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raras vezes saem dos quatro cantos do arquipélago que falar dos Açores ainda não se tornou moda na grande capital do Império. Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao meu amigo, o mal-amado escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo, mas os Açores são uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tanto gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?). Eu recebi “avisos amigos” para os perigos quando o convidara a estar na Lagoa em março - abril de 2009 para o 4º encontro açoriano da lusofonia. Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de cinco meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Estava eu carecido de aprender mais com este enigmático personagem que tantos cuidados incutia aos defensores da paz podre açoriana.

Como acumulei milhas no cartão de viandante frequente aceitei a sua hospitalidade para uns curtos cinco dias no Pico que Cristóvão assumiu como segunda pátria. Nove dias após partir de São Miguel Arcanjo na ilha mágica de regresso à ilha de São Miguel Arcanjo ainda reverberavam os encantos daquela. Deixei a Lomba da Maia de noite pois nunca se sabe quando se encontram vacas, tratores e carros agrícolas ou, se pelo contrário, se viajará sem transtornos. O trânsito pela sete da manhã era constante. Bem distinto da calma que conheci à minha chegada em 2005. Parte do novo influxo de viaturas deve-se ao empreendimento da SCUT (via rápida sem custos para o utilizador) que avança, lentamente, da Ribeirinha para o Nordeste, desbastando montes, encurtando vales, quebrando rochas milenares, alterando definitivamente a pacata paisagem da costa norte, imutável ao longo de gerações e melhorando, ao de leve, o traçado da estrada centenária. Há quem sinta nostalgicamente que este progresso destruirá paisagens milenares intocadas, mas será um alívio para quem conduz do Nordeste à Ribeira Grande. Enquanto durar a construção é dinheiro vivo injetado nos locais por onde a estrada passa. A casa em frente à minha, está para vender há 4 anos, e foi alugada a trabalhadores das obras. Estes gastarão mais energia da EDA, mais água dos SMAS, abastecem-se no minimercado local e no café da esquina...o circuito económico do desenvolvimento alastra-se até à conclusão da obra. Este é, afinal, o ciclo de quatro décadas que a Austrália inventou para ter uma economia sempre crescente.

Era apenas dia 27, mas no aeroporto concentravam-se já cinco voos neste final de férias de agosto, dois para Lisboa, um para o Porto, o do Pico e o das Flores. Apenas sete pessoas me anteciam na fila de “check-in” quando os computadores avariaram. As filas pararam mais de 40 minutos e rapidamente cresceram. Mais de uma centena de pessoas. O ar era irrespirável com o calor e humidades próprios da época e do local. A habitual cortesia e hospitalidade dos operadores aéreos nacionais (SATA e TAP) para com os seus clientes e passageiros levou-os a nada comunicarem sobre o acontecido. Fizeram bem, pouparam preocupações aos passageiros sobre assuntos que lhes não diziam respeito. A turba acumulava-se incomodada naquela sala, que bem podia ter sido retirada duma cena de “O Passageiro em trânsito”, opus magister, do Cristóvão de Aguiar.

As línguas entrecruzavam-se com os idioletos dos emigrados que já não falam nem português nem inglês. Na banda desenhada os olhares atónitos dos estrangeiros surgiram acompanhados de balões com pontos de interrogação descomunais. O silêncio imperava nos altifalantes mudos, contrastando com o vozear e o alvoroço dos candidatos a viajantes. O sistema sonoro do Aeroporto Papa Paulo II, Ponta Delgada, ainda é tão arcaico que ninguém consegue entender as mensagens por entre o barulho habitual. Aqui as pessoas movem-se, umas atrás das outras, num espírito cego de carneirismo em resposta a apelos imaginados ou reação instintiva a anúncios de partida que a SATA nunca fez...A descolagem prevista para as 08.30 aconteceu pelas 10.20. Avisei o meu anfitrião que o seu banho matinal nas Poças de São Roque do Pico estava irremediavelmente arruinado.

É sempre imponente ver o avião aproximar-se do cume da montanha do Pico, 2.351 m acima do nível do mar, o mais alto de Portugal e da dorsal mesoatlântica. Medido a partir da zona abissal contígua tem quase 5.000 m de altura. O vulcão é recente (750 mil anos), entrando em atividade intensa, pela última vez, no século XVIII. O Vulcão do Pico ocupa a metade ocidental da ilha do Pico e corresponde a um vulcão poligenético com caldeira, no interior da qual se edificou um cone lávico denominado Piquinho. A morfologia atual deste edifício vulcânico resulta do somatório de inúmeras erupções dos tipos havaiano e estromboliano, predominantemente efusivas, centradas no topo ou ao longo de fissuras, principalmente nos flancos oeste e leste. Como principais produtos vulcânicos basálticos consideram-se os cones de escórias e de *spatter* e as escoadas lávicas, de morfologia *pahoe-hoe*. Com uma história eruptiva desenvolvida ao longo de cerca de 270.000 anos, foram identificadas neste sistema vulcânico cerca de 22 erupções fortes nos últimos 1.500 anos, sendo a mais recente a erupção histórica ocorrida no ano de 1718 e que deu origem aos mistérios de Santa Luzia e de S. João. As principais emanações gasosas neste edifício vulcânico localizam-se no seu topo, mais propriamente na base e no interior da cratera do Piquinho. Correspondem a emissões de vapor observáveis a alguma distância. A Ilha estende-se por 447 km², 42 km de comprimento e 15,2 de largura. Não se sabe a data da sua descoberta, alvitando-se que a sua colonização se terá iniciado por 1480, com gente oriunda da região norte de Portugal.

A importante vinha, que alterou a paisagem e a cultura ocidental da Ilha, foi classificada em 2004 Património da Humanidade pela UNESCO. Outra atividade da Ilha está patente no Museu dos Baleeiros, nas Lajes do Pico. A caça à Baleia, desenvolvida e influenciada pela presença norte-americana desde finais do século XVIII, está hoje transformada em viagens de observação destes cetáceos a que pomposamente se chama de “whale-watching” como se não houvesse equivalente lusófono. A arquitetura típica é de casario simples, branco com blocos de lava preta, que espelha a origem vulcânica da Ilha. Lugares como Lajes, São Roque e Madalena, estão cheios de história e património, ou de encanto natural como a Gruta das Torres, as Furnas de Frei Matias ou o Arco do Cachorro. A Ilha oferece uma boa gastronomia baseada em peixe e marisco, sendo famosas as caldeiradas. A saborosa carne provém dos pastos abundantes e é afamado o queijo (de São João e do Arrife). Tudo regado pelo Vinho Verdelho. Convirá recordar, qual a gesta das gentes do Pico ao longo da conturbada história da ilha, que durante séculos foi considerada uma “quinta” da fidalguia da ilha do Faial. Começemos pelas desgraças naturais

1562-1564 – *Erupção vulcânica na Prainha do Norte - Em 21 de setembro de 1562, após prolongado tremor de terra, que terá durado um "terço de hora", acompanhado de grande estrondo, & logo em hum lago, & por cinco bocas arrebetou tal fogo, que delle, & de polme ardente correo huma ribeyra por espaço de huma légua, até se meter no mar do Norte, & no mesmo mar formou, com entrada nelle de hum tiro de arcabuz, aquele grande caes de pedraria abrazada, [...] e affirma o douto Fructuoso, que foi taõ grande o fogo, que todas as mais Ilhas Terceyras se allumiaraõ com elle, & até na de São Miguel fez da escura noyte claro dia", diz o padre António Cordeiro na sua História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental (pág. 477 edição Príncipe).*

1713-1714 – *Um mau ano agrícola, A que não foi alheio o ciclone tropical de 25 de setembro 1713, levou a que no Pico o povo comesse "socas e raízes" para sobreviver. Também uma epidemia de peste provocou milhares de mortos. No Pico morreram 5.000 pessoas e no Faial 500 entre as quais 49 religiosos dos conventos da Horta.*

1718 – *Erupção em Santa Luzia do Pico - A 1 de fevereiro, pelas 6 da madrugada, ouviu-se uma "espantosa trovoadá que encheu de terror os hortenses" e iniciou-se uma erupção vulcânica entre Bandeiras e Santa Luzia, surgindo torrentes de lava que formaram um extenso mistério (de Santa Luzia) que penetrou mar adentro.*

1720 – *Erupção no Soldão, Lajes do Pico - A 10 de julho iniciou-se por "dezasseis bocas nas faldas do Pico, por detrás do cabeço do Soldão" uma erupção que "inundou de fogo" perto de uma légua quadrada, consumindo terras e vinhedos e destruindo 30 casas "cujos moradores salvaram suas vidas fugindo precipitadamente". A erupção foi precedida de numerosos sismos e perdurou até dezembro daquele ano.*

1744 – *Ciclone tropical causa grandes cheias - A 5 de outubro "caíram nestas ilhas copiosíssimas chuvas que inundaram as terras correndo em caudalosas ribeiras". Na Prainha do Galeão (Pico) morreram 7 pessoas arrastadas ao mar; na Prainha do Norte (Pico) morreram 6 e outras 5 pereceram em São Roque.*

1745-1746 – *Mau ano agrícola - Provoca fome e emigração em massa - como resultado das cheias de 1744 e do mau ano agrícola que se seguiu, em 1746 faltaram os cereais, havendo fome generalizada. No Pico, o povo "recorreu a socas e raízes para manter a vida e faltando-lhe esse mísero alimento emigrou para as mais ilhas". Em resultado da desnutrição grassavam as doenças, fazendo grande mortandade. Face a esta situação, por alvará régio foi autorizada a emigração para o Brasil, tendo partido pelo menos 1600 pessoas.*

1757 – *Grande terramoto de São Jorge - Em 9 de julho de 1757 um dos mais violentos, senão o mais violento, dos terremotos de que há memória atingiu São Jorge causando destruição generalizada e formando muitas das atuais fajãs, entre elas a da Caldeira de Santo Cristo. O terramoto ficou conhecido na tradição popular pelo Mandado de Deus. Dos grandes deslizamentos resultou um maremoto que atingiu todo o Grupo Central. Pelo menos 1053 pessoas morreram em São Jorge e 11 no Pico. "O terramoto foi tal que a norte desta ilha, distância de 10 braças, pouco mais, se levantaram dezoito ilhotas, umas maiores que outras. Apareceram todas na manhã do dia 10 [de julho]. É navegável o mar entre as ditas, e a ilha. Nas Fajãs dos Vimes, São João e Cubres, se moveu a terra, voltando-se do centro para cima, de sorte que nelas não há sinal [de] onde houvesse edifício" ...*

1963 – *Crise sísmica e erupção submarina frente a Santo Luzia, Pico - Entre os dias 12 e 15 de dezembro um tremor vulcânico com foco ao largo do Cachorro, Santo Luzia, costa norte do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de dezembro. A 15, com bom tempo e boa visibilidade, pessoas do Faial e Pico avistaram "bolas ou nuvens de vapor" saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado, não se registando quaisquer danos.*

1973 – *Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e São Jorge, com destaque para a freguesia de São Mateus e o lugar da Terra do Pão, no Pico. A 23 de novembro, pelas 12 h 36 min registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Santo António. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, nas freguesias de Bandeiras, Santa Luzia, Santo António, e São Roque, na costa norte, São Mateus, na costa sul do Pico, e nas freguesias de Conceição, Matriz e Flamengos, no Faial.*

1998 – *Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e São Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 na escala de Richter com epicentro a NNE da ilha do Faial provocou destruição generalizada nas freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros no Faial e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Praia do Almojarife, também no Faial e foram atingidas várias localidades do Pico. No extremo oeste de São Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias costeiras. Morreram 8 pessoas, no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.*

. No ano de 1460 foi concedida a Álvaro Ornelas, capitão donatário da ilha da Madeira, a carta de primeiro capitão-donatário do Pico, cabendo-lhe a responsabilidade pelo seu povoamento. Nunca demonstrou interesse pela ilha, sabendo-a inóspita e por viver na Madeira. Para que os primeiros colonos cultivassem as terras foi necessário desbastar densos arvoredos que proporcionavam matéria-prima para exportação e para construção naval (cedro). O cultivo de cereais, sobretudo o trigo, e a criação de gado foram as atividades predominantes. A produção de pastel e a sua industrialização para exportação destinada a tinturaria também desempenhou um papel relevante na economia do arquipélago. Esta atingiu o auge quando a cana-de-açúcar (sem grandes resultados económicos) e o trigo entraram em decadência. No século XVII, as matérias-primas tintureiras foram substituídas pelo linho e laranjas. Foi introduzido o milho, para melhoria alimentar da população e apoio à pecuária. A exportação de laranjas surgiu no séc. XVIII, quando foi introduzida a cultura da batata. Em

finais de Setecentos, regista-se o início de uma expressiva e emblemática atividade económica açoriana: a caça ao cachalote. No séc. XVIII, os Açores já tinham uma população suficientemente grande para que a Coroa incentivasse a emigração para terras brasileiras.

Houve duas abordagens à ilha, uma pelo sul, Lajes em 1460, e outra pelo norte, São Roque, em 1470. A zona oeste continuou desabitada, coberta por um manto de lava onde não existia terra cultivável, nem corria água para abastecer quem se quisesse instalar. Entre São Mateus e Santa Luzia não havia qualquer ribeira. O flamengo Jos Dutra, capitão donatário do Faial, pediu à coroa portuguesa a carta de capitão donatário para o Pico, concedida em 1482, tomando-se assim, no segundo donatário. Dutra organizou o primeiro grupo de povoadores, em São Mateus. Reza a história que Frei Pedro Gigante, primeiro pároco da ilha, plantou as primeiras videiras no lugar de Silveira, vindas da Madeira dizem uns, ou de Chipre dizem outros. Há relatos que dizem que a plantação de vinhas se estendeu para sul (Santa Bárbara) e norte (PRAINHA DO NORTE). A comunidade do Faial iniciou o ciclo do vinho verde, plantando bacelos de vinha nas rochas de lava, com bons resultados de boas parreiras e uvas de qualidade. Os habitantes trabalharam arduamente e à força de barra de ferro e marrões, quebraram a lava, abriram covas onde colocaram terra para plantar vinha obtendo um vinho muito bom e de grande teor alcoólico. A plantação era feita a partir da costa desabrigada, sujeita ao rossio de água salgada entre abril e junho. Para combater o problema e amanhar a lava retirada para a plantação dos bacelos, assistiu-se a outra tarefa gigantesca: a construção de muros de pedra solta com um metro de altura. Tendo em conta a orientação dos rossios do mar foram-se construindo paredes com cinquenta metros de comprimento, paralelas umas às outras, distando entre si dois a três metros, terminando junto a uma vereda transversal, a servidão. A área entre duas servidões paralelas e contíguas chamava-se "Jarrão". Em cada canada construíram muros transversais, "traveses" que distavam entre si cinco metros e em que de um dos lados não chegava à parede da canada, dando lugar a uma passagem, a "bocaina" sendo colocadas em posições alternadas para maior proteção dos ventos. O espaço na canada entre dois "traveses" contíguos chamava-se curral. Produziam-se mais de duas mil pipas de vinho por ano no final do séc. XVI. A produção foi crescendo. Relatos do clero exageradamente citam que a produção chegou às trinta mil pipas. É nesta época áurea que os proprietários, quase todos do Faial, constroem os seus solares junto à costa, casas de veraneio, com armazéns, lagares e alambiques. Foram construídos em todos poços de maré para fazer face à falta de água. Também se construíram em lugares públicos, para permitir à população o abastecimento, nomeadamente no verão. A tarefa não era fácil pois as casas situavam-se acima das áreas das vinhas e distantes da costa onde se situavam os poços. Neste período construíram-se pequenos portos ou embarcadouros, junto aos locais onde o vinho era produzido, mas foi necessário aplanar as rochas para levar o vinho, a essas construções chamaram-lhes "rola-pipas". A quase totalidade do vinho produzido era transportada para o Faial em pequenos barcos, até ao fim do verão, aproveitando os mares calmos. Ali ficavam armazenados até à exportação para o norte da Europa, Índias Ocidentais, América do Norte ou Brasil. Uma das mais importantes casas do Faial na exportação do vinho do Pico, foi "De Sobradello & Co". No séc. XIX a casa Dabney foi outro grande exportador e a que mais contribuiu para que o vinho fosse pago a um preço mais justo para o produtor. Em 1852 um pó branco cobriu totalmente as uvas, desde a floração até à maturação, destruindo-as inteiramente e alastrando a todas as vinhas. A produção caiu para a centena de pipas. As casas ricas do Faial, cuja fonte de rendimento era o vinho, viram-se obrigadas a vender as vinhas ao desbarato. Passou-se do pequeno latifúndio para o minifúndio. Os trabalhadores perderam os rendimentos ficando sem dinheiro para comprar os cereais do Faial, para a alimentação. Assim, se empreendeu nova proeza, a de desmanchar terras, partindo e separando a pedra, fazendo pequenas hortas e serrados, onde se cultivava milho, batata, inhame, etc. Amontoou-se a pedra de forma organizada em enormes "marçoços ou marçoços", autênticos monumentos num rendilhado de paredes.

Diz Susana Goulart Costa da Universidade dos Açores

<http://www.inventario.iacultura.pt/pico/s-roque/historia.html>

Da década de 1480 até meados do século seguinte, o crescimento populacional terá decorrido num ritmo positivo. Nos finais do século XV, surge nas Lajes o primeiro município e em meados do século XVI, a norte da ilha, S. Roque. Em 1542, os habitantes pedem ao rei D. João III a criação da segunda vila, apresentando-lhe a "opressão que os moradores das freguesias de nossa Senhora d'Ajuda e de São Roque da ilha do Pico da banda do norte recebiam em ser mal providos de justiça por os ditos lugares serem longe da vila das Lages de cuja jurisdição eram e o caminho ser muito mau de montanha e serra aspera e se faziam muitos males e roubos em suas terra por a justiça da dita vila não poder a isso acudir a tempo..." Nos finais do século XVI, a população era de 3432, no final da centúria seguinte eram 8720 com aumento relevante em São Roque. Do século XVI para o XVII, surgem cinco novas freguesias, quatro no novo município: Santa Luzia, Santo António, Santo Amaro e Bandeiras. Em 1871, São Roque possui 6674 pessoas, Lajes 9733 pessoas e a Madalena 9025. Importante foi o contributo de povoadores de origem portuguesa, que provavelmente já estiveram na Madeira ou na Terceira... A primeira zona habitada foi a das Lajes, a sul. A origem metropolitana dos primeiros povoadores foi determinante na organização da sociedade, transplantando-se a organização social reinol: uma pequena nobreza, que se distingue pela posse de terras; uma forte presença do clero secular e regular (franciscanos); e um terceiro grupo, de mercadores, artifices, trabalhadores rurais e artesãos. Há judeus, comprovados nas Lajes nos inícios do séc. XVI e na Madalena, no séc. XIX; e de escravos para o trabalho rural e doméstico, foram-se misturando com a população, deixando de constituir um grupo identificável. Desta amálgama se formou o carácter picoense, descrito por António Lourenço da Silveira Macedo, na obra História das Quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta, de 1871: "São os picoenses geralmente dotados d'uma índole pacífica, laboriosos, engenhosos e robustos, sobretudo as mulheres, que muito ajudam os homens nos trabalhos rurais". Na Regeneração, as reformas na contribuição predial geraram

levantamentos populares protagonizados por mulheres. Perante estes "barulhos", o poder central enviou uma esquadra do continente para acalmar os levantamentos femininos na Candelária e na Madalena. Na segunda metade do século XIX, o cultivo de laranjas, maçãs, pêsegos e figos (estes na produção de aguardente) tornou-se uma importante alternativa. Tornou-se hábito diário a deslocação de picoenses para o Faial para venda da fruta. A criação de gado foi uma importante atividade, exercida desde a descoberta da ilha. Antes do povoamento, as pastagens foram utilizadas para a criação de gado, exploradas por habitantes do Faial e da Terceira. As características da orla marítima explicam a reduzida faina piscatória, mera atividade de subsistência, mais representativa na Madalena e Santo Amaro. No século XIX há uma efetiva exploração marítima, com a caça à baleia e assim se formou a imagem do baleeiro, associada como característica tradicional da Ilha do Pico.

74.2. SOBRE O PICO...

A respeito desta recente paixão pelo Pico, a Rosário Girão compilara os seguintes textos que enviara numa partilha literária incomum:

"Sopraram sobre a ilha os ventos da mudança, seguidos de pássaros metálicos que têm pousado para as bandas das Lajes; mas o iate arrimado ao Porto de Pipas prolonga o cirandar periclitante dos barcos do Pico através do Arquipélago. São ousados e de pouca segurança técnica, os iates, e mesmo assim raramente enjeitam carga. Têm mastros e motor, [...]. Navegam num passado recente igual ao meu presente e resistem às leis ditadas por senhores engravatados em gabinetes sem horizontes." (GARCIA, José Martins, *O Medo, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Coleção Gaivota 25, 1982, pp. 11-12*).

"A montanha, pano de fundo de variado colorido, caprichava no moldar das nuvens. No inverno cobria-se de neve até aos baldios. E em raras tardes límpidas de verão, anilava-se de encontro à abobada. Muita gente jurava ter avistado em madrugadas serenas uma coluna de fumo a emergir da cratera, embora os mais sábios falassem dum vulcão extinto e remetessem para um passado efetivamente findo os grandes arrotos de lava." (GARCIA, José Martins, *A Fome. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 2ª edição, 1978, p. 12*).

"Pela primeira vez reparei na ameaça instalada no cimo do Pico. A montanha não era essencialmente a beleza, como certas fotografias nos davam a entender. Era, sim, um rosto autoritário, guardando o segredo da próxima erupção. Metia medo sob a luz leitosa das manhãs. Vivíamos, no Pico, de costas voltadas para a montanha. Vista do Faial, cara a cara, a montanha parecia uma permanente ameaça. Talvez por medo inconsciente se falasse tanto dos fins dos tempos. [...] E contudo, na tarde límpida, o cume anilado do Pico parecia sorrir, bondoso. Deus e o Diabo podiam bem revezar-se no comando dos nossos destinos, consoante as flutuações do segredo da montanha." (GARCIA, José Martins, *Contrabando original. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 1997, 2ª edição, pp. 85-86*).

"Ao dobrarem, já com umas duas horas a navegar, o Castelete, do lado leste da vila, que domina, surge-lhes, para além do casario dos povoados, a majestade assombrosa da Montanha, toda branca de neve que a cobre, sempre a mudar de aspeto enquanto deixando para trás as Lajes com sua fidalguia de pataco, atravessam a longa Baía da Vila, passam, ao largo, pelo porto de S. João queijeiro, adiante pela Terra do Pão, depois pela afamada Baía da Prainha do Galeão, a seguir abicam à lendária Ponta de Santa Catarina, não sei se também chamada Ponta do Espartel, com isto entram em águas de S. Mateus, o grosso da freguesia um tanto arredada mais para o interior, aqui a Montanha, de que se não avista o cume, como que se torna uma inimaginável mole a querer sobre ela se abater e esmagá-la, e logo estão a entrar no porto. O pequeno porto de S. Mateus. [...] Foram. No céu limpo de nuvens havia sol. Na terra calor. Viria só dele, do Sol, ou também refletido pelo colosso da Montanha com o Sol entretanto aquecida?" (MELO, José Dias de, *A montanha cobria-se de negro. Ponta Delgada, Ver Açor, Lda, 2008, pp. 143-144-170*).

*"Era um lastro de mistério:
pedra ardida
preta e roxa.
Mas o homem, esse tal
Fernão Alvres Evangelho
e os que vieram após,
com seu saber de flamengos,
'Vai ou racha' - portugueses,
e hábeis mãos de italianos,
dos tufos fizeram terra
e, sem milagre nenhum,
semeando e aplantando
multiplicaram por mil
as sementes e as estacas
na casca daquele invento,
para as covas e os tonéis. [...]
Antes, e continuando
sem mais nomes sobre os feitos,
dizei que feito o milagre*

*(e cá me torna a palavra!)
de mudar em terra pedras,
o Picaroto (assim mesmo)
desceu às praias do mar,
que são negrume, calhau,
fez-se à água, navegou-a,
foi de ilha em ilha, passou
para lá dos pegos delas:
longes de longes nos olhos
e mais nos calos das mãos: [...]
... E não acabo - não posso! -
a conta dos contos idos,
mais d'agora e que hão de vir,
desta gente picarota
feita de lava e salmouras,
mole na fala, de ferro
nos arriscos do trabalho.
Não posso, não há palavras! [...]*

(Cf. SILVEIRA, Pedro da, *fui ao mar buscar laranjas 1*, "Diário de Bordo", "Costeando o Pico", pp. 167-168-169).

Esta era, aliás, a história que já aprendera em visitas anteriores. Levantei a viatura de aluguer no aeroporto do Pico, depois de ter tomado um café (a "italiana" habitual) de sabor indistinto num bar pachorrento como as vacas picoenses, enquanto me ajustava ao calor e humidade. Metemo-nos a caminho pelas boas estradas que o Pico tem. Fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada. A maior terá mais de nove quilómetros... Apesar de ter estado, duas vezes, na ilha senti que esta era uma velha conhecida e o mapa continuou guardado na pasta dos documentos. Fomos almoçar ao Clube Naval de São Roque com um bom serviço de "buffet" por sete euros e café incluído. O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e levou-nos às Lajes do Pico onde se celebrava mais uma "Semana dos Baleeiros" normalmente após a "Semana do Mar" na Horta. Tive de mudar a anterior opinião sobre as Lajes logo que visitamos o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (instalado na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas). Havia uma moderna livraria, a única nas ilhas do triângulo. Nela encontramos inúmeros livros para acrescentar à coleção de autores açorianos. A surpresa foi ver o meu último livro "a CRÓNICA AÇORES", incluído na "literatura açoriana".

Em amena cavaqueira dizia o Cristóvão que tinha conseguido algo que eu almejava, ver alguém a ler um livro seu. Foi então que a jovem funcionária, Cláudia de sua graça, declarou que tinha adquirido o livro "CrónicaAçores: uma circum-navegação" e estava a lê-lo. Aproveitei para autografar outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar o primeiro volume da pretenciosa trilogia. Após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, mais soalheiras e convidativas do que em visitas anteriores. Vi ainda a expansão do Museu, instalado nas três casas originais de botes do século XIX. Este Museu dos Baleeiros é único na Europa. Além de expor uma interessante coleção de "scrimshaw" tem uma pequena biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e ainda uma "tenda de ferreiro" onde é possível aprender como eram fabricados diversos utensílios metálicos usados na caça da baleia.

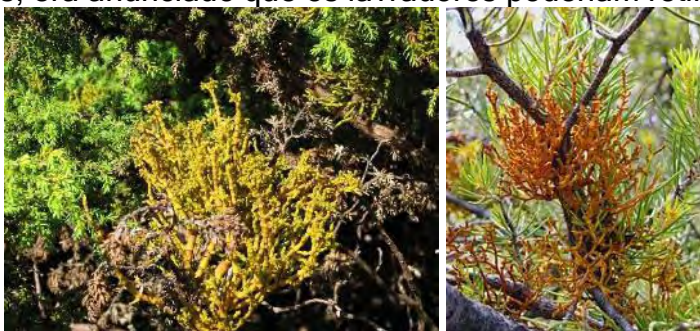
Sentamo-nos numa esplanada na marginal a densedentarmos enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirmos ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a "Cabana do Pai Tomás". Satisfiz assim a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores não conhecia o autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde, ora telhada de novo, mas com o desconforto da minúscula casa de banho exterior

no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

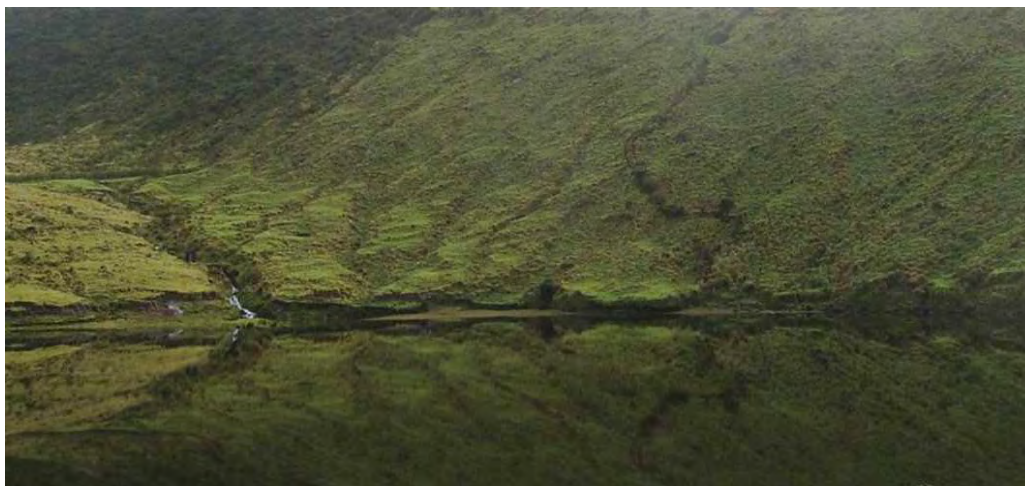
Em linguagem cinematográfica chama-se a isto um “fast-forward” em que se rebobina a imagem e se passa adiante. Após 4 dias e cinco noites de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava já em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão ao afirmar o que afirmava sobre a literatura açoriana... Depois de ler quase todas as obras de Dias de Melo, salvavam-se as baleias, outro livro mais intimista como “À Boquinha da Noite (2001) e pouco mais. Li e detestei “O Menino deixou de ser menino” (1995) e “Pena dela, saudades de mim” (1994) dum neorealismo primário e básico que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Onésimo fora talvez um desapontamento como escritor, mas como croniqueiro eram notáveis as inúmeras piadas que sempre o caracterizaram, beneficiando da fama e do apoio das instâncias oficiais e da clique local. Nesta se incluem nomes menores da literatura local que se adoram e veneram mutuamente. Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela “O Pastor das Casas Mortas” e obras mais antigas (sobretudo “Ilha grande fechada” (1992) embora os seus livros sejam curtos. Excluía a obra religiosa por razões óbvias, não a podia apreciar. Ressalvava bons textos que surgiram, nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como “Santa Maria Ilha-Mãe”, “S. Miguel, a ilha esculpida” e outro sobre a Terceira. Entretanto, já lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles... O problema é que sem querer metera-me (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias. Ora bem, a minha autocritica ao fim de 4 dias perante o Cristóvão, escritor maldito e malquisto nas hostes açorianas, era a seguinte: embandeirara eu em arco, louvando exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos pinçaros Dias de Melo, João de Melo, Onésimo de Almeida, Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar, sem conhecer os restantes e sem separar o trigo do joio. Gostava do Cristóvão, do Daniel e do Onésimo. De todos era amigo, mas existiam outros autores para desvendar. De dezenas já lidas e folheadas a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava. Sendo um forasteiro deixara-se iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e de seus costumes ancestrais. Embalara-se no canto das suas sereias. “O Pastor das Casas Mortas” fora já traduzido por mim para inglês, a que, em breve, se seguirá a tradução para castelhano. Dias de Melo até para japonês já fora traduzido. Cristóvão ainda não. Nem outros escritores e poetas que o mereciam. Um crime de lesa literatura. Iria eu concentrar os esforços dos colóquios para os editar no Brasil e traduzi-los. Teria de ler os restantes para apreciar a sua universalidade, além da matriz açoriana que a todos permeia. Sabia agora que incorrera juntamente com Zélia Borges, Dina Ferreira e Rosário Girão, numa possível falácia de tomar a nuvem por Juno e louvaminhado em excesso os autores que os colóquios divulgaram. Teriam de ser mais parcos nos encómios sob pena de descredibilizar os colóquios que tão prontamente se ergueram como paladinos da literatura de matriz açoriana. Dias de Melo e Daniel de Sá já têm a editora VerAçor a traduzi-los e divulgá-los em vários quadrantes, falta agora fazer o mesmo para Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra. Em Bragança no 8º Colóquio iria iniciar uma campanha para o traduzir (Bulgária, no futuro Roménia, Polónia, Eslovénia). No Brasil tentaria quem o quisesse editar. Iria tentar a editora Almedina, no Brasil, para apresentar no 5º Encontro da Lusofonia, edições de “Tabuada do Tempo” e de “Torga Lavrador das Letras” do Cristóvão de Aguiar. A Almedina deveria editar no Brasil estes e outros livros pois não há direitos de editora para a maior parte deles. Se pudesse concentrar esforços talvez conseguisse algo até março - abril 2010.

Regresso à narrativa, à ilha onde, além de ter visto as lagoas todas com mais calma, fiquei assustado com a sua eutrofização (exceção feita à do Capitão). Na Lagoa seguinte, a do Peixinho além de trinta vacas se dessedentarem havia um autotanque de agricultores a retirar a parca água que restava. Como havia seca os agricultores tinham de lá ir abastecer-se. Com umas boas chuvadas tudo voltava ao normal. Não acredito, pois, a eutrofização não se deve resolver com umas chuvadas. Fico triste. As autoridades deveriam preservar as lagoas para turista ver. Andam tão empenhados em aumentar o número de turistas e esquecem-se que nem todos vão escalar a mais alta montanha de Portugal. Infelizmente, dias depois, era anunciado que os lavradores poderiam retirar água da Lagoa do Capitão.



Foi lá que fotografei uma das minhas melhores imagens de 35 anos de fotografia.



Antes (2007) e depois (2009)



Faltava apenas ver duas coisas, e uma delas não a consegui encontrar apesar de ter perguntado aos locais: a Furna de Frei Matias. Andei em círculos e em ziguezague por estradas de terra e de asfalto, segui as placas indicativas e as orientações, mas faltou encontrar uma placa azul que seria o “Abre-te Sésamo” para me levar ao local que todos garantem merecer visita obrigatória. Na última manhã abdiquei doutras atividades para fazer mais uma tentativa, mas apenas consumira gasolina e anidrido carbónico sem resultados. Mais aturdido fiquei ao ver totalmente seca a mais bela de todas: a do Paul, mirrada, sem as manifestações espontâneas de árvores endémicas como espigos-de-cedro (*Arceuthobium Azorica*) nas suas margens e onde dantes havia água pastavam agora uns três cavalos.

Podem os leitores seguir viagem através de excertos da bíblia dos que mal sabem ler ou não têm tempo ou disposição para o fazer, a Reader’s Digest:

<http://www.selecco.es.pt/Viver/Lazer/detalhe.asp?tipo=detalhe&ID=303>

No Pico, entra-se por duas portas: o cais da Madalena e o aeroporto. A mais antiga e melhor entrada é a marítima, utilizando as “lanchas” ou “cruzeiros” - o do Canal e o das Ilhas -, fazendo a travessia do canal entre o Faial e o Pico. Desde os mais remotos tempos do povoamento, pelo lugar dos Ilhéus - o Ilhéu em Pé e o Ilhéu Deitado - se partia ou chegava. Hoje continua a navegar-se neste canal, onde circulam 300 000 passageiros anualmente, quando as duas ilhas apenas somam pouco mais de 30 000 habitantes. Antigamente, quando havia passageiros para atravessar o canal, faziam sinais na costa com um lençol branco e, do Faial, partia a lancha, pois no Pico não havia condições de manter a embarcação em segurança por falta de porto. Os portos do Pico são uma realidade construída no pós-25 de abril. De carro, para norte, pode sair da Madalena por dois caminhos: o que passa pelo interior da vila e o outro, junto à costa, acompanhante de uma paisagem ao lado de salgueiros e araucárias enormes. Se for pelo caminho do mar, pare no Cachorro; se for pela estrada regional, desça o ramal do aeroporto. Uma autêntica “boca do inferno” onde a lava se precipitou no mar e fez uma obra de arte de arcos e buracos aterradores, sinais inequívocos da origem vulcânica das ilhas. Junto à costa, com o aeroporto à direita, ao lado de pinheiros que recobriram extensas áreas de lava escorrida, “mistérios”, encontram-se duas pequenas povoações, o Lajido e os Arcos, totalmente recuperadas e reconstruídas, que trazem à memória antigos trabalhos

nas vinhas e na apanha dos figos para a aguardente, e que, estão incluídas na Paisagem Protegida da Vinha do Pico e classificados pela UNESCO como património cultural da Humanidade. Leve imagens do negro das casas de pedra, do verde de incensos e faias. Ao chegar ao cais do Pico, na vila de S. Roque, é absolutamente obrigatório embrenhar-se pela aventura da baleação. A caça à baleia terminou, mas a recordação perdurará. Visite o Museu Industrial da Baleia, observe o Convento de S. Pedro de Alcântara, saia da estrada principal e percorra a costa de S. Roque, volte à estrada em S. Miguel Arcanjo, e por entre pinheiros, faias, incensos, acácias e criptomérias, desça pelo mistério da Prainha do Norte (parque florestal). Contemple a paisagem, o silêncio cortado pelo cantar dos garajaus e gaivotas, com S. Jorge ali em frente, merendar e descansar em tamanho conforto ambiental é privilégio possível. Santo Amaro espera mais à frente. Aqui se construíram os barcos, traineiras, as lanchas da travessia do canal e tantos outros barcos. Hoje não existe a indústria de construção naval, mas há a escola de artesanato. Rumo à ponta da ilha, poder-se-á desfrutar no Miradouro da Terra Alta, de uma estonteante vertigem de altitude sobranceira ao mar, sempre com S. Jorge de sentinela esguia e amiga. É altura para demandar a Calheta de Nesquim e, no Alto da Rocha encontrar a “cabana” do grande escritor da aventura das baleias de outrora e da dimensão humana que a envolvia - Dias de Melo. Apressemos-nos para as Lajes, a vila baleeira, e depois da panorâmica vista sobre a vila mais antiga e mais urbana do Pico, com a montanha ao fundo, e na expectativa de ver o famoso Museu dos Baleeiros. As sugestões são ótimas: fazer mergulho, ir ao “whale watching”, pescar ou nadar na Maré. No Museu dos Baleeiros, encontra magníficas coleções de “scrimshaw”, trabalho artesanal sobre dente ou osso de baleia, e variados aspetos da vida do baleeiro, com destaque para a canoa baleeira. Quando chegar à Silveira, volte à direita pela estrada transversal e suba até ao Corre-Agua, entre numa reta de 9 km e passe pela lagoa do Capitão. Aqui, suba a encosta e do lado direito, observe S. Jorge e povoações da costa norte; do outro lado está a montanha, e faça uma fotografia da majestade de lava projetada nas águas da lagoa. Já em plena zona de pastagem do Pico, a uma altitude que em Invernos rigorosos fica coberta de neve, reveja a montanha. E mal ultrapassado o desvio para o acesso à montanha, logo o Faial se descobre para além do canal. Lá em baixo está a Madalena, mas antes de lá chegar pare na Furna do Frei Matias. O Pico deve ser a ilha das Furnas. São às centenas, identificadas, mas não exploradas turisticamente. Com companhia e equipamento adequados, quem for amante desta atividade tem na Criação Velha uma das maiores furnas dos Açores, a Gruta das Torres, com centenas de metros de comprimento e, em alguns sítios, cerca de 5 m de altura. Não se está numa ilha.... Aqui é o meio do mar salpicado do verde de uma natureza pujante e mistério.”

No segundo dia da estadia, abusando da paciência do Cristóvão (que já as conhecia e não queria visitar de novo, ficando calmamente à espera no ar condicionado na sala da receção das grutas), descemos às catacumbas do vulcão do Pico. Conhecida pela altura e beleza do Pico que lhe deu nome e das paisagens que se desfrutam do alto das suas vertentes, a Ilha tem na Gruta das Torres o verdadeiro contraponto das alturas e um atrativo não menos pitoresco. Durante a visita, reparei no projeto arquitetónico do Centro de Apoio aos Visitantes, que graças às suas características inovadoras, foi selecionado para o prémio oficial da União Europeia em parceria com a *Fundação Mies van der Rohe* de Barcelona, "*European Union Prize for Contemporary Architecture Mies van der Rohe Award 2007*".

As Grutas da Torre estavam fechadas aquando da última estadia no natal de 2007. Ainda só 500 metros estão abertos ao público. Em boa hora as visitei. Não vi as trilobites ou descendentes de tamanhos não observáveis a olho nu. Todos os minutos foram de uma descomunal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal mais consentânea com uma cena do filme “A procura da arca perdida” sendo os visitantes os “salteadores”. O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficamos trinta segundos exposto à luz natural (praticamente inexistente) daquele enorme tubo lávico. As cores, as formas e a explicação científica da jovem guia ajudaram a perceber a formação daquele e doutros vulcões. O interior é rico em formações e estalagmites lávicas, bancadas laterais, *lava balls*, paredes estriadas e lavas encordoadas. Estas visitas fazem sentir a pequena dimensão humana face à natureza mãe que tudo cria e destrói.

A Gruta localiza-se à saída da Criação Velha (Madalena) na encosta ocidental da Montanha. O sistema formou-se quando a lava pahoe-hoe desceu do cone parasítico do Cabeço Bravo há cerca de 500 a 1500 anos. São um conjunto interligado de tubos lávicos que transportaram a lava pahoe-hoe e a lava a ã em épocas distintas. Trata-se da maior gruta açoriana (5 439 metros) com uma altura que chega a atingir 15 metros na entrada que se faz por um algar. O Governo declarou-as monumento regional em março de 2004, um ano antes de abrirem ao público. Ainda não se fizeram todos os reconhecimentos de todos os restantes quilómetros esperando-se que dentro de dois anos possam abrir mais um segmento. Lava pahoe-hoe - é uma lava mais fluida, os seus gases estão menos dissolvidos e flui mais rapidamente, esse tipo de lava formou os lajidos. Na gruta também se constata

a existência de uma escoada lávica do tipo pahoe-hoe que tem 7 metros de dimensão bastante visível. Lava AA (Biscoito) - este tipo de lava está associado ao final da erupção, é muito viscoso, tem muitos gases dissolvidos com uma temperatura não muito elevada e vem um pouco como cascalho.

Por instantes foi mesmo preciso rastejar, tendo em atenção a cabeça e os membros inferiores desnudos, para evitar o contacto com os dilacerantes “biscoitos”. O interior é rico em estalactites e estalagmites de lava. A estalactite tubular é um pingo de lava normal que sofre uma fusão de gases ou de vapor de água; depois começa a esticar, até ficar fina e oca por dentro, daí a sua fragilidade. As estalagmites lávicas formam-se a partir das tubulares. O solo natural da gruta é formado por blocos irregulares e soltos que caíram do teto sendo constituídos por lavas de vários tipos. A gruta encontra-se muito bem preservada. As paredes estão revestidas por óxidos de sílica nalgumas zonas. As estalactites vermelhas são uma bagacina vermelha formada por piroclásticos com erupções estrombolianas, onde são dissolvidos bastantes gases e muito ferro.

*Na gruta, existem apenas dois tipos de espécies de animais:
Trecus Picoensis (espécie de escaravelho) - endémicos das grutas, mas é muito difícil vê-los porque vivem sob as pedras.
Cicus Azopicaias (espécie de cigarra) - vive nas raízes das plantas.*

O restante tempo, dias, tardes e noites picoenses foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos sobre os Açores. Os autores eram açorianos, descendentes, emigrados e outros. Admiti a “*mea culpa*”. Talvez não existisse “literatura açoriana” *per se* mas sim uma literatura de matriz açoriana. Muito descobrira naqueles dias com essa enciclopédia devoradora de conhecimentos e de livros que é o escritor Cristóvão de Aguiar, convidado especial do 8º Colóquio Anual da Lusofonia em Bragança. Espera-se que ele possa ajudar com tão vastos conhecimentos para que a cadeira de Estudos Açorianos criada pelos Colóquios seja um sucesso e que o Breve Curso de Estudos Açorianos da Rosário Girão na Universidade do Minho seja outro. Não ficaria bem numa Crónica deste género acrescentar algo mais que não fossem pequenas notas de viagem como a seguir se explicitam.

As gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras, como nas restantes ilhas que já visitaram, mas um incidente ao almoço num restaurante da Prainha leva a algumas interrogações. Domingo. Salão de almoços e jantares com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servir-nos. Pelo sotaque era descendente de africanos escravos no Brasil. Disse ser de Pernambuco e que se apaixonara por um Picaroto, mas em má hora para ali (Prainha) fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam. A viagem desta jovem seria um tema interessante para desenvolver. Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho, que tudo sabe, caíra no meio do oceano. Sob a lupa via uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por “P”. Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco - Pico - Prainha.

Já afirmei antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo. Dir-se-iam que são antissemitas por terem sangue judeu em 73% dos casos, dir-se-ia que são antiafricanos por terem sangue negro em x por cento, etc.

No entanto, são esses portugueses que sempre denotaram um invulgar carácter e inventividade. Atualmente, é proibido por força de lei, anunciar nas viaturas particulares que as

mesmas estão à venda. Pois bem, na longínqua ilha, afastada dos centros de poder inventaram uma nova modalidade comercial “TROCO POR EUROS”. Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida.

Saí do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara, mas simultaneamente enternecido pela invenção da “troca por euros”.

Ao chegar a casa e parando no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ofereceram-me graciosamente o café por ser o último que ali tomava. Andados uns passos rumo à casa do escritor deparei com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana para voltar a trabalhar. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despeço da ilha prometendo voltar um dia, com mais tempo. Voltarei para alugar casa por um mês inteiro e visitar as ilhas ainda desconhecidas pelo navegador sem barco (Graciosa, Flores, Corvo).

Há qualquer coisa de mágico, um íman secreto, que atrai e me faz querer viver naquele vulcão. Talvez seja a vontade de ouvir as histórias dos passageiros da camioneta sem rumo. Terei de consultar um especialista para me tratar desta eterna infidelidade, cada nova ilha se transforma em amor, paixão ardente, desejo irreprimido.

75. CRÓNICA 75 - DA HOMENAGEM A PAULO QUINTELA E MIGUEL TORGA A CRISTÓVÃO DE AGUIAR - set 2009

75.1. CRISTÓVÃO DE AGUIAR HOMENAGEIA PAULO QUINTELA E MIGUEL TORGA

Decorreu entre 30 de setembro e 3 de outubro o 8º colóquio anual da lusofonia (12º colóquio organizado pelos COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) cujo tema principal era a memória contra o esquecimento. Presentes os Professores Doutores João Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) ambos Patronos dos Colóquios desde 2007, Adriano Moreira (Vice-Presidente, Academia das Ciências de Lisboa), o escritor convidado, Cristóvão de Aguiar e Ângelo Cristóvão (Academia Galega da Língua Portuguesa). O convidado especial, o escritor açoriano CRISTÓVÃO DE AGUIAR prestou a sua HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO a Miguel Torga e Paulo Quintela, enquanto outros homenagearam Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcelos, Euclides da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro, José Rodrigues Miguéis, etc. Ainda em debate estava a aplicação do 2º Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico; Literatura e Açorianidade e a Tradução de obras lusófonas. Teve igualmente lugar uma sessão especial sobre literatura (de matriz açoriana) e tradução de autores lusófonos com a participação de Cristóvão Aguiar, Rosário Girão, Zélia Borges, Ilyana Chalakova e Chrys Chrystello. Este colóquio contou com a presença de 45 oradores dos seguintes países e regiões: Portugal, Brasil, Galiza, Açores, Bélgica, Macau R P China, Espanha, Bulgária, Ucrânia, Roménia e Nigéria, tendo-se assistido ao lançamento de livros, uma mostra de obras açorianas, recitais de música açoriana, música galega, duas representações teatrais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil e poesia (galega, portuguesa e brasileira). Para os mais de trinta mil habitantes de Bragança que faltaram a estas sessões resolvemos trazer aqui à colação alguns dos textos mais marcantes destas sessões. Assim, nas próximas linhas teremos a apresentação do consagrado escritor açoriano CRISTÓVÃO DE AGUIAR relativa a Paulo Quintela e Miguel Torga com quem privou ao longo da sua vida literária de 45 anos, seguindo-se depois a Homenagem que os Colóquios prestaram ao autor convidado deste ano, e noutra Crónica posterior, as apresentações críticas dos livros que este ano tiveram o seu lançamento ou reavistação no colóquio de Bragança.

75.1. DOIS HOMENS DE TRÁS-OS-MONTES por Cristóvão de Aguiar

Aqui, na cidade de Bragança, coração de Trás-os-Montes, grave delito seria não recordar dois grandes vultos da cultura portuguesa do século XX, Paulo Quintela e Miguel Torga.

Outros há que realçar como o Abade de Baçal, historiador, etnógrafo, arqueólogo, autor das Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança, cujo V volume é o célebre livro, Os Judeus no Distrito de Bragança... E João Araújo Correia, médico na cidade da Régua e um dos grandes Mestres da Língua Portuguesa, que mereceu de Aquilino, outro brilhante cultor da Língua, estas expressivas e legítimas palavras: «Mestre de nós todos há cinquenta anos a lavrar nesta terra ingrata e improba seara branca do papel almaço, e somos velhos, gloriosos ou ingloriosos, pouco importa; mestre dos que vieram no intermezzo da arte literária com três dimensões para a arte literária sem gramática, sem sintaxe, sem bom senso, sem pés nem cabeça; e mestre para aqueles que terão de libertar-se da acrobacia insustentável e queiram construir obra séria e duradoura». Isto só para mencionar os que desapareceram.

Sem desprimor para os dois vultos transmontanos atrás mencionados, e que de per si mereciam uma conferência inteira, ou mais, só irei debruçar-me, e espero não me despenhar da altura a que ambos se guindaram, sobre a obra e personalidade de outras duas individualidades transmontanas, mais chegadas à minha afeição, com quem durante anos convivi em Coimbra e de quem recebi grandes lições de vida, cultura, humanidade e humanidades: Paulo Quintela, filho desta cidade, onde nasceu em 1905, e Miguel Torga, natural de São Martinho de Anta, o seu lugar de onde e o seu centro do mundo, como tantas vezes escreveu nos seus livros...

Paulo Quintela foi um germanista de renome internacional e um dos melhores tradutores das línguas germânicas para a Língua Portuguesa. Dir-se-ia, sem pinga de exagero, que nacionalizou esses poetas e escritores estrangeiros, principalmente alemães, para a Literatura Portuguesa, dela ficando a fazer parte: Rilke, Hölderlin, Goethe, Nietzsche, Hauptmann, Nelly Sachs e tantos outros, incluindo muitos poemas ingleses de Fernando Pessoa, a pedido de Georg Rudolf Lindt, crítico alemão, lusitanista, estudioso e tradutor de Pessoa. E foram esses poetas maiores da Literatura Universal, sobretudo Rilke, que influenciaram alguns poetas portugueses, dos quais destaque Eugénio de Andrade e o próprio Miguel Torga. Como se isto não bastasse, Paulo Quintela, um apaixonado pelo teatro e por Gil Vicente, havia de ressuscitar a sua obra dramática para as tábuas do palco, até então sepultada na poeira dos compêndios. Excetuavam-se algumas tímidas, fugazes e nem sempre logradas tentativas do Teatro Nacional Dona Maria, que, nos meados dos anos trinta do século XX, o pôs em cena. E terá sido um espetáculo, com excertos da obra de Mestre Gil, uma silva vicentina, representado por essa companhia, em uma noite de verão, no Pátio da Universidade de Coimbra, que o catapultou para pôr de imediato a obra vicentina em cima do palco. Escreveu ensaios sobre a obra do maior homem de teatro português, e deu a conhecer aos leitores portugueses as Líricas Castelhanas, de Gil Vicente, publicadas em livro, em meados dos anos sessenta, no Cancioneiro Vértice. Porém, Quintela não se quedou por Gil Vicente: encenou outros grandes dramaturgos; os trágicos gregos: a Medéia, de Eurípedes; a Antígona, de Sófocles; o Prometeu Agrilhoado, de Ésquilo; O Grande Teatro do Mundo, de Calderón de La Barca; Retablillo de don Cristóbal e A Sapateira Prodígiosa, de Frederico García Lorca. Nesta última peça, foi o próprio Quintela quem representou o papel de sapateiro, o principal, porque o ator que o devia interpretar ter comunicado, na véspera da estreia, que não podia comparecer - valia Quintela saber de cor todos os papéis das peças que encenava; O Tartufo, de Molière, além de alguns portugueses contemporâneos, como Miguel Torga; José Régio e Raul Brandão... Graças ao TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), fundado em 1938, e que se estreou com a Farsa de Inês Pereira, foi possível a Paulo Quintela, seu diretor artístico durante mais de trinta anos, dar a conhecer não só Gil Vicente como todos os dramaturgos atrás referidos, fazendo do TEUC uma verdadeira escola de teatro por onde passaram gerações e gerações de estudantes, que, após a formatura, continuaram a lição do Mestre, organizando grupos de teatro nas locais onde foram exercer a sua profissão. Como dizia, foi nesta cidade de Bragança que nasceu, em dezembro de 1905, Paulo Manuel, oitavo rebento de uma prole de dez, sendo o pai pedreiro e a mãe padeira. Aqui se criou, iniciou e concluiu os estudos elementares e liceais, que o haviam de guindar à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se matriculou no ano letivo de 1922/1923, ainda com a idade de dezasseis anos. Aluno brilhante, concluiu o curso de Filologia Germânica com distinção, e foi bolseiro da Fundação Humboldt, o que lhe proporcionou viver, estudar e ensinar, em Berlim, durante seis anos. Com a subida de Hitler ao poder, regressou a Coimbra e à sua Faculdade, passando a exercer, durante mais de quarenta anos, o magistério nas Literaturas e Culturas Germânicas. Aqui jaz, no cemitério do "Alto do Sapato", desde o dia 10 de março de 1987.

Delito grave seria também deixar em silêncio o nome de Miguel Torga, um dos mais grandes escritores de sempre da Literatura Portuguesa e, durante grande parte do percurso da existência, íntimo amigo de Paulo Quintela e seu companheiro de lides e aventuras literárias. Procurarei, nesta minha despretensiosa comunicação, delimitar o que os uniu e depois os separou para sempre, tentando o milagre, sempre possível, de um reatamento de relações post mortem... Entre ambos existia uma amizade enraizada num acerado amor que consagravam a Trás-os-Montes, o «Reino Maravilhoso», de onde ambos eram oriundos. «Que belo é ter um amigo! Ontem eram ideias contra ideias. Hoje é este fraterno abraço a afirmar que acima das ideias estão os homens. Um sol tépido a iluminar a paisagem de paz onde esse abraço se deu, forte e repousado. Que belo e natural é ter um amigo!» — escreveu Torga, no dia 4 de fevereiro de 1935, no primeiro volume do Diário, referindo-se a Quintela, que conhecera um ano antes na cama de um hospital em Coimbra. No Segundo Congresso Transmontano, realizado nas Pedras Salgadas, em setembro de 1941, ambos participaram com duas conferências. A de Miguel Torga intitulava-se «Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)»; a de Paulo Quintela, «Um Poeta de Trás-os-Montes», Miguel Torga. E era o Poeta: «Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador. Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora. De repente rasga a crosta do silêncio uma

voz de franqueza desembainhada: «— Para cá do Marão, mandam o que cá estão!» Sente-se um calafrio. A vista alarga-se de ânsia e de assombro. Que penedo falou? Que terror respeitoso se apodera de nós? Mas de nada vale interrogar o grande oceano megalítico, porque o nume invisível ordena: — Entre! — A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.» Por seu turno, Paulo Quintela: «Mas não se nasce impunemente em Trás-os-Montes, no Alentejo ou à beira-mar. Quer dizer que a paisagem, se não é o único fator determinante, é contudo primordial elemento de formação e informação. Se a poesia é no fundo expressão — expressão mágica — das coisas e dos seres, da Vida, é evidente que essa expressão há de ser em certa medida condicionada pela maneira como esses seres e coisas se nos revelam e nos solicitam, pela luz que os banha, pelo horizonte em que estão implantados, pelo ângulo por que se contemplam. O homem da planície terá uma vivência das coisas e dos homens muito diversa da do montanhês. Horizontes vastos e planos, monótonos, em que as figuras se perdem ou ficam reduzidas a contornos imprecisos, convidam a erguer os olhos e a contemplar o céu. Daqui — falo, evidentemente, em termos amplos que admitem toda a sorte de exceção que não abalará aliás a firmeza do princípio — (o próprio poeta de que me ocupo poderá por vezes parecer exceção...) — daqui, digo, a propensão contemplativa e a necessidade de fuga e libertação mística do homem nado e criado em ambiente destes. Daqui o caráter místico da grande literatura da estepe russa, por exemplo. Mas subamos agora uma montanha. As coisas na encosta que vamos escalando são-nos mais chegadas, mais íntimas, mais nossas, pelo esforço que pusemos em alcançá-las; a luz quebra e reflete de outra maneira nas lombas que nos rodeiam e nos limitam o horizonte; a subida é árdua, mas gostosa; o arcaboço arfa, bate o coração encostado à fraga ou à árvore, e o arquejar do peito e a pancada do coração do homem da montanha faz-se hálito e pulsar da própria terra-mãe. Chega-se ao cimo. Mas não foi para contemplar o céu que nos aproximámos dele. Sobe-se a um monte para olhar cá para baixo, para dominar a terra que se alarga, se nos revela e nos convida. Foi no alto dum monte que o diabo patenteou a Cristo a sua maior tentação: «De novo subiu o diabo a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os Reinos do Mundo, e a glória deles, e lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares...» Deus em Cristo resistiu à tentação. Os homens sucumbem à veemência do desejo de posse do Mundo e da sua Beleza. Miguel Torga é, dos poetas portugueses modernos, o que está mais intimamente ligado à sua paisagem, que é a paisagem de Trás-os-Montes.»

Convoco agora o Poeta Manuel Alegre para, com a sua palavra poética, vir em meu auxílio. Na III Parte do seu livro, Coimbra Nunca Vista, intitulada «Abecedário de Coimbra», o poeta de abril, grande amigo e admirador de ambos, empreende uma apolínea peregrinação afetiva através de individualidades que, em dado momento histórico-cultural, cunharam o caráter da cidade mítica. Nesse «Abecedário», figuram, entre outros, dois poemas dedicados às duas fragas graníticas transmontanas, um com o título de «Miguel Torga No Largo da Portagem»; o outro intitulado «Paulo Quintela». O dedicado ao autor de A Criação do Mundo do reza assim:

Todos os dias o poeta vem ao centro / sobe ao seu consultório e embarca para / dentro. / Diante da folha branca vai de viagem / navega sobre o tempo e nunca para / Há nele o canto de raiz e o verso vagabundo / da sua janela chega à outra margem / e dá a volta ao mundo / no Largo da Portagem.

Sobre Quintela escreve:

Nada sabíamos da língua portuguesa / e então sílaba a sílaba ele ensinou-nos / a música secreta das vogais / a cor das consoantes a ondulação o ritmo / o marulhar das frases e o seu / sabor a sal. / E também como pisar um palco / como falar como calar e sobretudo / como sair de cena e entrar / no grande teatro deste / mundo. / Porque tudo era proibido e ele nos disse / que tudo pode ser ousado / desde que se aprenda a entrar a tempo / a colocar a voz e a não perder / a alma.

Nestas prodigiosas sínteses poéticas, de uma tão luminosa fundura a que só os príncipes da poesia têm o condão de descer ou de subir, encontra-se delineado um verdadeiro, muito completo e complexo programa de vida estética, intelectual e cívica, que tanto Paulo Quintela como Miguel Torga foram cumprindo enquanto por cá andaram. Nas facetas que no poema se realçam, tornou-se Quintela grande mestre e a sua obra de intelectual e o seu exemplo de cidadão empenhado deram disso testemunho. A poesia e a prosa de autores de «franças e arangaças», que, através de traduções exemplares e recreadoras, naturalizou sem qualquer sotaque para português e que ficaram desde logo pertença da Literatura Portuguesa; se tivessem os seus autores cá nascido, seria decerto como ele as traduziu que escreveriam na nossa língua; o teatro vicentino que estudou e amou como ninguém desde os bancos do Liceu de Bragança difundiu e o elevou, depois, para o seu sítio condigno e certo: as tábuas do palco; o cidadão livre que sempre ousou ser, numa pátria contaminada por grandes medos miudinhos por tantas outras toxinas que lhe conspurcaram a atmosfera, não raro tornando-se, armada ou armadilhada de um pesadume propenso e propício a que certas criaturas se bandeassem, fraquejassem e se perdessem, alma incluída, no céu da sua conversão... No poema sobre Torga, Manuel Alegre, em palavras sucintas e certeiras, como é timbre dos grandes Poetas, delineia e recria, minuciosamente, o quotidiano do Poeta de Orfeu Rebelde. Era do seu consultório, no Largo da Portagem, que o Poeta, depois de regressar da noite, quase sempre insone, de macerado trabalho poético, em sua casa, zarpava todos os dias para viagens que só ele sabia deslindar. Transcrevo o poema de abertura do 1.º Diário, 3 de janeiro de 1932, (Torga iniciava e rematava sempre os seus Diários com um poema), que reflete esse trabalho noturno, notívago, a que se entregava com a devoção de um crente da poesia que nunca deixou de ser:

Deixem passar quem vai na sua estrada. / Deixem passar / Quem vai cheio de luar. / Deixem passar e não lhe digam nada. // Deixem, que vai apenas / Beber água do Sonho a qualquer fonte; / Ou colher açucenas // A um jardim ali defronte. // Vem da terra de todos onde mora / E onde volta depois de amanhecer. / Deixem-no, pois, passar, agora // que vai cheio de noite e solidão. / Que vai ser / Uma estrela no chão.

Vale também a pena transcrever um texto do Diário XII, de fevereiro de 1977, em que o autor de Orfeu Rebelde revela, genialmente, a maneira como nasce um poema:

Foi durante a noite que escrevi o poema. Acordei inquieto, estremunhado, fiquei numa sonolência lúcida e, aos borbotões, os versos, na imprevisibilidade do minério arrancado às trevas da mina, começaram a surgir à tona do silêncio, alguns já estremados, puros, outros ainda agarrados ao cascalho. Depois, a razão clarificadora acudiu

à inspiração tumultuosa, britou, peneirou, lavou, ordenou, e as pepitas ficaram articuladas de tal maneira que acabaram por formar um todo coeso, harmonioso e autónomo. Um texto na sua plenitude existencial, inexpugnável como um dia de sol. Excitado pela evidência do milagre, que eu próprio mal podia compreender, não consegui mais pegar no sono. Pus-me a recitar cada estrofe, primeiro numa espécie de terror sagrado, a experimentar a segurança do ritmo, a verificar a verdade das rimas, a avaliar a flagrância das imagens. Por fim, confiado, a abaná-las rijamente, e a concluir, desvanecido, que tinha as raízes seguras. E assim tenho passado o dia com elas no ouvido, numa exaltação secreta, estranhamente otimista, menos vulnerável aos empurrões da multidão, feliz sem o dar a entender. É um regozijo íntimo, fundo, como se me encontrasse bafejado por uma graça que não tivesse merecido, nem pedido, nem recebido de ninguém. (8/2/1977, Diário XII).

Paulo Quintela foi o primeiro homem de teatro português que pôs em cena Miguel Torga. Em 1947, o TEUC representava Terra Firme no velho Teatro Avenida, e doze anos mais tarde, no mesmo local, o CITAC, que convidou expressamente Quintela para encenar uma peça de Miguel Torga, representava o poema dramático O Mar, integrado no seu I Ciclo de Teatro. A partir daí os destinos destes dois homens altivos, como duas vertentes de um Marão de carne e osso, separam-se para o resto da vida. E foi pena. Nunca soube deslindar as razões por que se deu tal rotura, nem talvez as houvesse bem definidas. Seriam fortes razões do coração, atrevo-me até a dizer de um grande amor ferido. No fundo, admiravam-se mutuamente, e outra coisa não seria de esperar de homens de tamanha envergadura. Eu próprio posso disso dar testemunho. Paulo Quintela continua no seu labor de traduzir autores alemães, ingleses e franceses como Brecht, Nelly Sachs, Hauptmann, Nietzsche, Goethe, Kant, Ben Johnson, Molière e prossegue no TEUC durante cerca de mais dez anos, encenando Gil Vicente, Molière, autores gregos, como Eurípedes e Sófocles, e modernos como Garcia Lorca e José Régio.

Miguel Torga havia ainda de publicar dois livros de poesia, Câmara Ardente e Poemas Ibéricos, três de prosa, o quinto e o sexto dias da Criação do Mundo e nove volumes do Diário.

Paulo Quintela é o primeiro a sair de cena. No dia 9 de março de 1987. Na véspera, domingo à noite, estivera a ver um programa televisivo intitulado Eu, Miguel Torga, documentário sobre o autor da Criação do Mundo. Acabado o programa, foi-se deitar e não mais acordou. Premonitório, não acham? Eu tinha estado com ele na sexta-feira anterior. E havia prometido levar-lhe na sexta seguinte o Diário XIV, acabado de sair, do qual lhe falara com entusiasmo durante a nossa última conversa de sexta-feira, 6 de março de 1987. À despedida, no alto da escada, ainda me preveniu: «Não te esqueças de me trazer o diário do Torga...»

Miguel Torga viria a morrer cerca de oito anos mais tarde, em 17 de janeiro de 1995. No seu penúltimo diário, o XV, pode ler-se, na entrada com data de 9 de março de 1987, dia da morte de Paulo Quintela: «A morte é uma grande reconciliadora. Não há desavença que lhe resista. O seu grande manto de equanimidade cobre todas as paixões da mesma vanidade. Só é pena que, depois dela, tudo seja irremediável.» Depois de tudo, fico com a sensação de vazio absoluto, de que tudo ou quase tudo ficou por dizer.

Paulo Quintela e Miguel Torga são grandes de mais para caberem nas páginas de qualquer escrito, e eu demasiado pequeno para os fazer caber numa simples e despreziosa comunicação como esta com que vos tenho vindo a massacrar o bicho do ouvido e da paciência. Repare-se, porém, no milagre da poesia, capaz de sínteses fulgurantes: ficaram ambos retratados, em corpo e alma, no poema de Manuel Alegre. São assim os Poetas. Bragaça, 1 de outubro de 2009

75.2. MESA QUADRADA SOBRE TRADUÇÃO E LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA POR CHRYS CHRYSTELLO

Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açores como Gaspar Frutuoso, o conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda, Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Víctor Câmara e Carlos Carreiro. Dos autores contemporâneos de que falarei aqui, selecionei aqueles por quem nutro mais apreciação.

Acolho como premissa o conceito de açorianidade de Martins Garcia que, admite uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»⁶⁹.

A açorianidade literária⁷⁰ (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração.

Martins Garcia não se mostra empenhado em definir a literatura açoriana, mas a sua qualidade estética. Na obra «Para uma literatura açoriana» (1987) afirma: «...utilizar um conceito antropológico de cultura para provar a diferença entre os Açores e o Continente é admitir que um traço distintivo venha a justificar uma autonomia, quando, na realidade, são as diferenças culturais que formam um acréscimo que dão identidade, seja a uma literatura, seja a um povo⁷¹».

Em «Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana» J. Almeida Pavão (1988) diz «...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão de Aguiar.

69 http://lusofonia.com.sapo.pt/acoresh/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

70 BRASIL, Luiz António de Assis. Escritos açorianos: a viagem de retorno - tópicos acerca da narrativa açoriana pós 25 de abril. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

71 RIBEIRO, Lúcia Helena M. A questão da identidade da terra: a ideia de permanência na obra *Contrabando Original*, de José Martins Garcia. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 1996.

Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, compendiados na obra A Questão da Literatura Açoriana, de Onésimo de Almeida (1983)⁷².»

Depois de, no meu fervor iniciático, ter sido um adepto da Literatura Açoriana, à medida que lia os mais consagrados e badalados, ficava com uma sensação amarga. Há muitos, mas de qualidade irregular, dir-se-ia duvidosa. Sorri da minha ingenuidade.

Ao ler Dias de Melo, guardei as baleias, o livro intimista «À Boquinha da Noite (2001)» e poucos mais. Lera, mas não gostara doutros com um neorealismo primário que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros.

Onésimo como croniqueiro eram notáveis as piadas que sempre o caracterizaram.

Daniel de Sá tem talvez como uma das suas melhores obras, a novela «O Pastor das Casas Mortas» e obras mais antigas (sobretudo «Ilha grande fechada» (1992). Dele, ressalvam-se bons textos nos últimos anos, em livros ou guias de turismo como «Santa Maria Ilha-Mãe», «S. Miguel, a ilha esculpida» e outro sobre a Terceira (a publicar em breve, todos da Ver Açor).

Entretanto, lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...

Como tradutor no seio desta geografia idílica, não busquei a essência do ser azórico em miríades de variações nem cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionaram a presença humana, para evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Deduzi no decurso da sua tradução características relevantes para a açorianidade:

1. O clima inculca um carácter de torpor e de morosidade;
2. Os povos quedam hoje, física e culturalmente, quase tão distantes de Portugal como há séculos atrás;
3. O recorte dos estratos sociais: é ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;

4. A adjacência das gentes à terra persiste ainda imune a aculturações, fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, opondo-se ao centralismo autofágico e macrocéfalo, que regem esses dois submundos como vasos não-comunicantes.

Daniel de Sá dedicou «O Pastor das Casa Morta» «às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal». O herói busca um amor perdido no léxico e na sintaxe dos montes escalavrados da Beira Alta. Por entre o pastoreio, calcorreia paixões sofridas, numa apologia da solidão. O retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só, é uma ode ao açoriano apartado de si e do mundo por um amor impossível concretizado. Trata-se de uma visita ao Portugal profundo, interior e inacessível. Aqui não se fala do «despovoamento das ilhas» antes se resgata o imaginário coletivo na erudição improvável de um mero apascentador de cabras.

Em «Santa Maria ilha-mãe» Daniel de Sá viaja ao passado mítico, refulgente de nostalgia lírica por uma infância despreziosa. Visita o isolamento de séculos, permeado por ataques de piratas, a inculcar mais vincadamente as crenças religiosas. O título gerou controvérsia, mas o autor notaria: «Não se trata de «mãe» adjetivo, mas sim de dois substantivos. É uma ilha que é mãe também...» As personagens são credíveis e transportam-nos a partilhar sentimentos com os interlocutores.

Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie Macdonald, «A tradução é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.»

Dias de Melo escrevia sobre os baleeiros, como se da sua «Cabana do Pai Tomás», no Alto da Rocha do Canto da Baía, na Calheta de Nesquim na açoriana ilha do Pico, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta baleando contra os Vilas e os Ribeiras. A escrita embrenha-se como o nevoeiro em que os trancadores se debatiam na luta inglória para ganhar a vida. Resumo o autor a uma frase: Injustiça Social. É da sua denúncia que trata ao abordar a emigração, as realidades sociais e económicas, a repressão do Estado Novo e os dramas humanos, na linguagem simples dos homens do mar. Fica-se com a sensação de uma sociedade arbitrária e perversa. Coube-lhe a sorte de ter recebido homenagens públicas nos últimos meses de vida, quando lhe reeditaram alguns dos seus livros. Como espetador atento da luta quotidiana e da condição humana, nunca se coibiu de a viver e contar. Cumpre evitar que essa memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações, pois, como ele escreveu: «A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim».

Nas ilhas existem interesses escostos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil e nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobriremos estes autores, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos embalar pela açorianidade, a diegese das ilhas, seus costumes ancestrais, o canto das suas sereias...

Lemos outros açorianos espantosos de que ninguém fala como José Martins Garcia⁷³. Sobre ele escreveu David Mourão-Ferreira «Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a «barca do purgatório» anda sempre

⁷² O Centenário (1963) (poesia); Esperança-21 (1969) (peça de teatro); Cérebros do Grande Público (1970) (ensaio)

Da Vida Quotidiana na Lusafândia (1975) (estudo); José Rodrigues Miguéis, Portugal in Manhattan (1983) (ensaio)

A Questão da Literatura Açoriana (1983) (ensaio); (Sapa)teia Americana (1983) (contos); Mensagem - Uma Tentativa de Reinterpretação (1987) (ensaio); Açores, Açorianos e Açorianidade (1989) (ensaio)

⁷³ Outras obras de referência do autor: (1975), Lugar de Massacre. Lisboa, Afrodite. (1978), Vitorino Nemésio, a obra e o homem. Lisboa, Arcádia. (1978), A Fome. Lisboa, Afrodite. (1982), Imitação da Morte. Lisboa, Moraes. (1984), Invocação a um Poeta e outros poemas. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1985), Fernando Pessoa: coração despedaçado. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1986), Temporal. Providence, Gávea Brown. (1987), Contrabando Original. Lisboa, Vega. (1988), Vitorino Nemésio - à luz do Verbo. Lisboa, Vega. (1990), Memória da Terra. Lisboa, Vega. (1996), No Crescer dos Dias. Lisboa, Salamandra. (1999), (quase) teóricos e malditos. Lisboa, Salamandra. Ensaio: (1987), Para uma Literatura Açoriana. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1987), David Mourão-Ferreira, Narrador. Lisboa, Vega. (1995), Exercício da Crítica. Lisboa, Salamandra. Conto: (1978), Receitas para Fritar a Humanidade. Lisboa, Edições Montanha. (1979), Morrer Devagar. Lisboa, Arcádia. (1987), Contos Infernais. Ponta Delgada, Brumarte.

mais carregada que as outras duas, o [seu] nome deveria ser hoje saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; (...) com igual mestria tanto abrange os registos da mistificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo⁷⁴». Maria Lúcia Lepecki acrescenta «É a arte de narrar «em puro» que Martins Garcia cultiva: de modo que opta por não fazer quaisquer tipos de experimentações. Vai sempre reexperimentando, e confirmando, o contar histórias.»

Armando Côrtes-Rodrigues é outro nome juntamente com Emanuel de Sousa poeta e autor de Eurídice⁷⁵ com prefácio de Natália Correia; e autor de Ariadne⁷⁶.

Saiu agora uma rica edição de uma antologia de contos de Martins Garcia. A coleção intitula-se Biblioteca Açoriana e é dirigida por Urbano Bettencourt e Carlos Alberto Machado⁷⁷.

Já foram publicados, nesta coleção, em 2009: Almas Cativas e Poemas Dispersos, de Roberto de Mesquita⁷⁸; A Moldura, de Conceição Maciel; Português, Contrabandista, de José Martins Garcia, antologia de contos, a maior parte inexistente no mercado, com um posfácio de Urbano Bettencourt.

Há mais três nomes a não esquecer: Vasco Pereira da Costa, poeta, romancista, nascido em Angra em 1948. Além disso é pintor com o pseudónimo de Manuel Policarpo. A sua Exposição de Pintura no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico em junho, foi para a Terceira, e está agora nas Portas do Mar, em Ponta Delgada. Intitula-se As ilhas conhecidas - cartografia e iconografia. Os quadros relativos ao culto do Espírito Santo são uma forte crítica não só ao culto da terceira pessoa como à sociedade...

Há ainda Eduardo Jorge Brum (fundador e diretor do Semanário Expresso das Nove) poeta, contista e romancista, nascido em Rabo de Peixe. Escritor maldito, na linha de Luiz Pacheco. As suas principais obras foram todas publicadas na Europa-América, com exceção de uma, que saiu na Vega⁷⁹.

Por último, Marcolino Candeias, nascido em Angra em 1952. Poeta de (quase) um só livro, embora se tivesse estreado aos 16 anos com um livro Por Ter Escrito Amor que terá repudiado, pois não consta na sua bibliografia. A 2.ª edição intitula-se: Na Distância deste Tempo⁸⁰.

Como se pode ver há muito para além das hortênsias e dos romeiros, tema desesperado de tanto aspirante a escritor numa eterna antologia de autores açorianos, mas nem todos eles serão obreiros de verdadeira literatura. Deixei premeditadamente para o fim Cristóvão de Aguiar⁸¹, um escritor incómodo.

(1992), Katafaraum Ressurreto. S.l., M. Garcia. Teatro: (1987), Domiciano, Angra do Heroísmo, Direção Regional de Assuntos Culturais (Prémio Armando Côrtes-Rodrigues, da SREC).

74 Jornal Signo, 30/9/1987

75 Edição Quetzal

76 Edição Quetzal

77 Diretor do Centro de Estudos do Mar nas Lajes do Pico

78 Prólogo e organização de Carlos Bessa

79 Oriana ou o nome das Coisas

80 2.ª Ed. Salamandra

81 Poesia: mãos vazias; ed. Do autor, com a chancela da livraria almedina, Coimbra, 1965, o pão da palavra; cancionero vértice, Coimbra, 1977, sonetos de amor ilhéu; ed. Do autor, Coimbra, 1992

Prosa: Breve Memória Histórica da Faculdade de Ciências (II Centenário da Reforma Pombalina), Coimbra, 1972

Alguns Dados sobre a Emigração Açoriana; Separata da Revista Vértice, Coimbra, 1976

Raiz Comovida (A Semente e a Seiva); 1.ª ed. Coimbra 1978 (Prémio Ricardo Malheiros Academia de Ciências Lisboa)

Raiz Comovida II (Vindima de Fogo); 1.ª ed. Coimbra, 1979

Raiz Comovida III (O Fruto e o Sonho); 1.ª ed. Angra do Heroísmo, SREC, 1981

Raiz Comovida (Trilogia Romanesca); revista e remodelada num volume, Editorial Caminho, Lisboa 1987, Ed. D. Quixote, Lisboa 2003

Ciclone de setembro; (Romance ou o que lhe queiram chamar), Editorial Caminho, Lisboa, 1985, incluído agora no romance Marilha, Publicações D. Quixote, 2005

Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia; Nótulas Biográficas, Publicações da Universidade de Coimbra, 1986, 2.ª ed. revista e aumentada, Imprensa da Universidade, 2005

Passageiro em Trânsito; Novela em espiral ou o romance de um ponto a que se vai sempre acrescentando mais um conto, Editora Signo, Ponta Delgada, 1988; 2.ª ed. refundida, Salamandra, Lisboa, 1994

Emigração e Outros Temas Ilhéus; Miscelânea, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992

A Descoberta da Cidade e Outras Histórias; Contos, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992

Um Grito em Chamas; Polifonia Romanesca, Edições Salamandra, Lisboa, 1995, integrado no romance Marilha,

Relação de Bordo (1964 -1988); diário ou nem tanto ou talvez muito mais (Grande Prémio da Literatura Biográfica da APE / CMP), Campo das Letras, 1999

Relação de Bordo II (1989-92); diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Campo das Letras, 2000

Relação de Bordo III, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, P. D. Quixote, 2004

Trasfega, casos e contos, Prémio Miguel Torga / Cidade de Coimbra, 2002

Marilha, sequência narrativa, D. Quixote, 2004

A Tabuada do Tempo, Prémio Miguel Torga, Almedina, 2006

Miguel Torga - O Lavrador das Letras - Um percurso partilhado, Almedina 2007

Braço Tatuado - Retalhos da Guerra Colonial, D. Quixote, 2008

Tradução: a riqueza das nações, Adam Smith; fundação Calouste Gulbenkian, 1982

Colaboração: Vietname; Antologia Poética, Nova Realidade, 1970

Antologia de Poesia Açoriana; org. Pedro da Silveira, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1977

Para o Mundo de todos os Homens; Pequena Antologia de Poesia de Autores Portugueses contra o Racismo e Colonialismo, Conselho Português para a Paz e Cooperação, 1977

Antologia Panorâmica do Conto Açoriano; organizada por João de Melo, Vega, Lisboa, 1978

O Eclipse; Extrato de Romance, Revista Vértice, 448, maio - junho de 1982 (Número dedicado à Cultura Açoriana, organizado pelo Autor)

The Sea Within; A Selection of Azorean Poems, Gávea-Brown, Providence, 1983

Não só se libertou das grilhetas do cativo confinado da ilha como demonstrou com a sua prolífica publicação aquilo que mais se entretive a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, com fama de intransigente, não se inibe com polémicas e controvérsias. Domina a língua como só os grandes escritores almejam, enquanto se deixa consumir na incandescente falta de confiança genética de ilhéu.

Eterno insatisfeito burila as filigranas letras com que nos enleia no basalto da sua ilha adotiva, o Pico. Como visitou e viveu para lá da fronteira invisível do grande Mar Oceano olha retrospectivamente para o Pico da Pedra, em São Miguel, onde nasceu, e vislumbra a pequenez das gentes encarceradas nas ilhas, contentadas com qualquer emigração económica e a canga feudal que persiste. Pedacos de gente dura e impiedosa cumprindo rituais. Intolerante, devota e invejosa na sua ânsia de emigrar. Depois, o regresso de aparência gloriosa, mas sem acarreamos na desafogada bagagem algo de valor. Apenas dinheiro e bens materiais. Sobre a sua marilha natal, diz Cristóvão:

“São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumes intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados.... Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluídas com todos os poderes, foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisível esse terreno enfastiado de tanta aridez fermentada e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infrassubsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.”

Cristóvão é um permanente «Passageiro em trânsito», título do seu mais benquisto livro na rota do inconformismo. É a voz ininterrupta de uma consciência coletiva que não se asfixia. Granjeou o direito a chamar os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem. É crítico impiedoso do destino que alguns queriam eterno, da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos feudais opressores da gleba.

Narrativas dissecantes que se assemelham a uma técnica de travelling em filmagem. Grandes planos, zooms, e paragens esmiuçadas nos rostos e mentes dos atores principais dos seus diários, intitulados Relação de Bordo (trilogia) e A Tabuada do Tempo. A câmara detém-se e escarpeliza a alma daqueles que filma com palavras aceradas. Dói e magoa como o vento mata-vacas que sopra do Nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou uma nova ilha mátria, em 1996:

“A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço... Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeadada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação... Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo”.

Cristóvão de Aguiar não é um autor fácil nem facilita o léxico para leitores de pacotilha. Amaldiçoado, mas nunca maldito, outros o forjaram malquisto. Acossado por tudo e por todos. Exige tanto dos seus leitores como de si. As suas palavras pungentes estão gravadas visceralmente num granito alheio às ilhas que se encontra na trilogia Relação de Bordo. No último volume, deparámos com uma interminável história de amor sem que os leitores enxerguem esses arroubos. Ele é o magma de que são feitas as gentes de bem. Terei encontrado o escritor neste amigo novo? Este autor que ora descobri como se o conhecesse há muito, como se tivesse sido irmão caçulo ou compagnon de route 66 à la Jack Kérouac, iluminando o túnel das ideias⁸². Navego imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido fora do ventre materno. Aprendo com este mestre contemporâneo da literatura de matriz açoriana. Muito apoucado me aquilato em tão ínclita companhia. Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas Cristóvão de Aguiar, empreende uma viagem tridimensional repleta de sentidos. Confluem na escrita como lava «pahoe-hoe» (pron. pah hoi-hoi) de aparência viscosa, mas fluida, prateada e entrançada como cordas de baleeiro. Outros autores aparentam lava tipo «A a» (ah ah), grossa e áspera, magma de rochas solidificadas impulsionadas. Em Cristóvão de Aguiar nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à pedra-pomes, piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de vesículas disseminadas na rocha, de tal modo estanques, que esta pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo escapado para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos ad eternum todos os leitores. A escrita lávica de Cristóvão fica a boiar no nosso esparecido imaginário. Foi ela que nos instigou a rabiscar esta lamentação com o frémito ciumento dos que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele

82 Pressagio cordões umbilicais curiosos. Criamos os sulcos que trilhamos percorrendo as savanas e estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos embargavam a escrita e nos dispersavam. Plantámos árvores, publicámos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal. Cumprimos missões no exército colonial português em Mafra, Tomar e Leiria. Cristóvão entrou para o Teatro Universitário em Coimbra e eu para o Teatro Universitário do Porto quando me insinuava como jovem independente pensante, batalhando com Zeca Afonso, mestre José Rodrigues e um dos melhores declamadores de sempre, o Mário Viegas. Em Coimbra, o ilhéu Cristóvão lidou com Paulo Quintela, Miguel Torga, Luís Albuquerque, Joaquim Namorado e outros monstros sagrados do nosso imaginário.

sabe e sente sobre os Açores. Essa a forma de amar e de ressarcir a terra que o viu nascer.... As ilhas irão, um dia, desatar as grilhetas que as enjaulam no passado e Cristóvão ficará então desobrigado da tarefa hercúlea de acarrear a sua ilha como um fardo ou amor enjeitado, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

Dias de Melo e Daniel de Sá já foram traduzidos e «O Pastor das Casas Mortas» vai surgir em castelhano. Cristóvão não foi traduzido. Além dele há outros escritores e poetas⁸³ que teremos de divulgar e traduzir. Isto sim é um crime de lesa literatura. Iremos concentrar os esforços dos Colóquios em editá-lo no Brasil e tê-lo traduzido na Bulgária, Roménia, Polónia e Eslovénia. Todos nós, meros mortais, teremos de ler os restantes e apreciar a sua universalidade, apesar da matriz açoriana que a todos permeia. Sei que incorremos numa grave omissão se não conseguirmos lançar em novos mercados e traduzir «A Tabuada do Tempo», «Torga Lavrador das Letras», «mari-lha», «raiz comovida», «relação de bordo I, II, III».

Este o desafio que lanço, hoje, como um repto que ninguém recusará, estou certo.

76. CRÓNICA 76 - EDUCAÇÃO E IBERISMO 22-30 novembro 2009

Anda por aí o Sócrates, primeiro-ministro de Portugal a fazer propaganda falsa e ilusória com a constante e acelerada degradação do ensino em Portugal enquanto o ensino superior na Índia se torna ano após ano, cada vez mais prestigiado e reconhecido em virtude dos elevados níveis de exigência. Não é só em Portugal que o ensino se degrada, reste-nos essa consolação ilusória e fugaz. Na Europa e um pouco por toda a parte, parte-se para o caminho exatamente oposto: o do facilitismo educacional.

Na Dinamarca, por exemplo, os estudantes que estejam no último exame do Secundário, poderão consultar fontes na Internet. A teoria é que os alunos serão suficientemente honestos para acederem à Internet sem copiarem. Dizem os peritos da educação dinamarquesa que chats e correio eletrónico serão proibidos durante o exame, mas será permitido o acesso a qualquer página na Internet. Não nos explicam como vão impedir que tal aconteça. Já há alguns anos que os alunos dinamarqueses podem entregar os seus exames através do computador (sem papel) ... Este novo passo é deveras perigoso numa sociedade em que os valores e a probidade são coisa do passado e trata-se de um passo completamente radical...por muito que se queira crer que a Dinamarca é uma sociedade com elevados padrões de civismo, é impossível evitar "copia e cola (copy-paste)" generalizado e copiações clássicas feitas com a "assessoria" de "consultores" do outro lado da rede ou internet... Esta medida depende apenas da consciência cívica dos alunos, com a vantagem de permitir aos alunos encontrar informação relevante.

Para mim isto não passa de um novo tipo de facilitismo perigoso e lúbrico num sistema de ensino que está longe de ser exigente como no resto do mundo. A via do facilitismo aponta para perigos presentes e futuros, em especial se nos lembrarmos do pretensu curso dum certo primeiro-ministro que até fazia exames por faxe ao domingo... A posição indiana e o prestígio imenso das universidades técnicas indianas parecem apontar noutra direção: a da exigência. Mas isso é para as sociedades que irão liderar o mundo no futuro e não para aquelas em vias de extinção como a sociedade ocidental e especialmente a europeia, em rápida via de extinção rumo à irrelevância.

Desde o 12º colóquio da lusofonia (8º colóquio anual em Bragança) que me debato com uma grave crise existencial, causada pela falta absoluta de tempo e de inspiração. O verde das pastagens e das vacas não chega para me inspirar e o tempo cinzento em prelúdio de inverno ainda afastam mais as musas que me alimentam.

Duas conferências internacionais a que fui em finais de outubro e novembro na Universidade dos Açores prometiam muito, mas uma delas foi um desapontamento que causa motivos para meditação. Refiro-me à Convergência de Afetos que a Direção Regional das Comunidades organizou convidando mais de 80 personalidades de todo o mundo, sendo metade delas da diáspora. Tudo pago, viagem de avião, alojamento e refeições, coisa para uma centena de milhares de euros. Os convidados ilustres estiveram reunidos na Aula Magna da universidade para falarem alguns (poucos, bem poucos) sem tempo para debate e sem conclusões possíveis ao longo de dois dias. Uma razão para as pessoas se encontrarem e se conhecerem e pouco mais. Uma função profilática familiar, não fosse o que se pressupunha já tratar-se de mais uma reunião de claques e de cliques e não de elites. Ouvimos laudas de uns a outros, palmadas nas costas e encómios bajuladores aos pretensos líderes mentais da intelligentsia açoriana. São sempre os mesmos dizia-me a voz oculta que o cérebro comanda, sempre a mesma pandilha que viaja à custa do Estado sem nada fazer ou dizer que justifique tais mordomias. Foram citados dezenas de nomes de autores açorianos. Como sempre, ninguém falou do conceituado Cristóvão de Aguiar. Podiam dizer que foi uma coincidência, mas dessas deve o autor andar farto há quarenta anos. Até houve autores que nem mereciam tal epíteto, que foram convidados a falar durante vinte dolorosos minutos sem nada a dizer pois pouco ou nada escreveram e esse pouco é de tal forma redutor e medíocre que nem uma nota de rodapé mereceria. Não quero citar nomes pois todos os que estão por dentro da vida literária deste arquipélago e seus anexos sabe bem de quem se trata, são sempre os mesmos. Não percebi bem porque me chamaram a estar presente e silente, mas talvez seja para me chamarem ao seu seio, como se eu estivesse interessado em fazer parte da "pandilha". Não estou nem farei, prosseguirei o rumo que

tenho dado aos colóquios tentando abarcar o máximo de conhecimentos possíveis sobre os autores e sua obra para a consecução dos fins a que se destina o curso de Estudos Açorianos na sua versão na internet e a ser ministrado e pela Universidade do Minho em versão presencial. Pensei em nem sequer escrever estas linhas de lamúria pelo desperdício de meios com vista a fim nenhum, mas que fica bem no relatório anual de qualquer direção geral. Ao escrever isto arrisco-me a nunca mais receber qualquer apoio dessa direção geral regional que tem apoiado a deslocação dum membro da comunidade canadiana e dos nossos patronos dos colóquios. Mas esta memória seletiva dos que apoiam as painéis culturais é o que permite a perpetuação da mesma clique. Passemos, pois, ao segundo evento organizado pela Universidade e denominado "Mundividência da Açorianidade" que reuniu umas dezenas de pessoas, alguns expatriados, na sua maior parte artistas (pintores, escultores) além de historiadores, filósofos e escritores. Neste encontro tive direito a 15 minutos de voz e usei-os com toda a veemência das minhas crenças e saber. Conheci alguns participantes que podem ter interesse para futuros colóquios e o debate foi aceso com várias vozes discordantes por entre a manada submissa dos que seguem a via única do pensamento oficial. Uma rica experiência que permitiu intercâmbios e trocas de ideias e de projetos.

O meu livro CrónicaAçores, volume segundo, tem estado parado. A falta de inspiração não ajuda, além de que surgiu material para traduzir nestes dois meses e o tempo escasseia. Isto sem contar com os problemas da filha e da neta, as preocupações da octogenária mãe, a chuva que cai dentro de casa, a dificuldade de obter na ilha um calorífero a gás, os contrastos que o filho mais novo causa, e tudo o resto. Em Portugal houve umas eleições atrás das outras, o primeiro-ministro manteve-se no poder para má sorte dos que cá ficaram, o país continua em crise, sem ideias nem saídas e mais uns tantos casos de alegada corrupção no aparelho estatal até ao topo. Nada mudou e a situação continuou a agravar-se, dia após dia, refletindo-se no endividamento do país e no meu, a um ritmo estonteante que um dia nos há de levar a todos os fundos do poço financeiro que é como quem diz falência.

No resto do mundo as notícias são ainda menos animadoras, com catástrofes, umas seguidas a outras: um grupo no Peru que matava aldeões para lhes retirar a gordura humana e vender a fabricantes de cosméticos; a histeria da gripe H1N1, ou porcina; pais que violam e abusam repetidamente de filhos e filhas, em todo o mundo; Berlusconi esse líder italiano não consegue passar uma semana sem causar mais um escândalo (e a quem nada acontece tal como o primeiro-ministro português) o homem tem mais camadas de Teflon protetor do que se possa imaginar. No desporto houve mais uma mão divina a dar o apuramento à França sobre a linha de golo sem ninguém assinalar que o futebol é jogado com os pés... As notícias foram tantas e tão díspares que nem saberia por onde começar. O melhor será ignorá-las e fingir que continuo a viver neste idílico recanto, meter a cabeça na areia como boa avestruz que sou e ignorar que este mundo não é para mim e não se pode viver nele. Preocupo-me não só com o meu futuro, mas com o dos netos que já foi totalmente hipotecado e não se vislumbra melhoras para o futuro no país e na Europa, enquanto os EUA perdem lentamente a sua posição predominante, lentamente substituídos por tudo e todos numa anarquia de valores que nos faz sentir uma geração perdida e à deriva.

77. CRÓNICA 77 – DO IBERISMO AO 1º DE DEZEMBRO - 22-30 novembro 2009

Gostava de ter algumas réstias do meu sempiterno otimismo, mas a minha reserva desoladamente está no seu nível mínimo desde há duas décadas. Mas quando a chuva cai dentro de casa e alaga o chão e móveis como se não houvesse teto, ano após ano, tenho de decididamente assumir que as construções são de péssima qualidade e os "mestres" de construção não passam de biscateiros incapazes de fazerem uma obra como deve ser. Mas se vou a um restaurante o resultado é similar com um serviço deficiente a preços de luxo. Se vou a um mecânico automóvel idem aspas. Ou na saúde, na justiça, na ignorância santa dos novos professores e seus alunos, na incompetência dos que governam e mandam. É a tradição e não é de hoje, vem de há muitos anos como constatei ao traduzir este parágrafo:

Desde há muito que se sabe da vinda dos Templários às terras da antiga Lusitânia em 1126, recebendo em doação os terrenos da Fonte Arcada [Póvoa de Lanhoso], por Dona Teresa, mãe de Afonso D. Henriques, sendo seu mestre Guilherme Ricardo. Dona Teresa também lhes doara o castelo de Soure como primeiro fasto da Ordem. A investida mourisca contra este posto avançado dos cristãos de Coimbra no ano de 1144, foi o grande batismo de guerra dos cavaleiros templários que já haviam transformado a velha ruína numa fortaleza. Dizia-se que na convicção templária: «a morte era, de facto, mais bela que a vida comprada com a cobardia». É precisamente este o sentido da divisa ainda hoje utilizada pelos açorianos, que a inscreveram no brasão citando a célebre frase de Ciprião de Figueiredo e Vasconcelos), conde da vila de São Sebastião que se distinguiu como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como rei de Portugal. Enquanto a Terceira e as ilhas próximas resistiram ao assalto dos espanhóis, São Miguel franqueou-lhes a entrada. Estas diferenças tinham que ver essencialmente com o facto de o Corregedor Ciprião de Figueiredo estar sediado em Angra. Fiel apoiante de D. António, terá proferido a

frase «MAIS VALE MORRER LIVRES DO QUE EM PAZ SUJEITOS». Por outro lado, a capitania de S. Miguel estava na mão da influente família Gonçalves da Câmara. Além disso, lá residia o Bispo dos Açores, D. Pedro de Castilho, fiel a Filipe II. Além de outros cargos, viria a ser Vice-Rei de Portugal em paga da sua fidelidade à causa castelhana. Mais tarde, o Capitão do Donatário de S. Miguel receberia o título de Conde de Vila Franca. A ele se deve a fortificação e organização da defesa da Terceira que levou à vitória na batalha da Salga. Foi ele que se negou a entregar os Açores ao poder espanhol, preferindo morrer a favor do Prior do Crato, o último monarca da ímpar dinastia de Avis. Será simples coincidência de convicção, ou serão mesmo os Açores um dos últimos refúgios da mente templária?

Em Portugal abundam os que querem fazer esquecer o terror do domínio castelhano e se apressam a entregar o país ao vizinho. Miguel Urbano Rodrigues escrevia há três anos:

Os iberistas, ao esboçarem uma Espanha pletórica de energias, de progresso e criatividade, simulam esquecer que o país exibe a mais alta taxa de desemprego da União Europeia anterior ao alargamento. Não aludem ao racismo e à xenofobia que fazem da pátria de Cervantes um dos países europeus onde os imigrantes, sobretudo os magrebínicos e os equatorianos e colombianos, são mais discriminados. Preferem discorrer sobre a localização da capital de uma Ibéria unida, a estrutura institucional - Federação ou simples transformação de Portugal em Região Autónoma - e, o papel do Rei Nas peculiaridades que diferenciam e aproximam portugueses e espanhóis fala-se do bacalhau, do fado, do flamenco, de marialvas e senhoritos, dos dois idiomas, ..., mas longe de serem «muito parecidos», portugueses e espanhóis distanciaram-se exibindo atitudes quase antagónicas. Trabalham a horas diferentes, transformam o culto do aperitivo num instrumento de convívio, comem a horas diferentes. O ruído é componente da vida, do conceito dos lazeres. Outra omissão é a falta de referências à colonização económica de Portugal pela Espanha. O processo em curso é avassalador. Há três décadas a Espanha não existia como parceiro comercial de Portugal. Hoje ocupa o primeiro lugar nas importações portuguesas. A invasão do capital espanhol é diluviana. A banca espanhola conquistou uma parcela importante do mercado português. O mesmo ocorre com a hotelaria e as grandes transnacionais como El Corte Inglés e Zara. As imobiliárias espanholas invadem as cidades, do Minho ao Algarve. O processo de colonização pacífica, no âmbito do funcionamento do mercado, assume facetas particularmente alarmantes no Alentejo onde capitalistas espanhóis compraram já as melhores terras no perímetro do Alqueva, adquirindo milhares de hectares para criação de porcos, lagares e plantação de oliveiras e vinhas. Essa invasão do capital espanhol é obviamente festejada pelo Governo de Sócrates e pela grande burguesia como muito positiva. Saúdam os investidores espanhóis como empresários agentes do progresso. Agradecem. Com a espontaneidade da nobreza de 1383 a saudar D João De Castela e a nobreza de 1580 a alinhar com Filipe II. Essa forma de dominação económica encobre, afinal, uma modalidade de intervenção imperial. - Miguel Urbano Rodrigues, in "Alentejo Popular" (Beja) 02-11-06

Portugal atingiu uma tal irrelevância internacional que ninguém se surpreenderia se fosse uma dependência espanhola, como se de um banco se tratasse e estivéssemos a falar de abrir um escritório na faixa litoral já que o interior está desertificado de gentes e de economias de mercado viáveis. Por outro lado, despontam a nível governamental iniciativas de união ibérica, nem sempre dissimuladas, que parecem não incomodar ninguém, mas pessoalmente me causam engulhos. Porque é um profundo estudioso do assunto e condensou o que pretendia dizer, irei seguir o que Carlos Fontes escreveu na sua página Lusotopias:

<http://lusotopia.no.sapo.pt/indexPTmortedeiberistas.html>

O iberismo é um fenómeno típico do séc. XIX, que emergiu como resposta à teoria das grandes nações então em voga na Europa. Segundo os seus defensores as pequenas estariam condenadas a serem absorvidas pelas grandes, tal como teria acontecido entre os animais onde os mais fortes extinguiram os mais fracos (teoria darwinista). O iberismo emerge na sociedade portuguesa como uma manifestação patológica de indivíduos que, num dado momento, sofreram uma forte influência espanhola ou se assumiram como agentes de interesses espanhóis. Sempre que a situação é melhor no outro lado da fronteira, a integração de Portugal em Espanha surge aos olhos dos iberistas como a solução para resolver a crise, sem trabalho. Os portugueses consideram os iberistas como elementos degenerados de um povo orgulhoso da sua história e identidade cultural. A sua atuação em cerca de 9 séculos de História traduziu-se sempre em divisões e conflitos que degeneraram em guerras civis, com um cortejo interminável de mortes. Alguns assassinatos de iberistas ficaram célebres na História de Portugal e entendidos como um ato de defesa de valores que consideravam fundamentais - dignidade, identidade cultural e liberdade... Um povo que não se respeita a si, nunca será respeitado por outros. Ora, o iberista sempre manifestou um profundo desprezo pela dignidade e liberdade do povo português, agindo de modo a destruir a comunidade que o viu nascer. É por isso que as razões que os portugueses apresentaram para justificar a morte dos iberistas são em tudo idênticas às apresentadas depois da IIª. Guerra Mundial (1939-1945), para a condenação à morte de nazis e fascistas... existem princípios que não podem ser transgredidos, nomeadamente o respeito que todos os seres humanos merecem na sua dignidade, identidade e liberdade. As mortes de dois iberistas assumiram uma enorme carga simbólica na história portuguesa, sendo continuamente evocadas: a morte do Conde Andeiro e a de Miguel de Vasconcelos. A morte do Conde de Andeiro, fidalgo galego, foi assumida como o símbolo de liberdade de um povo que recusa as ingerências externas e os jogos palacianos para lhes imporem o que não quer. Este iberista, um típico traidor castelhano, participou em diversas conspirações ao serviço de Portugal e de Inglaterra. Em Lisboa, acabou por ascender a uma elevada posição no corte, tendo recebido de D. Fernando o título de Conde de Ourém, pondo-se durante a crise de 1383-85, ao serviço de Castela. Foi assassinado, a 6 de dezembro de 1383, por D. João, mestre de Avis e futuro rei de Portugal. A sua nefasta ação e de outros esbirros traduziu-se numa violenta guerra civil que só terminou quando os portugueses exterminaram os aliados de Castela. Já a morte de Miguel de Vasconcelos exprime simbolicamente a afirmação da identidade cultural de um povo, cuja forte individualidade saiu reforçada após uma opressão de 60 anos. Este secretário do governo, ficou tristemente célebre pelo ódio que nutria aos seus concidadãos. Em 1634 tentaram-no matar

pela primeira vez. Se o tivessem conseguido, muitas vidas teriam sido provavelmente poupadas. Na manhã de 1 de dezembro de 1640, quando os portugueses restauraram a independência de Portugal, foi o primeiro a ser morto. A ação destes iberistas, entre 1580 e 1640, traduziu-se numa brutal opressão da população portuguesa. Após a morte deste esbirro, o povo português travou com a Espanha, durante 28 anos, sangrenta guerra na Europa e na América do Sul pela defesa da liberdade e dignidade. Ora, como hoje em dia ninguém estuda História, episódios como este perdem a força e não são transmitidos de geração para geração, perdendo-se a memória coletiva do povo."

Continuo a fazer minhas as palavras de Carlos Fontes:

Nas últimas décadas, órgãos de comunicação social, em Portugal, usando da liberdade de expressão própria de um regime democrático, têm procurado, de forma sistemática, abrir fraturas na sociedade, aproveitando momentos particularmente difíceis do país. As personagens são quase sempre as mesmas, ligadas a interesses obscuros e grupos económicos espanhóis. O objetivo é simples:

1. *Mostrar através de "sondagens" encomendadas ou "discussões" públicas que na sociedade portuguesa existe um grupo de iberistas, cujo objetivo é a dissolução do Estado português;*
2. *Dar "voz" à hipotética minoria iberista portuguesa. Ao mesmo tempo, a imprensa espanhola mostra a aceitação à possível integração.*
3. *Os supostos iberistas não constituem qualquer corrente de opinião, muito menos são um movimento organizado.*

A imprensa afeta aos interesses espanhóis trabalha no terreno das hipóteses...descarada tentativa de desestabilizar a sociedade portuguesa, introduzindo elementos de discórdia e desmoralização coletiva. Oliveira Martins (1845-1894) é o melhor exemplo dos esbirros iberistas. É difícil de determinar a causa do profundo ódio que manifestava pelos seus concidadãos e o país. Ao contrário de outros, não foi um iberista de circunstância, mas manteve um percurso político coerente com esta aberração. Antero de Quental, em 1869 era um confesso iberista, dois anos depois nem fala no assunto, e mais tarde abomina a ideia. Algo idêntico ocorreu com Teófilo Braga. Oliveira Martins foi um típico vira-casaca: anarquista (Proudhoniano), socialista, republicano, monárquico, liberal, antiliberal. Defendeu a liberdade, mas também a ditadura. Atacou os ditadores, mas apoiou João Franco. É apontado como um dos introdutores das ideias socialistas em Portugal, mas também como um profascista. Muitas das suas ideias foram aplicadas por ditadores como Sidónio Pais ou Oliveira Salazar. Tirando partido da crescente debilidade mental de Saramago, o "Diário de Notícias" (15 de julho de 2007), relançou a questão do iberismo. Este velho comunista, a viver em Espanha afirma que em breve Portugal irá transformar-se numa das suas províncias, não porque os portugueses o queiram, mas porque é melhor para eles. Quem o diz é este adúlador de ditadores como Estaline, Ceausescu ou Fidel de Castro. Como sempre, outros jornais trataram de fazer eco deste insulto ao povo português. Uma educação salazarenta, 45 anos no PCP e 14 em Espanha, a que se juntou o casamento com uma espanhola foram a receita ideal para produzir um típico iberista. Para consubstanciar a ação, Saramago cria a Fundação tendo à sua frente uma espanhola... Três dias depois, uma jornalista da agência de notícias espanhola EFE, aproveita para promover a discussão do iberismo em torno das afirmações de Saramago. O alvo foi o presidente Cavaco Silva que se limita a afirmar que a união entre Portugal e a Espanha era uma "hipótese absurda". Durante as eleições legislativas de setembro de 2009 - a TVI -, um canal de televisão português controlado por espanhóis interferiu diretamente na campanha eleitoral, lançando a suspeita de possível interferência do governo português na comunicação social. Sem qualquer respeito pelas leis de Portugal, a administração resolveu afastar a "jornalista" (Manuela Moura Guedes) que desde 2008 promovia uma campanha de propaganda contra o governo socialista. Ao contrário do que se procurou fazer crer, não se tratou do apoio dos espanhóis a um qualquer partido político. Estamos perante um canal de televisão onde a propaganda pró-espanhola é constante, e onde os noticiários e a maioria dos programas possuem um objetivo muito claro: desestabilizar a sociedade portuguesa, fomentando os conflitos sociais e denegrindo internamente a autoestima da população. Não deixa de ser curioso constatar que, enquanto estes factos ocorriam, a comunicação social espanhola procurava lançar nova campanha em defesa das teses iberistas, apoiada numa "sondagem" realizada pela Universidade de Salamanca, com a colaboração de alienados no ISCTE (Lisboa).

Escolhi este tema para a Crónica de hoje pela data que ora se celebra, da Restauração da Independência de 1 dezembro 1640, para que os jovens nunca o esqueçam e o deixem de tratar como um dia em que se não trabalha ou não há aulas. Infelizmente, é para a maioria, um dia como outro qualquer aqui nos Açores, sem que o povo se dê conta do seu significado:

"...arrebataados, saíram todos das carroças e avançaram ao paço. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida, venerável e brioso, com a espada na mão gritando: – Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João, o Quarto!" A ideia de nacionalidade esteve por trás da restauração da independência plena de Portugal após 60 anos de monarquia dualista. Cinco séculos de governo próprio haviam forjado a nação, fortalecendo-a a rejeitar qualquer união com o país vizinho. A independência fora sempre um desafio a Castela e uma vontade de não ser confundido com ela. Entre os dois estados foram sucessivas e acerbadas as guerras, as únicas que Portugal realmente travou na Europa. Para a maioria dos Portugueses, os Habsburgo eram usurpadores, os Espanhóis inimigos e os seus partidários, traidores. Culturalmente, avançara depressa a castelhanização do País de 1580 a 1640. Autores e artistas gravitavam na corte espanhola, fixavam residência, aceitavam padrões espanhóis e escreviam cada vez mais em castelhano, contribuindo para a riqueza do teatro, da música ou da arte pictórica espanholas. Dão a impressão errada de decadência cultural após 1580. A perda da individualidade cultural era sentida por muitos portugueses, com reações diversas a favor da língua pátria e da sua expressão em termos de prosa e poesia. Contudo, os intelectuais sabiam perfeitamente que os seus esforços seriam vãos sem a recuperação da independência política. Economicamente, a situação piorara desde 1620 ou até antes. As razões que justificavam a união das coroas ficaram ultrapassadas. O Império Português atravessava uma crise com a entrada em jogo de holandeses e ingleses. Perdera o monopólio comercial (Ásia, África e Brasil) e a Coroa, a nobreza, o clero e a burguesia haviam sofrido severos cortes de receitas. Os Espanhóis reagem

contra a presença portuguesa nos seus territórios, mediante vários processos, entre os quais a Inquisição. Isso suscitou grande animosidade nacionalista em Portugal aprofundando o fosso já cavado entre os países. D. Margarida, duquesa de Mântua, neta de Filipe II, exerceu o governo de Portugal, de 1634 a 1640, com autoridade de vice-rei e capitão-general. A situação económica estava longe de brilhante. Os produtores sofriam com a queda dos preços do trigo, azeite e carvão. A crise afetava as classes baixas, cuja pobreza aumentou sem disfarces. O agravamento dos impostos tornava a situação pior. Para explicar os tempos difíceis e apaziguar o descontentamento geral, a solução apresentava-se fácil e óbvia: a Espanha, causa de todos os males. A conspiração a favor da independência congregava um grupo heterogéneo de nobres, clientes e funcionários da Casa de Bragança e elementos do alto e baixo clero. Em novembro de 1640 conseguiram o apoio formal do duque de Bragança. Na manhã do 1º de dezembro, um grupo de nobres atacou a sede do governo em Lisboa (Paço da Ribeira), prendeu a duquesa de Mântua e matou ou feriu membros da guarnição militar e funcionários, entre os quais o Secretário de Estado, Miguel de Vasconcelos. Seguidamente, os revoltosos percorreram a cidade, aclamando o novo estado, secundados pelo entusiasmo popular. Por todo o Portugal, metropolitano e ultramarino, as notícias da mudança do regime e do novo juramento de fidelidade foram recebidas e obedecidas sem qualquer dúvida. Apenas Ceuta permaneceu fiel à causa de Filipe IV. D. João IV entrou em Lisboa a 6 de dezembro. Proclamar a separação fora fácil. Mais difícil seria mantê-la. Tal como em 1580, os portugueses de 1640 estavam longe de unidos. As classes inferiores conservavam intacta a fé nacionalista aquiescendo a D. João IV, mas a nobreza, com laços familiares em Espanha, hesitou e só parte alinhou com o duque de Bragança. O mesmo se passou em relação ao clero. O novo monarca não gozava de uma posição invejável. Do ponto de vista teórico, tornava-se necessário justificar a secessão: reaveria simplesmente aquilo que por direito legítimo lhe pertencia. Abundante bibliografia (em Portugal e fora dele) a partir de 1640, procurou demonstrar os direitos reais do duque de Bragança. Se o trono jamais estivera vago de direito, em 1580 ou 1640, não havia razões para eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que teria, fosse o trono declarado vacante. Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades. Primeiro, a reorganização do aparelho militar, com reparação de fortalezas das linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições e obtenção de material e reforços no estrangeiro. Paralelamente, uma intensa atividade diplomática nas cortes da Europa, para obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, e conseguir o reconhecimento da Restauração, e a reconquista do império ultramarino. A nível interno, a estabilidade dependeu, do aniquilamento da dissensão a favor de Espanha. A guerra da Restauração mobilizou todos os esforços que Portugal podia despende e absorveu enormes somas de dinheiro. Pior, impediu o governo de conceder ajuda às frequentemente atacadas possessões ultramarinas. Mas, se o cerne do Império, na Ásia, teve de ser sacrificado, salvou a Metrópole da ocupação pelas forças espanholas. Portugal não dispunha de um exército moderno, as suas forças eram escassas na fronteira terrestre, as suas coudelarias extintas, os seus melhores generais lutavam pela Espanha algures na Europa. Do lado português, isto explica por que motivo a guerra se limitou em geral a operações fronteiriças de pouca envergadura. Do lado espanhol, é preciso lembrar que a Guerra dos Trinta Anos (até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) atrasavam ofensivas de vulto. Regra geral, a guerra, que se prolongou por 28 anos, teve altos e baixos até se assinar o Tratado de Lisboa, 13 fevereiro de 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este reconhece a independência do nosso País.⁸⁴

Hoje anda aí muita gente com passaporte português a celebrar o 1º de dezembro como se tivesse sido um desastre ou péssimo acontecimento. Esquecem que se tratou da reconquista da liberdade do povo e da nação subjugada pelo poder dinástico dos Filipes. Mais vale um povo pobre e livre do que rico na gaiola dourada com as cores do reino de Espanha. Assim dizem alguns galegos mais inteligentes que se aproximam das origens portuguesas preservando língua e cultura. Por vezes, a memória dos homens é curta. Quase ninguém sabe nem evoca o jovem Miguel da Paz (nascido em 1499) que teria sido Rei de Portugal e de Espanha se não morresse aos dois anos. É verdade, e infelizmente este “se” é desconhecido da maioria dos portugueses, clamem ou não pelo regresso ao trono espanhol. São deveras interessantes os “pequenos detalhes” da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II ao trono de Portugal (1580), por morte sem descendência do herdeiro varão, cardeal D. Henrique (68 anos), 9º filho do rei D. Manuel I.

A candidatura de Filipe era fortíssima e praticamente indiscutível. Resultava do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais de Filipe I de Portugal (II de Espanha). São estes pequenos detalhes, que determinam o curso da História. Paradoxalmente, antes da candidatura de Filipe ao trono em Lisboa, a situação poderia ter sido invertida, unificando as coroas ibéricas “para o lado português”. Em 1499, fora proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel I e Isabel, filha dos Reis Católicos.

Azar dos portugueses ou conspiração castelhana, o certo é que morreu com 2 anos de idade. Por estas e outras razões os portugueses serão sempre saudosistas, dos espanhóis, de Salazar e do sonho chamado 25 de abril.

-- Quem garante que Portugal seria melhor como província espanhola do que independente? (Os galegos dizem que não) -- Quem garante que não seria Portugal hoje uma célula independentista, tipo ETA, (aliada ou não à Galiza)?
 E se fosse ao contrário? Se o Reino de Espanha fosse hoje uma província de Portugal?
 Que aconteceria aos Bourbon? Só tinham utilidade nos EUA. Lá emborcam todos os Bourbon que encontram.

84 (Adaptado de Oliveira Marques, “A Restauração e suas Consequências”, in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Ed. Presença, 1998, pp. 176-201).

Infelizmente, aqui ao lado, entronizam-nos e chamam-lhes Reis.

78. CRÓNICA 78 – NATAL - 30 dezembro 2009 – 2 janeiro 2010

78.1 NATAL 2009

Desde tempos imemoriais que natal não é sinónimo de felizes momentos na memória deste autor. Passou a ser símbolo da representação farsista em nome da sagrada dicotomia dos filhos, mera extensão do fingimento que a desculpa do amor paternal sustenta. Entretanto, os dias se foram esvaindo rapidamente e a data chegou sem surpresas de maior. Em vez do natal, mero encontro de seis pessoas com os primos Magalhães, acabaram por ser 23 convivas, primos Cordeiro e apêndices. A inclemência dos elementos fez temer que a curta viagem para a cidade fosse ainda mais desagradável. Em vez dos usuais 30 minutos demoramos uma hora a chegar, sob chuva impiedosa e ventos fortes. Felizmente, os primos haviam já pensado que o melhor seria ficar aboletados na falsa que foi o primeiro local de pernoita (junho 2005) quando viemos conhecer a ilha. A conversa, a comida e a bebida decorreram animadas até às três quando os convidados se foram e os restantes foram dormir. Na manhã seguinte era necessário arrumar e limpar. Cuidar das atividades domésticas que raramente se veem, mas fundamentais para o sucesso de qualquer lar. Ia-se almoçar no dia de natal a casa do médico mais novo do clã Furtado-Lima Gouveia Cordeiro, já com os cinco mais jovens menos irrequietos e expetantes das prendas (no meu tempo eram trazidas pelo menino Jesus e ora vêm de rena com o pai natal. Isto até aos sete anos, quando descobri as ditas escondidas, sobre o guarda-fatos dos pais, e aí perdi a virgindade do natal).

Hoje ninguém se contenta com umas camisolas, camisas, meias ou algo assim, querem todos um iPod ou o último modelo de telemóvel ou PlayStation. Por mais que me tente recordar poucos terão sido os brinquedos que tive no “sapatinho” ou na “meia” da árvore de natal. Eram diferentes esses tempos, como a festa de anos muito especial em que os meus pais me levaram ao Palácio de Cristal a lanchar e da qual ainda evoco o Sumol e o bolo que fizeram as minhas delícias, por não ser um artigo comum do dia-a-dia. Fora comido numa esplanada na avenida principal junto ao Teatro que ainda lá existe. Estavam já a cair as folhas amarelecidas pelo outono e a encherem de tons alaranjados o piso de areia daquela longa avenida por onde passava um comboio de fingir a apitar cheio de crianças contentes. Eram outros os tempos e as expetativas dos mais jovens. Andar de barco a remos no pequeno lago em frente era um privilégio raramente utilizado e essas diversões resumiam-se a uma vez ao ano em anos bons, talvez bissextos, quem sabe? Aprendia-se a dar o devido valor ao que se não tinha e a que nem se podia aspirar. Hoje com a sofreguidão típica desta geração de “baby-boomers” dá-se tudo aos filhos e eles pedem mais e melhor, insatisfeitos com o muito que têm nesta sociedade consumista que a todos assola e assolapa de dívidas.

Era este o natal possível, nem no país, nem na cidade, nem na região que se pretendia, mas apenas naquele em que era possível. Hossanas e graças deveriam ser dados por poder desfrutar dele na companhia do núcleo familiar atual e na reconstituição de um natal em família como há muito deixou de se fazer. De facto, juntar mais de vinte primos sob um mesmo teto não ocorre todos os dias, primeiro porque as casas não têm condições, segundo porque as pessoas não têm disposição para tal, terceiro porque os primos nem se conhecem. Ali estávamos nós, primos segundos, terceiros, quartos e quintos, como dantes acontecera se bem que raramente. Teria havido umas Páscoas com dezenas de familiares, não muitas (umas duas ou três), e os natais eram normalmente limitados ao núcleo mais duro e mais reduzido da família, apenas uma dúzia de pessoas enquanto os avós foram vivos.

Neste aspeto a reunião foi deveras interessante, houve tempo e oportunidade de falar com primos, consanguíneos ou não, trocar impressões, darem-se a conhecer um pouco para lá do bom-dia, boa-tarde, tudo bem? Que a pressa do quotidiano obriga a serem parcursos em palavras, gestos e emoções, com medo de que se não chegue a tempo a sítio nenhum e onde se fará sentir a solidão e a vacuidade da vida que esta sociedade vem impondo nestes últimos vinte ou trinta anos. Poderia então concluir-se que esta reunião de família pelo natal seria um evento a recordar, e não é a primeira vez que ela sucede nestes cinco natais insulares, dos quais apenas o primeiro foi passado na metrópole continental do país. Foi preciso eu vir da Austrália para os Açores para reviver natais com a família alargada.

Os restantes dias de férias passaram-se sem nada digno de assinalar salvo a continuação do mau tempo, chuvas, enxurradas, deslizamentos, o costumeiro da época. Depois, foi a passagem de ano, trivial com a mulher e o filho mais novo a verem e ouvirem as badaladas a tocarem nas Portas da Cidade de Ponta Delgada ao som de fundo de uma música extremamente pirosa como convém para agradar ao povo. Assim fomos comendo apressadamente as doze uvas em vez das “passas” e outras coisas típicas da passagem de ano. Depois, a mãe, a irmã e o sobrinho ligaram a câmara do computador. Falaram e viram as caras, mais velhas um ano desde a última ligação, que nisto de tecnologia não precisam de estar perto para se verem e ouvirem na pretensão infundada de estarem sempre juntos em espírito. Eu acabei o ano a traduzir o Guia de Mergulho do grupo central depois de ter feito o de Mergulho na Madeira e sonhava que muitos outros se lhes sucedessem.

Foi então que decidimos arriscar e tentar a sorte e uma vida nova em Bragança, liderando o projeto do Museu da Lusofonia. Escrevemos as condições pretendidas a um amigo de longa data e iríamos aguardar a ver se a ida se concretizava. Um projeto mais para um novo ano que nestas coisas convém manter vivos os sonhos e os projetos para justicarmos a existência que de outro modo seria parda e desprovida de motivações. A minha mulher iria arrancar com a Antologia de autores açorianos contemporâneos e eu prosseguiria a saga dos colóquios da lusofonia. Assim se passara o natal número sessenta com a felicidade de ter ainda viva a mãe com os seus quase 87 anos e de pertencer a essa raça em vias de extinção, a família heterossexual nuclear. Mas deixemos de lado as preocupações passageiras que, em breve, serão olvidadas e passadas a plano secundário, onde deveriam ter estado desde a primeira hora. Penso que o mundo ocidental atravessa uma crise semelhante à de outros tempos e impérios. Já o escrevi e repeti algumas vezes em Crónicas várias. A nova geração no poder na Europa, retratada exemplarmente pelos patéticos e ridículos Sócrates em Portugal e Sarkozy na França, ronda os 40 e poucos anos, geração “rasca” de conhecimentos parcursos, muita prosápia e pouco conteúdo intelectual, que nisto de estudos nenhum se excedia além do medíocre. Já na Itália está de pedra e cal um político mais velho, mais vaidoso e pomposo do que sabe-se bem lá quem. Talvez um Napoleão à moda atual, cujos exércitos são as leis que moldaram a sua imunidade e impunidade e os canais de rádio e TV, mais o clube de futebol, que controlam as mentes dos italianos. Já em tempos disse que o mal da História era não a conhecermos nem sabermos reconhecer erros passados para evitar repeti-los.

Num estudo sobre 21 civilizações extintas, um grande historiador inglês do século 20, Arnold Toynbee, descobriu dois fatores em comum a todas elas: a concentração de riqueza e propriedade nas mãos de poucos e a incapacidade de fazer mudanças necessárias em tempo, antes de sua extinção. O mesmo acontece hoje. O mundo está doente e precisa de líderes corajosos e sábios. Infelizmente, de nada servirá ter conhecimento deste estudo. A incapacidade de mudar e a repetição dos erros são constantes. Eles são duplicados por gente pouco culta, gananciosa e interesseira, apenas preocupada com o próprio umbigo e

não com o bem-estar geral. Até imperadores como Júlio César mostravam mais compaixão pelo povo do que os líderes atuais da Europa a 27.

Outra das preocupações no avanço islâmico, e sobretudo fundamentalista, tem a ver com a crise dinástica que se irá seguir à morte de Muhamar Ghaddaffi e de Hosni Mubarak, respetivamente líderes há várias décadas, da Líbia e do Egito. Na Líbia há muito que nada acontece sem esse personagem camaleónico estar envolvido, e no Egito há uma tradição sangrenta de assassinar os líderes ao fim de algum tempo. Anwar Sadat já era idoso quando perante uma marcha das suas forças armadas foi abatido, sendo depois substituído por aquele que hoje ocupa o poder. A turbamulta sairá à rua e provavelmente os líderes militares tomarão conta do poder para manter as hordas tranquilas. São dois países às portas da Europa e uma mudança de liderança trará, decerto, resultados inesperados e indesejados para a velha senhora europeia. No resto de África, um pouco por toda a parte do Saara ao Corno de África passando pelo resto do continente, há dezenas de pequenas guerras, umas maiores, outras mais pequenas, sempre prontas a desenvolverem-se em focos maiores, fruto da sofreguidão mercantilista de vendedores de armas e de regimes corruptos.

Grande parte do continente europeu nestes últimos anos tornou-se islâmico e será fácil no meio de tanta pobreza, injustiça social e miséria humana um qualquer fundamentalismo prosperar. A Europa continuará a adiar a entrada da Turquia na UE alargada e a impedir a entrada ilegal de imigrantes africanos (muçulmanos ou não) mas será incapaz de expulsar os ilegais que, entretanto, já estão muralhas adentro. A crise global de 2009 veio trazer a lume que os governos estavam mais interessados em salvar os bancos da bancarrota do que em devolver às pessoas os dinheiros que estas tinham confiado aos bancos. Estranha e perversa lógica. O certo é que todos estes líderes europeus, pela sua incompetência e total incapacidade de decidirem seja o que for para uma maior justiça, equidade e democracia não merecerão mais do que uma curta nota de rodapé quando o livro da História for finalmente escrito. Viva a ditadura capitalista que a todos subjuga numa forma tão tenaz como as ditaduras fascistas e comunistas. Será com ela que terei de viver uns anos, e os filhos e os netos cá estarão para pagar a fatura que ameaça tornar-se eterna como Matusalém. Podíamos chamar-lhe o preço da longevidade, outra civilização surgirá depois da ocidental, a menos que um qualquer asteroide resolva interromper a sua órbita e reduzir isto a cacos. Enfim, nem fiz votos para 2010, mas limitei-me a constatar o triste estado do que me rodeia. O sorriso amarelece nos meus lábios.

78.2. CHOVE DENTRO DE CASA

Em finais de 2009, o senhorio decidira reparar o telhado da metade da frente da casa, responsável pelos lagos que se formavam aos pés da cama no andar térreo e no outro quarto da frente. As obras demoraram semanas, as telhas foram mudadas, deixando em toda a falsa uma camada bem substancial de detritos poeirentos que se infiltraram pela fina criptoméria que faz as vezes de teto. Mesmo assim num dos quartos onde nunca chovera, passou a cair água abundantemente o que requereu a vinda dos “mestres”. Noutro quarto continuava a chover mesmo com o telhado novo. Vá lá a gente perceber se os “mestres” sabem da poda. Seguiram-se as obras de alargamento das fossas sépticas no pátio das traseiras, causadoras de maus cheiros constantes e outras inconveniências. O curioso disto tudo é que coincidiu, de novo, com um feriado, o do 1º de dezembro, mais um dia de descanso perdido e banhos adiados...depois da trincheira de 2x2 metros aberta e da sua consolidação em cimento e madeira, fecharam tudo e esperou-se, uma semana mais, para que viessem colocar as tampas

de plástico. Nesses sete dias, a casa estava infestada de cheiros da fossa que penetravam pela canalização adentro e teve de se queimar incenso para que os odores se disfarçassem...

79. CRÓNICA 79 (DES)IGUALDADES E DISCRIMINAÇÕES 17 JAN 2010

80. CRÓNICA 80 - DO HAITI A VIRIATO E SERTÓRIO - 22 janeiro 2010

80.1. HAITI

Há dias ouvi a frase bíblica "*Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos*" [Mt 22: 14]. E perguntei-me por que seria que os pobres cidadãos do Haiti têm sido chamados tantas vezes. Ainda agora por ocasião dos tremores de terra e terremotos que devastaram aquela metade da ilha me interroguei sobre a triste história daquele país.

Haiti (em português europeu: [aj`ti]; em francês Haïti, pronunciado: [a.iti]; em crioulo haitiano: Ayiti), oficialmente República do Haiti (Repiblik Ayiti), um país do Caribe. Ocupa uma pequena porção ocidental da ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, que partilha com a República Dominicana. Ayiti ("terra de altas montanhas") era o nome indígena dos tainos para a ilha. Em francês o país é chamado La Perle des Antilles (A Pérola das Antilhas), por causa da sua beleza natural. O ponto mais alto é Pic la Selle, com 2 680 m de altitude. Tanto em área quanto em população, o Haiti é o terceiro maior país do Caribe (depois de Cuba e da República Dominicana), com 27 750 km², 10,4 milhões de habitantes, um milhão vive na capital, Porto Príncipe. O francês e o crioulo haitiano são as línguas oficiais. A posição histórica e etnolinguística do Haiti, são únicas por várias razões. Quando conquistou a independência em 1804, e se tornou a primeira nação independente da América Latina e do Caribe, foi o único país do mundo estabelecido como resultado de uma revolta de escravos bem-sucedida e a segunda república da América. A Revolução Haitiana durou quase uma década; todos os primeiros líderes do governo foram antigos escravos. O país é uma das duas nações independentes do continente americano (junto com o Canadá) que designa o francês como língua oficial; os outros são departamentos ultramarinos da França. O Haiti é o mais populoso membro pleno da Comunidade do Caribe (CARICOM) e é um membro da União Latina. Em 2012, anunciou a intenção de obter o estatuto de membro associado da União Africana. É o país mais pobre da América, medido pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A violência política tem ocorrido regularmente ao longo da história do país, o que levou a instabilidade no governo. Mais recentemente, em fevereiro de 2004, um golpe de Estado forçou a renúncia e o exílio do presidente Jean-Bertrand Aristide. Um governo provisório assumiu o controlo com a segurança proporcionada pela Missão da ONU (MINUSTAH). Michel Martelly, o atual presidente, foi eleito nas eleições gerais de 2010.

80.2. OS PECADOS DO HAITI

Li este artigo e gostei "Os pecados do Haiti", 15 janeiro 2010 por Eduardo Galeano

A democracia haitiana nasceu há pouco. Na sua curta vida, esta criatura faminta e enferma não recebeu nada, além de bofetadas. Recém-nascida, na festa de 1991, foi assassinada pelo golpe de estado do general Raul Cedras. Três anos mais tarde, ressuscitou. Depois de terem colocado e retirado ditadores militares, os Estados Unidos pegaram e impuseram o presidente Jean-Bertrand Aristide, que fora o primeiro governante eleito por voto popular em toda a história do Haiti e que havia tido a louca aspiração de querer um país menos injusto. Para apagar a participação norte-americana na ditadura carniceira do general Cedras, os infantas de marinha levaram 160 mil páginas dos arquivos secretos. Aristide regressou acorrentado. Deram-lhe permissão para retomar o governo, mas proibiram-no de exercer o poder. O sucessor, René Préval, obteve quase 90 por cento dos votos, porém qualquer burocrata de quarta categoria do Fundo Monetário ou do Banco Mundial tinha mais poder sobre o Haiti do que Préval, apesar de não terem sido eleitos. Mais que o voto, pode o veto. Veto às reformas: cada vez que Préval, ou algum de seus ministros, pediu créditos internacionais para dar pão aos famintos, instrução aos analfabetos a terra aos camponeses ou não recebia resposta, ou o contradiziam ordenando-lhe que seguisse as instruções. Como o governo haitiano nunca aprendeu que devia dismantelar os poucos serviços públicos que ainda permaneciam, últimos pobres amparos para um dos povos mais desamparados do mundo, os professores do FMI e do BM acabam sempre por reprová-lo. No final de 2009 quatro deputados alemães visitaram o Haiti e ficaram chocados com a miséria do povo. O embaixador de Alemanha explicou-lhes qual era o problema: - Este é um país demasiadamente povoado - disse -. A mulher haitiana sempre quer e o homem haitiano sempre pode. E riu. Os deputados calaram-se. Nessa noite, um deles, Winfried Wolf, consultou os dados. E comprovou que o Haiti é, juntamente com El Salvador, o país mais superpovoado das Américas. Na passagem pelo Haiti, o deputado Wolf não apenas foi atingido pela miséria: também ficou deslumbrado pela capacidade de expressar a beleza dos pintores populares. E chegou à conclusão de que o Haiti está superpovoado...de artistas. Na realidade, o álbi demográfico é mais ou menos recente. Os Estados Unidos invadiram o Haiti em 1915 e governaram o país até 1934. Retiraram-se quando alcançaram os objetivos da invasão: cobrar as dívidas do City Bank e revogar o artigo constitucional que proibía a venda de terras aos estrangeiros. Robert Lansing, então secretário de Estado, justificou a prolongada e feroz

ocupação militar explicando que a raça negra é incapaz de se governar por si mesma, que possui "uma tendência inerente à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização". Um dos responsáveis pela invasão, William Philips, havia elaborado anteriormente a sagaz ideia: "Esse é um povo inferior, incapaz de conservar a civilização que os franceses tinham deixado". O Haiti havia sido a pérola da coroa, a colônia mais rica da França: uma grande plantação de açúcar, com força de trabalho escrava. Montesquieu havia explicado sem papas na língua: "O açúcar seria demasiado caro se não trabalhassem os escravos para sua produção. Esses escravos são negros desde os pés até a cabeça e têm o nariz tão achatado que é quase impossível ter deles alguma pena. Resulta impensável que Deus, que é um ser muito sábio, tenha posto uma alma e sobretudo uma alma boa num corpo inteiramente negro". Em troca, Deus havia colocado um chicote na mão do feitor. Os escravos não se distinguem por sua vontade de trabalho. Os negros eram escravos por natureza e vadios também por natureza; e a natureza, cúmplice da ordem social, era obra de Deus: o escravo devia servir ao amo e o amo devia castigar o escravo, que não mostrasse o menor entusiasmo na hora de cumprir com o designio divino. Karl von Linneo, contemporâneo de Montesquieu, havia retratado o negro com precisão científica: "Vagabundo, desocupado, negligente, indolente e de costumes dissolutos". Mais generosamente, outro contemporâneo, David Hume, havia comprovado que o negro "pode desenvolver certas habilidades humanas, como o papagaio que fala algumas palavras". Em 1803, os negros do Haiti causaram tremenda derrota às tropas de Napoleão Bonaparte e Europa não perdoou jamais essa humilhação infligida à raça branca. O Haiti foi o primeiro país livre das Américas.

Os Estados Unidos haviam conquistado a sua independência, porém conservavam meio milhão de escravos trabalhando nas plantações de algodão e de tabaco. Jefferson, que era senhor de escravos, dizia que todos os homens são iguais, mas também dizia que os negros foram, são e serão inferiores. A terra haitiana havia sido devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França. Um terço da população havia caído em combate. Então, começou o bloqueio. A nação recém-nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava, ninguém lhe vendia, ninguém a reconhecia. Nem mesmo Simão Bolívar, que soube ser tão valente, teve a coragem de assinar o reconhecimento diplomático do país negro. Bolívar poderia ter reiniciado sua luta pela independência americana, quando já havia derrotado a Espanha, graças ao apoio do Haiti. O governo haitiano tinha-lhe entregue sete navios, muitas armas e soldados, com a única condição que Bolívar libertasse os escravos, uma ideia que não passava pela cabeça do Libertador. Bolívar, porém, quando já governava a Grande Colômbia, virou as costas ao país que o havia salvado. E quando convocou as nações americanas para a reunião do Panamá, não convidou o Haiti, mas sim a Inglaterra. Os Estados Unidos reconheceram o Haiti sessenta anos depois do final da guerra de independência, enquanto Etienne Serres, um gênio francês da anatomia, descobria em Paris que os negros são primitivos porque "possuem pouca distância entre o umbigo e o pénis". Naquele instante, o Haiti já estava nas mãos de carneiras ditaduras militares, que destinavam os famélicos recursos do país para pagar a dívida com a ex-metrópole: a Europa havia imposto ao Haiti a obrigação de pagar à França uma indenização gigantesca, como modo de perdoar o delito da dignidade. A história do assédio contra o Haiti, que em nossos dias tem dimensões de tragédia, é também uma história do racismo na civilização ocidental.

80.3.DERRUBAR GOVERNOS NO HAITI, a Folha de São Paulo 19/01/2010, um artigo de MARK WEISBROT

Os EUA, ao lado do Canadá e a França, conspiraram abertamente durante quatro anos para derrubar o governo eleito do Haiti. Muito antes do terremoto, a situação do Haiti já era comparável à de muitos sem-abrigo nas ruas de grandes cidades dos EUA: pobres demais e negros demais para terem os mesmos direitos de outros cidadãos. Em 2002, quando um golpe militar com o apoio dos EUA afastou temporariamente o governo eleito da Venezuela, a maioria dos governos no hemisfério reagiu rapidamente e ajudou a forçar o retorno do governo democrático. Mas, dois anos mais tarde, quando o presidente haitiano democraticamente eleito, Jean-Bertrand Aristide, foi sequestrado pelos EUA e levado de avião para o exílio na África, a reação foi fraca. Diferentemente dos dois séculos de saque e pilhagem do Haiti desde a sua fundação graças a uma revolta de escravos em 1804, da ocupação brutal por fuzileiros navais dos EUA entre 1915 e 1934 e das incontáveis atrocidades cometidas sob ditaduras auxiliadas e apoiadas por Washington, o golpe de 2004 não pode ser relegado ao esquecimento, visto como nada mais que "história antiga". Aconteceu há seis anos e está diretamente relacionado com o esforço de ajuda e reconstrução que o presidente Obama está propondo agora. Os Estados Unidos, ao lado do Canadá e a França, conspiraram abertamente durante quatro anos para derrubar o governo eleito do Haiti, cortando quase toda a ajuda internacional ao país com o objetivo de destruir sua economia e torná-lo ingovernável. E conseguiram. Para aqueles que se indagam por que não existem instituições governamentais haitianas para ajudar com os esforços de socorro e ajuda às vítimas do terremoto, essa é uma das grandes razões. Ou o porquê de haver 3 milhões de pessoas amontoadas na área atingida pelo terremoto. A política dos EUA ao longo dos anos também ajudou a destruir a agricultura haitiana, por exemplo, ao forçar a importação de arroz americano subsidiado e eliminar milhares de plantadores de arroz haitianos. O primeiro governo democrático de Aristide foi derrubado após apenas sete meses, em 1991, por oficiais militares e esquadrões da morte que, mais tarde, se descobririu estarem a soldo da CIA (Agência Central de Inteligência dos EUA). Aristide quer retornar ao seu país, algo que a maioria dos haitianos reivindica desde o seu derrube. Mas os EUA não o querem ali. E o governo Preval, que é completamente dependente de Washington, decidiu que o partido de Aristide - o maior do Haiti - não será autorizado a concorrer nas próximas eleições (previstas para fevereiro). O medo que Washington tem da democracia no Haiti talvez explique o porquê de os Estados Unidos agora estarem enviando 16 mil soldados e priorizando a "segurança", em lugar das necessidades de vida ou morte dos milhares de pessoas que precisam de atendimento médico urgente. Na manhã de domingo, o mundialmente renomado grupo humanitário Médicos Sem Fronteiras queixou-se que um avião transportando a sua unidade hospitalar móvel foi obrigado pelos militares americanos a mudar de rota, passando primeiramente pela República Dominicana. Isso custaria 24 horas cruciais e um número desconhecido de vidas. Essa ocupação militar por tropas dos EUA vai suscitar outras

preocupações no hemisfério, dependendo de quanto tempo elas permanecerem -assim modo como a ampliação recente da presença militar dos Estados Unidos na Colômbia vem sendo recebida com insatisfação e desconfiança consideráveis. Organizações não-governamentais vêm levantando outras questões sobre a reconstrução proposta: compreensivelmente, querem que a dívida remanescente do Haiti seja cancelada e que sejam feitas doações ao país, e não empréstimos (o FMI propôs um empréstimo de US \$ 100 milhões). As necessidades da reconstrução chegarão a bilhões de dólares. Será que Washington vai incentivar o estabelecimento de um governo que funcione? Ou vai impedi-lo, canalizando a assistência por meio de ONGs e assumindo ele próprio várias outras funções, devido a sua oposição de longa data à autonomia do Haiti? MARK WEISBROT, doutor em economia pela Universidade de Michigan, é Codiretor do Centro de Pesquisas Económicas e Políticas, em Washington (www.cepr.net).

Ao fim de uma semana de ajuda humanitária temos visto a máquina militar norte-americana distribuir alguma ajuda com um poderoso dispositivo armado militar que se não justifica a menos que os autores anteriormente citados estejam certos nas suas análises. Como cantou em tempos Caetano Veloso, “O Haiti não é aqui”.

80.4. NEM SE GOVERNAM, NEM SE DEIXAM GOVERNAR

Nesta ponta da Europa, tudo na mesma, ou seja, começa a ser difícil imaginar quanto mais teremos de piorar até que isto mude. Dê-se razão a Sérgio Galba, brioso capitão das Hordas Romanas que conquistaram a Lusitânia, onde se instalaram para dominar, mas só obtiveram a vitória com o assassinato traiçoeiro de Viriato. Quando escreveu a César Augusto a dar notícias das gentes deste extremo do Império, fê-lo nestes termos: “*Estes lusitanos nem se governam, nem se deixam governar*”. E os tempos parecem dar-lhe razão. Vamos ver se aprendemos com eles. Como pacificaram os Romanos esta terra e gentes há quase vinte séculos atrás? ([LER CRÓNICA 66](#)) Hoje perguntam-se, alguns mais esclarecidos, por que razão a nova Lusitânia não mergulhou numa crise grave internacional, como aconteceu após a proclamação da República, com a I Grande Guerra, com a guerra colonial e com o 25 de abril, mas é certo que as Forças Armadas ainda não recuperaram dessa Abrilada e do PREC, exauridas por sucessivos governos que lhes têm retirado o pouco poder e margem de manobra, já que a influência a haviam perdido há muito. Talvez o fator mais importante para nada se ter passado de grave esteja no fluxo financeiro originado na União Europeia desde 1986, e que ronda cerca de dois milhões de contos por dia. Com esse dinheiro compram-se muitas consciências e muitos carros de luxo. O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos portugueses que falam e se queixam muito, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticar o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles mesmos.

O país (mais propriamente a sua máquina de Estado) continua diariamente - há muitos anos - a gastar muito mais do que produz e a hipotecar-se sem nada de produtivo construir. Esta irresponsabilidade coletiva vai ser paga pelas gerações futuras, que estão hoje demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em seu nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá. Os portugueses habituaram-se a ir de férias à República Dominicana e a Cancún, pagando em dinheiro ou com cartão de crédito e não se importam com os que roubam à sua volta, sejam eles do governo ou da privada. Por outro lado, os que se aproveitam desta e doutras crises, os que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e outros que orbitam na sua esfera continuam a poder ir aos stands de automóveis de luxo comprar Ferrari, Porsche e outros. Não há rotura de abastecimentos, e os supermercados continuam a oferecer milhares de artigos à escolha. A maioria dos habitantes desta Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios, e tem horror a quem os tem. Se bem que poucos ainda existam e se não são ouvidos os poucos que ainda têm tempo de antena nas rádios televisões é porque só são transmitidos quando todos dormem e só os alcoólicos com insónia estão despertos. A educação é o que sabemos, uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros.

Outra coisa verdadeiramente preocupante é o desemprego, que levou milhares de imigrantes a deixarem o país. Se nem os pobres imigrantes e refugiados querem vir para cá, para onde iremos nós? Para qualquer país, menos Espanha onde fazem de nós escravos numa qualquer pocilga agrícola. O subsídio de desemprego é uma brincadeira que atrasa a miséria profunda que afeta mais de dois milhões de portugueses, ou seja 20% da população já está abaixo do limiar da pobreza. Ninguém se preocupa, já estão tão pobres que nem devem votar, por isso não vale a pena preocuparem-se com eles. O que é que o comum dos mortais pode fazer, além de falar alto no café e queixar-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que quisesse escrever uns artigos, provavelmente não seria publicado. Vive-se numa ditadura dissimulada e mesmo com 200 mil pessoas em manifestações de rua nada se consegue. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião dos governantes sobre o povo que manietam. Para quê denunciar escândalos? É raro o dia em que um ou mais não seja denunciado nas redes da internet, na rádio e televisão. A justiça que sempre esteve ao lado dos poderosos agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país.

É por isso que no começo do ano de 2010, os nossos corruptos e devassos políticos decidiram que o país vai continuar a viver de empréstimos e a punir o Zé Povinho com mais impostos para que as famílias que vivem à sombra do poder e detêm a maioria da riqueza existente no país se mantenham poderosas. Não há maneira de os deitar abaixo a menos que o sistema resolva suicidar-se, uma nova versão do Salazar que caiu da cadeira e a ditadura foi-se, só que agora em versão do século XXI, uma implosão do sistema e todos a fazerem como o Guterres e o Durão Barroso a fugirem e quem ficar que apague a luz. A história sempre se repete e nunca aprendem nada pela razão óbvia de que a não leram e muito menos a estudaram. A grande dúvida é sobre quando chegará (se chegar) o ponto de rotura, pois não existem dúvidas de que a situação vai piorar até este lamaçal ficar totalmente ingovernável. As grandes instâncias internacionais já alertaram de que depois da Islândia e da Grécia será a vez de Portugal chegar ao limiar, ao portal de entrada na bancarrota e já há iluminados a dizerem que na nossa história toda de mil anos fomos sete vezes à bancarrota e continuamos ainda orgulhosamente independentes. Talvez se equivoquem que de independentes temos pouco, já devemos quase tudo o que se produz ao estrangeiro. Dizem outros que não faz mal pois os EUA têm biliões da sua dívida nas mãos dos chineses e continuam a mandar no mundo, mas Portugal não manda em nada....

Pode sempre haver uma ou outra explosão social, começando por uns carros queimados, umas lojas assaltadas, e coisas assim. Mas isto só ocorrerá quando a quantidade de portugueses a viverem abaixo do limiar da pobreza passar os 40-50 por cento, e a maioria dos restantes estiver toda na bancarrota menos os iluminados que se safaram até agora. Pode ser que surjam então pequenos grupos lusitanos que consigam criar um movimento de rebeldia capaz de iniciar a desmontagem do regime e de o appear, mandando os seus líderes para um exílio dourado em Cancún ou nas Seychelles a fim de gozarem o resto dos seus dias lamentando-se e gozando os lucros desta desgovernação.

E apesar dos iberistas todos que por aí pululam, à sombra deste governo, nem os mais otimistas acreditam que a Espanha quereria tomar conta desta província ingovernável, pois já lhe basta o País Vasco e os etarras. Já a dominam economicamente e não estão interessados em ter de pagar as suas contas. Que se desiluda o primeiro-ministro Sócrates e seus muchachos, Viriato e Sertório foram apunhalados pelos seus mais chegados conselheiros e assessores. Aprende-se mesmo pouco em Portugal. Falta agora um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da Republica.

81. CRÓNICA 81 - UM TRANSMONTANO NO BRASIL REVISITADO: BRASÍLIA, SÃO PAULO E RIO (PT 1) abril 2010

Os transmontanos sempre tiveram uma atração peculiar pelo Brasil, em particular no meu caso em que a avó paterna lá nasceu e o bisavô materno transmontano lá ia ficando para sempre.... Pode ser do clima, ou então, é, decerto, das hormonas. Dizem que as brasileiras têm mais «*je ne sais quoi*», mas nunca descobri se era verdade. Nem ia lá fazer descobertas destas, apesar de saber que as mulheres com pouca libido mostram melhoras na função sexual após usarem um adesivo com hormonas masculinas de testosterona.

A hormona, a que lá chamam hormônio apesar de masculino, está presente na mulher, como o verdadeiro Viagra feminino. Isto li em <http://www.terra.com.br/istoegente/204/saude/index.htm>.

A verdade, porém, é que o grupo em que me encontrava nesta viagem a terras de Vera Cruz, para o 13º colóquio da lusofonia, tinha na bagagem excesso de livros e de intelecto. Podem ter ponderado a hipótese de verem algumas belezas naturais, mas o motivo que nos levava a estar encafuados numa caixa de metal a 11 km de altitude durante nove claustrofóbicas horas, nada tinha a ver com as belezas, naturais ou outras.

Dizem que o Brasil é a terra da farra e tudo serve de desculpa para a folia. Pior que a ilha Terceira. Constava mesmo que aquela gente é toda de folclore e festa e pouca atenção dá a assuntos sérios, mas eram esses que nos levavam a atravessar o Grande Mar Oceano. Para muitos, era o batismo daquele continente sul-americano, para outros era uma mera visita. A terra é grande, sem fim à vista, povoada por mesclas de gentes diferentes com sotaques bem variados e sangues de muitas etnias.

Antes de partirmos em Ponta Delgada íamos tendo um achaque. Como a SATA e a TAP não partilham sistemas informáticos, apenas um dos quatro membros dos Açores, tinha voo confirmado no computador do «check-in». Uma funcionária da SATA pediu autorização ao «chefe» e resolveu o problema. Tudo se devia a uma greve anunciada de pilotos da TAP que nos fizera antecipar a partida de 27 para 25 de março. Afinal, não houve greve, e as viagens foram alteradas, mas a TAP esqueceu-se de alterar as reservas no sistema de «code-sharing» com a SATA. Chegámos ao aeroporto pelo meio-dia e entramos na última chamada às 15.30.... Depois fomos surpreendidos por o avião fazer escala pela ilha de Santa Maria para se abastecer. Uma paragem infundável no alcatrão da pista, já que ninguém se lembrou de nos autorizar a esticar as pernas. Podíamos ver a calma ilha, cuja única atividade anual de grande relevo é a Festa da Maré de agosto, para os jovens que nem sequer ouviram falar da geração de 60. A viagem acabaria por se prolongar por quase 4 horas em vez das habituais duas... Depois, em Lisboa, houve que pagar multa pelo excesso de peso: levávamos 146 kg em vez de 60..., mas só cobraram 7 kg, ie, 50 euros...

Conhecidos e desconhecidos juntaram-se, no aeroporto de Lisboa, aos que tinham vindo do Porto, da Galiza e dos Açores. Da comitiva de 18, dois iriam fazer turismo extra antes dos trabalhos e, seis iriam mais tarde uns dias. A viagem, sem nada de especial a assinalar, além do tormento que estava reservado aos fumadores. Nove horas de privações, mais as horas que antecedem o embarque. Pelo que toca a este autor, o maior inconveniente acabou por ser uma coisa trivial. Dada a rigidez das novas normas que impedem líquidos, gelatinosos e pós, na bagagem de cabine, acabara por não colar a dentadura e foi a viagem toda com a cremalheira solta, sem cola, para fixar a falsa dentição. Um tormento, com os maxilares dançando ao som de castanholas imaginárias, dificultando a respiração e, subsequentemente, o sono. Se não acreditam experimentem ... mal se consegue falar. Após as formalidades do aeroporto, fui a correr a um banheiro ou tualete (a vulgar casa de banho) fixar a dentição. Se acharam a cena hilariante imaginem como se vão sentir velhos quando espirrarem a placa...

Rumávamos a Brasília, muito arrumadinha em setores idênticos, capital artificial, cinquentenária que marca a era do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (Diamantina, 12 de setembro de 1902 - Resende, 22 de agosto de 1976) médico, militar e político brasileiro. Foi o início da carreira internacional do arquiteto Óscar Niemeyer, ainda vivo e lúcido, com 103 anos (viria a falecer em 5/12/12). Uma cidade artificial construída no planalto do estado de Goiás, que me fazia lembrar a Camberra australiana, outra capital artificial, bem

ordenada, limpa e metódica. Em ambas faltava calor e a vida humana das grandes cidades desordenadas e caóticas que se encontram na maior parte dos países. Diz a Wikipédia:

Brasília é a capital da República Federativa do Brasil e quarta maior cidade. Em 2009, sua população foi estimada em 2.606.885 habitantes. Possui o segundo maior PIB per capita do Brasil (40.696,00 reais) entre as capitais, e é a região mais desenvolvida do Centro-Oeste brasileiro. Inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo então presidente Juscelino, Brasília é a terceira capital do Brasil, após Salvador e Rio de Janeiro. O plano urbanístico da capital, «Plano Piloto», foi elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, vencedor do concurso, em 1957, para o projeto urbanístico da Nova Capital, que, aproveitando o relevo da região, o adequou ao projeto do lago Paranoá, concebido em 1893.

Uma cidade quente nessa manhã e na seguinte: 30 °C pelas 06.30. As temperaturas baixavam, apenas um pouco, de noite, mas de dia mantinham-se sempre acima dos 30 nesse final de março. O primeiro percalço foi a «van» não estar à nossa espera no aeroporto. Momentos de espera, aproveitados para começar a descobrir o intrincado sistema de multibanco. Nem todos os bancos permitiam levantamentos de cartões estrangeiros. Na maior parte dos casos, o levantamento de dinheiro era feito em pequenas prestações até 300 reais (aproximadamente 120 euros) mas sem se saber porquê. Tivemos o apoio de um membro da organização da Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, organizada pela CPLP, que ali estava à espera de conferencistas. Depois, desistimos e metemos pés à jornada. Que é como quem diz, arranjam os meios de transporte para uma comitiva de dez pessoas e aquilo que pareciam ser 50 peças de bagagem. O calor apertava e o trânsito também. Chegamos ao Hotel, apenas dois quartos estavam já vagos. Os que quiseram e puderam foram tomar um banho, mas as representantes da Academia Galega (Concha Rousia e Isabel Rei) e o nosso patrono dos colóquios (Malaca Casteleiro) foram diretamente para o Palácio Itamaraty, onde decorria a conferência da CPLP. <http://www.conferenci-acplp.itamaraty.gov.br/pt-br/participacao.xml>. Só os tornaríamos a ver pela hora do jantar.

Entretanto, a acomodação ia, devagarosamente, vagando e era quase meio-dia quando todos nos pudemos instalar. Refrescados, fomos cuidar do estômago que há mais de 24 horas não tinha uma refeição digna desse nome. Havíamos já decidido ir conhecer a capital nessa tarde, após a refeição (a quilo). Um circuito de quatro horas na qual se constatou que as crianças das escolas vão regularmente a Museus, por mais entediantes que possam parecer, como o do Presidente Juscelino. Vimos a sentinela no Palácio do Planalto que tem de estar imóvel durante duas horas e sujeitar-se, a ser fotografado por todos. Achei grotesco, impróprio e desumano. O palácio onde se albergam os Senadores é bem melhor do que o dos deputados, mas isso não explica a corrupção nem o «mensalão» que era a cena de corrupção à época. Digna de menção é a igreja de Dom Bosco, na aparência discreta, com iluminação natural e albergando belos vitrais que merecem ser vistos. Todos em tons de azul, isso quer dizer, que nunca se vê essa igreja da mesma maneira. Se for de manhã, verá um azul mais claro, quase angelical. Ao meio dia, um azul mais vivo e no fim da tarde, pode um azul quase preto, ou um azul abóbora, dependendo da intensidade do Sol e se uma outra janela estiver aberta. À noite, quando o grande lustre se acender, bom... aí... Aí é mágico...

Deceção foi a célebre catedral, de mãos erguidas, em obras de beneficiação pelo seu cinquentenário. Ocultava-se, envolta em lonas brancas que lhe encapotavam a beleza e dificultavam imaginar a sua forma agradável. Dizem que é demasiado quente para os fiéis, segundo nos confirmou o guia, bem satírico, que se não fartava de criticar o Lula da Silva, atual presidente (e o homem mais influente do mundo, segundo a revista Time). Duma forma geral achei sem alma, esta cidade desenhada na forma de um avião, com os seus quarteirões divididos em setores, um do governo autárquico, outro do federal, outro para farmácias, outros para compras, outro para...O metro (aliás, metrô) vai para os subúrbios mais desfavorecidos. Foi na entrada duma das estações onde vimos, pela primeira vez pobres. Em todas as cidades brasileiras, a riqueza está paredes meias com a extrema pobreza...jantouse rodízio na refeição mais cara das que pagámos (60 reais por cabeça, ou seja, 24 euros).

Na manhã seguinte fomos tomar o «café da manhã», que é um mero eufemismo para pequeno-almoço, pois café é coisa que se não consegue beber no Brasil, em especial para os viciados em «expresso» ou «italianas» bem curtas. Já as colegas galegas tinham saído na sua missão de salvar a língua falada na Galiza, ameaçada pelos castelhanos. O mundo inteiro desconhece a sua guerra sem quartel. Ali, no palácio das Relações Externas, Itamaraty, de seu nome, também em obras de beneficiação para o cinquentenário, acabaríamos por fazer contactos úteis com a delegação de Timor-Leste e de Cabo Verde. Veremos se frutificam. De Timor estavam conhecidos, o Roque Rodrigues (ex-ministro, atual conselheiro do Presidente Ramos Horta), e o Benjamim Côrte-Real, reitor da Universidade. Se quiser ver fotos, <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/683-brasilia-slideshow-2010-13o-coloquio.html>

28 de março: domingo. São Paulo, a agenda indicava, Visita e receção pelo Diretor do Museu da Língua Portuguesa <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/museudalinguaportuguesa/index.html>. Afinal não fomos recebidos nem pela «van» no aeroporto, nem pelo diretor. Estavam lá os velhos companheiros dos colóquios, a Zélia e o Cícero, para nos saudarem, dado que vivem na cidade de onze milhões de almas. Tivemos de andar às voltas com a bagagem, antes de decidir deixar tudo no «guarda volumes», arrumar três táxis e caminhar para o Museu. Começara a chover. Eram duas e meia da tarde e ninguém almoçara. Ao sair dos táxis, à entrada da Estação da Luz, onde se encontra o Museu da Língua Portuguesa, deparamos com gente de aspeto dúbio, inativa, olhando em volta da estação de trem, encostada às paredes. Um policial disse que para comermos era melhor seguir em frente uns quinhentos metros naquela avenida nas traseiras, interdita ao trânsito, sem parar em lanchonete alguma, até um determinado sitio que nos indicou. Todos o fizemos. Ninguém se interrogou porque não parávamos em nenhuma tasca pejada de travestis, mulheres de vida (fácil?) difícil, drogados, bêbedos, mendigos e outro refugio da sociedade de consumo impiedosa. Comemos e bebemos numa lanchonete aliás, taberna, mais típica do Portugal dos anos cinquenta do século passado, do que de São Paulo em 2010. Depois corremos para o Museu, que o tempo urgia e havia outro avião a não perder. Ainda houve tempo de ir atrás, a correr buscar a pasta com os bilhetes e toda a documentação que ficou esquecida sob a mesa da lanchonete... ninguém viu ou roubou. Na receção, depois de cumpridas as formalidades, fomos recebidos por uma guia que pediu desculpa, o diretor ficara em Brasília até ao final do dia. Fotos <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/673-sao-paulo-slideshow-13o-coloquio-2010.html>

Estava lotado o Museu da Língua. É um espanto e dá largas à imaginação na preservação da cultura linguística que nos une. Além da parte informativa, o conteúdo lúdico atrai inúmeras pessoas de todas as idades. Pensei se e quando isso aconteceria em Portugal.... Era tanto mais para admirar pois era domingo e a entrada era paga (4 reais: 1,5 euros). De lá retiramos as ideias necessárias para os nossos projetos de Museu (da Lusofonia em Bragança e da Açorianidade na Lagoa, Açores). Chovia a cântaros quando entramos nos táxis de regresso ao aeroporto, através de um congestionamento de trânsito memorável. O percurso fez-se em 40 minutos, mas o motorista disse que dois dias antes demorara três horas...Tivemos ainda tempo para jantar num «self-service» do aeroporto, com vista para a pista, antes de voarmos para o Rio, Cidade Maravilhosa. Ali chegamos já pelas 23 horas, e, felizmente, estava à nossa espera um magnífico «autopullman», um ônibus privativo do Hotel, que nos iria levar ao Hotel Copacabana Mar, num dos distritos mais conhecidos do Rio. Fora um dia agitado, acordámos em Brasília, almoçámos em São Paulo e dormámos no Rio. Vida de político deve ser assim. A temperatura acima dos 30 °C, àquela hora da noite, tornava-se mais insuportável pelo excesso de humidade do ar. Já em 1994, quando ali estive, suportei temperaturas de 35 °C e mais, com humidades próximas da saturação. A má

recordação da comida brasileira que datava de então iria ser dissipada com a boa comida que nos foi servida. Havia que dormir e levantar cedo na manhã seguinte. O horário era apertado:

29 de março: segunda-feira Rio De Janeiro

12.00 Almoço privado com o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça,

14.00 Palestra na Academia Brasileira <http://www.academia.org.br/> presidida pelo Presidente e pelo nosso patrono Evânildo Bechara. Sessão pública na qual participaram Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Concha Rousia (Academia Galega da Língua Portuguesa) e Chrys Chrystello dos Colóquios.

18.00 Visita ao Real Gabinete de Leitura onde Isabel Rei (Academia Galega) deu um curto recital e os Colóquios assinaram um convénio com o Liceu Literário Português <http://www.realgabinete.com.br/real.htm> / <http://www.liceuliterario.org.br/>

Sáimos do hotel (Malaca, Anabela Mimoso, João, Helena, Telmo Nunes e o transmontano Francisco Madruga, nosso editor convidado este ano) pelas oito e meia da manhã, sempre em busca de um ATM ou banco que desse dinheiro. Bancos havia muitos, mas dispostos a darem dinheiro eram poucos. Tivemos sorte na entrada dum supermercado Pão de Açúcar numa máquina, que não era o habitual buraco na parede. Pouco depois, o Prof. Malaca recolheu aos aposentos devido ao calor e humidade excessivos. Mesmo em frente ao Hotel Copacabana (os Rolling Stones deram um dos maiores concertos em 2008), o meu filho João foi dar um mergulho nas águas quentes de Copacabana, naquilo que será, decerto, um momento alto nas suas memórias futuras. Quem sabe se não estaria a viver o melhor dia da juventude sem o saber? Andamos cerca de 5 km, para trás e para a frente, ao longo daquela marginal infundável. Tive de regressar ao hotel para me aprontar para o almoço. Viria a ser um momento inolvidável, rodeado de «imortais que não imorríveis», como diz o Bechara. Um mero aprendiz de feiticeiro no Olimpo com os Deuses. *Fotos em <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/730-abl-rio-2010.html>*

O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Professor Marcos Vilaça, foi muito simpático ofertando livros, a medalha comemorativa de Machado de Assis e um lauto almoço com a especialidade de bolo de Pernambuco que é uma réplica da bebinca de Macau e de Goa. Vilaça insistiu em presidir à abertura da palestra, antes de ceder o lugar a Bechara. Dezenas de jovens e alguns ilustres académicos enchem o auditório, na sessão de pouco mais de três horas que jamais esquecerei. Além dos livros, da medalha ainda nos ofereceram um pagamento simbólico, mil reais, chamado «jeton», que atribuem a todos os académicos que ali vão discursar. Senti-me como o primeiro homem a andar no espaço sideral. Quando aterrar, avisarei.

Depois do jantar abateu-se uma enorme tempestade de chuvas torrenciais e trovoadas altissonantes que, por mais de uma hora, nos impediu de regressar. De manhã, estávamos, deabalada para o estado catarinense. Nos dias seguintes seria uma agenda plena de atividades, visitas, seminários, palestras e sessões, antes do começo formal do colóquio.

Programa:

31 de março quarta-feira 09:00 - Seminário das Cidades Fortificadas na UFSC.

10:30 - Visita, sessão de esclarecimentos e chamada para o Açorianópolis no Colégio Salvatoriano N. S. de Fátima, no continente (Educação Básica e Ensino Médio)

15.00 Receção na Câmara de vereadores, homenagem à comitiva

17.00 Sessão de esclarecimentos na UNISUL

01 de abril, 5ª feira - Florianópolis - Passeio ao sul da ilha. Visita ao Ribeirão da Ilha, Ecomuseu (com palestra do professor Nereu do Vale Pereira), passando pelo Porto do Contrato (petiscos). Almoço no Pântano do Sul, restaurante Arantes

02 de abril, 6ª feira santa - Florianópolis Passeio de escuna as Fortalezas de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim e de santo António de Ratoles, e São José da Ponta Grossa (Seminário)

03 de abril, sábado - Florianópolis - Norte de Ilha, Santo Antônio de Lisboa uma das povoações mais antigas da Ilha de Santa Catarina. Essa área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, juntamente com casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, construída entre 1750 e 1756, considerada uma das mais charmosas da Ilha, e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular. Almoço no Restaurante Chão Batido em Santo Antônio de Lisboa. Encontro com a imprensa.

04 de abril/domingo/Páscoa - Florianópolis 10.00 A Prefeitura Municipal de Palhoça recebe a comitiva oficial para um dia cultural com oferta de almoço

19:00 O Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos homenageia a comitiva com um documentário «Ganchos entre mares e montanhas» no hotel Maria do Mar

05 de abril de 2010 - 2ª Sessão de esclarecimento UFSC, visita ao NEA (núcleo de estudos açorianos Joi Cletison)

82. CRÓNICA 82 - BRASIL SANTA CATARINA março 2010

82.1. SANTA CATARINA, A DÉCIMA ILHA AÇORIANA?

Escrevo em pleno domingo do Santo Cristo, com o sol a brilhar e todos os aviões parados devido à nuvem de cinzas do vulcão da Islândia, aquele que tem um nome bem difícil de se pronunciar Eyjafjallajokull. Há um mês fecharam a Europa durante uma semana, em meados de abril, e fecham-na agora aos soluços. Hoje foi Portugal mais os Açores e a Madeira, a Áustria e a Itália, ontem, foi a vez da Espanha, mas ainda não vi qualquer nuvem de cinzas. Os meteorologistas e vulcanólogos de serviço já vieram à TV alertar para os perigos. Nuvens sempre as tivemos, muitas, com mais ou menos cinza que é a cor favorita das nuvens, embora de há uns anos a esta parte surgissem os chemtrails tóxicos com que nos andam a envenenar e a chamar-nos teóricos da conspiração... O parapeito da janela, que é branco, assim continua, e a chuva que cai não suja mais do que dantes. Devem querer os céus limpos, sabe-se lá para quê. Espionagem? Testes? Isto é estranho pois já se ouviu, um ou outro, cientista a dizer que as autoridades europeias se precipitaram e que não havia perigo para os aviões, mas insistem em fechar os céus e deixar milhares de pessoas em terra. Já houve erupções bem piores e mais demoradas e nunca se ouviu falar em fechar assim o espaço aéreo. Será que estes cientistas andaram todos a tirar cursos de «Novas Oportunidades» como o nosso primeiro-ministro? Só se a nuvem do vulcão tem produtos tóxicos que eles conhecem, mas não nos dizem...ou será mais uma daquelas coisas não muito bem explicadas como o atentado ao Pentágono? Lá estou eu com a teoria da conspiração. Quem lucra com isto? Serão talvez os países, hotéis e transportes coletivos, incluindo comboios, já que as companhias de aviação devem perder uma fortuna. Mais um argumento para se construir o TGV em Portugal.

Voltemos ao Brasil e a Santa Catarina, no 13º colóquio da lusofonia, o primeiro em Terras de Vera Cruz, no Estado mais açoriano de todos. Ali chegamos dia 30 de março e fomos almoçar com os organizadores locais. Antes de recolhermos ao hotel, levaram-nos ao Morro da Cruz, o ponto mais alto de Florianópolis, donde se podia desfrutar uma bela vista de 360º.

Houve apenas o senão de sermos escoltados pela Polícia Militar com um certo aparato policial que todos estranharam. Sirenes a apitar, luzes a piscar, um batedor em moto e um jipe da PM com um casal de jovens policiais. Disseram que era pelo perigo de sermos assaltados no Morro da Cruz, mas como os policiais eram todos militares e da secreta mais nos pareceu que quiseram ouvir o que tínhamos para dizer. O carro oficial do governo, que nos primeiros dias eu cedera aos Professores Malaca e Bechara, desapareceu ao terceiro dia, tal como surgiu. O motorista devia ter reportado que éramos inofensivos e não estávamos ali para intentar nada. Também nos dissera abertamente, logo no primeiro dia, que tinha sido da «secreta» e agora se dedicava apenas a conduzir carros oficiais, seguindo-nos como uma sombra, de ouvido atento ao que dizíamos. Nesse dia estivemos relaxados e houve mesmo tempo para uns mergulhos na piscina e uns banhos retemperadores no «jacuzzi», com excelente vista para o continente e para a enorme baía fronteira ao hotel Maria do Mar. Na manhã seguinte, dia 31, fomos à UFSC (tínhamos de comprovar que éramos assistentes presenciais no Seminário das Cidades Fortificadas) e saímos para visitar o colégio Salvatoriano N. S. de Fátima no continente (Educação Básica e Ensino Médio) onde os professores haviam preparado uma receção musical e dançante com alunos em curiosos bailados elogiando a Língua Portuguesa. Havia, igualmente, um varal de poesia donde estavam suspensos trabalhos dos jovens a justificarem as vantagens de adoção do novo acordo ortográfico. Curiosamente, alguém notou que não se viam índios nem negros entre os alunos, na sua maioria brancos e louros. Colégio católico, provavelmente dispendioso para as minorias desprivilegiadas. Depois, assustei uns alunos com o meu sotaque australiano em plena aula de inglês do 5º ano...antes de ir para a sessão de esclarecimento a professores e alunos, com debate e pequena mostra de poesia por três alunas. Após o almoço, seguimos para a baixa onde tivemos uma Receção na Câmara de vereadores, com homenagem à comitiva e proposta de estreitamento de laços e de futuros protocolos com a Cidade de Florianópolis. O Presidente nos presenteou, numa cerimónia simultaneamente descontraída e formal. Saímos de lá para a UNISUL ver o funcionamento de ensino a distância. Nesta Universidade tínhamos previsto o nosso curso de Estudos Açorianos a distância. A coordenadora desse curso era uma das coorganizadoras locais do colóquio, mas perdeu a confiança da Comissão Executiva por plágios vários e outros motivos que aqui não vêm à liça.

Dia 1 de abril saímos bem cedo para um passeio ao sul da ilha. Estavam connosco quatro colegas do Politécnico da Guarda, que logo ficaram apodadas de «mininas» da Guarda. Tentamos que se integrassem rapidamente apresentando-as aos patronos. Lá fomos na nossa visita ao Ribeirão da Ilha, pequena cidade costeira com muitos traços açorianos e habitantes orgulhosos do passado, visível nos nomes «açorianos» que davam a tudo. Fomos depois à pousada, onde está o Ecomuseu em honra de Franklin Cascais, sendo guia o veterano professor Nereu do Vale Pereira, dono do local e amante da história açoriana. Antes, estivemos nas águas calmas do Porto do Contrato, belo local para se viver e onde se fixaram há mais de 200 anos os primeiros açorianos que para ali foram contratados e se fixaram antes de formarem o Estado de Santa Catarina. Seguimos para outra cidade costeira, o Pântano do Sul, com almoço no restaurante Arantes, o mais açoriano de todos na ilha e que tem nas suas paredes uma homenagem a Vamberto Freitas. Foi aqui que a colega Manuela Marujo, do Canadá, comprou uma vivenda para passar seis meses do ano enquanto não se reforma da sua universidade canadense.

Dia 2 sair bem cedo para um passeio de escuna às Fortalezas de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim, de Santo António de Ratonas, e São José da Ponta Grossa (fazia parte do Seminário). Almoço descontraído sob calor intenso em plena Praia dos Golfinhos, que não vimos. Belas construções fortificadas com lendas de heroicas defesas contra os espanhóis, franceses e holandeses, sendo em Anhatomirim que se construiu a primeira residência oficial do governador do estado. Fomos presenteados com uma representação do Imperador e de Dona Carlota Joaquina a agraciar os nobres locais e a armá-los cavaleiros. O espantoso era a semelhança da senhora com

Dona Carlota. A viagem cansativa acabou tarde e a más horas, pois os organizadores do seminário das fortalezas excediam-se em explicações científicas detalhadas de cada fortificação. Chegamos já noite cerrada.

Tal como nas noites anteriores, para a comitiva hospedada no hotel, havia um grupo a interpretar música brasileira (nisto de farra e folia ninguém o faz melhor do que eles).

Sábado, dia 3 de abril, fomos a uma cidade costeira, no norte da Ilha, Santo António de Lisboa, uma das povoações mais antigas de Santa Catarina. Como área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, com casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Desta-que para a Igreja de N. Sra. das Necessidades, datada de 1750 a 1756, considerada uma das mais charmosas da Ilha, e para a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular. Almoço no Restaurante Chão Batido em Santo António de Lisboa. Devo confessar que apesar de tudo não vi nestes locais, tantas semelhanças como dizem existirem com os Açores. As recordações avivadas pelas fotografias não me deixam falar da açorianidade arquitetónica ou urbanística. Existe como um elemento metafísico, invisível e intangível, sempre presente. A açorianidade das gentes e terras é mais um estado de alma. Um mês passado, recordo melhor as paisagens da costa, os mares calmos, a neblina ao amanhecer e os magníficos pôr-do-sol, do que a herança açoriana. Eles sentem-na e defendem com unhas e dentes a descendência de gerações. Aparte uma ou outra casa de “tipo açoriano” qualquer que seja a definição que a tal se dê, encontrei mais o sentimento de pertença aos Açores mais de duzentos anos passados do que encontro noutras partes do mundo. Este sentimento, já o disse no livro CrónicaAçores, é bem peculiar dos açorianos seja no Canadá, Estados Unidos ou Brasil. Ali era notório como todos se queriam afirmar mais açorianos do que os açorianos. Eram paradisíacos locais com belas praias e paisagem maravilhosa em inúmeras baías povoadas de pequenas ilhas a estimularem a nossa vontade de as comprar e nelas habitar.

Nesses dias ainda nos dedicamos a sonhar deixar os Açores e ali fixar residência. Com mil euros já se vive confortavelmente, pois o custo de vida é relativamente barato, se não se andar atrás de modas e marcas. Era uma solução para a Helena se desvincular deste ensino secundário, ou o liceu como insisto teimosamente em chamar-lhe, que tanto a desgasta e tão poucas satisfações lhe trás. Anda cansada, desanimada e desiludida com a missão de ensinar que está limitadíssima, num ensino que se ocupa de tudo menos da sua função primordial que era a de formar jovens com conhecimentos.

O resto da comitiva ia chegando aos poucos e domingo de Páscoa foi a vez de chegarem o Luciano Pereira (presença habitual desde o colóquio nº 1) com a Edma Satar, ambos corresponsáveis pelo nosso projeto da Dicio-pédia agora rebatizado de Lexicopédia pelo nosso patrono Malaca. Com eles veio o Tiago Mota do Chá da Gorreana. Nos dias seguintes chegariam o José Carlos Teixeira de Okanagan na British Colúmbia (Canadá) e o jovem escritor, descendente de açorianos da Lomba da Maia, Anthony de Sá, mais a nossa pianista residente, a Ana Paula Andrade. O Brasil, de Santa Catarina, não é só feito de praias ilusoriamente divinas, este país vive numa burocracia napoleónica como Portugal já teve. Apesar dos inúmeros progressos e competitividade em várias áreas de desenvolvimento económico, é também, e ainda, um Brasil da Polícia Militar, sempre presente - diria mesmo, omnipresente - com corrupção e nepotismo em cada canto. Diga-se, a propósito, que os prefeitos que visitamos sempre nos apresentaram as suas primeiras-damas com cargos executivos nas prefeituras...era demasiada coincidência. Aprenderam bem a lição de Portugal, disse com os meus botões. Quem exerce o poder, a qualquer nível, fá-lo de uma forma discricionária e despótica sobre os pobres e desvalidos que se lhe têm de submeter sob risco de perderem mordomias ou apoios a candidaturas futuras. Uma intrincada teia de interesses que o poder tece e que ameaçou, por várias vezes, implodir em pleno seio dos colóquios. Ou, como a Helena diz, este povo não só faz telenovelas, vive-as a cada minuto das suas vidas. Isto é perigoso, pois funciona no sistema teia de aranha que a todos enleia antes de os devorar na sua intrínseca fome de protagonismo e destaque. Ora eu nada disso busco, tive muitos 15 minutos de fama, como diria o Andy Warhol, mas, de todos, o mais notável fora uns dias antes na venerada Academia Brasileira de Letras. Estas guerras da manjerona deixavam-me agastado e incómodo em terras onde sempre seria, estrangeiro, apesar da vovó brasileira e do resto da família que ali vive e se não dignou vir ver-me ou conhecer-me. O Brasil é um misto de pobreza generalizada e duma minoria muito rica, um conjunto de enormes conquistas tecnológicas e de atraso. Os bancos vivem nos anos 1960, a internet é lenta e cara, e os correios funcionam muito mal. Mas é um país de contrastes pouco cosmopolita e demasiado coloquial, como escrevia Luís A Fischer (ver adiante).

82.2. O BRASIL PROVINCIANO. Luís Augusto Fischer, www.brasilalemanha.com.br.

A cultura brasileira, seguindo os passos da velha matriz portuguesa, nunca foi muito cosmopolita. O alcance de nossa vida mental foi e ainda é a paróquia, e isso se vê em vários níveis de evidência. Em nossos jornais, por exemplo, o noticioso sobre o mundo exterior não é muito vasto, nem detalhado, muito menos crítico ou capaz de formular visadas de longo alcance. Até mesmo alguns de nossos maiores escritores ostentam uma curiosa virgindade em matéria de conhecer o mundo, no sentido geográfico: Machado de Assis nunca viajou para além de umas poucas dezenas de quilómetros fora do Rio de Janeiro (foi a Vassouras, a Barbacena e a Petrópolis, e nada mais); Drummond só saiu do país para uma viagem a Buenos Aires; Nelson Rodrigues nunca saiu do Brasil, e quase nunca saía do Rio; Mário Quintana só conheceu o Rio de Janeiro, tendo estado lá três ou quatro vezes, nada mais. (Em compensação alguns outros grandes não só saíram bastante, caso de Érico Veríssimo e Jorge Amado, como alguns foram profissionais da vida no Exterior, como os diplomatas João Cabral e Guimarães Rosa, ambos no entanto chafurdados na matéria local popular). Essa dominante provinciana brasileira em parte se explica por

sermos um imenso país, dono de riquezas incalculadas ainda e por isso virtualmente autônomos, e por sermos o único país a falar português na redondeza, na América - situação bem diversa de qualquer outro dos países sul-americanos, que vivendo em espanhol estão sempre em contato com outros países -, diferença que tem uma implicação grande, porque quem escreve em português escreve só para brasileiros, ao passo que um uruguaio ou guatemalteco, por caipira que seja, tem potenciais leitores em vários quadrantes. Nossa ex-metrópole, ainda por cima, teve conosco uma relação que timbrou em ser anticosmopolita: uma das marcas das cabeças emancipadas é o gosto pela, e prática da circulação de ideias, e os portugueses enquanto puderam sonegaram à colônia brasileira tanto o direito a ter imprensa quando o direito a ter cursos superiores. José Murilo de Carvalho tem dito que um dos motivos de o Brasil ter-se mantido com um território imenso unido, ao contrário do que ocorreu na América espanhola, tem a ver exatamente com a falta de circulação de informação e ideia, falta que privou as províncias de desenvolver localmente uma elite letrada e politizada, que poderia ter propostas de emancipação; na época das independências, havia nada menos do que 23 universidades distribuídas naquele território espanhol que daria origem a 13 diferentes países; e nenhuma havia no futuro Brasil. Para a maior parte dos letrados de língua portuguesa, não ser caipira era apenas saber das modas parisienses, ponto; nada de debate crítico, nada de frequentar outras visões de mundo. Ainda hoje, o que há de gente que se guia pelo «último grito» (a expressão é velha, tanto que se dizia em francês, «dernier cri») não é pouco; suplementos culturais dos jornais, assim como vogas acadêmicas em áreas artísticas e humanísticas ou associadas, são marcados pela adesão ao que nos centros é moda.

... o jornal inglês Financial Times de 20 de abril último toca no tema. Em extensa análise, diz que a mera «amabilidade» pode atrapalhar o Brasil em sua trajetória de afirmação internacional, trajetória que se vê no crescimento da presença brasileira nos organismos internacionais (para nem falar da figura de Lula, saudado mundo afora): seis anos atrás o Brasil foi tão somente convidado, como observador, a frequentar o G8, e contava na época com uns mil diplomatas; pois agora nosso país em certos aspetos lidera o BRICS (Brasil, Rússia, Índia e China) e peita os Estados Unidos, ao lado da China e da Turquia, na defesa da legitimidade dos atos do presidente do Irão, o mais que controverso Mahmoud Ahmadinejad - o Brasil contando agora com 1,4 mil diplomatas e representações em toda parte do globo. Mas dizia o jornal que o Brasil, que já tem aspetos de país decisivo no grande jogo mundial do poder, carece de coisas fundamentais para chegar lá: «Os diplomatas brasileiros são amplamente reconhecidos como negociadores habilidosos, especialmente na área comercial. ... Não temos, nas universidades, mesmo as mais relevantes, ativos e fortes centros de estudos e pesquisas sobre o mundo lá fora. Sérgio Paulo Rouanet escreveu uma vez um artigo que até hoje me parece digno de atenção (está em As Razões do Iluminismo). Diz ele que sua geração, chegando na universidade junto com a bossa nova e Brasília, estava farta de beletrismo e bacharelismo, do latim e do francês; queria estudar engenharia, economia e inglês. Bem: um anjo torto veio e atendeu seu pedido. Sumiram o latim e o francês do colégio, e em seu lugar entrou o inglês. Só que, depois se viu, junto com o latim e o francês sempre vinha alguma cultura letrada junto, um tanto de história e de literatura; ... O nome disso é provincianismo. Sei que tem gente que torce o nariz para Érico Veríssimo, julgando-o escritor menor. (É gente vanguardista, que não tolera um romance que faça sentido da primeira à última linha, escrito em português comunicativo; é gente provinciana). Mas olha só: o Érico, lá nos velhíssimos anos 1960, escreveu romances que se passam fora do Brasil - O Prisioneiro e O Senhor Embaixador, para não falar de Saga (1940), que bota um brasileiro servindo nas brigadas revolucionárias da Guerra Civil Espanhola. Diz aí: quem mais fez dessas? Nem o megaviado (e celebrado onde houvesse Partido Comunista) Jorge Amado. Ultimamente, até têm aparecido romances que colocam personagem brasileiro a andar por ruas de outras línguas: Budapeste (2003), de Chico Buarque; Mongólia (também de 2003), de Bernardo Carvalho; Berkeley em Bellaggio (2002), de João Gilberto Noll; antes dele, em 1994, Caio Fernando Abreu andou longe, Bien Loin de Marienbad. Atualmente, está em curso uma coleção editorial que levou escritores brasileiros para cidades estrangeiras, para colherem material de romances - Daniel Galera inventou uma escritora brasileira jovem em Buenos Aires, Luiz Ruffatto andou por Lisboa, e assim por diante. Mas é pouco. ... Luís Augusto Fischer é professor de literatura brasileira na UFRGS, doutor em Néelson Rodrigues, escritor, cronista e jornalista.

Retornamos ao hotel, onde havia uma pequena festa organizada pelo Vasco Pereira da Costa, nosso escritor convidado, em honra da Helena Chrystello que ali celebrava o seu aniversário. Foram ao supermercado buscar vinho, pão, chouriço e queijo e fizeram uma imitação açoriana duma farra qualquer, enquanto nos andares de baixo se celebrava um ruidoso casamento que só terminou pela madrugada dentro.

A Páscoa era no dia seguinte e tínhamos de nos deslocar ao continente pois a Prefeitura Municipal de Palhoça ali recebia a comitiva oficial para um dia cultural com oferta de almoço. Foi o nosso primeiro encontro com índios que me haviam dito estarem a ser integrados na sociedade (?), e dos quais apenas vislumbrara uns tantos, vendendo artesanato, na manhã em que fôramos ao mercado comprar lembranças. Pois bem ali estavam por detrás das janelas espreitando, como que a medo, espantados por verem gente de outras paragens a falar um português diferente. Deram um recital de música índia, mas as caras e a linguagem corporal eram de tristeza e temor, como se estivessem obrigados a representar um pedaço da sua cultura, como animais em feira de novidades ou circo de anormalidades. Houve ainda um trio vocal com uma cantilena tradicional e umas jovens de cinco ou seis anos vestidas com um qualquer traje folclórico português a dançarem uma modinha dita açoriana, além de uns tantos discursos oficiais de entidades locais. Quando chegou a minha vez, não deixei de pôr o dedo na ferida, elogiando os esforços da prefeitura e das entidades locais, de trazerem os índios ao seio da comunidade, preservando e respeitando a cultura e tradições, pois tal como eu aprendera na Austrália com os aborígenes, eles eram os originais habitantes e deveríamos respeitar a ligação secular que tinham com a terra de seus antepassados. É sempre um perigo eu falar de improviso, sai sempre politicamente incorreto. Jamais esquecerei a jovem que nunca

ergueu os olhos do chão nem olvido as expressões taciturnas dos restantes adolescentes de ambos os sexos. Apetecia ficar ali e lutar pela preservação da herança índia, mas como chefe da embaixada açoriana nada mais podia fazer. Depois da troca de galhardetes e de ofertas visitamos a igreja local e fomos almoçar. Outra cena me espantou, pois surgiu em pleno almoço, um padre a celebrar um qualquer rito pascal, de mãos dadas e cânticos religiosos, sem alguém cuidar de saber se a companheira Edma (de Moçambique) era islâmica, ou se havia não-cristãos naquela vasta comitiva. Monoteísmo oficial? O Prefeito de Palhoça precisa de lições de multiculturalismo em alta dose. Aparte isso, havia uma vontade enorme de celebrarem protocolos com os visitantes e de criarem mais laços e entidades para perpetuarem a memória dos primeiros colonos açorianos. A imagem da Índia cabisbaixa perseguiu-me até hoje, sei que continuavam a viver à moda deles nos montes e raramente descem ao povoado. Havia naqueles olhares desconfianças seculares por promessas incumpridas, suspeito. Ao fim da tarde teríamos, no próprio Hotel, uma recepção oferecida pelo Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos, que homenageava a comitiva com um documentário intitulado «Ganchos entre mares e montanhas». Na impossibilidade de irmos a todos os municípios que queriam receber a comitiva oficial, decidira aquele Prefeito ir visitar-nos, falar e mostrar em vídeo o seu município. Ia acompanhado da sua secretária dos assuntos culturais, curiosamente a primeira-dama, e queria igualmente celebrar parcerias com os presentes. Esta era a tônica de todos os encontros oficiais ali realizados até ao momento. Havia ansiedade das gentes e municípios em mostrarem que eram mais açorianos que o município vizinho...na manhã seguinte, a comitiva deslocou-se para uma visita com Sessão de esclarecimento na UFSC perante uma centena de alunos e professores (uma aluna dormiu descaradamente durante os 75 minutos da sessão). Por fim, impunha-se uma visita ao NEA (núcleo de estudos açorianos, dirigido por Joi Cletison), a entidade que há mais de 25 anos apoia a reconstrução histórica da memória açoriana em todos os pontos do Estado. Um trabalho dedicado com menos folclore e mais substância científica, pareceu-nos.

De tarde começaria o XIII Colóquio. Joi Cletison iria estar presente todos os dias.

83.3. AS TRADUÇÕES DO DANIEL DE SÁ

O Daniel de Sá escreveu o seguinte texto em abril 2010

... que alívio senti ao ler o que me dizes! Eu temia que os meus livros que o Chrys já traduziu, e muito bem, ficassem manchados com o nome de um Jesse James à nossa maneira modesta de ser. Afinal, o homem não é nada disso, graças a Deus. Bem bom. Ou "rebim bum", como se diria no dialeto do micalense que se falava na Maia. (Traduzo: "re+bem bom", o que é muito mais que bom.). Pois se o homem até toma café, como poderia ser má criatura? Enredos de gente maldosa, isso é que é. É absolutamente inofensivo, garanto. Uma espécie de Indiana Jones em versão civilizada. Só que, em vez de crocodilos, caça línguas. Ah, e por ter referido que é um excelente tradutor, chamo em meu auxílio uma opinião que vale sem dúvida muito mais que a minha. Uma senhora americana chamada Michele (que é que tem este nome de importante para ser referido? já digo) leu o livro e achou a tradução muito boa. Ela está, ou estava por Rabo de Peixe, e disse-o ao Michael Hudec, um pintor americano que ficou por cá há décadas. Foi ele que mo contou. A senhora falou-lhe de um livro que tinha lido e uma das coisas que referiu foi a boa tradução. Quando o Michael Hudec viu o livro ("O Pastor das Casas Mortas") disse muito satisfeito: "Eu conheço-o! (Este "o" sou eu.) E essa tal Michele é a senhora que, quando era rapariga, inspirou aos Beatles a canção do mesmo nome.

83. CRÓNICA 83 SARAMAGO, A GOTA E UMA PNEUMONIA, 12 – 26 junho 2010

O mês foi pródigo em eventos, como mais um campeonato do mundo de futebol, o que é excelente para levantar o moral às massas e anestesiá-las. Repetindo uma aventura de há 44 anos em que Portugal recuperou de 0-3 para 5-3 frente à Coreia do Norte, desta vez vingou-se e ganhou 7-0. O selecionador, Carlos Queirós, passou instantaneamente de besta a bestial, junto com os jogadores e houve festa nas praças e ruas. Esqueceu-se a crise e os sorrisos voltaram às faces envidadas dos portugueses. Os jogadores franceses entraram em greve e recusaram-se a treinar, o que só lhes fez bem, pois foram eliminados sem vitórias nem honra, cumprindo-se a vingança irlandesa, que ficara de fora do Mundial por um golo francês marcado com a mão de Thierry Henri...E - por último - o barulho das vuvuzelas no Mundial pode fazer mal à saúde e aos tímpanos, mas o mais curioso é que a única razão para eu não gostar das ditas é saber que podem ter vindo da Papua Nova Guiné depois de usadas.



...think of this next time you blow one!

I found out where the Vuvuzela came from

Há dias, morreu um homem que concitava grandes ódios e poucos amores, mas que ao receber o Prémio Nobel da Literatura levou a língua portuguesa a mais cantos do mundo do que muitas campanhas mediáticas. Goste-se ou não da sua escrita, da pessoa, da sua ação, levou a língua mais longe, traindo a pátria que o desprezou, proclamando a versão mais colonial do iberismo que imaginar se possa e viveu em Lanzarote nas Ilhas Canárias com a sua segunda mulher espanhola. Esquecera há muito a primeira, que durante mais de duas décadas, fizera a revisão dos seus textos e que nem a sua presença teve na hora da morte.

Encheram-se páginas de jornais, revistas e horas de televisão a discutir os méritos e deméritos de um homem a quem o homem que pensa que é Presidente da República, Cavaco Silva, amado desde 1992, não quis prestar a última homenagem e veio aos Açores (Ponta Delgada) passar quatro dias de férias, mais um do que o luto oficial decretado. Havia quem o criticasse pela pontuação ou falta dela, quem não gostasse do seu comunismo leninista enquanto se amancebava com lucros chorudos e negócios milionários, mas poucos ficavam indiferentes ao homem que ora morreu. Ora o Estado Português que o menosprezou e censurou em 1992, quis recompensá-lo depois de morto e mandou a Dra. Canavilhas (ministra da cultura) no avião oficial buscar os seus restos mortais e trouxe-o para ser cremado em Lisboa onde ficará perto da Casa dos Bicos onde funciona a sua fundação com fundos do Estado.

Todos sabem que o Sócrates, primeiro-ministro, tem muitos defeitos, mas os problemas de Portugal já ultrapassaram Sócrates, os socialistas e os portugueses em geral. É deplorável quando a política não se distingue do futebol, ou seja, quero que "ganhe o meu partido, quero derrubar o líder dos socialistas", e não se trabalha em conjunto para levantar a nação em geral, o que é geralmente o caso.

Estão todos estranhamente unidos na manutenção irrealista de pensões e mordomias enquanto, compungidos, suplicam ao país que aguente mais sacrifícios. O povo sustenta estes e todos os outros sofrimentos, pois está, a ser moldado para ser cordato e ordeiro como convém a quem governa. Enquanto os políticos na tribuna falam, falam, falam e não fazem nada, o povo protesta, queixa-se e copia-os, não fazendo nada. Um círculo vicioso perfeito apenas entrecortado pela famosa trilogia portuguesa do Fátima, Futebol e Fado, que ora retornou ao quotidiano lusitano. Já ninguém promete dias melhores, apenas mais do mesmo e pior ainda. Mais sacrifícios presentes e futuros em troca de nada. Ninguém promete luzes ao fundo do túnel, pois se vive num feudalismo republicano, de acumulação de reformas para ministros, deputados, assessores, com imensa acumulação de privilégios para a minoria que come da gamela governamental e se alcandora a posições de poder, prestígio e benefícios financeiros. Há que entender que este país com estes políticos, sejam do PS do PSD ou de qualquer outro, não vai a lado nenhum...enquanto se não acabar com o sistema de cunhas e compadrios, bem pior do que no tempo do Salazar "Botas". Tem de se acabar com a impunidade na justiça, há que parar e reduzir a corrupção rampante; há que deixar de aviltar a educação e de colocar os professores na lama; é imperioso deixar de fazer cortes no setor da saúde que se não tem; urge terminar com a sociedade norteada pela falta de princípios e de exemplos (aqueles com que fui educado, conquanto tenha crescido numa sociedade conservadora judaico-cristã, cresci com valores que é coisa que não é frequente ver-se hoje); é essencial terminar com a proliferação do chico-espertismo, da ignorância, do quero, posso e mando.

Assim, quer o povo deixe ou não o governo continuará a fazer o que bem entende em proveito próprio e detrimento nacional, não se vai a sítio nenhum. Dizem que já era assim na monarquia, na 1ª república, na ditadura e na 2ª república. Já o Galba dizia que "*não se governam nem se deixam governar*" e querem agora ser governados pelos espanhóis, mas isto é porque apenas veem o maior poder de compra do vizinho (cujo regime político se recomenda tanto como o nosso português). ([LER CRÓNICA 66](#))

Não vejo, infelizmente soluções nem saída, a não ser a minha eventual saída de cena (em data para a qual não posso contribuir pois não depende de mim) e o posterior silêncio, dado que o mote é: o último a sair que apague a luz. Nem sequer tenho esperança de que haja solução neste mundo neoliberal globalizante em que o lucro e o dinheiro tudo comandam e o resto é nada. Uma nova versão dos senhores feudais (agora bancos e seus correligionários) e da gleba que somos quase todos...as receitas financeiras que nos impõem nesta cura forçada servem para dar dinheiro aos bancos que nos levaram a este caos. Ou seja, mais do mesmo, para que os bancos continuem a fazer dinheiro fácil sem olharem a meios. Para que continuem a especular e a investir mal para poderem continuar a receber prémios e bónus milionários quaisquer que sejam os resultados desastrosos da sua atuação. Os nossos filhos e os nossos netos não vão poder pagar a fatura que existe. Toda a vida deles, presente e futura, foi já antecipadamente hipotecada em troca de umas autoestradas e de projetos que não criam riqueza, apenas empregos temporários e bons lucros para construtores civis e outros. Claro que os nossos filhos e netos podem sempre pensar que podem escapar impunes. O meio ambiente e a própria Terra que habitamos podem dizer BASTA e acabar de vez com esta dilapidação de recursos. Também, por vezes, parece ser este o desejo de muito boa gente...que imaginamos pensa sobreviver nos seus "bunkers" cheios de dinheiro. Há já quem preveja na União Europeia que a idade da reforma suba até aos setenta anos, ou seja uma vida inteira a trabalhar para depois ficar na miséria (nessa altura já não deve haver reformas para o povo). Deve ter sido por isso que em tempo de crise acabam de aumentar os vencimentos e mordomias dos deputados, vistos em várias imagens a dormir e

a entreterem-se enquanto decorrem as sessões que ditarão os nossos maiores sacrifícios. Aliás, deve a UE admitir a necessidade de acabar com privilégios dos últimos 50 anos que só tornam as pessoas infelizes depois de terem andado este tempo todo a enganá-las com a felicidade material à face da terra. Cheios de razão, há por aí aqueles a que muitos chamam de Velhos do Restelo, começando pelo José Gil e outros grandes pensadores portugueses, mas poucos dos que os criticam pararam para pensar se não estarão certos no seu pessimismo, ou se não serão realistas na sua análise. Os portugueses vão ter que aprender à sua custa e isso pode demorar gerações. Há sítios no mundo bem piores, convenhamos, bem mais corruptos e violentos, mas nunca devemos olhar para os que estão pior, mas sim para os que já estão numa fase melhor. Portugal já tem um mínimo de boas condições para se viver. Há um enorme desencanto, mas cada um tem que fazer o seu melhor. Temos de trabalhar com o que temos de bom e positivo em vez de estar sempre a malhar no que é mau. Não sei se há alternativa.

Não podemos mudar os outros, infelizmente. Disse Gandhi “*Be the change you want to see in the world.*” Isso é o que faço, na senda da divulgação de autores portugueses (deveria dizer açorianos, mas alguns chateiam-se), numa visão ampla da língua portuguesa no mundo, daqui a cem anos. Isto e os outros projetos em que se envolvem os Colóquios da Lusofonia. Faço-o sem querer fama nem proveito, a custo zero e a isso dedico o tempo todo sem remuneração.... Pensando melhor, se todos fizessem em 5 ou 10% das suas horas livres, o que faço com a minha vida (sim, os colóquios são já a minha vida), o país progredia..., mas sozinho sou apenas uma gota no imenso oceano de dejetos (falta de moral, de princípios, de ética, etc.) que me rodeia. Por vezes, assalta-me o desalento, a falta de compreensão dos outros, a falta de apoios, a falta de mecenas, tenho ganas de desistir e deixar a obra incompleta, mas esta é a minha vocação, a marca terrena perene que quero deixar impressa na rocha, como se estas terras em que vivo não fossem elas mesmo um vulcão, mas sim eu. Este é o meu magma, a minha lava ardente lavrando pequenos sulcos na paisagem. Sem isso não encontro grandes justificações para permanecer entre os vivos, sou uma gota minúscula neste imenso oceano que me rodeia, mas sou uma gota feliz, mais do que quando andava *workaholic* (trabalhólico) 18 horas ao dia, para ter mais e mais. Admito que me sinto triste e impotente pela mole humana que me rodeia e por ver que posso fazer tão pouco por mais tolerante que tente ser.

Sou cidadão australiano, mas se fosse apenas eleitor português seria meramente mais um voto que de nada serviria...apenas me daria legitimidade para continuar a dizer EU NÃO VOTEI NELES... Eles não são os mesmos do tempo em que eu no TUP (Teatro Universitário do Porto 1967-1972) me extasiava a ouvir o grande Zeca Afonso (que compôs a música da peça onde entrei Fuenteovejuna) cantar secretamente (paredes meias com o quartel general da GNR no Porto...) a cantar "eles comem tudo..." Na altura não comiam nada comparados aos atuais, que são bem mais “chicos-espertos” e nos impelem a recordar:

*No céu cinzento
sob o astro mudo
Batendo as asas
Pela noite calada
Vêm em bandos
Com pés de veludo
Chupar o sangue
Fresco da manada
Se alguém se engana
com seu ar sisudo
E lhes franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada [Bis]
A toda a parte
Chegam os vampiros
Poisam nos prédios
Poisam nas calçadas
Trazem no ventre
Despojos antigos
Mas nada os prende*

*Às vidas acabadas
São os mordomos
Do universo todo
Senhores à força
Mandadores sem lei
Enchem as tulhas
Bebem vinho novo
Dançam a ronda
No pinhal do rei
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada
No chão do medo
Tombam os vencidos
Ouvem-se os gritos
Na noite abafada
Jazem nos fossos
Vítimas dum credo
E não se esgota
O sangue da manada
Se alguém se engana
Com seu ar sisudo
E lhe franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada*

http://www.youtube.com/watch?v=ZUEeBhhuUos&feature=player_embedded

Infelizmente estamos condenados a ser gotas, devemos comprazer-nos com a nossa insignificância. É imperativo tratar de nos sentirmos bem como gota que somos dentro da nossa pele, sem jamais nos calarmos quando vemos coisas erradas. Mas claro está que não adianta reduzir a realidade apenas a estas coisas ou aos desgostos pela governação do país e do mundo. Não faz bem a ninguém. Temos de continuar a acreditar que nós, a pequena gota, mais minúscula que uma lágrima furtiva, podemos fazer a diferença, nem que seja só no restrito círculo em que nos movimentamos. Mesmo quando antecipadamente sabemos que isso jamais será suficiente para alterar o desvio da rotação da Terra, a perda do escudo magnético ou para impedir as profecias de Nostradamus, dos 3 pastorinhos ou outras...

Deixando estes assuntos, que tão importantes parecem no dia-a-dia, a fragilidade da vida humana veio bater à porta. A minha mulher chegou da escola à hora do almoço, na véspera de São João, com febre de 39 °C que se recusou a baixar durante 12 horas. Difícil doente que se recusa a ser tratada, insistiu para que tentasse contactar o médico de família na vizinha Gorreana. Apesar de centenas de chamadas para os seus números de telefone entre as 14 e as 22 não foi possível chegar à fala com o clínico. Como a febre não baixava, o Conselho de Família, constituído por pai e filho menor de 13 anos, decidiu levar a doente a Ponta Delgada ao Hospital do Divino. Entre as 22.45 e as 04.45 ali estivemos, até sabermos que a paciente estava com uma pneumonia e ficaria internada. Regressamos a penates e duas horas depois de adormecer já ela exigia que a fossem buscar pois queria vir para casa. Apesar de vomitar o pequeno-almoço e desmaiar, os médicos entenderam que estava bem medicada e podia recuperar em casa. Passados dois dias, ainda está fraca, mas sem febre. Isto só veio provar aquilo que já todos suspeitavam, este escriba não tem feitio nem vocação para enfermeiro de doentes difíceis. Esperemos que o recobro se faça sem mais problemas e que seja rápida a recuperação, a vida sem saúde é uma chatice.

84. CRÓNICA 84 EVOCAÇÃO DA MÁTRIA BRAGANÇA, julho 2010

Sobrevalorizo as memórias de infância. Durante anos fui admirador dos mares, da sua imensidão, mistério, sortilégio e temor, evocava a História Trágico-Marítima que tanto me influenciara no liceu quando me identificava com os pobres colonos e naufragos abandonados em terras hostis de gentios. Nesta fase madura, prezo mais as vagas das serranias transmontanas banhando as dunas de montes e fragas. Se as águas do mar em Portugal eram gélidas, não menos frias eram as montanhas da Bragança, cujas marés vivas surgiam com grandes nevões entre dezembro e fevereiro. Eternamente na memória, pintam alva a paisagem de contrastes, autêntico estudo de paletas de cor durante o ano. Contraste com o verde eterno que vim a descobrir nos Açores. Esta beleza verde perene que até causa náuseas. Curiosamente, cresci e amadureci a olhar o oceano, embevecido, apaixonado pelas ondas, seus movimentos, todo um ciclo lunar que me fascinava e no qual me deixava embaralhar enquanto escrevia poemas. Era no mar que encontrava a paz interior e a calma de que necessitava para resolver as contradições internas e os amores incorrespondidos. Com o passar dos anos voltei-me para o campo e as montanhas que me propiciavam a paz interior e a acalmia de que carecia para me concentrar. Foi assim que (2002) em Bragança recommencei a escrever e nos Açores (2005) olhando, com saudades transmontanas, para tremidos de terra e de montes e vacas alpinistas, desabrochou em pleno a minha veia crônica.

Em Bragança todos se habituaram, ao longo dos anos, a ver-me como um australiano que falava português, sem pressagiarem os meus antecedentes genéticos. Nem eu os confessava. Fora preciso enxergar nas entrelinhas enquanto coligia o Cancioneiro Transmontano 2005 (ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança). Li testemunhos, lendas e contarellos. Redescobri laços maternos de que andava arredado embora sempre tenha sabido como provinha da enorme ilha de Trás-os-Montes, encravada no oceano dos sargaços e algas enleantes e viscosas em rija fraga, chamada Nordeste. Portugal profundo, chamavam-lhe os governantes, como sinónimo de esquecido. Revisitei o baú das reminiscências. Recriei passos perdidos, há quarenta anos, em aldeias, vilas e lugarejos perdidos na memória de tempos idos. Visitei-os a todos. Raras vezes encontrei os coevos dos percursos da adolescência. A desertificação humana maciça, a emigração, a imigração para o litoral e a longevidade impossibilitavam a reconstrução. Poucos sobravam para falar desses tempos. Alguns, mais novos, mencionavam a memória dos avós maternos. Do tempo das aldeias pujantes e vibrantes ou da vida escrava nesse feudalismo que era a Trás-os-Montes de 1960?

Teriam progredido? Mais casas novas havia e muitas. Maiores. Bem maiores e bem mais desertas. Desertas. Velhas casas senhoriais abandonadas, inabitadas. Vazias e sós, tristes como se as casas tivessem sentimentos como as plantas. Em ruínas. Disto ninguém falava melhor do que o micalense (açoriano) Daniel de Sá no excelente livro “Os Pastores das Casas Mortas” e nem transmontano era. Das gentes sumira-se-lhes o rasto. Perdidas na voragem consumista das grandes urbes. Anónimas no litoral que o 25 de abril roubara à emigração a salto. Desaparecidas as “vendas”, os cafés e as tabernas. Nem botequins havia. Não restara quem os sustentasse. Os escassos setuagenários, congregados no adro das igrejas. Vazias. Sem serviços dominicais. Escolas abandonadas às silvas. Destroços. Poucas aproveitadas e ocupadas por novas valências. Definhavam na vegetação que se reapoderava dos terrenos. Aqui e ali medravam em túbias esperanças de turismo rural ou escolas convertidas em juntas de freguesia desertas reconvertidas em lares de terceira idade.

Em outubro de 2006, voltei a Bragança para mais um Colóquio da Lusofonia, roteiro anual repetido até 2010. Senti uma sensação estranha a preencher o vazio interior. Na rua o ar bem fresco, muito seco da cidade. 16 °C. Não chovia por isso fui a pé até ao restaurante

Poças, local privilegiado de almoços e jantares, guardado no baú mítico das memórias de 1960, antes de ter saído de Portugal rumo aos Orientes exóticos e à Austrália. Na manhã seguinte caminhei até ao Café Torre da Princesa, porto de abrigo durante anos. Revi os donos. O filho João quis ficar com o seu amigo lusco-suíço Stefan. Depois, visitei uns primos direitos do avô materno, com 83 anos, satisfeitos por serem lembrados pelos mais novos (ambos faleceriam, um após o outro em 2015, com Alzheimer num lar).

Foi então.... Nesse dia, pela primeira vez, a escassos metros daquela que fora a minha casa em Bragança, senti um apelo inesquecível. Foi então que me senti transmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo contabilizado a viver na região. Não sabia dizer porquê, mas lembrar-me-ia sempre do instante exato, já era lusco-fusco, quando senti aquela picada no coração, aquela dor profunda de mágoa e alegria, em simultâneo. Tinha acabado de encontrar as raízes. Senti os pés pesados a colarem-se ao solo. Uma experiência que se assemelha ao que se sente quando uma pessoa sabe que está apaixonada e que encontrou a alma gémea para partilhar o resto da vida. Como alguém disse, em tempos, a pátria não é o lugar onde nascemos, mas o lugar onde o coração habita. Ali estava bem visível. Descobri-a instantaneamente nas origens e raízes. Bragança mátria. Que disso não restem dúvidas. Jamais senti um apelo emocional tão forte, em parte alguma. Estou mais apegado àquela terra do que imaginei. Inenarrável sentimento. Não se descreve a quem nunca o experimentou. Sentimentos não se partilham em palavras. Para os que têm pátria ou sempre pertenceram a um local, de nascimento, trabalho ou necessidade, esta noção não se explica. Para os apátridas, sem bússola geográfica a marcar o ritmo de pertença, é fácil entender o que atrás se disse. Um dia, tentarei explicar a afeição. Não se define. É inexpressável. Há muito dizia que Sidney (e depois, Bragança) eram a base terrena. Se bem que goste de estar nos Açores e me identifique com a luta de alguns não os sinto (ainda) a todos como irmãos. Partilhamos projetos de vida e sonhos. Pode ser que me esforce, mas alguma vez serei um deles? Será que me aceitam como um igual, par inter pares.

Jamais sentira - antes deste momento mágico -, um tal sentimento de pertença. Mesmo que os coevos bragançanos me não aceitem, não preciso deles. Podemos não ter projetos comuns ou seguir vias díspares, mas fazem parte da família e esta não se escolhe. Tal como o meu pai, que dissera sempre ser de Afife (Viana do Castelo) embora nascido no Porto, sempre me afirmei australiano. De nacionalidade, que não de nascimento. Quando me perguntarem donde sou, direi Transmontano. De Bragança. Nem de propósito li, no jornal diário, que uma pessoa radicada em Castelo Rodrigo há anos, dizia “*Quando me perguntam donde, digo que sou donde está o coração.*” De facto, em Bragança ficou a minha alma. Podia ser habitada por nazis, por espanhóis invasores, por extraterrestres ou pelos meus maiores inimigos, mas sempre a sentiria minha. Essa sensação não se apaga, nem se limpa com lixívia que para esses sentimentos não há branqueador que chegue. Nada disto sinto em relação ao Porto natal onde vivi um terço da vida. Nada me diz. Vi gente em casas da Câmara, pretensamente necessitadas, com carros novos. Iam almoçar e jantar a restaurantes e marisqueiras. Vidas sem um único livro, mas gabavam o último modelo de telemóvel e TV de plasma. Turisticamente, a Ribeira e a Foz do Douro espantosas em dia de borrasca e atraentes no período estival. Já via a medieval Sé e as ruas do antigo burgo desbaratadas e maltratadas, em vez de estimadas e recuperadas. O clima cinzento, as gentes de sotaque desagradável e palavrões vernaculares incómodos. Sonoridades agrestes e demasiado vulgares para ouvidos sensíveis. Pessoas, macambúzias, preocupadas com futilidades.

A minha mulher reencontrara ex-alunos do Politécnico de Bragança, habituais voluntários do secretariado do Colóquio. Sempre alegres e contentes por a verem, sem que persistam elos de professor e aluno. Contaram projetos adiados e os já realizados. Histórias de

conquistas e derrotas. O percurso de cada um que só se conta aos amigos. Tudo isto fazia uma pessoa sentir-se bem. Parecia que sempre os conhecera. Nem fui professor deles, embora assistissem a palestras que dei na Escola Superior de Educação. Jantamos no Poças (pronunciado Pôças, tal como Sabor é pronunciado Sábôr). Fomos ao dentista, ao relojoeiro e ao sapateiro, num ritual de atos quotidianos como quando lá vivi. Recriei rotinas que já não eram atuais. Reminiscência de tempos felizes, quando sonhei permanecer ali até ao fim dos dias. Repeti atos singelos como se nunca me tivesse apartado das calçadas, daquelas casas com histórias centenárias. Idealizava que saíra apenas uns dias antes e ora estava de regresso. Vinham à memória recordações várias do tempo em que ali vivera. Não tinha a ver com pessoas, antes com o ar que respirava, com a memória das pedras, das casas, do Castelo, do nascer e do pôr-do-sol, com o calor, o frio e a neve, as trovoadas, os sotaques e a memória de tempos ancestrais que não vivi, mas que sentia como se fossem meus.

Passei hora e meia na feira. Comprei fatos, calças, sapatos, camisas, e o que a minha mulher necessitava para ela e filho. Na primeira tenda disseram-me que já ali tinha comprado uns pares de calças. Noutra, reconheceram o casaco que levava. Rapidamente me enrouparam como novo.... Se bem que fizesse muitas compras, nas feiras trimensais jamais me ocorrera ser recordado pelos feirantes, quinze meses depois.

Encomendei no antigo açougue, as típicas alheiras de fabrico artesanal, cuja falta sinto em S. Miguel. Gosto de quase todos os enchidos, e na Austrália deliciava-me com os húngaros, mas nunca me acostumei aos dos Açores. Evoco, com saudades, o tempo em que a avó materna, as tias-avós e primas faziam a matança do porco e em outubro enviavam as primeiras alheiras; na Páscoa, os folares e bolas de carne; e no verão, a compota de ginjinha. Seguiram-me para todos os países menos para a Austrália que ali não podia entrar comida estrangeira. Comera alheiras e ginjinha feitas pela família em Timor, em Macau e noutros locais. Ainda sentia no palato o seu sabor distinto, sempre me acompanhara como um cordão umbilical. Há paladares que são como os odores, nunca se apagam do subconsciente.

No antigo Largo do Toural encontrei idosos repetindo tradições centenárias, agora que já não se mercadejava gado naquele local ocupado por delegações bancárias e outras instituições. Ali estavam em amena cavaqueira como haviam feito durante um século ou mais quando se deslocavam das aldeias para a feira nos dias 3, 11 e 22 de cada mês. Recriavam a memória coletiva de um povo para quem as mudanças de local da feira e o progresso urbano pouco ou nada representavam... sabiam qual o lugar que ocupavam. Vi casas renovadas na velha urbe e na Cidadela nesta cidade galante, aprazível e bela. Paisagens de quilómetros, até onde a vista alcança na Serra de Sanábria e nos montes do Parque Natural de Montesinho. A parte de cima da rua onde vivi, Avenida do Sabor, ora denominada Cidade Zamora, vítima de um esventramento com modificação de passeios e eixos viários. Decerto a embelezaria mais. Não conhecia obras há quatro décadas, desde que fora rasgada como última saída da cidade, rumo a Espanha, o reino vizinho onde se ia ao supermercado, meter gasolina mais barata. Que algum proveito sobriaria para os espanhóis além de despertarem ódios antigos e rivalidades nunca extintas na restauração da independência de Portugal, e hoje frequentemente esquecidos. Se bem que nalguns locais do distrito não se notasse diferença entre a fronteira que os homens marcaram e as pessoas que lá habitavam, como em Rio de Onor, noutros a fronteira era meramente um inconveniente, memória de contrabandos e de perseguições da Guarda Fiscal de Portugal e da Guardia Civil espanhola. A história comum das gentes da Raia era feita de famílias unidas ancestralmente pelo matrimónio, interesses comerciais que substituiu a atenção que as capitais dos dois Reinos não prestavam às gentes esquecidas no interior profundo. Surpresa foi ver o sonho antigo da Ponte de Quintanilha erguida por entre vales e montes. Acabara a ridícula continuidade do itinerário IP4, pela estreita estrada de montanha, ao longo de seis quilómetros até à fronteira. A ponte seria inaugurada em 2009. A prometida autoestrada finalmente chegará, e dera os primeiros passos com o túnel do Marão nas entranhas da serra (meados de 2009) antes de uma providência cautelar o mandar parar. As obras depois pararam por três anos sendo retomadas em finais de 2015.... Continuava a escutar os programas radiofónicos locais para fingir que fazia parte desse rincão. O passeio dos colóquios levou-nos a Miranda do Douro, sempre bonita, limpa, bem recuperada e interessante. Receção com a Capa de Honras na Câmara Municipal. Visitas ao Museu, Biblioteca e Centro Cultural. Encheram-nos de explicações e partilharam o orgulho mirandês que bem falta ao resto do país. Nota negativa para a velha funcionária da Sé que não nos deixou visitar a Catedral. O clero consegue ter destas simpatias. Talvez fosse a megera que há anos repetira a proeza. Pois desde 1980 que não fotografava o Menino Jesus da Cartolinha. Iria fazê-lo em 2008. Todos gostaram e aprenderam a existência da segunda língua oficial.

Os dias passados nessa viagem da descoberta da matéria chegaram ao fim, era hora de fazer as malas. O João (Nigel) de volta, delirando de alegria. Revira o melhor amigo e a aldeia dele, Babe. Este filho mais novo adora aldeias e velharias como igrejas, castelos, etc. Saiu rural. Para o ano regressará. As hipóteses de ali voltar a viver são profissionalmente impossíveis na atual conjuntura.

(ADAPTADO DE CrónicaAçores: uma circum-navegação vol. 1, de J CHRYS CHRYSTELLO, ed. VerAçor)

85. CRÓNICA 85 - RESCALDO DO 14º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, 7 outubro 2010

Ainda bem para Bragança e sua Comissão de Toponímia que os Colóquios não previram a presença de luminárias do velho regime político como Hermano Saraiva e como Veiga Simão pois teríamos uma mudança radical da toponímia local. Em verdade, vos digo que nunca imaginei ao convidar (pela primeira vez) Adriano Moreira em 2008 para o Colóquio desse ano que ele fosse doar o seu espólio a Bragança e jamais esperaria que ele quisesse ser convidado, de novo em 2009, mas daí a termos o Centro Cultural com o seu nome, uma praça e sabe-se lá que mais, vai uma grande distância.

Que me perdoem os que não simpatizam com ele, pois sempre o achei um politólogo brilhante, refulgente na oratória de uma cultura vasta, o que nunca me fez simpatizar com os seus ideais políticos ou outros, e, longe estava eu de o querer ser motivo de controvérsia para a autarquia. Convidei-o para os colóquios por se tratar de uma figura notável que poderia acrescentar mais-valias aos oradores convidados em 2008 e 2009, mas daí a ele ser a causa do batismo de centros culturais e outros vai uma grande distância. Grato fico pela doação do seu espólio que constituiu um enriquecimento do património cultural local, mas haja tento na retribuição dessa doação. Um dia contarei a epopeia da sua chegada ao colóquio em 2 outubro 2008....

Dito isto, garanto que não convidarei mais nenhum membro do antigo regime para se deslocar aos Colóquios da Lusofonia a fim de evitar divisionismos políticos, ou outros, no seio das boas gentes minhas conterrâneas. Caso contrário ainda mudavam o nome de Bragança.... Pela parte que me toca, ao manter ao longo de oito anos, os Colóquios da Lusofonia em Bragança, trazendo aqui alguns dos grandes académicos da Língua Portuguesa, servi de contributo para colocar a ancestral Bragança como cerne e capital da Lusofonia durante os dias dos colóquios.

Infelizmente, desde a primeira hora, as gentes da terra ignoraram esta iniciativa, quando não a boicotaram mais ou menos ostensivamente. É pena, pois foi uma inteligente aposta inicial da autarquia apoiar os Colóquios, que há muito têm o seu nome e logótipo como marca registada em todo o mundo, mas estão indelevelmente ligados a Bragança, porquanto daqui cresceram até ao que hoje são: uma voz incómoda que martela incessantemente a necessidade de lutar pela Língua de todos nós, pela aplicação do novo Acordo Ortográfico, pela tradução de obras portuguesas, pelo ensino de português no mundo, como língua estrangeira e língua segunda, motor da tradução de obras portuguesas.

Pena foi que, apesar de um protocolo com o Instituto Politécnico de Bragança, este nunca soubesse aproveitar as sinergias do evento e aproveitá-lo para seu benefício. Ao longo destes anos trouxemos poesia, música e literatura de vários cantos do mundo onde a língua portuguesa é falada, estabelecendo pontes que, de outro modo, não existiriam, mas foi sempre um movimento unilateral, pois não conseguimos levar Bragança ao resto do mundo como ainda este ano aconteceu quando realizámos o 13º colóquio no Brasil, e de Bragança apenas foi o meu coração. Propusemos geminações, delegações e representações, mas nada aconteceu. É assim com as gentes de cá inabitadas a receber sem nada se lhes pedir em troca.

Hoje, os Colóquios da Lusofonia e o seu logótipo não são só um nome e uma marca registada que iremos perseverar para continuarem a representar o escol da língua, literatura e cultura lusófonas. Pela parte que me toca, Bragança é e será sempre a minha mátria, o húmus onde as minhas raízes medraram e onde a minha existência melhor se explica. Tal

como a Língua Portuguesa, Bragança será sempre a terra dos meus ancestrais e património dos meus descendentes. A minha mulher não terá ciúmes desta declaração de amor a Bragança, pois também apreciou muito cá viver os anos que a vida profissional lhe proporcionou.

Aqui germinaram, com a astúcia do nosso anfitrião, Presidente da CMB, Eng.º António Jorge Nunes, inúmeros projetos propostos pelos Colóquios que fazem de Bragança uma cidade culturalmente bem mais rica do que era quando saí de Portugal em 1972. Queiram as gentes da terra fazer por ela o que fiz ao longo destes anos, sem benesses ou mordomias, sem pretender fama, glória ou apoios materiais.

Antes da sessão de abertura deste 14º colóquio fomos convocados pelo Senhor Presidente da CMB (Câmara Municipal de Bragança) para uma reunião onde estiveram a Vereadora da Cultura, a Diretora da ESE (Escola Superior de Educação) do IPB (Instituto Politécnico de Bragança) e os Colóquios, representados pelo patrono Professor Doutor Malaca Casteleiro, Chrys e Helena Chrystello.

Era intenção da CMB que a recém-criada Academia de Letras de Trás-os-Montes, apoiada pelo IPB, tomasse parte ativa a organização dos colóquios, definição de metas e objetivos. Logo declaramos que apesar da boa vontade do Diretor do IPB, a ESE nada fizera pelos colóquios, pois havíamos inclusive desafiado a instituição a criar uma Cadeira de Estudos Transmontanos e nada fora feito.

Foi-nos respondido que a vocação, o currículo e a própria estrutura da ESE não estavam para aí voltadas, ao que retorquimos que, na mesma data, propusemos a criação de uma cadeira de Estudos Açorianos e a Universidade do Minho (sem contactos nem ligações nem currículo relevante) acabara de a criar dia 25 de setembro (quando lá estivemos para a sua inauguração). Abordagens e visões diferentes.

Nesta reunião, a mais tensa que tivemos com a autarquia desde o início desta parceria, foi levantada a suspeita de os colóquios não terem existência legal, afirmação à qual respondemos estranhar a questão, após oito anos de apoio da CMB aos mesmos.

Foi informada a CMB de que os Colóquios da Lusofonia e o seu logo são marcas registadas pelo que não poderiam ser usados por outrem.

Dada a irrevocabilidade de posição da CMB fazendo condicionar todo o seu apoio futuro a uma adesão a este modelo de cooperação ficou decidido que os Colóquios da Lusofonia iriam consultar o outro patrono, entidades detentoras de protocolos com os mesmos e o chamado “núcleo duro” dos colóquios para se tomar uma decisão.

Foi afirmado pelos Colóquios ser sua intenção, tal como explicitado no ponto 26 das Conclusões do XIII Colóquio, registarem-se como associação permitindo assim um diálogo melhor com a CMB como esta pretendia. A intransigência da CMB surpreendeu tanto mais que a citada Academia de Letras de Trás-os-Montes só se reúne para ser oficialmente criada no dia 5 de outubro de 2010.

Dos parceiros da dita Academia foram mencionados a Academia Galega da Língua Portuguesa e a Academia de Ciências, entre outras entidades de menor reputação.

Os Colóquios há anos que pugnam por uma verdadeira Academia de Letras a nível nacional e não com academias regionais que só servirão para congregar menos valias por mais nomes de vulto que as encabeçam como é o caso.

A propósito transcrevem-se excertos da entrevista dada à comunicação social:

“O responsável pelos Colóquios da Lusofonia acredita que as academias regionais não servem os interesses da promoção da língua e da literatura. Chrys Chrystello não apoia criação da Academia de Letras de Trás-os-Montes. Chrys Chrystello considera que as academias regionais, como a Academia de Letras de Trás-os-Montes, não servem a devida promoção da literatura.

O organizador dos colóquios da Lusofonia não quer a disseminação das academias regionais e defende uma só academia de letras para o País.

O linguísta e organizador dos Colóquios da Lusofonia, Chrys Chrystello, teme que a Academia de Letras de Trás-os-Montes sirva de veículo para a promoção de autores menores.

O especialista considera que uma academia de letras necessita de muitos associados para ser viável e, por isso mesmo, o crivo da associação pode-se tornar demasiado complacente com autores de qualidade inferior. “Nós não queremos a disseminação das academias regionais, tal como acontece no Brasil com as academias estaduais sem representatividade, em que, usando uma expressão popular, qualquer bicho careto que escreve um livro é membro dessa academia de letras - isto sem menosprezo para com os grandes nomes que estão citados para encabeçar a Academia de Letras de Trás-os-Montes - mas sabemos que uma academia dessas para vingar vai necessitar de dezenas ou centenas de pessoas, que serão valores quiçá menores da literatura e, portanto, passaríamos a dar cobertura àquilo que não pretendemos.

Pretendemos uma academia de letras para todo o Portugal, uma academia que possa funcionar”. Chrys Chrystello considera que as academias regionais, como a Academia de Letras de Trás-os-Montes, não servem a devida promoção da literatura.

O organizador dos colóquios da Lusofonia não quer a disseminação das academias regionais e defende uma só academia de letras para o País.”

86. CRÓNICA 86 - A DEMOCRACIA QUE TEMOS -14 outubro 2010

Ando há muito para escrever o que penso, sem temor de ser levado pouco seriamente, ou levemente, pelos pensamentos negativistas que me preenchem. Continuo a ver similitudes - demasiadas - entre a atual situação europeia e a que precedeu duas guerras mundiais. Desta vez, quem está por detrás da crise global é a banca, que, incansável, na sua ânsia de lucros a todo o custo, conduziu à atual situação de crise. Ainda não entenderam os neoliberais que isto de fazer lucro a qualquer custo tem o seu preço. Longe vão os dias em que os lucros eram reinvestidos em ações produtivas de maior riqueza, agora limitam-se a servir de moeda de troca em vis especulações que nada acrescentam à riqueza e à economia de cada país. Acabei de ver na TV um banqueiro português dizer que os líderes partidários teriam de mostrar a sua verdadeira dimensão de líderes e aprovarem o novo orçamento português se quisessem ter a dimensão que ambicionam. Claro está que o homem disse isto com o ar mais sério do mundo, sem constrangimentos, como se não estivesse a pressionar um entendimento entre os dois maiores partidos para aprovarem um orçamento que corta tudo aos pobres e classe média, deixando incólumes os restantes. Interrogo-me, numa de populismo fácil, porque o entrevistador não perguntou ao banqueiro *“Se está tão interessado em salvar Portugal porque é que a Banca não paga de IRC o que as pessoas pagam de IRS, ou seja, em vez de 3% passavam a pagar 30%...de imposto.”*

Todos falam em reduzir salários aos que ganham pouco ou mal, o que obviamente vai reduzir o consumo e ter uma influência deflacionista na economia que se vai contrair e receber menos de impostos. Poucos falam em reduzir o número de deputados, de câmaras municipais, de juntas de freguesia, de conselheiros e assessores, de motoristas do estado e de outras mordomias inoportáveis que urgia terminar se o país está tão mal como nos fazem crer. Eu, que até já fui estudante de economia, fazia isso como medida de salvação nacional, cortar aos ricos para dar aos pobres, sem ser Robin Hood, acabando com a acumulação de reformas, com as reformas douradas, privilégios vitalícios de ex-governantes e de ex-políticos e essas poupanças iriam drasticamente reduzir o défice nacional. Mas claro está que nada disso vai acontecer, se o país falir como a Islândia ou a Grécia. Por outro lado, as massas só aguentam a opressão até um determinado ponto antes de explodirem, sempre foi assim, com ditaduras de anos, décadas ou séculos. Mas para tal precisam de elites capazes, e isso é um busilís, pois não existem em Portugal, para movimentarem as massas famintas e despossuídas que aqui pululam. Houve-as fermentando antes da primeira república e antes do 25 de abril, mas agora, com honrosas exceções, não se conhecem muitos capazes e sem eles, as massas não saberiam que fazer quando saíssem à rua e o esforço seria inútil. Em França, ainda há massa cinzenta para mobilizar as maníes de rua, mas no resto da Europa são uma massa amorfa e desinteressada, incapaz de se movimentar revolucionariamente...ainda se fosse pelo futebol! Claro que se pensam que isto muda sem uma revolução, desenganem-se, isto precisa de multidões na rua, capazes de apearem os líderes de barro que governam esta Europa e cujo passado nos faz temer o pior. Temos um Durão Barroso na Presidência da UE, um homem que nem primeiro-ministro conseguiu ser no seu país. Temos como vice-presidente do Banco Europeu, um homem que, à frente do Banco de Portugal, deixou que os maiores desvarios e falências de bancos acontecessem sem se dar conta deles. Temos outro ex-primeiro-ministro que fugiu e foi dar migalhas aos refugiados do mundo. São eles a face visível desta Europa desvairada em que vivemos.

Como lia, há dias, na internet o que seria preciso, entre outras coisas, era:

Acabar com as pensões vitalícias e restantes mordomias dos ex-presidentes da República (foram PR, receberam os salários pelo serviço prestado à Pátria, não têm de ter benesses por esse facto, tal como as não recebem as sociais democracias do norte da Europa); e dos primeiros-ministros, ministros, deputados e outros quadros (os Srs. deputados receberam o ordenado aquando da atividade, não têm nada que ter pensões vitalícias nem serem reformados ao fim de 12 anos; quando muito recebem reforma aos 65 anos de idade como os restantes portugueses - veja-se o caso do Sr. António Seguro que na casa dos 40 anos de idade já tem direito a reforma da Assembleia da República);

Reduzir o nº de deputados (para 50 ou menos, 18 chegam: um por cada uma das antigas províncias);

Reduzir o nº de ministérios e secretarias de estado, institutos e outras entidades criadas artificialmente, algumas desnecessárias e muitas vezes até redundantes, apenas para dar emprego aos "boys";

Acabar com mordomias na Assembleia da República e Governo, e ao invés de andarem em carros de luxo, usem transportes públicos, como nos países ricos do norte da Europa (no dia em que se anunciou o aumento dos impostos por falta de dinheiro, o Estado adquiriu uma viatura de 140 mil euros para os VIP que nos visitarão);

Acabar com os subsídios de reintegração social a vereadores, presidentes de Câmara, e outras entidades (multiplique-se o número de vereadores pelo número de municípios e veja-se a enorme imoralidade que aí grassa);

Acabar com as reformas múltiplas acopladas a vencimentos

Criar um teto para as reformas do setor público, em que nenhuma poderá ser maior que a do PR;

Acabar com o sigilo bancário;

Criar um quadro da administração do Estado, para que quando um governo muda, não mudem centenas de lugares na administração do Estado;

Depois da ressaca das novas medidas de austeridade que vêm aí, os governantes pedem poupança, contenção e mais sacrifícios, mas adquirem uma viatura para convidados do Estado: Mercedes S450 CDI de 140.876€. A explicação dada falava de elevado custo de manutenção da anterior viatura e obrigações protocolares. Um cidadão normal que tenha um carro antigo e a precisar de uma revisão geral o que faz? Não brinquem connosco. Se não temos dinheiro e estamos em restrições alugue-se um carro por dias ou compre-se um carro híbrido mais em conta. Receber com dignidade não é o mesmo que suntuosidade. É uma vergonha! Depois queixem-se, o povo - «o povo é sereno» - tem que acordar para isto e muito mais. Esta notícia veio a lume, mas haverá outras peripécias que não se sabem. Definitivamente o exemplo não vem de cima e assim não vamos lá. O Presidente da República deveria inviabilizar a compra. Devido à cimeira da NATO compramos carros, e por outro lado são estes senhores europeus que nos mandam apertar o cinto. Um verdadeiro paradoxo... Não seria vergonha pedir um carro emprestado à Europa para as nossas obrigações protocolares. Que dirá a maioria dos portugueses que gostariam de trocar de carro e não têm possibilidades para isso? Muito obrigado por aumentarem as taxas sobre os nossos carros velhos e poluentes, mas não temos dinheiro para um mais económico e menos poluente. Não há dinheiro não há gastos. Este episódio mostra a nossa cultura permissiva - «quanto mais me bates mais gosto de ti»

Como escrevia o diretor do semanário (de que não gosto, mas neste caso, concordo)”

Sol” 5 de outubro, 2010 (excertos de José António Saraiva)

Os republicanos não faziam a menor ideia do que era governar, criando todas as condições para o aparecimento de um Messias. As comemorações do primeiro centenário da República criarão nos espíritos menos avisados a ideia de que I República foi um mar de rosas. Ora não pode haver ideia mais enganadora. O regime republicano, em lugar de salvar Portugal, mergulhou-o numa crise profundíssima, criando todas as condições para o aparecimento de um Messias. Os republicanos e seus sucessores detestam Salazar. Ora Salazar não surgiu do nada. A sua subida ao poder e o seu longuíssimo consulado explicam-se pelo estado desgraçado e caótico em que a I República deixou o país. Do ponto de vista económico, financeiro, da ordem pública, do prestígio do Estado, em suma, de quase todos os pontos de vista, a República foi uma autêntica calamidade. Começemos por um tema pouco abordado por ser incómodo: a violência. Depois das desgraças da guerra civil e dos tumultos militares da primeira metade do século, Portugal parecia ter entrado na rota da acalmia e do progresso. Mas a República, de mãos dadas com a Maçonaria e a Carbonária, trouxe a violência de volta em 1908, com o assassinio do Rei e do príncipe herdeiro. O 5 de outubro nem foi violento - e a Monarquia caiu quase sem sangue. Mas a partir de 1915 deu-se a revolta que depôs Pimenta de Castro e fez mais de 100 mortos, depois foi o atentado contra o chefe do Governo João Chagas, os assaltos em maio de 1917 que provocaram mais de 50 vítimas, a Leva da Morte, o assassinio de Sidónio Pais, a Noite Sangrenta com as suas rondas da morte e o massacre de alguns fundadores da República desiludidos com o regime como António Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia - isto sem contar com um sem-número de revoltas que provocaram mortos e feridos e em certos períodos atingiram um ritmo semanal. Como ponto alto deste período marcado pela violência civil e militar, temos a famosa carnificina da Flandres, que custou ao país 15 mil mortos de jovens na flor da idade, mandados para a frente de combate pelo fervor ideológico de Afonso Costa e companheiros. O movimento militar de 28 de maio e a ocupação do poder pela tropa, e a subida de Oliveira Salazar à chefia do Governo, seis anos depois, foram recebidos com um suspiro de alívio. Finalmente o país tinha paz! A República fundou-se em duas ideias, ambas erradas: que as causas do atraso de Portugal estavam, em primeiro lugar, na existência da Monarquia, e em segundo na influência da Igreja Católica. Ora, a existência da Monarquia não impedia o progresso, pois países avançados como a Inglaterra, a Bélgica ou a Holanda não precisaram de depor a Coroa para se desenvolverem. Mas os republicanos acreditavam piamente que Portugal era atrasado porque tinha um Rei - que protegia os padres, que tinham uma influência nefasta sobre o povo. Assim, a primeira coisa que os republicanos fizeram, depois de deporem a Monarquia, foi perseguir a Igreja, confiscar-lhe os bens, acabar com o ensino religioso e afastar a Igreja Católica da área do poder e influência. Só que, depois de tudo isso, os republicanos concluíram com angústia que o país não se desenvolvia, pelo contrário, definhava. Ou seja, verificaram que o país não era atrasado por causa do Rei e dos padres, mas por outras razões. A República fez com que Portugal se tornasse mais pobre porque o clima de instabilidade política e de violência assustou os industriais e os banqueiros, travando os investimentos e dizimando os poucos embriões de um Portugal moderno que existiam no princípio do séc. XX. No século anterior o país tinha conhecido um certo desenvolvimento, tendo surgido um grupo de industriais e banqueiros com espírito capitalista - Alfredo da Silva, Burnay, Sottomayor, etc. - que renunciava a entrada de Portugal nos tempos modernos. Ora estes embriões de um país desenvolvido foram dizimados na I República, levando o país a andar para trás. Perante um quadro tão negro, Salazar, quando subiu ao poder, tinha tudo para vencer. Bastava-lhe fazer exatamente o contrário do que fizera a República, ou seja: restabelecer a ordem pública e a autoridade do Governo, equilibrar o Orçamento, normalizar as relações com a Igreja. Salazar só não restaurou a Monarquia porque, embora sendo monárquico, viu que isso ia criar uma polémica desnecessária e percebeu que, à falta de uma classe empresarial, tinha de concentrar no Estado o desenvolvimento do país. Substituiu o internacionalismo republicano, assente em ideias importadas de fora, por um nacionalismo intransigente. Com estas ideias e uma eficácia na ação, Salazar teve de início um apoio popular enorme. No ano em que assumiu a pasta das Finanças (1928) equilibrou as contas públicas e recusou um empréstimo da Sociedade das Nações, considerando as condições humilhantes para Portugal. Por isso foi designado o mago das Finanças. E rapidamente restabeleceu a ordem pública.... É certo que o fez à custa de uma Polícia política execrável, da proibição dos partidos, da censura à imprensa e do mais que sabemos. Mas, para termos uma ideia comparativa, durante o período que durou o Estado Novo foram mortos ou morreram na prisão 50 militantes do PCP (o partido mais fustigado pela PIDE). Isto, note-se, em 48 anos. Ora este número de mortos era frequentemente alcançado numa só noite, nas constantes revoltas que marcaram o tempo da I República. Salazar, ainda nos anos 40, evitou a entrada de Portugal na II Grande Guerra. Fez o contrário do que tinham feito os republicanos: que tinham mandado os soldados para a Flandres, mal equipados e mais mal-armados, para

servirem de carne para canhão, e não só optou pela neutralidade como convenceu o vizinho Franco a fazer o mesmo. Em plena guerra na Europa ainda organizou em Lisboa a grande Exposição do Mundo Português (1940). Da fugaz I República ficaram, pois, as boas intenções: educar o povo, proteger o povo, contar com o povo. Mas esse mesmo povo abandonou a República pensando que de boas intenções está o Inferno cheio. Isto também explica que a República tenha durado uns escassos 16 anos, enquanto o período seguinte (1926-74, durou uns longos 48 anos. Tudo somado, pode dizer-se que a I República não deixou saudades.

Ora bem, como já me aconteceu na Austrália nos anos 90 em que não me via representado pelos Trabalhistas de Bob Hawke, o equivalente socialista lá do sítio, também aqui não me vejo representado pelo Sócrates, e gostando do poeta Alegre não quero o político Manuel Alegre na liderança. Não antevejo que saiam grandes líderes da segunda linha dos dois principais partidos portugueses, capazes de revolucionar o país, as gentes e as mentes, se é que tal propósito pudesse estar nos seus desígnios. Andam todos demasiado ocupados a preservar direitos e mordomias. Há muito que, na Europa e no resto do mundo, desapareceu a última réstia de ética. Esta a democracia que temos e com a qual temos de viver (não nos esqueçamos de que Adolfo Hitler também foi eleito pela maioria do seu país). Há ditaduras que duram imenso, na Coreia já lá andam desde meados da década de 1950, na Rússia foi desde 1917 até final do século passado, em Cuba ainda lá andam os manos Castro, em África existem inúmeros exemplos de longevidade ditatorial e na Ásia também. Agora, no mundo ocidental temos uma ditadura democrática imposta pelos homens da Banca. E que faço eu? Em vez de escrever manifestos, como este e outros, contemplo a beleza da língua e cultura dos antepassados e limito-me a tentar que perdure nos colóquios da lusofonia...

87. CRÓNICA 87. I HAD A DREAM II. O SILÊNCIO DOS BONS. DO DEGELO A MAIA-KOVSKI, 26 outubro 2010 ([TRABALHO DESENVOLVIDO SOBRE A CRÓNICA 37](#))

87.1. OS FILHOS

"O que mais preocupa não é nem o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons" Martin Luther King

Deputados, administradores de bancos e empresas públicas com reformas chorudas e corrupção. Lucros exorbitantes nos bancos e empresas com administradores ex-ministros, ex-deputados, ex-qualquer coisa recebendo dividendos desmedidos.

"... O que podes fazer pelo teu país?" perguntou J. F. Kennedy.

Os professores foram os escolhidos para bode expiatório com as carreiras congeladas. Os alunos, sem estudarem, passam para não estragarem as estatísticas de Bruxelas e a ministra faz um brilharrete. Pena ser um fogacho de curta duração que os vindouros lamentarão. Querem-se políticos a pensarem no país, a congelarem uns 150 deputados inúteis, a desburocratizarem, a pensarem no progresso da Nação sem betão nem alcatrão. Queremos vê-los num hospital, repartição, tribunal, transportes públicos coletivos, a tirarem o seu número na fila sem privilégios nem mordomias, sem médico de família, como milhões de portugueses. Devaneei que o país tinha deixado de ser Lisboa. Idealizei aldeias, crianças em escolas reativadas, campos cultivados e idosos a usufruírem de boas reformas. Não podia continuar silente. Tinha de erguer o grito de revolta pois o que ouvimos é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. Ando a matutar nisto.

Nos Açores, no princípio do ano (2006), nada havia de relevo nacional ou mundial a assinalar, a não ser a repetição de tradições. O dia dos amigos, uma semana depois o das amigas, agora deturpado das origens. Uma mera desculpa para umas jantaradas com sessões de striptease masculino ou feminino, conforme a audiência. Entretanto, começavam na quarta-feira de cinzas as romagens (como aqui se chama às peregrinações) que durante as semanas seguintes enchem as estreitas estradas com o seu colorido e os seus cânticos noutra manifestação de fé ancestral, também esta mesclada de paganismo religioso.

O que se passa, de facto (mas como é invisível não é comentado), é a perda irreparável dos laços tradicionais entre pais e filhos, muitas vezes mantida através da “compra” da sua presença por viagens e estadias. Tinha observado o fenómeno não só no seio da família alargada, mas em famílias que me rodeavam e em todas se verificava idêntico fenómeno. Lembra-me de, durante as mais de duas décadas e meia em que estive expatriado, sempre ter tido o cuidado de voltar de férias a Portugal para ver pais e filhos. Ainda hoje lamurio que com os gastos dessas viagens não tivesse aproveitado para viajar mais pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Nova Caledónia, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas. Não é que tivesse saudades, pois essas perdera-as pelos 23 ou 24 anos. Cria piamente que tinha a obrigação de vir a Portugal ver os de cá, já que, os de cá jamais iriam lá...por mais bilhetes de avião que lhes mandasse ou por mais súplicas que fizesse. Vim para estar com a família, primos e descendentes. Mantive sempre este vínculo a um passado mítico. Só muito mais tarde viria a desmistificar. Os filhos gémeos, mais velhos, foram crescendo a milhas. O contacto era mais assíduo enquanto estavam todos longe. A partir do momento em que passei a residir no país, esse convívio foi-se esvanecendo. Por mais tentativas que fizesse, nunca consegui repô-lo ao nível da distância. Acabei por me acomodar. Aceitei a opção deles, que nunca a minha. Tudo mudara ao radicar-me, em 1996, definitivamente neste cantinho à beira-mar prantado. Foi como se uma barreira, até aí inexistente, se erguesse. Como pai, pretensamente almejado, porque longínquo, passei a ser indesejado, penso ingenuamente, por ter deixado de ser o pai “rico” dos presentes...Estando aqui podia querer intrometer-me na vida deles. Nunca o fizera. Não eram esses os designios, nem esboçara tenção de o fazer. Enquanto o benjamim Johnny Boy crescia (e já ia nos dez anos), a filha estava na Austrália (já há anos sem vir, depois duma série de visitas dos 8 aos 13 anos). Qual não fora o espanto quando (fevº 2006) comunica que decidira juntar dinheiro para ver o pai e demais família ... Assim o fez e muita alegria dera. Pouco antes (dezº 2005), voamos pelo Atlântico mar para passar o Natal com a octogenária mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação, pois reconhecia (se bem que começasse a ter sérias dúvidas) que os filhos tinham esse dever. Até então, esperava que os seus e os dela fizessem o mesmo. Não tivera essa sorte. O primo de Ponta Delgada tem duas filhas expatriadas, em Lisboa e em Angola. Regularmente vêm visitá-lo (quando não são eles a irem lá). O segredo: apostou nos incentivos económicos à vinda delas. Outro casal tem filhos únicos aqui noutras ilhas. São eles que cá vêm. A alternativa era enviarem bilhetes de avião para os filhos os visitarem. Discordo. Já decidi que, a partir de agora, quem vier cá virá à sua custa, sem subsídios. Então não apregoo que faço os colóquios sem subsídios? Estive [e estava ainda] sempre disposto a fazer tudo o que fosse preciso pelos pais. Sonhara durante anos que isso se repercutiria. Já não tenho ilusões. A relação não era biunívoca, as gerações não eram estanques. Que se passou, no país e no mundo? Erramos na educação dada aos filhos? Não inculcamos valores pelos quais nos guiamos durante a vida? Não soubemos transmitir esses laços? Algo de errado devemos ter feito. Ou será apenas a sociedade que nada tem a ver com a nossa. O casamento deixou de ser uma meta. Os jovens agora amancebavam-se para ver se dá. Para pagarem menos impostos. Se não der ou quando não der, é muito mais fácil e económico, cada um vai à sua vida. Os filhos não programados vêm quando vêm. Depois logo se vê. Entretanto, usufruem da vantagem de os pais serem à moda antiga. Sempre vão colaborando com o que for preciso para terem a alegria de verem os netos.... Havia, na infância, uma palavra para os definir: palonços.... Os filhos irão aprender à custa própria, como os pais fizeram e antes deles os avós e tantos outros. Esta apenas é uma reacção ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal, que ocorre em volta, para a qual a minha geração não estava preparada. Como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para arrostar com provações e prosseguir. Quando os filhos aprenderem as duras realidades do custo de vida é bem provável que telefonem aos pais a solicitar a comisseração. Mais um pequeno subsídio para enfrentarem as dificuldades. Estou profundamente cético e negativista, nesta matéria, pois sei que a velhice (com ou sem subsídios) vai encontrar um grande silêncio por parte deles (filhos), incapazes de nos verem envelhecer como vira envelhecer e soubera aceitar graciosamente as mudanças que isso implicou nos seus pais. A missão de pai já não é a mesma. Hoje para além de trabalhar e garantir o sustento da família, deve educar e orientar em vez de conduzir a vida dos filhos. Por mais ocupado que possa estar, deve dispor de tempo que não tem para conversar e estar junto aos filhos. É um engano pensar que estes irão de alguma forma pensar automaticamente que os amamos pelo simples facto de amar. É necessário um esforço constante e consciente para partilhar os verdadeiros sentimentos e pensamentos por meio de palavras, de uma maneira aberta e confortável. Principalmente, de atitudes e exemplos. É preciso estar ciente que com o passar dos anos muitas coisas evoluíram e se transformaram, inclusive no que diz respeito à relação entre pais e filhos. Não podemos agir como os nossos pais agiam no passado. Estamos em constante evolução e nada melhor que muito bom senso e muito amor para educar os nossos filhos, para manter um bom relacionamento. Na Austrália havia 97% de coisas positivas, mas queixava-me dos 3% que abominava, pela inumanidade de tratamento dos pais pelos filhos. Ao vir para Portugal pensava encontrar aqui esses 3% que me tinham feito falta. Enganara-me, ambos os países tinham sociedades similares de desprezo pela terceira idade. Já sabia como desiludira os meus pais durante décadas. Queria de mim uma imagem outra, dum espelho em que eu não estava, e a que não pertencia. Nada disso pedia aos meus filhos. Iria agora tentar concentrar-me no mais novo. Dar-lhe o mais que pudesse da sua geração, em termos de experiência e de conselhos úteis. Beneficiara de ter vivido mais tempo com ele do que qualquer um dos outros. Para mim foi ótimo. Seria recíproco? Quanto ao resto forçosamente iria fazer os mesmos telefonemas que fazia para a minha mãe, sem me lembrar de que raramente recebia um telefonema dos filhos. Se queria saber deles teria de tomar a iniciativa. Curiosamente, a sua mãe começava a estar aflita e a contar a toda a gente que se arrependia de ter obstado a deixar-me seguir a carreira das Letras e Humanidades que ele pretendia. Sossegara-a, estava perdoada. Não fizera mal. Chegara, na mesma, ao seu destino. Tivera de fazer uns milhões de quilómetros de desvio, mas chegara. Já não recrimino os meus pais por não me terem deixado seguir Direito em Coimbra.

Escrevera direito por linhas tortas. Assim corriam as modas (fevereiro de 2007).

87.3. DO DEGELO A MAIAKOVSKI

Entretanto chegam as notícias do mundo e são cada vez mais animadoras para os pessimistas. No Ártico, o degelo prossegue a ritmo galopante. Em menos de um século é provável que aquele continente desapareça da mesma forma que os gelados de verão desaparecem: derretidos. Já na Gronelândia e na Terra de Magalhães o degelo é cada vez mais acentuado. Não é caso para alarme dizem uns, que comentam que mesmo que o planeta parasse instantaneamente as suas emissões de CO₂ hoje, já nada conseguia parar o degelo e o aquecimento global desta pequena parcela de universo onde vivemos. Plenamente de acordo. O aquecimento global deve ter acabado por volta de 1990 e o degelo do Ártico é compensado pelo aumento da massa gelada na Antártida. O que existem são mudanças brutais climáticas causadas pelo homem, mas não na forma indicada. Manipulações de clima, chemtrails, colheitas artificiais, manipulação genética e outros quejando são os culpados, mas isso sou eu que digo e - como todos sabem - eu pertenço à teoria da conspiração.

Isto prova o progresso da humanidade. Imparável como está este avanço tecnológico só terá retrocesso quando o homem deixar de existir na terra. Aliás que é que 250 mil anos de Homo sapiens deixaram de herança? A guerra, a fome, e tantas outras qualidades boas que seria cansativo enumerá-las. Cumpre recapitular: quem continua errado sou eu e não o mundo. Preocupados como andam com os cartunes islâmicos, com as ameaças de terrorismo, com a guerra do Iraque e quejandos, só darão conta das mudanças de clima quando a água chegar ao pescoço, ou seja, quando a costa portuguesa já permitir tomar banho de mar em Coimbra.... Claro que este ponto de vista em nada afeta o meu otimismo. Não espero durar a catástrofe acontecer. O melhor é ensinar o mais jovem filho a nadar. Nesta ilha os lugares altos, como a Lomba onde vivemos, ficarão acima do nível das águas do mar...

Há problemas mais prementes: o aumento das taxas moderadoras da saúde é uma autêntica descoberta olímpica. Como toda a gente sabe os pobres não são afetados, apenas os ricos que deixarão de frequentar clínicas privadas. A partir de agora vão optar por esperar umas horas em espaços insalubres, sem cadeiras nem outras condições, a verem um qualquer funcionário público da saúde, horas a fio, a carimbar guias, enquanto um qualquer médico, esforçado e abnegado, não tem disponibilidade para ver de que se queixam os pacientes que às dezenas tem de atender. Não há nada que uma aspirina e outra qualquer receita antiviral não resolva numa manhã ou tarde bem passada num qualquer centro de saúde português. Ninguém contabilizou a produtividade perdida, as horas de espera inútil em que o país não produz pois tudo anda de espera em espera, do hospital ao centro de saúde...

Na véspera ficara o país imensamente satisfeito com a ida do primeiro-ministro, José Pinto de Sousa, o Sócrates, à Finlândia para copiar aquele modelo de sucesso nórdico. Não havia muito tempo, outro colega de nome Barroso, quis copiar a Irlanda. Estas são medidas acertadas. Em vez de nomearem comissões para estudarem o problema e apresentarem sugestões, vai-se a um país que funcione bem. Depois na fotocopiadora reproduz-se o sistema deles, mesmo que os portugueses não sejam nem altos, nem louros nem tenham olhos azuis, nem bebam cerveja preta. Pode usar-se uma artimanha e colocar implantes oculares, tipo lentes de contacto, com aquela cor. Como já quase todo o mundo pinta o cabelo, bastava generalizar o uso desse tom. Por que é que isto não foi pensado nem feito antes? Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca epilogaram nem propuseram nada digno de ser aplicado. Deve ser por isso que o país se atrasou tanto.

Mas com tanto betão a mexer-se para os lados do novo aeroporto e com a velocidade supersónica do TGV, ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio

Foguete (anos 50 e 60) estão a apodrecer em Elvas pois não há dinheiro para os recuperar. Todas as linhas de caminho-de-ferro para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam. Ótimo era acabar com todos os serviços no interior para que toda a sua população possa desfrutar do ótimo clima à beira-mar plantado. Mudam-se, de vez, para a costa. Mesmo que desapareça em breve. Como extinguem escolas, maternidades e outros serviços no interior, fica mais barato transmutar todos para a cidade. Terão um bom nível económico e qualidade de vida superior à que teriam se continuassem a viver em casas de pedra sem condições, onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, o saneamento e o abastecimento de água. Tudo isto já existe nas cidades e no litoral. Entende-se a pertinência desta lógica. Anda o Estado a gastar dinheiro, a construir estradas e autoestradas, pontes, viadutos e túneis, de custosa manutenção, quando se sabe que no interior não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e há só meia dúzia de velhos. Já começaram a transferir as crianças para as cidades, logo na escola primária. Basta fazer o mesmo aos velhos. Depois de verem o progresso urbano nunca mais regressam ao atraso e provincianismo das aldeias.

Há uma óbvia vantagem neste esquema. As aldeias parecem agradar aos turistas que começam a ir mais regularmente conhecê-las, desviando-se da rota universal do Algarve, essa floresta de betão implantado em tudo o que era praia ou nesga de areia. Assim, o mais lógico é trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, morrem. Depois, nas terras deles, poderão plantar-se uns campos de golfe. Como sabem, este desporto é praticado por milhões de aficionados portugueses. Sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, dado haver um excesso de produção da variedade portuguesa da semilha.

Nos últimos anos, a Europa já ensinara que a agricultura portuguesa não dava nada e o melhor era importar tudo de Espanha onde fazem agricultura a sério. A Europa decidira o mesmo quanto à pesca portuguesa, que tão boa fama tivera em tempos saudosos. O melhor era abolir-la para que ficasse mais barato aos espanhóis virem cá pescar, levar e tratar o peixe na terra deles. Depois, voltavam para o colocar no mercado mais barato do que se tivesse sido pescado em Portugal por portugueses, tratado em lotas portuguesas e vendido por varinas portuguesas. Intrigado, pergunto-me porque é que isto não foi pensado há mais tempo? Teriam evitado todo este atraso, que como devem saber, é causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo dos vendedores de carros de alta gama e não na formação profissional do país. Romanticamente, tentou-se manter uma agricultura de subsistência sem rentabilidade à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados. Dada a sua falta de aproveitamento em programas de qualificação profissional e pessoal, como o “Novas Oportunidades” tiveram de fazer inúmeros sacrifícios como levantarem-se pelas 5 da manhã e trabalharem até ao pôr-do-sol, para receberem uns tostões pelos legumes que os hipermercados vendem por euros. Toda a gente já sabia que se esses agricultores vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto. Não vale a pena cultivar uma couve-galega na varanda ou na “marquise” para fazer um caldo verde. Além do mais era proibido. Jamais teria a aprovação da ASAE, essa polícia todo-poderosa, onisciente e omnipresente que ora dita o que cada um pode e deve comer. Já lhe chamavam a PIDE do nosso descontentamento.

Se bem que houvesse muita coisa a precisar de ser vigiada e controlada, passou-se dos oito aos oitenta numa manifestação de excesso de zelo tão típica da costa atlântica. Depois, como é sabido em sociedades evoluídas, a matança caseira do porco e doutros animais está condenada por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante. Além disso, fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos matadouros devidamente licenciados para o fazerem nos moldes higiénicos e salutareos propugnados pela União Europeia. O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos (como quem os levava dantes ao zoológico) para verem como se vivia dantes, coisa que eles decerto nem vão acreditar. A única diferença é que este zoo já não teria bípedes em exposição por detrás das grades, mas reproduções e filmes deles no seu habitat natural. Sempre se aproveitava para manter a tradição viva e ensinava-se a história dos antepassados. Este método de ensino é mais económico. Mais proveitoso que ir a um museu, que, como sabem, fecha nas férias, feriados, dias santos e ao fim de semana. Se os turistas querem ir aos museus portugueses é meramente para cobiçar o que lá existe. Quiçá, para tentar roubar umas peças sagradas para contrabandear para as terras deles, que nada têm de valor, comparado ao que existe em Portugal..

Era com este tipo de humor sardónico e cáustico que enfrentava diariamente este mundo alienígena. Essa boa disposição fazia aflorar-me uma espécie de sorriso que raramente mostrava, fosse a quem quer que fosse. O fâcias era sisudo, como fora o de meu pai, resguardado no silêncio e na aparente antipatia para se proteger dos que o rodeavam.

87.4. UM TEMPO ANTIGO E O POLITICAMENTE CORRETO

Vivo num mundo diferente e não me espanto de blogues que se limitam a recordar. Sem questionar o feminismo ou outros ismos: antissionismo, antialentejanismo, antilourismo (das loiras) todas as piadas são objeccionáveis por se basearem em estereótipos da sociedade, sejam eles humanos, animais ou até mesmo políticos, que não são uma nem outra coisa. Assim, depois de todas as pessoas defensoras desses “ismos” terem colocado as suas objeções, porque são a favor do Obama ou do Bush, ou do Sócrates, porque se baseiam em estereótipos de mulher, de louras e louros, de alentejanos, de políticos e políticas (mas destas ainda há poucas), de judeus (e outras religiões como o cristianismo ou islamismo por ex.), de nacionalidades ou continentes de origem como com os africanos, os pobres, os ricos, os estudantes e os professores, os animais (mesmo aqueles que estão nas malas dos carros junto com a esposa ou esposo), verão o que fica: NADA.

Acabava-se o humor.

Ao reproduzir, adiante, Maiakovski e Brecht, pretendo alertar que me sinto muito mais incomodado com a violência, gratuita ou não, com as imagens cheias de "innuendo" (insinuações) da TV, desde os telejornais às séries, pois essas são as armas de estupidificação globalizante que a todos corroem. O humor usa a linguagem dos estereótipos que hão de ser substituídos com o tempo assim como a frase “*bota-de-elástico*” foi substituída por “*cota*”. Desde a década de 1980 vi surgir a censura dissimulada em fundamentos razoáveis e aceitáveis, pretendendo sanitizar as mentes. Já o vi na Austrália quando o politicamente correto foi introduzido na linguagem em meados daquela década. Como tradutor profissional tive de o seguir, mas como ser humano, inteligente (no sentido de pensante) recuso-o tanto hoje como ontem. Com o politicamente correto acaba-se o humor. Esse é o cerne da questão que ninguém quer ver. Deve lutar-se contra a discriminação, e todas as suas formas, contra o assédio sexual, político e outros, lutar contra a proposta nova norma europeia (trabalho até 68 horas semanais), lutar contra o salário mínimo de miséria e de exploração (reminiscente do início da Revolução Industrial), contra as quotas ou falta delas nos elencos femininos do governo, contra a falta de acesso a pessoas com deficiências de qualquer tipo. Lutar contra isso tudo mas deixem o humor de lado, a menos que seja difamatório (mas sem ser pelas normas norte-americanas), grosseiro, imoral, amoral.

Quando se definiu o politicamente incorreto, foi porque o politicamente correto era a forma mais fascista de sanitizar a língua, o pensamento e a vida em geral, criando uma sociedade assética e inócua. Todos iguais e cinzentos de acordo com a norma. Ninguém precisa de pensar nisto pois o futuro provará a sua veracidade melhor do que o Orwell alguma vez podia prever em “1984” ou outros ensaios semelhantes: a realidade já ultrapassou a ficção há muito. Quem primeiro o antecipou foi Maiakovski - poeta russo "suicidado" após a revolução de Lenine que escreveu ainda no início do século XX:

*Um dia vieram e levaram meu vizinho que era judeu.
Como não sou judeu, não me incomodei.
No dia seguinte, vieram e levaram meu outro vizinho que era comunista.
Como não sou comunista, não me incomodei.
No terceiro dia vieram e levaram meu vizinho católico.
Como não sou católico, não me incomodei.
No quarto dia, vieram e me levaram;
já não havia mais ninguém para reclamar..."*

Martin Niemöller, 1933, símbolo da resistência aos nazistas.

Parodiando o pastor protestante Martin Niemöller, símbolo da resistência nazi:

*"Primeiro eles roubaram nos sinais, mas não fui eu a vítima,
Depois incendiaram os ônibus, mas eu não estava neles;
Depois fecharam ruas, onde não moro;
Fecharam então o portão da favela, que não habito;*

*Em seguida arrastaram até a morte uma criança,
que não era meu filho..."*

Cláudio Humberto, 09 fev. 2007

*Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.
É PRECISO AGIR
Bertold Brecht (1898-1956)*

Um passeio com Maiakovski

*Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles,
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a lua, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz
da garganta.
E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.*

Tudo que os outros disseram fizeram-no depois de ler Maiakovski. Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil! Agora, o politicamente correto ameaça o humor.

Não era só aqui que a situação se mostrava preocupante. Havia novos canudos por encomenda, a passagem dos iletrados de qualquer nível do ensino, a massificação da ignorância nacional, o entorpecimento da mente através de uma programação subliminar, previamente preparada em gabinetes de psicologia de guerra. O alvo era a destruição dos pilares tradicionais da sociedade contemporânea portuguesa, incluindo a família, professores, juizes, médicos, militares e outras instituições. Visava um plano sabiamente arquitetado por maçonarias, Clube Bilderberg⁸⁵ e outros, usando como cabeça de turco a divindade humana

⁸⁵ Durante os últimos 50 anos, um grupo seletivo de políticos, empresários, banqueiros e poderosos, em geral, tem-se reunido secretamente para planejar as grandes decisões que movem o mundo e que, depois, simplesmente acontecem. O livro *A Verdadeira História do Clube Bilderberg*, de autoria do jornalista e especialista em comunicação Daniel Estulin, que há 13 anos investiga as atividades secretas do Clube e que foi ganhador de três prémios de pesquisa nos EUA e Canadá, aponta quem aciona os controlos por detrás da fachada das organizações internacionais conhecidas. O livro foi editado em 28 países em 21 idiomas.

que acumula funções com as de primeiro-ministro. Do livro “*A verdadeira história do Clube Bilderberg* (Daniel Estulin)” cito passagens que ajudam a entender o que tento explicar:

A verdadeira história do Clube Bilderberg é uma narração da subjugação impiedosa da população por parte dos seus governantes. Um Estado Policial Global, que ultrapassa o pior pesadelo de Orwell, com um governo invisível, omnipresente, que manipula desde a sombra e controla o governo dos EUA, a União Europeia, a Organização Mundial de Saúde, as Nações Unidas, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e outras instituições similares. E, o mais espantoso de tudo, formula os projetos futuros da Nova Ordem Mundial. A técnica do Clube Bilderberg consiste em submeter a população e levar a sociedade a uma forte situação de insegurança, angústia e terror, de modo que as pessoas cheguem a sentir-se tão exaltadas que peçam, aos gritos, uma solução, qualquer que seja. Essa técnica foi aplicada aos gangues de rua, às crises financeiras, às drogas e ao atual sistema educacional e prisional. Em relação ao sistema educacional é necessário dar a conhecer que os estudos realizados pelo Clube Bilderberg demonstram que conseguiram diminuir o coeficiente intelectual médio da população. Para isso não só manipulam as escolas e as empresas, mas também se apoiam na arma mais letal a televisão e seus programas de baixo nível, para afastar a população de situações estimulantes e conseguir entorpecê-la. O objetivo final desse pesadelo é um futuro que transformará a Terra num planeta-prisão por meio de um Mercado Globalizado Único vigiado por um Exército Mundial Único, regulado economicamente por um Banco Mundial. Será o mundo habitado por uma população controlada por microchips cujas necessidades vitais terão sido reduzidas ao materialismo e à sobrevivência: trabalhar, comprar, procriar, dormir, tudo conectado a um computador global que supervisionará cada um de nossos movimentos. Os membros do Bilderberg “possuem” os bancos centrais e, portanto, estão em condições de determinar os tipos de interesses, a disponibilidade de dinheiro, o preço do ouro e quais os países que devem receber quais empréstimos. Ao movimentar divisas, os membros do Bilderberg ganham milhares de dólares.

A ideia era criar uma sociedade dócil, massificada na sua ignorância através das “Novas Oportunidades” e de outros diplomas a “martelo”, incapaz de pensar, de argumentar, de discursar ou filosofar. Como os professores mais novos já pertenciam a essa “colheita”, em breve, toda a nação se regeria por esse protocolo entorpecente. Seria depois muito mais fácil, manipulá-los, enganá-los e explorá-los. Por outro lado, a sociedade iria depender economicamente do Estado para desenvolver os seus projetos e atividades.

Cada vez mais, a teia se enrolava em volta do pescoço de Portugal, como uma cascavel, sugando toda a vida e liberdade. Nem Salazar nem Orwell conseguiram conceber um plano tão maquiavélico. Jamais teriam os meios de o implementar. Perguntar-se-á, ninguém dá conta? Alguns darão, mas como não podem escrever livremente, nem os jornais ou telejornais aceitariam um discurso crítico destes, o povo fica sem acesso a essas opiniões divergentes. Incapaz sequer as equacionar. Dentro de uma ou duas gerações, Portugal terá a população mais dócil e manipulável de toda a Europa Ocidental. Todos diplomados, licenciados, mestrados, com diplomas de literacia, mas poucos saberão ler e escrever e menos ainda terão a capacidade de discernir ou pensar livre e criticamente. A nova ditadura, instaurada agora sub-repticiamente como um vírus informático, esconder-se-á sob o manto diáfano da democracia.

88. CRÓNICA 88 VOTOS DE NATAL 17 dezembro 2010

88.1. VOTOS SAZONAIS 2010

A todos desejo, não só nesta estação festiva como no resto dos anos que aí virão por entre crises, guerras, fomes, catástrofes naturais e humanas, os melhores votos na certeza de que cada um de nós constrói o berço de palhinhas em que se deita e não adianta ficar à espera porque os Reis Magos já não andam de camelo e o GPS deles não vos vai localizar. Por outro lado, se olharem em volta verão Pilatos e Herodes e na cruz já não estão o bom e o mau ladrão, que esses andam mais ocupados em coisas da governação e não têm paciência para fazer companhia na cruz ao Cristo. Nos templos, ora cheios de vendilhões, ninguém ouve os poemas “*Os Vendilhões do Templo*” do poeta popular António Aleixo:

*Deus disse: faz todo o bem
Neste mundo, e, se puderes,
Acode a toda a desgraça
E não faças a ninguém
Aquilo que tu não queres
Que, por mal, alguém te faça.
Fazer bem não é só dar
Pão aos que dele carecem
E à caridade o imploram,*

*É também aliviar
As mágoas dos que padecem,
Dos que sofrem, dos que choram.
E o mundo só pode ser
Menos mau, menos atroz,
Se conseguirmos fazer
Mais p'los outros que por nós.
Quem desmente, por exemplo,
Tudo o que Cristo ensinou.
São os vendilhões do templo
Que do templo ele expulsou.
E o povo nada conhece...
Obedece ao seu vigário,
Porque julga que obedece
A Cristo - o bom doutrinário.
António Aleixo, in "Este Livro que Vos Deixo..."*

Desde o início do ministério público de Jesus, fariseus e adeptos de Herodes, com sacerdotes e escribas, mancomunaram-se para matá-lo. Por causa de certos atos por ele praticados (expulsão de demónios, perdão dos pecados, curas em dia de sábado, interpretação original dos preceitos de pureza da Lei, de pureza da Lei, familiaridade com os publicanos e com pecadores públicos), Jesus pareceu a alguns mal-intencionados, suspeito de possessão demoníaca. Assim, é acusado de blasfémia e de falso profetismo, crimes religiosos que a Lei punia com a pena de morte sob forma de apedrejamento. Hoje há muitos que mereciam muito mais serem apedrejados e continuam à solta aproveitando as mordomias que o povo ignorante e manipulável lhes concede em troca do voto quadrienal com que os enganam, enquanto distribuem futebol, fado e falácias diversas em ambiente circense de telenovela, vivida em tempo real para que as pessoas se preocupem com as inutilidades dos outros sem cuidarem da sua.

Aos iluminados desejo esperança, sim que são essa elite minoritária que teima em não se calar, seja em WikiLeaks ou outros instrumentos de desmascarar a globalizada corrupção que detém os cordelinhos dos dirigentes políticos em folias mandatadas pela banca e outros interesses, embora como elite que são e informada se arrisquem a ter um processo em cima para serem desacreditados perante os ingénuos e analfabetos. Eu sigo esta longa caminhada dando graças pela felicidade de estar vivo, lúcido e atuante, após muitas vidas que já vivi, dedicando-me a partilhar saberes e culturas múltiplas sem epifanias, tentando manter viva a aberração dos nossos dias que é a família nuclear e deixando um legado que nenhum fariseu aceitará, em epístolas como esta para que o natal seja vivido em cada dia do ano e não apenas quando os comerciantes nos tentam seduzir, mesmo a nós pobres saduceus da atualidade com promessas de felicidade material que só aumentam o nosso servilismo perante os nossos verdadeiros donos, os bancos. Só podemos dar aquilo que temos. E desenvolver uma atitude positiva é o primeiro passo para tornar este mundo um lugar muito mais habitável para as nossas crianças. A vida é bela? É, se assim o quisermos. Mas a verdade é que ainda se pensa nos otimistas como um dos extremos da balança que tem no outro prato os pessimistas e no centro a virtude, ou seja, os 'realistas'. Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: uma espécie de realismo emocional, que através de uma perceção positiva da realidade nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor.

"As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida". Mesmo que a nossa cultura permaneça mais adepta do noivado do sepulcro do que de um amor feliz, está nas nossas mãos lutar contra isso. Ser otimista não depende das circunstâncias, mas da atitude. Está cientificamente provado que as pessoas pessimistas têm probabilidades mais fortes de viver deprimidas, com uma saúde mais debilitada visto serem um tipo de pessoas que se desleixam na sua própria saúde. E com isto influenciar para uma morte precoce. Em contrapartida as pessoas que tem atitudes otimistas levam uma vida mais feliz, mesmo perante as desgraças são pessoas que conseguem rir e encontrar algo positivo e engraçado.

As pessoas otimistas também facilmente conseguem atingir com sucesso os seus sonhos, os seus desejos e objetivos. Ser otimista contribui para viver e combater certas doenças como as doenças oncológicas e ajuda a prevenir contra problemas de cardíacos. As pessoas que olham para o mundo e para o futuro de uma forma positiva envelhecem de uma forma mais agradável sofrendo menos perante as doenças normais à sua idade, podendo aumentar a esperança média de vida. Dito isto e face à crise que aí vem para os próximos anos (ou décadas), sorria, sinte-se melhor e lembre-se dos milhões que estão bem pior, os que ainda não têm (ou já não têm) liberdade de escrever o que pensam e sentem, os que não têm água ou comida, os que não têm teto para se abrigar, os que não têm saúde para viver, que não têm trabalho, os que são escravizados e todos os que estão bem pior do que nós. É esse o espírito de natal que vos desejo para os próximos 365 dias. E para aliviar este pesado fardo que vos passo veja um PowerPoint bem piroso alusivo a esta época.

88.2. SER OU NÃO ESCRITOR AÇORIANO

Esta é sempre uma questão muito melindrosa que motivou a seguinte troca de mensagens com Vasco Pereira da Costa:

SER OU NÃO ESCRITOR AÇORIANO, CHRYS VS VASCO PEREIRA DA COSTA

16/12/2010 14:30, Vasco Pereira da Costa:

Meu Caro

Com franqueza, e com o sentir na ponta língua, não percebo como reduces a minha escrita a uma insularidade insularizada. Disse-te uma vez que sou mais lido no continente do que nas ilhas: guardo recortes de crítica desenclausurada desde o João Gaspar Simões até ao Duarte Faria, António Pedro Pita, Fernando Venâncio... Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Jornal de Letras, Colóquio Letras, Review of books (de New York, que creio, chegará à Lomba, mas não à Maia) ...et tout ça... e estou traduzido (em edição) em inglês. Sei, por fatalidade, que sou o maior escritor vivo da rua Direita de Angra (1,70 m), mas disso me não ufano: percorri Ceca, Meca e o Vale de Santarém. Apresentei poemas meus em Universidades da Ivy League, nos States, na África do Sul (ao lado de vários Nobel), na Venezuela, no Senegal. Não quero estar num huit clos sartriano, porque creio bem que quanto mais regional mais universal. Mas não arvorar comendas nem distinções contemporâneas: o reconhecimento será feito (ou não) daqui por cem anos, pelo menos ou pelo mais. PF não me feches na poterna do Castelo de São João Baptista apenas pelo facto de não alardear orgulhos de naturalidades regionais - sou urbano, da cidade de Angra, universal escala do mar poente (Fructuoso dixit) e estimo o Pico da Pedra e o calhau da Maia, mas não creio que ali e lá passe o eixo da Terra. Ab. Vasco

16 de dezembro de 2010 15:28

Para: Vasco Pereira da Costa

Não te sintas assim....não reduzo a tua escrita a uma insularidade insularizada, quero-te no mundo, neste e noutros, por isso te fizemos a surpresa de te traduzirmos o poema para aqueles continentes todos e aguardamos que nos envies a tua seleção de obras ou a obra a traduzir para enviar aos nossos tradutores. O ponto que quero provar aqui naquela aula é que que por mais universais, ou portugueses que os escritos e as obras sejam, contém um germe (gene?) único, um ADN indiscutível da açorianidade e esse é o fator de distinguo que vos vai abrir as portas a outros mercados...Já o Cristóvão se me queixou (em tempos) do mesmo, antes de eu lhe explicar esta minha tática entendeste ou tenho mesmo de fazer o desenho? se os teus editores tivessem adotado idêntica medida estarias tão traduzido como esses escritozecos modernos que andam aí nas bocas do mundo e que para mim nada acrescentam...enquanto que vocês todos me emocionam e comovem pois sinto a vossa escrita...

PF responde... Chrys CHRYSTELLO

De: Vasco Pereira da Costa 16 de dezembro de 2010 15:44

Eu sou um gajo normal: tenho as minhas taras, porém, não sou tarado: tenho o ritmo solar - durmo de noite e esperto de olhos abertos à luz do Sol - não andei no seminário, embebedei-me com carrascão aos dezoito, e não escrevo por catarse nem por inspiração: escrever é um ato ontológico (olá, Torga!), mas quero a ilha ampla e ampliada à feição humana de qualquer latitude e de toda a centúria...e senti-me no teu texto circunscrito à rarefação espacial, que abomino. Se quiseres fazer o desenho do contrário, talvez venha a perceber. Pela resposta não chego lá... Vasco

16 de dezembro de 2010 18.41

Para: Vasco Pereira da Costa

O que sempre disse e repito: é que os bons autores açorianos nos quais te incluo a ti e ao Cristóvão e mais uma mão cheia deles, incluindo o Bettencourt Pinto que cá não nasceu, têm esta conceção errónea de que devem ser proclamados bons autores nacionais...para terem credibilidade. Discuti isto horas a fio com o nosso homem do Pico da Pedra e do Pico do piquinho (e sabes como ele é), para um australiano habituado a largas paisagens e horizontes Portugal é um quintal pouco maior do que o quintalzinho dos Açores. Para vos "vender" como autores estaria a colocar-vos em competição com os mais comerciais autores portugueses como o meu ex-ajudante na rádio em Macau (J. Rodrigues dos Santos, "ó Santos vai-me buscar outro telex), o que não é credível nem apetecível. Mas, ao colocar-vos a serem estudados e falados em universidades na Roménia, na Polónia, Bulgária, etc., como autores portugueses "açorianos" crio expectativas acrescidas e desperto o interesse na descoberta desses autores, assim rumo ao mundo sem passar por Portugal. da Lomba para a cortina de leste...entendeste agora, o quê o por quê??? abraço Chrys

16/12/2010 20:37, Vasco Pereira da Costa:

Ok!...

Para: Vasco Pereira da Costa

aceitas então a minha estratégia???

Vasco Pereira da Costa:

Compreendi a estratégia: é uma estratégia.

89. CRÓNICA 89. NATAL, 31 dezembro 2010

Mais um ano que acaba e outro que se inicia, tempo de balanços inúteis como a Crónica do Quotidiano Inútil que publiquei em poesia em 1972. Dizem que a idade amolece os espíritos, mesmo os mais empedernidos como eu, e os faz querer reviver momentos passados dada a insegurança que as alterações globais causam ao presente de cada um. Sinto nostalgia pelo que já passou, pelas energias e tempos desperdiçados nesta voragem a que se chama vida, que vamos preenchendo com os nossos sonhos e desilusões, sempre acalutando a esperança infinitamente vã de sermos mais felizes - ou menos infelizes - do que a quota-parte que nos calhou. Por todo o lado se repetem, ano após ano, os mesmos votos inúteis de paz, felicidade e amor, por entre as ruínas das guerras e das catástrofes que o homem vem causando e que não o incomodam enquanto afivela o sorriso de Boas-Festas. Quanto mais os anos passam, mais o esqueleto se recusa ver a imagem que o cérebro gravou de cada um e que não é a mesma que se reflete no espelho de cada um. É sempre difícil aceitar a degenerescência e envelhecimento, por mais graciosos que os queiramos.

Nesta época festiva cumpre fazer o balanço do deve e do haver de cada um, sabendo dar graças a quem quer que seja por termos resistido a tudo que se nos colocou como obstáculo e que soubemos ou conseguimos ultrapassar. Alguns deles hoje assemelham-se a brincadeira de criança embora na época em que ocorreram mais se assemelhassem a catástrofes gigantescas. O mesmo se passa com os sentimentos que crescem na juventude e mingnam na idade mais avançada. É esse o meu problema, não soube fazer envelhecer os sentimentos e desejos, continuo um eterno adolescente cheio de fulgor mental, de sonhos, ambições, sempre insatisfeito por não almejar mais do que faço. Dito isto, não nego que continuo a interrogar-me sobre a razão pela qual temos de andar aqui neste vale de lágrimas, como diriam os mais crentes, mas dou graças por ter conseguido tudo o que já alcancei.

O ano foi pleno de aventuras, crises, dificuldades e doenças (a minha mulher deixou de fumar em abril e a partir daí nunca mais passou bem, culminando na viagem tormentosa de regresso aos Açores após o Natal agarrada a uma bomba de oxigénio...). Na ida fomos confrontados com atrasos e mais atrasos da transportadora nacional TAP, que teve a gentileza de nos desviar as malas e nos obrigou a não mudar de roupa durante dois dias. Felizmente apareceram e evitou-se a renovação do guarda-roupa. Depois do mais rigoroso inverno insular dos últimos 40 anos fomos deleitar-nos com temperaturas acima dos 30 °C no Brasil aquando do 13º colóquio da lusofonia durante 21 agitados dias. Foi neste período que tive a inaudita e imerecida honra de dar uma palestra na Academia Brasileira.

No verão, descansámos uns dias na plácida ilha de Santa Maria enquanto o benjamim João (Nigel ou Johnny Boy) se espraia por Portugal continental, depois, veio a crise, os cortes nos vencimentos, os aumentos de todos os impostos e a redução de deduções, e a negra noite abateu-se sobre os portugueses gastadores excessivos como nós. Foi nessa altura que o editor do meu último livro resolveu dar um golpe e não pagar direitos de autor nem a última tradução que lhe fizera. "Another nail in the coffin" diriam os gatos-pingados que rondam à espreita de mais umas penhoras... Tentei trocar de viatura, mas ninguém queria dar o valor da minha e só me propunham vender outras que me ficariam mais caras ainda.

Lançámo-nos noutra conquista notável após o colóquio nº 14 em Bragança e criámos a associação dos colóquios com mais 47 visionários que nos apoiaram. Veremos se resulta.

Pois podia contar-vos como foram as férias de natal que até correram excecionalmente bem, mas os amigos do alheio fizeram uma visita à nossa residência nos Açores e levaram alguns bens, deixando-nos impotentes com a imponderabilidade e a procrastinação da PSP, restando a esperança de que o seguro devolva parte desses bens. É sempre uma sensação curiosamente insalubre a de vermos desflorada a intimidade do lar, por arrombamento de uma janela do pátio das traseiras que tranca bem por dentro e se abre facilmente por fora...foi agora que me apercebi da enormidade de bens matérias e de valor que ainda me rodeiam e dos quais nem me apercebo na maior parte dos dias da minha existência quotidiana.

Dos objetos furtados - curiosamente - o que mais falta me faz, é a máquina de café Nespresso a que me habituei viciosamente e a qual não serve de nada aos larápios pois só

o dono pode fazer encomendas e não há lojas Nespresso na ilha. O portátil roubado tinha um dispositivo que o bloqueia se alguém se tentar ligar à internet...e depois apaga tudo o que lá está.... Foi preciso viver no local mais seguro de todos aqueles em que já habitei para ser vítima de um roubo à residência...ironias... Nestes dias tem sido uma roda-viva a correr para a PSP, alertar o seguro, preencher os formulários, contratar um sistema de segurança e vigilância eletrónica, pedir ao senhorio para meter grades e outras medidas seguras no acesso pela parte de trás da casa... Vieram cá uns mestres que afinaram os fechos da janela de correr que dá para o pátio e foi a culpada da entrada mas após saírem a janela continuava a trancar por dentro e abrir por fora... devem ser mestres das novas oportunidades socráticas.

A todos desejo um ano de 2011 que não seja pior do que 2010, pois com esta mania de cada ano ser pior do que o seu antecessor nada mais me resta se não rememorar os anos passados e qualquer dia ainda regresso à minha juventude.

90. CRÓNICA 90. 16 ANOS DEPOIS RECORDANDO A PRIMEIRA VISITA AO BRASIL, 31 dezembro 2010

90.1. RIO A PRIMEIRA VISITA NOVEMBRO 1994 -

Há pouco visitei Sevilha, uma das minhas favoritas. Fui lá, várias vezes em poucos anos. Recentemente - após 1996 - em conferências de tradução com a minha atual mulher.

Antes, porém, partira para ver a Expo 92. Sevilha fervilhava de gente e de calor. Durante os três dias a temperatura oscilou entre 43º e 49 ºC. De noite não baixava dos 40 ºC. Isto excedia os 43 ºC de que me não esquecia em Perth, quando o MGB da minha ex-cunhada se recusara a subir num parque de estacionamento parando o trânsito das redondezas.... Assisti em Sevilha a um concerto inesquecível do Rui Veloso enquanto a minha filha se deliciava a cantarolar as músicas dele, sempre metida na água. Dois anos depois, a 9 de outubro 1994 arranquei para Sevilha para uma conferência de literatura. Enganei-me na data. Cheguei um dia antes do previsto. Passei o dia ao ar livre no bar El Cordobés (Bar Mesquita), propriedade de António e Mercedes, aberto desde manhã cedo até à meia-noite. Era barato, com uma esplanada agradável no meio do calor, protegido por uma ou outra árvore. Muito frequentado por turistas era um espaço típico andaluz, e ficava bem perto do hotel Murillo Sevilla. Também se podia comer dentro de portas, mas o serviço não era bom. Aconselho ao ar livre. Tinha cozinha tradicional sevilhana como paella, rabo de toro, um bom Gaspacho, Ensalada Tropicana (com frutos); pechuga de pollo plancha (peito de frango grelhado); gambas al ajillo (gambas com alho e azeite); revueltos con asparagus (ovos mexidos com espargos e camarão, além do zumo de laranja natural (sumo fresco de laranja) e dez combinados que experimentaria nos dias seguintes. A rua ficava na direção da Menendez Pelayo. Enquanto lia e fazia as minhas observações da população que me rodeava, como, aliás, sempre faço quando estou em qualquer lugar público, ia anotando mentalmente cenas que me poderiam servir para mais tarde escrever sobre elas. Não pude deixar de notar a falta de à-vontade, mesmo ao meu lado, de duas pessoas de etnia chinesa que não se conseguiam fazer entender para pedirem comida. Tentei ajudar pensando que as mulheres, uma jovem e outra velha, fossem de Hong Kong. Eram de Jacarta. Não pude resistir a chateá-las por causa de Timor-Leste e da ocupação genocida da Indonésia. Desculpavam-se dizendo que estavam a fazer turismo. Não percebiam de política, alegaram com maus modos e, mal acabaram de comer saíram. Nem agradeceram a ajuda sem a qual nem sequer teriam conseguido comer. Para a próxima deixá-las-ia morrer à fome em vez de as ajudar. Quanto ao Congresso de Literatura Infantojuvenil, que para isso pedi o visto no Consulado de Espanha na Rua de D. João IV no Porto, fui à sessão de abertura e à de fecho buscar o diploma. Era um mero presencial incluído na delegação brasileira para este congresso dum semana. Acabei por vir acompanhado dum colega sul-americano que ficou umas semanas no Porto usufruindo da minha hospitalidade. Ela regressaria ao Brasil um mês depois a 20 novembro 1994 e eu, aproveitando o facto de estar em férias, segui-a para conferências no Rio e em Belo Horizonte. Fui a uma agência de viagens na Baixa do Porto e pedi bilhete e embarquei dois dias mais tarde em voo direto para o aeroporto de Congonhas, na minha primeira visita ao continente.

Por falar na América do Sul... A minha avó materna carioca, natural da freguesia da Senhora da Conceição no Rio de Janeiro, nunca perdera o sotaque nem o modo de falar brasileiro que botava no seu discurso quotidiano e com as quais brunia a sua existência apagada. Recordo que, numa fase adolescente tentei adquirir a nacionalidade brasileira, tão desgostado estava já com o rumo da nação e da guerra colonial portuguesa. O Brasil, da imensidão sem fronteiras, sempre me atraía. Locais e países pequenos constrangiam-me.

Aterrei no Rio de Janeiro a tempo de ir ao encerramento doutro congresso que terminava nesse dia. Passei três dias no calor sufocante do Rio em casa duma colega catedrática da UFRJ. Ofereceu-me alojamento e emprestou-me o carro para ver a cidade.



Na Ópera (réplica da de Paris) inaugurada em 1909) atualmente denominada Theatro Municipal, avisou-me para dar 5 reais ao arrumador para não danificarem o carro. Fiquei chocado. O real estava em paridade com o dólar americano. 5 Dólares era muito dinheiro. Cumpri as instruções. Nada aconteceu ao carro enquanto passamos naquela zona da baixa do Rio. Ali se localiza esse outro monumento histórico e cultural que é o Real Gabinete Português de Leitura. Pelo seu prestígio nos meios intelectuais, pela beleza arquitetônica do edifício da sua sede, pela importância do acervo bibliográfico e pelas atividades que desenvolve, o Real Gabinete Português de Leitura é uma instituição notável que dignifica Portugal no Brasil. Em 14 de maio de 1837, um grupo de 43 emigrantes portugueses do Rio - 15 anos depois da Independência - reuniu-se na casa do Dr. Antônio José Coelho Lousada, e resolveu criar uma biblioteca para ampliar os conhecimentos dos sócios e dar oportunidade aos portugueses residentes na capital do Império de ilustrar o seu espírito. Entre esses homens, maioria comerciantes, estavam alguns, perseguidos em Portugal pelo absolutismo, que tinham emigrado para o Brasil. Era o caso de José Marcelino Rocha Cabral, advogado e jornalista, primeiro presidente da instituição. É possível que ao quere-rem incutir em muitos o gosto pela leitura, os fundadores do "Gabinete" tenham sido inspirados pelo exemplo vindo da França, onde, a seguir à revolução de 1789, começaram a aparecer as chamadas "boutiques à lire", lojas onde se emprestavam livros, por prazo certo, mediante o pagamento de uma determinada quantia. Os "gabinetes de leitura" criados no Brasil pelos portugueses - o do Rio de Janeiro, e mais tarde os do Recife (em 1850) e o de Salvador (em 1863) - diferenciam-se por uma característica: não se fazia qualquer pagamento pelo livro. O sócio consultava-o na biblioteca ou levava-o para casa, sem qualquer encargo. Nos primeiros anos, as diretorias passaram a adquirir milhares de obras raras, dos séculos XVI e XVII - um exemplar da edição "Príncipe" de Os Lusíadas; as Ordenações de D. Manuel, de Jacob Cromberger 1521, e os Capítulos de Cortes e Leys que sobre alguns d'elles fizeram, publicadas em 1539. Em 1872 a biblioteca já possuía 20.471 obras e 44.917 volumes. Os dirigentes pensaram construir uma sede maior condizente com a importância da instituição. As comemorações do tricentenário da morte de Camões (1880) foram o pretexto para motivar a "colônia" portuguesa. Portugal atravessava crises medonhas: défices da Corte e a ameaça das grandes potências às colônias da África; as mazelas de uma sociedade que não reagia às críticas e farpas dos "vencidos da vida"; os "escândalos do tabaco" e as lutas dos partidos; os "cortejos do bacalhau" na "baixa" lisboeta para depreciar a Epopeia quinhentista; a falta de interesse pelas ideias novas da Europa, a apatia do zé-povinho retratado nas caricaturas mordazes de Bordalo Pinheiro. Uma plêiade de portugueses do Rio de Janeiro, de grande prestígio, como Eduardo Rodrigues Cardoso Lemos, José Vasco Ramalho Ortigão, Visconde de Moraes e outros, resolve fazer da participação da "colônia" nas celebrações camonianas um contraponto às disputas e à mesquinhez de além-mar. Se em Portugal muitos procuravam ofuscar, no meio da dormência do país, a saga dos Descobrimentos e esquecer o poeta, no Brasil fazia-se o contrário: o "Gabinete" encomendava à casa Biel, no Porto, uma edição rica e ilustrada d'Os Lusíadas. Mandava cunhar medalhas; organizava concertos e em 10 de junho de 1880, com a presença do imperador D. Pedro II, do ministro do Império Barão Homem de Mello e do Presidente da Câmara Municipal, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, é lançada a primeira pedra para a nova sede do Gabinete Português de Leitura. Projeto do arquiteto português Rafael da Silva Castro, com traço neomanuelino a evocar a epopeia camoniana, o edifício em pedra de lioz, com estátuas de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Infante D. Henrique e Luís de Camões sobre as mísulas da fachada, foi inaugurado em 10 setembro 1887, com a Princesa Isabel e o Conde D'Eu. Os trabalhos de construção foram dirigidos pelo arquiteto Frederico José Branco e as pinturas e decorações em relevo a cargo do artista Frederico Steckel. Ramalho Ortigão, pronunciou um discurso notável: "No dia em que tiver caído para o domínio intelectual do mundo a preponderância europeia - porque não há preponderâncias eternas e o movimento da civilização está destinado a oscilar como o movimento dos mares e a configuração dos continentes entre os dois hemisférios da terra - quando por meio dessa evolução se tenha deslocado a importância do domínio geográfico das linhas atuais, se esta casa existir ainda, ela mostrará aos nossos netos que homens de trabalho, alheios à intriga política do país e ao litígio do poder, ausentes de sua pátria, em um país remoto, previram na missão de sua raça o alcance da ciência e o alcance da arte, a qual, tendo por fim ressaltar os interesses da inteligência fazendo-os preponderar aos interesses da cobiça, da ambição e do egoísmo humano, é a origem da moral positiva assim como é a base do bom senso e o sustentáculo da moderação...". O escritor arrematou "E se um dia o nome de Portugal houver de desaparecer da carta política da Europa, esta Casa será como a expressão monumental do cumprimento da profecia posta por Garrett na boca de Camões: não se acabe a Língua, o nome português na terra". No ano seguinte, extinta a escravidão e com o regresso de D. Pedro II da Europa, é instalada, a biblioteca do Gabinete

Português de Leitura e entregue ao Imperador o diploma de Presidente Honorário. Outro escritor célebre, o brasileiro Joaquim Nabuco, proferiu uma oração admirável em louvor dos portugueses no Brasil. E depois de dizer que Portugal, para ele, “tinha sete maravilhas como nenhuma outra nação possui e falo só do que vi: Os Lusíadas, a entrada do Tejo, a Torre de Belém, os Jerónimos, Sintra, o Vinho do Porto e a colónia portuguesa do Brasil”. Para mais adiante afirmar: “Deliberadamente vós, portugueses, construístes uma biblioteca, a mais grandiosa das edificações desse género na América, e a levantastes sob o duplo padroado de Luís de Camões e do Infante D. Henrique. A alma deste edifício é assim, antes de tudo, a própria alma nacional. Estas pedras são estrofes d’Os Lusíadas. Elas deveriam ser condecoradas pela História com a Ordem de Avis”. Em 1900 o Gabinete Português de Leitura transforma-se em biblioteca pública - qualquer um pode ter acesso aos livros da sua biblioteca. Logo depois Benjamin Franklin de Ramiz Galvão, ilustre intelectual brasileiro, é convidado pelo Presidente Ernesto Cibrão, para organizar um novo catálogo do acervo bibliográfico, que terminará em 1906. Nesse ano o rei D. Carlos atribui o título de “Real” ao Gabinete. No Salão dos Brasões, há uma grande exposição de pintura de José Malhoa, a cuja inauguração comparece o Presidente Rodrigues Alves. No primeiro dia, dos 125 quadros foram vendidos 26, um deles, denominado “O sonho do Infante”, foi adquirido para o Real Gabinete. Figuram ainda retratos do rei e da rainha D. Amélia, encomendados ao pintor pela diretoria da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Casa de Socorros D. Pedro V, e que até hoje se encontram em sua sede. Logo a seguir é instalada a Comissão encarregada da recepção a D. Carlos, que foi frustrada pelo regicídio. Dela faziam parte figuras eminentes da colónia, como o Conde de Avelar, o Visconde de S. João da Madeira, o Visconde de Morais, o Visconde de Agarez e tantos outros. Muitos, como foi o caso do Comandante. José Moraes d’Abreu Júnior, de Domingos de Moura e Castro ou de Rita de Barros Ramalho Ortigão, abriram mão de créditos que tinham concedido ao Gabinete. Era curioso ouvir as queixas, em pleno crepúsculo da monarquia, a respeito da indiferença dos governos e do interesse em aproveitar-se da colónia portuguesa do Brasil: “Nem a colónia portuguesa no Brasil tem escapado a essa tempestade assoladora, a esse tufão mal-intencionado, contristador de quem o contempla isento de paixões e estranho a esse desenrolar de pequeninas misérias sociais”, dizia-se no “Livro de Ouro” daquela época. E a seguir fazia-se uma referência ao que o país devia aos portugueses do Brasil.

Nas cidades, os melhores palácios a quem pertencem?

Quem mandou construir casas e pagar benfeitorias?

A quem pertencem os estabelecimentos fabris?

Quem manda abrir e reformar os caminhos nas províncias?

Quem paga os melhoramentos das igrejas, os paramentos e as alfaias?

Quem manda construir asilos, hospitais e escolas?

Quem subscreve as ações dos caminhos-de-ferro?

Quem acode às necessidades do Estado e compra metade dos títulos da dívida pública em circulação?

Quem? Os portugueses do Brasil.

Por isso, concluía o autor do desabafo: “magoou-nos profundamente a avalanche de ingratidão com que se procurou amesquinhar o valor desses compatriotas queridos...” Registadas as mágoas e ressentimentos da colónia, em parte devidas aos confrontos que na época dividiam o país provocados pela campanha crescente do Partido Republicano e as convulsões da Monarquia, o Real Gabinete abre na década de (19)20 uma nova fase de sua existência. Dois homens se destacam nesse período: Carlos Malheiro Dias, com seu labor intelectual, pesquisas históricas, influência na formulação de uma estrutura em que se vai manter o universo associativo de origem portuguesa no Brasil e que irá resultar na criação da Federação das Associações Portuguesas em 1931; o outro, Albino Sousa Cruz que passa a ser o grande mecenas da instituição. Para as comemorações do 1º centenário da Independência é constituída no Real Gabinete uma empresa com a finalidade de editar, em fascículos, a monumental História da Colonização Portuguesa do Brasil, sob a direção literária de Carlos Malheiro Dias, a direção artística de Roque Gameiro e cartográfica do Conselheiro Ernesto de Vasconcelos. Na obra irão colaborar as figuras mais eminentes dos dois países nas artes, nas ciências e na literatura, de Luciano Pereira da Silva a Duarte Leite, de Júlio Dantas a Oliveira Lima, de Paulo Merea a Pedro Azevedo, de António Baião a Jaime Cortesão, de H. Lopes de Mendonça a E. M. Esteves Pereira, sem citarmos, o coordenador, - Carlos Malheiro Dias. A História da Colonização Portuguesa foi editada pela Litografia Nacional do Porto, em fascículos, chegaram a atingir cerca de 20 mil, com 12 mil distribuídos no Brasil e 8 mil em Portugal - um número impressionante para a época. Em 1931 é realizado no Real Gabinete o 1º Congresso dos Portugueses do Brasil, quando se procura evitar, com a criação da Federação das Associações Portuguesas, as divisões no meio associativo e imprimir uma certa unidade aos movimentos da colónia. O seu primeiro presidente vai ser Carlos Malheiro Dias, e mais 80 associações de todo o Brasil ficam integradas no organismo federativo que passa a ser o porta-voz das aspirações e anseios coletivos. Passa a comemorar-se na sede do Real Gabinete, todos os anos, o “Dia de Portugal”. A solenidade, conta com a presença de oradores ilustres. Em 15 de março de 1935, o governo português concede ao Real Gabinete o benefício de receber de todos os editores portugueses um exemplar das obras por eles impressas. Esse estatuto permite uma atualização permanente da biblioteca em termos do que se edita em Portugal. Os mecenas tinham desaparecido e os legados e codicilos ao longo do tempo privilegiaram sempre as instituições assistenciais e religiosas - as Beneficências e as Caixas de Socorros Mútuas, as Casas de Portugal e as Obras de Assistência, as Irmandades e as Santas Casas. Os “Gabinetes de Leitura”, os “Grêmios” ou os “Liceus”, esses nunca foram lembrados pela maioria dos benfeitores. Apoiado no mecenato de Albino de Sousa Cruz e de mais alguns - Sousa Baptista, Conde Dias Garcia, Visconde de Morais, Garcia Saraiva, etc. -, a entidade, com o desaparecimento dessa geração, ficou em extrema penúria. As despesas eram rateadas pelas diretorias. Só muito depois o governo português, no antigo regime, concedeu um subsídio de 50 contos de reis para amenizar a crise que ameaçava a instituição. É de destacar a extraordinária ajuda recebida nos últimos anos da Fundação Calouste Gulbenkian, que deu os recursos para a aquisição e obras do prédio contíguo ao Real Gabinete onde está o centro de multimédia. Também o MNE (Ministério dos Negócios Estrangeiros) tem concedido uma permanente ajuda

desde que, tanto no governo de Cavaco Silva como no de António Guterres, se reconheceu a importância da instituição para a difusão da cultura portuguesa no Brasil. Outras entidades, da Biblioteca Nacional ao Instituto Camões, de empresas portuguesas aos donativos da comunidade, da Real Caixa de Socorros D. Pedro V ao Liceu Literário Português, têm vindo a permitir ao Real Gabinete desenvolver atividades crescentes desde a edição semestral da revista Convergência Lusíada, distribuída gratuitamente por centenas de instituições e Universidades de todo o mundo, até à recuperação de obras raras danificadas pelo tempo... Pena é que não seja mais conhecida a existência deste museu vivo da cultura. À data não se sonhava com o Museu da Língua Portuguesa em S. Paulo. Vi ainda outros ex-líbris como a Assembleia Nacional e o Jardim Botânico. Ao passar por Leblon não esqueci a célebre musiquinha pois ali ao lado havia centenas de "Garotas de Ipanema". Provei uma bebida de coco fresca maravilhosa, servida em meia casca do fruto, à sombra duma das palmeiras.



o Jardim Botânico



Leblon e Copacabana



Numa fase mais turística, vi o Pão de Açúcar ao longe cheio de parapentes saltando dos vários morros, impressionantemente majestáticos quando olhados cá de baixo. Fui ao Alto da Tijuca. Ali apreciei esse enorme parque, ou reserva natural, em pleno centro da cidade com onze milhões de habitantes (mais do que Portugal inteiro). Idílico. Havia uma magnífica cascata mesmo ao lado da estrada. Ninguém diria que estava em pleno coração do Rio. A Cascatinha do Taunay deve o seu nome ao pintor francês Nicolas Antoine Taunay, membro da Missão Francesa, trazida ao Brasil por Dom João VI em 1816, que decidiu ali construir, a sua residência.



Aproveitei esta viagem, única e talvez irrepetível, para conhecer os primos direitos, filhos do irmão mais velho do meu pai, emigrado para o Brasil em 1920. Viviam cheios de dinheiro, mas enjaulados. Protegidos por sistemas de segurança incríveis em pleno coração de Botafogo, na casa que fora de seus pais e meus tios. Não fiquei muito convencido com a felicidade deles, mau grado seis carros na garagem e a casa suntuosa e rica. Tudo era falso. Um ar de museu sem vida. Uma exposição colocada na vitrina para espantar os burgueses. Sem alma. Ali tudo cirandava em torno do vil metal. Olhavam perplexos para as preocupações etéreas e intelectuais deste primo do outro lado do mundo. Tentaram impressionar-me com o excesso de bens materiais levando-me ao late Clube do Rio de Janeiro, uma associação exclusiva para ricos, mas nem a comida (a célebre feijoada) apreciei, embora as vistas fossem espetaculares. Era como se estes primos, subitamente apenas se limitassem a tentar reproduzir a riqueza familiar de que a minha avó paterna falava e que eu nunca conheci.

Uma das cidades mais bonitas do hemisfério, o Rio de Janeiro é frequentemente descrita como uma cidade sitiada. O crime violento aumentou significativamente. O índice de homicídios triplicou nos últimos quinze anos, passando de 2826 (1980) para 8408 mortes (1994) e 8321 em 2002. O primeiro semestre (2008) apresentou o menor número de vítimas de homicídios dolosos desde 1991, segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP). No primeiro semestre foram 2859 vítimas, contra 3135 no mesmo período em 2007. Uma queda de 8,8% no número de homicídios dolosos. Já os roubos a transeuntes aumentaram 17% de janeiro a junho (2008), em comparação com o primeiro semestre de 2007. 33300 roubos a transeuntes em 2008 contra 28453 no ano anterior. Na comparação de junho de 2008 com idêntico período em 2007, o aumento foi de 9,2%: 5080 casos, em 2007 e 5548, em 2008. A preocupação da população cresceu. A imprensa, a sociedade civil e os políticos têm-se inquietado com a violência relacionada com as quadrilhas organizadas e o tráfico de drogas. Infelizmente, os esforços para a aplicação da lei e combate ao crime contaram com numerosas e flagrantes violações de direitos humanos. Apesar das boas intenções, a polícia fluminense continua a ser violenta, corrupta e a cometer excessos. A Human Rights Watch (América) documenta casos de brutalidade policial, incluindo dois massacres nos quais vinte e sete moradores de uma favela foram

assassinados. Também documenta as violações de direitos humanos ocorridos durante a maior campanha contra as quadrilhas de traficantes de drogas: a Operação Rio, entre novembro de 1994 e meados de 1995.

Foi nesta fase que vi o Rio.

O Brasil é uma rota cada vez mais importante para a cocaína produzida nos países andinos e destinada à Europa e aos Estados Unidos, assim como um importante mercado para o consumo. Grande parte do tráfico concentra-se no Rio de Janeiro, onde os níveis mais baixos da hierarquia são dominados por quadrilhas organizadas entrincheiradas nas favelas. Conflitos violentos pelo controle de territórios entre as quadrilhas são frequentes graças a um próspero comércio ilegal de armas. Confrontos entre a polícia e os traficantes são marcados por tiroteios indiscriminados, que atingem transeuntes inocentes: habitantes das favelas, os favelados, mas também moradores de bairros de classe média e alta. A crescente indignação da população contra a violência causada pelas quadrilhas de traficantes e por policiais e as manobras de candidatos ao governo do estado, levaram o governo federal a enviar tropas militares federais para auxiliar a polícia, no final de 1994. Esse esforço conjunto, sem precedentes, entre militares e polícia, para erradicar as quadrilhas criminosas do Rio de Janeiro, a Operação Rio, realizou dezenas de ocupações, com a duração de vários dias, nas favelas do Rio e municípios vizinhos, incluindo a Baixada Fluminense e Niterói. Nos primeiros dois meses e meio da Operação Rio os militares e a polícia prenderam 200 pessoas, detiveram 400, apreenderam 300 armas de fogo, 74 quilos de maconha e sete quilos de cocaína. O tráfico de drogas nas favelas foi temporariamente interrompido. Os traficantes retomaram seus negócios assim que as tropas se retiraram das favelas. A Operação Rio foi marcada por torturas, prisões arbitrárias e buscas sem mandado judicial, além de uso desnecessário de força letal. Alguns abusos, tais como submeter bairros inteiros a buscas casa a casa, foram expressamente autorizados e inclusive exigidos pelos objetivos estratégicos da operação. Outros, como as torturas, não foram abertamente incluídos no projeto da Operação Rio. Não obstante, a incapacidade das autoridades civis e militares de responder rápida e decisivamente às denúncias de excessos no desenrolar da Operação Rio, as declarações no sentido de justificar os "excessos" cometidos na operação, e a ausência de condenações por excessos praticados contra muitos favelados sugerem uma indiferença aterradora das autoridades brasileiras para com a violação dos direitos humanos. Sugerem, aquiescência tácita. Durante a Operação, o Exército foi mobilizado para ajudar precisamente por causa da violência e corrupção notórias da polícia fluminense. Infelizmente, a Operação Rio não incluiu medidas, nem do estado, nem das autoridades federais, para combater as violações aos direitos humanos cometidas pelos policiais. Como consta do relatório, a polícia fluminense continua a violar direitos humanos fundamentais nas suas tarefas rotineiras de combate ao crime. Se o governo federal do Brasil quer contribuir significativamente para a luta contra o crime, a sua atenção deve dirigir-se para a violência fardada que reproduz a violência particular.

Depois da estadia no Rio segui de camioneta, da Cidade Maravilhosa para o interior profundo, Minas Gerais. No caminho assisti assombrado a mais uma violação básica dos direitos humanos que me havia de marcar profundamente. Jamais esquecerei o que vira.

A PM (Polícia Militar) tratava os negros que viajavam no mesmo autocarro, à coronhada, exigindo documentação, indagando do motivo da viagem, dados sobre o local onde se dirigiam e porquê. Estive prestes a intervir, mas aconselharam-me a não o fazer. O visto de turista no passaporte australiano não serviria de nada às mãos dos capangas da PM. Fiquei chocado e jamais esquecerei os olhares dos militares e dos negros (obviamente pobres) que viajavam no mesmo autocarro. Parecia um cenário de guerra, revoltante, humilhante, degradante. A paisagem também tivera momentos assustadores na rodovia BR-040 entre o Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Belo Horizonte, que segue a velha Estrada Real construída por escravos, por isso é também designada como a estrada dos escravos. Passa por montanhas pedregosas e altas como a Serra do Mar, 1 000 m de altura, a pique sobre pequenas aldeias, em baixo, e sem barreiras de proteção. Mas o que mais me abismou foram, sem dúvida, as três ou quatro intervenções da PM, numa viagem de menos de 400 km. Embora a ditadura brasileira (1964-1985) tivesse acabado há quase dez anos os vestígios da prepotência e impunidade militares que caracterizaram os esquadrões da morte ainda prevaleciam. No Rio, para além da riqueza e abundância numa minoria, viam-se pessoas a dormir na rua. As favelas estavam em estado-de-sítio. País de contrastes construído com a força bruta do trabalho escravo.



90.2.1. ESTRADA REAL - O CAMINHO DAS RIQUEZAS

Recordem-se as descrições de “A Estrada Real, Minas Gerais” de Bill Hinchberger e Rose Brasil:

Mais de 1.400 quilômetros de estradas de terra e pedra ligavam as minas de ouro e de diamantes ao litoral e aos seus portos. Dali, partia para financiar, no outro lado do atlântico, as guerras das nações europeias e a industrialização do velho continente. Estrada Real se chama desde os tempos da conquista do interior brasileiro, do achamento de ouro e diamantes e o começo da época das minas gerais. Os brancos conquistadores usavam, na realidade, trilhos indígenas para marchar terra adentro. Boa parte do caminho foi, durante o século XVIII, assentado de pedras por escravos africanos. Composta de um caminho velho e um novo que se unem em Ouro Preto, antiga capital do estado, para seguir, para o norte, até Diamantina, no caminho dos diamantes.

90.2.2. O CAMINHO VELHO

Até ao final do séc. XVII, o caminho levava dois meses para chegar a Minas. Em 1699, Garcia Rodrigues Pais abriu um caminho através da cidade litoral de Paraty e a região das Minas. Esse percurso durava duas semanas.

90.2.3. PARATY

O caminho velho começa em Paraty, ainda hoje tranquilo e aconchegante. Uma baía aos pés das montanhas verdes da Serra do Mar. A baía forma um porto natural excelente, ideal para desembarcar tudo o que se precisava na colônia portuguesa e embarcar todas as riquezas encontradas nas minas. Dos primórdios do séc. XVI até ao séc. XVIII, Paraty era o ponto de partida para entrar no sertão, depois chamado Minas Gerais. O primeiro obstáculo natural é a Serra do Mar, muralha natural até 1000 metros, feita de densa vegetação. Depois de subir, os viajantes continuam pelo sertão paulista em direção à Serra da Mantiqueira, onde as cidades S. João de Rei e Tiradentes atraem muitos turistas. Das várias expedições que percorriam a Serra da Mantiqueira e os vales dos rios das Mortes e da Velha ignora-se qual foi a primeira a achar ouro. Talvez a de Borba Gato, em 1693. Nos anos 1698-1699 uma grande quantidade de ouro foi encontrada. Entre 1700 e 1799, 840 toneladas de metal foram extraídas das terras mineiras. Entre 1700 e 1720, mais de 150 mil pessoas entraram em Minas Gerais, mais de 100 mil escravos africanos. Para todo Brasil, em 1700, estima-se uma população de 350.000 pessoas. Grande parte da população deixou as fazendas e cidades na procura de ouro, e não restava mão-de-obra suficiente para abastecer a população, resultando em longos períodos de fome, brigas violentas e guerras sangrentas pela sobrevivência entre os grupos de aventureiros.

90.2.4. OURO PRETO

"Ouro Preto é uma cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto." Hipérbole. Que seja permitido a Manuel Bandeira o pequeno exagero: escreveu-o em 1938 num guia sobre a cidade. Quarenta anos antes, deixara de ser capital de Minas Gerais, depois do ouro se esgotar. Hoje, a cidade recuperou um pouco da sua proeminência como um centro do renascimento dos 1,4 mil quilômetros da Estrada Real do séc. XVII. Por ela seguiam o ouro e os diamantes de Minas Gerais para os portos e daqui para Portugal. Hoje são turistas estrangeiros, que a percorrem. "Vocês nos tiraram o ouro, agora tragam-nos euros", brinca Eberhard Hans Aichinger, diretor-gerente do Instituto Estrada Real, entidade sem fins lucrativos de desenvolvimento turístico.

90.2.5. A ROTA 66 BRASILEIRA

Comparada ao Caminho de Santiago, a Estrada Real podia ser a versão em estado bruto da famosa Rota 66 americana. Ana Celeste da Costa reconheceu o paralelo intuitivamente. A operadora de viagens, Melbourne, de S. Paulo, manda motociclistas brasileiros fanáticos percorrer o famoso trajeto entre Chicago e Los Angeles. Agora traz americanos e europeus para a Estrada Real. A religiosidade é parte da equação; Deus sabe por quantas igrejas com altares cobertos de ouro passa. A História do Brasil não poderia ser contada sem ela - nem a política, nem a econômica, nem a cultural, nem, a dos despossuídos, escravos, mulheres, garimpeiros ou contrabandistas. Em 1720, quando a Coroa tratou de recolher os 20% do ouro determinados pela legislação colonial, eclodiu em Ouro Preto a chamada Revolta de Vila Rica, com o esquiteamento de um de seus líderes, Felipe dos Santos. Hoje quem vai ao Parque Estadual do Itacolomi, pode visitar a Casa Bandeirista, onde os impostos eram recolhidos na Estrada Real. Construída em 1708, recém-restaurada, é considerada o primeiro prédio público do estado. O parque, abriu suas portas como parte de uma iniciativa do governo mineiro de tentar conciliar conservação e recreação.

90.2.6. PROFETAS INCONFIDENTES

Assim como a Rota 66, em muitos lugares a Estrada Real existe mais em espírito do que como uma estrada ou trilha de verdade. Trechos inteiros sucumbiram ao desenvolvimento urbano, às estradas ou simplesmente ao abandono. Mato e pastagens com frequência cobrem o velho caminho. Também como a Rota 66, a Estrada Real era, na realidade, mais de uma: pouco antes da metade do caminho a partir do seu ponto inicial, Diamantina, bifurca - a rota original seguia até Paraty, e outra, construída no início do séc. XVIII, ia para o Rio. No trajeto podem visitar as famosas esculturas do Aleijadinho em pedra-sabão dos profetas do Velho Testamento de Congonhas do Campo, terminadas em 1803. Muita gente as vê como figuras religiosas, mas alguns especialistas acreditam que também

carregam uma mensagem política. Simpatizante da Inconfidência Mineira, o Aleijadinho incluiu em cada estátua um símbolo em homenagem aos rebeldes mortos ou desterrados. Para alguns académicos, o profeta Daniel, por exemplo, tem na cabeça uma improvável coroa de louros e representa o poeta inconfidente Tomás António Gonzaga.

90.2.7. S. JOÃO DEL-REI E TIRADENTES

Ambas têm um legado histórico imenso. Com o trem que liga as duas cidades por 12 quilómetros, a região se transformou num acervo vivo da história ferroviária. No final do séc. XVII, o paulista Tomé Portes D'el Rey chegou à região e fundou S. João del-Rei, que recebeu o título de vila em 1713. Na fazenda de Pombal, nasceu em 1746 Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, um dos heróis nacionais do Brasil. A vila, ao redor, recebeu no começo da República, em 1889, o nome de Tiradentes. Até hoje, inúmeros prédios em S. João testemunham a mais rica fase do barroco mineiro, como a Igreja de S. Francisco de Assis, de 1774, obra do mestre português Francisco de Lima Cerqueira e do génio António Francisco Lisboa - o Aleijadinho. Na maestria de esculpir, o artesão deixou testemunhos do seu génio em muitos lugares ao longo da Estrada Real.

90.2.8. CONGONHAS DO CAMPO

Fundada em 1734, a cidade ficou famosa com os 12 apóstolos em pedra-sabão que o Aleijadinho produziu para decorar a igreja de Bom Jesus de Matosinhos. A igreja, construída em 1757, ganhou as figuras entre 1800 e 1805, poucos anos antes da morte de Aleijadinho. O magnífico conjunto dos profetas é distribuído no adro do santuário, enquanto, na basílica, há pinturas de Mestre Athayde. Além dos 12 profetas, o Aleijadinho esculpiu 66 figuras, entre 1796 e 1799, que compõem os Passos da Paixão de Cristo. Em 1983, Congonhas foi declarada Monumento Cultural da Humanidade pela UNESCO.

90.2.9. O CAMINHO NOVO

Em 1710, o caminho novo foi aberto. No começo, a baía da Guanabara era atravessada de barco até chegar em Magé, de onde começa a subida da Serra do Mar, passando por Petrópolis, até chegar a Paraíba do Sul. De lá, a viagem seguia pelo sertão mineiro até encontrar o caminho velho em Ouro Preto e Mariana, cidade vizinha.

90.2.10. OURO PRETO E MARIANA

Perto do Rio Tripuí foram encontradas as maiores quantidades de ouro. Lá se construiu, no séc. XVIII, a cidade mais rica e mais populosa do hemisfério sul. Foi nesse lugar que fracassou o primeiro movimento brasileiro para se livrar da Coroa portuguesa e dos tributos e impostos reais, a Inconfidência Mineira. Inspirada pela revolução francesa e norte-americana, os cidadãos mais ricos da região levantaram a bandeira da independência, mas o levantamento fracassou e resultou na morte de Tiradentes em 21 de abril de 1792, esquartejado no Rio de Janeiro. Hoje, a cidade, com sua arte barroca de Aleijadinho e do pintor Mestre Athayde, é Património Cultural da Humanidade da UNESCO. O ouro tinha uma crosta negra de óxido de ferro, dando origem ao nome de Ouro Preto. Com a chegada do bandeirante Antônio Dias, em 24 de junho de 1698, a maior corrida do ouro em toda a América Latina começou transformando a vila num conjunto único de arte barroca. Em 1823, Ouro Preto passou a capital do estado de Minas Gerais.

90.2.11. O CAMINHO DOS DIAMANTES



Em 1727 espalhava-se a notícia que na região do Alto do Vale do Rio Jequitinhonha, num lugar conhecido como Arraial do Tijuco no Serro Frio, foram achados diamantes tão maravilhosos que o rei de Portugal, D. João V, mandou as primeiras amostras logo para o Santo Papa em Roma. Até então, pedras tão preciosas só eram encontradas nas Índias e no Extremo Oriente. A Coroa declarou a exploração e extração de diamantes, total monopólio real. Só entre 1740 e 1770 foram extraídos 1.666.569 quilates, tanto que o preço do diamante no mercado mundial caiu 75%. Até 1810, cerca de 3 milhões de quilates foram extraídos da terra. O Arraial do Tijuca chama-se hoje Diamantina e é considerado pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade. Em Diamantina termina a Estrada Real, hoje um dos projetos turísticos mais evoluídos do Brasil. Com maciço apoio da empresa FIAT, cuja sede é perto da capital Belo Horizonte, o governo mineiro investe no projeto Estrada Real para tornar a antiga rota de aventureiros numa atração turística. Pela beleza natural e com a herança colonial tão única, a Estrada Real tem tudo para dar certo e se transformar, 200 anos depois do término da época de ouro e de diamantes, num caminho de riquezas.

Em Belo Horizonte saí bastante, convivendo com alguma elite intelectual, provando a caipirinha e a cachaça, além de comida mineira cujo nome exigia sempre glossário. Tratei de ir aos departamentos oficiais saber o que era preciso para residir no Brasil. Rapidamente me apercebi do que eles chamam "o jeito português". Isto é, ficava com visto de três meses, depois ia a Iguazu ver as cataratas, atravessava a fronteira (Paraguai) e voltava. Assim terminei a saga brasileira sem glória. Que tinha para mostrar? Passei pelo Rio. Vi os morros. O alto da Tijuca, imensa reserva natural em plena cidade, a célebre Ópera, imitação da de Paris. Vi a Lagoa Rodrigo de Freitas, Leblon, Copacabana e Ipanema. Estive no Botafogo. Passei ao lado do célebre estádio do Maracanã. Um colosso a necessitar de obras de renovação, mas cujo nome ainda impressiona. Em Minas Gerais (um estado maior que a França), conheci Juiz de Fora e Belo Horizonte, e visitei calmamente Ouro Preto e Mariana, cidades réplicas das portuguesas. Igrejas iguais às da Guarda ou Viseu. Casas pintadas como imagino que sejam nos Açores que nunca visitei. Um fim de semana inesquecível em Mariana, que tal como em Ouro Preto me deixara atónito.

90.2.12. O MAIOR E MAIS HOMOGÉNEO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO COLONIAL PORTUGUÊS NO MUNDO...

Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira a ser declarada pela UNESCO património cultural da humanidade. Mariana foi a primeira vila elevada a cidade em Minas Gerais. Fundada em 1696, por bandeirantes paulistas, foi o centro do poder eclesiástico em Minas Gerais. Foi também a primeira capital da província. A economia da cidade baseia-se na indústria (metalurgia, siderurgia), na mineração e no turismo. Visitas obrigatórias: Igreja de Santa Efigénia, Museu Aleijadinho, Matriz do Pilar, Casa da Ópera, Casa dos Contos, Igreja de S. Francisco de Assis, Museu da Inconfidência, Oratório e Mineralogia.

Numa das suas igrejas ouvi um excelso concerto de órgão setecentista.

Arp Schnitger (1648-1719), um reconhecido construtor de órgãos de Hamburgo, recebeu uma encomenda em 1701 para construir dois órgãos, os quais acabaram por ir para Portugal. O outro foi para o Brasil a fim de embelezar a primeira diocese do Brasil estabelecida na província de Minas do Ouro. Tratava-se do primeiro ato de reconhecimento pela Corte e pela Igreja em Portugal da importância do Brasil. O órgão de Mariana tem 964 tubos, ativados pelo teclado. Os adornos são de origem portuguesa e representam motivos chineses influenciados pela cultura de Macau. Quando o órgão foi restaurado em 1977 constatou-se, em Hamburgo, que havia uma estrutura para dois pedais que nunca foram instalados porque os portugueses naquela época não os usavam. Foram acrescentados, 276 anos após a construção original. Schnitger, que estava para os órgãos como Stradivarius para os violinos, construiu e restaurou 169 dos quais existem 60. O de Mariana mantém 65% peças originais. Foi instalado em 1753 na Catedral e restaurado em 1984, após 509 anos de silêncio. Um outro órgão possivelmente construído por Schnitger, em Moreira da Maia perto do Porto, sugere que este e outro similar em Mariana correspondem aos dois órgãos originalmente construídos em 1701.



90.3. O REGRESSO A 29 dezembro 1994.

Regressei a Portugal depois dum natal mineiro típico (muito feijão) em Belo Horizonte. Inicialmente não pensei ficar, mas a hipótese de conhecer outro tipo de natal entusiasmarão. A maior parte dos meus natais foi tropical ou subtropical. Todos no hemisfério sul, em praias ou dentro de água. A ideia de natais frios e enregelados não era particularmente atraente. Já constataro que caso regressasse ao Brasil teria de me debater com inúmeros problemas. Mesmo assim, gostava de ir lá outra vez. Deixei lá roupa, como costume fazer sempre que quero deixar expressa a indicação de que voltarei e o livro de culto, uma autobiografia de Woody Allen. Deixei o país bonitinho, tropical, abençoado por deus e pela natureza...

91. CRÓNICA 91 DUAS MORTES, UM SÓ PAÍS. 15 janeiro 2011

91.1. PORTUGAL E OS CIDADÃOS DE PRIMEIRA, POR ANTÓNIO DE SOUSA DUARTE⁸⁶ 12 de janeiro de 2011

Já vos aconteceu andar na cabeça a amadurecer um tema, estruturá-lo, trabalhando-o, vestindo das roupagens diáfanas que só as palavras conseguem e de repente abrir o jornal, neste caso, o correio eletrónico, e deparar com o texto que amadurecia dentro de nós? Foi o que me aconteceu esta manhã:

As mortes de Vítor Alves, Capitão de abril, e do cronista cor-de-rosa Carlos Castro mostram algumas evidências sobre o país. Separadas por escassas horas, as mortes do coronel Vítor Alves, "Capitão de abril", e do cronista "cor-de-rosa" Carlos Castro tiveram o condão de fazer notar, uma vez mais, evidências sobre Portugal e os portugueses que nunca será de mais destacar. Na verdade, mesmo admitindo as macabras circunstâncias em que Castro foi assassinado e os requintes de malvezes de que foi aparentemente vítima, não parece normal que tal facto tenha merecido tão esmagadoramente maior espaço mediático do que o desaparecimento de um dos principais símbolos da Revolução do 25 de abril de 1974 e destacado operacional da construção do processo democrático. Vítor Alves faleceu domingo, cerca de 36 horas depois da morte, em Nova Iorque, de um colunista social conhecido por se dedicar há décadas a analisar os factos da atualidade "cor-de-rosa" nacional. Considerado em muitas das biografias espontâneas que dele nos últimos dias chegaram ao nosso conhecimento como "um cidadão de primeira", Vítor Alves foi um homem probo, sério, rigoroso, sensível que contribuiu de forma decisiva - antes e depois do dia 25 de abril de 74 - para o atual regime democrático em Portugal. Vítor Alves, integrou, com Vasco Lourenço e Otelo Saraiva de Carvalho, a comissão coordenadora e executiva do MFA (Movimento das Forças Armadas), foi o autor do primeiro comunicado dirigido à população no dia 25 de abril e o militar porta-voz do Movimento. Mas as exéquias mediáticas de Vítor Alves foram curtas, muito curtas, se levamos em conta a importância do seu legado e o impacto informativo que outros factos da atualidade suscitaram e de que é exemplo, sublinho, a vaga noticiosa relativa à morte de Carlos Castro. O país trocou "um cidadão de primeira" por uma "história de segunda", mas o desiderato é positivo: chancela-se a morte do militar, político, ministro e conselheiro da Revolução em rodapés a correr e atribuem-se honras de Estado, mediático ao assassinato do cronista (não cronista social como alguns lhe chamam, como se Carlos Castro e Fernão Lopes fossem páginas do mesmo livro...) e às incidências macrotrágicas em que foi encontrado o seu corpo após alegada tortura, castração e assassinato. Mas a responsabilidade de todo este "estado a que" - de novo e citando Salgueiro Maia - "chegámos" não é do povo. Porque não é o povo que edita jornais, blocos noticiosos, telejornais ou sites. Nem é o povo o responsável por Marcelo Rebelo de Sousa ter dedicado ontem, no Jornal da TVI, mais tempo de antena à morte de Carlos Castro do que ao desaparecimento de Vítor Alves.

91.2. CONHECI VÍTOR ALVES

Foi o que li e pouco teria a acrescentar, a não ser que conheci Vítor Alves e com ele me cruzei em Jacarta, Macau e Lisboa.

Com o dito cronista, felizmente, nunca tive o desprazer de conhecer. Sabia-lhe a verrugosa veia chantagista de que servia nas suas colunas de revistas e jornais para enaltecer ou rebaixar as chamadas "socialites" em inglês, ou mais prosaicamente as "tias" em português. Embora não possa admitir a violência deste ou de qualquer outro crime quejando, mais parecendo um mau "script" (guião) de uma série CSI, usaria o refrão popular, de mau gosto, mas adequado de que "cada um se deita na cama que faz". Como velho céptico custa-me a aceitar estes amores entre idades desproporcionadas (mais de 40 anos de diferença) lembrando-me sempre de como não me sentiria bem apaixonado por uma coeva da minha avó, ou como seria ridículo apaixonar-me por uma jovem de 18 anos e acreditar que o sentimento fosse mútuo. Mesmo com menor gradiente de idades não me imagino apaixonado por amigas da minha octogenária mãe ou vice-versa. Cada qual come do que gosta (usando mais um cliché) e cada qual dorme com quem entende. Foi assim que muitas caras bonitas da TV se fizeram e assim se chega a ministro como dizia o outro. Deixemos para trás estes criminosos e cronistas cor-de-rosa pois deles nunca deveria rezar a História embora faça as delícias deste povo obcecado pelo voyeurismo, capaz de se rir da sua nudez intelectual sem pruridos morais.

Cruzei-me com o então Major Vítor Alves em 1974 em Jacarta como escrevi na CrónicaAçores, uma CIRCUM-NAVEGAÇÃO, vol. 1. A este e outros propósitos escrevi:

"... Os Indonésios irão mais tarde, utilizar o argumento de que receberam garantias do Primeiro-ministro Vasco Gonçalves ao general Ali Murtopo, que "era irrelevante para Portugal se Timor continuasse [ou não] sob soberania portuguesa." Daqui se pode inferir que as manobras subtis dos portugueses fizeram ricochete. Desde o primeiro momento em que se envolveram em conversações secretas com os Indonésios, os portugueses estavam encurralados. Não podem evitar a opinião pública internacional (ou a portuguesa) sobre as intenções da Indonésia. Comprometeram-se irremediavelmente com os Indonésios. A única alternativa possível, naquela altura, foi então discutida pelo Major Vítor Alves, Dr. Mário Soares e Dr. Jorge Campinos (os principais negociadores) mas unanimemente rejeitada. Tal alternativa consistia em abandonar todas as negociações bilaterais [com a Indonésia] e apelar para que as Nações Unidas impedissem a invasão. Alguns líderes portugueses defendiam tal opção: Major Melo Antunes, Ten-Cor. Lemos Pires (o último Governador de Timor Português), e os representantes locais do Comité de Descolonização, Majores Jónatas e Mota, mas os seus esforços foram desfeitos por Almeida Santos e Vítor Alves. Existe uma insídiosa coincidência entre o que acontece mais tarde [a anexação da Indonésia em julho 1976] e a situação em

86 * Ex-jornalista, consultor de comunicação, doutorando em Ciência Política

1941 os japoneses invadiram a ilha. Embora esta tivesse ocorrido durante a segunda grande guerra, a primeira tem lugar num período de enorme agitação política e deterioração do poder em Lisboa. O ponto comum é o de em ambos os casos, o Governo Central de Portugal ser totalmente incapaz (se não totalmente sem vontade de o fazer) de organizar recursos suficientes para manter a sua autoridade na mesma Colónia...

Em 1977 voltaria a encontrar-me com Vítor Alves em Macau e em Hong Kong e posteriormente, em Lisboa 1980. Em Macau, tinha inclusive havido uma tentativa de o desacreditar e de o ligar a cenas da noite macaense com umas jovens filipinas no Hotel Lisboa, na única discoteca que então ali havia. A verdade é que o Major Vítor Alves lá estivera, como outras pessoas, mas isso não o comprometia como utilizador e beneficiário de favores sexuais extraordinários, fora de horas, das ditas dançarinas filipinas. Elas eram "meter-maids" mas não da mesma forma como foram celebradas na música imortal dos Beatles "Lovely Rita". Esta canção do álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, escrita e cantada por Paul McCartney, fala do afeto do narrador por uma funcionária de um parque de estacionamento, e no Casino Lisboa não se estacionava.... O termo "meter-maid" era praticamente desconhecido no Reino Unido antes desta música, representando um americanismo para uma polícia de trânsito feminina e surgira quando uma jovem polícia chamada Meta Davies multou Paul McCartney à entrada dos estúdios da Abbey Road. Sem protestar expressou os seus sentimentos em música, dizendo que ela tinha cara de Rita. Posteriormente, passou a significar na gíria um parcómetro humano onde se metiam moedas para estacionar e daí o seu uso para as jovens filipinas do Hotel Lisboa que ganhavam consoante convencessem os clientes a estarem com elas e a beberem falso champanhe francês..Macau tinha então muita gente empenhada em denegrir o MFA e a Revolução de abril. Havia numa certa imprensa e em certos "cronistas" locais uma aversão a Portugueses. Foi isso que se passou como o pude comprovar e a tal propósito, fizemos chalaças quando nos cruzamos, de novo, num centro comercial em Cascais.

Confesso que depois do meu bem-amado mentor major Melo Antunes, Vítor Alves era outro militar da Revolução por quem nutria respeito e consideração. Era uma pessoa culta, educada e diplomática como agora o caracterizam. Obviamente o povo português não partilha desta opinião e muito menos os que se ocupam de trazer tragédias pessoais, e outras aos ecrãs da minha insatisfação televisiva diária. Agora não é o Rei que vai nu, mas sim o povo lampeiro sempre pronto a degustar mais uma cena imprópria, daquelas que envergonharia qualquer escritora de cordel, como Corin Tellado nos anos da minha juventude.

92. CRÓNICA 92. A INSEGURANÇA E O DIREITO À DEFESA. 21 janeiro 2011

Vivi em locais inseguros no Porto, Timor, Macau, algumas áreas de Bali, Perth, Sidney e Melbourne sem nunca receber a visita dos amigos do alheio. Foi preciso chegar aos 62 anos, na açoriana costa norte da Ilha de São Miguel, mais precisamente na Lomba da Maia, para sentir essa devassa que é a de alguém penetrar no nosso santuário mais íntimo, a nossa casa, o lar tal como definido desde tempos romanos. Passe o exagero óbvio da comparação, mas sempre entendi que um assalto à casa de cada um é - de certo modo - semelhante a uma violação, uma defenestração violenta, não-consentida. Sempre defendi que cada um devia ser livre de decidir quem entra ou não nesse santuário que todos os dias tocamos com as nossas mãos, pés e sentimentos. Não é tanto a perda de bens materiais, pois muitos são facilmente substituíveis, como a perda da inviolabilidade do dito santuário que é a casa de cada um. Sei que esta noção pode parecer estranha neste meio rural onde há seis anos, quando aqui cheguei, as pessoas ainda deixavam as portas abertas e a chave na porta ou na ignição do carro. Sei que a maior parte dos vizinhos é assaltada e nem se digna fazer queixa às autoridades policiais por medo. Sei que estas se sentem impotentes face à atual legislação que vê os assaltantes saírem em liberdade com uma pequena admoestação.

Sei também que os assaltos repetidos (quatro que se saiba) à casa do padre - que confina com o meu quintal - provavelmente não foram notificados a nenhuma autoridade policial e apenas o assalto à Igreja na semana de 15 a 22 de janeiro deste ano da desgraça de 2011 mereceu honras de notícia de jornal. Sei que os assaltos a idosos - nas suas casas - dias após receberam as suas pensões passaram despercebidos à maioria dos habitantes e das autoridades. Sabemos todos (desde há anos) do pequeno grupo (nem chega a gangue, essa meia dezena de drogados) que se reúne no Largo da Igreja, junto ao Coreto, para aí mercadejar a droga e combinar fontes de rendimento alternativas para sustentar essa dependência. Sabemos todos que existem outros mais jovens - meros juvenis pré-adolescentes - que

dão agora os primeiros passos em pequenos roubos nas mercearias e minimercados, nos cafés, antes de se aventurarem na casa alheia. Ouvimos as conversas sobre insegurança no café da esquina, onde se sabe que o próprio dono e presidente da Junta já viu esse mesmo café assaltado - pelo menos três vezes, que se saiba -, e viu igualmente a Junta de Freguesia ser assaltada e despojada de computadores. As pessoas indiciam nomes de eventuais suspeitos, de alegados culpados, da alegada conivência das mães e pais desses meliantes, da conivência de recetadores dos furtos, da inoperância das autoridades judiciais, mas nada mais se faz. Toda a gente sabe que há recetadores para o fruto dos roubos, sejam sacas de ração ou botijas de gás... Não passam de conversas de café.

Lembro-me, que antes desta crise, há uns 4 ou 5 anos, os carros da polícia passavam regularmente, a horas incertas do dia e da noite pelas ruas da freguesia. Agora só os vemos quando ocorrem a algum incidente, isto, quando têm pessoal e gasolina para se deslocarem... O que mudou além das lenientes leis e juízes? Será isto o progresso e já chegou às mais recatadas freguesias desta ilha? Há três semanas que mal durmo e acordo várias vezes ao longo da noite para verificar os pontos fracos de defesa deste meu castelo sem muralhas, enquanto não chegam os mestres para instalar grades e portões de segurança, bem como os eletricitistas dos sistemas de alarme. É este o preço a pagar por viver num local privilegiado com qualidade de vida nesta bela costa norte? Terei de ficar indiferente a esta vaga de assaltos que passou de ocasional, uma vez ao mês, para um sobressalto quase diário? Terei de ser fatalista como os nativos que me rodeiam? Ou devo fazer como em tempos se fazia e organizar uma milícia popular e um grupo de vigilantes pronto a exercer a justiça pelas suas próprias mãos? Que me respondam as autoridades impotentes e os politicamente corretos políticos, mas ninguém me restituiu a paz que antecedia o sentimento de violação do meu santuário. Por mais bens que possa substituir jamais regressarei ao estado de espírito tranquilo da vida calma na costa norte da Ilha de São Miguel. Terei de me resignar e ficar quedo e mudo perante o assalto a bens - que levei uma vida a acumular fruto do trabalho - para que os “amigos do alheio” possam vir cá e levá-los para comprarem mais uma dose?

Terei de me satisfazer perante a incapacidade do sistema policial, judicial e outros que sabendo quem são os presumíveis assaltantes os deixa incólumes no sossego do Largo [do Coreto] da Igreja a transacionar a droga e usá-la enquanto preparam nova investida contra a propriedade privada? A democracia e a liberdade não podem ter este preço. Temos todo o direito a dormir descansados com as nossas preocupações sobre o assalto que fazem aos vencimentos dos trabalhadores sem nos termos de preocupar com os assaltos dos toxicodependentes e outros larápios. Se eu vivesse em Nova Iorque teria de aceitar esta realidade, mas não creio que deva ficar parado à espera de Godot. Se as autoridades não nos defendem teremos nós de nos defender com meios proporcionais à ameaça, como diz a lei. Só que a entrada de uma pessoa no meu lar é uma ameaça proporcional - para mim - a um ataque atômico e usarei todos os meios e armas para me defender dela, mesmo sabendo, à partida que o ladrão me pode processar e exigir uma indemnização quando o atingir. Ou então defender-me-ei para que ele não possa sequer processar-me?

Sei que se for confrontado (embora a maior parte seja covarde e só assalte velhas indefesas) me irei defender com tudo o tenha à mão para me proteger de qualquer intrusão na inviolabilidade do lar. Nesse momento, se infelizmente vier a ocorrer, não me preocuparei com minudências jurídicas do direito dos ladrões. Esta foi uma experiência de impotência à distância, pois encontrava-me em Portugal a passar o natal, e não quero que se repita. Além de alarmes, grades e portões de ferro irei estar mais atento e vigilante para que a casa esteja defendida. Afinal estão aqui as coisas mais valiosas que tenho: os meus livros e escritos, e não há valor maior do que a biblioteca pessoal.

Fiz já saber a todos nas redondezas que irei adotar as medidas que entender necessárias para a defesa intransigente do direito à inviolabilidade da fronteira que separa o meu lar, aqui no mais estrito senso da palavra romana, do resto do mundo exterior. Espero que nesta terra pequena de fofuquices, essa mensagem chegue também aos perpetradores e sirva de elemento dissuasor. Caso contrário terei de lhes oferecer o livro em que esta crónica seja publicada, para que eles saibam.

93. CRÓNICA 93. AS CASAS DOS SEGREDOS, DEGREDOS, DO BIG BROTHER INTERNACIONAL. 25/1/2011

O que adiante se transcreve (de Luiz Fernando Veríssimo) promete chegar em breve a Portugal num canal favorito de TV, é a fórmula mágica de ganhar dinheiro e manter o povo anestesiado com a desgraça dos outros sempre prontos a desfrutar das tendências de "voyeur" que caracterizam o povo português do séc. XXI. Se tivessem cérebros funcionais podiam pensar e votar diferentemente, assim como já - desde há muito - estão pré-condicionados num estado de torpor intelectual basta ouvirem palavras mágicas e acreditam no que ouvem. Até são capazes de acreditar que depois desta crise e de lhes roubarem inconstitucionalmente os salários até vão ficar melhor preparados para enfrentarem a crise.

O mais chato disto tudo é que não podem dizer que a culpa é dos chineses pois foram estes que compraram parte da nossa dívida para poderem enviar para cá os artigos rejeitados pelas fábricas de escravos e de trabalho infantil que por lá têm, mas o que interessa é ver as poucas-vergonhas - como a minha avó lhes chamava - de uns tantos metidos numa casa a fazerem o que lhes mandam para ficarem famosos e quiçá acabarem por morrer numa prisão dos EUA. São uns heróis metidos dias, semanas, meses a fio, numa casa sem terem de trabalhar pelo sustento em troca de se deixarem filmar 24 horas ao dia. Para ser mais realista só faltam a estes programas os cheiros da flatulência de quem os concebeu. Há sempre milhões a acreditarem no que veem, a sofrerem com as desventuras dos que ali estão, pois é sempre melhor ver as desventuras dos outros do que a própria e ao fim de um dia de trabalho inglório nada melhor do que ver os outros em vez de se olharem ao baço espelho das tristes vidas que lhes calharam em sorte. E depois admiram-se que eles elejam Cavaco, Sócrates, Salazar...até elegiam o Pato Mickey ou o Pateta da minha infância. Até um treinador de futebol, português e famoso eles já sonhavam para treinador dos desígnios da nação... Imaginem só José Mourinho como primeiro-ministro, Cristiano Ronaldo como ministro do desporto, Carlos Queirós como ministro da Educação, Sá Pinto ministro da defesa, Eusébio nos negócios Estrangeiros e por aí adiante. No Brasil (que nem é bom exemplo nisto) já tiveram o Pelé ministro dos esportes e Gilberto Gil na cultura e o palhaço Tiririca deputado... Em França já temos o palhaço do Sarkozy que é como um primo direito desse tarado sexual do Berlusconi Viagra. Na Venezuela temos esse carismático Hugo Chávez que fez com que Hitler parecesse uma personagem de banda desenhada. Por esse mundo fora, - e prometo que não falo de África - abundam exemplos similares embora os meus favoritos sejam o iraniano Mahmoud Ahmadinejad e o norte-coreano filho do grande líder Kim Il-Sung. A este respeito não resisto a contar que a maioria das pessoas usa a cirurgia plástica para parecer mais nova, mas na Coreia do Norte o herdeiro do poder, Kim Jong-Un, de 27 anos fez cirurgia para se parecer ao avô.



o avô Kim Il-Sung o pai Kim Jong-il e o neto Kim Jong-un

Leiamos agora o texto que me motivou...

Big Brother Brasil (Luiz Fernando Veríssimo)

Que me perdoem os ávidos telespetadores do Big Brother Brasil (BBB), produzido e organizado pela Rede Globo, mas conseguimos chegar ao fundo do poço...A décima primeira edição do BBB é uma síntese do que há de pior na TV. Chega a ser difícil...encontrar as palavras adequadas para qualificar tamanho atentado à nossa modesta inteligência. Dizem que em Roma, um dos maiores impérios que o mundo conheceu, teve seu fim marcado pela depravação dos valores morais do povo, principalmente pela banalização do sexo. O BBB é a pura e suprema banalização do sexo. Impossível assistir, ver este programa ao lado dos filhos. Gays, lésbicas, heteros, todos, na mesma casa, a casa dos "heróis", como são chamados por Pedro Bial. Não tenho nada contra gays, mas sou contra safadeza ao vivo na TV, seja entre homossexuais ou heterossexuais. O BBB é a realidade em busca do IBOPE... Pedro Bial prometeu um "zoológico humano divertido". Não sei se será divertido, mas parece bem variado na sua mistura de clichês e figuras típicas. Pergunto-me, por exemplo, como um jornalista, documentarista e escritor como Pedro Bial que, faça-se justiça, cobriu a Queda do Muro de Berlim, se submete a ser apresentador de um programa desse nível. Em um e-mail que recebi há pouco tempo, Bial escreve maravilhosamente bem sobre a perda do humorista Bussunda referindo-se à pena de se morrer tão cedo. Eu gostaria de perguntar, se ele não pensa que esse programa é a morte da cultura, de valores e princípios, da moral, da ética e da dignidade. Outro dia, durante o intervalo de uma programação da Globo, um outro repórter acéfalo do BBB disse que, para ganhar o prémio de um milhão e meio de reais, um Big Brother tem um caminho árduo pela frente, chamando-os de heróis. Caminho árduo? Heróis? São esses nossos exemplos de heróis? Caminho árduo para mim é aquele percorrido por milhões de brasileiros: profissionais da saúde, professores da rede pública (aliás, todos os professores), carteiros, lixeiros e tantos outros trabalhadores incansáveis que, diariamente, passam

horas exercendo suas funções com dedicação, competência e amor, quase sempre mal remunerados... Heróis são milhares de brasileiros que sequer têm um prato de comida por dia e um colchão decente para dormir e conseguem sobreviver a isso. Heróis são crianças e adultos que lutam contra doenças complicadíssimas porque não tiveram chance de ter uma vida mais saudável e digna. Heróis são aqueles que, apesar de ganharem um salário mínimo, pagam suas contas, restando apenas dezasseis reais para alimentação, como mostrado em outra reportagem apresentada, meses atrás pela própria Rede Globo. O BBB não é um programa cultural, nem educativo, não acrescenta informações e conhecimentos intelectuais aos telespetadores, nem aos participantes, e não há qualquer outro estímulo como, por exemplo, o incentivo ao esporte, à música, à criatividade ou ao ensino de conceitos como valor, ética, trabalho e moral. E aí vem algum psicólogo de vanguarda e me diz que o BBB ajuda a "entender o comportamento humano". Ah, tenha dó! Veja o que está por de trás do BBB: José Neumani da Rádio Jovem Pan fez um cálculo de que se vinte e nove milhões de pessoas ligarem, com o custo da ligação a trinta centavos, a Rede Globo e a Telefónica arrecadam oito milhões e setecentos mil reais. Já imaginaram quanto poderia ser feito com essa quantia se fosse dedicada a programas de inclusão social: moradia, alimentação, ensino e saúde de muitos brasileiros? (Poderiam ser feitas mais de 520 casas populares; ou comprar mais de 5.000 computadores!) Essas palavras não são de revolta ou protesto, mas de vergonha e indignação, por ver tamanha aberração ter milhões de telespetadores. Em vez de assistir ao BBB, que tal ler um livro, um poema de Mário Quintana ou de Neruda ou qualquer outra coisa... ir ao cinema... estudar... ouvir boa música... cuidar das flores e jardins... telefonar para um amigo... visitar os avós... pescar... brincar com as crianças..., namorar... ou simplesmente dormir. Assistir ao BBB é ajudar a Globo a ganhar rios de dinheiro e destruir o que ainda resta dos valores sobre os quais foi construída nossa sociedade."

Dito isto e como acabo de ceder graciosamente grande parte do meu espólio (arquivos relacionados com a minha saga de Timor) à Torre Nacional do Tombo, estou a pensar seriamente oferecer também os livros que ainda tenho - e para os quais não arranjei tempo para reler - e passar a dedicar-me a seguir todas as telenovelas que a TV transmite de manhã à noite a ver se fico menos deprimido com mais um corte salarial que a minha mulher recebeu ontem como prémio de quase 30 anos a ensinar os filhos dos outros.

Factualmente, dizem as estatísticas que sou eu que estou errado e não os milhões de portugueses e portuguesas que avidamente seguem programas similares na TV, de manhã, de tarde e à noite, 365 dias por ano, ano após ano... são eles e elas que leem as dezenas de revista da especialidade que debitam páginas e páginas sobre esses "heróis e heroínas" da televisão. São eles e elas que telefonam diariamente para mil e um programas de televisão, seja para ganharem dinheiro fácil, para darem resposta a uma qualquer pergunta idiota ou fútil, sem entenderem que estão a dar a ganhar milhões às telecomunicações e a todos os que engendraram este esquema piramidal de fazer dinheiro fácil. Depois, esses eles e elas ocupam as poucas horas de lazer a falar do que viram e ouviram, até acreditarem que a vida virtual que observam no ecrã, é a vida real, a que eles não têm, mas que almejam. Assim, ao ver a triste figura e a desgraça dos que nos aparecem no pequeno ecrã penso menos como vou pagar as contas, pois sobra, cada vez mais mês no fim dinheiro.

94. CRÓNICA 94. O ESTADO TRATA-LHE DAS FINANÇAS MESMO DEPOIS DE MORTO. 12 fevereiro 2011

Já o disse e repito-o, este país mudou mais em 16 anos - desde que cá voltei - do que nos cem anos anteriores. Há dias foi notícia:

Uma idosa esteve morta durante nove anos dentro de casa, na Rinchoa, sem que as autoridades ou familiares a tivessem procurado. Foi uma penhora por parte das Finanças que fez com que a nova proprietária descobrisse o terrível cenário. Porém, na altura do desaparecimento, em agosto de 2002, uma vizinha garante que estranhou a ausência e que alertou a polícia. A mulher explicou que os agentes se recusaram a arrombar o apartamento, mesmo depois de alertados para o facto de o correio não ser recolhido e de o vale de reforma não ser levantado. Passados nove anos, veio a encontrar-se o cadáver da idosa na cozinha, que completaria 96 anos no sábado, e o cadáver do seu cão na varanda. O que afastou a hipótese de morte foi a ausência de mau cheiro. SOL 9/2/2011

O que aqui está em causa não é se as autoridades procederam bem ou mal, se seguiram ou não o que se encontra estupidamente estabelecido na lei, de que só um familiar pode reportar o desaparecimento de alguém, se podiam ter feito menos ainda ou mais. O que se deve realçar é que um primo da vítima, também de idade avançada se deslocou 13 vezes ao tribunal a pedir autorização para arrombar a porta e não lha concederam sob o pretexto de que a alegada morta não exalava cheiro... Isto, porque se ele tivesse arrombado a porta seria

preso e condenado por invasão de propriedade e sabe-se lá que mais...embora esse tratamento justo não seja normalmente aplicado aos ladrões que violam o sagrado lar de cada um. O que me preocupa é que um cidadão respeitador da lei não teve coragem de arrombar a porta com medo da lei e esta não estranhou uma idosa de 87 anos desaparecer sem rasto. Agora vão todos fazer uns inquéritos que vão provar que a GNR, a PSP e os demais agiram dentro do mais estrito cumprimento das leis vigentes e nada mais poderia ter sido feito.

Falta que alguém com bom senso me explique como é que as Finanças penhoram uma casa que seria vendida em leilão nove anos depois por pouco mais de trinta mil euros para cobrarem uma dívida inicial de 1500 euros de impostos imobiliários sem cuidarem de hipotecarem a televisão, ou o frigorífico da idosa. Não, foram logo arrematar a casa que sempre valeria mais, sem tentarem ver se ela estaria morta ou fazerem outras diligências como a lei estipula. Ou então só se vai investigar se a pessoa está morta no caso de ela cheirar mal?

Agora surge um problema aos advogados litigiosos, que sempre surgem como abutres em casos destes, que vão provar que a idosa não pagou o que devia às Finanças por estar morta e as Finanças não podiam vender a casa em hasta pública sem alguém jamais lá ter entrado em nove anos. Assim sendo, a casa não podia ir a hasta pública, as Finanças não a poderiam ter leiloado e a nova dona, uma imigrante ucraniana, não teria direito a comprá-la. Haverá ainda a considerar os sobrinhos e o primo da falecida que obviamente teriam, por lei, direito a uma quota-parte dos bens da falecida incluindo a sua habitação. Em notícia de última hora a televisão anuncia que as Finanças podem cancelar a venda, a fim de evitar ações legais pelos herdeiros. Se alguém me conseguir explicar como isto acontece na Rinchoa, ao pé de Lisboa, uma pessoa morta nove anos dentro de casa, com o cão e os periquitos, sem ninguém se dar conta então eu acredito que Lisboa ainda não é a selva que todos conhecemos de Nova Iorque e megacidades similares.

Dado que a maioria da população em Portugal tem mais de sessenta anos, não vai tardar que se multipliquem casos destes e venham os sociólogos falar do problema da solidão na terceira idade, os geógrafos políticos venham lamentar a desertificação humana do interior profundo de Portugal, os políticos se expliquem com a introdução de alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social se queixem da crise e da falta de apoios para prestarem ajuda solidária aos idosos, a PSP se lastime da falta de meios humanos para uma política de proximidade, e os filhos e os netos continuem a colocar em asilos os idosos para não terem o trabalho de cuidar deles ou a ignorá-los só por que são velhos.

Vou já começar a tomar medidas para quando estiver só, velho e desamparado, para não me deixarem morrer sozinho com o cão, o gato e os periquitos (que não tenho nem quero ter). Mais sorte tem a minha mãe, quase com 88 anos, pois a filha liga-lhe todos os dias, o filho - ausente nos Açores - se não todos os dias, quase; os netos uma vez por mês, e as amigas logo se interrogam se ela altera a sua rotina de ir ao café diariamente.

Pensem bem, pois se ainda não são sexagenários, como eu, podem chegar a essa idade e então será demasiado tarde, caso não tenham tomado as necessárias medidas, pois o que mais chateia um morto é saber que a sua casa foi parar ao Estado Português que tudo rouba em vida e nada dá em troca. Claro está que pode sempre haver quem não se importe, que - depois de morto - lhe roubem a casa para vender em hasta pública. Façam como eu, não adquiram propriedade imobiliária, arrendem e se morrerem podem ter a certeza que mal deixem de pagar, o senhorio vai bater à vossa porta.

95. CRÓNICA 95. BANHA DE COBRA. 18 fevereiro 2011

95.1. BANHA DA COBRA NO MARQUÊS DE POMBAL, PORTO

Há dias estava em “zapping” pelos canais televisivos quando vi um músico, tipo bala-deiros dos anos 60, com uma pasta a dar-lhe um ar respeitável à moda do século passado e guitarra a tiracolo, a cantar “*sei que não apareço nos jornais*” <https://www.discogs.com/Gon%C3%A7alves-Honey-Sei-Que-N%C3%A3o-Apare%C3%A7o-Nos-Jornais/release/5149863> Era tão patético este “cantor romântico abandonado,” licenciado em tecnologias de comunicação, que me fez recordar uma cena de infância, há muito desaparecida do nosso quotidiano. Quem cresceu no Porto recorda-se de ter um divertimento gratuito nos anos 50 e 60 do século passado, aos domingos, na Praça do Marquês de Pombal, em frente à Igreja. Por entre os idosos que ali jogavam às cartas (e passavam o vazio dos dias por entre uma “bisca” ou uma “sueca⁸⁷”) surgiam, camionetas vagamente reminiscentes das velhas caravanas do oeste bravio dos EUA. Em vez de colonos temerosos dos índios (nativos americanos, como é politicamente correto chamar-lhes agora) havia uns homenzinhos de aspeto duvidoso, cabelo cheio de brilhantina, com um megafone (na época não havia microfones sem fios) a falar muito alto e a atraírem os passantes e basbaques com o verdadeiro elixir da longa vida, o elixir contra a calvície, e outras proezas que a medicina tradicional europeia jamais viria a adotar.

Juntava-se sempre uma dúzia de pessoas, normalmente sopeiras e magalas (usando a terminologia incorreta da época) para ouvir as piadas e a arenga bem elaborada. Havia sempre, mais cedo ou mais tarde, um comparsa do vendedor da verdadeira banha da cobra ou um comprador coagido. Este tipo de vendedor não é personagem de ficção. Existe, progrediu e anda, por entre as turbas, dissimulado de pessoa de bem. Sabemos que a banha da cobra⁸⁸ não serve para nada, mas a firmeza do homem empoleirado na carripana, com a sua bem estudada eloquência, persuadia muitos sobre as mil e uma aplicações desse remédio miraculoso contra impigens, mau-olhado, torcicolos, urticária, febre dos fenos, dores de dentes, nervos, escleroses, artroses, entorses, diarreias, sarampo, escarlatina, espinhela caída, dores das cruces, doenças do miolo, treçolho, verrugas, cravos e desmanchos. Tudo curava a banha desse animal repugnante, e tal como a cobra a verborreia oratória do vendedor ia enleando as pessoas que paravam para o ouvirem. Ainda estão bem vívidos os pregões

“Não custa nem 20, nem 15, nem dez! Custa apenas cinco escudos, e quem levar dois leva um totalmente de graça. Um para aquele senhor, outro para aquela menina...”

Por vezes era em elixir, outras em pomada, outras ainda em forma líquida...o povo comprava os frasquinhos milagreiros e o vendedor da banha da cobra ia-se governando. Apregoava a honestidade afirmando ter licença camarária e não estar ali para enganar ninguém. Porventura, o vendedor da banha da cobra existe há séculos. Sabe-se que a sua origem é chinesa, lá onde se vende óleo de cobra de água (*Enhydris chinensis*), usado para tratar dores nas articulações, embora o seu sentido seja mais associado jocosamente por especialistas em criptografia para designar produtos que dão ao usuário uma falsa sensação de segurança. Quase como um placebo. O óleo de cobra refere-se a falsos remédios vendidos nos EUA no séc. XIX com a promessa de curar qualquer doença. Em tecnologia, o termo é usado para produtos que oferecem segurança absoluta e criptografia indevassável, mas de qualidade

87 Jogos de cartas

88 A sua origem data do séc. I a.C. e inspira-se numa receita secreta de teriaga, que, segundo crenças populares antigas, seria um medicamento complexo, com sessenta e quatro componentes. Acreditava-se que tinha as propriedades de um antídoto para venenos. Na confeção da teriaga, a carne de cobra era fervida durante muitas horas ou mesmo calcinada, até se transformar em pó. Estes pós de cobra eram conservados em frascos para utilização futura. Foram usados em outras preparações, para aplicação local. Eram misturados com gordura, sob a forma de unguento. O nome popular desta espécie de pomada era a banha da cobra. O grande número de componentes, a raridade de alguns, e o elevado preço, tornavam difícil o acesso a este medicamento, no qual se depositavam as maiores esperanças. Passou a produzir-se um outro, com menos componentes: bagas de louro, mirra, genciana, aristolóquia e mel. Era a teriaga dos pobres. Menos contempladas eram as que viviam em locais mais afastados dos centros urbanos. À falta de um composto, usavam apenas o alho para combater a peste e outras doenças, e o alho ficou conhecido, em muitas regiões, como a teriaga dos camponeses.

questionável ou inverificável. Se é seguramente certo que a banha da cobra não cura, também não consta que tenha causado mal para a saúde pública e para o Mundo. E não havia mal ou maleita onde o resultado não fosse prodigioso!... Tudo e o seu contrário a famosa pomada resolvia. E para não haver dúvidas os argumentos eram um primor de explicação:

“É que bocencia tem uma dor de dentes, mas o dente não dói. O dente é corno, o corno é osso e o osso não dói, o que dói é o nervo”.

Gostava de estar convicto - mas não estou - de que a maioria das pessoas não acreditava minimamente naquilo, mas inexplicavelmente compravam, compravam! E a vida de vendedor de ilusões prosperava! Embora há muitos, muitos anos não ouça o seu pregão genuíno, não tenho dúvidas de que ainda andam por aí. Agora, nesta era de globalização, talvez de colarinho branco e quem sabe de barba bem aparada para aparentar respeitabilidade. Talvez os dos bancos que foram à falência BES, BPN; Banif, etc.....

Pode até ser verdade o que muitos dizem, que foram tirar cursos à Universidade Independente e entraram todos para o Governo... Mas do que me lembro mesmo, e que me mesmerizava em tão tenra idade, é de ficar a ouvir os vendedores de banha de cobra antes de ir à missa dominical e depois almoçar na cantina da Igreja, do lado esquerdo sob a cripta. Até hoje tenho esta frustração enorme de ainda não me ter aparecido o vendedor de banha da cobra que me convencesse, como devem ser felizes aqueles que acreditam e compram...

95.2. JORNALISMO, UM APRENDIZ DE FEITICEIRO

No fim de 1992 fui suspenso pela Lusa, agência noticiosa portuguesa, depois de inúmeras desavenças ao longo dos anos. O motivo foi ter publicado em inglês uma notícia sobre Ramos Horta, que transmiti e a Lusa publicou mais tarde. Meti a Associação de Jornalistas Australianos ao barulho e foi-me reconhecido que se tratava duma suspensão de serviço por motivos políticos e teria de ser reintegrado. Decidi que jamais voltaria a trabalhar para eles. Conto este episódio em detalhe no meu segundo livro da trilogia da História de Timor, lançado em 2005 em CD-livro, “Historiografia de um repórter (Timor Leste vol. 2, 1983-1992)”. Já anteriormente me haviam censurado notícias sobre Timor. Inicialmente não compreendia a razão desta censura. A notícia era inócua e decidira confrontar o Gonçalo César de Sá, diretor da agência LUSA (no sudeste asiático e Pacífico). No poder, como primeiro-ministro, Cavaco e Silva, para quem queira encontrar relevância no facto. O diretor da Lusa no Pacífico explicou que o teor da notícia era demasiado sensível motivo pelo qual fora truncada e reduzida. Chamei-lhe uma data de nomes e desliguei. Ligou o senhor diretor, de novo, a pedir calma. Eu perdera-a para sempre. Assim iria terminar lentamente a carreira de jornalismo ativo como Correspondente Estrangeiro da Lusa que ainda mantive até 1994 noutros órgãos de comunicação social e que iria deixar para trás ao sair definitivamente da Austrália em abril 1996.

Como atrás se disse, entrei em meados de 1997 para a Rádio (ERM - Emissora de Radiodifusão de Macau) e isso ocupava-me mais algum do pouco tempo livre, como adiante se verá. Durante os primeiros meses escrevia, lia os noticiários e traduzia telexes (alguém se lembra do que eram?), muitas vezes em direto para poder transmitir as notícias mais recentes. Também apresentava programas musicais após as horas de labuta na CEM. Depois, mais tarde, quando a RTP tomou conta da ERM e se passou a chamar Rádio 7 ou Rádio Macau, ao que hoje é apenas a TDM, os diretores acharam ser um perigo ter um francoatirador nas notícias e meteram-me programas musicais na área de produção e em projetos especiais. Mal sonhavam que iria revolucionar a forma como se faziam programas de rádio. Os programas começaram a ser feitos para uma faixa etária até então esquecida, dos 15 aos 25 anos, importando discos de Lisboa e da Austrália. Depois, organizei concertos ao vivo e tardes de dança no hall de entrada da rádio, tendo conseguido que Rão Kyao estivesse lá a atuar durante uns meses. O sucesso era tanto que havia gritos histéricos ao passar pelo Liceu, como me recordaria (aquando do nosso reencontro no 15º colóquio em 2011) o meu jovem ajudante Ricardo Pinto que em 2011 era diretor do jornal Ponto Final e dono da Livraria Portuguesa de Macau. Os programas envolviam, pela primeira vez, a participação dos jovens ouvintes e satisfiziam os seus desejos musicais até então totalmente arredados da estação

local que transmitia música pirosa (a música pimba ainda não fora inventada) própria de anciãos de uma qualquer aldeia do Portugal profundo.

Antes do programa Pão com Manteiga que Carlos Cruz celebrizaria no continente português, inventei o meu programa, altamente controverso, “*O Whisky e a Cola*” com um a introdução de Bette Midler no filme “*The Rose*” e o separador musical do louco Alice Cooper “*We are all crazy*”. Era um programa de rock, reggae e de sátira. Pela primeira vez o reggae chegava ao Oriente. Um dia descobrimos que uma estação de Hong Kong nos gravava a música que passava pela idêntica ordem, pelo que nunca mais deixaríamos terminar nenhuma composição sem que a adulterássemos com falas a fim de evitar o plágio de reprodução. A sátira dirigia-se a assuntos de governação e de corrupção, sendo dados cognomes a personagens do governo e fazendo - sobre eles e elas - histórias interessantes. Os mais velhos e mais críticos da governação ouviam o programa às escondidas e enviavam mensagens escritas (ainda não havia SMS nem telemóveis) sobre o mesmo para que ninguém soubesse que eles ouviam.

Um certo dia, fui a Hong Kong. Ao regressar nessa noite ao programa, improvisei sobre o nacionalismo das gentes de Macau que encontrei a fazer compras na vizinha colónia, falei dos passeios largos e de outras coisas, quando o então Secretário do Governador (Gonçalo César de Sá que mais tarde, seria meu chefe e diretor da Lusa no Pacífico com sede no Japão) me telefona aflito por suspeitar que eu descobrira uma das maroscas das Obras Públicas. Ele entendera assim, na minha sátira que eu tinha descoberto que os projetos aprovados pelas Obras Públicas aceitavam os prédios com uma determinada cêrcea, mas depois os donos das obras e os fiscais ganhavam milhões quando prolongavam essa cêrcea, a partir do primeiro andar até ao limite exterior do passeio...ora bem, isto em prédios de 15 andares ou mais, ao preço do metro cúbico em Macau, era uma verdadeira mina de ouro que iriam cobrar a mais aos potenciais compradores. Esta a história inventada que - afinal - era real...

Muitas foram as “*charges*” e piadas feitas à custa da governação contornando a difícil área da sobrevivência. Para notícias mais importantes tive de me servir de outro subterfúgio. Com efeito, desde que chegara, fizera amizade com os jornalistas Nick Griffin da HK TVB e do Ian Whiteley da ATV e usava-os sempre que precisava de mandar notícias sensíveis para fora de Macau. Ainda hoje guardo religiosamente uma declaração de trabalho como correspondente da televisão de Hong Kong nos anos que vivi em Macau. Todos suspeitavam e insinuavam que eu estava por detrás das notícias, mas ninguém podia provar nada, era óbvio que depois de aqueles dois estarem em Macau surgiam logo reportagens escaldantes, e como eles ficavam em minha casa, dois e dois facilmente somados eram quatro. Claro que sempre sustentei que ambos eram meus amigos e jornalistas e, ficavam em minha casa, mas tinham as suas fontes locais até porque o Nick era fluente em cantonense pois vivia em Hong Kong desde jovem. Assim se transmitiram muitas notícias que a censura local e o poder discricionário do governador de Macau tentavam silenciar.

Tempos loucos de pouco dormir e muito trabalhar e folgar (Nota do Autor: folgar não significa fazer folgas, mas sim comprazer-se, divertir-se, tomar parte em folguedos). Levantar pelas sete e pouco, vir almoçar ao Clube Militar ou Clube de Macau, ir dormir uma sesta de meia hora ou pouco mais, trabalhar até às cinco e meia da tarde, vir a casa tomar um duche, seguir para a rádio quando os programas eram às 19.00 ou depois do jantar quando iam das 22 às 24 ou até às duas da manhã. Depois, ia-se cear a um dos restaurantes ainda abertos no Hotel Lisboa ou qualquer outra loja ainda aberta, que nessa época havia alternativas além das sopas de fitas, ao ar livre, numa qualquer rua com tendinhas e bancos no meio da rua. Numa dessas vezes, num pequeno restaurante, quase em frente ao Hotel Estoril, assisti a uma cena de pancadaria entre seitas...ainda mal começara, bem antes de as cadeiras voarem já eu estava sentado ao volante do meu Cellica com o motor a funcionar antes que o perigo se tivesse sequer aproximado. O meu instinto de sobrevivência era proporcional ao sentido do dever de informar sem medo nem censuras.

Tudo começou em 1967. Iniciei a minha longa carreira de jornalista da forma mais casual possível ao fazer uma reportagem (a brincar, para treinar-me) do Circuito Internacional de Vila Real e da Fórmula 3. Vendí um exclusivo à Rádio Renascença e graças a isso, haveria de trabalhar para eles até sair de Portugal em 1973. A história começa numa forma bem mais prosaica. Estava convidado em Vila Real pelo meu tio Nóbrega Pizarro, que era à data Diretor Clínico do Hospital e responsável médico pela prova. Calmamente assistíamos na bancada principal às provas quando se deu um grande acidente com um corredor chamado Tim Cash, segundo a reminiscência que guardo do incidente. Como falava bem inglês, fui chamado por ele para lhe servir de intérprete. Acabei a entrevistar o piloto (o acidente foi menos grave do que se previa), registando tudo no meu gravador portátil que já me acompanhava sempre nesses dias para toda a parte. Quando saí do hospital era lógico que todos queriam saber o que se passava (o homem salvou-se sem grandes mazelas) e limitei-me a ver quem me oferecia mais pela fita (naqueles tempos ainda não havia cassetes). Ganhei a alta soma de 500\$00 pelo feito. Mais tarde, escrevi para a Rádio Renascença a lembrar-lhes o evento, numa clara demonstração de saber aproveitar as oportunidades. Ofereci-me para colaborar com eles em futuras provas. A RR achou que aquele jovem empreendedor tinha pinta e dignaram-se aceitar-me como colaborador de automobilismo da Renascença para a Zona Norte. Fui trabalhar para o célebre e popular programa *Página 1* de José Manuel Nunes, com colaboradores como Joaquim Amaral Marques, Adelino Gomes, Pedro Castelo. Era o programa de rádio mais ouvido e logo à primeira tentativa, eu tinha entrado. Viriam a ser notáveis as coberturas que faríamos dos eventos desportivos a norte do país.

Curiosamente, uma das notícias mais importantes (*scoop*, *catch*) que transmiti foi, por mero acaso, a da morte de Otis Redding, num desastre de aviação em 10 de dezembro de 1967. Isto porque não se usavam frequentemente telexes (quem se lembra deles hoje?) e eu passava a vida a ouvir estações piratas como a Rádio Caroline, Rádio Luxemburg, onde tinham acabado de dar a notícia. Nessa altura as notícias do mundo demoravam dias a chegar às redações dos jornais e das rádios. Não só nessa época. Mais tarde, em plena década de 1990, ainda enviava os meus despachos para a agência Lusa, para a Rádio Macau (TDM, RTP) e para o jornal Europeu, jornal Público através de telex. Tinha de os enviar da baixa de Sidney. Chegavam a Lisboa, provavelmente, com mais de um dia e meio de atraso.

O sistema de reportagem fui-o desenvolvendo e melhorando ao longo dos tempos, sem lições de ninguém porque nunca fora feito antes em parte alguma do mundo. Inicialmente não me pagavam nada, depois começaram a pagar as despesas, gasolina, telefones e alimentação. Por fim, já tinha uma avença que dava para remunerar os meus colaboradores em cada prova. Era um dos dois maiores sonhos da minha juventude: ser advogado (carreira diplomática) ou ser jornalista. Desde os 12 ou 13 anos que sonhava com essas profissões. Esta já cá cantava, da outra desistiria. Viria a não diplomaticamente acabar por dar voltas ao mundo sem ser advogado nem diplomata, obviamente que não fora talhado para esta.

Numa primeira fase fazia a cobertura de eventos motorizados com o meu melhor amigo e piloto de competição em ralis, o Taka e ocasionalmente um primo ou um amigo juntava-se a nós. Íamos ver as classificativas cronometradas mais importantes e seguíamos em busca dum telefone para dar os tempos desse troço cronometrado no interior profundo norte de Portugal (normalmente Minho e Douro). A seguir começamos a ter mais de um carro para fazer a cobertura e podíamos ter várias equipas a transmitir os dados à medida que os concorrentes iam percorrendo os vários troços. Era a verdadeira cobertura em direto e ao vivo. Já nessa época se vivia com muita intensidade a febre dos Ralis em Portugal. Havia gente em todos os montes e serras, fosse a que hora fosse. Por mais ermo e deserto que fosse o local havia lá gente.

Nos primeiros anos o que nos identificava perante os polícias e a organização, para podermos aceder a zonas e estradas reservadas, era um cartão (cartolina grossa) retangular prensado (feito por nós) com a palavra PRESS (em letra de imprensa) a branco sobre fundo vermelho. Depois mandei imprimir autocolantes com a identificação da estação emissora e do programa. Havia um martirizado gravador portátil de cassetes Grundig e um par de auscultadores de estúdio para as entrevistas, à partida e à chegada, com uns fios esquisitos e uma ventosa, que serviam para transmitir o som através do telefone. Reportagem na hora com meios improvisados e inventados por jovens como eu. Uma vida excitante para um adolescente, que permitia não só contactar com todos os pilotos, como com os organizadores, equipas de assistência, e com as atraentes jovens que eram atraídas por estes eventos. Que mais podia desejar? e ainda me pagavam para ter a voz na rádio.



Opel Kapitän P II p

Volvo "Marreca" PV544

Foram, anos e anos sempre a correr em todas as estradas e picadas do norte do país, vividos intensamente entre ralis e treinos num velho Opel Kapitän 1958 ou num Volvo "Marreca" PV 544 de 1959. Percorremos tudo o que era estrada municipal ou caminho de cabras. Uma vez numa florestal, perto de Gondarém (à saída de Viana do Castelo), saíra uma manada de vacas à nossa frente e quase que embatíamos num pelourinho. Raramente saímos da estrada. Exceção feita ao primeiro rali de iniciados que fizemos (1971) em que depois de partirmos de Santa Luzia (Viana do Castelo, de novo) embatemos fortemente contra um penedo. O motor ficou no lugar do pendura e a roda sobressalente veio para o seu lugar. O carro ficou com a frente desfeita. Eu tive umas leves equimoses e hematomas nas costas, os quais depois de devidamente tratados no hospital de Viana nunca viriam a ser do conhecimento de ninguém. Tão abalado fiquei com o acidente que imaginei que vínhamos em sentido contrário aquele em que íamos, saí do carro a correr (quase era atropelado pelo concorrente seguinte) e ia a cantarolar, sem razão aparente, "Corre Nina" do Paulo de Carvalho, para a seguir voltar ao carro para desligar o corta-corrente com medo que deflagrasse um incêndio.

O meu pai desesperava quando eu ia sair de carro com o Taka, e recusava deitar-se até eu chegar. Pois bem, se na maior parte das vezes, a noite não excedia as duas da manhã, muitas vezes houve em que quase chegávamos ao amanhecer. O meu pai ficava na salinha da televisão, a ler, ou a dormir, fumando cigarro atrás de cigarro, incapaz de adormecer sem ter a certeza de que o filho chegava são e salvo. Bem deve ter passado as passas do Algarve enquanto eu estava nesta fase difícil. Muitas vezes quando tentava meter a chave na fechadura já lá estava o pai vindo do escuro a abrir a porta e a ralhar-me. Foram anos e anos, só me dedicava a carros e a namoricos.

Ao longo dos cinco anos seguintes percorremos Portugal (mais de um milhão de quilómetros era a estimativa da época) por estradas que nunca nenhum cristão visitara. Numa das vezes entramos numa aldeia cujo nome foi esquecido (algures entre Bragança ou Vimioso e Miranda, creio hoje que era Outeiro) onde nunca viatura motorizada alguma entrara até então pela porta do seu castelo. A população veio toda à rua aplaudir e fazer perguntas. Muitos nunca tinham visto um carro em toda a sua vida pois jamais haviam saído de lá. Estava-se nos anos 60 e era como se estivessem em plena Idade Média. Nas estradas mais recônditas de Trás-os-Montes raramente se encontrava movimento, para além de uma ou outra viatura pachorrenta com a sua carga ou um pequeno trator dos que começaram a surgir em Portugal por essa década. Muitas vezes íamos para sítios onde nem um café existia. Noutros, não havia telefones públicos. Ainda se não tinham inventado os telemóveis e a rede dos TLP, futura Telecom, era ainda incipiente nas zonas mais remotas de Portugal.

O perigo maior nessas estradas transmontanas, beirãs ou minhotas, eram os burros, as carroças ou os carros de bois e pouco mais. Ainda havia simpáticos cantoneiros a acenarem nas estradas e a cortarem as ervas das

bermas. Até hoje muitas dessas estradas jamais viram outro cantoneiro e as casas dos cantoneiros estão infelizmente destruídas, desabitadas e em ruínas. Podiam ter sido aproveitadas para pequenas unidades de turismo se alguém quisesse ou tivesse visão, mas isso era pedir muito aos portugueses. É um verdadeiro sacrilégio ver o abandono a que foram votados tantos ícones numa era em que o que existia, e funcionava bem, foi substituído por outras estruturas mais modernas, mas que não funcionam. O desbaratar de riquezas sempre foi apanágio deste país que viveu sempre à custa dos outros, primeiro das especiarias, dos escravos, do ouro do Brasil e mais recentemente dos subsídios de Bruxelas. É uma dor de alma viajar em pleno começo do séc. XXI e ver pombais abandonados, casas de cantoneiros, estações da velha CP destruídas, com um valioso espólio, incluindo azulejos maravilhosos ao abandono, com as velhas pontes (algumas delas notáveis obras de arquitetura) e os ramais do caminho-de-ferro servindo para criar mato. É criminoso perderem-se as vias de pequena bitola onde dantes circulavam ronceiros, os comboios que estabeleciam o contacto entre o Portugal profundo e os centros de poder. Hoje podiam ser atração turística já que para explorar comercialmente como forma de transporte não seriam viáveis. Ignóbil Estado este que assim delapida património da Humanidade! Hoje as estradas, municipais e secundárias, estão em pior estado do que estavam na época. Fiz centenas de milhares de quilómetros, mais recentemente - entre 1996 e 2005 -, por estradas secundárias que já percorrera na década de sessenta. Vira-as definharem sem melhoramentos de espécie alguma, com um ou outro remendo de alcatrão, a maior parte delas esburacada e sem manutenção de qualquer espécie, enquanto as juntas de freguesia locais e o novo IEP (Instituto de Estradas de Portugal) se digladiam a ver de quem é a incompetência de não-limpeza e de não-manutenção das mesmas.

Voltando à Rádio Renascença e ao automobilismo, eu e os amigos íamos acompanhando além de ralis as provas de velocidade. As últimas, em cuja cobertura estive, foram os Circuitos de Vila Real e de Vila do Conde em 1972 e 1973, onde, com o Pedro Roriz, ajudara o já falecido José Fialho Gouveia na reportagem para a RTP. Ali tivéramos o, também já falecido, Adriano Cerqueira a ajudar a contar as voltas ao circuito. Sim, porque naquele tempo ainda não se usavam computadores para contar as voltas. Havia cronómetros para calcular os tempos pois a organização ainda não dispunha de meios para facultar tais dados, em tempo real, durante a prova. O Adriano havia acabado de regressar de Angola onde fizera o serviço militar e estava deseioso de se meter no automobilismo. Mais tarde seria ele, durante décadas, a face do automobilismo na RTP e eu teria a oportunidade de voltar a trabalhar com ele no Circuito de Macau em 1981 e 1982.



No velho Estádio do Académico, numa das primeiras provas do campeonato nacional de iniciados 1971 creio que organizado pelo Vigorosa

Cenas a registar deste período de automobilismo para além das provas em que entrei com o meu amigo “Takatakata” (Ludgero Carvalho de Abreu) quer no seu BMC Mini 1000, num Cooper S 1300, ou no seu Ford Escort Cosworth Lotus 1600, existem muitas das quais irei apenas deixar aqui algumas. Uma vez no Minho, na Serra da Cabreira tentei pedir a alguém numa casa isolada que me deixasse utilizar o telefone fixo (ainda não havia telemóveis naqueles dias), mas a resposta foi a de ser recebido com uma carga de tiros de caçadeira de chumbos que mal nos deu tempo de correr para o carro em fuga apressada. Isso viria a dar-me a luminosa ideia de passarmos a ter telefones de campanha (telefones como os da tropa) instalados nas provas cronometradas (no início e fim dos troços) o que foi feito, pela primeira vez, nos ralis e provas de velocidade. Passamos a ter um ascendente enorme sobre os restantes repórteres com o envio em tempo real dos resultados dos troços cronometrados. Foi a primeira vez, no mundo, que se procedeu assim. Ainda neste período (talvez em 1970 ou 1971) no velho Estádio das Antas pusemos, pela primeira vez, um microfone dentro de um carro, enquanto o então campeão nacional (Francisco “Xico” Santos) dava as suas voltas à oval do estádio. Foi também a primeira vez no mundo que se utilizou um meio de transmissão radiofónica dum carro em prova, coisa que hoje é banal com as câmaras de

vídeo e imagem a serem colocadas em todos os pontos das pistas e nos carros. Talvez tenha sido a coisa mais inovadora que fiz em toda a vida.

Era comum faltar às aulas na universidade e ir acordar o Taka para tomarmos café em Guimarães, almoçarmos em Valença e dar um salto ao Gerês. Convém lembrar que nessa altura era nas velhinhas estradas nacionais, estreitas e cheias de curvas, passando por tudo que era aldeia e lugarejo, que se faziam as viagens. Uma média superior a 30 km/h não era nada má. Uma viagem do Porto a Vila Real fazia-se num tempo recorde de duas horas (nós fizemos em tempo recorde de 92 minutos) para pouco mais de cem quilómetros. Uma ida do Porto a Lisboa, antes da autoestrada, era uma proeza para mais de três horas e meia (fizemos uma vez em duas horas e dez minutos). Os condutores "normais" chegavam a demorar cinco horas ou mais. Arrepio-me ainda hoje de pensar nessas viagens.

Outras vezes aproveitávamos os feriados como o do 1º de dezembro (princípio dos nevões de inverno) para ir dar uma volta maior. Normalmente era até ao Gerês para vermos o espetáculo das primeiras neves do ano, ou até ao Alvão e Marão. Outras vezes íamos mais longe. Assim aconteceu em 1970 quando levei o Taka e um primo (Paulo Almeida D'Eça) a Trás-os-Montes passando por Vila Real, Bragança, Vimioso, Azinhoso, seguindo depois até à Serra da Estrela. Dessa vez ficamos a dormir a primeira noite no Azinhoso (em casa das primas e tia), depois de termos passado a reta de Vale da Madre (antes de chegar a Mogadouro) a mais de 120 km/h no Austin Cooper S debaixo dum forte nevão.

Na Serra da Estrela, sem termos correntes para os pneus, a tarefa de chegar às Penhas foi difícil e envolveu um autoatropelamento ao meu primo Paulo. Um de nós ficava na curva seguinte a dizer se o Taka podia tentar subir. Como o gelo era muito, o meu primo foi escorregando e foi apanhado pelo capô do Mini indo, depois, a deslizar estrada abaixo durante vários metros por entre aplausos dos mirones... Lá chegamos ao cume perante o ar incrédulo de todos os outros automobilistas melhor equipados para aquele clima. O pior foi que não conseguimos dormir em sítio nenhum pois não havia vagas. Nem a minha canção do bandido a uma empregada de mesa serviu para me dar direito a um teto num quarto de pensão. Fomos para o alto da gélida cidade da Covilhã junto ao cemitério, e tentamos dormir alguma coisa sem morrer de frio. De duas em duas horas tínhamos de ligar a chaufage do carro para nos aquecermos minimamente pois não tínhamos levado roupa especial para o frio. Uma noite infamemente inesquecível da qual me lembrava sempre que passava pela Covilhã. Ali estivera - antes - em maio 1969 com o Teatro Universitário na estreia da peça de Lope de Vega "Fuenteovejuna".

95.3. UNIVERSIDADE E TUP (TEATRO UNIVERSITÁRIO)

O espetro da tropa havia-se tornado numa realidade só adiada pela frequência universitária. Era só uma questão de tempo até se concretizar. Fui conseguindo sucessivos adiamentos na incorporação militar com documentos da frequência universitária até ao limite. Foi uma época interessante e coincidiu que nesse período me tornei politicamente ativo, após 1967, ao frequentar o TUP (Teatro Universitário). Ali se organizavam concertos secretos com o Zeca Afonso e o Manuel Freire, entre outros. Paredes-meias com as cavaliças do Quartel-General da GNR no Carmo, onde se pensava que estávamos a ensaiar uma peça. Também o fazíamos. Como cenarista tivemos o já famoso alfundeguense Mestre José Rodrigues. A composição musical era todo do Zeca Afonso que ali ia várias vezes. Nos ensaios participavam o poeta Mário Viegas e a atriz (futura locutora e vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto) Manuela Melo.

Ulteriormente, no segundo ano do meu curso (1968-69), cofundi a Pró-Associação de Estudantes da F.E.P. Dado que era proibido formar Associações Estudantis Universitárias servira-me dum qualquer "buraco" da lei (já não recordo qual) para criar a Pró-Associação, cuja tarefa principal era imprimir cópias das "sebentas" para vender aos alunos. Uma das coisas mais importantes em termos organizacionais foi a preparação de vários convívios de

Economia, num deles arrendamos o Palácio de Cristal (atual Pavilhão Rosa Mota) e contratamos o Manuel Freire, uma fadista (Maria da Fé ou Lenita Gentil) e outra cantante jovem cujo nome há muito se perdeu nos esconsos da memória. Era difícil organizar isto, contratar os músicos, pedir a aparelhagem emprestada a uma das lojas VADECA (atual Valentim de Carvalho), ou à Ritmo (do meu primo Henrique Pinto Leite na Rua de Santo António ou 31 de janeiro conforme as modas políticas). Depois era fazer uns cartazes e distribuir pelos Liceus de D. Manuel e de Carolina Michaëlis que eram os nossos alvos privilegiados pois eram daí que vinha mais gente (finalistas de 6º e 7º ano, atual 11º e 12º), dado não ser vulgar haver muita interligação com as outras faculdades. Conhecíamos alguns de Engenharia e de Letras, mas a menos que fizéssemos parte desses grupos nós não íamos às festas deles nem eles vinham às nossas. Compravam-se uns blocos de rifas numeradas para colocar à porta e vender os ingressos na esperança de recuperar o investimento feito.

Os “artistas” não cobravam cachet, mas havia sempre despesas com o transporte da aparelhagem e comida para eles, além do custo do aluguer do local, da tipografia, etc. Só muito recentemente, em pleno séc. XXI, me recordei desta capacidade organizativa. Zeca Afonso estava proibido e não podia atuar em público, por isso restavam-nos Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira, Luís Goes, como cantores de intervenção, já que o José Mário Branco estava em França assim como o Sérgio Godinho, entre outros. Hoje em dia contratam o Quim Barreiros enquanto nós na época tínhamos a fadista local típica, Lenita Gentil ou a mais sofisticada Maria da Fé, pois eram do gosto da maioria enquanto uma minoria esclarecida apreciava os cantores malditos ou proibidos. O custo de entrada era de 30 escudos (15 cêntimos) em 1969 ou 1970, segundo a minha irmã me recordou em tempos, pois pediu o dinheiro emprestado a uma amiga minha para poder ir, pois ela só tinha 15 anos na época e eu teria uns 20 ou 21 e a mesada duma miúda de 15 anos era insuficiente para ir a um “Convívio de Economia”. Não me lembro de ter perdido dinheiro com estas atividades pelo que devem ter sido um sucesso comercial.

Fizemos manifestações ou "manifs", como se chamavam na época, contra a guerra colonial. Vimos a U.P. (Universidade do Porto) no Largo dos Leões ser invadida pelos cavalos da GNR (estacionados, mais abaixo, ao lado da então Faculdade de Letras, onde estava o TUP) que subiam a cavalo a longa escadaria, em perseguição dos alunos que corriam a acoitar-se no sótão onde se albergavam as seis salas da F.E.P. (Faculdade de Economia do Porto).

Embora as notas de admissão à Faculdade fossem excelentes, a mudança de tipo de ensino fora (de novo) traumatizante pois custou-me a adaptar ao novo ritmo e às exigências de trabalho. Sentia que era mais um número e não uma pessoa, como estava habituado a ser tratado no liceu. Aqui cada um era deixado à sua sorte e que se desenrascasse. Comecei - como já atrás disse - com atividades extracurriculares tais como o Teatro, do qual tinha já dois anos de experiência liceal. A minha estreia pelo TUP (Teatro Universitário do Porto) ocorreu a 22 de abril de 1969, sem a presença dos meus pais que jamais me incentivavam em qualquer destas atividades extracurriculares. Tivemos, depois, uma digressão à Covilhã e outra a Coimbra onde presenciamos os incidentes estudantis com a PIDE a abater um estudante e o chefe da PIDE (um tal senhor Figueiredo) na primeira fila a ver se eram todos subversivos (só alguns, diria eu dissimulando-me na sombra para não ser descoberto).

Nesse período tive o prazer de ouvir o Mário Viegas dizer poemas meus numa sessão privada no TUP, depois dos ensaios (daquelas em que tomavam parte o Zeca Afonso, o Manuel Freire, e outros). Foi uma grande honra pois pressentia que o Mário Viegas iria longe (faleceu em 1996) na sua arte de declamação que o levou a altos voos, vários discos,

programas na rádio e TV. Alguns textos que aqui transcrevo e ele leu, eram do meu primeiro volume de poesia publicado em livro (ed. de autor, Crónica do Quotidiano Inútil, maio 1972).

312. ESTE TEMPO É QUADRADO (outubro 12, 1971)

ESTE TEMPO É QUADRADO
EM CADA CANTO UMA ANGÚSTIA
O CENTRO SOU EU.
MEU PAI CHAMA-ME (sempre) EGOCENTRISTA.

I. 267. onde se fala de guerra (maio 7, 1971)

199.4. introdução

DO LADO DE LÁ DA TERRA
A VIDA FAZ-SE PARA OS HOMENS
QUE A VÃO PERDER NA GUERRA

(onde se fala de guerra)

- a) .
No vietname diferenciam-se as crianças sem ser pela cor da pele
para elas não há noite ou dia, é sempre inferno, destruição.
Com irmãos às costas ou amparadas em muletas
passam com sorrisos embrutecidos a caminho dos hospitais,
é lá que ouvem falar de paz, aos soldados,
por entre paredes que às vezes até são caiadas,
lá onde as camas antecedem campas frugais.
A violência martelará as suas letras 24 horas ao dia:
enquanto andarem nas ruas e estradas hão de ver sangue
cheirar a sangue, palpá-lo, sugá-lo quente.
Para as crianças do Vietname
a fome tem quatro letras, escreve-se à custa de pais e irmãos,
isso aprendem elas a preço de morte, amputação.
Aos cinco anos as crianças viet são soldados
aprendem o manejo de metralhadoras e granadas
e não brincam às guerras nem aos polícias e ladrões.
- b) .
No vietname as crianças têm muitas férias
ao chegarem às escolas, estas já não existem.
Naquelas paragens é irresolúvel o problema da habitação
devido ao clima quente (chamam-lhe explosivo).
Ninguém fala em poluição ou em taxas de mortalidade
a não ser por ironia.
No vietname a censura na televisão é dispensável
as crianças não são afetadas por filmes de terror.

Se as divindades de inúmeros braços fossem contemporâneas
os profetas esculpidos seriam fotos das zonas bombardeadas.
Lá o amor é proibido por causa da falta de tempo.
sempre que há tréguas, milhares de viets
recolhem traumatizados aos hospitais
(o silêncio também mata).
Como desporto autorizado a defesa da vida,
não tem regras, assemelha-se ao tiro-ao-alvo.

- c) .
Os poucos velhos que sobrevivem
não contam o que viram para não terem nojo de nós.
Por isto, sorrio-me de alguém dizendo a meu lado:
“...em Portugal as crianças não chegam a sê-lo,
corrupção, violência, vícios, até na TV...”
rio-me, já o não ouço.
Por entre o vento, lá longe
o matraquear certo da metralha,
pelo clarão das bombas passam soldados a correr
atrás do troar das explosões
com gritos suspensos das gargantas caladas,
vidas que se esvaem em poças de morgue.
Morte.
Violência.
Destruição.
A -M - B- I- Ç- ã -O...

De repente dou comigo a dar esmola a um miúdo.

167. Epilogo.

(à memória póstuma de uma consciência)

EM CADA MINUTO DE SILÊNCIO
HÁ MILHÕES DE GRITOS DE SOCORRO
POR TI IGNORADOS.
ENTRETANTO CONGRATULAR-TE-ÁS
POR TERES TIDO UM MOMENTO DE DESCANSO.

II. 338.4. CROSS ROADS

SEGUIMOS CAMINHOS CRUZADOS
NA ESPERANÇA INFUNDADA
DE NOS ENCONTRARMOS NO INFINITO:
E NINGUÉM LHE VAI PEDIR
A ANTECIPAÇÃO DESSE ENCONTRO.

Foi também nesta fase da vida que comecei a saber melhor o que custa trabalhar pois empregara-me em “part-time” na Crediverbo. Vendi Enciclopédias Verbo e outros livros entre novembro 1970 e março 1971, com algum sucesso financeiro.



Naquele tempo as Queimas das Festas não eram ainda fábricas de monumentais bebedeiras. Embora ocorressem, as pessoas não iam lá especificamente para esse fim. Agora os caloiros e outros vão exclusivamente para se emborracharem até ao coma alcoólico.

Isso lembrava o sistema australiano de se embebedarem na quinta-feira, depois do trabalho e regressarem segunda-feira. Quando se lhes perguntava, se tinha sido um bom fim de semana, respondiam alegremente “deve ter sido, não me lembro de nada”. Evoque-se, a este propósito, vinte anos mais tarde, que, numa das minhas inúmeras idas a Towal Creek⁸⁹ a minha quinta favorita, dos amigos Landers, levou o recém-chegado Jacko V. que ainda mal falava inglês. Depois de jantar vieram uns “jackeroos” e “jilleroos” locais e das redondezas (vaqueiros de ambos os sexos) beberem uns copos. Uma festa informal. De hora a hora, metiam-se nas suas utes (carrinhas de caixa aberta) e lá iam percorrer 18 ou 20 km até ao bar da aldeia mais próxima para trazerem mais uma grade com 144 cervejas. Depois de o terem feito várias vezes, o ambiente era já quente dentro da casa e animado. Ao ponto de o Jacko já contar em língua portuguesa como pegava touros de cernelha e todos se riram imenso. Tinha sido um verdadeiro sucesso, este seu amigo de Angola acabado de chegar à Austrália. Fui deitar-me quando o ambiente já nada inspirava de educativo ou de sóbrio. O amigo, porém, decidira ficar até mais tarde. Não tendo tido o cuidado de conhecer a enorme casa, típica de criadores de gado, e já não havendo ninguém a quem perguntar onde dormir, foi espreguear os cantos da casa. Nas casas de banho encontrara gente em diferentes estádios de coma alcoólico. Nos vários quartos deparara com cenas semelhantes, exceto num, onde o filho dos donos da casa, o David estava de chapéu à cobói e botas de montar lidando com as vagas alterosas da Jill. Apenas se via o chapéu subir e descer. Faltou coragem ao Jacko para indagar se aquilo era o “Australian Way”. Conteve-se, mas na manhã seguinte, por entre a enorme ressaca dos sobreviventes, não parava de se rir a contar o evento. Esta quinta, onde eu adorava ir, ficava a mais de 700 km de Sidney. Sempre que podia lá ia passar um fim de semana prolongado. Guiava-se até Port Macquarie, na costa norte do estado (Nova Gales do Sul)⁹⁰ seguia-se mais em frente rumo norte a Kempsey e fletia-se para o interior na rota das montanhas e de Armidale. A partir de Bellbrook, a estrada deixava o asfalto e passava a terra batida ou gravilha solta (hoje chama-se mesmo Towal Creek Road). Andavam-se 20 km até se chegar a um portão da quinta. Depois, passavam-se duas barreiras separadoras de gado, já dentro da propriedade, guiava mais dez ou quinze minutos, até se chegar a um ribeiro onde tinha de esperar que me viessem buscar para atravessar de barco. Uma curta travessia já que o ribeiro não era largo nem muito profundo. Em época de cheias havia um segundo ribeiro a atravessar, caso contrário, o trator ou o pequeno camião tipo Unimog conseguia passar sobre as águas. Mais uns 10-15 minutos e chegava-se às casas da propriedade. A luz elétrica e a água já eram correntes, mas de fabrico local, um gerador e um sistema de extração de poços artesanais, como locais eram a carne, o leite, o pão e outros produtos da terra e centenas de cabeças de gado. Havia cavalos bravos (brumbies⁹¹) e outros, mais ou menos domesticado que se podiam montar. O resto do gado bovino era guiado por motos ou a cavalo, dum pasto para outro. Era uma propriedade enorme, demorava horas a dar uma volta de jipe e não se via tudo. Há seis gerações que a família Landers ali estava estabelecida. Com as sucessivas secas (atualmente sofre-se a maior, desde há três mil anos), as crises da agricultura e baixos preços do gado acabariam por dar a enorme quinta à exploração por outrem. Com o avançar da idade dos progenitores, estando incapazes de cuidar dela apenas com a ajuda do David Jnr, o único filho que ficara na propriedade. Os restantes tinham ido estudar e não regressaram. Lá, como cá, o engodo das grandes cidades contribuiu para a desertificação, mas não se pense que eram uns labregos estes donos da quinta, várias vezes os vi vestidos a rigor para irem assistir a concertos ou a óperas. Ninguém diria que as mãos escalavradas lidavam com a terra e com o gado no resto do ano.

Que diferença dos portugueses. Ainda assim, Towal Creek vive hoje na memória dos meus tempos áureos.

⁸⁹ (em Comara, Bellbrook, Nova Gales do Sul ao lado do MacLeay River),

⁹⁰ na costa norte do estado (Nova Gales do Sul)

⁹¹ Um Brumby é um cavalo selvagem que anda à solta na Austrália. Embora encontrados em muitas áreas ao redor do país, os brumbies mais comuns estão na região dos Alpes australianos. Hoje, a maioria deles está no Território do Norte, com a segunda maior população na Queensland. Um grupo de Brumbies é conhecido como “mob” ou “bando”, são descendentes de cavalos escapados ou perdidos, que remontam, em alguns casos, aos primeiros colonos europeus, incluindo os “Capers” da África do Sul, Pôneis de Timor (o vulgar Kuda), pônei britânico e outras raças de cavalo s como Puro-sangue e Árabes.

95.4. FINALMENTE A MALFADADA TROPA

Entretanto o espectro da tropa havia-se tornado numa realidade só adiada pela minha frequência universitária embora eu soubesse que era só uma questão de tempo até se concretizar. Em setembro de 1972 fui ao casamento do nosso parente e Marquês de Pico de Regalados e 5º Conde da Azenha, Dom Francisco Bernardo Almada-Lobo que casou com a Luísa Eugénia Sobrinho Simões (irmã do conhecido médico e prima direita da minha primeira mulher). Foi um dos meus últimos atos civis. Infelizmente, a 9 de outubro tinha a minha guia de marcha para a recruta (6 meses) em Mafra na EPI (escola prática de infantaria).



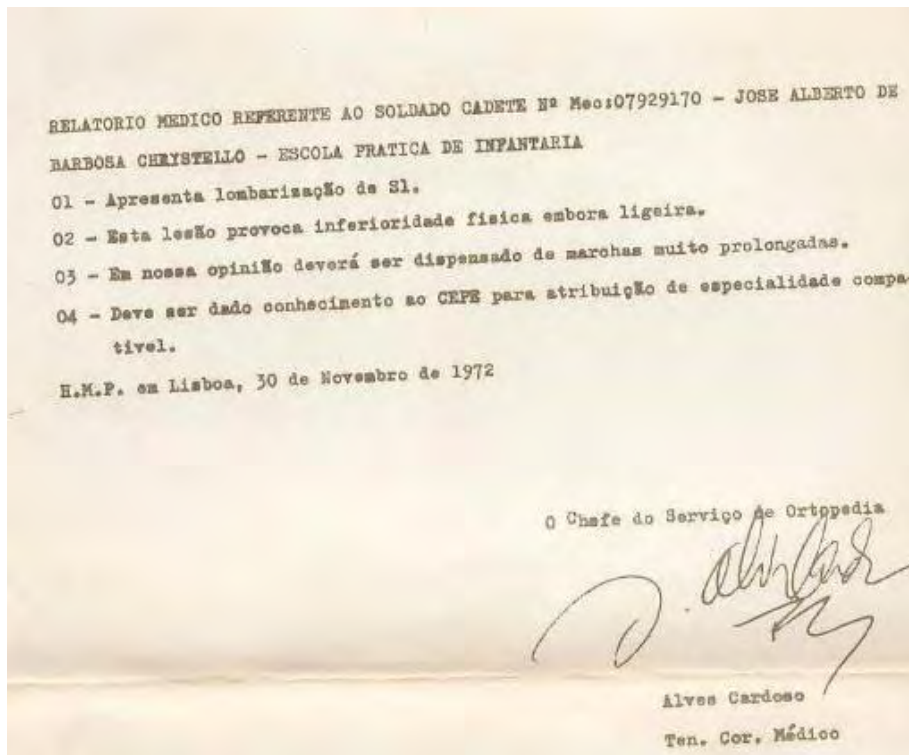
no final da recruta de cadetes milicianos em dezembro 1972 - Mafra (primeira fila, 2º a contar da esquerda)

Em 9 outubro 1972 fui finalmente obrigado a regressar à realidade e entrei no antigo Convento de Mafra para seis meses de recruta, depois de terem falhado todas as tentativas para evitar a tropa, graças a um problema congénito da coluna, herdado da minha mãe e que me impede de fazer esforços físicos violentos. Foram seis meses de enormes dificuldades. Viva-se um intenso período anticolonial com as forças de libertação a infligirem pesadas baixas no exército colonial. A disciplina era quase insuportável, mas havia imensos abusos de poder por cabos e sargentos que seriam meus subalternos seis meses mais tarde. Uma das coisas que mais me chocou foi a falta de higiene dos meus camaradas de armas, fossem eles advogados, médicos ou doutras ocupações da classe média ou média-alta.

o fim do 1º ciclo de soldado cadete

A terapia ocupacional dos seis meses de recruta era difícil e por vezes desnecessariamente exagerada. Conforme havia previsto, logo que chegou a altura de fazermos marchas prolongadas havia o perigo de ficar paralisado, como me acontecera já aos 16 anos em que andei a fazer prolongados exercícios de reabilitação, fisioterapia e termoterapia. Foi então que fiquei totalmente paralisado durante mais de 24 horas, após ter caído mal num exercício do trampolim na aula de ginástica do liceu da ilha durante o 6º ano. Fui consultar os melhores especialistas de ortopedia para vir a descobrir que sofria de sacralização S1 e S2, lombarização

das vértebras L4 e L5, espondilose e espondilolistese. Pois bem em Maфра mal comecei a marcha, ainda não teria andado nem uns dez km ficara, de novo, paralisado e tiveram de mandar vir um helicóptero para me levarem ao Hospital Militar em Lisboa na Artilharia Um, onde creio ter permanecido uma ou duas semanas. Doutra vez fui evacuado de jipe. Quando regressei a Maфра trazia a indicação de não poder carregar nem a mochila nem a G-3 e as minhas marchas limitavam-se a 3 km. Isto deu lugar à caricata cena de eu fazer um quilómetro de marcha com um cabo a carregar os 20 kg de equipamento, depois eu entrava no jipe de acompanhamento após fazer outro quilómetro e assim sucessivamente. Isto causava grande inveja aos restantes recrutas. Ao fim de seis meses tive a distinta honra de ser o oficial com a mais baixa classificação que alguma vez se tinha graduado: 10,3 valores. Isto apenas porque não se podiam dar ao luxo de desperdiçar um oficial e não me podiam chumbar.



Entretanto na frente de combate regressara a Tomar por duas semanas como Aspirante de Infantaria reclassificado em Aspirante de Intendência e finalmente transferido para Leiria como Aspirante de Secretariado e Administração Militar em abril 1973. Foi aqui que pedi a minha licença de casamento e de lua-de-mel. Findas as curtas férias tive de regressar à base em Leiria, onde tinha como oficial superior um certo major, que dava pelo nome de Ernesto Melo Antunes (mais tarde bem conhecido do povo português) com o qual tive longas conversas e passeios à beira rio Lis, sobre a situação sociopolítica e económica do país, tendo feito aqui uma amizade profunda e lido alguns dos estudos das mudanças que ele preparava para o futuro, e que acreditava iriam ocorrer nos próximos cinco anos. Os nossos longos passeios do Castelo em frente ao quartel até ao rio eram passados a falar e a filosofar.

Voltando a Leiria onde permaneci de abril a setembro de 1973 lembro-me de ser extremamente exigente com os subalternos, dar-me bem com o Melo Antunes. Nos meses seguintes ao casamento travei uma luta titânica com um camarada de armas desconhecido, cada um de nós tentando evitar ser mobilizado para a Guiné. Convém recordar que nesta altura a guerra de libertação havia ali atingido o seu auge, com a população civil e mulheres de militares a serem evacuados para vasos de guerra ao largo da costa guineense, o que sucedia pela primeira vez em doze anos de conflito. Obviamente que nenhum de nós estava minimamente interessado em ir para as quentes plagas guineenses.

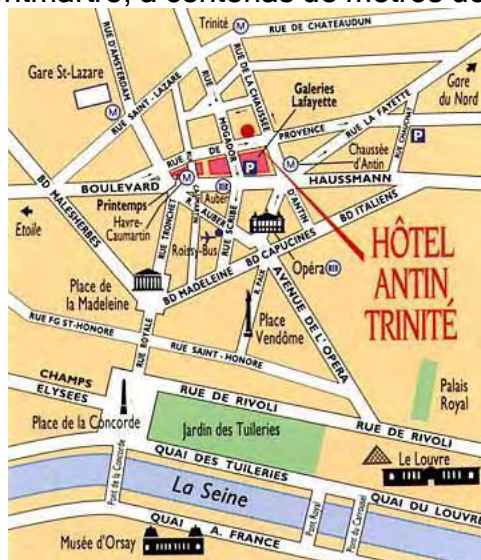
Foi então que recordei abril 1966, exatamente sete anos antes e creio que ainda não o mencionei. Fui convidado como primeiro estudante português para fazer parte dum Student Exchange com a Terra dos Mil Lagos, Finlândia. Ali passei menos de 30 dias em Hämeenlinna no sul e em pleno círculo polar ártico em Rovaniemi mais a norte, terra do pai Natal, aqui onde o sol não se punha durante seis meses, motivo de saudade e angústia porque

é difícil habituarmo-nos a ver o sol durante 24 horas. Dentro de casa superaquecida havia uma sauna e as pessoas andavam quase em traje de verão, mas cá fora estavam uns -27°C capazes de gelar os ossos, qualquer que fosse o agasalho, no seio daquela gente hospitaleira. Quase todos falavam inglês e mantive durante anos o contacto com correspondentes (pen-pal) daquelas paragens. Já na semana do sul da Suécia (perto de Estocolmo) a estudante era a única que falava inglês e a integração foi mais difícil. Sítios a não perder eram os lagos em Turkuu, Hâmina e outras cidades que ficaram no esquecimento. Ora, exatamente, ao pensar no frio nórdico lembrava-me do oposto que era o calor da África para onde não queria ir. Havia um ramo do clã familiar Chrystello, há mais duma geração em Angola e sempre achei que se quisessem lutar contra os movimentos de independência o deveriam fazer, mas não eu e os restantes jovens do continente europeu.

A maior parte dos meus fins de semana era autorizado a passá-los em casa para estar com a minha mulher. Apesar das cunhas e falcatrúas o assunto da mobilização mudava de destino todas as semanas ao ponto do Comandante Ten-Cor. Rebelo do RAL-4 (Regimento de Artilharia Ligeira n.º 4) me dizer que eu deveria ter grandes cunhas para estarem sempre a mudar a mobilização. Em finais de agosto de 1973 sucedeu o imprevisto e o outro camarada em Portugal (cujo nome eu nunca soube) acabara de se oferecer para ir primeiro e acabou por ir ele para a Guiné-Bissau. Entretanto, um colega miliciano que devia ser louco varrido, o alferes Zé Sopapo, como era afetuosamente conhecido em Timor (e vim a conhecer fugazmente), pediu transferência para Angola e deixou uma vaga em Timor para mim... fui mobilizado e depois de duas semanas de férias para me despedir a partida ficou marcada para 17 setembro 1973.

95.5. PARTIDA PARA TIMOR

Éramos um grupo dispar de seis pessoas naquele voo, para além de ser a primeira vez que tropas portuguesas iam para Timor de avião. Íamos rumo ao Oriente exótico e desconhecido, mas a primeira noite seria passada em Paris onde dormimos num Hotel económico (Hotel Antin Trinité Opéra 74, rue de Provence 75009 Paris), mesmo em frente às galerias Lafayette em Montmartre, a centenas de metros do *trottoir* onde as senhoras da noite tinham



o seu métier.

Idéalement situé, l'hôtel Antin-Trinité possède tous les atouts pour vous faire découvrir et aimer Paris. A sa porte une grande diversité de restaurants vous permettra d'apprécier tous les styles de cuisine et le meilleur de la tradition culinaire française. Les cafés et leurs terrasses animées seront les étapes de vos promenades parisiennes. Les théâtres et cinémas vous proposeront les derniers spectacles à l'affiche.... Une animation nocturne qui séduit les visiteurs du monde entier. Vous apprécierez le confort et la tranquillité de ses chambres parfaitement équipées

Como já conhecia a cidade, levei 3 ou 4 camaradas a jantar, mas tive de os avisar para os vinhos franceses fortes. Jantamos num pequeno bistro onde pude fazer as honras de *connaisseur* dos meus favoritos Borgonha e Bordeaux. O jantar foi quase ao lado do hotel, a curta distância do Boulevard Haussman, e no “bistro” havia mesas de xadrez vermelho e branco tal como em alguns locais típicos portugueses daquela época. O vinho era servido em *carafes* de litro que se esvaziavam rapidamente. Se a “*nouvelle cuisine française*” já tinha

sido inventada nem me recordo, pois o que serviram era em pratos de tamanho normal e com comida abundante em vez dos enormes pratos, sem comida nenhuma, que caracterizam a roubalheira da nova cozinha francesa. Na manhã seguinte, quando me levantei, já todos estavam no autocarro que nos iria levar ao aeroporto de Orly. Fi-los esperar durante mais de meia hora, observando-os da janela do meu 1º andar e pensando se os 16 contos que levava me dariam para sobreviver seis meses em Paris. Sim, porque eu já pensava havia muito em desertar, mas nem o meu pai nem o meu mecenas (o meu padrinho e administrador do Banco Totta & Açores) se haviam mostrado dispostos a condescender com essa fuga minha.

Adorava Paris por já lá ter estado e tinha um medo incontrolado do desconhecido que me esperava em Timor. Inicialmente pensei que o meu pai (apesar de frustrado por não ter sido admitido para o serviço militar durante a Guerra, por ser demasiado magro) me poderia apoiar financeiramente na fuga escandinava ou para os Países Baixos ou para França para onde tantos haviam já desertado. Foram os pensamentos que me ocorreram durante essa meia hora, em que não abri a porta a ninguém nem atendi o telefone interno. Acabei por ceder e decidi ir, pois tinha a certeza de que o meu pai jamais me apoiaria na fuga (para ele bem desonrosa) e desci para alívio dos restantes e consternação do senhor Neves, da Air France e nosso guia, que pensava que ia perder o avião.

Apenas o capitão Manuel Alberto Santos Clara (um dos poucos militares que sempre respeitei e de quem me tornei amigo apesar de não o ver desde 1982 ou 1984) teve direito a 1ª classe pois estávamos destinados à classe económica, exceto eu que - como sempre - aspirava a voos bem mais altos. Com a minha habitual descontração, e umas palavras bem sussurradas em Francês aliadas a um sangue latino quente, consegui que uma simpática hospedeira me levasse para o bar no 1º andar do Boeing 747, onde passei o resto da viagem a beber champanhe francês e a apreciar as vistas magníficas do andar de cima do avião.

Fizemos uma paragem em Telavive onde entraram tropas israelitas que revistaram tudo e todos e até se deram ao trabalho de desmontar uma máquina de barbear elétrica minha. Foi a primeira vez que vi medidas de segurança semelhantes às que passariam a vigorar no resto do mundo após a queda das Torres Gémeas em 9/11 (11 setembro 2001). O cenário em volta era de guerra com havia aviões de combate na pista. Estávamos a duas semanas da Guerra dos Seis Dias. Rumamos depois a Banguécoque, então uma pacata cidade asiática sem o atual turismo de massas, e onde na pista ruminavam búfalos de água e que era preciso afugentar à chegada de cada avião.

Nas páginas seguintes um poema escrito na altura descreve melhor esta viagem. Até aqui a viagem fora ótima na companhia da hospedeira (da classe económica) que passou mais tempo comigo no luxuoso conforto daquele primeiro andar do que nas funções dela para espanto do futuro Major Santos Clara, que tendo, de facto direito à primeira classe, estranhava a minha presença ali. Mais tarde, como atrás mencionei, ficaríamos amigos, repito, um dos poucos militares com quem me dei socialmente após o SMO (Serviço Militar Obrigatório). Em Banguécoque mudou a tripulação, perdi os privilégios e a companhia simpática da gaiata hospedeira parisiense. Nessa etapa o destino era Denpasar (Bali), Indonésia, onde me assustei com o tamanho das enormes baratas voadoras que pisávamos enquanto andávamos do avião rumo ao terminal, por entre o calor abrasador e húmido, semelhante a Banguécoque.

De Bali partimos num pequeno bimotor de oito lugares para o aeroporto “internacional” de Baucau, pois o de Díli não estava operacional por qualquer razão. Apesar da beleza da

trovoada e dos relâmpagos que não cansavam de iluminar as milhentas ilhas vulcânicas do arquipélago a viagem fez-se grandes sobressaltos toda a noite.



Entrada em Timor a 20 setembro 1973

Não encontrei vestígios das cartas descritivas que então escrevi, mas ficou escrito o registo da primeira ida e da chegada a Banguecoque:

EURASIAMENTE à vol de 747b
I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

*alando de paris logo passamos o azur da côte
sem escândalos nem coroas arruinadas
escarpas e praias despidas de homem
nove mil metros restituem à natura
impolutas ficções*

*(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias
logo a seguir à itálica bota
corfu vigia em tons de ocre
em tempos creta foi nome de ilha
na mitologia de zeus).*

*da turca ankara sobrevoámos izmir
mandam-nos regressar
estamos no oriente-do-meio
a guerra volta dentro de dez dias
e só dura seis*

*telavive é um amontoar branco de colinas
um algarve deslocado
na planície árida velhos aero-despojos
entram comandos auto-metralhadorizados
importunam
espiam
revistam*

*obrigados e silentes
somos a abrasadora quietude do jumbo
partiremos
sempre mais tarde que previsto
no deserto amarelecido qual alentejo
repousam monstros de muitas lutas
nos kibbutz labutam formigantes sionistas
- este povo traz consigo o estigma
da aniquilação
própria e alheia
cheira a morte. -*

II. A TERRA DOS PERSAS

*embaixo sorriem sombras
minúsculos pontos rasgando a treva
quilómetros de fantasmas ancestrais
casas talvez brancas
bairros de adobe
avenidas ocidentais*

mesquitas
na poeira do cansaço
um nome semimágico
teerão
a história do xá
um povo sem voz
à espera
o silêncio compungido do imperialismo
aterrámos lado a lado com estrelas ianques
estranho porto no coração do petróleo
persépolis foi há 2500 anos
o mito de alexandre
hoje.

III INDIANA UNIÃO

a meu lado um saxónico cacareja
o nojo imenso da miséria
suja imundície
estamos em delhi, a nova
capital das castas
ghandi morreu há muito e era mahtma
indira é mulher e déspota ao que dizem
país estranho de contrastes e civilizações
dele guardo esconsas imagens
fome e pobreza
estamos no subcontinente da morte lenta
aliviado respiro
ao deixar o hindustão

IV. NO REINO DO SIÃO

é já dia
os arrozais me espreitam
verde o país
castanho é banguecoque
em plena pista búfalos pachorrentos
a banhos de lama
camponeses debruçados
nos pântanos colhem o arroz
pequenas árvores dividem o asfalto
chove lá fora
sob 42º C de sol
lufadas de calor húmido nos penetram
densa respiração no ar por condicionar
lentas formalidades num inglês arrevesado
a vida possui aqui uma lenta ritmia
todo o tempo nos espera
nas autoestradas camionetas com jovens
patrulhas militares
todos os veículos se cruzam dos lados todos
coloridos templos incrustados de pedrarias
ouro maciço de budas
descalços com cintos sagrados
nos embasbacámos
este o país do mistério
igrejas e fortes portuguesas
memórias de tratados reais siameses e lusitanos
o mercado flutuante é uma cidade imensa
longos canais pútridos nesta veneza oriental
sente-se o aroma do dólar nas ruas
por entre golpes de estado adiados
a cem quilómetros se combate
é o apelo do futuro
os thais são simpáticos e ardilosos
milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus
os preços função da nacionalidade
no faustoso erawan hotel
o luxo grandiloquente oriental
a sofisticada comodidade do ocidente
uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos

para lá das faces mudas
 se encerra
 o mistério
 o convite
 voltarei um dia.

V. TIMOR

timor cresceu cercado
 lendas que a distância empolgou

o sonho
 a quietude
 as 1001 noites do oriente exótico
 o sortilégio dos trópicos

para o europeu
 chegar era já desilusão

desprevenido
 sobrevoa estéril ilha
 montes e pedras

agreste paisagem sulcada
 leitos secos
 abruptas escarpas

terra sem marca de homem
 esparsas cabanas de colmo
 será isto timor?

o avião desce o vazio em círculos
 em vão os olhos buscam a pista
 por trás de um montículo imprevisto
 se vislumbra o "T"

e a torre de controlo dos folhetos de propaganda
 nunca existiu (naquele formato)

a alfândega é o bar
 a sala de espera
 sob o zinco e o colmo

isto é baucau
 aeroporto internacional
 a vila salazar dos compêndios
 que a história esqueceu

uma turba estranha se amontoa
 à chegada do cacatua-bote⁹²
 o patas-de-aço

esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro
 descendo dos céus

dia de festa para os trajes multicoloridos
 o contraste do castanho de sóis pigmentados
 cinco da matina
 e é já o pó e o calor

o espanto mudo nas bocas incrédulas
 as formalidades aqui com sabor novo
 espera lenta e compassada
 séculos de futuro por viver
 antes que ele venha
 antes não venha

num barracão zincado uma velha bedford
 de carga com caixa fechada

vidros de plástico sob o toldo puído
 pomposo dístico colonial
 carreira pública baucau-dili

picada em terreno plano
 mar ao fundo

baucau
 cidade menina por entre palmares
 densa vegetação tropical

connosco se cruzam estranhos homens de lipa⁹³
 galo de combate ao colo
 entre torsos e braços nus

92 cacatua-bote ou patas-de-aço eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

93 lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

das ruínas do mercado se evocam
desconhecidos templos romanos
estrada n.º 1 até díli
sulcam-se abruptas as encostas do subão
ao mar sobranceiras
ali se adivinham cristais multicolores
em lugar de pontes se atravessam ribeiras
enormes
leitos secos
o tempo as converteu em estradas de ocasião
pedregoso solo
cores indefinidas
castanhos e verdes
palapas⁹⁴ dissimuladas na paisagem
imagens tristes de pedras e montes
baías primitivas
inconquistas
praias de despojos e conchas
paraísos insuspeitos
as gentes de sorrisos vermelhos
assusto-me
não é sangue nas bocas gengivadas
masca, mescla de cal viva e harecan⁹⁵
placebo psicológico da alimentação que falta
um sorriso encarnado esconde a fome
súbito
por paisagens que só a memória
sem palavras descreverá
eis díli
a capital
larguíssima avenida semeando o pó nas palapas
casas de pedra com telhados de zinco
na ponta leste chinês e timores
partilham a promiscuidade da pobreza
díli
plana e longa
a vasta baía antevendo imponente
o ataúro ilha
um porto incipiente
a marginal desagua no farol
construções coloniais pós 1945
da guerra que ninguém quis
dos mortos que os japoneses quiseram
da neutralidade do país mãe calado e violado
albergam chefes de serviço
altas patentes militares
sem guerras para lutar
sem movimentos libertadores das gentes
quinze quilómetros de asfalto
três casas dantes da guerra grande
aeródromo em terra batida
um jipe de afugenta búfalo
a rua comercial atravessa díli senhora
de leste a oeste
espinha dorsal
o centro
o palácio das repartições
o do governo
perto um museu
o seu nome ostenta o vazio
riquezas sem fim
seus governadores exportaram
patriotas

94 casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

95 folha de areca (dictiosperma, Areca borbonica Kunth; Areca borbonica Hort), ou de bétel, planta pimenteira semelhante à do tabaco apreciada como estimulante ligeiro e por suas propriedades medicinais

colonizadores de séculos com nada para mostrar
um museu morto
dois sinaleiros nas horas de ponta
ociosos às portas dos cafés
à noite transfiguram-se
os bas-fond
o texas bar
da prostituição às slot machines
o submundo
a vida underground
afogar esperanças em álcool
sonhos há muito perdidos nunca sonhados
restaurantes poucos
melhor comida a chinesa
bares espalhados pela cidade
militares e álcool para calar distâncias
um portugal dos pequeninos
longínquo
cada vez mais
esquecido
nunca
perdido.
1973 numa cidade sem vida
morrendo nas cinzas
próprias de cada noite
por entre o silêncio e a voz triste dos tokés⁹⁶
o calor putrefacto
por entre o voo alado das baratas gigantes
carros poucos
de dia só do estado
motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes
esperando mulheres de oficiais
às portas dos cabeleireiros
do liceu
militares a pé
em berliets ou unimogs
chineses muitos
dili é isto
a desolação
na parte alta da cidade o complexo militar
barracas insalubres
sob a sombra dos hospitais
um civil um militar
fresco e verdejante vale
triste esta cidade
pretensamente euro-africana
palapas marginando ruas
nelas vive o timor
sem água nem luz
dez ou quinze filhos
que importa
a miséria é só uma e a mesma?
esta "a terra que o sol em nascendo vê primeiro"
aqui as imagens
e são já história
não se repetirão
aqui não daremos testemunho
como transfigurar
colónias pacíficas
em palcos de guerra.

96 espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som toké.



Carreira pública Díli - Baucau - Díli

Mal chegamos a Timor vimos uma paisagem desoladora, árida e suja. Meteram-nos na traseira duma velha carrinha Bedford com bancos de suma-a-pau e toldo de lona durante umas épicas sete (7) horas rumo a Díli. A estrada mal se via, tantos eram os precipícios sobre a costa alcantilada. Depois duma curta paragem na messe de Baucau onde comemos e bebemos uma refeição ligeira eram cinco da manhã e o calor já apertava. Ia alto o sol. A meio da viagem duns 400 km paramos para tomar outra refeição mais ligeira no pequeno quartel do Manatuto e chegamos à messe de oficiais em Díli ao meio-dia. Nem queiram saber a cor do meu blazer azul e calças de linho brancas e as do major Santos Clara idem.

95.6. CHEGADA

Timor esteve sempre envolto em lendas e contarellos que só a distância pode criar. Em Portugal, Timor não passava de um sonho, a calma quietude das mil e uma noites, do Oriente exótico e dos sortilégios dos trópicos. Mas ao chegar, um Europeu só podia sentir a desilusão, de repente sobrevoando uma ilha aparentemente estéril, cheia de montes e pedras, um cenário rústico intersetado por ribeiras secas, altas escarpas abruptamente voltadas ao mar, uma terra devastada ecologicamente, sem sinais de vida ou a marca de civilização humana.

Timor é de facto assim, com casas esparsas de bambu que se vislumbram por sob as asas do bimotor. O visitante questiona-se: "Como é isto possível? Será isto Timor? O pequeno avião desce em círculos concêntricos, e os passageiros - inquietos - procuram em vão um aeroporto que teima em não se mostrar. De súbito, por detrás de uma colina - que ninguém anteviu, por entre uma rotação brusca, aí está o pequeno "T" da pista. A torre de controlo dos panfletos turísticos não se vislumbra, os edifícios poeirentos com teto de colmo são a aduana, o bar e o salão de embarque. Este é o aeroporto internacional de uma Vila Salazar, mais conhecida como Baucau, que só existe nos textos de geografia dos liceus portugueses.

Uma estranha urbe se aglomera cá fora. Este é o espetáculo, sempre indescritível, da chegada do "cacatua bote"⁹⁷ ou o "patas de aço". Uma espécie de cerimónia a um deus estrangeiro descendo dos céus. As pessoas parecem assistir a esta manifestação sagrada como o começo de uma nova religião. As vestes multicores contrastam com os muitos sóis a que os séculos as expuseram. São apenas cinco horas da manhã, poeirentas e calorentas.

*Como oficial miliciano da Intendência, e não como um profissional homem de armas, o autor sentiu-se, orçado a escolher entre desertar ou sujeitar-se a dois anos de luta contra os movimentos de independência africana em Angola e Moçambique ou três anos de solidão nesta remota, mas pacífica terra*⁹⁸.

Uma surpresa muda acompanha os esgares dos recém-chegados. Aqui, as formalidades têm um novo sabor, semelhante ao lento, mas rítmico, compasso de espera das pessoas que nos esperavam, como se tivessem séculos de vida para viver. A alguma distância, uma

⁹⁷ a grande catatua

⁹⁸ mais tarde, seria dos primeiros seguidores da Junta Militar ou Frente de Salvação Nacional, em Lisboa, e do MFA (Movimento das Forças Armadas)

velha camioneta Bedford com telhado de zinco, abriga-se do sol protegendo os velhos bancos de madeira, sob o pomposo sinal de Carreira Pública #1 Díli - Baucau. A sinuosa estrada de montanha volve-se para o mar, descendo lentamente para esta cidade menina, Baucau, escondida entre as folhas dos palmeirais e luxuriantes florestas tropicais. Pela traseira da camioneta vislumbram-se novas imagens de uma terra morta à nascença. Cruzamo-nos com homens vestidos com uma lipa⁹⁹ estreitando galos de luta entre os seus braços nus e o torso, enquanto caminham. Baucau tem algumas casas de pedra, para além das de terra e adobe, e o aspeto exótico da população colorida. Das ruínas do mercado evocam-se templos romanos desconhecidos. Uma curta paragem para uma sandes e limonada na messe do quartel-general local, em frente à piscina da Pousada, que subitamente parece deslocada no tempo e no espaço. Logo a seguir estamos de regresso à estrada n.º 1 Baucau - Díli.

Encostas escarpadas, a pique sobre um mar de corais brancos. A picada de montanha, por vezes aproxima-se tanto do abismo que os nossos corações entram em animação suspensa, em especial na zona dos Subões. Ao longo do caminho vamos atravessando leitos secos de ribeiras que o tempo, a incúria dos homens e os elementos converteram em estrada de ocasião. O chão de gravilha, por vezes apenas pedregoso, a cor indefinida entre o castanho e o verde, as palapas¹⁰⁰ disfarçadas por entre a vegetação, tudo serve para propiciar uma imagem de pedras e colinas. As baías, primitivas e inconquistadas por barcos de qualquer tamanho ou tipo, as praias cheias de conquilhas e outros destroços das ondas, revelam paraísos insuspeitos. É difícil ver os nativos e os seus sorrisos abertos. Engasgo-me espantado, mas não é sangue que jorra dos seus lábios, apenas a masca: uma mistura de cal e harecan.¹⁰¹ Mastigá-la é um placebo psicológico para a comida que não existe (em janeiro 1998 ouço o José Ramos Horta a apelar à solidariedade internacional para debelar a fome que grassa no território). Os sorrisos vermelhos escondem fomes de séculos.

De súbito, após passar e deixar para trás vilas e aldeias que só a memória despalmada pode recordar, eis Díli: 212 km muitas horas (sete) mais tarde. Uma avenida extremamente larga, em terra batida ao lado da Ribeira de Santana, espalha a poeira pesada sobre o colmo das palapas vizinhas e de algumas casas de cimento com teto de zinco. Ao entrar em Díli, por leste, podiam ver-se chineses e timorenses a partilharem a promiscuidade criada pela falta de estruturas urbanas adequadas. Díli é uma planície que se espraia por um mar espelhado como um lago, com uma baía majestosa acentuada pela sombra imponente da ilha do Ataúro. Um porto incipiente abriga a lancha (que raramente saía para a água) onde flutua a bandeira portuguesa. Uma longa avenida alcatroada acompanha a marginal costeira, terminando em Motael e no bloco residencial do Farol, onde as vivendas coloniais construídas depois da 2ª Grande Guerra abrigam os chefes de departamento e os escalões superiores do exército colonial. Por esta época, Díli dispunha apenas de 16 quilómetros de asfalto esparsamente distribuídos por poucas ruas da capital. Três casas apenas sobreviveram à devastação nipónica da Grande Guerra. No aeroporto, quando se aproximava uma aeronave, um *Land Rover* limpava a pista dos pachorrentos búfalos, das vacas balinesas e porcos selvagens. A principal artéria comercial atravessa Díli de ocidente a oriente, através do centro comercial, espinha dorsal da capital, e onde se alberga o Palácio do Governo (ao lado doutro um imponente edifício pomposamente denominado Palácio das Repartições).

Isto sem esquecer o Museu cujo nome ostenta o vazio de todos os tesouros exportados por anteriores governadores e colonizadores, ao longo dos séculos. Um museu vazio, dois polícias sinaleiros nas horas de ponta, e poucas pessoas pachorrentamente sentadas nas

99 Lipa - tipo de vestuário usado por ambos os sexos enrolado da cintura para baixo

100 palapas: casas tradicionais, de colmo com teto circular.

101 areca: uma folha vegetal, tipo folha de tabaco

esplanadas. É ali que, à noite podemos encontrar os verdadeiros *bas fonds*¹⁰² de Díli, não só as prostitutas locais, mas também as máquinas de póquer e as slot-machines. O submundo, a vida subterrânea, o afogar de esperanças e sonhos há muito esquecidos. Havia uns poucos restaurantes, a maioria servindo comida chinesa, bares como o “Texas” e a “Tropicália” onde os soldados e a bebida silenciam uma progressivamente maior distância de Portugal, a saudade, o desespero e outras maleitas. Díli, setembro 1973, uma cidade sem vida, morrendo devagar nas suas próprias cinzas, por entre o silêncio e a triste voz rítmica dos tokés, o calor pútrido e o voo alado das gigantescas baratas.

Durante o dia podiam-se ver alguns, dos poucos carros particulares, e muitas viaturas oficiais com a sua típica cor negra. Motorizadas circulavam por entre os jipes do exército conduzidos pelos motoristas militares que esperam pacientemente, frente ao liceu ou ao cabeleireiro as esposas, convertidas em professoras do liceu, dos oficiais do exército português. Estarão mesmo no liceu, na escola primária ou no cabeleireiro? O pessoal militar a pé ou nas Berliets e Unimogs. Por entre os timorenses, veem-se muitos chineses.

Díli é isto, a desolação.

Nas colinas em Taibesse, num local para esquecer, como relíquia de uma guerra perdida, estavam as instalações militares com o seu quartel-general e os barracões insanitários. Pode ter sido um ótimo local duzentos anos antes, bem abrigado pelas montanhas circundantes, mas a sua localização estava fora do seu tempo e espaço.

(Dizem as lendas urbanas que em 1973 - pouco antes de eu chegar - o José Ramos Horta querendo provar a indefensabilidade e exposição de vulnerabilidade do QG assaltara uma sentinela para alertar exatamente para a sua fragilidade).

Quinhentos metros acima do nível do mar, em Lahane, num local proeminente e bem abrigado pela densa vegetação estavam os dois hospitais: um pequeno grupo de edifícios mais modernos para os civis e que incluía a maternidade, e outro edifício, mais antigo, para os militares apenas dispendo de uma dúzia e meia de camas.

Esta cidade pretensamente europeia é triste.

As palapas, crescendo para os passeios quase inexistentes, albergam os timorenses que ali vivem sem luz elétrica, sem água encanada nem esgotos. Dez ou quinze crianças brincando em volta, alheias a tudo. Que interessa se a miséria é a mesma, será sempre a mesma?

“*Esta é a terra que o sol, em nascendo, vê primeiro*”, a insígnia oficial proclama bem alto do escudo e brasão de armas do então Timor Português.

Com isto, eu lego as imagens e as palavras. Elas fazem já parte integrante da História e não se irão repetir num milhão de anos. Isto presenciámos: como transfigurar pacíficas colónias do Pacífico em cenários de guerra e morte.

102 Mundo subterrâneo.

95.7. DILI - BOBONARO SETEMBRO DEZEMBRO 1973

Cheguei a Timor onde tudo era diferente e estranho. Apeteceu-me chorar de raiva por ter vindo parara a esta terra primitiva e desprovida de quase tudo. Nunca imaginaria como as primeiras impressões seriam substituídas por uma enorme paixão a esta terra e gentes. Dei logo baixa ao Hospital Militar, no mesmo dia ou no dia seguinte, a queixar-me de fortes e verdadeiras dores de costas, fruto da viagem Baucau - Díli na velha Bedford. Ali permaneci no alto daquela colina fresca e verdejante a observar as queimadas dos nativos e fruindo da bela vista para o mar e a ampla baía de Díli. Ao fim de duas semanas fui obrigado, contra os meus protestos, a ir destacado para a montanha onde estava colocado no EC5, Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, 120 km a sul. De nada adiantou tergiversar, que a viagem me ia matar, pois não havia avião para Bobonaro e eu tinha mesmo de ir no meio de transporte existente, Berliet ou Unimog ou similar. Tive sorte não ir na camioneta do china. Se a estrada #1 Baucau Díli era má e atravessava ribeiras onde deveria haver pontes, mas não estavam lá porque tinham caído com as chuvas, esta estrada de montanha que passava pela Maliana (centro arrozeiro e cafezeiro) era bem pior. Tinha sido construída pelos japoneses durante a ocupação de Timor na 2ª Grande Guerra. Poucos ou nenhuns melhoramentos tivera, desde então, exceto a retirada dos constantes deslizamentos de terras, majestosas derrocadas que podiam cortar a circulação por tempos infindos, em especial na época das chuvas... De facto, a estrada não estava nas mesmas condições em que os japoneses a tinham deixado, mas bastante pior, com estragos de mais de 30 anos e falta de melhoramentos. O transporte foi numa Mercedes Berliet, comigo deitado sobre os mantimentos trimestrais, ao sol, sem proteção do calor e do pó. Uma viagem épica com uma pausa agradável na Maliana onde dormitei a sesta no chão de cimento da messe de sargentos (ali não havia oficiais) e após almoçar no destacamento local.

A vila de Bobonaro consistia principalmente numa rua comprida que terminava nos quartelamentos militares, a messe e uma pista de cavalos (chamar-lhe hipódromo seria demasiado) havendo apenas meia dúzia de casa em pedra com as restantes palapas de colmo com uma ou duas casas locais tipo palafita que eram casas sagradas ou lulic. Entrei em fase de negação e protesto mudo. Aí permaneci até dezembro quase sem falar com os restantes dez oficiais, sendo que um deles Amílcar Monge da Silva era tão inconveniente e malcriado comigo, que depressa me foi instaurado um burlesco processo disciplinar pelo meu superior local, capitão Careano (não me defendi dum ataque verbal e físico dum oficial mais graduado e não soube evitar que o mesmo acontecesse) o que me valeria oito dias de detenção agravada, no meu quarto que partilhava com o capelão, o jovial Padre Domingos. Sou agredido e castigado por não ripostar? Foi uma fase bem difícil. Raiva e impotência, negação total, silêncio e alheamento do que me rodeava. Foram tempos de desespero e de raiva e que apenas a compaixão e calma paciência do cirurgião Gomes da Silva e da mulher, também médica, iam amolecendo até chegarmos à época de Natal. Os reabastecimentos eram de três em três meses e o correio normalmente só vinha uma vez por mês. O telefone de campanha mal dava para se conseguir contactar com Díli. Todos os dias escrevia, mas raramente recebia cartas da mulher com quem casara em abril, embora amiúde recebesse cartas semanalmente enviadas pelo meu pai. Foi então que finalmente vi ser-me autorizada a almejada transferência para Díli para a Chefia dos Serviços de Intendência onde passo a ser o segundo oficial mais antigo, logo após o Chefe de Serviços, ocupando a vaga desocupada do capitão. No regresso de Bobonaro, fomos de Unimog ou jipe (não me recordo) até à Maliana e aí apanhei o pequeno avião para a curta viagem até Díli. Mal cheguei instalei-me no Hotel Turismo, que apesar de demasiado caro para as posses de um alferes, era - então - o único digno desse nome. Ali fiquei umas semanas até encontrar um apartamento. Após a minha transferência consegui na noite de 24 de dezembro 1973 estabelecer contacto

via telégrafo com a minha mulher que me avisou não estar interessada em ir para Timor por razões pessoais que para aqui não são chamadas.... Vi, e saliento a palavra vi, as primeiras brancas surgirem no meu cabelo nessa noite. Bebi em excesso nesse Natal pois havia sempre a desculpa de o calor apertar e o Gin Tonic ser excelente para combater a malária (paludismo). Diziam até que eram melhores que os comprimidos de quinino que tomávamos.



Estrada de Bobonaro



Messe (na foto da esquerda o Zé Sopapo que pediu transferência para Angola permitindo que eu fosse para Timor está à direita, ao meu lado, com óculos escuros). Na segunda foto, à direita, o Padre Domingos na ponta esquerda e à direita o casal de médicos José António (já falecido) e Manuela Gomes da Silva



Messe e picadeiro Bobonaro

Nas montanhas de Bobonaro



Aeródromo da Maliana e avião dos TAT (Transportes Aéreos de Timor)



Hotel Turismo acabado de chegar de Bobonaro, Uma das primeiras idas à Praia da Areia Branca janº 74

95.8. EM DíLI de abril a novembro 1974

Logo que pude procurei onde viver, mas economicamente teria de partilhar a casa. Mudei-me para a minha primeira casa em Díli, em plena Rua Comercial, em frente ao *Vu Vi Vong* (grande loja de ferragens). Situava-se num conjunto de, salvo erro, três ou quatro apartamentos, à face da rua no prédio térreo da companhia de prospeção petrolífera, a Timor Oil ou PetroTimor Companhia de Petróleos SARL (que tinha direitos de prospeção e exploração de petróleo, datados de 1 de janeiro de 1974 sendo uma subsidiária da Oceanic Exploration Co e General Atomics Co.). Estive aqui uns meses, antes de me mudar para a “Sota”, num dos três apartamentos que esta loja comercial e livraria tinha no Largo de Lecidere.

Mandei fazer uns armários improvisados, uma mesa de jantar em madeira preta e quatro cadeiras, mais quatro cadeirões de rota e outra mesa de rota na sala de estar para compor compunham o ambiente, tendo um barril a servir de bar. Aquilo até parecia uma casa.



Iria conhecer bem em Díli, a célebre Praia da Areia Branca, de águas bem quentes. Depois iria aos montes, ali bem por cima da baía, até Dare, ver o Seminário onde estava uma placa em homenagem aos Portugueses de antanho. A vista era majestática e de espantar, pelo que eu imaginava que faria qualquer ocidental perder a vocação religiosa... Daria mais uns passeios para nor-noroeste, pela costa até Tibar, Liquiçá e Maubara, sem nunca chegar a Balibó. Mesmo assim, ir de carro até Liquiçá só para loucos e sem amor ao carro (que nem era meu, mas do cirurgião, o Carlos Prata Dias da Costa). Fui às lagoas de Tassitolo, infelizmente, mais tarde, celebrizadas por serem vala comum dos assassinados pela Indonésia.

A praia da Areia Branca a uns 3 ou 4 km de Díli (de todas, esta era a favorita) nem se descreve, sente-se como uma experiência sensorial boa para alma. Era um espanto. As suas águas entre os 24 e os 33 °C. tinham duas barreiras naturais de coral a separar a baía do mar alto, na meia-lua coroada por montes, onde ora termina o Cristo-Rei¹⁰³, de gosto duvidoso que os indonésios mandaram erigir durante a ocupação, do lado de cá da praia.). Dentro de água havia uma cavidade, já perto do areal, com mais de dez metros de profundidade. Constava que ali teria caído uma bomba japonesa no decurso da 2ª Grande Guerra. Nunca me aventurara mais do que a um metro ou dois de profundidade. Dizem os peritos que havia tubarões na baía da Areia Branca, mas não me recorde de os ter visto. Por vezes, na maré-alta, passavam ou saltavam da primeira para a segunda barreira de coral que havia na baía, mas durante a minha estadia nunca vi nenhum. Pude ver algumas vezes, pequenos crocodilos de água salgada (ou seriam de água doce?) ao pé de casa em Lecidere. Nem recordava se era depois duma enxurrada ou antes, mas que eram pequenos eram.

São parentes dos “saltwater crocodiles (Crocodylus porosus)”, da vizinha cidade australiana de Darwin, onde atingem facilmente 4 metros (ou mais) de comprimento. Ultrarrápidos no ataque vivem entre a água doce e a salgada. Existem desde há 200 milhões de anos. São dos mais velhos sobreviventes e espécie protegida.

Uns anos mais tarde, em 2007, diziam que não havia crocodilos na costa norte.

“Raramente aparecem..., mas apareceu um crocodilo na Areia Branca, Díli. As instruções eram: «Quando o virem para lá do coral, nadem. Quando o virem mergulhar, saiam da água». A coisa resultou durante uns tempos. Os

¹⁰³ A subida ao Cristo-Rei possui as diversas estações da Via Sacra e é feito por um caminho composto por 860 degraus - em lotes mais simples e noutros, no final, mais violentos. A vista é muito bonita. Ao domingo é uma atração para as famílias

polícias portuguesas queriam dar-lhe um tiro, mas os timorenses diziam que nem pensar, era o avô deles, até que os militares australianos, mais experientes nestas coisas de crocodilos de água salgada, foram capturar o bicho. E afinal não era só um, mas três..”

Hoje, tornaram-se uma praga e o governo não decide o que fazer com eles, que chegam já ao quebra-mar em frente ao Palácio do Governo. Mas continua a haver timorenses que os alimentam a frango. Depois admirem-se. Já houve mortes nestes últimos anos.

O crocodilo é um animal sagrado para os timorenses. A ilha de Timor tem, supostamente, a forma de um crocodilo, por isso em Timor, todas as comunidades têm lendas sobre o aparecimento do primeiro homem sobre a terra, para criar o seu clã ou tribo.

Não resisto a transcrever aqui a criação de Timor, narrada pelo poeta Fernando Sylvan:

“Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não só era pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande. O pântano, é bom de ver, é o pior sítio para morar. Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo. Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada. Ao longo do tempo, milhares de anos, parece, o que ia valendo ao crocodilo era ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava. É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe. De qualquer maneira, conversar assim, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães... Muitas vezes, exclamava: “Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes! “Tem paciência, tem paciência...” dizia a si próprio.

“Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo” - recalitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca. “Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além...”

Esforçou-se, galgou a margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em brasas. Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das suas forças e ia ficar, ali, assado. Foi nesta altura que passou um rapazinho que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

“Que tens Crocodilo, Ah! como tu estás?! Tens as pernas partidas, caiu-te alguma coisa em cima?”

“Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas, apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro.”

Respondeu o rapazinho: “Se é só por isso, posso ajudar-te” e, logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira do pântano. No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.

“Este rapazinho deve ser mais saboroso do que tudo o que provei e vi em toda a minha vida” - e imaginava-se a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo, e, depois, devorá-lo.

“Não sejas ingrato” - diz-lhe o outro com quem ele conversava e era ele mesmo.

“A fome tem os seus direitos”.

“Isso é verdade, mas olha que trair um amigo é um ato indigno. Este é o primeiro amigo que tens.”

“Então vou-me deixar ficar na mesma, e morrer à fome?”

“O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha e procura alimento.”

“Isso é verdade...” E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudiu a cauda, e disse-lhe: “Obrigado. És o primeiro amigo que encontro. Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo...”

“Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que há mais por esse mar fora.”

“Sonho? Falaste em sonho? Sabes, eu também sonho...” arrematou o crocodilo.

Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado a comê-lo. E ainda bem. Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...

“Ouve, Crocodilo, o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro”.

“O prometido é prometido. Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo. Queres, agora mesmo, ir por esse mar fora?”

“Isso, só isso, Crocodilo.”

“Pois eu, agora, também. Vamos então.”

Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar. Era tudo tão grande e tão lindo! O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam. E as nuvens também. Não se sabia se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

“Ouve-me, rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou...”

“O meu não vai acabar...” Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perder a sua forma primitiva, e transformou-se numa ilha carregada de montes, florestas e de rios. É por isso que Timor tem a forma de crocodilo.”

Em tempos imemoriais, Timor era uma sociedade onde não havia dinheiro e a fortuna de cada um era aferida pelo gado que possuía: cavalos, búfalos, cabras, porcos, bem como ouro e prata. Os animais tinham um uso mais importante para eles: em vida, mostravam quão bem-sucedida uma pessoa fora e, em morte, muitos destes animais eram sacrificados para uma festa que servia para enviar a alma para os céus. Os animais NUNCA eram sacrificados como tributo religioso, mas como comida para os convidados. Havia festas para celebrar nascimentos, onde a proporção era sempre correta entre familiares diretos (ou consanguíneos) e os familiares da outra parte (sogros, cunhados, etc.)

A maior parte dos casamentos era arranjada para uniões políticas e não por razões mais prosaicas como a compatibilidade entre dois seres humanos, ou amor. Num batizado, os convidados podiam ser de outra parte da ilha, de outra tribo ou clã. Estas festas e reuniões serviam para cimentar as obrigações que cada aliança política impunha em cada tribo ou clã, servindo para manter a paz entre as comunidades e dentro de cada uma.

Na época do cultivo, havia cerimónias especiais para aplacar a ira dos KLAMAR e assegurar-se de que o KLAMAR ou guardião sabia que as sementes estavam a ser plantadas no ventre da Terra Mãe. Assim, o guardião KLAMAR poderia garantir que elas eram frutuosas. Se a plantação era feita com as primeiras chuvas e, depois, não chovia, dizia-se que os espíritos maus haviam morto a alma das plantas e não que o agricultor havia cometido o erro de fazer o plantio demasiado cedo. Na época das colheitas era sempre uma azáfama para conseguir colher tudo antes de os ratos comerem a colheita do ano. Os ratos eram, é óbvio, obra dos espíritos malignos. O mesmo se dizia se as plantas tivessem doença, ou falhassem a sua missão por qualquer razão, tal como o excesso de chuva.

A casa em Timor (UMA) representa muito mais do que o mero local para habitar. As religiões animistas não dispõem de igrejas ou capelas, razão pela qual as casas são usadas para fins religiosos. Uma casa tradicional assenta em dois pilares ou alicerces. Um deles representa o sexo masculino e o outro, o feminino. Em Timor, tudo existe aos pares. As casas estão divididas em duas partes, e numa delas a mulher é suprema. Como a casa tem este significado religioso, a mulher é muitas vezes a cabeça da família em termos religiosos (e, isto bem antes do extermínio masculino dos anos 70 e 80, pelos indonésios). No pilar feminino penduram-se os sacos tecidos pelas mulheres, onde repousam as placentas secas dos ocupantes da casa, que devem acompanhar a pessoa através de toda a vida. Caso tal não aconteça, essa pessoa deixa de estar protegida contra os KLAMAR, e não pode regressar à Terra Mãe como uma pessoa completa na altura da morte.

Todos os desastres são aceites com um fatalismo natural, como derivados do trabalho dos espíritos maus. Até mesmo os acidentes são atribuídos a fetiches ou invasões de espíritos. Foi sempre assim, o que permitiu aos timorenses suportar as maiores desgraças e calamidades, e continuarem a seguir as suas vidas como se nada de anormal se tivesse passado. Isto foi visível nos anos que se seguiram à invasão e domínio indonésio. A importância dada a combater os efeitos do Klamar leva muitos timorenses tradicionais a mudarem de nome, a fim de os KLAMAR não saberem onde eles estão e não há ninguém capaz de os convencer a voltar ao antigo nome. Isto era extremamente desconcertante para os portugueses quando efetuavam o recenseamento bienal. O casamento, e em especial a preparação deste, consumia imenso tempo e cerimónia. O método usual era por HAFOLI (literalmente: fixação do preço) em que os intermediários (normalmente, um Katuas escolhido pela família) demoravam, pelo menos, um ano a estabelecer todas as condições contratuais da aliança. As oferendas apropriadas iam sendo passadas, de parte a parte, à medida que os termos do acordo iam sendo fixados. Em cada estádio do processo um LIA NA'IN recitava longos excertos de poesia DADOLIN (versos de duas linhas), dando a ênfase à aliança com a outra parte. Um Lia Na'in da outra parte faria idêntica declamação, enquanto os convidados iam comendo o que fora oferecido pelos parentes do noivo. Depois de todos os termos da aliança conjugal terem sido discutidos e acordados, e as oferendas iniciais passadas de uma parte a outra (búfalos, cavalos locais (kudas), ouro e prata pela família do noivo; cabras, porcos e tecidos por parte da noiva), os dois jovens podiam começar a coabitar numa base noturna em casa dos pais da jovem. O único rito de casamento era a consumação do mesmo. Em tempos idos o casamento era levado a sério. Primeiro, o futuro noivo pedia autorização aos pais da futura noiva para casar. Depois, os Katuas decidiam se ele era ou não apropriado como candidato a fazer parte do clã (ou como praticante do sacerdócio da Mãe Terra). Apenas homens e mulheres casados podiam tomar parte em todos os ritos religiosos e segredos do clã. Quando os Katuas decidiam que o jovem não era apropriado ou conveniente, terminavam ali os preparativos iniciáticos para o casamento. Atualmente as coisas já não se passam assim. A partir de 1975 cada jovem toma por mulher quem ele muito bem entende, sem ter de a barlaquear, nem seguir as cerimónias. A isto chama-se HAFE. Ao contrário da civilização ocidental, e, tal como de facto é bastante comum nas culturas orientais, o casamento entre primos diretos não é desprezado, desde que os noivos sejam filhos de um irmão e irmã. Se os noivos forem filhos de duas irmãs ou irmãos, o casamento é totalmente vedado.

A escravatura existiu até 1975, mesmo apesar de proscrita e negada pelas autoridades portuguesas. Os jovens, de ambos os sexos, eram vendidos como ATAN (escravos) para efetuarem serviços não-remunerados de criados (KREADO, aquele que cuida de bebés) e não dispunham de liberdade para abandonar a família. Os seus donos ou patrões eram responsáveis pelo seu bem-estar, e, de uma forma geral, mesmo durante a ocupação portuguesa e em especial até à 2ª Grande Guerra, eram tratados condignamente e, em muitos casos, faziam parte integrante da família, pelo que era normal ao tornarem-se adultos casarem com a filha do patrão de que haviam cuidado ao crescer.

Os Timorenses têm uma deferência muito especial para com a morte, altura em que as virtudes dos falecidos são contadas ao mundo dos vivos com todos os detalhes, por aqueles que veneram tal falecimento. A morte de um ente querido, importante no seio do clã, criava um vácuo que necessitava ser rapidamente preenchido. Isto demorava longas horas de conversações e negociações entre os Katuas do clã, que tentavam encontrar a pessoa certa para

preencher esse vazio. Por vezes, não existia dentro de um grupo ninguém capaz de ocupar a posição vaga, pelo que se tornava necessário recorrer a alguém de uma tribo vizinha. Em situações extremas, podia até acontecer que o clã se repartisse em dois. Quanto à morte e dívidas do falecido, passado um ano sobre a morte, os familiares e todos aqueles que eram credores ou tinham uma aliança com o falecido, eram convidados para uma Cor Mêta (KORE METAN) ou celebração pela partida, no local onde a alma do falecido havia emergido do ventre da Mãe Terra. Muitas das dívidas eram pagas pela preparação da festa. Os convidados enchiam-se de tudo o que era bom de comida e TUAKA (vinho de palma) nas festas que duravam uma semana de danças e na qual eram contadas histórias sobre as virtudes dos falecidos.

Das recordações ao chegar em 1973, lembrava-me também dos curiosos caranguejos, castanhos, esverdeados, ou azuis, minúsculos, que ao pôr-do-sol saíam das profundezas da areia húmida na Praia da Areia Branca (onde ninguém os pisara, vira ou pressentira durante o dia) para encetarem mais uma marcha não se sabe para onde. Eram centenas ou milhares numa manobra de precisão militar, que a natureza orquestrara há séculos e se repetia diariamente. Teria de estudar um dia este fenómeno.

Depois de alguns artigos que enviei de Bobonaro, escritos para o jornal local, fui nomeado Editor-chefe de "A Voz de Timor" em fevereiro 1974. O jornal de tiragem semanal reduzida tinha quatro páginas apenas, numa terra onde a rádio emitia umas duas ou três horas ao dia, onde a TV não tinha chegado e os telefones eram um luxo de que alguns tinham ouvido falar, mas poucos tinham visto. Havia, desde há pouco tempo, a Rádio Marconi para se ligar para o resto do mundo através dum cabo submarino que permitia um contacto telefónico de má qualidade e irregular.

Lembro-me de ter escrito um artigo sardonicamente crítico das eleições para a famigerada Assembleia Nacional em que a minha sátira mordaz foi entendida pelos apaniguados do regime (como o secretário do governador, José Joaquim Espiga Tomás Gomes), como exemplificativa do apoio generalizado que as novas gerações davam ao velho regime. Só tenho pena de não ter recuperado esse número de A Voz de Timor e não ter guardado esse manuscrito, hoje riríamos a bandeiras escancaradas. Logo a seguir dá-se o abortado Golpe das Caldas (da Rainha) a 16 de março e a seguir o 25 de abril que só chegaria a Timor a 18 de novembro desse ano.

A dezasseis de março, na pequena vila das Caldas da Rainha em Portugal, um grupo de oficiais do exército tenta, sem sucesso, arrebatam o poder ao Dr. Marcello Caetano, então Primeiro-ministro, que sucedera a Salazar, como perpetuador da ditadura, sob um manto de pseudo-abertura política designada como "primavera política". Sobre o abortado 'Golpe das Caldas' nada transpira em Timor até mais tarde. Em 26 de março, o governo australiano apresenta um protesto formal ao governo português pela concessão por Lisboa em janeiro, dos direitos de prospeção de petróleo à companhia norte americana "Oceanic." A área em contencioso tinha cerca de 23 mil milhas quadradas (59,565 km²) e, de acordo com a reivindicação australiana, continha partes que estavam já sob a concessão dada à companhia australiana Woodside-Burmah Oil. Para além disso, de acordo com a Nota Oficial de Protesto, do governo de Camberra, outras áreas da zona de concessão da Oceanic faziam parte de uma área que estava a ser negociada entre a Indonésia e a Austrália para perfurações de prospeção. De facto, um terço da área concedida à Oceanic era um enclave entre plataformas offshore já projetadas, e cedidas por concessão à australiana Woodside-Burmah. Entretanto, em Camberra, o embaixador português, Dr. Mello Gouveia apresentava ao Governo Australiano uma Nota Oficial [de Protesto] onde o Governo declarava "não poder reconhecer a reclamação australiana, por não haver legislação suplementar entre os dois países, ambos signatários do Tratado de 1954 (Convenção Internacional sobre Fronteiras Marítimas)." Gough Whitlam, primeiro-ministro australiano reagiu energicamente a esta Nota, numa Conferência de Imprensa, em que afirmava, que: "O Governo Australiano tem o direito de defender os recursos naturais do país que estão a ser postos em questão no Mar de Timor." Esta confrontação sobre o dossier petróleo vai, em breve, passar a segundo lugar face às gravíssimas crises constitucionais em ambos os países.

Uma controvérsia sobre educação abalava por esses dias Timor, com o Dr. Félix Silva Correia, (então representante da ANP em Timor e Chefe da Repartição dos Serviços Provinciais de Educação), reagindo iradamente contra observações críticas às estruturas da educação e alegados aumentos de alfabetização. O jornal local "A Voz de Timor" publicara, em 19 de março, um suplemento especial dedicado à educação e, nele incluía uma entrevista autoelegiaca do Dr. Félix Correia. Os editoriais denunciavam as falsas estatísticas e apresentam propostas para melhorar o nível de ensino e de alfabetização. Em vez de aceitar os dados estatísticos oficiais de 80% de alfabetização, eu avançava com o mesmo número, mas representando o analfabetismo. De imediato, a máquina política manipulada pelo Dr. Correia inicia um coro de protestos de apoio à educação, na sua maioria assinados em cartas à Redação pelos mais representativos líderes locais e funcionários públicos. Sou sujeito a um inquérito oficial liderado pelo Governador interino. Alguns professores, irritados pelas acusações, que consideram difamatórias, exigem uma reparação. Timor vive os últimos dias do decrépito Estado Novo e nem sequer se dá conta disso. No mesmo número,

publicava-se um artigo 'Educação e Autonomia', já com algumas décadas, do autor português proscrito, António Sérgio. Recorde-se que este autor era tabu (antes do 25 de abril), mas o artigo não motivou comentários, se bem que devesse ter sido banido de publicação. Incoerência dos censores ou mera e flagrante ignorância? Curiosamente (ou talvez não), Ramos Horta escreve editoriais a apoiar Félix Correia. Como Editor-Chefe do jornal e autor de "Educação - Um Suplemento Especial" sou suspenso. Sendo oficial miliciano estou sujeito aos regulamentos e normas militares, devendo enfrentar a justiça militar pelo meu crime. A repressão das hierarquias militares suscita uma greve simbólica (de braços caídos) dos Serviços da Imprensa Nacional, liderados por Cristóvão Santos, onde o jornal era impresso. O Governador interino impõe profundos controlos no jornal depois daquele danoso desaire. O autor, silenciado com a mordada do RDM (Regulamento de Disciplina Militar) fica impedido de se expressar publicamente ou de apresentar defesa. Esta controvérsia arrasta-se até abril 1974.

Ainda na célebre edição de 19 de março, publiquei uma colagem com alusões à falhada rebelião das Caldas da Rainha. Incluí também uma menção ao controverso livro "*Portugal e o Futuro*" pelo, então General Spínola (em breve, novo Presidente de Portugal), e o apoio que tal livro recebera nas Nações Unidas. Outros editoriais naquele número histórico abordavam os problemas que poderiam ter provocado o Golpe das Caldas, seus precedentes e possíveis implicações futuras. Nada disto foi censurado. O sucesso foi tal que obrigou, pela primeira vez na história do jornal, a que se fizesse uma reedição....

Entretanto, como Chefe Interino do Batalhão de Serviços de Intendência, responsável por víveres e combustíveis em todas as unidades militares do território, consigo aprovar um novo sistema de utilização de gasolina. Pela primeira vez, os soldados e os cabos (os mais desfavorecidos economicamente) passam a ter direito a obter artigos de consumo para uso pessoal, tal como já acontecia com as elites hierarquicamente superiores. Crê-se que o Comandante Militar Interino, Tenente-coronel Mário Dente, assinara o despacho para o novo sistema, sem lobar a sua perigosa latitude. Nesse mesmo dia, 5 de abril, como resultado da ação do novo sistema, outra controvérsia surgiu: as autoridades civis exigem que o governo intervenha e cancele o sistema. Convém referir que os civis estavam sujeitos a restritas medidas de racionamento de gasolina desde dezembro 1973. Os militares tinham estoques à sua disposição para um consumo máximo até dezoito meses, fruto da gestão cuidada dos Serviços de Intendência onde eu estava a coadjuvar o major Carrilho, Chefe dos Serviços. A situação entre civis e militares é tensa. As chefias militares temerosas. Evitam agir em vésperas da chegada do Governador e Comandante em Chefe. O próprio Governador, Coronel Aldeia, me nomeara para tomar conta do jornal, pouco depois de me trazer de Bobonaro para Díli.

O Governador Aldeia retorna a Timor a 19 de abril. Logo após a sua chegada ao aeroporto profere o seu mais virulento discurso, para espanto dos locais.

Negando qualquer representatividade ao denominado "Movimento dos Capitães," Aldeia salienta que "o abortado Movimento das Caldas foi severamente reprimido, e não encontrou qualquer eco ou apoio em todas as camadas, inclusive as militares." Classificando de 'traidores' os capitães envolvidos, Aldeia, neste discurso, diz ainda da alegria que sentia (em nome dos timorenses), ao ver satisfeitas todas as propostas apresentadas ao Governo Central, abrindo caminho a uma nova era de prosperidade para Timor: "Falando em nome de todos os Timorenses, tenho o prazer e a alegria de vos dizer que o Governo de Lisboa está satisfeito por poder ajudar o fiel povo de Timor, que durante tantos séculos tem sido tão fortemente Português." Este discurso, o mais político de todos os que Aldeia fez marcar uma viragem do seu estilo habitual, de sobriedade política. Houve quem especulasse que estaria a aproveitar-se dos últimos acontecimentos durante a sua estadia em Portugal. Pouco tempo demoraria a que Aldeia e o seu discurso fossem votados ao esquecimento total, lá no cemitério da política donde raramente se regressa.

De facto, o seu melhor discurso marcou o princípio e o fim das suas aspirações políticas.

Em 27 de abril, por sua ordem direta, executada pelo Secretário pessoal, Dr. J. J. Thomás Gomes, a composição do seu discurso era retirada da Imprensa Nacional e a gravação do mesmo, foram retiradas da rádio ERT (Emissora de Radiodifusão). O discurso, quer no seu registo magnético, quer na transcrição escrita são, deveras, comprometedores, em termos do 25 de abril. Assim começou o que alguns denominaram, como "Aldeagate."

Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior via Marconi. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de abril houve quem recebesse a notícia via telefone. Depois disso, foi só uma questão de perder tempo agarrado aos rádios de ondas curtas.... Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia, um velho capitão do QG (Quartel-General), estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual de vinho "Periquita" ou outro qualquer.

O operador (Tony Belo) da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer-me que eu ia receber uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço, mandei-o ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando '*a chamada*'. Pressenti tratar-se de algo muito importante. Anteriormente, acordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas telefónicas gravadas. Sem perder

tempo, peço ao condutor para passar por casa, nos apartamentos da SOTA, no Largo de Lecidere, onde comunico aos colegas de habitação (o cirurgião Carlos Prata Dias da Costa e o engenheiro António Proença de Oliveira, subchefe da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Era a REVOLUÇÃO. Peço o máximo sigilo, ligo o rádio em ondas curtas e regresso ao Q.G. onde anoto no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade. Durante o resto da noite, escuto avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez). Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que ia render o autor, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém, depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi-lhe: "*Nada, que esperavas?*"

Os dias que se seguem são caóticos, com toda a espécie de rumores a circular e um generalizado sentimento de incredulidade pelos acontecimentos. Quando as novas de que o governador tinha mandado apreender a gravação e a versão impressa do seu discurso, a maior parte das pessoas convenceu-se de que a 'Revolução dos Cravos' não era já fruto da imaginação. Os dias passam, e o oportunismo camaleónico é avassalador. Do dia para a noite todos são revolucionários. A necessária e esperada demissão do Governador Alves Aldeia começa a demorar mais do que as pessoas haviam esperado. Torna-se necessário que ele entregue a sua carta de demissão depois do já famoso discurso em que, de forma obstinada, se opunha àquilo que era já o novo regime político.

INTERNACIONAL

Ramos-Horta: "Fui contra a declaração unilateral da independência!"

28.11.2015 às 11h58

25



...

O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

Sim. Em Lisboa disseram-lhe: "Sim senhor, ele pode sair do país". Comecei a preparar a minha saída de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Aí é que acreditei que as coisas estavam a mudar.

Começam a tomar vulto os rumores de que o capitão tenente Leiria Pinto, Comandante da Defesa Naval, é o nomeado pela Junta de Salvação Nacional para agir localmente. Estes boatos confundem muita gente, pois Leiria Pinto era considerado como tendo ideias de

direita extremamente conservadoras. Ao mesmo tempo, há quem afirme que o Chefe de Estado-maior, Major Arnao Metello, um sombrio oficial de carreira, do exército, vindo de boas famílias, é o homem de confiança da Junta de Salvação Nacional. O major Metello é um oficial conhecido pela sua falta de decisão e pela falta de garra em tudo o que se reportava à ação colonial de Portugal. A oposição à continuação do coronel Aldeia no poder cresce de dia para dia. Ameaça tornar-se numa bola de neve, com os militares definitivamente divididos entre os progressistas - na sua maioria oficiais milicianos, furriéis e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

Entretanto em Portugal, os soldados usam os cravos encarnados nos canos das suas espingardas. O povo anda excitado com a liberdade acabada de aprender. Sobem os barómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo. A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos aprovados em Lisboa se tornem extensivos a Díli. Quase nem um tiro fora disparado em Portugal. O regime caiu porque estava tão podre que estava incapacitado de sustentar qualquer ataque frontal. A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais e revistas que chegam a Timor, mas de uma certa forma, parece estar a anos-luz de Timor.

Depois do 25 de abril (data da Revolução dos Cravos em Portugal) comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arnao Metello) queriam evitar. Era chamado todas as manhãs ao CEM, que, simpaticamente, mandava o seu motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerados material proibido. Esta rotina prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e do rato.

Com o 25 de abril, reorganizei o jornal e passei-o a jornal diário, lentamente aumentei a tiragem e o tamanho da edição especial de sábado que começou com 8, 12, 16 e finalmente 24 páginas com a ajuda do Chefe da Imprensa Nacional, Cristóvão Santos e com o José Ramos-Horta, jornalista e meu secretário no jornal. Era uma tarefa difícil num sítio onde não chegavam notícias a não ser por onda curta, as revistas e jornais da metrópole eram velhas quando chegavam.... Fiz colagens bem interessantes retiradas de várias revistas para ilustrar as principais notícias dado que tínhamos grandes dificuldades técnicas em imprimir imagens, e as que podíamos eram pequenas. O equipamento era bem antigo. A composição era manual e morosa pois não havia grande variedade de tipos de letra.

A especulação termina quando Arnao Metello é confirmado como o novo representante do governo colonial em Timor. As pessoas esperam e exigem uma atitude decisiva e imediata, mas ele hesita. A nova ordem legítima não se faz impor. O exército mostra-se agitado, mas Arnao Metello é um procrastinador e nada de significativo se faz.

António Arnao Metello, engenheiro civil, falecido a 29 de julho de 2008, trabalhava em Macau desde a década de 90 no Laboratório de Engenharia Civil e foi vice-primeiro-ministro de Vasco Gonçalves, entre 08 de agosto e 19 de setembro de 1975. Antes tinha sido ministro da Administração Interna do IV Governo Constitucional, liderado por Vasco Gonçalves, entre 26 de março e 08 de agosto de 1975. Ao longo da sua carreira política e militar, António Arnao Metello foi chefe do Estado Maior das Forças Armadas em Timor-Leste e representante no território do Movimento das Forças Armadas (MFA) antes da guerra civil timorense que ditou o abandono da administração portuguesa e a invasão indonésia. Em Macau, António Arnao Metello teve atividade na área da engenharia e ingressou no Laboratório de Engenharia Civil de Macau onde desempenhava as funções de chefe de departamento de estruturas.

A PIDE (a Polícia para a Informação e Defesa do Estado) tem 20 membros em Timor. Alguns são detidos em condições de turistas de luxo, demonstrando como se vivia num país de brandos costumes. Outros não só continuam em liberdade, mas mantêm-se em funções, continuando a beneficiar dos carros e casas do Estado. A burocracia administrativa resiste ferozmente à Nova Ordem. Será que a Revolução dos Cravos não passou de uma invenção da comunicação social? Ou será esta, a longa distância entre a ficção e a realidade? Como o Dr. J. Pestana Bastos escreve à data:

"O Governador manteve-se nas suas funções (vício de base). Um defeito de cúpula, ímpar, determinante numa política e determinado por ela não deve nem pode mudar de tónica, de linguagem, estrutura, clique, de filosofia política, sem se comprometer irremediavelmente e deixar na mesma posição o governo que o referenda. Nada disto significa aqui e neste momento crítica ou inconsideração pelo Coronel Fernando Alves Aldeia ou pela sua ação. Se esta foi meritória mais uma razão para não o ser a partir de então".

Como falar das malhas da burocracia, originada em premissas coloniais? A manutenção dos chefes de departamento é um erro perigoso que vai implicar, mais tarde, que se tomem medidas de emergência. As posições fundamentais são mantidas, inalteradas, por demasiado tempo nas mãos de indivíduos totalmente dependentes do 'velho regime' e os quais se opõem ferozmente ao 'novo regime' e aos que o representam.

No início de maio, o governo impõe novos delegados seus para a Rádio (ERT), jornal ('A Voz de Timor'), linhas aéreas locais "TAT". Embora já haja um novo delegado nomeado pelo governo para a Rádio Marconi, esta entidade continua as suas escutas telefónicas como até então fizera. Alertado, o major Metello encolhe os ombros e diz que nada disso nos deve preocupar. Sabendo como a Rádio Marconi havia sido responsável por muitos dos 'casos políticos' acontecidos durante o seu primeiro ano de existência, alerta-se a população para aquela situação.

Todo o correio por mala militar (que representa 95% do total) mantém-se sujeito a censura. Demora uma semana a fazer a triagem do correio, desde ser descarregado do avião até ser distribuído. As intrigas e os boatos florescem neste período. Muitas pessoas estão ostensivamente opostas ao 'novo regime,' mas mantêm as suas posições de poder e influência. Outras, rapidamente ficam desapontadas com os ventos da mudança. Há também quem se oponha ao governador, mantido ativamente no poder como suprema autoridade em Timor.

O delegado da Junta mal se vislumbra e é inoperante. O escândalo irrompe quando oficiais da PIDE são mantidos nos seus postos sob a nova designação de PIM (Policia de Informação Militar). Continuam a utilizar os carros do Estado, casas e outras despesas totalmente financiadas pelo executivo. Outro exemplo curioso é o de um oficial de carreira (Capitão) ainda à frente de uma subunidade no Quartel-general, embora ele admitisse pertencer à policia secreta. Finalmente, antes do fim de maio, o chefe do Departamento Provincial de Educação (Félix Correia) é exonerado e as atividades da Mocidade Portuguesa (o movimento da juventude de fórmula Nazi) são dadas por findas.

Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento.

Um, é o Major Garcia Leandro (posteriormente Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora um mero Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires). Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua égide. Posteriormente, um inquérito oficial foi arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante desaparecera ou levara sumiço sem se saber para onde ou como. A comunidade chinesa é perentória sobre o não-regresso do Major Leandro e é extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Mais tarde (outubro 1974) alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos principais candidatos à posição de Governador de Timor. Dado existirem pressões [dos chineses e dos dois jornalistas em Timor], acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau. Entretanto, em Portugal, o semanário "Expresso" de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: "**TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do templo...**"

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor. Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter. Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

"i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.

ii) Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).

iii) Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais eram pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA. Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que '*se o governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local.*' Criticamente, afirmei, em editorial no jornal local, que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado. Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na reportagem sobre Timor e promete descobrir, no regresso a Lisboa, quem foram os

autores das 'notícias alarmistas que obviamente “*conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha.*” Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e eu. Ambos fizemos parte das revelações do "Aldeagate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo. De facto, uma cópia do discurso de Aldeia fora por nós escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão (Kupang). Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores.

Quando a PM (Polícia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já iam rumo a Lisboa. Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe. Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada para encobrir a existência do seu discurso.

Um último detalhe da sessão no Ginásio, *Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor'.*

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, concordando ou não com os mesmos. O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar os cartazes. Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio. Antes de sair, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o governador Aldeia. De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava.

A revolução de abril abriu as portas à autodeterminação colonial e à criação de partidos políticos. Embora incipiente, a vida política em Timor começa a tomar forma. A nascente democracia em Portugal é acompanhada da autodeterminação e independência das colónias, praticamente simultâneas e consequência da Revolução que derruba o regime ditatorial.

Os movimentos de libertação em África lutavam uma guerra cansativa devido à intransigência do regime de Salazar. Lisboa mantinha-se imperturbada pelos ventos de mudança que assolavam o continente, em especial nas maiores colónias, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Quase toda a administração colonial (embora houvesse exceções honrosas) era, quase sempre, caracterizada pela incompetência, boçalidade e pelo padrão de injustiças. Estas, podiam ir da requisição à população nativa africana de tudo o que era valioso (pepitas, diamantes, peles, dentes de elefante, etc., quando não as mais apetitosas jovens para fins lascivos, desculpados pela solidão e afastamento da pátria...).

Não havia praticamente escolas, além das missões religiosas que haviam proliferado ao longo dos séculos, e as administrações militares pecavam por falta de informação adequada relativamente aos seus súbditos nativos.

A metrópole exportava tudo o que podia para as colónias para pagar tudo o que delas recebia, pelo que a balança comercial vivia em grande parte à custa delas. Por isso não convinha desenvolvê-las nem convinha investir. Para as colónias iam muitos inúteis, que o regime amparava e apoiava, para preencherem funções para as quais não estavam preparados nem eram competentes, mas em troca das quais recebiam mordomias e salários avultados. Houve sempre exceções, mas nunca passara disso, de exceções com grandes homens idealistas que viam sempre neutralizadas as suas intenções e consciências, para que nada fosse feito. Não se deve esquecer que a teia colonialista do governo central (em Timor) se limitou a manter as estruturas quase tribais existente desde há séculos, não facilitando ou impedindo o acesso dos nativos a qualquer tipo de educação além da primária. Na burocracia colonial os principais lugares estavam reservados aos continentais ou importados de outras colónias. A nível do exército sempre fora vedado o acesso a todos os que não fossem filhos de pais europeus, desta forma deixando de fora, mestiços e nativos, discriminando efetivamente contra a criação de elites cultas locais.

Identicamente se dificultara a emigração de colonos portugueses, em especial para as províncias ultramarinas de Angola, Moçambique e Timor, favorecendo o êxodo de mais de dois milhões de pessoas para o Brasil nos finais do séc. XIX e primeira metade do séc. XX, o que foi excelente para desenvolver o novo país independente e manter em atraso ancestral todas as outras colónias.

Entretantes, em Timor os sentimentos nacionalistas crescem na sombra, sem serem vislumbrados pelos europeus. Devido ao subdesenvolvimento socioeconómico e aos atrasos da educação até aos anos 50, existe apenas uma incipiente elite impreparada para canalizar esses sentimentos nacionalistas de forma eficaz. Nos anos 60 começara a verificar-se um investimento maciço nas estruturas educacionais (até então quase inexistentes), seguido de um incremento das estruturas socioeconómicas da colónia, que lentamente altera a imagem centenária de abandono. Tudo isto vem promover, mesmo que indiretamente, a emergência de uma elite capaz de desencadear sentimentos nacionalistas e despertar a vontade timorense. Começa a notar-se durante o regime colonial, através da imprensa local e do jornal do seminário católico 'Seara' sendo acompanhada de formas incipientes e camufladas de desobediência civil. Já, as inúmeras rebeliões contra a administração portuguesa (a última das quais em 1959) imediatamente reprimidas e subjugadas, haviam ajudado a estabelecer uma embrionária identidade nacional. Durante

maio 1974, beneficiando da liberdade política concedida pela Revolução de abril, formam-se os principais partidos políticos em Timor: A UDT (União Democrática Timorense) em 11 maio, que começa por defender uma forma de Federação com Portugal (evoluindo mais tarde para o desejo de independência). UDT/UDETIM é predominantemente um grupo católico formado por Francisco Lopes da Cruz, César da Costa Mouzinho, João Carrascalão e Mário Carrascalão. A ASDT (Associação Social Democrática Timorense) forma-se a 20 de maio para evoluir em setembro 1974 para FRETILIN [Frente Revolucionária De Timor Leste Independente]. Proclama a necessidade da independência total. Os fundadores e líderes são: Francisco Xavier do Amaral, José Ramos Horta, Nicolau Lobato e Justino Molo. Sob a égide da Indonésia em 27 maio surge um terceiro partido, a APODETI [Associação Popular e Democrática de Timor] que defende a integração na Indonésia sob um estatuto autónomo especial. Este partido nunca chegaria a alcançar mais do que 2 ou 3% do apoio popular. Fundadores e líderes: João Osório Soares, José Martins, Abel Belo, e Arnaldo Araújo. Mais tarde novos partidos se formam, todos carecendo de apoio popular significativo, tais como KOTA e PT (Partido Trabalhista). O Governo seguindo instruções de Lisboa para promover a formação de grupos políticos locais, atribui subsídios até 50 000\$00 a cada partido. Inicialmente, quer a ASDT quer a UDETIM (UDT) carecem de poder popular e a APODETI é considerada uma espécie de anedota quando proclama a 'reintegração histórica das duas metades da ilha sob a bandeira indonésia. Os manifestos iniciais dos partidos políticos embrionários contêm pontos curiosos, importantes para compreender o contexto em que foram criados.

O Comandante Naval Manuel Lourenço Pereira, fundador, proprietário e diretor nominal do jornal local “V.T.” [A Voz de Timor] desliga-se do mesmo em julho 1974 e assume funções em sua substituição Francisco Lopes da Cruz (n. Maubara em 2/12/1940), um nativo Timorense conotado com o Bureau Central e Político da UDT¹⁰⁴. O autor [deste trabalho], desiludido com o crescente partidarismo político decide demitir-se como Editor Chefe, sendo substituído pelo então chefe de redação, Dr. Alberto Trindade Martinho, autor das primeiras sondagens à opinião pública. Exausto por mais de um ano de lutas contínuas, sem meios técnicos, humanos ou materiais para desempenhar as suas funções. Sujeito às mais inacreditáveis pressões psíquicas e morais por defender os princípios mais sagrados, sendo diariamente chamado às chefias que queriam um jornal mais “manso” e menos “abrilista”, ao contrário do que adiante foi declarado na Comissão de Descolonização, o autor demite-se. O resto do diário desses anos loucos de 1973 a 1975 pode ser consultado no primeiro volume da Trilogia da História de Timor em versão inglesa em <https://www.lusofonias.net/component/joomdoc/textos-escolhidos/timorleste/timor-leste-east-timor-the-secret-files-vol-1-of-trilogy-in-english/detail.html> em português em <https://www.lusofonias.net/component/joomdoc/textos-escolhidos/timorleste/timor-leste-o-dossier-secreto-1973-1975-vol-1-da-trilogia/detail.html>

Nessa data entreguei nas mãos do sociólogo (então Alferes Miliciano) Dr. Alberto Martinho, pedras basilares documentais e evidenciais sobre os erros de anteriores administrações, para que fizesse com eles o que entendesse. Nunca foram divulgadas nem vieram a lume. Talvez o meu sucessor não estivesse interessado. Pouco ou nada faria com eles, segundo penso, o que lamento, pois, poderia ter usado esse material nos livros que publiquei para demonstrar melhor a incompetência, nepotismo, compadrio, corrupção e desleixo da administração colonial portuguesa em Timor [só em 2013 reencontrei o Martinho e tivemos oportunidade de rir com os documentos que se seguem e as nossas memórias desse tempo].

As minhas licenças (férias) estavam canceladas devido ao “meu comportamento disciplinar” e outras punições resultantes da atividade no jornal “A Voz de Timor” e só, mais tarde com a amnistia decretada em novembro pelo general Spínola voltei a ter direito a férias. A 18 de novembro chega o novo e último comandante militar que me convida para liderar a pasta da Comunicação Social. Recusei porque, entretanto, decidi não regressar a Portugal, e ir para Bali (como se narra na [crónica 10.3](#)), terra paradisíaca dos hippies e onde havia ocidentais radicados desde 1940 como escritores e pintores no seio daquela mescla hindu e indonésia. Antes, porém, extraio excertos de um documento, que chegou à minha posse já no início do século XXI¹⁰⁵, e no qual constato como fui, injustamente, vilipendiado pelo então

¹⁰⁴ Licenciado em Filosofia na Universidade de Macau. Foi Vice-Governador de Timor após a invasão indonésia de 7/12/75. Mais tarde tornar-se-ia num conselheiro de confiança do presidente Suharto e um embaixador sem pasta para os assuntos de Timor Leste, e, Embaixador da Indonésia em Lisboa (2005-2008) e guardião da última bandeira portuguesa arriada no Ataúro em 1976.

¹⁰⁵ O material foi-me gentilmente enviado pelo General José Alberto Morais da Silva, ex-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (nascido em 1941, falecido em 29/12/2014). Ligado ao “grupo dos nove”, Morais da Silva exerceu o cargo até 9 janeiro 1977, tendo, durante o seu mandato, enfrentado o golpe militar do 25 de novembro de 1975, quando um dispositivo militar, com base no Regimento de Comandos,

Encarregado de Governo em Timor (após a saída do Governador Aldeia), tenente-coronel Níveo Herdade em 27/9/1976 na Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor da Presidência do Conselho de Ministros (Relatórios da Descolonização de Timor: Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor.)

sa, podiam forçá-los a dar vivas, mas não podiam forçar as expressões das caras deles, e essas não deixavam dúvidas ...

Entretanto, como a viagem ao interior demorava cerca de 2 ou 3 horas para cada lado, foi a única possibilidade que teve de falar com tempo com o Ministro e pôr-lhe os problemas de Timor, que eram muitos, e possui ainda cópia do sumário dos assuntos que tratou e lhe entregou. Antes de o Ministro sair de Timor, proporcionou-lhe um contacto com todos os funcionários, no Palácio do Governo e durante um beberete. Que o Ministro a certa altura lhe perguntou se havia alguma coisa contra o Major Leandro, ao que respondeu que tinha ouvido dizer qualquer coisa, mas que não lhe interessava a vida particular dos outros, e que estava presente o delegado do Procurador da República que tinha o processo, e lhe poderia dizer alguma coisa. O Procurador da República foi chamado pelo Ministro a quem disse que havia algo gravíssimo contra o Major Leandro, ao que o Ministro retorquiu "Então não posso nomeá-lo Governador de Timor, nomeou-o Governador de Macau... Crê que há em Lisboa 2 pessoas cujos nomes, por enquanto, não deseja revelar, que terão uma, a cópia parcial do processo, outra, a cópia integral ...

Que ao tempo em que era Governador, o Cor. Aldeia, o Consul português em Djakarta, Dr. Girão, tinha-o contactado para ir a Dili, a fim de se inteirar dos problemas de Timor e assim poder em Djakarta, colaborar com as autoridades portuguesas de Timor. O Coronel Aldeia quando partiu deixou ao declarante umas três folhas dactilografadas com os assuntos mais importantes a serem tratados. Entre estes constava a visita do nosso Consul em Djakarta, Dr. Girão que mais tarde se reali-

se após a uma tentativa de sublevação de unidades militares conotadas com forças de esquerda, tendo sido decretado o estado de sítio em Lisboa teve um papel importante no pós-25 de abril. Em 2000, escreveu com o coronel Manuel (Amaro) Bernardo, o livro Timor, abandono e tragédia, ed. Prefácio, no qual usou extratos do meu livro Timor Leste o dossier secreto 1973-1975)

zou: Quando o Dr. Girão chegou a Dili, disse-lhe o declarante que poderia ali estar o tempo que entendesse conveniente, ver e falar com quem quizesse, mas que lhe impunha que contactasse todós os chefes de serviço civis e militares; com o representante da Associação Comercial, com os representantes diplomáticos acreditados em Dili, (Indonésia e China), com o Chefe do Estado Maior de Timor e, por fim, que viesse falar consigo e lhe dissesse se achava o seu procedimento correcto ou errado, o que ele assim fez.

Que passado algum tempo, chegou a Dili um Inspector Administrativo enviado pelo Ministério da Coordenação Inter-Territorial, o Inspector Sousa Santos, certamente para tomar conhecimento da situação, a quem recomendou o mesmo procedimento que tinha sugerido ao Dr. Girão. Estabelecidos os contactos e feitas as visitas que entendeu, o Inspector Sousa Santos compareceu no gabinete do declarante para lhe transmitir as suas impressões e dando-lhe a entender, no final, que o declarante estaria a ser apunhalado pelas costas pelo Chefe do Estado Maior de Timor, ao que o declarante respondeu que já o sabia. Mas que, apesar disso, tinha sempre feito o possível por manter toda a correcção, não deixando transparecer qualquer desacordo que pudesse ter repercussões sobre a população. O declarante manteve sempre esta conduta inalterável até ao dia da partida do Major Matelo e inclusive nesse dia, foi despedir-se dele ao Aeroporto. Quando se deslocava ao interior em visitas e contactos, quer com os militares, quer com a população, convidava sempre o Chefe do Estado Maior para o acompanhar ou, quando não o desejasse ou pudesse fazer, solicitava-lhe que

nomeasse um oficial para o acompanhar.-----

Também, tal como na Metrópole, começou a haver problemas no jornal, (insultos, críticas destrutivas, disparates, etc) que era dirigido pelo Alferes Miliciano Cristelo e que lá tinha sido colocado para orientar o jornal pelo Major Metelo. Começou a aperceber-se que o Alferes Cristelo em vez de ser isento, se servia do jornal para fazer a apologia das suas ideias políticas. Chegou a não publicar um discurso do Presidente da República, fazendo sair em contrapartida uma carta da Casa de Timor em que uns pseudo-intelectuais incitavam os enfermeiros do Hospital a ensinar aos médicos como é que deviam dirigir o Hospital e tratar dos doentes, usando uma prosa sem qualquer nível. Chamou a atenção do Chefe do Estado Maior para o caso e disse-lhe para avisar o Alferes Cristelo que não podia continuar assim e que não aceitava que se dirigissem ofensas a ninguém. A isto respondeu o Major Metelo dizendo que então havia liberdade e que, portanto, não poderia haver censura. Face a esta resposta, o declarante esclareceu que não desejava que se fizesse censura mas sim, controle de qualidade, e não havendo espaço no jornal para publicar toda a colaboração, seria apenas uma questão de se seleccionarem os melhores artigos. Mas as coisas pioraram de semana para semana, até que um dia face à escalada de disparates que o jornal inseria, determinou ao Chefe do Estado Maior que o Alferes Cristelo saísse do jornal e fosse substituído por outro oficial qualquer que não consentisse tais disparates. O novo director do jornal pareceu-lhe uma pessoa capaz de bem cumprir a missão, o que realmente aconteceu, e reco-

nhecendo-lhe a sua capacidade, determinou-lhe que o possasse a acompanhar sempre nas suas deslocações ao interior, gravando todas as declarações que o declarante fizesse, para que as pudesse reproduzir com fidelidade, dando-lhes difusão também com a mesma fidelidade. Entendia o declarante que por este processo, era possível fazer conhecer, além de Timor, todo o seu procedimento, sem que houvesse lugar para deturpações ou dúvidas quanto ao seu pensamento, em relação aos princípios enunciados pelo MFA. Embora solicitado, nunca deu entrevistas ao jornal, excepto quando soube da nomeação do novo Governador de Timor, e como tinha conhecido o Sr. Ten. Cor Lemos Pires no Guiné, e de quem ficara com uma óptima impressão, procurou nessa entrevista dar o maior relevo à personalidade do novo Governador e portanto abrir caminho para a sua aceitação.

Que o CEM nas mensagens que mandara para Lisboa "sem o seu conhecimento" dizia sempre que o Governo estava inoperante, mas o Governo estava inoperante porque não fazia os disparates que ele queria que fizesse, e que deram o resultado que mais tarde se viu, com outros que seguiram as suas pegadas. Nessa mensagem ele referia-se aos chefes de serviço, militares que tinham uma craveira fora de série, mas a quem ele chamava "inconformistas e reacçãoários", assim como ao Comandante da PSP, ao chefe do Serviço de Justiça, ao chefe do Serviço da Marinha, pessoas com quem, antes do 25 de Abril, se dava muito bem, segundo se dizia, e de quem se afastou depois daquela data. Disse que tem em seu poder cópias dessas mensagens, e cujos originais supõe deverem existir no EMGFA e portanto serem juntas a este auto.

Coronel Nívio Herdade

27/7/76

- Declarações à C. A. E. 6
P. de Desculpações de Timor
dirigida pelo Brig. Hercul Reisencelo

roz e carne à população que veio do interior sendo algumas camionetas de arroz oferecidas pelos comerciantes, e búfalos também oferecidos por diversas entidades por iniciativa própria, embora não saiba em pormenor como as coisas se passaram. Viu num Jornal em Lisboa uma referência segundo a qual aquela manifestação ao Ministro teria sido organizada "à antiga maneira feixista". Acrescentou que é preciso não se saber nada da população de Timor, nem o que se está a dizer, ou então ter-se uma intenção pouco honesta sobre o problema porque de facto não foi assim, e fez-se o que se devia fazer.

Em relação às populações, os nossos militares políticos sabiam muito pouco, mas que havia em Timor muita gente capaz que conhecia bem as populações e que era da sua opinião. Referiu entre estes o Intendente Santa, que conhecia extraordinariamente bem o povo timorense, era funcionário que gozava de alto prestígio entre a população e cujo conselho pedia, sempre que tinha de tratar assuntos relativos aos timorenses, ao contrário do que faziam os "aprendizes de feiticeiro" que, ao fim de poucos meses de estarem na Província, já sabiam tudo sobre as populações. - De duas uma, ou eram inconscientes, ou mal intencionados, e os resultados viram-se -.

Na sua visita, o Ministro Almeida Santos esteve em Timor 2 dias. Durante este tempo, viu aquilo que disse quando regressou a Lisboa. Disse que solicitou à atenção do Ministro para dois pontos: primeiro, disse-lhe que iria ter muita dificuldade em transmitir em Lisboa o que ali se passou, em segundo lugar pediu-lhe a atenção para a expressão daquela gente, dizendo que podiam forçá-los a estar ali em mas-

sa, podiam forçá-los a dar vivas, mas não podiam forçar as expressões das caras deles, e essas não deixavam dúvidas ...

Entretanto, como a viagem ao interior demorava cerca de 2 ou 3 horas para cada lado, foi a única possibilidade que teve de falar com tempo com o Ministro e pôr-lhe os problemas de Timor, que eram muitos, e possui ainda cópia do sumário dos assuntos que tratou e lhe entregou. Antes de o Ministro sair de Timor, proporcionou-lhe um contacto com todos os funcionários, no Palácio do Governo e durante um beberete. Que o Ministro a certa altura lhe perguntou se havia alguma coisa contra o Major Leandro, ao que respondeu que tinha ouvido dizer qualquer coisa, mas que não lhe interessava a vida particular dos outros, e que estava presente o delegado do Procurador da República que tinha o processo, e lhe poderia dizer alguma coisa. O Procurador da República foi chamado pelo Ministro a quem disse que havia algo gravíssimo contra o Major Leandro, ao que o Ministro retorquiu "Então não posso nomeá-lo Governador de Timor," nomeou-o Governador de Macau... Crê que há em Lisboa 2 pessoas cujos nomes, por enquanto, não deseja revelar, que terão uma, a cópia parcial do processo, outra, a cópia integral ...

Que ao tempo em que era Governador, o Cor. Aldeia, o Consul português em Djakarta, Dr. Girão, tinha-o contactado para ir a Dili, a fim de se inteirar dos problemas de Timor e assim poder em Djakarta, colaborar com as autoridades portuguesas de Timor. O Coronel Aldeia quando partiu deixou ao declarante umas três folhas dactilografadas com os assuntos mais importantes a serem tratados. Entre estes constava a visita do nosso Consul em Djakarta, Dr. Girão que mais tarde se reali-

Coronel Nívio Herdade

27/7/76

- Declarações à C. A. E. 6
P. de Descoberta de Timor
dirigida pelo Brig Abreu Reisencelo

roz e carne à população que veio do interior sendo algumas camionetas de arroz oferecidas pelos comerciantes, e búfalos também oferecidos por diversas entidades por iniciativa própria, embora não saiba em pormenor como as coisas se passaram. Viu num Jornal em Lisboa uma referência segundo a qual aquela manifestação ao Ministro teria sido organizada "à antiga maneira feagista". Acrescentou que é preciso não se saber nada da população de Timor, nem o que se está a dizer, ou então ter-se uma intenção pouco honesta sobre o problema por que de facto não foi assim, e fez-se o que se devia fazer.

Em relação às populações, os nossos militares políticos sabiam muito pouco, mas que havia em Timor muita gente capaz que conhecia bem as populações e que era da sua opinião. Referiu entre estes o Intendente Santa, que conhecia extraordinariamente bem o povo timorense, era funcionário que gozava de alto prestígio entre a população e cujo conselho pedia, sempre que tinha de tratar assuntos relativos aos timorenses, ao contrário do que faziam os "aprendizes de feiticeiro" que, ao fim de poucos meses de estarem na Província, já sabiam tudo sobre as populações. - De duas uma, ou eram inconscientes, ou mal intencionados, e os resultados viram-se -.

Na sua visita, o Ministro Almeida Santos esteve em Timor 2 dias. Durante este tempo, viu aquilo que disse quando regressou a Lisboa. Disse que solicitou à atenção do Ministro para dois pontos: primeiro, disse-lhe que iria ter muita dificuldade em transmitir em Lisboa o que ali se passou, em segundo lugar pediu-lhe a atenção para a expressão daquela gente, dizendo que podiam forçá-los a estar ali em mas-

7

zou: Quando o Dr. Girão chegou a Dili, disse-lhe o declarante que poderia ali estar o tempo que entendesse conveniente, ver e falar com quem quizesse, mas que lhe impunha que contactasse todós os chefes de serviço civis e militares; com o representante da Associação Comercial, com os representantes diplomáticos acreditados em Dili, (Indonésia e China), com o Chefe do Estado Maior de Timor e, por fim, que viesse falar consigo e lhe dissesse se achava o seu procedimento correcto ou errado, o que ele assim fez.

Que passado algum tempo, chegou a Dili um Inspector Administrativo enviado pelo Ministério da Coordenação Inter-Territorial, o Inspector Sousa Santos, certamente para tomar conhecimento da situação, a quem recomendou o mesmo procedimento que tinha sugerido ao Dr. Girão. Estabelecidos os contactos e feitas as visitas que entendeu, o Inspector Sousa Santos compareceu no gabinete do declarante para lhe transmitir as suas impressões e dando-lhe a entender, no final, que o declarante estaria a ser apunhalado pelas costas pelo Chefe do Estado Maior de Timor, ao que o declarante respondeu que já o sabia. Mas que, apesar disso, tinha sempre feito o possível por manter toda a correcção, não deixando transparecer qualquer desacordo que pudesse ter repercussões sobre a população. O declarante manteve sempre esta conduta inalterável até ao dia da partida do Major Matelo e inclusive nesse dia, foi despedir-se dele ao Aeroporto. Quando se deslocava ao interior em visitas e contactos, quer com os militares, quer com a população, convidava sempre o Chefe do Estado Maior para o acompanhar ou, quando não o desejasse ou pudesse fazer, solicitava-lhe que

8

nhecendo-lhe a sua capacidade, determinou-lhe que o passasse a acompanhar sempre nas suas deslocações ao interior, gravando todas as declarações que o declarante fizesse, para que as pudesse reproduzir com fidelidade, dando-lhes difusão também com a mesma fidelidade. Entendia o declarante que por este processo, era possível fazer conhecer, além de Timor, todo o seu procedimento, sem que houvesse lugar para deturpações ou dúvidas quanto ao seu pensamento, em relação aos princípios enunciados pelo MFA. Embora solicitado, nunca deu entrevistas ao jornal, excepto quando soube da nomeação do novo Governador de Timor, e como tinha conhecido o Sr. Ten. Cor Lemos Pires na Guiné, e de quem ficara com uma óptima impressão, procurou nessa entrevista dar o maior relevo à personalidade do novo Governador e portanto abrir caminho para a sua aceitação.

Que o CEM nas mensagens que mandara para Lisboa "sem o seu conhecimento" dizia sempre que o Governo estava inoperante, mas o Governo estava inoperante porque não fazia os disparates que ele queria que fizesse, e que deram o resultado que mais tarde se viu, com outros que seguiram as suas pegadas. Nessa mensagem ele referia-se aos chefes de serviço, militares que tinham uma craveira fora de série, mas a quem ele chamava "inconformistas e reaccionários", assim como ao Comandante da PSP, ao chefe do Serviço de Justiça, ao chefe do Serviço da Marinha, pessoas com quem, antes do 25 de Abril, se dava muito bem, segundo se dizia, e de quem se afastou depois daquela data. Disse que tem em seu poder cópias dessas mensagens, e cujos originais supõe deverem existir no EMGFA e portanto serem juntas a este auto.

Inibo-me de tecer qualquer comentário ao que atrás fica transcrito e sugiro vivamente a leitura da minha Trilogia da História de Timor - em especial o primeiro volume <https://www.lusofo-nias.net/arquivos/407/Timor-Leste/234/Historia-de-Timor-volume1-trilogia.pdf>

S. R.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE PESSOAL
DEPÓSITO GERAL DE ADIDOS

DECLARAÇÃO
—//—

JOÃO MELO DE OLIVEIRA, CORONEL DE INFANTARIA E Comandante do Depósito Geral de Adidos, declara, para efeitos de apresentação na Liga dos Combatentes, que da guia de marcha do Sr. Alf. Mil. José Alberto Alves Barbosa Crystello passada pelo QG/ do Comando do CTI TIMOR Consta que embarcou de regresso à Metrópole em 30/4/75 tendo desembarcado em Lisboa em 27/5/75 por ter terminado a sua comissão militar por imposição. Foi incorporado em 9/10/72, tendo embarcado para o CTI TIMOR em 17/9/73. Entrou no gozo de 21 dias de licença e passa à situação de disponibilidade em 17/6/75. Por ser verdade e me ter sido pedido passo a presente declaração que vai por mim assinada e autenticada com o selo branco em uso neste Depósito. Da sua nota de assentos consta que foi louvado pelo Comando Militar do CTI TIMOR pela Ordem Serviço CTI TIMOR n.º. 6/2/75 Quartel em Lisboa, 20 Agosto 75

O COMANDANTE,
JOÃO MELO DE OLIVEIRA
CORONEL DE INF.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE PESSOAL
DEPÓSITO GERAL DE ADIDOS

N.º p.º Ind. LISBOA, de 11 JUN 1975 de 19

Ao Sr. José Alberto A.B. Crystello 201862
Rua do Raãoço, 335 - PARANHOS
PORTO

Assunto: Oficial regressado de Timor

Ref.º Proc. , de / /

Solicito que envie a este CA/DGA uma declaração das datas de entrada e saída de Jakarta aquando do seu regresso do CTI de Timor.


Com os melhores cumprimentos

Rel.º O Presidente do CA.,
/

Américo José Correia S. Barata
Ten. Cor do SAM

João Augusto Fernandes Ramos Mendes
137 of mil SAM

S.º Serviço, B-partição de Secção
Ed. 3093 114

S.  R.

BATALHÃO DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR
COMPANHIA DE MOBILIZAÇÃO

04065


N.º PROC. IND POVOA DE VAREZIM, 17 DE Junho DE 1977

AO SNR. José Alberto M.B. Chrystolio
Rua do Relógio, 333
Paranhos
PORTO

ASSUNTO: **COLOCAÇÃO**

REFERÊNCIA: Nota nº. 403277-Pº. 8592/75CF, de 16MAR77 do DGA.

Informo V.Exª. que em conformidade com a nota em referência, foi colocado nesta Unidade, na situação de disponibilidade, pelo que, todos os assuntos de natureza militar deverão ser tratados neste Comando.

O COMANDANTE

ANTÓNIO CARLOS GARRIDO MOURÃO
TEN. CORONEL DE A.M.

I. Canabris

o momento de libertação final do SMO, pena é que não acertem com o apelido

Aparte a minha obra Trilogia da História de Timor, os meus arquivos foram remetidos e oferecidos à Torre do Tombo, resta esperar que um dia sejam tornados públicos para trazer a lume o que Timor era até ao fim da administração portuguesa.

(Tudo o resto pode ler-se na citada Trilogia da História de Timor em 3 volumes e mais de 3760 páginas

vol. 1 <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/234/Historia-de-Timor-volume1-trilogia.pdf>

vol. 2 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>

vol. 3 <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/229/Historia-de-Timor-volume3-trilogia.pdf>

ou condensado num só volume em <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILO-GIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

96. 96.-98. CRÓNICA 96-98, MACAU NÃO É TÉRA MINHA, 26 abril – 16 maio 2011

98.0. INTRODUÇÃO

(a Macau)

“Às vezes, temes que eu não te ame tanto quanto gostarias?

Minha querida, eu te amo sempre e eternamente, sem reservas.

Quanto mais conheci, mais amei.

De todas as maneiras até meus ciúmes foram agonias de amor; no mais violento acesso que sofri, teria morrido de amor por ti.

Já te atormentei demais, mas por amor! Posso evitá-lo? Sempre te renovas.

O último dos teus beijos sempre foi o mais doce, o último sorriso o mais luminoso, o último gesto, o mais gracioso.

Ontem, ..., fiquei tão cheio de admiração como se te visse pela primeira vez”.

John Keats

Vivi lá de 1976 a 1982 (Macau) e aprendi imenso com eles, foi uma inolvidável experiência voltar este ano com os colóquios da lusofonia e durante dez dias estar rodeado daquela gente e cultura e fazer comparações muitas vezes negativas para a civilização ocidental onde vivo há 15 anos...

... em épocas de crise sobretudo de crises de valores parece haver um chamamento para as ancestrais práticas budistas, pelo menos em parte ...

... aliás viver na Lomba da Maia já é - em si mesmo - um despojar de materialismos inúteis...claro que muita coisa me desagrada na maneira de ser chinesa e Macau e HK são hoje capitais do consumismo desenfreado, mas existem ainda janelas de vida para além de casinos e coisas quejandas...

... aprendi com eles que o presente nada conta sem carregar o passado e que o amanhã é sempre muito distante e é para ele que se deve trabalhar sabendo que nunca veremos frutos em vida...

... fui criado como católico, apostólico romano como quase todos, embora seja ateu..., mas se algum dia me aproximar de alguma religião ou "modo de vida" será, sem dúvida o budismo. Mais do que uma religião, o budismo (Buda não era Deus nem seu representante) é uma filosofia de vida...

... já perdi a capacidade de ser vingativo..., mas sinto que apesar da elevada espiritualidade sem religião que possuo e de trabalhar graciosamente 99% do ano para a minha missão na terra, defesa da língua de todos nós através dos colóquios da lusofonia, com prejuízo para o bem-estar meu e da família (só quero ter o suficiente para sobreviver), faz-me falta atingir a meditação transcendental, pois ainda não passo da meditação básica como qualquer outro ser humano básico...

... estou farto da maldade, da mentira, da injustiça que me rodeia, fujo das grandes cidades que aniquilam o ego naquilo que ele exige de direito à liberdade de pensamento e de expressão... tornei-me mais eremita que o Daniel (de Sá) e anseio por um nicho que (por vezes) os Açores e mesmo a Lomba da Maia já não proporcionam se bem que muito melhores que Lisboa, Porto ou PDL...

... enfim divagações e lucubrações mentais ensonadas enquanto acabo de gravar as atas do colóquio que teimo em entregar antes do colóquio começar como fazemos desde 2002 em vez de fazer portuguesmente a sua entrega mais de um ano após o evento... todos têm noções demasiado rígidas e normas demasiado apertadas a que não sou capaz de me cingir, ..., já me chamaram de tudo, mas como não sou de velcro não pega nada nem um só rótulo se agarra...

... divulgo os autores açorianos apenas porque gosto deles e entendo que todos os devam ler, nada mais, nem fama nem proveito busco que já tive toda a que precisava até aos 45 anos, agora aos 62 tento deixar um legado de dádiva à comunidade que me rodeia em troca de nada....

Marco Polo (1254-1324) depois de viver no Oriente por 18 anos, e adquirir uma posição de prestígio na corte de Kublai-Klan, ao regressar, trouxe da China recordações curiosas para o Ocidente: o macarrão, a bússola, a pólvora, e a gravura de madeira, um dos antecedentes da imprensa.

Durante a época em que estive no cativo em Veneza, junto com o seu companheiro de prisão, Rusticiano de Pisa (Rustichello), escreveu o que viu e ouviu na sua viagem pelo Oriente no “Livro do milhão de maravilhas do mundo”, conjunto de mitos e lendas, que, segundo ele, não era a metade do que viu.

Este livro serviu para despertar o imaginário dos europeus e suas ambições e para subjugar o Oriente à Europa pela ideia de que ali existia o Paraíso Terrestre.

Por seu turno, outro dos primeiros europeus por terras de Cataio, foi Frei Bento de Góis (1562-1607), um açoriano de São Miguel, que entrou para os Jesuítas em Goa (1584) com os seus dotes linguísticos e diplomáticos. Em 1595 foi emissário entre o Grande Mogul e o Vice-Rei das Índias.

Em setembro de 1602 partiu de Goa em busca do lendário Cataio, reino onde se afirmava existirem comunidades cristãs nestorianas.

A viagem era muito extensa (mais de 6 mil quilómetros) e de longa duração (mais de três anos), e onde grandes obstáculos se deparam ao longo do percurso, com muitos conflitos na região, uma profusão de reinos e estados, e grandes montanhas e desertos.

Para além disso, a maior parte do seu percurso foi realizado em território de muçulmanos que nutriam especial animosidade pelos cristãos.

Em inícios de 1606 Bento de Góis chegou a Sochow (Suzhou, agora Jiuquan), junto da Muralha da China, uma cidade próxima de Dunhuang na província de Gansu.

Góis provou assim que o reino de Cataio e o reino da China eram afinal o mesmo, tal como a cidade de Khambalaik, de Marco Polo, era efetivamente a cidade de Pequim.

Doente (por ter sido atacado, assaltado e ferido) e com poucos meios de subsistência comunicou-o em carta ao padre Matteo Ricci, residente na corte de Pequim, que lhe enviou o padre João Fernandes, um jesuíta de origem chinesa, para o conduzir até Pequim.

Contudo, quando este alcançou Bento de Góis já ele estava à beira da morte, o que ocorreu em 11 de abril de 1607.

98.1. MACAU NÃO É TERA MINHA

Ao iniciar a trilogia da CrónicaAçores escreveu-se, mais ou menos, isto

“Aqui não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar. Há apenas um cavaleiro da poesia, da utopia, temeroso e aventureiro, sequioso de aprender outras línguas, hábitos e culturas.

*De Trás-os-Montes, mátria desconhecida parte à conquista do “Iulic” em Timor Português, dos hippies em Bali na Indonésia, sobrevive em Portugal ao “verão quente” de 1975, atravessa as Portas do Cerco na China de Macau, percorre a Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com passagens pelo oriente do meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de ir redescobrir o Brasil e Portugal e outros países para, por fim aterrar como uma águia de asa-redonda (*Buteo buteo rothschildi*) na ilha de S. Miguel, Açores.*

Daqui parti fugazmente à conquista de novas ilhas (Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge). Se na pátria Austrália descobri uma tribo aborígene a falar um crioulo português com mais de 450 anos, descobri Bragança como Mátria e nos Açores descobri um povo e uma literatura que a maior parte do mundo desconhecia”.

A inquietude persegue-me desde que saí da Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das minhas origens sedentárias de mar-rano galaico-português.

Esta inconstância assola-me mais desde que me arquipelizei nos Açores, há seis anos, sendo caracterizada pela infidelidade no amor à ilha que habito.

De cada vez que daqui saio, visito ou conheço nova ilha apaixono-me loucamente como se fora um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude.

A minha CrónicaAçores em livro retrata amores de Timor, Macau, Austrália, Brasil, Bragança e Açores e, futuramente, retratará esta paixão súbita surgida do nada que foram dez dias em Macau e adjacências. Acordo a pensar em Macau, deito-me a sonhar com ela, divago todo o dia em mil e um recantos que guardo ciosamente na memória com medo de os perder.

Essa mistura imagética combina culturas e sons e persegue-me com a sua mística enleante, atrai-me, chama-me e seduz-me em cabaias provocantes, pede-me que a descubra como outrora a descobriram os portugueses que por ali andaram há quinhentos anos.

Macau é nome de mulher, de deusa, de sereia, religião, amores por mitigar. Agora, em vez de uma imagem mítica de uma Macau retrógrada e com algumas pinceladas portuguesas, surge uma nova identidade mais embiocada, voltada ao futuro, à imparável rapidez do progresso: prédios construídos com andaimes de bambu, estradas, pontes e túneis, aterros e junção de ilhas. Da vontade de criar coisas novas sem jamais descurar a herança do passado que marca a diferença entre esta urbe e as restantes megalópoles asiáticas.

Nela, reavistei alguns esconsos lugares que guardei na memória velha de trinta anos, e redescobri uma cidade nova pujante de vida e de futuro, onde dantes habitavam fantasmas de passados coloniais cheios de plumas ocas de governantes, meros tigres de papel como aqueles papagaios de seda que se levam à praia de *Hác Sa* para voar ao domingo.

Revi amigos e familiares como se só ontem me tivesse apartado deles, não sem que antes deixasse cair a lágrima furtiva ao canto do olho, pelas memórias dos bons momentos passados juntos. É sempre bom saber que ainda há gente octogenária disposta a conduzir horas para se encontrar comigo, quando outros, bem mais novos, nem sequer uns passos dariam para o fazer.

Ao contrário de Vasco da Gama e das suas comitivas que pouco mais levavam do que diminutas oferendas de colares de contas e outras bugigangas, fomos (eu e a comitiva dos Colóquios da Lusofonia) recebidos como se pertencêssemos a um séquito imperial na corte da dinastia Qing, que nisto de ancestralidade e de cultura e de sabedoria os chineses já as cultivam há milhares de anos.

Assim, tratam os forasteiros que vêm por bem, sem devaneios de um Quinto Império, apenas trazendo na bagagem o sonho de uma Lusofonia universal que a todos irmane num mesmo denominador comum, uma língua que falam, trabalham e vivem, qualquer que seja a raça, o credo ou a nacionalidade.

Esta viagem ao sortilégio mágico dos orientes foi a primeira para muitos. Para alguns outros tratou-se de revisitar memórias, rever lugares e pessoas e redescobrir espaços e tempos que numa qualquer situação anterior foram importantes. Para mim, havia a agenda secreta de cumprir mais uma missão impossível, lançar projetos de salvação de um crioulo maquista em vias de extinção, com a ajuda de todos, os poucos que, denodadamente, no local o tentam manter vivo. Para isso haveria de congregar esforços e lutas e abrir novos rumos.

Era apenas um mero facilitador de vontades, um voluntário da Lusofonia, não buscando fama nem honrarias, apenas a possibilidade de fazer a diferença com os Colóquios a agirem como representantes da sociedade civil atuante. Bastava a honra de poder ouvir e aprender com os grandes mestres e patronos Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro.

Nisto de insularidades já levo a minha conta de aprendizagens, feitas por medida no alfaiate dos sonhos, mas falta-me a imaginação de Marco Polo ou de Fernão Mendes Pinto para descrever esta inopinada ida ao Grande Império do Meio surgida, quase de imprevisto, no dealbar do outono da vida, tão rica e privilegiada de viagens e aprendizagens diversas em vários continentes.

Sempre tão pródigo em palavras fiquei acabrunhado, emudecido, e - até - consternado pela inadequação ao tratamento com que me honravam.

Domine non sum dignus.

98.2. MACAU REVISITADO PARTE 1

O poeta devaneia, deus dispõe e o homem executa, estas poderiam ser as palavras que melhor definiriam a génese deste 15º colóquio da lusofonia.

Segundo os arqueólogos, Macau¹⁰⁶ já era habitada no Neolítico, há seis mil anos. Durante a dinastia Ch'in Ch'ao Qin (248- 206 A.C.), Macau pertencia ao condado de Panyu, na prefeitura de Nanhai (hoje Guangdong).

Em 1152, na dinastia Song do Sul, o governo de Guangdong uniu as ilhas¹⁰⁷ para formar o condado de Xiangshan e Macau passou a fazer parte deste. Foi nesta época que se registou oficialmente a presença de habitantes na área, em busca de asilo das invasões mongóis.

Entre 1368-1644, durante a Dinastia Ming, pescadores de Cantão e de Fujian estabeleceram-se em Macau, construíram o famoso Templo de A-Má e várias povoações, como Mong-Há. Pensa-se que o original Templo de Kun lam, o mais antigo, se localizava precisamente nesta região do norte da Península de Macau.

Em 1535, as autoridades de Guangdong transferiram o departamento de tributação de comércio com o estrangeiro para Macau e autorizaram os navios mercantes estrangeiros a ancorar em Macau, o que deu origem ao desenvolvimento do comércio entre a China e os países ocidentais.

Em 1554, o governo Ming autorizou os portugueses a negociar com a China em Langbai e Haojing, o que facilitou a influência de Portugal em Macau nos quatro séculos seguintes.

Os portugueses estabeleceram-se ilegal e provisoriamente em Macau sob o pretexto de secar a sua carga. Foi em 1555 que os portugueses começaram a frequentar uma pequena península na ilha de Hèong-Sán (Heungshan), hoje Tchông-Sán, no delta do rio das Pérolas. Na ponta meridional dessa península encontram um vistoso templo consagrado à deusa M-Nèong, vulgo A-Má que dava o nome de Amá-Ou ou A'-Má-Kong a essa baía que aportuguesaram para Amacao. Vinte e seis (26) anos depois a povoação era a Cidade de Nome de Deus, atual Ou-Mun com todas "as liberdades, honras e preminências" que gozava então a cidade de Évora¹⁰⁸ pois era o único entreposto através do qual os chineses comerciavam com os seus vizinhos japoneses.

Em 1557, as autoridades chinesas deram autorização para os portugueses ali se estabelecerem, concedendo-lhes um certo grau de autogovernação. Em troca, eram obrigados a pagar 500 taéis de prata de aluguer anual e impostos. Desde então, Macau desenvolveu-se como um entreposto e intermediário para o comércio triangular entre a China, o Japão e a Europa. Este comércio lucrativo trouxe enorme prosperidade a Macau, tornando-a numa grande cidade comercial e ajudando-a a atingir o seu auge durante os finais do século XVI e o início do século XVII. Para além de ser um entreposto comercial, Macau desempenhou também um papel ativo e fulcral na disseminação do Catolicismo, sendo ponto de formação e de partida de missionários para os diferentes países do Extremo Oriente. Por este motivo, o Papa Gregório XIII criou, em 1576, a Diocese de Macau. Os missionários locais desempenharam um papel importante no intercâmbio cultural, científico e artístico entre a China e o Ocidente bem como no desenvolvimento da cultura e da educação de Macau.

Em 1583, foi criado pelos comerciantes de Macau, o Leal Senado, sede e símbolo do poder e do governo local. Este organismo político, considerado como a primeira câmara municipal, foi fundado para proteger o comércio, estabelecer ordem e segurança na cidade e resolver os problemas quotidianos. Apesar de a partir de 1623 Macau passar a ter um Governador português, o Leal Senado, continuou a manter uma grande autonomia até à primeira metade do século XIX e a exercer um papel fundamental na administração da cidade.

Em 1638-1639, o comércio com o Japão foi interrompido, devido à política de isolamento levados a cabo pelo xógum japonês, Tokugawa Iemitsu, o que afetou seriamente a economia local, que entrou rapidamente em declínio. Em 1640, numa tentativa de restabelecer o lucrativo e importante comércio, os portugueses residentes de Macau decidiram enviar uma embaixada ao Japão, mas, além de não conseguir o que desejavam, toda ela foi executada por ordem do poderoso xógum Tokugawa.

Em 1641, mais um outro acontecimento afetou a economia decadente de Macau: os portugueses perderam Malaca para os holandeses que já tinham conquistado várias possessões, zonas de influência e rotas comerciais portuguesas durante o período de ocupação filipina de Portugal. A perda desta importante cidade e base comercial causou distúrbios e desvios da rota habitual efetuada entre Macau e Goa e a diminuição do fornecimento de produtos comercializáveis com a China.

Em 1644, quando as Coroas de Portugal e de Espanha já estavam de novo separadas, encerrou-se o comércio com Manila e com os espanhóis sediados lá, causando mais problemas económico-financeiros para a Cidade de Macau. Só com o fim da rivalidade luso-espanhola foi o comércio reativado. Numa tentativa de ocupar Macau e a transformar em colónia, Portugal encetou uma série de invasões depois da Guerra do Ópio (1839-1842) mas em 1887, foi subscrito o "Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português".

Quando a China e Portugal estabeleceram relações diplomáticas em 8 de fevereiro de 1979, os dois governos acordaram que Macau era parte integrante da China, embora provisoriamente sob administração portuguesa.

Em abril de 1987, foi assinada, em Pequim, a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, que marcou para 20 de dezembro de 1999 a data em Macau regressou oficialmente à pátria. Com a sua economia em rápido crescimento após a reunificação, tal como o seu símbolo tradicional, uma flor de lótus viçosa, Macau, desenvolve-se rumo à prosperidade e a um futuro brilhante.

Voltemos atrás para recordar que por volta de 1525, nasce um parente de Vasco da Gama, Luís Vaz de Camões¹⁰⁹, pertencente à pequena nobreza. Nomeado para provedor-mor dos bens de defuntos e ausentes da China, Camões parte para Macau em 1556. Reza

106 (em chinês: 澳門; pinyin: Àomén; em cantonês, Ou-Mun)[15]

107 Dos condados de Nanhai, Panyu, Xinhui e Dongguan

108 Macau, Factos e Lendas de Luís Gonzaga Gomes, Tipografia Mandarin, Macau, outubro 1979

109 filho do fidalgo Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá Macedo,

a tradição que esteve em Patane, sítio aprazível e pitoresco à beira-mar, chamando-se-lhe, ainda que impropriamente, Gruta de Camões.

Conta a lenda que, enquanto ali permaneceu, Camões escreveu, dia após dia, os versos de Os Lusíadas. Todavia, a própria gruta parece desmentir a versão da lenda: é extremamente pequena, quase uma fenda na rocha, que era - então - frequentemente salpicada pelas águas das marés mais altas. É improvável que Camões tenha conseguido permanecer nela durante tanto tempo. Esta tradição plurissecular foi acatada e respeitada por todos os historiadores e biógrafos do poeta, havendo apenas divergências acidentais da parte de Teófilo Braga, Lacerda¹¹⁰, Juromenha e Wilhelm Storck quanto à data da sua vinda e outras minúcias, ficando, porém, de pé o facto principal, a estada do poeta em Macau, segundo longamente escreveu o Padre Manuel Teixeira¹¹¹ que diz:

"... mas nos primeiros anos do século passado, em 1907, houve quem pretendesse contestar este facto e relegar a tradição para os domínios da lenda".

Já antes, em 1899, o ilustre orientalista J. F. Marques Pereira, expusera bem fundadas dúvidas sobre a estada de Camões em Macau como Provedor dos defuntos e ausentes. Ora, há aqui duas questões que importa não confundir:

1.^a -Esteve Camões em Macau?

2.^a -Foi Camões Provedor dos defuntos e ausentes em Macau?

À primeira respondemos afirmativamente com a tradição. À segunda respondemos negativamente com razões históricas. Esteve Camões em Macau? Respondem afirmativamente toda uma plêiade de brilhantes e profundos historiadores dos séculos passados. Começou a negá-lo João Frick em 1907, o qual aventou a hipótese de o poeta ter ido morrer, "com a espada na mão, ao lado do seu rei nos campos d'Alcácer-Quibir."

Depois deste, apareceram alguns articulistas a copiar as suas objeções; o mais ilustre defensor da tese negativa foi o Dr. Luiz da Cunha Gonçalves que, no seu livro, diz que Camões não esteve em Macau e ampliou a tese que João Frick⁸¹¹², com o pseudónimo de Gonçalo da Gama, publicara no jornal "Portugal". João Frick diz que Camões não esteve em Macau porque, à data, Macau não existia, não passando dum covil de piratas; Cunha Gonçalves diz que "entre 1556 a 1559, não havia chinesas cristãs..." A isto respondeu o Dr. Jordão de Freitas em artigo publicado no Portugal, n.º 98, de 2 junho 1907, e reproduzido em O Oriente Portuguez¹¹³, da seguinte forma:

"Antes de passar adiante, seja-me permitido advertir que Macau (Maquao, Amaquao, Amacau, Amacoo, Amaquã, Amaquan), é nome que à ilha ou península, de que se trata, se dava já em 1555 (se não antes) e não apenas mais tarde, de 1557. Uma das cartas escriptas por Fernão Mendes Pinto, quando fazia parte da Companhia de Jesus, editadas e anotadas em 1902 em Hamburgo pelo dr. Nachod, em face do codice 49-IV-50, fl. 95 a 98, é datada de "Amacao" no mez de novembro de 1555. Nesta carta diz o auctor da Peregrinação: "Mas porque hoje cheguei de Lampacau, que é o porto onde estamos, a este amaquã que é outras seis leguas mais adiante aonde achey ao padre Mestre Belchior que veio aqui de Cantam..." De Macau e do mesmo mez e anno de 1555 são igualmente datadas duas cartas do padre jesuíta Belchior Nunes Barreto; uma dirigida para Roma a Santo Ignacio de Loyola e publicada em Coimbra (em hespanhol) e em Veneza (em italiano) no anno 1565; a outra remetida para Goa aos padres e irmãos da Companhia e de que se conserva copia no codice da Real Bibliotheca da Ajuda 49-IV-49, fl. 236-237, bem como da primeira a fl. 237-241v."

110 João António de Lemos Pereira de Lacerda

111 <http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP272/index.htm>

112 No artigo de João Frick, publicado no jornal Portugal, n.º 2 de 1907, reproduzido na revista Oriente Português, vol. IV, abril de 1907, pp. 150-156, há muitas inexactidões

113 vol. IV, n.º de julho e agosto de 1907, p. 293-94

Concluimos com palavras de Camilo Pessanha em "A Pátria"¹¹⁴ (7 de junho de 1924):

"A vitalidade das tradições lendárias, ou quase lendárias, depende essencialmente de dois requisitos. É necessário que o objeto a que se referem se imponha pela sua grandeza à admiração contemplativa de todos os tempos. É-o igualmente que a própria tradição, nos diversos fatores que a constituem, seja adequada a esse objeto. As tradições pertencem ao folclore, há nelas, preponderante, um elemento estético; e toda a obra de arte precisa, antes de mais nada, de ser bem equilibrada. Quanto à grandeza gigantesca de Camões, e à da assombrosa epopeia marítima que culminou na formação do vasto império português do século XVI, estão acima de qualquer discussão. Resta apenas ponderar se Macau, esta exígua península portuguesa do mar da China ligada ao distrito chinês de Hèong-Sán, tem qualidades que a recomendem para assim andar associada à memória dessa epopeia e à biografia do poeta sublime que a cantou."

Voltando à lenda: Camões despediu-se da gruta de Patane, que escutara o eco dos seus sonhos e do seu desespero, e apresentou-se ao capitão da Nau de Prata. Interrogado sobre o papel enrolado que levava na mão, Camões respondeu que era toda a sua fortuna, a epopeia Os Lusíadas, que, segundo a lenda, terá sido escrita naquela gruta, com toda a alma e toda a saudade de português, injustamente privado da pátria, seu maior tesouro e único companheiro de infortúnio.

Da amurada da nau, Camões ouviu uma voz de mulher que o interrogava sobre a sua tristeza. Era uma nativa de Patane, em quem ele nunca tinha reparado, apesar da sua extrema beleza. Tin-Nam-Men era o seu nome que significava "Porta da Terra do Sul", a Porta do Paraíso. Ela tinha observado Camões, durante muito tempo, sem nunca se atrever a falar-lhe. Perdidamente apaixonada, tinha-o seguido até ao barco. Partiu com o poeta, e conta a lenda que ali nasceu mais uma relação amorosa na vida romanesca de Luís de Camões.

Com a Nau de Prata a afundar-se na foz do rio Mekong, embarcaram as mulheres num batel e os homens salvaram-se a nado. Camões, de braço no ar, segurando Os Lusíadas, nadou até terra, mas o barco onde seguia a linda Tin-Nam-Men foi engolido pelas ondas. Foi à bela Dinamene, como o poeta lhe chamou, que Camões terá dedicado os seus belos sonetos "Alma minha gentil, que te partiste..." e também "Ah! Minha Dinamene! Assi deixaste".

<p><i>ah, minha dinamene assi deixaste quem não deixara nunca de querer-te! ah, ninfa minha, já não posso ver-te, tão asinha esta vida desprezaste!</i></p> <p><i>como já para sempre te apartaste de quem tão longe estava de perder-te? puderam estas ondas defender-te que não visses quem tanto magoaste?</i></p> <p><i>nem falar-te somente a dura morte me deixou, que tão cedo o negro manto em teus olhos deitado consentiste!</i></p> <p><i>ó mar! ó céu! ó minha escura sorte! qual pena sentirei, que valha tanto, que ainda tenho por pouco o viver triste?</i></p>	<p><i>alma minha gentil, que te partiste tão cedo desta vida, descontente, repousa lá no céu eternamente e viva eu cá na terra sempre triste.</i></p> <p><i>se lá no assento etéreo, onde subiste, memória desta vida se consente, não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.</i></p> <p><i>e se vires que pode merecer-te alguma cousa a dor que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te,</i></p> <p><i>roga a deus, que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a ver-te, quão cedo de meus olhos te levou.</i></p>
---	---

O Rio das Pérolas¹¹⁵ desagua no Mar da China e banha, de um lado, Hong Kong, do outro, Macau.

O próprio nome induz a promessas de riqueza e os encantos de Macau souberam atrair o pintor George Chinnery (1774-1852) que a 29 de setembro de 1825, chegou vindo de

114 (citado em <http://theprovince.blogspot.com/2010/03/macau-e-gruta-de-camoes-por-camilo.html>)

115 (Zhu Jiang, 珠江 pinyin: Zhū Jiāng)

Calcutá e ficou em Macau os restantes 27 anos de vida, tornando-se no mais célebre pintor da sua história que ali viveu.

Durante a segunda guerra mundial (1943), o artista russo George Vitalievich Smirnoff (1903-1947) refugiou-se em Macau e o pintor macaense Luís Luciano Demée soube aprender rapidamente com ele. A sua técnica consistia em pinceladas vivas, produzindo aquarelas que descreviam os cenários românticos da cidade bem como o movimentado porto.

Muitas outras personagens aqui se radicaram encantadas pelos sortilégios orientais e deixaram um considerável espólio literário como foi o caso de Manuel da Silva Mendes, nativo de Famalicão que chegou em 1901 e morreu em 1931, contemporâneo de Camilo Pessanha, nascido em Coimbra em 1867, residente em Macau a partir de 1894 onde faleceu em 1926. Há ainda um macaense muitas vezes esquecido que é Luís Gonzaga Gomes, falecido em 1976 com 69 anos, autor de inúmeras obras.

Também gostaríamos de neste 15º Colóquio render preito a Graciete Batalha (1925-1992), Adé dos Santos Ferreira (1919-1993), Deolinda da Conceição (1914-1957), Henrique Senna-Fernandes (1923-2010) e Rodrigo Leal de Carvalho (1932-¹¹⁶) entre muitos outros.

Como dizia Mallarmé “*No fundo, o mundo é feito para acabar num belo livro*”.

Já Maria Alzira Seixo escreveu: “*a escrita de viagem não pode ser encarada de modo global: há tantas escritas de viagens como sensibilidades históricas, culturais e estilísticas.*” (Seixo, 1998: 135¹¹⁷).

A experiência da viagem como deslocação no espaço - e no tempo - sempre esteve intimamente ligada à escrita, e a partir do século XIX nasce o conceito de “Viagem ao Oriente”, espaço mítico, visão encantada de orientes fabulosos e mágicos onde os ocidentais projetam os seus sonhos e fantasmas, etapa essencial da iniciação espiritual, quiçá topográfica e topológica, à moda da velha Grécia com uma apropriação empírica, sensorial e intelectual do lugar. Decorrem tanto no imaginário dos autores como nas pátrias inventadas, países mentais e utopias que visam retratar.

O primeiro volume de CrónicaAçores pretendia ser uma escrita de viagem, uma revisão original do mito do Oriente sem ser épica.

98.3. A ÁSIA RECEBEU OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA NUMA PONTE ENTRE OS AÇORES E MACAU. SESSÃO DE ABERTURA DO 15º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MACAU 12 abril 2011

Como escreveu Eduardo Lourenço

“... os que por nós lá [Macau] foram para sempre e lá ficaram -, há muito que ela era para o Ocidente a porta aberta e misteriosa para uma quietude capaz de nos curar do nosso demoníaco desassossego. Mas foi a nossa chegada que a converteu para os outros em lugar de todos os sonhos e fantasmagorias. Para nós, todas as viagens são viagens...”

Havia já, então, em mim como que uma reencarnação do Dragão oriental, um dos quatro animais sagrados convocados por Pan Ku (o deus criador) para participarem na criação do mundo. É um misto de vários animais místicos: Olhos de tigre, corpo de serpente, patas de

116 bibliografia <http://www.acvl.pt/titulos.php?selecao=aut&id=1847>

117 Seixo, Maria Alzira (1998) - Poéticas da Viagem na Literatura, Lisboa, Edições Cosmos.

águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa e etc. Simboliza a sabedoria e o Império, com as suas quatro patas.

Há uma noção que convém reter: nunca nos seus séculos de existência deixou Macau de fascinar e de marcar indelevelmente os que por aqui passaram, como foi também o meu caso entre 1976 e 1982.

Aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo esta bagagem que comigo transporte às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade.

Assim se explica que este 15º colóquio da lusofonia tenha chegado não numa nau, mas nas asas desse sonho a que chamam Lusofonia, palavra que etimologicamente, significa fala dos lusos.

Nessa definição cabem todos quantos falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Lusófonos são, portanto, todos, quantos, falando a língua de Camões, sentem que algo têm em comum, de idêntico, mas também de diferente de todos os outros que habitualmente falam outra língua e com ela se identificam.

Esta definição de Lusofonia será sempre um diálogo nessa secular língua que todos falam, incluindo o conjunto dos oito países de língua oficial portuguesa e suas correspondentes identidades culturais, bem como todas as Regiões em que a língua portuguesa é também utilizada como língua materna ou de património e abarcando todos os que trabalham como sua própria a língua portuguesa (mesmo que seja língua segunda, terceira, etc.).

Esta Lusofonia teve as suas raízes remotas nos séculos XV e XVI, quando passou a ser a principal língua universal de comunicação internacional entre todos os povos do mundo.

Irmanava povos distintos dos quatro continentes descobertos e tornava possível não só a mercancia como todos os atos entre nações e povos.

Com essa língua se criaram novas comunidades que ainda mantêm os seus crioulos e a sua identidade herdada pela língua que os unia.

Com essa língua se casaram e nasceram muitos dos que hoje dela descendem.

Os séculos passaram, a influência política desvaneceu-se e os laços religiosos foram irremediavelmente cortados na vasta Comunidade Cristã Crioula da Ásia, mas os crioulos de Português perduram como herança universal.

Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.

Falta muitas vezes aos Estados Ocidentais a visão, o amor e a dedicação que só alguns indivíduos conseguem ter pela língua e cultura.

Governos e governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores, tal qual a população de S. Miguel nos Açores, está sempre de costas para o mar, enquanto outras não vivem sem ele, como no Pico.

Foi com a percepção da herança ancestral da língua que o Instituto Politécnico de Macau, através dos professores James Li (Changsen) e Choi Wai Hao, teve a visão e ambição de nos ajudar a trazer este colóquio até Macau, acedendo a um patrocínio do evento sem o qual jamais seria possível reunirmos aqui este vasto leque de especialistas em várias áreas do conhecimento. Foi graças à sua denodada tenacidade que tivemos em Macau representantes dos quatro continentes da grande nação de lusofalantes.

Bem hajam por terem tido a sabedoria, ancestralmente herdada por milénios de civilização chinesa, de reconhecer a força e a capacidade de realização dos Colóquios da Lusofonia e de permitirem aos que aqui vivem, esta partilha imensamente rica da qual esperamos possam frutificar novos e arrojados projetos para anos vindouros.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua. Queríamos que todos se irmassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam.

Em 2010 atravessamos os mares para ir ao Brasil e em 2011, embarcamos na nossa nau para arribar a Macau onde hoje se fala mais Português do que quando aqui vivi entre 1976 e 1982.

Ao contrário de Vasco da Gama os Colóquios da Lusofonia não buscaram o caminho marítimo para as Índias, antes se deslumbaram com o que foi feito em Macau nos dez anos de regresso à soberania chinesa.

Ao fim de 15 edições, são a única realização regular, concreta e relevante sobre a LUSOFONIA, com um variado leque de participantes de todo o mundo.

Os Colóquios da Lusofonia na saga dos navegadores só arribaram ao arquipélago dos Açores em 2005 para debaterem a identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições. Em 2008 tiveram a presença do escritor da baleação, o picaroto Dias de Melo (falecido pouco depois) e o micalense Daniel de Sá. Em 2009, foi o prolífico escritor Cristóvão de Aguiar como convidado especial na Lagoa e em Bragança. Para 2010-2011, escolheram Vasco Pereira

da Costa, um escritor açoriano que desempenhou durante sete anos, as funções de Diretor Regional da Cultura dos Açores, antes de ser fugazmente substituído pela (então) Ministra da Cultura de Portugal, Dra. Gabriela Canavilhas, presente na abertura do 11º Colóquio. Outros se seguirão.

Nesta porfia por repor os escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem existem outros para estudar, ler e divulgar.

É para eles, suas obras e memórias, que orientarão as edições futuras dos colóquios, para que sejam lidos e traduzidos como já estão sendo estudados nas Universidades de São Paulo, Brasil, graças às colegas Zélia Borges e Dina Ferreira e em universidades romenas e polacas, graças à colega Rosário Girão. Dispõem os Colóquios de tradutores a trabalhar na sua tradução para posteriormente serem editados naquelas línguas com apoio do Instituto Camões.

Chegaram a novos destinatários através do 1º curso de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES da Universidade do Minho, da colega Rosário Girão, que passará a ser ministrado em plataforma e-ensino.

Nos últimos anos, assinaram parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a sua validação científica, completarem projetos como a Dicionário Contrastiva da Língua Portuguesa e iniciaram o processo de passagem a associação cultural sem fins lucrativos concluído em 1 de janeiro de 2011.

As colegas Helena Chrystello e Rosário Girão ultimaram uma Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos para poderem ser estudados no currículo regional dos Açores.

Há mais de um ano, os Colóquios lançaram na sua página, os Cadernos de Estudos Açorianos, que visam dar a conhecer um pouco da obra dos inúmeros escritores açorianos, vindos das ilhas, onde se bem que haja mais vacas que gente, o clima, vegetação, vulcões e terremotos criaram um número desmedido de escritores. Por isso mantiveram como parceiro indiscutível, um patrocinador institucional desde 2008, a Câmara Municipal da Lagoa, através do seu Presidente Eng.º João Ponte, que infelizmente não pode estar presente em Macau - como previsto - em representação do Governo da Região Autónoma dos Açores.

Os oradores destes colóquios não buscam mais uma conferência, mas compartilham projetos e criam sinergias. Permutam impressões, ideias e metodologias, vivências e pontos de vista, dentro e fora das sessões. Com os colegas, repartem passeios, refeições e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É o que torna estes Colóquios distintos de qualquer outro congresso. Irmanados no ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, juntos, são capazes de atingir o que a burocracia e a hierarquia não podem ou não querem.

Todos aqui presentes em Macau ajudarão a prestar uma justa homenagem a VASCO PEREIRA DA COSTA, escritor convidado.

Vieram exemplares de algumas das suas obras e persevera-se para que sejam lidos e traduzidos. Os temas escolhidos para este ano de 2011 retratam bem a posição dos Colóquios, como construtores de pontes entre Lusofonias entre as Américas, do Brasil ao Canadá, Açores, África, Europa e a China. Sempre houve açorianos em Macau e foi daqui que o chá partiu para a ilha de São Miguel, onde existem as únicas plantações europeias da planta.

Teremos além das palestras científicas, música, teatro e poesia de Macau, Açores, Galiza e Brasil, graças ao apoio incomensurável e à enorme bondade do Governo da RAEM e do nosso patrocinador, Instituto Politécnico de Macau.

Para além de proporcionar a viagem e estadia, concedeu apoio logístico a esta vasta comitiva, como ainda apoiou a estadia e alimentação dos restantes oradores e seus acompanhantes num gesto magnânimo raramente visto nestes dias em que todos clamam crise para se escusarem a apoios culturais.

A nossa comitiva inclui representantes das três Academias de Língua Portuguesa e colegas dos seguintes países e regiões: Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Espanha, EUA, Galiza, Gana, Malaca, Moçambique, Portugal e Rússia.

Normalmente, o oriente veste-se de magia para os ocidentais e Macau acaba por ser mais esotérico ainda nas conceções que dele se fazem fruto de autores inúmeros que dele fizeram a sua base terrena.

Foi com estas premissas em mente que um grupo de cerca de quarenta pessoas partiu de vários pontos do mundo para o 15º colóquio da lusofonia.

Para muitos seria um batismo enorme intercontinental e intercultural, para outros apenas um regresso - mais ou menos adiado - a uma terra que partilharam com sonhos e projetos vários.

A longa viagem começada pelas 12 horas de dia 9 em Ponta Delgada terminaria em Macau dois dias depois, pelas 16.00 horas locais de dia 11 (08.00 PDL) para um grupo de 31 viandantes que se juntaram em Lisboa.

Sem as habituais e sempre inconvenientes perdas de bagagem, fomos recebidos no cais pelos representantes do IPM e transportados ao luxuoso Rio Hotel & Casino Macau onde iríamos ficar durante os dez dias seguintes a escassos metros do IPM.

Na manhã seguinte teve início com toda a pompa e circunstância o 15º colóquio, por entre espetáculos musicais que incluíam danças e cantares portugueses interpretados por jovens chineses, sendo alguns aprendizes de português há uns meros seis meses ou menos.

Seguiu-se um recital do cancionero Açoriano preenchido pelas mágicas mãos da pianista Ana Paula Andrade do Conservatório Regional de Ponta Delgada acompanhada da jovem e promissora soprano Raquel Machado.

Depois das sessões iniciais dedicadas ao AO 1990 e outros temas, houve uma pausa para visionar um documentário sobre o quase extinto patuá de Macau seguida do primeiro banquete, oferecido pelo IPM, com laivos de corte imperial chinesa: 15 pratos e seis entradas, deixando a maior parte dos presentes de olhos e estômagos plenos de imagens e sabores.

Momentos inesquecíveis na memória de muitos e a deixar antever o grau de hospitalidade oriental e seus protocolos rígidos, a que todos automaticamente aderiram.

Nessa noite já todos diziam que iria ser difícil igualar esta receção e as muitas honrarias que eram conferidas aos 48 participantes.

O segundo dia começou com o calor habitual 24-29 °C e a humidade elevada fazendo crer que a ilha de São Miguel nos Açores era um lugar seco.

Esta manhã era destinada ao roteiro cultural pela Macau antiga organizado pela Rosário Girão, em homenagem a Henrique de Senna Fernandes, e teve o seu início no Jardim Camões onde junto à lendária gruta - num momento de magia inolvidável - se declamou poesia de Macau, Galiza, Brasil, África, Açores, etc. com as vozes de Vasco Pereira da Costa, Chrys, Concha Rousia e Luciano Pereira ao som de fundo do Lian Gong (a ginástica matinal chinesa), mesmo em frente à Gruta.

Depois, foi a visita ao excelente Museu de Macau e seus percursos paralelos entre Portugal e Macau, à reprodução dos modos de vida, das fachadas de casa típicas da construção luso-macaense, seguida de uma obrigatória visita às ruínas da Catedral de São Paulo, esse ex-libris que o fogo quase consumiu na totalidade há mais de 200 anos.

A visita terminava na Livraria Portuguesa onde se percorreram edições de obras de autores macaenses antes de prosseguir para um banquete português com caldo verde, bolos de bacalhau, entre outras iguarias, oferecido pela Fundação Macau no restaurante Pinnocchio's da Taipa ora remodelado e com três andares em vez do andar térreo que eu lhe conhecia na década de 1970.

As sessões da tarde foram dedicadas a autores macaenses e a África antes de prosseguir com uma sessão especial na Livraria Portuguesa onde os três autores convidados (Vasco Pereira da Costa, Anabela Mimoso e Chrys Chrystello) iriam apresentar os seus novos livros.

A sessão começaria com uma homenagem curta ao seu dono, o jornalista Ricardo Pinto, pela colaboração dada a um programa mítico da rádio TDM em 1980 (o uísque e a cola, de Chrys Chrystello).

Curtas apresentações, mais algumas entrevistas e lá estavam todos deabalada para o Forte de Mong Há onde se situa a Pousada do mesmo nome e onde teria lugar o banquete oferecido pelo Instituto de Formação Turística, sendo os convivas as felizes e satisfeitas cobaias escolhidas para os mil e um deliciosos pratos confeccionados pelos alunos.

A manhã do terceiro dia de sessões foi totalmente dedicada a autores macaenses, interrompida para mais um banquete e, de tarde, seguia-se a sessão plenária dedicada à Literatura e Açorianidade onde se homenageava Vasco Pereira da Costa, com a presença do editor convidado e do autor da diáspora, Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá).

Terminada esta sessão foi a comitiva e seu séquito em debandada para o Instituto Internacional de Macau onde se iria celebrar um protocolo dos Colóquios seguido de uma palestra do ex-governador Garcia Leandro e de um banquete ao ar livre de comida macaense típica.

No último dia de manhã houve textos dedicados a Macau e Açores estabelecendo as pontes que este colóquio se destinava a construir entre as insularidades da lusofonia afastadas continentes e oceanos. Ao almoço um banquete oferecido pela Direção dos Serviços de Turismo no luxuoso novo Hotel Lisboa Grand de Stanley Ho.

Logo na sobremesa, era a altura de correr de volta para o IPM e celebrar um Memorando de Entendimento entre os colóquios e o patrocinador deste evento, com a presença de todos os convidados e de cerca de vinte membros da comunicação social, com a habitual troca de presentes e as formalidades protocolares habituais.

Seguiu-se depois a última sessão académica antecedendo as conclusões do colóquio eivadas de agradecimentos e da promessa de regresso a partir de 2012, por entre promessas de lutar contra a extinção dos crioulos locais.

Por fim, o toque mágico de um espetáculo de viagem pelo mundo lusófono, percurso musical com atuações de representantes de várias zonas geográficas da lusofonia, da Índia a África e Ásia, com passagem obrigatória pelos Açores.

Terminava assim de forma sublime e mágica o colóquio deixando lágrimas nalguns dos presentes, desejosos de voltarem uns e outros ansiosos por se fixarem em Macau.

Os três dias seguintes, por conta de cada um, foram dedicados a visitar Zuhai na China, as ilhas da Taipa e Coloane depois de se perderem na voragem consumista de compras de souvenirs da Rua das Mariazinhas e antecedendo o último dia dedicado a explorar à vol d'oiseau essa enorme metrópole que é Hong Kong.

Dos luxos e iguarias não falaremos aqui pois a imagem de profissionalismo e rigor científico foi o que mais marcou este 15º colóquio que o IPM coorganizou.

Começou já a contagem decrescente de 18 meses para o regresso à cidade que foi do Santo Nome de Deus e que, dez anos após o regresso à pátria chinesa, ferveja de vida e de progresso.¹¹⁸

Parafraseando Cristóvão de Aguiar direi da Língua de todos nós:

Amo-a sem o empecilho da palavra.

Amo-a com os olhos, os ouvidos, as narinas abertas ao cio de seus aromas.

Amo-a com sentidos conhecidos e desconhecidos, a imaginação em fogo.

Amo-a com as vísceras do corpo e da alma. Aprendi a amá-la.

O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.

118 NB: O 15º colóquio teve o alto Patrocínio do Instituto Politécnico de Macau (não só à comitiva oficial como aos restantes oradores e seus acompanhantes), bem como os apoios da Câmara Municipal da Lagoa (Açores), Presidência do Governo Regional dos Açores e Direção Regional das Comunidades, bem como dos patrocinadores locais: IIM (Instituto Internacional de Macau), Fundação Macau, Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Direção dos Serviços de Turismo de Macau, Instituto de Formação Turística de Macau, Adeliador (Açores). Veja as fotos em <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1806-2014-11-23-13-49-15.html> e <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/698-macau-15o-coloquio-2011-fotos.html>

Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves.

Os poetas têm sempre razão!"

In Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Publicações D. Quixote, 2004)

É esse amor e o espírito de poeta que nos trouxe e aos nossos convidados até Macau onde vivi seis anos, para o maior colóquio realizado até hoje.

Bem hajam por terem apoiado este sonho.

98.4. POESIA

Deixei a poesia de parte ao sair de Macau, em 1982, quiçá por ter secado a veia inspiradora, ou por pensar que era uma arte menor.

O certo é que se passaram muitos anos até botar a pena ao papel e algo poético sair na alva folha que me confrontava.

Fora em Floripa (Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil) numa sessão do 13º colóquio da lusofonia, em pleno palco, ao lado do Vasco Pereira da Costa que não resistira, pois, aquele homem não era um poeta, ele instilava e destilava poesia.

*a ilha quilha
que ilha? a ilha
parto num parto precoce
náufrago em terra
açores à vista
as lhas - que ilhas?
nascidas do fogo
enterradas por vulcões
tremidos
tremuras
tremuras atlânticas
atlântidas
ilhas cativas
no tempo e no espaço
perdidas nas brumas
no basalto e na lava
piratas
corsários
aprisionam poetas
geram autores
concebem amores
ritos e crenças
benzeduras
contra doenças e maleitas
há momentos
como este
que deviam ficar eternos
parados no tempo
tudo pela ilha
tudo pelas ilhas*

*Chrys C.,
Saco Grosso, Floripa,
Santa Catarina, Brasil,
7 abril 2010*

A Concha Rousia convencera-me, em outubro de 2010, a associar-me à declamação de poemas do Vasco, o que viria a repetir em ambiente irrepetível na Gruta de Camões em abril 2011.

Depois disso já escrevi mais uns poemas como este

ODE AO IPM: A CHINA E A LUSOFONIA

*a cabeça de jade do dragão volitava promessas
nós dançando em volta e cantando
eram portuguesas as palavras
chinesas as faces
íamos falar de lusofonias
aprendemos harmonias
hospitaleiras gentes
fazendo nossa a casa delas
trataram-nos com honrarias
lusófonos dignitários Qing
deram lições de progresso
aprendemos seculares tradições
partilhamos verbos e nomes
humildes aprendizes de feiticeiros
pasmados
deslumbrados
fizemos vénias e sorrimos
cativados
fascinados
prometemos voltar*

Chrys C., 15/4/2011

98.5. MACAU SEMPRE RENOVADO

Deixei Macau em 1982 depois de seis anos de permanência numa modorra ocidentalizada, entorpecida pela opiácea sonolência dos que aqui viviam, sem rumo nem guia por parte de uma administração portuguesa inócua, para vir a encontrar a cidade e ilhas pujantes de uma vitalidade assustadora, numa voragem de progresso que se não compadece com o lento reviver de memórias passadas, mas ainda assim as respeita e preserva para delas obter mais-valias e benfeitorias.

A cidade ferve de gente e de atividade, incapaz de parar e se deleitar com as glórias passadas nesta nova realidade de um país e dois sistemas, preservando muitos dos antigos encantos e acrescentando os traços inelutáveis da modernidade dos seus 28 casinos que são o motor e o combustível de novas quimeras.

Aqui, tem-se a sensação de que querer é poder, quer na reconquista de terrenos ao delta do Rio das Pérolas - que já duplicou a área do território -, quer na busca incessante por novas atrações que lhe permitam ser a mais moderna e a mais antiga das cidades na Ásia e a única ainda com respeito pela sua herança arquitetónica ocidental.

A hospitalidade e a gentileza das gentes desvaneceram todos, encantando e tornando irrepetível este 15º colóquio da lusofonia, desde os banquetes aos pequenos detalhes e atitudes pensadas numa minúcia que só as mentes orientais conseguem. Nada fora deixado

ao improviso - como é apanágio de portugueses e brasileiros - e tudo funcionou num rigor e pontualidade de fazer corar os britânicos.

Em todos, porém, ficou a mágoa da falta de tempo para ver e aprender mais e - estamos certos - muitos vão querer voltar para continuar a lição eterna de aprendizagem que caracteriza a mente oriental. Isto apesar de muitos não se terem acostumado a olhar para o lado correto da estrada, nas passadeiras onde os peões têm de se precaver do ininterrupto trânsito (aqui guia-se do “outro lado” em relação a Portugal).

Assim como temiam, por vezes, comidas que desconheciam, inacostumados a tentar o que é novo e desconhecido, mais preocupados em dominar a maestria dos pauzinhos do que perder os pitéus e iguarias que se sucediam em ritmo alucinante qualquer que fosse o local de almoço ou jantar.

Os colóquios da lusofonia sempre primaram pela facilidade com que tornam desconhecidos em amigos e colegas e desta vez Macau não foi exceção, criando-se pontes entre culturas, levando a que ateus visitassem compungidamente templos budistas, taoistas e outros numa busca incessante de respostas a questões fundamentais que os atormentam.

Gostava de saber responder à colega jornalista da TDM / RTP / Lusa que me perguntou sobre o turbilhão de emoções que devia andar dentro de mim, mas não pude nem sei. Uma controversa mistura de sensações, cheiros, cores e dores.

A emoção descontrolada de voltar aonde se não pensou mais regressar, rever pessoas nunca esquecidas, mas afastadas pela lonjura dos mares, visitar passados e viver presentes sonhando futuros, esta poderia ser a resposta, mas nem eu estou certo de que o seja.

Agora, resta cumprir os projetos delineados:

dentro do espírito de construção de pontes da insularidade que caracterizou este 15º colóquio da lusofonia foi decidido convidar - futuramente - tradutores de Macau e da R. P. da China para traduzirem obras de autores portugueses de matriz açoriana para chinês.

apoiar a criação de uma cadeira de estudos de patuá (em local e moldes a definir) e respetiva base de dados sobre o papiaçám di macau e o papiá kristang de Malaca e apoio às entidades que se dedicam a tal estudo.

garantir desde já a disponibilidade total dos colóquios perante o IIM, a escola portuguesa de macau, o grupo de teatro dóci papiaçám di macau do Dr Miguel De Senna Fernandes, a APIM presidida pelo Dr. José Manuel Rodrigues, e demais entidades interessadas em estabelecerem em linha uma publicação regular de cadernos de patuá, tal como a AICL fez para os cadernos e suplementos dos cadernos de estudos açorianos.

Igualmente se pretende ao abrigo do recente protocolo com o IIM e do memorando de entendimento com o ipm estudar a possibilidade de - em conjunto com a escola portuguesa de macau - criar uma cadeira de estudos de patuá a ministrar presencialmente e, posteriormente, preparar uma versão desses estudos em plataforma e-learning ou e-ensino.

propor a coedição nos próximos doze meses de uma antologia de autores macaenses contemporâneos, se possível bilingue (pt-ch) com base no pré-estudo feito pela colega Lurdes Escaleira e trabalhos de recolha feitos pelas Colegas Rosário Girão, Anabela Mimoso, Raul Gaião, Maria José Reis Grosso entre outros, buscando para o efeito parcerias locais que apoiem o custo da edição e da distribuição.

propor à tdm (entre outros possíveis parceiros) a realização de um estudo histórico tipo documentário sobre a importância da presença de açorianos em macau (ex. º d. Jaime Garcia Goulart, D. João Paulino De Azevedo E Castro, D. Arquimínio Da Costa, D. José Da Costa Nunes, D. José Vieira Albernaz, D. Manuel Bernardo Sousa Enes, D. Paulo José Tavares, José Machado Lourenço E Professor Silveira Machado, entre outros.

(Nota: este projeto arrancaria em papel nos colóquios seguintes graças à persistência de Raul Leal Gaião e de Monsenhor Ximenes Belo).

Criou-se uma vontade imensa de voltar, viver mais intensamente esse mundo a que chamei meu durante uns anos e depois arqueei no ficheiro perdido das memórias. Recuperar lembranças e criar novas referências futuras partilhadas com a mulher e filho mais novo.

Lastimar as ruínas do velho Hotel Estoril na *Sidonau Pasi* (Av. Sidónio Pais) onde vivi seis meses, os primeiros da minha estada em Macau, apreciar as lagoas artificiais na Praia Grande em frente ao apartamento da CEM onde vivi anos, hoje um mero prédio muito pequeno no meio de enormes arranha-céus.

Perder-me na vila de Coloane parada no tempo e nos templos, onde um grupo de jovens chinesas fazia poses em frente à montra da pastelaria onde se anunciavam os (portuguesísimos) Pastéis de Nata.

Não visitei os casinos que desses as memórias são nefastas, mas aproveitaria para visitar todos os prédios ora recuperados, pintados e revitalizados e que os portugueses haviam deixado cair na incúria e no desleixo de ocupantes ingratos da península.

Havia de percorrer o circuito da Guia em novo formato e de faces remodeladas lembrando as reportagens que lá fiz e os aceleranços diários.

Veria as ilhas em busca de lugares perdidos nos tempos e memórias, reencontrar alguns amigos e conhecidos que não se dignaram vir ver-nos e redescobrir a nova Macau que ficará para sempre gravada na memória dos que nos acompanharam.

98.6. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

Foi em 2011 que regressei a Macau após um interregno de quase três décadas. As inúmeras contradições emocionais que me assolaram em 2011, na viagem, estadia e semanas subsequentes foram um turbilhão imenso de sensações e afeções. Raramente escrevi sobre Macau, porque nunca consegui encapsular a célebre cantiga em patuá:

*Macau, nôssa téra
Humildi, di grândi nobréza
Téra pichóti di tanto chiste
Unga fula pa quim ta triste Macau,
nô-sa téra
Na mundo nom tem ôtro igual
Casa di paz, di caridadi
Unga casa pa tudu genti Macau,
Santo Nómi qui Diós j'abençoâ Macau,
'nga tesóro dóci qui nôs guardâ
Téra di sonho, di esperança
Téra di bondádi
Ai bonitéza Macau, nôssa téra"*

Nem sentia minha a canção original dos Thunders e de Rigoberto do Rosário (1970):

*Macau, terra minha.
Trazes a lembrança de uma quinta.
És coberta de folhas e flores.
São alegres as suas cores.
Macau, terra de lendas.
Os contos são as suas fazendas.
Os monumentos históricos que tens,*

*e o ambiente português que manténs
Macau, vivestes sempre longe da sua mãe.
Macau, és a menor da sua família.
És tranquila, e bonita, símbolo da paz, e da beleza.
Macau, terra minha.*

Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, um ponto de passagem e paragem para mais tarde apreciar. Ao contrário de Camões não fui para ali desterrado¹¹⁹. Não se desterra um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triénio afixava uma riqueza relativa. Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, Luís de Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com sossego, despreocupado, estudando a história e a geografia asiática nas Décadas de João de Barros, ao passo que cinzelava de primorosos labores a epopeia arquetizada. Apreciava mais os gozos, a magnificência, as comoções do que os pardaus amuados na arca. Disse-o ele: «*Os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água como bexigas...*».

Eu não amealhara pardaus nas arcas enquanto ali vivi provendo apenas dos vivos e presentes que dos defuntos e ausentes apenas reza a História. Parti a primeira vez para os orientes exóticos e mágicos de Timor em setembro 1973 e no natal de 1976 repeti a viagem, mas sem ali chegar, ficando-me por Macau. Iria fazer esse percurso mais sessenta vezes ao longo dos anos, sempre atraído por esse íman cultural oriental que tanta alma cristã tem roubado ao ocidente. Quiçá será o magnetismo ferroso das pedras que constituem a enorme Muralha da China, aliado ao exotismo das mulheres e homens, aos costumes tão diferentes e agradáveis, se excetuarem aquela mania de comerem tudo o que seja animal... (se mexe, é comestível, dizia-se).

98.7. MACAU 1977 e GARCIA LEANDRO

Ao chegar a Macau na época natalícia de 1976 tinha um certo temor relativo ao Governador, (então) major Garcia Leandro que curiosamente no 15º colóquio, em 2011, (como general na reserva) iria partilhar comigo o palco no Instituto Internacional de Macau numa sessão paralela dos Colóquios a fazer uma palestra sobre o mundo atual ...

Saibamos porquê o meu temor em 1976, recordando excertos retirados do meu livro Timor-Leste Dossier Secreto 1973-1975:

Maio 1974:

Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento.

Um, é o Major Garcia Leandro (posteriormente Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora um mero Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires).

Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua égide.

Posteriormente, um inquérito oficial foi rapidamente arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante [dizem que mil e quinhentos contos] desaparecera ou levava sumiço sem se saber para onde ou como.

A comunidade chinesa, que não esquecera esse incidente, é perentória sobre o não-regresso do Sr. Major Leandro sendo extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Mais tarde (outubro 1974) alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos principais candidatos à posição de Governador de Timor.

Dado existirem pressões [dos chineses e das notícias veiculadas pelos dois jornalistas em Timor¹²⁰], acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau.

Entretanto, em Portugal, o semanário "Expresso" de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: "TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do templo..."

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor.

119 Luís de Camões, apontamentos biográficos, prefácio da edição do Camões de Garrett com notas de Teófilo Braga

120 Cristóvão Santos e J C Chrystello

Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter.

Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.

ii). Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).

iii). Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais não eram afinal pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA.

Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que 'se o governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local.'

Criticamente, afirmou, em editorial no jornal local "A Voz de Timor", que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado.

Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o, então, Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor.

Ele também promete descobrir, no seu regresso a Lisboa, quem foram os autores das 'notícias alarmistas que obviamente "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha."

Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e este autor.

Ambos fizeram parte das revelações do "Aldeigate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo.

De facto, uma cópia do discurso de Aldeia fora por eles escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão (Kupang).

Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores. Quando a PM (Policia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já iam rumo a Lisboa.

Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe.

Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador Aldeia tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada pelo seu secretário José Joaquim Espiga Gomes, para encobrir a existência do seu discurso.

Um último detalhe da sessão no Ginásio, Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor'.

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, quer concordando ou não com os mesmos.

O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar aqueles cartazes.

Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio.

Mesmo antes de sair, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o governador Aldeia.

De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava."

O medo de eu encontrar em Macau o "meu quase futuro" Governador (de Timor) Garcia Leandro ficaria adiado quase um ano.

Apenas ocorreria tal encontro em 1977 quando no Colégio Santa Rosa de Lima, fui apresentar um programa de Jazz japonês a transmitir pela TDM/ERM.

Estava, calmamente à porta a fumar um cigarro quando entra o governador Garcia Leandro que diz "ah ...nós já nos conhecemos de Timor, não é?".

Sinceramente pensei que na manhã seguinte me iriam buscar, sem malas feitas, e escoltar até ao aeroporto de Kai Tak, em Hong Kong, como era costume fazer então aos indesejados.

Apresentei o excepcional programa de jazz e fui para casa, lutando contra a insónia, pensando que não iria completar um ano de estadia em Macau.

Foram infundados tais receios e acabei por ficar seis anos e conhecer outros governadores (Melo Egídio 79-81 e Almeida e Costa 81-86).

A minha relação com o governador Leandro foi pacífica e nada havia a apontar. Certamente, só eu me lembrava do episódio e o mesmo nada significava para Garcia Leandro, predestinado como estava a voos mais altos, que os políticos nunca guardam memória destes pequenos desaires.

98.8. MACAU PORQUÊ?

Mas a pergunta que um leitor atento possa vir a fazer é como é que eu fui para Macau? O ano de 1975 fora um verdadeiro ANNO HORRIBILIS. As ténues memórias que dele guardo, prefiro que fiquem para sempre enterradas nesse enorme baú que é a bruma dos tempos.

O meu companheiro de armas, o João Fernando Queiroz de Vasconcelos [Celinhos], emprestara-me quando vim de Timor, um descapotável Auto Union (AUDI) SP 1000 de motor rotativo Wankel (igual ao da imagem, mas em cinzento prateado). Além deste, fui buscar à garagem do sogro um Skoda 1000 MB que servia para todos os putos da família aprenderem a conduzir. Arranjei-o, artilhei-o, tirei-lhe os para-choques e ficou com melhor aspeto, ou seja, condizia melhor comigo, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia.



Auto Union (AUDI) SP 1000



Skoda 1000 MB

O aspeto condizia com o do carro, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia. Quem iria empregar uma imitação bem-falante de Jesus Cristo?

Com aquele aspeto apenas uma fábrica de botões, gerida por comunistas, algures para os lados do Palácio do Freixo (Porto), me ofereceu emprego, mas propunham retirar 70% do vencimento para o Partido. Não aceitei. Ia continuar sem clube nem partido. Faria disso uma promessa cumprida até hoje. Simpatizante clubista sim, mas sócio não.

Dediquei-me ao fotojornalismo com um amigo, Pedro Ricca, a fazer fotos de crianças colunáveis do jetset portuense. Ganhávamos uns tostões nisto e em explicações sobre o marxismo a uma recém-entrada na universidade.

Tinha tudo programado para regressar a Díli [Timor] após uns dois ou três meses de descanso e férias em Portugal. Lá deixara mobília, casa (o apartamento na SOTA), moto, etc.

Descobri no início da guerra civil timorense de agosto 1975 que o regresso a Timor estava comprometido, já não poderia ir nos aviões da FAP¹²¹.

121 Força Aérea Portuguesa, aviões militares

Não bastava suplicar para me deixarem regressar. Nem o meu pai nem o meu padrinho (então ainda administrador do Banco Totta e Açores) me emprestavam dinheiro (creio que eram apenas 20 contos [Esc. 20000\$00=100 euros] pois tinham a certeza de que uma vez partido jamais regressaria.

Então vieram os indonésios a 7 de dezembro e soube que nunca mais poderia voltar, pelo que decidi tentar regressar a Bali. Entrementes, escrevi à namorada australiana de Byron Bay, em Bali, a pedir paciência. Ninguém me dava a hipótese de trabalhar em Portugal apesar de ter escrito centenas de cartas de candidatura e de ter ido a dezenas de entrevistas.

Depois de tudo tentar e já em desespero de causa resolvi apelar ao major Carlos Carrilho, meu ex-chefe militar, Chefe dos Serviços de Intendência Militar em Timor, para ver se tinha conhecimento de alguma hipótese de trabalho remunerado. Felizmente para mim ele acabara de ser nomeado Administrador da Companhia de Eletricidade de Macau e precisava de um Economista para gerir o setor administrativo, pessoal, armazenamento e transportes da nova central termoelétrica em Coloane.

As condições eram boas para um jovem de 26 anos: cinco mil e quinhentas patacas ao mês iniciais (limpas, isentas de impostos), cama sem mesa nem roupa lavada. Direito a casa mobilada, todas as despesas médicas pagas, carro da companhia, energia elétrica (a mais cara do mundo) totalmente paga, três meses de férias em qualquer parte do mundo de dois em dois anos.

Cortei o cabelo, comprei uns fatos novos e aceitei. Depois de duas idas a Lisboa onde me avistei com os administradores da CEM, Eng.º Martins Dias e major Carlos Carrilho, assinei contrato, após o típico bife, durante uma sobremesa, em plena Cervejaria Portugalíia na Av. Almirante Reis, em outubro desse ano. Partida marcada para o Natal 1976. Fiz um mês de estágio na Central Térmica do Carregado onde aprendi todas as formalidades burocráticas de uma Central Termoelétrica.

Continuei a escrever longas missivas para a Austrália e Bali onde estava aquela com quem fantasiei (durante anos) que iria viver o resto da vida.

Quando depois falava da minha estadia no nirvana, perdão Bali, reconstruía sempre mentalmente esse período e juntava as poucas fotos de que dispunha para melhor ilustrar a época, da qual falava trinta anos mais tarde como se tivesse ocorrido na véspera.

“Quando vivia na Indonésia, em Bali” e depois perorava sobre o tempo que lá vivera onde a melhor água era a do mar a uns cem passos da sua cabana de colmo. Era uma palhoça com cobertura de colmo, base e teto de madeira e paredes de bambu, aí duns 30 metros quadrados. Havia janelas de bambu a toda a volta, e umas traves fortes no teto a segurar a cobertura de colmo. Ao acordar, era levantar e ir dar um mergulho naquelas águas quentes, sem preocupações, sem amanhã, nem ontem. Cá fora havia as instalações sanitárias que até eram ocidentais, ao contrário do que acontecera na sua casa anterior e no “losmen” onde também vivera¹²².

E isso contrastava, felizmente para mim, com as do primeiro “losmen” em que tínhamos apenas um buraco no chão, com duas pegadas grandes onde era suposto colocar os pés e depois agachar. Para se lavarem havia uma espécie de tanque da roupa, com um balde que tinham de encher e depois despejar por cima de cada um quando já estavam ensaboados. Havia um pequeno espelho para aqueles que ainda faziam a barba, uma atividade rara nos idos de 1973-1975.

A princípio aquilo fazia uma certa impressão, mas vivera em Timor quase dois anos sem banhos quentes, e raramente tendo acesso à luz elétrica. Esta vida era ainda mais primitiva e mais simples. Fora aqui que comprara o seu primeiro par de “jeans” (ganga ou bombazina chamam-lhe os portugueses) e umas sandálias à Jesus Cristo, enquanto o cabelo e a barba cresciam. (descrição mais detalhada na crónica nº 10/2006 de janeiro 2006)

À data de ir trabalhar para Macau, já deixara há muito de viver com a mãe dos meus filhos gémeos e regressara a casa dos meus pais. Chegando o Natal, despedira-me dos gémeos e da restante família e partira. Era o único feliz com a partida, os restantes estavam tristes e sombrios. Imaginei agora em 2011 como seria bom reviver essa alegria

122 ver Crónica 10, 19 janeiro 2006. Dos açores a Bali vai o voo dum milhafre

e partir agora, de novo, para Macau. Enfim, estava de volta ao Oriente exótico que me enfeitiçara. O destino não era Bali, Austrália ou Timor, era Macau que se localizava bem perto de qualquer um daqueles destinos, e que bem poderiam estar ao meu alcance a curto prazo, logo que tivesse direito a férias, com o vencimento que iria auferir. Um verdadeiro tiro no escuro dourado pelo avultado salário que iria fazer esquecer ano e meio de vida miserabilista numa existência marital atribulada a que acrescera a vida dos filhos gémeos, sem que o nascimento deles me viesse a impedir de realizar o sonho de sair do país a todo o custo.

Não podia voltar a Timor (então ocupado ilegalmente pela Indonésia) e ainda não tinha autorização para emigrar para a Austrália, pois teria de resolver o problema da dissolução do casamento primeiro e só depois de casar com a australiana poderia ir... Sabia que tudo se iria resolver, as expectativas eram altas e a solução fora sempre partir de Portugal desde o dia em que infelizmente decidi voltar em junho 1975. Considerava esse interregno o preço a pagar pela libertação dum casamento falhado desde o início.

Ali estava pronto a partir para esse célebre porto da Rota da Seda em pleno delta do Rio das Pérolas e com o toque mediterrânico que a presença portuguesa ali implantara. À chegada tinha um funcionário da CEM (Companhia de Eletricidade de Macau) (ainda me lembrava do nome dele, Sr. Cruz dos serviços administrativos) à sua espera e dum colega futuro, Eng.º Saltão, Helena e Filomena (mulher e filha) que também haviam chegado nesse dia a Hong Kong. Ficamos instalados no Hotel Estoril na Avenida Sidónio Pais.

Como era meu direito, tinha requisitado uma casa grande como se toda a família se viesse a reunir comigo, o que nunca deve ter passado pela cabeça de ninguém.

Logo na primeira semana fomos homenageados com um jantar de 15 pratos oferecido pela administração da CEM, com Ho Hin (deputado em Pequim e o verdadeiro poder em Macau), Roque Choi e outros dois administradores portugueses da companhia. Ali me debatera pois não sabia comer com os pauzinhos. Em Timor comia imensa comida chinesa, em restaurantes chamados A-100 ou A-200 ou noutros locais, mas sempre com talheres, nunca experimentara os pauzinhos... Roque Choi iria chamar-me à parte e dizer-me como poderia aprender a usar os fai chi. Quando dominar os pauzinhos numa ervilha saberá usá-los bem.... Assim fiz e aprendi. Ainda hoje uso esse exemplo para ensinar os que os não sabiam utilizar.

Eram poucos os lusitanos nessa época em Macau. Na CEM estavam já um Norberto Tavares da Silva, mulher e dois filhos, um João Jacques Valente e mulher, Mário Saltão e mulher, Luís Quintela e mulher, João Lima e mais um ou outro engenheiro ou engenheiro-técnico, que naquela época ainda se discriminavam uns dos outros e o José Carvalho Sócrates Pinto de Sousa não nascera para os igualar. Acabáramos por totalizar 80 tecnocratas ao fim de um ano e pouco. Fomos os primeiros duma nova leva colonial. Éramos mal recebidos e mal vistos pelos macaenses. Salários exorbitantes, casas pagas e demais regalias. Os locais tinham salários de fome e condições de vida inferiores.

Como residentes, havia apenas meia dúzia de portugueses, normalmente acompanhantes de cada governo e de cada governador, mais as famílias locais macaenses, seculares descendentes de portugueses, e um ou outro soldado, polícia ou militar que se perdera após a tropa. Estas famílias tinham normalmente sangue português, chinês, malaio ou goês mesclado desde há séculos em proporções variáveis e muitas falavam entre si um crioulo local, o patuá ou Dóci Papiaçám di Macau.

As suas feições eram variadas, das mais ocidentais às mais orientais, das mais claras às de tez mais escura de origem malaia. Uns andavam nos colégios chineses, outros no liceu ou nos colégios de língua inglesa. Eram quase todos políglotas em busca de uma identidade. Maltratados pelos chineses que não gostavam das meias castas e tratados abaixo de cão pelos portugueses que os julgavam inferiores, desconhecendo ou menosprezando a sua herança cultural e genética. O resto da população de cerca de 300 mil almas era constituído por chineses.

Uns anos depois a nossa presença como novos colonizadores seria totalmente apagada pelas condições milionárias firmadas por novos abanadores da árvore das patacas. Chegaram no início da década de (19)80, mais de 2

mil portugueses (posteriormente seriam dez mil), para diminuir quando da entrega de Macau à República Popular da China em 1999.

Os nomes das ruas estavam escritos em português, mas ninguém falava a língua. Como já a atrás se disse, a avenida onde residi chamava-se Sidónio Pais, mas se não dissesse sidonau páci (transcrição fonética literal) nenhum condutor de táxi me levaria lá.

Essas primeiras semanas de adaptação, nesta fase, temporária e geograficamente solteiro, foram marcadas por um encontro que viria marcar o futuro e daria lugar a mais um casamento no notário. Conheceu na recepção do Hotel Estoril uma jovem macaense muito atraente, com quem trocara as primeiras palavras “A menina fala português?” ao que ela respondera, “claro que sim, sou portuguesa...”

Comecei a degustar a comida local bem diferente da comida chinesa mais picante a que me habituara em Timor. Apreciei também, que nisto fui sempre uma pessoa aberta, novas culturas, novas línguas, novas experiências. A adaptação inicial foi fácil. O pior foi que, para ocupar os tempos livres e em busca de novas sensações, me tornara assíduo cliente do Casino Lisboa, do magnata Stanley Ho. Rapidamente perdi quatro meses de vencimento. Acabava de trabalhar na CEM, metia-me na carrinha de sete lugares, minha viatura oficial nos primeiros tempos e lá estava no Blackjack com os companheiros Tavares da Silva, Valente, Lima e Saltão. Ao fim de algum tempo a meter vales de adiantamento de vencimentos resolvemos pedir ao Saltão, que era o menos jogador de todos nós, que servisse para rebentar com a banca. Assim, consegui recuperar rapidamente numa semana, o que perdera em meses.

Comprei uma aparelhagem para substituir a de Timor (que tinha vendido em Díli em 1974 para fazer a viagem de deserção para a Austrália). Quando cheguei ao hotel Estoril trazia um combo da Philips com toca-discos, toca cassetes e rádio mais um televisor da mesma marca. Jurei nunca mais entrar num casino para jogar, promessa até hoje cumprida, passados mais de trinta anos.

O principal casino era o Lisboa, na altura o maior e mais importante casino do Oriente, pertença de Stanley Ho que o criara em 1962 (o seu monopólio duraria até 2002) com os seus sócios Teddy Yip (cunhado, marido da irmã Susie), Yip Hon e Henry Fok.

Os casinos eram diferentes dos europeus, os chineses, os tancareiros e as tancareiras, entravam descalços, maltrapilhos e apostavam fortunas que eu nunca ganharia em toda a sua vida.

Como eles amealhavam tais fortunas escapava ao seu raciocínio, mesmo admitindo que negociassem em drogas, tráfico de pessoas ou mero contrabando para a China.

Nos cantos dos salões de jogo havia escarradores, frequentemente utilizados por entre o nevoeiro de fumo e de cheiros intensos que caracterizavam o Casino Lisboa naquela era. Nunca se sabia se era dia ou noite, a menos que se saísse do Casino. Pessoas havia que nunca sabiam em que dia da semana, do mês ou do ano estavam. Havia mesmo quem lá vivesse enquanto havia dinheiro para pagar os quartos do hotel. Era uma fauna diferente de tudo o que vira antes nos casinos europeus. O que mais impressionava era a falta de charme e de glamour associada aos casinos em Portugal na década de 1970. Havia toda uma fauna diferente de agiotas a prostitutas e meros viciados no jogo.

Nunca me esqueceria de - no meu primeiro ano novo chinês em 1997 - ver uma tancareira¹²³ maltrapilha e descalça, entrar e sentar-se numa mesa de boule ou bacará (ou seria nos mais tradicionais e tipicamente jogos chineses do Fan Tan? Ou antes no Sic bo (骰寶), vulgarmente chamado dai siu (大小), grande ou pequeno ou hi-lo). Trazia com ela um molhe

123 Mulher que tripula o tancá."tancareira", Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] <http://www.priberam.pt/dlpo/tanca-reira> [consultado em 07-01-2016].

de fichas equivalente a muitas vidas inteiras de salários minhas. Ali ficaria até os perder e regressaria à sua embarcação para labutar mais um ano. Não sairia mais cabisbaixa do que quando entrara. A resignação fazia parte do jogo tal como a alegria quando se venciam aos dados, aos botões ou à bola da roleta.

Não se viam funcionários públicos nos casinos, já que esses estavam estatutariamente proibidos de lá entrar, exceto nos feriados públicos. Todos os executivos da CEM eram considerados privados, embora pertencessem ao governo de Macau, antes de a CEM ser anexada pela EDP. Os funcionários menores eram equiparados a públicos e só podiam entrar no Casino durante a loucura dos 3 dias do ano novo lunar.

Os mais sortudos ficavam, dia após dia, até se esgotarem os fundos. Entravam decididos a tentar a sorte e só saíam quando ela se esgotava. Comiam, bebiam e jogavam até acabarem as fichas. Era um espetáculo mórbido nesses dias em que decuplicava a habitual frequência dos casinos e mal se conseguia uma mesa num dos bares para se tomar um café. Pessoas que raramente se viam ou se encontravam, estavam ali durante a loucura dos três dias do ano novo chinês. Nas ruas havia apenas o movimento apropriado ao lançamento de panchões e danças de dragão inerentes às festividades.

Continuei a manter regularmente a correspondência com a australiana, com quem vivi em Bali em 1975, onde continuava a trabalhar no negócio de impressão de roupa batikue, com um primo e prima.

Depois de uma ida à Austrália veio para Macau em março de 1977.

Ali ficou até ao fim do verão em idílio remoçado. Aluguei um quarto para ela no Hotel a fim de não haver problemas éticos em relação ao quarto que a CEM me pagava e acelerei o processo da moradia mobilada a que tinha direito e que viria a ser concedida, pouco depois, a umas centenas de metros do Hotel, no nº 5 A da Avenida Coronel Mesquita no edifício Jade Garden.

Tinha três quartos, pois legalmente era casado e tinha dois filhos.

A vida no Hotel Estoril estava prestes a findar com todas as vantagens de discrição sem vizinhos chuchumecos, com o bónus de fazerem a cama lavada todos os dias, limparem o quarto, tratarem da roupa e proporcionarem a amizade tailandesa e filipina das massagistas que ali operavam.

Estava concluída a fase de adaptação a Macau.

Comprei logo no começo do ano o M-61-63, o primeiro carro a ficar oficialmente registado em meu nome. Tratava-se de um Fiat 128 3-P Coupé-S, 1100 cc, todo artilhado, cabeça rebaixada e com uma potência surpreendente que me iria servir durante um ano e meio ou dois. Estive quase a inscrever-me no Grande Prémio de Macau dadas as suas (do carro) capacidades desportivas. Mais tarde, este potente carro viria a ser lentamente assassinado com quilos de sal no depósito de gasolina, quando as seitas resolveram adicioná-lo à gasolina, em vingança por ter cortado um dos esquemas de extorsão a candidatos a funcionários.





O trabalho era difícil não só por ser a segunda vez que punha os meus conhecimentos de Economia e Gestão a funcionar (a primeira fora nos Serviços de Intendência em Timor e que tarefa inglória essa fora!) mas porque a CEM era uma enorme companhia de 750 empregados, falida e desorganizada. Tinha sido recentemente comprada aos ingleses e mudara o nome de MELCO¹²⁴ para o mais português de CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), mas os hábitos e as tradições de trabalho mantiveram-se.

O meu esforço do primeiro ano começava a dar resultados práticos e logo que a Central Coloane nos fosse entregue no ano seguinte, no regime de chave na mão, estávamos prontos para tomar conta dela e geri-la.

Descobri, como vimos atrás, um esquema de corrupção na admissão de pessoal menor (serventes, condutores, auxiliares, etc.) segundo o qual os aspirantes a uma vaga pagavam antecipadamente um ano de vencimento a fim de poderem entrar.

Como resultado, passara eu a fazer essas admissões pois aquela descentralização de tarefas dera tão mau resultado. Uns dias depois de o esquema estar montado surgiram as retaliações.

O carro apareceu primeiro com os pneus furados, depois meteram-lhe sal no motor, o que obrigou a que fosse o motor desmontado e lavado, peça a peça.

Um dos suspeitos e alegados responsáveis pelo esquema de corrupção era meu subordinado como Chefe de Armazém (um simpático e prestável senhor A'Heng), nascido em Moçambique, de etnia chinesa, veio ter comigo e dizer que conhecia pessoal duma seita de Macau (a mais conhecida era a sap sei kei ou 14 quilates) que podia descobrir quem estava por detrás daquilo e proteger de futuros eventos].

Agradei, mas não aceitei. Depois de algumas repetições da sabotagem à viatura particular e à de serviço, como não dispunha de garagem por esses dias passei a dispor de proteção policial todas as noites.

Mal sabiam os meliantes, ao praticarem atos de vandalismo na minha viatura própria ou na de serviço (aqui a norma eram os quatro pneus furados) que a CEM se responsabilizava pela sua total reparação e indemnização...o prejuízo era para o erário público.

Mais uma vez venci as adversidades sem me dar por vencido.

Como muito bem disse John Stuart Mill (1806-1873) num livro “Sobre a Liberdade” em que defende a liberdade de discussão e expressão com argumentos importantes, *“existe uma banalidade epistémica: somos todos falíveis”*.

Eu só o descobriria muito tempo mais tarde, já bem entrado nos meus quarenta anos, pois que até então sempre me sentira infalível na metodologia calculista de pesar sempre os prós e contras, antes de tomar qualquer decisão. Isto nunca me impedira de, como agora, não tomar decisão nenhuma e serem os outros os culpados por me forçarem a adotar e aceitar a decisão que outros tinham tomado.

Eu fazia assim uma arqueologia do meu pensar e decidir, que, por vezes, desenterrava esqueletos corroídos pelo meu penar. Ou como François La Rochefoucauld disse *“a gratidão da maioria dos homens não passa de um desejo secreto de receber mais favores.”*

Tinha, obviamente, problemas de consciência relativamente aos meus filhos gémeos e não me arriscava a iniciar um processo litigioso. A mulher e mãe das crianças, continuava a recusar falar de divórcio. O impasse manteve-se há mais de um ano. Ela recusava tentar refazer a vida e ir viver para Macau com os gémeos.

124 (Macao Electric Light Company)

A jovem macaense rececionista do Hotel Estoril, entretanto, fora admitida para telefonista da CEM em Coloane durante o período de férias escolares (terminara o sétimo ano do liceu). Um dia saíra com ela para jantar, foram à praia de Cheok-Van sob a sombra imponente da então Pousada de Coloane, ver o luar e céu estrelado.

A minha desonestidade, infidelidade e a cedência fácil à luxúria e ao prazer egoísta e hedonista caracterizavam a minha mente insegura.

Não só neste período, mas durante grande parte da minha vida adulta. Adúltera? Essa mesma jovem, entretanto, despedira-se porque as férias estavam a chegar ao fim.

Não se despediu de mim. Continuou fazendo de mim a sua ocupação de tempos livres interrompendo o namoro com o Luís Lobo, filho do gerente do Hotel no Casino Lisboa.

Em finais de setembro 77 aparece, inesperadamente, a minha mulher com um dos gémeos. O outro ficara em Portugal.

Ainda tentei que a macaense ficasse baby-sitter do filho, mas a marosca foi descoberta quando fui passar o dia a Hong Kong com ela e fui visto pelos colegas da CEM que prontamente me vieram chibar. Trouxera um bolo de Hong Kong que ninguém comeria pois levei com ele na cara mal meti a chave na porta pela meia-noite de 5 de outubro de 1977.

O cinema ia continuar.

Este filme não era uma comédia. A mulher, apesar do inferno que se tornara a vida sob um mesmo teto, ficaria desde finais de setembro 1977 até março 1978.

O abismo repetiu-se nesses meses. A vida era um autêntico filme de terror silenciosamente observado pelo jovem gémeo Rudy com menos de dois anos de idade.

O outro ficara em Portugal e disso se haveria de queixar durante toda a vida, por ter sido injustamente discriminado. Ela chegara mesmo ao ponto de tentar invalidar o meu contrato de trabalho por infidelidade.

Fora uma tentativa desesperada, deveras curiosa, em especial se considerarmos o meio ambiente local e as regras e costumes de Macau...

A jovem macaense emigrara, com a família, pois já tinha um irmão e a irmã mais velha na Austrália Ocidental.

Isto vinha facilitar a vida na fase final em Macau com a mãe dos gémeos, sempre marcada por discussões diárias, agressões verbais (e não-verbais), chantagens e ameaças diversas.

Quando partiu de volta a Portugal, onde estava o outro filho gémeo, eu ficara cheio de remorsos por ver o filho partir, até quando nem eu sabia.

As sociedades orientais e, em especial a macaense, aceitaram durante séculos que os homens tivessem as suas concubinas, numa tradição secular cheia de normas e etiquetas, mas sem que as primeiras damas vulgarmente designadas como “tai tai” alguma vez levantassem um pio que fosse ou fizessem escândalo.

“Tai Tai” significa literalmente MULHER SUPREMA, A NÚMERO UM, definindo normalmente a mulher casada que não trabalha, mas essa definição tradicional de mulher mais importante entre as mulheres, perdeu hoje parte do seu significado.

Hoje em dia, uma “*Tai Tai*” seria a definição apropriada para senhoras que vão a almoços, dispendo de imenso tempo para chuchumecar (fococar) sendo casadas com homens ricos enquanto elas adoram fazer compras (ganhavam a medalha de ouro nas olimpíadas das compras, se existissem) e ir a spas. Claro que apenas usam diamantes com as obras genuínas da Prada, Louis Vuitton, Chanel e Gucci de logótipo bem à vista... educacionalmente tiram cursos de origami ou de culinária com os melhores chefes.

Esse negócio das concubinas era o segredo mais mal guardado numa cidade pequena onde o vício, e tudo o mais andam sempre de mãos dadas. Raros eram os chineses (ou mesmo macaenses) da classe média e alta, que não tivessem vidas paralelas, perfeitamente estabelecidas e aceites pela comunidade, em geral, e pela família, em particular. Hoje parece não ser tão vulgar, mas então ainda era sinónimo de riqueza e de prosperidade.

O marido da “Tia” Graciete Batalha (nonagenário em 2011), então um conceituado médico local e tio da jovem macaense) era disso um exemplo com os seus dois filhos da enfermeira que lhe tratava do seu consultório junto à Sé. A famosa escritora especializada em patuá deveria ser a única pessoa em Macau que não sabia ou então adotara a chinesa posição dos três macacos, absorva como estava sempre nas aulas e nos seus estudos. Todos sabiam menos ela. Nem se deu conta dos problemas que o jovem filho do marido tivera com uma das seitas, que foi atrás dele quando estava a estudar no Canadá e o obrigara a voltar a Macau para trabalhar para eles até ao fim dos seus dias.

Isto de seitas por aqui embora não sendo tão mortíferas como a Yakuza japonesa também não deixam os seus créditos por mãos alheias. Consta que depois da transição de soberania para a China estão mais ordeiras e controladas, mas continuam a ser seitas. Longe, porém, vão os tempos da sua formação inicial de benemerência como resistentes aos invasores mongóis. Aliás a página do governo de Macau explicava a sua formação nestes termos:

A palavra "seita" nem sempre teve as conotações negativas que hoje em dia lhe são atribuídas.

Noutros tempos, tratava-se de um substantivo que designava da forma mais neutra possível um facto social e religioso muito divulgado nos tempos antigos.

A sua etimologia é disso prova, já que a palavra vem do verbo setor, intensivo de sequor, "seguir", "acompanhar".

As seitas participavam em pleno na vida religiosa desses tempos de que, de facto, constituíam a mais importante realidade.

Este fenómeno sectário foi uma realidade que esteve sempre presente.

No sul, mais concretamente na cidade de Cantão, um grupo de simpatizantes do imperador Ming (1644) e das suas políticas sociais e económicas, com o propósito de derrubar a dinastia sucessora - Qing (1644-1911) - reunia-se secretamente, num edifício com o número de polícia 14-K.

Os seus objetivos eram essencialmente políticos.

Os seus fins, a essência que esteve na base da sua criação, nem sempre foram corretamente interpretados.

Uma vez mal compreendidos, foi fácil a alguns, aproveitarem-se do nome da "associação" e da memória daqueles que por motivos honrosos lutaram, transformarem uma determinada organização político-revolucionária numa sociedade secreta.

Ainda hoje, a "seita 14 Quilates" é uma das legalmente consideradas secretas (artigo 3º., alínea a) do Decreto-Lei Nº. 1/78/M, de 4 de fevereiro), a par com a "Wo On Lock", aliás "Soi Fong" ou "Gasosa", ou com a "Wo Seng I", aliás "Seng I" e com a "lau Lun".

Contudo, apesar de a sua denominação se ter mantido ao longo dos séculos, os fins que orientam a sua atividade são, nos dias de hoje, completamente distintos daqueles a que se propuseram os seus fundadores ao criarem a "sociedade secreta".

O Professor Doutor Jorge de Figueiredo Dias no seu livro "As Associações Criminosas No Código Penal Português de 1982" (pp. 52-53) identifica este problema da desvirtualização dos fins da "sociedade-mãe". Diz:

" Os membros serão todos aqueles que aderem e põem em prática os objetivos que a sociedade visou alcançar. Não basta a entrada formal - com a entrega de um envelope vermelho (lai-si) contendo MOP \$3,60 - para podermos imediatamente concluir que um determinado sujeito, com a dita ação, passou a ser um membro da associação. É necessário que se conforme com os fins da "sociedade secreta", que pratique atos materiais ou psicológicos subsumíveis na atividade da sociedade-criminosa e que seja reconhecido pelos outros membros como fazendo parte daquela organização."

O meu amigo Nick Griffin, jornalista da TV de Hong Kong, entretinha-se por esses dias, morbidamente apaixonado pela francesa Françoise, da companhia de dançarinas do Crazy Horse como forma de se tentar ressarcir do facto de a Gillian, mulher dele, o ter trocado por um comandante da Polícia de Hong Kong.

Nisso éramos os dois irmãos na desgraça e amores fanados.

As francesas e dançarinas de outras nacionalidades que então escandalizavam Macau, sob a supervisão do Guy Lesquoy (em 2011 era diretor de entretenimento do Casino Venetian), eram nossa companhia habitual para as ceias depois dos programas da rádio, que terminavam pela meia-noite.

Eram igualmente uma forma de desenferrujar o meu francês, língua que ninguém pensaria ouvir em Macau. Mais tarde, iria convidá-las para a minha boda....

Eram umas amigas como outras quaisquer que nestas coisas de amizades nunca eu discriminara pela política, sexo ou profissão.

Deixemo-nos de falsos puritanismos, muitas destas amigas, fossem elas as francesas, as tailandesas ou as filipinas tinham valores morais e familiares bem mais elevados do que muitos daqueles que se benziavam por tudo e por nada e iam à missa.

Lembro-me de que cerca de 90% do que as filipinas ganhavam era reenviado para casa para sustentarem os pais que viviam em abjeta miséria.

Todas tinham uma noção profunda de respeito pelos pais e avós, pelos maridos e filhos e acreditavam piamente na inviolabilidade do casamento.

Eu não me aproveitava delas nem tampouco as queria salvar dos miasmas corrompidos da sua profissão. Sabia que era uma fase transitória finda a qual iriam regressar a suas terras e levar uma vida normal.

Recordo ainda, que jamais se esqueciam da sua data de anos e sempre o presenteavam naquela data. Uma coisa era a profissão (que envolvia sexo, mas podia envolver qualquer outra coisa) e outra era a amizade, mas a sociedade puritana de Macau - à semelhança da de Portugal - dificilmente me perdoava estas amizades.

Enquanto isto, muitos dos que me criticavam, levavam vidas bem mais sórdidas e devassadas, mas mantinham a hipócrita fachada que sempre caracterizou a fingida sociedade portuguesa. Esses, quando iam às mensagens faziam-no às escondidas e compravam vídeos pornográficos, mas criticavam-me por ser amistoso com elas. Era fácil ver quem eram os meus verdadeiros amigos.

98.9. NATAL 1978: O FAROESTE AUSTRALIANO

A minha mulher antes de partir escrevera para a australiana a dizer que tudo era mentira e o casal vivia em pura felicidade...e, graças a isso, eu nunca mais saberia dela que, infelizmente, acreditara no embuste. Assim perdi um grande amor da minha vida sem jamais me perdoar por ter deixado que isso tivesse acontecido.

Foi um capítulo da vida que ficou inacabado, quase como aquelas almas que vagueiam pela terra sem encontrarem a luz ao fundo do túnel, buscando a paz de que necessitam para passar para o lado de lá. Era assim que imaginava esse capítulo incompleto.

Mais tarde, muitos anos depois, já na Austrália tentei, sem sucesso, localizá-la e escrevi para as antigas moradas, sem nunca obter resposta.

Muitas vezes pensei nela nos inúmeros dias infelizes que passei na Austrália. Mas o túnel nunca tinha fim e jamais se alumiou para que pudesse pedir desculpa pela mentira da minha ex-mulher que nos impediria de ser felizes como tínhamos sido nas vezes que vivemos juntos em Bali, Jacarta e em Macau.

Quando o Natal (1978) se aproximou, demonstrei a minha total instabilidade emocional e o caos mental por que a minha tola cabeça atravessava e contactei a NF, AP e AW para ver se alguma delas me abrigava e albergava nesse Natal e a única a responder foi a AP. Fui a Perth e fiquei a viver com ela e a irmã em Cottesloe, um excelente subúrbio de praia na Austrália Ocidental que ainda não visitara. Lá, noutro subúrbio mais afastado, estavam os pais com três irmãos que ainda não conhecia. Ali se tinham fixado desde a saída de Macau. Fora em Perth, que viria experimentar a temperatura de 43 °C num belo dia em que o MGB-GT descapotável da sua futura cunhada mais velha (divorciada dum casamento que durara anos com um primo direito macaense), se recusara a andar mais numa subida dum parque de automóveis. Todo o trânsito parara à espera de que o MG arrefecesse.

Dia 24 de dezembro tive de ir a uma Missa do Galo, em inglês, para impressionar aqueles que seriam os meus futuros sogros. Era muito tarde quando regressamos para uma ceia tipicamente macaense, mas onde eram notórias as semelhanças gastronómicas portuguesas. Nos dias seguintes com o seu futuro cunhado, Charles Clifford, então namorado (depois marido) da irmã mais velha dela, começou a deliciar-se com as águas quentes a bordo do iate Breakaway ao largo da ilha de Rottnest. Dias de pesca, sol e mar... Aquilo sim era uma boa vida. Estava firmemente decidido a cumprir a sua nova promessa de fazer daquela a sua terra, pátria adotiva, já que Timor estava a ferro e fogo. Já antes o decidira quando ali estivera em 1974.

Fruto destes rápidos desenvolvimentos na arena amorosa, acabei por não ir a Portugal ao casamento da minha irmã que ia, finalmente, dar o nó com o Gil, que não era o Gil Grissom como o da série CSI, antes pelo contrário.

A incessante, desordenada, busca da felicidade e as tentativas desordenadas de ser feliz eram as minhas únicas preocupações naqueles dias.

No fim de janeiro convenci a jovem macaense a voltar comigo, pois o avô paterno acabara de morrer na ausência dela, de seus pais e demais familiares emigrados na Austrália. Esse avô fora o último Cônsul Português em Cantão (Guangzhou) durante a 2ª Grande Guerra. Ofereci-lhe um bilhete de ida e volta, para o caso de querer regressar à Austrália.

Depois de estarem em Macau, quer os pais dela, quer um irmão mais velho, emigrado na Austrália desde os 15 anos, queriam à força que ela regressasse aos estudos na Austrália. Ali iniciara um curso de Graphic Design no ano anterior.

Tentei, novamente, abordar a mulher com a qual ainda me encontrava legalmente casado para que me concedesse o divórcio. Quando soube que, desta vez, eu queria mesmo o divórcio, e não parecia ter já pruridos em relação aos filhos gémeos, depois de tantos meses e anos de hesitações, ficou ainda mais furiosa.

Os traumas de guerra e do SMO que tanto me haviam afetado e haveriam de marcar a minha vida toda, sem nunca sararem ou desaparecerem, impeliam-me.

Agora, mais do que nunca, ia tentar refazer a minha vida. Ia recomeçar.

Tentar ser feliz, ter uma família e uma estabilidade que compensassem as carências e os desgostos que a destruição do meu modus vivendi tivera devido à tropa.

Enquanto esperava que os advogados tratassem do assunto, vivi com a jovem macaense, quase dez anos mais nova, cheia de vitalidade. Não pretendi, porém, que o divórcio me retirasse os "direitos paternais".

Acabaria por ter de interpor um processo litigioso, depois de tantas tentativas de acordo paternal se gorarem. Como sempre acreditava na igualdade de direitos e deveres, entre os sexos e no casamento.

O divórcio iria marcar-me, por muitas décadas, e afetar definitivamente as hipóteses de um relacionamento saudável com os meus filhos.

Macau está assim intimamente ligado a vários eventos amorosos e outros que viriam a condicionar o meu amadurecimento como pessoa e a adiar projetos pessoais e sonhos ainda por inventar. Talvez por essa razão me tivesse quase esquecido - durante décadas - que ali estive seis anos. Aquela terra estava indelevelmente ligada a momentos bem difíceis da minha vida e se bem que houvesse outros bem mais felizes, o que me vinha à memória eram as adversidades pessoais e emocionais que ali passara.

98.10. MACAU FOI UM COMEÇO, UM TRAMPOLIM PARA A AUSTRÁLIA

Esse ano foi realmente excitante apesar de eu ter enveredado por um caminho dúbio. Queria gozar a vida como se não houvera amanhã.

Um hedonista perfeito em perfeito levante exótico.

As amigas massagistas chinesas, tailandesas, filipinas e outras, como as meninas do Crazy Horse, faziam-me acreditar que a vida era para ser levada a sério na total fruição dos prazeres sem espiritualidades a empecilharem o rumo.

A propósito recordo ainda o dia em que os mórmones me tocaram à porta e eu fumava, bebia e tinha aberta - em cima da mesa de café - uma revista da Playboy...

Nunca mais voltaram a bater à porta. Ainda me lembrava da cara que eles fizeram, enquanto mentalmente se benziam e rezavam pela minha salvação.

Outra fase interessante na minha longa aprendizagem de vida, sem descurar todas as vertentes do conhecimento, foi quando, durante alguns meses, me amiguei com os Meninos de Deus e as suas numerosas famílias polígamas cheias de crianças louras.

De acordo com a definição atual na Wikipédia,

Os Meninos de Deus, depois conhecidos como Família do Amor, a Família, e agora a Família Internacional (FI), é um movimento religioso, amplamente referido como uma seita, que teve início em 1968 em Huntington Beach, Califórnia, Estados Unidos.

Foi uma dissidência do Jesus Movement do final dos anos 1960, com muitos dos seus primeiros convertidos saídos do movimento hippie.

Esteve entre os movimentos que inflamaram a controvérsia das seitas nos anos 1970 e 1980 nos EUA e na Europa e provocaram o primeiro movimento antisseita (FREECOG).

Cedo, porém, constatei tratar-se de uma seita que promovia a promiscuidade sexual em nome de Deus, como parece ser verdade em vários locais do mundo a acreditar nos registos que hoje se podem ler na internet. Afinal, não precisava daquela religião para encontrar o prazer polígamo. A própria organização secular chinesa, aceite pelos locais e tolerada pelos macaenses parecia facilitar o meu paradigma de vida, sabe-se lá se inspirado em Camilo Pessanha...

Excessos de regras orientais. Tão prazenteiras para um espírito ocidental. No entanto, tantos estragos fizeram em grandes figuras como Camilo Pessanha (Coimbra, 1867 - Macau, 1926) que se mudou para Macau em 1894 e, durante três anos, foi professor de Filosofia Elementar no Liceu de Macau, sendo nomeado em 1900 conservador do registo predial e depois juiz de comarca. Entre 1894 e 1915 voltou a Portugal algumas vezes, para tratamento, tendo, numa delas sido apresentado a Fernando Pessoa que era, como Mário de Sá-Carneiro, grande apreciador da sua poesia. Poeta expoente máximo do Simbolismo, Pessanha era um opiómano.

O texto que adiante se transcreve é de Alberto Osório de Castro, provavelmente escrito em 1916, para sensibilizar os responsáveis pelo Museu das Janelas Verdes, demonstrando-lhes a importância da coleção que Pessanha oferecera ao Estado português em 1915, e o relevo do intelectual que fazia a oferta.

O episódio da doação da sua coleção longamente acumulada foi motivo de grande desgosto para Pessanha. Foi feito em julho de 1915, quando o poeta expôs as melhores peças do seu acervo particular no Palácio do Governo.

Em meados do ano seguinte, a coleção nem sequer havia chegado a Lisboa; e, quando chegou, não foi aceita pelo Museu das Janelas Verdes, que, no ano seguinte, formalizou a recusa. Após algum período de incerteza as peças foram enviadas ao Museu Machado de Castro, em Coimbra, onde ficaram, exceto por breve período, sepultadas no depósito, fora do alcance do público:

«Como essas fotografias avivam em mim a esta hora de inverno português, entristecida de lufadas e névoa, a relembração dos resplandecentes dias abafados de espera de tufão, vividos em companhia de Camilo, em agosto de 1911, na linda e melancólica, risonha e estranha terra de Macau, à maravilha católica e china, china sobre tudo, já agora, cheia de repiques finos à missa, de discretos biocos de confessadas, de silenciosos deslizes de milhares de Celestes, atravancando as ruas cada dia mais, invadindo as praças e rossios, coalhando as airosas lorchas do porto, gente atarefada e calada, reservada e de nós distante, aparentemente impassível, mas em cuja massa se sente a força profunda da maré que avança, e vai avassalar o velho empório europeu de veniaga nas Costas da China.

Pobre e linda Macau dos séculos XVI e XVII, como és ainda curiosamente portuguesa à moda desses séculos, sob a taciturna invasão china que te envolve e, todavia, te dá ainda um aspeto de vida!

E contudo, ó arcaica Macau, desde que Fernão Mendes Pinto andou de aventura no Império do Meio, assistindo aos primeiros avanços da potência tártara, que de memoráveis coisas se não deram nessa China imensa que só na aparência é milenariamente imóvel: abalada para o sul dos exércitos tártaros da Manchúria, queda da dinastia chinesa dos Ming, sangrento, como nenhum outro, triunfo da dinastia Manchu dos Ta-Tsing, dois séculos de terrível agitação das associações secretas chinesas contra o vencedor tártaro, indo, poucos meses após a minha passagem em Macau, até à abdicação do último imperador Ta-Tsing e à proclamação duma república à europeia ou americana, como compasso de espera da passagem da sombra de um novo Dragão imperial...

Tanta coisa a dizer sobre a China e a sua arte!»

Como é compreensível a busca hedonista deste autor quando comparada com digressões semelhantes. Leia-se o que Silvano Santiago escrevia em 19 fevereiro 2011 sobre Pessanha, em O Estado de S. Paulo:

E se o poeta entender que a viagem à distante Ásia não tem como interesse maior a exploração geográfica de outro canto do planeta ou o conhecimento dos muitos povos exóticos?

E se ela se lhe apresentar antes como estrada real para o exílio na península de Macau e condição sine qua non para a exploração sentimental e amorosa do potencial de vida cortado rente à raiz pela foice da Lusitânia natal?

E se a língua chinesa, aprendida pelo poeta e por ele adotada no quotidiano, lhe servir para neutralizar o poder imposto pela dicção poética lusitana, inspirada na tradição greco-latina?

A viagem a Macau será, então, porto de desembarque.

No espaço do exílio, o poeta estica o elástico da coerência íntima e secreta, experimenta a liberdade absoluta e inventa a própria e original dicção poética.

Longe da pátria, o poeta se vê estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa que, a latejar no obscuro do desejo, deve ser a sua, é a sua, legitimamente.

Poemas do exílio podem não ser poemas do lá.

No país onde o poeta nasce e onde deveria viver até a morte, lá, ele não pode levar a cabo a vida que julga plena para si. Lá, não está sua pátria; lá, sua pátria não é.

Já o biógrafo António Dias Miguel observa que a vida alucinada de Camilo Pessanha no exílio serviu para que aprofundasse, pela repetição em diferença, traços abusivos já existentes no comportamento europeu.

Em aguda percepção, esclarece-nos que o uso do ópio "*corresponde não a um vício adquirido [em Macau], mas à sublimação, ou melhor, à transparência de outros que já em Portugal o caracterizavam, como o hábito de beber e o completar-se através de uma vida nova toda artificial*". Sob a luz do país perdido, a "lânguida e inerte" alma do poeta se recheia e transparece completamente. Ela passa a "deslizar sem ruído" e a "no chão sumir-se, como faz um verme". O ópio suplementa o álcool, propiciando a plena realização "de uma vida nova toda artificial".

Sobre esse tópico e a contrapartida no quotidiano como "spleen", há que buscar o seu artífice na poesia ocidental, Charles Baudelaire (As Flores do Mal, 1857). É sem dúvida digno de menção também, neste contexto, «O rio de Cantão» (1889) de Wenceslau de Moraes que começa por uma panorâmica da «varanda deliciosa do Canton Hotel» e onde descreve uma visita aos barcos-flores ou “tancás-flores”:

«[...] Quando desceu a noite, a população, embalada pela lenta ondulação do Chu-kiang, adormeceu; bruxuleavam os faróis içados nos topos dos mastros das lorchas; defrontando com o hotel, surgiam iluminações festivas, eram os tancás-flores, donde irrompiam os primeiros acordes de uma música estranha.

Aluguei então uma sampana, e mandei remar para os tancás-flores [...] sobre cada barco eleva-se um espaçoso recinto, um verdadeiro salão, que os lumes de dezenas de candelabros iluminam em jorros de luz branca. [...].

Elas, envoltas nas longas cabaías de seda, ora branca, ora lilás, ora cor-de-rosa, ora esmeralda, os cabelos entrançados em enfeites de oiro e grinaldas de jasmim, cintilantes de joias como ídolos, têm um encanto de beleza exótica que muito se casa com a estranheza do espetáculo...»

Já Pessanha o exprimia em «Ao longe os barcos de flores». Por todo o poema se encontram disseminados símbolos convencionais verdadeiramente chineses, núcleos de onde irradia uma série de imagens, poeticamente aproveitadas por Pessanha: hu-a (flor) é o termo que designa eufemisticamente a cortesã, a prostituta e também o bordel. Uma virgem pode ser uma “flor amarela”, huáng hua, enquanto yan hua designa «la fille de joie», para além de poder ser a expressão para «animado, animação e fogo-de-artifício».

Significativamente, o componente semântico yan pode querer dizer não só «fumo, vapor ou tabaco, mas também ópio». Este poema de Pessanha é um texto dominado sabiamente pela ambiguidade, e o campo semântico do símbolo ou imagem convencional dos ‘barcos de flores’ leva a que no som da flauta se ouça o lamento feminino de uma yan-hua contrastando com a animação orgiaca do fogo-de-artifício.

*Ao longe os barcos de flores
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
- Perdida voz que de entre as mais se exila,
Festões de som, dissimulando a hora.
Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.
E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flebil... Quem há de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?
Só, incessante, um som de flauta chora...*

Essa flauta chorou durante anos na alma conturbada deste vosso escriba, que nunca visitou uma tancá-flores, pois já todas estavam em terra firme naqueles tempos. Mas ainda ouvi a flauta, a orquestra e o som dessas orgias na escuridão entrecortada pelo fogo-de-artifício e pelo estrelejar dos panchões...

A errância de um povo e de seus poetas, um povo e uma poesia para quem a pátria tinha sido, muitas vezes, «um lugar de exílio» e para quem a viagem e a emigração foram quase sempre, como escreveu o poeta, professor, embaixador e amigo, José Augusto Seabra, a «outra pátria» senão mesmo uma pátria.

Eu fora afinal para Macau, não para o exílio nem para a exploração, mas para sobreviver já que o país de origem não me dava condições nem emprego. Foi lá que escrevi poesia

enquanto também experimentava “*a mesma liberdade e se via estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa...*”

Macau nunca seria, porém, e assim vo-lo reitero em capítulo anterior:

«Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, era apenas um ponto de passagem e paragem, para mais tarde apreciar.»

Como Manuel Alegre escreveu «Todos os poetas, são como Dante, exilados...» mas nem todos em Florença. A poesia está no mar, abriu as portas do Oriente, e eu - queira ou não admiti-lo - sou um exilado de mim mesmo, do país de origem, das minhas próprias origens, do meu tempo, do meu destino incumprido, da espiritualidade da minha juventude, dos sonhos que me não deixaram consumir.

Ali começa verdadeiramente a minha diáspora. É, pois, em Macau e não em Timor, para onde fui, fruto dos imponderáveis de um SMO¹²⁵, que essa verdadeira viagem de circum-navegação tem o seu início fixado. Não porque me mandassem, não porque acontecesse, mas porque porfiara para que assim fosse.

Sempre disse que fui para Macau para estar perto de Timor, mas esta verdade era parcial pois a Austrália há muito me conquistara sem enleios orientais. Quase uma inverdade, pois que a Austrália era a fronteira imensa, o continente vasto sem horizontes onde o futuro se perdia de vista, ali mesmo onde o meu país de origem ainda me pareceria mais tacanho e pequeno do que a pequena península de Macau.

Não foram precisos muitos meses - nem anos - para eu me aperceber que perdi a minha virgindade intelectual e cultural ao ir para Macau. Estava permanentemente refém do Oriente e dos seus sortilégios. Não me apercebi então, mas agora, ao voltar quase trinta anos depois, havia-o sentido de forma inelutável. Tentei passar uma toalha sobre esses seis anos lá passados como se não tivessem existido ou como se fossem de somenos importância, mas sabia que não era assim.

Subitamente apetecia-me voltar, não para gerir a central de Coloane que mal vi por entre a neblina no dia de partida. Apetecia-me voltar para ajudar a sonhar com a construção de uma lusofonia falada por todos - especialmente pelos chineses - sem barreiras, nem passaportes.

Afinal, a magia do Oriente não era feita de mezinhas que as meninas chinesas davam aos ocidentais antes de adormecerem, nem tampouco da eventual utilização de opiáceos, havia algo de mais intenso e profundo. Quem sabe se não seria o apelo de noções confucianas que colocavam alguma arrumação na mente desordenada dos ocidentais

No entanto, aquilo que eu melhor recordava dos meus seis anos em Macau eram os programas de rádio, um momento inolvidável da minha vida, ao ponto de quando ali regresssei em 2011 prontamente desafiar o Ricardo Pinto a reviver esses programas. Com efeito, estava marcada uma sessão de lançamento de livros na Livraria Portuguesa e seria o reencontro com o Ricardo após trinta anos.

125 SMO serviço militar obrigatório do exército colonial português até 1974.

Trocados os abraços e as frivolidades habituais iniciara a sessão com um excerto de um minuto do programa “O Uísque a Cola” de 17 de dezembro de 1980 apresentado pelo Ricardo, a quem entreguei a gravação dos 60 minutos do programa em CD...

Iria recuperar as restantes cópias em cassete e converter todas em CD para ouvirem, deleitarem-se e, mais tarde, fazerem um programa comemorativo.

98.11. OS TRÊS CÍRCULOS

A vida em Macau era naquela época, um cadinho de povos e culturas, exemplo de miscigenação e liberdade num Oriente exótico, sedutor, mas problemático e poderia resumir-se a três círculos excêntricos que se tocavam no infinito. Desses, o médio interior era constituído pelos macaenses, uma força sem identidade nacional, com membros bem arreigados à sua herança cultural lusófona falando e lendo fluentemente a língua de Camões, enquanto outros eram mais cosmopolitas e falavam chinês e inglês, e outro segmento vivia nas bordas linguísticas do cantonense.

Leal de Carvalho escreve, entre outras coisas, ser uma cidade que no

“... passado recente abrigou russos brancos, chineses, indonésios, vietnamitas, filipinos e até portugueses perseguidos pelos credores ou por mulheres ciumentas.

E alguns, poucos, pelas ideias políticas.

Um porto de abrigo para gente de mundos vários que aqui vieram parar por desvairadas razões: espírito de aventura e ambição pelo lucro fácil, refúgio às convulsões político-sociais da região e à loucura de uma guerra que lançara o mundo em fogo, evasão a problemas sociais ou familiares ou inútil fuga aos demónios próprios de cada um».¹²⁶

A construção desta identidade fora «instalada, desde sempre, na educação das classes superiores da sociedade macaense, como processo de autonomização à imensa mole demográfica circundante que, pela simples força dos números, os ameaçava submergir»¹²⁷.

Leal de Carvalho fala ainda do convívio inter-racial que tinha reflexos na moral e nos valores da comunidade:

«A moral social local, quer da comunidade macaense quer ainda mais da chinesa, consentia essa liberal sofisticada de costumes, manifestação viva da interpenetração dos valores culturais da região...também fruto da emigração de lindas mulheres, que confundiam os olhares dos latinos, sobretudo as de Xangai.

Assim, alguns dos costumes orientais eram bem sedutores para os machos lusos, que lamentavam apenas o facto de as «sucessivas Administrações Portuguesas não terem sabido aproveitar a lição de quatrocentos anos de contacto com a milenária cultura chinesa, mais antiga, mais sábia, mais realista, que admitia, na harmoniosa estrutura familiar e sob o austero império da Primeira Esposa, um número indeterminado de concubinas e até “bichas”, solução muito cómoda e prática», diz o autor com não disfarçada ironia.¹²⁸

Depois, havia um círculo ainda menor, mas exterior, constituído pelos portugueses. Primeiramente, e durante séculos, esse grupo era exclusivamente constituído por aqueles que iam e vinham com cada equipa governamental a que se acrescentava, aqui e ali, o elemento desgarrado que fora para a tropa ou para a polícia e por lá ficara, constituindo família e deixando-se miscigenar e assimilar pelos costumes locais.

Havia adstritos a estes os estrangeiros que se deixaram encantar por Macau, aprendendo as línguas e costumes locais e acabando por se deixarem integrar na família lusófona,

126 Leal de Carvalho, Requiem para Irina Ostrakoff p. 5

127 Leal de Carvalho, Ao Serviço de Sua Majestade, p. 377

128 Leal de Carvalho in Os construtores do Império, p. 137

como é amplamente descrito na obra literária do atrás citado juiz açoriano Rodrigo Leal de Carvalho que ali viveu 40 anos entre 1959 e 1999.

Em princípio da década de 1980 chegara de Portugal a marabunta desesperada por abanar a árvore das patacas e dela retirar todos os milhões possíveis com casos encenados como o do faxe, do governador Melancia e de tantos outros que se haveriam de locupletar até 1999 do mais que puderam em proveito próprio. Sem resultados visíveis para o progresso de Macau e das suas gentes, ao contrário do que se tem passado nestes últimos dez anos de governação soberana chinesa. Chegariam a atingir a cifra de dez mil almas todas em busca da pataca milagreira de futuros e presentes.

Por último havia sempre um enorme círculo, exterior a tudo, mas com motor próprio na economia do território que era constituído pelos chineses. Eram liderados por uma pequena elite dirigente, dependente de Pequim aonde viajavam frequentemente a fim de receberem instruções e contarem os desvarios do delegado português encarregue nominalmente de governar.

Decidiam como e porquê, onde e quando, e davam a entender ao governo português a sua insatisfação quando a administração lusitana exorbitava ou tinha uma “ideia brilhante” sem os consultar previamente. Eram eles quem, realmente, sempre mandaram no território e determinavam como os seus súbditos se comportariam já que representavam mais de 96 por cento da população.

Esta clique que se arvorava a pretensão de gerir a “Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal” ocultava tendenciosamente o facto de serem os descendentes dos mandarins chineses quem, após a Revolução Cultural, determinava o que se podia ou não fazer em Macau.

Voltemos aos aspetos culturais de Macau. Convirá não esquecer que para as comunidades chinesas, a mulher nativa que namorasse um kwai-lo estava apenas um escalão acima da mera prostituta. Mesmo que viessem a casar com um branco ficava sempre o estigma de que havia algo de errado com elas.

Aparentemente, os pais da jovem podem nem sequer chegar a expressar a sua insatisfação, mas esse conceito é prevalecente no meio social e é refletido na própria linguagem, a todos os níveis desta.

A família chinesa ainda é - tradicionalmente - dominada pelo macho e altamente hierarquizada.

A mulher que se case com o kwai-lo bem como o respetivo marido serão sempre considerados abaixo da escala social a que pertencem e da estima que os seus parentes lhes possam granjear.

De um ponto de vista meramente técnico, ela deixou de pertencer à família e passou a pertencer à família dele, perdendo os laços consanguíneos da sua família chinesa.

O mesmo sucederá com os filhos que não farão parte do tecido social e cultural da família chinesa de onde descendem.

No caso de uma mulher casada com um marido que não é Chinês, além de ser considerada como estando apenas um degrau acima do nível da prostituta, de facto, ela nem sequer é considerada como se se tivesse juntado a uma outra família, a do marido.

Para os chineses, os brancos não têm laços de família, além de que se divorciam por dá cá aquela palha, pelo que a filha da família chinesa ainda é um risco maior agora do que quando ainda vivia em casa.

Não nos esqueçamos que, para começar, a mulher tem menos valor na sociedade chinesa do que o homem e daí todos quererem ter um filho e não uma filha, no continente chinês onde se mantém a regra do filho único¹²⁹.

Se a sogra chinesa tratar o genro como um ser humano isso só provará a sua amabilidade pois evitará mostrar ao estúpido estrangeiro quanta raiva lhe vai na alma por ter casado com a filha.

Obviamente que se, ocasionalmente, o incluírem em alguma festividade ou celebração familiar será um privilégio que lhe concedem, tal como dar boleia a todos os que precisarem, mesmo que os não conheça ou não os

129 Esta lei do filho único (e para os chineses preferencialmente varão) foi mantida até novembro de 2015 data em que passou a ser permitido terem dois filhos.

entenda...também a sogra chinesa jamais entenderá por que lhe foi calhar a ela a má sorte, tão injusta de ter um branco para genro.

O campo matrimonial na família chinesa é da mais alta responsabilidade e deve ser deixado ao mais alto critério dos pais, sendo conhecidos casos de filhos que foram totalmente deserdados por não casarem ou namorarem as escolhidas pelos pais.

Essa falta de obediência será uma culpa a acarretar pelos filhos que os tornará responsáveis por sabe-se lá quantas mortes ocorram na família nesse período, pelos problemas de saúde dos pais e outros parentes.

Este tipo de sociedade e de normas familiares repercute-se nos países de destino das famílias chinesas emigradas e representa apenas uma arraigada preservação das normas rurais das suas zonas tradicionais de origem.

Nesses países de acolhimento (como vi na Austrália) falam Toishanês 台山話; 臺山話 em vez de Cantonense pois Toisaan [Toishan/Taishan]¹³⁰ é o lar e a Austrália apenas um país estrangeiro que os circunda.

Lembrava-me a esse respeito de que mesmo que lesse e falasse cantonês fluentemente - o que nunca foi o meu caso - jamais seria considerado por eles como “um dos nossos”, pelo que sempre me limitei a ver de fora para dentro a enorme sociedade chinesa que me rodeava, tentando não fazer juízos de valor antes se limitando a aprender e a apreender o máximo que lhe fosse possível.

Nunca namorara - formal ou informalmente - uma chinesa e sabia de antemão que tal me estaria vedado ab initio. Nem todas estas características permearam ou se impuseram como norma nas famílias macaenses.

A título de curiosidade posso confirmar que se telefonasse para uma jovem, cujos pais eu não conhecesse, seria normalmente submetido ao mesmo interrogatório de uma mãe tipicamente chinesa:

“quem sou?

Como conheci a filha dela?

De onde era a minha família?

Se era casado?

Se os meus pais eram proprietários ou se trabalhavam?

Qual a profissão do meu pai?

O que estudava se andava a estudar ou em que trabalhava se andava a trabalhar?

Porque é que tinha a ousadia de lhe telefonar para casa...

E por aí adiante, num chorrilho de perguntas que mal me deixaria tempo para dar qualquer resposta, previamente desnecessárias, sabendo-se antecipadamente que quaisquer que fossem tais respostas nunca seriam satisfatórias porque eu seria sempre um kwai-lo.

É neste imbróglio de interesses divergentes e de agendas separadas que ali aterro em 1976 sem saber nada além de escassos ensinamentos sobre a ancestral cultura clássica chinesa. As preocupações à época não me levavam a interessar pela linguística que me viria a obcecar depois de 1984. Apenas achava curiosa a existência de um patuá similar ao de Malaca, um crioulo centenário, sobrevivente a tudo e todos com escassos membros falantes.

A atração natural pela mulher oriental sobrelevava quaisquer outros interesses, a vontade de descobrir novos mundos em corpos de pele sedosa, em sensualidades de submissão e de devoção ao prazer hedonista conquistaram-me enquanto jovem.

Os meus olhos raramente se desviavam das suas cabaias de seda ou Cheong-sam, justíssimas, de cores vivas e refulgentes e grandes aberturas laterais até ao cimo da alva coxa, bem torneada, a deixar antever mistérios por decifrar e paraísos por descobrir. Citando, de novo, Leal de Carvalho:

130 Trata-se de uma cidade no Delta do Rio das Pérolas, perto de Macau. Pertence a Jiangmen (140 km a oeste de Hong Kong), faz parte de um arquipélago de 95 ilhas incluindo a maior de Guangdong, Shangchuan Island (S. João)

“A interpenetração dos valores culturais das múltiplas comunidades locais, a flexibilidade dos códigos morais ou sociais do Oriente, a influência no meio macaísta dos usos e costumes chineses que instituíra na Colónia o concubinato com o reconhecimento social e legal, o contacto frequente com a sexualidade liberal dos aventureiros de outros mundos e etnias...

O temperamento fácil das gentes do Sueste Asiático, as noites quentes e sensuais dos Trópicos...tinham adorado a rigidez de fachada vitoriana e marialva, da moral sexual de importação lusíada e conferido à sociedade macaísta uma tolerância e sofisticação que comportava... admissibilidade de pequenas infrações sexuais, aventuras pré-maritais com ou sem sequência matrimonial, recatados adultérios.»¹³¹

A queda inevitável pelas belezas asiáticas, bem como a flexibilidade dos costumes sexuais funcionam assim como forte motivação para a aceitação de alguns dos costumes do Outro...

...a mulher ser sempre «nova, esguia, bem torneada, na sua cabaia muito justa e brilhante, colarinho duro e alto, e grandes aberturas laterais até meia-coxa» (op. cit. p. 52).

Afinal, outros homens como ele sentiam o mesmo fascínio por aquelas mulheres.

É que, elas dançavam bem, estavam perfumadas, tinham «peles perfeitas e corpos esculturais, de feições enigmáticas, escondendo sabe-se lá que emoções ou sentimentos» (p. 53) ...

Várias vezes, ao longo deste livro e dos outros, é ressaltada a beleza serena e um tanto enigmática da mulher oriental, a sua sensualidade e a suavidade da pele: «*as senhoras chinesas tinham uma complexion de pétala de rosa*»¹³², característica que as macaenses herdariam.

Ou ainda «*a resignação ancestral da mulher oriental, habituada à natureza traiçoeira dos homens em geral e dos europeus em particular*» (Ao Serviço de Sua Majestade: 323) - fizeram-se muitos casamentos com reinóis, donde provieram os macaenses. A longa ausência dos colonos, a solidão, o clima e a beleza da mulher asiática incitam à sua procura, garantindo uma provisão razoável de mestiças (half-caste), belas, de «*olhos negros, vivazes e tentadores*»,¹³³ sedutoras devido «à suavidade do sotaque» ou ao «calor do temperamento» (p. 29).

Estas macaenses acabaram por assumir lugar de destaque na sociedade local.

Tudo isto (aqui magistralmente descrito pelo juiz açoriano e compilado pela colega Anabela Mimoso no 15º colóquio) servia de pano de fundo a emoções, paixões e desenfreamentos sexuais que assolavam os jovens ocidentais e a mim em particular.

Tentar à distância de três décadas reviver sentimentos e outras sonoridades íntimas do ser humano é doloroso e pode carecer de fidelidade. Surgem sempre enevoadas memórias mais róseas do que talvez, na época, fossem.

Os elementos negativos da solidão, do afastamento do lar familiar habitual, da necessidade de conjugar novos verbos, novas famílias, novos sentimentos e emoções sobrepuham-se então a uma mera excitação pelas novas descobertas que preenchiam os meus dias e noites.

131 O Senhor Conde, p. 214

132 Ao Serviço de Sua Majestade p. 602

133 Ao Serviço de Sua Majestade p. 28

98.12. ABERTURA DAS PORTAS DO CERCO OUTUBRO 1980

Na celebração de trinta anos do aniversário da Revolução maoísta, a República Popular da China decidiu abrir as suas portas aos diabos estrangeiros. Ainda tinha no subconsciente a noção adolescente de que o maoísmo seria, talvez, um dos melhores sistemas políticos à face da terra.

Era 1 de outubro de 1979 e logo, me aprestei a colocar o nome na lista dos candidatos a visitar a RPC, mas nenhuma viagem se realizaria antes de janeiro de 1980 e mesmo assim só me calharia a vez lá para março desse ano.

Em cada mês apenas deixavam ir uma dezena de pessoas e assim, calhou-me a data de 28 de março a 1 de abril de 1980 para passar 5 dias e quatro noites na China. A expectativa era enorme, e o grupo era reduzido a apenas dez pessoas que pagaram então 1450 patacas (hoje seriam menos de 15 euros).

Não eram aceites pessoas com passaportes de Israel, Coreia do Sul, África do Sul e Rodésia (ainda não era Zimbabué). A acomodação era feita na base de duas pessoas por quarto (com banho privativo) e não se podia levar divisa estrangeira a menos que fosse declarada, devendo adquirir-se previamente Renminbi (yuan).

O primeiro documento que recebemos antes de partir era uma folha na qual se explicavam os costumes e normas de cortesia e que ficará bem aqui reter pela curiosidade que ora representa numa altura em que as viagens para a China são comuns, ao contrário de então. Perdoem a tradução literal que se fez do inglês.

" Como visitante de um país estrangeiro, um falso passo que o possa embaraçar a si ou aos seus anfitriões, normalmente resulta de uma falta de compreensão dos costumes do país e do seu povo. As áreas mais sensíveis incluem:

A liderança da República Popular da China é tida na mais alta consideração pelos seus cidadãos. Em nenhuma circunstância poderá fazer qualquer referência crítica ou cómica à mesma.

Qualquer comentário ou inferência de natureza sexual é considerada ofensiva. Qualquer tipo de contacto físico com exceção do aperto de mãos, deve ser evitado, para respeitar os costumes chineses.

Todas as pessoas na China são consideradas como tendo igual mérito. Tratamento depreciativo a porteiros, carregadores, falar alto ou exigir qualquer tratamento pessoal especial é considerado como uma falta de respeito.

As fotografias podem apenas ser tiradas depois de se ter pedido autorização às pessoas que se pretende fotografar.

Basta mostrar a câmara fotográfica para se observar a reação positiva ou negativa das pessoas pelo que deve agir em conformidade.

A pontualidade é considerada uma virtude na China. Vai encontrar os seus anfitriões sempre à hora marcada e os membros da excursão devem proceder de igual modo em todas as situações.

A visita a escolas, comunas, fábricas, brigadas longrui, hospitais, etc., normalmente incluirá uma reunião prévia com pessoal local que será traduzida pelo guia.

No final de cada visita, disponibiliza-se algum tempo para perguntas e respostas sobre assuntos que não foram focados ou não foram totalmente explicados no decurso da visita.

Quer a reunião prévia quer este período de perguntas e respostas se destina a fornecer o máximo de informações aos visitantes.

Se estiver atento durante as explicações permitirá aos seus colegas de visita o mesmo tempo para fazerem perguntas e obterem respostas.

É de bom-tom não se esquecer de agradecer ao pessoal local o tempo e esforço despendidos nas explicações e nas perguntas e respostas.

A entrega de ofertas não é insultuosa, mas em nenhuma circunstância é obrigatória ou deve ser esperada. Em muitas ocasiões deve ser educadamente recusada.

Uma pequena lembrança deve ser entendida como um ato de amizade genuína e deve ser aceite, mas em nenhum caso deve ser uma oferta de grande valor.

A moeda em circulação na China é o Renminbi e a sua unidade básica é o yuan.

Na data de imprimir este programa a taxa de câmbio é de 1,58 yuan para um dólar americano.

Cada yuan divide-se em Jiao e Fan. Dez Fan são 1 Jiao, e 10 Jiao são 1 yuan....

...
Bebidas: não é aconselhável beber água da torneira. Bebidas refrigerantes, gasosas e cervejas estão disponíveis.
A sua roupa deve ser escolhida em termos de conforto e condições climáticas, e não pela moda. Deve usar sapatos confortáveis.
Não há necessidade de se vestir formalmente para qualquer dos eventos que vai ter na China.
Calças e camisas desportivas para homem.
Para as senhoras, saias compridas ou vestidos estarão bem, mas é aceitável as mulheres vestirem calças.
Todos devem vestir de forma modesta.¹³⁴
Gorjetas e taxas: todas as gorjetas e taxas estão incluídas no itinerário.
As gorjetas ao guia não são obrigatórias e ficam à descrição dos passageiros.”

O programa iniciava-se em Macau dia 29, bem cedo, rumo a Chung San para visitar a aldeia de Cuiheng-Cun, onde nasceu o primeiro líder chinês Sun Yat-sen, seguido de almoço em Sheak Kei. Depois, seguia-se a viagem até Shun Duc para visitar uma fábrica de algodão, com descanso na Casa de Hóspedes de Shun Duc e visita à Comuna Tchong lònng Tam ou Clock Fall Pond e à Brigada de Produção Long-Rui na Comuna de Shiqi (Sha-qi) no condado de Zhongshan, com uma área cultivável de 3600 acres (1450 hectares ou 14,5 km²).

Em Cantão, o alojamento era no Hotel Bayun (Pak Wan) em Huanshi Road, seguido de visita ao Hotel Tung Fóng para visitar um clube noturno tradicional e ouvir música. No dia 30 além da visita à comuna podiam apreciar-se as vistas, visitar o hospital, uma casa particular, um jardim-de-infância e uma loja do povo para fazer compras. Da parte de tarde após o almoço na comuna uma visita ao zoológico e a uma loja do povo e jantar no hotel. Depois, noite cultural com ópera no parque citadino em Cantão.

Dia 31 após o pequeno-almoço das 7 e meia seguia-se para Foshan, visitar o velho templo, uma fábrica de cerâmica, uma de recortes artísticos em papel (paper cutting) e almoço em Foshan. De tarde, visita a uma loja de cinco andares, ao parque, à fábrica de marfim seguida de jantar no restaurante do hotel pelas 18.30.

Dia 1 levantar pelas seis da manhã, verificação de bagagem e partida para a estação de comboio rumo à viagem até Hong Kong.

O panfleto dizia que Cantão era tão conhecida como Pequim ou Xangai pela sua Feira Internacional criada em 1957 (bianual, na primavera e no outono). Localizada no delta do Rio das Pérolas a cento e vinte quilómetros de Hong Kong, Cantão era recomendada para se visitar o Instituto Nacional do Movimento Campesino fundado pelo Presidente Mao, o Memorial ao doutor Sun Yat-sen, o Parque dos Mártires da Revolta de Kwang-chow, o Mausoléu dos 72 Mártires em Huanghuakang, o Parque Cultural no Rio das Pérolas, o Parque da Montanha em Paiyun (Nuvem Branca) e o Parque Yuehsiu, o Parque Liuhua (corrente de flores), além do zoológico de Kwang-chow onde habitam os tradicionais Pandas gigantes, indústrias cerâmicas, de seda, de moldes metálicos em Foshan, a antiga residência do doutor Sun Yat-sen na aldeia de Tsui Hang em Chung San, entre a Comuna Shek-kei e Macau.

Cantão tinha então apenas dois milhões de habitantes (hoje já vai nos 12 milhões) e desfrutava da sua história de mais de dois mil anos.

Não constava do programa, mas os visitantes conseguiram autorização para uma curta visita à Cidade Proibida dos Estrangeiros em Shameen (ou ilha de Shamian) onde viram as habitações das missões estrangeiras acreditadas em Cantão desde o tempo da Guerras do Ópio.

134 [Não existe o número 13 neste programa...]

Nela encontraram a casa que servira de Consulado a Portugal onde vivera o Cônsul Português, avô da minha mulher macaense, até ao fim da Segunda Grande Guerra (houve relações ininterruptas entre Portugal e a China até 1949, depois de Tomé Pires em 1517 ter desembarcado em Cantão como primeiro embaixador do Rei de Portugal no Império do Meio entre Portugal e a República Popular da China, só foram reatadas em fevereiro 1979)

Shamian foi um importante porto de Guangzhou (Cantão) para o comércio internacional desde a dinastia Song à dinastia Qing.

Do século 18 a meados do século 19, os estrangeiros viviam numa série de casas seguidas conhecidas como as 13 Fábricas em Shamian, junto das quais ancoravam milhares de pessoas em barcos.

Era um ponto estratégico vital para a defesa da cidade durante as Guerras do Ópio (1856-1860).

Em 1859, o território foi dividido em duas concessões, a francesa (1/5) e a inglesa (4/5 da ilha) e ligado ao continente por duas pontes que fechavam diariamente pelas dez da noite por motivo de segurança.

A ponte inglesa era guardada pela Guarda Real, composta por soldados Sikhs, e a francesa por soldados Anamitas (do Vietname).

Havia companhias mercantis da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Alemanha, Japão e Portugal ali estabelecidas, em mansões de pedra ao longo da marginal da ilha, em construções tipicamente europeias de telhados inclinados e largas varandas.

A ilha presenciou um sangrento e mortífero episódio entre cadetes da Academia Militar e estudantes, que ficou conhecido como o "incidente de 23 de junho de 1925".

Permanecem até hoje (1980) em bom estado de conservação a católica Igreja de N. Sra. de Lurdes (construída pelos franceses em 1892) e a protestante Igreja de Cristo (construída pelos ingleses em 1865).

Nas últimas décadas todos os edifícios foram reconstruídos e recuperados, com placas a comemorar a sua utilização anterior, mas quando os visitei em 1980 estavam decrépitos e albergavam dezenas de famílias, cada um deles, numa ocupação selvagem ditada pela sua ocupação em 1949 quando se converteram em edifícios públicos, apartamentos e fábricas.

Por curiosidade fui agora mesmo ver na internet, Cantão e a zona de Shamian estava irreconhecível. Dos velhos edifícios decadentes, sobrepovoados e quase em ruínas restauraram essas velhas mansões coloniais ao seu brilho de há século e meio atrás com todos os requisitos da moderna civilização.

Estava rejuvenescida Shamian, podia ser Paris ou Londres com as suas alamedas de frondosas árvores, a traça larga das suas avenidas e as velhas mansões resplandecentes.

As velhas estátuas ocidentais que pontuam as várias ruas lineares foram igualmente recuperadas, mas nessa visita de 1980 estavam em avançado estado de decomposição.

O consulado português de então, segundo creio, é hoje um Café Starbucks...

Voltemos agora ao roteiro de 1980 e a essa viagem mágica da primeira incursão na China de Mao. De início tudo correu bem até verem que a guia de Macau que acompanhava o senhor Chen (guia oficial chinês) e a minha mulher macaense eram fluentes em cantonês.

De facto, elas estavam a traduzir mais que o senhor Chen, pois este deixava de fora muita informação e desinterpretava muita coisa do que se dizia e se perguntava, mormente na Comuna.

Aqui, além de vermos os patos, galinhas, gansos, a produção de arroz, outros cereais e vegetais fizemos perguntas à dona da casa sobre o marido. Ela disse que se encontrava num campo de trabalho (de concentração?) a dias de viagem e há anos que não ia a casa. A tradução oficial do senhor Chen foi de que o competente trabalhador se dispusera a ajudar outra comuna que precisava mais dos seus serviços e da sua experiência....

Quando se quis saber como é que uma mulher que vivia só com dois ou três filhos pequenos (estavam na creche da comuna) tinha uma cozinha com tantas cadeiras, a resposta original era de que tinha de ter cadeiras para visitantes como nós, mas a tradução oficial dizia que lá se reuniam os membros da comuna para tratar de assuntos relacionados com a produção agrícola da comuna.... Ela tinha aquelas cadeiras todas por ser do Partido!

A visita ao hospital regional perto da comuna de Tchong lònng Tam foi assustadora com a sua enorme exposição pública de frascos e amostras de fetos com deformações várias, e

sabe-se lá que mais ali estava em exposição. Uma verdadeira viagem ao mundo do Dr Jekyll e Mr Hyde acompanhada da nauseabunda explicação da diretora clínica. Se aquele era um hospital modelo só suplicávamos que ninguém adoecesse na viagem. A precariedade das instalações, os equipamentos anteriores à Segunda Grande Guerra e um estado geral de abandono e decadência eram assustadores. Ainda se - ao menos - tivessem caído as paredes depois da Primeira Grande Guerra....

Excepcionais e memoráveis foram as visitas às fábricas de marfim, da seda, de “paper cutting (recortes de papel)” salientando-se na primeira, a detalhada explicação sobre a morosidade do trabalho mais fino e da precisa manipulação de instrumentos para as partes em filigrana de marfim. Era deveras impressionante como se conseguia colocar uma bola dentro de uma peça de marfim antes de ela estar completa para que não caísse depois. Semelhante às bolas que estão sempre na boca dos dragões que adornam a entrada de muitos templos.

Acabei por trazer além de uma pequena peça, elaboradíssima e complexa em marfim, um grão de arroz com o meu nome inscrito nele.

(Nota triste do autor@:).

Para quem não sabe, o destino ingrato deste grão de arroz foi o esgoto da cidade do Porto.

Uma empregada doméstica, a violenta dona Violante, no começo do século XXI deixara cair a pequena caixa onde estava o grão de arroz, coberto por um minúsculo vidro, e para que ninguém notasse que a peça se tinha partido, foi buscar o aspirador e eliminou as provas do crime, sem nada dizer!

Motivo para despedimento na hora com justa causa.

As fábricas de algodão e de seda eram deveras interessantes, mas já a fábrica de metalurgia não trouxe novidades. O local onde cortavam o papel de arroz para fazer figuras filigranadas era outro espanto de paciência chinesa e de precisão. Ainda hoje guardo religiosamente inúmeras amostras destes trabalhos artísticos tão originais.

A pior parte foi quando tentei que o guia me autorizasse a falar com o diretor da estação de rádio. Ocidentalizado como ainda era, pedira como quem pede um copo de água, para fazer uma curta transmissão para Macau como previamente organizara (e levava documento comprovativo) com a TDM/Rádio Macau.

O guia e o porta-voz oficial da estação começaram de novo a falar em mandarim, a perderem a compostura, em voz altissonante, como se acabasse de cometer um crime insultuoso contra o Grande Líder, Mao Tse Tung (Máo Zédōng). Sem jamais perceber o que se passava (ninguém entedia mandarim) acabei por ser informado que era altamente ilegal tentar fazer uma transmissão da China para o estrangeiro e que jamais se esperaria que a mesma fosse autorizada. Como resultado daquele pedido a visita à estação de rádio acabaria cancelada, ali mesmo, do lado de fora do gradeamento.

Passei a conter-me mais, a partir desse momento, pois estive perto de ser considerado um perigoso espião que ia passar segredos de Estado ao estrangeiro sobre o atraso de vida que era a China naquela época.

Com efeito, desde a ida ao hospital, era enorme o meu desencanto pelo atraso de tudo o que nos rodeava. Os templos eram soberbos, mas todos tinham sido construídos séculos antes.

De facto, a grande revolução cultural mais não fizera além de matar a *intelligentsia* e enviar para campos de concentração todos os literatos, intelectuais e artistas e destruí-los,

pois, na visão de Mao todo o saber e conhecimento eram burgueses. (Deve ser por isso que hoje há tanto ignorante em Portugal, não querem que as massas sejam burguesas!)

A coletivização dos campos limitou-se a tirar as terras a quem as tinha e substituir quem lá estava pelos trabalhadores iletrados e com poucos conhecimentos sobre a agricultura (uma espécie de má reforma agrária no Alentejo, mas em escala muito grande).

Habitados a trabalhar, em funções repetitivas, sem capacidade de iniciativa nem conhecimentos técnicos, os trabalhadores que passaram a gerir os coletivos revelaram-se um desastre total.

De uma quase autossuficiência passou-se à necessidade de importar.

Assim, a China passou de celeiro do mundo a importador de comida.

Grande Mao. Grande líder que assim me enganaste.

Nada do que vi tinha correlação com o Livrinho Vermelho nem com os grandes placards de publicidade ao maoísmo.

Apenas certificava a enorme campanha de lavagem ao cérebro do povo iletrado, educando-o contra quem o regime pensava que eram os seus inimigos (de classe, claro) e pretendendo que era o povo quem mais ordenava.

Muito orwelliano...nesta visita tudo o que era belo e nos despertou a curiosidade era bem anterior à Grande Revolução.

Desta revolução de massas e da Grande Marcha, nada havia para ver, pelo contrário. Apenas a derrota do inimigo capitalista.

As estradas eram um susto, cheias de buracos, piores que as estradas municipais de Portugal, toda a gente conduzia e apitava ao mesmo tempo e ninguém pensava duas vezes se cabiam duas viaturas ou não, tentavam ambas passar em simultâneo. Os sobressaltos na estrada eram tantos que deixei de olhar em frente e passei a olhar para os lados, para os campos na esperança de ver algo interessante.

Também aí residira nova surpresa: fora nesses campos, em plena berma da estrada, onde quer que calhasse, que vira muitos chineses e chinesas fazerem as suas necessidades em plena vista de todos, com o ar mais descontraído do mundo. Houvera mesmo quem acesse ao nosso autocarro... Grotesco

Ali na China, nem sequer o buraco no chão, tão típico destas regiões asiáticas, como vira na Indonésia, na Tailândia, na Índia, estava disponível. Pelo que vi nos campos (e pelo que, mais tarde, li), em plena vista de todos, fazia-se tudo, amanhavam-se as terras, plantava-se o arroz, defecava-se, urinava-se e tinham-se crianças, numa curta pausa, para não interromper o ciclo produtivo das massas operárias. Seria assim que pensavam aumentar a produtividade?

Do meu quarto de Hotel, pelas seis e meia da manhã, não se viam carros (poucos havia ainda nesses idos de 1980, eram os do partido e poucos mais) mas sim alguns autocarros bem antigos e fumegantes (a poluição ainda não era o perigo insalubre que seria mais tarde) e milhares, senão mesmo, milhões de bicicletas.

No entanto, o barulho de buzinas fazia prever que se estava em Carachi ou Bombaim. Ao fim da tarde o espetáculo repetia-se em sentido inverso, da esquerda para a direita do seu campo visual, com o regresso das massas trabalhadoras aos seus locais de origem, fora de Cantão.

A ópera chinesa no parque fora uma grande “seca” de mais de duas horas, com a habitual peculiaridade de homens maquilhados desempenharem os papéis femininos, na velha tradição da cantoria tradicional chinesa.

Por outro lado, já o clube noturno fora uma agradável surpresa e uma viagem no tempo, com um grupo de instrumentistas e cantantes vestidos à moda da década de 1920, a interpretar temas de música norte-americana do fim do século XIX ou princípio do século XX.

Parecia o faroeste revisitado com olhos em bico. Todos os demais presentes se mostravam muito curiosos por estes diabos brancos que os escutavam, pois ainda se não tinham habituado a ver caras brancas (e uma delas era loura) pois, até então, poucos turistas tinham ainda entrado no país.

As lojas do povo foram outra decepção pois poucos produtos estavam em exposição, lembravam as velhas prateleiras dos supermercados dos países de leste durante a Guerra Fria. Nada havia de interessante ou diferente para comprar, além do vinho de arroz e outras bebidas exóticas. Não havia dúvidas de que a China dava os seus primeiros passos na abertura a Ocidente.

O que é espantoso é ver o que eles conseguiram em trinta anos, como consegui comprovar na curta visita de um dia à zona de Zuhai, no fim do 15º colóquio em 2011. Sem comparação, haviam convertido a China numa versão oriental das grandes metrópoles ocidentais com todo o consumismo que isso implica e a disponibilização de todos os bens de consumo imagináveis.

Não havia paralelismo possível entre o que observei em 1980 e o que via agora. Dava vontade de viver na China e partilhar aquela pujança económica de crescimento acelerado se considerarmos que se trata da pátria de 1,4 biliões de pessoas. Era a mesma pujança que vi em Macau trinta anos depois, nessa visita de 2011.

Infelizmente, que a missão a Macau durava apenas dez dias e teríamos todos de regressar para aquele país europeu que se afundava lentamente, com crescimento negativo esperado por muitos e bons anos, fruto da desgovernação de décadas após a revolução de 1974. Portugal era um país que se atrasava - cada vez mais - e que parecia tão desenvolvido em 1980 quando comparado com a China de então. Assim parecera também no início da década de 1960 em comparação com a vizinha Espanha.

O milagre económico da China, não tenhamos dúvidas, foi feito à custa da violação de muitos (ou quase todos) direitos humanos e de abusos e crimes quanto à proteção do meio ambiente, num regime alegadamente comunista onde o Partido ainda hoje decide tudo sobre as pessoas que estão sob o seu comando. Mas fiquem bem cientes de que a maioria das pessoas vive hoje incomensuravelmente melhor do que em 1980. Disso não devem restar dúvidas a ninguém.

Esse crescimento económico, à custa da exploração desenfreada e sem pruridos, de uma mão de obra extremamente barata teve e tem o seu preço, mas quem for mais santo do que eu decida. Por comparação, em Portugal os trabalhadores estão cheios de direitos (férias, subsídios de natal, direito à greve, e sabe-se lá que mais), que dão para reformas miseráveis. Na China praticamente não existem.

Pela fisionomia apenas, não creio que os portugueses sejam mais felizes do que os chineses e com a agravante de que se queixam infinitamente mais. E se os portugueses não conseguem gerir e fazer crescer um país mais pequeno do que a maior parte das cidades chinesas então é porque estão a seguir uma política que se assemelha ao ataque de Mao à cultura e educação. Em ambos os casos, vi as diferenças de regimes e os resultados que em ambos se atingiram, apenas no decurso de metade da minha vida já vivida.

Provavelmente, não viverei o suficiente para ver a China passar a supernação como os EUA foram até há pouco, mas dificilmente o poderia imaginar aquando desta minha visita em 1980.

A história é feita de cataclismos e convulsões, guerras e outros desastres naturais e humanos, mas a continuar como está, o mundo ocidental está definitivamente morto e enterrado e as nações emergentes como a China e a Índia poderão, em breve, dominar esse mesmo mundo. Tinham-se limitado a adotar a mesma fórmula, ajustada à sua enorme dimensão de terceiro ou quarto maior país do mundo e mais populosos de todos.

Vira então (1980) e tornara a ver (2011) os alunos de escolas chinesas, silenciosos, ordeiros, obedientes e disciplinados.

Que diferença para a selva das escolas portuguesas.

O atual sistema de escrita chinesa é o resultado de um longo processo de depuração dos primeiros pictogramas, desenhados há oito mil anos, que mais não eram do que uma estilização da realidade.

A sua primeira aplicação metódica terá sido como uma espécie de linguagem em código nas mensagens trocadas entre líderes militares onde eram dadas ordens e informações diversas sobre o terreno das batalhas ou disposição das tropas.

No sistema uniformizado de hoje os sinogramas (carateres) são compostos por módulos cujas combinações determinam o sentido final.

Os dicionários dão conta de mais de 48 mil carateres, contudo a esmagadora maioria caiu em desuso e apenas sobrevive em textos antigos ou em chinês arcaico.

Para se ler um jornal em chinês é "só" preciso reconhecer uns dois mil carateres - padrão que a China considera um nível literário médio.

Os programas básicos para escrever chinês em computador incorporam entre 6 e 13 mil carateres.

A escrita de um sinograma obedece a uma agregação lógica de ideias e é, normalmente, composto por duas partes: uma semântica que dá o sentido, e a outra sonora, de onde se extrai o som.

O de madeira, ou árvore, (木), por exemplo, corresponde na sua estilização a uma árvore. Por associação, o caráter final floresta é composto pela justaposição de dois ou três carateres de árvore (林; 森).

Também os carateres que transmitem o conceito água utilizam módulos ou radicais de água (氵), como rio (河), sumo (汁) ou baía (澳).

Por exemplo, a palavra Macau (Àomén em mandarim) escreve-se com os dois carateres - 澳 e 門 - que, isolados, assumem diferentes significados.

Segundo o dicionário da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, o caráter 澳 isolado significa enseada, ancoradouro, Austrália, baía ou Oceânia, e o caráter 門 significa porta, entrada, escola, budismo enquanto seita, ou uma disciplina académica.

Macau é, no seu significado em língua chinesa, uma porta - entre a China e o mundo - localizada numa baía.

98.13. DO YIN, DO YANG E DO CONFUCIONISMO

Mero aprendiz de feiticeiro, jovem desenfreado na minha segunda aventura de liberdade em 1976, sem as peias constrangedoras da sociedade patriarcal em que cresci, estava disposto a gozar ao máximo o que a vida me pudesse proporcionar. O hedonismo era, sem sombra de dúvida, a filosofia preponderante que me guiava nesses dias. Demasiadas restrições, proibições, tradições invioláveis e outros tabus haviam regido a minha vida desde infante a adolescente. Liberto das peias castradoras da sociedade ocidental e da família arreigada a tradições seculares, ia, enfim, crescer numa errância própria da era das descobertas. Era uma aprendizagem que ia iniciar sem noções premeditadas, nem destinos certos, mas ainda irremediavelmente coartado pelos princípios e noções basilares recebidas de meus pais no tocante à inviolabilidade e perenidade da família. Começava, porém, a descobrir que a vida não era como o yin e yang, uma existência entre o branco e o negro, antes era matizada por uma infinidade de tons cinzentos.

Também a minha vida era composta por duas forças complementares e sendo de signo Balança ou Libra, havia um equilíbrio dinâmico entre elas, que - tal como no princípio da dualidade de yin e yang - surgia o movimento

e mutação, a que não se queria opor. Se uma era ativa, diurna, luminosa, quente, já a outra era passiva, noturna, escura, fria. Eu ainda era um ocidental em busca de equilíbrio e de identidade, tal como os macaenses em ambiente estranho e hostil. Muitas eram as forças contraditórias que me impeliavam e travavam. Tal como Kung-Fu-Tzu (Confúcio), entre as minhas preocupações estavam a moral, a política, a pedagogia e a religião, por esta mesma ordem de valoração. O valor dado ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são temas que o confucionismo impôs à civilização chinesa da antiguidade e que se mantêm nos dias de hoje, não sendo uma religião, nem um credo estabelecido, mas apenas determinações rituais de caráter social, que permitem a liberdade de crença em qualquer tipo de sistema metafísico ou religioso que não vá contra as regras de respeito mútuo e etiqueta pessoal.

Curiosamente, este quase total paralelismo entre os valores confucionistas e os meus, deixaram aberta uma via de compreensão. Mas, naquela época faltavam-me ainda muitos anos para entender, na sua globalidade, o verdadeiro significado do dito confucionista “Mesmo nas situações mais pobres uma pessoa que vive corretamente será feliz. Coisas mal adquiridas nunca trarão felicidade” que se tornaria no meu arquétipo após os quarenta e cinco anos.

A vida em Macau - entre 1976 e 1983 - tinha ainda, para mim, muito do chamamento materialista que a situação privilegiada de que beneficiava [em Macau] me podia acarretar. Por outro lado, as inovações técnicas e tecnológicas que ali chegavam (antes de desembarcarem na Europa e nos EUA) eram demasiado atraentes para as recusar. Os meus jovens anos não eram conducentes a uma prática de reflexão, mas antes se centravam num hedonismo de ação e gratificação instantânea, de sentidos e sentimentos. Sabia que queria ser feliz, mas não sabia como chegar lá. Ia ensaiar o velho sistema de tentar e errar e confiar na minha proverbial sorte para o atingir. Como a avó paterna me dissera sempre, eu nascera no dia do anjo da guarda e isso proteger-me-ia. Não sendo crente há quase cinco décadas tenho - porém - de admitir que essa premonição da minha avó se revelou bem mais correta do que quero crer.

Ainda não chegara - nessa era - ao ponto em que me consideraria um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo, frase que teria a oportunidade de citar ao presidente Prof. Lei Heong lok do Instituto Politécnico de Macau a 13 de abril de 2011 para lhe explicar como interpretava o interesse da China pela lusofonia.

Conseguia transmutar a minha mente para um ponto de vista oriental, olvidando as razões lógicas do pensamento ocidental, mas imbuindo-me de um pensamento confucionista delimitava tais razões e ações. Com efeito, depois de viver, conviver e analisar os que me rodearam ao longo de seis anos, mais aquilo que aprendera com expatriados chineses, macaenses e de Hong Kong na Austrália, tudo isso despertara em mim uma forma nova de encarar a vida, o presente e o futuro, para adotar uma visão mais oriental. Menos do imediatismo ocidental que busca fruir uma satisfação imediata para uma posição subjetiva dos objetivos a que me propunha.

Era difícil de explicar, mas o método que segui era basicamente o de esquecer todas as premissas em que crescera e tentar colocar-me na mente do outro, imaginar o quando, como e porquê das suas atitudes, tentar antecipá-las e usar as mesmas, se possível em proveito próprio, como forma de me precaver contra inopinadas surpresas... Nem sempre era fácil, nem sempre era possível, nem sempre levava aos resultados esperados, mas iria permitir-me, mais tarde atingir o balanço cultural entre a origem e as aprendizagens orientais que cultivaria ao longo de décadas de vivência na Australásia e no Império do Meio.

Isso adviria, bem depois, sem sequer me aperceber de como já era diferente dos familiares e amigos que deixara para trás em Portugal. Estes, dificilmente entenderiam a minha mudança de nome, de identidade, de nacionalidade e jamais interpretariam corretamente a mudança de paradigmas pelos quais me passaria a reger anos mais tarde. A verdade é que essa mudança, que inicial e erroneamente localizara em Timor, se deu precisamente em Macau no confronto entre as noções e princípios ensinados na minha educação judaico-cristã e os mundos desconhecidos de que Marco Polo falava e ora eu conhecia.

A chamada religião chinesa não é uma religião única como o judaísmo ou o islamismo. É constituída por muitas religiões e filosofias diferentes, como o confucionismo [Confúcio, 551-479 a.C.], e o taoísmo. Porém, Confúcio não pretendia fundar uma religião. Como propósito pretendia propiciar instrução moral e ensinar as pessoas a viver bem, de acordo com os valores de dever, cortesia, sabedoria e generosidade. Uma das ideias mais importantes de Confúcio era que os filhos deviam honrar e respeitar os pais, tanto em vida como após a

morte. Por isso, encorajava a prática do culto aos antepassados, que já fazia parte da religião chinesa. Sábios posteriores como Mêncio (372-289 a.C.) e Zhu Xi (1130-1200) transformaram as ideias de Confúcio num sistema religioso.

Já no taoísmo, o Tao é mais do que um caminho, definindo-se como a fonte de tudo neste mundo. Ao seguir o caminho, os taoístas aspiram à união com o Tao, e, portanto, com as forças da natureza. Isso implica livrar-se de preocupações e apego ao mundo material para concentrar-se no caminho, alcançando assim equilíbrio e harmonia na própria vida e conquistando a paz que vem da compreensão. Diz-se dos que atingem esse objetivo que serão imortais após a morte física.

Considere-se como terceira religião o budismo que penetrou na China perto do início da era cristã, atingindo seu apogeu durante a dinastia T'ang (618-907). Ao oferecer aos chineses uma análise da natureza transitória e sofredora da vida, o budismo oferece também um caminho de libertação, introduzindo, no entanto, a possibilidade de que os ancestrais estejam a ser atormentados no inferno. Rituais para adquirir e transferir méritos aos mortos tornaram-se importantes, seja pela execução correta de funerais, seja por meio de outros rituais.

A religião popular é tão extensamente praticada que, embora seja ainda mais diversificada, se constitui como uma quarta via. Os chineses em geral não sentem que devam aceitar determinada religião ou filosofia e rejeitar as demais. Escolhem aquela que parece ser mais conveniente ou proveitosa - seja no lar, na vida pública ou nos ritos de passagem.

Mesmo a ideia de transcendente não se aplica também aos chineses no geral. O pensamento chinês é, em sua origem, imanente - tudo está aqui, em potência, esperando ser desperto. A transcendência só existe no budismo, que acredita numa libertação completa da matéria. Sei-o agora com a experiência dos anos e a retrospeção que o recente regresso a Macau me inspirara.

Inferira igualmente que a razão por que Macau ainda não dispusera (até estas crónicas) de um só capítulo total e devotadamente dedicado, nos dois volumes de CrónicaAçores, se devia ao facto de haver pontas por unir, e que essa conjugação dos fios da meada só se tornara possível ao regressar ali após quase trinta anos de ausência.

Macau fora um capítulo em aberto, uma história por contar, uma estória em busca de um desenlace. Por vezes, só o tempo permite analisar de forma fria e sem emoções, a relevância de factos passados.

Sou definitivamente um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo.

98.14. CASAMENTO

Assim se passaram os anos, entremeados com férias de mês e meio em Portugal num ano, noutro ano na Austrália.

Era sempre uma boa desculpa para rever amigos e família.

Os meus contratos com a CEM eram bienais e eram sucessivamente renovados.

Entretanto, avançava o processo final de emigração para a Austrália ao abrigo da cláusula de reunião de família, dado que a minha mulher macaense já vivia de facto com ele há mais de dois anos.

Quando me concederam o visto tive de pedir adiamentos por causa das renovações do contrato da CEM. O divórcio litigioso com a mãe dos gémeos foi decretado em finais de 1979. ALELUIA.

Estava, enfim, livre para casar logo que a papelada fosse registada e processada no meu assento de nascimento.

Em março de 1980, a senhora conservadora do Registo Civil de Macau recusou casar-me sob uma falsa interpretação da lei, mas na prática era apenas por ser amiga da minha ex-mulher.

Não perdi tempo a recorrer da decisão.

Fui a Hong Kong meter os papéis. Ali casei em junho 80. Cerimónia civil rápida com padrinhos e testemunhas.

Depois, houve uma pequena festa privada para oito pessoas em casa da madrinha de casamento (a Rubye, irmã do escritor Henrique Senna Fernandes e mulher do então Cônsul-Geral de Portugal na colónia britânica) para

comer o bolo e beber o champanhe francês enquanto nos deliciávamos com a vista fabulosa sobre a baía de Hong Kong e o aeroporto de Kai Tak.

Seguiu-se a viagem para Macau onde houve o tradicional banho de arroz.

Mudou-se de roupa e foi-se para a boda na Pousada de Coloane com uns 130 convidados incluindo alguns dos mais elevados representantes do poder chinês.

A servir-nos, o açoriano transmigrado Fernando Gomes que ficaria celebrizado mais tarde pelo seu próprio restaurante em Hác Sa.

Presentes na entrega de presentes o jovem Edmund Ho (futuro governador de Macau após a devolução de Macau à China) a dar-nos o lai-si, além do Roque Choi e Stanley Ho (o dono dos casinos).

A razão para tanta gente deve-se ao costume chinês do lai-si, ou seja, dinheiro num pequeno envelope vermelho debruado com um desenho dourado.

Todas estas ofertas deram e sobraram para pagar a boda.

Convidei e misturei toda a gente.

O diretor-geral da CEM, mulher e enteados (um deles o Ricardo Pinto), sentado ao lado do chefe de armazém, o comandante da marinha com as francesas do “cancã”, os mecânicos e suas famílias com o diretor da Rádio, o seu amigo e “meio-irmão” adotivo Nick Griffin, padrinho officioso de casamento a falar inglês e chinês, outros a falarem português, numa mistura de classes sociais, sotaques e línguas difícil de imaginar e jamais vista.

As pessoas inicialmente intimidadas acabaram por se tornarem mais humanas durante umas horas. Quando todos saíram já eu estava exausto.

Os meus pais recusaram-se, com uma qualquer desculpa habitual, a estarem presentes apesar de lhes ter enviado bilhetes de avião.

Apenas a mãe portuguesa da minha mulher macaense veio da Austrália e aproveitou para reencontrar amigos que ali fizera ao longo de 30 anos.

Depois fui cumprir a promessa do poema desta crónica e fui à Tailândia passar dez dias a fingir de lua-de-mel que a verdadeira ficou adiada para Portugal, onde estivemos no Algarve com a irmã e o cunhado.

Foram umas férias selvagens sem horas para nada, jantávamos muitas vezes depois da meia-noite.

Talvez tenha sido das poucas vezes em que apreciei estar no Algarve, local que considero um dos melhores exemplos dos atentados do homem contra a natureza e beleza primitiva em troca de uns meros trinta dinheiros tal como Judas.

A dilapidação do Algarve impressiona-me negativamente, mas essa era a natureza mundana e portuguesa e a única forma de me manifestar era evitar deslocar-me a esse rincão sul do pequeno retângulo português.

Na Austrália, em continuação de lua-de-mel, alugamos um carro e viajamos pelo estado da Austrália Ocidental, fartamo-nos de passar dias no mar no iate Breakaway do meu cunhado, na ilha Rottneest e a ir a festas mascaradas.

A vida em Macau estava por um fio, com os sucessivos adiamentos que a Imigração Australiana me concedera para me radicar lá definitivamente. Em junho de 1982 fui intimado pela embaixada australiana de Hong Kong a fazer as malas até dezembro, se não o meu visto era cancelado e a autorização de emigrar revogada.

Lá fui a correr trocar o meu Toyota Celica 2.0 ST que comprara quando me fartei do sal no depósito do Fiat 128. Optei por um carro mais cidadão, um Nissan Sunny 1.6 Hatchback, matrícula MB-12-86, com todos os extras que conseguira rapidamente importar de Hong Kong.



Depois, foi a tarefa de embalar tudo e o carro em 30 m³ num contentor. Executamos modelos em miniatura para provar aos céticos “coolies” chineses que os 174 caixotes iriam caber.

Cheguei, definitivamente, ao continente-ilha a 14 janeiro 1983, quase na mesma data em que chegara a Macau anos antes. Mais velho, mas nem por isso necessariamente mais maduro, sonhava já poder comprar uma casa com piscina, ter um barco ancorado numa marina e uma vida cheia de futuro. Como se verá noutra local, nada disso foi conseguido, mas valeu a pena.

98.15. RECORDAR MACAU

Em 2011 era a redescoberta de uma terra que duplicara de área física, mudara a soberania artificial e nominalmente portuguesa para a sua velha pátria chinesa, mas mantinha-se autónoma e com isso se tornara a nova Las Vegas. Com cerca de 30 casinos, em vez de três ou quatro da presença portuguesa, já faturava três vezes mais do que a sua congénere no Arizona.

A palavra de ordem naquilo que via era progresso, desenvolvimento, pontes, prédios, estradas, tecnologias de ponta e a preservação da língua portuguesa que tão descurada fora em mais de 450 anos de presença simbólica de uma administração portuguesa. Um país e dois sistemas, como em Hong Kong, provaram algo em que poucos criam. A preservação e incentivo da língua de Camões vieram como um bónus económico à implantação chinesa na África e no Brasil.

Voltemos ao passado. Nestas décadas todas, apenas me lembrara de Macau ao ver um programa assustador a 12 dezembro 2005, num dos canais generalistas de televisão, na RTP1, "Prós e Contras" da Fátima Campos Ferreira.

Até a Judite de Sousa ou mesmo o emproado José Rodrigues dos Santos (que lá fez o liceu) começaram na RTP em Macau em 1980 ou 1981, seriam mais apropriados para fazerem um programa destes pois têm melhor preparação e cultura do que esta Fátima. Fora o tema que me interessara, pois iria observar a situação seis anos após a transição do poder em Macau. Ali estive colocado em serviço de dezembro 1976 a março 1983 (na prática estive menos tempo).

Lidara com muitos dos 750 funcionários da CEM naquela época. Convivera com eles, partilhara das suas festas, e aprendera o valor incomensurável da palavra tempo, que ali surge com outro significado. Os orientais, em especial os chineses seguem implacáveis, direções milenares, sem hesitações num sentimento de dever e de tradição que nada tem a ver com as noções ocidentais equivalentes. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar.

Lembrem-se: "*O rio só atinge seu objetivo porque aprendeu a contornar seus obstáculos!*" segundo escreveu Lao Tsé, filósofo chinês¹³⁵. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar. Podem nunca pronunciar esse objetivo, podem nem se aperceber da sua existência, podem nem sequer transmitir essa herança genética, mas ela perdura -

135 fundador do taoísmo, século VII a.C.

irreversível - como uma tatuagem a ferro e fogo. Não há nenhuma norma escrita que nos possa orientar sobre esta atitude filosófica.

Lembrava-me que a CTC (Central Termoelétrica de Coloane, na ilha do mesmo nome) estivera dois anos nas mãos dos japoneses antes de nos entregarem a chave das operações, e ali tentei, com a sofreguidão de jovem executivo, impor um novo esquema de trabalho.

Havia cerca de 32 feriados por ano, os de Macau (portugueses), os dos chineses, e os de Hong Kong (ingleses). Havia dias em que na Central só havia chefes e outros em que só havia serventes ou "coolies" (como então ainda se designavam os trabalhadores indiferenciados). Era difícil chegar a acordo com eles, prometia-se-lhes mais dinheiro, mas eles não queriam, prometia-se-lhes mais dias de folga, mas eles recusavam. Finalmente, foi acordada uma nova lista de feriados conjuntos que acabou por merecer a aprovação deles, sem recurso a mais dinheiro ou a mais horas de descanso, apenas um arranjo melhor da lista.

O dinheiro e a promessa de descanso que teriam levado qualquer ocidental a aceitar a mudança ali não surtira efeito. Essa era uma das muitas lições que ali aprendi. Mais difícil depois fora criar carreiras profissionais para os locais, quando os continentais e outros expatriados de África que para ali tinham ido, tinham sido contratados com condições milionárias. Por exemplo, os Chefes de Secção, duma Divisão, ganhavam inicialmente 300 patacas e o superior hierárquico imediato, Chefe da Divisão 5000 patacas... Com uma nova política de responsabilização, melhor aproveitamento de recursos, possibilidades de promoção e outras coisas acabou por reduzir-se substancialmente esse fosso. Se no início de 1977 aquele diferencial salarial era de 21,7, uns meros cinco anos depois (1982) era apenas de 8, nada mau para aumentar a justiça social.

Exatamente o contrário do que se passa em Portugal, nas últimas décadas, em que tal diferencial não parou de aumentar.

Eu sempre andara ao contrário de todo o mundo, como os caranguejos, mas em vez de andar para trás andava sempre para a frente, adiantado em relação aos restantes.



natal 1977 na CEM

Pouco sabia de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora conseguisse balbuciar algumas frases elementares, mormente em relação a comida. Aprendi imenso com os chineses, conquanto, em tempos que já lá vão, tivesse vivido e casado com uma nativa macaense. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de que se deve programar e agir com vista a um futuro longínquo e invisível. Tudo isto contrariava as noções basilares da filosofia ocidental que aprendi desde os bancos da escola.

Senão, vejamos o exemplo chinês do bambu, ou melhor dizendo do bambu chinês. O bambu, quando plantado por semente, tem uma maneira tão peculiar de brotar e crescer que se tornou uma grande lição de sabedoria. A semente, depois de colocada no solo, demora muito tempo para apresentar sinais externos de que vai vingar. O bambu enraíza-se bem fundo antes de crescer fora da terra. No início, a semente transforma-se num bolbo e depois de algum tempo surge um pequeno rebento. Este rebento permanece inalterado sob o solo por um longo período. Somente depois de as raízes atingirem dezenas de metros, ao longo de cinco anos de incessante trabalho, é que começa a projetar-se para fora da superfície. Depois, em pouco tempo, o bambu cresce vertiginosamente e atinge a altura de 25 metros! Ao observar o comportamento do bambu, os chineses aprenderam a importância da paciência e da determinação. Muitas vezes, queremos na sociedade ocidental do imediatismo, que as coisas aconteçam rapidamente e ficamos impacientes diante dos morosos resultados. Se a preocupação for para mostrar efeitos imediatos, corremos o risco de sacrificar as bases, os alicerces, e, com isso, colocamos tudo a perder. Reconhecer o que o momento presente exige e depois, paulatinamente, confiar - este é o segredo do bambu chinês. O bambu simplesmente faz o que tem que ser feito, no momento em que tem que ser feito, e faz tudo com serenidade, segurança e coragem. Não pensa nos resultados nem sofre por antecipação. O bambu, assim como o sábio, tem confiança plena no processo, nos movimentos da Natureza e na perfeição do universo.

Tudo isto é baseado em ancestral filosofia. Quando o verdadeiro eu e harmonia são realizados, todas as coisas alcançam o seu pleno crescimento e desenvolvimento. Assim, "a vida do homem moral é uma exemplificação da ordem moral universal". Tentar ser fiel a si mesmo é "a lei do Homem". Esta verdade é absoluta, indestrutível, eterna, infinita, transcendental e inteligente, contém e abarca toda a existência; cumpre-a e aperfeiçoa-a sem ser vista; produz efeitos sem movimento; atinge os seus objetivos sem ação. Uma antiga lenda chinesa narra que na "superação do ego" está o passo decisivo na busca da verdade, do misterioso, do maravilhoso e do reencontro da totalidade. A lenda está descrita no livro "O Verdadeiro Livro do País da Florescência" de Dschuan Dsi:

"O senhor da terra amarela viajava para além dos limites do mundo. Chegou a uma montanha muito alta e viu a circulação do regresso. Então, perdeu a sua pérola mágica. Mandou o conhecimento ir buscá-la e não a teve de volta. Mandou a perspicácia ir buscá-la e não a teve de volta. Então, enviou o esquecimento de si mesmo. O esquecimento de si mesmo a encontrou. O senhor da terra amarela disse: "É estranho que justamente o esquecimento de si mesmo tenha sido capaz de encontrá-la!"

Sou um construtor nato de egos por medida e todas estas noções superam-me. Não sabia ainda, nessa época, que as iria usar mais tarde e segui-las como paradigma de vida, ao mudar os arquétipos que tinham regido a minha existência. Vivera, até então, na busca da felicidade imediata, da riqueza imediata, da satisfação imediata e não obtivera nenhuma.

A filosofia chinesa apresenta dois aspetos complementares. Por serem um povo prático, com uma consciência social altamente desenvolvida, os chineses contavam com escolas filosóficas voltadas, de uma forma ou de outra, para a vida em sociedade, com as suas relações humanas, valores morais e governo. Esse, no entanto, é só um aspeto do pensamento chinês. Complementando-o, encontra-se o lado místico do carácter chinês; este aspeto exigia que o "objetivo mais elevado da filosofia fosse o de transcender o mundo da sociedade e da vida quotidiana e alcançar um plano mais elevado de consciência" (Capra, 1975¹³⁶).

Eu sabia também que os valores morais e materiais do meu mundo ocidental ali de nada valiam, conforme a minha persistente, inglória, vã e desesperadamente inútil cruzada contra a corrupção e nepotismo o viriam a provar. Saí de lá com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada, ao contrário de praticamente todos aqueles com quem me cruzara nesses anos.

Não teria hoje grande autoridade para falar da China e de Macau, mas tinha a que foi alicerçada nos anos em que depois do meu emprego de economista na CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), tinha os meus bem-sucedidos programas de rádio, prolongando-se até à meia-noite ou até às duas da manhã. Jamais esquecerei as centenas de infindáveis tertúlias informais, com gente de todos os quadrantes, desde o grupo de arquitetos José Pereira Chan, Manuel Vicente¹³⁷, Graça Dias, e outros, ao então inefável e sábio curador do Museu Camões (Toninho Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência),¹³⁸ aos colegas jornalistas João Murinello¹³⁹, Ian Whiteley¹⁴⁰, ao seu "irmão" Nick Griffin¹⁴¹, José Alberto de Sousa¹⁴², aos pintores Carlos e Victor Marreiros¹⁴³, ao advogado Jorge Neto

136 Capra, F. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix. 2ª ed. 1975. 274 p

137 falecido em 09/03/2013

138 Toning Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência)

139 Autor do livro A Herança Arquitetónica de Macau em 1983, falecido em 1997

140 ATV-HK e depois NHK Japão, atual paradeiro desconhecido)

141 Pivô e repórter da TVB-HK, falecido em data incerta

142 RTP Macau e depois assessor de Ramos Horta em Timor-Leste, falecido em 25/5/2013,

143 Ambos ainda em Macau

Valente¹⁴⁴ ao Guy Lesquoy¹⁴⁵ e muitos outros. Tantos foram que nem os nomes deles lo-brigo, aferrolhados nos cofres da memória.

Os funcionários chineses com quem lidei de perto sempre fingiram nada entender de Português além dos cumprimentos de cortesia. Uma das minhas cinco secretárias era chinesa e datilografava mais de 82 palavras por minuto em Português...alegadamente sem entender nada. Até cerca de um mês e meio antes de sair para a Austrália, fingi só falar português e inglês, mas subitamente comecei a falar com uma certa fluência em chinês (cantonense) para espanto e interrogação deles. Ficariam sempre na dúvida, sem saberem quanto cantonense sabia ou desde quando. Era exatamente o que eles faziam aos ocidentais. Aleguei sempre (tal como eles) que nada entendia, que aquela não era a minha guerra, estava ali só de passagem e nada interessava. Deu resultado.

Esta atitude chinesa destinava-se - como sempre - a garantir uma vantagem sobre o interlocutor sem lhe dar a saber que o entendiam, prática milenar de comprovados excelentes resultados em trocas comerciais. Com essa pretensa humildade se destronava a arrogante atitude dos kwai-lo (também pronunciado gweilo ou gwailo), nome dado aos brancos (insultuoso apenas se usado como sei kwai-lo = maldito fantasma branco). Originalmente significaria diabo branco ou meramente estrangeiro. Gwei significa fantasma ou diabo, sendo fantasma a noção de morto-vivo habitante dos infernos budistas. Quiçá a explicação de pensarem que aqueles brancos - tão alvos - eram mortos que tinham voltado. As normas sociais e o aceitável ou tolerável eram bem distintas de todas as outras conhecidas em Portugal ou em Timor Leste, onde estivera antes de rumar a Macau.

Um dia, pouco antes da passagem da central para as mãos dos portugueses, no meu gabinete entra um dos administradores japoneses muito sorridente com um envelope contendo alegadamente um cheque (alegadamente porque não sei se já prescreveu o crime) e qual é o espanto dele quando o abro e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser. O nipónico pensando que eu ficara ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos) recuou às vénias dizendo que iria substituir o cheque. Claro está que lhe fiz ver que eu era diferente e que não ia aceitar a oferta.

A minha mãe deve ter-me chamado estúpido quando se falou neste episódio. Estúpido decerto não me chamou, sem nunca o afirmar, o meu chefe que, no mesmo período, conseguiu transferir um milhão para a Suíça...certamente acumulando aquele cheque que eu recusara. Limitara-me a declinar a oferta antes de saber que se devia a uns meros 10% de "luvas". Seria esse o valor da assinatura anual que eu iria apor em documentos de compra de peças sobressalentes para a Central e que iriam ser fornecidas pelos japoneses da Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central). Dado que, por ano assinava o equivalente a uns vinte milhões de euros...creio poder berrar bem alto quão estúpido fui, mas não me arrependo embora só a terminação daquele número já me desse um certo jeito hoje, difícil como está a vida dum reformado precoce.

Nos vários jantares, que a administração chinesa da CEM nos [os tecnocratas] oferecera nos primeiros meses, debati-me sempre com enormes dificuldades em utilizar os pauzinhos (fai chi ¹⁴⁶). Um dos administradores da CEM, o saudoso Roque Choi (homem forte da administração sombra chinesa que mandava no território e uma joia de pessoa com enorme poder) disse-me logo no primeiro banquete de boas-vindas nos primeiros dias de janeiro 1977: vá para casa e experimente, comece com uma bola de papel grande, vá diminuindo o tamanho até conseguir apanhar uma ervilha, nesse dia saberá comer com os pauzinhos. Assim fiz. Curiosamente, outra das medidas introduzidas por mim, como inovadora naquela época, foi o hábito de reunir os altos quadros dirigentes conjuntamente com os restantes trabalhadores em festas de natal, abrilhantadas com música, declamação de textos e algumas cantigas alusivas à época natalícia, o que não era habitual numa terra mais habituada apenas às grandes comemorações do *KUNG HEI FAT CHOI*, no início do novo ano chinês.

144 Ainda em Macau, depois de ter sido deputado local,

145 Do Crazy Horse Paris em Macau nos anos de 1979 (maio) e seguintes, fundador da ANIMA e da Alliance Française, ainda hoje em Macau Diretor de Animação no Hotel Venetian

146 Há pauzinhos de bambu, de osso, de prata ou de jade, mas a maioria é de plástico ou de madeira de faia. Uns são decorados a ouro e outros pintados com caracteres. Mas há 3000 anos, altura em que se acredita que os pauzinhos tenham sido inventados na China da dinastia Shang (1766-1122 a.C.), não passavam de meros galhos de árvore que levavam à boca a comida quente, se bem que o último imperador desta era já tenha mandado fazer os pauzinhos em marfim

São muitas as recordações que me veem à mente sobre aqueles anos. Uma sobressai, o das ameaças das tríades.

Tinha acabado de desmascarar na CEM um esquema em que os funcionários da limpeza antes de serem admitidos pagavam adiantado dois anos de salário, para conquistarem o lugar vago e a concurso. Resultado, passei a controlar também a admissão do pessoal menor... como resultado recebi de oferta uns quilos de sal no depósito de gasolina do meu carro particular e os pneus do carro da companhia passaram a ser sistematicamente anavalhados. Cenas destas houve várias, tendo a partir de certa altura beneficiado da proteção policial após as horas de serviço, quando um agente da PSP ficava de guarda ao seu carro.

O carro não sofreu muito pois em breve o troquei por um novo que me custou três meses de vencimento. Tratava-se do último modelo da Toyota, Celica A40 Liftback ST de 1,6 litros (modelo da segunda geração Celica nunca existente em Portugal).

Mesmo assim com proteção policial, numa das vezes, os pneus foram cortados (o guarda alegadamente aliviava a bexiga, enquanto os malfeitores tratavam dos pneus). Finalmente, tive a oferta de proteção por uma das seitas. Recusei e não cedi à tentação. Habituei-me a lidar com isso sem esmorecer. O mais esquisito foi quando um dos candidatos a empregado de limpeza me veio perguntar porque é que não o admitira pois tinha pago o que lhe tinham pedido.

Disse-lhe para tentar ir pedir o reembolso à origem porque ali ninguém cobrava nada...

Para que conste, e ao contrário de alguns deputados da nação que se esquecem de fazer a sua declaração de bens e interesses, ainda possuo hoje o relógio Cartier e o isqueiro S. T. Dupont oferecidos por funcionários. Ambos, ironicamente, foram despedidos pouco depois de me terem feito as ofertas, ao terem um terceiro processo disciplinar, mas isso dava para mais um capítulo completo.

Ora bem, depois destas páginas todas, quase me esquecia que estava a falar de um programa Prós e Contras... estava eu a ver o tal programa da RTP1 quando comecei a ouvir sons que pareciam mesmo frases destas “dos Portugueses que deram novos mundos ao mundo”, e doutras aleivosias semelhantes.

Pensei com os meus botões: “enganei-me no século, isto não está a acontecer.” Ali diante dos meus olhos, o ecrã mostrava uma cena passada na RAEM (Região Administrativa Especial de Macau), território chinês desde sempre. Um grupo de lusofalantes a discutir o mérito dos portugueses e da sua ação em Macau? Decerto que alucinava. Eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna Fernandes (falecido em setembro 2010) e ouço a Fátima “não-sei-das-quantas” Ferreira perguntar-lhe, “mas então se se sente tão português porque é que não se foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?” Desisti ali mesmo, ela já ofendera um professor universitário chinês tradutor de Eugénio de Andrade e outros, já ofendera os macaenses que ficaram em Macau, já ofendera quase toda a gente, e continuava a bater na tecla do Grande Império Português... era só Império para aqui, para ali, citando “aquela data em que terminou o Grande Império...” Então, porque é que não se foi embora? Como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num território chinês e morrer aqui?

Estas perguntas martelavam-me os ouvidos. Nem sabia o que pensar. Pena tinha de não ter acesso ao satélite de transmissões e abatê-lo para acabar ali mesmo com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da administração portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que é o chinês quem manda e o outro já não... Como é que aquela entrevistadora se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses, que bem conhecia, e portugueses, que lá ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal, mas ela de nada queria saber, apenas manifestava o seu desagrado por Portugal ter entregado Macau à R. Popular da China. Teria esquecido, ou nunca soubera, que nesse tempo do dito “Império”, aparte algumas instituições serem lideradas por Portugueses e as ruas ostentarem nomes bem-soantes em português, ninguém sabia onde estas ficavam a menos que os nomes fossem ditos em chinês?

Se entrasse num táxi para o Hotel Estoril (para grande consternação minha, estava em ruínas em 2011, à espera de ser demolido e reconstruído) e dissesse para ir lá, na Avenida Sidónio Pais, era impossível chegar a menos que soubesse a transcrição fonética correta do nome da rua em cantonês: *Sidonau Pasi*. Também o meu prédio era *Fei Tchoi lun* em vez de Edifício Jade Garden na Avenida Coronel Mesquita. Dizendo o nome da rua em português e o do prédio em inglês nunca chegaria a casa... Será que a Fátima “não-sei-das-quantas”

nunca se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa? Macau nunca foi Português!

Por que não uma nova bandeira com os cinco castelos mais o de S. João Baptista de Ajudá (Ouidá) que já ardeu nos idos de 1961?

A Fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, conhecida como Feitoria de Ajudá (ou simplesmente Ajudá), localizava-se na cidade de Ouidá, na costa ocidental africana, atual República de Benim. O Daomé tornou-se uma colónia francesa em 1892, obtendo independência em 1 de agosto de 1960, quando se transformou na República do Benim. No ano seguinte, tropas do Benim invadiram Ouidá, dependência da colónia de S. Tomé e Príncipe. Sem condições para oferecer resistência, o governo de Salazar ordenou ao último residente da praça que a incendiasse antes de a abandonar. A anexação foi reconhecida por Portugal em 1985.

Pasmava de ver tanta ignorância neste exemplo de jornalismo à portuguesa...felizmente que os chineses e a sua cultura milenar, apenas têm mais uns milhares de anos que a dos portugueses. São cortesões e educados e não a puseram logo no olho da rua...e a fulana vai voltar a Portugal satisfeita a pensar que magnífico programa ali fez. As caras de gozo do advogado Jorge Neto Valente, do Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por aquela anormal. Não me admirava que recebesse já outro Globo de Ouro por este programa.

Em Braga, um bolo-rei com 120 metros;

em Olhão, bolo-rei de 100 metros;

em Pombal, 50 metros;

em Loulé, 75 metros;

em Câmara de Lobos, 120 metros;

em Machico, bolo-rei mais modesto, com 10 metros,

mas no Porto Santo, com 25 metros.

Portanto, as finanças locais dão para muita fruta cristalizada.

Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram.

Esta mania de que “nós portugueses [ainda] somos grandes”, nós que já fomos grandes, fomos os maiores...

Lembro-me de me contarem que em 9 de outubro 1976 proclamavam o Centro Comercial Brasília do Porto, quando foi inaugurado como sendo o maior da Europa...que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior...

Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, com a maior sopa, a maior feijoada, a maior assadeira de castanhas em Vinhais, a maior isto e aquilo... será que o tamanho conta?

É também esta a Lusofonia que não quero. Que me leva a sentimentos de repulsa quando vê proposta uma bandeira da Lusofonia com a esfera armilar.... Há uma certa Portugalidade incompatível com a Lusofonia.... Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram. Estas manias de que “nós portugueses somos grandes”, de que foram grandes e os leva a proclamar que o Centro Comercial Brasília, do Porto, quando foi inaugurado era o maior da Europa...que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior... Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, com a maior sopa, a maior feijoada, a maior isto, a maior aquilo.... Será que o tamanho conta? Como disse e muito bem o presidente da Porsche, Wendelin Wiedeking “Se o tamanho fosse importante ainda os dinossauros estariam vivos”.

98.16. AUSTRÁLIA. A ILHA E O NASCIMENTO DE UMA FILHA

Acabei por me instalar numa casa alugada, mesmo por cima da dos meus sogros, em Waverley, NSW (Nova Gales do Sul). Eles tinham mudado de Perth para Sidney havia pouco

tempo. Tínhamos dinheiro suficiente, em poupanças, para comprar uma casa. O contentor chegou uns dias depois, em finais de janeiro de 1983. Fizemos bastantes obras de melhoramentos na casa, o que implicou que eu aprendesse a carpintear. Arrancou-se o papel da parede que tinha umas quantas camadas. Foi um trabalho moroso durante o qual um casal português, emigrado há muito, nos ajudou durante vários dias. Depois disso, arrancaram-se do chão as carpetes com mais de trinta anos. Pintou-se o chão de preto para contrastar com as portas brancas e as maçanetas vermelhas. Nos tempos seguintes viajamos pela Austrália (costa leste) a fim de conhecer bem o país onde estávamos.

Um dia, apercebi-me que o dinheiro estava a desaparecer e nenhum dos dois trabalhava. Cancelamos as férias prolongadas, adiamos a ida a Portugal e começamos a busca de trabalho. Uma irmã da minha mulher emprestou, para segundo carro, um Holden automático EK 1961, de 2.26 litros e 6 cilindros, com 56 kW, 3 velocidades, caixa automática Hydramatic que ia dos 0 - 100 km/h em 24,9 segundos. Foram produzidos, apenas, 150 214 exemplares daquele carro, por mim cognominado (vá-se lá saber porquê) "Dominic". Ainda o conduzimos durante uns meses, enquanto a dona passeava pelo mundo, mas depressa se concluiu que o carro implicava inúmeros trabalhos de manutenção para além dum consumo exorbitante de 24 litros aos 100 km...

Estes primeiros anos caracterizam-se por uma integração lenta, mas fácil, e sem sobressaltos de maior numa sociedade tolerante multicultural, regida por meritocracia e não por cunhas (o mérito da mediocracia!). Lentamente, fomos encontrando o nosso nicho de oportunidades de um jornal português, ao consulado geral de Portugal (onde fui adido comercial, cultural e servi de elo de ligação às comunidades), depois, o ministério federal da Imigração e por fim o do Emprego onde me viria a fixar. Aqui estive anos, e quando estava destacado como Jornalista nas Relações Públicas, manipulava estatísticas sobre o (des)emprego e escrevia discursos positivos para o ministro provando o impossível, sobre a descida do desemprego.

Estive, durante anos, profundamente envolvido no delinear da política multicultural que a Austrália adotou, como representante do sindicato da função pública. Comecei também a minha atividade de linguista e tradutor. Aumentara o enorme leque de oportunidades de escritor e jornalista trabalhando para vários órgãos de comunicação social.

A minha mulher trabalhava, e estudava na universidade, dando início a uma prometedora carreira como designer gráfica, futuramente premiada como uma das melhores do mundo. Em 1986 nasceu a filha Vanessa-Ingrid em agosto, numa altura em que financeiramente já estavam bem. Eu, além do trabalho no Ministério do Emprego, das traduções e aulas na universidade (leccionava tradutologia a potenciais candidatos a tradutores e intérpretes), trabalhava para a agência de notícias Lusa, a RDP, a RTP, rádio e TV de Macau e jornais vários, quer em contrato quer em freelance. Sempre fui jornalista, a minha vocação de adolescente, mas só na Austrália obtive a carteira profissional que ainda hoje detenho.

O nascimento da filha foi demorado, mas não complicado. Começou o trabalho de parto pelas 07:40 da manhã quando fomos para a maternidade Royal Hospital for Women em Paddington (transferida em 1997 para o Prince of Wales Hospital em Randwick). As contrações finais duraram um dia completo.... Tinha-me preparado para um parto normal, pois acompanhara as sessões de preparação para o nascimento assistido, os trabalhos de respiração e os exercícios todos. Pelo sim pelo não, tinha uns uísques no carro, naquilo que em inglês se designa como "Dutch courage". O parto prolongava-se e enquanto esperava nasceram umas seis ou sete crianças...A certa altura foi necessária uma injeção epidural. Era eu quem precisava já da injeção e não a mãe da criança. Os meus sogros trouxeram-me o jantar. Finalmente pelas 23:27 (quase 16 horas após entrar no hospital) nascia a filha. Estive presente, pela primeira vez, em todos os momentos do parto, no primeiro banho, no primeiro colo. Importantíssimo momento, pois, embora não fosse o primeiro filho, o nascimento foi acompanhado de fio a pavio. Vim a casa dar a boa nova aos meus pais e dormir umas horas. Não havia telemóveis naquela data. Mãe e filha passados dois dias estavam em casa.

Em 1987 a vida (aliás, o senhorio) obrigou-nos a mudar do rico apartamento em Centennial Park (em frente ao Royal Agricultural Show) para St Mark's Road em Randwick. Mudamos para um apartamento num condomínio fechado de cerca de 30 habitações de um ou dois andares, entre árvores centenárias e um ribeiro, com vista para o mar e cheio de pássaros australianos (incluindo as irritantes aves, Kookaburras, que nos acordavam pelas 05:30 da manhã).

Em 1988, trouxemos a criança a Portugal para mostrar a todos os familiares e amigos, dentro da tradição ancestral de exibir os recém-nascidos. A partir de 1989, as relações com a minha mulher entraram numa fase de deterioração rápida. Eu trabalhava sistematicamente doze a quinze horas por dia.

Começamos a dormir em quartos separados, eu no estúdio de onde enviava as notícias e crónicas, a altas horas da noite a fim de apanhar o noticiário da manhã em Portugal. Ela dormia com a miúda no quarto de casal. Almoçava regularmente no restaurante chinês Choys, ao lado do Serviço Nacional de Emprego onde trabalhava por essa época. Este ótimo restaurante chinês dava para praticar o meu limitado cantonense.

Vinha para casa pelas 5 horas, mudava-me, preparava o jantar e enviava notícias ou pesquisava-as, contactando com Camberra, Perth, Melbourne... a saber confirmações de notícias sobre Timor. Fazia a revisão da imprensa diária para sacar notícias para Portugal e seguimento em dias posteriores.

Ouvia noticiários da ABC e tentava arranjar material para artigos. Depois de jantar e de alguma televisão, continuava a trabalhar até à uma ou duas da manhã.

Pelas sete e pouco estava a pé. Acordava-as. Esta a rotina monótona de trabalho, sete vezes por semana, sem carinho nem afeto a não ser o da filha. Brincava com ela todos os dias, sempre que possível, e era ela quem me aguentava a manter-me vivo. Estava resignado. Não iria abandoná-la como tinha abandonado os gémeos, dizia a mim mesmo. Há promessas que não se devem fazer.

Também jurei nunca voltar a Portugal nem casar com uma portuguesa, mas era isso que me iria acontecer em 1996. Em 1990 voltamos em férias a Portugal. A minha mulher (que fora a atraente jovem macaense no início desta crónica) estava gordíssima pois não perdera peso depois do parto.

Fui convidado para um congresso de verão da universidade do Minho em Braga em julho 1992. Estavam 21 representantes de todas as comunidades portuguesas no mundo lusofalante. Todas as despesas pagas pelo governo português pela primeira e única vez na vida.

97. 99. CRÓNICA 99. DA ABL, À FUGA DOS LIVROS PARA O EGITO E SANTA MARIA DOS AÇORES 26 junho 2011

Há dias li uma interessante troca de pontos de vista com as quais concordo totalmente. Dizia o Onésimo Teotónio Almeida:

Partilho uma troca de e-mails com o Luiz Valente (brasileiro ferrenho e reputado brasilianista nos Estados Unidos, meu colega na Brown) sobre esse assunto. Mande-lhe a notícia sobre o prémio outorgado ao Ronaldinho e ele respondeu-me:

Onésimo:

A Academia Brasileira de Letras teve a péssima ideia de homenagear o Flamengo durante as celebrações dos 110 anos de nascimento do escritor José Lins do Rego, grande torcedor e membro da diretoria do clube.

Obviamente, os membros da ABL não têm muito que fazer. Ou são todos do Flamengo...

O Prates exagera às vezes nos seus comentários.

Foi demitido da Rede Globo porque disse que "hoje em dia qualquer miserável, que mora nessas gaiolas, tem um carro e acha que tem direito de dirigir."

Pior que dar um prémio ao Ronaldinho, que pelo menos fez alguma coisa de bom neste mundo, foi ter eleito o José Sarney como membro da Academia.

Isso sem falar em outros "luminares" das letras brasileiras, como Marco Maciel, General Lyra Tavares (pseudónimo: "Adelita"), Arnaldo Niskier, Ivo Pitanguy, etc.

LFV

Comentário do Onésimo para LFV:

Luiz, mas então as eminências da ABL estão mesmo a precisar de uma eminentíssima reforma, como disse Frei Bartolomeu dos Mártires no concílio de Trento a propósito da Igreja Católica.

Nova resposta do LFV (Luiz Valente):

Sim.... Olhe quem não fez/fez parte da Academia: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Fernando Henrique Cardoso, Mário de Andrade, Ferreira Gullar, Manoel Bomfim, Cecília Meireles, Lima Barreto, Érico Veríssimo, Jorge de Lima, Mário Quintana, António Cândido, Rúben Fonseca, Monteiro Lobato, etc.

E quem faz/fez parte: Getúlio Vargas, General Lyra Tavares ("Adelita"), José Sarney, Paulo Coelho, Ivo Pitanguy, Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni, Murilo Melo Filho, Marco Maciel, Luiz Paulo Horta, Geraldo Cavalcanti, Merval Pereira -- de quantos desses você já ouviu falar?

Esta troca de impressões não deixa margem para comentários exceto a opinião de que o Pelé merecia mais do que o Ronaldinho, pois fez mais para divulgar o Brasil...rsrsrs
E depois veio o Daniel de Sá contar:

Minha gente

Estive esta tarde com Maria Alice num concerto de sonho nas Capelas. Para começar, as Capelas são um dos espaços açorianos de que mais gosto. Para continuar, a tarde estava linda. Para encher os sentidos e os sentimentos completamente, um concerto de violino perfeito. Quem? A Micaela, a filha mais nova do nosso amigo, para mim "irmigão" (foi ele o inventor do nome), Carlos Sousa. Tratou-se das peças escolhidas para o seu exame de 8º grau antes do acesso ao Curso Superior de Violino.

A miúda não jogou à defesa, de maneira nenhuma. Peças difíceis de interpretar, com muito "presto" e muita 1ª corda, que é sempre a pedra de toque dos grandes violinistas. Se os agudos não incomodam, o violinista é bom.

E a Micaela deliciou uma sala completamente cheia no Hotel da Quinta do Navio, um lugar paradisíaco. Se eu não a conhecesse desde pequenina, poderia ter pensado que fora um anjo que ali descera para fazer jus à paisagem.

À margem do concerto, o encontro com alguns amigos. Um deles, o Guálter Dâmaso, amigo dos tempos de Santa Maria e que foi colega no seminário do Carlos Sousa e do Onésimo, entre outros.

Contou-me que foi há dias à Roménia e que uma guia turística lhe disse que conhecia escritores portugueses. O Guálter observou que ela não conheceria certamente escritores açorianos. E ela desata a falar-lhe dos livros e do estilo do Onésimo, dos do Cristóvão, dos meus... Já lera quase tudo o que a gente publicou!

O Guálter não se lembrava bem do nome, mas disse que era algo como Carina ou Crina. E aqui entra a diferença entre o que é ser guia turístico na Roménia e aqui. É que esta senhora é provavelmente a Crina Voinea, professora universitária, que anda pelos Colóquios do Chrys distribuindo simpatia e que vai traduzir para Romeno alguns autores açorianos.

Parece-me coincidência demasiada tratar-se de outra pessoa. Mas, apesar da sua imensa cultura (ou decerto por isso) é capaz de acompanhar como guia turística um grupo de portugueses. Talvez por esta e por outras é que a Roménia, mais dia, menos dia, passará à frente a Portugal em termos de desenvolvimento. Abraços. Daniel

A isto respondi eu:

Muito provavelmente, ou mesmo de certeza que é ela, como já foi ela há tempos que apareceu num programa multicultural que a RTP apresentou...

Provavelmente leu mais autores açorianos que muitos açorianos juntos...

Já lhe perguntei (a ela Marilena Crina Voinea) mas devido à diferença de hora só depois saberemos...

Ela traduz atualmente Cristóvão de Aguiar "O passageiro em trânsito" e seguidamente traduzirá por esta ordem Daniel de Sá, Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto, cortesia dos esforços dos Colóquios da Lusofonia de levarem estes e outros escritores a locais inimagináveis (Polónia, Ucrânia, Rússia, Eslovénia, Itália, França...)

Um abraço do tamanho do mar a todos os que leram livros de autores açorianos...

Lembro que ainda ontem me indignei com a SIC, numa reportagem sobre São Jorge e Pico, e os dois apresentadores com o livro de Melville nas mãos em vez de lerem Dias de Melo, por exemplo...claro que nunca ouviram falar dele e estavam todos entusiasmados como o Melville...santa ignorância...

daniel.de.sa respondeu:

Chrys, isso é verdade, triste verdade, a respeito de muitos portugueses continentais.

Mas também de muitos portugueses açorianos.

Já se escreveu igual pelo menos e mais atualizado que o que fez Raul Brandão, mas este continua a ser idolatrado em detrimento de gente de cá. Que não se o esqueça, por amor à literatura, mas tudo tem um limite. Veio aí o Tabucchi, disse umas coisas, e foi endeusado. E há cá quem escreva tão bem como ele e conheça as ilhas e seus costumes um pouco melhor.

Acabo de falar do concerto da Micaela. A moça toca angelicalmente. Pensas que o Teatro (leia-se GR) lhe abrirá o palco? Ou o Coliseu (leia-se BC)? Mais fácil vir o Quim Barreiros ou a Mónica não sei quantos.

Diz Chrys:

Infelizmente pertenço às elites, aquela coisa que o 25 de abril quis terminar tal como o Mao na China mas aqui não nos mandaram para campos de trabalho, espezinhados até morrermos, obrigam-nos a ouvir c's e f's todos os dias mas respondo-lhes eu com um c e que grande f para eles todos quer se digam de direita, esquerda ou do raio que os parta...é com orgulho que pertenço às elites que pensam e leem.

Se eu chamasse o roberto leal, o quim barreiros ou o tony caganeira (perdão carreira) tinha os Colóquios cheios MAS PREFIRO COMER BACALHAU A CHEIRÁ-LO....assim como prefiro fazer os Colóquios com 30 ou 40 pessoas dedicadas que nos acompanham o tempo todo e ajudam nos projetos como a Crina Voinea, Ilyana Chalakova, Larysa Shotropa, Iovka Tchobanova e alguns outros lusófonos e lusófilos.

A igualdade das massas é igual a mediocridade (ai agora é que me mandam mesmo fuzilar)

NÓS NÃO SOMOS TODOS IGUAIS E NÃO PODEMOS SER FEITOS IGUAIS À PRESSÃO, À PRESSÃO OU POR DECRETO.

Deve dar-se mérito a quem o tem, independentemente do nome com que nasceram ou do bairro onde nasceram, em vez desta fantochada em que são todos doutores, engenheiros ou arquitetos da mula russa (poucos conhecem esta terminologia cota) neste tipo de educação para todos, feita à força e que não cria uma população mais culta, apenas uma massa de tipos e tipas com canudos que não correspondem a saber nem capacidade de resolução de problemas.

Já tive empregadas domésticas com a velha quarta classe mais cultas do que alguns dos professores formados a martelo nas fábricas de salsicha atuais (perdão, fábrica de canudos). Desabafado isto, politicamente incorreto, acho que o Quim Barreiros e quejandos têm o seu lugar, tal como as telenovelas e outras coisas, para dar razão aos que parafraseiam Pedro Homem de Mello (esse coevo de Afife como o meu pai) "é disto que o meu povo gosta..."

Assim sendo, em vez de contratar um artista popular para lançar o meu livro vou ter a Ana Paula Andrade que nos Colóquios toca com uma soprano excepcional apesar do seu tamanho reduzido: a jovem Raquel Machado. Ainda nunca me disseram que tínhamos ópera nos Colóquios, o que é bom sinal...

Enquanto me deixarem vou continuar nas elites dos que leem, dos que continuam a aprender e a estudar com esta idade, dos que apreciam essas "chachadas de ópera" a que o Daniel foi... e que como todos sabem não têm tarelo nenhum e põem uma pessoa menente com aqueles sons esganiçados do violino que parece um porco na antecâmara da morte... Claro que não vai ao Coliseu (se calhar até nem veio de Portugal, lá de fora ou do estrangeiro) nem a sítio nenhum.

*14 junho 2011-06-14
Naufraguei
Na ilha
Acordei
Sem saber onde
Quem sou?
De onde vim?
Para onde vou?*

Foi então que vi os livros do Cristóvão de Aguiar na sua casa em São Miguel Arcanjo com vista sobre Santo Amaro a fugirem a sete pés da sua falsa.

*Que se passaria?
Ele não estava lá e os livros fugiam em correria desenfreada rumo às Poças onde costumava tomar o seu banho matinal.
Seria isto que acontecia aos livros quando ele não estava na ilha?
Porque fugiam?
De quem fugiam?
Há quem diga que a infância infernizada do Cristóvão se encarregou de geneticamente o levar a hereditarizar nos que o rodeiam.
Dizem alguns que ele é o exemplo vivo do inferno na terra, para ele e para os que se dele se acercam.
Eu não sei se seria por isso que os livros debandavam?
Quis aproximar-me, mas não podia de tão tolhido que estava pela sua última diatribe. Náufrago de uma amizade recente, mas perene.
De repente apercebi-me de que os livros em fuga eram apenas os que ele escrevera, os dos outros autores andavam numa roda-viva, em acesa discussão sobre quem era o mais açoriano e o melhor representante da açorianidade.
Afinal, as tertúlias que tivera em sua casa no ano de 2009 haviam passado para os livros que decoravam - como se de mobílias se tratasse - a sua falsa no Pico.
Era o exemplo mais vivo do que são as personalidades açorianas que escrevem livros.
Apresentam uma fachada manuelina, bem compostinha embora, nalguns casos, se notem as fissuras da idade naqueles rostos martelados na pedra.
Aprenderam com os estrangeiros a comportarem-se para ocultarem a sua terrível herança feudal que os condiciona ainda hoje, mas quando o verniz estala tudo vem à tona. É uma canga pesada para que se libertem em apenas três décadas desde que a democracia voltou.*

Ocupam as cores do arco-íris nos quadrantes políticos e dizem-se todos - mas mesmo todos - muitos amigos, uns dos outros.

Difícilmente se toleram fora das cliques e claques onde pontificam e se as não tem a sua sobrevivência como escritores está quase irremediavelmente comprometida e condenada ao fracasso.

Poderíamos extrapolar sobre o que fazem os livros do Daniel de Sá, se não fugirão também, todas as noites até Santa Maria?

Será que saem silenciosamente da casa na Maia (em São Miguel nos Açores), paredes meias com o Solar de Lalém e vão primeiro para a Travessa dos Foros onde viveram décadas para matarem saudades antes de aventurarem por mares alterosos para regressarem à Ilha-Mãe tão celebrada, em busca das pedras de antigas casas mitológicas que preenchem os seus sonhos e serviram de motivo para o pastor das Casas Mortas.

Estou mesmo a imaginar todos esses livros em fila açoriana a saltar de ilha para ilha em busca do Santo Graal que aquelas pedras encerram. Felizmente que os tempos são outros, pois no tempo do pai do Daniel era preciso uma espécie de "passaporte" para se ir de ilha a ilha, mais ou menos o que acontece agora na China com Macau e Hong Kong, um país e dois sistemas.

No verão deve ser mais fácil aos livros aventurarem-se no Grande Mar Oceano, que os invernos trazem ventos e marés de virar barcos bem pesados, alguns dos quais desaparecem sem deixarem rasto como ainda há meses aconteceu quando deixou de haver sinais em 15 março 2011 do barco de pesca "Ana da Quinta", uma embarcação de um armador de Vila Praia de Âncora que desapareceu a cerca de 150 milhas da Ilha das Flores, nos Açores, onde andava à pesca ao espadarte.

Não houve qualquer contacto por parte dos nove tripulantes que seguiam a bordo. São cinco pescadores de Vila Praia de Âncora e quatro de origem asiática, todos com idades acima dos 40 anos e larga experiência marítima. Não há qualquer explicação para o sucedido porque, apesar de na altura se registarem no local ondas de cinco metros, o barco "Ana da Quinta" fora construído em ferro com 20 metros de comprimento e mais de 100 toneladas...e nunca apareceria apenas tendo sido encontrado um corpo se a memória me não falha.

Talvez os livros só passeiem entre a Maia micalense e Santana mariense no estio.

O certo é que em qualquer dos casos não tenho coragem de pedir aos autores autorização para comprovar esta minha fé inabalável nos movimentos secretos dos livros que preenchem as suas bibliotecas.

Teria de me postar em posição de atalaia, como se fosse um vigia de baleias à espera de os ver sair, a menos que se consigam teletransportar que é isso que, por vezes, acontece com o conteúdo das obras de muitos destes autores açorianos.

Depois, ficaria à espera para saber que novas histórias tais livros poderiam contar ao regressarem calma e silenciosamente às suas bibliotecas, aguardando que os donos os vão consultar, já que não foram escritos para ficarem a apanhar pó nem para embelezarem um qualquer armário.

Certamente com a criatividade da Engenharia, da Arquitetura e da Historiografia tais ideias podem transformar qualquer das ilhas na verdadeira Ilha da Fantasia, enriquecendo os atrativos para os seus habitantes e visitantes, gerando mais e bons empregos, mais atividade ao comércio, mais impostos, etc.

Quando estive pela primeira vez em Santa Maria, viajei de volta à minha adolescência tendo fascinado prédios e instalações antigas, em especial as instalações do enorme aeroporto, daquela que não é cidade, mas apenas a Vila do Porto. Tudo ali me remete ao passado glorioso e azafamado da Segunda Guerra, quase coetâneo do meu nascimento e me encanta. Até pensei em tentar fazer um projeto ou algo assim de recuperação das instalações. Nessa data - e já lá vão uns seis anos - ainda não era a Câmara Municipal responsável por muitos desses equipamentos urbanos.

Imaginem só, a vila quase não possui pontos turísticos e se fosse possível das instalações desativadas construir um verdadeiro museu vivo em homenagem ao esforço da Segunda Guerra, seria ainda possível reproduzir artesanalmente dentro daquele espaço incrível a vida no tempo da guerra. Haveria lugar para o artesanato que os visitantes poderiam levar de lembrança com um preço simbólico, criando novas oportunidades e revitalizando a Vila do Porto.

Até agora nestes sessenta anos deixaram acabar quase tudo o que era importante preservar. Assim se reporia a verdade sobre um povo maravilhoso que merecia um maior respeito com a sua história e o seu património, realmente uma pena... Agora só falta converter aquilo tudo num Museu vivo e recolher exemplares que andem para aí espalhados de relíquias da guerra.

98. 100. CRÓNICA 100 MAIA 5 SÉCULOS E UM LIVRO. 1 julho 2011

100.1. CHRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOLUME DOIS

Há momentos mágicos na vida de cada um, daqueles que queremos perdurem não só na memória como até gostaríamos fossem perpetuados numa espécie de animação suspensa, como se fosse possível parar o tempo e fixá-lo numa determinada imagem de um instante, nesta fugaz existência que nos permite andar a vaguear por este geoide achatado nas calotes polares a que chamámos Terra.

Dia 1 de julho na Maia (S. Miguel, Açores) foi um desses momentos graças à música açoriana interpretada pela Ana Paula Andrade e filhos Carolina e Henrique, que serviu de prelúdio a uma magistral digressão pelo tempo e pela geografia a cargo do Pedro Bicudo na apresentação nacional do *CrónicaAçores: uma circum-navegação*.

Meia centena de pessoas abdicou do lazer destinado à noite de sexta-feira (mais conhecida como a pausa de descanso do guerreiro que labuta toda a semana) para ouvir falar de um autor “offsider”, pouco conhecido que fala de açorianidade como se nela tivesse nascido.

Foi uma honra ter na assistência José Carlos Teixeira, Urbano Bettencourt, Daniel de Sá, José Francisco Costa, além de tantos amigos, conhecidos e desconhecidos, incluindo a Joana Motta Vanzeller que só conhecíamos ciberneticamente, uma mão cheia de professores da escola local, normalmente avessos a estas iniciativas, além do Manel Sá Couto, o Zé Soares, e tantos outros que estoicamente ali estiveram cerca de duas horas sob os olhares atentos das câmaras da RTP Açores que se dignou subir à costa norte de São Miguel para fixar na objetiva uma das primeiras iniciativas dos 5 séculos da Maia.

Não esperei que tanta gente pudesse acorrer a um local normalmente esquecido na geografia da ilha, afastado dos centros de poder para uma apresentação de um livro de um jornalista reformado, politicamente incorreto, confesso ateu e inconformista e que apenas ciclicamente é mencionado a propósito dos Colóquios da Lusofonia. Pena foi que as velhas rivalidades, e outras questões comezinhas, impedissem a presença de mais gente da Lomba da Maia que o autor considera sua e que homenageia neste livro com uma monografia.

O que consta e que ficará registado é que ali não estava ninguém por obrigação, social ou outra, para ouvirem falar de autores açorianos como Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa, Daniel de Sá e tantos outros que percorrem em diálogos variados.

Deles estão repletas as páginas de *CrónicaAçores* (vol. 2), na génese de vários sucessos que os Colóquios da Lusofonia têm alcançado numa constante viagem de achamento da açorianidade, levando esses autores a traduções em línguas menos conhecidas (romeno, polaco, russo, búlgaro entre outras), à sua divulgação nos Cadernos Açorianos, à sua inclusão na Antologia de Autores Açorianos contemporâneos e à versão bilingue que daquela se constrói.

Disso se falou e da herança de judeus conversos do autor e do apresentador numa noite em que as imagens das ilhas serviam de pano de fundo preparando a audiência para o magistral concerto do Cancioneiro Açoriano que precedeu a mais formal apresentação do livro.

Éramos todos açorianos nessa noite apesar de nascidos nos mais diversos países e regiões e o livro serviu de desculpa para uma tertúlia de estórias que se prolongaria noite

adentro, em casa do Daniel de Sá, ao lado do imponente Solar de Lalém prenhe de história. Resta-me acrescentar (adiante) os agradecimentos de autor com que se encerrou a sessão pública.

100.2. TEXTO DE AGRADECIMENTO PELA APRESENTAÇÃO) CRÓNICAÇORES VOL 2 LANÇAMENTO MAIA 1 de julho 2011

Iniciarei o ritual de agradecimentos pelo Jaime Rita por me ter incluído na celebração dos 5 séculos da Maia e desejar que esta cumpra aspirações ancestrais e que em breve seja elevada a Vila como já é sentida por muitos. Uma palavra de apreço à Professora Ana Paula Andrade pela sua amizade e pela sua total disponibilidade para nos presentear com excertos do Cancioneiro Açoriano bem apropriados a este livro.

Sinto-me grato pela magistral apresentação do Dr Pedro Bicudo de quem partiu a ideia de se fazer o lançamento nacional desta obra na Maia nas celebrações dos 500 anos, e ao Francisco Madruga da Editora Calendário das Letras, por ter acreditado que valia a pena publicar este livro e por último, já que isto se assemelha a uma apresentação dos Óscares em Hollywood, devo agradecer à minha mulher por ter casado comigo. Sem ela, estaria na Austrália, nunca teria conhecido os Açores, nunca teria sentido esta açorianidade que através dos Colóquios da Lusofonia temos levado aos quatro cantos do mundo e que é tratada na CrónicaAçores. Por isso, falarei pouco do livro para que o possam ler. Nele, explico como vindo de outras culturas e continentes me deixei apaixonar pela ilha. Os outros mundos, lá fora, perderam importância e servem só para eu divulgar um dos segredos mais bem guardados: o da existência de uma importante literatura de matriz açoriana. Existem muitos autores açorianos que merecem ser lidos. Hoje a internet, televisão, jogos de consola e outras diversões mais mundanas afastam-nos da leitura como forma de aquisição de saberes. Temos mais informação do que em qualquer outra era, mas estuda-se menos, lê-se menos e subsequentemente sabe-se menos.

Nem todos os escritores são complexos como Cristóvão de Aguiar. Uns falam da vida árdua e da fome dos baleeiros do Pico, como Dias de Melo. Outros são poetas como Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto. Mas poucos serão tão acessíveis como o nosso maiato condecorado, Daniel de Sá que tanto gosta de ensinar História enquanto nos conta as suas estórias. Outros nomes havia, mas escolhi os que melhor conheço e a quem chamo amigos.

Como tradutor de Daniel de Sá fiquei cativo e apaixonado e tive de escrever este livro para me libertar da poção mágica da sua escrita e daí nasceu "CrónicaAçores: uma circum-navegação".

Se bem que a minha pátria seja a Austrália eu conjugo-a com a de Fernando Pessoa, a língua portuguesa. Se hoje tenho como mátria Bragança no nordeste de Portugal, aos açorianos o devo, pois foram eles quem me ensinou a ter amor às verdadeiras raízes onde quer que se viva. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de ir descobrir as minhas origens a Bragança embora lá vivesse menos tempo do que em qualquer outro lugar. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver tantos escritores nos Açores se deve exatamente ao facto de vivermos nestas ilhas. Em São Miguel o verde dos montes, as vacas alpinistas e o mar que nos circunda são responsáveis por nos levarem a escrever.

Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria só a riqueza dos conhecimentos que andei colecionando ao longo da vida em circum-navegação e que agora condensei em livro. Aprendi mais nos países onde vivi do que qualquer universidade me poderia ensinar. Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos. Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano. É disso que este livro fala.

A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar, Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver dilatar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.

Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, depois em um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente Austrália, e na ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

A CrónicaAçores, volume dois, retrata os meus amores ilhéus. Além da literatura dos Açores, também contém a primeira monografia da Lomba da Maia (onde vivo) antes de viajar de Bragança à Austrália, e aos meus amores por São Miguel, Santa Maria, São Jorge, Faial e Pico. Aliás a inquietude persegue-me desde que saí de casa em 1972 e - mais propriamente - desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há seis anos. Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha - enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nos 500 anos da Maia embora saiba que a minha terra, que a Lomba da Maia ainda não recuperou da tentativa de mudar o nome para N. Sra. do Rosário, ferida pela desfeita real de 1699 quando

"...o rei Dom Pedro II, o Pacífico, por certo, não hesitou em desautorizar o bispo D. António, e a Lomba da Maia, sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegaria a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia."¹⁴⁷

Hoje somos vizinhos nesta autonomia democrática e temos de esquecer as rivalidades ancestrais para crescermos em conjunto e não de costas voltadas.

Se a Maia está mais voltada para o mar e a Lomba para as vacas, temos de aproveitar essas diferenças para incrementar as nossas potencialidades de atrair turismo para ambas as valências, oferecendo a nossa imensa hospitalidade, gastronomia, os nossos montes e mares pois poderá estar aí o nosso crescimento económico e a solução para o desemprego crescente que já começa a ameaçar a estrutura familiar das nossas gentes. Saibamos aproveitar as semelhanças em vez de realçar as diferenças pois na união está a nossa força.

Aquí, na Maia e na Lomba, somos diferentes, somos da costa norte. Não nos importa que a costa sul nos esqueça. Temos enorme orgulho nos nossos mares agrestes, nos nossos ventos mata-vacas e temos a dignidade de cinco séculos de história e de trabalho árduo com a memória da pesca, do linho, do tabaco e das telhas.

Esta é a mensagem final que entenderão bem melhor se lerem CrónicaAçores. Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem pois vou terminar sem ler o único texto em que uso termos típicos das nossas nove ilhas, pois disso se encarregou o Pedro Bicudo na sua apresentação.

100.3. CONVERSAS DO ALÉM

Há tempos fiquei menente¹⁴⁸ quando me disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel.

O homem sem pitafe¹⁴⁹ algum viera da Amerca¹⁵⁰, ali da antiga Calafona¹⁵¹, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso.

Qual não foi o meu espanto, num alpardusco¹⁵² de camarça¹⁵³, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho.

Não tinha tarelo¹⁵⁴ nenhum. Não querendo ser lambeta¹⁵⁵, interroguei-me “Estaria a falar com o falecido, que nascera empelicado¹⁵⁶?” Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na “Stars and Stripes” à prova de leiva¹⁵⁷ ou continuaria na sua eterna Madorna¹⁵⁸? Teria acendido um palhito¹⁵⁹ para ver quem lhe ligava?

De que fariam? Que mexericos trocavam? Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer?

147 (in Mário Moura: A criação de uma paróquia, Sra. da Conceição da Ribeira Grande")

148 Menente, espantado, estupefacto (São Miguel)

149 Pitafe, defeito, atribuído quer a pessoas, quer a objetos. Nódoa na reputação.

150 Amerca, corruptela de América, ou Nova Inglaterra por oposição ao outro grande polo de emigração, a Califórnia

151 Calafona, Califórnia, na estropiação dos emigrantes de antigamente

152 Alpardusco, o mesmo que alparido, crepúsculo, lusco-fusco (São Miguel)

153 Camarça, tempo húmido (São Miguel)

154 Tarelo, juízo, tino (São Miguel)

155 Lambeta, intrometido (São Jorge)

156 Empelicado diz-se de pessoa afortunada, usado na frase nascer empelicado (Terceira)

157 Leiva, designação dada a formações de musgo de várias espécies Sphagnum, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, Calluna vulgaris, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.

158 Madorna, sono leve, sonolência, torpor

159 Palhito, o mesmo que fósforo (Terceira)

Estariam a queixar-se da sorte caipora¹⁶⁰ dos herdeiros ou a culpá-los pela caltraçada¹⁶¹ criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de ao pé da porta¹⁶²? Falariam do gado alfeiro¹⁶³ sem touro de cobrição?

Talvez dum derraço numa filha numa constante arredouça¹⁶⁴, às fiúzes¹⁶⁵ do namorado da cidade? Eu ia ficar a nove¹⁶⁶ mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas.

Não devem escalar grandes cumes culturais ou espirituais. Pressuponho ser esse o jaez da conversação. Não creio que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas.

Quem sabe que lastimavam? Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para se discutir à mesa, sem ninguém a atramoçar¹⁶⁷, com uns calzins¹⁶⁸ de abafado¹⁶⁹ até se ficar meio piteiro¹⁷⁰.

Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquite.

Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha.

Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena.

Admiro-me que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão.

Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis.

Um tema a merecer estudos futuros...¹⁷¹"

160 Caipora, de qualidade inferior, reles. Sorte caipora: que pouca sorte, sorte maldita (São Miguel)

161 Caltraçada, confusão, mixórdia, trapalhada

162 Vizinho do pé da porta, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (vizinho de ao pé da porta em São Miguel)

163 Alfeiro, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)

164 Arredouça, confusão, desordem

165 Fiúzes (São Miguel) ou às fiúzas de, à custa de, viver à custa de outrem (Terceira)

166 Ficar a nove, não entender nada do que ouviu.

167 Atramoçar, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (São Miguel)

168 Calzins, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas

169 Abafado, O vinho abafado é um vinho tradicional dos Açores, constituindo uma tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos vinhos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micalense. O abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (São Miguel)

170 Piteiro, aquele que bebe muito (Terceira, Flores)

171 (texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M. Soares de Barcelos, autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro

99. 101. CRÓNICA 101 NASCIMENTO DA NETA SEGUNDA, julho 25-27 2011

Seria coincidência ou fortuito acaso? Após quase cinco anos de silêncio, os sinos da igreja da Lomba da Maia (há muito silenciados por razões que desconheço) voltaram a tocar na hora certa e pela meia hora, como que a anunciar a vinda de uma segunda neta.

Nestas coisas os sinos costumam ser mais frequentemente associados a enterros e avisos de falecimento do que a alegrias...

Como dizia o poeta António Gedeão, *“eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida”* e assim tem sido comigo.

Resta-me desejar que o mesmo lhe suceda.

Vieste do nada numa madrugada longa sem luar, enquanto o mar rugia ao longe na Praia da Viola, percorreste o caminho das estrelas como tantas outras antes de ti, mais parecias um cometa deixando um rasto indelével na ansiedade da tua avó, bis-avó (que é uma avó bis), ansiando abrir as asas e voar até ti, agarrar-te e dar-te todo o carinho do mundo como só as avós sabem.

Na ilha fez-se silêncio em tua honra, antes de os cagarros começarem a cantar a sua ladainha noturna e antes mesmo de os milhafres fugirem assustados para as suas tocas, altos poleiros em postes na estrada vizinha.

Nem um só barco saiu à pesca nessa noite, acenderam-se velas nas aldeias, ditas freguesias, e se houvesse romeiros, seria em tua honra. As vacas mugindo, pediam para serem esvaziadas as suas tetas úberes num afã de te darem alimento.

Os sorrisos que irás trazer acalentam muitos corações e fazem esquecer a solidão dos dias horizontais enquanto na vizinha Maia os foguetes estrelejam pois ao fim de cinco séculos vens anunciar uma boa nova.

Enquanto isso, o poeta continuava mergulhado nos seus pensamentos, em frente às rochas, a que chamam piscinas naturais ou poças, incapaz de um poemato que o levasse do papel à ação.

Ouvia as falésias a cantarolarem canções de embalar a que chamavam “lullaby” para te embalarem no remanso das ondas sob o olhar atento dos garajaus.

E ao fundo, na bruma do amanhecer, ver-se-á mais uma ilha enevoadada daquelas que costumam surgir com os nevoeiros de São João e chamar-se-á Leonor.

Bem-vinda neta que fazes sentir o calendário dos dias nos anos deste avô que nunca escreveu poemas no nascimento dos filhos.

Lá como cá... Um pouco por todo o mundo... O neocapitalismo cria novas formas de escravagismo e de servidão e não deve ser com manifestações destas que irão mudar...

Revolucionários precisam-se, depois criam-se mais umas guerras e umas invasões sob qualquer pretexto que os vendedores de armamento bem precisam...E o ser humano continua aviltado no fundo da escala...

Em busca dos sonhos burgueses com que o educaram numa sociedade consumista e eu aqui sentado à espera que apareça um novo homem/mulher educado, culto, pacifista, interessado no seu semelhante sem ter que se refugiar em paraísos artificiais sejam eles os das drogas, álcool ou meramente reduzido a um ser de fé.

Tal como em Portugal! Hospitais não funcionam, educação não funciona, justiça não funciona. Nada funciona...

O medo é a regra geral. Para quê Senadores, Deputados, Vereadores, Prefeitos, e toda a classe política se nada funciona. Só existe interesse próprio, com o próprio umbigo. É só escândalo atrás de escândalo todos os dias. Não se tem mais vergonha na cara. A corrupção está instaurada em todos os níveis das entidades representativas da sociedade.

Leio: "É uma vergonha. Se você está satisfeito(a) com o Governo, nem leia isto, delete e pronto! 1 MILHÃO de pessoas na Avenida Paulista, pela demissão de toda a classe política. XÔ PETISTAS. É agora!"

Dito assim até parecia legítimo, mas a história nem sempre é o que parece, e o que viria seguir, passados uns anos, viria a demonstrar a fraude deste populismo com que todos concordam.

Repassando...

Um milhão de pessoas na Avenida Paulista pela demissão de toda a classe política. Este e-mail vai circular hoje e será lido por centenas de milhares de pessoas. A guerra contra o mau político, e contra a degradação da nação está começando.

Não subestimem o povo que começa a ter conhecimento do que nos têm acontecido, do porquê de chegar ao ponto de ter de cortar na comida dos próprios filhos!

Estamos de olhos bem abertos e dispostos a fazer tudo o que for preciso, para mudar o rumo deste abuso.

Todos os "governantes" do Brasil até aqui, falam em cortes de despesas.

Mas não dizem quais despesas

Mas, querem os aumentos de impostos como se não fôssemos o campeão mundial em impostos.

Nenhum governante fala em:

1. Reduzir as mordomias (gabinetes, secretárias, adjuntos, assessores, Suportes burocráticos respetivos, carros, motoristas, 14º e 15º salário etc.) dos poderes da República;

2. Redução do número de deputados da Câmara Federal, e seus gabinetes, profissionalizando-os como nos países sérios. Acabar com as mordomias na Câmara, Senado e Ministérios, como almoços opíparos, com digestivos e outras libações, tudo à custa do povo;

3. Acabar com centenas de Institutos Públicos e Fundações Públicas que não servem para nada e, têm funcionários e administradores com 2º e 3º emprego;

4. Acabar com as empresas Municipais, com Administradores a auferir milhares de reais ao mês e que não servem para nada, antes, acumulam funções nos municípios, para aumentarem o bolo salarial respetivo.

5. Acabar com o Senado e com as Câmaras Estaduais, que só servem aos seus membros e aos seus familiares. O que é que faz mesmo uma Assembleia Legislativa (Câmara Estadual)?

6. Por exemplo as empresas de estacionamento não são verificadas porquê? E os aparelhos não são verificados porquê? É como um táxi, se uns têm de cumprir porque não cumprem os outros? E como não são verificados como podem ser auditados?

7. Redução drástica das Câmaras Municipais e das Assembleias Estaduais, se não for possível acabar com elas.

8. Acabar com o Financiamento aos partidos, que devem viver da quotização dos seus associados e da imaginação que aos outros exigem, para conseguirem verbas para as suas atividades; aliás, dois partidos apenas como os EUA e outros países adiantados, seria mais que suficiente.

9. Acabar com a distribuição de carros a Presidentes, Assessores, etc., das Câmaras, Juntas, etc., que se deslocam em digressões particulares pelo País;
10. Acabar com os motoristas particulares 24 horas ao dia, com o agravamento das horas extraordinárias...para servir suas excelências, filhos e famílias e até, as ex-famílias...
11. Acabar com a renovação sistemática de frotas de carros do Estado;
12. Colocar chapas de identificação em todos os carros do Estado. Não permitir de modo algum que carros oficiais façam serviço particular tal como levar e trazer familiares e filhos, às escolas, ir ao mercado a compras, etc.;
13. Acabar com o vaivém semanal dos deputados e respetivas estadias em hotéis de cinco estrelas pagos pelos contribuintes;
14. Controlar o pessoal da Função Pública (todos os funcionários pagos por nós que nunca estão no local de trabalho). Há quadros (diretores gerais e outros) que, em vez de estarem no serviço público, passam o tempo nos seus escritórios de consultorias a cuidar dos seus interesses.
15. Acabar com as administrações numerosíssimas de hospitais públicos que servem para garantir aos apadrinhados do poder - há hospitais de cidades com mais administradores que pessoal administrativo...pertencentes às oligarquias locais do Partido no poder...
16. Acabar com os milhares de pareceres jurídicos, caríssimos, pagos sempre aos mesmos escritórios que têm canais de comunicação fáceis com o Governo, no âmbito de um tráfico de influências que há que criminalizar, autuar, julgar e condenar;
17. Acabar com as várias aposentadorias por pessoa, de entre o pessoal do Estado e entidades privadas, que passaram fugazmente pelo LEGISLATIVO;
18. Pedir o pagamento da devolução dos milhões dos empréstimos compulsórios confiscados dos contribuintes, e pagamento IMEDIATO DOS PRECATÓRIOS judiciais;
19. Criminalizar, imediatamente, o enriquecimento ilícito, perseguindo, confiscando e punindo os ladrões que fizeram fortunas e adquiriram patrimónios de forma indevida e à custa do contribuinte, manipulando e aumentando preços de empreitadas públicas, desviando dinheiros segundo esquemas pretensamente "legais", sem controlo, e vivendo à tripa forra à custa dos dinheiros que deveriam servir para o progresso do país e para a assistência aos que efetivamente dela precisam;
20. Não deixar um único malfetor de colarinho branco impune, fazendo com que paguem efetivamente pelos seus crimes, adaptando o nosso sistema de justiça a padrões civilizados, onde as escutas VALEM e os crimes não prescrevem com leis à pressa, feitas à medida;
21. Impedir os que foram ministros de virem a ser gestores de empresas que tenham beneficiado de fundos públicos ou de adjudicações decididas pelos ditos.
22. Fazer um levantamento geral e minucioso de todos os que ocuparam cargos políticos, central e local, de forma a saber qual o seu património antes e depois.
23. Pôr os Bancos pagando impostos e, atendendo a todos nos horários do comércio e da indústria.
24. Proibir repasse de verbas para todas e quaisquer ONGs.
25. Fazer uma devassa nas contas do MST e similares, bem como no PT e demais partidos políticos.
26. REVER imediatamente a situação dos Aposentados Federais, Estaduais e Municipais, que precisam muito mais que estes que vivem às custas dos brasileiros trabalhadores e, dos Próprios Aposentados.
27. Informar o povo, onde arranjam tantos bilhões pra demolir estádios e construir estádios novos para a copa do mundo...e não conseguem dinheiro pra pagar os aposentados com salário integral...não conseguem dinheiro. Ou não se interessam em conseguir...pra educação...construir escolas dignas pra que a nossa juventude tenha alguma esperança de um futuro melhor...dizem que não tem dinheiro pra saúde...mas pra copa! ISSO TEM FÁCIL...FÁCIL. PORQUE AÍ TÊM A OPORTUNIDADE DE ROUBAR O POVO.
- 28- Volta ao curriculum escolar a matéria de "educação cívica" para ensinar os direitos, deveres do povo, através da nossa constituição. Volta da cidadania, do orgulho pela pátria!

Ao "povo", pede-se o reencaminhamento deste e-mail. Se tiver mais algum item, favor acrescentar.

"O QUE ME INCOMODA NÃO É O GRITO DOS MAUS, E SIM, O SILÊNCIO DOS BONS" (Martin Luther King)

Como todos sabemos, uns anos mais tarde, era o primeiro apelo para a deposição dos governos democraticamente eleitos do PT e a imposição de um regime fantoche manipulado pelos EUA com Temer à frente do governo fantoche. Mas quem o lia naquela época, podia ser levado pela conversa fiada...

101. 103. CRÓNICA 103 CRÓNICAÇORES NO PICO, 9-10 agosto 2011

O Hotel Caravelas tem um nome que já não corresponde à sua atual volumetria. Com as recentes obras, os quartos que - em presépio - se voltavam para a Horta, passaram a ficar voltados uns para os outros sobre a entrada da garagem.

Decerto que a ideia era a de recriar o pátio romano ou árabe, em torno do qual toda a atividade do “lar” se desenrolava, e assim quando alguém ia a uma varanda fumar podia vigiar e espiolar o que os vizinhos faziam nos seus quartos, numa política de aproximação e integração dos hóspedes na vida comunitária.

Claro que perderam a soberana vista sobre a vizinha ilha do Triângulo, mas ganharam uma visão privilegiada: uns sobre os outros. A fachada principal passou para uma rua das traseiras com uma imponente vista do Pico, mas todos os vidros estavam tão sujos (durante uma semana) que nem se via a montanha.

Obviamente, um mero pormenor que não mereceria reparos, quem quiser ver o Pico que vá lá vê-lo e não fique no Hotel a observá-lo. Na sua imponência, sobranceiro ao pequeno porto da Madalena do Pico ocupa um lugar privilegiado na ilha, por ser a única unidade hoteleira digna desse nome e capacidade pouco abaixo de uma centena de quartos. As vistas para o Faial e a sua localização privilegiada no coração da Vila da Madalena não podem, no entanto, servir de desculpa para o péssimo serviço que o Hotel Caravelas proporcionou no verão de 2011 aos seus hóspedes.

Logo que chegam à receção, os clientes são avisados que o insólito check-in ocorre apenas pelas 16 horas... No caso vertente, após algum esforço e simpatia foi possível convencer a sobrecarregada equipa de limpezas de quartos a proceder aos trabalhos de limpeza do mesmo antes das 15 horas.

A mala vinda no voo da manhã de São Miguel, que aguardava, pacientemente, num canto da receção desde as 09.30 foi finalmente desmanchada, depois de termos sido surpreendidos pelo pedido de pagamento prévio da ocupação dos quartos., supomos que este método revolucionário de cobrar antes da estadia se deve ao facto de poderem evitar reclamações futuras.

Nesse dia e seguintes a bucólica calma da “baixa” da Madalena era interrompida pelo martelar pneumático de berbequins e outros irritantes aparelhos mecânicos numa obra de mudança de painéis de madeira na receção e noutros locais que decerto não poderia ser adiada para uma época mais calma (primavera, outono, inverno).

A juntar a isto uma carrinha dos trabalhadores de carpintaria ocupava um dos poucos lugares do estacionamento na garagem, tão mal concebidos que apenas davam lugar a uma dúzia de viaturas onde bem poderia caber o dobro...convenhamos que estas reparações de emergência em pleno mês de agosto eram um abuso da paciência e do direito ao descanso dos veraneantes incapazes de dormirem a sesta que os locais acreditavam ser prerrogativa exclusiva dos espanhóis.

Ao pequeno-almoço, o café de saco foi servido frio, calculando-se que ali tivesse sido colocado pelas 07.30 e como a temperatura ambiente era de 28 °C os funcionários deveriam calcular que se mantivesse quente após duas horas.

Quando interrogada uma funcionária sobre a possibilidade de ter um café expresso, foi dito perentoriamente que teríamos de nos deslocar à receção a pedi-lo pois ela não podia ir lá...mandou-me a mim...

Gostei desta atitude que revela determinação e iniciativa, para os hóspedes não ficarem sentados à espera que as coisas lhes apareçam à frente e - como todos sabem - o exercício dos hóspedes faz bem à saúde do hotel..

Assim, contrariamente ao que aconteceu tantas vezes não tomei o café expresso ao pequeno-almoço.

A contragosto, contrafeito, contrariado, incomodado, irritado, saí momentos depois e fui tomá-lo ao bar esplandada, mesmo ao lado, o Caipirinhas Park, onde o solícito brasileiro pela segunda manhã que me viu mandou servir-me a habitual italiana e o café curto da minha mulher...sem ninguém sequer ter tempo para pedir...

Não acredito que lhe venham a dar emprego no Caravelas (é demasiado atencioso e eficaz).

Demos um passeio pela ilha até à inolvidável e sempre quente Prainha onde nos deliciamos ao almoço - *comme d’habitude* - no “Campo do Paço” restaurante recomendável a quem gosta de boa comida, embora o serviço seja sempre para o lento, mesmo com pouca clientela como era o caso.

Vimos dormir a sesta ao Hotel e para nosso espanto o quarto estava por arrumar embora o sinal a pedir a limpeza do mesmo ali estivesse pendurado desde as dez da manhã...Nessas cinco horas a brigada de limpezas não tivera tempo.

Questionada a receção foi-nos dito que era por o Hotel estar cheio... Esta resposta, que não chegou para me enfurecer, daria motivo a reflexão diversa após termos constatado que a empregada da firma de aluguer de carros ajudava a limpar a piscina e ajudava na receção.

O motorista que nos fora buscar ao aeroporto andava a aspirar e a fazer manutenção de equipamento da piscina...aliás este “multitasking” ou utilização intensiva de pessoal em tarefas múltiplas só demonstra a alta

capacidade de motivação dos patrões que com reduzido orçamento e um aproveitamento máximo dos recursos humanos põe toda a gente a desempenhar todas as funções possíveis

A ida à piscina do Hotel permitiu comprovar que a crise é um mito, e apesar destes turistas serem, na maior parte, do tipo mochileiro, ou pé descalço sem desprimor para os que optam por andar descalços...o certo é que os havia de todas as nacionalidades: franceses, alemães, espanhóis e italianos.

As novas gerações cheias de tatuagens e "piercings" numa versão século XXI dos hippies que dantes havia, andavam pela ilha mais interessadas em baleias e mergulhos do que em gastar divisas noutras atividades, além dos habituais "copos". Aliás, estes turistas que enxameavam a ilha dividiam-se em dois grupos os de mais de 50 anos e os de menos de 30...

Eis senão quando na piscina irrompe uma senhora matrona, carregada de joias (embora não me pareça que a piscina seja o sítio ideal para tal ostentação..., mas é a minha opinião apenas) a admoestar em voz alta uma adolescente que há mais de meia hora insistia em saltar para a piscina junto das pessoas que ali nadavam. Depois de ralar profusamente com a jovem por esta não ter acorrido de imediato ao chamamento e à oferta de um gelado, a senhora bradando em alta voz tentava negociar uma viagem de táxi na ilha com a duração de quatro horas, como se os restantes habitantes daquela piscina tivessem necessidade de o saber...

Mas os espanhóis que eram os mais alarves e ruidosos naquela multidão não pareciam incomodados por estas vocalizações propagadas pelo rossio que soprava do Canal.

Ao observar todos estes seres humanos que me rodeavam - tive, uma vez mais - a sensação de estar num jardim zoológico preenchido por bípedes que tentam sobressair da turba abusando da sua voz. Até os pássaros andavam afugentados.

Podia inclusive haver alguém interessado em fazer um aprofundado estudo psicológico neste ambiente, mas pela parte que me dizia respeito tinha para ler um excelente livro de Deolinda da Conceição, mãe do meu amigo Toning Conceição Jnr de Macau. "Cheong-sam (a cabaia)" descreve-nos em pequenos contos, delicados e deliciosos, diversas cenas da China e de Macau nos anos 50, e ali estava eu a observar um zoológico tão diferente no trato, na fala e nos costumes.

Havia um enorme fosso a diferenciar o respeito pelos outros e pelas convenções sociais ou seria apenas por me custar deglutir o grotesco espetáculo que me rodeava e me invadia a privacidade desta escrita com seus sons tonitruantes e alarves?

Como sempre, esta ilha atrai-me com a sua magia magnética que nos persegue e a qual tentei traduzir no fecho do meu curto discurso na apresentação do livro nas Lajes do Pico, com a presença de mais de uma vintena de pessoas e para a qual a Direção da Cultura mandou deslocar da Ilha Terceira, o Diretor do IAC, Eng.º Paulo Raimundo, que juntamente com o Diretor do Museu dos Baleeiros, Manuel da Costa Júnior fizeram a abertura da sessão no próprio Museu dos Baleeiros.

Na assistência contava-se o bom amigo Vasco Pereira da Costa. Fiquei menente com a importância que a DRAC deu ao assunto e com a presença de tanta gente incluindo o nonagenário Comendador Ermelindo Ávila, jornalista, escritor e personalidade picoense emérita bem lúcido nos seus 96 anos, presença esta que muito me sensibilizou, em especial ao ver que no final, na sessão de autógrafos, não aceitou passar para a frente das restantes pessoas, esperando pacientemente a sua vez. A propósito desta personalidade cumpre recordar aqui o que ele disse recentemente em entrevista ao Correio dos Açores:

"Julgo que tenho um relacionamento normal com todas as pessoas, das mais diversas atividades sociais incluindo, portanto, aqueles que são escritores.

Recordo neste momento, além de outros, o Padre Xavier Madruga, que considero o meu Mestre, o escritor picoense Dias de Melo, a quem me ligava uma amizade familiar de muitos anos, o professor Emanuel Félix, já falecidos e dos vivos Manuel Ferreira e Daniel de Sá, além de outros mais.

Nunca recebi qualquer quantia por aquilo que escrevo há setenta e oito anos.

Se esperasse por algum provento da escrita, andava hoje a pedir esmola, ou estava internado num asilo. Escrevo porque isso me dá prazer e é o quanto basta neste ocaso da vida"

Para registo e memória futura aqui fica o breve discurso que ali (Lajes do Pico) proferi no lançamento:

Boa noite a todos e obrigado pela vossa presença.

A CrónicaAçores retrata os meus amores ilhéus. Além da literatura dos Açores, viaja de Bragança à Austrália, e aos meus amores por São Miguel, Santa Maria, São Jorge, Faial e Pico.

Aliás a inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural.

Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português.

Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de seis anos.

Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito.

De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha - enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude.

Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?

Pois bem, eu não só acredito em multiculturalismo, como sou um exemplo vivo do mesmo. Nasci numa família mesclada de Alemão, Galego, Português e Brasileiro do lado paterno e do lado materno, Português e marrano, sangue de judeus conversos.

Só tarde me apercebi desta herança judaica que foi tão importante no povoamento destas ilhas.

Aos 23 anos publiquei o meu primeiro livro de poesia "Crónicas do Quotidiano Inútil".

Depois por cortesia do exército colonial fui defender o agonizante Império Português em Timor (1973-1975) onde fui Editor-chefe do jornal A Voz de Timor em Díli, antes de ir à Austrália e decidir adotá-la como pátria futura.

Comecei a interessar-me pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor.

Desde 1967 dediquei-me ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa escrita) e durante 24 anos escrevi sobre o drama de Timor-Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1976 a 1982 desempenhei funções executivas na administração da CEM. Ali também fui Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a TDM, RTP Macau e TV de Hong Kong. Depois, radicar-me-ia em Sydney (e, mais tarde, em Melbourne) como cidadão australiano.

Na Austrália estive sempre envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país e ainda hoje me definem.

Fui Jornalista no Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários além de ter sido Tradutor e Intérprete no Ministério da Imigração e no Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul.

Divulguei a descoberta da Austrália e vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do Capitão Cook).

Igualmente difundi a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos). Como Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters), lecionei em Sidney na Universidade UTS, Linguística e Tradutologia bem como Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes.

Por mais de vinte anos, fui responsável pelos exames dos Tradutores e Intérpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Fui Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS Universidade de Tecnologia de Sidney (1999-2005), publiquei trabalhos em jornais e revistas académicas e científicas, e apresentei temas de linguística e tradutologia e literatura na Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, China, etc.).

Em 1999, escrevi o ensaio político "Timor-Leste: o dossiê secreto 1973-1975", a que se seguiu em 2000 a monografia "Crónicas Austrais 1976-1996".

Em 2005 compilei e publiquei o "Cancioneiro Transmontano 2005" e outro volume dos contributos para a história "Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter" (> 2600 pp., edição de autor CD).

Entre 2006 e 2010, traduzi, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente de Daniel de Sá¹⁷², de Manuel Serpa¹⁷³, Victor Rui Dores¹⁷⁴.

Em março 2009 publiquei o volume 1º da "CrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, " cronicando as minhas viagens em volta do mundo.

Organizo desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia que ocorreram no Porto, Bragança, Ribeira Grande e Lagoa (São Miguel, Açores), Brasil e Macau e sou atualmente o Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos, coordenados por Helena Chrystello e Rosário Girão e livremente acessíveis em linha.

Este segundo volume continua a minha circum-navegação.

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, os cavaleiros da Távola Redonda e a busca pelo Santo Graal. Aqui não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar. Há apenas um poeta utópico, sequioso de aprender outras línguas, hábitos e culturas.

Da infância em Trás-os-Montes, parti à conquista do "Iulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivi ao "Anno Horribilis" no verão Quente de 1975 em Portugal, atravessei as Portas do Cerco na China de Macau, percorri a Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com passagem pelo Oriente-do-Meio e seus emirados, Europa, Ásia e Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil e Portugal. Por fim, parei nos ares como um milhafre sobre a ilha de S. Miguel donde voei em conquista de Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge.

Se na Austrália encontrei uma tribo aborígene a falar Crioulo Português com mais de 450 anos, descobri na antiga Bragança a mátria e nos Açores descobri o que a maior parte do mundo desconhecia: uma pujante literatura.

Esta viagem leva-nos num périplo pelo mundo em que vou cronicando tal como Marco Polo, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parto à descoberta de culturas antes de regressar ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até me radicar na "Atlântida" onde desvendo e divulgo a fértil literatura açoriana catapultadora de autonomias e independências por cumprir.

Falta aqui agradecer à minha lisboeta mulher radicada no Porto, por ter casado comigo. Sem isso estaria na Austrália e nunca teria conhecido os Açores e a açorianidade de que falo neste livro.

172 Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas, São Miguel: A Ilha esculpida e a Ilha Terceira Terra de Bravos

173 As Vinhas do Pico

174 Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel

Acredito na multiculturalidade. Dela absorvi e aprendi mais, nesses países onde vivi, do que qualquer universidade me poderia ensinar. Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em A Narcose, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

Foi preciso descer à Praia da Viola na Lomba da Maia onde vivo, subir ao Monte Escuro e aos sempiternos verdes montes, ver as vacas alpinistas e o mar que nos rodeia para entender a açorianidade que nos leva a escrever.

Depois, é preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e meditar em frente ao Ilhéu do Topo.

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas ou a Grande Ilha Fechada de Daniel de Sá.

Escolhi estes que melhor conheço, mas há muitos outros autores açorianos que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo de ensino.

Toda a minha vida foi uma circum-navegação. Se nos anos 70 designei para pátria a Austrália nunca deixei de conjugar a outra de Fernando Pessoa, a língua portuguesa.

Hoje tenho como mátria Bragança, mas aos açorianos o devo pois foram eles que me ensinaram o amor às raízes. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de descobrir as minhas origens em Bragança onde vivi menos tempo do que em qualquer outro lugar. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro.

Quando aqui cheguei desconhecia quase tudo sobre as ilhas, mas descobri no Dicionário do Moraes os termos “chamados” açorianos.

A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos.

Tratei de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à sua infância, sem perder de vista que as ilhas reais já não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano.

Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra.

Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua açorianidade.

Limitei-me a observar e a analisar o que me rodeia e depois passei ao papel essas crónicas do mundo que me envolve. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver aqui tantos escritores se deve exatamente ao facto de vivermos nestas ilhas.

Cito do livro:

A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar, Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteeda.

Para amar sem tocar, ver dilatar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.

Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes.

Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, depois em um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente Austrália, e na ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

Tudo começou quando traduzi autores açorianos como Daniel de Sá e Victor Rui Dóres entre outros. Acabei cativo e apaixonado.

Tive de escrever para me libertar da poção mágica do arquipélago e daí nasceu “CrónicaAçores: uma circum-navegação”.

Por isso escrevi

Que Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da Ilha do Pico. Escreveu como se da janela da sua “Cabana do Pai Tomás” no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras

Que Cristóvão de Aguiar psicanalisou as gentes e a terra que o viram nascer, mas adotou o Pico como nova ilha mátria em 1996.

Para ele a escrita nunca será catarse, título do seu mais recente livro, pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha.... Como diz (Relação de Bordo II pp. 199-200) Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que connosco carregámos...

Que Vasco Pereira da Costa é um apaixonado que representa a universalidade da açorianidade nos seus contos e poemas, sem jamais descurar o telurismo na sua escrita, sendo sarcástico e crítico do falso cosmopolitismo insular quer na crítica à mentalidade medíocre quer no provincianismo balofo que critica na multiplicidade da sua obra que vai desde o conto e a novela, até à memória e à “crónica” breve, passando pela Poesia.

Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria esta riqueza dos conhecimentos que colecionei ao longo da minha circum-navegação e que agora condensei em livro. É disso que este livro fala.

E continuo a citar alguns excertos:

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos Picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava.

Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nesta Vila que foi a primeira da ilha, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com todas as dificuldades e domar a lava com ferros e marrões até amontoarem a pedra em enormes “marçoços”, autênticos monumentos num rendilhado de paredes, tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Da última vez que aqui estive, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho.

Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando.

A viagem não teria destino.

Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes.

Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termino dizendo que esta é a magia da vossa ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar.

Bem hajam pela vossa paciência para me ouvirem pois vou terminar lendo o único texto em que uso termos típicos das nossas nove ilhas.

104. CRÓNICA 104 - PASSAGEIROS COM POUCO TRÂNSITO - 12 agosto 2011

Parado no aeroporto da Horta, não sou o *Passageiro em trânsito* do Cristóvão de Aguiar, nem transporto o *Fogo Oculto* do Vasco Pereira da Costa, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, minuto após minuto, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam um avião. Como sempre me acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: impérvio, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores.

Ao contrário de Cristóvão de Aguiar não carrego comigo a ilha e a que transporto não é outra. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento sempre o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem. Quando houver estrelas no céu quero que sejam as minhas, colar de pérolas para afagar pescoços. Há por aqui passageiros dos quatro cantos do mundo com especial enfoque para os de pé descalço ou mochileiros. Nem a todos descortino as línguas que falam, embora as mais comuns sejam o italiano, francês, alemão e castelhano.

Nos intervalos ouvem-se sons que não descodifico. Todas as pessoas inventam formas diferentes de esperar, mas hoje, a maioria está silenciosa, como o país em luto prolongado por uma crise como não há memória. Já são poucos os que falam. Uns leem, outros brincam com os novos gadgets de tecnologia avançada, *tablets*, telemóveis de última geração, I-pads, I-pods. Dizia-me há dias o Victor Rui Dores em Londres “*devo ser o único aqui sem PC nem outro instrumento*”. Não há português a viajar sem computador ou similar. Eu também viajava assim no início dos anos 90, mas agora que é comum, prefiro viajar sem eles e aproveitar para me desligar do mundo, sentir-me em férias de notícias, desgraças, calamidades e correio eletrónico.

Há um casal de meia-idade sentado a uma mesa, não muito distante da minha, ele escreve à moda antiga em grafia rápida com um cigarro na mão, ela lê um livro em papel. Parecem calmos e não temem a passagem do tempo, nem tampouco o apressam para apanharem o avião. Ele olha o Pico de frente, como um toureiro frente ao animal e espera que ele invista. Ela mantém-se na sombra sob o guarda-sol de costas para a montanha, embrenhada na leitura.

À minha volta, uma família emigrada prepara o regresso aos EUA com a avó a tiracolo, meio atarantada com o bulício e com as netas que não param de teclar. Mais à direita, um casal alemão aparenta ter acabado de sair das quentes águas do mar e ter-se esquecido de tomar banho na última quinzena. Um pequeno grupo de italianos, de ambos os sexos, fala incessantemente na sua toada musical tão típica. Não sei distinguir pelos sotaques de que região provêm.

Um casal francês, ao lado permanece, silencioso. Nem uma palavra trocou na última hora. Provavelmente já disseram tudo o que tinham para dizer ao longo dos anos e faltam as palavras para colmatar os silêncios. Nunca um silêncio alheio me tinha doído tanto. Que mistérios se encerrariam naquele emudecimento? Há espanhóis espalhafatosos, sempre a falarem alto como é seu apanágio, talvez pensem que estão num “comedor” ou num “*mesón*” a degustar “tapas”.

Um açoriano pai ouve a filha com atenção, talvez não tivesse tido tempo durante o ano para a escutar e nem se dá conta do zangão que voa agressivamente tentando pousar numa garrafa de cerveja abandonada na mesa que partilham.

Entretanto, com a chegada do voo TAP de Lisboa, muitos se levantaram para o verem aterrar, debruçados nas amuradas de cimento vermelho e azulejos azuis. Muitos não voltaram às mesas da esplanada, deviam ter encontro marcado no voo de regresso. Outros, prosseguiram as suas atividades como se nada se tivesse passado, como se aquele avião não lhes dissesse respeito, ou como se já tivessem visto demasiados aviões, e só aguardavam outra ligação interilhas.

Lentamente, os carros de aluguer enchiam o parque de estacionamento que estivera vazio toda a tarde. Os táxis, carrinhas de transporte e autocarros iam chegando e esvaziando o seu bojo de passageiros com encontro marcado com o destino.

A senhora que lia um livro em papel, de vez em quando, erguia os olhos para o marido com um sorriso enigmático que só eles deveriam conseguir traduzir enquanto ele fitava o Pico em busca de uma oportunidade fotográfica que a montanha continuava a recusar. Ambos vestiam roupa do Peter’s da cabeça aos pés e carregavam mais vestuário em duas sacas da mesma marca. Piores que eu. Seria preferência obsessiva ou falta de alternativas?

Esta e outras perguntas jamais seriam feitas, pois passado algum tempo, levantaram-se, deitaram o lixo no contentor e prosseguiram para a sala de embarque.

102. 105. CRÓNICA 105, LITERATICES, 19 agosto 2011

Nos Moinhos (de Porto Formoso) a manhã decorreu calmamente como já não acontecia há muito tempo, sem gente nem sobressaltos, com a praia vazia esperando o nadador-salvador que só viria pelas 11 horas. A esplanada vazia permitia aos pássaros tomarem conta das mesas e do chão onde se deparavam com opíparos restos de comida sobrantes das refeições da véspera.

Omnipresente era o silêncio das ondas na areia, sem as marés vivas que nesta época costumam assolar as costas do norte de Portugal. Havia cagarros, patos e outros pássaros entoando finas melopeias que serviam de música ambiente à leitura que este ano anda tão atrasada.

Ainda ontem surgira uma interessante troca epistolar com Osvaldo Cabral, ex-diretor da RTP-A relativamente a literaturas e, em especial, a de matriz açoriana que continua esquecida de apoios numa terra em que tudo o mais é subsidiado.

A Cultura dos engomados por Osvaldo Cabral in Correio dos Açores / Diário Insular pp. 13, dia 17 de agosto 2011. Roubei este título ao Victor Rui Does, um dos cronistas mais lúcidos da nossa contemporaneidade, associando-me a ele e a todos os desiludidos com uma certa política cultural comprada avulso lá fora, ignorando a imensa riqueza criativa na nossa região...

Re: Cultura dos engomados [pp. 13 por Osvaldo Cabral dia 17 agosto de 2011]

A propósito do artigo em epígrafe cumpre-me esclarecer o colega Osvaldo Cabral sobre o muito que se tem feito nos últimos seis anos para divulgação de autores açorianos e que ele omite, certamente por desconhecimento. Os Colóquios da Lusofonia na sua versão açoriana desde 2006 constituíram-se em associação cultural e científica sem fins lucrativos em 1 de janeiro de 2011 e dos seus projetos nestes seis anos contam-se os seguintes:

Divulgação do Cancioneiro Açoriano desde 2006 pela pianista Ana Paula Andrade com atuações em Bragança, Ribeira Grande, Lagoa, Brasil e Macau acompanhada aqui pela jovem soprano Raquel Machado.

Ana Paula recompôs algumas peças para tocar com a orquestra de cordas da UDESC em Santa Catarina, com alunos do conservatório de Bragança, com alunos chineses do IPM, tendo-se desdobrado em atuações paralelas nessas digressões para dar a conhecer autores açorianos.

Publicação online dos Cadernos de Estudos Açorianos onde se transcrevem excertos de obras e autores relevantes <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>. Trimestralmente, foram publicados até esta data 11 Cadernos e vários suplementos

Caderno 1 Cristóvão De Aguiar

Suplemento 1 Cristóvão De Aguiar

Vídeo Homenagem Cristóvão De Aguiar

Caderno 2 Daniel De Sá

Suplemento 2 Daniel De Sá

Vídeo Homenagem Daniel De Sá

Caderno 3 Dias De Melo C/ Glossário Suplemento 3 Dias De Melo

Vídeo Homenagem Dias De Melo

Caderno 4 Vasco Pereira Da Costa

Suplemento 4 Vasco Pereira Da Costa

Vídeo Homenagem Vasco Pereira Da Costa

Caderno 5 Álamo Oliveira

Suplemento 5 Boeing 747 Traduzido 13 Línguas

Caderno 6 Caetano Valadão Serpa

Suplemento 6 Machado Pires "Raul Brandão E Vitorino Nemésio"

Caderno 7 Fernando Aires

Suplemento 7 Fernando Aires

Caderno 8 Mário Machado Fraião

Caderno 9 Emanuel Félix

Caderno 10 Eduardo Bettencourt Pinto

Suplemento 8 Eduardo Bettencourt Pinto

Caderno 11 Urbano Bettencourt

Criação na universidade do Minho de um curso breve de Açorianidades e insularidades (decorreu de 25 setembro 2010 a 18 fevereiro 2011) e novo curso previsto para final de 2011 ou início de 2012 provavelmente em plataforma e-learning. O curso originalmente gizado pela sua coordenadora em cooperação com Cristóvão de Aguiar e Daniel de Sá com apoio de Urbano Bettencourt, foi ministrado pela colega professora doutora Rosário Girão dos Santos teve a presença de autores como Malaca CASTELEIRO, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, VASCO PEREIRA DA COSTA, DANIEL DE SÁ, ANABELA MIMOSO, E CHRYS CHRYPELLO dentre inúmeros outros autores ali estudados. As avaliações do curso estão disponíveis em linha na mesma página.

Projeto de tradução de autores açorianos, iniciado em 2009, prevê a tradução para sete línguas de autores açorianos (búlgaro, russo, polaco, romeno, esloveno, francês e italiano). Uma obra "o passageiro em trânsito" de CRISTÓVÃO DE AGUIAR ficou completa há pouco mais de um mês e irá ser publicada em breve. Os tradutores, como toda a gente ligada aos Colóquios da Lusofonia, trabalham graciosamente em prol da divulgação dos autores dos Açores. Dentro do âmbito deste projeto foi possível traduzir um poema de VASCO PEREIRA DA COSTA (ver suplemento 5 dos Cadernos açorianos) que foi declamado publicamente em 15 línguas (incluindo árabe, chinês, inglês, francês, romeno, italiano, neerlandês, flamengo, castelhano, catalão, russo, búlgaro, romeno, polaco, alemão, no 14º Colóquio da Lusofonia em outubro de 2010 em Bragança.

Os autores açorianos estão a ser ministrados e estudados em universidades da Roménia e da Polónia graças aos Colóquios e a Rosário Girão, fazendo parte de material de mestrados e doutoramentos na universidade do Minho.

Fizemos propostas toponímicas para honrar escritores ainda vivos

Temos um projeto para lembrar e dignificar a presença açoriana em Macau ao longo de mais de cem anos. A obra e os autores açorianos foram ao Brasil no 13º Colóquio (2010), a Bragança (14º Colóquio outubro 2010), a Macau (15º Colóquio em abril 2011) sendo objeto de inúmeras comunicações que posteriormente serão editadas.

Antes disso foram objeto dos seguintes Colóquios: 5º Ribeira Grande - maio 2006, 6º Bragança - outubro 2006, 7º Ribeira Grande - maio 2007, 8º Bragança - outubro 2007, 9º Lagoa - abril 2008, 10º Bragança - outubro 2008, 11º Lagoa - abril 2009, 12º Bragança - outubro 2009...tendo estado presentes autores como Onésimo De Almeida, Caetano Valadão Serpa, José Dias De Melo, Daniel De Sá, Cristóvão De Aguiar, Sidónio Bettencourt, Vasco Pereira Da Costa, Eduardo Bettencourt Pinto entre vários outros que foram estudados e com comunicações a seu respeito.

Destes Colóquios saiu um projeto para uma Antologia de autores açorianos contemporâneos que deveria ter entrado no currículo regional do ensino (1º 2º e 3º ciclo) mas que com a mudança da Direção regional de educação deixou de ser apoiado para a sua publicação. No entanto, com um pequeno apoio da Direção regional das comunidades vai ser possível lançar já no 16º Colóquio em Santa Maria (30 setembro a 5 de outubro) o primeiro volume de uma edição bilingue (um pouco mais curta) destinada especialmente aos mercados liceais do Canadá / EUA, mas que se pretende chegue a todo o mundo. As colegas Helena Chrystello e Rosário Girão irão de qualquer modo avançar com a publicação da Antologia (dois volumes) monolíngue em futuro muito próximo.

Poderia continuar a listar aqui o que os Colóquios da Lusofonia têm feito em prol da divulgação de autores locais levando-os a "mares nunca dantes navegados" mas creio que esta amostra é mais do que suficiente...Desafio O Correio Dos Açores e o Osvaldo Cabral a acompanharem-nos de 30 setembro a 5 de outubro a Santa Maria ao 16º Colóquio onde iremos prestar homenagem a DANIEL DE SÁ (o micalense mais mariense de todos os escritores) e onde teremos a presença de Daniel Gonçalves, poeta mariense premiado com o prémio Manuel Alegre, além da presença de VASCO PEREIRA DA COSTA e EDUARDO BETTENCOURT PINTO entre outros.

Com os melhores cumprimentos, J. CHRYS CHRYPELLO 18/8/2011

Caro Chrys Chrystello,

Muito obrigado pela sua mensagem, que terei em boa conta. Se reparar bem, a minha crítica tem a ver com a falta de divulgação dos autores açorianos por parte das autoridades regionais, nomeadamente a Direção da Cultura, e não tem nada a ver com as iniciativas - muito louváveis - de instituições privadas.

Tenho acompanhado pela imprensa o V. entusiasmo na promoção dos nossos escritores e a homenagem ao Daniel é um justo e excelente reconhecimento pela grandeza do homem e escritor. A minha questão é outra: por que razão a Direção Regional da Cultura não toma essas iniciativas? Por que razão gasta milhares de euros na importação de gente e iniciativas de duvidosa qualidade? Porque é que as autoridades da nossa região não promovem no exterior os nossos autores? Há uma preguiça imensa nos gabinetes culturais do Governo em relação à nossa literatura e dar dinheiro a privados para promoverem os amigalhões de fora não é boa política. É aqui que está o cerne da minha questão. Espero que agora tenha compreendido onde quis chegar. Bom trabalho e abraço

Osvaldo 18/8/2011

Caro Osvaldo, eu sei... imagine que a DRC nos deu mil euros a dividir por 3 anos (= 333,33 euros/ano) para fazermos os Colóquios em Santa Maria. Os nossos oradores vêm a expensas próprias e o custo de cada Colóquio fica-nos por seis mil euros incluindo dar dormida, alimentar e trazer o Prof. Bechara, Prof. Malaca e um autor açoriano da diáspora. Umas migalhas apenas. Como diz o Daniel fizemos mais em 6 anos pela cultura e literatura açoriana do que as direções regionais em 35 anos. Respondi-lhe apenas porque creio que apesar dos poucos meios da RTP (e do apoio que sempre tem dado aos Colóquios) mesmo assim deveria dar mais cobertura às nossas atividades. Assim propunha um ESTADO DA REGIÃO (ou outro qualquer programa) especial dedicado ao próximo Colóquio aproveitando a estadia em Santa Maria de tanta gente que sem receber chorudos apoios e mordomias continua a perseverar para divulgar, traduzir, etc. autores açorianos...nem um de nós busca fama ou glória, trabalhamos todos graciosamente por uma causa em que acreditamos, mas creio que é chegada a altura

de termos um maior reconhecimento público pelo que fazemos. O Colóquio de Santa Maria - curiosamente - é patrocinado na sua totalidade (seis mil euros) e apoiado pela Câmara ao abrigo do Turismo Cultural...Excetuando o Urbano, a Graça Castanho e a Gabriela Teves Castro, a Uni Açores mantém-se mais afastada de nós do que o diabo da cruz e por isso fomos fazer uma parceria com a Uni do Minho para o Curso de Estudos Açorianos...

A Bertrand e a Solmar recusaram patrocinar os lançamentos do meu último livro *CrónicaAçores: uma circum-navegação* (volume dois) que foi lançado nos 500 anos da Maia na Câmara da Ribeira Grande, no Museu dos Baleeiros do Pico e na Biblioteca da Horta...onde me desloquei por conta própria...

A Direção Regional da Educação que tinha encomendado 400 livros tornando possível a edição da *Antologia de Autores Contemporâneos* a incluir no currículo regional quando mudaram as pessoas que a dirigiam disseram que era muito interessante mas não podiam adquirir 400 livros ao preço de custo (6 euros cada...) ao contrário do que havia sido acordado com a anterior Direção...mas vamos colocar a bilingue em todas as escolas e liceus e até universidade em que pudermos no Canadá e nos EUA...enfim...desabafos...

Há dois ou 3 anos atrás a Universidade trouxe cá mais de 30 pessoas de todo o mundo com todas as mordomias (ao contrário dos Colóquios em que ficamos todos numa residencial barata e comemos nos restaurantes mais baratos...) e na sessão de abertura estavam 43 pessoas dos Colóquios e meia dúzia dessas pagas a peso de ouro...desse Colóquio nasceram os *Cadernos açorianos*, o curso e outros projetos e do outro nada.... É o preço que pagamos por sermos totalmente independentes de tudo e de todos.

Obrigado por me responder e espero que se lembre deste desabafo quando for oportuno...

Um abraço Chrys 18/8/2011

Caro CHRYS,

É como eu imaginava. A Direção Regional da Cultura não existe. Trata-se apenas de uma apêndice política vazia de ideias e pronta para socorrer apenas os amigalhaços e os salões de croquetes. Parabéns, pois, pela resistência. Quanto à RTP-A, estou fora de qualquer posição de responsabilidade, como sabe, pelo que lhe sugiro que apresente a proposta ao Diretor e, se for aprovada, estarei disponível para fazer O estado da região em Sta. Maria. Felicidades e abraço

Oswaldo 18/8/2011

O resto aguarda decisão, mas seria uma excelente decisão se a RTP apoiasse a ideia.

Aguardemos pois. Isto de literaturas açorianas tem muito que se lhe diga e não pretendo entrar aqui em discursividades nem dissecar os ódios e amores transientes que unem e separam os diversos autores, pois isso daria material para vários volumes, mas é a altura de recordar aqui uns artigos e outras trocas de impressões nestes últimos doze meses, com o mercurial Cristóvão de Aguiar:

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Tuesday, August 10, 2010 10:46 AM

To: Chrys Chrystello

Subject: Re: atualizado o caderno nº 4

Continuamos com a mesma pecha, a chamada açorianite aguda, que eu julgava que os Colóquios tinham banido para sempre: o melhor da literatura, o mais belo que já li em toda a minha vida, e outros disparates do género. Ridículo! Enfim, só falta acrescentar que devia ter ganhado o Nobel, pelo menos este, que se houvesse mais elevado, seria este. O Vasco, tal como o conheço, deve gozar de fininho com semelhantes atoardas... Afinal, continua tudo na mesma, tal qual a música da Relva: o mesmo e mais forte. Elogia-me a mim, para que te elogie a ti. Oh compadre, aqui na freguesia há só duas pessoas inteligentes. Um sou eu, agora diga a compadre quem será a outra... Já o Álamo e o João Afonso escreveram em 1981 no jornal *União*, de Angra, que O meu Mundo não é deste Reino, de João de Melo, era superior ao *Mau tempo no Canal* e o *Velho Testamento*. Francamente... Assim, não passamos de paroquianos convencidos de que somos os melhores do mundo. Chamei um dia a este complexo de superioridade "A Insular Bazófia". Haja juizinho... Onde se lê: melhor que o *Velho Testamento*, deve ler-se: melhor que o *Apocalipse* de São João. Vide: *Relação de Bordo I*, pp. 297 (10 de junho de 1983) a 301

No dia 10 de agosto de 2010 01:47, <daniel.de.sa> escreveu:

Chrys

Bem poderias ter escolhido ao acaso, que o Vasco deixa pouco ou nada para restolhar. É tudo trigo limpo e bem ceifado. Gostei, no entanto, de um modo especial que não tenhas esquecido "O Gibicas" (um dos meus contos preferidos em toda a literatura portuguesa) nem "O Matateu", o poema com que "converti" alguém que dizia não gostar de poesia. Mas falta ali a "Queen Nancy", um dos poemas mais emocionantes que se podem ler em Português. Ainda para mais tens este passado a letra de computador, que o copiei eu para pôr no *World Azorean*, e a Helena pôs (não sei se se valeu do meu trabalhinho ou se ela mesma o fez também) na sua *Antologia*.

Abraços. Daniel

Citando Chrys:

Acabei de atualizar o caderno nº 4 de VASCO PEREIRA DA COSTA. BOA LEITURA

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Thursday, September 02, 2010 8:20 PM

To: Chrys Chrystello
Subject: agradecimento
Caro Chrys,
Muito obrigado pelo que me enviaste. Nada a dizer. Está perfeito. Há apenas em dois ou três textos hífenes no meio das palavras. Não causam incompreensão do texto, mas se os puderes remover, ótimo.
Um grande e grato abraço do Cristóvão

From: Cristóvão Aguiar
Sent: Wednesday, September 08, 2010 11:03 AM
To: Chrys Chrystello
Subject: OBRIGADO!
Caro Chrys:
Mas eu já não faço anos... Ainda para cúmulo setenta ou zero sete, que é mais agradável e me dá a possibilidade de entrar para a escola em outubro para fazer uma revisão geral da vida que me foi dado. Muito grato, gratíssimo, pela tua lembrança. O setuagenário chama-se Luís, o Cristóvão não cuida desses pormenores do tempo que passa, só daquele que amolece os miolos quando a humidade aperta o garrote.
Um grande abraço extensivo a todos vós do Cristóvão

From: Cristóvão
Sent: Friday, September 24, 2010 2:34 PM
To: Chrys
Subject: AÇORIANICES
Meu Caro:
De facto, é tal a pobreza, que vou pôr pólvora no lume, se estiveres de acordo, com dois artigos publicados no Expresso das Nove, o último dos quais hoje, que me foram pedidos pelo Diretor Jorge Brum. Ambos, como poderás verificar são de temática "açoriana".
Abraço
Cristóvão

Desafios dos Açores para o século XXI, Cristóvão de Aguiar
"A atitude radical do ilhéu é chegar à porta de casa e interrogar o mar". Vitorino Nemésio, in Corsário das Ilhas. "Como nada sei sobre o assunto proposto, vou fazer uma composição sobre a primavera". Aluno liceal numa prova escrita de Língua Portuguesa. Muito gosto eu de desafios! Quem me tira um tira-me o mar e tudo! Não sei se o Arquipélago gosta deles. É natural que sim. Pelo menos, as cantigas ao desafio têm sido timbre de qualidade da cultura popular das Ilhas todas. A Terceira e São Miguel levam-lhes as lampas. O velho Virgínio da Bretanha; o Pereira, da antiga Lomba de Santa Bárbara, da Ribeira Grande; a Turlu e o José da Lata, da Terceira, foram dos melhores cultores do despique entoado no terreiro das cantigas ou nas cantigas de terreiro. Devo ter deixado dezenas e dezenas na sombra... A omissão é filha legítima da minha ignorância. Para ela, peço uma indulgência plenária...

Sai o primeiro cantador, o Virgínio, e entoa:
"Entre merda foste nascido /
E na merda foste gerado /
Muita merda tens comido /
E dela toda tens gostado..."

E o Pereira, da Lomba de Santa Bárbara:
"Ainda me chamas galo, /
Desses que andam pela rua /
Já me viste a cavalo /
Nalguma galinha tua?"

Da Turlu, que, in illo tempore, ouvi despicar, boquiaberto, tamanho o aguçamento de língua e o seu poder criativo, estas duas cantigas:

"A felicidade vagueia, /
Fumo que passa veloz, /
Está sempre na nossa ideia /
E tão distante de nós..." e

"A minha língua é comprida, /
O que diz não te convém... /
E a tua está torcida /
Por isso não fala bem..."

A seguir, entra José da Lata e canta:
"Deitei uma velha em choco, /
Dentro de um cesto de palha, /
Lá na Canada das Vinhas. //

*Descascou-me vinte ratas, /
Cinquenta e duas patas /
E trinta e cinco doninhas. //
Tinha pombas e coelhos, /
Melros pretos e tentilhões, /
Uma porca com cabritos /
E uma cabra com leitões.”*

Quando há tempos recebi este desafio, por via eletrónica, para ser resolvido por escrito, em três mil caracteres, sem espaços - logo me ocorreu Frei João Sem Cuidados... O seu Rei era invejoso e não podia ver nenhum dos seus Súditos sem arrelias e apoquentações. Chamou um dia Frei João ao Palácio e fez-lhe três perguntas embaraçosas para serem respondidas num dado prazo. O frade saiu do Palácio real acabrunhado e cabisbaixo. Se respondesse errado, o Rei mandava-o matar... Por acaso, o moleiro do reino encontrou Frei João muito triste. Vivo e fino como azougue, logo se prontificou, depois de saber as perguntas, a apresentar-se ao Rei vestido com o hábito de Frei João. Respondeu às três perguntas como era dado, de tal sorte que Sua Majestade ficou toda contente e mandou o moleiro na paz do Senhor! Com que se entretinham os Reis de algum tempo!

Ora, este humilde escriba acororado não tem moleiro para quem apelar! Nem moleiros existem já - os últimos que conheci iam da freguesia para a Ribeira Grande moer a moenda nos moinhos de água da ribeira, já não sei se a do Paraíso se a do Inferno... Três vezes por semana, com cães velhos e doentes amarrados ao eixo da carroça para serem lançados à Tarpeia ribeiragrandense...

Caso os houvesse ainda, qual deles seria capaz de responder direito a um século pejadinho de desafios? É muito desafio numa só molhada de brócolos! Mas há um enorme desafio já proposto às Ilhas do Grupo Central, lançado não há grande tempo pelo eterno candidato à liderança do PSD, Castanheira Barros. Andou em digressão turístico-eleitoral por aquelas Ilhas sem culpa da criatividade e do social-democrata relapso. Prometeu mandar construir túneis entre o Pico e São Jorge e entre a Madalena e a Horta. O ovo do Colombo, que resolveria a insularidade de uma assentada. Em estando a obra feita e inaugurada, sempre que um ilhéu radical chegar à porta de casa para interrogar o mar, ficará menente e sem pé dentro de si: em vez de indagar o monstro de água, para ir à pesca ou contemplar a Ilha em frente para lhe sondar os ventos e as nuvens, meter-se-á logo a caminho da emigração, a cavalo no automóvel ou na camioneta da carreira... Um Metro de Superfície, como o que está sendo construído em Coimbra, ficaria muito mais em conta, podendo estender-se às Flores-Corvo, à Graciosa-São Jorge-Terceira, que também são filhos e filhas do mesmo magma... Quanto a São Miguel-Santa Maria... Aqui, sim, um túnel tipo Canal da Mancha, mas em formato maior, que os micalenses são assoprados e amantes fidelíssimos da monumentalidade...

Já excedi o número de caracteres. Que o Eduardo Brum se não afromente, me perdoe a incontinência, e aceite os parabéns deste ilhéu desilhado, que muita lenha apanhou nas páginas do ora aniversariante Expresso das Nove... Pois alevá!

Coimbra, 30 de janeiro de 2010 (EXPRESSO DAS NOVE, fevereiro de 2010)

A desunião faz a força, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, Escritor

A descontinuidade geográfica das nove Ilhas dos Açores, que só formam um Arquipélago nos compêndios liceais (agora secundários ou secundarizados) de Geografia Física (a Humana não conta nem poderia contar, visto serem muito sortidas as gentes que as povoaram, deixando fortes marcas de origem, ainda bem visíveis, sobretudo no vocabulário) - talvez seja uma das razões de uma congregação mais fictícia do que real. Cada Ilha, quer queiramos quer não, constitui um mundo à parte, daí a quase impotência de se erigir um reino, com estandarte, bandeira, hino condicente e outras quinquilharias realengas, e sobretudo encontrar um monarca que incarnasse os valores e aspirações do povo das nove ilhas atlânticas. Um rei não seria muito difícil de conseguir (elegê-lo, não: há tanto sangue real escorrendo nas veias de micalenses e terceirenses - um desperdício para tantos hospitais carentes - que, espontaneamente, surgiriam meia dúzia, ou mais, de candidatos à sucessão do último Rei de Bragança...). Depressa, porém, erguer-se-ia um grande alevante no peito robusto e aleitado da nobreza local, e não duvido de que as Ilhas acabariam por alombar com uma monarquia dual, com obediências diferentes, como na maçonaria, que as tem, e várias, o que acarretaria grande dispêndio para o erário público...

Não gosto da palavra unidade, conotada com uniformidade e com quartel, o que, para o caso, não conviria muito, embora não raro um ilhéu viva confinado a um desses cativeiros, que uma Ilha, como todos nós sabemos, é ao mesmo tempo uma prisão e uma livre extensão de horizontes que estimula a viagem e a aventura. Ou a emigração por causas outras, que agora não vêm a talho de podão. Preferia uma república a uma monarquia. Além de se estar celebrando o centenário da República Portuguesa, as das Ilhas seriam uma grande achega para os festejos populares... E, como o Presidente da República, no dia da sua eleição costuma proclamar, do alto da sacada de um Hotel: “Serei o Presidente de todos os Portugueses, quer vós tivésseis ou não metido na racha da urna o boletim de voto a meu favor ou desfavor...”, ter-se-ia, então, nas Ilhas, um homem só e sólido ao leme das nove barcaças... Mas, a República, nas Ilhas, daria azo a graves problemas. Teria de haver várias repúblicas independentes, tirante a do Corvo, que ficaria agregada à das Flores, a de Santa Maria à de São Miguel, a da Graciosa e o Ilhéu das Cabras à Ilha Terceira: caso contrário, os distúrbios sociais seriam inevitáveis... Mesmo assim, muita cautela com os Corvinos, Marienses e Cabréus... Por outro lado, e há sempre um pozinho positivo em todas as controvérsias, deixava-se o sangue azul a coalhar, para alguma necessidade imprevista, num boião, onde in illo tempore se conservavam os chouriços e os torresmos em banha de porco legítima... Creio firme e finalmente que só a SATA continuará sendo a grande esperança da pátria açoriana, como escreveu o poeta Pedro da Silveira, que Deus tenha, uma vez que, no seu monopólio quase milenar, consegue construir uma resistente ponte de união entre ilhas...

A única e ténue ideia de Arquipélago pode ser averiguada in loco, e em parte, no Grupo Central, daí ter o ex-candidato a líder do PSD prometido, se fosse eleito, a construção de pontes para a outra margem... O Ovo de Colombo, que ninguém se dispôs a estrelar...

EXPRESSO DAS NOVE, 24 de setembro de 2010

From: Chrys

Sent: Saturday, December 11, 2010 11:54 AM

To: Cristóvão Aguiar

Subject: a CrónicaAçores 2.

Espero que o recbro esteja a correr bem, sei que falaste com a Rosário e ela ficou toda entusiasmada. Quando tiveres tempo, insónias ou quando te apetecer envio-te esta longa crónica na qual incorporei alguns dos teus conselhos - embora eu continue a escrever para loiras burras, ou seja, os atuais professores do secundário...

- Não tens de prefaciá-la, nem de fazer exegese, mas apenas de comentar após leitura, como gentilmente fazes sempre... é o volume dois para sair em Macau abril 2011 noutra editora que a VerAçor do Ranha como te devo ter dito é a maior xxxxxxxx da história...

From: Cristóvão

Sent: Saturday, December 11, 2010 3:18 PM

To: Chrys

Subject: Re: a CrónicaAçores 2

Caro Chrys:

Infelizmente, estou pior. Ando de cadeira de rodas. Estou agora em Cantanhede numa clínica de recuperação, talvez tenha de me submeter a outra cirurgia para retirar o hematoma que me está a comprimir os nervos motores. Tratou-se de um horroroso erro médico, ainda para mais numa clínica privada! Amanhã, vou a Coimbra de ambulância, depois tenho o advogado que virá tomar notas. Não consigo ler nem sequer ver televisão. De modo que tem santa paciência, porque, por enquanto, não posso. Um abraço do Cristóvão.

From: Chrys

Sent: Saturday, December 11, 2010 3:27 PM

To: Cristóvão Aguiar

Subject: Re: a CrónicaAçores 2

Não sei que diga a menos que queiras ouvir as palavras que sinto que são apenas de que devemos aceitar os maus momentos que outros momentos melhores virão, mas isso soa-me a cultura judaico-cristã, só te digo que nas minhas adversidades em gozo sempre segui o ditame da minha avó paterna de que nascera no dia do anjo da guarda e estava bem protegido. Também tu terás alguma força que cuida de ti, seja ela qual poder superior inominado, que te trará melhores dias. As melhoras, ainda bem que não te telefonei se não ficava a gaguejar sem saber que dizer...eu sou assim, sinto-me impotente com a dor dos amigos

aquele abraço nosso e força

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Wednesday, November 10, 2010 3:59 PM

To: Chrys

Subject: Re: Fernando Aires Diarista

Caro Chrys:

Pode utilizar os meus textos.

Só no fim deves por: in Nova Relação de Bordo, Publicações D. Quixote, Lisboa.

Desejo as melhoras da Lena.

Abraço do Cristóvão

From: Cristóvão

Sent: Wednesday, February 02, 2011 7:51 PM

Subject: CARTA A FERNANDO AIRES

Eis uma carta que enviei ao Fernando Aires, aquando da publicação do livro de correspondência entre Eduíno de Jesus e Armando Côrtes-Rodrigues, e que mereceu da parte do Vamberto o galardão de livro do ano, da Livraria Solmar:

São Miguel Arcanjo, Ilha do Pico, 23 de março de 2003

Meu Caro Fernando Aires:

Como se pode verificar pelo cabeçalho, encontro-me no meu paraíso privado. Ainda não morri, mas.... Aqui cheguei há mais de dez dias, parto a 31 do corrente, e pouco ou nada tenho saído. Não por causa do tempo (até tem feito dias primaveris), mas especialmente por ser tão aconchegada a minha casa, tão aquecida de livros e de paisagem, que pecado seria deixá-la assim tão sozinha e ao abandono de si mesma.

Tenho andado a ler e a escrever, sobretudo a ler, pela segunda vez (li o prefácio para aí três), a Correspondência entre Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus, organizada e prefaciada por ti e que fizeste o favor de me enviar para Coimbra ainda não há grande tempo. Agradeço-te do coração a oferta bem como o autógrafo em que envolvereste também a Margarida, o que bastante a sensibilizou, e que me pediu para te agradecer a lembrança. Já havia tido oportunidade de ler o livro antes de mo enviáres. O José Manuel Mota de Sousa emprestaramo e um pouco mais tarde recebia eu um exemplar que pedira à Conceição Garcia para que me mandasse da

Ilha. Logo na primeira leitura verifiquei que todo o livro estava inçado de gralhas e de uma chusma de erros ortográficos (quase não há página em que não surjam), que não só o desfeiam como abona muito pouco acerca dos dois correspondentes, ambos professores exigentes de Língua Portuguesa e bons cultores da escrita, e de ti também, que és formado em Letras e igualmente escritor. Logo transmiti a minha impressão ao nosso amigo comum que me confirmou o desastre depois de ler o livro.

Como o exemplar me não pertencia, coibi-me de apontar, nas margens, a lápis ou a esferográfica, as incorreções. Mas, e logo que recebi o teu exemplar, pensei em trazê-lo comigo para a Ilha do Pico. Mal cá cheguei, tratei de pôr mãos a uma segunda leitura, desta feita de lápis na mão, que não seria delicado nem curial da minha parte escrever-te a dizer apenas que recebera o livro, o ia ler com muito interesse, te agradecia a lembrança e a dedicatória; enfim, essas coisas que muitos usam escreverem para não parecerem mal-educados, nem literária nem socialmente incorretos.... Sabes bem que não tenho, e espero nunca vir a ter, feitio para tais duplicidades e dissimulações. Ora, em literatura, a hipocrisia e o porreirismo têm sempre um preço muito elevado, embora, momentaneamente, possam servir de escudo a quem se não queira incomodar ou ficar mal visto ou ainda rezear ser impiedosamente segregado do grémio dos eleitos não sei bem de quê, nem porquê.... Concluí a leitura ontem à tarde. Melhor, quedei-me na página 313, que um leitor engatilhado de atenção não é feito de ferro. E o resultado está à vista: nove páginas A4 de gralhas e erros ortográficos (não só os registei no exemplar como os passei para um papel à parte, indicando a página), que tas poderei fornecer, se assim o achares conveniente, caso venha a fazer-se uma segunda edição, mais limpa e asseada, da Correspondência entre estes dois sobressaídos poetas açorianos.

Não posso acreditar, por exemplo, que Armando Côrtes-Rodrigues tenha escrito sugeitou, sivilizado, ageitada, remechendo, etc., etc. (págs. 84, 85, 97, 198, respetivamente); nem que Eduíno de Jesus tenha grafado presado, concerteza, adusir, etc. (págs. 262, 287, 295, respetivamente). Se assim tivesse acontecido, tanto em um como no outro, decerto aporias [SIC] à frente de cada incorreção, o que, na verdade, aconteceu apenas oito vezes e numa delas, na pág. 282, nem sequer com razão, porque existe a palavra espécimen ou espécime. Caso contrário, os [SIC] seriam na ordem das centenas, incluindo a acentuação, sobretudo nos verbos, e a pontuação caótica.... Só não poderia vir o [SIC] no texto que tu próprio escreveste. Mas aqui vão alguns exemplos: albúns, Ensaista, chamou de (a que se chamou de (!) Círculo...), Síntaxe, cordealidade, por (verbo pôr), raíz, encadiar, etc. (págs. 15, 16, 18, 24, 26, 51, 56, respetivamente). E é pena! Será que nenhum dos teus amigos deu por tal? Nem o Onésimo a quem mostraste a primeira versão do prefácio, onde também se encontram muitos deslizes ortográficos? Ou tudo isso foi devido, como escreveste nos Agradecimentos, “à competência (sublinhado meu) profissional do Emanuel Cordeiro, funcionário da EGA, que passou a volumosa Correspondência que agora, pela primeira vez, se torna pública?” Como as palavras se podem prostituir, se escritas sem alma! Sobre o prefácio teria muito a dizer. Ao contrário do que escreveu Tomás Borba Vieira, o prólogo está, em minha modesta opinião, muito aquém da garra do escritor dos primeiros quatro diários. Além da sua longuidão escusada, penso que te perdeste em antecipar o que as cartas dizem, beliscando assim muito do seu interesse e alguma da sua surpresa. Mas, não me vou alongar sobre este assunto... Não quero quebrar o encanto em que te encantaram os do costume. O melhor que fazes será seguir-lhes os conselhos, que tais amigos só estão bem bajulando, o que faz tão bem ao ego e tão mal ao trabalho artístico em geral e à escrita em particular.... Vou concluir, pedindo-te que não interpretes mal as minhas palavras, nem as consideres esquinadas ou pouco amigas. Gostava que as interpretasses como sinal de amizade e de estima. Lembra-te de que ser-me-ia muito mais fácil dizer que escreveste uma obra-prima, ou, para citar o artigo de fundo do Suplemento Açoriano de Artes e Letras: “... Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus / Correspondência é seguramente o livro mais importante destes últimos anos para a cultura açoriana.”

Seria necessária tanta incontinência?

Um abraço do Cristóvão

From: Cristóvão

Sent: Friday, April 01, 2011 1:58 AM

To: Chrys

Subject: Boa Madrugada

Caro Chrys:

Não sei nem me interessa saber o que irão dizer os pensadores e escritores da douta literatura açoriana ao lerem o teu segundo volume da CrónicaAçores A falares tão insistentemente de mim e da minha escrita, hão de cogitar (desconfio que não usam fazê-lo) que és um vendido e andas a tirar das profundas um dos malditos tasmãos que estava já com a sua limpeza étnica concluída. Põe-te em guarda, companheiro, que te podem encomendar uma excomunhão ao Senhor Santo Cristo, que, segundo a tradição micalense (o Sá deve sabê-lo) é terrivelmente vingativo... Não te agradeço as apreciações que fazes da minha obra; do meu caráter, temperamento e feitio, sim, com as quais concordo, porque gostaria de ser ainda mais que assim. Quanto às apreciações que teces sobre a minha obra (presunção e água benta...), embora me sinta lisonjeado, que não sou feito de pau, nem ando de pau feito, não sou nem serei talvez capaz de ficar de mente (des)obnubilada ao lê-las em letra de forma. Não quero contrair tentações, prefiro o lugar que há anos me reservaram, e ao qual me habituei tão bem, a ficar sendo citado por bocas que não sei que águas beberam ou que instrumentos tocaram... E não te agradeço, não por má educação, que conscientemente não pratico. Mas pela razão óbvia de que o agradecimento se não enquadra em nenhum género literário, só no subgénero da etiqueta, que já se não usa, a não ser na literatura obituaría. De qualquer forma, envio-te um abraço. Cristóvão de Aguiar

From: CHRYS C

Sent: Friday, April 08, 2011 10:21 AM

To: Cristóvão

Subject: catarse

Como prometi acabei agora de ler o livro com tristeza múltipla, por ele ter chegado a este fim que não o é, por entender melhor aquilo que antevira na minha interpretação de ti como pessoa, por sentir o livro mais que uma catarse como um exorcismo...tive a felicidade de ter a tal conversa com o meu pai uns anos antes de ele morrer e já fiz há muito o mesmo com a minha mãe ora com 88... Tento desesperadamente não repetir muitos dos erros do meu pai com o meu mais novo que tu conheces...mas somos a herança genética dos nossos e de nosso só sobra aquilo que nos distingue deles e que construímos com muito sangue, suor e lágrimas como diria o Churchill. Como deixei lavrado no meu CrónicaAçores 2 sobre ti:

Como estive do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e trans-migrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Também consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra onde nasceu, em São Miguel, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica de fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor para além de dinheiro e outros bens materiais.

...
Cristóvão é um permanente passageiro em trânsito, título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. Ele é a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem ou mal. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam que fosse eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. Grandes narrativas que se assemelham a uma técnica de travelling em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos e nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara detém-se e escalpeliza a alma daqueles que ele filma com as suas palavras aceradas como vento mata-vacas que sopra do Nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria em 1996.

...
Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Se agora encontro neste amigo novo um escritor (ou terei encontrado um escritor que é um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...

...
Quando aprecio a obra dum autor não sei como fazê-lo, nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão que estudos em Humanidades não tive nem meus pais me deixaram, e sou como sou e a meu pai o devo tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos uma raison d'être nas nossas mentes conturbadas.

...
A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no nosso imaginário. Foi ela que nos instigou a escrever esta lamentação com o frémito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...para que também ela desate as grilhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente dessa tarefa hercúlea de carregar a sua ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

Ora bem tudo isto foi escrito anos antes deste teu livro e sinto ter-te retratado bem...a nossa amizade é bem recente, mas mais profunda do que se poderia adivinhar...quicá eu te entenda melhor do que cada um de nós sabe... Por favor dá isto a conhecer ao teu irmão por quem acabei nutrindo uma enorme admiração...

Aquele abraço do tamanho deste Grande Mar Oceano

Chrys quase a partir para Macau

From: Cristóvão

Sent: Friday, April 08, 2011 10:33 AM

To: Chrys

Subject: Catarse, Exorcismo

Gostei muito da tua crítica e concordo contigo no que respeita ao exorcismo. O livro está sendo um êxito, pelo menos é o que me tem transmitido o editor, o Adelino de Castro, ex-sócio do inefável Madruga. Vou neste momento a caminho de Lisboa: amanhã parto para o Pico. Vou primeiro aos implantes, depois aos lançamentos, 30 no Faial, 6 de maio em Angra, 13 e 14 no Pico, 20 na Ribeira Grande, onde espero ver-te. Também gostava de ver o Sá, para termos uma conversa, olhos nos olhos... Um abraço do Cristóvão

From: CHRYS

Sent: Saturday, May 21, 2011 6:47 PM

To: Cristóvão

Subject: Cristóvão de Aguiar é dragão

GOSTEI MUITO DE ESTAR CONTIGO ONTEM. FOI UMA ALEGRIA VER-TE ALI NO COVIL DO LOBO EM PLENO CONCELHO DA RIBEIRA GRANDE com tanta gente a assistir, mesmo descontando a tristeza que foi para ti não veres o Vamberto na assistência. Outros afazeres mais prementes naquela data e hora o deve ter prendido. As tuas palavras foram emocionantes por falares de um tema que raramente se ouve naquilo que

considero o maior desaforo a toda a minha geração e tua...de quem nos exigiram em média 3 anos de vida em troca de nada a não ser a destruição física, mental e até a morte. Obrigado por te lembrares sempre de alertar as mentes esquecidas. Do livro nada digo, já to disse em ocasião anterior à ida para Macau quando o acabei de ler. Um excelente modelo de realidades, que INFELIZMENTE ainda vão sendo realidade em zonas rurais da Lomba da Maia.... Uma revisita aos tempos que te moldaram, com um pai cheio de amor e não só... Também o meu, cheio de amor e sem saber como, me obrigava a ser mais do que eu podia e sem violência física, mas verbal me condicionou a vida até aos 45 embora tenha morrido quando eu tinha 42. Cada um de nós a seu modo lidou com a situação, superando-a ou não, mas obviamente marcados pelos anos de formação. Ainda hoje com o João tento desesperadamente (mas nem sempre com sucesso) evitar repetir muitos desses erros, mas sei que algum os repito. Deixo-lhe como herança alguns escritos e uma nacionalidade australiana para ele desbaratar como quiser. Tu deixas muito mais e eu, que me sinto fraternalmente ligado a ti, jamais esquecerei as quatro excelsas noites de aprendizagem na tua casa em São Miguel Arcanjo de São Roque do Pico. Deste-me mais do que muitas pessoas em toda a minha vida e espero ter a oportunidade de um dia aprender ainda mais e absorver por osmose um pouco da tua enciclopédica sabedoria. Sinto-me irrequieto e lamento não ter menos dez anos para fazer as malas e mudar outra vez. Anexo a esta - em tom jocoso - a tua ascendência de signo Dragão em chinês e um novo capítulo da Crônica Açores 3 que espero acabar em 2012... Não sou um escritor como tu, mas um mero escrevinhador, mas sei bem que há momentos na vida de cada um que guardaremos sempre e sei que o de ontem podes bem conservá-lo pelos seus múltiplos significados, ali tão perto do Pico da Pedra que não quebraste nem te quebrou antes de deu força para subires a outros Picos.

Aquele abraço, Chrys

Embora isto dos signos valha o que vale, creio que neste caso particular há demasiadas coincidências para não serem levadas a sério: Caraterísticas do signo chinês do dragão

Defeitos: Insatisfação permanente com tudo e com todos, natureza violenta e temperamental, capaz de atos impensados e temerários

Caraterísticas: quem é de Dragão tem uma constante comichão na sola dos pés e não consegue ficar parado ou conviver com a rotina. O passado não exerce nenhum fascínio sobre eles, pois estão constantemente com os olhos presos no futuro. A inquietação de descobrir o que há mais além, amparada numa coragem e num temperamento aventureiro e forte, fazem deles desbravadores e pioneiros, jamais se intimidando com obstáculos ou empecilhos. Aliás, os nativos deste signo parecem se alimentar de desafios, que enfrentam com sua natureza empreendedora, superando-os. Tão logo vencem um, já desejam um outro, mais desafiador e ainda mais difícil. Vivem constantemente desafiando seus próprios limites e se superando, pois, o sucesso os persegue.

Para o Dragão não existe a palavra impossível. Anima-o a esperança do objetivo vencido e a crença inabalável em sua própria capacidade, o que o torna um vencedor em todos os setores da vida. Seu temperamento ativo também se manifesta no campo amoroso, sendo um dos signos mais ativos sexualmente falando, embora manifestem a tendência de serem dominadores.

A mulher de Dragão, se não tiver um parceiro de forte personalidade, com certeza vai dominá-lo na cama, o que pode não ser, afinal, um problema para ele, principalmente se souber conduzi-la, dando-lhe liberdade para satisfazer suas inquietações todas entre os lençóis.

O Dragão é extremamente protetor para com os seus entes queridos e muito popular com seus amigos, pois sua presença é sempre agradável e disputada e ele sabe como se impor sobre as pessoas e arrancar delas manifestações de admiração. O quinto ramo da astrologia chinesa é simbolizado pelo signo de Dragão (Chen). Idealista, criativo e entusiasmado, o nativo deste signo é dotado de notável poder de liderança e consegue contagiar aqueles que o cercam com sua alegria e vitalidade. Graças ao seu poder de persuasão, quase sempre atinge seus objetivos. Também costuma se revelar responsável e, desde muito jovem, aprende a arcar com as consequências de seus atos. Mas isso não o torna uma pessoa ponderada: ele prefere correr riscos a levar uma existência morna. É generoso e benevolente, mas espera ser recompensado por seus gestos.

Nas amizades, exige lealdade e dedicação. Quando descobre que foi traído ou prejudicado por alguém, pode ter reações explosivas e até violentas, mas em algumas ocasiões consegue se controlar

Quadro astral do Dragão. Classificação chinesa: Chen, o visionário

Signos complementares: Rato e Macaco

Signo oposto: Cão

Palavra-chave: Ideal

Desafio: Realizar seus sonhos.

Os ascendentes de Dragão

Na astrologia chinesa, o ascendente é determinado pelo horário de nascimento. Veja a seguir de que maneira o signo ascendente influencia o jeito de ser do nativo de Dragão.

Dragão com ascendente em Rato (nascimento entre 23 e 0h59) - É realizador, sensato e determinado

Dragão com ascendente em Boi / búfalo (nascimento entre 1 e 2h59) - Demonstra persistência e é muito independente

Dragão com ascendente em Tigre (nascimento entre 3 e 4h59) - Charmoso, esbanja sabedoria e criatividade

Dragão com ascendente em Coelho (nascimento entre 5 e 6h59) - Destaca-se pela audácia, inteligência e poder de sedução

Dragão com ascendente em Dragão (nascimento entre 7 e 8h59) - É corajoso, criativo e ousado. Geralmente tem sorte na vida

Dragão com ascendente em Serpente (nascimento entre 9 e 10h59) - Revela inteligência, sagacidade e espírito subtil

Dragão com ascendente em Cavalo (nascimento entre 11 e 12h59) - Tem raciocínio ágil e é elegante e próspero

Dragão com ascendente em Carneiro (nascimento entre 13 e 14h59) - Seu carácter é encantador, e sua imaginação, fértil

Dragão com ascendente em Macaco (nascimento entre 15 e 16h59) - Demonstra talento, inteligência brilhante e vivacidade

Dragão com ascendente em Galo (nascimento entre 17 e 18h59) - Líder nato, é muito charmoso e original

Dragão com ascendente em Cão (nascimento entre 19 e 20h59) - Demonstra lealdade, perseverança e poder espiritual

Dragão com ascendente em Javali (nascimento entre 21 e 22h59) - Suas qualidades são a determinação, a suavidade e a sabedoria

Relacionamento de Dragão com outros signos chineses

com Rato A simpatia é imediata. Os dois são realizadores e podem fazer muita coisa juntos

com Boi / Búfalo Ambos são íntegros, batalhadores e esforçados. A admiração e o respeito são recíprocos

com Tigre Os dois são ativos e compartilham muitos objetivos. Pode, porém, haver disputas pelo poder

com Coelho O Dragão reprime o Coelho, e este se magoa. É preciso que ambos aprendam a se respeitar

com Dragão Personalidades parecidas. Podem realizar muitas coisas juntos. A amizade é sincera

com Serpente Os dois se complementam. O Dragão incentiva a Serpente, e esta o ensina a ter bom senso

com Cavalo Relação de muito companheirismo e cumplicidade. A sinceridade é a marca desse relacionamento

com Cavalo Relação de muito companheirismo e cumplicidade. A sinceridade é a marca desse relacionamento

com Carneiro A iniciativa do Dragão, aliada à criatividade do Carneiro, produz maravilhas. Ótima parceria!

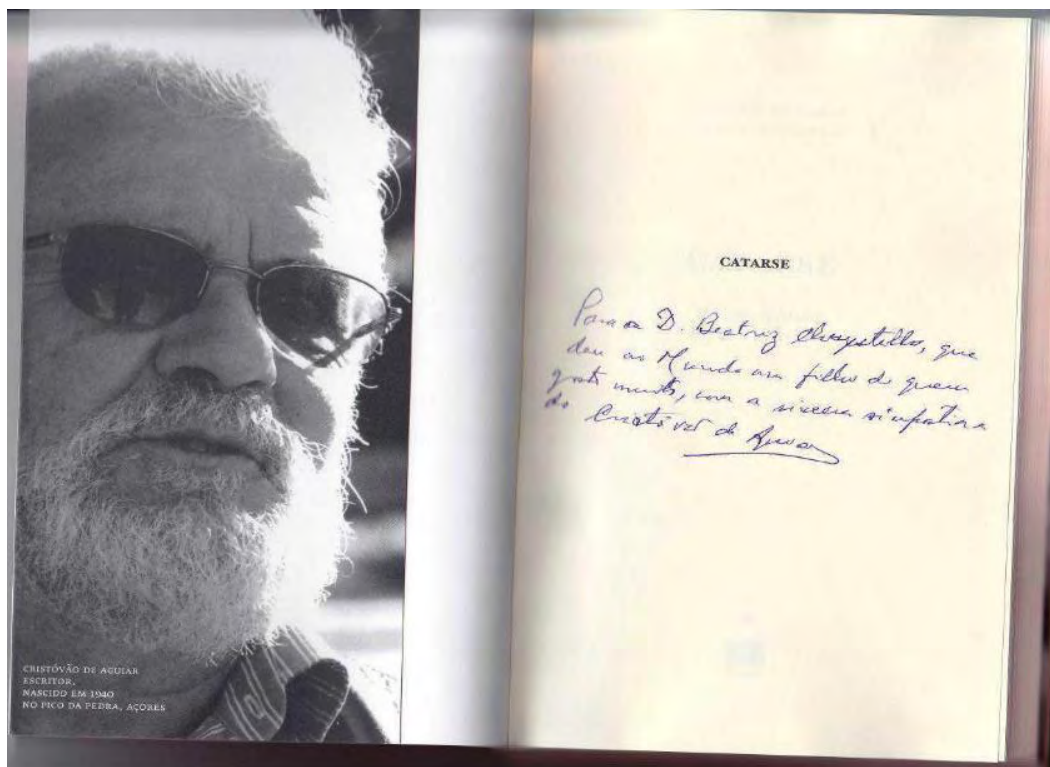
com Macaco Mil afinidades! E a perspicácia do Macaco ajuda o Dragão a dirigir corretamente suas energias

com Galo Duas personalidades fortes que podem entrar em choque. Mas é uma relação franca e construtiva

com cão O Cão ensina o Dragão a ser mais realista. Mas o diálogo se torna difícil com o passar do tempo

com Javali O entusiasmo do Dragão dá motivação ao Javali. E este corresponde com carinho e lealdade

Depois a 19 de maio Cristóvão de Aguiar autografou um livro para a minha mãe em que ficou escrito



103. 106. CRÓNICA 106 A UMA MÃE DEPRIMIDA - 28 agosto 2011

Normalmente são os mais velhos quem dá conselhos aos mais novos, e os incentivam a lutarem contra as adversidades, mas aqui vai haver uma pequena inversão de valores pois à minha mãe deu-lhe agora com esta linda idade de 88 ½ anos para andar desanimada e deprimida.

Nem se entende bem por que razão, pois o país está de vento em popa rumo à sua destruição final e a aprestar-se para se tornar num rodapé da História.

Mas afinal que há de novo entre este país hoje e aquele que deixei em 1972-1973?

Uma pequena diferença chamada democracia que diz respeitar o voto popular, mesmo que não sirva para nada.

Se os antigos senhores do Estado Novo tivessem descoberto esta aspirina...tinha-se poupado a Revolução dos Cravos e seus heróis. Hoje há liberdade de expressão de imprensa, mas com ela - como dizia Eça - não se pagam dízimos nem a hipoteca da casa.

Uma mãe nunca se deve cansar pois tem todos os dias da sua vida para dedicar aos filhos e netos e tem uma enorme responsabilidade em esperar que eles atinjam as metas que se propuseram.

Nesse particular, tu foste bafejada com o tardio amadurecimento do teu filho varão que, sem cabeça para os negócios, enveredou por uma via literária que te deveria encher de orgulho para dizeres MISSÃO CUMPRIDA.

Claro que todos nós sabemos que esse caminho foi tortuoso, passado em longínquos locais (ainda é) e com mais escolhos do que aqueles que a tripulação do Vasco da Gama encontrou na primeira viagem do caminho marítimo para as Índias. Mas chegou a bom porto e se não mercadejou com os locais teve o mérito de ver reconhecido parte do seu esforço em prol da língua de todos nós.

Mais razão para depressões teriam os teus filhos e netos cujo futuro continua - cada vez mais - sombrio e sem se vislumbrar melhoria possível num decénio ou dois a não ser emigrar.

Deves passar em revista o quão afortunada tens sido apesar de tudo, pela vida conjugal sem divórcios que são hoje moeda comum, pelos filhos que tiveste que não sendo perfeitos são bem melhores dos que se veem por aí hoje em dia, o mesmo se podendo dizer dos cinco netos que tantas alegrias te deram e companhia fizeram num mundo em que a maior parte dos netos nem sabe quem são os avós.

Claro que tens razão para andares deprimida, os ossos já não são o que eram, a memória de quando em vez prega umas partidas, o frio sente-se mais, os amigos vão escasseando e cada vez há menos gente da tua geração com quem conversar.

Mas, se olhares em volta naqueles e naquelas que foram mais bafejados pela roda do dinheiro verás que são bem menos felizes do que tu, quer em saúde quer em momentos felizes.

Quem disse que o dinheiro traz felicidade deveria ser masoquista. Pode ajudar a retirar alguns dos contratempos diários e dar uma ilusória sensação de felicidade como aquela que tive durante anos, mas nada se compara a uma vida em que se descobre ter sido vivida para um ou vários fins que se conseguiram almejar e cumprir.

A maioria da população mundial nem sabe para que vive ou por que vive. As convulsões que te rodeiam, a falta de valores e princípios por que sempre te regeste e que passaste aos teus estão seriamente comprometidas neste mundo sem valores ou com valores diametralmente opostos aos teus, e apesar da enorme maleabilidade e aceitação de novos paradigmas entendes que tudo isto mudou demasiado depressa e para pior.

Mas este discurso que muitas vezes partilho contigo não deixa de ser curiosamente idêntico ao que a tua mãe e outros usaram em épocas diferentes. Assim foi sempre ao longo dos tempos. Nunca o ser humano deixou de ser escravo da sua época e dos seus condicionamentos.

Claro que quando te queixas quanto à meteorologia tens toda a razão, isto anda tudo às avessas do que era, em tempos idos, quando ainda havia quatro estações do ano e quando estavam associadas à agricultura, que como todos sabemos desapareceram do sistema. Nem agricultura nem estações, e teremos de inventar novos padrões para nos regerem ou fazer como aprendi aqui nos Açores: em vez de definir amanhã vou à praia, decidimos apenas quando o tempo deixa ir à praia. Imagina tu que até o tempo nos tirou essa oportunidade de escolha.

Crescemos - e educaste-nos - a acreditar no matrimónio como coisa inviolável até à morte, e hoje nem sequer se equaciona essa oportunidade quando as pessoas se juntam ou procriam, eu sou das últimas abencerragens a ainda acreditar nessa instituição talvez por te me ter servido tão mal das primeiras vezes que a tentei.

No nosso tempo, que era o mesmo para ti e para mim, os filhos tinham um pai e uma mãe, hoje todas as combinações são possíveis e nem sempre as biológicas...nenhum dos teus netos ainda casou no sentido tradicional do termo e mesmo que o faça não terá o significado que teve para mim ou para ti.

Dantes estudar para se tirar um curso abria as portas do emprego, hoje nada significa e muito menos a promessa de emprego.

Poderíamos, neste momento, afirmar que isto eram razões mais do que suficientes para te deprimir, mas se pensarmos melhor deveria ser motivo de gáudio por ainda teres vivido num tempo em que as coisas eram brancas ou pretas enquanto hoje nunca têm aquelas cores, antes se metamorfoseiam de tons infundáveis de cinzento deprimente.

Se passares em revista as conquistas que atingiste desde o nascimento até hoje verás que nenhuma foi fácil e todas eram carregadas de esforço e sacrifício, abdicação e dedicação. No teu tempo as mulheres sabiam cozinhar e os teus filhos ainda recordam os teus pratos e os teus dons culinários. Hoje têm de pagar bem caro e nenhuma comida se lhes compara. O teu rolo de lombo de vitela fazia-me andar milhares de quilómetros e ainda tem um sabor único.

No nosso tempo as famílias mantinham contacto e os primos davam-se durante toda a vida, hoje as crianças nascem e crescem sem sequer saberem que têm primos. Ainda hoje lamento que eu e os primos primeiros, segundos e terceiros nos tenhamos apartado e nem sequer conhecemos os descendentes uns dos outros. Foi assim que antevi a minha família e quando a tive, o mundo em volta já tinha mudado.

Tive de me socorrer das recordações, de revisitações e de revivalismos para dar à estampa em livro a narrativa desses tempos, cuja maior parte podemos considerar saudosos pelos bons momentos vividos.

Não consegui passar aos filhos nem um décimo do que tu e o pai me passaram, mas convenhamos que é difícil, nesta era, um pai ou mãe competirem com a TV, PlayStation, GameBoy e computadores entre tantas outras coisas que existem hoje e os transformam em viventes de mundos virtuais.

Sempre tivemos as nossas diferenças, e quem as não tem? mas soubemos maduramente passar por cima delas e viver harmoniosamente melhor do que alguma vez sonhamos, sem nos atropelarmos nem às nossas crenças, cada um seguindo caminhos e trilhos que se não se cruzam também se não afastam.

Chama-se a isto um equilíbrio saudável, cumpriste a tua missão como mãe e passei anos a tentar redimir-me daquilo de que era acusado.

Cumpri a minha quota-parte contigo e com o pai - em tempos e moldes diferentes - estabeleci uma paz duradoura e um entendimento. Haverá quem prefira chamar-lhe um pacto de não-agressão, mas creio que se trata antes do respeito mútuo que hoje existe.

Não sei se estas linhas servirão para desanuviar a depressão que alegas ter e a falta de vontade de tudo, mas deveriam pelo menos fazer sorrir-te ao almoço e sentires orgulho nos filhos e netos que tens.

E lembro aqui nesta crónica possível, 56 anos depois de recordar esse dia em 1955 em que nasceu a tua filha (e minha irmã) ...

A mãe que já "perdera duas gravidezes", finalmente deu à luz, uns cinco anos e meio depois de eu nascer, uma linda menina com 4 quilos e 56 cm.

Se bem que eu a esperasse com a ansiedade própria dos jovens da minha idade, também tinha um medo ancestral de que ela viesse a ocupar um certo espaço até então exclusivamente meu.

As prerrogativas de filho único perderam final e, infelizmente, a sua razão de ser no dia do nascimento da irmã.

De qualquer forma consta, ainda hoje, que ficara satisfeito por ver aquele bebé gorducho e cheio de cabelos loiros, uma hora depois de ter nascido.

É bom não esquecer que naquele já longínquo ano de 1955 a maior parte dos partos ocorria em casa, pois as pessoas não se deslocavam aos hospitais ou clínicas.

Havia um médico, acompanhado de uma enfermeira-parteira, que se deslocava à residência das pessoas e aí fazia o parto da criança.

No caso vertente, fora o mesmo médico que ajudara no meu nascimento.

Se surgissem problemas chamava-se uma ambulância e ia-se para o hospital mais perto

Na altura deste nascimento ainda só existia o vetusto Hospital de Santo António no Porto, onde viria a nascer em 1996 o filho mais novo de EU quando já raras eram as crianças a nascerem em suas casas.

104. 107. CRÓNICA 107 FESTAS DE N. Sr.^a DO ROSÁRIO DA Lomba da Maia. agosto 26-31 2011

A maioria das festividades dos Açores coincide (e não fortuitamente) com datas e acontecimentos religiosos, em particular com dias relativos a determinados santos, o que se explica por uma tradicional forte devoção do povo açoriano em geral.

Destas festividades, uma boa parte é sensivelmente comum entre diferentes ilhas do arquipélago, como por exemplo as Festas do Espírito Santo que se celebram um pouco por todas as ilhas, com algumas variações e diferentes datas. Outras, são já específicas de determinadas localidades, o que lhes atribui um carácter único, fazendo deslocar, em alguns casos, pessoas de várias partes dos Açores e do mundo a acorrer a elas.

Cada freguesia tem um santo protetor ou padroeiro, santo este a quem é dedicado um dia particular do calendário em que se celebram as Festas da respetiva freguesia (é comum ainda haverem várias freguesias que partilhem o mesmo santo padroeiro). Nas zonas piscatórias, é muito frequente ser este papel entregue a São Pedro, protetor dos pescadores.

Nossa Senhora do Rosário é normalmente festejada em outubro e as maiores festas a ela dedicadas são as da Lagoa (S. Miguel) e Lajes do Pico, mas convém não esquecer a pequena freguesia da costa norte de São Miguel, a Lomba da Maia que celebra sempre no último domingo de agosto esta santa, tão venerada que até esteve para dar o nome à freguesia...

"... O rei, por certo, não teria hesitado em desautorizar o bispo D. António. Havia-o feito naquele mesmo ano de 1699. A Lomba da Maia, então sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegara a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia." (in Mário Moura: a criação de uma paróquia")

Passa esta população - maioritariamente rural - um ano inteiro na ansiada espera desta semana, fazem-se preparativos, vestidos, sonham-se casamentos e noivados, preparam-se refeições, convidam-se parentes emigrados, há uma sofreguidão imensa na voragem dos calendários. As casas são pintadas, retocadas, melhoradas para estarem prontas nessa

última semana de agosto. Colhem-se verdes e flores para enfeitar as ruas em modelos, mais ou menos elaborados a fim de que a procissão de domingo ali passe.

Cabeleireiras e modistas não têm mãos a medir para tentarem que todos os habitantes estejam no seu melhor, quanto a apresentação, na procissão e noutros eventos celebratórios. Toda a vida da freguesia se centra em volta desta semana de celebrações, procissões e libações. O mundo podia acabar, mas continuar-se-ia a falar das Festas de agosto, em que a população residente é incrementada com o retorno de centenas de filhos expatriados pela norte América, uns com vozes anglicizadas e outros afrancesados.

Reveem-se parentes, e aqui na Lomba da Maia, parece que todos são primos entre si há várias gerações. Há uma elevadíssima consanguinidade. Todos põem a conversa em dia, bebem uns copos a celebrar o encontro, a fim de dar tempo a que todos narrem as suas proezas, riquezas, e outros mitos. Trata-se de uma semana completa de festejos, culminando com a rica procissão de domingo e na qual se incluem dignatários religiosos e autoridades civis, além das ditas forças vivas da terra. Um verdadeiro desfile para impressionar, todos com seus fatos domingueiros ou melhores ainda se as posses assim o permitiram.

A procissão ricamente elaborada inclui a trasladação - na véspera - da imagem para a Igreja velha ao fundo da rua, seguida da visitação da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas de parte da freguesia, partindo da Igreja, subindo ao Outeiro, descendo a Rua do Rosário, sem chegar à Lomba de baixo, e subindo em apoteose pela Rua da Igreja até se deter, de novo na Igreja datada de 1877.

Este percurso feito sobre o asfalto, nesta data ricamente atapetado de verdes e quadros floridos demora sempre umas três horas ou mais, com os vários andores a pararem várias vezes durante o percurso. Em 2011 havia três bandas filarmónicas de dezenas de executantes, cada uma delas, antecedida por centenas de populares, precedendo as entidades oficiais que este ano incluíam o presidente da Câmara da Ribeira Grande e o presidente da Associação Agrícola de São Miguel, o presidente da Junta de freguesia local e centenas de populares.

As Festas que normalmente se iniciam na quinta-feira pela noitinha, após se terem colocado os postes com flâmulas de duas cores, conforme as ruas, e instalação sonora, este ano começaram atrasadas.

As decorações e iluminação da Igreja na qual sobressai uma enorme reprodução da santa padroeira estavam atrasadas e sábado ainda se trabalhava para as finalizar.

Assim, este ano na quinta e sexta apenas se ouviam os acordes das discotecas improvisadas e o cheiro a fritos de algumas barracas no Largo da Igreja.

Finalmente, no sábado à noite as pessoas puderam começar a sair à rua para se mostrarem e serem vistas, dando finalidade aos longos preparativos de todo um ano.

Mas o santo patrono da meteorologia resolveu brindar os festivos habitantes com uma enorme chuvada torrencial e uma fortíssima trovoada, demonstração climatérica bem rara nesta ilha.

Fez-se silêncio nas ruas e todos recolheram a penates pela meia-noite.

Na manhã de domingo estrelejavam já foguetes bem cedo a saudar mais um dia e já andavam as ruas a serem limpas, que esta população ainda não aprendeu a ser verde nem civicamente educada, e continua a deitar tudo para o chão...se esse problema já se põe durante o ano imaginem só o estado do pavimento nestas Festas.

A chuva amainou a meio do dia e veio uma tarde soalheira, quente e húmida como é vulgar nestas paragens. Uma novidade a saudar neste ano da graça de 2011, os altifalantes que costumam debitar música pimba das oito da manhã até altas horas, este ano não fizeram a sua aparição, talvez fruto da crise que não deu para pagar música encanada.

Assim os postes limitavam-se a ter as suas lâmpadas acesas (todas brancas este ano em vez das habituais coloridas) e as suas flâmulas de duas cores a esvoaçarem sem nos impingirem um tipo de música que nada tem a ver com estas Festas nem com as tradições. Os ouvidos agradecem e, em particular o autor, que é muito exigente na música que ouve e não gosta de sofrer a música dos outros. Já bastam os acordes sísmicos da música tecno que ecoam na Rua do Rosário até às três da madrugada e aqui se propagam, sempre a martelar os sons do baixo. A música do “*Ká t’espero*” a trinta metros de distância do outro lado nesta Rua da Igreja não chega a incomodar, apenas as alterações dos seus patronos mais bebidos pelas cinco da manhã quando a tenda fecha...

Duma empírica observação, mais vocacionada a ser analisada por psicólogos e sociólogos, convirá referir que se verificava que os jovens do sexo masculino continuavam de uma forma geral a vestir normalmente como num qualquer dia, shorts ou jeans e T-shirt, enquanto elas da mesma idade estavam todas aperaltadas, decotadas, saias muito curtas, unhas pintadas e cabelos elaborados em penteados de festa, muitas delas já em cetim lustroso preferencialmente em preto ou em sedas vermelhas. O mesmo se podia ver nas senhoras mais jovens e até à meia-idade, em que se empoleiravam com muita dificuldade em saltos altos, tipo stiletto, a que obviamente não estão acostumadas...bamboleando-se para cá e para lá sem caírem...muitas delas queriam, e tentavam muito, que as tomassem por modelos saídas de capa de revista de modas não fosse o forte sotaque micalense

Os homens que estavam, na sua maioria, mais bem vestidos usavam fato e gravata e privilegiavam o cinza brilhante com gravatas que não correspondiam ao casaco...obviamente forçados a usarem uma vestimenta para a qual não estavam talhados, mas a que eram obrigados. O tal fato domingueiro de que a literatura tradicional tanto fala quando se refere às aldeias e à maneira de vestir das pessoas para irem à missa...

Mais parecia um desfile de trajes para casamento (até poderiam ser esses os trajes que elas usavam normalmente nos casamentos e como era a festa anual da Lomba da Maia isso era equivalente a um casamento...) e era vê-las a passar impantes de orgulho no seu “*special look*” anual com os homens atrelados a curta distância ou ao lado, cabeças bem erguidas atravessando as ruas da aldeia. (já sei, já sei, os açorianos ficam todos furiosos quando digo aldeias pois pensam que aldeia é um termo inferior em estatuto ao de freguesia... mas esta minha freguesia queiram ou não, é uma aldeia e eu gosto dela, assim, aldeia...).

No cortejo processional, ouvia-se para além do falar micalense local, algumas corrup-telas de francês e inglês com micalense nem sempre fáceis de decifrar. Depois dos andores todos, e do pálio com vários concelebrantes que eu não soube identificar além do pároco cessante da freguesia, vinham as pessoas por uma ordem hierárquica de castas sociais, das mais ricamente vestidas às mais humildemente vestidas, talvez seguindo tradição ancestral.

A nossa empregada doméstica (dantes chamada mulher a dias) estava irreconhecível de cabelo solto, tacões altos e vestido cintilante.

Chegada a imagem à Igreja depois do seu périplo pela freguesia, foi a debandada geral. Nessa noite, após o jantar as ruas tornaram-se alamedas pedestres até já depois da meia-noite com tolerância de ponto para as crianças. Um apontamento triste foi ver muitos jovens de tenras idades a fumarem...e na manhã seguinte uma carrinha carregava vinte e quatro barris de cerveja vazios que - pelos vistos - na véspera corraera bem pelas gargantas abaixo, no “*Ká t’espero*” que para estas coisas não há crise que chegue para matar a sede... E lia-se nessa data em editorial de SN no Atlântico Expresso:

Aqui pelos Açores, o Governo Regional, através das suas empresas satélite, Câmaras e Juntas de Freguesia esqueceram-se da crise e estouraram milhões de euros em festas para consolo do povo, iludido e contente, regado, bebido e drogado e que agora vai acordar para um ano difícil de trabalho.

Os milhões gastos em festas não são alavancas económicas, mas sim ocasião de enriquecimento de alguns que a troco de umas noites de engano fazem esquecer a realidade e conduzem as pessoas a uma anestésiante visão da sociedade que só interessa a quem delas tira dividendos.

Agosto está a terminar e este é mais um verão para esquecer.

Muita festa, muita dívida, muita promoção malfeita e muita gente enganada.

Milhões de euros deitados à rua e agora vão começar os queixumes.

As Juntas de Freguesia vão dizer-se esmiifradas, sem dinheiro; as Câmaras vão continuar a endividar-se ou a recorrer aos Fundos de emergência porque estão falidas; os fornecedores vão continuar a esperar: o Governo vai assobiar para o lado, porque a despesa da festa vai estar na conta de empresas criadas para a “cultura e turismo” e tudo vai ficar assim mesmo.

Entretanto, os políticos vão começar outro tempo de festa. Para o ano há eleições e, portanto, há que mostrar serviço. Há que prometer, há que entreter e há que cativar votos. Não vai ser fácil o ano que agora começa, depois das férias. Há muito interesse, há muito a defender e há muitos novos-ricos que de nada se querem privar. Com um povo cansado, com empresas em dificuldades, não será difícil morder o isco que se prepara para ser lançado. Mas uma coisa é certa: vamos pagar muito caro os foguetes que hoje se atiram e o acordar vai doer a muita gente. Não estamos no bom caminho!

Entretanto a amiga Graça Castanho, atual diretora regional das comunidades, alertava para o facto de a “... grande maioria dos emigrantes regressados ter mais de 60 anos e poucos estudos” ...

O estudo da direção regional das comunidades revela que a grande maioria de emigrantes regressados tem sessenta ou mais anos, são reformados e os que ainda trabalham são os que regressaram das Bermudas e têm uma baixa literacia. O estudo permitiu também identificar os que regressam para se fixar definitivamente na sua terra ou para períodos cíclicos anuais, mas também os que voltam com condições financeiras confortáveis ou com necessidades...

Mas na aparência tudo corre bem e não estamos no reino da Dinamarca. O único restaurante da freguesia, “O Cordeirinho” que se tem vindo a debater com um excesso de clientes por causa dos trabalhadores das SCUT ainda não sente crise nenhuma e sem marcação nunca se consegue mesa ... como dizia o amigo Sá Couto, “crise? Não há carne nem peixe, ninguém os pode comprar e, coitados com a crise vão todos ao restaurante jantar!”

E nesta inconsciência se passam as Festas da Lomba da Maia, mostrando aos outros uma fachada de riqueza e de aparato que se não coaduna com a realidade, mas é assim este povo.

Não falei dos entretenimentos e das tendinhas por não os considerar relevantes nem específicos destas celebrações que se vão prolongar, até quarta-feira.

Depois, começarão as aulas e os problemas do país hão de finalmente arribar a estas costas, onde os roubos se sucedem a uma frequência jamais imaginada, numa terra em que as pessoas até há pouco deixavam as portas abertas e a chave no trinco. Há quem lhe chame a rota inexorável do progresso...

Como a velha melodia dizia “No pasa nada” e lembrando os tempos da Mocidade Portuguesa de triste memória “...cá vamos cantando e rindo...”

E hoje ninguém limpou as ruas pejadas de destroços vegetais dos lindos tapetes que ontem orlavam os locais por onde a procissão passava, acrescidos de lixo acumulado pelos muitos que aqui comeram e beberam deixando atrás de si um imenso rasto de detritos e de poluição...a educação ambiental ainda não chegou a estas paragens nem consta que seja uma matéria muito estudada nas aulas.

Hoje, ao acordarem as pessoas devem começar já a fazer planos para a festa do próximo ano e as jovens que tiveram a sorte de começar namoros ou acertar noivados, como é costume nestas ocasiões, continuarão a sonhar

com a felicidade ao virar da esquina e como é sabido não há crise que chegue aos sonhos pois estes são mais livres do que aqueles que os sonham.

A Igreja, as tendinhas, as discotecas e outros locais de vendas devem começar a fazer contas à vida no deve e haver de todas estas festas.

105. 108. CRÓNICA 108 – ODE A SÃO MIGUEL E DENTISTAS, 15 setembro 2011

108.1. ODE A SÃO MIGUEL NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

Levantei-me cedo, como é usual, fui levar a senhora professora minha mulher, à escola, para as infundáveis reuniões de começo de ano escolar, e o filho foi ver o horário do Liceu para onde vai frequentar o 10º ano.

O dia ainda estava radioso como, aliás, foi apanágio neste verão de 2011 na Ilha do Arcaño.

Como já escrevi, muitas vezes, existe um pequeno recanto nesta costa norte, da ilha do Arcaño, onde encontro sempre uma versão muito minha do Éden, a praia quase deserta com dez pessoas apenas, na sua maioria, turistas, e uma esplanada toda para mim, para bebericar a minha “italiana” (café supercurto, também designado como “Ristretto” na Austrália e EUA) e a garrafa de água sem gás, sempre muito gelada.

São sempre estes os companheiros fiéis das minhas leituras, gasto tanto de água gelada como de oxigénio, para me lubrificar bem. Ora quanto a leituras a escolha deste ano recaiu e foi dedicada a José Martins Garcia, prolífico autor infelizmente liberto de penar no mundo dos vivos.

Apesar de ser notável a sua obra, hoje serve apenas para deleite dos curiosos e estudiosos, grupo no qual ainda me incluo.

*Ouçõ as ondas aqui onde o mar é rei e senhor de todas as horas.
fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um*

A terra é um mero escolho lançada como um grão de poeira no deserto, no meio deste Grande Mar Oceano para colorir o mar em tons de verde que é a cor desta ilha. A terra é finita e bem mais nova que o mar, saídas das entranhas do fogo, em eflúvios de magma, a mágica lava que encanta e seduz quem a vê à distância segura de um qualquer abrigo.

O mar, condescendente, acedeu a envolver a ilha no seu manto de espuma, fez dela o seu brinquedo, entretendo-se a burilar as suas abruptas escarpas, nalgumas baías acedendo mesmo a depositar uns grãos de areias fina e enegrecidas sem jamais deixar de as lavar, pondo e tirando a seu bel-prazer, mas sempre lavando, lavando, lavando, sem nunca as deixar brancas.

Para preservar o seu brinquedo evitou dotar a ilha de angras ou portos naturais, fáceis acessos a forasteiros, assim evitando que a viessem perturbar com seus botes.

A ilha quer-se sozinha, sem invasores, e assim ao longo dos tempos sempre se repeliaram as investidas desde os fenícios, aos mouros, corsários ingleses e outros repetidamente remetidos à proveniência sem mais danos do que raziarem as terras, tomarem cativos os habitantes para venderem como escravos e usando as suas mulheres para outros fins soezes como era hábito naqueles tempos.

Os que foram ficando, tementes a deus, tornaram a cultivar a terra, arando os solos que a fúria dos fogos e tremores das entranhas da terra ia vomitando, tentando aplacar essa fúria e castigo divino com preces, procissões e romarias.

Nesta ilha, de costas voltadas ao mar, como a maioria das suas igrejas, todos passam o ano a olhar para o próprio umbigo, seja ele de vacas leiteiras raçadas de alpinistas que poluem montes, lagoas e ribeiras, sejam campos de milho, batatas, beterraba, inhame ou outros frutos da terra que as generosas chuvas insistem em regar de forma copiosa até conseguirem mais do que uma colheita ao ano.

Enquanto no Faial e Pico e outras ilhas do Triângulo, as pessoas vivem do mar e para o mar, nesta Ilha de São Miguel Arcanjo, sempre tão de costas para o mar, elas ignoram-no, esquecendo já que era o único passaporte de saída para a alforria do feudalismo que imperava nas ilhas e as agrilhoava.

Nesta pequena baía dos Moinhos de Porto Formoso sem baleias à vista, nem golfinhos ou tubarões, as ondas vão cumprindo o seu ritual lunar, e eu aqui, parado, a vê-las, a ouvi-las deixando-me encantar com o seu ritmo, a sua cadencia incerta que as leva para longe, lá, onde só o pensamento conta e a vontade dos homens não domina.

Hoje, não me sinto náufrago nem perdido, apenas marinheiro de águas profundas embalado pelos ténues ventos que me levam à deriva.

Ah! Como gostava de perpetuar momentos destes e torná-los permanentes, libertar-me da escravatura que nos impõem como preço de vivermos. Aqui, neste paraíso que o inverno torna bem agreste, as palavras fluem como ondas e vêm desaguar sempre numa qualquer folha de papel.

A mente liberta-se das peias do quotidiano e voga ao sabor do mar, como se viver fosse útil ou até necessário.

Por vezes, é preciso sair de dentro das ameias do meu “castelo” e vir sentir-me liberto nesta prisão sem grades que as ilhas todas tendem a ser.

Podemos, afinal, ser livres dentro de uma prisão e não precisamos de voar como os pássaros, nem nadar como os peixes, basta uma dose de mar e sol, e deixar a mente vaguear, vogando no salgado das ondas ...

Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

Ouçó as ondas aqui onde o mar é rei e senhor de todas as horas.

*fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um*

108.2. DENTISTA NA PRAIA EM FÉRIAS A AVIAR DOENTES

Nessa tarde não resisti e voltei aos Moinhos, já com meia centena de banhistas.

A minha leitura, iniciada esta manhã no mesmo local, foi interrompida pelo tonitruante som do vozear de um senhor atarracado, de cabelo curto, alourado, acompanhado de uma jovem com tranças, de uns 4 ou 5 anos, permitindo as habituais conjeturas sobre se seria pai solteiro, viúvo, divorciado ou meramente um pai que foi com a filha à praia enquanto a mulher foi ao cabeleireiro ou às compras, por exemplo.

O senhor que se sentara na mesa ao lado da minha, debatia-se freneticamente com dois telemóveis e não se coibia de receitar Nimed e Amoxil a um pobre senhor Joaquim, do Porto, a quem fizera uma intervenção cirúrgica dentária há vários meses e que obviamente manifestava uma atual infeção no maxilar donde lhe extraíra os dentes.

Sem dúvida que a memória desses dentes voltara para o assombrar e atormentar esta tarde de férias, em pleno gozo das suas - crê-se que merecidas - férias numa soalheira tarde na esplanada dos Moinhos.

Há dentes assim, mesmo depois de retirados do maxilar, ficam saudades e querem voltar para assombrar o dono do maxilar.

Poderia ser este o caso.

Ouvia-se falar de troca de receitas de medicamentos, retirados de circulação, e recomendações de antibióticos sem recorrer à penicilina e sem descurar a cortisona a que o doente poderia ser alérgico, mas não era, dado que já lhe receitara antes.

O - possivelmente ilustre veraneante - médico dentista e cirurgião, em férias, ali na esplanada dos Moinhos de Porto Formoso, impotente, com dois telemóveis nas orelhas a falar, ora com o doente, ora com o protésico, ora com a sua secretária para que esta marcasse uma consulta de urgência ao senhor Joaquim com o seu colega que ficara de serviço, deixava a pequena lambuzar-se de gelado, sem notar que o mesmo se derretia e ia escorrendo para o fato de banho.

E eu em busca de sossego e do marulhar dei comigo a pensar na saga dentária do Cristóvão de Aguiar que quisera poupar e fora ao Pico tirar os dentes.

Também apanhou uma infeção no maxilar, teve de fazer um enxerto de osso do íliaco, mas apanhou uma infeção, com enorme hematoma, que o pôs numa cadeira de rodas durante meses, a mastigar papas de bebé, sem dentes, sem poder caminhar e a gastar muito mais em médicos, clínicas.

Depois ainda teve de contratar um advogado para intentar uma ação judicial contra o afamado cirurgião dentista, formado em Paris e a quem atribuía a sequência de males de que padecera durante esses longos meses.

Acalentei secretamente a esperança de ser este o mesmo dentista, o que tornaria esta crónica mais interessante pela coincidência (que como todos sabem, elas não existem mas têm causas matematicamente prováveis), mas tive de me contentar com a atrás narrada cena sem coragem de perguntar se tratara o Cristóvão.

O Português Contrabandista de J. Martins Garcia a piscar-me o olho e eu sem o poder desfrutar numa leitura de remanso como esta manhã.

Terei de regressar em mais idílico momento, pois há pessoas que usam o telefone móvel como um megafone para que todos se inteirem das suas conversas em direto e ao vivo, como se a alguém pudessem interessar.

É pena não haver um padrão universal para telemóveis que eu poderia ter emprestado os meus auriculares... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

106. 109. CRÓNICA 109 DOS BRANDOS COSTUMES, 14 outubro 2011-10-14

Há anos escrevi algo sobre isto no CrónicaAçores vol. 1...

... o mundo está na mão dos neoliberais há mais de duas décadas, apoderaram-se de todos os governos legitimamente eleitos e sobre eles exercem as mais fantasiosas chantagens, o que levou a este desvario em que as nações andam todas a pagar não só os erros de governação (e são mais que muitos em PT) mas sobretudo as perdas dos bancos e seus maus investimentos aliados a políticas de ganância como não há memória na história recente dos povos...

A falta de líderes com visão na Europa, o "squeeze" norte-americano na defesa dos seus interesses (\$\$\$\$) e a especulação desenfreada dos mercados causou isto.

Há alternativas (a Islândia não cedeu e ainda não acabou como país, apesar de não ter pago as dívidas...antes pelo contrário vai de vento em popa) e a receita aplicada à Grécia, Irlanda e Portugal vai causar recessão, estagnação da economia por anos a fio, desemprego maciço, fome, pobreza sem aumentar um só ponto que seja de crescimento económico...pois o país cada vez produz menos, cada vez se gasta menos e a economia continuará a contrair-se...

Estes cortes brutais aplicam-se ao povo, e às juntas de freguesia que nas Câmaras já é mais difícil tocar e daí para cima impossível....

Imaginem só os ministros deslocarem-se (como na minha Austrália) de metro ou autocarro para o emprego...para não falar do senhor Cavaco Silva que veio aos Açores com médico, enfermeira, etc., (esqueceu-se do barbeiro e manicura).

Há diretores, ministros, secretários de estado, assessores a mais e soldados a menos.

Cortam retroativamente tudo e mais alguma coisa menos os privilégios dos que estiveram no poder após o 25 de abril.... Francamente não foi para isto que houve um 25 de abril...estão todos lá para se servirem e não para servir o país (cá e noutros países é tudo o mesmo), a Europa está falida de ideias e soluções e não admira: um Barroso que fugiu, um Constâncio que nada viu no Banco de Portugal...

Já andamos nesta fona desde 2000 ou 2001 e a situação não cessa de piorar após 2008, e o mais que adiante se verá quando em janeiro nos vierem dizer que afinal isto não chegou e é preciso mais...depois em março virão outra vez com novo orçamento rectificativo e por daí em diante que é disto que a casa gasta há muito tempo...nunca chegará enquanto se não acabarem com as mordomias e desigualdades sociais!

Infelizmente dos meus filhos apenas uma é australiana e outro também (pelo que pode ir para lá quando crescer) mas os restantes não são e esses, nem presente nem futuro têm, tal como eu e os mais velhos que eu...

Depois há o BRICS, os eixos mundiais da China, Índia, Rússia, etc. que aguardam a queda do Império Romano (perdão, do mundo ocidental como o conhecemos) ...haja saúde... Mal acabei de escrever estas notas recebi o seguinte correio eletrónico que passo a citar:

Acabou o recreio e o receio!

Este e-mail vai circular hoje e será lido por centenas de milhares de pessoas.

A guerra contra a chulice está a começar.

Não subestimem o povo que começa a ter conhecimento do que nos têm andado a fazer, do porquê de chegar ao ponto de ter de cortar na comida dos filhos!

Estamos de olhos bem abertos e dispostos a fazer - quase tudo, para mudar o rumo deste abuso.

Todos os "governantes" [a saber, os que se governam...] de Portugal falam em cortes de despesas - mas não dizem quais - e aumentos de impostos a pagar.

Nenhum governante fala em:

1. Reduzir as mordomias (gabinetes, secretárias, adjuntos, assessores, suportes burocráticos respetivos, carros, motoristas, etc.) dos três ex-presidentes da República.

2. Redução do número de deputados da Assembleia da República para 80, profissionalizando-os como nos países a sério. Reforma das mordomias na Assembleia da República, como almoços opíparos, com digestivos e outras libações, tudo à custa do pagode.

3. Acabar com centenas de Institutos Públicos e Fundações Públicas que não servem para nada e, têm funcionários e administradores com 2º e 3º emprego.

4. Acabar com as empresas Municipais, com Administradores a auferir milhares de euros ao mês e que não servem para nada, antes, acumulam funções nos municípios, para aumentarem o bolo salarial respetivo.

5. Por exemplo as empresas de estacionamento não são verificadas, porquê? E os aparelhos não são verificados porquê? É como um táxi, se uns têm de cumprir porque não cumprem os outros? e se não são verificados como podem ser auditados?

6. Redução drástica das Câmaras Municipais e Assembleias Municipais, numa reconversão mais feroz que a da Reforma do Mouzinho da Silveira, em 1821.

7. Redução drástica das Juntas de Freguesia. Acabar com o pagamento de 200 euros por presença de cada pessoa nas reuniões das Câmaras e 75 euros nas Juntas de Freguesia.

8. Acabar com o Financiamento aos partidos, que devem viver da quotização dos seus associados e da imaginação que aos outros exigem, para conseguirem verbas para as suas atividades.

9. Acabar com a distribuição de carros a Presidentes, Assessores, etc., das Câmaras, Juntas, etc., que se deslocam em digressões particulares pelo País.

10. Acabar com os motoristas particulares 20 h/dia, com o agravamento das horas extraordinárias...para servir suas excelências, filhos e famílias e até, os filhos das amantes...

11. Acabar com a renovação sistemática de frotas de carros do Estado e entes públicos menores, mas maiores nos dispêndios públicos.

12. Colocar chapas de identificação em todos os carros do Estado. Não permitir de modo algum que carros oficiais façam serviço particular tal como levar e trazer familiares e filhos, às escolas, ir ao mercado a compras, etc.

13. Acabar com o vaivém semanal dos deputados dos Açores e Madeira e respetivas estadias em Lisboa em hotéis de cinco estrelas pagos pelos contribuintes que vivem em tugúrios inabitáveis.

14. Controlar o pessoal da Função Pública (todos os funcionários pagos por nós) que nunca está no local de trabalho. Então em Lisboa é o regabofe total. HÁ QUADROS (diretores gerais e outros) que, em vez de estarem no serviço público, passam o tempo nos seus escritórios de advogados a cuidar dos seus interesses, que não nos dá coisa pública.

15. Acabar com as administrações numerosíssimas de hospitais públicos que servem para garantir tachos aos apaniguados do poder - há hospitais de província com mais administradores que pessoal administrativo. Só o de PENAFIEL tem sete administradores principescamente pagos...pertencentes às oligarquias locais do Partido no poder.

16. Acabar com os milhares de pareceres jurídicos, caríssimos, pagos sempre aos mesmos escritórios que têm canais de comunicação fáceis com o Governo, no âmbito de um tráfico de influências que há que criminalizar, autuar, julgar e condenar.

17. Acabar com as várias reformas por pessoa, de entre o pessoal do Estado e entidades privadas, que passaram fugazmente pelo Estado.

18. Pedir o pagamento dos milhões dos empréstimos dos contribuintes ao BPN e BPP.

19. Perseguir os milhões desviados por Rendeiros, Loureiros e Quejandos, onde quer que estejam e por aí fora.

20. Acabar com os salários milionários da RTP e os milhões que a mesma recebe todos os anos.

21. Acabar com os lugares de amigos e de partidos na RTP que custam milhões ao erário público.

22. Acabar com os ordenados de milionários da TAP, com milhares de funcionários e empresas fantasmas que cobram milhares e que pertencem a quadros do Partido Único (PS + PSD).

23. Assim e desta forma, Sr. Ministro das Finanças, recuperaremos depressa a nossa posição e sobretudo, a credibilidade tão abalada pela corrupção que grassa e pelo desvario dos dinheiros do Estado.

24. Acabar com o regabofe da pantomina das PPP (Parcerias Público Privado), que mais não são do que formas habilidosas de uns poucos patifes se locupletarem com fortunas à custa dos papalvos dos contribuintes, fugindo ao controle seja de que organismo independente for e fazendo a "obra" pelo preço que "entendem".

25. Criminalizar, imediatamente, o enriquecimento ilícito, perseguindo, confiscando e punindo os biltres que fizeram fortunas e adquiriram patrimónios de forma indevida e à custa do País, manipulando e aumentando preços de empreitadas públicas, desviando dinheiros segundo esquemas pretensamente "legais", sem controlo, e vivendo à tripa forra à custa dos dinheiros que deveriam servir para o progresso do país e para a assistência aos que efetivamente dela precisam.

26. Controlar rigorosamente toda a atividade bancária para que, daqui a mais uns anitos, não tenhamos que estar, novamente, a pagar "outra crise".

27. Não deixar um único malfeitor de colarinho branco impune, fazendo com que paguem efetivamente pelos seus crimes, adaptando o nosso sistema de justiça a padrões civilizados, onde as escutas VALEM e os crimes não prescrevem com leis à pressa, feitas à medida.

28. Impedir os que foram ministros de virem a ser gestores de empresas que tenham beneficiado de fundos públicos ou de adjudicações decididas pelos ditos.

29. Fazer um levantamento geral e minucioso de todos os que ocuparam cargos políticos, central e local, de forma a saber qual o seu património antes e depois.

30. Pôr os Bancos a pagar impostos.

Ao "povo", pede-se o reencaminhamento deste e-mail.»

POR TODOS NÓS E PELOS NOSSOS FILHOS.

Dito isto nada mais a acrescentar.

107. 110. CRÓNICA 110. SANTA MARIA ILHA-MÃE E AICL (COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP outubro 2011

110.1. INTRO

A chegada à Ilha-Mãe para o 16º Colóquio da Lusofonia estava pejada de incertezas, indecisões, dúvidas meteorológicas e outras, mas com uma esperança enorme de que se conseguisse mais um sucesso, e por tal motivo o discurso de abertura dos Colóquios assim o manifestava:

Agradecimentos são devidos ao nosso anfitrião, o Município de Vila do Porto representado pelo Presidente Carlos Rodrigues e pelo seu Vice-Presidente Roberto Furtado, incansável nos meses de negociações e de preparação deste evento incluído no roteiro de turismo cultural da ilha, agradecemos ao Dr Jorge Paulus Bruno, Diretor Regional da Cultura pelo seu apoio aos Colóquios e por aqui se deslocar em representação do presidente do Governo regional, à Professora Dra. Graça Castanho, Diretora Regional Das Comunidades, pelo apoio nestes últimos quatro anos, e agradeço ainda aos 3 representantes das Academias de Língua Portuguesa, Professor Doutor Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa), Professor Doutor Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e Mestre Concha Rousia (Academia Galega de Língua Portuguesa) Patronos destes eventos.

Quero ainda deixar aqui uma palavra especial de muito apreço pelos esforços desenvolvidos pelos nossos delegado na ilha, Dr. João Santos Diretor do Museu, Daniel Gonçalves da Escola Secundária e Ana Loura que estabeleceram localmente os contactos indispensáveis a um evento desta envergadura, ao senhor Aldeberto Chaves presidente da Junta de Freguesia de Santo Espírito por nos honrar com o convite para umas "Sopas de Império" e foliões num encontro entre os Colóquios e o que há de mais genuíno no povo mariense...e um especial BEM-HAJA ao artista plástico José Nuno da Câmara Pereira nosso guia artístico durante a semana.

A todos os colegas e aos sócios da AICL que nos honram com a sua presença, o nosso muito obrigado. Minhas senhoras e meus senhores.

Como é hábito em todos os Colóquios farei uma rápida abordagem histórica para aqueles que aqui chegam pela primeira vez.

A mais antiga referência ao arquipélago é feita no Atlas de Médici de 1351¹⁷⁵.

A sua descoberta pode ter ocorrido com uma expedição luso-genovesa em viagem de retorno às Canárias. Santa Maria fora designada Ilha dos Lobos-marinhos no Mapa de Pizzigani de 1367 e Gonçalo Velho pode ter sido o descobridor, mas Damião de Peres assinala que Diogo de Silves terá aportado aqui no regresso da Madeira, em 1427.

Daniel de Sá aventa também a hipótese de o nome ser o de Diego Gullén e não de Silves...

Houve sempre em relação a este ponto e a outros, como a data da descoberta dos Açores, um nevoeiro histórico que assombra tais eventos: muitas são as dúvidas e poucas as certezas.

Gaspar Frutuoso, no século XVI, indica que Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, chegou a Santa Maria em 1432 e a S. Miguel em 1444.

A carta do catalão Gabriel de Valsequa de 1439 apresenta dados mais precisos e na legenda lê-se que teriam sido descobertos por um Diego.

De acordo com uma teoria, relativamente recente, de Damião Peres, este seria Diogo de Silves, marinheiro do Infante D. Henrique, no ano de 1427, mas há quem dispute esta versão.

No mais antigo documento régio referente aos Açores, de 2 de julho de 1439, é dada permissão ao Infante D. Henrique para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores pressupondo que, apesar de as viagens entre o continente e as ilhas terem ocorrido desde 1427 com Gonçalo Velho, o povoamento só se terá iniciado em 1439 na Praia dos Lobos, ao longo da Ribeira do Capitão, segundo Gaspar Frutuoso, mas foi João Soares de Albergaria, sobrinho do primeiro Capitão donatário e seu herdeiro, quem trouxe famílias do continente.

Os portulanos genoveses conhecidos até essa data, não fornecem qualquer indicação sobre ilhas no Mar Oceano. A partir dela, entretanto, registam-se:

1325 - Portulano de Angellinus de Dalort, assinala uma ilha, a oeste da Irlanda, denominada como "Bracile";

1339 - Portulano de Angelino Dulcert assinala não apenas a Ilha "Bracile", como outras, nas alturas dos acúais arquipélagos das Canárias (descoberto anteriormente a agosto de 1336 pelos portugueses e nomeando a Canária, Lançarote, Forteventura e outras) e da Madeira, e ainda a "Capraria", que alguns autores associam ao conjunto das atuais ilhas de Santa Maria e S. Miguel.

Esses indícios por si só, entretanto, não constituem elementos seguros para se afirmar se testemunham a visita (deliberada ou incidental) de navegantes a serviço de Portugal, ou se se trata tão-somente de ilhas fantásticas (vejam-se as lendas da Atlântida, das Sete Cidades, da Ilha de S. Brandão, das ilhas Afortunadas, da Ilha do Brasil, da Antília, das Ilhas Azuis, da Terra dos Bacalhaus).

1340-1345: Outros autores pretendem que o conhecimento das ilhas dos Açores teve lugar quando do regresso das expedições às Canárias realizadas cerca de 1340-1345, sob o reinado de D. Afonso IV (1325-1357). ~

O primeiro foral açoriano foi concedido a Vila do Porto em 1470, a mais antiga Vila que mantém hoje a sua estrutura original e com vestígios da época como a casa do Capitão-Donatário ou mais baixo outra com janelas do século XV.

A prosperidade assentou, no pastel e urzela até ao século XVII, exportados para as tinturarias da Flandres bem como no trigo que abastecia as praças-fortes portuguesas do norte de África.

Em 1493, aqui aportou Cristóvão Colombo, no regresso da sua primeira viagem à América. Sendo confundido com um mero pirata, dizem as crónicas que preso se quedou às ordens do Governador, até se esclarecer a sua presença.

A internet da época não permitia a informação em tempo real sobre quem era e o que fazia o Colombo ou Cristóvam Cólon.

Os verdadeiros piratas vieram nos sécs. XVI e XVII.

Tratava-se de corsários ingleses, franceses, holandeses, turcos, marroquinos e argelinos, que faziam as suas razias, incendiavam, violavam, pilhavam, levando mulheres e homens como escravos e reféns.

Moedas de troca vulgares nesses dias.

Digna de menção é a presença, mais tarde, de um contingente de tropas liberais [vindos da Achadinha e da batalha da Ladeira da Velha (S. Miguel)] rumo ao desembarque do Mindelo, na Armosa de Pampelido, atual Praia da Memória, Matosinhos, em 8 de julho de 1832, durante as Guerras Liberais ou Guerra Civil Portuguesa (1828-34).

Nesses 7500 homens transportados em 60 navios, estavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar.

O século XX trouxe a Santa Maria, em 1944, o progresso de uma forma súbita e inesperada, com a construção do aeroporto por tropas norte-americanas.

O aeroporto não teve importância estratégica para a guerra ou durante ela, tanto mais que não existia ainda.

Ele serviu apenas para reabastecimento das tropas de regresso dos campos de batalha na Europa, mas seria escala obrigatória nas travessias atlânticas até finais de 1960 e das suas três pistas, uma é a mais extensa do arquipélago, com 3.048 metros.

Foi destino do voo inaugural da SATA ¹⁷⁶ e da aeronave “Açor” que cairia ao mar a 5 agosto 1947, após descolar de S. Miguel, morrendo seis pessoas.

A TAP passou a escalar a partir de 1962, seguindo-se voos para Nova Iorque (1969) e Montreal (1971), bem como a presença habitual do supersónico Concorde, ligando a Europa e a América. Embora a introdução de novos aviões com maior autonomia reduzisse o tráfego, é um dos aeroportos mais bem equipados dos Açores.

O FIR (controlo de tráfego aéreo da Região de Informação Aérea Oceânica) também se situa aqui e serviu para seguir o lançamento do “Automated Transfer Vehicle (ATV)” europeu para a Estação Espacial Internacional (ISS) para ajudar o reabastecimento dos astronautas em órbita.

Hoje a fértil ilha de 97,42 km² (17 km por 9,5 largura) tem apenas 5547 almas, menos mil do que há dez anos. É a única com terra de origem sedimentar e fósseis marinhos.

As singulares e elegantes chaminés brancas que pontilham a ilha podem evocar as congéneres algarvias mas não terão a ver com Portugal como exprime o autor aqui homenageado, Daniel de Sá: “Pensa-se que foram brasileiros de torna-viagem que se inspiraram nas chaminés dos transatlânticos que os traziam à ilha. Por isso lhes chamam chaminés de vapor. Em Santana, no meu tempo, haveria só três ou quatro. O que quer dizer que todas as outras casas seriam provavelmente do século XIX.”

Na gastronomia local saliento as sopas de Império confeccionadas em grandes panelas de ferro e acompanhadas por pão para além do caldo de nabos, o bolo na panela, a caçoila, o molho de fígado, a sopa e caldeirada de peixe.

Nos mariscos há o cavaco, lagosta, lapa e cracas.

Na doçaria há biscoitos encanelados, biscoitos de orelha, biscoitos brancos, biscoitos de aguardente e as típicas cavacas.

Dos socialcos de S. Lourenço vem o vinho de cheiro, o abafado, o abafadinho, o licor e a aguardente, todos produzidos de forma artesanal.

Apesar da sua reputação de repouso e sossego existem na ilha praias de areia branca e águas cristalinas para surf, windsurf, vela, mergulho, pesca desportiva.

O traçado original da Vila chegou quase intacto até ao século XX sendo exemplar único de Vila medieval (1450) fora da Europa sem a habitual muralha.

O antigo aglomerado urbano, datando do início do povoamento insular coexiste com algo que me impressionou pela sua imponência histórica, a zona da velha base norte-americana na zona aeroportuária.

O bairro do Aeroporto deveria ser preservado como autêntico Museu vivo da história recente europeia. Trata-se de um exemplar da construção militar norte-americana da 2ª Guerra.

O seu valor, além do turístico totalmente inexplorado, poderia ser aproveitado como cenário de filmes de época, dado que muitas das instalações e a Igreja conservam as características originais de há mais de 60 anos.

A qualquer momento vindos do porto pela Estrada da Birmânia, ao chegar junto ao “açucareiro” esperamos que salte ao caminho um “GI” Joe, fardado a rigor, para nos parar e pedir os documentos de circulação na base...existe aqui potencial de recriação histórica e turística que urge não desperdiçar apesar dos tempos de crise.

Este bairro moderno assumiu, na época, um caráter arquitetónico inovador, em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas e curvilíneas; edifícios simples, prefabricados com estrutura metálica trazida dos Estados Unidos e vastos espaços arborizados.

A base americana revolucionou o quotidiano mariense com equipamentos como o abandonado “Atlântida Cine” inaugurado em 1946; o clube “Asas do Atlântico” em 1950; e ainda a Igreja, ginásio e residências, isoladas em blocos coletivos.

As áreas mais residenciais, a nascente, estão agrupadas em largos quarteirões abertos, muito arborizados e com as edificações afastadas entre si. As imagens das casas prefabricadas contrastam com a flora de antenas parabólicas de TV.

Em Santa Maria há tanta riqueza que podia e devia ser acarinhada e preservada, mas não foi devidamente tratada, esperemos que algo possa ser feito pois ela faz parte da história viva da ilha e do arquipélago.

Chegamos à Ilha-Mãe depois do luxo oriental de Macau onde estivemos em abril passado no 15º Colóquio mas estamos convictos de que também Santa Maria irá marcar indelevelmente os que aqui estão connosco pela sua beleza, sortilégio, hospitalidade e simplicidade.

O Município de Vila do Porto teve a inovadora ideia de colocar este Colóquio no Roteiro Cultural do Turismo da ilha.

As nossas sessões refletem já essa mudança de paradigma, havendo mais tempo para visitar e aprender os locais que fazem a História da ilha, e para tal contamos com Daniel Gonçalves, Daniel de Sá, João Santos e Joana Pombo para nos guiarem nesse roteiro.

Visitei pela primeira vez o Museu de Santa Maria em Santo Espírito, em 2006, e em longa conversa com o Diretor, Dr. João Manuel Trindade Reis dos Santos, fui convidado a trazer os Colóquios para a ilha.

Cinco anos mais tarde aqui estamos a concretizar esse sonho antigo com o alto patrocínio do município e apoio da Direção regional da cultura.

Ao longo desta vida, aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que comigo transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade. Assim se explica que este 16º Colóquio da Lusofonia tenha chegado não numa caravela quinhentista, mas nas asas do sonho a que chamamos Lusofonia.

Os únicos corsários que encontramos por esses mares foram aqueles que ainda não reconheceram o valor dos Colóquios, da necessidade da defesa intransigente da língua e da cultura de todos nós.

Mas a nossa artilharia de mais de 200 milhões de lusofalantes, a Gramática de Evanildo Bechara, os Dicionários de Malaca Casteleiro e a obras da novel Academia Galega da Língua Portuguesa foram suficientes para evitarmos a abordagem.

Os monstros adamastores, para os quais nos haviam alertado, soçobraram com as primazias do novo Acordo Ortográfico de 1990 e foram juntar-se em triste carpideira aos Velhos do Restelo.

Que da ocidental praia Lusitana, por mares nunca de antes navegados, passamos ainda além da Taprobana, em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificamos o Novo Reino da Lusofonia, que tanto sublimámos.

A nossa Lusofonia será sempre um diálogo na secular língua. Inclui os países de língua oficial, as Regiões em que é utilizada como língua materna ou de património e inclui todos os que a trabalham como sua. Esta Lusofonia pluricontinental teve as suas raízes no século XVI, quando era "língua franca" e meio universal de comunicação entre os povos.

O poeta devaneia, deus concilia e o homem cumpre, esta a definição da génese do 16º Colóquio da Lusofonia.

Bem-haja o Município de Vila do Porto por reconhecer a capacidade de realização dos Colóquios que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando.

Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga. Falta muitas vezes a visão, o amor e a dedicação que só alguns conseguem ter pela língua e cultura.

Frequentemente, os Governos e os governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores tal como a Ilha de S. Miguel está de costas voltadas para o mar.

Mas aqui, a Ilha-Mãe abre-se ao mar. As inquietas ondas apartando, os ventos brandamente respiravam, das naus as velas côncavas inchando; da branca espuma os mares se mostravam e a bandeira da nossa Lusofonia se enfunando.

Em 2001, os Colóquios dispuseram-se a criar uma Cidadania da Língua idealizada por José Augusto Seabra, nosso primeiro patrono, e arribaram aos Açores em 2006 para debater a sua escrita, lendas e tradições. Como escritores convidados tivemos Dias de Melo 2008¹⁷⁷, Cristóvão de Aguiar 2009, Vasco Pereira da Costa 2010, Eduardo Bettencourt Pinto 2011 e agora Daniel de Sá.

Em 2010, sulcamos o Grande Mar Oceano para ir a Florianópolis no Brasil e em 2011, rumámos a Macau onde se fala mais Português do que quando lá vivi há trinta anos. Ao contrário de Vasco da Gama, as nossas naus não buscam as Índias, antes se deslumbram espalhando as palavras dos mestres Malaca e Bechara que nos acompanham desde 2007.

Na nossa porfia por repor os escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem, as colegas Helena Chrystello e Rosário Girão elaboraram a primeira Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos cuja edição bilingue será de seguida aqui apresentada.

Orientaremos as edições futuras dos Colóquios, para que tais autores sejam traduzidos em Francês, Italiano, Polaco, Romeno, Russo, Búlgaro, Esloveno e posteriormente editados naquelas línguas com apoio do Instituto Camões.

Já são estudados em universidades brasileiras, romenas e polacas, e chegaram a novos destinatários no curso de Açorianidades e Insularidades da Universidade do Minho, da colega Rosário Girão, que queremos ministrar futuramente em plataforma e-learning.

Há menos de dois anos lançámos em linha os Cadernos de Estudos Açorianos, cuja 12ª edição hoje publicada é dedicada a Eduíno de Jesus.

Os Cadernos servem para dar a conhecer excertos de obras dos escritores destas ilhas onde há mais vacas que gente. O clima, a vegetação, os vulcões e terremotos criaram um número desmedido de escritores.

Nos últimos anos, assinámos parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a sua validação científica, completar projetos e em janeiro último passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos.

Os nossos oradores permutam ideias, metodologias, vivências, dentro e fora das sessões, repartem passeios e refeições e despedem-se, no último dia, como se de amigos se tratasse. Somos capazes de atingir o que a burocracia não pode ou não quer irmanados no ideal de "sociedade civil" capaz e atuante. É o que nos torna distintos doutros congressos.

*Teremos além das palestras mais científicas, sessões de música, teatro e poesia.
Os temas escolhidos retratam os Colóquios, como construtores de pontes entre Lusofonias, do Brasil ao Canadá, Australásia, Açores, África, Europa e China.
Todos aqui presentes nos próximos dias ajudarão a prestar a justa homenagem a Daniel Augusto Raposo de Sá, o nosso escritor convidado e o escritor micalense mais mariense.
Parafraseando mais uma vez o grande vate Luís Vaz de Camões termino dizendo*

*Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o céu tinha por amigo:
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.”*

E como todos sabemos: os poetas têm sempre razão! É esse amor e o espírito de poeta que me trouxe a mim, e aos nossos convidados até esta Ilha-Mãe. Bem-haja o Município de Vila do Porto por ter apoiado este sonho.

110.2. RESUMO

As ameaças de chuva eram enormes, em todos os boletins meteorológicos em várias línguas, bem como a incerteza sobre a presença do autor homenageado a cujo título se fora buscar o mote deste Colóquio.

Connosco, num avião quase vazio, viajava o autor Caetano Valadão Serpa dos EUA que vinha assistir ao lançamento da Antologia bilingue de autores açorianos contemporâneos que a Helena Chrystello e a Rosário Girão organizaram em versão mais curta do que a monolingue, na qual trabalharam nos últimos dois anos.

Viajava também o Diretor da cultura que pessoalmente só conheceríamos no dia seguinte.

No aeroporto, à chegada, estava a Ana Loura que seria uma das fotógrafas de serviço aos Colóquios sempre pronta a disparar e que conheceríamos pessoalmente depois de anos de contactos virtuais.

Como diria o António Pacheco da RTP, no final dos Colóquios estes viriam deixar marcas na ilha que dificilmente se esqueceriam e também isso aconteceria com a Ana Loura e os nossos congressistas.

Ao jantar éramos cerca de uma trintena de pessoas cujos laços de amizade se solidificam de ano para ano como se uma família unida se tratasse agora que a família nuclear se encontra desagregada e em vias de extinção.

Reencontro agradável com outros autores homenageados como Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto, o regresso da amiga Zélia Borges e Cícero depois de longa ausência por motivos de saúde, algumas caras novas.

Após o jantar visitaram-se as instalações da nova biblioteca municipal onde iriam decorrer os trabalhos. Seria fastidioso narrar o que se passou nos dias seguintes por entre emoções fortes (o Daniel de Sá chegaria na noite de dia 1 e regressaria dia 3), e momentos de beleza indescritível acompanhados pelo José Nuno da Câmara Pereira, artista plástico local (irmão da poeta Madalena Férin) que nos acompanharia ao longo da semana e deixaria recordações marcantes em todos os presentes.

Na primeira manhã de trabalhos tivemos 3 turmas da Escola Secundária local acompanhadas de vários professores, com jovens atentos, silenciosos e inquisidores no final da sessão com os mestres do Acordo Ortográfico e com os escritores presentes.

Depois do almoço as sessões formais com o presidente do município, Diretor da cultura e a apresentação da Antologia nascida no seio destes Colóquios, com a presença da diretora regional das comunidades que a viabilizou. Resta esperar que seja adotada além-mar...

Houve tempo para um curto documentário sobre a ilha, e depois a chuva miudinha veio impedir a sessão de poesia com vista para o mar ao ar livre.

Acabar-se-ia o dia com um passeio pelo porto, narrando aspetos geológicos da ilha com a Joana Pombo e comigo a dar uma breve explicação do porto de mar, da Estrada da Birmânia, do bairro do aeroporto e outras coisas fundamentais para explicar esta Vila que se por um lado parece ter parado há séculos, por outro consegue ter também a sua peculiar magia intimista que atrai as pessoas e as enleia com paisagens surpreendentes.

Nessa noite começariam as celebrações de aniversários que se haviam de repetir quase todas as noites no átrio do Hotel Santa Maria. ~

Depois, nos dias seguintes além das sessões teóricas seguiram-se passeios de descoberta das facetas distintas da ilha, desde a visita aos Picos e aos Anjos, até à descoberta maravilhosa do Barreiro da Faneca que tanta gente emocionou e marcou os presentes habituados a marcas telúricas em São Miguel e descobrindo aqui a idade destas duas metades da ilha uma com 5 milhões de anos e a outra entre 8 a 10 milhões...

Houve tempo suficiente para percorrermos outros recantos como o Poço da pedreira em que a natureza reconquista lentamente o local donde se retirava pedra ara a construção das casas da ilha, antes de as pessoas ficarem enlevadas pela beleza da baía na cratera vulcânica de São Lourenço, o imponente farol da Maia e a Maia de encantos mil até ao lugar de Aveiro na foz da Ribeira Grande onde os vinhedos ainda permitiram que se provassem algumas uvas que sobram da recente colheita.

Santo Espírito acabou por ser a sede dos Colóquios em dois almoços consecutivos permitindo um contacto bem direto com as populações locais, trabalhadoras, humildes, sinceras e hospitaleiras, mas bem orgulhosas do seu património imaterial como nos foi dado a ver nas Sopas de Império e nos foliões.

Há muito que os nossos conferencistas haviam esquecido os luxos orientais de Macau e se mostravam rendidos a esta ilha que primeiro se mostra agreste, árida e plana e depois se desdobra em mil e um cantos de encantos mil.

Há emoções que não se descrevem e isso pode ver-se nos rostos, na alegria, nos sorrisos dos participantes neste Colóquio ao longo de uma semana que acabou depressa demais, pois se há momentos e épocas que se devem guardar esta era uma delas.

Normalmente não sou parco com palavras mas já disse tudo o que sentia sobre Santa Maria, Ilha-Mãe nos poemas que sobre ela escrevi e quis dar a conhecer a todos antes de conhecerem a ilha e a sua história pelo que se me torna difícil falar aqui do calor humano e da emoção da Joana Pombo Tavares tão orgulhosa da herança do seu avô Dalberto, da alegria que o João Santos sentiu por ter tão ilustres visitantes no seu calmo Museu etnográfico de Santa Maria onde pudemos apreciar uma exposição de gravuras de Siza Vieira, o mais celebrado arquiteto português.

Como explicar a emoção dos jovens que nos ouviram logo na sessão inaugural e dos outros que foram tocar para nós música contemporânea, arranjos de canções de intervenção dos anos 70 e música local transitando do cancionista para o rock?

Como não dizer que havia pessoas com lágrimas nos olhos extasiadas com a magia do piano da Ana Paula Andrade, a elevada voz soprano da diminutiva Raquel Machado e com a maestria do jovem Henrique Constância de apenas 14 anos dominando o violoncelo como só os mestres sabem?

E como ele brilhou nos improvisos no Hotel, na sessão de aniversário do dia 2...acompanhando poesia e fazendo solos para dançar...

A homenagem a Daniel de Sá nesse dia teve momentos de encontros antigos em percursos de mais de sessenta anos, trazendo mais gente aos Colóquios e ligando-os mais às gentes da terra que este povo há muito merecia um Colóquio da Lusofonia (e mais se seguirão se a tanto ajudar o engenho e arte).

Daniel comoveu-se e comoveu outras pessoas como foi o caso da coautora da Antologia ao ofertar-lhe um livro raro de tamanho monstruoso reproduzindo textos seculares. Foi também o caso do seu antigo professor e sua família.

E houve momentos de sã loucura contagiante pela artista Margarida Madruga e pela florentina Gabriela Silva que sonhava, todos os dias em voz alta, que iria levar os Colóquios a uma das mais pequenas e esquecidas ilhas do arquipélago.

Depois também a elétrica Dina Ferreira sonhava em publicar estes autores no Brasil e a estreante Zilda Zapparoni (com um l apenas! desta vez acertei) que há anos fora convidada pela Zélia e Cícero para vir aos Colóquios lamentava não ter vindo aos anteriores...o Luciano Pereira prestes a ser bi-pai (ele que faz parte de um dos dois casais da Lusofonia, e já com um filho carinhosamente chamado "Santiago Lusofonia" andava extático por entre poesias várias enquanto se interrogava sobre a coincidência do seu novo filho se vir a chamar Gonçalo...uma repetição de percursos dos Colóquios e das suas ilhas).

Todos achavam o Vasco (Pereira da Costa) mais suave do que em aparições anteriores em que amedrontava as pessoas que não conheciam os seus histrionismos próprios de artista da palavra e o Eduardo encantava todos os que dele se abeiravam com a sua suavidade africana, açoriana e canadiana, a paz em versão zen da poesia entrecortada pelas milhentas fotografias que nunca deixava de captar uma imagem mesmo que mais ninguém a visse.

E as "mininas" da Guarda que são quatro, mas se deslocam normalmente em grupos variáveis de 3 desta vez trouxeram um menino de nome Formoso que rapidamente se integrou no ambiente dos Colóquios.

Malaca e Bechara acompanhados das suas mulheres foram deliciosos na sua gentileza, amizade, humor e acessibilidade apadrinhando a entrada de novo patrono dos Colóquios, a Concha em representação da Academia Galega.

Depois houve o infundável trabalho de bastidores, entrevistas, gestão de egos e distribuição equitativa de atenção a todos os participantes com o jovem técnico informático (João Chrystello) a fazer alguns dos seus conhecidos milagres tecnológicos encantando os presentes e comportando-se com gostaríamos ao longo do ano...

Dentre os jovens a simpatia da Catarina Madruga e a Fátima, sua médica mãe foram duas novas aquisições de muito valor que marcaram pela sua aparente invisibilidade, mas estavam sempre presentes em todos os momentos deixado amizades espalhadas pelo mundo ali representado.

Neste Colóquio houve os momentos sérios, os comoventes, os científicos, os alegres, os despreocupados e muito convívio como não acontecera antes, pois teve-se o cuidado de deixar tempo entre sessões e refeições para as pessoas conversarem e fazerem projetos futuros.

A Ana Loura trabalhava quase 48 horas em cada 24 para poder acompanhar-nos o mais que podia e nunca se cansou de nos fotografar, acompanhada do João Santos e da Joana Pombo que à noite não resistia ao nosso convívio.

O Daniel Gonçalves que adoeceu e não fez a sessão de poesia acabaria por trazer os jovens ao nosso convívio e acompanhou-nos nalguns passeios e sessões graças ao apoio que a Escola Secundária acabaria por dar ao Colóquio e que permitiu a meia dúzia de professoras assistirem aos Colóquios em mais momentos do que se esperava.

Os trabalhos da Ilyana Chalakova, Elisa Branquinho, Anabela Sardo e Zaida Pinto emocionaram o nosso poeta Vasco numa curta homenagem à sua obra.

A Anabela Mimoso homenageou Rodrigo Leal de Carvalho e Eduardo Bettencourt, dois nomes de duas diásporas.

A Dina fez uma homenagem bem sentida ao nosso mestre Bechara, o Francisco Madruga alertou para a necessidade de repensar o futuro dos Colóquios face aos cortes nos apoios de deslocações dos nossos conferencistas portugueses e o Luciano levou-nos ao imaginário fabulário das Sete Cidades em São Miguel.

Raul Gaião o homem que percorre os açorianos pelo mundo homenageou Dom Arquimínio da Costa, um pica-roto, Rolf Kemmler falou de um autodidata da Ribeira Grande que traduziu Beauzée, Rui Formoso expressou o domínio da escrita sobre o oral, a Zélia Borges conseguiu apresentar um interessante trabalho terminológico começando por falar no fim dos carros de bois.

Luís Gaivão contou a interessante história do avô de Mouzinho de Albuquerque e a sua ação nos Açores. Fernanda Santos falou da educação no tempo dos Jesuítas, a Concha contou e encantou a saga da língua portuguesa na Galiza enquanto o Vasco fez a génese de dois poemas seus alusivos a Santa Maria.

Mas se isto aconteceu nas sessões, fora delas aconteceu poesia e prosa jorrando em pequenos blocos de notas, novos projetos nasceram, outros solidificaram e ficou no ar a promessa de regressar para mais dois Colóquios sendo o próximo já em 2013 pois em 2012 iremos à Lagoa e à Galiza...por mim, eu teria já ficado na ilha a preparar o próximo Colóquio e como aqueles que nos acompanharam (na última manhã após o fim dos trabalhos) em busca de fósseis na zona dos Cabrestantes creio ser justo dizer que a hospitalidade da ilha nos cativou ao ponto de querermos todos ficar e partilhar esta paz e humildade.

Nem o louco tresloucado, acusado de violência doméstica, que começou a disparar contra os polícias ao embarcarmos e depois se suicidou, conseguiriam abalar esta nossa boa impressão da ilha.

Sim foi uma cena caricata mais própria de filmes, mas os tiros andaram perto das nossas cabeças no bar do aeroporto). Mas exigimos ter connosco a calma Zen do Eduardo para nos guiar e a Zaida a fazer tai chi.

110.3. AICL REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP NA CPLP

Convém acrescentar aqui a conclusão mais polémica deste Colóquio

#4. Foi emitido um comunicado sobre a vergonhosa exclusão da AGLP após a CPLP ter aprovado em comunicado a sua inclusão com o estatuto de observadora. (anexo).

BREVE HISTORIAL

Extrato das Conclusões - XIII Colóquio Anual da Lusofonia "Açorianópolis" em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 26 março a 11 de abril 2010

Os Colóquios da Lusofonia lançaram o repto à Academia Brasileira de Letras, à Academia das Ciências de Lisboa e a todas as entidades que apoiem a imediata inclusão da AGLP - ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA - com o estatuto de observador na CPLP, e comprometeram-se a envidar todos os esforços para a consecução de tal desiderato.

Concha Rousia comprometeu-se a enviar à CPLP os objetivos da Academia Galega para fundamentar o seu pedido de adesão com o apoio da sociedade civil aqui representada pelos Colóquios da Lusofonia, salientando que Goa e Galiza fazem falta à CPLP e que seria profícuo vir a criar um canal de televisão lusófono abrangendo todos os países, mas que seria necessária muita vontade política para tal se concretizar.

Este ponto foi reiterado nas conclusões do XIV Colóquio Anual da Lusofonia de Bragança em outubro 2010.

Pareciam bem encaminhadas as negociações resultantes do repto que os Colóquios da Lusofonia lançaram à Academia Brasileira de Letras e a todas as outras entidades para apoiarem a imediata inclusão da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA com o estatuto de observador na CPLP até dia 22 de julho quando a CPLP anunciou a admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola).

A mesma admissão surpreendentemente foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas.

Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal que sempre apoiara esta proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador fora vetada no último momento por Portugal.

A AICL em concertação com o MIL Movimento Internacional Lusófono de que faz parte tomou algumas medidas sendo a mais visível a da Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal Dr Paulo Portas:

PETIÇÃO - CARTA ABERTA A PAULO PORTAS, MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DE PORTUGAL (TEVE 1170 ASSINATURAS)

PREÂMBULO

Temos apreciado a importância que tem dado às relações com os restantes países lusófonos, numa aparente reorientação estratégica de Portugal que o MIL sempre defendeu, dado o seu Horizonte ser, precisamente, o reforço dos laços entre os países e regiões do espaço da lusofonia - no plano cultural, mas também social, económico e político.

Esta carta prende-se, tão-só, com a posição de Portugal relativamente à Galiza, a nosso ver uma dessas regiões integrantes do espaço lusófono - daí a nossa reiterada defesa da sua especificidade linguística e cultural.

Com efeito, no Conselho de Ministros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, na sua XVI reunião, realizada em Luanda no passado dia 22 de julho, soubemos que Portugal foi o único país a não apoiar a concessão da categoria de Observador Consultivo à Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa, entidade que, como sabe, tem já um histórico muito apreciável, tendo sido por isso reconhecida para nossa Academia das Ciências, sendo ainda membro do Conselho das Academias de Língua Portuguesa.

Petição:

Ainda mais recentemente, também soubemos que o novo Governo Português tem expressado as suas dúvidas sobre a presença de observadores da Galiza no Instituto Internacional de Língua Portuguesa, assim como pela inclusão do seu Léxico no Vocabulário Ortográfico Comum que está a ser preparado por essa instituição, quando é sabido que uma Delegação de Observadores da Galiza participou nesse processo desde o princípio.

Face a isto, perguntamos apenas até que ponto houve uma inflexão da posição do Estado Português relativamente à Galiza, já que, desde que foi apresentada a candidatura da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa, Portugal sempre deu o seu apoio expresso a essa candidatura nos diversos órgãos da CPLP. Muito cordialmente

MIL: Movimento Internacional Lusófono www.movimentolusofono.org

AICL (COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) REPUDIA EXCLUSÃO DA AGLP

Na Ilha de Santa Maria, em Vila do Porto entre 30 de setembro e 5 de outubro, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma declaração de repúdio pela atitude de PORTUGAL olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico está já integrado em vários dicionários e corretores ortográficos.

A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

A AICL entende que não faz sentido aceitar como observadores países sem afinidades diretas ou indiretas à Lusofonia, a Portugal e sua língua e deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos.

É um crime de lesa língua de todos nós.

A Língua que se fala na Galiza é uma variante do Português como a do Brasil, Angola, Moçambique e tantas outras, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum, e jamais houve exclusão por parte da CPLP das regiões lusofalantes do mundo.

Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente não só apoiando a subscrição da Petição como encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP.

Iremos manifestar o nosso desacordo de todas as formas possíveis e ao nosso alcance até ver reposta a equidade da proposta de admissão da Galiza através da AGLP no seio da CPLP.

Ass. Chrys Chrystello, Presidente da Direção da AICL

VILA DO PORTO, 5 DE outubro 2011

Veja aqui na RTP: <http://videos.sapo.pt/wCWCMULyg8fuAQJ6ilz>

Obrigado marienses por nos deixarem ficar uma semana inesquecível na vossa ilha que queremos adotar como nossa. No fim deste Colóquio sinto que valeu a pena o esforço e trabalho e recarreguei baterias para novas aventuras lusófonas. Deixo, a terminar, poemas sobre Santa Maria em tributo a esta Ilha-Mãe tão injustamente esquecida no arquipélago bem como outros dedicados ao Daniel, Vasco e Eduardo...

1004. VOLITANDO 4 maio 2011

*vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
uma era Ilha-Mãe,
havia a mãe-ilha,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar*

*nos montes verdes
rugiam dragões
cuspiam fogo
tremiam os chãos
secavam ribeiras
vomitavam magma
choviam trovões
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais*

*pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes*

*desbravadores de mínguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino e sabiam-se culpados*

*ainda hoje penam
com liberdades que não pagam díizimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano*

*sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem*

1007 TANTO MAR (AO VASCO) [PICO, 9 agosto 2011]

*tanto mar
e não cabem nele
os teus fogos ocultos*

*tanto mar
e nele flutua
a tua prosa*

*entre nuvens escrevo
pairando sobre as ilhas
te deram vida*

*sustento
inspiração*

*tanto mar
tanta montanha
vulcões por trepar
maroiços por construir
baleias por capturar*

*no teu pequeno bote
prenúncio de liberdades
cravos e rosas
espinhos
espigas*

*da prainha do pico
à heroica angra
ao choupal das letras
pescador de palavras
lavrador de poemas*

*tanto mar
e não cabem nele
teus livros por acabar.*

1008 MAIA [AO DANIEL DE SÁ] (PICO 9 agosto 2011)

*das penedias da tua maia
avistas o mar
teme-lo
afugenta-lo
com tuas palavras
narras histórias antigas de encantar
contas lendas de tempos que não vivi
habito lendas que ainda não leste
escrevo o que vivo e sinto
da janela do meu castelo
voltado ao grande oceano
à ilha mágica da autonomia*

*em nevoeiro de s. João
s. miguel vive em terra
costas voltadas ao mar
por vezes tenho de o largar*

*da minha lomba
o mar não temo
nem repelo
nem suas águas em descabelo
nem suas terras de tremores
convulsões
medos, pavores, temores*

*audacioso ou petulante
abro-me ao seu encanto
enleiam-me adamastores e sereias
e me embalam*

*deixo-me seduzir
sem atropelo
vogo nas ondas
as correntes me levam
velas enfunadas
ao sabor da maré*

*nem sei quantos
dias, meses ou anos
andei marejando
sem destino
sem vocação*

*arribo noutra ilha
mística
mágica
abrigo-me na sombra
de seus cumes
vulcões endormidos*

*no magnético pico
crio este sortilégio
sem bruxas
nem feiticeiras
curandeiras
mezinheiras
macumbeiras*

*noutros tempos era astrologia
contavas tu daniel
seus segredos sem papel
hoje é apenas
e já
poesia.*

saravá poeta amigo

1009 (MARIA NOBODY, À MARIA MÃE, PICO, 9 agosto 2011)

*maria nobody
de todos ninguém*

*de alguém
de um só
maria nobody
com body de jovem*

*maria só minha
assim te sonho*

assim te habito

*maria nobody
de todos ninguém*

*maria nobody
mãe
amante
mulher
minha maria*

*maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem*

*maria nobody
de todos ninguém*

*maria só minha
dos filhos também
maria nobody
mais ninguém tem.*

1015. A NAU SEM ESCORBUTO 24 agosto 2011

*arribou nesta praia
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinhagem*

*não trazia especiarias das índias
nem arroz do sião
nem compradores de meca a malaca
nem lusitanos feitores*

*nesta açoriana plaga
longe do mar eritreu
sem canal do suéz
há mouros e maometanos
de malabar e das arábias*

*ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
não vieram de calecute nem cipango
não cuidam da pimenta
da noz, do cravo e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas
terras de gentios já têm que sobrem*

*e como dizia camões
de longe a ilha viram fresca e bela,
que vénus pelas ondas lha levava
(bem como o vento leva branca vela)
para onde a forte armada se enxergava.*

*chamam-lhe sua e de mais ninguém
como samorim a regem
saudosos de marajás e palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais*

*e eu aqui sentado nesta ameia
em castelo sem pendão
da seiteira envio migalhas de letras
a todos que não têm literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão*

*e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não comeram
feliz vota nos que prometem
a solução*

*lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá só temos sem-abrigo
pakfanistas¹⁷⁸ e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores*

*não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores*

*somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores*

*da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados
o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos*

*sem naus nem caravelas
sem especiarias nem língua franca
sem religião nem outra paixão
cantando fados a tétis
sem espadas nem aduelas*

*o povo sofria compungido
chorando lágrimas de crocodilo
santa democracia e liberdade
escravo de novo acorrentado
à mingua de dizimos e outros enfados
sem contar os créditos malparados
comia demagogia e pagava iliteracia
via futebol, telenovelas e lia jornais desportivos
com as letras aprendidas nas novas oportunidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia
queixava-se da sorte caipora
temia do Governo as novidades*

*a geração rasca passara a parva
timidamente se manifestara quanto à crise
a austeridade enriquecia bancos
à custa do suor do povo já suado
não descera às ruas este povo
de brandos costumes se dizia
nem eram plebe nem gleba
antes novos-ricos da miséria*

178 Pakfanistas, termo macaense designando os fumadores de pak fan, white powder, pó branco OU HEROÍNA.

*uma vez ancorada a nau do fmi
em terra de infieis e gentios
não daria berloques aos nativos
apenas o chicote e a chibata
as grilhetas de trabalho escravo*

*e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perderem tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos
com promessas a acenar*

*e o jardim à beira-mar plantado
há muito estiolado morria devagar
sem gente para o cuidar
e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim da bela nação*

1016. A ILHA-MÃE 29 agosto 2011

*a Ilha-Mãe ficou sentada à janela
virgem e solteira
esperando o príncipe encantado
na nau do nunca mais*

*se penteou e vestiu
abriu a ventana
pôs a mão em pala
e olhou o mar imenso
213160 dias para ser exato*

*na praia do Capitão na baía dos anjos
nenhum barco aportou
até um célebre quinze de agosto,
aniversário de Gonçalo Velho na Praia dos Lobos,
em que os batéis vieram do mar
trazendo mouros infieis*

*os argelinos as mulheres arrebataram
eram moeda de troca as cativas
em mercado de escravos ou resgate*

*chorou lágrimas amargas
e orou à senhora dos anjos
acordou com centenas de marienses
a salvo na furna de sant'ana
escondidos dos saqueadores*

*viu um cortejo de piratas a cavalo e a pé,
rufando tambores e tocando cornetas
em debandada para o mar*

*voltou para a sua janela
sonhou com príncipes enfeitados
jovens cativados do seu olhar*

*ainda hoje se pode ver a sua sombra esguia
em noites de maresia
acenando um lenço branco
a quem queira desembarcar*

*só sai à rua em dia de procissão
vestida com véus e organzas
finas cambraias sem outras iguais
senhora dos anjos
redentora da Ilha-Mãe*

1017. A ILHA DE TODOS OS MEDOS (RIBEIRA QUENTE, POVOAÇÃO, 31 agosto 2011)

*uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita*

*viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta*

*para partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões*

*uma ilha pode ser de todos
mas só alguns a possuem
menos a apresentam como passaporte*

*vergonha natural de regionalismos
canga feudal de séculos
atraso, incultura, insucesso*

*vencer na escrita fora da ilha
sotaques polidos, discursos alheados
B! estrangeirado
arrogância, ostracismo, sem açorianismo*

*uma ilha pode ser de todos
merecem-na quem a habita
os livros a quem os lê*

*deneguem anátemas de ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
abrigados em rótulos autonomistas
enjeitem escritores renegados
tertúlias de Lisboa a Coimbra*

*promovam-se os que se não promovem
os que sentem o que escrevem
os que redigem esta alma única
este sabor a mar e tremores de terra
pedreiros do magma e lava*

*raiz original e comovida¹⁷⁹
com lágrimas de gente infeliz¹⁸⁰
em relação de bordo¹⁸¹
de histórias ao entardecer¹⁸²
na ilha de nunca mais¹⁸³*

*louvem-se e publiquem-se noviedições
de o lavrador de ilhas¹⁸⁴
marinheiro com residência¹⁸⁵*

179 Cristóvão De Aguiar

180 João De Melo

181 Cristóvão De Aguiar

182 Fernando Aires

183 Fernando Aires

184 J H Santos Barros

185 Urbano Bettencourt

*nas escadas do Império*¹⁸⁶

*leia-se que fui ao mar buscar laranjas*¹⁸⁷
*ou fui ao pico e piquei-me*¹⁸⁸
*à boquinha da noite*¹⁸⁹

*estude-se a cor ciclame e os desertos*¹⁹⁰
*na distância deste tempo*¹⁹¹
*plantador de palavras vendedor de lérias*¹⁹²
*os silos do silêncio*¹⁹³
*em a ilha grande fechada*¹⁹⁴
*quando Deus Teve Medo De Ser Homem*¹⁹⁵
*e era o príncipe dos regressos*¹⁹⁶
*em a sombra de uma rosa*¹⁹⁷
*quando havia almas cativas*¹⁹⁸
*no contrabando original*¹⁹⁹
*estava o mar rubro*²⁰⁰

era desta açorianidade
desta literatura açoriana
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas, romancistas
narradores, dramaturgos e sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita
deixai que a chame minha

ninguém a quer
ninguém a sonha
como os que nela se querem
nela nascidos,
nela vividos,
nela transplantados
criando raízes que nenhum machado cortará
dando frutos e flores que só o poeta cantará
levando-a nos sonhos que só vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
mas quero-a só para mim
pretendente único à sua razão
namorado, amante e noivo
mulher ardente para cortejar

mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
amor de terra e mar
ilha de todos os medos

186 Vasco Pereira Da Costa

187 Pedro Da Silveira

188 Álamo Oliveira

189 Dias De Melo

190 Maria De Fátima Borges

191 Marcolino Candeias

192 Vasco Pereira Da Costa

193 Eduíno De Jesus

194 Daniel De Sá

195 Daniel De Sá

196 Eduardo Bettencourt Pinto

197 Eduardo Bettencourt Pinto

198 Roberto De Mesquita

199 J. Martins Garcia

200 Dias De Melo

*uma ilha pode ser de todos
sem temores do medo
na ilha de todos os medos*

1019. ÉS COMO A ILHA (MOINHOS 3.9.011)

*és como a ilha
take us all for granted
para que tomemos conta de ti
como se a natureza não o soubesse
 não o fizesse
 até melhor do que nós*

*és como a ilha
nem um afago, um carinho
quando ergueste a mão numa carícia?
antes desabas como o denso nevoeiro
choves palavras do tamanho de saraiva
como quem regurgita ribeiras
que as margens já não contém*

*frequentemente inundas as praias
agressivamente com altas marés
como se falar fosse já um tsunami*

*és como a ilha, solidão
sempiterna, apática
líderas a repressão desumana
de teus dias sem intrigas
e esta imitação de vida
 amorfa, resignada
geografia anónima
 soçobrante
preenches os vazios frios
sem um afago, carinho*

*és como a ilha, solidão
e eu habitante ou transgressor
amante rejeitado
despojado de tudo
neste cárcere sem grades
sem forças para nadar
nafragado em terra
só o mar me cerca
mero pixel na paisagem*

1020-1. A CRIAÇÃO DO MUNDO 12-9-2011

*deus sentou-se no rochedo do ilhéu de são lourenço
contemplou o presépio que acabara de construir
criou um porto e algumas grutas
parou em santa bárbara e pintou-a de azul
segiu viagem pela baía do cura
ponta do cedro e do castelete
na maia criou cascatas e deixou um archote aceso
para que soubessem que o paraíso era aqui
aplainou terras férteis em santo espírito
alisou as areias na praia que ficou mui fermosa
subiu à malbusca e almagreira
plantou um jardim de éden nas fontinhas
e parou no pico alto a observar
as aves que voavam sobre o tagarete
virou-se para a direita e idealizou baías
do raposo, da cré, dos anjos e dos cabrestantes
deixando outro archote na ponta dos frades
em duas passadas foi ao ilhéu da Vila
em frente às ribeiras quedou-se à espera*

*adormeceu profundamente
ainda hoje se espera o seu regresso*

1020-2 PITT MEADOWS KWANZA AÇORES, AO EDUARDO BETTENCOURT PINTO 22 setembro 2011

*nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste na terra dos grandes desertos da África meridional
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de Luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na Ilha-Mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em Pitt Meadows
mas belos trigais na British Columbia
zona alagadiça de deltas e lagos
Maple Ridge e o rio Pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de África
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa*

1022. A PAZ ZEN DO EDUARDO (BETTENCOURT PINTO) 16 outubro 2011

*não esqueço as tuas palavras
o tom suave das tuas falas
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos*

*estás de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e saís fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão*

*tens o sofrimento e a dor
em sulcos profundos na alma
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos*

*falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
diálogos com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade
de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras*

*das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital*

*das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam*

*a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida
(ah! como eu gostava
de ser poeta
viver outras vidas*

Utopia).

108. 111. CRÓNICA 111 SORTE GALEGA 11.11.11

Hoje acordei sobressaltado, sonhei que me tinham imposto um novo Acordo Ortográfico decalcado do castelhano para que a língua portuguesa se vendesse mais no estrangeiro onde - como todos sabem - se fala imensamente mais espanhol que português.

A ideia partira de Lisboa, com a conivência de Madrid, e *asi teríamos que hablar todos un portunhol*/pois que - como toda a gente e mais alguém, também sabe - a língua portuguesa deriva do castelhano e só a partir de dom Dinis se alterou até à reunificação da Ibéria em 1580...

A partir daí uns esquerdistas portugueses profundamente anti-ibéricos mantiveram uma escrita distinta tentando dessa forma separar artificialmente os dois povos irmãos que - como todos sabem - são um só povo descendente dos celtiberos que dominaram toda a península até à invasão romana.

A nova medida para entrar em vigor já a partir de 1 de janeiro 2012 visa implementar uma maior integração das economias dos dois países face a uma crise global que vem afetando toda a Europa. As mais-valias desta medida podem medir-se em poupanças imensas desde o marketing à educação com valiosas poupanças nos défices de cada país.

Como os portugueses sempre falaram espanhol não terão problema nenhum em adaptar-se às novas regras e beneficiarão de um mercado interno muito mais vasto para a sua produção de vinhos e outros produtos tão apreciados em toda a Ibéria.

Continuarão a beneficiar da presença das cadeias espanholas como a *Zara* e *El Corte Inglés* e dos vegetais, frutas e legumes espanhóis como já vem acontecendo há uns anos e poderão ter uma presença mais alargada da frota da Pescanova nas suas águas.

Serão preservados aspetos específicos portugueses e da sua cultura sendo criados ministérios especialmente votados para esse âmbito, dada a enorme experiência do Governo de Madrid ao longo de séculos em preservar aspetos culturais das tribos que originalmente deram lugar à grande nação espanhola.

Afinal, ao acordar constatei que a região autónoma espanhola da Galícia contestava imenso estas novas disposições legais e insistia em falar português, chamando Galego ao seu dialeto espanhol...mal sabem eles a sorte que tiveram em estarem integrados no reino de Espanha há 500 anos em vez de estarem aparentemente independentes, nesta nação moribunda que é Portugal...

Nunca entenderam que o reino bourbónico é que sabe o que é melhor para eles dada a sua posição privilegiada no mundo e a sua liderança do mundo hispânico que em breve os conduziria a novos e mais altos voos quando tomassem conta dos EUA onde já se fala mais hispânico do que inglês...

Ingratos galegos estes que nem sabem a sorte que tiveram....

109. 112. CRÓNICA 112. A ASNEIRA 30 novembro 2011

Caro Daniel [de Sá]

A HELENA não convenceu o Urbano Bettencourt a ir ao lançamento da ANTOLOGIA BILINGUE DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS, mas conseguiu convencer a Lina (Idalina Ruivo Aires, viúva do escritor Fernando Aires)...e vai lá uma jornalista do Açoriano Oriental que te quer conhecer pois vais ser o primeiro autor açoriano que vai ler - por indicação minha e da Rosário Girão...e chamam-se eles jornalistas...

Parece uma professora colega da Helena que lhe disse que não comprava a Antologia porque nunca na vida tinha lido um livro e não ia começar agora...

Querem formar gente com profs assim?...como sabes a minha mãe é prof primária como tu e tinha criadas (na altura não eram auxiliares técnica de higiene doméstica) a quem ajudou a fazer a 4ª classe.

Algumas delas tinham mais conhecimentos e cultura que alguns destes alegados professores de agora...já desabafei...

t'abraço não do tamanho do mar, mas do tamanho da fossa abissal do Canal do Triângulo...

chega?

chrys

e o Daniel respondia assim

Porquê a surpresa?

A jornalista não leu ainda um autor açoriano porque deve ter tirado o curso na nossa universidade, cujo é de jornalismo e cultura geral.

Onde metes aí escritores açorianos? Quanto à sô pessora, não ler faz parte do quadro mental da maioria.

No máximo, terá lido a "Maria", que é uma revista altamente recomendável, muito usada por pessoras e advogadas.

Uma vez, abri por acaso uma revista dessas no café que agora é o Sagitário.

Dei logo com a secção de cartas e uma preciosidade.

Numa carta, um rapaz queixava-se de que tinha só um testículo e pedia, claro, um conselho.

Em outra carta, outro rapaz (ou o mesmo com outro nome ou a mesma jornalista com nome alheio) dizia que tinha três testículos e também pedia conselho.

(Já sei que estás a pensar "um dava um dos testículos a mais ao outro", mas ninguém deu esse sábio conselho.)

Bem fez a Indonésia, há anos, ao impor que os professores deveriam ler um livro por semana.

Lei razoável, se a lista não incluir "Guerra e Paz" ou "O Conde de Monte Cristo".

T'abraço do mesmo tamanho.

Daniel

Estou mesmo a ver a cena:

- *Cara (revista) Maria posso engravidar se tiver sexo oral?*

- *O meu namorado é gay posso contrair SIDA?*

Faz lembrar as anedotas que correm nos jornais sobre um abjeto programa da TVI chamado a “Casa dos Segredos” que mete sexo ao vivo e tudo o mais e no qual uma concorrente disse que a capital de África era Angola ou outra bojadice quejanda.

Mas há açorianos que não desmerecem:

Na escola da Maia um aluno da minha mulher disse que a capital de Inglaterra era a Europa...

Ainda há pouco tempo a revista sábado fazia entrevistas a universitários que demonstraram uma ignorância atroz.

Disparates a rodos:

*Manoel de Oliveira é um maestro,
o autor de 'Os Maias' morreu há pouco tempo,
Bush é o presidente dos Estados Unidos - país cuja capital é a Califórnia -,
Quem faz filmes é cinematógrafo,
O símbolo químico da água é PH zero
Leonardo Di Caprio pintou a Mona Lisa -
O teto da Capela Sistina foi obra de Miguel Arcanjo.
Ah, e a chanceler alemã é uma tal de Mércola.*

Não se trata só de desconhecimento, pois no final a malta explicou, com orgulho, que de religião, artes, política, informática e cultura geral nada sabe, nem quer saber. Depois dá no que dá, temos um Governo que vai cortar dois dos mais simbólicos feriados civis, o 1º de dezembro (tantas vezes aqui escrevi sobre o tema) que marca o fim do jugo castelhano sobre Portugal pela primeira e única vez na história em que perdeu a independência e o do 5 de outubro que representa a vitória da república sobre a monarquia.

Será - decerto - por ignorância ou por serem maus alunos a história? Por isso, para os ajudar compus umas linhas de homenagem a Natália:

529. HOMENAGEM A NATÁLIA CORREIA 29 novembro 2011

*hoje
decididamente
vou escrever um poema
dedicado aos feriados
que nos roubaram
decreto
que todos os dias
feriados sejam abolidos
os dias da semana
também
e para não esquecermos
tais dias e feriados
se comemorem todas as datas
ao domingo
e seja domingo todos os dias*

*(e se nos convertermos ao catolicismo
não poderemos trabalhar ao domingo)*

em homenagem a Natália Correia,

Poema destinado a haver domingo

...

Deixem ao dia a cama de um domingo

*Para deitar um lírio que lhe sobre.
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo
Seja o teto da casa que me cobre*

*Baste o que o tempo traz na sua anilha
Como uma rosa traz abril no seio.
E que o mar dê o fruto duma ilha
Onde o Amor por fim tenha recreio.*

...

*In Poesia Completa,
Publicações Dom Quixote 1999*

110. 113. CRÓNICA 113 APRESENTAÇÃO DO CD DA LIRA DA MAIA - 30 dezembro 2011

As bandas filarmónicas em Portugal contam com uma longa história que data do século XIX. A maior parte dos historiadores atribui a sua criação à influência dos militares franceses e britânicos durante a Guerra Peninsular de 1807-14 e sua incorporação como bandas do exército, que inicialmente eram apenas constituídas por elementos instrumentais de metal e percussão (trombetas e tambores) destinados a acompanhar os exércitos nas paradas e marchas de campanha. Mais tarde, novos instrumentos foram adicionados para conseguir outros efeitos sonoros

Com o decreto de 1809 que obrigava todos os regimentos de infantaria da época a terem banda de música, Portugal começou a manufaturar os instrumentos necessários em 1830 e - vinte anos depois - estavam massificadas as bandas. Enquanto a música brilhava nos salões das cortes e nos teatros reais, vivia-se a época de Beethoven (1770-1827) quando se criaram as primeiras bandas militares.

Os movimentos políticos e sociais do século XIX contribuíram para a sua disseminação sendo, porém, nos meios rurais que elas mais cresceram, estreitamente ligadas à Igreja e às festas religiosas anuais. Inicialmente o seu papel era o de acompanhar procissões e tocar um concerto comunitário que se designou como arraial.



Ainda hoje se mantêm estas características na maior parte das cerca de cem bandas existentes nos Açores. Somos um povo de música e é fundamental que se preserve essa característica. A sua influência não ficou por aqui, pois foi levada nas malas de todos os que tiveram de deixar o arquipélago. Por exemplo, no Canadá surgiram com as primeiras levas de emigrantes açorianos em 1953.

A música ocupa lugar de destaque em todas as civilizações e no património cultural, social e cívico das comunidades da nossa região, as Filarmónicas avultam como um valor fundamental no seu acervo.

Estas instituições refletem maneiras muito diferentes de as compreender, sendo verdadeiros Conservatórios do Povo onde o testemunho é passado de geração em geração. São locais de convívio frequentados por pessoas de todas as idades e diferentes condições económicas, políticas e sociais, sendo um local por excelência para orientar e ocupar os jovens, e - nalguns casos - o único ponto de encontro de comunidades. São igualmente elementos indispensáveis das nossas vilas e freguesias, animando procissões e arraiais, sendo autênticas bandeiras, embaixadoras das comunidades que as albergam.

Como disse o presidente do Governo regional, Carlos César, no discurso proferido em 10 de agosto de 2004 em Angra do Heroísmo, por ocasião da inauguração do Palacete dos Silveira e Paulo, constituem um riquíssimo património de arraigada tradição. Património e tradição que não podemos perder.

**111. 114. CRÓNICA 114 VIVA O 24 DE abril que este sim deveria ser feriado, não é?
24 abril 2012**

Viva o 24 de abril que este sim deveria ser feriado, ainda não se lê nos jornais todos, mas ouve-se nas esquinas das ruas e nas mesas do café.

Depois da censura económica, da autocensura e de todas as formas dissimuladas de censura, vão-se fazendo inquéritos, elege-se Salazar como a personalidade do século passado, mandam-se emigrar os jovens, promove-se o cinzentismo salazarista e tentam calar-se as vozes diferentes.

Mais ano menos ano acaba-se com o feriado de 25 de abril que nada tem a ver já com o clima que se vive.

A revolução continua por fazer, a liberdade de expressão corre sérios riscos, agora que as outras liberdades se foram por causa da crise, o respeito pela diferença esbateu-se mais ainda, vamos tornar as massas ainda mais acinzentadas, uniformes e carneiranta por entre saudosismos (dantes era o sebastianismo, agora será o salazarismo salazarento).

Por entre uma telenovela, Fátima e futebol o povo nem dá conta de como o levam para novo redil. Há 38 anos deram a liberdade a Portugal e hoje no-la tiram.

Eu continuarei (quase sozinho) um homem do 25 de abril até que me calem, mas somos já muito poucos e menos ainda podem usar a voz.

Hoje ainda me deixam escrever isto, mas por quanto tempo mais?

Há seis anos publiquei no CrónicaAçores umas linhas em que prevenia e previa este status quo ([ler crónica 87](#))

Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil!

Agora, o politicamente correto ameaça o humor.

A crise fará o resto e aí - sim - estarei definitivamente calado se não morrer antes.

Só tivemos 38 anos de liberdade comparados com 48 de ditadura obscurantista, mas pouco temos a celebrar neste ano de 2012 em que nos querem fazer recuar aos anos 50 ou 60 do século passado, a História em marcha à ré.

Este ano vou gritar que o 25 de abril devolveu um direito fundamental: o direito à livre expressão e esse é o último que ainda posso celebrar nesta data.

112. 115. CRÓNICA 115. 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, maio 3, 2012

O 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, tal como esperado, foi um sucesso com mais de 5 dezenas de investigadores e académicos que participaram, de 30 de março a 3 de abril na Lagoa. Estiveram presentes nove autores açorianos e / ou seus descendentes a quem se prestou uma vídeo homenagem enquanto se anunciava a tradução de excertos de alguns deles para francês, a disponibilizar na página dos Colóquios.

Foi lançado o 14º Caderno de Estudos Açorianos dedicado a Maria de Fátima Borges e um MANIFESTO da lusofonia em tempo de crise. Surgiram convites para divulgar os autores açorianos em países como o Canadá e a Roménia. Houve uma sessão de poesia açoriana seguida de um recital do cancionero açoriano com a presidente do conselho executivo do conservatório regional de Ponta Delgada e duas alunas (flauta e viola da terra).

Igualmente se deu a hipótese ao grupo musical infantojuvenil Velvet Carochinha da escola EBI da Maia de atuar na sessão de abertura no Convento dos Franciscanos onde estiveram na mesa o secretário do Governo Regional, Dr André Bradford, o presidente da câmara municipal da cidade da Lagoa, os 3 patronos dos Colóquios da Lusofonia, Professores Doutores Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras), a mestre Concha Rousia da Academia Galega e o escritor moçambicano João Craveirinha em substituição da Doutora Maria de Jesus Barroso que não pode viajar por impedimento médico.

Foram apresentadas 3 obras literárias, duas das quais açorianas, com uma mostra de livros de vários autores açorianos e houve duas representações teatrais de um grupo do Rio Grande do Sul. Consideram-se cumpridos os objetivos de divulgação da literatura contemporânea açoriana e o interesse no trabalho de tradução dos mesmos para vários países.

Graças aos apoios da Direção Regional das Comunidades, Câmara Municipal da Lagoa e da SRCTE foi possível trazer oradores e participantes presenciais dos seguintes países e regiões:

AÇORES 13 (TERCEIRA, FLORES, S. MIGUEL, PICO)

ALEMANHA 1

AUSTRÁLIA 1

BÉLGICA 1

BRASIL 11

CANADÁ 2

EUA 5

GALIZA 5

ITÁLIA 1

MOÇAMBIQUE 1

PORTUGAL 13

ROMÉNIA 1

Estiveram representadas 12 nacionalidades e regiões neste evento.

Os temas eram: TEMAS 17º COLÓQUIO abril 2012 LAGOA

1. Lusofonia, Literatura, Ensino, Formação, Geografia Humana E A Língua Portuguesa No Mundo.

1.1. A (defesa e preservação da) LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPO DE CRISE qualquer que seja o país ou região onde haja Lusofalantes (DEBATE DO MANIFESTO AICL 2012)

1.2. Lusofonia num contexto global. Questões e Soluções.

1.3.1. Literatura.

1.3.2. Ensino.

1.3.3. Didática.

1.3.4. Formação de Professores

1.3.5. Currículos regionais e nacionais

1.4. Literatura (de matriz) açoriana: autores contemporâneos, história recente, perspetivas e projetos (editoriais e outros)

1.4. Geografia de um Povo: Açorianidade no mundo (guetos, comunidades transplantadas, comunidades integradas, comunidades desenraizadas, etc.)

2. ESTUDOS DE TRADUÇÃO

2.1. Literatura lusófona, tradução de e para português

2.2. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores por exemplo:

Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other Engravings*, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

- Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].*
- Henriques, Borges de F. (1867): A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard.*
- Twain, Mark (1899): The Innocents Abroad, Volume I, Nova Iorque: London: Harper & Brothers Publishers.*
- John Updike "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp 11-37*
- Mark Twain, "Innocents abroad" (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI*
- Maria Orrico "Terra de Lídia",*
- Romana Petri "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha",*
- António Tabucchi "mulher de Porto Pim*
- 2.3. *Literatura Açoriana traduzida para outras línguas*
3. *Homenagem Contra O Esquecimento 2012: Autores Homenageados*
- Canadá: Eduardo Bettencourt Pinto*
- Eua: Caetano Valadão Serpa,*
- Arquipélago Da Escrita [Açores]:*
- (São Miguel) Eduíno De Jesus, Urbano Bettencourt, Daniel De Sá, Fernando Aires (Representado Pela Viúva Dra. Idalinda Ruivo Medeiros De Sousa), E Pela Filha Maria João Ruivo De Sousa; (Terceira) Vasco Pereira Da Costa, Joana Félix (Poetisa E Filha Do Escritor Emanuel Félix), ; Brasil: Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha M^ª Josefina Leuba Salum*
- Outros (Poesia, Teatro E Música)*
- Cancioneiro Açoriano: Ana Paula Andrade, Ana Maria Ferreira, Beatriz De Almeida, Do Conservatório Regional De Ponta Delgada*
- Grupo Juvenil Velvet Carochinha Da Ebi Da Maia, S. Miguel*
- Teatro Cia E Ato De Rio Grande Do Sul*
- Autor Moçambicano Convidado De Honra: João Craveirinha Em Substituição Da Doutora Maria De Jesus Barroso Soares que por razões médicas foi impedida de viajar.*

115.1. COMO A IMPRENSA VIU AS CONCLUSÕES:

A criação de bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras dedicadas a estudos da lusofonia para estudantes de vários continentes foi defendida no 17º Colóquio da Lusofonia, em S. Miguel, Açores.

"Numa altura de crise, estas bolsas justificam-se mais do nunca, tendo em vista a difusão da língua portuguesa e porque serve para criar contrapartidas económicas quando os alunos bolseiros regressarem aos seus países de origem", defendeu Chrys Chrystello, presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, em declarações à Lusa.

Os Colóquios da Lusofonia estão a decorrer na Lagoa, ilha de S. Miguel, nos Açores, sob o tema: "MANIFESTO contra a crise: A língua como motor económico".

Entre as sete propostas apresentadas no manifesto consta a "criação de pelo menos 500 bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras", tendo Chrys Chrystello referenciado o caso da China com "um forte investimento na Língua Portuguesa, com milhares de alunos licenciados em português."

A criação de bolsas permite "rentabilizar" a língua que atualmente representa 17 por cento do Produto Interno Bruto, não só em serviços, como na educação", acrescentou.

A proposta vai no sentido de o "Brasil disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para estudantes de licenciatura, de mestrado ou de pós-graduação e terminada a presença dos alunos no país de acolhimento, os bolseiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos seus países de origem".

O manifesto defende a criação de "antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos" e distribuição nos "países onde o português é ensinado como língua estrangeira".

Além disso, é proposta "a disponibilização gratuita de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos para despertar o interesse por aqueles escritores" e "convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as academias e outras entidades uma bolsa de edições para promover as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos".

O reforço dos cursos de língua portuguesa, tanto presenciais como online são outras das sugestões do manifesto.

Para o presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, são propostas "realistas aos Governos de Portugal e do Brasil", lamentando que a cultura "seja sempre a primeira área com cortes". "É o parente pobre, porque não dá votos.

É muito mais fácil trazer um artista pimba que atrai centenas de pessoas", sublinhou o especialista em linguística.

Os Colóquios da Lusofonia constituem um espaço privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias entre investigadores e estudiosos sobre literatura, linguística e história e contemplou "este ano pela primeira vez, uma homenagem conjunta a nove autores" e três lançamentos literários, entre os quais a Antologia bilingue de 15 autores açorianos contemporâneos, referiu Chrys Chrystello.

Outras conclusões:

- 1. Importa continuar a divulgar o manifesto AICL 2012 (abaixo).*
- 2. Vamos continuar com a homenagem a vários autores em vez de um só em cada colóquio.*

3. Iremos porfiar para levar os Colóquios a novos países e regiões, como Canadá e Roménia que foram sugeridos neste colóquio, além dos que já estavam previstos na Madalena do Pico, Lagoa e Maia (São Miguel), Vila do Porto (Santa Maria) para o triénio 2013-2015.

4. Foi anunciada a publicação do 14º Caderno de Estudos Açorianos dedicado a Maria de Fátima Borges, que trimestralmente colocámos em linha na nossa página http://www.lusofonias.eu/cat_view/99-estudos-acorianos/103-cadernos-acorianos.html?view=docman.

5. A Universidade do Minho dentro dos acordos bilaterais existentes, e o seu mestrado de tradução continua a fazer traduções de excertos de obras açorianas que serão divulgadas nas nossas páginas.

6. A Universidade dos Açores manifestou publicamente a sua vontade de querer aliar-se aos Colóquios para o futuro.

115.2. MANIFESTO AICL 2012 CONTRA A CRISE, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), preocupada pelas recentes decisões de natureza económica que põe em causa o cultivo e mesmo a continuidade da Língua e Cultura em Portugal, vem apresentar, pelo presente, algumas ideias que visam um estímulo económico através da língua e cultura, devendo a médio prazo servir para um estímulo maior à economia.

Perante a existência de estudos que apontam a importância deste setor cifrado em 17% do PIB e considerando que Brasil e Portugal são os países que juntos reúnem melhores condições de proporcionarem o arranque deste projeto, fica desde já a ressalva de que a eles se deverão juntar os restantes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) quando estiverem dispostos a fazê-lo sem quaisquer receios de Quintos Impérios e de neocolonização cultural.

1.º. Buscar consensos entre os governos do Brasil e de Portugal para que sejam reforçados e lançados cursos de língua portuguesa - tanto presenciais como online - nas suas vertentes de 'Português Língua Materna' (PLM) e 'Português Língua Estrangeira' (PLE) em todos os quatro cantos do mundo.

Deve ser utilizada uma nova fórmula de conservação e propagação da lusofonia a nível mundial, como até agora não foi proporcionada quer pelo Instituto Camões quer pelo Instituto Machado de Assis e a CAPES, em três vertentes:

- a) aprendizagem e melhoramento da língua portuguesa como PLM ou PLE,
- b) literatura lusófona e,
- c) ciências de tradução.

Dever-se-á utilizar-se o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) da CPLP e o apoio de universidades e politécnicos dos dois países para tal fim.

Justificação:

Os cortes, por parte do Governo português, tanto no sistema no ensino de PLM (para filhos de pais lusófonos residentes em países não-lusófonos), como nos sempre escassos apoios à divulgação da lusofonia através de cursos de PLE (para apoiar o ensino a nível secundário e superior em países não-lusófonos) têm-se mostrado sumamente prejudiciais ao cultivo da lusofonia em países não-lusófonos. Como fruto desta política de abandono, não só acaba por ser posta em questão a capacidade dos filhos de emigrantes portugueses de comunicar de forma adequada em todos os níveis na língua materna, mas também a aquisição da língua portuguesa nos países não-lusófonos onde a cada vez maior ausência do Instituto Camões tem servido como justificação de eliminação de cursos de português.

No Brasil, dá-se semelhante abandono do ensino de PLM e PLE nos países não-lusófonos. Apesar da existência do Programa de Leitorado nalgumas universidades em países não-lusófonos, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a rede é bastante reduzida e fica longe de atingir a importância que caberia ao Brasil numa escala internacional. Não consta a existência de uma rede de ensino de PLM, organizada pelo Estado brasileiro e que vise o ensino de PLM aos filhos de cidadãos brasileiros residentes no estrangeiro.

2.º. Buscar apoios das academias nacionais de língua portuguesa existentes, da CPLP, e de todas as restantes instituições para que contribuíssem para este projeto que deve abranger todo o mundo onde haja lusofalantes e interessados na aprendizagem da língua portuguesa.

Justificação:

No mundo lusófono existem várias academias que se dedicam ao cultivo e à normalização da língua portuguesa, nomeadamente em Portugal a Academia das Ciências de Lisboa (ACL), no Brasil a Academia Brasileira de Letras (ACL), bem como a Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL) e na Galiza a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). Para um projeto que visa fortalecer o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa em todo o mundo, consulta e o apoio por estas organizações não só é uma mais-valia, mas torna-se mesmo indispensável.

3.º. Criar pelo menos 500 bolsas de estudo anuais dedicadas a estudos relacionados com a lusofonia para que estudantes oriundos de países de todos os continentes possam frequentar universidades brasileiras e portuguesas.

Justificação:

Em conformidade com as capacidades financeiras dos países envolvidos, o Brasil poderia disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para os melhores alunos dos cursos referidos em 1.º. Terminada a presença no país de acolhimento, os bolsеiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos seus países de origem.

Num regime a definir, a atribuição das bolsas poderá funcionar de forma semestral (p. ex. para estudantes de licenciatura), anual (p. ex. para estudantes de mestrado) ou plurianual (p. ex. para estudantes de pós-graduação).

4.º. Convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as academias e outras entidades uma bolsa de edições a promover em todo o mundo as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos, as quais seriam disponibilizadas nos vários países.

Justificação:

Uma vez que a unificação da ortografia permite a divulgação do mesmo texto em vários países, a disponibilização das obras literárias mais representativas de cada país aos outros países não só facilita o acesso recíproco a todas as literaturas lusófonas, mas permite a publicação de edições únicas que poderão entrar em vários mercados livres.

5.º. Criar antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos e promover a sua distribuição nos países onde o português é ensinado como língua estrangeira.

Justificação:

À semelhança do que se realizou através da Antologia Bilingue de Autores Açorianos (2011), o fornecimento de antologias bilingues de textos literários de referência pode tornar-se indispensável numa primeira aproximação a textos portugueses tanto por parte de estudantes estrangeiros como de falantes da respetiva língua em que a antologia foi publicada.

6.º. Criar e despertar o interesse por autores lusófonos, através da disponibilização gratuita em linha de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos.

Justificação:

Desde que se trate de obras isentas de direitos de autor ou que forem publicadas com consentimento dos autores, a divulgação de textos literários de forma digital, tal como está a ser feito com textos literários açorianos nos Cadernos de Estudos Açorianos, tem-se mostrado muito benéfica por ter atraído bastante interesse por parte dos utentes.

7.º. Evitar que as burocracias ministeriais e governamentais impeçam a imediata consecução deste projeto, pelo que deverá ser nomeada uma comissão de sábios para definir em detalhe este projeto, seu cronograma e custos

.Este manifesto foi precedido da leitura do seguinte artigo:

115.3 CRISE DE IDEIAS - MANIFESTO 2012 17º COLÓQUIO 30 março 3 abril 2012 LAGOA Tema 1.1 a língua portuguesa em tempo de crise

Em minha opinião, a crise do país [seja ele Portugal ou o Brasil] é mais do que tudo uma crise de ideias, de líderes, de pensadores e intelectuais, aliada ao capitalismo selvagem, dito neoliberalismo, que desde os anos 90 vem tomando dos meios de produção globais e manipulando os governos do mundo ocidental.

O país precisa mais de se servir dos seus «sages» para usar um termo francês em vez do mais habitual vocábulo “pensadores ou filósofos” que não incluiria todos os que pretendo incluir.

Um Conselho de Sábios, por assim dizer seria aquilo que o país necessita para vencer a crise e sairmos da podridão da partidarite viciada em cunhas, nepotismo e esquemas.

Teríamos depois, de estabelecer consensos alargados e um plano de mudança e ação a muito longo prazo e buscar a força e iniciativa dos mais jovens para as levar a cabo.

Não devemos deixar que Portugal se perca na sua atual insignificância quando grande parte da sua história foi feita de grandes homens que se sobrepuseram, pela sua visão, a gerações de séculos de Velhos do Restelo.

São estes que hoje guiam os nossos filhos e netos para uma subserviência e dependência total ao grande capital internacional sem esperanças de uma vida melhor.

Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial ou rumo a uma criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas sobretudo intelectualmente deficientes.

A receita universalmente seguida é a da ignorância, em que quase todos hoje vivem, aliviada com um voyeurismo exacerbado em Big Bordel (perdão Big Brother) e quejandos, e outras telenovelas da vida real que a TV projeta incessantemente nas horas poucas de lazer.

Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar paixões e ventilar frustrações recalçadas e temos o caldo mágico para as gerações futuras.

Um sistema educacional e cultural forte seria a base para partirmos para o futuro em que ainda acreditamos.

Temos alguns exemplos de gente excepcional, mas infelizmente a grande maioria emigrou e faz carreira no estrangeiro porque este país só apoia a mediocridade.

Tratou-se de alunos que se não contentaram com a mediocridade do ensino e brilharam sem se deixarem enredar na modorra anquilosante dos que os governam.

É esta situação de exceção que nos traz algumas esperanças.

A minha geração e, antes dela, a dos nossos patronos foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis.

Havia trabalho, muito e mal pago, e a réstia de esperança de que este fosse reconhecido pois todas as promoções eram a pulso na longa escalada que encetámos.

Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua.

Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética.

Líamos, debatíamos, estudávamos e continuávamos a aprender toda a vida.

Nada era fácil.

Hoje constata-se o que foi feito nas últimas duas décadas para destruir o tecido escolar, com a facilitação extrema apenas para falsificar estatísticas, programas especialmente elaborados para ninguém ficar para trás, uma redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias a aprender, o lento esquecimento a que a História foi votada porque os nossos antepassados eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia porque poderia levar os jovens a pensar e os maus tratos dados à Língua Portuguesa.

Temos hoje uma vasta gama de professores incultos, e a maioria dos alunos analfabetos funcionais incapazes de compreender ou debater o que leem.

Os autores que estudamos foram substituídos para que hoje fosse quase impossível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo²⁰¹ ou até mesmo compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como era a de Lisboa naquela época.

O Cenáculo era uma reunião permanente de jovens em casa de Antero [de Quental], dia e noite, todos tinham ali os seus melhores livros, notas, provisões de princípios e de tabaco.

Cada um deles possuía conhecimentos profundos sobre, pelo menos, uma das ciências base que são a matriz do conhecimento: física, química, matemáticas, filosofia, direito, história e linguística.

Quando Antero regressa do estrangeiro pleno de ideias e leituras novas é como que a vinda do Rei Artur à Corte de Camelot e daí nasceram as Conferências do Casino, cheias de cultura europeia, de fervor revolucionário, da romanesca efervescência intelectual e sentimental.

Essa geração de jovens tentou trazer algo de novo e bom à nossa cultura, debatendo o Estado da Nação.

As Conferências do Casino podem considerar-se um manifesto de geração.

Perdoem esta curta digressão para vos explicar o que pretendo.

Denominam-se assim por terem tido lugar numa sala alugada do Casino Lisbonense e foram uma série de cinco palestras realizadas em Lisboa no ano de 1871 pelo grupo do Cenáculo formado, por sua vez, pelas mesmas pessoas, que constituem a Geração de 70.

Antero é o grande impulsionador desde 1868, iniciando os outros membros do grupo em Proudhon.

A 18 de maio 1871 foi divulgado o manifesto, já anteriormente distribuído em prospectos, e que foi assinado pelos doze nomes que tinham intenções organizadoras destas Conferências Democráticas.

22 de maio de 1871- A 1ª Conferência:

“O Espírito das Conferências”, proferida por Antero de Quental consistiu num desenvolvimento do programa previamente apresentado. Antero referiu-se à ignorância e indiferença que caracterizava a sociedade portuguesa, falando da repulsa do povo português pelas ideias novas e na missão de que eram incumbidos os “grandes espíritos” e que consistia na preparação das consciências e inteligências para o progresso das sociedades e resultados da ciência.

Para Antero o ponto fulcral seria a Revolução, o seu conceito, que define como um conceito nobre e elevado. A conclusão da palestra termina com o apelo às “almas de boa vontade” para meditarem nos problemas que iriam ser apresentados e para as suas possíveis soluções.

27 de maio de 1871- 2ª Conferência:

“Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos” também proferida por Antero. Em primeiro lugar Antero julga a História, como uma entidade, o juízo moral, social e político. Em seguida enumera e discute as causas da decadência. Aponta o Absolutismo, a Monarquia Absoluta que constituía a “ruína das liberdades sociais”, o centralismo imperialista que coartara as liberdades nacionais, rumo a uma cega submissão; por fim, o desenvolvimento de hábitos prejudiciais de grandeza e ociosidade que conduziram ao esvaziamento de população de uma nação pequena, substituindo o trabalho agrícola pela procura incerta de riqueza, a disciplina pelo risco, o trabalho pela aventura.

Para Antero a solução destes problemas seria:

“(…) a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, (…), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado. (...) a federação republicana de todos os grupos autonómicos, de todas as vontades soberanas, alargando e renovando a vida municipal (...) à inércia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea (...), organizada de uma maneira solidária e equitativa...”²⁰²[1] A conclusão insere uma dimensão progressista, a instauração de uma revolução, a ação pacífica, a crença no progresso inspirado na moralização social (Proudhon), num tom idealista e retórico.

5 de junho de 1871- 3ª Conferência:

“A Literatura Portuguesa” proferida por Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras que faz uma crítica aos valores da literatura nacional. Cita a negação sistemática dos valores literários nacionais, excetuando escritores como Luís de Camões, Gil Vicente e poucos mais. Tem a sua vertente revolucionária ao inculcar a ideia de que a literatura portuguesa deverá ter caráter nacional, mas pautada por valores universais. O modelo e guia desta renovação salvadora da literatura nacional seria Chateaubriand, com o conceito de Belo absoluto como ideal da literatura, constituindo esta um retrato da Humanidade na sua totalidade.

201 http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/conferencias_casino.html

202 [1] Quental, Antero de, 2ª Conferência: Causas da Decadência dos Povos Peninsulares, Casino Lisbonense, 27 de maio de 1871 in Medina, João, Eça de Queiroz e a Geração de 70, Lisboa, Ed. Moraes, 1980, 1ª ed., pp. 157-158.

12 de junho de 1871 - 4ª Conferência:

"A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte" por Eça de Queirós salientou a necessidade de se operar uma revolução na literatura. A revolução é um facto permanente, porque manifestação concreta da lei natural de transformação constante, e uma teoria jurídica, pois obedece a um ideal, a uma ideia. É uma influência proudhoniana.

O espírito revolucionário tem tendência a invadir todas as sociedades modernas, afirmando-se nas áreas científica, política e social. A revolução constitui uma forma, um mecanismo, um sistema, que também se preocupa com o princípio estético. O espírito da revolução procura o verdadeiro na ciência, o justo na consciência e o belo na arte.

A arte, nas sociedades, encontra-se ligada ao seu progresso e decadência e o artista sob a influência do meio, dos costumes do tempo, do estado dos espíritos, do movimento geral..

Foca ainda as relações da literatura, da moral e da sociedade. A arte deve visar um fim moral, auxiliando o desenvolvimento da ideia de justiça nas sociedades. Fazendo a crítica dos temperamentos e dos costumes, a arte auxilia a ciência e a consciência.

19 de junho de 1871 - 5ª Conferência:

"A Questão do Ensino" proferida por Adolfo Coelho traça o quadro desolador do ensino em Portugal, mesmo o superior, através da História. A solução proposta passa por uma mais ampla liberdade de consciência. Para Adolfo Coelho do Estado nada havia a esperar. Tomando isto em consideração, o remédio seria apelar para a iniciativa privada, para que esta difundisse o verdadeiro espírito científico, o único que beneficiaria o ensino.

26 de junho de 1871

Quando Salomão Saragga se preparava para realizar a sua Conferência "História Crítica de Jesus", o Governo, mandou encerrar a sala do Casino Lisbonense e proibir as Conferências. No mesmo dia, Antero redige um protesto no café Central, hoje Livraria Sá da Costa.

115.4. NO SÉCULO XXI

Vivemos hoje uma encruzilhada como a da Geração de 1870 e das Conferências do Casino, sendo a enumeração de problemas bem semelhante à de então.

Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da Língua Portuguesa, linguística, literatura, história, também nós constituímos um grupo heterogéneo unidos apenas naquilo que nos é comum, a língua de todos nós.

A nossa língua configura o mundo, sem esquecer, porém, que Wittgenstein disse que o limite da nossa nacionalidade é o limite do nosso alcance linguístico.

Os Colóquios são uma prova insofismável de que tudo é possível com custos mínimos desde que se dê liberdade às pessoas para criarem no seio da nossa associação projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa de forma conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes - no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes.

Em defesa da Lusofonia, defendemos a nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiosincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem.

É aqui no nosso seio de oradores, patronos e patronos especiais como os que aqui temos hoje, que nos podemos afirmar como plataforma de arranque de uma congregação de um Conselho de Sábios e de jovens cultos e dinâmicos para pensar e agir rumo ao futuro sem nos deixarmos abater pelo negativismo da crise que visa embotar a nossa capacidade de realização.

Resumidamente foi isto que os Colóquios fizeram ao longo de uma década, numa prova da vitalidade que a sociedade civil atuante pode ter quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos.

Resta apenas que todos os que aqui estão se juntem à AICL - Colóquios da Lusofonia para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa e que este sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos.

Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

PARA TERMINAR INTERROGAMOS:

Quanto vale um idioma?

Se a língua portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida em um canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um recente estudo solicitado pelo Instituto Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à língua portuguesa.

-É um percentual interessante e até conveniente, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%) - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho passado.

O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia, assim, relações económicas que exigem uma dada língua. E descarta atividades que podem ser

executadas por trabalhador de outra nacionalidade ou competência linguística. Por essa lógica, ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral.

Além das “indústrias da língua” há as ligadas a fornecedores de produtos em português, como a administração pública, e as que têm forte conteúdo de língua, como o setor de serviços, ou a que induz maior conteúdo de língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

Por último, o peso de processos em que o conteúdo de uma língua tem predomínio menor ou só relativo, ainda assim enquanto fazem brotar impérios no próprio circuito de trocas de um idioma. No Brasil, é o que ocorreria, por exemplo, à extração de petróleo e de minérios, ou ao agronegócio. Apesar de o estudo não visar o Brasil, a pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da língua portuguesa saltar aos olhos globais.

O Brasil virou protagonista das relações comerciais mantidas entre países lusófonos, mercado que movimenta um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de língua portuguesa em outros países gira em US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis.

O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial. O Japão é uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados.

Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo. No seu pequeno território, cria animais, e cultiva o solo apenas durante quatro meses ao ano. No entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios...A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos, deve plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

Solução-síntese: transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão.

A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional - confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e só encolhemos os ombros e dizemos: “não interessa!...”

A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!

Refletamos sobre o que disse Martin Luther King:

“O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons...”

116. CRÓNICA 116 AUTONOMIAS, 16-26 junho 2012

116.1. GOSTAR OU NÃO DE PORTUGAL

Há dias assim, acordo ao nascer do sol, olho para as faldas da Bretanha, vejo o mar chão, os montes em frente com as suas vacas alpinistas e penso...tenho de fugir daqui...isto é uma ilha, mas é muito pequena...nada como a minha Austrália com espaço para dar e vender e apenas 22,5 milhões de almas incluindo as almas penadas. Noutros dias acordo e nada se vê, chuva, nevoeiro cerrado e sinto-me como um génio na garrafa, mas sem capacidade de oferecer os 3 desejos a quem me tirar da garrafa.

Nada disto melhora quando leio “O Chrys está sempre a atacar Portugal e a dizer mal...” (in Daniel de Sá).

A propósito da frase descontextualizada e supracitada, lembrei-me de que se há muitos modos de se ser um bom católico, além de ir à missa e bater com a mão no peito, também existem diversos modos de se gostar de Portugal, mesmo quando aparentemente se está sempre a atacar Portugal e a dizer mal.

Gostar de Portugal ou dizer bem não são a única forma nem tampouco as mais representativas de se gostar do país e daquilo que nele existe.

Quando aparentemente se diz mal ou se aparenta não gostar, poderá uma pessoa estar a desejar que o país seja aquilo que não é, melhor do que a soma dos seus habitantes dá a entender.

Só quando se gosta de um país se deseja que ele não seja viciado pela corrupção, nepotismo, falta de educação, falta de conhecimentos, e tantos outros mínimos denominadores comuns que o têm vindo a caracterizar nas últimas décadas.

PARA SE AMAR UM PAÍS PODE DESEJAR-SE QUE ELE SEJA MELHOR DO QUE NA PRÁTICA É, devendo dar a conhecer todos erros e limitações que o impedem de ser melhor, lutar para que as desigualdades gritantes que se têm vindo a intensificar nos últimos anos se reduzam, para que o fosso entre os ricos (novos-ricos de riqueza cuja origem é dúbia ou incerta no tocante à sua legalidade) e pobres não aumente exponencialmente como acontece, para que a educação redutora do atual facilitismo se converta numa educação capaz em vez de produzir doutores e engenheiros (e etc.) para o desemprego, para que a ignorância generalizada das pessoas as não leve a eleger os maiores demagogos e aqueles que nunca nada fizeram na vida além de trabalharem para o partido e no partido...

... é exigir uma nova atitude cívica

Foi isso que sugeri no 17º colóquio na Lagoa ao escrever que “A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

116.2. ALGUÉM FALOU DE PROVINCIANISMO?

Claro que desde o início da minha estadia nos Açores, sempre pautei a minha posição pessoal pela defesa de uma verdadeira autonomia do arquipélago, em vez deste arremedo de autonomia envergonhada em que se vive, dependente do bom humor de quem está sentado na cadeira do poder em Lisboa.

Ou como se assiste em 2011-2012 a um esvaziamento de competências decisórias “à cause de la crise”. O centralismo onipotente no seu melhor, sem respeito pela Constituição nem pelas leis da autonomia...

A autonomia tem progredido lentamente, e em casos pontuais, para satisfazer os nativos sem incomodar os centralistas macrocéfalos em Belém, a não ser aquando do novo estatuto de autonomia inicialmente vetado pelo Presidente da República, Cavaco e Silva, que acabaria, contrariado, por promulgá-lo a 29 de dezembro de 2008.

Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo nos Açores e falta massa crítica e intelectual nos Açores de cá, por isso muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Há países bem mais pequenos, sem meios (menos que os Açores) e que são independentes de uma forma ou outra há décadas (estou a lembrar-me de uma dúzia de repúblicas do pacífico sul, entre outros...bastava ver como eles resolveram o problema da distância de milhares de quilómetros entre ilhas).

A viver à custa de Lisboa é fácil atirar as culpas para o parceiro do lado, mas as culpas são dos sucessivos governos açorianos que nada fizeram para melhorar este estado de coisas (ao menos o Alberto João Jardim foi à falência, mas fez obra, a que alguns chamam progresso embora se mantenha muita miséria) por que a esses, lhes convinha manter o status quo e menos ainda fizeram para ampliar a autonomia e dar-lhe significado...aceitaram-na como um presente de meninos bem-comportados.

A visão açoriana do mundo é de tal forma paroquial que este arquipélago dificilmente seria independente, nem haveria gente suficiente e com “cojones” para o tentar. É uma utopia pensar nela pois não haveria gente com capacidade de aproveitar a riqueza da zona marítima exclusiva (afinal só foi descoberta agora ao fim de 37 anos de autonomia...) nem as outras potencialidades exclusivas dos Açores (se calhar não dava votos e não se fez nada por causa dessa necessidade que os políticos têm de se agarrarem ao poder através do voto popular).

Depois haveria ainda outro problema grave, quase todo o mundo aqui vive de subsídios e nada sabe fazer sem eles...vai ser difícil desabitua-los

Curiosamente, acusam as 8 ilhas de estarem contra São Miguel da mesma forma que São Miguel acusa Lisboa...a macrocefalia de PDL é igual à de Lisboa salvaguardadas as respetivas escalas.

Se fizessem um referendo, a autonomia perdia esmagadoramente pois é melhor culpar o Governo de Lisboa do que os sucessivos governos regionais e estes mantêm-se como os de Lisboa graças aos seus clientes, deveríamos dizer freguesias pois isto não passa de uma grande freguesia, e quando há desacordo ou é porque eu não sou de cá ou porque tu vives fora e não estás bem informado...

Não me espanto quando leio o que o escritor micalense Daniel de Sá proclamou:

“Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos.”

Ele crê que a independência nunca será viável (por que é têm, todos, tanto medo dela?)

“18/6/2012 Chrys, tens razão em quase tudo.

Mas pergunto para que serviria uma independência só por uma questão de capricho, se afinal iríamos viver muito pior?

Que é que haveríamos de ser?

Uma espécie de Tuvalu ou Nauru, que alicerçaram a sua independência nos fosfatos, e, quando se estes se esgotaram, ficaram sem riqueza e quase sem solo onde pôr os pés?

A quem haveríamos de acolher-nos?

Aos States, como Nauru à Austrália, servindo quase como colónia penal desta?

Poupa-me.

E essa de acusar quem discorda pondo as razões do diferendo na ausência, mas deixando implícito que os “ausentes” sabem tanto o que se passa como quem cá está, não tem defesa possível.

Eu vivi 65 anos nestas ilhas, três em Espanha e oito meses no Continente.

Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos, nem tão pouco o xxxxxx, ausente, deixando-se levar muito pelo impulso embora temperado com alguma ponderação.

Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos.”

Esta resposta entristece e leva-me a contestar:

“Mais autonomia ou independência não sei, quem vota nas ilhas devia decidir...”

Em relação à afirmação “um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República.

Para problemas bastamos nós mesmos” discordo, nunca entendi democracias com cidadãos de primeira e de segunda, que era o que acontecia se os expatriados não votassem, para eles não votarem deveria ser-lhes retirada a cidadania (açoriana).

Eu entendo a autonomia dos Açores (passada, presente e futura) como consequência do feudalismo arreigado que dominou as ilhas por séculos e hoje surge a outro nível e com outras roupagens.

O princípio que cita Daniel “*Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos*” excluiria todos os jovens votantes que não vivenciaram isso e teríamos então apenas direito de voto do género para maiores de 65 anos, residentes na ilha há mais de 50?”

116.3. OPINIÃO - “UM POVO QUE SE FAZ NAÇÃO”

Este tema sensível foi recentemente abordado num dos jornais locais (Expresso das nove, 18 junho 2012, Manuel Leal) nestes moldes:

Se julgarmos o sucesso de um evento público pelo número de participantes, a celebração do 6 de junho pela Frente de Libertação dos Açores seria um fracasso.

Todavia, eu diria o contrário. A FLA saiu à rua agora para mostrar a face de figuras que se identificam com as cúpulas de ontem e de hoje e reiterar a sua determinação política e os valores revolucionários e açorianistas por que se rege.

A FLA considera o momento atual de grande perigo para a liberdade dos Açores e o bem-estar das suas populações, fazendo eco veemente do alarme dos líderes das instituições que se pressupunham autonómicas.

Como no seu início conturbado e histórico, o propósito da mensagem da FLA foi, declaradamente, depor de novo ao julgamento da gente do Arquipélago a prepotência e arbitrariedade do Governo da República.

A participação de José de Almeida, que um dia teve por título “Presidente do Governo Clandestino dos Açores”, assumiu um significado que transcende a própria celebração.

Já ancião, de idoneidade demonstrada na sua formação académica e nas funções que ocupou na sua experiência de político e revolucionário, profundamente açoriano, veio entregar à consciência açoriana e da solidariedade insular, como num sacrifício simbólico, a sua liberdade e a açorianidade política.

Mártir na colisão com a elite política obediente aos partidos portugueses e vítima das convulsões da própria FLA, chegou a ser perseguido como um criminoso pelo Governo da República, Almeida descobre o peito para oferecer-lo como alvo da retaliação potencial dos sobas políticos que destroem Portugal e com ele os Açores e a Madeira.

A FLA durante muitos anos foi vítima de uma imagem falsa disseminada pela República e pelos seus detratores insulares que a demonizaram, tentando retirar-lhe o cariz profundamente nacionalista e Lusíada e impor-lhe uma máscara violenta.

A propaganda portuguesa refletiu-se na política do general Altino de Magalhães.

Nos anos 70 do século passado, aos soldados açorianos o general ofereceu viagens à Metrópole, por exemplo, a fim de lhes fazer uma “lavagem” medíocre ao cérebro acerca das virtudes da soberania portuguesa.

Responsável pelas prisões do 9 de junho, a política de Magalhães revelava um infantilismo ou regressão cognitiva quase inacreditável.

No estrangeiro, sobretudo na América do Norte, a distribuição de medalhas a granel continuou uma tentativa de persuasão que, para quem observou o fenómeno, não podia deixar de reconhecer o propósito.

A manutenção do colonialismo nos Açores fez-se através de uma política multissecular de supressão do desenvolvimento insular.

A partir da resposta mundial no século XX à doutrina de Woodrow Wilson, que defendeu a autodeterminação dos povos coloniais - e mudou o rumo da perceção política nos areópagos da opinião internacional -, o neocolonialismo no Arquipélago concretiza-se de maneira subtil através da Autonomia.

Mas a autonomia, todavia, caracteriza-se pela prática de um colonialismo transvestido na linguagem constitucional permitindo ao Governo da República a violência institucional e arbitrária contra a liberdade do Povo Açoriano. Prossegue agora com mais intensidade sob a presunção decetiva da crise económica e financeira.

No discurso que José de Almeida proferiu no dia 6 de junho, em Ponta Delgada, a sua mensagem relacionava-se com a perceção e experiência da liberdade. O seu argumento não se fundamentava, propriamente, na vida histórica das populações açorianas em que há evidência abundante da opressão portuguesa, mas num quadro psicossociológico e pragmático da realidade atual. O verdadeiro “espírito de independência”, declarou ele, nasce quando o indivíduo por sua livre vontade cessa a submissão “ao jugo de uma autoridade prepotente”.

A pessoa nega-se, assim, a aceitar um poder cuja política e “imposições” são contrárias ao bem-estar societário, “lesivas dos seus interesses e da sua liberdade de agir”.

Disse José de Almeida que “O desejo de independência é, pois, [...] indissociável do conceito de liberdade, considerado no seu sentido mais lato”.

Não estou convencido, porém, de que os açorianos são já uma nação, mas sinto em introspeção que se fazem uma nação.

A adesão a uma identidade, que neste caso possui o rótulo de açorianidade, não implícita, necessariamente, a presença plena dos fatores que escoram a experiência psicossocial de nação.

A nação não nasce apenas de uma identidade forte associada a um território específico. Possui ainda um sentido de solidariedade e de identidade comunitária - os processos de grupo - que não rejeita e contesta só a “autoridade prepotente”, mas também a presença dessa autoridade a cuja identidade política e jurídica, e, portanto, ao poder exterior e opressivo, o indivíduo e o grupo se perpetuam vergados.

Nos Açores existem duas identidades que definem o nacionalismo ou a ideologia que é o alicerce da nação ou o sentimento exato da identidade da pessoa e do grupo com a nação.

As pessoas com a mesma identidade nacional veem-se num destino comum, irmanadas num ideal de igualdade, solidárias na sua condição mútua e intervenientes no processo coletivo de valorização e desenvolvimento integral da pessoa e do grupo.

Na prática e num sentido filosófico, e num significado vernacular que o Estado adotou para defender-se, corresponde ao juramento de lealdade contido na legenda medieval de “um por todos e todos por um”.

Neste contexto, de um lado estão os portugueses dos Açores, os açorianos que se sentem portugueses. No outro os açorianos que são portugueses apenas numa dimensão jurídica decorrente da nacionalidade.

Aceitando a existência de uma nação açoriana, os últimos rejeitam a sua participação na nação portuguesa, sem embargo da adoção no conceito de pátria como a definiu Fernando Pessoa. “A minha pátria”, escreveu o poeta, “é a língua portuguesa”.

A FLA de José de Almeida filia-se na nação açoriana e abraça a noção quase mística do Quinto Império como amplexo fraternal, forte e multifacetado, das nacionalidades e dos grupos que se expressam em português, incluindo dimensões políticas, económicas, linguísticas, e quiçá ainda de defesa mútua.

O maior reforço ao argumento de José de Almeida justificando a independência dos Açores é a política arbitrária, discriminatória e, em última análise agressiva, do Governo da República.

O tempo constitui um aliado da FLA.

Mas falta-lhe, aparentemente, a capacidade de intervenção no processo persuasivo de rejeição do neocolonialismo português porque os meios necessários à divulgação da sua mensagem estão sob o controlo dos partidos portugueses.

Por isso o Governo da República e as instituições legislativas que os partidos controlam opõem-se, intransigentemente, à legalização dos partidos regionais. Obviamente, a FLA não receia proclamar o que é.

O Governo da República projeta até, por outro lado, o receio claro de que ela seja o que diz ser.

A celebração do 6 de junho foi, além da mensagem de que existe, um repto à prepotência dos donos da Estado Unitário.

Porque ao tomar medidas discricionárias de repressão, que não seriam incompatíveis com a política histórica do poder, Portugal reforçaria a solidariedade açoriana.

“Não é crime - advertiu José de Almeida - desejar ser-se independente [...]”. E deixou, ao mesmo tempo, o que poderá ser um aviso, ao completar aquela frase “[...] e lutar pela concretização desse objetivo”.

O erro de Portugal no Brasil, quando as Cortes do Porto ignoraram em 1820 a mensagem pluricontinental do Reino Unido de 1815 foi deixar que os rancores alicerçados na prepotência do poder centralizado concluíssem o fenómeno que Euclides da Cunha - que teria ascendência açoriana - sintetizou no livro “Os Sertões” numa frase brilhante explicando a independência quando “o povo era já Brasil”.

Os açorianos, neste contexto, são “Um Povo que se faz Nação”, usando a expressão de Almeida.

Suspeito, todavia, de que não será a FLA a fazer-lhes a independência, ainda que a promova. Isso caberá à política separatista na persistência neocolonial do Governo da República. 2012-06-18 07:00:00

E assim vai a autonomia açoriana...

116.4. ILHA DA AUTONOMIA junho 2012

Da “falsa” (termo micalense para o sótão), a janela do meu “castelo” desabrochava sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Vislumbro vacas fiéis ao seu destino ruminante sem desfraldarem queixumes. A chuva inclemente e desapiedada vinha, ora do agreste nordeste (o mata-vacas), ora de oeste ou sul e fenestra o meu “castelo”. As grossas pingas corriam janela abaixo, infiltradas na caleira minúscula sob o caixilho. Toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental, gotejando lentamente para o chão.

Mais um inimigo invisível quebrando o cerco permanente que sentia do lado de fora das minhas ameias. Entrei no café. Ao balcão, os do costume. A humidade goteja pelas faces como se fossem paredes. Ninguém parece aperceber-se.

Fantasio, de quando em vez, que a verdadeira autonomia se abaterá sobre o arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova. Com ela devaneio. Se a ante-cipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo para a mapear. Enxergo-lhe contornos como se a visse em Braille. Ia jurar tê-la avistado, mais do que uma vez. A minha mulher disse-me que alucinava.

O mar confunde-se com o céu. O horizonte indistinto, em constante mutação, ora cinzento ou azuláceo. Perde-se para além do alcance da visão. Quando fito o grande mar oceano, estou sempre expetante de vislumbrar uma ilha nova a desenhar-se no firmamento. Todos os dias sonho com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito piamente que exista para lá da linha impercetível.

Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afiançam esse mistério que os mapas não cartografaram. Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro. Tal como a ilha Sabrina de antanho. Ou outras que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, clamarei o direito a dar-lhe denominação. Designá-la-ei Autonomia. Ia jurar tê-la visto por dentre um belo arco-íris que ia da Lomba da Maia à semiencoberta Bretanha.

Os vaqueiros levantam-se noite cerrada. Continuam a acamar-se cansados dia após dia, semana ou ano de trabalho. Rotinas entrecortadas pelas festas da freguesia. Uma ou outra procissão. Sem queixumes pela má sorte. A mesma que lhes repete destinos ingratos. Resignação amargurada. Lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, sorvendo um copo de mistura ou um abafado. Os campos continuam a ser arados. As vacas mungidas. Chova ou faça sol. Feriado ou fim de semana. A terra e as vacas são elementos únicos mensuráveis da riqueza. Estes vaqueiros só mourejam. Nada mais sabe esta gente além de procriar, como já escrevi algures. Jamais ouviram falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros, 24/7/365 (todo o dia, todos os meses, todo o ano). Chova ou faça sol. De tantas em tantas horas estão a mungir as vacas. A levá-las de um pasto para o outro que todo o inverno a ilha se mantém verde.

Os rendimentos são inferiores aos de Portugal (a que muitos chamam o Continente) mas há mais subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram.

Nas zonas rurais os filhos, que ainda vão abundando, usam a escola nos interregnos da labuta nos campos. Se faltam e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar.

Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis.

O açoriano vive do imediatismo. Futuro nunca, mas presente sempre à vista, nada arisca nem previne. Este açoriano é bem diferente do seu antepassado que no século XIX com menos estudos, sem universidade nem Novas Oportunidades criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quiçá o movimento mais importante da história dos Açores.

O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por uma doença quando a exportação estava ainda numa fase de ampla expansão, tendo atingido o seu máximo três décadas depois de ter surgido a ideia de criar a tal sociedade. O que esses antepassados anteviram foi que aquela riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte na Europa e, em especial na Península Ibérica.

Hoje em dia, as ilhas transformaram-se em vacaria. Não são senão uma imensa leitaria. O quotidiano açoriano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sagrados sem calendário, religiosamente acatados por homens e mulheres. Apesar de poucas, também por aí andam. Supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez.

Para 2015 antecipa-se o fim das quotas leiteiras, um remate anunciado há muito para essa riqueza artificial. No século XVIII ninguém pudera prever a data exata do fim da exportação das laranjas. Nos últimos anos vem aumentando a produção anual de leite sem que haja do Governo, das autarquias ou das gentes qualquer ação, individual ou coletiva, que comece a prevenir o futuro.

Claro está que os pastos se podem converter em terras de cultivo antes que o Diabo esfregue um olho, mas os trezentos mil ou mais animais não se desvanecem num ápice. Sete anos antes do fim das quotas leiteiras, abordei o Presidente da Junta da Lomba da Maia propondo uma reunião de esclarecimento onde os locais pudessem discutir ideias (se as tivessem) sobre a reconversão que terá de haver. Nem um se mostrou interessado, decerto pensaram que um urbano como eu nada teria para lhes comunicar sobre o ganha-pão deles.

Daqui a pouco não existirão fundos europeus para a excessiva produção de leite que se regista nas ilhas e ficarão sem nada. Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite. Virão dias de fome e de aflição. Nada ou muito pouco foi feito para a reconversão desses milhares de famílias que vivem do “leite” num ciclo vicioso de maiores produções para “sacar” maiores fundos europeus. Quem sabe se não poderiam converter as vacas leiteiras em produtoras de carne da melhor qualidade para exportação? Podiam usar a tecnologia existente e a mão-de-obra local seria sujeita a uma apropriada componente de atualização de formação e desenvolvimento pessoal?

Nos EUA já há quem aproveite o estrume do gado bovino para produzir energia ecológica...será que estes campos podem produzir biodiesel? Por outro lado, como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas gordas leiteiras poderiam diversificar e manufaturar queijos, aproveitar os solos úberes para criarem outros produtos agrícolas para mercados de nicho e exportar para o mundo.

Infelizmente, não vi nem ouvi nenhum dos técnicos agrários, vulgo engenheiros, propor ou estudar quais os mercados de nicho que estas férteis terras poderiam fornecer. Falta visão como quando o chá sucedeu às laranjas. Os políticos insulares, como os seus congéneres continentais, vivem nas suas torres de marfim condicionados ao ritmo da reeleição e não deverão ter visão para “imaginar” os Açores daqui a 10, 20 ou 30 anos, tudo é feito pelo imediatismo da próxima contagem de votos, nada se faz nem se percebe que haja quem o queira fazer.

Reservo-me, hoje e sempre, o direito de emitir opiniões e ser controverso quando afirmo que nos meios rurais, os açorianos continuam escravos, tal como os seus antepassados.

Mesmo sem o saberem. Há quem alegue que esta escravatura hodierna é bem mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos para o afirmarem...é como o país de brandos costumes).

Seguem destinos tradicionais sem os questionarem. O fatalismo insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telúricas. Nesta ilha (ao contrário das restantes oito) as gentes vivem de costas voltadas para a água que os rodeia por todos os lados. Com o credo na boca.

A permanente imposição férrea de normas, que aceita sem discutir, como se ainda visse sob o medo de uma sociedade feudal, a mesma que persiste nos seus monopólios económicos. Sem se preocupar com a aparência de democracia e igualdade, que a constituição do país consagra no papel. Tal como sucede no ciberespaço, na sociedade do “Second Life”, esta democracia é virtual. A fome será menor que dantes. A dependência, dissimulada de vontade própria, perpetua-se igual. Em nome das santas tradições, procissões e festas. Em nome do Divino Espírito Santo e do Santo Cristo.

A energia positiva dos vaqueiros é muitas vezes canalizada para ações relacionadas com o culto cristão eivado de paganismos, como as romarias tradicionais. Existem alternativas, mandar a escravidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social. É o sistema da “Faixa de Gaza” da Ribeira Grande lá para os lados de Rabo de Peixe. A maioria das famílias (e com uma excelente taxa de natalidade), jamais empregadas nem empregáveis, vive do rendimento mínimo. Trabalhar é só para os inúteis.

A autonomia, constituída no papel, ciclicamente pedida com salamaleques e, sempre que necessário, contestada pelo governo central, dá a aparência de liberdade ao ciclo secular repetido. Aquando das grandes tragédias, fruto dos elementos telúricos, fogo e água, a revolta popular manifestava-se nos pés dos que se punham a caminho.

A emigração foi sempre a fuga à fome e escravidão. Iam para paraísos terrenos no lado outro do Grande Mar Oceano, lá donde seus parentes tornavam contando maravilhas. Com a pequena exceção do Havai, o Éden açoriano há séculos que se conjuga nas Américas, primeiro na do sul (especialmente Brasil), mais recentemente, na do norte. Ainda hoje.

Já Daniel de Sá escrevera “Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela”, Onésimo diria que era a “melhor”, mas continuava a haver um ou outro revoltado com a miséria, a falta de futuro, a ausência de presente e o excesso de passado, sempre pronto a meter pés ao caminho. Rumo à verdadeira autonomia do dinheiro. A única que permite sonhar. Não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses os pobres não podem almejar a liberdade. A emigração é a face visível da verdadeira emancipação açoriana.

Nos Açores há imensas réplicas da macrocefalia de Lisboa e do Terreiro do Paço. Governam como na monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, acomodadas e aburguesadas. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa manter-se-á até que as turbas saiam à rua. Aí sim, pode haver autonomia. Eu clamava, tal como - em tempos idos - exprimira aos líderes timorenses antes de serem independentes, que competia aos açorianos decidirem e traçarem o seu destino. Assim o escrevia já no início de 2008:

Em risco de ser, de novo e involuntariamente controverso, creio haver regionalismos autonómicos, como o dos Açores, que deveriam ser incentivados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é quase tão mau como a tentativa forçada de desertificação humana no interior profundo de Portugal. Se ora se fala - pouco e mal - sobre os Açores tal se deve a essa maléfica invenção soporífera chamada telenovela que deu visibilidade ao arquipélago.

Para os continentais, quando se fala dos Açores é quase como discursar de Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais. Quase como a anedota da pergunta insólita “a senhora é dos Açores, mas é branca?” Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não.

O orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreigado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de cada ilha ou insularismos de cada freguesia. É prejudicado pela idiosincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse o continente português perpetuando noções de dependências e vassalagens obsoletas.

Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e 35 primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestesiante, alegadamente democrática... A história ilustra a luta entre a Ilha Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efémera nobilidade de "capital do arquipélago". Estes vícios repetem-se hoje.

Dado o desdém com que os continentais tratam os autóctones (basta ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. De emancipação. Não independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central cego e cabeçudo. Parecem satisfeitos com a submissão à macrocefalia de Ponta Delgada, que espelha Lisboa.

Em tempos, o açoriano expatriado Manuel Leal escreveu que:

*“A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos.
Nunca teve uma face persuasiva.
Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa.
Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco.
A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma”.*

Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências. Talvez quatro bastassem: S. Miguel e a sua colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a sua colónia do Pico e, por fim as Flores e a sua adjacente Corvo. Podiam ainda considerar as possessões ultramarinas como Toronto, Nova Bedford e outras tantas que por ali havia.

Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país resumido a Lisboa e submisso perante uma Europa dominadora que julga os cidadãos como números, para aumentar ou estabilizar orçamentos.

Cito, uma vez mais e sempre, Martin Luther King *“I had a dream”*. Sem macrocefalias nem subalternidade. Um governo regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país.

A autonomia vive-se hoje apenas em círculos muito restritos, e em alguns escritores e em "expatriados" em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido.

Haveria mesmo elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos.

Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890.

Nos Açores, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia.

Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sageza dos seus conhecimentos sonharão com esse momento de libertação.

Assim inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo os não deixasse para trás na sua viagem.

117. 117. CRÓNICA 117, PORTUGUESES, 30 junho 2012

Este foi o discurso que nunca cheguei a ouvir, mas imaginei:

Portugueses, portuguesas

É mentira que o Governo esteja a preparar novos impostos, novas subidas de preços e mais cortes nos benefícios de empregados e desempregados, reformados ou no ativo. Nunca foi intenção deste Governo aumentar a pobreza, o desemprego, a fome no país, mas herdámos uma pesada herança do Governo anterior que vai demorar várias gerações a pagar e temos que satisfazer os compromissos assumidos por anteriores governos. Nunca foi nossa intenção dar dinheiro à Banca que causou esta crise, mas somos obrigados por contratos anteriormente firmados e que bloqueiam qualquer hipótese de renegociação, motivo pelo qual fomos cancelando benefícios aos nossos funcionários, que infelizmente terão de suportar as reformas estruturais que pretendemos implementar no país e que resultam obviamente do que foi negociado no passado por anteriores governos e que nos impõe esta necessidade de trazer sanidade às contas públicas.

Teremos assim de vender os anéis para que sobre os dedos e mesmo assim não temos garantia de que isso seja suficiente. Destarte vendemos a energia da EDP, a distribuição da REN, negociamos a venda das águas, da companhia aérea, dos aeroportos e outras infraestruturas, muito mais rentáveis se forem os estrangeiros a geri-las porque francamente o Estado não tem capacidade para gerir tão variados bens.

As portagens introduzidas nalgumas estradas SCUT visam aumentar a utilização pelos turistas que aqui vêm deixar divisas e reduzir o tráfego e viaturas portuguesas, o que permitirá aos turistas andar mais livre e desafogadamente nas nossas estradas a fim de que regressem aos seus países com uma melhor impressão de Portugal. Ao enviarmos os jovens licenciados e desempregados para outros países estamos a exportar os conhecimentos que fizeram dos portugueses um povo de navegantes e descobridores, e estamos convictos de que também eles virão a descobrir novos mundos e formas de vida, permitindo aumentar a importância dos portugueses nessas sociedades de acolhimento e obterem posições de relevo tão importantes para o orgulho nacional. Temos tomado inúmeras medidas como o encerramento de hospitais, maternidades, centros de saúde, tribunais e outros serviços cuja produtividade era baixa e custavam imenso a manter, pois estudos recentes provam que algumas das medidas tomadas pelo Governo antes de 1974 eram bem mais económicas que as atuais e conduziram o país a uma riqueza de que só resta a memória hoje. Estamos convencidos de que com todas estas alterações estruturais estaremos a criar sólidas bases para a riqueza de Portugal.

Pretendemos - em breve - expropriar todos os terrenos agrícolas não cultivados e entregá-los aos estrangeiros para que estes com as suas técnicas mais evoluídas possam ali obter uma produção agrícola que nos permita voltar

aos tempos dos celeiros da nação. Sabendo-se como é exígua a oportunidade de emprego nessas terras do interior assim estaremos a contribuir para uma redução do desemprego local.

Além das reduções dos elementos autárquicos base, as freguesias, estamos a criar uma nova dimensão do país que nem havia sido tentada desde Mouzinho e que permitirá reduzir os bairrismos que tanto têm servido para dividir o país em pequenas parcelas em vez de o aglutinar. Estamos cientes de que a situação geral do país irá melhorar com todas estas medidas e em breve nos orgulharemos de ser um país que todos invejam.

Aproveito para lembrar alguns dos meus escritos (entre 2005 e 2008 no anterior Governo socrático), mudou o Governo e o primeiro-ministro, os discursos são mais nacionalistas e acompanhados do hino nacional, mas o país segue na mesma direção do abismo...

... Começara pelas urgências e por outras coisas com nomes esquisitos SAP, SAPU, VMR, etc. Mas os desígnios eram mesmo os de fechar o interior para ficar como coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Foi pena o ministro não ter sido ambicioso, já que era arrogante. Deveria era ter fechado todo o país, não só algumas urgências. Com o país encerrado, era mais fácil governá-lo. Gastava-se menos dinheiro (logo ficava resolvido o problema do défice), os espanhóis vinham e podiam plantar tudo aquilo que os portugueses não plantam (porque não dá, ou porque não vale a pena, dizem eles).

Disponham disto como a sua horta ou quinta, um pouco à moda dos do Faial que faziam do Pico a sua colónia de férias. Só havia um problema nesta solução, como é consabido os portugueses têm uma produtividade elevadíssima quando trabalham no estrangeiro. Aí, sim, era uma chatice, se comessem a trabalhar nas hortas dos espanhóis (que dantes eram dos portugueses) podiam começar a habituar-se a trabalhar e a produzir e ainda tornavam este país rentável...

..., mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental...

Desacreditando os professores e a sua profissão, abalando os alicerces do ensino público com normas pouco exequíveis, pouco fiáveis e de resultados estatísticos garantidos, mas sem que isso represente qualquer grau de conhecimentos técnicos, científicos ou académicos, esta reforma do ensino privilegia os títulos obtidos nalgumas escolas privadas.

Exclui-se a Universidade onde o senhor primeiro-ministro obteve um diploma por fax e TPC (trabalhos de casa) pois infelizmente foi obrigada a fechar. As massas continuarão a enviar as suas crianças para a escola sem se aperceberem que os paradigmas do século XX já não vigoram.

Os estudos nada significam. Isto é, não significam nada do que significavam. Afinal isto não é mais do que a aplicação da minha velha máxima pessoal quando afirmava que um dia destes, um décimo segundo ano equivale a uma quarta classe da sua infância e uma licenciatura não é mais que um velho 5º ano do liceu (curso complementar) e assim sucessivamente até ao mestrado que terá o valor dum antigo bacharelato e o doutoramento da velha licenciatura. Ridículo? Ousado? Despropositado? Não? Comparem o conteúdo curricular dos vossos filhos ou netos com o vosso e depois conversa-se.

Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, mais o plano das "Novas Oportunidades" vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que muitos pensam, não vai deixar de ter iletrados, o que vai deixar é de ter iletrados sem diplomas.

Nada disto é feito à toa, nem apenas é feito por uma questão de birra do senhor primeiro-ministro que parece não nutrir grande afeto pelos que ensinam, fruto duma qualquer frustração infantojuvenil que não se pode confirmar... Já foi feito nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias que custam tanto ou mais que universidades privadas... Aliás não é só na educação que isto se verifica. Assim aconteceu com a justiça naqueles países e irá acontecer em Portugal.

Na saúde é ainda pior. Veja-se, a título de exemplo, os médicos do "ER" (série televisiva Serviço de Urgência) a atenderem os doentes consoante têm seguro privativo (e conforme a cobertura deste) ou não, logo despachados depois de tratados sumariamente. Assim irá acontecer neste jardim.

Mal um hospital ou uma urgência fecham, logo aparece um grupo privado a querer construir um hospital com urgências médicas. Foi o caso de Mirandela e hoje em Bragança. Também é assaz curioso que apareça o ex-ministro Correia de Campos a liderar esses conglomerados de saúde privados.

Claro que quem vive no Bronx não pode ter a mesma qualidade de vida dos que vivem em Manhattan (não sei se me entendem). Isto é, em termos indianos há uma zona de sudras e vaixias onde poucos se deslocam. Mesmo a polícia tem medo de lá ir, pode ser que a ASAE depois de preparada militarmente nos EUA lá possa entrar. Como que se fossem favelas, ou bairros-de-lata.

As "pessoas de bem" e pilares da sociedade vivem em zonas mais abrangentes em termos de serviços e de oportunidades.

Muita sorte têm estas castas menores por disporem de água potável e eletricidade.

Teremos assim, um país (e o mundo) cada vez mais a duas velocidades, a dos que têm e a dos que não têm. Por isso ninguém se parece preocupar com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal).

Ninguém parece perder o sono ou o apetite (estamos a ficar todos obesos) pelos sem-abrigo que se propagam mais depressa que coelhos nas ruas das nossas cidades, esvaziadas de gente de Humanidade. Autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser "gentrificadas" e

darem origem a condóminos de luxo a quem as quiser pagar. Assim, os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP.

O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino passará a ser uma coutada de férias dos ricos e poderosos.

Mas a grande diferença é que na maior parte dos países ocidentais, ditas democracias, ainda existe um mínimo de pudor, decência, bom senso e dignidade. Os casos de corrupção, nepotismo e outros, que ficam impunes em Portugal, ainda vão sendo punidos nalguns daqueles países

Voltando à emigração, recorde-se a tragédia que era nos anos 60 e 70 do século passado quando as pessoas tinham de fugir “a salto” para tentarem sobreviver à custa do seu trabalho braçal, numa Europa em crescimento que carecia de mão de obra barata e silenciosa. Havia outros que se exilavam para lutarem contra o regime colonial da ditadura (Estado Novo). Os que ora emigram fazem-no apenas porque se vive numa sociedade consumista cada vez mais exigente.

Ninguém está para grandes sacrifícios. Lá fora ganha-se bem mais, para o mesmo trabalho indiferenciado e escravo que faziam aqui. Só não se entende porque é que aqueles açorianos (que regularmente são repatriados dos EUA e Canadá) não emigraram pela via normal e legal. Premeditadamente foram com vistos de turista, que há muito prescreveram, e deixaram-se ficar sempre na miragem duma amnistia. Mas ouvi-los falar de injustiça custa a engolir, tanto mais que criticam a falta de apoio portuguesa. Onde é que eles estiveram nos últimos trinta anos? Não sabem o que é e como funciona o Estado português.

O mesmo que agora manda centenas de crianças de Elvas e locais limítrofes nascerem em Badajoz porque não compensa ter abertas maternidades no interior desertificado do país (sem perguntar ao vizinho Estado soberano espanhol se estava pelos ajustes) Já estou a imaginar o problema burocrático daqui a uns anos. Onde nasceu? Em Badajoz, então mostre-me a sua documentação. Tem autorização de residência neste país? Mas eu sou português/a, a minha mãe é que teve de ir ao lado de lá da fronteira para a maternidade. Pois bem se nasceu em Badajoz não pode ser português... Se esse problema demorar tanto a resolver como o de alguns portugueses que por nascerem em Angola ficaram apátridas, bem podem esperar sentados.

EM 31 outubro de 2011: “O jovem desempregado em vez de ficar na “zona de conforto” deve emigrar”, disse o secretário de Estado da Juventude e do Desporto.

“Se estamos no desemprego, temos de sair da zona de conforto e ir para além das nossas fronteiras”, disse o governante, que falava para uma plateia de representantes da comunidade portuguesa em São Paulo e jovens luso-brasileiros.

Segundo o mesmo responsável, o país não pode olhar a emigração apenas com a visão negativista da “fuga de cérebros”. Para Miguel Mestre, “se o jovem optar por permanecer no país que escolheu para emigrar, poderá dignificar o nome de Portugal e levar know-how daquilo que Portugal sabe fazer bem”.

Caso a opção seja por, no futuro, voltar a Portugal, esse emigrante “regressará depois de conhecer as boas práticas” do outro país e poderá “replicar o que viu” no sentido de “dinamizar, inovar e empreender”.

Com o intuito de capacitar o jovem português e aumentar os laços com outros países, o responsável diz que o Governo português pretende incentivar também os intercâmbios estudantis e os estágios no estrangeiro. A presença do jovem no estrangeiro será um dos temas abordados do Livro Branco da Juventude, que deverá ser lançado a 02 de novembro, disse.

A maior desgraça de uma nação pobre é que em vez de produzir riqueza, produz ricos. (Mia Couto). Aceda ao Artigo completo:

<http://apodrecetuga.blogspot.com/2012/01/emigrar-e-solucao-portugal-nao-gosta-de.html#ixzz1zN7EOpi7>

ou como se lia <http://www.ribeirinhas.pt/2011/12/23/emigrar-porque-em-portugal-nao-se-preve-grande-futuro/>

O nosso primeiro-ministro (Passos Coelho), que há meia dúzia de meses tinha a solução para todos os nossos problemas, convidou os quinze mil professores que se encontram atualmente desempregados, a emigrar, porque em Portugal não lhes prevê grande futuro. Bem, no que toca a soluções, o homem prometeu e fez!

Querem melhor? Impostor e incompetente não lhe podem chamar... Muito bem, senhor Passos Coelho. Emigremos! Ou não fossemos nós um povo nómada, acostumado a passar metade da vida de mala na mão, com a alma e o coração dividido entre "lá" e cá. A diferença é que no século passado emigravam os incultos, aqueles a quem a pobreza impossibilitava o acesso a uma licenciatura.

Virado o século, depois de andarem anos a incentivar-nos ao ensino, dos pais se terem sacrificado para formar os filhos, vem o senhor e diz-lhes que façam as malas e que vão para Angola! Solução fácil e conveniente. Vão, mas não cortem os laços! Façam a típica vida de emigrante, trabalhem muito e vivam pouco, juntem muitos dólares e enviem para cá, porque a banca, essa a quem os vossos pais se empenharam para vos dar um curso, que tem dois terços da sociedade escravizada, a trabalhar para eles, agora mais do que nunca precisa das vossas remessas.

Envie para cá muito dinheiro. Construam aqui muitas casas, comprem carros, comecem a pagar impostos, que as nossas finanças precisam urgentemente de receita. É preciso manter a máquina e se a verba vier de fora, sem criar postos de trabalho e investir numa vida digna para os cidadãos, é ouro sobre azul.

Emigrem! Os professores e os médicos e os enfermeiros. Os pequenos empresários, a quem a austeridade lançou para a ruína e para o desemprego. Os da restauração, os do comércio tradicional, aqueles que fecharam portas e não conseguiram colocação nas grandes superfícies. Os agricultores, a quem pagaram para que não amanhasssem as terras. Os pescadores, que receberam para não sair pró mar, os operários que perderam o trabalho de toda a vida. Os mecânicos, os trolhas, os eletricitas...e os seus filhos e netos e as gerações seguintes...

Emigremos todos! Deixemos aqui apenas os "orientados", os "apadrinhados", os lambedores de botas... Vamos lá para fora, fazer pela nossa vida e pela deles. Quanto mais mão de obra exportarem, mais remessas entram e mais fácil será governar o país.

Mais dinheiro a entrar e menos bocas a reclamar, facilita a vida a qualquer político. Ficará tudo mais fácil e mais vantajoso, principalmente para os que cá ficarem. Depois edificam-nos aqui estátuas e dedicam-nos avenidas. Aos emigrantes, esses otários, que desta feita já não viajarão com a cesta de vime e o garrafão, que já não trocarão o V pelo B, mas que logo serão rotulados por outro motivo qualquer.

Vamos, mandemos muito dinheiro para a terra, mas fiquemos por lá! Nada de vir para aqui no fim da vida, a dar despesa ao Estado; a ocupar bancos de jardim, lares de idosos, centros de saúde e parcelas nos cemitérios. Isso é para os que cá ficaram!

Agora espero que entendam por que tenho escrito tão pouco desde o início do ano...se calhar penso em emigrar...nunca o fiz antes malgrado ter vivido em vários países e regiões, em diferentes circunstâncias de Timor a Macau, Austrália, Indonésia (Bali), Brasil e Açores. A vida em Portugal é hoje mais deprimente do que nunca, o futuro é mais miragem hoje do que em 1972 quando me preparava para fazer as malas com algumas hipóteses de vencer na vida, enquanto hoje nem filhos nem netos terão sequer essa miragem se ficarem no país, a menos é claro que sigam a via partidária e cheguem ao Governo... Sendo um otimista nato que sobreviveu a muitas crises e desgraças, encontro-me na posição de nada ter a dizer quanto ao futuro que não seja repetir as palavras do primeiro-ministro: emigrem. Mas para os mais velhos, como eu, na alvorada da terceira-idade sem reforma ou com hipóteses de reformas reduzidas para a minha mulher é preocupante saber que poderemos não ter pão para comer nem teto para nos abrigarmos. Busco uma réstia de otimismo e não a encontro no país, e na maior parte do mundo ocidental, empenhados nesta espiral autodestrutiva do lucro, ganância, especulação e dinheiro a todo o custo. Resta saber o que as potências emergentes como a China e Índia irão fazer enquanto o grande império ocidental se desmoronar.

Há muito que escrevi sobre o fim da Europa como a conhecemos, envelhecida, islamiçada, tiranizada há uns anos pela germânica Angela Merkel na sua tentativa de construção do 3º Reich enquanto os EUA caminham também a passos largos para a sua irrelevância nas próximas décadas. A escravização dos povos nesta era da NOM (nova ordem mundial) assemelha-se à Revolução Industrial, mas enquanto naquela a riqueza se produzia e era

reinvestida agora não é produzida e é meramente utilizada em especulação improdutiva com o intuito de escravizar as vítimas do sistema bancário que todos os governos parecem querer salvar para prevenir a sua pele e o seu dinheiro...

Um círculo vicioso de morte, miséria e que - mais cedo ou mais tarde - irá conduzir a guerras civis, convulsões sociais graves, repressão policial, manipulação e mudanças geopolíticas de vulto. Há quem diga que os dias não correm a favor de nacionalismos independentistas, antes se caminha rumo à aglutinação forçada, mas duvido que assim seja....

Creio mesmo que com esta crise se caminha para uma nova pulverização de velhos ódios tribais europeus e uma balcanização de alguns estados. Um novo tipo de guerra sem se dispararem tiros, os mortos e estropiados são-no pela fome, miséria, sem-abrigo e desemprego, da exploração desenfreada da Banca mundial. Mas mesmo assim ainda não me queixo, com a crise mais gente tem precisado de traduzir documentação para ir para a Austrália. O 17º colóquio na Lagoa em abril foi um sucesso com 9 escritores açorianos presentes ou representados, acabei a tradução de mais um livro de um autor açoriano, o Governo australiano está a investir fortemente em África e precisa dos meus serviços e a sobrevivência está garantida até ao natal.

Tudo isto partindo do princípio que não acredito no fim do mundo preconizado pelo calendário Maia, tal como não acredito nas previsões da ex-professora primária e atual astróloga Maya...nem me deixo afetar pelas rivalidades entre a Lomba e a Maia...e o facto de a minha mulher ter sido professora na Maia (arredores do Porto e nos Açores), a minha mãe foi professora na Maia (Vermoim) e a minha irmã professora foi na Maia ...”Maiais everywhere” como dizia a minha filha Vanessa Ingrid quando era mais pequena e misturava as duas línguas...

MAIA²⁰³ a zona onde atualmente se encontra o município é povoada há milénios, tendo sido encontrados vestígios que datam do Paleolítico. Em muitos dos montes da região existiram povoados, da Idade do Ferro. Atraídos pela riqueza dos solos e a abundância de recursos, os romanos também deixaram aqui as marcas visíveis da sua ocupação. Em meados do século XIII, o julgado maiato estendia-se desde a cidade do Porto até ao Ave e do mar até às serras.

Em 1304, no entanto, as Terras da Maia foram integradas no termo do Porto, perdendo a autonomia administrativa e política. Em 1360, foram instituídos os primeiros donatários na região e, nesse ano, D. Pedro I doou o senhorio da Azurara, com o julgado da Maia, ao infante D. Dinis, seu filho.

A história deste município está, também, intimamente ligada à fundação da nacionalidade. Alguns autores defendem mesmo que o Príncipe Afonso Henriques terá sido aqui educado, junto à família dos Mendes da Maia, a que pertenciam o arcebispo de Braga, D. Paio Mendes e o famoso guerreiro Gonçalo Mendes da Maia, o “Lidador”, assim chamado por ter entrado em constantes lutas destemidas contra os sarracenos. Na época dos Descobrimentos, saíram da Maia, tecidas com as matérias-primas dos linhares locais, grande parte das velas que equiparam as caravelas portuguesas.

No início do século XVI, coube a D. Manuel I conceder o foral, que previa as rendas e os foros a pagar aos donatários dos Reguengos da Maia, bem como a forma de exercer as penas e justiça mais comuns. Entre os anos de 1700 e 1836, o concelho era composto por 44 freguesias e englobava toda a faixa marítima entre o Leça e o Ave. Com as reformas administrativas iniciadas em 1836, transformou-se num município autónomo, mas reduzido em área e em freguesias.

Em 1857, chegou mesmo a ser extinto e foi necessário esperar até 1868 para que fosse restaurado. No século XIX, a Maia foi atravessada, em 1809, pelo exército napoleónico do duque da Dalmácia, o marechal Soult, que de Braga se dirigia para o Porto. Nos anos agitados das lutas liberais foi também, entre 1832 e 1834, palco de lutas sangrentas entre absolutistas e liberais.

Após a proclamação da República, em 1910, a Maia (elevada a vila no ano de 1902) teve por algum tempo, como administrador, o filósofo tribuno Leonardo Coimbra. No dia 23 de agosto de 1986, a Maia foi, finalmente, elevada à categoria de cidade. As freguesias da Maia são as seguintes: Torre do Lidador, um dos edifícios mais altos de Portugal - Avenida Visconde de Barreiros, Águas Santas, Barca, Folgosa, Gemunde, Gondim, Gueifães (íntegra parte de cidade da Maia), Maia (parte da cidade da Maia), Milheirós, Moreira, Nogueira, Pedrouços, Santa Maria de Avioso, São Pedro de Avioso, São Pedro Fins, Silva Escura, Vermoim (parte da cidade da Maia), Vila Nova da Telha. O Aeroporto Internacional Francisco Sá Carneiro fica em Pedras Rubras, na freguesia de Moreira. Cultura: A Maia é considerada como um importante centro cultural na região sendo de realçar variadas atividades ligadas ao teatro, à música, às artes plásticas e às tradições locais como as manifestações etnográficas visíveis nas festas religiosas que se realizam ao longo do ano.

Também o Jardim Zoológico, o único do norte devidamente organizado, é ponto de encontro para muitos visitantes. Anualmente, a cidade recebe no Fórum da Maia o Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia e a exposição mundial da World Press Photo. Património: Igreja de Águas Santas ou Igreja de Nossa Senhora do Ó - Monumento Nacional do século XII. Possui duas naves com soluções diversas e é tida como uma igreja românica. Mosteiro do Divino Salvador de Moreira - Monumento Nacional, remontando a sua existência a 862. É tido como um templo maneirista. Marco Milário - monumento nacional na freguesia de S. Pedro de Avioso e faz parte de uma série de oito marcos milários pertencentes à Via XVI (Bracara - Olisipo). Personalidades:

Fernando Campos é um escritor português nascido em Águas Santas, em 1924.

Fernando Teixeira dos Santos, economista e ex-ministro das finanças, nascido em Moreira em 1951.

Gonçalo Mendes da Maia, o "Lidador", nascido na Maia em 1079.

Abu-Nazr Lovesendes ou Aboazar Lovesendes (938 -?) Senhor da Maia. Trastamiro Aboazar, filho de Abu-Nazr Lovesendes é tido como o 1º senhor oficial da Maia.

Gonçalo Trastamires, 2º senhor da Maia e um dos conquistadores de Montemor, nasceu no ano 1000 e faleceu nesta localidade em 1 de setembro de 1039.

Frumarico Aboazar, Senhor medieval da Maia.

Mendo Gonçalves da Maia (1020-1065).



118. 118. CRÓNICA 118 LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? julho 15 2012

118.1. POESIA POR TIMOR

Vou começar com uma curta série de poemas inéditos dedicados a Timor:

547. ELEIÇÕES SEM LIÇÕES EM TIMOR, 8 julho 2012

*dili 23 setembro 1973
cheguei hoje a Timor português
a vinda marcará a minha vida para sempre
sem o saber nunca mais nada será igual
o futuro começa hoje e aqui
entrei no tempo da ditadura
sairei na democracia adiada*

*na bagagem guardo sabores,
imagens e odores
sonhos de pátria e amores
divórcios e outras dores
cheguei sem bandeiras nem causas
parti rebelde revolucionário
tinha uma voz e usei-a
tinha pena e escrevi sem parar
pári mais livros que filhos
para bi-beres e mauberes*

*48 anos de longo inverno da ditadura
24 de luta independentista
agora que a Lois vai cheia
e não se passa na seiçal
já maromác se apaziguou
crescem os lafaek nos areais
perdida a riqueza do ai-tassi
gorada a saga do café
resta o ouro negro
para encher bolsos corruptos
sem matar a fome ao timor*

*perdido nas montanhas
sem luz, água ou telefone
repetindo gestos seculares
mascando sempre mascando
o placebo de cal e harecan
mas com direito a voto
para escolher quem o vai explorar
sob a capa diáfana da lei e ordem
do cristianismo animista*

oprimido sim mas enfim livre.

548. QUERIA SER TOKÉ 11 julho 2012

*eu queria ser toké e contar o que vi
desde que partiste em 1975
queria saber falar
dar os nomes os locais e os atos
de todas as atrocidades, violência e mortes
que testemunhei mudo na minha parede*

*eu queria ser toké e escrever tudo
queria contar o que não querem que se saiba
queria contar o que não queriam que se visse
queria contar os gritos que ninguém ouviu*

*queria ser água e apagar os fogos
que extinguiram a nossa história
como se não fora possível reconstruí-la*

*queria ser pássaro e levar nas asas
todos os que foram chacinados
violados, torturados e obnubilados
voar com as crianças que morreram de fome
as mulheres tornadas estéreis*

*tanta coisa que queria dar-te Timor
e não posso senão escrever palavras
lembrar teu passado heroico
sonhar futuros ao teu lado*

549. ALUCINAÇÃO NA AREIA BRANCA (TIMOR) 11 julho 2012

*era maio em 1975
havia luar na areia branca
sem ondas na ressaca
caranguejos azuis na fina areia
baratas voadoras à frente dos faróis
eram pequenos os lafaek e raros
quase se ouviam os corais a falar*

*ao longe sem luzes em dili
o escuro dos montes*

*entre nós e o ataúro
deslizavam barcos espiões
antecipavam a komodo
ensaivavam invasões*

*corri a alertar
ninguém quis ouvir
escrevi e denunciei
chamaram-me alucinado
nunca imaginei o genocídio*

550. TIMOR NAS ALTURAS 15 julho 2012

*queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores*

*queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos*

*queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquiçá
beber o café de ermera
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales
sussurrar por entre as folhas do arvoreda
navegar nos seus beiros
rumar ao ataúro e ao jaco
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax*

*a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu*

551. LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? 16 julho 2012

*confesso sem vergonha nem temores
hoje os olhos transbordaram
lágrimas em cascata como diques
pior que a lois quando a chove*

*o coração bateu impiedoso
os olhos turvos a mente clara
as mãos trémulas de impotência*

*nas covas e nas valas comuns
muitos se agitaram com a morte gratuita
mais um casal de pais órfão
mais um filho varado às balas
sem razões nem justificações*

*poucas vozes serenas se ouviram
velhos ódios, vinganças acicatadas
o povo dividido como em 1975*

*sem alguém capaz de congregar o povo
sem alguém capaz de governar para todos
sem alguém acima de agendas pessoais
sem alguém acima de partidos*

*temos de ultrapassar agosto 75
udt e fretilin
a invasão indonésia e o genocídio
faça-se ou não justiça
é urgente um passo em frente*

*é urgente alguém com visão
um sonhador, um utópico
um poeta como Xanana já foi
alguém que ame timor
mais do que ama suas crenças
mais do que ama suas ideias
mais do que ama sua família*

talvez mesmo uma mulher

*sensível e meiga
olhar almendrado
pele tisonada
capaz de amar
impulsiva para acreditar
liberta de injustiças passadas
solta de ódios, vinganças e outras
capaz de depor as armas
todas
e liderar.*

O que a seguir se narra parece mais do domínio do irreal (como aliás é frequente em Timor) e nada faria supor que uma proposta minha de uma governação de unidade nacional para Timor despertasse tanta animosidade entre timorenses, portugueses e outros no ciberespaço.

Aqui se dá conta do sucedido, transcrevendo os comentários, mas protegendo a identidade dos que comentaram. Tudo começou em 15 de julho quando noticiei que recomeçara a violência em Timor-Leste.

118.2. INFELIZMENTE RECOMEÇOU A VIOLÊNCIA EM TIMOR... CNRT VAI FORMAR GOVERNO COM PD E FRENTE MUDANÇA

Xanana em vez de fazer um Governo alargado de reconciliação nacional com a Fretilin uniu-se a dois partidos minoritários e o resultado está à vista...

Timor Hau Nian Doben - 15 de julho de 2012

De acordo com o CJITL, o V Governo Constitucional de Timor-Leste será constituído, pelo Congresso Nacional de Reconstrução Timorense (CNRT), Partido Democrático (PD) e pela Frente Mudança. Esta decisão acaba de ser tomada após uma conferência do CNRT realizada hoje no centro de convenções de Díli e que reuniu representantes de treze distritos.

Após tomada a decisão Xanana Gusmão afirmou aos participantes de que, “esta coligação será melhor do que a dos últimos cinco anos” e que ele “exige que este novo Governo sirva melhor o povo e a nação”.

O CNRT foi o partido mais votado nas últimas eleições legislativas obtendo 30 assentos parlamentares, seguido pela Fretilin com 25 e do PD e da Frente Mudança, com oito e dois, respetivamente.

Publicada por TIMOR HAU NIAN DOBEN em 17:30



Smh.com.au - Michael Bachelard July 15, 2012

One person is feared dead as violence erupted in East Timor, apparently prompted by political party Fretilin being excluded from a role in the new governing coalition.

Violence was reported in the capital Díli, as well as the outer districts of Viqueque and Baucau. A number of cars were burned and one person died in the conflict in the Díli suburb of Comoro, outside the headquarters of the ruling CNRT party, a source has said.

The fragile democracy had this year managed a presidential election and a run-off election for president, as well as a parliamentary election without significant violence, but the announcement today by prime minister Xanana Gusmão that he would invite two minor parties into a coalition to form government for the next five years appears to have triggered the violence.

Hopes were high among Fretilin supporters that they might also be invited to join a “government of national unity”.

But Mr Gusmão dashed those hopes at a special meeting of his national congress for Timorese reconstruction in Comoro, Díli, announcing he would govern with the democratic party and a new breakaway from Fretilin, Frente Mudanca.

Sources suggested that the violence had been triggered by one of the CNRT delegates at the meeting who strongly criticised the leaders and members of Fretilin, which has spent the past five years in opposition.

A source told Fairfax that houses owned by CNRT figures in some of the outer districts may have been torched, but this is unconfirmed.

East Timor was wracked by violence in 2006 and again in 2007, prompting Australian and united nations forces to move into the country to help keep the peace.

The latest outbreak may jeopardise their plans to leave at the end of this year, once the new government was bedded down.

in last week's election, Mr Gusmão's party increased its vote from 24 per cent in 2007 to 36 per cent. Fretilin received 30 per of the vote and 25 seats, PD (democratic party) - backed by outgoing president José Ramos Horta - gained 10 per cent and eight seats and Frente-Mudanca 3 per cent and two seats.

The CNRT's general secretary said forming a coalition with PD and Frente-Mudanca was in the best interest of stable government.

A Fretilin MP, Estanislau da Silva, said earlier he was not disappointed by yesterday's decision. "we would have liked to contribute," he said. "we have experience. but that is their decision."

The vote and negotiations were seen as a vital test of whether the 1300 un peacekeepers can withdraw from the country. they are expected to leave at the end of the year.

with Mouzinho Lopes and Joyce Morgan. Timor Hau Nian Doben em 22:09

118.3. DÍLI: GNR TEVE DE INTERVIR EM CONFRONTOS ENTRE FAÇÕES POLÍTICAS.



Houve apedrejamentos, cortes de estradas, carros queimados e alguns feridos sem gravidade, por:
TVI 24 15- 7- 2012 15: 53

Divergências entre fações políticas timorenses culminaram este domingo em apedrejamentos, cortes de estradas, carros queimados e alguns ferimentos sem gravidade em Díli, Viqueque e Baucau, revelou à Lusa o comandante Barradas do subagrupamento alfa, em Díli.

De acordo com a Lusa, os incidentes terão sido suscitados após o anúncio de que a Fretilin não faria parte da coligação governamental que está a ser formada, na sequência das eleições legislativas realizadas a 7 de julho, em que o CNRT, de Xanana Gusmão, venceu, mas sem maioria absoluta.

Os incidentes tiveram lugar por volta das 19:00 em Díli (11:00 em Lisboa), obrigando à intervenção das autoridades policiais, com o envolvimento dos militares portugueses da GNR.

Pelas 23:00 em Díli a situação estava «pacificada», mantendo-se o patrulhamento da polícia timorense, apoiada pelos militares portugueses da GNR, adiantou à Lusa o comandante Barradas.

O partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as legislativas timorenses, decidiu convidar o PD e a Frente Mudança para formar o próximo Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin, segundo fonte oficial.

118.4. Distúrbios resultam de "atitude irresponsável" do CNRT - Mari Alkatiri 16 de julho de 2012, 15:29

Macau, China, 16 jul (Lusa) - os distúrbios em Timor-Leste praticados por alegados membros da Fretilin "não são feitos em nome" do partido, são "consequência de uma atitude irresponsável do CNRT e de alguns dos seus membros", afirmou hoje à agência Lusa Mari Alkatiri.

Segundo o secretário-geral da Fretilin, "os atos criminosos não têm nada a ver com a organização. A qualidade das pessoas é uma coisa, os atos das pessoas são outra coisa", disse o mesmo responsável, ao salientar que ninguém pratica distúrbios em nome da Fretilin.

Num contacto telefónico feito pela Lusa a partir de Macau, Mari Alkatiri, secretário-geral da Fretilin, salientou, contudo, que a reação das pessoas é uma resposta à "atitude irresponsável do partido CNRT e dos seus membros".

"Utilizaram os canais oficiais para fazerem uma conferência em direto e fazerem quase um julgamento público à Fretilin", disse Mari Alkatiri, ao sublinhar que publicamente os membros do Conselho Nacional Da Reconstrução Timorense (CNRT) acusam a Fretilin de "não contribuir para a paz e outras coisas".

"Isto é um ato irresponsável que teve lugar numa conferência do partido" e que depois gerou "reações espontâneas de pessoas e não da organização", assinalou.

Mari Alkatiri disse também ter já falado com o presidente da República, Taur Matan Ruak, e com um colaborador do primeiro-ministro, Xanana Gusmão, "apelando a que assumam uma postura que acalme as pessoas".

Com lugar garantido na oposição depois do Conselho Nacional Da Reconstrução Timorense ter decidido convidar o Partido Democrático e a Frente Mudança para formar um Governo maioritário, Mari Alkatiri garante "respeitar totalmente o resultado eleitoral", mas diz que a oposição do país nunca passou de cosmética. "Eles dizem que querem uma oposição forte, mas é cosmética, porque o Governo nos últimos cinco anos nunca respeitou a oposição", concluiu.

Ara/jcs. Lusa/fim

Chrys Chrystello comenta:

A realidade timorense é o que nós sabemos que ela é, e a acreditar naqueles que dizem que a não compreendem é perpetuar a cega obediência a cores partidárias, neste caso os

que dizem que Xanana é um santo e Mari o diabo, e os outros são anjos bons ou maus conforme os partidos.

O mesmo esquema que vem desde 1975 de divisão do povo entre os que apoiam a, b, c e nenhum que queira congregar todo o povo e governar para ele - povo - e não para os interesses e agendas pessoais de cada um e de cada partido.

Quando como poeta e crente em utopias propugno que se reúna um Governo de unidade nacional a para acabar com as divisões que vêm de 1975 dizem que, de facto, não conheço a realidade (artificialmente imposta) timorense.

Enquanto não ultrapassarmos o golpe de Estado da UDT, do meu querido e saudoso João Carrascalão, e a brutalidade da Fretilin que se seguiu antes do genocídio indonésio, nada se pode fazer...

Não peço que esqueçam, nem sequer peço já justiça pois ela nunca chegaria a tempo de tantos que morreram em vão, peço apenas que entendam que Timor não é um Estado falhado mas pode não ter o futuro que todos desejam se continuarmos com a mesma matriz tribalista que existe há séculos (ver meu vol 2 da trilogia de Timor, <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>).

É necessário um passo para a frente e isso está reservado aos que têm visão, aos que sonham e aos que acreditam e não aos que vivem amarrados em injustiças passadas, velhos ódios, vinganças por realizar e outras quejandas...

118.5. OS INFANTILMENTE PREVISÍVEIS ADVERSÁRIOS DE XANANA GUSMÃO, por António Veríssimo segunda-feira, 16 de julho de 2012,

No ponto geográfico onde o sol se põe, naquilo a que chamam ocidente, creio que todos adormecemos julgando que os distúrbios ocorridos ontem em Timor-Leste estavam dominados e que nesta manhã daquele país tudo acordaria com a ressaca de uma tarde-noite violenta, mas em paz.

Assim parece não estar a acontecer.

Poderei afirmar que estou quase virgem sobre as notícias ou e-mails que hoje me põe a par da situação em Díli e noutras localidades onde existiram e existem confrontos violentos.

Bastou-me ler que já se regista um morto para ficar com o dia estragado, com a tristeza e a revolta que muitos de nós, pacifistas e democráticos amantes de Timor-Leste, sempre experimentamos quando a violência estala no país.

Em tempos idos eram a ansiedade e tristeza coladas à impotência que morava connosco até no subconsciente por via das atrocidades das forças ocupantes indonésias.

Agora, e de há tempos a esta parte, talvez a tristeza seja maior porque são timorenses os carrascos dos próprios timorenses.

Para mim e para muitos de nós não importam as suas cores partidárias, importa que não está certo e que por não valorizarem a vida comportam-se como as odiosas forças indonésias ocupantes do país durante mais de duas décadas.

Irmãos contra irmãos por razões nunca suficientemente justificativas para matarem, esfolarem, incendiarem, ferirem, apedrejarem....

Quem se julgam? O que defendem? Quem apoiam? Apoiam o caos, a vossa miséria, e mais nada.

A irracionalidade regressou a Timor-Leste. Atiram-se culpas para este e aquele. Fala-se sobre quem provocou os primeiros "acordes" da violência.

Diz-se que foi o CNRT, que foi Xanana. Mas onde está a novidade?

Todos sabemos que Xanana Gusmão é mestre em fazer o mal e a caramunha.

Em organizar um golpe e convencer de que foram outros que o fizeram, em dividir os timorenses em lorosaes e loromonus por lhe convir essa divisão e as ações de violência consequentes, em fazer-se vítima de atentados quando estruturou mais uma boa farsa...

E todos caem infantilmente naquilo que Xanana Gusmão semeia: a discórdia seguida de violência, de destruições e mortes.

"Caem sempre na esparrela montada por Xanana" disseram-me ontem de Timor-Leste.

*Desculpem, meus caros adeptos da violência: mas vocês são parvos ou o que são?
Depois de quase 10 anos de vivência mais ou menos democrática não há justificação possível para ter reações como as de ontem e de hoje, pelo que mal li e sei.
A violência não serve a ninguém, muito menos à Fretilin.
Não há desculpa para a existência de violência exceto a que seja imprescindível para nossa defesa, para vossa defesa, para a defesa de qualquer pessoa ou organização física e violentamente atacada.
E mesmo assim deve ser aplicada com conta, peso e medida.
Preferencialmente com todo o respeito que devemos ao direito à vida animal e humana.
A violência prossegue em Timor-Leste.
É o que vi de relance.
É o que a seguir terei por destino inteirar-me...
Basta! Não façam o jogo desse homem malvado e de seus associados, que não olham a meios para atingirem os seus objetivos.
Exatamente por fazerem o jogo deles é que Gusmão e os seus andam gordos e anafados e quase todos os outros com fome e a sobreviverem à míngua.
Deixem de ser tão infantis, tão primários, tão previsíveis aos olhos dos vossos adversários e inimigos. Respondam-lhe adequadamente no quadro institucional e democrático.
Basta!
Este é um “déjà-vu” estéril e cansativo.*

118.6. EMBAIXADOR DE PORTUGAL RENOVA CONSELHO PARA SE EVITAREM “DESLOCAÇÕES DESNECESSÁRIAS” À NOITE 16 de julho de 2012, 20:08

Díli, 15 jul (Lusa) - o embaixador de Portugal em Timor-Leste, Luís Barreira De Sousa, renovou hoje o conselho aos portugueses em Díli para que “evitem deslocações desnecessárias”, após distúrbios na noite de domingo de que resultou um morto e vários feridos.

Numa mensagem escrita enviada por telemóvel ao final da tarde de hoje em Díli (manhã em Lisboa), o embaixador adianta que “os incidentes diminuirão”, mas acrescenta que “esta noite os que vivem em Díli deverão ainda evitar deslocações desnecessárias”.

Esta é a segunda mensagem enviada pelo embaixador Luís Barreira De Sousa à comunidade portuguesa de Díli e surge na sequência de distúrbios que provocaram a destruição de 58 carros e ferimentos em “três ou quatro” pessoas, uma das quais acabaria por morrer no hospital.

Os distúrbios ocorreram depois de o partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as eleições legislativas de 07 de julho, ter convidado os dois partidos que elegeram menos deputados para formar Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin, o segundo partido mais votado pelos timorenses.

Os incidentes ocorreram cerca das 19:00 de domingo em Díli (11:00 em Lisboa), obrigando à intervenção das autoridades policiais.

Pelas 23:00 (15:00 em Lisboa), a situação estava “pacificada”, mantendo-se o patrulhamento da polícia timorense, apoiada pelos militares portugueses da GNR.

Lusa / fim

118.7. TIMOR-LESTE: POLÍCIA DETEVE CINCO PESSOAS DESDE O FINAL DA TARDE DE DOMINGO

jcs - Lusa

Macau, China, 16 jul (Lusa) - a polícia nacional de Timor-Leste deteve, desde o final da tarde de domingo, cinco pessoas alegadamente envolvidas em ações de desestabilização social no país, disse à agência Lusa o comandante da polícia, Longinhos Monteiro.

Num contacto telefónico feito a partir de Macau, Longinhos Monteiro explicou que na noite de domingo foram detidas duas pessoas e que já hoje de manhã outros três indivíduos que estarão envolvidos nos distúrbios que começaram após o conselho nacional da reconstrução de Timor-Leste (CNRT), o partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as legislativas timorenses, ter anunciado ter convidado o PD e a Frente Mudança para formar o próximo Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin.



Longinhos Monteiro disse também que os distúrbios, que classificou como “atos criminais” estão a ser perpetrados por “militantes ou apoiantes da Fretilin” que demonstram a sua “insatisfação com violência e anarquismo”.

Mas, sublinhou, a polícia está no terreno para manter a tranquilidade e a ordem pública, e “nenhum país democrático aceita a violência e o anarquismo como parte do jogo político”.

Desde o final da tarde de domingo, Longinhos Monteiro identificou também 63 viaturas do Governo destruídas ou com danos, “entre os quais cinco carros da polícia”, e cinco polícias feridos nos confrontos.

Apesar de sublinhar “ser seguro” andar nas ruas da capital, onde a polícia está pronta a intervir em qualquer cenário, Longinhos Monteiro apelou à população para se manter em casa dado que os distúrbios são provocados por pessoas que atacam tudo o que não seja do partido (Fretilin).

“Para eles o alvo é tudo o que não é do partido”, disse.

Publicada por página global em 13:19

4 comentários:

Anónimo disse... 16 julho de 2012 15:25

Quanto à violência em Díli, um responsável e credível membro do CNRT, Dionísio Babo, afirma:

«Um grupo de jovens estiveram nas ruas a apedrejar carros e, segundo a informação da polícia, houve 58 carros que foram destruídos e três ou quatro pessoas que foram hospitalizadas, mas a situação em geral está calma...esse grupo de jovens saiu para a rua e começou a fazer distúrbios”, afirmou.

Quanto ao mesmo assunto o irresponsável, tendencioso, ex-PGR e agora, convenientemente diretor nacional da PNTL, disse também que os distúrbios, que classificou como “atos criminais” estão a ser perpetrados por “militantes ou apoiantes da Fretilin” que demonstram a sua “insatisfação com violência e anarquismo”.

O Sr. Longinhos Monteiro como ex-PGR tem a obrigação de saber e sabe, que a sua função atual é manutenção da ordem pública, pois os julgamentos e acusações são, ou melhor eram as suas anteriores competências.

Como sabe das suas atribuições e competências a única conclusão que se pode tirar é a de que o Sr. Diretor da PNTL está a ser tendencioso e em vez de manter a ordem pública está a provocar a desordem pública nacional, a atizar os “ódios” e destruição do país.

Enfim a história repete-se com as “mesmas estórias e os mesmos atores e autores” ...

De uma vez por todos cumpra os seus deveres ou pelo menos seja honesto e mantenha a “ordem...” Ou demita-se.

anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:01

Temos de ser claros para o mundo: tudo o que esta a acontecer em díli, capital de Timor-Leste, e culpa do CNRT de Xanana Gusmão.

É culpa do Xanana, atual PM de Timor-Leste! Como é que num país que se diz democrático, um partido político paga para ter tempo de antena durante quase todo o dia, para que os seus militantes possam atacar o maior partido da oposição, Fretilin, insultando os seus militantes e simpatizantes e, ferindo a sua dignidade!?! Isso é logicamente uma clara provocação. ...

Mesmo que haja só uma vida que se perde em Timor, ela é demasiado preciosa, e não depende da vontade de Xanana Gusmão ou do seu comandante geral da polícia nacional, Longinhos Monteiro!

16 de julho de 2012 16:01

Anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:07

Apoio! A vida é um dom de deus e não esta nas mãos do Xanana ou do longinhos disporem das vidas dos timorenses.

Pertence a deus dispor das nossas vidas!

Hoje em Timor a vida dos nossos cidadãos já não tem preço, e valor!

Cada morte e mais um número para as estatísticas da ministra Emília Pires.

E o Xanana devia ter vergonha, pois já não consegue ser o unificador das vontades e o aglutinador das aspirações do povo de Timor-Leste.

Ao seu redor abundam os corruptos, os pró-indonésios e os oportunistas.

Timorenses, chegou a hora de limpamos Timor da gente desta laia!

Viva a revolução! Abaixo Xanana Gusmão!

... anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:16

O problema é que a Fretilin não consegue sobreviver sem cargos públicos.

Xanana acerta em não convidar a Fretilin que já deu provas que não tem cultura democrática nem temperamento para ser oposição consequente.

Cadeia para esses baderneiros!!

Enquanto isto acontecia nalguns grupos do Facebook os ânimos exaltavam-se...

*Egdo - É de lamentar. Sunday July 15 - JULY 15 at 13:42 ·
Ac - Não eclodiu em Timor!
Em algumas zonas, sim.
E espero que rapidamente tudo volte ao normal!
Sunday July 15 - at 13:43 ·*

*Cezb - Governo alargado? Com o rival que perdeu? Ficou em 2º lugar?
Quem tem que decidir é a CNRT e mais ninguém!
Não misturem alhos com bugalhos! Estamos numa Democracia! Não ao fanatismo radical!
Sunday July 15 - at 13:59 ·*

*Jmlp - Infelizmente isto aconteceu, mas, a mim, não me espanta.
Estes senhores da Fretilin têm um longo historial de violência que já remonta a 1975.
Eu tenho vindo a focar as atrocidades por eles cometidas que incluem a chacina de grandes timorenses e outras pessoas gradas, só porque tinham opinião diferente à da sua ideologia.
Há 37 anos estes factos, embora, não se aceitassem, podia dizer-se que ninguém sabia o que era democracia, enfim, podia arranjar-se as desculpas que se entendesse.
Mas, agora já não há desculpas.
O PSD não fez coligação com o CDS? Será que as coligações não poderão democraticamente ser escolhidas?
Ou será que o forte da Fretilin é oposição à catanada ou bombardear zonas neutras, como a ponte de cais em agosto de 75 com o custo de vidas inocentes?
Eu sei que muitos de vocês que irão ler estas minhas palavras que me saem do coração (timorenses, portugueses e não só) não concordam com o que digo e eu aceito.
De certeza que não me vão chamar nomes ou atirar tiros, como fizeram ao meu carro em agosto de 75, mas, desculpem, eu tenho uma memória ainda viva e razoável e de vez em quando lá vêm à tona algumas destas peripécias.
Perdoem os que não gostarem.
Não leiam, mas não desdenhem da Democracia.
Sunday July 15 - at 14:10 ·*

*Ac - em 2007 quem ganhou foi a Fretilin e não foi para o Governo, lembras-te?
Pela interpretação do artigo 106º da nossa Constituição formou-se um Governo de coligação.
Ou seja, nem sempre quem ganha, manda!
Foi uma coligação ou aliança pós-eleitoral.
Sunday July 15 - at 14:28 ·*

*Chrys Chrystello - obrigado, lá está o que se discutia há horas nesta ou noutra lista sobre a história de Timor e a necessidade de ela ser ensinada urgentemente...
Sunday July 15 - at 14:41 ·*

*Aa - Xanana tinha de formar um Governo maioritário.
A Fretilin desde cedo que se pôs de parte nessa hipótese.
Restava aliar-se a partidos mais pequenos.
Tudo normal.
A violência e o mau perder é que não estavam nos planos.
Sunday July 15 - at 15:11 ·*

Chrys Chrystello - o que era preciso era consolidar a paz...agora que a ONU sai...basta de violência! Sunday July 15 - at 15:15 ·

*Af - É como se há 1 ano o PS quisesse, à força, entrar no Governo do PSD...
Agora, como há 38 anos, a rapaziada da Fretilin não sabe o que é "democracia".
E isso entristece-me. Conheci-os todos.
Em 1974, assisti à mudança da ASDT para Fretilin, tenho o livrinho decalcado do manual do PAIGC, ouvi programas de rádio em que se apelava aos militares para que tomassem conta dos quartéis e paióis, estranhei a não-ida à Cimeira de Macau (o único elemento lúcido não estava em Timor), e já em Lisboa revoltei-me quando soube do assassinato do meu amigo Aquiles Soares, que em matéria de patriotismo nenhum lhe chegava aos calcanhares.
Depois houve Aileu, e sabe-se lá mais o quê.
Parece que o paradigma não mudou.
Os novos são iguais...
É a sombra que mancha a imagem que eu tenho e quero conservar, de Timor e do seu povo.
Só não conheci Xanana.
Mas sei quem é. Força, Xanana, CNRT mak manaan!
Sunday July 15 - at 16:40 ·*

*Hb - Dado o potencial de violência cabe à Fretilin o bom senso de apelar à calma.
Ainda são as dores de um jovem país.
Sunday July 15 - at 16:52*

*Db - Que se saiba foi o CNRT que ganhou as eleições e muito justamente foi convidado a formar Governo.
Aliou-se a quem achava que lhe dava condições para governar (PD e Frente Mudança).
Não acatar esta decisão é falta de humildade democrática em aceitar os resultados eleitorais onde o povo escolheu de forma soberana os seus representantes.
Sunday July 15 - at 17:18*

*Mefm - 1975 Timorenses e Portugueses!
É verdade e lamento (por Timor e pelos Timorenses, o que está acontecendo).
A violência dá cabo de um País!
É pena que não o entendam.
Um Timor tão bonito, de gentes empreendedoras, capazes e lindas.
Que mais esta ferida seja sanada!
Que a Paz volte para todos e que Timor possa caminhar em Democracia, rumo ao Progresso e Desenvolvimento.
Sunday July 15 - at 17:23*

*Rmb - estava em Timor em 11 de agosto de 1975?
Se sim acho que você viu tudo só com uma vista!
Foi aqui que começou a violência e de que maneira!
Estava lá, peguei em armas e fiz parte daquilo que a sua outra vista não vê ou não quer ver!
Infelizmente aquilo que nós queríamos fazer não bateu certo!
Hoje lamento tudo o sucedido, mas também acho que a culpa é de todos nós Timorenses!
Sunday July 15 - at 20:44*

*Aa - reconheço que não tinha lido estas últimas notícias da Fretilin.
Mas eu baseei-me nas declarações anteriores aos resultados eleitorais, em que diziam que se vencessem não fariam alianças para o Governo.
Depois da derrota, então sim pareciam interessados em participar no Governo, o que seria bom.
Mas as divergências políticas são muitas para isso ser possível.
Sunday July 15 - at 21:29*

*Jfgt - O meu comentário referia: De acordo com o Repórter da RTP em Díli a "agitação" começou depois de apedrejarem a Sede do Comité Central da Fretilin... (e que não venham dizer que são simpatizantes desse partido...como já alguém aqui me tentou fazer crer há uns tempos atrás) ...
Sunday July 15 - at 22:53*

*Jfgt - Já agora informo que logo que vi estas notícias peguei no telefone e falei para Díli, uma das informações que me deram é que o Congresso do CNRT realizado neste fim de semana foi transmitido pela televisão... e que o mesmo congresso foi um "enxovalhar" da Fretilin...
Uma autêntica "caça às bruxas" ...
E mais comentários não faço...que cada um tire as suas conclusões!
Sunday July 15 - at 22:57*

*Jmlp - Amigo, o que eu escrevi foi o que eu vi e vivi, com os dois olhos que, graças a Deus ainda preservo.
Queres-me dizer que as chacinas e o ódio não existiram em 1975?
Terei que repetir os nomes dos mártires que pereceram às mãos da Fretilin?
Quero-te recordar que o José Alexandre Gusmão, hoje conhecido por Xanana, era Fretilin, bem como o Ramos Horta.
Mas adiante. Também dizes que não foi verdade os bombardeamentos à Ponte Cais, considerada pelos beligerantes, como zona neutra?
Eu estava lá nessa altura e também a 11 de agosto.
Mais detalhes desses bombardeamentos.
Um dos rockets destruiu um helicóptero da força aérea portuguesa estacionado do lado esquerdo a seguir aos armazéns e matou pelo menos uma criança.
Vi uma mãe de volta dessa menina, fechar-lhe os olhos e virou-se para mim e disse "coitadinha, ainda estava viva e dei-lhe a extrema-unção."
Tu não viste, mas o meu Datsun 100A, que deixei à entrada do cais tinha vários buracos de balas na embalagem.
Teriam sido dirigidos a quem?
-Volto a dizer-te que tudo isto foi visto e presenciado com os meus 2 olhos.
De politiquices e bastidores nunca percebi nem muito nem pouco e continuo a não perceber.
Não tenho formação política, mas tenho o dom de poder dar uma opinião e espero que percebas que tento ser coerente com as minhas opiniões.*

Compreendes o que quero dizer, ou terei que explicar não sou um vira casacas.

Independentemente do que pudesse ser melhor ou pior para Timor e é isto, R o que está em causa, o partido vencedor, uma vez convidado para formar Governo tem todo o direito DEMOCRÁTICO de escolher os seus parceiros de coligação com os quais terão que ter uma maior afinidade.

E, quanto a isto "potatos". Viva a Democracia, viva a Liberdade, fora com os opressores, viva meu amado Timor que parece ter nascido para não ser feliz, apesar da sua beleza.

Sunday July 15 -

· Rmb - acho que não escrevi o que você detalha!

O que simplesmente queria dizer foi que a violência a que você se refere começou no dia 11 de agosto de 1975 com o golpe da UDT de que eu fazia parte.

Está claro que você não viu o que eu vi ou não quis ver.

Lamento as mortes desnecessárias de ambas as partes, mas temos de ter coragem de aceitar que todos nós fomos culpados!

E isto não quer dizer que mudei de casaca ou de clube de futebol.

Depois de 37 anos na Austrália aprendi muito!

Hoje não voto (em eleições) em caras de quem lidera os partidos políticos porque joguei basquetebol ou bebi umas cervejas com os seus líderes!

Voto sim em Partidos que apresentam os melhores programas de governação para o País!

Acho piada quando se refere ao partido vencedor!

Em 2007 quem foi o vencedor?

Foi convidado a formar Governo?

Está claro que não! Você opôs-se? Está claro que não!

Yesterday at 01:33 ·

Cezb - Sr.! Gostei do seu depoimento!

Só eu é que sei da morte do Aquiles, de Aileu, Maubisse e Same!

Fui eu quem passou as passas do Algarve desde 75 até fins de 77 no mato e depois em Díli até julho de 1983!

Você sabe quem ficou com o Datsun 100 A?

Olhe segundo me contaram ficou com o seu compatriota Mau Lelo!

Este fantoche na prisão do QG insultou e cuspiu para a cara do Maggiolo Gouveia à minha frente.

Tem agora um lugar no Jardim dos Pés Juntos em Santa Cruz. RIP.

Abraços a todos vós! Viva Xanana! Viva CNRT e viva Timor-Leste!

July 16 at 06:19

Af - grato por recordarem o Maj. Maggiolo Gouveia, que eu tive o prazer de conhecer, bem como a família.

Um 'gentleman', um homem coerente.

Teve a sorte do Aquiles.

July 16 at 11:04 ·

Chrys Chrystello - Acabo de escrever isto quando falo sobre um Governo de reconciliação nacional alargado aos principais partidos.

Pretendo com isso a paz presente e futura e a defesa dos interesses da nação timorense e não nos interesses dos partidos, como sempre quem se lixa é o povo.

Por continuarmos com estas clivagens é que ainda não há o progresso e desenvolvimento que deveria haver em Timor....

Há pessoas que continuam agarradas aos vícios de 1975...esperemos que novas gerações ultrapassem isso.

He - De facto, é lamentável não se perceber o que é a realidade timorense.

Yesterday at 11:20 ·

Chrys Chrystello - A realidade timorense é o que nós sabemos que ela é e a acreditar naqueles que dizem que a não compreendo é perpetuar a cegueira obediência a cores partidárias, neste caso os que dizem que Xanana é um santo e Mari o diabo, e os outros são anjos bons ou maus conforme os partidos.

O mesmo esquema que vem desde 1975 de divisão do povo entre os que apoiam a, b, c e nenhum que queira congregar todo o povo e governar para ele - povo - e não para os interesses e agendas pessoais de cada um e de cada partido.

Quando como poeta e crente em utopias propugno que se reúna um Governo de unidade nacional apara acabar com as divisões que vêm de 1975 dizem que de facto não conheço a realidade (artificialmente imposta) timorense.

Enquanto não ultrapassarmos o golpe de Estado da UDT do meu querido e saudoso João Carrascalão, e a brutalidade da Fretilin que se seguiu antes do genocídio indonésio, nada se pode fazer...

Não peço que esqueçam, nem sequer peço já justiça, pois ela nunca chegaria a tempo de tantos que morreram em vão, peço apenas que entendam que Timor não é um Estado falhado, mas pode não ter o futuro que todos desejam se continuarmos com a mesma matriz tribalista (ver meu vol 2 da trilogia da história de Timor) que existe há séculos.

É necessário um passo para a frente e isso está reservado aos que têm visão, aos que sonham e aos que acreditam e não aos que vivem amarrados em injustiças passadas, velhos ódios, vinganças por realizar e outras quejandas...

*A realidade timorense a que se refere é qual?
A de hoje, a de 1975, a de 1999, a de 2002?
É que a realidade timorense muda e vai continuar a mudar...
Grato pelo tempo que vos tirei.
July 16*

*e - Quanto à realidade timorense, é a de todos os tempos, ou melhor, a de hoje, com toda a história que lhe está adjacente...
July 16*

*Chrys Chrystello - não tomo partido por pessoas ou partidos...ou ideologias...o povo timorense tem direito de fazer o que bem entende...
July 16*

Jmlp - A política de Timor pode-se dizer, é de todo incendiária, a julgar pelas opiniões das pessoas e pela forma como cada um defende as suas ideias.

Eu não me julgo um defensor do que quer que seja, por várias razões, sendo a mais evidente a minha falta de conhecimentos e formação política e o meu fraco curriculum académico.

Tenho isso sim, uma vasta experiência de vida acumulada através dos meus já longos 67 anos nos quais se encaixam um mínimo de inteligência, contudo suficiente para poder distinguir o branco do preto ou o verde do amarelo ou ainda a luz do dia da penumbra da noite.

Quero aqui afirmar que fui simpatizante da UDT e que continuo a acreditar nas razões que levaram ao golpe de 11 de agosto e nos princípios que protagonizaram essa ação em relação aos seus motivos e ideais.... As minhas desculpas por qualquer apreciação menos correta que tenha feito em relação ao teu último comentário.

Sou defensor da união entre todos os timorenses e que se deverá procurar e encontrar uma plataforma que abranja ricos e pobres de modo a que todos possam nivelar as suas vidas de uma forma digna e justa, dentro do espírito da Carta das Nações Unidas.

Por outro lado, amigo R, sei também que alguns seguidores da UDT não se comportaram dentro do espírito defendido pela maioria dos seus líderes e assisti até a algumas brutalidades cometidos por apoiantes da UDT, nomeadamente em relação a Fretilins detidos na PM ao ponto de precisarem de proteção para se deslocarem aos sanitários.

July 16

jmlp - Em conflitos de guerra há sempre a tendência para extremismos, uns mais do que outros, mas a Lei também se aplica a esses excessos através de inquirições com o intuito de julgar e condenar os prevaricadores que não deverão de forma alguma ficar impunes.

Foram demasiados os crimes de guerra cometidos e não é por ódio ou por raiva que se devem condenar os culpados, mesmo que isso seja um processo muito longo.

Deve-se fazê-lo em nome da coerência e da justiça.

Os mártires de Timor têm o direito de repousar em paz e, enquanto os facínoras continuarem a, injustamente, respirar o ar puro e a usufruir da liberdade própria dos justos nunca poderão ter sossego nem as suas famílias que ainda hoje choram e penam pela perda injusta dos seus entes queridos levados precocemente. Apelo a todos os timorenses, simpatizantes e amigos de Timor que aceitem a democracia e que unam as suas vozes apelando à Paz naquele País e que dirijam as suas críticas de uma forma construtiva, sustentando sempre as suas ideias de modo a poderem tornar-se uma mais-valia.

Chega de guerras.

Chega de ódios.

Deixem-se de invejas e esqueçam o seu ego, se é que realmente amam Timor da mesma maneira que eu, que orgulhosamente tenho 4 frutos valiosos dessa terra maravilhosa e que, infelizmente continua a ser injustiçada pela maldade dos homens.

July 16

Chrys Chrystello - curioso como propugno a unidade de todos os timorenses e sou atacado com ferocidade que me faz lembrar o sangrento 1975...parece um clubismo pior do que o futebol..., mas as minhas ideias utópicas ou poéticas continuam a ser as mesmas....

Eu amo Timor e todos os timorenses e sou acusado de não acatar os resultados eleitorais, e quando interrogado se esses valores eleitorais não eram os mesmos em 2007...dizem que agora quem manda são os que ganharam...

Afinal quem ama Timor e os timorenses e quer a unidade deles?

Quaisquer que sejam as suas ideias...ou há quem entenda que vale tudo para o partido que ganha e que isso é mais importante do que a unidade nacional?

E a ameaça da Austrália sempre presente (goste-se ou não dele e do seu partido Mari fazia frente aos interesses da Austrália e tentou obter maior compensação dos direitos do petróleo) e os outros interesses regionais que ameaçam a frágil democracia que tem sobrevivido com tropas estrangeiras?

Haja paz e unidade que é a única via para o futuro

July 16

Db - E porque é que o CNRT não havia de coligar-se com quem queria se passava a ter maioria (30 +2+8=40) contra os 25 da Fretilin?

*Qual é a injustiça de tal ato?
Onde é que foi desvirtuada a democracia?
Onde não foi respeitado o direito constitucional?
O que parece é haver défice democrático em algumas mentalidades que ainda não aceitaram a ideia que em Democracia se ganha e se perde.
O Povo é quem mais ordena e o povo manifestou-se em eleições livres pela vitória do CNRT.
Tão simples quanto isto...
15 hours ago ·*

*Chrys Chrystello - mas ninguém pôs isso em causa...até podem governar só ou com um outro parceiro...deviam era não acicatar mais as animosidades já existentes entre os dois grupos que polarizam a sociedade timorense.
Ou eu me engano ou continuará infelizmente a haver incidentes - destes e doutros - como com a polícia e o Reinaldo em 2006....
Ainda ninguém cuidou de tratar as feridas, só puseram Band Aid...e a ferida pode gangrenar...e nessa altura já não há tropas da ONU ou vão chamar o polícia australiano outra vez?*

db - Mas parece-me que aqui os desacetos não começaram do lado de quem ganhou as eleições...antes pelo contrário!

*Chrys Chrystello - lá voltamos ao mesmo, um acicata e o outro responde resultado mais violência e mais um morto em vão...
Desejo paz para os timorenses...não quero ter razão nem vencer, democraticamente ou não, quero é paz para todos, será muito difícil entender o que pretendo?
Fiquem todos com a razão...eu quero ficar em paz com todos os timorenses e os que não querem a paz e causarem desacetos deixem a lei funcionar... termino aqui este assunto que não leva a lado nenhum.
15 hours ago ·*

*aj - Boas tardes ou boas noites sobretudo para Timor-Leste que bem precisa!
Entrei há pouco neste grupo porque ao lê-lo fiquei também com vontade de escrever umas palavrinhas tal era o que se me proporcionava na leitura.
Por isso, pedi a uma pessoa amiga, pela qual tenho o maior respeito, para me adicionar.
E no mesmo encaixe, digo já, não sou dos que mudam de "casaca", portanto e assumidamente se pudesse votar teria votado no CNRT de Xanana Gusmão enquanto Mari Alkatiri estiver à frente da Fretilin, ponto.
Isto é a minha posição, valerá tanto como outra qualquer diferente.
O Sr. Chrys Chrystello diz no post: "Xanana em vez de fazer um Governo alargado de reconciliação nacional com a Fretilin uniu-se a dois partidos minoritários e o resultado está à vista..."
É um facto, aliou-se ao PD e à FM e o resultado está à vista.
À vista, como sempre esteve à vista as ameaças de Mari Alkatiri quando dizia (parece que continua a dizer e pelos vistos até acontece): "só a Fretilin pode criar estabilidade e instabilidade em Timor" ...
Ficou-lhe muito mal isto e pelos vistos deveria assumir as respetivas responsabilidades embora já tenha dito que a violência, esta de ontem, eventualmente exercida por elementos da Fretilin, seja da responsabilidade desses elementos e não da estrutura Fretilin.
Lindo! É bonito.
Talvez assim já seja aceitável a violência.
Por acaso, considero que quem se deve reconciliar com os partidos e com Xanana é a Fretilin, não o inverso por motivos óbvios, sobretudo por motivos históricos.
Quem se tem de reconciliar com o Povo timorense é Mari Alkatiri.
Apenas conluo que é preciso saber perder ganhando ou perdendo mesmo, coisa difícil para aqueles lados visto que a "escola" não é seguramente uma "escola" de Paz!
As palavras e posicionamentos pré-eleições, das Flores, Da Paz, da Harmonia...eram afinal coisas atiradas da boca para fora...repito aqui, para inglês ver.
É bom que se lembre que nas primeiras eleições legislativas para o Parlamento Nacional em 2007, o resultado que dali saiu foi a formação do IV Governo Constitucional da República Democrática de Timor-Leste.
Ao contrário do que foi amplamente assumido pela Fretilin, na altura e durante todo este mandato da AMP, nunca esse partido assumiu como "constitucional" quem a tal, democraticamente, foi chamado a governar.
Fizeram disso bandeira e inicialmente recusaram-se a assumir os lugares que lhe competiam, de Deputados ao Parlamento Nacional.
Como se percebia que o Parlamento Nacional continuaria a funcionar apesar da aberração, reviram essa posição.
Nada de ilegal existia, apenas a teimosia da Fretilin em ter achado que...devia ser chamada a governar. Repete-se a história, não há paciência.
Sem ter conseguido uma maioria estável para o PN devia ser chamada a governar?
Só se fosse mesmo para o Orçamento Geral do Estado não ser aprovado com as implicações posteriores - eleições passados 6 meses, obviamente!
Logo, de estável, nada teria.
Não se pode esquecer os anos em que a Fretilin decidiu sozinha governar e tudo o que durante esse tempo se passou.
Mas isso fica para outra achega.*

Para não se falar que a Fretilin foi Governo, sozinha, sem ter sido sufragada especificamente para esse efeito. De uma Assembleia Constituinte passou para Parlamento Nacional e ponto, siga a marinha.

Portanto, na verdade a Fretilin nunca conseguiu agremiar consensos para levar a bom porto a sua hipotética governação.

Esta é uma realidade!

O "facto" de não terem querido saber ler a própria Constituição, "feita" pelos Srs. Doutores, é de bradar aos céus!

Nela está plasmada a possibilidade de formação de governos maioritários mesmo que o partido mais votado esteja próximo da casa dos 49%...e a Fretilin nem perto esteve para poder ter peso na decisão do Presidente da República (Ramos Horta) para chamar quem tivesse de chamar.

Basta para isso que não consiga que outros partidos se aliem para atingirem a maioria absoluta de lugares no Parlamento Nacional (artigo 106º da Constituição).

Ora foi exatamente isso que aconteceu à Fretilin em 2007 e agora em 2012.

Se há que culpar alguém talvez seja de começar pela própria estratégia da Fretilin que afinal não conseguiu fazer crescer o seu eleitorado a ponto de se encontrar em situação confortável ou que outros partidos a ela se aliassem para conseguir maioria absoluta para governar.

Parece-me demasiado claro para não se perceber.

O PD não quis aliar-se à Fretilin, ponto.

A FM não quis aliar-se à Fretilin, ponto.

O CNRT não quis aliar-se à Fretilin, ponto.

Isto é uma maioria absoluta que a Fretilin, uma vez mais, não quer respeitar?

Que chatice. Então, mas agora ficam chateados pela sua própria incapacidade?

Não se entende ou melhor, como é que se entende que o denominador comum permaneça sem tirar ilações?

Atirando a bola para os outros, como muito bem sabe fazer, Mari Alkatiri ainda não percebeu (?) que enquanto estiver à frente do destino da Fretilin, o destino mais provável será o contínuo definhamento do "partido histórico".

A verdade é pura e dura, a realidade confirma-o.

Basta fazer contas!

No telejornal da RTP 1 das 13h00 (TMG) de ontem, ou me baralhei todo ou ouvi dizer pelo "fantástico" jornalista, primeiro que os distúrbios tinham origem nos do CNRT...para depois, mais tarde, na mesma peça, ouvi-lo dizer que poderiam ser elementos da Fretilin maldispostos com o que havia sido dito dentro do CNRT...vou tentar rever as imagens, mas há algo aqui que anda de cabeça para o ar.

Mari Alkatiri a exigir um pedido de desculpas por terem "enxovalhado" a Fretilin?

Quantos pedidos de desculpas não deve este senhor a outras pessoas e partidos!? Quantos pedidos de desculpa não deve este senhor ao povo timorense?!

Já o fez? Se sim, os meus sinceros parabéns.

Mantenha a postura.

A violência gratuita deve, tout-court, ser tratada à medida da mesma!

Venha ela de onde vier, tenha a forma que tiver!

Quando a violência é utilizada como "arma" de pressão só piora a situação de quem a exerce e de quem a ordena, sendo que quem sofre com isso são, sempre, "os/as outros/as", nunca os seus mentores.

Na capa da defesa em se dizer que voilá: "eis os resultados por Xanana não se ter aliado a Mari" ...apenas tenho a dizer que quem assim pensa longe está de querer o Bem para aquele encantado país e para aquele Povo.

Se não é democraticamente que lá chegam, não será também pela violência que conseguirão atingir os objetivos pois quem mais ordena é o voto e quanto a isso está tudo dito.

Assim vão longe...e longa foi a escrita...

11 hours ago ·

Aa - partindo do princípio de que se está a basear em dados concretos (e acredito que sim) tenho de concordar consigo, mas eu sou português, de nada serve entender ou não a mensagem.

Terão que ser os timorenses a entendê-la.

11 hours ago · Like

aj - entender a mensagem que acabei de escrever?

Julgo que os e as timorenses não precisam de "a" entender, pois sabem muito bem, fazer as suas opções. Ao escrever o que escrevi, foi exatamente no sentido de outras pessoas que se preocupam e gostam de Timor, não ficarem apenas com a versão constantemente injetada...aconteceu isso a muito boa gente quando rebentou a violência de 2006 e se bebia "informação" manipulada com o beneplácito de muito português.

Compreendo as suas palavras, mas insisto: nada há a perder em se perceber o passado, o presente e perspetivar o futuro (que nunca se sabe qual será).

Que são os e as timorenses a decidirem e escolherem as suas opções?

Sem dúvida, não vejo de outro modo.

Digamos que foi um desabafo meu.

10 · hours ago

jcs - Falou muito bem o Sr. pois nunca deveremos justificar atos de violência criminal, isto posso eu dizer, pois salvei-me por um triz da morte no domingo, sem saber porque!

5 hours ago ·

Aj - Caro ..., a violência deve ser denunciada, venha ela de onde vier...caso contrário a permissividade instala-se e como é evidente isso serve designios obscuros.

O que me aflige é as pessoas de bem ficarem em silêncio.

Compreendo a dor, o receio, o medo, mas nenhuma dessas situações se deve instalar, é isso que pretendem alguns.

Não pode ser, denuncie a situação vivida nos órgãos competentes.

Como dizia o Represas... "se uns se calam, gritemos nós".

Basta de violência!

17 jul 14.17

Jmlp - Concordo em absoluto com as suas sábias palavras.

As pessoas não devem, NUNCA, confundir justiça com esquecimento ou "fazer vista grossa". Isso acaba por mostrar conviência e isso é inadmissível.

Também e em minha opinião, os crimes de ontem ou de hoje são sempre de agora e, portanto, nunca deveriam prescrever.

A justiça é uma ciência sempre atualizada e só a Divina é eterna.

17 jul 14.17

as - Lamento profundamente que a violência tenha voltado aos palcos de Timor.

O diálogo e o bom senso são fundamentais para continuar a construir-se a paz que tão dolorosa de conquistar foi para o martirizado povo Timorense.

*rvtvg- Vamos juntos para o bem da estabilidade do nosso país, o que está errado para que continuar assim??
Nossos erros ou os erros dos líderes do povo?*



Chrys Chrystello comenta:

não partilho desta forma de fraternidade da revolução francesa nem de outros similares pós-1975 pois acredito que o povo timorense pode decidir o seu rumo sem mais mortes sec-tárias...

119. 119. CRÓNICA 119 O ÚLTIMO VERÃO 24 julho 2012

A Alemanha prossegue imparável a sua campanha para escravizar a Europa do sul, mas o 4º Reich terá o mesmo fim dos anteriores: a derrota, só que até esse momento muitos de nós morrerão pelo caminho, outros afundar-se-ão na miséria, e disso não falarão as tele-visões...

A fome alastrará e haverá violência, mas o povo português tal como as chocas das tou-radas da minha infância continua «manso», abúlico, anestesiado prossequindo a sua herança feudal de escravo.

Tal como a avestruz que enfiou a sua cabeça na areia porque não era nada com ela ou como a nêspira de Luiz Pacheco que se deixou ficar quieta e calada, à espera que viessem e a comessem.

Confúcio disse «*não tento conhecer as perguntas; tento conhecer as respostas*», mas neste caso fico pior que ele, pois nem tenho perguntas nem respostas. “*Nem sempre chega sorrir, só porque se está vivo.*”

João Franco (Revista Nova Águia, número oito) interroga «*se Portugal ainda existirá no século XXII?*»

- *Dois caminhos estendem-se à nossa frente, a escolha que for feita, determinara a sobrevivência ou o desaparecimento do nosso país.*

Por um lado, estende-se o caminho da perda de soberania, com o conseqüente esboroar de Portugal, diluído numa Europa burocrática e cinzenta, ou numa Ibéria.

Por outro, o caminho de um reerguer nacional, em que Portugal recupere independência, isto é, a capacidade e autonomia de tomar decisões quanto ao seu futuro”.

Não são poucos os que defendem que por detrás da dita «crise da dívida soberana» se encontra um impulso - mais ou menos subterrâneo, mais ou menos intencional - para criar uma «federação europeia», não democrática e totalmente dominada pelas elites económicas e financeiras do norte da Europa.

Até europeístas convictos, como eu, começam a ter dúvidas, bem sei que hoje não existem líderes europeus como aqueles que sonharam com a Europa, mas esta sistemática destruição da unidade europeia a troco de trinta moedas encapuçada numa tirania mundial sem cara, nada augura de bom. Não creio que surjam, do nada, líderes capazes de se oporem a esta oligarquia do lucro sedeadada na América, com agendas secretas de aniquilar a Europa e salvar os seus interesses assentes no dólar.

Convém não esquecer que os EUA estão tão falidos (aliás, dizem-me que estão mais falidos) do que a Europa dos 27, que a sua dívida soberana está quase toda nas mãos dos chineses e por isso a autonomia ou independência norte-americana estão tão comprometidas como a europeia.

Por outro lado, a Europa, de tão envelhecida que está, corre o risco de se tornar deserta de europeus a muito curto prazo, estando já a ser substituída nalguns países por muçulmanos com uma elevada taxa de reprodução, nacionalidade e descendência e que, mais dia, menos dia, passarão a governar essa velha Europa de burca e sharia, embora não se possa dizer isto por ser politicamente incorreto.

Claro que devemos ouvir e calar, como ontem dia 23 de julho de 2012, quando foi anunciado que a ministra dos direitos da mulher e quejandos em Marrocos disse que “*não havia motivo para se preocuparem com as violações das mulheres e o casamento abaixo da idade por que isso não eram problemas da sociedade marroquina*” ...

Nem nos devemos deixar apoquentar por se seguirem normas islâmicas semelhantes às da Idade Média da civilização dita ocidental, quando apedrejaram uma mulher até à morte ou executaram outra no Afeganistão por adultério, o que se veio provar que nem sequer era verdade. Não devemos dizer nada e devemos respeitar essas civilizações e religiões mesmo que continuem a viver na Idade da Pedra dos direitos do homem e sobretudo, da mulher.

Por outro lado, a crise internacional instigada pelos especuladores bancários do ocidente continua a ameaçar os cidadãos europeus com o Medo (do Desemprego, da Recesão, do Caos, etc.) e estes interesses estariam a confrontar os cidadãos, pouco a pouco, com a «inevitabilidade» da entrega dos derradeiros limites de soberania à “união” europeia.

Os pretextos para este falso «federalismo» (que mais justamente deve ser chamado de «nortismo neoliberal», porque assenta no norte da Europa) estão aí, à vista de todos: um sistema fiscal único, abertura total de fronteiras, moeda única, soberanias limitadas e governos «autocráticos», etc.

A Islândia, em 2008 deu-nos a lição de que é preferível deixar os credores perder os seus investimentos especulativos a reduzir pensões, benefícios sociais e criar o caos na sociedade. Em vez de salvar os seus Bancos a todo o custo e sacrificando em seu nome toda a sociedade, a Islândia preferiu deixá-los falir de forma controlada, salvando a economia.

Viriato Soromenho Marques escrevia no DN de 24 de julho de 2012:

A natureza das instituições avalia-se pela sua resiliência às crises. O caráter dos amigos mede-se pela sua capacidade de ficarem ao nosso lado, contra tudo e contra todos, nas horas de perigo e desgraça.

O que está a suceder a Espanha, a mergulhar numa espiral de destruição, revela que a União Económica e Monetária, como está, se tornou uma sala de tortura, condenada a perecer, e que os Estados membros da União Europeia são governados por uma gente pequenina que não percebe que é preciso ajudar os nossos aliados para nos ajudarmos a nós próprios.

O índice IBEX, das maiores empresas espanholas, tem hoje menos valor bolsista do que dívida conjunta dessas empresas. A dívida pública espanhola (e italiana) está a subir em todos os prazos, apesar do incrível pacote de terror económico imposto por Berlim e Bruxelas a Madrid, para a aprovação do empréstimo de cem mil milhões de euros para o setor bancário.

As autonomias, com Valência à cabeça, estão arruinadas.

O cínico Weidmann, o Torquemada monetarista à frente do Bundesbank, aconselhou Espanha a pedir um «resgate completo». Suprema crueldade! O FEEF está reduzido a trocos e o MEE está na mesa do Tribunal Constitucional Alemão, sob observação, pelo menos até 12 de setembro...

O BCE nunca mais fez compras no mercado secundário.

Prometer o que não se tem é o máximo insulto a quem precisa...

Reina o silêncio dos cobardes na maioria das capitais europeias.

O de Lisboa é inqualificável.

Só Monti, que sabe ser a Itália o próximo alvo, expressa a sua inquietação em voz alta.

Por este caminho, este será o último verão da Zona Euro.

O último verão antes de uma nova, perigosa e incerta geografia política europeia, cujas dores de parto não pouparão ninguém.

Isto para não falar da ameaça do FMI à Grécia. Depois de tanta austeridade vão fechar a torneira do dinheiro. Quase os ameaçaram a eleger este Governo para continuarem a dar dinheiro e agora zás, fecha-se a torneira euro...

Almeida Garrett em Viagens na Minha Terra perguntava aos economistas políticos, aos moralistas se «já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico... cada homem rico custa centos de infelizes, de miseráveis.»

Claro que não pois eles nem sequer se dão conta da existência desses seres, quando muito serão algarismos desgarrados, sem família nem existência própria, apenas casas decimais nos seus cálculos de lucro.

Ao nosso lado, muitas vezes sem sabermos, nem vermos, nem ouvirmos, as famílias vão morrendo asfixiadas na sua miséria, pobreza e humilhação... famílias que até há pouco eram pilares da comunidade...

Esta terceira guerra mundial a que ora assistimos é mais impiedosa e brutal que a depressão de 1929, mas nem por isso menos mortífera. E o povo iletrado - mas licenciado com

canudo e tratamento por doutor - assiste a tudo incrédulo refugiando-se numa qualquer tele-novela, com futebol, Fátima e fado como sempre foi seu apanágio.

As elites - que depois do 25 de abril foram tidas como fascistas e fascizantes - sempre serviram para liderar movimentos de massas, mas como estão em vias de extinção não lideraram nada.

Faltam Movimentos como um novo MDP (na sua fase original)²⁰⁴ ou uma Seara Nova capazes de aglutinar a intelligentsia que resta, e dar o grito do Ipiranga que tanto é necessário neste país.

Não contem com os militares que eles nem com eles próprios podem contar...por isso qualquer revolução militar está fora de questão.

Também não acreditem em referendos populares que estes funcionam bem no papel, mas na prática deixam muito a desejar. Se já tiverem uma idade respeitável, como a minha, em que emigrar está fora de questão as alternativas são poucas...

Dentro da mesma (minha) linha de pensamento Clara Ferreira Alves escrevia há dias:

«É a falta de cultura, estúpido!»

Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura, quase toda velha e sem sucessores...merece-mos isto...elegemos esta gente...não somos muito diferentes...convém não esquecer o que nos separa, exatamente, do Relvas. Pouco.

O dito não é um espécime isolado, um pobre diabo animado de força e disposição para fazer negócios e preparar na vida, que entrou em associações e cambalachos, comprou um curso superior e...se autoinstituiu em conselheiro do rei.

Nunca vimos isto nesta escala, porque na 25ª hora da tragédia nacional, quando Portugal se confronta com a humilhação da venda dos bens preciosos (os famosos ativos) aos colonizados de antanho e seus amigos chineses, o que o país tem para mostrar como elite é pouco.

Nada distingue hoje a burguesia do proletariado.

Consumem as mesmas revistas do coração, leem a mesma má literatura, veem a mesma televisão, comovem-se com as mesmas distrações. Uns são ricos, outros pobres.

A elite portuguesa nunca foi estelar, e entre a expulsão dos judeus e a perseguição aos jesuítas, dispersámos a inteligência e adotámos uma apatia interrompida por acasos históricos que geraram alguns estrangeirados ou exilados cultos permanentemente amargos e desesperados com a pátria (Eça, Sena) e alguns heróis isolados ou desconhecidos (Pessoa, O'Neill).

Em "Memorial do Convento", Saramago dá-nos um retrato da estupidez dos reis mas exalta romanticamente o povo...o partido comunista tinha uma elite intelectual e de resistência inspirada por um chefe que, aos 80 anos, quase cego, resolveu traduzir Shakespeare.

Cunhal traduzindo o «Rei Lear» de um lado, Relvas posando nas fotografias ao lado da bandeira do outro. Relvas, um subproduto de telenovela O tempo dos chefes cultos acabou, e não acabou apenas em Portugal.

A cultura de massas ganhou...cada estúpido é o busto de si mesmo, a burguesia e o lumpen distinguem-se na capacidade de fazer dinheiro...uma massa informe de consumidores que votam.

E que consomem democracia, os direitos fundamentais, como consomem televisão, pela imagem.

Sócrates e o Armani, Passos Coelho e a voz de festival da canção.

O jornalismo, aterrorizado com a ideia de que a cultura é pesada e de que o mundo tem de ser leve, nivelou a inteligência e a memória pelo mais baixo denominador comum.

A brigada iletrada, como lhe chama Martin Amis, venceu.

204 O Movimento Democrático Português / Comissão Democrática Eleitoral (MDP / CDE) foi uma das mais importantes organizações políticas da Oposição Democrática ao regime do Estado Novo em Portugal, antes do 25 de abril. Foi fundado em 1969, atuando através de comissões democráticas eleitorais, para concorrer às eleições legislativas.

Em 1973 participou no Congresso Democrático de Aveiro.

Depois do 25 de abril constituiu-se como partido político, fazendo parte de todos os Governos Provisórios, com exceção do VI. Concorreu à eleição para a Assembleia Constituinte de 1975 sozinho e, a partir de 1976, em coligação com o PCP, formando a APU.

Em 1987, em dissidência com o PCP, já não participou na coligação eleitoral CDU, apresentando-se às eleições com listas próprias. Nessa mesma data, alguns militantes dissidentes formaram a Associação de Intervenção Democrática (ID), que até hoje continua a integrar, como independente, as listas do PCP - Partido Comunista Português.

Em 1994 fundiu-se com o grupo editor da revista "Manifesto", dando lugar ao movimento Política XXI, que veio a ser uma das correntes fundadoras do Bloco de Esquerda

Estão admirados?

John Carlin, o sul-africano autor do livro que foi adaptado ao cinema por Clint Eastwood, «Invictus», conta que Nelson Mandela e os homens do ANC, na prisão, discutiam acaloradamente, apaixonadamente, Shakespeare.

Foram «Júlio César» ou «Macbeth», «Hamlet» ou «Ricardo III» que os acompanharam.

Não é um preciosismo.

A literatura, o poder das palavras para descrever e incluir o mundo num sistema coerente de pensamento, é, como a filosofia e a história, tão importante como a física ou a álgebra.

A grande mostra da Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos é Shakespeare (no British Museum) e não um dono de supermercados ou futebolista.

Os «heróis» portugueses descrevem-nos.

E descrevem a nossa ignorância.

Passos Coelho é fotografado à entrada do La Féria ou do Casino.

Um dono de supermercados ou um esperto ministro reformado são os reservatórios do pensamento nacional.

Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura quase toda velha e sem sucessores.

Não estamos sós.

Como bem disse Vargas Llosa, em vez de discutirmos ideias discutimos comida.

A gastronomia é uma nova filosofia.

Ferran Adrià é o sucessor de Cervantes e de Ortega Y Gasset.”

Clara Ferreira Alves - Expresso - 21-07-2012

Dito isto, creio que a única hipótese é juntar a pouca elite que resta, criar um Governo de salvação nacional e liderar o país, antes que ele se afaste como a «Jangada de Pedra» rumo não ao oceano, mas ao abismo para onde caminha demasiado depressa para que o possamos parar. Pode nem ser a tempo, mas ficaríamos com a sensação de que ainda íamos salvar o país. Com esta gente e estes partidos não há democracia que resista e teremos mais do mesmo, qualquer que seja o partido ou a coligação no poder. Foram eles que criaram o «sistema» da impunidade na justiça, da não-educação no ensino, da saúde que nos querem tirar e da forma de entrelaçarem os seus negócios e negociatas de forma a saírem sempre vencedores, qualquer que seja o partido no poder.

120. 120. CRÓNICA 120, OUTRA VEZ, O ROSÁRIO DAS FESTAS DA SENHORA NA Lomba da Maia, 28 agosto 2012,

Nem tive coragem de lhes dizer que Andrómeda se prepara para deglutir a Via Láctea (daqui a uns milhares de anos) ...vai ser um cataclismo enorme que converterá a Terra em poeira cósmica ou lançá-la para o enorme buraco negro de energia negra que enche o universo e lhe dá consistência.

Mas não assomei à janela aberta para os alertar. Estavam tão felizes aqui nesta minha aldeia da Lomba da Maia (freguesia, aqui não lhe chamamos aldeia, sussurram-me, de novo).

Havia centenas de pessoas aglomeradas nas ruas engalanadas com os postes e bandeiras e as luzinhas do costume. A igreja fora enfeitada por dentro e por fora, apresentando o seu aspeto mais feérico do ano, as pessoas vestiam os seus fatos domingueiros, outros usavam vestes nupciais para assim darem mais solenidade ao evento. Os homens que normalmente, ao domingo, ficam à porta da igreja, da parte de fora, andavam vestidos com capas de cor branca com capelinas de azul céu, prontos a levarem, o andor de nossa senhora do rosário da Lomba da Maia.

A parada da charanga dos bombeiros de Nordeste só viria troar os seus tambores na segunda-feira dia da procissão ao cemitério e da procissão da mudança à noite, e isto era domingo, dia maior da procissão, com estradas e ruas cortadas pela PSP, enquanto as pessoas afanosas atapetavam de flores as ruas por onde a procissão iria passar.

Entretanto o Manel Sá Couto de dez em dez minutos botava fotos no Facebook para os emigrantes que não puderam vir à festa verem o que se estava a passar, quem estava, quem não estava, quem vestia o quê, quem não pusera colchas à janela, quem fechara as portadas das janelas, quem não fora à missa, etc.

Tudo bem documentado fotograficamente para memória futura, conversas intermináveis de café e ajustes de contas eternos. O desfile de carros alegóricos infelizmente foi dos mais pobres dos últimos anos, talvez refletindo a crise não só financeira, como de ideias e de falta de jovens empenhados em manter viva e acesa esta tradição.

Dizia eu que me esquecera de os avisar que todas estas festas e procissões acrescidas de rezas e promessas não iria impedir Andrómeda de vir deglutir a mais pequena galáxia da Via Láctea onde se insere o pequeno planeta azul em que vivemos. Andavam tão felizes, a realizar o sonho anual de diversão e fé.

Compreendo que antigamente esta fosse a ocasião maior do ano, para se celebrarem casamentos, e se terem uns dias de festa a compensar o trabalho escravo dos que labutavam de sol nascer a sol-posto, mas hoje em dia a situação é diferente.

Estamos já no século XXI, os casamentos já não são arrançados entre os parentes e vizinhos, já há muitos que casam fora deste círculo lombadamaeinse, outros nem sequer trabalham e vivem dos rendimentos mínimos ou de inserção social como párias que são, muitos preferiram uma vida fácil de drogas e furtos, a sociedade já não tem a tecido moral e cívico de antanho.

Mas no inconsciente rural a festa continua a simbolizar a liberdade de uns dias fora da escravatura do trabalho. Gastam fortunas a preparar as comidas, as vestimentas, os andores, as ruas, é a consumação que se presume alegre e embebedada na maior parte dos casos, dos sacrifícios e das poupanças feitas ao longo do ano para serem consumidas nestes 5 ou 6 dias de festividades.

Não entendem o meu alheamento, o silêncio a que tenho direito, a paz e sossego que aqui busquei e muito menos entenderiam a Andrómeda, talvez me perguntassem se era uma nova personagem da telenovela favorita.

Nem entendem que eu fuja nesta época do ano para outras ilhas ou que me encafue aqui na falsa - de portadas e janelas fechadas - tentando abafar o som tonitruante da discoteca improvisada na Rua do Rosário e que abana as ruas e as casas até às 3 da manhã.

Nem sequer me dou ao trabalho de explicar que sou a favor das tradições e festas populares, mas que creio que a abordagem pouco lógica e não-analítica dos locais, é já uma encenação da tradição, desvirtuada de mil e uma maneiras, e não se justificam as libações anuais da festa nos moldes em que originalmente foi concebida.

Sei também que para além de desconhecerem a Via Láctea e Andrómeda ou outras galáxias isso não os afeta pois está a tantos milhares de anos no futuro que eles nem sequer entenderiam, mas o que eu que pretendia de facto dizer-lhes, era que estes sacrifícios, estas festas de nada iriam servir pois não podem impedir o choque de galáxias.

Dir-me-iam que me falta a fé para acreditar e que se assim acontecesse seria essa a vontade do Senhor e as galáxias teriam de obedecer já que eu não o faço...

Depois da procissão, os homens tiraram as capas com que desfilaram e foram juntar-se aos restantes nas tabernas e tendinhas improvisadas que aqui surgem nestes dias pois as tabernas locais (de dia, são cafés) não chegam para tanta sede.

Numa delas “Ká t’espero” que todos os anos surge como um cogumelo, mais acima, do outro lado desta rua, eram sete da manhã e as portas ainda não tinham fechado, as vozes entarameladas, os discursos desconexos, as bravatas de sempre até que a luz se fechou, pois, o sol já nascera e por entre gritos e imprecações cada um foi regressando para donde viera.

Aumentada assim a autoestima e orgulho dos locais, a aldeia vai voltar a hibernar presa a tanta grilheta do passado, por entre inúmeros casos de violência doméstica, pedofilia e feudalismo encapotado, que coexistem com os ladrões e pequenos meliantes do gangue da droga que se reúnem no Largo da Igreja.

Irão prosseguir as queixas e invejas contra a vizinha Maia que se quer alcandorar (e justificadamente) a vila enquanto a Lomba permanece parada no tempo e no espaço à espera de Andrómeda, sem ideias, sem jovens, sem ousadia nem visão para o futuro que já se vive em tantos outros lugares.

Mas em todas as ilhas nestes meses de junho a setembro, vão prosseguir em todas as aldeias (chame-lhes freguesias que aqui não temos aldeias, senhor) as festividades em honra de todos estes santos e santas da santa madre igreja que ainda vai tendo alguma influência.

Esta, revela-se sobretudo no seio das mulheres e jovens dessas aldeias açorianas, mas a igreja local tem-se revelado incapaz de captar a maioria dos adolescentes e os homens disponibilizam-se apenas para colaborar em festas, procissões, enterros e romagens, continuando a ficar à porta das igrejas ou no bar em frente.

A intriga, as telenovelas e o clima irão continuar a preencher o quotidiano desta gente, a cada ano nascerão menos crianças, e cada ano que passa mais se libertarão destas grilhetas do passado.

Os que emigraram continuarão porém a manter arreigadas todas estas tradições e a tentar perpetuá-las como se o tempo tivesse parado na memória da sua infância e juventude, mantendo viva a sua peregrinação anual de volta à aldeia para as festas da padroeira, reforçando os laços que os unem a esta terra e a reproduzirem nas suas novas terras estas tradições com os meios locais de que dispõem o que cria festas híbridas incorporando aspetos de culturas distintas, como tive oportunidade de pacientemente observar em vídeos que o Dr Luciano da Silva (o da Pedra de Dighton e de Colombo Português) me mandou para eu estudar esse portuguesismo açoriano.

Ao observar essas festas, com tanto elemento exógeno incorporado e tão pouco genuíno, interroguei-me se as crianças que nelas participavam sem falarem português, iriam preservar a língua ou se apenas iriam associar a sua açorianidade naquelas festas travestidas.

Afinal, todos nós recordamos as festas da nossa infância e quando envelhecemos refugiamo-nos nelas para nos protegermos do que nos ameaça numa sociedade em constante evolução. Lembro que as festas da minha juventude, nas aldeias transmontanas, me

parecem ainda hoje, mais genuínas do que estas que se desenrolam cinquenta anos mais tarde nesta ilha.

Apesar das semelhanças exógenas óbvias cinquenta anos são duas gerações humanas em que se espera haver alguma evolução e mudança, aquilo a que vulgarmente se chama “progresso” e é sempre o bode expiatório de todas as alterações da identidade de um povo.

E as festividades locais vão prosseguir mais dois dias, mas nestes dias o movimento é sobretudo dos vendedores de cachorros quentes, pipocas e pequenos brinquedos e das “discotecas” e tabernas improvisadas. Para o ano, tudo se repetirá inexoravelmente nos mesmos moldes se, entretanto, o mundo não acabar como dizem as alegadas profecias maias e outras.

Para muitos - como eu - o mundo já acabou há muito e já vivemos noutra mundo bem diferente daquele que sonhámos na nossa juventude.

121. 121. CRÓNICA 121 LUSOFONIAS: DO CANADÁ À GALIZA, 26/10/2012

O tempo anda mais louco que os deuses e os políticos, parti dos Açores rumo a Toronto com chuva. Depois de sairmos veio mais um furacão, ou seja, outra vez, a mesma furacoa (é o feminino de furacão) Nadine, agora transvestida de tempestade tropical, voltei e ainda hoje um mês depois andamos com chuva, vento e tempo cinzento...mais próprio de fevereiro do que de outubro.

O voo para Toronto sem nada digno de registo exceto a funcionária afro-europeia da SATA que embirrou com a minha dupla nacionalidade e identidade e não havia meio de me deixar embarcar com o meu nome...

Um dia destes vou ter de me chatear a sério com as autoridades e tenho mesmo de ir - outra vez - ao registo civil expurgar a identidade original que abandonei há trintena de anos e que me daria direito a viagens SATA a preço de residente enquanto a minha atual não dava por ser estrangeiro... Isto apesar de a ter usado nos últimos oito anos sem embargo algum.

121.1. TORONTO 2012

Ainda brilhava o sol na bela cidade do Ontário quando aterramos. Dentre os passageiros num avião lotado ia a ex-secretária de estado da emigração, Manuela Aguiar, que nos fez companhia com um dos seus temas favoritos, sobre feminismo e que também se deslocava para o Simpósio dos 65 anos de Português na Universidade de Toronto...

Contudo, a cena que para sempre ficará registada na minha memória de elefante, foi a da verdadeira guerra campal, sem tréguas nem pausas, entre os açorianos e lusodescendentes, que à chegada se atropelavam, iam uns contra os outros, se atiravam com malas e tudo para tentarem retirar a sua bagagem do carrossel de bagagens... juro nunca ter assistido a nada semelhante, pior que um pisoteamento como os que ocorrem quando uma grande multidão está tentar ir para um mesmo lugar, normalmente quando os membros da parte de

trás da grande multidão continuam empurrando para a frente sem saber que os da frente estão a ser esmagado, ou por causa de algo que os obriga a se mover.

Só não caí, por mais que uma vez, devido a uma visão estereoscópica aliada ainda aos rápidos reflexos que me restam...e assevero JAMAIS TER VISTO algo semelhante de brutalidade, falta de civismo, primitivismo. Nem nos países mais atrasados da Ásia há 40 anos se via uma cena destas, vergonhosa.... Deixei que a turbamulta se afastasse toda, e o carrossel ficasse quase vazio antes de me aventurar a retirar a nossa bagagem...

À espera na saída do aeroporto, uma limusina (das muitas que se viam e iam das normais às esticadas vulgo “stretch”) esperava na saída do aeroporto, mas resolvemos modestamente escolher um vulgar táxi, com a notável característica de o taxista não nos importunar com as suas ideias sobre a política ou outras...

Deixou-nos no Comfort Inn na esquina de Charles e Yonge (pron. Young) na baixa citadina. A multa por fumar no quarto era de 250 dólares segundo nos comunicaram logo ao fazer o check-in. Demos umas voltas pelas redondezas e acabamos por jantar num restaurante asiático das redondezas com escolha entre comida chinesa, japonesa, tailandesa, vietnamita, etc.

Na manhã seguinte tínhamos o dia livre para ir às cataratas do Niágara com o casal Malaca Casteleiro, pois a Conceição nunca lá estivera. Um SUV (de motorista fardado a rigor) com capacidade para oito pessoas, veio buscar-nos (parecia saído do filme Men in Black) e levou-nos a uma companhia de indianos que nos haveriam de levar, com boa disposição, pelas margens dos lagos Ontário e Eyre até às cataratas.

Passamos e paramos num aérodromo para quem queria optar por voar ou andar de helicóptero e tivemos uma longa paragem comercial num vinhedo onde se produzia o elusivo *ice wine* que é colhido aquando dos primeiros nevões...uma gota de cada bago ... Se bem que a experiência de vinhos me não agradasse pois não os podia provar, todos os restantes gostaram imenso.



Finalmente chegamos ao enorme e intenso espetáculo das cataratas. Um negócio milionário a explorar uma das maiores belezas naturais da humanidade, que não cessa de impressionar qualquer pessoa, por mais que a visitemos. A quantidade de água que, incessantemente transborda do Lago Eyre para Ontário deixa qualquer um boquiaberto.

Continua a seduzir-me a pequena ilha que fica mesmo antes da queda da água no lado canadiano, a atração pelo abismo...



Apetecia ficar ali eternamente à espera que a ilhota se desprendesse e fosse arrastada pela catarata abaixo. Já em 1999 tivera esse mesmo sentimento de ir a nado contra a corrente, ficar sentado na ilhota e esperar...

Gostei deveras de revisitar a pequena, mas atraente *City of Niagara Falls* com construções arquitetónicas bem interessantes, a igreja mais pequena do mundo, uma limpeza impecável, ruas e jardins bem cuidados.... Até apetecia ficar lá a viver e aproveitar os milhões de turistas de todo o mundo que a visitam e lhe dão vida. Não tivemos muito tempo para a ver, pois íamos a pé e tínhamos tempo limitado que se gastou no Prince of Wales a comer umas belas sanduíches de boa carne canadiana.



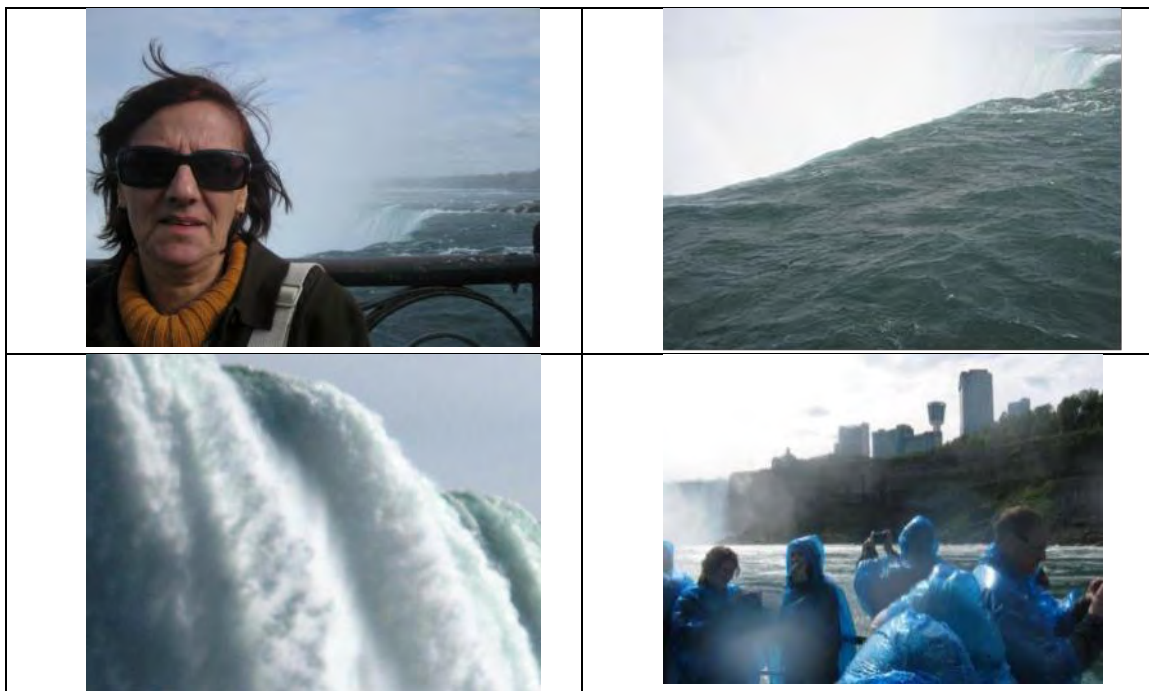
Desde que ali estivéramos (nas cataratas propriamente ditas) em 1999 notou-se do lado americano, a construção de um enorme mirante ao nível da queda e a construção de alguns atalhos descendo até à base das cascatas para os turistas americanos verem o que há para ver, se bem que muito menos interessante do que sua metade canadiana...

Desta vez, devido a ventos contrários, apanhou-se imensa água pois a enorme coluna de vapor, nesse dia, ia a centenas de metros de altura caindo sobre todos os que, como nós, andavam nos barcos *Misty Maid* e aos que em terra faziam a marginal de dois quilómetros até *Table Rock*.

Mais uma experiência que as inúmeras e belas imagens não nos deixarão esquecer.

<https://youtu.be/PCKDHWIKS80>

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2157-toronto-2012.html>



Nessa noite, acabamos por jantar, ao lado do hotel, no restaurante Wish, juntos com o casal Bechara acabado de chegar, e no dia seguinte depois de levantar cedo, fomos ao restaurante japonês também ao lado do Comfort Inn onde se podia tomar um pequeno-almoço por cerca de 7,50 dólares canadianos (6 euros+-).

Pusemos os pés à marcha rumo ao nosso Simpósio, liderados pelo caminhante rápido, Malaca Casteleiro, com seu passo de ganso que - na vés+era - anotara no mapa o trajeto...

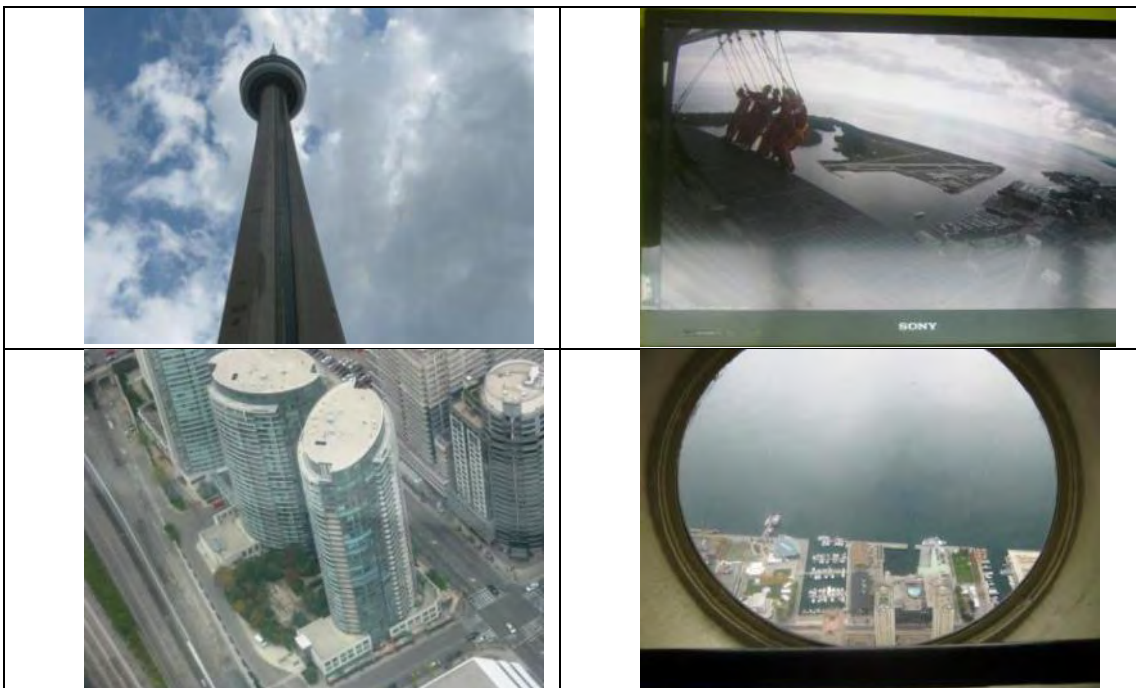
A Manuela Marujo que nos patrocinava a ida a Toronto para os 65 anos do Dept.º de Estudos Portugueses e Espanhóis da Universidade avisara que em marcha lenta demoraria dez minutos do hotel ao Victoria College... estranhamente só passados 45 minutos chegamos ao campus fechado da Universidade e acabámos por ser liderados por um sueco que trabalhava no departamento e falava português com sabor brasileiro.

Afinal, em vez de seguirmos em linha reta na Charles Street que distava, de facto, dez minutos, afastámo-nos dessa rota e fomos para outra entrada noutra ponta da Universidade que, como é costume nestas paragens, é uma cidade dentro da cidade...





As sessões decorreram bem, mas com pouca assistência, mas a melhor parte não era nas sessões, mas sim a sensação única, surreal e fantasmagórica de almoçar na cafeteria onde foi gravado o refeitório dos filmes de Harry Potter.... Estar ali naquele cenário assombroso era já fazer parte da História se bem que fosse de ficção...



...ao fim do primeiro dia fomos agraciados com um jantar volante no belo terraço panorâmico da casa dos anfitriões (Manuela Marujo e marido Domingos, um verdadeiro ayatollah na sua campanha antitabagista, mas isso era material para uma outra crónica...). Lá fomos de táxi com capacidade para seis pessoas, mas o taxista (este era do Paquistão, os outros motoristas de táxi em que andamos eram do Afeganistão, Bangladeche, Iraque, etc.) andou perdido por zonas menos recomendáveis da George Street e não tinha GPS...ficou de nos ir buscar pelas dez da noite, telefonámos e pelas 22.30 não chegara pelo que tivemos de recorrer à portaria do prédio e mandar vir outro.

Ao quarto dia, já só estávamos nós, os Malaca (que ficavam mais dois dias), e os Aguilar de Montreal, pois o casal Bechara regressara na véspera de tarde. Como era dia de partida para nós, ao começo da noite, decidimos ir visitar a torre (CN Tower) a 474 metros de altura, tendo lá passado grande parte do dia nas alturas. Acabámos por comprar mais umas lembranças a acrescentar às que fizéramos nas cataratas e em lojas das redondezas do hotel. Regressamos dessa bela cidade com esperanças, mas bem poucas, num colóquio em Toronto (foi para isso que lá fui) e algumas para Montreal onde o casal Aguilar do Instituto Camões parecia capaz de nos organizar patrocínios...

121.2. DO CANADÁ PARAGEM CURTA EM PONTA DELGADA RUMO À GALIZA

Chegamos a PDL de manhã cedo e ainda não chovia. Fomos diretos à Audi (J H Ornelas) onde o carro ficara para substituição de peças, ordenada pela marca, de um qualquer defeito de fabrico, mas era demasiado cedo e tivemos de aguardar meia hora para que abrisse.... Reparada a viatura viemos nela até à Lomba da Maia onde deixámos o João. Mudamos as malas, preparamos o que havia a preparar e já outra vez com chuva e a ameaça do regresso da (furacoa) Nadine partimos num avião para o Porto via Lisboa. Tal como é costume, sempre que fazemos este desvio pela capital do reino, as malas ficam para trás.... Iriam ser-nos entregues na manhã seguinte. Dois dias a ver o crescimento da neta mais nova que apesar de ter 14 meses mais parece ter apenas 7 no seu tamanho...e a matar saudades da mais velha, vi a minha mãe ainda rija nos seus 89 ½ anos a celebrar os 63 do filho primogénito, mais a minha irmã e sobrinho.

Depois fomos trocar de viatura individual para uma carrinha de 9 lugares e rumámos à Galiza (Ourense) com o escritor Álamo Oliveira, o artista plástico Zé Nuno da Câmara Pereira, a pianista Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada e a sua filha Carolina, exímia violinista e aluna de Matemáticas Puras, mais o artesão Paulo Melo do Nordeste (Caldeirões), o editor Francisco Madruga (que ia de castigo a conduzir), e nós dois já bastante cansados antes do 18º colóquio começar. O GPS que aluguei por 30 euros ao dia foi bom, mas as ruas atualmente estavam fechadas com pinos chamados Bolardos e mandavam-nos ir para locais onde não se podia entrar sem o abridor de pinos Andamos meia hora às voltas sem atinar como entrar no casco histórico onde se localizava o nosso hotel Irixo... Tivemos de telefonar aos amigos da Academia Galega para nos virem salvar...afinal estivéramos bem mais perto do que parecia... só que havia que subir o passeio, junto a uma igreja, para se poder entrar naquela zona quase exclusivamente pedonal.



Alojados numa praça com “movida” até altas horas (onde está a crise com esta gente toda a comer e beber fora todos os dias?) e bem instalados num quarto com amplo terraço onde eu podia fumar, ali ficamos 4 noites. No dia seguinte teve início o colóquio que se desenrolou bem, como todos, mas com pequena adesão de público local, desta vez com a novidade de duas exposições, uma de Manuel Policarpo (aliás Vasco Pereira da Costa), a outra de fotos da arte de Zé Nuno da Câmara Pereira, mais a mostra de artesanato da Salga / Ribeira dos Caldeirões no Nordeste de São Miguel.

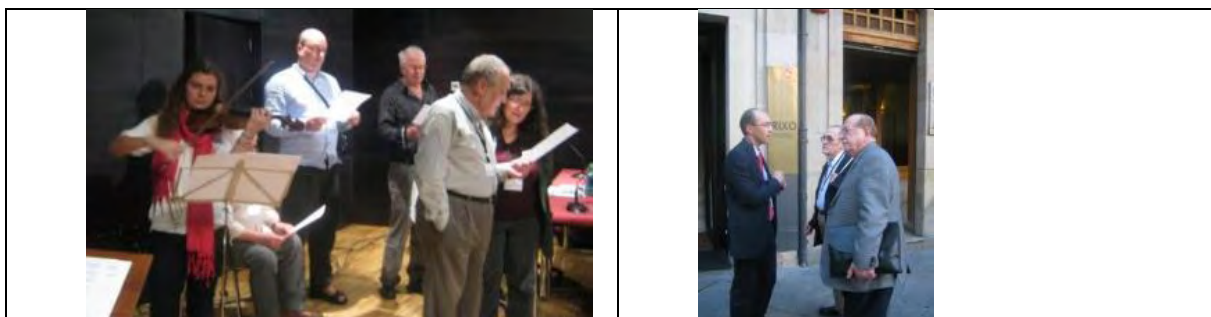
Antes das formalidades da AGLP fomos prestar preito à Consellaria (Câmara Municipal) onde a Presidente interina nos recebeu e agraciou. Era a terceira presidente em menos de 3 semanas...o eleito fora preso, depois substituído pela vereadora da cultura e agora esta.

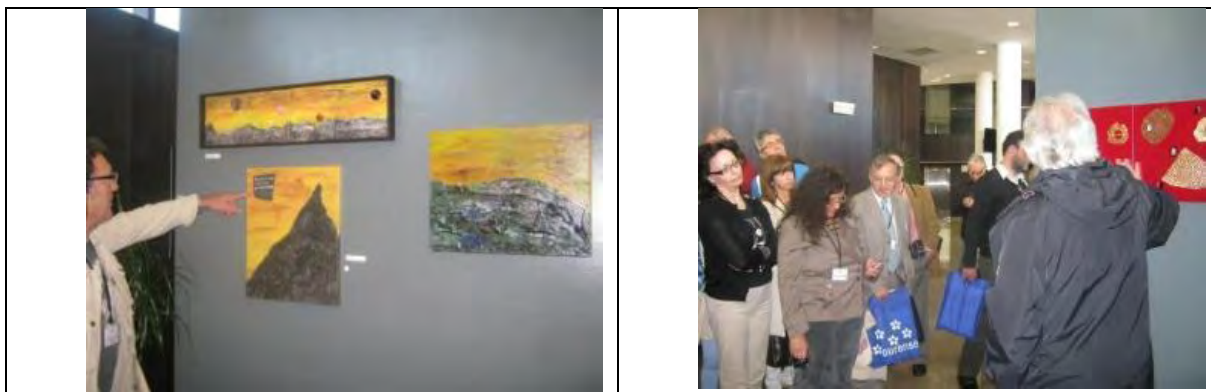


Logo no primeiro dia houve uma sessão especial da Academia onde iriam ser empossados os novos académicos correspondentes da AGLP...

Foi um momento emocional, jamais pensaria estar eu, um dia em tão ilustre companhia...não vindo para as línguas pela via académica, mas antes pela via da tradução...

... depois da emoção em 30 de março de 2010 ao proferir uma palestra na Academia Brasileira, agora esta imerecida honra que aceitei em nome coletivo dos Colóquios da Lusofonia.





O lançamento literário foi interessante pois celebrei ali 40 anos de vida literária lançando em simultâneo um CD de Timor e um livro em capa dura que é uma coletânea de 5 volumes de poesia abarcando desde meados de 1960 até 2012, que curiosamente integra vários planetas como Açores, Macau, Timor, etc.



121. 3.1. DA GALÍCIA À GALIZA - DISCURSO DE ABERTURA

E para terminar, como se falava de emoções, o testemunho dos discursos feitos nos vários momentos:

Agradeço o patrocínio do município de Ourense, apoio fundação AGLP, associação Pró-AGLP, sem os quais não seria possível termos reunidos aqui académicos e amantes da lusofonia d e tantos países e regiões

Caros académicos, caras e caros associada/os, minhas senhoras e meus senhores

Estamos aqui na cidade que teve as suas origens no Paleolítico inferior-médio, na Idade do Bronze, e se desenvolveu com os Romanos, com especial proeminência para as águas termais das Burgas e a sua localização na via de Braga a Astorga.

Teve algum relevo no tempo dos Suevos quando foi capital e esteve ligada à lenda de conversão daqueles ao cristianismo.

Foi anexada pelos Visigodos em 585 e não sofreu - se não de forma esporádica - a invasão muçulmana antes da invasão normanda (1008-1015).

Em 1122, Dona Teresa (Tareixa) de Portucale concede ao bispo Diego III a jurisdição sobre Ourense que em 1188 passa a ter município.

Em 1386, o inglês duque de Lencastre na sua lenta marcha rumo a Babe, Bragança, faz-se coroar aqui rei de Castela, firmando um pacto com Juan I mas não passou de Leão.

Segue-se um período de invasões, guerras, e destruições até que os bispos que partilhavam o poder com os senhores feudais o começam a perder entre 1586 e 1628.

Apesar de continuarem a existir mosteiros e conventos em quantidade, os franciscanos cedem terreno aos dominicanos e jesuítas, que mantêm a urbe na sua forma medieval com apenas três mil habitantes em 1752.

Começa a desenvolver-se a partir de meados do século XIX e a expandir-se num crescimento que se mantém até hoje.

Esta comunicação não é académica. Jamais poderia falar academicamente da Galiza, pois nem amores nem sentimentos se podem dissecar num laboratório.

A minha ligação à Galiza data de 1030 AD, segundo me ensinou a minha avó paterna que até era brasileira. Fui lá ver o sítio onde tudo (a minha família paterna) começou, aqui perto, e gostei de me imaginar celanovês num

passado longínquo coevo de Dom Nuno de Cellanova, senhor do condado do mesmo nome, sogro da Infanta Dona Sancha Henriques, filha de Henrique de Borgonha, conde de Portucale.

Ao regressar à realidade - já no século 21 - conheci no primeiro colóquio da lusofonia (em 2002) um jovem empresário, Ângelo Cristóvão, que sonhava com uma Galiza lusófona, ele que foi o meu guia da história da Galiza que não aprendemos, dado que Portugal e Galiza são dois povos irmãos que vivem de costas voltadas um para o outro, como se houvesse um imenso mar a separá-los.

O desconhecimento mútuo é generalizado e aumenta à medida que a ignorância dos mais jovens se solidifica em pequenos resumos da História que deveríamos estudar em detalhe e minúcia.

Na escola falamos da variante galega da língua como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje.

O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar.

Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam ainda que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita de que o Acordo Ortográfico de 1990 é o instrumento a brandir contra o status quo da imutabilidade histórica dos reinos.

Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos.

Mesmo aqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias.

Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua.

Foi isso que nos trouxe à Galiza neste 18º colóquio para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se mais Português em Angola hoje do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas.

Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona.

Em Macau a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam.

Em Timor como segunda língua oficial já há mais de 25% de falantes quando há dez anos nem a 5% chegava o número de falantes.

Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência.

Também no Reino de Espanha há quem fale Português como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar a escrita do galego às normas ortográficas castelhanas tentando obviar à preservação da identidade cultural do velho reino da Galiza.

A língua galega é sob todos os aspetos (históricos, filológicos e paleolinguísticos), português. Português da Galiza, mas Português.

No entanto na Extremadura espanhola, onde nunca houve uma língua comum, também o Português é ensinado a milhares de pessoas.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional.

É nossa vontade e desígnio que na Galiza se proceda à reintegração total da língua na Lusofonia como a História o manda e, por isso, apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP.

A dimensão real das diferenças entre o galego e o português são insignificantes e a questão da ortografia é meramente política, sendo um grave erro estratégico não afirmar perentoriamente que "galego e português são a mesma língua".

Tem faltado construir pontes pois os políticos portugueses estão sempre temerosos de ofender a vizinha Espanha e os políticos galegos temem que depois da autonomia cultural venham outras.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas/galegas.

A própria língua japonesa tem várias palavras portuguesas/galegas como: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc.

Há ainda um idioma próprio falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia que se chama Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca que é constituído por palavras portuguesas/galegas com formas gramaticais diferentes. Existe também o Patuá de Macau, mas em vias de extinção. Os portugueses/galegos falam com estas gentes sem dificuldade.

É fundamental o galego ser atual.

Os povos só evoluem bem intelectualmente quando se expressam bem na sua língua materna e não na estrangeira colonizada.

Não se consegue expressar bem com um idioma do passado com adulterações neocolonialistas castelhanizadas como o agora inventado «portunhol» para impor a uma Nação milenária.

Pelo contrário o galego atual será o encontro dos galegos com as suas origens em que simultaneamente ganham um poderoso meio de comunicação quer a nível cultural como comercial, que ajudará a crescer a Nação Galega neste mundo globalizado.

Escrever galego-português dentro da norma lusófona dá-lhe uma dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte. O português-galego não é um idioma de propriedade de Portugal, mas dos países que o adotaram como oficial além da Região Autónoma Especial de Macau na China.

Além do mais, lembremos que Afonso X, rei castelhano, encontrou em galego-português por ser uma língua melódica.

Quero recordar agora, em linhas gerais, o que já conseguimos alcançar para vos lembrar que os Colóquios da lusofonia criados em 2001 passaram a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 1 de janeiro de 2011.

Os nossos oradores «típicos» não buscam mais uma conferência para juntar aos seus currículos, antes estão interessados em partilhar as suas ideias, projetos, e criar sinergias nos quatro cantos do mundo, irmanados deste nosso ideal de «sociedade civil» capaz e atuante, para - todos juntos - atingirmos aquilo que as burocracias e as hierarquias muitas vezes não podem ou não querem.

Acreditámos que somos capazes de fazer a diferença.

Os nossos oradores juntam-se aos colegas no primeiro dia de trabalhos e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É isso que nos torna distintos de qualquer outro colóquio ou simpósio.

Pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pela mesma língua.

Quando em 2001 preparámos, no Porto, o início dos COLÓQUIOS ANUAIS da LUSOFONIA - sob a égide do então nosso patrono Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra - queríamos patentear que era possível ser-se INDEPENDENTE, descentralizar a realização destes eventos e levá-los a cabo sem sermos subsídio-dependentes.

Nos Açores, os Encontros tiveram início em 2006 trazendo, académicos, estudiosos, escritores e outras pessoas para debater a identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições.

Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou qualquer outro ramo de conhecimento científico, podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana.

Os Colóquios inovaram logo no seu primeiro encontro em 2002 e introduziram o hábito de entregarem um CD das Atas/Anais no início das sessões.

Em 2003 visitou-se a Língua Mirandesa

Em 2004, os Colóquios fizeram a campanha que salvou o Ciberdúvidas;

Em 2005 presidiram ao lançamento do Observatório da Língua Portuguesa, depois integrado na CPLP e fomos os únicos, até hoje, a debater a introdução da Língua Portuguesa em Timor-Leste.;

Em 2006 lançámos a primeira pedra para a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa e debatemos a biunivocidade dos Crioulos na Língua Portuguesa

Em 2007 atribuímos o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debatemos (pela primeira vez em Portugal) o Acordo Ortográfico ora em vigor.

Em 2008 assistimos à abertura da Academia Galega da Língua Portuguesa nascida no seio dos Colóquios. Esse ano marca o início de parcerias com Universidades e Politécnicos quando o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa (Professor Adriano Moreira) se deslocou a Bragança para dar «o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia».

Na sequência desta vinda acabaria por doar o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal Adriano Moreira.

De 2007 a 2012, incansáveis prosseguimos a campanha para a execução do novo Acordo Ortográfico, com o laborioso apoio dos seus proponentes: Malaca Casteleiro, Evaniildo Bechara, [Carlos Reis] e Ângelo Cristóvão que nos têm assistido a lutar pela língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Em Portugal não há uma política de língua. Enquanto as Letras se mantiverem subalternas como mera Secção da Academia das Ciências é imperioso que esta seja mais atuante na defesa da língua e das suas variantes face aos desafios que os políticos não conseguem afrontar.

A vetusta Academia tem de ser pró-ativa em vez de reativa, mas não parece ter vitalidade para tanto. O futuro e a preservação da língua não se compadecem com esperas nem vivem de glórias passadas. Portugal está irremediavelmente atrasado. Não pode esperar mais.

Por isso sonhámos ainda hoje com a criação de uma Academia das Letras, uma Academia da Língua, independente, sem sujeições a projetos estatais ou outros.

Em 2008 e 2009 os Colóquios foram a Santiago de Compostela para o 1º Seminário de Lexicologia da AGLP para provar que ela conta com o apoio das outras Academias e dos Colóquios da Lusofonia que a ajudaram a nascer numa época conturbada relativamente à situação da língua portuguesa na Galiza.

Em 2009 definimos o projeto do MUSEU DA LUSOFONIA e decidimos levar os Colóquios a Santa Catarina, Brasil, e tivemos como convidado o escritor Cristóvão de Aguiar na Homenagem contra o esquecimento, que incluía, entre outros, Carolina Michaélis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro.

Nesse ano foi firmado um protocolo com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos.

Em janeiro de 2010 foram lançados os Cadernos de Estudos Açorianos em pdf na nossa página www.lusofonias.net estando já disponíveis 16 cadernos, vários suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem

não apenas de iniciação para aqueles que querem ler autores açorianos, mas também de suporte aos futuros cursos de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES.

Em 2010 mantivemos a homenagem contra o Esquecimento que incluiu os nomes de Vasco Pereira da Costa, Cristóvão de Aguiar, Dias de Melo e Daniel de Sá.

Na Sessão de Poesia declamaram-se poemas de Vasco Pereira da Costa incluindo o poema «Ode ao Boeing 747», em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhanos, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugeriu no XIII Colóquio no Brasil em abril de 2010 que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas/Anais, fazendo-se um Anuário, que foi disponibilizado «online» em 2011, ano em que fomos até Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico de Macau.

Em 2011 seguiu-se a primeira ida à ilha de Santa Maria, onde se lançou A antologia (bilingue) de autores açorianos contemporâneos enquanto a AGLP disponibilizava os seus meios técnicos para a página oficial da AICL, numa nova plataforma.

Nesse 16º colóquio em Vila do Porto, aprovou-se uma declaração de repúdio pela atitude de PORTUGAL olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

A AICL entende que não se pode deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos. É um crime de lesa língua de todos nós.

A Língua que se fala na Galiza, em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e em tantos outros países e regiões é a mesma, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum.

Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP.

Em 2012, na Lagoa, na Homenagem contra o Esquecimento 2012 celebraram-se nove autores, tantas quantas as ilhas e num mestrado do curso de tradução da Universidade do Minho, verteram-se para francês, excertos de obras de autores açorianos.

Ali se lançou o MANIFESTO AICL 2012, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO que aqui divulgaremos, esperando que este evento possa servir de ponte entre duas culturas unidas na sua insularidade entre os elementos que as rodeiam na Galiza e nos Açores.

Hoje, aqui, estão alguns desses autores a partilharem convosco o que há de comum entre a Galiza e os Açores: duas insularidades culturais no seio da Europa.

Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancionário açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimos-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos.

Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar novas pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono.

Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua. A todos os que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

123.3.2. DISCURSO DE ACEITAÇÃO DE ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP

Prezados académicos, excelências

Em 30 de agosto de 2002 Timor-Leste tornava-se independente e em 18 de outubro conheci Ângelo Cristóvão que ficou boquiaberto quando lhe disse que «Este 1º Colóquio da Lusofonia deveria chamar-se o Genocídio da Língua (Portuguesa) na Galiza, mas a entidade patrocinadora [SLP] não deixou»

Deve ter imaginado que ou era louco ou um agente provocador do reino de Espanha.

Uns anos mais tarde (2007) seria aquele o título de novo colóquio no qual seria proposta oficialmente a criação da AGLP, a que todos assistimos em 2008.

Tive a oportunidade de lhe dizer naquela ocasião e, posteriormente, o que pensava do problema da língua na Galiza, salientando que, por ter porfiado 24 anos pela independência de Timor, poderia tentar transpor para a Galiza alguma da minha experiência e aplicá-la no campo da língua.

Com a enorme capacidade que só os visionários têm, um grupo restrito de galegos e galegas atravessaram o rio Minho em busca do sonho de recuperar a língua de seus antepassados e parte integrante da sua História, tal como fizera a antiga Irmandade das Falas, entre 1916 e 1936, depois renascida na década de 1980 como Irmandade das Falas da Galiza e Portugal.

Aos poucos, começou a falar-se do problema que, infelizmente, continua ignorado pela vasta maioria dos portugueses, mas aquele pequeno grupo, como cavalo de Troia que era, soube conquistar algumas personalidades

importantes para a sua luta e desde a sua criação, que a AGLP, a sua Fundação e a Associação Pró-AGLP, não têm parado de aumentar os seus convénios e protocolos com entidades de todo o mundo lusófono.

Falta ser feita justiça no seio da CPLP para que lhe seja reconhecido o direito ao estatuto de Observador, designio que tomámos como nosso no 13º Colóquio da Lusofonia em março de 2010, em Santa Catarina no Brasil, e, posteriormente, reiterámos no 14º colóquio em Bragança em outubro de 2010 em Macau e Santa Maria em 2011.

Foi por isso com espanto que assistimos dia 22 de julho 2011 ao anúncio pela CPLP da admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola). A mesma admissão surpreendentemente foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas.

Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal - que sempre apoiara esta proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador - quem a vetara no último momento.

A AICL em concertação com o MIL - Movimento Internacional Lusófono - de que faz parte, tomou algumas medidas sendo a mais visível a da Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal, Dr Paulo Portas, além de entrevistas e publicação que fizemos de um MANIFESTO de Repúdio da AICL. Como sempre estamos crentes de que o tempo reporá a justiça da admissão da AGLP na CPLP:

Ao tomar conhecimento officioso de que o meu nome iria constar desta cerimónia, entendi que os Colóquios da Lusofonia mereceriam mais essa honra do que eu, a nível pessoal, dado não ser mais do que um mero facilitador de vontades entre todos os associados da AICL e os projetos e sonhos que temos vindo a construir.

Recordo a propósito que quando em 1962 escrevi um discurso familiar mencionando as auréolas miríficas alguém me incentivou a continuar a escrever. Posteriormente aos 22 anos, em 1972, lancei o meu primeiro livro de poesia, a que outros de crónicas e de ensaio político se seguiram.

Fui sempre jornalista e tradutor e só nestas últimas décadas pude escrever o que queria e sentia.

Faço agora 40 anos de vida literária e mais de 47 de jornalismo sem jamais ter acalentado grandes ilusões ou sonhos quanto ao valor dos meus escritos.

Ainda considero ter sido uma honra maior do que eu merecia ter tido a oportunidade de ser convidado a proferir uma palestra dia 29 de março de 2010 na Academia Brasileira de Letras.

Hoje, segue-se a segunda maior honra da minha vida, estar aqui a ler estas palavras evitando os meus improvisos emocionais para vos confessar que a AGLP pode continuar a contar com o meu total e dedicado apoio, nesta luta para a reposição da língua galega, aliás língua portuguesa da Galiza, em todas as esferas da vida do povo galego e nos fóruns internacionais. Espero nunca vos desiludir.

Citando o embaixador José Augusto Seabra, primeiro patrono dos Colóquios:

... A disseminação de uma língua que, a partir da sua matriz galaico-portuguesa, se tornou primeiro uma língua nacional e depois uma língua de contacto entre civilizações, cumpriu-se de facto, a partir da grande empresa marítima das Descobertas...

O nosso idioma apresenta todas as características da universalidade: disperso por todos os continentes, ele não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre vários povos.

Se a comunicação e o cordão umbilical entre os dialetos galego e português perduraram até hoje, a diversificação tornou-se mais nítida nas rotas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, do Norte ao Sul e do Ocidente ao Oriente. Pode dizer-se, em suma, que a diversidade se tornou uma condição da unidade, mas não da unicidade, da língua portuguesa.

Nesta época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos e dos terrorismos de toda a ordem impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa portuguesa língua, interlocutores de um polígono de civilizações, culturas e religiões.

Simbolo de uma língua que se volveu uma pátria de tantas pátrias quantas são as nossas, de tal modo que poderíamos dizer, parafraseando uma vez mais Pessoa «Nossa Pátria é a língua portuguesa».

Mas foi como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, na sua irradiação pelo mundo, como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva

A portuguesa língua e lá onde for

Senhora vá de si, soberba e altiva...

(fim de citação)

Termino dizendo que falta apenas concluir a unificação ortográfica desta língua de todos nós, elevando-a a uma maior dimensão. Nisso quer a AICL quer a AGLP estão unidas, pois podemos preservar todas as nossas inúmeras diferenças, mas mantendo unificada a escrita da língua.

Respeitando a diversidade do Português, que é aliás a sua grande riqueza, impõe-se fazer um esforço no sentido de uma aproximação das suas formas, sim, mas em domínios ligados ao seu uso contemporâneo, como é o caso da terminologia científica e técnica e dos neologismos decorrentes de novos modos de vida e de convivência internacional, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações que são de identidades e alteridades culturais irreduzíveis.

Obrigado uma vez mais por aceitarem este mero aprendiz de feiticeiro da escrita no vosso seio de académicos bem mais distintos e qualificados do que eu.



Cito Jack Kérouac

Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemos-os como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.

Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias mantereí a minha saudável loucura ao serviço da língua portuguesa, nem que seja em pequenos poemas como este:

Galiza como Hiroshima mon amour

*acordaste e ouviste o teu hino
bandeira desfraldada ao vento
ao intrépido som
das armas de breogán
amor da terra verde,
da rubra terra nossa,
à nobre lusitânia
os braços estendes amigos*

*desperta do teu sono
pega nos irmãos e irmãs
caminha pelas estradas
ergue bem alto a tua voz
diz a quem te ouvir quem és
orgulhosa, vetusta e altiva
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te aniquilará
és a Galiza mon amour*

123.3.3. DISCURSO DE ENCERRAMENTO

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Apesar da sua ausência por motivo da campanha eleitoral para a Presidência do Governo Regional dos Açores, farei o discurso que preparara para a presença do Excelentíssimo Senhor Dr Jorge Paulus Bruno, diretor regional da cultura dos Açores, em representação do senhor Presidente do Governo Regional dos Açores. Na minha modesta opinião a AICL deve aproveitar esta honrosa presença para lhe agradecer, salientar e enaltecer a colaboração iniciada em 2007 com o Governo Regional dos Açores.

Igualmente merecem uma nota pública de agradecimento os apoios recebidos até hoje da CM Lagoa entre 2008 e 2012, da CM Bragança de 2002 a 2010, CM de Vila do Porto 2011, CM Ribeira Grande 2006 e 2007, Estado Federal de Santa Catarina 2010, Instituto Politécnico de Macau 2011, Academia Galega, sua Fundação e Associação Pró-AGLP 2012, Academia Brasileira desde 2007 e à Direção Regional da Cultura / Direção Regional das Comunidades / Direção Regional da Ciência e Tecnologia, em particular, por nos terem permitido fazer a diferença ao trazer autores expatriados que só vieram enriquecer os nossos Colóquios, havendo ainda a realçar a Direção Regional de Turismo que há 4 anos nos ajuda com ofertas representativas dos Açores aos nossos convidados.

Faltarão decerto outras entidades que nos ajudaram ao longo de mais de dez anos e 18 Colóquios, mas seria injusto não salientar aqui as individualidades que têm sido timoneiras desta nau da Lusofonia, esses dois grandes mestres Bechara e Malaca Casteleiro sem os quais os Colóquios não seriam o farol que a todos alumia nesta defesa intransigente da nossa língua e para eles peço um aplauso sentido.

A estes, juntaria ainda os nomes do incansável Ângelo Cristóvão e da Concha Rousia, que têm com enorme sacrifício subido o Gólgota deste nosso sonho comum.

Como tenho vindo a alertar e ainda mais no atual contexto as nossas relações com as entidades públicas e ou associativas são fundamentais e sem o apoio destas entidades os Colóquios não teriam atingido a projeção

internacional de que hoje dispõem. Interessa agora nesta época de convulsão orçamental continuar a demonstrar porque merecemos ser apoiados, pois nós marcamos a diferença para todas as outras realizações do mesmo género. Peço desculpa pela ousadia, mas não poderia deixar de dizer isto.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos é exclusiva da coutada dos poetas, agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias.

Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua.

Foi isso que nos trouxe à Galiza neste 18º colóquio para juntos fortalecermos o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Apesar das leis e das promessas oficiais o galego é menos falado hoje do que na minha juventude quando aqui vinha de férias, mas felizmente existe uma geração de visionários como a AGLP e a AGAL, entre outras, que querem beneficiar do mercado global da nossa língua única em todas as suas ricas variantes do Brasil a Timor e confiamos neles para que consigam essa revolução das mentes para que as novas gerações se orgulhem desse património imaterial que é a língua portuguesa comum a todos nós.

Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancionero açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimo-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos.

Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar novas pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono.

Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua. Aos que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

122. 122. CRÓNICA 122 O FIM DE UMA TRADIÇÃO novº 1, 2012

122.1. A MORTE DA TRADIÇÃO

Termina hoje sem pompa nem circunstância, nem tampouco notícia no jornal, uma tradição milenar. Não morreu por falta de entusiasmo ou de praticantes, morreu por mero decreto governamental, que, obviamente, nunca ouviu falar dela, jamais a partilhou, ou sentiu, habituados que estão agora acomodarem-se nas suas torres de marfim longe de tudo e de todos, alheios ao povo que sugam com impostos como sanguessugas que são, sem tempo para tradições ou costumes.

Falo do *Pão por Deus* que esta manhã, na pacata Lomba da Maia nos obrigou a levantar antes das nove da matina, com bandos de crianças a baterem à porta pedindo o Pão por Deus. Uma chusma deles, perdi a conta, mas bateram mais de doze vezes até ao meio-dia, em grupos, maiores ou menores, creio que o maior era de uma dezena.

Não se trata do *Halloween* nem do *trick or treat* com jovens disfarçados de bruxas e quejandos que batem às portas dos norte-americanos na noite de *Halloween*. Eram jovens desde a primária até à secundária (a partir dos 14 ou 15 anos desinteressam-se destas tradições) que sem o saberem cumpriam este ritual pela última vez, dado que o - cada vez mais tirânico e déspota Governo do senhor Passos Coelho - assim o decretou.

O feriado de Todos os Santos, acaba neste ano de 2012. Não virá grande mal ao mundo e quem mais o lamentará serão os/as vendedores/as de flores, de velas e outros artefactos típicos desta homenagem aos mortos.

A Santa Igreja também não deve entender que prestar preito aos mortos atraia grandes adeptos e vai daí acedeu a este cancelamento da data feriado. Ora com a dificuldade que tem atualmente em atrair vivos não ficaria mal ter persistido em manter os mortos na cena das celebrações em dia feriado.

Foi um dia feriado tradicionalmente utilizado para recordar entes falecidos. O Dia dos Fiéis Defuntos é a 2 de novembro, mas, por questões de ordem prática, passou-se a usar o 1 de novembro para visitar e recordar os falecidos.

Foi celebrado pela última vez em 2012 [1] pois para o ano todas estas criancinhas estarão nas suas escolas e daqui a algum tempo, mais ninguém se vai lembrar de como era costume andarem em bando a bater às portas.

Não me lembro, ao crescer na urbana cidade do Porto, de tal tradição embora ela se tivesse mantido viva nas zonas mais remotas e nas aldeias do interior até recentes anos, mas aqui nos Açores, desde há oito anos que nos acostumámos a ela...o toque incessante da campainha e a dádiva de rebuçados e doces...num dos anos até se acabaram os que havíamos comprado e tivemos de ir reforçar o estoque.

No livro *CrónicaAçores* (vol. 2 de 2011) narro a génese da tradição que ora termina como se pode ler em [Crónica 31](#).

122.2. CREMAÇÃO

Eu observava, empiricamente, um nítido decréscimo de participação popular nos ritos, comparativamente à infância. Há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou a participação restringe-se aos mais velhos. O decréscimo de crentes católicos em Portugal é notável. No último censo eram 92,2 %, mas só 10 % ia à missa....

Opino não ser preciso haver um dia assinalado no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos os Santos, que é uma data com algum relevo. Obviamente, um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para alguém ir aos cemitérios, depois de se levantar cedo, pôr os filhos na escola, voltar do trabalho, ir buscar os filhos ao ATL (tempos livres), preparar o jantar, etc.

Cada um, na reclusão do seu lar, deverá dedicar os momentos que quiser ou sentir necessidade para homenagear os seus mortos, da forma que melhor entenda. Por vezes, bastará um pensamento ou lembrança em instâncias de dor, alegria ou dúvida. Seria mais adequado para evocar aqueles que mereciam ser recordados.

Não o neguem, há muitos cuja ausência não é sentida, quer pela sociedade, quer pelos familiares. Outros deveriam ser proibidos de serem evocados. A religião cria hipocrisias que levam a venerar todos os mortos mesmo os que não merecem qualquer espécie de sentimento ou os antepassados que nunca conheceram.

Há muito que dedico momentos de pausa para recordar, aqueles que gostaria que ainda estivessem comigo. Para saborearmos juntos uma vitória pessoal ou profissional. Para partilharmos um triunfo particularmente interessante. Tão-só para receber uma palmada congratulatória nas costas. Somos companheiros de sempre. Mesmo que já não estejam no rol dos presentes.

Por vezes, dialogo com eles, de forma não audível. Falo-lhes. Mesmo sem respostas, continuo num feliz solilóquio. Talvez gostem de ser recordados assim. A sua memória perdura. Dessa forma os homenageio. Sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas, ao contrário da minha mãe que mantém, há décadas, uma romagem semanal ao cemitério de família (em Agramonte, Porto).

Já assisti em 1974 e 1975 em Bali (Indonésia) à cerimónia religiosa que mais me marcou: o Ngaben, rito da cremação ([detalhes em Crónica 10](#)). Muitos acreditam ser a mais importante. A religião hindu balinesa crê que a alma se reincarna, após passar por várias fases. Como os balineses se reúnem em grupo para conversar e contar histórias, é provável que os espíritos façam o mesmo. As procissões, além de coloridas e festivas, são complicadas, pois andam em círculos. Vale tudo para confundir os espíritos.

Durante anos tive essa cláusula da cremação num testamento, o que muito espantara a minha mulher, descrente de coisas dos orientes exóticos. Sabida a distância, o Atlântico deverá bastar, pois a viagem para o outro lado do oceano é longa. Talvez mais demorada do que para a outra vida em que não acredito. Nem na luz ao fundo do túnel.

Não pretendo ter os ossos esquecidos no jazigo de família sem alguém que vá e me visite. Não quero que a capela onde repousam gerações de antepassados fique cheia de ervas daninhas. Não deverei ter a visita de filhos na última morada, já que não me visitam enquanto cá ando e mais difícil seria que me fossem saudar nesse eterno repouso inventado pelos cristãos.

Prefiro que as cinzas desapareçam, e a remanescer algo, que reste a memória e os meus escritos.

A propósito deste escrito acrescentava a Joana Mota Vanzeller

*Aqui que eu saiba "Pão por Deus" não era uso.
A primeira vez que ouvi, foi em S. Miguel.
Eu ia na rua e uma velhinha disse-me "pãprde" ...
Não percebi, e perguntei se ela tinha perdido alguma coisa e ela repetiu umas poucas de vezes e eu envergonhada pedi desculpa e deixei-a.
Cheguei a casa e contei ao meu Pai - Riu-se - traduziu...
Hoje, claro fui à missa...
Já nem me lembrava que este era o último Dia Santo, dia 1 de novembro o dia de Todos os Santos!
Em que para acumular se junta mais ou menos o dos "Fieis defuntos" que tenho ideia de, em pequena, ser feriado também.
Esse é que era o dia de ir aos cemitérios...
Recordar e rezar pelos mortos da nossa Família...
Mas acabou foi considerado inútil e ridículo substituído pelas bruxas...
Uma tradição cheia de nexo...
A vez de quem vende chapéus em bico e abóboras.
Todos tem direito a ganhar a sua vida...
Lá andam os meninos com a ridícula fardeta de bruxa...deambulando sem sentido nenhum por essas ruas...
Mas ainda há muita gente gastando, para bem das floristas, o dinheiro que tem e não tem, para pôr a campa mais enfeitada do que a do vizinho...
Chegam ao ponto de fazer roupa...para bem dos vendedores de roupa, certamente dos Chineses, que o dinheiro não dá para mais...para estar todo o dia no cemitério!
Eu, como os cemitérios onde está a Família, estão longe - um em S. Miguel outro em Aveiro...mando pôr lá duas velas um ramo de Verdes para não ficar com ar de abandonado...
Eu agora irei lá, como se costuma dizer, com os pés para a frente... ou mais moderno, num potinho com tampa...
O acabar de dias santos era para serem todos e ficaria suponho que só natal.
Natal, com o Pai Natal.
E a Páscoa - com o coelho que põe ovos...
Uma coisa que tenha interesse, enfim alguma coisa original e com piada!
Que isto de poder ser católico é uma coisa que não tem razão de ser...*

*Religião que se respeita só a dos árabes....
As autoridades da Igreja conseguiram negociar acabar dois dias (já não me lembro qual é o outro) contra dois feriados civis.
Mas como não tenho já a certeza como é depois ...o Daniel (de Sá) diz... (Desculpe Daniel [de Sá] ---mas ...já ficou nosso costume.)
O Padre lastimou que governos quebrassem tradições, tirassem as memórias e história dum costume que em toda a Europa há, penso eu.
Pelo menos em França era um dia marcado dantes.
Agora com esta preocupação de manter o pessoal a trabalhar, não sei...
Só quem pode fazer as suas tradições são os árabes aí eles baixam a orelha...
Agora aqui os palermas dos nativos "Vai trabalhar Vágábundo" que tem que se pagar a quem não trabalha...
Alguém ouviu sobre aquele serviço de saúde em Guimarães em que as mulheres têm quarto particular um tapete para as rezas, sal e pimenta para a comida, médica especial, têm que os médicos aprender árabe e cumulo só comem carne de ovelha morta lá como eles querem - só há um talho para fazer aquela barbaridade....
Claro que não disseram como era o matar os cordeiros pela tradição da religião Islâmica...é o dizes...
Nessas coisas não se fala, que é discriminação racial.*

bj Joana

123. 123. CRÓNICA 123, DO FIM DO MUNDO, dezembro 21, 2012

Ainda não são 10.43 e escrevo do meu "bunker" ou abrigo, que mandei instalar aqui sob o torreão do meu castelo... Pelo periscópio montado na seteira, vejo o céu acinzentado bem escuro, ouço o vento a soprar com força e a chuva cai impiedosa... não consigo ver o alinhamento dos planetas nem as explosões solares, mas temo que as previsões do fim do mundo sejam como as do ministro Gaspar...

Quando chegar a hora do almoço vou sair, que hoje nem tomei o mata-bicho (café da manhã) e já preciso de um bom banho quente pois os "mestres" construtores do bunker que cobraram mais de 300 mil pela construção, esqueceram-se de ligar a água ao poço artesiano que há no quintal ligado a um tubo lávico da falha Fogo-Congro e pelo qual se exalam cheiros diabólicos. Sempre gostei de estar em contacto com a natureza profunda!

Na R P da China (lá, onde levam tudo a sério) prenderam centenas de pessoas de uma seita que anunciou o fim do mundo em virtude de perturbarem a ordem pública. Aqui na Lomba da Maia não se viram manifestações similares pois era tempo de fazer os preparativos do natal, que esse costuma vir sempre a horas todos os anos.

Admira-me o presidente do Governo Regional não ter ido à TV (RTP-A) apelar à calma, mas depois dei conta de que o ministro Relvas mandou fechar a "janela" da TV e só pelas 17 horas temos notícias locais. Mais espertos foram os do parlamento regional que foram todos de férias com a família para estarem juntos no fim do mundo em vez de estarem em plenários a fingir que resolvem os problemas açorianos.

A Casa Real de Bragança teme que o fim do mundo seja aproveitado para o regresso de Dom Sebastião o que prejudicaria os interesses legítimos do atual pretendente ao trono que não existe.



Para já a programação que recebi não está a ser cumprida, deve ter sido organizada por portugueses, que nunca estão a horas nem sabem cumprir horários, mas continuo a não entender isto dos Maias pois os únicos que conheci eram os do Eça de Queirós, gente fina que não se metia a fazer disto.

Dizem-me que o Governo ainda não vendeu a TAP para os seus membros estarem hoje voarem nela para longe do país, mas tratou-se de mais um boato sem fundamento...não havia classe executiva suficiente para tanta gente...e ainda nem todos garantiram “tachos” para abandonarem a ação misericordiosa, mal compreendida e mal paga que é estar no Governo, tarefa bem mais espinhosa que governar!

Os invejosos do “El País” noticiavam há dias que Portugal estava à venda, uma completa mentira, pois já se sabe que o país foi vendido a retalho e o que sobra mal dá para pagar o café e um maço de tabaco.

Também não é verdade que se esteja a acabar com o SNS (Serviço Nacional de Saúde) pois o que se pretende é acabar com as “baixas” ardilosas com que alguns tentam defraudar os seus empregadores, em especial na função pública. Com o tempo de espera para casos não urgentes igual ou superior a doze horas acabam-se as baixas fraudulentas...não há estômago que aguento!

Igualmente falsa é a asserção de que o Governo pretende privatizar o ensino público, pois todos sabemos como ele tem sido essencial para colocar este país nos lugares cimeiros das estatísticas em Bruxelas.

Os privados continuam a ser coutada de privilegiados que nada acrescentam ao saber nacional, a acreditar nas licenciaturas do Sócrates, Relvas e tantos outros dos principais partidos que nunca tiveram tempo de estudar para doutor devido aos seus afazeres político-partidários.

Quanto à justiça, temos um dos sistemas mais bem preparados em todo o mundo, com um longo prazo de investigação a fim de se apurarem todas as responsabilidades e as “fugas ao segredo de justiça” são uma forma elaborada de se descobrir quem são os verdadeiros criminosos para que o povo esteja atento, ainda antes de contra eles ser formada culpa.

As inúmeras formas de apelação existentes permitem a todos os que foram injustamente acusados como o major Valentim, o Isaltino Morais e outros, de se poderem defender de cabalas monstruosas montadas por aqueles que os não conseguem vencer de forma limpa em eleições livres!

E, por fim, a Banca internacional está com alguns problemas de liquidez depois de terem tornado o dinheiro da lavagem de capitais em ativos tóxicos, mas tudo isso se cura. Se a crise global continuar, para o ano somente dois bancos ficarão operacionais: o Banco de Sangue e o Banco de Esperma! Mais tarde estes 2 bancos serão fundidos, internacionalizados e chamados: “The Bloody Fucking Bank”. E é com eles que contamos para a retoma financeira e o aumento das taxas de natalidade europeias.

124. 124. CRÓNICA 124 DOM XIMENES BELO NO 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 26 março 2013

Rudyard Kipling está celebrizado pelo «If» («Se») que é exatamente o oposto daquilo que rege os Colóquios «*Não prometemos, fazemos*». Só que, desta vez, saboreamos o verdadeiro significado da insularidade, ou seja, o acre travo das provações climatéricas que quase iam comprometendo de forma terminal o 20º Colóquio marcado para 14 a 17 de março na Maia, Ilha de São Miguel, Açores.

Uma depressão cavada e estacionária por cima do arquipélago trouxe chuvas torrenciais, ventos ciclónicos, desabamentos de terras, naufrágios e um total de seis mortes a estas ilhas tão fustigadas e impediu a aterragem de aviões de Lisboa e Porto a partir do dia 12....

Os nossos oradores e presenciais que iriam chegar a partir daquela data começaram a ver os seus voos adiados, cancelados e mais de 1120 pessoas esperavam nos aeroportos de Lisboa e Porto um voo para a Ilha do Arcaño.

Todos os planos foram literalmente por água abaixo. Recorreu-se ao plano «B», mas novos cancelamentos e adiamentos, horas desesperantes de espera no aeroporto Papa João Paulo II, na Nordela em PDL, fizeram gorar novas esperanças. De volta ao computador se elaboraram planos alternativos enquanto os telemóveis se agitavam com mensagens, telefonemas e adiamentos ou cancelamentos.

Os planos que se seguiram ao “B” quase esgotavam o alfabeto disponível e decidimos cancelar tudo o que se estava previsto para o primeiro e segundo dias do evento.

No jantar de boas vindas, em vez de 25 pessoas éramos seis ou sete. Na manhã do primeiro dia estava anunciada uma palestra na escola da Maia, sobre a paz, por Dom Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz 1996 e a apresentação da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos em dois volumes.

O lançamento tinha sido anunciado em toda a ilha por todas as escolas e não podia ser alterado, mas o resto da programação desse dia incluindo a abertura formal do Colóquio, Livraria Solmar e um jantar oferecido pela Associação Agrícola de São Miguel tudo foi alterado.

Cancelaram-se recitais, atuações de grupos musicais e passeio para incluir as sessões formais do Colóquio no sábado dia 16.

Finalmente pelas 11 e meia da manhã de dia 15 começaram a chegar oradores e presenciais...em três aviões consecutivos de Lisboa.

Remarcou-se o almoço na Maia onde acabamos por ter mais de 20 pessoas e logo a seguir a este almoço improvisou-se uma audiência na escola para a palestra de Dom Ximenes Belo.

Depois recolheram todos ao Hotel onde nos reunimos para jantar ainda sob intensa chuva que iria persistir com intensos e cerrados nevoeiros.

O 19º Colóquio começou assim no sábado e prolongou-se apenas até domingo, um dos mais curtos eventos desde o seu dealbar em 2001-2002, caracterizado pela presença de personalidades ilustres que, pela primeira vez, estavam presentes como a representação do Camões agora denominado Instituto da Cooperação e Língua, e o Diretor Executivo do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP, entre outras personalidades.

Tudo correu dentro do apertado horário com a precisão de um relógio suíço, sem mais percalços ou incidentes, e uma boa integração dos elementos que - anteriormente - nunca estiveram nos nossos convívios. Depois das boas vindas pelo Presidente da Junta de Freguesia da Maia (esta foi a primeira vez que os Colóquios se realizaram numa freguesia), Jaime Rita fez a apresentação da mostra de Artesanato local e de fotografias da Maia, havendo igualmente a abertura da mostra de livros da editora Calendário de Letras.

Depois, dois vídeos, a história e as belezas e riqueza da Maia e outro da AICL; recapitulando em imagens os 18 Colóquios anteriores.

Seguiram-se os discursos oficiais começando com o do Presidente da AICL

Senhor representante do Presidente do Governo Regional Dos Açores, Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas, Dr Rodrigo Oliveira

Senhor Presidente Da Câmara Municipal Da Ribeira Grande, Dr Ricardo Silva

Senhor Presidente Da Junta De Freguesia Da Maia, Jaime Rita

Demais Entidades Regionais,

Monsenhor Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, nosso convidado de honra neste Colóquio

Álamo Oliveira, nosso escritor convidado e homenageado neste Colóquio

Caros/as académicos/as,

Caras e caros associados/as,

Minhas senhoras e meus senhores

A todos agradeço a participação nesta cerimónia formal de abertura do 19º Colóquio da Lusofonia da AICL. Agradeço em especial o patrocínio da Junta de Freguesia da Maia sem o qual não seria possível termos reunidos aqui académicos e lusófilos de tantos países e regiões

A todos dou as boas vindas a esta costa norte da Ilha de São Miguel, tantas vezes esquecida ao longo dos séculos, e mesmo mais recentemente quando fica afastada das rotas de visitantes e turistas. Estamos em pleno coração da zoina histórica da Maia, ativa freguesia do concelho da Ribeira Grande, situada entre as suas congéneres de S. Brás, a ocidente; a Lomba da Maia, a nascente; e os concelhos de Vila Franca do Campo e Povoação, a sul. A sede da freguesia, inclui os lugares da Lombinha da Maia e da Gorreana, ocupando grande parte de uma fajã vulcânica geologicamente muito jovem, com apenas dez mil anos.

Segundo a Enciclopédia Açoriana, a Maia terá sido fundada nos finais do século XV, por Inês da Maia, nativa de terras do Lidador perto do Porto. Na ilha havia então dois municípios, os de Vila Franca do Campo e de Ponta Delgada. O primeiro historiador, o douto Gaspar Frutuoso²⁰⁵ fala das curiosidades da freguesia, dos moinhos, do dia-a-dia e dos primeiros povoadores que tiveram intenção de a fazer vila sem o conseguirem.

Em termos eclesiásticos, a paróquia cedo ganhou alguma relevância fazendo parte da Ouvidoria de Vila Franca, a única em S. Miguel. Só em 1698 foram criadas as Ouvidorias de S. Sebastião em Ponta Delgada e N. Sra. da Estrela na Ribeira Grande. Por razões geográficas, a paróquia do Divino Espírito Santo da Maia foi incluída na de N. Sra. da Estrela.

Entretanto, as obrigações fiscais passaram a ser cumpridas na Ribeira Grande, mas só em 1820 a Maia ficou a fazer parte deste concelho. No entanto, em 1916 esta paróquia foi integrada como limite ocidental da Ouvidoria dos Fenais da Vera Cruz (Fenais da Ajuda) aquando da criação de novas Ouvidorias.

A sua malha urbana apresenta um desenho de ruas paralelas orientadas na direção norte-sul, unidas por travessas de orientação leste-oeste, situação muito rara nos Açores. Dadas estas características, foi classificado como património regional o centro urbano ao redor da Igreja paroquial, dedicada ao Espírito Santo, e construída de 1796 a 1825. Entre os seus edifícios notáveis, encontra-se o Solar de Lalém, do século XVIII e XIX, e onde foi incorporada a ermida de S. Sebastião de 1687. Ali se realizaram em 87 e 89 dois Encontros de escritores açorianos, e onde João de Melo recebeu o seu primeiro prémio literário²⁰⁶, pelo livro *Entre Pássaro e Anjo*.²⁰⁷

Diz Vamberto Freitas em 2011 no artigo *Do Bar Jade ao Grupo Balada*²⁰⁸ abril 9, 2011

“O movimento e o debate de ideias nos bastidores levaram ao primeiro encontro da Maia organizado por Daniel de Sá, Afonso Quental, Carlos Cordeiro e, mais tarde, Urbano Bettencourt, Silva Melo e José Bettencourt da Câmara, que dinamizariam no Solar de Lalém essa convivência que, durante alguns dias, juntava escritores e estudiosos residentes no arquipélago, no Continente e na Diáspora, inclusive Brasil. ...

A açorianidade tomava agora várias formas, era vivida e escrita nas mais longínquas geografias marcadas pela nossa presença histórica. ... A escrita açoriana entrava numa outra fase de universalidade que naturalmente se revia nas mais variadas formas, nos mais originais e por vezes inesperados temas., para além do isolamento e

205 No Livro IV, de Saudades da Terra (1591),

206 Da Associação de Cultura e Recreio a Balada

207 <https://www.facebook.com/photo.php?pid=643314&i=6050921c0b&id=197544470350413>

http://vambertofreitas.files.wordpress.com/2011/04/maia_foto1.jpg

208 <https://vambertofreitas.wordpress.com/2011/04/09/do-bar-jade-ao-grupo-balada/>

subdesenvolvimento, emigração e guerra colonial. Quem não queria ser identificado como «escritor açoriano» ou ser incluído num corpo literário definido como «literatura açoriana» estava mais do que livre para seguir o seu caminho sem nunca ser hostilizado, muito menos «excluído» do grupo. “

Tentamos, em memória desses Encontros, que a comitiva ficasse alojada no mítico, e ora privado, Solar de Lalém, mas preços exorbitantes, exigências e alterações ao previamente definido e acordado levaram-nos a buscar outras paragens e daí estarmos alojados no paradisíaco coração da ilha em pleno Vale das Furnas.

No lugar da Gorreana aqui na Maia, produz-se o famoso chá do mesmo nome, sendo este laborado na única fábrica que se manteve ativa, sem interrupções, desde o terceiro quartel do século XIX. A situação geográfica da Maia, numa zona do concelho em que há uma acentuada descontinuidade em relação ao conjunto formado pela cidade da Ribeira Grande e freguesias mais ocidentais, e o seu relevo geográfico, fizeram da Maia uma alternativa para as populações da zona na busca de bens e serviços que normalmente só são acessíveis nas sedes de concelho, daqui derivando as suas legítimas aspirações ao longo dos últimos 500 anos para ser vila mas cremos que será apenas uma mera questão temporal até que isso aconteça.

A zona costeira da Maia dispõe de excelentes condições para a natação e mergulho, sendo os fundos marinhos circundantes dos melhores da ilha, quer no que respeita à paisagem subaquática quer no que se refere às espécies e quantidade de peixes observáveis. Encontra-se referida como «O Reduto do lugar da Maya» na relação «Fortificações nos Açores existentes em 1710»²⁰⁹ A Capitania Geral dos Açores reportava o seu estado em 1767: «§20.º – No lugar da Maya se conservam alguns vestígios de que houve allí um Forte chamado do Espírito Santo, e se deve novamente edificar, pela necessidade que tem aquelle sitio de ser defendido.»[2]

Esta estrutura não chegou até aos nossos dias.

Nos últimos dois anos tem-se assistido a uma rica panóplia de eventos destinados a celebrar os 5 séculos da Maia cuja data exata não consta dos arquivos, o que vem provar a vitalidade desta freguesia que tem sob a liderança de Jaime Rita, a visão e a coragem de se abalançar a ser a primeira freguesia a receber um Colóquio da Lusofonia o que, decerto, ficará na história e servirá de exemplo nestes dias conturbados em que por mor da crise, a cultura é das primeiras rubricas a serem penalizadas nos cortes de apoios governamentais a todos os níveis.

Ao apostar neste apoio incondicional aos Colóquios, quando alguns municípios o declinaram, a Junta de Freguesia da Maia deu um exemplo de que os cidadãos não precisam só de obras de construção civil, ou da solidariedade social autárquica, nem apenas das hortas comunitárias, nem só dos festivais pagãos e religiosos como também se lhes deve dar a hipótese de poderem receber uma tão nobre audiência como esta, onde a Lusofonia está aqui representada por gente de vários países e regiões como Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, EUA, Galiza, Macau, Portugal, Roménia, Timor-Leste.

A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia e finanças.

Um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, um povo orgulhoso da sua língua não se deixa silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse povo que visamos conquistar nos Colóquios da Lusofonia.

Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo muitos daqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora - timidamente - desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos.

Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos, redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias.

Advogamos sempre que um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, não se deixa dominar e toma decisões conscientes, necessidades bem prementes nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único do lucro a qualquer custo. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios são.

Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós - seja ela de origem ou adquirida -, mas a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina. Podemos fazer a diferença, congregados em torno dessa ideia abstrata e utópica de irmanação pela Língua numa escrita unificada. Podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Esta a verdadeira Lusofonia que propugnamos. Não somos donos da língua apenas meros amantes e utilizadores da mesma, e nela queremos congregar não só os países de língua oficial portuguesa como todas as comunidades onde existam lusofalantes independentemente da sua matriz de origem. Não queremos um Quinto Império para reviver falsas glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua, queremos partilhar a enorme riqueza da língua comum, com enorme valor no PIB, como elo motriz que a catapulte da sua eterna semiobscuridade para a ribalta dos fóruns mundiais onde já é a quinta mais falada ou no seio da internet onde surge como terceiro idioma mais usado.

Dito isto, somos - como organizadores deste 19º Colóquio, a AICL - associação internacional dos Colóquios da Lusofonia, um exemplo da sociedade civil atuante em torno de um projeto de Lusofonia sem distinção de credos,

209 No contexto da Guerra da Sucessão Espanhola (1702-1714)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Reduto_da_Maia_%28Ribeira_Grande%29#cite_note-1

nacionalidades ou identidades culturais. Depois de termos ido ao Brasil, Macau e Galiza queremos voltar ao Brasil, ir aos EUA e Canadá, a Cabo Verde, Roménia, Timor-Leste e a outros países.

A nossa ação, desde 2006, na divulgação da açorianidade literária é o exemplo vivo de como concretizar utopias com esse esforço coletivo que é o contagioso espírito de grupo que nos irmana e nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos desde que em 2001 iniciámos os Colóquios, para patentear que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências.

Estabeleceram-se nestes anos várias parcerias e 21 protocolos com universidades, politécnicos e outras entidades que possibilitam embarcar em projetos mais ambiciosos com a necessária validação científica. Nos Açores, agregamos académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, escrita e tradições, na perspetiva de enriquecimento da Lusofonia, sempre com as suas diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar.

Pretendemos divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde lentamente estão a ser feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Por isso, em todos os Colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução, importante forma de divulgação da língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores estrangeiros.

A este propósito, um dos mais ousados projetos destes Colóquios a Antologia Bilingue para as comunidades da diáspora, lançada em 2011, tem esta tarde o lançamento da sua versão monolíngue, trata-se da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos em 2 volumes e edição da Calendário de Letras.

Em linha desde janeiro 2012 disponibilizamos gratuitamente no nosso portal, www.lusofonias.net, os CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS²¹⁰ que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis dezena e meia de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Serviram de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades da Universidade do Minho e que ambicionámos levar, um dia, numa plataforma em linha para todo o mundo, além de servir de iniciação para os que querem ler excertos de obras de reconhecidos autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram no mercado livreiro.

Há marcas indelévels de insularidade que acompanham os autores açorianos nas suas peregrinações, um elo comum que abarca os autores compilados nos Cadernos Açorianos, entre tantos que escrevem tendo por pano de fundo os Açores como espaço cultural de forte marca identitária. Gostava de chamar a vossa atenção para os dois últimos Cadernos Açorianos, um dedicado a Victor Rui Dóres e o outro ao dramaturgo Norberto Ávila que hoje se junta a nós pela primeira vez, acompanhando o escritor homenageado ÁLAMO OLIVEIRA.

Em outubro 2012, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós, e ora tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali lançámos o MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico, um contributo para a política da língua no Brasil e Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da linguística, literatura e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum a todos nós e que configura o mundo, sem esquecer como Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Resta apenas que mais e mais gente se junte à AICL - Colóquios da Lusofonia - para irmos mais longe e levar o nosso MANIFESTO a todos, incluindo os países de expressão oficial portuguesa e que sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a ajuda e dedicação de todos muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se hoje mais Português em Angola e Moçambique do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas. Em Goa existem mais de 15 mil falantes e há um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa com novos livros publicados mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Macau, a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam. Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência. Como segunda língua oficial há dez anos o número de falantes nem a 5% chegava e hoje já há mais de 25%.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm centenas de palavras portuguesas bem como a língua japonesa: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc. Há ainda um idioma próprio Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia constituído por palavras portuguesas com formas gramaticais diferentes. Existe ainda o Patuá de Macau, mas em vias de extinção.

Por último gostava de lembrar a honra que temos neste biénio 2013-2014 de homenagear Álamo Oliveira, um autor que como tantos outros não tem a projeção que merece pela sua vasta e rica obra. Nos Colóquios tentamos seguir as indicações que recebemos e uma das questões colocadas aquando da antologia bilingue foi a de termos deixado de fora as mulheres na escrita açoriana (excetuando Maria de Fátima Borges).

Sempre abertos a sugestões e críticas adotou-se para este 19º Colóquio o tema 1, AS MULHERES NAS LETRAS AÇORIANAS. Curiosamente, apesar da extensíssima divulgação que este 19º Colóquio teve, a maioria das escritoras açorianas contemporâneas ignorou esta oportunidade. Mesmo assim, posso anunciar aqui em primeira mão que iremos prosseguir como estava programado com uma nova Antologia no feminino, sob o tema Açores 9 ilhas 9 escritoras.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos,

aproxima povos e perpetua o ADN nacional. Vamos continuar a criar intercâmbios entre os Açores e o resto do mundo para incrementarmos relações culturais entre as regiões e comunidades onde se fala a mesma língua.

Dou agora a palavra ao convidado de honra Dom Ximenes Belo, seguido do nosso escritor homenageado Álamo Oliveira, da representante da Presidente do Camões, Dra. Ana Isabel Soares, do Presidente da edilidade Dr Ricardo Silva a que se seguirá o representante do Presidente do Governo Regional, senhor Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas Dr Rodrigo Oliveira.

Seguiu-se depois a primeira sessão dedicada inteiramente à homenagem a Álamo Oliveira, começando por um produzido pela AICL com apoio técnico do nosso associado Instituto Politécnico da Guarda²¹¹, e a surpresa de um trio de professores da escola da Maia a interpretarem O rimance de Dona Baleia em versão musicada por eles. Depois, era a grande surpresa, dois poemas de Álamo «ganga azul» e «eu fui ao Pico e piquei-me» traduzidos em várias línguas e apresentados ao vivo ou em gravação nessas línguas. Um projeto colocado no portal com as traduções noutras línguas.

Seguiu-se uma apresentação da colega Rosário Girão e Manuel J Silva da Universidade do Minho sob o título «o poeta do banco verde», a tradutora norte-americana Katharine Baker apresentou «traduzir os poemas Berkeley e são Francisco» de Álamo Oliveira e Chrys Chrystello fez uma recensão genérica das obras do autor terminando com a excecional obra «A Traceira de Jasus»

O almoço, oferecido pela Junta de Freguesia, foi de Sopas do Divino e carne do mesmo, servidas no salão da Fábrica de Chá da Gorreana (devido ao mau tempo) com apoio de alunos da escola profissional das Capelas.

Depois passou-se aos trabalhos da parte de tarde com uma sessão de poemas escolhidos e ditos pelo autor Álamo Oliveira.

Nessa sessão Rolf Kemmler da UTAD, continuou a sua saga de estudos de trabalhos feitos por estrangeiros sobre os Açores no fim do século XIX e início do século XX. Vilca Merízio do Estado de Santa Catarina, falou de dois autores desconhecidos dos seus tempos na Universidade dos Açores e Rolf apresentou outro trabalho sobre Luiz Mascarenhas Gaivão e a sua obra, antes da Concha Rousia da Academia Galega da Língua Portuguesa debater a influência da Galiza na poesia de Chrys Chrystello.

A dupla Augusto Rodrigues (Universidade de Brasília) e Simona Vermeire da Roménia (Universidade do Minho) acabou por ser notícia sendo os únicos que não conseguiram voo tempo de chegarem aos Açores para o 19º Colóquio, deixando apenas Luís Gaivão no último painel do dia a debater a literatura angolana contemporânea na obra de Manuel Rui, acompanhado de Perpétua Santos Silva na Racionalidade e afetos na relação com a língua portuguesa em Macau.

Entretanto na RTP Açores, no mais divulgado e popular programa Atlântida, havia um especial dedicado ao Colóquio com reportagens sobre Álamo Oliveira e painéis onde entrevistaram Norberto Ávila, Helena Chrystello, Ana Isabel Soares (do Camões e ainda Laura Areias que todos disseram ter corrido muito bem. <http://www.rtp.pt/programa/tv/p29930/e6>

Apressadamente, digiram-se todos para Ponta Delgada onde, na Livraria Solmar (Avenida) ao bater das 19.00 se fariam as apresentações literárias deste Colóquio.

Chrys começou por falar de Timor e do fardo que transportou ao longo de 24 anos em que foi uma das poucas vozes no jornalismo mundial dedicado ao problema da independência de Timor-Leste, servindo isto de prelúdio para a apresentação da sua trilogia da História de Timor em CD, composta pelo livro 1 Timor-Leste o dossiê secreto (1973-1975), livro 2 Historiografia de um repórter (1982-1993) e livro 3 Guerras tribais, a história repete-se (1984-2006).

Depois Concha apresentou o livro dos 40 anos de vida literária CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL uma compilação das Obras Completas do autor incluindo a reimpressão do primeiro volume publicado em 1972, o volume dois (1967-1975), volumes 3 e 4 (1970-1982) e o novo volume 5 após um hiato de 20 anos que reúne poesia escrita entre 2010 e 2012.

A seguir, Helena Chrystello em nome dela e da outra coautora Rosário Girão falou desse extraordinário projeto dos Colóquios a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos (17 autores em dois volumes) que embora anterior no tempo, sucede à Antologia bilingue de 15 autores lançada em 2011 e que faz parte do Plano Regional de Leitura e vai ser submetida para consideração para o Plano Nacional de Leitura.

Por último Concha Rousia apresentou a sua mais recente obra Nântia e a cabrita d'oiro, um romance infantojuvenil efabulado na própria história da Galiza.

Seguiram depois os conferencistas para o jantar que lhes era graciosamente oferecido pela AASM, Associação Agrícola de São Miguel, em Santana na Ribeira Grande, onde se degustou o excelente bife da ilha acompanhado só de produtos açorianos, do pão ao queijo, ao vinho, ao ananás....

Tivemos o privilégio de tornar a ter no nosso seio o excelente tocador de Viola da Terra, Rafael Carvalho que já estivera no nosso Colóquio na Lagoa em 2008. Foram momentos bem expressivos que antecederam o jantar e - apesar de ter outros compromissos - e de esta sessão ter sido adiada 24 horas, o jovem Rafael não quis deixar de se associar e estar presente.

Tal como na sessão de abertura em que já falara da paz, Dom Ximenes Belo mostrou-se jovial, bem-disposto e falador, contrastando com anteriores ocasiões enque foi sempre muito formal e mais sisudo. Dir-se-ia que estava mais à vontade e se sentiu bem enquanto os Colóquios cumpriam a sua parte e o isolavam da comunicação social como ele expressamente solicitara.

Autorizara apenas fotos nos locais por onde passou e nas intervenções formais quer nos Colóquios quer nas suas perambulações pastorais pela Igreja a Maia e outros locais de culto onde foi prestar homenagem à memória de açorianos célebres como o túmulo de Dom Jaime Goulart.

A sessão correu tão bem que a Assembleia-Geral da AICL foi adiada 24 horas...entretanto a chuva e o nevoeiro não davam tréguas e permaneceram connosco até à data em que escrevo salvo raras exceções muito curtas...

Este Colóquio estava assim resumido a dois dias bem intensos.

Era para se ter realizado em quatro dias (três dias e meio) bem preenchidos e tivemos de o comprimir em dois, mas felizmente os dois dias decorreram sem atrasos em relação aos horários previstos, nem nos almoços (dois dos quais realizados no Sagitário da Maia com mais de vinte e tal pessoas e sem demoras).

Domingo começaria com a poesia interventiva da Galiza pela voz da autora Concha Rousia antes da sessão 5 em que iriam intervir André Crim Valente da UERJ, criatividade lexical na mídia e na literatura: neologismos inusitados, seguido de EDLEISE MENDES da Universidade da Bahía desafios e perspetivas contemporâneas para o ensino de português LE/L2 como língua de cultura(s), Luciano Pereira da ESE, Instituto Politécnico de Setúbal a valorização do trabalho no contexto do ensino da língua e cultura portuguesa num virulento ataque ao mundo contemporâneo desumanizado e Ana Isabel Soares do Camões tradução para língua portuguesa da epopeia finlandesa kalevala.

Depois de um aceso debate seguiu-se o Recital de Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada acompanhada por Henrique Constância ao violoncelo e a estreia da já famosa soprano Helena Ferreira que a todos encantaram. Houve a apresentação pública de inéditos do Padre Aureo da Costa Nunes de Castro, nativo do Pico e radicado durante décadas em Macau, algumas peças do cancioneiro Açoriano e por último a surpresa de duas estreias musicadas por Ana Paula Andrade do poema «A Religiosa» de Álamo Oliveira e de «Maria NOBODY» de Chrys Chrystello em trabalhos de qualidade excepcional, a ouvir em

<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/musicar%20poemas.htm>

Antes do almoço ainda deu para uma excelente sessão dos mestres, a sessão das Academias em que intervieram Evanildo Bechara ABL, Brasil; João Malaca Casteleiro, ACL, Lisboa, ambos com achegas ao Acordo Ortográfico: serão possíveis alterações na dupla grafia para uma unificação mais completa da ortografia?; Concha Rousia AGLP, Galiza E O AO 1990; e outra estreia neste Colóquio Gilvan Müller De Oliveira, Diretor do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa em Cabo Verde) da CPLP, do Acordo Ortográfico à geopolítica internacional da língua portuguesa no século XXI. Mais outro curto e intenso debate.

De tarde era a vez do tema de honra «a mulher nas letras açorianas» com intervenções de Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Porto, sobrevoando a ilha-mátria de Natália Correia, uma panorâmica; Laura Areias, CLEPUL, U. LISBOA, os anseios das insulanas; e Álamo Oliveira, escritor, Terceira, Açores, recordar Adelaide Freitas. Faltou sem aviso a escritora local Ângela de Almeida para faltar de Natália Correia.

A última sessão de palestras era ocupada com o tema Açorianos em Macau e Timor com Raul Leal Gaião, Lisboa, Açorianos Em Macau, D Jaime Goulart - Do Pico A Macau, De Macau A Timor e, Dom Carlos Ximenes Belo, Timor-Leste, Bispos Açorianos Em Macau E Missionários Açorianos Em Timor.

Houve tempo para interessante debate embora a comunicação social se tenha queixada por não poder intervir no mesmo.

Entregaram-se os Certificados com a fotografia de família dos presentes, apresentaram-se conclusões e projetos novos.

É nosso costume agradecer depois de cada Colóquio desta vez, porém, os agradecimentos têm um sabor especial pois ninguém desistiu de estar presente apesar dos contratempos de voo e ajudaram todos com a sua presença a fazer deste Colóquio um evento memorável apesar de ter sido dos mais curtos da sua já longa história...

Aos patronos das 3 Academias agradeço a vossa continuada presença desde 2007 que constitui um incentivo triplicado (Bem Hajam MALACA CASTELEIRO, EVANILDO BECHARA E CONCHA ROUSIA). Uma palavra de apreço muito especial a Dom Ximenes Belo pela sua alegria, jovialidade e excelente entrosamento no seio desta nossa família lusófona.

Tentámos dar-lhe o máximo de espaço ao longo destes dias sem o constranger apesar das 1001 solicitações e esperamos que volte um dia mais tarde. As crianças na escola adoraram a sua presença e todos nos sentimos mais ricos com a sua bonomia e esperança em dias melhores. Foi assim que Timor ficou independente por haver gente que acreditou.

Um agradecimento muito sentido ao Jaime Rita, ao Filipe Braga, Alina, Marina e Daniela e aos incansáveis e sempre solícitos condutores da Junta de Freguesia da Maia e Casa do Povo pela sua dedicação enorme que nos permitiu resolver problemas com os quais nem nós conseguíamos imaginar e que foram causados pelos cancelamentos e adiamentos sucessivos de voos. Agradecemos que divulguem pelos que aqui são nomeados.

Aos nossos outros convidados «especiais» - apesar de sermos todos iguais - a nossa gratidão por se terem integrado tão bem e tão depressa nesta nossa «família lusófona» com especial apreço pelos esforços efetuados pelo Álamo Oliveira e pelos Professores André Crim Valente, Gilvan Oliveira e Ana Isabel Soares que muito vieram enriquecer o conteúdo das comunicações.

Foi graças a todos vós que creio termos conseguido atingir os nossos objetivos saindo deste encontro com tantos novos projetos que iremos construir nos próximos 2 a 3 anos.

Um último agradecimento público à sempre incansável Dona Beatriz do Rego do Hotel na Vista do Vale (hoje cheio de sol) e ao Sr. Augusto do restaurante Sagitário que conseguiram a curto prazo satisfazer todas as nossas necessidades e que nos deleitaram com uma boa culinária para encher os estômagos já que a mente a enchemos nós.

Obrigado ao Jorge Rita da Associação Agrícola de São Miguel, pela oferta de 37 bifés que perdurarão na nossa memória; bem como ao Eng.º Mota da Fábrica de Chá da Gorreana por nos receber assim como ao Zé Carlos Frias da Livraria Solmar pois ambos nos fizeram sentir em casa.

A todos os que não puderam, não quiseram ou não tiveram a oportunidade de estar presentes, apenas vos posso dizer NÃO SABEM O QUE PERDERAM! Obrigado a todos pela vossa amizade e incentivos, bem hajam e até ao 20º Colóquio.

CONCLUSÕES

Incluir A Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, dois volumes, no Plano Nacional De Leitura

Projeto De Antologia No Feminino 9 Ilhas 9 Escritoras Nos Próximos Dois Anos
Projeto De Musicar (Versão Música Clássica) Poemas De Autores Açorianos
Projeto De Musicar (Versão Pop E Rock) Poemas De Autores Açorianos E Dos Colóquios
Projeto Da Junta De Freguesia Criar Um Cancioneiro Da Maia
Publicação de uma compilação de textos dramáticos a incluir no plano curricular do ensino e mais tarde no plano regional de leitura

125. 125. CRÓNICA 125 PENSAMENTOS AVULSOS, abril 10, 2013

O tempo amanheceu mal-amanhado, caramónico até, antes de o sol despontar e nos lembrar por que é o astro-rei que domina e ilumina os nossos dias. Nada disto faria diferença e seria mais um dia normal se eu não tivesse parado para pensar no que me rodeia, nesta nova ditadura encapotada de democracia musculada, quando o ministro das finanças resolveu parar o país e proibir despesas.

Foi então que revi a situação do país onde me encontro, da Europa onde estou inserido e do resto do mundo ocidental para dar conta de que não fui eu quem mudou, mas sim o que me rodeia.

Cresci num pós-guerra espartilhado por princípios sólidos e fortes que duravam desde antes da primeira guerra mundial, onde a palavra do homem tinha valor, bem como a sua família, honra e outras noções que hoje são alienígenas para a maior parte dos habitantes. Foram esses princípios que me trouxeram a sexagenário, sem bens materiais, mas uma enorme riqueza cultural e pessoal que não se mede em Euros ou dólares.

Não mudei, apenas o mundo circundante resolveu inverter as regras a meio do percurso e deixar-nos, a todos os que cresceram e atuaram como eu, perdidos na nova selva sem instrumentos que nos capacitem para reagir e integrar nesta nova ordem mundial da mentira, do roubo descarado, das farmacêuticas que fazem vacinas para matar gente e venderem mais vacinas, dos construtores de países em ruínas que vão para enriquecer e não reconstruir (vulgo Dick Cheney e Halliburton), de firmas que se aproveitam da crise para contratarem ao salário mínimo ou contratam como voluntários jovens estagiários desempregados ou de como a Europa [e ando a dizê-lo há meses] deixa que os novos campos de concentração sejam as ruas pejudadas de sem-abrigo, as casas sem água nem luz ocupadas por despedidos, e os suicídios que se sucedem de gente sem casa nem dinheiro.

Esta é a nova versão da guerra, sanitizada e pura, sem disparar um só tiro. Os velhos a morrerem longe dos hospitais, que não servem já para atender aos doentes; as escolas destrocadas, sem ensinarem nem formarem novas gerações; as universidades a produzirem licenciados, mestres e doutores do desemprego, sem dinheiro para pagar bolsas a quem merece; os pais a inscreverem os filhos nos dois principais partidos pois estes tornaram-se no principal empregador de talentos jovens...por toda a parte o que em tempos se chamava escandaloso, ministros corruptos sem irem para a prisão e a serem reeleitos, compadrios, nepotismos, favorecimentos e um sem fim de mordomias para os «eleitos».

Que mundo é este e como posso preparar o meu filho? Dizendo-lhe “*vai roubar ou vai para a política para ficares rico*”?

Interrogo-me como sobreviver a esta avalanche de casos que diariamente recolho sem que muitos deles cheguem à televisão, anestesiante e anquilosante, que só dá conta de

tragédias, de ameaças governamentais, instilando o medo como arma principal de controlo de massas.

Escrever já não basta e tem quase o mesmo efeito das manifestações públicas, mal dão para preencher intervalos nos telejornais e ninguém as vê nem se interessa.

Para se ser ministro é indispensável não ver manifs nem ver TV, além do mais os carros de alta cilindrada importados da Alemanha têm vidros fumados para esconderem a realidade.

Que nessas coisas caras não cortam eles coitadinhos que têm de se deslocar a alta velocidade, com todo o conforto em nome da nação que espoliam a cada minuto.

Interrompo para ler o que acabei de escrever num fórum a um camarada jornalista acabado de ser dispensado da RDP por telefonema «oficial» (teve sorte podia ter sido por SMS ou gravação no «voice-mail» (caixa de mensagens).

Há muito que deixei de escrever ensaios e crónicas depois do CrónicaAçores volumes 1 e 2, 2005-2011, pois adivinhei o que estava para vir....

Agora voltei ao início, aos meus começos literários, escrevendo poesia pois, como sabes meu caro leitor ou leitora, a poesia é uma arma carregada que ninguém pode silenciar...se a minha mulher não fosse portuguesa já tinha regressado a Sydney, mas ela não tem cidadania nem idade para mais uma mudança.

Hoje mesmo foi anunciado que Deslocações dos deputados ficam fora dos cortes orçamentais da Assembleia. O Orçamento da Assembleia da República para 2013 prevê cortar 10% nos contratos de aquisição de serviços. Mas a rubrica que representa a maior despesa, 3,5 milhões de euros, não entra para as contas. Claro que tinham de ficar fora, então os desgraçados têm de fazer viagens para os seus distritos de origem, que nem conhecem e só visitam em véspera de eleições ...e têm de ir ao estrangeiro aprender como se faz... e visitar quem votou neles antes das próximas eleições para serem votados outra vez ...também há gente implicativa agora a meter-se com o custo das viagens...qualquer dia também protestam contra o champanhe francês que eles bebem no refeitório da AR a 1.50€...

Nessa data alguém questionava

Help (a pergunta, 64 million dollar question, eu sei...) mas como é que se arranjam viagens em conta para os Açores (Horta) sem restrições de data? Alguém consegue comprar as tarifas promocionais?

Apressei-me a responder:

entrando na SATA ou no governo...tendo um amigo deputado, como se vê é fácil arranjar a tal viagem...claro que havia outras opções.

Tem várias hipóteses.

Conhece algum dos secretários regionais?

Conhece algum dos administradores da SATA? Se sim poderá seguir essa via.

Caso contrário pode tentar arranjar emprego na SATA que viaja de graça.

Pode sempre casar com alguém que trabalhe na SATA.

Hipóteses legais serão só estas.

Existem outras, tipo barricar-se num dos balcões da SATA ou raptar um filho de um administrador, mas que apesar de atingirem o objetivo não recomendo.

Fora estas, é pagar os 400 Euros.

Afinal de contas os Açores são um paraíso.

Vive-se num país de faz-de-conta. Como Roberto Y Carreiro escreve nesta data:

Há muito sustento a seguinte ideia: «quanto mais impostos, mais miséria».

Uma sociedade só é livre e independente quando o nível de impostos é suportável e quando estes são direcionados exclusivamente para as funções básicas relacionadas com os serviços públicos ou universais e não para sustentar aristocracias de funcionalismo público e utopias ou novas experiências sociais, como de resto tem acontecido nestas últimas décadas, onde se foram criando «necessidades» para dar empregabilidade a alguns profissionais ou para beneficiar alguns setores empresariais, «fornecedores» da «res publica»...

Liberdade de produzir, usufruir, poupar, gastar e - ou investir deve ser o lema para qualquer sociedade que se quer livre e próspera, tendo como balizas a Lei como mecanismo do Interesse Público e Geral e não para proteger determinados setores sociais e económicos, muito privilegiados em relação à maioria dos cidadãos, como aliás acontece na República Portuguesa, cujos efeitos e consequências têm sido aprofundados por este atual Governo de Lisboa de inspiração confiscatória e neocomunista...

Conclusão: menos impostos, mais Liberdade e mais Prosperidade.

Com a promessa nesta data de se legislar a favor da idade de reforma aos 67 anos devem dar-se graças aos santinhos por ninguém se ter lembrado de que o cineasta Manoel de Oliveira trabalha aos 104 anos e podiam ter imposto a idade mínima de reforma aos cem anos!

Claro que não me canso de dizer - há já alguns anos - que se entrou numa nova era, idêntica à da Revolução Industrial em que as pessoas são meros números na máquina produtiva e de enriquecimento (não das nações - desta vez - mas da banca internacional) bem reminescente das condições que regiam os servos da gleba em tempos idos.

Reafirmei-o no discurso de abertura do 19º Colóquio:

A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia e finanças. Um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, um povo orgulhoso da sua língua não se deixa silenciar para pagar as dívidas da banca mundial.

É esse povo que visamos conquistar nos Colóquios da Lusofonia.

Advogamos sempre que um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, não se deixa dominar e toma decisões conscientes, necessidades bem prementes nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único do lucro a qualquer custo. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios sãos.

Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós, seja ela de origem ou adquirida, mas a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina.

Podemos fazer a diferença, congregados em torno dessa ideia abstrata e utópica de irmanação pela Língua numa escrita unificada.

E, de volta à realidade teremos de continuar a assistir ao fim desta civilização dita ocidental que se esvai lentamente no seu próprio vômito como aconteceu ao Império Romano e a tantas outras civilizações “superiores” que dominaram o mundo em vários períodos da existência humana...

126. 126. CRÓNICA 126 DESEMPREGO ETERNO, 28 abr 2013

A notícia no jornal intitulava-se: Alemanha oferece ensino e emprego aos Portugueses, que mereceria este meu comentário: primeiro roubam-lhes o futuro e depois aliciam-nos a irem enriquecer quem lhes roubou o futuro. Mas, do outro lado do Atlântico a amiga Susana Antunes insurgia-se exclamando:

“... Quem é que roubou o quê a quem? Ainda bem que existem os alemães para lhe impingirem todas as culpas dos nossos males. Assim ilibamos os nossos queridos portugueses que nos governam há 40 anos e que coitadinhos têm sido atrofiados pelos alemães que NUNCA os deixaram governar! É tão bom sacudir sempre a areia de cima do nosso capote e acusar o OUTRO dos nossos males, das nossas podridões, dos nossos nojos.

Enquanto não formos capazes de olhar para os NOSSOS erros que já duram quase há tantos anos como a ditadura de Salazar, não seremos capazes NUNCA de criticar seja quem for. É preciso coragem para SER e nós ainda não temos essa coragem.”

Noutras ocasiões, ou sobre outros temas, até concordaria com ela pois de facto, há erros estruturais na mente, na economia e na governação de Portugal, que datam de há quase mil anos, e se têm vindo a compor como um belo ramalhete de erros criando um permanente estado de crise, de bancarrota, de falência das instituições, da governação, das elites... Já Eça de Queiroz e Antero de Quental definiam este país (há mais de 120 anos) com uma descrição similar à atual situação. Trata-se de uma permanente crise endémica interna que se propaga de geração para geração, sem nunca melhorar e a qual, embora responsável por uma parcela da dívida portuguesa, nada tem a ver com a minha reação ao título e subtítulo desta crónica.

Aquilo a que me refiro é esta guerra global, sem cartel que os grandes bancos que dominam a economia encetaram contra todos os países e povos. Esta guerra global vem na sequência do falhanço em 2008 do Lehman Bros Bank nos EUA, do caso Madoff, e tantas outras crises bancárias que foram abafadas com a pronta intervenção do governo norte-americano para que esses bancos não falissem e continuassem impunemente a cobrar pelos seus erros aos que deles dependiam em negócios de especulação, de chantagem e de manipulação das economias mundiais. Em consequência disto, os EUA limitam-se a imprimir mais papel-moeda. Usando muitos funcionários e ex-funcionários da Goldman Sachs, esse consórcio mundial, sem cara nem nome, acabaria por colocar os seus testas-de-ferro, ou cabeças-de-turco na chefia da maioria das democracias da Europa, jogando com a solidez da economia alemã, com as ambições da sua chanceler Merkel e dando origem a uma nova Revolução Industrial em termos de relacionamento entre patrões e escravos.

O proletariado desaparece, os trabalhadores também, agora pomposamente designados como colaboradores (melhora-se a designação e baixa-se o vencimento), a quem retiram salários e regalias e depois despedem como se de um trapo usado se tratasse. A desumanização a que assistimos nos últimos anos, vai muito para além das políticas conservadoras da recentemente falecida baronesa Thatcher e do seu amigo Ronald Reagan; em muito ultrapassa já o nepotismo da clique que se escondia por detrás de George Bush, cujo rosto mais visível era Dick Cheney e a sua firma Halliburton. Os meios de comunicação social foram, entretanto, consolidados e expressam a voz do dono e dos seus interesses - velados ou não - encarregando-se de produzir notícias catastróficas, lançando balões de ensaio sobre o pior que ainda está para vir, adormecendo, anestesiando a população com medo e entretenendo-as com telenovelas, *Casas dos Segredos*, *Big Brother* e outras manifestações de atraso mental que vai surtindo efeito em populações cada vez menos educadas, mas mais diplomadas. De há muitos anos a esta parte a tática tem sido branquear a história, a cultura, o conhecimento científico tradicional, a filosofia e outras disciplinas capazes de levar os alunos a pensar. O resultado é uma massa de professores malformados, pouco conhecedores de tudo e dotados de conhecimentos mínimos que irão passar em pequena percentagem a uma população cada vez mais iletrada e incapaz de raciocinar ou formar juízos de valor. Como escrevia hoje (28/4/13) Ana Almeida em diálogo com Luiz Fagundes Duarte:

“A questão das aprendizagens fragmentadas, em monólogo, é, mais que pertinente contrariar, urgente combater, pois, sinto, que, não só ao nível da educação básica e secundária, mas sobretudo ao nível superior, este modo se instituiu e ganhou raiz, determinando métodos, pensamentos, ser e estar, veja-se, por exemplo, as dezenas de cursos que se abriram no superior de caráter muito específico e, desculpem o palavão, afunilador do conhecimento e, conseqüentemente, do pensamento. Ouso afirmar que esta questão é, neste momento, civilizacional, tudo é tópico e fragmentado, perdeu-se o Diálogo, a multiplicidade na unidade. Voltando à questão objetiva apresentada no artigo:

Por que não sentarem-se à mesa, onde estivessem todos os programas, um professor de cada disciplina e, em vez da tradicional planificação por disciplina (objetivos, atividades, estratégias, avaliação, calendarização...) uma planificação do Ano de escolaridade, uma planificação, portanto, de todas as disciplinas?”

Olho em volta, tento dialogar e as pessoas não se apercebem destas realidades, poucos se interessam e menos ainda estão interessados em ouvir-me. Falta-lhes, por um lado, o conhecimento histórico - e, por outro -, a formação generalista que lhes permita obter uma visão global e desfragmentada de todas estas manobras de bastidores, do embrutecimento das pessoas, do ensino, da manipulação total de notícias, rumo a uma cultura do medo (sugerindo sempre que amanhã ainda será pior!), da visão repetida até à exaustão de cenas de violência (quantas séries televisivas ou filmes não estão recheados de violência gratuita, entorpecente?).

De tanto repetirem estas patranhas o povo iletrado e inculto acaba por acreditar no que lhe inculcam diariamente, nesta enorme lavagem ao cérebro a nível mundial, e é esse povo que vota sempre nos mesmos que lhes prometem mundos e fundos até serem eleitos e depois fazem exatamente o contrário do que prometeram culpando os seus antecessores.

Entretanto arranjam-se uns bodes expiatórios, umas ameaças de terrorismo como se fossem todas originárias do estrangeiro, quando muitas das vezes ele é concebido pelos próprios membros da comunidade, nativos ou não, a fim de causarem mais medo e terror e aceitarem a progressiva redução das liberdades individuais em nome da luta contra o inimigo, o terrorista.

Temos o 9/11, os recentes atentados em Boston na maratona e todo um complô de teias intrincadas que desafiam a própria credulidade.

Quem iria acreditar que os americanos eram capazes de matar cidadãos seus para aterrorizarem os restantes e os subjugar? Isso só o inimigo, o outro pode fazer... Como quase ninguém acredita (atribui-se tudo a Teorias da Conspiração) eles podem ir continuando a preparar terreno para novas guerras, novas invasões, novas expansões dos seus interesses, tudo em nome do sagrado deus do lucro a qualquer preço.

Dito isto, não me admira que os alemães que cooperam ativamente nesta manipulação das economias europeias queiram agora beneficiar do desemprego dos melhores jovens dos países aniquilados economicamente, para os indoutinarem e beneficiarem do seu trabalho oferecendo-lhes formação e emprego a preços que nenhum alemão iria aceitar. Como os países de origem irão ficar durante décadas insolventes e sem perspectivas de futuro esses jovens não regressarão à origem indo enriquecer a Alemanha.

Era esta a imagem global que queria transmitir e demorei duas páginas a explicar. O futuro está cheio de milhões de desempregados eternos, de pessoas sem-abrigo rodeadas por apartamentos vazios sem comprador, de pessoas com fome e sede no meio de boutiques da última moda, de campos por cultivar enquanto se importam comidas de outras paragens (normalmente da Monsanto e geneticamente modificadas), enquanto ao longe se vão travando velhas e novas guerras, com novas e velhas armas e táticas, ricos cada vez mais ricos, podres de ricos, tão ricos que nem sabem o que fazer ao dinheiro e pobres tão pobres que terão de pagar o ar que respiram e a água que não têm nem bebem.

127. 127. CRÓNICA 127, DAS CRISES -2 maio 2013

Tem sido uma semana complicada, aliás diria mesmo, um mês espinhoso. Tudo começou com o nosso 19º Colóquio que quase ia sendo anulado pela chuva e falta de voos para cá. Depois, a chuva aliviou até ao rali da SATA e esta companhia aérea em permanente

estado de falência, começou uma longa greve que hoje ainda se mantém para coincidir com o Santo Cristo neste fim de semana. No rali o mau tempo manteve-se, depois vieram dias de sol até uma manhã de 30 de abril em que veio o susto.

Foi um sismo muito forte (o maior desde que cheguei há 8 anos, durou perto de 1 minuto na Lomba da Maia) abanou vivamente, a nossa cama batia contra a parede, o candeeiro no hall de entrada ficou cerca de dez minutos a pendular...nada caiu ao chão, nem se partiu...exceto um passepartout...a cadela não ladrou, mas entrou em pânico... e eu, que durmo com a consciência tranquila dos justos, estava a dormir e continuei até me acordarem já a meio do sismo. Não há danos em S Miguel, Sta Maria ou Terceira..., mas assustou mesmo quem como eu acordou a meio...pensei que tinha voltado a Timor onde isto era vulgar...pelas minhas contas depois de Díli foi o mais violento que senti até hoje...e só vem provar a fragilidade do ser humano nestas ilhas onde o culto ao Santo Cristo dos Milagres se iniciou por factos idênticos há centenas de anos.

Tem piada que não era nada disto que vos queria dizer...queria falar do tema único e perverso da crise que nos impingem todos os dias com noticiários de medo. Não vos posso dizer para saírem à rua e pegarem em armas pois pode ser considerado um ato de incitamento ou de terrorismo. Não vos posso dizer que há solução e ela não é pacífica, pessoas com medo nem pensam nem sonham. Também não quero acreditar nas teorias do oculto que dizem que estamos a ser governados por extraterrestres, estes que nos comandam são bem humanos sem intervenção alienígena...trata-se, isso sim, de pessoas sem moral, nem princípios, volúveis, corruptas e com um preço acessível para todos os que pensam que podem dominar o mundo em nome do vil metal.

Apesar de todas as estatísticas afirmarem que os cortes impiedosos nos vencimentos, nos feriados, na função pública, nos benefícios sociais, no Estado Social em geral, acoplados a aumentos brutais nos impostos, seja no IVA, IRS ou outros, só se limitam a aumentar o desemprego, a pobreza, a miséria humana sem reduzirem a dívida. Ninguém ainda parou para dizer àquelas bestas que governam Portugal que, ou, saem a bem e já, ou saem a mal. Ninguém fez contas ou quando as fizeram ninguém ouviu que a dívida que Portugal está a pagar é na sua maior parte a dívida dos investimentos tóxicos da banca nacional e internacional e apenas uma pequena parte é - na realidade - a dívida da nação acumulada em especial nos últimos 3 ou 4 anos. Assim, quando o triunvirato a que chamam troica por ser mais fino, aqui chegou com 83 biliões de Euros prometidos, esse dinheiro emprestado foi para a banca e não para Portugal...depois, a dívida portuguesa aumentou ainda mais.

Nunca mais parará de aumentar pois congregam-se juros e mais juros, e juros sobre juros (os chamados juros compostos), e se daqui a vinte anos ainda andarem a fazer cortes (nessa época já toda a gente deve ter de pagar para poder trabalhar e morrer à fome) a dívida lá estará como uma monstruosa hidra à espera de mais um e mais outro resgate... Senhores, eu sei que nas vossas infâncias gostavam de jogar ao monopólio e comprar o Rossio e Rua Augusta mas agora que já venderam tudo que era riqueza no país, pouco ou nada mais resta para darem de mão beijada aos privados.

O país que ainda era já não existe sem uma única marca nas mãos de portugueses, apenas o nome se mantém a fingir. Os emigrantes que saíram depois de 2000 não são como os dos anos 1960 e 1970, mandam menos remessas de dinheiro e não regressam. Entretanto no interior profundo do país, abandonados e sem serviços, os poucos resistentes começaram a morrer e as suas terras ficaram ao abandono, mantendo-se, porém, o envelhecimento do país, assoberbado pela sobrepopulação das zonas costeiras onde se concentram

os poucos serviços de Estado que sobraram. O remanescente país é uma enorme manta de retalhos, sem gente nem serviços, envelhecendo a um ritmo acelerado sem que haja trabalhadores suficientes para lhes sustentarem uma pensão de miséria sequer. Sem esperança, dominados pelo medo, inseguros sobre quais os cortes que se sucedem mês após mês, os idosos temem o amanhã como se este inferno ainda pudesse ser pior. Os que ainda trabalham veem continuamente os seus salários serem reduzidos e os seus impostos aumentados, cumulativamente com enormes cortes na saúde, educação, justiça.

São todos eles, e nós, vítimas da chantagem atual de que é uma “sorte” terem um emprego enquanto se esquecem já de que o direito ao trabalho é um dever de qualquer nação civilizada, e como dizia o Caetano Veloso “O Haiti não é aqui” (ver e ouvir em <https://www.youtube.com/watch?v=TzIFn-Eq15w> / <https://www.youtube.com/watch?v=nSJHrHrBkPI>)

Os pobres vão morrendo nas esquinas, nos vãos de escada, sob as pontes, sós e abandonados em casa própria ou em lares, e onde calha, sem dinheiro para pagarem as taxas moderadoras nos hospitais, sem dinheiro para ajudarem os filhos e sem comida para darem aos netos que não podem ter educação porque famintos. Os horários de trabalho aumentaram para níveis que se aproximam dos da Revolução Industrial com salários mais miseráveis do que os que existiam no tempo do fascismo. O pior ainda está para vir, todos sabem que Portugal copia a Grécia com dois anos de atraso... Claro que o país está a saque e à venda por tuta e meia...os que se meteram na política juntaram o pecúlio dos seus roubos descarados e legais, baseados em legislação que eles mesmos aprovaram numa Assembleia da República que mais parecia uma confraria de amigos ... continuam a desfrutar de férias no estrangeiro e brutas mansões até ao dia em que o povo se revolte e lhes ataque as mansões, lhes roube o dinheiro e as posses...Mas o tempo urge o povo ainda não saiu armado para a rua onde o esperam as polícias de choque com gás lacrimogéneo ou gás mostarda para lhes ensinar quem manda.

Continuam a votar acreditando que votam...ditaduras transvestidas de laivos de democracia sem direitos nem voz nem livre expressão, as democraduras! Manifestam-se nas ruas pensando que alguém está atento a esses resquícios das velhas repúblicas do século XX. Cada dia em que se manifestem, menos ganham e mais o Estado amealha. Zeca Afonso, mesmo depois de morto, ainda canta para os saudosistas, mas já não há homens nem mulheres capazes de levar a revolta à rua, amolecidos que ficaram das mordomias burguesas conquistadas após o 25 de abril de 1974. Estão anestesiados pelo flúor que lhe deitam na água, pelo espetáculo circense do futebol, pelas novelas e pelo voyeurismo da Casa dos Segredos ou dos degredos uma nova versão do Big Brother. Estão incapazes de pensar, pois foram educados a não o fazerem e são intelectualmente iletrados ou funcionalmente analfabetos, incapazes de compreenderem ou analisarem qualquer texto mais complexo que um resumo de um jogo de futebol.

Como escreveu Alexandre Paes in Revista Sábado: Epitáfio do mês:

"... Portugal surgia como uma terra magnífica até o Criador ter tomado a decisão, generosa mas errada, de cá meter os portugueses." Há muita gente com influência nos meios de comunicação social, fazedores de opinião, construtores de falsos paradigmas, que optam por repetir que não há alternativa e que, se houver, tudo será pior! E há muita gente que vai na conversa! É preciso agitar as consciências e contribuir para que as pessoas pensem.

Como hoje escrevia Daniel de Oliveira no Expresso XL:

"Não podemos permitir que aqueles que conduzem aos maus resultados andem sempre de espinha direita como se nada fosse com eles.

Não podemos permitir que todos aqueles que estão nas empresas privadas ou que estão no Estado fixem objetivos e não os cumpram.

Sempre que se falham os objetivos, sempre que a execução do Orçamento derrapa, sempre que arranjamos buracos financeiros onde devíamos estar a criar excedentes de poupança, aquilo que se passa é que há mais pessoas que vão para o desemprego e a economia afunda-se.

Quem impõe tantos sacrifícios às pessoas e não cumpre, merece ou não merece ser responsabilizado civil e criminalmente pelos seus atos?"

Não se assustem.

Não estou a defender que Pedro Passos Coelho e Vítor Gaspar vão para choça depois de, ao longo de dois anos, terem falhado todas as suas previsões e compromissos orçamentais e a única coisa que hoje nos têm para dizer é "ou esta desgraça ou desgraça maior".

Não estou a dizer que a continuação de mais sacrifícios, cortes e impostos que nunca cumprem os objetivos devem colocar o primeiro-ministro perante um juiz.

Não estou a defender que o aumento brutal do desemprego e das falências ou a catástrofe que se abateu sobre a nossa economia devem ser resolvidos nos tribunais.

Sou dos que pensa que o tribunal da política são as eleições.

Dos que não aceitam que juizes substituam os cidadãos.

Estou a falar da forma como se faz política.

Das coisas inacreditáveis que se dizem para ganhar eleições e das coisas tão diferentes que se fazem depois de as ganhar.

É que, ficam as minhas desculpas pela ausência de aspas, todo o primeiro parágrafo deste texto não é de minha autoria.

São palavras de Pedro Passos Coelho a 6 de novembro de 2010.

Sem uma vírgula a mais.

Olhamos para o défice e para a execução orçamental, não com derrapagens, mas com autênticos despistes.

Olhamos para os impostos criados para compensar o desastre dos dois últimos anos.

Olhamos para o desemprego e para a economia.

Olhamos para os sacrifícios, que, muito para lá dos limites que Passos dizia que deviam ter, fizeram com que Portugal fosse um dos países do mundo que mais caiu, entre 2011 e 2012, no Índice de Desenvolvimento Humano.

Olhamos para a dívida pública que, apesar disto, aumenta 131 milhões por mês, estando em 126% do PIB, quando segundo o memorando de entendimento deveria estar nos 113%.

Comparemos tudo isto com os compromissos, metas e promessas deste governo, e percebemos que as incendiárias palavras de Passos lhe assentariam como uma luva.

Dirão que foi a herança.

Mas se a culpa fosse dela teríamos de recordar que grande parte das previsões para a economia e para os seus resultados orçamentais foram feitas no pleno conhecimento da dita herança, já Passos estava no governo. E saíram todas furadas.

Dirão que é a crise europeia e internacional.

Mas em novembro de 2010 ela já existia e poderia servir de argumento tão válido como hoje.

O que choca não é que Passos tenha dito uma coisa e feito outra. Isso já se sabe e está longe de ser o primeiro.

O que choca é recordar a violência verbal que naquele tempo o líder do maior partido da oposição usava. Até onde ia na sua excitação política, ao ponto de, implicitamente, exigir a prisão do primeiro-ministro.

Até onde foi a direita no seu discurso supostamente moralizador.

E comparar a retórica populista que usava com os resultados práticos da sua governação.

Há quem se queixe da oposição e diga que ela está radical.

Apenas porque não quer consensos com um governo onde manda Gaspar e pede a sua queda e eleições, perante a agonia do País.

Há até quem se queixe da "crispação".

Mas se Seguro, Semedo ou Jerónimo proferissem, hoje, quando a situação é muitíssimo mais grave do que naqueles tempos, declarações deste género, o que seria dito por comentadores, jornalistas e políticos?

E por Passos Coelho?

Na realidade, a oposição a este governo e o comportamento da comunicação social perante o primeiro-ministro são de uma extraordinária suavidade.

Os negócios e a vida de Passos Coelho não foram espiolhados até ao último pormenor.

Não foram lançados boatos sobre a sua vida sexual.

Não foi verificada cada compra de casa que fez, cada negócio em que se envolveu.

A Presidência da República não inventou conspirações e escutas para o incriminar.

Ninguém pede que enfrente a justiça pelo desastre que significaram os dois anos em que governou.

Apenas se pedem responsabilidades políticas por opções políticas.

Que um dos mais impopulares governos de sempre seja julgado pelos eleitores.

Que seja respeitada a Constituição e que não se massacrem mais os desempregados e os reformados.

Tudo, nos argumentos e nas consequências que se defendem, no estrito plano da política.

Pode agradecer Passos Coelho por ter uma oposição tão civilizada.

Tão diferente do que foi o seu comportamento e o das suas hostes nos seis anos anteriores a ter chegado a São Bento.

Dito isto, na Somália morreram de fome 250 mil pessoas nos últimos dois anos e nem um pio se ouviu. Quem vai ouvir os portugueses a morrerem?

À minha volta aqui nos Açores tudo continua na sua modorra habitual sem que as pessoas se apercebam sequer da crise, embora a citem no seu quotidiano linguajar, até porque depois há sempre um Santo Cristo a quem rezar, uma romaria anual para fazer, e umas tantas oferendas em nome de isto ou de aquilo. Mesmo assim, os mesmos que vão ao Santo Cristo e compungidos cantam orações nas romarias são aqueles que, ao domingo, ficam à porta das igrejas ou vão para a taberna passar o tempo do santo sacrifício da missa. Atavismos de séculos que o medo dos tremores e dos vulcões nos últimos quinhentos anos perpetuaram no ADN destas gentes, acostumadas a aceitarem todos os fados como desígnio divino. Nada fazem para mudarem o que podem e aceitam tudo aquilo que não podem mudar, mas ao contrário dos Alcoólicos Anónimos não sabem a diferença. Pelo contrário, continuam a dar seguimento ao bom ditado de Salazar “*dar a beber vinho é alimentar um milhão de portugueses*” ...e se batem na mulher e filhos não é por causa do álcool, mas por herança genética. Curiosa terra em que nada parece passar-se centrada nas nove ilhas diferentes e separadas como sempre estiveram, separadas por bairrismos ancestrais.

Aqui viveram muitos revolucionários e grande parte da história de Portugal passou por aqui ou aconteceu aqui (embora quase ninguém o saiba), desde a oposição ao reino dos Filipes às guerras liberais e ao 25 de abril tudo se passou aqui, mas hoje com esta pretensa autonomia não vislumbro homens capazes de libertarem Portugal do jugo do triunvirato, que em nome do grande capital, administra Portugal como qualquer outra colónia do dinheiro mundial. Ao lado, na vizinha Espanha, a guerra civil que muitos anteciparam também tarda em acontecer, apenas com a ameaça independentista da Catalunha. Em França e noutros países europeus tudo se passa sem grandes conflitos, mais atentado menos atentado islâmico o país virará totalmente islamizado em 2050 segundo as estatísticas... A Grécia silenciada e exangue já não é país, nem colónia nem protetorado...é um território estrangeiro sob domínio alemão, mais indefesa que a vizinha Chipre e a ingovernável Itália.

Portugal que tem a (injusta) fama de brandos costumes e a prática de muitas aleivosias, alevantes populares, revoltas e revoluções, apaga-se lentamente da lista das civilizações tal como os Maias, Astecas e tantas outras civilizações que um dia dominavam grandes partes do universo habitado e conhecido ... e eu aqui sem nada poder fazer a não ser cronicar o fim desta morte há muito anunciada.

128. 128. CRÓNICA 128, FUI LOURO E CONTINUO BURRO 4/5/2013

Por favor expliquem-me bem, pois fui louro, mas continuo burro, como é que se pode manter um governo destes em Portugal?

O Presidente da República não o demite, obviamente, ele (primeiro-ministro) não se demite, as moções de não-confiança não passam porque o PS continua a votar com a direita e não com a esquerda para manter o seu status quo, e tudo continua na mesma.

As ilegalidades sucedem-se, não há tribunal constitucional que lhes valha. As reformas são cortadas, recortadas e tornadas a cortar... Os funcionários públicos continuam a ser o bode expiatório juntamente com os trabalhadores e todos eles são responsáveis por 70% dos cortes de despesa.

A saúde esvai-se em cortes, junto com a educação e a justiça que estão prestes a ser privatizadas com os CTT, as Águas e que virá a seguir. A dívida nacional não é dos portugueses que gastaram demais, mas sim do Estado e dos seus corruptos que desde há décadas andam em jogatinas e esquemas para roubar, defraudar, alienar e enriquecer a todo o custo.

Na tropa só há generais e faltam soldados para uma sublevação militar.

As eleições estão para 2015 e até lá ninguém faz nada a não ser queixar-se em artigos no Facebook.

Dizem-me que é assim que funciona a democracia e que o povo está sedado com as telenovelas, futebol e quejandos.

Assim, se o PR não demite o governo, se este não se demite, se a tropa não toma conta do poder porque é antidemocrático, se o PS não vota moções contra o governo para que ele caia, podem dizer-me o que resta aos portugueses se não continuarem a ser espoliados de tudo quanto amealharam de conquistas pós 25 de abril, a serem roubados, defraudados, vendidos, hipotecados. Se eu por acaso me propusesse deitar abaixo o governo por outros meios, era considerado terrorista por não respeitar a democracia, mas digam-me qual foi a parte que não entendi.

Este governo foi eleito para fazer o oposto do que está a fazer, logo, em meu entender, perdeu o direito aos votos que obteve nas urnas e se não sai a bem, tem de sair a mal. Trata-se de um abuso de poder, de uma ditadura encapotada de democracia, a defesa intransigente dos ditames da troica são anti-portugueses e lesam a pátria e a Constituição que este governo jurou defender. Como jurou falso merece ser apeado por todos os meios.

Não se pode servir de argumentos democráticos para destruir a democracia e o Estado Social em que a Constituição assenta. Digam-me lá se existe algum argumento válido para não apagar este governo já.

Nem mais um dia!

129. 129. CRÓNICA 129, DA MINHA JANELA, 13 maio 2013

Das ameias do meu castelo, desta janela aberta sobre o mundo vi muita coisa e continuo a ver um planeta em permanente mudança. São os vaqueiros que passam a cavalo, em carroça ou em carrinha, rumo às suas vacas e aos depósitos de leite, logo pelas cinco e meia ou seis da manhã em rotinas que se repetem - duas ou três vezes ao longo do dia - até ao anoitecer quando regressam dos pastos pela última vez.

Vejo tratores mais apropriados ao celeiro do Oeste norte-americano, às pradarias, à amplidão dos campos australianos ou aos vastos terrenos da Extremadura espanhola do que ao minifúndio micaelense, depois há uns que são menos gigantescos, mas - mesmo assim - demasiado grandes para estas terras minúsculas, ..., mas todos grandes, enormes para as pequenas parcelas de terra aqui na Lomba da Maia. Vejo as crianças barulhentas que voltam da escola primária ou da catequese, a correr, aos berros, à pancada umas com as outras, desobedecendo a mães e avós, a atirarem papéis para a rua, a comportarem-se

como pequenas bestinhas que irão ser quando crescerem, saltando para o meio da rua impérvias ao trânsito e à vida que lhe podem roubar a cada momento.

Vejo anciãs de xaile ou lenço na cabeça lenta, mais parecem daguerreótipos do século XIX, enquanto vagarosamente sobem a rua rumo aos deveres eclesiásticos da fé, sejam missas, novenas, enterros ou procissões. Parecem viúvas a viver num mundo que já não existe e elas não compreendem a realidade em que estão inseridas... Imagens tiradas doutras eras falando de um passado ancestral imutável durante séculos e que ora deu um pulo para o espaço sideral. Vejo pela janela entreaberta da casa em frente, uma televisão sempre a debitar telenovelas e quejandos, entretendo os anos de vida que faltam à moradora cidadina que aqui se desloca em feriados, férias e fins de semana...

Desta janela não vejo, na casa ao lado, o marido que bate na mulher, mas observo a mulher que bate nos filhos, (bem casada ou mal casada?) que não cessa de entrar e sair para falar com todos os homens da aldeia, mais os fornecedores do pão, da fruta, da carne, das roupas e todos os restantes fornecedores das carrinhas que aqui aportam diariamente para venderem os seus produtos. Ela aguarda, aperaltada, que o marido siga para as vacas e vai lampeira em busca de um homem que a ouça e à sua língua viperina, vivendo no quotidiano os sonhos imaginados das telenovelas que lhe encham as noites. Há mais homens e mulheres assim, rua abaixo e em outras ruas, em freguesias perto e longe.

Da janela vejo aos domingos os homens com fatiotas melhoradas encostados à porta da Igreja ou a beberem uns copos na taberna mais próxima. São os mesmos que não entram na Igreja o ano todo, mas depois se fazem à estrada como romeiros, arrostando com frio, chuva e outras privações. Há ainda os que escapam sempre, sobre quem não impendem acusações de violência doméstica, de pedofilia, de abusos, de alcoolismo, mas que cumprem religiosamente tradições ancestrais que nem sabem explicar nem compreender.

Vejo enterros, procissões, casamentos, crismas e batismos (cada vez menos), vendedores (avulso) de cracas e lapas, vendedores de tudo e mais alguma coisa em carrinhas barulhentas na sua distribuição e aliciamento de clientes em tempo de crise. Vejo os montes ora verdes, ora verdes, ou, então verdes, consoante a estação do ano, e as culturas do que lá se planta, ora vazios, ora com vacas alpinistas todo o ano. Mas o que nunca vi desta janela foi alguém a ler um livro...

130. 130. CRÓNICA 130 - DUAS MORTES E UM PAÍS EM SUICÍDIO LENTO, 16 junho 2013

Como bem disse Mariano Larra, escritor e jornalista espanhol dos inícios do século dezanove:

“Um povo emudecido é um povo de atordoados e medrosos, a quem um prolongado costume de calar entorpeceu a própria língua.”

A isto assisto também eu, pouco mais do que mudo e calado - enquanto digerindo lentamente as vicissitudes da vida e da morte com a minha perspetiva orientada de que a morte não passa senão de uma fase da vida. Assim como à infância se sucede a juventude e a adolescência, a vida adulta, a madura e a terceira idade, a estas normalmente, segue-se a morte que é um estádio diferente apenas porque o eu se desliga das suas vestes terrenas, o corpo.

Sem lágrimas, nem culto dos mortos, esse novo estádio pode ser encarado de várias óticas que normalmente são estigmas na vida das gentes do mundo ocidental. Também se

não professam aqui crenças de 72 virgens nos céus para os mártires do islamismo. Aceito apenas como uma etapa natural e não um fim, em si.

No último mês morreu o Zé Bé (Alberto) de Sousa, jornalista da RTP (de quem profissionalmente fui amigo) em Macau aquando da tomada do controlo da ERM (emissora de radiodifusão de Macau) pela RTP e que recentemente tentava que eu levasse os Colóquios da Lusofonia a Timor.

Era do tempo em que a Judite de Sousa e Fátima Torres eram meninas dos seus 18 anos a fazerem estágio para locutoras, juntas com o José Rodrigues dos Santos que lá estudara no Liceu. Tanta memória e recordação que borbulharam à tona dos sentimentos. Morreu um jornalista e um amigo trazendo-me, de volta, à realidade da nossa efémera passagem por esta vida.

As recordações desses tempos foram sintetizadas nos meus livros CrónicaAçores (volumes 1 e 2) e o resto não se escreve, sente-se e partilha-se com o ego enquanto a memória o permitir. O Zé Bé era um bom colega e impecável amigo.

Não refeito de mais esta perda, faleceu o vizinho maiato Daniel de Sá que foi o primeiro escritor açoriano que conheci, o primeiro que traduzi, e o homem que prefaciou o primeiro CrónicaAçores e a quem os Colóquios da Lusofonia tanto relevo deram entre 2008 e 2012.

Pelo menos fizemos nesses Colóquios várias homenagens em vida do escritor e agora, depois de morto, todos o irão lembrar.

Melhor fora lutar para que a sua obra fosse lida e os seus livros não ficassem esquecidos na pequenez das ilhas e do Continente português.

Nada ficou por dizer e o que foi dito e escrito não importa aqui realçar, mas o sentimento de perda foi profundo, apesar das inúmeras diferenças que nos uniam na história, na política e no demais. Passadas estas semanas todas ainda me custa abordar o assunto.

Conhecia-o bem melhor do que muitos que o rodeavam e fazia parte do meu quotidiano, com a sua agorafobia que o impedia de se deslocar muito para além da área de conforto da Maia.

Se ele acreditava que os portugueses haviam sido os primeiros nas ilhas e eu discordava, se ele era dogmático por formação e convicção e eu era mais tolerante, se ele era unicamente português e contra a independência e autonomia ao contrário de mim que sonho pela independência dos Açores, nada disso obstava a que se tivessem criado laços de amizade da minha parte que ficaram irremediavelmente afetados por esta partida.

Faz-nos pensar, hoje ele, amanhã eu....

Tem sido uma fase difícil pois já nem putativos candidatos a emigrantes me enviam os seus processos para emigrarem. Andam todos tão depauperados que nem dinheiro têm para iniciar o processo de emigrar para a Austrália...

Por outro lado, o filho adolescente continua a impor-nos as suas dores de crescimento de uma forma brutalmente injusta e com a qual nos debatemos para aprendermos a lidar com ela.

Embora continue a assistir incrédulo ao governo e Presidente da República que impunes vendem o país ao desbarato enquanto a dívida interna passa os 120% e várias gerações futuras estão já irremediavelmente comprometidas e endividadas, o certo é que o povo continua manso. Fazem-se umas manifes, umas greves, e tudo continua na mesma.

O país continua ocupado por uma troica do BCE, FMI e quejandos a qual dirige o país com uma nobreza e defesa de interesses do povo português que fariam sentir-se mal os Miguéis de Vasconcelos e Duquesas de Mântua da dominação filipina.

Pouco mais haverá ainda por vender, e tudo não serviu senão para pagar os juros agi-otas enquanto a dívida continua a aumentar e (cada vez mais) há menos joias da coroa para vender... Entretanto a sanha devastadora de fundamentalismo neoliberal destrói a educação, a saúde, a justiça e lança mais de milhão e meio no desemprego, 3 milhões na miséria e nenhuma luz ao fundo do túnel....

Creio mesmo que o túnel não tem fim nem luz...ou então, se calhar, nem sequer existe: esqueceram-se de construir o túnel.

Sabemos todos da orquestração da banca mundial em dominar os países mais fracos acabando com a democracia que ainda resta e estender esse domínio, que a guerra não permitiu, a toda a Europa. A escravatura aumenta, as pessoas matam-se umas às outras para sobreviverem sem tempo para viverem, sem dinheiro para comerem, estudarem ou sonharem. Os novos gulagues e campos de concentração não precisam de gás nem de câmaras de extermínio basta o desemprego sem direito a subsídio e eles morrem-se lentamente fora dos olhares atentos da TV, sem deixarem marcas.

Os velhos sem hospitais, médicos ou dinheiro para se transportarem, ou para pagarem os fármacos, irão morrer silenciosamente pelas aldeias já quase desertas do país, enquanto nas cidades as crianças irão para a escola pública com fome, enquanto os pais se suicidam por não terem comida para dar aos filhos, enquanto as polícias atacam quem se manifesta, enquanto o governo ignora tudo e todos, na sua agenda cega de cumprir a destruição do Estado Social que demorou décadas a erguer.

Que pode um homem da cultura fazer enquanto isto acontece?

131. 131. CRÓNICA 131. IMPUNIDADE, junho, 20, 2013

Adoro este país em que vivo, não só pelo sol abundante que na maior parte dos anos nos chega de borla, como pela riqueza das suas paisagens variadas de norte a sul, e pelo mar adentro até aos arquipélagos da Madeira e Açores.

No entanto há umas pequeninas coisas que podiam ser melhoradas, uma delas é a IMPUNIDADE, ninguém é condenado (e se for é com pena suspensa, que as cadeias estão cheias e a abarrotar e não convém meter lá gente fina que teve um deslize ou outro, mesmo que seja de uns milhões.)

Outras das coisas de que gosto neste país é a capacidade de mobilização contra um Acordo Ortográfico datado de 1990 e do qual se lembraram tardiamente. É capaz de animar um morto e ressuscitá-lo do seu letárgico torpor contra esse crime de lesa língua que entendem matar todas as tradições históricas e a alma do povo português.

No entanto é esse mesmo povo que se reveste de uma total incapacidade, insensibilidade e inépcia de mobilização para o roubo descarado feito pelo governo na saúde, educação, justiça, nos vencimentos, nos subsídios de férias e de natal, e nas regalias que ao longo de décadas foram penosamente conquistadas.

Queixam-se muito nos cafés, que mal frequentam já pois nem dinheiro têm para a bica, nos fóruns cibernéticos, em manifs de rua que para nada servem, em greves a que não aderem para não perderem mais dinheiro, mas quanto a fazer uma manif que faça tremer o governo, lá isso não sabem fazer, mandam umas vaías e assobios em público, umas bocas foleiras que podem dar cadeia ou indemnização, cantam a Grândola, Vila Morena, apesar de mal saberem a letra.

Um povo de mansos e vacas chocas, sem espinha vertebral que vai continuar sempre a votar nos mesmos que o defraudaram e roubaram ao longo de 38 anos da dita democracia, enquanto se diz saudoso de líderes salazarentos que eram honestos e mantiveram o país num feudalismo medieval, de analfabetismo, fome, futebol, Fátima e Fado.

O mundo agita-se em vários países e continentes, mas em Portugal “no pasa nada”, tudo calmo e tranquilo apesar de haver 402 políticos com pensões vitalícias custando 6,4 milhões de Euros, e inúmeras pessoas reformadas a ganharem fortunas noutras posições executivas. Crê-se que Portugal é dos que mais reformados ativos tem, mesmo os que se aposentaram por baixa médica de incapacidade, mas que saltaram para uma empresa ou outra a auferir milhões mensalmente....

Portanto aparte aquele problema da impunidade, que me incomoda, e facto de os portugueses serem um povo pacífico que todos os dias lê (imensos jornais desportivos e magazines cor de rosa), vê todas as telenovelas possíveis até se deitar exausto, não perde um jogo de futebol, não vejo por que razão não deveria eu gostar deste país.

Só se for por ser contra as touradas....

132. 132. CRÓNICA 132 TROICAS LARO(I)CAS... 1 julho 2013

A troica quer baixar salários mínimos outra vez (1/7/2013) e reduzir indemnizações por cada ano de trabalho (1 dia por ano). Creio verdadeiramente que sim, como já me disseram o chefe da Sonae e o do Pingo Doce, que era a única solução.

Os portugueses não entendem que enquanto o salário mínimo não baixar até aos cem Euros brutos a economia não cresce...

E se esta medida não chegar creio que devam obrigar as pessoas assim escravizadas a pagarem para trabalhar como se faz nos países civilizados...

(mamã, já chegamos à Idade Média ou ainda falta muito? continua a remar José...)

Manuel Augusto adianta que

“o trabalho dá saúde; portanto podemos e devemos pagar para trabalhar, pois essa é a única saída para Portugal e este governo misericordioso do Passos Coelho, Gaspar e seus capangas sabe-o e tem tentado tudo para evitar esse momento, mas como todos sabemos os portugueses são uns piegas ingratos.”

Acresço que será assim com salários a cem Euros que a economia cresce, claro que cresce, sim ela cresce para os magnatas pois para o povo será mais do mesmo, miséria.

Victor N Pereira adianta que

“estamos quase a ser os chineses da Europa.”

Da Austrália, Nuno Pinto do Souto interroga-se

“Quase?”

Da Madeira (J. Gomes Bulhão) diz-me que sim,

Sim, a grande solução está no empobrecimento, levá-lo a níveis de miséria, o problema é que já temos tanta e boa concorrência com o sistema da escravização que chegamos tarde, mas vale a pena tentar...

Salário mínimo igual ao de certos países da África ou Ásia, sim, é isso, 1 dólar por dia e seremos um grande país, competitivo, onde vale a pena investir, com pleno emprego...

Da Galiza (António Gil H) aventa:

Vale a pena a UE? Não será ótimo para Portugal, Grécia, Itália, Espanha e mesmo França sair do Euro, pelo menos, como está o Reino Unido?

Respondo:

SIM E MIL VEZES SIM. Os islandeses bem o entenderam e estão livres do Euro.

E por fim dos Açores (Graça Castanho encerra o diálogo desta forma)

Já ninguém aguenta tanto corte!

Penso que o melhor é fechar tudo, acabar com todo o tipo de emprego, começando pela Assembleia da República, representantes da República, ministérios, secretarias de Estado, institutos, fundações, empresas privadas.

Fechar tudo, mas tudo...sem exceção.

Neste contexto, penso que deveria ficar a funcionar apenas o Ministério da Morte, gerido por almas do outro mundo que teriam a responsabilidade de fazer embarcar para o inferno, em primeira mão, todos os corruptos, aldrabões, e malfeitores deste país.

Quem tem coragem de apresentar esta estratégia à Troica?

E depois o diálogo continuou em discurso direto:

Victor N Pereira

Nem tanto ao Mar, nem tanto à Terra. Maria Castanho.

Portugal já viveu crises iguais ou maiores que esta e arranjou maneira de manter a cabeça fora de água.

O que Portugal precisa e não tem é de um Plano Estratégico para criar riqueza e, acredito, existem Portugueses à altura de criarem tal objetivo.

Navegamos à bolina desde 1974 e sem Comandantes clarividentes que ponham a mão no leme e saibam rumar a um porto de abrigo.

A Nau ou Caravela está a adornar e os tripulantes - que somos nós - a entrarem em pânico.

Há que serenar os ânimos e ter esperança em melhores dias...a verdade é que os tempos que correm são preocupantes mas não podemos atirar a toalha ao chão.

Luna Telles Ribeiro

Amigos, enquanto não houver comandantes capazes, competentes e defensores desta pátria continuaremos à deriva. Precisamos de comandantes ou almirantes que levem este barquinho a bom porto!

João Oliveira

Isto só vai parar quando os trabalhadores começarem a perguntar ao patrão no final do mês: "Ó Chefe! Quanto é que lhe devo este mês pelo meu trabalho?"

Nuno Pinto Do Souto

Amigos, deixem-se de Sebastianismos.

Não há "salvadores da Pátria" e esperar que um apareça é simplesmente deixar a porta aberta ao descalabro.

Prova?

Olhem para o país desde 1974.

Têm todos é que começar a aceitar a responsabilidade da liberdade.

E isso é mesmo difícil, não pensem que é só demagogia...

...

...

....

Continua a remar José...já falta pouco para chegarmos...

133. 133. CRÓNICA 133, ILUSÃO DE DEMOCRACIA 4/7/2013

Hoje vou-me servir da sábia análise do internauta Luís Filipe Sarmento:

Obama manda espiar os chamados «Estados amigos».

Um desiludido da CIA foge e denuncia, com documentos, o facto.

A Europa timidamente pede explicações.

Os Estados Unidos, com a arrogância que lhe é sobejamente reconhecida, dizem que depois falarão sobre o assunto.

O agente em fuga passa por Hong Kong e refugia-se em Moscovo.

Putin diz que ele pode ficar se ficar caladinho e lhe entregar os documentos que denunciam o «sócio» americano (ironia das ironias!).

O rapaz diz que não. E fica à espera sabe-se lá onde, ainda que digam que ele permaneça no aeroporto moscovita. Difícilmente credível.

O ex-agente americano, segundo dizem, pede asilos políticos a torto e a direito.

Alguns dirigentes dos países sul-americanos posicionam-se a favor do rapaz.

O paralisado da WikiLeaks, Julian Assange, diz do seu refúgio diplomático que o jovem está num lugar seguro

(?).

Obama eleva a voz.

A Europa penalizada cala-se perante o gigante imperialista que a agrediu.

O Presidente da Bolívia vai a Moscovo e quando viaja de regresso ao seu país, dirigentes de alguns países europeus, incluindo os títeres portugueses, impedem escalas técnicas do avião presidencial, fazendo o jogo do império agressor.

A China lava as mãos enquanto sorri misteriosamente.

Enquanto isto, a Alemanha quer germanizar os países a sul da Europa.

Os cidadãos deixaram de ter qualquer importância.

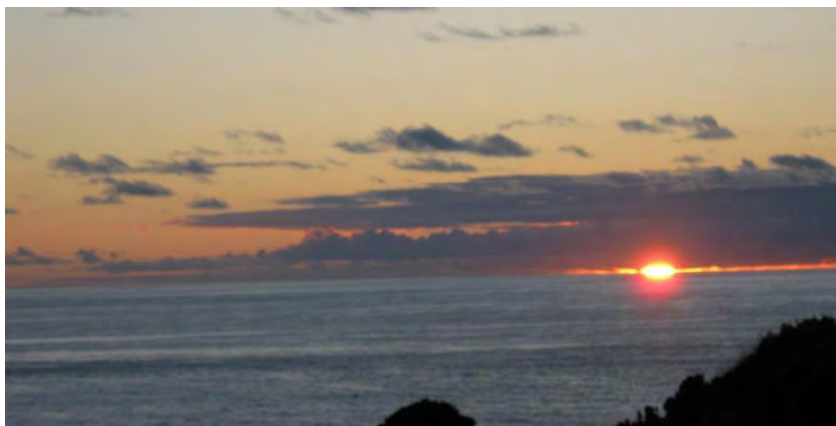
Perdem as suas casas, os seus empregos, passam fome e continuam a ser vilmente atacados, sem dó nem piedade, pelos cobradores ao serviço de governos liquidados por multinacionais financeiras, alimentando a corrupção internacional.

Em Portugal, o incompetente ministro das Finanças demite-se, o ministro dos Negócios Estrangeiros demite-se.

O Primeiro-Ministro diz que não abandona o barco negro em nome da vassalagem à poderosa máfia que tomou conta de parte do mundo.

Situa-se a 30° 54' de longitude oeste, e a 39° 25' de latitude norte. Tem 143 km² de superfície, 17 km de comprimento e 12,5 km de largura. A superfície da ilha é repartida por dois municípios - de Santa Cruz das Flores e de Lajes das Flores. A ilha, junto com a Ilha do Corvo, foram o Grupo Ocidental do arquipélago dos Açores. A 26 de maio de 2009, foi classificada pela UNESCO como Reserva da Biosfera.

Os principais centros populacionais são as vilas de Santa Cruz das Flores e das Lajes das Flores. Dispõe de um aérodromo ou pequeno aeroporto onde opera a SATA Açores, com ligações aéreas regular com a Horta, Lajes (Terceira), Ponta Delgada e Corvo. Entre julho a agosto, a Atlanticoline assegura (de forma bem mais irregular do que o previsto nos horários oficiais) as ligações marítimas de passageiros e viaturas entre o porto da vila das Lajes das Flores (via Horta) com as restantes ilhas. Assegura ainda o transporte regular de passageiros entre as vilas das Lajes e Santa Cruz das Flores e a Vila do Corvo.



majestoso nascer do sol em santa cruz das flores

134.2. CORVO



A Ilha do Corvo é a mais pequena e a mais setentrional do arquipélago dos Açores. Localiza-se no Grupo Ocidental, a 6 milhas náuticas a norte da Ilha das Flores. Situa-se a 39° 40' latitude norte e 31° 05' de longitude oeste. Ocupa uma superfície total de 17,12 km², com 6,5 km de comprimento por 4 km de largura.

A Vila do Corvo, única povoação da ilha, é sede do município do mesmo nome. Em 1987, as funções dos órgãos de freguesia foram assumidas pelos correspondentes órgãos municipais.

Na ilha teriam sido descobertas cerca de uma centena de hipogeus (estruturas de terra cavadas na rocha primitivamente usadas como sepulturas há dois mil anos), incluindo algumas na cratera e aguarda-se o seu posterior estudo. A primeira citação desta ilha surge em 1351 no Atlas Médiçi como Ilha Dos Corvos Marinhos e em 1375 no mapa Catalão surge já distinta das Flores. Diogo de Teive, navegador português, tê-la-á descoberto oficialmente em 1452 ao regressar da Terra Nova. Quanto ao nome teve vários em diversos mapas: Ilha Dos Corvos Marinhos, Ilhas Floreiras, Ilha do Farol, Ilha Nova das Flores, Ilha de Santa Iria, Ilhéu das Flores, Ilha da Estátua, Ilha do Farol, Ilha Negra, Ilha de São Tomás, Ilha do Marco.

Começou a ser habitada com um grupo de 30 pessoas lideradas por Antão Vaz de Azevedo da Ilha Terceira, e posteriormente um outro grupo da Terceira (família Barcelos) mas ambos abandonaram a Ilha.

Em 1548 Gonçalo de Sousa donatário das Flores e do Corvo foi autorizado a mandar escravos de Santo Antão (Cabo Verde) como agricultores e criadores de gado.

A primeira Igreja data de 1570 e a partir de 1580 juntaram-se os colonos das Flores, sendo a sua primeira paróquia estabelecida em 1647 e a sua primeira administração civil data de 1832.

Quando os navegadores portugueses aportaram pela primeira vez à pequena Ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África.²¹² Este episódio, despercebido a gerações de portugueses, iludido pelos manuais escolares, constitui um ponto de partida fulcral para a grande interrogação: quem descobriu pela primeira vez os Açores? Sabendo-se das diferenças qualitativas, não só etimológicas, entre "descobrimto", "descoberta" ou "avistamento", importa conhecer as diferentes etapas que fizeram da gesta das Descobertas Marítimas do Renascimento mais uma consequência do que antecedência gerada no zero dos saberes e da ignorância total sobre rotas oceânicas e capacidades náuticas epocais.

Não existem provas científicas de que os Açores sejam o remanescente do mítico Continente da Atlântida que, outrora, teria sido o berço de uma próspera e culta civilização, entretanto desaparecida nas profundezas do oceano. Curiosamente, no livro de banda desenhada, O Enigma da Atlântida de Blake e Mortimer, a Ilha de S. Miguel é uma das portas de saída da Atlântida. Mesmo que os Atlantes tenham algum dia habitado nos Açores, não foram descobertos, até à data, quaisquer vestígios arqueológicos.

Falta explorar as insondáveis profundezas dos seus mares. Mesmo aí é dúbio que algo possa ser encontrado e que sucessivos milhares de tremores e erupções submarinas não tenham escondido para sempre ou destruído totalmente. Pelos exemplos da violência dos tremores e erupções dos últimos quinhentos anos, dificilmente será crível que um dia se possam deparar com artefactos ou restos civilizacionais da Atlântida perdida que apenas encontrou eco nos escritos de Platão.

Através dos tempos, a Atlântida foi sempre motivo de cogitações e explorações fantásticas. Não faltaram, mais recentemente, escritores, jornalistas ou romancistas e mesmo cineastas, que chegaram a reconstituir, com um esforço de imaginação, a arquitetura, o traçado e os materiais de construção da capital da Atlântida. Confabularam o vestuário, o modo de vida da população; a sua economia, as suas classes sociais, a sua religião, os seus deuses e demónios; os seus imperadores; as suas orgias, a beleza estranha da soberana desse reino submerso. Especulações e nada mais. Platão tem sido submetido a uma das mais ferozes análises críticas, na tentativa de descobrir mais algum pormenor que conduza à localização da misteriosa Atlântida. Quiseram alguns geógrafos e historiadores ver na narrativa do filósofo grego uma alusão poética a um muito antigo conhecimento da América. O facto não é tão extraordinário como pode parecer à primeira vista, se considerarmos o arrojo marinho dos fenícios, e se juntarmos as recentes travessias do Atlântico por navegadores solitários em frágeis embarcações.

O historiador *Pausanias* diria mais tarde (150 AC)

"Existia em pleno oceano, longe, e a oeste, um grupo de ilhas habitadas por homens de pele vermelha e cabelos como crinas de cavalo".

Narrativa extraordinária pois. Ou pura imaginação que, coincidentemente, iria encontrar eco na realidade descoberta 1600 anos depois?

Plutarco, entre os anos 40 e 120 DC, escrevia

"Existem a oeste, no oceano, na mesma latitude da Grã-Bretanha, diversas ilhas atrás das quais se estende um vasto continente. Essas ilhas caracterizam-se pelo fato de que o sol aí brilha ininterruptamente durante trinta dias.

212 http://www.rtp.pt/acoeres/comunidades/quem-chegou-pela-primeira-vez-aos-acoeres-povos-maritimos-da-antiguidade-e-as-navega-coes-no-atlantico-13-joaquim-fernandes_39890

A noite, o astro recolher-se-ia cerca de uma hora, mas mesmo nessas alturas, a obscuridade não seria total, porque o horizonte, a ocidente, ficava sempre iluminado por um crepúsculo”.

Plutarco descrevia, sem dúvida, terras próximas do círculo polar. O continente referido, só poderia ser a América. Juntem-se essas narrativas à hipótese de que, muito antes de Cristo, já os Açores e a Madeira terem sido explorados pelos fenícios, e não acharemos tão improvável o facto de que o Novo Mundo fosse conhecido na antiguidade.

A Atlântida não seria, então, o continente sul-americano? O poderoso reino a que se referia Platão não seria o império dos astecas? Convirá referir que é mais aquilo que desconhecemos do que o que sabemos sobre grandes civilizações da antiguidade. Muitas delas sumidas misteriosamente. Extintas dum momento para o outro, sem qualquer razão aparente, para além de colisões de meteoritos, aquecimentos globais ou outras causas por desvendar. As viagens de Fenícios e Cartagineses tiveram grande importância na Antiguidade para fins comerciais. As que poderiam ter levado a um reconhecimento dos Açores, foram a circum-navegação do continente africano, de Oriente para Ocidente, a mando do faraó Necho em finais do século VII a.C. e a viagem do cartaginês Annone, que perto do fim do século V a.C., abriu as velas de Cartago rumo ao Atlântico, ultrapassou as Colunas de Hércules (Gibraltar) e chegou ao Golfo da Guiné.

É curioso que as únicas referências ao conhecimento dos Açores, anteriores à chegada dos Portugueses, sejam fenícias e ambas relativas à Ilha do Corvo.

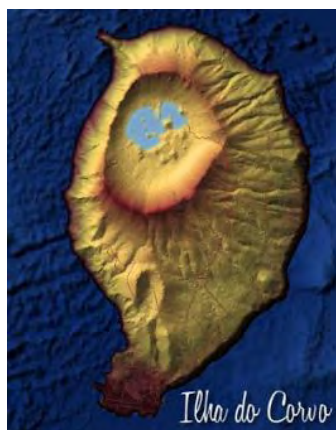
Como eu dizia nos anos 70 num dos seus programas de rádio em Macau “*Todas as coincidências têm uma causa matematicamente provável*”. Neste caso podem existir também causas cientificamente prováveis. Fazendo fé na historiografia antiga, a probabilidade de os fenícios terem chegado aos Açores, é elevada.

Humboldt refere no "Examen Critique" que em 1749, uma tempestade violenta teria abalado as fundações de um edifício parcialmente submerso na ilha do Corvo.

No fim da borrasca descobriu-se, entre as ruínas, um vaso contendo moedas de ouro e cobre que foram levadas para um convento, e das quais nove foram preservadas e enviadas ao padre Enrique Flores, em Madrid, que as cedeu a J. Podolyn da Academia de Ciências de Estocolmo.

Algumas moedas apresentavam a figura de um cavalo por inteiro, outras apresentavam somente a cabeça desse animal.

Alguns peritos afirmaram com suficiente grau de certeza que se tratava de duas moedas fenícias do norte de África (da antiga colónia grega de Cirene ou Cirena [em grego Κυρήνη, Kurene] na atual Líbia, a mais antiga e mais importante das cinco cidades gregas da região). As restantes sete eram moedas cartaginesas.



A primeira publicação de carácter científico referindo aquelas moedas do Corvo deve-se a Johann Frans Podolyn, um numismata sueco que publicou em 1778 uma notícia intitulada *Algumas anotações sobre as viagens dos antigos, derivadas de várias moedas cartaginesas e cirenaicas que foram encontradas em 1749 numa das ilhas dos Açores*

Naquele artigo, Podolyn afirma que em 1749, depois de vários dias de mar tempestuoso de oeste, que expôs parte da fundação das ruínas de um edifício de pedra numa praia da ilha do Corvo, foi descoberto um vaso de barro

negro, quebrado, contendo no seu interior um grande número de moedas desconhecidas que foram levadas para um convento (provavelmente o convento franciscano de S. Boaventura, em Santa Cruz das Flores) a partir do qual foram distribuídas.

Parte das moedas foi enviada para Lisboa e daí para Madrid ao padre Enrique Flórez de Setián y Huidobro (*1701 - †1773), da Ordem de Santo Agostinho, que foi um conhecido historiador e numismata espanhol, à época o mais conhecido numismata ibérico.

Desconhece-se o número de moedas existente no vaso e quantas foram enviadas para Lisboa. O Padre Flórez recebeu nove (9) moedas, depois por ele descritas e estudadas.

As moedas recebidas em Madrid eram: duas moedas cartaginesas de ouro, cinco moedas, cartaginesas, de cobre e duas moedas cirenaicas, também de cobre.

O padre Flórez cedeu as moedas a Podolyn quando este visitou Madrid em 1761, dizendo-lhe que as moedas "representavam todos os tipos encontrados no Corvo" e que eram as mais bem preservadas da coleção.

Na notícia publicada, acompanhada por imagem das moedas, Podolyn afirma que as mesmas, com exceção das de ouro, não são raras, sendo apenas notável o sítio onde foram encontradas, já que não se conhece notícia da presença de cartagineses nos Açores, embora seja possível ligar essa presença à famosa estátua equestre e inscrição que teria sido encontrada no Corvo à época do povoamento.

Faria e Sousa na sua História de Portugal relata esta estátua citando-a como possivelmente de origem chinesa, o que levou mais tarde esse alegado inventor da história, Gavin Menzies, a usar a mesma como "prova" da descoberta chinesa dos Açores antes dos Portugueses. Este Menzies que dizem ser uma fraude, ao contrário desse *inventor* que é o loquaz e ótimo comunicador José Hermano Saraiva que se serve de qualquer facto autêntico para criar uma novela com laivos históricos.

É relatado por André Thevet, um francês do século XVI, que um descendente mourisco ou judaico encontrara uma inscrição com caracteres hebraicos numa gruta de S. Miguel, durante os Descobrimentos, mas não foi capaz de ler, alguns supuseram tratar-se de caracteres fenícios.

Em 1976, nesta mesma ilha, haveria de ser desenterrado um amuleto com inscrições de uma escrita fenícia tardia, entre os séculos VII e IX da era cristã.

A maior parte dos historiadores continua a negar validade a esta afirmação, o que não a impede, porém, de ser verídica.

No século XVI, Générbrand referiu-se à existência dum túmulo com inscrição hebraica em S. Miguel, Açores. Trata-se na realidade de caracteres fenícios de Canaã erroneamente qualificados de hebraicos pela semelhança entre o alfabeto dos cananeus e o dos antigos hebreus.

O texto decifrado permitiu a Manasseh ben Israel, sábio hebreu do século XVII ler a inscrição como "Mektabel Suai, filho de Matadiel" (de acordo com Pierre Carnac em "A Atlântida de Cristóvão Colombo").

Damião de Góis escreveu na "Crónica do Sereníssimo Príncipe Dom João" que quando os portugueses chegaram àquela remota ilha encontraram uma estátua equestre no cume noroeste da serra, no centro da ilha, colocada sobre um pedestal quadrado.

No seu cume, que parecia servir de marco aos navegantes, estava o vulto de um homem grande de pedra, montado num cavalo sem sela. Era uma estátua profética, construída, não se sabe por quem, a partir de um único bloco de pedra e representava um homem, de cabeça descoberta, mas tapado por uma espécie de manto. As faces do rosto e outras partes estavam sumidas, cavadas e quase gastas pelo tempo e supõe-se que pela erosão dos elementos. Sobre as crinas do cavalo, o qual tinha uma perna dobrada e outra levantada, estava a mão esquerda do homem, enquanto o braço direito estava estendido e com os dedos da mão encolhidos.

Só o indicador continuava aberto e apontava para o poente ou noroeste, para as regiões onde o sol se oculta, a grande terra dos bacalhaus, a América ou o Brasil, terras que ainda não tinham sido descobertas pela civilização ocidental.

O rei Dom Manuel I teria mandado a Duarte d'Armas que fizesse um desenho da estátua e ordenado o seu transporte para a corte de Lisboa, mas só viria a receber pedaços do monumento, nomeadamente, a cabeça, e o braço e mão direitos, e parte do cavalo. Estas peças teriam sido guardadas no palácio real, tendo-se perdido o seu rasto a partir daqui. Na base - deixada no Corvo - existiriam algumas letras numa escrita desconhecida que foram copiadas em 1529 por Pedro da Fonseca, mas cujo teor ninguém conseguiu até hoje identificar.

Cavaleiro de basalto

A respeito do artigo **Quem construiu a estátua da ilha do Corvo?** (Super n.º 128 de dezº 2008), convém ter em atenção o que se segue.

O autor invoca uma série de testemunhas. De nenhuma delas há um testemunho direto, porque só se sabe o que disse Damião de Góis. O Dr. Gaspar Frutuoso, bem como Frei Diogo das Chagas e outros, limitou-se a copiar o que escreveu o cronista, que apenas deve ter ouvido a história, porque se percebe pelo relato que o próprio não chegou a ver os despojos do achado.

O basalto é uma pedra muito difícil de esculpir. Seria quase impossível conseguir pormenores que fizessem o cavaleiro parecer-se a um magrebino. O que aliás contrasta com o que diz Frutuoso do que afirmavam os naturais das Flores e Corvo: que a estátua “estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes do corpo sumidas e quase gastadas”.

Quanto às letras gravadas na rocha, estariam em lugar tão inacessível que teria sido necessário descer por cordas quem lhes tirou o molde. Como teria sido então possível o trabalho de as esculpir? E por que razão, sendo este episódio do tempo de D. Manuel, o conta Damião de Góis na Crónica do Príncipe D. João? Aliás, o célebre humanista não era um historiador, mas um cronista. O seu pouco rigor chegou mesmo a causar-lhe complicações com a justiça real.

Que dizer das moedas achadas nas ruínas de uma casa? Que, se existiram, foram para lá levadas depois do povoamento.

Das inscrições numa gruta muito grande em S. Miguel, basta dizer que nunca se encontrou a gruta sequer. E, quanto aos caracteres em pedra nas Quatro Ribeiras, quase todas as pessoas que os viram afirmam ser uma formação natural. Quem quer crer nos fenícios diz apenas que “talvez”...

Quanto ao saber marítimo dos fenícios, não consta que tenham sido mais do que bons marinheiros de cabotagem. Os portugueses foram os primeiros a ser capazes de navegar sem terra à vista. Os próprios viquingues chegaram à Gronelândia fazendo escala nas ilhas Faroer e na Islândia, já então habitadas. E, da Islândia à Gronelândia (300 km), com boa visibilidade viaja-se sempre tendo a terra como referência: até meio caminho continua a ver-se a Islândia, daí para diante já se avista a Gronelândia.

Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores

Diria ainda o cético Daniel de Sá a este respeito (jornal Público 20 julho 2008):

“...há outra novidade nas livrarias, que versa sobre uma famosa estátua que teria sido encontrada na ilha do Corvo pelos primeiros povoadores. Prova irrefutável de que por ali andaram cartagineses muito antes de Cristo calcorrear a Galileia. Falou dela Damião de Góis, que a descreve em pormenor, mas não a viu. Como convém nestes casos, não ficou nem um pedacinho da escultura, que teria sido levada para a corte no tempo de D. Manuel. Nem qualquer marca na ilha. E também desapareceram as moedas cartaginesas encontradas lá nos finais do século XVIII. Desaparecimentos deste tipo dão sempre jeito para uma história revista e aumentada.”

Já o célebre historiador e estudioso de fenómenos esotéricos, Joaquim Fernandes (um brilhante aluno que foi meu antigo colega de liceu) responderá assim a Daniel de Sá:

“... Pretendera beliscar uma dupla credibilidade: a de Damião de Góis, que descreve com algum detalhe, o episódio da estátua equestre encontrada pelos portugueses na ilha do Corvo, e o historiador no papel de autor do romance O cavaleiro da Ilha do Corvo, que embora em tons de ficção, fá-lo com a segurança e credibilidade que lhe confere uma investigação documental de centenas de referências bibliográficas, de Aristóteles à pesquisa atual, disponível no final do citado livro.

Desde o arquiteto Duarte d’Armas, que el-rei mandou ao Corvo fazer o desenho da estátua, aos pedreiros enviados ao ilhéu com a incumbência de trazerem o monólito para Lisboa, passando pelo donatário Pedro da Fonseca, que em 1529, se deslocou ao Corvo para recuperar uma legenda em caracteres não-latinos descoberta no sopé onde antes existira a estátua do cavaleiro com “traços africanos”, seguindo a descrição de Góis.

E o mapa dos irmãos Pizzigani, de 1367, que confirma a tradição árabe das estátuas marco no centro do Atlântico?

Ou seja, o autor da Crónica do Príncipe D. João é digno de crédito para descrever a chegada do primeiro rinoceronte a Lisboa; mas já não serve quando relata a chegada ao Paço dos destroços do monumento, que a imperícia dos pedreiros provocara....

Quatro séculos passados persistem aqueles que minimizando a integridade de Damião de Góis, tentam fazer da História um livro fechado.”

Sei-o, por experiência própria, que sempre que se quer alterar o que ao longo dos séculos vem passando por História, um enorme coro se levanta a defender a versão e o *status quo*. Faz parte da mente humana recusar aceitar novos factos, provas ou teorias, que contradigam aquilo em que se acredita desde a idade de formação intelectual.

O primeiro romance do investigador Joaquim Fernandes, "O cavaleiro da ilha do Corvo", promete criar polémica, ao sugerir que os navegadores da Antiguidade terão conhecido os Açores muitos séculos antes de os portugueses ali terem chegado. (Jornal de Notícias 6/6/2008):

Na base da tese defendida no livro, alicerçada em anos a fio de investigações, encontra-se um dado para muitos desconhecido: quando os navegadores portugueses chegaram à ilha do Corvo, nos Açores, em meados do

século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África. A existência do referido monumento até poderia ser uma simples lenda não fosse dar-se o caso de o relato da sua descoberta ter sido escrito pelo grande humanista português dos Descobrimentos Damião de Góis, cuja "obra e crédito são dificilmente questionáveis", adiante Joaquim Fernandes. Obra de ficção que, segundo o autor, "não deixa de ser também um ensaio histórico". "O cavaleiro da ilha do Corvo" levanta questões várias ("e se a tal lenda de um tal cavaleiro em pedra que aponta, do mais alto cume da ilha, em direção às Américas fosse apenas uma tentativa de insinuar a descoberta por outros povos do que Colombo definirá de Novo Mundo?", questiona o autor) numa trama conspirativa destinada a relançar o debate em torno dos Descobrimentos. "O livro defende, em suma, a plausibilidade da hipótese da navegação no Atlântico mil anos antes de os portugueses darem início à sua aventura marítima", explica o especialista no estudo do imaginário português. O docente da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, tem outros projetos que aguardam publicação. O primeiro, intitulado "Poesia e o Céu", é uma revisão da poesia portuguesa de todos os tempos, inspirada pelos astros. Igualmente ambicioso é o volume "O livro dos portugueses esquecidos": em mais de meio milhão de páginas, Fernandes recorda a vida de 300 figuras nacionais dos séculos XVI a XIX que, devido a perseguições várias, se viram obrigadas a procurar refúgio noutros países, nos quais atingiram relevo em áreas tão distintas. Desde José Carlos de Almeida, o fundador da Sociedade Francesa de Física, ao Padre António de Andrade, o primeiro europeu a chegar ao Tibete, há biografias para todos os gostos. Do seu conjunto extrai-se a ideia de "um país que sempre conviveu mal com a diferença, exibindo sinais de uma intolerância, sobretudo política e religiosa, que se revelou catastrófica para o seu desenvolvimento, ao dispensar um número avultado de talentos". A lista poderia ser ainda mais vasta se incluísse figuras como Damião de Góis ou Pedro Nunes, que abandonaram o país nas mesmas circunstâncias dos restantes biografados, mas o organizador da antologia entendeu privilegiar figuras que, apesar da sua valia, foram esquecidas com o decorrer dos anos. Para investigar esta autêntica 'fuga de cérebros', Joaquim Fernandes recorreu a enciclopédias e dicionários, mas também jornais e publicações científicas, surpreendendo-se com a quantidade de 'estrangeirados' que Portugal foi acumulando ao longo dos anos. "Boa parte dessa elite foi enriquecer sociedades como a alemã ou a holandesa", lamenta o autor

Quando os navegadores portugueses aportaram pela primeira vez à pequena ilha do Corvo, nos Açores, em meados do século XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços característicos do norte de África. Este episódio, despercebido a gerações de portugueses, iludido pelos manuais escolares, constitui um ponto de partida fulcral para a grande interrogação: quem descobriu pela primeira vez os Açores? Sabendo-se das diferenças qualitativas, não só etimológicas, entre "descobrimento", "descoberta" ou "avistamento", importa conhecer as diferentes etapas que fizeram da gesta das Descobertas Marítimas do Renascimento mais uma consequência do que antecedência gerada no zero dos saberes e da ignorância total sobre rotas oceânicas e capacidades náuticas epocais. (in RTP Açores Comunidades de 13/6/2009)

Quem foram os construtores da Estátua da Ilha do Corvo?

Esta surpreendente revelação tem sido regularmente refutada pela historiografia mais conservadora, que a tem crismado de "rumor", "lenda" ou mesmo "fraude". Mas, existe uma fonte autorizada - de entre outras de diversa natureza - por muitos silenciada ou ignorada ao longo dos séculos. Quem a forneceu à posteridade tem obra e crédito dificilmente questionáveis: Damião de Góis (1502-1574), o grande humanista português do Renascimento, que descreve, com algum detalhe, no capítulo IX da sua Crónica do Príncipe D. João, escrita em 1567, as circunstâncias em que o inesperado monumento - "antigualha mui notável", assim lhe chama o cronista - foi achado no noroeste da pequena ilha, a que os mareantes chamam "Ilha do Marco". Quando? "Nos nossos dias", afirma o cronista régio, na mesma crónica, ou seja, no seu tempo de vida, provavelmente entre os finais do século XV e os inícios de XVI, no decurso do reinado de D. Manuel I e durante as primeiras tentativas de colonização da ilha do Corvo. O que era, então, esse insólito e inesperado "monumento"?

"Uma estátua de pedra posta sobre uma laje, que era um homem em cima de um cavalo em osso, e o homem vestido de uma capa de bedém, sem barrete, com uma mão na crina do cavalo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamam índice, com que apontava contra o poente".

"Esta imagem, que toda saía maciça da mesma laje, mandou el-rei D. Manuel tirar pelo natural, por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas; e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Itália, que fosse a esta ilha, para, com aparelhos que levou, tirar aquela antigualha; o qual quando dela tomou, disse a el-rei que a achara desfeita de uma tormenta, que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por mau azo; e trouxeram pedaços dela, a saber: a cabeça do homem e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavalo, e uma mão que estava dobrada, e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve na guarda-roupa de el-rei alguns dias, mas o que depois se fez destas coisas, ou onde puseram, eu não o pude saber".

O cronista pormenoriza ainda que, "em 1529, o donatário Pêro da Fonseca, das ilhas das Flores e do Corvo, "soube dos moradores que na rocha, abaixo donde estivera a estátua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha uma letras; e por o lugar ser perigoso para se poder ir onde o letrado está, fez abaixo alguns homens por cordas bem atadas, os quais imprimiram as letras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cegas, em cera que para isso levaram (sublinhado nosso); contudo as que trouxeram impressas na cera eram já mui gastas, e quase sem forma, assim que por serem tais, ou porventura por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nem um dos que ali se achavam presentes soube dar razão, nem do que as letras diziam, nem ainda puderam conhecer que letras fossem".

Rumores lendários ou testemunhos factuais?

Quais as testemunhas documentalmente identificadas, sem equívocos, diretamente envolvidas no episódio histórico em torno da chamada Estátua Equestre da Ilha do Corvo? Num primeiro grupo podemos incluir: **D. Manuel I**, 14º rei de Portugal; **Duarte d'Armas**, arquiteto e desenhador da Corte, autor do debuxo do monumento; um mestre pedreiro, natural do Porto, incumbido pelo rei da missão de desmontar e transportar o monumento para Lisboa; **Damião de Góis**, moço de câmara, cronista régio e guarda-mor da Torre do Tombo; **Frutuoso de Góis**, guarda-roupa do

referido soberano e irmão mais velho do anterior; **Pedro da Fonseca**, donatário das ilhas das Flores e do Corvo, em 1529. Acrescentemos a estes um segundo grupo de outros presumíveis testemunhos, embora não referenciados nos documentos, como **Antão Vaz Teixeira**, colono da primeira vaga de ocupação da ilha (entre 1508 e 1515); os irmãos de apelido **Barcelos**, depois de 1515, na segunda tentativa de povoamento do Corvo, talvez os mesmos que alertaram Pedro da Fonseca, em 1529, e os que acompanharam o capitão da ilha ao local da laje para copiar a legenda da estátua. Finalmente, um terceiro núcleo de individualidades, mais ou menos coevas dos protagonistas da fase da recuperação da legenda, como sejam o **Dr. Gaspar Frutuoso**, o primeiro historiador açoriano, contemporâneo de Damião de Góis, ainda que um pouco mais novo que este; **Fr. Diogo das Chagas**, escritor, que confirma a presença do donatário Pedro da Fonseca, na ilha do Corvo, em 1529; o **Dr. Luís da Guarda**, corregedor dos Açores entre 1548 e 1552, referenciado por Gaspar Frutuoso como tendo sido uma das pessoas ("ou outro seu propínquo antecessor", supõe o historiador) que "pretenderam alcançar o segredo daquela antiguidade", que, segundo os naturais das ilhas das Flores e do Corvo, ainda de acordo com Gaspar Frutuoso, "estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes sumidas, cavadas e quase gastadas, do muito tempo que tudo gaste consome".

Embora Damião de Góis nos informe, textualmente, "em nossos dias se achou", não aponta uma data. Sugere, quando muito, que a descoberta dessa "antigalha assaz antiga" - como ele a descreve - é contemporânea dele, do seu tempo. O facto de ter sido D. Manuel I a mandar investigar e a recolher o monumento aumenta essa probabilidade. Mas não é impossível que a informação tenha chegado antes à Corte portuguesa. É nesse conhecimento anterior a D. Manuel e Damião de Góis que se funda a tese da estátua do Corvo como elemento decisivo e impulsionador das explorações portuguesas de longa distância. Se o monumento existiu, de facto, quem poderia tê-lo construído? Para o cronista régio e arquivista da Torre do Tombo, "esta gente que veio ter a esta ilha e nela deixou esta memória poderia ser da Noruega, Gótica, Suécia ou Islândia", divergindo assim da hipótese fenícia ou cartiginesa defendida pelo seu contemporâneo açoriano Gaspar Frutuoso. Recorde-se que o jovem Damião entrou ao serviço do Rei Venturoso com apenas nove anos de idade, fazendo companhia ao seu irmão mais velho, Frutuoso, guarda-roupa do soberano no Paço da Ribeira. Damião teve mestres de várias disciplinas, como mandava a refinada educação palaciana da época, começando como pajem da lança, servindo o rei à mesa. Passou também a estudar música, para satisfação do rei, um refinado melómano, estivesse em despacho ou na sesta. Mais tarde, foi moço de câmara, um lugar de intimidade no protocolo régio, sendo dos poucos que se permitia entrar na régia presença em pelote, que, ao contrário do que se possa pensar, era uma capa forrada de peles. Rezam as crónicas que segurava o bacio do penteador, enquanto o irmão Frutuoso penteava D. Manuel I... Temos, pois, reunido um séquito de testemunhos diretos, muito próximos, além dos indiretos, cuja concordância confere algum peso qualitativo à presunção da existência **de facto** do dito monumento, porventura perdidos os seus destroços entre as brumas da memória e das ruínas humanas.

...

Recorde-se que o jovem Damião entrou ao serviço do Rei Venturoso com apenas nove anos de idade, fazendo companhia ao seu irmão mais velho, Frutuoso, guarda-roupa do soberano no Paço da Ribeira. Damião teve mestres de várias disciplinas, como mandava a refinada educação palaciana da época, começando como pajem da lança, servindo o rei à mesa.

Passou também a estudar música, para satisfação do rei, um refinado melómano, estivesse em despacho ou na sesta. Mais tarde, foi moço de Câmara, um lugar de intimidade no protocolo régio, sendo dos poucos que se permitia entrar na régia presença em pelote, que, ao contrário do que se possa pensar, era uma capa forrada de peles. Rezam as crónicas, que segurava o bacio do penteador, enquanto o irmão Frutuoso penteava D. Manuel I...

Temos, pois, reunido um séquito de testemunhos diretos, muito próximos, além dos indiretos, cuja concordância confere algum peso qualitativo à presunção da existência de facto do dito monumento, porventura perdidos os seus destroços entre as brumas da memória e das ruínas humanas.

Em 1587, o Corvo foi saqueado e as suas casas queimadas pelos corsários ingleses, que haviam atacado as Lajes das Flores. No ano de 1632, a ilha sofreu duas tentativas de desembarque de piratas da Barbária, no atual cais Porto da Casa, que era apenas uma baía. Duzentos corvinos usaram tudo ao seu dispor para repelir os atacantes que acabaram por desistir com baixas. A imagem de Nossa Senhora do Rosário foi colocada na Canada da Rocha e diz a lenda que ela protegeu a população das balas disparadas.

No século XVIII, com a chegada dos barcos baleeiros norte-americanos à Ilha das Flores para recrutar tripulação e arpoadores, uma vez que os corvinos eram apreciados pela sua coragem, iniciou-se uma estreita relação com a América do Norte, que passou desde então a ser o destino de eleição para a emigração corvina e de onde chegaram praticamente todas as novidades à ilha, a qual manteve durante muito tempo uma relação mais estreita com Boston do que com Lisboa.

A emigração clandestina era uma constante da vida da ilha, apesar dos esforços repressivos das autoridades portuguesas, preocupadas com a fuga ao serviço militar obrigatório e com a perda de mão-de-obra.

Os corvinos pagavam um pesadíssimo tributo aos capitães do donatário.

Manuel Tomás de Avelar foi o chefe delegação de corvinos que foi a Angra do Heroísmo fazer a petição, despartando, pela sua sabedoria e maneiras, o espanto da liderança liberal da Regência de Angra.

Mouzinho da Silveira, impressionado pela quase escravidão em que vivia o povo do Corvo, obrigado a comer pão de junca para poder pagar o tributo a que se encontrava obrigado, propôs a redução para a metade, do pagamento em trigo e anulou o pagamento em dinheiro, fazendo assim a felicidade dos corvinos.

A impressão foi tal que Mouzinho da Silveira, hoje homenageado como patrono da Escola Básica Integrada do Corvo, anos depois escreveria no seu testamento que gostaria de estar sepultado na ilha, "cercado de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida".



MOUZINHO DA SILVEIRA

O decreto, datado de 14 de maio de 1832, e assinado em Ponta Delgada por D. Pedro IV, reduziu à metade (20 moios) o pagamento em trigo que os corvinos faziam a Pedro José Caupers, então donatário da Coroa, e eliminou o pagamento em dinheiro de 80 000 réis.

Em contrapartida, a Coroa assumiu indemnizar o donatário.

O tributo apenas foi completamente abolido em 1835.

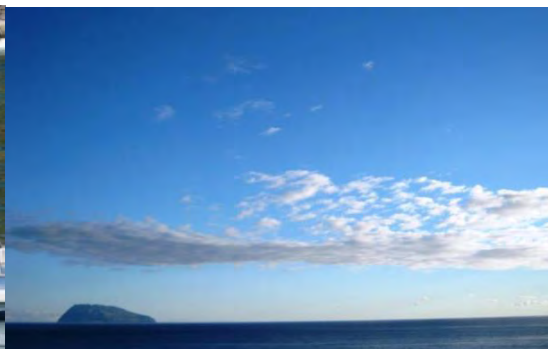
Pedro IV de Portugal elevou a povoação do Corvo à categoria de vila e sede de concelho (20 de junho de 1832).

O decreto determinou que a nova vila se chamasse Vila do Corvo, e não Vila Nova como por vezes aparece grafado.

Antes disso, esteve sob jurisdição de Santa Cruz das Flores, sendo uma das freguesias daquele concelho. Atualmente o dia 20 de junho é feriado municipal.



Partida do cais do porto da casa no corvo



Alvorecer na ilha do corvo

134.3.1. FLORES E CORVO UMA VIAGEM, 26 agosto 2013



corvo

Da cama vejo o Corvo, um rochedo em formato de bota medieval, pontos brancos no sopé, no tacão, ilha inviável na teimosia dos habitantes.

Da varanda vejo uma baleia decepada no átrio do Museu da Fábrica da Baleia (que ainda não abriu na antiga fábrica de retalhar cetáceos). Santa Cruz das Flores tem cerca de 2 mil almas, uma vida pachorrenta neste bulício de verão.

Nem imagino como será a longa invernia de mares alterosos, onde hoje há um espelho de água que me lembra a Baía de Díli, em frente a Lecidere, nos anos 70 do século passado....

Em volta só há mar até às Américas, que isto de Europa já nada tem. Se Galileu não o tivesse dito, a Terra podia ser plana, tão vasto e reto é o horizonte que se confunde com o oceano.



a fábrica da baleia, ora museu em santa cruz das flores

Parado no carro, à espera da minha cara-metade e dos seus remédios, à porta da Farmácia de Santa Cruz, vejo aproximar-se e parar, um simpático agente da autoridade numa viatura da Polícia Marítima, o qual, cortês, me chama à atenção, de que estou contra a mão. O mesmo me acontecera em S Jorge. Estou sempre contra qualquer coisa. Já é mania.

Depois de analisadas as instalações e de darmos umas voltas pela urbe fomos almoçar ao Boston Super Hambúrguer, bom e barato 6.00€ PAX. Ao jantar fomos ao Restaurante Rosa (logo a seguir à Igreja) com comida aceitável por 11.00€.

Depois de uma ida à piscina e ao ginásio fomos repousar cedo. O sol pôs-se por detrás de nós, detrás dos montes, vieram as estrelas e os cagarros, o marulhar calmo das ondas, contrastando com os gritinhos quase infantis e divertidos destas aves, sobre a piscina iluminada. Ao longe há cento e tal casas alumiadas no Corvo, e mais meia dúzia a meia encosta. Vi os faróis de um carro rumo à caldeira. Parece estar aqui tão perto, essa terra de lendas e povos antigos.

A Ursa Maior apontava o caminho enquanto a Ursa Menor me atraía e me confundia entre as constelações Pégaso e Oríon, esquecido que estou de olhar os céus, nomes perdidos na memória de anos idos.

Este silêncio, esta paz, a gentileza das gentes. Ao jantar, no apinhado restaurante Rosa, os funcionários estavam preocupados pelo atraso em servirem-nos, por entre a confusão de terem de atender também duas mesas de 25 excursionistas doutra ilha.

Uma terra com a dimensão pouco maior do que a Maia em São Miguel virada para o mar por todos os lados (e a atestá-lo a numerosa flotilha de barcos e barquinhos a toda a

hora cruzando o canal para o Corvo), ilha esquecida pelos governos centrais e regionais (exceto agora em tempo de eleições e de alcatifar estradas e caminhos municipais).

Apetece fugir para aqui, apesar de não haver gelados em parte alguma, porque de acordo com o que me foi gentilmente explicado “esta terra é assim”. Apetece fugir para aqui das guerras, da fome, dos governos que nos desgovernam e passar despercebido do mundo.

Terra ideal para escrever como Roberto Mesquita e Pedro da Silveira fizeram, enquanto iam ao mar buscar laranjas. Amanhã vou ao Corvo...ver grutas e sonhar com golfinhos e baleias. Da varanda continuo a ouvir a dança louca dos cagarros, cada um com seu cântico de guerra distinto....

Ao olhar o Corvo na lonjura parecia um botim, ou mais romanticamente, um navio à medida da Jangada de Pedra do Saramago à deriva no Atlântico Norte. Se ao menos tivesse asas como os cagarros deixava-me ir mesmo sem lhes conhecer o alfabeto nem o sotaque dos seus constantes ralhos.



134.3.2. COMO VI O CORVO EM 27 agosto 2013

Amanheceu mesmo em frente à janela da suíte e talvez pela primeira vez (desde que me lembro) vi o sol nascer sobre o mar, momento inolvidável de beleza e magia que iria marcar o resto do dia dedicado à viagem ao Corvo. Saímos com outras 12 pessoas num Zodiac, barco semirrígido, para uma viagem de pouco menos de 40 minutos (15 milhas) ao custo de 30 Euros por pessoa, com direito a ver grutas. O guia navegador, há 20 anos metido nisto, apoia a Universidade dos Açores e seus biólogos, mas a nós deu explicações detalhadas sobre cagarros, a pesca do atum e aspetos da vida marinha.

A viagem correu bem sem sobressaltos, mas se vislumbrarem os prometidos golfinhos nem baleias (cachalotes). Muito calor à chegada ao pequeno cais, o Porto da Casa, onde 3 carrinhas de 9 lugares nos esperavam para levarem os visitantes ao Caldeirão e suas lagoas, ponto obrigatório de visita dos turistas, a um custo de 5 euros por pessoa, creio eu. Ainda não chegara a névoa e via-se tudo bem. Muitas pessoas desligaram-se do grupo e foram caminhar pelos trilhos, monte acima, ou monte abaixo, descendo depois os 8 km a pé até à capital da ilha e única povoação.



Partida do cais do Boqueirão nas Flores

Perguntei ao motorista como era a vida no Corvo, face às noções que fui acumulando ao longo dos anos, sobre as suas privações, a sua pouca população (menos de 400 pessoas), as longas noites de invernia, mares de vagas de doze metros, semanas sem comunicação com o mundo exterior de barco ou avião (a fibra ótica está quase a chegar). O motorista disse que agora já não era tão mau como o fora até há alguns anos, pois as pessoas tinham meios para se abastecerem e fazerem face aos cortes de suprimentos causados pela falta de comunicações marítimas.

O ilhéu que parece uma bota, onde as suas gentes se confinaram à outrora chamada Vila Nova do Corvo (hoje Vila do Corvo) sem ocupação efetiva da terra como local de moradia nas terras mais altas. A altitude do Caldeirão do Monte Gordo é de 300 metros, a sua crista fica a 600 metros, mas o Morro dos Homens atinge 718 m. Tem um diâmetro de 2 mil metros com pequenos lagos, dois ilhéus compridos e cinco ilhéus arredondados tendo-se formado há cerca de 1,5 milhões de anos.



CALDEIRÃO DO CORVO

Na estrada de ascensão à Caldeira havia muito movimento para uma ilha tão pequena e despovoada: carrinhas de vaqueiros, pequenos tratores, moto-quatro conduzidas por idosos, jovens e até por uma mulher (a igualdade de género já chegou ao Corvo). Na vila vimos vários camiões e equipamento pesado de construção a indicar um surto de edificação bem necessário. A ilha aparenta muita pobreza, sujidade, falta de cuidado na manutenção e pintura dos velhos edifícios, alguns dos quais se via o carabelho, fechadura típica que só recorde ter visto no distrito de Bragança (mais propriamente em Rio de Onor).



carabelho

Alguns edifícios mereciam ser recuperados, e mantidos nas suas estreitas canadas que lembram aldeias medievais, como aliás é a origem do Corvo, de casas quase encostadas umas às outras (mas com pequenas ou minúsculas passagens entre elas). A degradação do parque urbano habitacional, se bem que parcialmente explicado pela desertificação humana e emigração, carece de uma política mais proativa para a sua recuperação, pois no estado atual é um mau cartão de visitas da ilha.



Degradação do parque habitacional do corvo

Vi muito (mas mesmo muito) lixo atirado para as ruas e para as canadas, por entre os prédios seculares, muito mais do que se esperava ver numa terra que ostenta modernos ecopontos com contentores ecológicos de separação de conteúdos. É necessário fazer campanhas de sensibilização de lixo. Outro mau cartaz para o turismo.



Aeródromo do corvo

Ao lado da assustadoramente pequena pista do aeródromo, estavam, três moinhos a serem reconstruídos, dois caídos e outro mantido com a pedra original à vista. Qual não é o meu espanto ao ouvir chamar o meu nome (ó professor! Ó professor!) e deparar com o mestre carpinteiro José Moniz, da Lomba da Maia, e o mestre José Alberto, da Lombinha da Maia, os quais costumam fazer todos os trabalhos de manutenção da minha casa. O mundo é assaz pequeno. Fiquei satisfeito por encontrar conterrâneos²¹³, ali, tão longe de casa e observar o importante trabalho para que foram chamados por serem especialistas no restauro deste tipo de moinho de vela triangular, muito rara nos Açores. Uma excelente recuperação do património histórico.



Moinhos do Corvo, um ex-líbris

Outra prova de que o mundo é redondamente pequeno, no nosso semirrígido e na carrinha ao Caldeirão do Corvo vinha um casal de idade e um filho trintão, que viemos a descobrir serem a irmã, cunhado e sobrinho do (então) secretário regional da cultura Luiz Fagundes Duarte.

213 Apesar de não ser nativo dos Açores, senti-me irmanado de um açorianismo que me levava a considerar conterrâneo daqueles dois vizinhos. Era quase como ver familiares num país distante.

O resto da estadia no Corvo foi passado em curtos passeios a pé na pequena vila, entrecortado por um almoço na Traineira, único bar e restaurante em funcionamento na ilha naquela data, depois de outro mais moderno mesmo sobre a pista de aviação ter falido. A ementa com 4 alternativas e sobremesa foi económica, 8,50€ PAX. Muito calor preencheu esta estadia. Havendo ainda tempo antes de reembarcarmos para observar a manobra de carga de gado num navio que chegara de manhã com mantimentos. Curioso ver a vaca a ser transbordada. Dantes era bem pior e mais desconfortável para os animais...

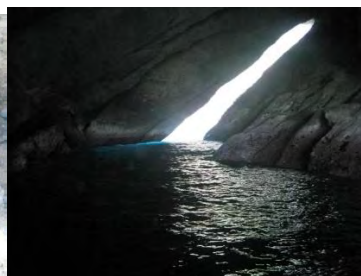


Porto da Casa

A viagem de regresso foi mais agitada, contra o vento, e ondulação mais forte com o semirrígido a bater bem na mareação. O momento alto surgiria na visita a pequenas enseadas, ilhotas e quedas de água espantosas em grutas. Senti-me verdadeiramente transportado para o cenário de Os Salteadores da Arca Perdida...



GRUTAS E ROCHAS NA COSTA DAS FLORES

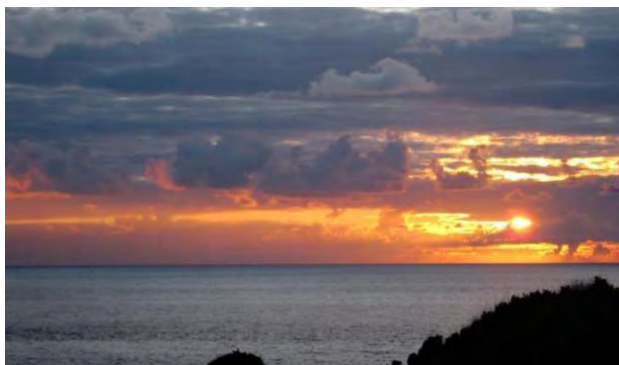


GRUTA NAS FLORES

Uma rocha furada em círculo evocava o dedo de deus na costa de Toledo no norte de São Jorge, mas havia outras peças da arquitetura da natureza com uma beleza que só ela consegue.

[interromperam-me os cagarros com os seus cânticos de velhas rezingonas, parece que falam ou ralham entre si, e depois surge sempre outro com um cântico diferente, antes de todos se calarem por instantes, e recomeçarem a agitada conversação...]

Misturar uma queda de água sobre a entrada de uma gruta é de uma suprema beleza. Noutro caso, uma gruta aberta dos dois lados (quase que dava para o barco passar em ambas as entradas) a montanha descendo até ao nível do mar, interrompendo o maciço rochoso para se observar a água do mar de um azul-turquesa mais próprio dos Orientes exóticos e do Mar pacífico, criando uma enorme mancha turquesa à superfície e prolongando-se sob o mar. Havia formações rochosas com formato e feições de animais sempre com o pano de fundo do Corvo em forma de bota de um lado, e do outro a pipoca das Flores. Nessa tarde repetimos o jantar no restaurante Rosa, mas o preço já foi de 14.00€ PAX. As imagens falam melhor do que as palavras que perdi quando vi o segundo amanhecer no dia 28.



NASCER DO SOL NAS FLORES

134.3.3. FLORES TURISMO EM 28 agosto 2013

O sol ainda mais belo, num céu quase desprovido de nuvens para mais um glorioso dia de férias nas Flores, dia em que finalmente nos faremos à estrada para conhecer os seus mil e um recantos encantadores.

Saindo de Santa Cruz fomos ao Monte e visitamos o parque florestal de recreio Paulo Camacho, antiga Reserva Florestal de Recreio da Fazenda de Santa Cruz. Ali vimos gamos, faisões de oito subespécies diferentes, galinholas, codornizes, pavões, melros, patos, gansos, coelhos e várias árvores nativas e algumas invasoras, devidamente assinaladas. Havia igualmente um viveiro de truta arco-íris. Um local extremamente bem tratado, com amplas facilidades para piquenique e para crianças, apenas a uns minutos de Santa Cruz.



Parque florestal de recreio Paulo Camacho, antiga Reserva Florestal de Recreio da Fazenda de Santa Cruz

Descemos à Ponta Ruiva, numa estrada nova, curiosamente marcada a tinta branca no pavimento, com dizeres alusivos aos abusos do Presidente da Junta. Esta manifestação pictográfica prolongava-se por centenas de metros listando todos esses alegados abusos. Uma forma deveras original de fazer campanha eleitoral. Subimos então aos Cedros (mais um nome que se repete de ilha para ilha, numa total falta de originalidade toponímica) sem nada a assinalar exceto o facto de podermos ver bem como era delgada a Ponta Delgada das Flores, numa fajã que se estendia até ao Farol (da Ponta) de Albernaz construído em 1925, aparentando muitas semelhanças com o derrocado Farol da Ribeirinha no Faial, atingido pelo sismo de 1998, embora este tivesse apenas um piso e uma bela espraiada vista sob a costa oeste.



Farol (da Ponta) de Albernaz

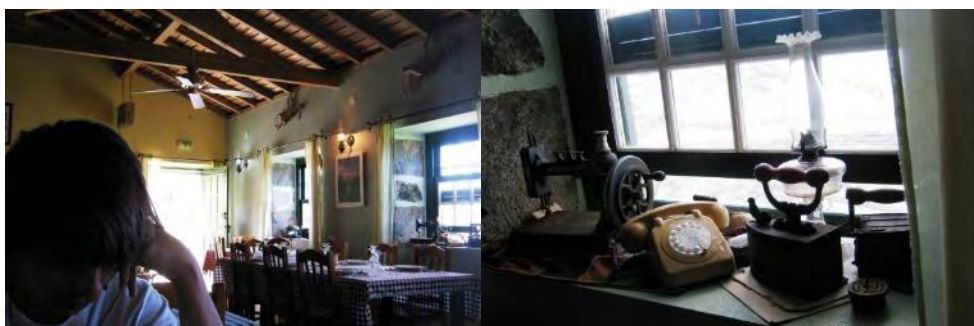
Uma criança bem pequena deliciava-se numa minipiscina transparente, enquanto o resto do pessoal em serviço, se mantinha circunspeto impedindo que os abeirássemos e lhes pedíssemos autorização para uma visita a um dos faróis mais ocidentais. Dali se avistava o ilhéu de Maria Vaz, antes de se começar a subir uma estrada de terra batida rumo ao Pico da Burrinha. A estrada marginava a caldeirinha, uma pequena lagoa perto da Vigia da Rocha Negra...descemos depois pela Estrada dos Morros rumo às Fajãs.



POLIS, ESTADO DE SANTA CATARINA)

FAJÃZINHA (só tinha visto algo similar em PALHOÇA, FLORIANÓ-

Dado ser hora de almoço rumou-se à Fajãzinha, onde há 18 meses ocorreram trágicos desabamentos de terras e inundações, causadas pela Ribeira Grande, sendo bem visíveis as derrocadas ocorridas do miradouro Craveiro Lopes, por cima de cinco ou seis quedas de água magistrais que alimentam a Ribeira do Ferreiro e Ribeira Grande. Na Fajãzinha fomos até junto ao mar para experimentar o afamado Restaurante Pôr do Sol, com uma decoração típica, recheada de instrumentos e artefactos da primeira metade do século passado, desde telefones a ferros de brunir, lamparinas, rádios, etc. Excelente e saborosa comida com vista que promete inolvidáveis momentos a observar o pôr do sol. O preço de 14.00€ PAX foi apropriado ao ambiente e comida.



RESTAURANTE POR DO SOL NA FAJÃZINHA

Após o almoço, vista a minipraia rochosa, regressamos à estrada e desviamos para a recuperada Aldeia da Cuada, maior do que se imaginava, um lugar à medida do isolamento da Ilha das Flores. Abandonada nos anos 60 quando os seus habitantes emigraram para a América, a Aldeia foi recuperada por Teotónia e Carlos Silva que sabidamente ali se estabeleceram fazendo a ligação entre passado e presente, recuperando a traça rural das casas de pedra e adaptando-as às atuais necessidades de modernismos como eletricidade e casas de banho. Está rodeada de loureiros com o perfume adocicado da cana roca. Existem mais de dezena e meia de casas recuperadas espaçadas por entre calçada e caminhos de terra. Aldeia ecológica, privada, com a proibição de fumar dentro dela. Por isso, não me pude demorar muito...



ALDEIA DA CUADA (<http://www.wonderfulland.com/wonder2006/sleep/cuada/indexhouse.htm>)

Dali partimos para a Fajã Grande que impressionou por ser bem maior, bem pintada e tratada, muitas casas em bom estado de conservação, mansões modernas e uma avenida à beira-mar, rodeando uma enorme extensão de lava negra como a do Pico (junto ao Cachorro e Lagido), cobertas de pequenos pontos verdes de plantas que teimaram em crescer no seio da própria rocha. Também de rocha era a praia sem areia.



FAJÃ GRANDE

De seguida, rumo a Mosteiro com casas cheia de arcos e pouco mais de realce, para logo após sermos confrontados com o impacto da magistral Rocha dos Bordões, uma formação geológica, caracterizada por enormes colunas de basalto, localizado no sítio denominado por Cabo Baixo das Casas. Trata-se de um imponente acidente geológico único do seu género nos Açores, que se caracteriza pela solidificação da rocha basáltica em altas colunas prismáticas verticais de forma alongada. Por estas rochas basálticas descem vários cursos de água que à medida que vão descendo a formação geológica se juntam para dar forma a uma queda de água.



ROCHA DOS BORDÕES

Junto do sopé desta formação existe outra singularidade geológica a que foi dado simplesmente o nome de Águas Quentes, que são na sua essência caldeiras ferventes de água sulfurosa de pequena dimensão. Estávamos em pleno coração da ilha, com a Caldeira Funda e a Caldeira Comprida, seguidas da Caldeira Seca e da Caldeira Branca.

O Vale do Pico dos Sete Pés impressiona. Aliás, esta ilha cuja altitude máxima é de 915 no Morro Alto, deixa a sensação de ter a maior parte das suas belezas lá nas alturas, por vezes, assustadoras com estradas estreitas orlando descidas a pique para o mar...



CALDEIRAS FUNDA E COMPRIDA

Passámos pela Testa da Igreja, um acidente geológico a 812 metros de altitude perto do Pico da Sé, Morro Alto, Pico da Burrinha e Pico dos Sete Pés. Ali nasce a Ribeira de Badanela. As Flores são uma ilha bem ativa, maior do que parece pelas suas dimensões, majestosa nos seus vales e sobranceira nas suas elevações. Descemos de novo aos Cedros quase sem se perder de vista o Corvo.



NÃO SÃO OS BORDÕES, MAS SÃO BONITOS (MORRO DOS FRADES)

Enquanto escrevia chegava o barco que ontem nos levou ao Corvo e apetecia perguntar-lhes, “viram algum golfinho ou cetáceo?” ... decerto que não, publicidade enganosa... Vinha também uma pequena traineira lançar as redes numa enseada em frente ao Hotel para de manhã voltar, recolher o peixe pequeno que servirá de isco para o atum.

Antes de nos deitarmos, bandos de cagarros cantavam a sua melopeia estranha e nós resolvemos fazer uma experiência e colocamos o som de uma gravação dos cagarros de Santa Maria na varanda, mas os resultados foram o oposto do desejado. Amedrontados, os cagarros desapareceram todos silenciosamente desta ameaça gravada. Seria isto sintoma de que não entendem a fala dos de Santa Maria? Seria por temerem outros bandos que não reconheciam? A dúvida fica para um ornitólogo resolver.

Ao jantar, repetimos o Boston Hambúrguer onde pagamos 5,65€ PAX.

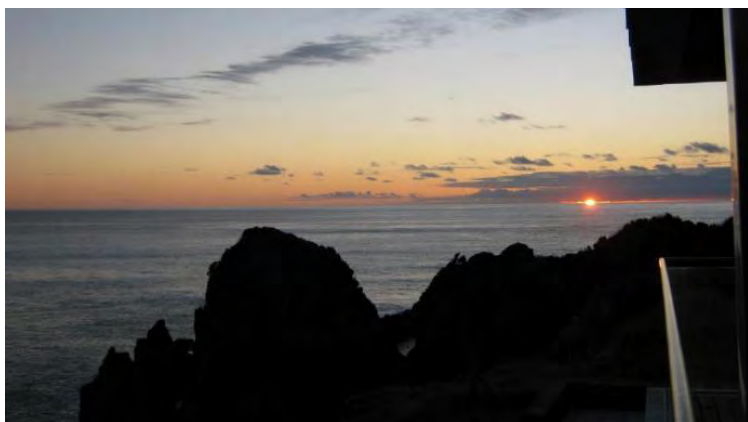
134.3.4. FLORES TURISMO EM 29 agosto 2013

Na manhã de dia 29 houve um novo nascer do sol, diferente dos anteriores pois havia uma estreita, mas longa camada de nuvens pairando no horizonte. Começou por mostrar-se por entre as nuvens, ora se descobrindo, ora se escondendo. O mar continuava no seu calmo marulhar de plácidas águas e os pombos e pardais debicavam restos ou migalhas no jardim do Hotel em frente ao salão de jantar.

Se ontem já víamos centenas de melros por todas as estradas onde passamos e uma boa dezena de coelhos bravos de pequeno porte, esta manhã apenas se ouviam pardais. Até agora não se viu um único milhafre ou aves semelhantes predadoras que são visão frequente nas ilhas orientais. Investiguei e consta que não existem aqui aves de rapina [apenas no Corvo e Flores não existe esta espécie].

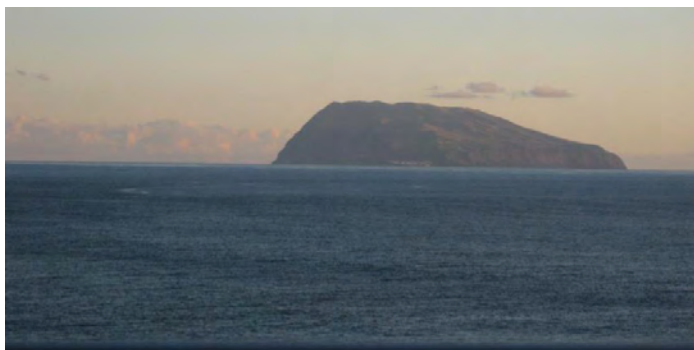
Este bucolismo de acordar a apenas dez metros do mar em frente a um rochedo com outrotanto de altura, coberto de urze é uma imagem que decerto vai perdurar. Na varanda virada a oriente existem outros rochedos, mas quase desprovidos de verduras e com reentrâncias onde a água faz poças constantemente renovadas, com pequenas ondas que se entrecocam com pequenos leixões ou farilhões entre os dois rochedos. Apesar da maior parte destes ilhéus florentinos terem nomes, estes dois são demasiado pequenos para terem sido batizados. O de maior vegetação podia ser o Ilhéu dos Cagarros (pois nele existem vários ninhos) e o das Poças por ter sido ele que me fez salientar o facto de eu já não conseguir recordar em detalhe o princípio dos vasos comunicantes da Física que ali estava em plena demonstração ao vivo e em direto.

Em frente, o Corvo desperta, leve e lentamente, já banhado pelo sol nascente, e assim permanecerá até ao ocaso. A depressão de terreno junto ao mar é - de facto - o único local suficientemente recortado para ter sol todo o dia no verão. Também é o menos inóspito de toda a pequena ilha e quem sabe se não foi essa exposição ao sol o que motivou que os habitantes aportados a esta ilha inicialmente se fixassem aqui? Podia ficar aqui neste belo ponto do mapa a desfrutar desta paisagem e aguardar a chegada do inverno com as suas ondas de 8 a 10 metros que devem banhar a piscina e o jardim aqui por baixo da varanda da suíte.



NASCER DO SOL NO INATEL DAS FLORES

Santa Cruz das Flores, um dos locais mais ocidentais de toda a Europa, está consequentemente mais perto do Canadá e dos EUA do que qualquer outro para uma pessoa como eu se perder na alvura das páginas e debitar lirismo. Desde Timor (1974-1975) que não vivia tão perto do mar (em Macau a distância do delta era um pouco maior, uma avenida e um passeio). Em Timor havia bem perto de casa o crocodilo sagrado que criou a ilha, aqui poderíamos criar a lenda dos cagarros como progenitores desta ilha florida.



CORVO AO NASCER DO SOL

Acabemos com a divagação pois o pequeno-almoço chama. Sonhar ainda continua a ser gratuito e o governo ainda não instituiu nenhuma taxa. Todo este Hotel das Flores (INATEL) de 4 estrelas é decorado com fotos a preto e branco, de tamanho variável, relativas a vida subaquática da autoria de Nuno Sá, fotógrafo consagrado internacionalmente pela sua atividade fotográfica submarina. Parabéns pela bela decoração.



FAJÁZINHA

Saindo de Santa Cruz na direção sul tivemos a sorte de ver um avião *Q 400 Bombardier* da SATA a aterrar no horário habitual das dez horas da manhã. Seguimos depois para o impressionante miradouro da Fajã do Conde, bem pequenina lá em baixo do outro lado do Morro de Santa Cruz e cujo acesso nem quero imaginar embora parecesse haver uma estrada de acesso...lá no fundo, bem em baixo...



FAJÁ DO CONDE

Aqui seguimos pela estrada que corta a ilha ao meio, passando pelo Pico da Casinha e seu miradouro, bem como inúmeros outros miradouros até chegarmos à Caldeira da Lomba, já visivelmente eutrofizada. Depois, entre a Lomba da Vaca e o Pico do Touro passamos pelo Morro dos Frades, tomando a ver, agora de outro ângulo, as Lagoas Funda e Comprida., seguidas da Funda e Rasa antes de descer à Costa do Lajedo (Ponta das Cantarinhas, Águas Quentes, e Ponta Negra).

O pior foi no caminho da Costa do Lajedo para o Lajedo. Todo o monte era alvo de enorme intervenção (provavelmente efeito de derrocada) e a estrada em terra para o Lajedo estava em obras, ali mal passava um carro entre o abismo e os montes de brita deitados na parte protegida da estrada. O carro resvalava e fizemos a 5 km/h aqueles metros, sem hipótese de retroceder. O carro a deslizar para o lado sem o poder controlar e o declive ali mesmo ao lado a meros centímetros das rodas...foi assustador..., mas não havia já alternativa, para trás nem pensar e para a frente eram aqueles 20 ou 30 metros com menos de dois metros de largura de brita solta...



Lajedo

Depois disto nada se encontrou de relevante sobre o Lajedo, muito quente e pequeno, de ruas e vielas bem estreitas, casas inclinadas pela subsucção das placas onde está assente, caminhando lentamente para o fundo. Foi dos sítios onde mais se notava o deslizamento do solo, e os telhados inclinados face ao nível da rua, sinal de que as fundações estavam a abater. Ficamos felizes por poder sair dali por outra via, asfaltada, desistindo de ir à Rocha Alta e à Costa, apesar de termos entrado uns quilómetros por essas estradas adentro, com montes abruptos e sempre muito íngremes, em que tão depressa se está ao nível do mar como se roda a 600 metros de altitude. Após o Pico Negro seguimos pela maior reta da ilha rumo às Lajes, e à sua minúscula praia da Calheta. Esta mania de duplicar os nomes de outras ilhas e até da mesma: Fazenda (de Santa Cruz das Flores) e Fazenda (das Lajes das Flores), Monte de Santa Cruz e Monte das Lajes...duas Lagoas ou Caldeiras Fundas, uma ao lado da Comprida e a outra ao lado da Rasa. Confusos? Também nós. Passou-se pela Fazenda das Lajes sem descer à Ponta do Capitão, na Lomba sem se ir às Portas da Fajã, nem à Furna dos Incharéus, à Furna Jorge ou à Ponta da Caveira e rapidamente estávamos em Santa Cruz, sãos e salvos.

Constatou-se que a GALP há dias que tem as bombas fora de serviço (avariadas?) e tivemos de ir ao outro lado do aeroporto, à Azoria reabastecer (meio depósito para mais de 300 km). Não sei haveria mais postos, mas raros vimos pelos caminhos todos que percorremos. Os bares, snack-bar e restaurantes que vimos nas Lajes não me agradaram, vá-se lá saber por que razão, e levaram-nos a escolher a Casa do Rei, restaurante de uma alemã (suíça, luxemburguesa?) mesmo na entrada da vila das Lajes, com vegetais biológicos ou orgânicos.



Casa do Rei, restaurante nas lajes

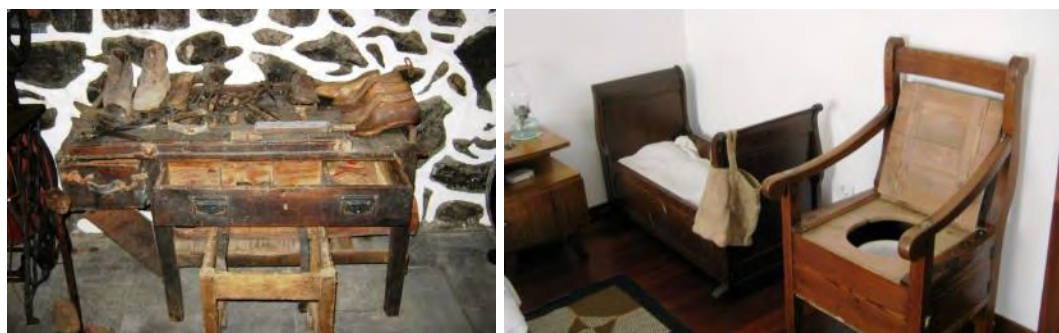
Apesar de só abrir ao público pelas 18 horas condescendeu em servir-nos. Pouco depois entrava mais um casal (reconhecemos que estavam hospedados no nosso Hotel) e depois ainda mais um outro. A comida esmerada e saborosa foi rapidamente servida logo acabada de confeccionar. A casa de teto antigo e parede de tabique estava bem decorada,

música dos anos 60 (Simon & Garfunkel, Joan Baez, etc.) num total de seis a oito mesas e capacidade para cerca de 30 pessoas. Apesar do preço 14.00€ PAX valeu a pena.

A tarde avança no Hotel e a mãe e filho deliciam-se, tal como ontem, sob o sol na piscina do Hotel. Hoje, as temperaturas rondaram outra vez os 30 °C nas Lajes, mas aqui rondam agora os 24 °C.

Mais uma vez constatei ao chegar ao quarto que as mulheres da limpeza não tinham esvaziado nem lavado o cinzeiro cheio de água. Pergunto-me se o sindicato do pessoal técnico de higiene da indústria hoteleira (ou lá como se chamam) será antitabagista e as proíbe de limpar cinzeiros ou se é mera incúria das senhoras. Pequenos detalhes que nunca me escapam para depois os reportar ao *Trip Advisor*.

Antes de sairmos das Lajes andamos em busca de Artesanato sem grande sorte pois o único local tinha apenas mantas, e bordados (tipo Doyles) e acabamos ainda por descobrir o Museu Etnográfico numa casa tradicional, mas bem restaurada, cheia de utensílios e móveis de tempos idos, numa bela coleção etnográfica.



Museu Etnográfico

No rés-do-chão havia uma oficina de carpintaria e outros mesteres com equipamentos de várias eras e apetrechos agrícolas de antanho. Mais abaixo, a Câmara Municipal recuperara outra casa onde outrora funcionara uma Manteigaria e Queijaria onde se podia observar como antigamente se fazia manteiga e queijo em moldes quase artesanais, num belo exemplo de preservação da memória e da cultura do povo.



MANTEIGARIA DO MUSEU ETNOGRÁFICO, LAJES

A nossa guia oficial era micalense como pudemos logo constatar ao ouvir “papeles” e aquela difícil conjugação verbal que troca *am* por *em* (levarem em vez de levaram, comprarem em vez de compraram) ... A miúda, aqui deslocada nas Flores há dois anos, era tão solícita e prestável que nem tivemos coragem para a corrigir, orgulhosa que estava da sua herança micalense.



QUEDAS DE ÁGUA DA RIBEIRA GRANDE

E assim estão a terminar os cinco dias de descanso anual, e destas curtas férias no Grupo Ocidental, com o pesar habitual de terem sido tão curtas, embora com a satisfação de terem servido de recompensa para um ano difícil de trabalho, com tempo invernal inclemente e a continuação do ataque governamental aos assalariados e pensionistas. O regresso à dura realidade chegará de manhã, mas levamos na retina imagens de uma ilha diferente de todas que já conhecemos. Recordaremos as milhentas subidas íngremes e descidas ainda mais assustadoras, muitas vezes sem “safety rails” (rails de proteção), nem renques de hortênsias a separarem-nos dos abismos, a pique sobre fajãs, e outros lugarejos perdidos da ilha pontilhada, aqui e ali, por casas habitadas e gentes ciosas da sua ilha e das suas origens.

Como atrás disse, o único artesanato, e está em vias de extinção, era o de mantas de retalhos e bordados sem grande imaginação e menor variedade, como nos explicou uma setuagenária nas Lajes na única loja de artesanato visível e anunciada. É pena que a arte e a tradição do artesanato se estejam a perder sem haver quem siga as suas pisadas.

Uma ilha cheia de flores e muita água a cair dos seus inúmeros picos. Terra de contrastes, pejada de subidas e descidas com montes e mais montes que pareciam bem altos, vales profundos, fajãs, pequenos bosques, montes sem vegetação, estranhas formações vulcânicas como a majestosa Rocha dos Bordões e outras aparentemente semelhantes mas geologicamente distintas, o impressionante miradouro Craveiro Lopes rodeando cascatas, quebradas e derrocadas, o vale costeiro ou fajã sob o miradouro suspenso da Fajã do Conde, tudo lembrava a resiliência das gentes, a sua fragilidade perante os onnipotentes elementos, mas há uma coisa que parece faltar nesta ilha.

Apesar das muitas estradas e caminhos municipais razoavelmente asfaltados, para tão pouca gente, pela omnipresente Tecnovia, apesar de algumas construções modernas como o futuro centro Cultural das Lajes (em fase de acabamento), parece faltar massa crítica capaz de promover um maior desenvolvimento económico que liberte esta ilha da estagnação e da sangria que a constante saída dos mais jovens impõe. É imperioso criar condições para que não sejam obrigados a partir, a emigrar para outras ilhas maiores e com maiores oportunidades. É preciso reinventar formas de os fixar aqui sem ser apenas nos meses mais buliçosos de verão e turismo (junho a setembro). A continuar assim e à medida que a população envelhece sem que os jovens aqui se fixem, arriscamo-nos a assistir ao lento despovoamento e à inviabilidade económica destas ilhas mais pequenas, tanto mais que o governo central (e agora também o Governo Regional) insiste em fechar serviços e valências desde correios a tribunais, finanças e centros de saúde.

Por outro lado, esta ilha e a do Corvo são sempre as sacrificadas quando há avarias de barcos no verão, e no inverno são as dificuldades próprias destes mares que os obrigam a ficarem, por vezes semanas, sem receberem mantimentos e ligações ao exterior. Custa-me imaginar que todos os esforços e abnegação deste esforçado povo ao longo de cinco séculos se venha a perder e se possa caminhar para o fim da civilização florentina açoriana. É uma pena imaginar que um dia - num futuro não tão distante como parece - estas ilhas sejam como as casas da Aldeia da Cuada, à espera de uns alemães, holandeses, portugueses ou outros que venham cá para as comprarem e tornarem rentáveis. Não tenho poder, nem financiamento, nem outros - nem mesmo ideias - capazes de alterar este rumo, mas as ilhas menores do arquipélago rumam lentamente para a sua eventual extinção. É uma pena que locais paradisíacos como estes que tantos escritores de valor produziram não possam gerar uma espécie humana que os viabilize economicamente sem se tornarem em cidades-casino como Macau ou cidades perfeitas como Singapura e Hong Kong, mas sem alma.

Serei eu o último moicano ou o último abencerragem da geração romântica? Espero bem que não e que estas duas ilhas do grupo ocidental possam progredir e viver numa economia plena, responsável e sustentável, bem como as restantes ilhas do arquipélago. Enquanto me preocupo com o futuro das ilhas, de casa em São Miguel dizem que cadela Leoa está bem, e vem a notícia prevalecente do dia, da semana, do mês, do ano, a da ida ontem à noite do cantor popularucho, o celebrado e afamado cantante pimba Quim Barreiros, à Lomba da Maia, provocando engarrafamentos e uma avalanche de gente como nem os idosos conseguem recordar. Jamais no passado se registou um evento desta magnitude. Isto ilustra bem o povo que temos, as diferentes noções de cultura.

Quem me ler pode bem chamar-me elitista, pois desde o Coliseu de Roma que o povo sempre preferiu este tipo de "cultura". Não sei quem patrocinou a vinda do "cantante"²¹⁴ que deve ter custado uns bons milhares de Euros, mas em véspera de eleições pode ser voto certo. Um investimento de excelente retorno, dirão os profissionais da política. Infelizmente, neste mundo Quim Barreiros, Tony Carreira e outros mexem apenas com a pequena economia - a dos pobres - sem trazerem valor acrescentado à macroeconomia local ou regional. Se bem que o valor da sua atração se possa medir em votos, nada irá acrescentar para o futuro e sobrevivência das ilhas e dos enormes desafios da pobreza, do desemprego, do alcoolismo, droga e criminalidade crescentes que, lentamente, vão corroendo o tecido social que manteve o arquipélago imutável ao longo dos séculos.

Infelizmente, estes "circos" populares ou popularuchos servem apenas para opiar ainda mais o povo iletrado, inculto e ignorante que continua a votar naqueles que melhor o exploram.

Um novo tipo de feudalismo e de escravatura que visa perpetuar o fosso entre os que "têm" e os que não conseguem a alforria. A massificação da cultura "dita popular" versus a redução abrupta dos orçamentos culturais (das artes em geral, ao teatro, à literatura, etc.) quer perpetuar o mínimo denominador comum de iliteracia. Um povo iletrado não pode ser livre nem preservar a sua autonomia, antes permanece subjugado e submisso a todos os que o espezinham.

Eu aqui, na Ilha das Flores, preocupado com o futuro que ameaça tornar-se uma repetição do passado: os senhores nos seus castelos e os servos da gleba esmifrando as migalhas que lhes atiram das ameias, eternamente gratos, de chapéu na mão a agradecer tanta benesse e caridade. Claro que assim, nem o país, nem as ilhas progredirão, pois, a manutenção do "status quo" preserva a ordem estabelecida, e pessoas como eu nem chegam a ser convidadas para bobos da Corte.

A crítica mordaz da alienação não agrada àqueles que são objeto da sátira e da jocosidade de quem vê o mundo numa moldura maior do que as mentes tacanhas dos que detêm

214 Vim posteriormente a saber que tinha sido a atual junta de freguesia liderada ainda pelo meu senhorio, em fim de mandato, e que foram despendidos 17 mil euros...nem comento... e mesmo assim o candidato a presidente da junta iria perder as eleições por dois votos!

o poder. Até nisto a História se repete e poucos foram os que do olvido e da lei da morte se libertaram, numa paráfrase livre desse épico que foi Camões. Resta-me lavrar aqui o meu desacordo e continuar a sonhar com a utopia (por isso, nunca conseguida) de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo que é exatamente o oposto daquilo a que vimos assistindo nestas últimas décadas.

Possa eu continuar a contar livremente esses sonhos, essas utopias, sinal de que os senhores do mundo ainda não calaram todas as vozes. Aqui não é o Haiti (como dizia o Caetano Veloso) nem a Coreia do Norte e ainda vou tendo liberdade de pensar e de me exprimir. O meu voto continua sem estar à venda mesmo que o seu valor seja meramente estatístico e não garanta nenhuma representatividade eleitoral.

Controlado, vigiado, escutado, analisado e dissecado vou resistir enquanto puder (i.e., enquanto viver) a ser um mero píxel nos ecrãs dos controladores globais que nos programam a seu bel-prazer e não será pelo medo que estragarão os momentos livres e felizes que passei aqui no grupo ocidental dos Açores.

134.3.5. FLORES TURISMO EM 30 agosto 2013

Acordei como habitualmente pelas 07:15 e aguardei o aparecimento do astro-rei. Este Hotel subestima o nascer do sol e devia fazer dele um cartão-de-visita. Tal como nos outros dias, sou o único hóspede a pé a estas horas e a ver o sol nascer. Este sentimento de partilhar com ele um novo dia com esta vista do Atlântico Norte sobre a Ilha do Corvo cria um estado de espírito revigorado, dando alento para enfrentar as agruras quotidianas, sendo para mim a maior, esta noção de imponderabilidade terrena balanceada com a certeza de ter de deixar a ilha ainda hoje.

Como costume dizer, sou infiel ao arquipélago. De cada vez que conheço outra ilha apetece-me deixar ficar tudo e viver nela. Admito que o rochedo do Corvo é demasiado pequeno e inóspito para ali ficar a viver, mas...nas Flores (um pouco maiores do que Santa Maria) não sinto a claustrofobia das ilhas pequenas. O acidentado terreno, a variedade geomórfica e o sentimento de inspiração criativa fazem dela uma ilha onde poderia viver tal como vivo na Lomba da Maia.

Há uma atração telúrica aliada à companhia permanente do Corvo nesta metade oriental da ilha. A outra metade virada ao continente norte-americano já não tem a mesma atração. Sei que vou deixar estas duas ilhas, mas farei como todos os açorianos: levarei um pouco delas comigo, farão parte da minha bagagem como Santa Maria em 2006, Faial e Pico a partir de 2007, S Jorge após 2008. Em todas me revejo um pouco, em todas me sinto em casa o que explica as 25 páginas manuscritas em apenas 4 dias.

Sou, de facto, um ilhéu e apesar de a pátria estar distante em Sidney e da matéria ser em Bragança de montes e neves, sei que - desde há muito - a minha vida é indissociável destas 7 ilhas (falta-me agora apenas a Graciosa e a Terceira) que conheço e adotei como se fossem minhas desde a memória inicial dos tempos. Afinal não é preciso nascer-se nos Açores para se ser açoriano. São Miguel começa a ter os mesmos problemas do Continente português, enquanto as ilhas mais pequenas, embora com menos serviços públicos, menos gente e menos valias culturais, continuam a ser pequenos paraísos por descobrir, onde, por vezes, se sente que o tempo parou, mas onde ainda é possível coexistir com os nativos e partilhar as suas belezas. Aqui, ainda se tem a sensação de estar tão longe do mundo e dos

seus problemas que a vida em paz parece ainda possível, e nesta idade, viver em paz é um bem demasiado precioso para se desperdiçar.

No fundo, em São Miguel, na Lomba da Maia, vivo recluso no meu “castelo” mantendo uma política de boa vizinhança com os que me rodeiam, sem que interfiram na minha vida ou eu na deles... esse equilíbrio seria possível nestas ilhas ou noutras (à exceção do Corvo com os seus quase 400 habitantes. A Lomba tem 1200 votantes). Sinto, por vezes, a falta da família e amigos, dos quais gostava de receber mais visitas e mais frequentes, em vez de ser eu a arcar com as despesas todas dos reencontros. Há a necessidade de falar, trocar ideias e impressões com outros seres vivos que partilham de alguma da minha inquietude perante o mundo, mas a tranquilidade modorrenta desta minha vida de expatriado australiano vale bem a pena, enquanto puder ser compensada duas vezes ao ano com os Colóquios da Lusofonia, que sonho trazer às Ilhas do Triângulo e às Flores. Terei de inventar meios de sair das ilhas mais vezes, sem nunca as deixar para trás. Afinal, para mim, elas são Ilhas-Filhas, que trago a reboque, colar multifacetado de vivências que constituem já a essência do meu ser.

Espero que esta vinda às Flores e Corvo sirva de retemperadora inspiração para mais um inverno cinzento e molhado que deprime e anquilosa a mente e o corpo e, por isso, irei fazer com que esta experiência enriquecedora perdure, dando-me forças e alento para um novo ano. Não me queixo, pois, a vida tem-me proporcionado vivências inolvidáveis e variadas em todos os cantos do mundo, ao contrário de muitos que nascem e morrem confinados à pequenez das suas mentes e dos locais onde vivem. Tal como este mar rico em abundante peixe, espero que a vida me continue a proporcionar a facilidade de pescar novas experiências em mares para mim desconhecidos. O oceano pontilhado de pequenos pontos, barcos de lazer, de turismo e de pesca, e de repente, ainda sem ruído avisto a sombra, curvando-se nos céus entre o Corvo e as Flores, do pequeno avião que nos há de transportar mais logo. Entrou pelo norte da ilha permitindo mais uma sessão fotográfica diferente.

Sei que a ilha tem condições adversas no inverno, mas esta semana de verão foi divinal, com um mar chão que mais se assemelhava a um lago imenso, tornando estas ilhas ainda mais apetecíveis. Este silêncio quase absoluto entrecortado pelo sussurrar do mar sem ondas é revigorante. As borboletas, os zangãos, as pequenas aves saltitando entre os rochedos são uma noção de equilíbrio que parece ancestral, mal se notando a presença humana das 3800 almas que aqui vivem espalhadas pelas duas vilas, aldeias e fajãs onde a pesca e a agricultura continuam a ser o quotidiano das pessoas, como sempre foram desde que há cinco séculos aqui arribaram.

As Lajes (das Flores) têm 70 km² e 1502 habitantes divididos por sete freguesias, enquanto Santa Cruz tem 72 km² e 2493 pessoas em 4 freguesias. Distam 283 km de São Miguel, 336 de Santa Maria, 192 km da Terceira, 150 km da Graciosa, 144 km de S. Jorge, 135 km do Pico e 13 do Corvo.

Deve ser uma santa vida ser controlador de voo nas Flores e no Corvo, sem o stresse de outros locais e idêntico vencimento. É o trabalho do lá vem um...avião. Ser da PSP ou da GNR aqui também deve ser uma profissão pacata sem se terem de preocupar com a caça à multa, assaltos, roubos e demais crimes. Não avistamos um só agente nestes dias, e estivemos sentados mais de meia hora num café na praça em frente ao quartel. Houve só a aparição daquele Polícia Marítimo a chamar-me a atenção por estar parado à porta da Farmácia em contramão. Mas o que gostava era mesmo ser controlador de voo.

Se não fosse a bandeira azul com estrelas que se vê no aeroporto e o uso do Euro como moeda ninguém pensaria que estamos na Europa e não é pelos dois mil quilómetros que nos separam da terra firme, mas pela diferença de paradigmas de vida, pelo seu ritmo cadenciado, pelas suas ondas e marés e não pelos ditames da burocracia. A identidade insular é bem distinta da portuguesa e da europeia e para se cumprir falta apenas a vivência de uma autonomia plena que cortasse as amarras ao velho continente. Pertence o arquipélago à

Europa por mera e fortuita coincidência geopolítica, mas a alma destas ilhas está equidistante de Américas e Europa. Ainda vou acabar por me naturalizar açoriano!

Por outro lado, os jovens terão de emigrar para terem futuro, como era o caso do jovem especializado em Agronomia com mestrado completo, que nos atendeu no aluguer de carros, e nos disse da sua paixão pela Austrália (e que incentivei, pois lá terá muitos mais hipóteses do que cá). Mais um caso de subemprego ou desemprego camuflado dos jovens deste país. Quem sabe se um dia não estarei a traduzir o seu processo de emigração? Como atrás disse, se não forem criadas condições de fixação de jovens a única saída que lhes resta é a emigração.... Foi ele que nos disse que as rachas na estrada da Fajãzinha não se deviam a qualquer sismo, mas ao mero aluimento de terras, uma constante que ameaça lançar a freguesia no mar. Depois das inundações e derrocadas de fevereiro de 2012, todas as estradas foram reconstruídas, mas estão todas a ceder. O mesmo acontece no Lajedo, pelo que a longo prazo estão ambas condenadas a desaparecer levadas pelo mar.

Agora entendo o que na altura me deixou surpreso, que era ver algumas casas com o telhado inclinado em relação ao nível da rua. Pensei que fosse defeito de fabrico, mas afinal era um mero aluimento progressivo (e constante) dos solos. Aliás, embora a Igreja e várias casas tivessem sido recuperadas depois das inundações (que deixaram a Fajãzinha isolada vários dias e obrigaram à evacuação de larga parte da sua população) havia ainda muitas casas que apresentavam rachas e fissuras proveniente do lento deslizamento dos solos. As brechas nas estradas, algumas bem largas, prenunciam mais sofrimento e dor para as gentes da Fajãzinha, e a acreditar no jovem agrônomo, idêntico fenómeno ocorre no Lajedo, o tal local de difícil acesso onde tivemos a emocionante aventura de descer a estrada em terra, em obras, cheia de montes de bagacina, sem margem para erro de condução a menos que quiséssemos deslizar encosta abaixo. No último dia houve várias estradas que deixamos de percorrer pois a margem de tolerância para tanto abismo era já reduzida, algumas dessas estradas eram demasiado estreitas e nada as separava das falésias, nem a mera ilusão de um renque de hortênsias a fingir de proteção das falésias alcantiladas, a pique sobre o mar, centenas de metros abaixo..., e, francamente, gosto de descer mais suavemente até às fajãs. Outras que fizemos, como a subida do Farol de Albernaz para o Morro da Burra, guiámos bem mais afastados do precipício, mais encostados ao morro, praticamente na contramão, dado ser muito assustador ir pelo lado direito da estrada ou da berma sobre as falésias. Cá em baixo havia o ilhéu de Maria Vaz, a Quebrada Nova e a Ponta dos Fanais. Tudo a pique num bosque sem árvores, apenas um declive em linha reta e direta para as pequenas ondas. Houve outras estradas semelhantes e a noção que perdura é a de que a Ilha das Flores é feita de montes muito altos e de muitas pequenas fajãs lá em baixo e todos sabemos como nascem as fajãs... Sobem-se 300 metros em poucos quilómetros de estradas íngremes.

Não há muitas casas isoladas pois agrupam-se em aldeamentos não havendo tanta dispersão como noutras ilhas. Talvez pela inclemência dos elementos tivessem necessidade de permanecer agrupados.

Outra nota curiosa desta estadia foi constatar a falta generalizada de crianças e de jovens por todos os locais por onde passamos, pois, a maioria das pessoas que se viam eram já de uma certa idade. Começa também a ser visível nas ilhas o envelhecimento populacional. Ainda hoje o secretário da educação, Luiz Fagundes Duarte referia haver menos 853 alunos este ano, tendência redutora que se vem verificando nesta última década. Começam a desaparecer as famílias numerosas de seis a dez filhos que ainda eram normais na geração anterior.... Menos alunos significa menos professores, menos escolas, menos serviços, menor economia, menos contribuições fiscais e menos riqueza na região. O envelhecimento geracional em paralelo com outros fatores pode conduzir à extinção das espécies, neste caso à extinção do povo açorianos que nem atinge 250 mil pessoas nas ilhas embora com seus descendentes sejam uns milhões expatriados. No entanto, é um facto comprovado que em alturas de crise os nascimentos disparam, pelo que resta esperar que esta enorme crise traga um acréscimo de natalidade.

Depois da leitura não perca as fotos das miniférias nas Flores e Corvo

https://www.youtube.com/watch?v=FrF_9UrcZc ou em

<https://www.lusofonias.net/a/%C3%A7ores/flores/1874-00-diaporama-flores-e-corvo-chrys-2013.html>

135. 135. CRÓNICA 135, CRISES, 18-24 novembro 2013

135.1. CIRURGIA ADIADA

Acordei cedo e em jejum como recomendado pela anestesista. Tivera três dias para me mentalizar que a operação a uma catarata era um ato cirúrgico, tão normal quase como lavar os dentes. Estava calmo, mas sequioso pois disseram para nada comer nem beber (nem água) depois da meia-noite. O dia ia nascer cinzento, mas de teto alto que não é tão

deprimente. A viagem para a cidade, capital da ilha, fez-se ainda sem movimento que por aquela hora já os vaqueiros tinham saído para as pastagens para mungir as vacas.

No hospital (HDES) ainda não era chegado o bulício e encontrei lugar para estacionar mesmo em frente à porta do hospital de dia. Cumprida a formalidade do autocolante para a minha acompanhante e fumados dois ou três cigarros (que a manhã prometia ser longa) entramos para a cirurgia de ambulatório de oftalmologia. Passado pouco tempo, uma enfermeira veio deitar umas gotas no olho a operar, depois veio outro enfermeiro dizer que chegáramos cedo demais, pois eram 08.00 horas e a cirurgia estava marcada para as 11.00...seria o último de seis a serem operados nesta manhã.

Assim, fomos fazer o que havia para fazer depois da operação, tal como comprar mantimentos, quando o telefone toca. Era do hospital. Admirei-me, ainda não eram dez horas e já me estavam a chamar? Ledo engano, o microscópio eletrónico havia avariado logo após a primeira cirurgia e a minha fora adiada sine dia.... Tanto esforço para nada.

A lista de espera ronda os dois anos, mas como pedi ao meu oftalmologista e cirurgião compreensão para a cegueira galopante do olho esquerdo (menos de 10% de visão) ele conseguiu antecipar para hoje a minha vez...

O pior é que os hospitais dos Açores devem 60 milhões de Euros aos fornecedores e se o aparelho não for reparado localmente...terão de começar a pagar contas antes de o fornecedor o substituir ou arranjar. Coisa demorada.

Na clínica do Bom Jesus há um igual ou parecido, mas como é privada e cobram bem (creio que dois mil ou 2500.00€ por cada olho) ...disseram-me que quando avariava, o técnico do raio-X o ia reparar. Esperemos que seja este o caso.

Sei que milhares de pessoas recorreram a esta cirurgia banal, mas não deixo de me lembrar de seis doentes que no hospital de Santa Maria em Lisboa ficaram cegas por um mau medicamento que lhes foi ministrado...claro que 99,9% dos outros ficaram bons..., mas aqueles ficaram cegos.

Conformado, terei de aguardar nova vez.

Este problema da redução substancial da visão tem tido um efeito pernicioso na minha psique e inspiração e limita as minhas atividades diárias com a visão limitada a metade do ângulo de visão...por isso passaram-se meses desde a última crónica que celebrava uns dias de férias...

Logo que chegamos das Flores a minha mulher resolveu inovar e partiu o pulso em dois locais, ao subir as escadas para a falsa! A descer muita gente parte ossos, mas a subir, é obra. Meteram-lhe gesso que durou mês e meio e anda agora a recuperar lentamente o uso da mão esquerda ainda sem a força que tinha dantes.

135.2. VISITANTES DA AUSTRÁLIA

Passados poucos dias das férias e tal como previsto chegaram o Frank (Xi Zé) e a Ana Lúcia, vindos de Sydney, amigos de há décadas, que iríamos rever depois de um hiato de mais de dez anos.

Mal desembarcaram iniciou-se a correria louca para lhes mostrar o máximo possível da ilha - tiveram sorte com o tempo pois (acabados de chegar) deu para ver as Sete Cidades e a Lagoa do Fogo sem nevoeiro nem nuvens baixas.

Ao longo de cinco dias mataram-se saudades, deu-se a conhecer a ilha que tanto os encantou que até começaram a ver preços de casas para virem viver para cá quando se reformarem. As Furnas foi um dos locais eleitos para viverem, bem como o Nordeste... Com

os meus primos em PDL recordaram locais comuns da Angola natal, reviveram tempos comuns e contactaram com pessoas que a distância da Austrália tinha afastado.

As fotos da estadia deles (e só acabaram por ver uns 3/5 da ilha) estão em linha a provar como os Açores, e esta ilha em particular, têm uma magia especial sobre visitantes insuspeitos. <https://plus.google.com/photos/115656870521853573882/albums/5923618551614259009>

135.3. 20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

Pouco depois da partida deles e com a rotina das aulas de novo instalada cá em casa, era a época da fase final de preparação do 20º Colóquio da Lusofonia, desta vez em Seia onde fomos recebidos pela Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda.

Agradecimentos

Em meu nome pessoal, no da AICL, e no de todos os participantes que tiveram o privilégio de partilhar connosco momentos inolvidáveis, resta-me congratular, em especial, a professora Doutora Anabela Sardo e toda a sua equipa (Dr Humberto Pinho, Zaida Pinto, Elisa Branquinho, Isa Severino, e todos os estudantes do secretariado e das diversas funções hospitaleiras que cuidaram de nós) pela calorosa receção que nos fizeram ao longo de quatro dias, pelo cuidado posto nos "pequenos mimos" com que nos agraciaram nos almoços, nos intervalos e durante as sessões, fazendo deste um Colóquio que certamente gostaríamos de repetir e que dificilmente esqueceremos.

A nossa gratidão é extensiva a todos os membros do corpo docente que connosco estiveram e aos que aprovaram a nossa deslocação a Seia que esperamos possa ser repetida no próximo triénio.

Raramente tive, nas minhas funções organizativas, um Colóquio tão descansado e despreocupado, dada a eficaz gestão dos coorganizadores locais.

Sentimo-nos em casa, e reiteramos aqui publicamente os nossos agradecimentos que devem ser transmitidos não só a todo o pessoal envolvido como às entidades que convosco colaboraram (Câmara Municipal de Seia, Ass. de Artesãos da Serra da Estrela, Biblioteca Municipal de Gouveia). Bem hajam por nos terem acolhido. Até breve.

Dentre os pontos altos do Colóquio havia a visita cultural à pequena, mas acolhedora aldeia de Melo, terra de Vergílio Ferreira, onde foi nossa guia a Dra. Catarina dos Santos, da Biblioteca de Gouveia a quem reitero aqui publicamente em nome da AICL (Colóquios da Lusofonia) o nosso agradecimento coletivo pela sua gentileza, amabilidade, cortesia e simpatia transbordante de amor pelo autor.

Das nossas conclusões consta a iniciativa de criação do Centro de Estudos Vergilianos. Melo é uma aldeia bem bonita nas faldas da Serra da Estrela perto de Gouveia, a maioria das suas casas (muitas desertas) apresenta-se em bom estado de conservação e muitas foram recuperadas (nem sempre com o gosto exigido, abundam as caixilharias de alumínio...).

Naquilo que seria a praça principal uma enorme homenagem a Vergílio Ferreira no chão onde se assinalam as datas marcantes da sua carreira e os nomes com datas dos seus livros, ao fundo a casa Josephine assim chamada em honra de sua mãe quando se naturalizou norte-americana.

Uma antiga taberna serve de Museu improvisado, muitas das casas de Melo estão descritas e amalgamadas na sua obra conforme se lia num panfleto ilustrado com frases suas a propósito de locais e casas.

Um verdadeiro roteiro cultural que nos foi proporcionado sempre com explicações e detalhes sobre a vida do autor. Foi exatamente isto que os Colóquios propuseram em 2003 e agora começa a tomar forma em vários pontos do país.

Transcreve-se o que então se escre-



veu: Centro de Formação Francisco de Holanda

[Página principal | Página de publicações | Revista ELO | Índice]

A língua portuguesa e a UE alargada, J. Chrys Chrystello, 2003-06-02

Dizem as estatísticas que Portugal não está preocupado com a expansão da UE, e os poucos que se pronunciam queixam-se da perda de subsídios que daí pode advir. Ainda ninguém perguntou que vantagem haverá para a língua e cultura portuguesas, provavelmente, fruto da falta duma política nacional da língua. A capacidade que temos em adicionar aritmeticamente os habitantes dos PALOP's não se traduz numa política de edição de traduções de consagrados autores para os leitores ávidos dos novos estados membros da UE, talvez por desconhecermos a cultura e hábitos de leitura desses povos. Para preservarmos a nossa versão da língua portuguesa é preciso mantê-la viva, e esta é uma oportunidade ímpar de atrair leitores para as nossas obras. Mais tarde viriam os que prefeririam ler as obras na sua língua original, bem fácil aliás de aprender para todos os falantes de línguas eslavas...

[... Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para-governamentais tem de haver iniciativas dos setores privados para criar a necessidade da língua portuguesa. Existe uma potencialidade enorme nesses novos mercados de produtos portugueses, que terão de ser traduzidos pelo que prevejo o aparecimento de novas necessidades nos campos de tradução, incapazes de serem satisfeitos por meios aparelhos mecânicos de tradução consabidas as suas limitações.]

Como catapultar a língua e os livros portugueses da sua semiobscuridade para um cenário de ribalta? Quem se lembrou já de incluir roteiros turísticos literários a locais celebrizados pelos monstros sagrados da literatura dos séculos XIX e XX? Alguns constam já dos vulgares roteiros paisagísticos, havia apenas que organizar a leitura de livros desses autores, e a divulgação de novos escritores nesses locais, [um pouco como foi feito em abril 2003 com a atribuição do prémio Camilo Castelo Branco a Mega Ferreira]. Disponibilizavam-se traduções já existentes ou faziam-se reedições (económicas e sem grandes luxos) para os milhares de turistas desses novos países que querirão vir a Portugal. Lucravam o país, os editores, os operadores turísticos e a língua. Podíamos começar com o José Saramago e um roteiro às suas terras de origem acompanhado de leitura de obras suas, disponibilizadas em línguas dos novos países aderentes UE, passando por locais evocados em "A Cidade e as Serras" e tantas outras paisagens dos Açores de Nemésio, à Brasileira de Pessoa ou à Monsanto de Fernando Namora.

Convidavam-se professores jubilados que amam a Língua Portuguesa para fazerem das mil e uma nuances de cada autor, pedia-se a cada um dos autores ainda vivos que disponibilizasse um dia do calendário para falar da sua obra ou lê-la num cenário apropriado. Estou certo de que a organização de tais eventos custaria menos do que muitas das funções oficiais já agendadas. A Europa alargada aí está, iremos continuar de costas voltadas com a nossa desculpa atlântica ou vamos descobrir novos mundos? Não precisamos de subsídios, tão só de vontade para esta revolução que continua por fazer, não precisamos de comissários, mas apenas de pessoas que amem a língua e cultura e que a achem sua.

Tivemos ainda tempo de ir depor uma coroa de flores no túmulo do autor em nome da AICL e da ESTH.

Outro ponto de destaque foi o anúncio da vencedora do Prémio Literário AICL AÇORIANIDADE EM HOMENAGEM A JUDITE JORGE, Maria Saraiva de Menezes: com o CONTO intitulado Chapéu de Chuva Transparente (crónica de um amor sem limites) que deverá ser editado pela Calendário de Letras nos próximos doze meses.

Uma curiosidade interessante surgiu do local onde ficamos instalados, a Quinta de Crestelo (curiosa semelhança do nome) e do seu dono que era nem mais menos do que o ex-Alferes Alberto Trindade Martinho (atual professor universitário na UBI) a quem em Timor eu passara a pasta de Editor-Chefe do jornal local A Voz de Timor, há uns 39 anos atrás.

Jamais nos víamos ou contactáramos neste hiato de décadas e ele acabou por ser nosso anfitrião. De serviço personalizado aprimorado, a Quinta tem várias valências desde os desportos radicais, às várias piscinas, à observação de aves e de espécies botânicas. Uma estadia que ninguém esquecerá.

Em meu nome pessoal, no da AICL, e no de todos os participantes que tiveram o privilégio de ali ficar hospedados, resta-me congratular, em especial, o dono da Quinta do Crestelo, Dr Alberto Trindade Martinho (amigo e colega de lides jornalísticas em Timor-Leste, que não via há 39 anos), a Sandra Nunes, o António e todo o demais pessoal da Quinta pelo seu afeto, cordialidade, gentileza, disponibilidade total, deferência, eficiência, zelo, atendimento personalizado, etc., que fizeram desta uma estada que jamais olvidaremos.

Agradeça que este agradecimento fosse tornado público a todos os funcionários da Quinta que conosco privaram ao longo de cinco inesquecíveis dias. Bem hajam, voltaremos decerto, pois este local personifica o que entendemos por turismo de habitação em ambiente rural com todas as suas valências (que não tivemos tempo de explorar, à exceção do João Chrystello e do Henrique Andrade Constância).

<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1484-20%C2%BA-2013-seia-1-slideshow-tal.html>

O resto destes meses foi passado a contemplar o abismo que se avizinha com a falta de clientes e de traduções capazes de garantir a sobrevivência económica... Não é só o país a precisar de milagres...haja saúde e boa disposição que o demais virá...como nada tenho de meu, os bancos nada me podem tirar.

Dizem que ando a preparar uma depressão, mas não sei se é cavada ou mais parecida com um anticiclone como costuma acontecer por estes lados. Com o nevoeiro que está hoje nunca se sabe, ontem sábado estive um dia primaveril ou outonal conforme preferiram.

Em Portugal grassa o frio e chegou a neve a alguns locais, na vizinha Sanábria está tudo branco e em Toronto também, que já andei a visitar as fotos dos amigos e amigas espalhados pela aldeia global.

A situação é drástica, mas ainda não totalmente desesperada...e há sempre uma esperança infinda...não é só este governo ditatorial e corruptamente néscio que me incomoda, é a nível global, custa ver que é igual em todo o lado e não se vislumbra ainda a saída para este dilema de vida que nos asfixia, adocece e mata.

Um governo que é mero pau-mandado do grande capital sempre a fazer o que lhe mandam e de quando em vez, lança umas atoardas para cá fora a ver se pegam, ou a testar o ambiente...

A última é hilariante “querem cadastrar os pais fumadores” ...nem comento... eu cá não os cadastrava a eles, mas castrava-os e já....

Enoja tanto a política e andam todos tão saturados que eles, governantes, vão vomitando as suas leis e roubos e o pessoal já nem reage.

Depois há uns energúmenos de direita que dizem que o governo foi legitimamente eleito (alto lá! Era legítimo se não tivesse introduzido exatamente o oposto do que se propôs fazer antes de ser eleito!) e eu lembro-me (vá-se lá saber porquê), do Adolfo Hitler a ser eleito democraticamente....

Um governo que à força quer acabar com a Constituição para poder fazer de forma livre e arbitrária tudo o que lhe mandam não chega a assustar, mas é premonição do que virá a seguir se deixarmos, e o povo é calmo e manso e deixa.... Já deixou antes, em nome do fim da anarquia da primeira República e depois ficou 48 anos a comer da mesma malga...

O povo quer tranquilidade, paz e sossego e vai comer ar e vento em nome dessa paz complementada pelo fado, futebol e Fátima do século XXI...ou me engano ou ainda vou voltar a viver em ditadura...só que em 1972 era jovem e havia esperança, hoje estou velho e desesperançado.

Termino citando este artigo de Luís Naves datado de 23/11/2013...

“Portugal é um protetorado? por Luís Naves, em 23.11.13

O texto que se segue foi publicado esta semana no site alemão Geolitico, onde chegou a estar em destaque:

A crise política portuguesa tem um curioso paradoxo: há um descontentamento universal e, no entanto, nada acontece.

Na última semana, um político de esquerda tentou lançar um novo partido, mas apenas 150 pessoas apareceram no evento. Se os portugueses não gostam da atual classe política, seria lógico que aparecessem novos grupos e novas caras. Se existe descontentamento geral, então as ruas deviam estar repletas de protestos sociais e de indignação. E, no entanto, nada acontece.

Os media estão contra o Governo, mas os dois partidos no poder continuam de forma teimosa a aparecer nas sondagens com um terço do voto potencial.

A maior formação da oposição, o Partido Socialista, parece estagnar nos 36%, com um líder que provavelmente perderia uma eleição primária no seu próprio partido, se houvesse uma. Os comunistas continuam a crescer e são a força mais coesa no espetro político, mas à custa do BE, o outro partido da esquerda. São ambos contra o memorando com a troica e têm 20% dos votos potenciais.

O vice-primeiro-ministro, Paulo Portas, usou por diversas vezes a expressão "protetorado financeiro" para descrever a situação do país.

Na minha opinião, ele poderia ter usado simplesmente a expressão "protetorado", pois esta paralisia não diz respeito apenas a dinheiro.

Na realidade, o futuro político de Portugal não está a ser discutido em público. Todos os dias, a oposição e os sindicatos apelam a eleições, mas sabendo que elas não são possíveis agora.

O governo podia ser totalmente diferente e ninguém daria por nada, porque teria de realizar as mesmas tarefas. Os ministros raramente aparecem em público e os que nunca aparecem são os mais populares.

No início do programa de austeridade, imposto pelo resgate em 2011, algumas pessoas disseram que o ajustamento era impossível no plano político.

O memorando da troica era inconstitucional, mas isso foi ignorado pelas mesmas pessoas que agora esperam que o Tribunal Constitucional consiga torpedear e afundar o programa de austeridade. Não houve alterações constitucionais, nem sequer foram discutidas, e acabar agora com o programa seria loucura, pois estamos a sete meses do seu fim e com os ALGUNS APARENTES sinais de recuperação económica.

Fogo lento

Como membro da zona Euro, Portugal teve crescimento lento durante uma década.

Ninguém teve a coragem política para fazer as necessárias reformas: pelo contrário, todos os governos deitaram dinheiro para a fogueira lenta.

Em 2010-11, Portugal estava brutalmente endividado, por isso os mercados financeiros deixaram de nos emprestar dinheiro.

Os bancos franceses e alemães eram os nossos credores, estavam cheios de obrigações do tesouro portuguesas que, em caso de bancarrota, valeriam zero.

Temendo um segundo colapso ao estilo da Lehman Brothers, os governos europeus garantiram o resgate, o que os Tratados europeus proibiam expressamente.

Vamos simplificar mais um pouco: os contribuintes alemães emprestaram dinheiro à República Portuguesa, evitando a bancarrota.

Isto permitiu aos bancos alemães a venda atempada da dívida portuguesa na sua posse e que perdera todo o valor. Esta passou para os bancos portugueses, pois estes tinham dívidas a bancos alemães.

O crédito europeu está a ser pago pelos contribuintes portugueses, com lucro para os credores.

As obrigações recuperaram algum valor e Portugal deve ser capaz de regressar aos mercados dentro de alguns meses, mas uma coisa é certa: graças aos contribuintes alemães, os bancos alemães estão seguros.

Os portugueses queixam-se muito, tinham uma dívida e o resgate salvou-os da bancarrota.

Os alemães também se queixam muito, pois salvaram os seus próprios bancos e o custo foi o de agora terem um pequeno protetorado nas costas atlânticas.

Ter um protetorado não é simples questão de posse. É preciso lidar com ele. Não é algo que se possa abandonar.

Esperar até junho

Portugal não é inteiramente soberano e o seu futuro dependerá em grande parte da Europa.

Este país não poderá ir para eleições antes de junho e não pode mudar de governo neste momento. Terá de encontrar uma forma de vencer os mercados de que pode pagar as suas dívidas. Os yields das obrigações a dez anos estão em 5,8%, mais de dois pontos acima das irlandesas.

Nos próximos seis meses deveriam baixar esses dois pontos percentuais e, se isso não acontecer, continuaremos um protetorado europeu. Até lá, não pode ocorrer nada de verdadeiramente importante.

O governo continuará a ser muito impopular, a oposição falará imenso, o país tentará tornar-se mais credível no exterior, o povo sofrerá mais cortes e mais impostos, a economia vai arrastar-se como um caracol e toda a gente será mais pobre, estará mais cansada e mais próxima do desespero.

O texto referia a situação política antes da cena das escadarias e da aula magna (policías vs manifestantes). Mantenho a análise. Julgo que estas tentativas de incendiar a situação não passam de retórica forte, embora com risco sério de cumprirem a sua própria profecia. O país tem três opções neste momento: programa cautelar, segundo resgate e saída do Euro.

Os leitores alemães continuam a escrever, nos comentários aos meus textos, que Portugal só tem uma alternativa viável, a saída do Euro. Isto corresponde provavelmente ao que pensa a opinião pública alemã e esse aspeto não é muito conhecido em Portugal.

136. 136. CRÓNICA 136 OH! WHAT TO DO? 3 dezembro 2013

Dizia-me pessoa amiga, há dias, vais ver que quando menos se espera entra um maluco pelo parlamento adentro e com uma AK47 - dessas que se vendem em qualquer esquina - desata aos tiros e depois suicida-se ou vai viver à nossa custa o resto da vida numa cadeia....

Ingenuamente inquiri, só uma pessoa? Pensei que era metade da população portuguesa. Mas devem andar todos anestesiados e passivos com o excesso de flúor na água potável e se não se precaverem vai acontecer como na Eslováquia, Hungria, França em que a extrema-direita nazi começa a tomar conta do poder com a sua xenofobia, excesso de medidas de segurança, fecho de fronteiras, intolerância.

Em Espanha preparam-se para multar quem se manifeste e já fecharam uma estação de televisão com a polícia de choque.

Nos EUA há um Estado que vai vigiar os seus cidadãos através de drones telecomandados e o exército português pediu autorização para a ciberguerra.

A ficção não consegue acompanhar a realidade enquanto um ministro japonês e a senhora que chefia o FMI clamarem que os velhos não podem durar tantos anos.... Podem começar eles mesmo por darem o exemplo e desaparecerem da face da terra...

Por toda a parte se ouvem clamores contra o Tribunal Constitucional que passa a vida a vetar decisões inconstitucionais deste governo...bem queria este governo viver sem a Constituição que jurou defender, mas ainda não conseguiram.

Se fosse no tempo da Ditadura (1926-1933) era mais fácil e foi assim que o Oliveira Salazar veio a governar sem inibições.

Ditadura Nacional foi a denominação do regime português saído da eleição por sufrágio universal do Presidente da República, marechal Óscar Carmona em 1928.

Durou até 1933, ao ser referendada uma nova Constituição, que deu origem ao Estado Novo.

Foi antecedida pela Ditadura Militar (1926-1928).

O regime saído do golpe de Estado de 28 de maio de 1926 tornou-se uma Ditadura Militar ao suspender a Constituição de 1911.

Na perspetiva dos militares, porém, uma Ditadura Militar não era um Regime, sendo necessário instituir um novo regime republicano com uma nova Constituição.

Na eleição direta do Presidente da República, encontraram a "legitimidade nacional" para elaborar a nova Constituição que foi submetida a referendo em 1933 - a Constituição do Estado Novo que durou até ao 25 de abril.

A caridadezinha que ora impera em Portugal leva a campanhas do Banco Alimentar que servem para enriquecer os dois grandes grupos económicos dos supermercados Pingo Doce e Continente, mas os jornais relatam que alguns dos beneficiados (na Ribeira Grande em São Miguel, Açores) deitam ao lixo o que receberam...

De acordo com estatísticas publicadas na Revista "Time", o que os americanos desperdiçam num dia, em comida, daria para alimentar todos os pobres do Planeta durante um ano.

Entretanto as medidas transitórias, excepcionais, temporárias que vieram para ficar são publicadas diariamente no Diário da República, coartando direitos adquiridos e inalienáveis, pervertendo contratos firmados há décadas e substituindo-os por uma mão cheia de nada.

Assim se roubaram as pensões aos idosos que para elas descontaram e com base nisso fizeram os planos de velhice, enquanto o Estado fazia tábua rasa desses contratos e as considera uma benesse do governo.

Depois, insatisfeito com isso aumenta impostos, deduções e taxas, além de as reduzir de forma arbitrária. Por outro lado, não se cansa de exortar os jovens a emigrarem pois assim se reduz o desemprego jovem no país.

O outro desemprego não parando de crescer, vê os seus apoios e subsídios cortados até que as pessoas os percam e possam ir para a miséria total, e se transformem todos em sem-abrigo que é a isso que o governo nos destina.

Enquanto isso, o governo continua a fechar serviços no interior, a dilapidar o serviço nacional de saúde, a ver se os velhos morrem todos e reduzem a pressão no pagamento de pensões, mas é uma chatice que estes velhos são durões e não há meio de morrerem.

Mesmo sem tratamentos, nem medicamentos nem hospitais eles continuam a respirar...enquanto as penhoras não cessam de crescer, automaticamente as pessoas perdem casas, vencimentos, contas bancárias e os velhos que ajudavam os mais novos veem-se assim impossibilitados de manter viva a cadeia solidária das famílias.

Há dias houve uma manifestação das polícias portuguesas que subiram as escadarias do parlamento, quinze dias depois o ministro vem anunciar promoções na carreira (estão congeladas em toda a função pública vai para três anos).

Claro que é apenas um osso que permita a essas mesmas polícias carregar sobre qualquer manifestante que tente subir as escadarias do parlamento.

Nas televisões e jornais de há uns anos a esta parte a técnica de desinformação e lavagem cerebral é a do medo constante, o anúncio de coisas horripilantes para entreter, enquanto se introduzem medidas que acabam com todo o Estado Social, com as réstias de democracia que teimam em perdurar...e o medo alia-se aos despedimentos e as pessoas comem com medo, dormem com medo, sonham com medo e acordam com medo.

Incapazes de reagir, incapazes de fazer algo mais que não seja queixarem-se publicamente no Facebook e outras redes sociais.

O idoso Mário Soares e outros militares do 25 de abril proclamam a necessidade de se fazer pela força aquilo que as manifestações pacíficas não conseguem..., mas a democracia é assim, e nunca se esqueçam de que foi assim que Adolf Hitler foi eleito.

A mentira, a manipulação permanente, os negócios e negociatas com amigos e conhecidos que nem constam dos livros de corrupção, os desfalques e golpes para o erário público pagarem, a impunidade, o conluio entre os tribunais e os poderosos leva a que um jovem acusado de roubar (não pagar) 31 Euros de pizza tenha direito a julgamento com 3 juizes e a ameaça de uma pena de 8 anos, enquanto outros crimes maiores ou prescrevem, ou levam com uma penas suspensas, ou pura e simplesmente nem são julgados. Tudo é legítimo desde que seja roubar em proveito próprio, da banca que os alimenta e dos interesses que os manipulam como títeres.

Civilizações caíram por menos do que isto, mas esta está a demorar o seu tempo e quando cair não será apenas Portugal, nem a Europa nem os EUA, mas todo o mundo ocidental como o conhecemos.

Novas formas de barbárie e de escravatura vão sendo reveladas por entre notícias de xenofobia, discriminação e outras aberrações.

Tudo isto me lembra (PARA PIOR) histórias contadas na minha juventude pelo meu pai referindo-se ao período que antecedeu a segunda guerra mundial.

Este capitalismo selvagem não só ameaça destruir a raça humana como o resto do planeta. Não foi há muito tempo que esse símbolo capitalista que é o executivo chefe do conglomerado Nestlé, como podia ter sido o da Coca-Cola ou outro, dizia ser necessário privatizar a água de todo o mundo...claro que eles tomavam conta dela e o povo comprava. Sabe-se que a água é o bem mais essencial do século XXI com milhões de pessoas sem acesso ou com acesso limitado a esse bem...

Em Espanha já perseguem os cidadãos que criam as suas redes domésticas de energia seja solar ou não, como uma grave infração ao monopólio - oligopólio do fornecimento de energia elétrica.

Num Estado qualquer dos EUA um casal viu destruída a sua horta que mantinha gloriamente há 17 anos no jardim da casa por ser contrário à política municipal...

Os ricos e poderosos compram tudo e todos a começar pelos políticos, só nos EUA há 400 bilionários que valem 32 triliões de dólares ou seja tanto como 150 milhões de americanos juntos.

Nunca se viu tanta desigualdade em mais de um século e toda fruto da corrupção. Mais tarde ou mais cedo em Portugal e na Europa, será eleito um governo que tenha a coragem de um ato soberano democrático, recusando a chantagem de austeridade e desobedecendo às regras europeias que bloqueiam tudo menos o neoliberalismo.

Hoje há pessoas pagas pelos partidos, não duvido, para colocarem comentários críticos nos jornais on-line e nas redes sociais para quem critica os partidos, os governos e as suas políticas. É a prova que estão em total descrédito e que receiam uma opinião séria e responsável.

É Portugal que está em causa, o nosso futuro como povo independente e soberano, não podemos ficar em silêncio quando os partidos, as sociedades secretas e não tão secretas que os sustentam se limitam a liquidar o país, em saldo, até que nada mais reste.

Noutra onda, surgem relatos de “chemtrails”, ou seja, aquelas nuvens esquisitas que duram uma eternidade e lembram rastros de aviões a jato que despejam nanopartículas de alumínio que pode ser responsável pelo surgimento de doenças neurodegenerativas como Alzheimer, Parkinson, Lou Gehrig (ALS).

Esta forma de geoengenharia destinada a mudar o clima, a criar chuva e coisas semelhantes existe há muitos anos, mas não estava então na esfera da CIA, NSA e outras agências norte-americanas de segurança nacional...

Se estas técnicas reduzem o aquecimento da atmosfera e aprisionam gases quentes a atmosfera, será bom recordar que o fazem com óxidos de metais de elevada emissão e baixa refletividade como o óxido de alumínio. (pode ler mais aqui <http://www.collective-evolution.com/2013/11/01/neurosurgeon-voices-health-concerns-over-geoengineering-and-chemtrails/>)

E há uma pergunta que gostaria de deixar a todos enquanto os poderosos tentam eternizar a crise para se manterem no poder e retardar a revolução....

Mas fica para outra vez.

137. 137. CRÓNICA 137, A SOCIEDADE DA SOLIDÃO (1/2014) 5 julho –

Começo com a constatação do dia: o ateísmo não preclui a aparição de dores nas cruzes. A contestação do dia é a mesma de sempre, fim ao capitalismo selvagem que, aliado ao eugenismo e malthusianismo decidiu estragar ainda mais este mundo em que vivo, vai para 65 anos. O proverbial otimismo consubstanciado na celebrada frase minha “se estou vivo, não me queixo,” infelizmente já começa a demonstrar sinais de extrema fadiga, que já não podem ser atribuídos ao inverno rigoroso que se abateu sobre os Açores.

A continuada crise de saúde na família tem minado tal otimismo, já de si abalado pelo “passe-vite” governamental que a todos espreme, a fim de proporcionar aos donos do mundo uma paste disforme de carne picada, de escravos sem voz nem querer na qual me não revejo. Sempre trabalhei, fui criador e produtivo. Creio na justa remuneração e não neste alinhamento pelo menor denominador comum. Creio que os improdutos e incompetentes

deveriam ser obrigados a terem formação pessoal e profissional adequada e só depois disso deveriam ser dispensados, em vez de se manterem gestores, professores e políticos improdutos e néscios.

Perguntará o leitor menos esclarecido por que razão incluo professores nesta citação, correndo o risco de repetir a mensagem que deixei nos livros CrónicaAçores nascidos destas crónicas: os professores, capazes, bem formados e competentes, são a única base sustentável de um povo democraticamente esclarecido e produtivo. Sem educação não há país. Sem eles criaremos, cada vez mais, ditadurazinhas de países irrelevantes, por mais importantes que aparentem ser no dia-a-dia. Pequenos e irrelevantes países de gente inculta e ignorante predestinada à escravidão.

Uma das razões pela qual deixei a prosa descansar nos longos meses de hibernação deve-se ao facto de eu não ter digerido bem a constatação de que a realidade virtual em que vivemos há muito excedeu a ficção e os efeitos especiais com que nos bombardeiam diariamente para nos fazerem crer que afinas existimos. A realidade, porém, é outra, (seria mesmo cómica se não fosse trágica). Vejamos:

137.1. MONSANTO ACQUIRES RIGHTS TO THE SUN

CREVE COEUR, MISSOURI, June 30 – in a ground-breaking move, Monsanto, a multi-national biotechnology corporation, acquired rights to the sun in a 5-4 decision by the U.S. Supreme Court.

The decision, led by Clarence Thomas, was hailed by Monsanto President and CEO Hugh Grant as “good news for food producers, food consumers, and the future of humanity.”

Monsanto is known worldwide for its Roundup brand, an herbicide that works in conjunction with genetically engineered seeds.

The decision allows solar energy used by Monsanto-crop farmland – including solar panels, wind turbines and the like – to be taxed at a rate of 10% per kilowatt hour.

Approved in an unprecedented three months, the law will go into effect January 1, 2013. Companies, organizations and individuals currently using Roundup products will receive one free year of sunlight before the 10% tithe is active.

According to the new regulation, any action to “store, reuse or redirect” sunlight will be a prosecutable offense unless authorized by Monsanto.

Failure to comply with the law may result in a visit by Monsanto’s secretive “Watt” Police. Monsanto typically uses lawsuits or the threat of lawsuits to bring compliance.

“We feed the world,” Grant says, “anyone caught stealing sunlight from us is stealing food from the mouths of millions.”

Falta perguntar a que divindades pagaram eles esse direito universal, depois de terem patenteado a vida, de inserirem genes na nossa cadeia alimentar e agora raptarem o sol de que depende toda a vida na Terra, para o calor e a fotossíntese.

Os EUA já se tinham declarado donos da Lua, agora esta companhia que nos mata e geneticamente nos reprograma em todos os cantos do mundo quer tomar conta do sol?

137.2. A DOR DO ABANDONO..



Há dias, António Quintela transcreveu um texto que aqui adapto:

Era uma manhã de sol quente e céu azul, quando o caixão contendo um corpo sem vida foi baixado à sepultura.

*De quem se trata? Quase ninguém sabe.
Poucas pessoas acompanham o fêretro. Ninguém chora. Ninguém sentirá a falta dela. Ninguém para dizer um adeus ou até breve.
Depois de o corpo desocupar o quarto do asilo, onde aquela mulher passou boa parte da sua vida, a responsável pela limpeza encontrou numa gaveta ao lado da cama, umas anotações.
Um diário sobre a dor...a dor que senti por ter sido abandonada pela família num lar para idosos...
Talvez o sofrimento fosse muito maior, mas as palavras só permitiram extravasar uma parte desses sentimentos, gravados em algumas frases:
Onde andarão meus filhos?
Aqueles crianças sorridentes que embalei no meu colo, que alimentei com o meu leite, de que cuidei com tanto desvelo, onde andarão?
Estarão tão ocupadas?
Talvez não me possam visitar, nem ao menos para me dizerem olá, mãe?
Ah! Se soubessem como é triste sentir a dor do abandono...
A mais deprimente solidão...
Se ao menos pudesse caminhar...
Mas dependo das mãos generosas destas moças que me levam todos os dias para tomar sol no jardim...
Jardim que já conheço como a palma da minha mão.
Os anos passam e os meus filhos não entram por aquela porta, de braços abertos, para me envolver com carinho...
Os dias passam... E com eles é a esperança que se vai...
No começo, era a esperança que me alimentava, ou eu a alimentava, não sei... Mas, agora...
Como esquecer que fui esquecida?
Como engolir esse nó que teima em ficar na minha garganta, dia após dia?
Todas as lágrimas que chorei não foram suficientes para desfazê-lo... Sinto que o crepúsculo desta existência se aproxima...
Queria saber dos meus filhos... Dos meus netos... Será que ao menos se lembram de mim? A esperança, agora, parece estar atrelada aos minutos... Que a arrastam sem misericórdia...para longe de mim...
Às vezes, em sonhos, vejo um lindo jardim, que transcende os muros deste albergue e se abre em caminhos floridos que levam a outra realidade, onde braços afetuosos me esperam com amor e alegria...
Mas, quando acordo, é a minha realidade que vejo... Que vivo... Que sinto... Um dia alguém me disse que a vida não se acaba num túmulo escuro e silencioso...
Que a vida continua após a morte, de uma outra forma... Mas com certeza a minha matéria, a minha mente, o meu eu dessa vida que vivo agora, com o nome que tenho... Nunca mais existirá!
E quando a morte chegar, só restará a saudade que com o passar do tempo se ameniza... (se é que alguém vai sentir saudade de mim, já que não sentem enquanto ainda estou viva neste asilo...)
Sinto que a minha hora está chegando...
Depois de partir, gostaria que alguém encontrasse estas minhas anotações e as divulgasse.
E que elas pudessem tocar os corações dos filhos que internam seus pais em asilos, e jamais os visitam...
Que eles possam saber um pouco sobre a dor de alguém que sente o que é ser abandonado...
Pensai que a cada pai e a cada mãe Deus perguntará: O que fizestes do filho confiado à vossa guarda?
E aos filhos: O que fizestes aos vossos pais?*

AMO OS IDOSOS.

137.3. VEJO MUITA GENTE SÓ.

Também recentemente escrevia Miguel Gameiro:

*Nas ruas, nos cafés, nos supermercados...gente anónima, discreta, que se esconde nos cantos do silêncio porque simplesmente já não está lá ninguém para as ouvir.
Gente que ansiosamente procura um olhar direto, apenas para uma conversa de circunstância...um minuto de companhia...pode ser sobre o tempo, o futebol ou sobre a reforma que desapareceu...
Gente que se tornou fria, rude, porque a vida se encarregou de lhes tirar o resto.
Os filhos que tiveram de partir à procura de um futuro, os outros que ficaram, mas que não querem saber...a solidão é uma merda.
A verdade escamoteada é que andamos todos sós e olhando em volta não há mais ninguém, só a nossa imensa solidão, que nos consome até darmos conta de que a história narrada podia bem ser a nossa autobiografia.
E não é única, nem um caso isolado.
Repete-se em todos os pontos do globo com uma cadência, cada vez mais ritmada, pontuada, aqui e ali, pelo telejornal que dá conta de mais um/a idoso/a descoberto apodrecido no seu lar, meses após a sua morte.
Que sociedade injusta e impiedosa vi crescer enquanto mantive os princípios sagrados de família que os meus pais me inculcaram, tal como antes os meus avós, bisavós e trisavós tinham feito.
Será que os esforços de séculos de todos os meus antecessores na família vão terminar com esta geração.
Seremos nós os últimos dos que ainda se preocupam, amam e cuidam dos seus?*

*Onde teremos falhado se inculcamos os mesmos valores com que fomos criados?
Agora que já ninguém os segue nem lhes presta atenção...*

Escrevi num dos livros CrónicaAçores:

Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar na classe em vias de extinção, a dita família.

Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me hoje, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consume e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras sem se questionarem.

Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora.

137.4. LUSOFONIAS E LUSOFOLIAS

Enquanto isto os países da Lusofonia (CPLP) sempre sedentos de protagonismo pelas piores razões avançam para admitir no seio de observadores a Guiné Equatorial (ex-espanhola) em troca dos seus petrodólares, esquecendo décadas de tortura. Que importam as torturas²¹⁵ se eles prometem vir a falar Português? Esta a mensagem subjacente sem jamais mencionarem a pátria galega de onde nasceu a língua que falamos, para não ofenderem os reizinhos de Espanha e o seu projeto aglutinador de nacionalidades, naquilo a que se convencionou chamar o Reino de Espanha e mais não é do que o feudal castelo de Castela?

Os galegos não podem entrar na CPLP, ainda não descobriram petróleo embora já falem português. De nada serviram os esforços da AICL e dos seus Colóquios da Lusofonia desde 2010? ([ver crónica 110](#)). Como republicano australiano resta-me repetir «God “Shave” the Queen» e esperar o mesmo desta CPLP que repudio e à qual não quero pertencer. Não serei só eu, mas somos poucos, insuficientemente poucos, capazes de se orgulharem das suas raízes ancestrais de língua e cultura. O dólar (ou outra qualquer divisa) fala sempre mais alto.

137.5. COCAÍNA NO SUPERMERCADO. ESTE POVO NÃO PRESTA

E enquanto me preocupava com este problema, capaz de acelerar o crescimento de cãs na minha fronte, cada vez mais desnuda de apêndices capilares, descobriu-se por todo o país que as bananas do hipermercado Lidl estavam embaladas com enormes doses de cocaína, o que provocou enorme frémio e genica à afamada Dona Firmina.

Sinto-me cheia de energia hoje, cacete!

Fui ao Lidl cedinho, trouxe bananas porque estava tudo a comprá-las e comi uma no caminho.

Depois fui ao mercado, à peixaria e ao sapateiro e estou em casa agora.

Vou fazer o almoço, aproveito e faço já o jantar, o almoço de amanhã e se calhar deixo já preparada uma marinada para o fim de semana.

Enquanto as batatas cozem aproveito e tricoto uma camisolinha para o meu neto.

E tenho ainda tanta coisa por arrumar, hoje vai tudo a eito.

Lavar os tetos, arredar móveis e bater tapetes.

Está um belo dia para atividades do lar.

Vou comer mais umas bananas que são mesmo boas...

Quase em simultâneo o meu amigo José António Salcedo escrevia:

Pelos montes do Gerês ecoam as músicas pimba emanadas das capelas com instalações sonoras potentes, numa manifestação inadmissível de imbecilidade coletiva, embora as gentes locais possam imaginar que é abençoada pelos seus deuses.

Como gosto de referir, "A delusion is a delusion".

Imagino que o volume do som seja ajustado tendo em conta a elevada distância que as superstições locais consideram existir entre cada capela e o 'céu' onde pretenderão ver os deuses a dançar.

Por mim, imagino os deuses com rolhas enfiadas nos ouvidos e faço planos para o meu regresso à Noruega, onde o silêncio e a limpeza em Natureza são valores essenciais da sociedade, contrariamente ao que ocorre no Minho, onde nem uma coisa nem outra são apreciadas e, muito menos, mantidas.

Como concordo, citarei agora Zack Magiezi:

"Causa mortis: traumatismo craniano. Fruto de mergulho profundo em pessoas rasas."

Seria esta a mensagem lapidar para o povo deste país que apesar da educação se ter massificado continua generalizadamente ignorante, inculto e abúlico como já Eça de Queirós o definia há mais de cem anos:

Acabava de entrar o ano de 1872.

O ano novo interrogava o ano velho.

- Fale-me agora do povo; pedia o ano novo.

- É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre porque não o montam na anca e o desgraçado não se lembra da canga; respondeu o ano velho.

- Mas esse povo nunca se revolta? Insistia o ano novo espantado.

- O povo às vezes tem-se revoltado por conta alheia. Mas por conta própria, nunca; respondia o velho.

- Em resumo, qual é a sua opinião sobre Portugal? Numa derradeira questão.

- Um país normalmente corrompido, em que aqueles mesmos que sofrem não se indignam por sofrer.

Este diálogo deve-se a Eça de Queirós, o mesmo que escreveu sobre o Portugal de então:

O povo paga e reza.

Paga para ter ministros que não governam, deputados que não legislam (...) e padres que rezam contra ele.

(...) Pagam tudo, pagam para tudo.

E como recompensa dão-lhe uma farsa.

Estávamos, então, em 1872.

Estamos a falar evidentemente do povo português. A "raça abjeta" congenitamente incapaz de que falava Oliveira Martins.

Este povo cretinizado, obtuso, que se arrasta subjugado, sem lamúrias (a não ser à mesa do café enquanto vê o futebol pois a crise não lhe permite ter TV Sport em casa), sem um lamento, sem um gesto de rebeldia, tão pouco de raiva (nem que seja surda) e muito menos de revolta.

Um povo que se deixa levar, indiferente e passivo, por políticos sem escrúpulos, mentirosos congenitamente compulsivos, e por múmias silentes, em estado adiantado de decomposição mental, rodeadas de pompa e circunstância e dezenas de servís conselheiros pagos a preço de outro para bajularem.

Afinal, a solução dos seus problemas poderia ser bem simples, a desobediência civil que deitaria abaixo esses castelos de cartas nas nuvens tal como Miguel de Vasconcelos caiu pela janela.

Miguel fizera, o que é narrado na história do país (mas poucos conhecem) desde tempos imemoriais, em crise, alinha-te com o vencedor.

Assim foi sempre, nas milhentas guerras com o reino de Castela, com a subjugação à douta inquisição e no silêncio cúmplice do salazarismo.

Os pobres (de espírito) alinhavam sempre com os que pareciam ter o poder e assim os legitimavam. Sempre comeram e calaram, gratos pelas migalhas, ou moedas que os senhores feudais jogavam pelas seteiras do castelo quando a turba suplicava por tais migalhas para enganar a fome.

Este povo inventou a padeira de Aljubarrota, a Maria da Fonte, a Velha da Ladeira (guerras liberais, em São Miguel, nos Açores) e outras figuras lendárias para escamotear o facto de se tratar de uma população perenemente amodorrada e crassa, capaz de aceitar todos os sacrifícios. Basta atentar na lenda das tripas na defesa de Portucale.

Povo de chapéu na mão, e espinha dobrada até a fronte beijar o chão que os senhores feudais, que sempre o espoliaram, pisam, antes de recuarem, gratos e venerandos pelas migalhas, bendizendo a generosidade dos seus donos.

*Eu vivi nesse país, nesse "sítio" de que falava Eça, nessa "piolheira" a que el-rei Dom Carlos se referia (um país de bananas governado por sacanas), também eu fui governado por gente como o douto Conde de Abranhos "Eu, que sou o governo, fraco, mas hábil, dou aparentemente a soberania ao povo. Mas como a falta de educação o mantém na imbecilidade e o adormecimento da consciência o amolece na indiferença, faça-o exercer essa soberania em meu proveito..."
Ontem como hoje. O verdadeiro esplendor de Portugal.*

É por estas e outras que eu e tu, meu caro José António Salcedo, seremos sempre parte intrínseca de uma elite pensante e culta, em total desacordo com quem vota os destinos do país e não adianta uma pessoa queixar-se.

Se os ateus - como eu - têm dores nas cruzes, não devemos dizer "a culpa é do tempo". O tempo está bom, nós é que estamos mal... Ah! Esta eterna mania portuguesa de culpar sempre os outros.

Por outro lado, é verdade que não nos devemos autodiagnosticar com baixa autoestima ou depressão quando estamos rodeados por idiotas.

É como aquela alegoria de que toda a gente fala de amor, mas poucos sabem amar...e é isso que nos falta hoje em dia, a capacidade de amar, a capacidade de acreditar (em nós apenas, que dos outros sabem eles). Sabes, José António (Salcedo), isto das Festas e da fé, é um assunto complicado e mesmo sem música pimba - atualmente indissociável das mesmas - é um tormento.

PS: quando cheguei aos Açores, há uma década, analisei assim o que aqui se passava em termos de Festas religiosas (respigado de CrónicaAçores, uma circum-navegação, volume 2) como se pode ler em [Crónica 21](#).

138. 138. CRÓNICA 138, DA SOCIEDADE DA SOLIDÃO ÀS MEMÓRIAS PROTECTORAS DA JUVENTUDE, (1/2014) 5 julho –

138.1. CONFLITO DE GERAÇÕES



Vimos na anterior crónica como se vive numa sociedade alienada em que as pessoas não passam já de meros algarismos nos logaritmos de riqueza das elites dominantes. Este é o atual confronto geracional entre os princípios em que uma pessoa cresce, a análise fria da realidade circundante, e a constatação de que nada é como era. Os princípios que sustentam a casa das nossas vidas deixaram de ser moeda corrente para a maioria da população. Os anos passaram e tememos os novos paradigmas, sinal evidente de envelhecimento, da insegurança, quando os filhos e os netos não nos dão a sensação de amparo que sempre déramos aos nossos pais e avós. É o tal conflito de gerações exacerbado por um extraordinário crescimento tecnológico que muitas vezes o cérebro e o coração nos impedem de acompanhar.

Tememos ficar para trás, sermos descartados. Há quem fale em mudança de paradigma económico (Ministra da Economia de Portugal, julho 2014) pretendendo, simplisticamente, significar alterações que diminuam direitos humanos e laborais. O verdadeiro paradigma proposto pelo Papa Francisco, é radical: quem está desempregado, perde a dignidade humana. Esquecidos, porém, estão os veteranos de guerra desempregados e com doenças físicas e mentais cujo custo de tratamento é bem superior ao das guerras em que tomaram parte. É este o mundo cão em que vivemos. Um mundo em que a imprensa passou a entreter em vez de informar e onde o voyeurismo impera, lado a lado com a impudicícia, em que tudo é legítimo com vista à obtenção de uma qualquer mais-valia nem que seja um copo à borla (veja-se adiante a recente divulgação de uma prática abjeta de aviltamento e degradação).

138.2. PENSA QUE JÁ VIU TUDO? THINK AGAIN.

El "mamading" se instala en Magaluf - www.mallorcadiario.com

La zona de Magaluf es un epicentro de juerga y desmadre de jóvenes turistas que durante el verano se instalan en el núcleo turístico de Calvià para pasar unas inolvidables vacaciones.

La zona no deja de inventar formas de atraer más y más jóvenes y este año se ha instaurado una nueva modalidad en los bares de la zona de Magaluf. Es el "mamading".

Una práctica que lleva a las mujeres a realizar un concurso por el que deben hacer un número determinado de felaciones a los hombres presentes en el bar/discoteca en un mínimo de tiempo. La que consiga sumar el número mínimo de éstas consigue barra libre en el local durante todo el tiempo que duren sus vacaciones.

mallorcadiario.com ha podido acceder a uno de los vídeos grabados durante uno de estos "concursos" en el que se puede observar como una joven se desplaza por el local en busca de hombres a los que practicar una felación con la que conseguir sumar el número que le han solicitado para así poder acceder a todo el alcohol que quiera durante su estancia en Mallorca.

Según informaciones recogidas por mallorcadiario.com, esta es una práctica que se está extendiendo de forma vertiginosa por varios locales de los que este digital conoce las identidades ya que no es una nueva modalidad que lleve a la práctica un sólo local.

138.3. RECORDAR TORGA

Do mundo em que li e cresci assomam à memória estas palavras de Torga:

Coimbra, 5 de julho de 1949 -

Dizer tudo. Contar tudo. Passar para o papel a verdade inteira, sem deixar dentro da alma o mais pequeno segredo.

No artista, até as contas do alfaiate interessam». Estes críticos esquecem-se de que os escritores são homens. Julgam que somos máquinas de varrer as imundícies dos outros e as nossas.

Dizer tudo, dizemo-lo nós, numa maneira ou doutra. Mas dizemo-lo como queremos, numa confissão que não tem direção, nem regras.

Um escritor como Eça de Queirós, o mais pudico dos nossos artistas - tão pudico que até as inofensivas intimidades da sua vida cobria dum véu literário -, não teria dito tudo? Ficaria dele algum segredo escondido? Alguém precisa ainda de saber mais?

Miguel Torga, Diário V

138.4. EÇA

Por seu turno, Eça de Queirós propôs-se a fazer um inquérito à sociedade portuguesa, "*pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo na sua santa missão da verdade ocultar detalhe nenhum por mais torpe*".

À semelhança do que Gil Vicente fizera há alguns séculos atrás, o inquérito queirosiano tinha como finalidade criticar a sociedade para a corrigir.

É o próprio autor que afirma:

"O que eu quero fazer é dar um grande choque ao porco adormecido (refiro-me à pátria). Você dirá: qual choque, ingénuo?! O porco dorme; podes-lhe dar quantos choques quiseres nos livros, que o porco há de dormir! O destino mantém-no na sonolência e murmura-lhe: dorme, meu porco."

Apesar desta incredulidade, Eça não desistiu de fazer o inquérito, de "dar o choque ao porco". A isto se entregou de 1871 a 1888. Depois havia de desistir. No entanto, Eça de Queirós esteve longe de fazer um inquérito frio, sereno e objetivo à sociedade portuguesa. O seu contacto com o estrangeiro levou-o a dizer mal, por sistema, da sociedade portuguesa. Era tamanho o pessimismo que revelava, que João da Ega, em *Os Maias*, chega a afirmar que Portugal só poderia endireitar-se com uma catástrofe que tudo arrasasse.

Por outro lado, os valores defendidos pelo autor são muito discutíveis, uma vez que é anticlerical e vai analisar a vida do clero segundo este prisma; a propósito dos problemas da família, não acredita na virtude das esposas de maridos ricos e considera que a mulher só tem um destino: dona de casa ou mulher de prazer; estava convencido da incompetência dos governantes, que considerava ou corruptos ou apáticas. Para além disso, Eça tinha a perfeita noção de que o público só compraria os seus livros se fossem atrevidos ou escandalosos. Por último, a sua carreira política afastou-o da sua terra pátria, pelo que teve muito pouco contacto com a sociedade que pretendia fotografar. É o próprio que afirma:

"Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística... Eu não posso pintar Portugal em Newcastle".

N'O Crime Do Padre Amaro, mostra-nos um ou outro esfomeado [do povo] que se cruza nos passeios das ruas com os bem instalados na vida. Os ricos insultam-nos e eles desaparecem envergonhados, como se não lhes fosse permitido pisar a mesma terra das classes mais abastadas.

N'O Primo Basílio, a criada Juliana é examinada com certa minúcia, mas qualquer outro popular que surja na literatura queirosiana é apenas enquadrado no meio das pessoas burguesas e é por elas manejado.

N'Os Maias critica Eça a alta sociedade lisboeta, apontando o dedo à incompetência dos ministros, à influência dos endinheirados sobre jornalistas, literatos e políticos, à vaidade ridícula dos titulares e à falta de princípios morais das mulheres da alta sociedade e dos elegantes parasitas que as rodeiam. Começa por nos mostrar como é estéril a educação portuguesa ministrada aos meninos da alta sociedade para depressa nos mostrar como o meio lisboeta é capaz de degenerar até os que, como Carlos da Maia, usufruíram de uma educação inglesa. Banqueiros, políticos, têm uma visão muito limitada dos respetivos interesses e os intelectuais, ou os vê contaminados pelo meio, ou erram desnorteados, incompreendidos e até comprometidos financeiramente. E não fazem nada. Os da velha escola causam náuseas ao público evoluído. Os das ideias progressistas veem ruir um a um, todos os seus projetos.

Curiosamente escrevi eu em 1971 que a solução para Portugal, naquele estertor da ditadura do Estado Novo, numa primavera marcelista estiolada, era termos um tremor de terra maior do que o cataclismo de 1755, que não deixasse pedra sobre pedra, para nos ser possível, a nós, jovens, reconstruir tudo do nada. Tábuas rasas de onde pudéssemos criar as nossas utopias. Ainda hoje acredito na maior parte delas...e o terramoto ainda não chegou. O país ainda mantém muita da sua inolvidável beleza, que a natureza lhe deu, mas o povo continua a ser um óbice tão grande como os ineptos que sempre o comandaram.

E queixa-se, no paraíso do Gerês, o Zé António Salcedo da música pimba misturada nas Festas com cultos religiosos, nas Festas paganizadas que a Igreja patrocina do Minho aos Algarves e ilhas? Partimos de uma mesma base educacional da qual ainda não abdicamos hoje, a de que só com muito trabalho, dedicação e perseverança se atingem as metas a que nos propomos, discordamos de muita coisa, (em especial nos meios e instrumentos para se atingirem idênticos fins que propugnamos), mas concordamos em muitas outras. Temos vivências e experiências diferentes, países adotados em moldes distintos, mas unen-nos este desejo insanável de termos um país que nos mereça. E não interpretem mal esta afirmação.

O estilo é uma maneira muito simples de dizer coisas complicadas. (Jean Cocteau)

Ainda há dias tive o gratificante prazer de me reunir com a embaixadora australiana que veio a São Miguel e queria congratular-me pelo meu trabalho confidencial de tradução que tinha ajudado a Austrália a garantir um lugar no Conselho de Segurança da ONU. Fiquei honrado por este reconhecimento da minha modesta contribuição pessoal e um sorriso aflo-rou aos meus lábios. Nunca devo ter feito nada por Portugal (nem mesmo pela sua língua e cultura, de que são exemplo 22 Colóquios em 12 anos) ...

Regressando ao tema inicial destas duas crónicas... Quando se fala de Festas populares lembro-me sempre das recordações de infância atrás revividas autobiograficamente (ver [crónica 58](#)).

Ainda hoje imaginava na Lomba da Maia, na rural costa norte da ilha de S. Miguel nos Açores, que o mundo ia acabar, fosse por que razão fosse (desde um tsunami avassalador, a uma explosão atómica, à queda de um asteroide) e ninguém na pacatez de vacas leiteiras se aperceberia disso. Não é que tivesse grande importância para as suas vidas, a não ser aquela derivada de alterar o ritmo secularmente lento e repetitivo das suas vidas. Era mais uma chatice a obrigar a uma nova promessa ou uma nova ida com os romeiros à volta da ilha para persignar pecados velhos em troca de penitência.

139. 139. CRÓNICA 139, A INCOMPETÊNCIA DAS LEIS, 8 julho 2014

Estou menente com uma notícia da RTP Açores sobre uma infestação de ratos na ilha Terceira.

Uma casa foi abandonada há mais de dois anos, o seu dono morreu nela, deixou de a pagar ao banco e estes executaram uma penhora que está a decorrer o seu curso nos tribunais.

O cão que lá vivia, continua a vaguear na entrada da casa sendo alimentado pelos vizinhos, mas a casa abandonada (esperamos que já tenham retirado o defunto de lá de dentro) passou a ser um enorme viveiro de ratos, que ameaçam a saúde na área.

Os vizinhos queixam-se, o presidente da Junta de Freguesia manifesta a sua impotência perante a lei, os serviços de saúde negam a possibilidade de intervenção numa propriedade privada, apesar do perigo para a saúde pública.

Andam assim as coisas de Herodes para Pilatos, vão a Roma e voltam, sem que nada seja feito pois nenhuma das entidades tem autoridade ou competência para agir face ao estipulado na lei... e a lei como devem saber, é para se cumprir escrupulosa e rigorosamente....

Pena é que estas autoridades nunca pensem na lei, quando alteram o PDM (Plano Diretor Municipal) para construírem o que bem entendem, ou para receberem senhas de presença a que não têm direito, como é o caso, atualmente, de vários autarcas dos Açores, a contas com a justiça para devolverem esses montantes indevidamente recebidos.

Os intervenientes neste caso podem nem ser os mesmos, nem terem alterado em total desrespeito com a lei nenhum PDM.

Podem até nem ter recebido indevidamente nenhuma senha de presença, mas a realidade serve aqui para ilustrar como são diferentes as atitudes quando se trata de beneficiar os seus (familiares, clientes, amigos e compadres) - ou os próprios - ou quando se trata do bem comum de uma pequena zona de uma freguesia.

Poder inferir-se daqui que há fregueses de primeira ou de segunda..., mas, entretanto, os ratos continuam lá até que a justiça popular faça justiça pelas suas próprias mãos, tomando conta do cão e exterminando os ratos.

Pena é que noutros campos da vida em Portugal se não faça o mesmo, matando as ratazanas que são um perigo para a saúde de milhões de portugueses e se alimentem os cerca de 4,5 milhões de pessoas que não comem o suficiente e dos quais mais de dois milhões vivem na pobreza.

Não deve haver raticida que chegue e as autoridades alertam que só podem intervir em caso de eleições...lembrem-se disso quando forem votar!

140. 140. CRÓNICA 140, O SILÊNCIO DA COBARDIA CÚMPLICE, 27 julho 2014

Tinha prometido não voltar a escrever prosa sobre o mundo louco que me rodeia. A realidade, essa há muito que ultrapassou a ficção das séries e filmes televisivos. Fico sempre com a sensação de que, com esta minha visão para além do túnel, se for prever alguma coisa, o futuro se encarregará de exceder todas as minhas previsões. Todas as minhas previsões foram largamente excedidas em menos tempo do que leva a escrevê-las. A recente guerra de extermínio na Palestina, vulgo Faixa de Gaza, é disso mais um exemplo cruel.

Mas são tantas as que ocorreram desde que nasci que creio que daqui a outro tanto, ou seja, daqui a sessenta e cinco anos ninguém se lembrará desta. Terá sido apenas mais uma.

Richard Zimler, esse autor norte-americano de extração judaica, radicado em Portugal, escrevia há dias que o primeiro-ministro israelita (Netanyahu) estava a assegurar-se (e a garantir) que novas futuras gerações de palestinos pudessem continuar a odiar os judeus e assim se perpetuava a ameaça para Israel. Sem esse ódio acicatado, Israel não teria justificação para continuar o seu genocídio.

Uma espiral de violência e ódio que se pretende perpetuar para justificar ações injustificáveis, com resultados imediatos em França (entre outros lugares) onde sinagogas e lojas judaicas foram vandalizadas e queimadas. Só que com a informação instantânea que a Internet ora permite, o que se viam eram crianças mortas na Palestina. Não importa se eram usadas como escudos humanos pelos terroristas do Hamas.

Afinal, em África, seja na Nigéria ou em qualquer outro recanto do continente negro, há muito tempo existem exércitos de jovens a espalhar o terror.

Claro que os alvos a abater pelas armas de destruição israelitas eram hospitais e outros locais normais de abrigo, mas também há muito que se sabe as igrejas deixaram de ser locais de abrigo quando fanáticos islâmicos as incendeiam e queimam os cristãos em tantos

países africanos, longe dos olhares das televisões e dos meios de comunicação, tal como os indonésios fizeram em Timor Leste.

De uma forma geral o mundo nada fez, nem fará, para parar esta e outras mortandades. Acontecem sempre longe do quintal de cada um, e sempre houve guerras entre árabes e israelitas.

Ao mesmo tempo, a agenda global de eugenismo e malthusianismo continuará um pouco por todo o mundo ocidental, assim como os negócios de venda de armas. Agora mesmo na Lituânia uma ministra alvitrava a eutanásia para os pobres... Errou o alvo, eu usava-a nos políticos como ela. Já há tempos a senhora do FMI (Christine Lagarde) dizia que se tinha de acabar com os velhos...ou mais precisamente *“os idosos vivem demasiado e isso é um risco para a economia global! Há que tomar medidas urgentes!”*

Olho em volta e convenço-me de estar a assistir a uma repetição de eventos como os que levaram ao eclodir da primeira e da segunda guerra mundial, perante a passividade, cúmplice e cobarde, de todos os que cresceram à sombra de certos confortos materiais e nem se importam com a eleição de nazis e outros extremistas para um pouco dignificante Parlamento Europeu.

Na Ucrânia deitam abaixo um avião e a culpa morrerá solteira junto com os inocentes que iam a bordo, embora não se entenda como alguém se atrevia a voar sobre aquelas paragens. Para poupar combustível, diziam alguns, porque o avião foi desviado da sua rota, diriam outros. Isto depois do outro mistério de um avião malaio que desapareceu dos ares. A NSA norte-americana pode vigiar-me e seguir todos os meus movimentos sem eu saber, mas alega desconhecer o paradeiro do avião desaparecido há uns 4 meses... centenas de mortos em dois incidentes como eu raramente assistira no resto da minha vida...

Claro que houve no passado abates de aviões como o avião coreano da KAL nos anos 80, numa confrontação russa e norte-americana, houve um avião iraniano abatido pelos americanos, e mais uns tantos, mas nada desta dimensão e com esta impunidade. E o mundo, ao qual pertencço, o que fez? Encolheu os ombros e saiu para jantar fora que a crise ainda permite esses luxos e esta vida são dois dias. Temos de aproveitar e comer.

Por toda a parte vemos governos, artificial e democraticamente eleitos, - sabe-se lá como - que se comprazem em seguir as ordens do grande capital, destruindo os seus países, as suas indústrias e serviços, exportando a sua melhor juventude, matando de forma mais ou menos acelerada os seus velhos a quem se retiram pensões, saúde, justiça e demais serviços.

Criam-se enormes vagas de pobres e desempregados que já nem a dignidade de números têm, como tiveram na Grande Depressão de 1929. Temos conhecimento dos maiores desfalques, falcaturas, negociatas sem que a justiça funcione e prenda e condene os malfeitores. E tudo se passa com o complacente beneplácito de um povo silente e amordaçado nas teias do medo, sem saber que há muito perdeu a liberdade de escolha, a liberdade de poder influenciar os resultados eleitorais, a liberdade de poder escolher o seu futuro...e em breve perderá a sua última conquista, a liberdade de sonhar.

Virão aí novas ditaduras e novas guerras, de formas nem sequer imaginadas por George Orwell no triunfo dos porcos e em 1984, e eu mais impotente que nunca teclando aqui umas

tantas palavras para uma minoria esclarecida e lúcida, mas sem poderes de alterar seja o que for.

Refugio-me então na diáfana ilusão das palavras que a poesia consegue criar, na esperança infundada de que elas resistirão a mais este cataclísmico fim da civilização ocidental como a conheci, numa repetição da queda do Império romano ou de tanta civilização que desapareceu sem deixar rasto atual.

Muito provavelmente nem sobreviverão essas palavras que o reino da utopia ainda me deixa soletrar e a minha vida terá sido em enorme vácuo contra a minha vontade, mas já nada mais posso fazer, também eu cobardemente cúmplice, mas ainda não-silente.

Ah! Nunca quis tanto estar errado como hoje. Concordo com a sabedoria da minha mãe do alto dos seus venerandos 92 anos: “Este já não é o meu mundo”

141. 141. CRÓNICA 141 ESTA GUERRA SURDA QUE A TODOS ANIQUILA 14 setembro 2014

Nestes três meses os piores prognósticos vão-se confirmando com decapitações, crucificações, desmembramentos e outras brutalidades que acontecem aqui e ali, em especial no Iraque, mas noutros pontos do globo, sem que o mundo se preocupe limitando-se a encolher os ombros, como quem diz, isso é lá longe. Claro que tudo muda de figura quando decapitam um ocidental...e vai em três nesta data...

Pela minha parte tem sido um ano difícil sob muitos aspetos, saliento primeiro os positivos, o sucesso do 21º colóquio da Lusofonia nos Moinhos de Porto Formoso em abril, quando tivemos sete dezenas de pessoas, e onde se cantou a liberdade de expressão ganha há 40 anos e hoje tão ameaçada e silenciada pelo medo e pelos donos do mundo, essa hidra de sete cabeças que dá pelo nome de banca internacional.

Tive a alegria de saber dos nascimentos de 3 netas e um neto, mas cuja ausência e distância não me irá permitir ver crescer nem partilhar alegrias e tristezas. A isso já me acomodei, os sentimentos, são, nesta idade, uma coisa fria e distante, pois este mundo, como diz a minha mãe do alto da sabedoria dos seus 92 anos “*Este mundo já não é o meu*”. Não é o dela nem o meu. Os princípios com que nos educaram de nada valem neste atropelo de interesses que subjagam as sociedades quotidianamente.

Mas a preocupação principal este ano tem sido a maleita que afeta a saúde da minha cara-metade, que andou meses sem dormir deitada, dormia sentada no sofá, cheia de dores e outras aflições, e depois de testes médicos, consultas sem conta, contas de farmácia astronómicas concluiu-se que tem duas hérnias disciais muito antigas que não explicam as dores e as dificuldades de locomoção e outras maleitas novas como bicos de papagaio e a osteoporose.

Mas também estes não explicam as idas de urgência aos hospitais para lhe darem uma injeção a fim de aliviar as dores excruciantes de que se queixa. Um autêntico calvário para ela e para quem vive com ela, e se sente impotente para minimizar o sofrimento. Este o motivo por que este ano não estou propenso a crónicas, nem em prosa nem em poesia, a produção de 2014 fica muito abaixo da média. Quando o corpo e a mente estão doentes, a criatividade estagna, dizem.

No início do ano a morte do vizinho e amigo desde a primeira hora, o filósofo e político Manuel Sá Couto serviu também para abalar a máscara humana que nos reveste de uma aparente impermeabilidade.

Valeu a ida à Graciosa por 4 dias para conhecer a ilha e uma curta visita à ilha Terceira para ficarmos a conhecer todas as 9 ilhas. Essa passagem pela Graciosa onde se definiu um futuro da Lusofonia para 2015 e a sensação de férias que tivemos nesses 5 dias deu algum alento para continuar e permitiu que eu decidisse sobre o futuro dos bens imateriais que têm povoado a minha existência. Decidi que devem continuar a existir para além da minha vida e estou a encetar negociações para essa permanência, depois de ter doado o espólio relacionado com Timor à Torre do Tombo.

Por último, o mais novo dos filhos e o único que conosco coabita continua a dar-nos preocupações sem conta pelo seu percurso escolar tendo completado os dezoito anos rumo a um futuro muito incerto...e quem é pai sempre se preocupa pelo bem-estar dos filhos, especialmente quando ainda pode influenciar positivamente esse desígnio. Pode ser que a namorada lhe incuta algum juízo e cresça...é um amor, carinhoso e dedicado, mas ao mesmo tempo alberga uma revolta infinda e uma impreparação para as injustiças do mundo. A minha rebeldia foi sempre acompanhada de uma grande dimensão humanista e cultural, mas a dele não tem esse suporte intelectual, apenas tecnológico...

Sinto-me encurralado num mundo a que apenas pertença de corpo, mas a alma, que estava na Austrália e agora tem coração nos Açores, tem dificuldades em estabelecer-se autonomamente quando todos os edifícios em que assentei esta vida ruem como em Gaza ruíram bairros completos sob a fúria vingativa israelita.

Tenho uma vontade enorme de resistir a este mundo de medo que os jornais e as televisões impõem a todos através de mensagens diretas ou subliminares, mas sinto que não tenho já a vitalidade, nem física nem anímica, de outras eras para poder resistir. Será isto derivado da entrada na Terceira idade que se espera para daqui a poucas semanas?

Sinto-me naufragado em doca seca, astronauta à deriva e à espera do fim do oxigénio, sinto-me condenado à morte à espera da data da execução, e não deixo herdeiro para perpetuar estes Colóquios da Lusofonia que me têm ajudado a sobreviver nesta década e meia... preocupa-me pois tudo o que escrevo é sentido e intelectualmente honesto, mas ninguém liga a isso, numa era em que todos escrevem como os políticos para o efeito momentâneo de rápido esquecimento.

Já não tenho nem um só grande livro para escrever e os que escrevi não tiveram grandes leitores. Já não tenho nada de importante para inventar, inventei tudo o que pude e quase ninguém deu conta. Fiz o que devia e podia, mas passei despercebido sem sequer merecer uma nota de rodapé nos livros da história que ajudei a escrever de Timor aos Açores.

Não quero gratidão nem benesses, preciso é de forças para continuar a resistir à desumanidade que me rodeia. Não aceito a violência gratuita, muito menos a do Califado em nome de religiões e de passados que não se revisitam.

Não me revejo em nenhuma Igreja ou religião, não tenho partido e como simpatizante clubista não vou longe...

Temo que a democracia tenha sido apenas um interregno entre ditaduras. Os dias de hoje assemelham-se a narrações que ouvi do meu pai antes da segunda guerra mundial, poucos prestam atenção ao avanço dos nazis, dos fascistas à velha moda, dos bufos, da cumplicidade dos medos, das guerras religiosas, dos fanatismos, da nova inquisição, da nova censura e não me revejo nas novas cruzadas.

Politicamente incorreto tento manter-me vivo e ativo, alerta e participante, mas a única arma que me resta é a escrita e todos sabemos como a poesia pode ser uma arma carregada.

142. 142. CRÓNICA 142 ATERRAR NUM COMETA É COMO APANHAR UM TGV FORA DA ESTAÇÃO 13 DEZ 2014 -

Aterrar num cometa é como apanhar um TGV fora da estação, mas foi isso que aconteceu há dias. O homem na sua infinita sede de conquista alcançou nova meta e mais nenhum cometa pode dormir descansado com esta ambição voyeurista.

Nem David Bowie esse camaleão marciano da música tão avant-garde, o adivinhava em *Space Oddity* ou em *Life on Mars...* Depois de alguns problemas na alimentação solar da sonda Rosetta, esta já mandou dizer que a água do cometa 67P/Churiumov-Gerasimenko. é diferente da nossa.

Se fossemos tão bons em humanismo e ecologia como somos em tecnologia talvez não andássemos em busca de outro sítio no universo antes que este acabe, que é o único que temos (enquanto não o destruimos por completo) e mais uma civilização ia para as calendas. Os que sobrevivessem (os menos tecnologicamente aptos) teriam de recomeçar do grau zero da civilização.

Na atual situação da civilização dita ocidental, e face aos sintomas que observo, deste longínquo arquipélago dos Açores onde nada de relevante para o futuro da humanidade acontece, os prognósticos são negros.

A manipulação de imagens e de textos e contextos com que as rádios, televisões e jornais nos bombardeiam todos os dias nada augura de bom.

Na vizinha Espanha já é proibido quase tudo, desde filmar polícias, a manifestações, a colocar tais imagens na Internet...convém que não surjam imagens da realidade alternativa daquela que a comunicação social mundial pretende impor a todos, intoxicando uma população mundial, cada vez mais inculta, impreparada e incapaz de discernir ou de pensar por si própria.

Somos uma minoria, ousou mesmo chamar-lhe elite, que sobrevivemos dos tempos da “outra senhora” com capacidade de ver e ajuizar o que se passa em volta com o ressurgimento de nazismo e outros ismos, intolerâncias, egoísmos, um capitalismo selvagem em busca de lucro a qualquer preço, em que os homens e mulheres não são já meros servas da gleba como outrora, mas meros algarismos no deve e no haver das grandes corporações que tudo controlam. Falamos da Monsanto dos GMO ou OGM, às farmacêuticas que nos matam e envenenam, aos bancos que nos especulam e roubam os nossos impostos, manipulando os governos títeres que têm vindo a colocar no poder, aos conglomerados da

massificação da comunicação social que opera a uma voz única em que apenas os apresentadores diferem, mas as notícias não.

Ainda há pouco, dois jornalistas da Fox (Steve Wilson e Jane Akre) foram despedidos pelo trabalho investigativo de um documentário (em junho passado) sobre uma hormona de crescimento bovino da Monsanto (não consigo encontrar o link desta reportagem, desapareceu!

Mas saiba mais sobre eles em <http://www.goldmanprize.org/recipient/jane-akre-steve-wilson/>). Isto para não falar em todos os atropelos à dignidade humana que se escondem detrás do *Patriot Act* dos EUA, de 26 de outubro de 2001, que nos torna a todos em potenciais terroristas sem direitos exceto o de sermos interrogados e torturados, até possivelmente na tropicalíssima Guantánamo. E poucos podem escapar, a menos que vivam fora desta sociedade consumista que nos aliena e imprisiona.

Os meus colegas jornalistas estão a ser presos e mortos (em todo o mundo) em número tão elevado como não há registo anterior, a vigilância em linha (*online surveillance*) há muito que nos privou da privacidade e alienou em redes sociais (sejam elas Facebook ou Twitter, ou qualquer outra forma de nos ligarmos aos outros).

A Internet pode (e tem sido, nalguns países) controlada pelos governos.

Estamos, cada vez mais, vulneráveis a ataques por governos autoritários, militantes, criminosos, fundamentalistas, e terroristas de todas as cores, tamanhos e feitios.

A globalização da corrupção e outros atos criminosos impunemente aceites e tolerados na maior parte dos países é uma das maiores ameaças à liberdade de expressão...

Temos uma nova censura (ou *decommissioning* na linguagem de George Orwell) que se estende a todas as formas do conhecimento incluindo a reescrita da História de acordo com os novos paradigmas dos poderosos...mas eu recorro às descrições que meu pai fez do nascimento dos nacionalismos exacerbados que através de um voto pretensamente democrático levou Hitler ao poder legitimando-o com o apoio de massas incultas e lavadas ao cérebro engolfadas num mundo em desalinho e insegurança que as levou a buscar o apoio de ditadores fortes (carismáticos ou não) e a segui-los carneiramente como convinha.

Infelizmente a história repete-se e escrevi sobre este mesmo tema no meu livro *CrónicaAçores* entre 2005 e 2008, mas como poucos o leram menos ainda puderam ser avisados do que estava para vir e veio e continua a vir até ao ponto de rutura.

Tenho tido o sonho recorrente de uma grande manifestação ou tragédia (lembram-se das Torres Gémeas e episódios semelhantes, capazes de unir e mobilizar nações inteiras?) a ser transmitida por todo o mundo (sabemos todos como há imagens manipuladas e feitas em estúdio, tipo hologramas, usadas em filmes com fundo azul ou verde conforme o destino e depois colocam-se os intervenientes em frente a essas imagens de fundo para obter o efeito desejado). Pode ser uma invasão alienígena, a segunda vinda do Messias, qualquer ato mesmerizador que una as pessoas prontas para aceitarem que o governo as defenda da ameaça.

Depois limita-se o acesso de imagens alternativas da realidade (aquela que não é transmitida pelas TV) e como não é disseminada não existe, pelo subliminar todas as pessoas se

identificarão com as imagens manipuladas e tomarão as suas decisões baseadas nesse visionamento.

Basta impedir que sejam publicadas na blogosfera, se as redes sociais da internet não as publicarem, elas não existem.

Está assim completado o ciclo necessário para os governos tomarem as medidas que entenderem (lembrem-se do surto recente de Ébola que surgiu e desapareceu misteriosamente enquanto milhares de tropas eram enviadas para países de África em missões das quais ainda hoje pouco ou nada sabemos?).

Se, apesar disto ainda surgir ou se infiltrar uma ou outra voz dissidente, fácil será silenciá-la com um escândalo sexual como fizeram com Edward Snowden, o pioneiro da WikiLeaks, sem terem de “suicidar” tais vozes. (como alguém me dizia, em tempos, agora está na moda serem suicidados).

Tem sido feito recorrentemente em tantos casos que a realidade há muito ultrapassou casos desses que vimos em séries de cinema de ficção.

Das dez teorias de conspiração de que mais se fala, uma delas fala do eugenismo, malthusianismo, geoengenharia, e outros processos de controlo da população, quer pelos GMO - OGM, quer por ação dos “*chemtrails*” (aquelas nuvens artificiais que fazem lembrar os “*contrails*” ou rastro de aviões), quer por vacinas do H1N5, do Ébola ou quejandas (lembrem-se das vacas loucas que vieram e foram? a gripe das aves...,etc.), quer por alienígenas que já dominam governos e laboratórios de experiências subterrâneas para escravizar a humanidade, quer pelo aquecimento global, pelo *Codex Alimentarius* da FAO e OMS (1963) ou pela Agenda 21 da ONU.

Existe uma dúvida que me assola quanto a estas teorias, por mais que lhes reconheça alguma validade, uma menor população mundial tornaria inviável os governos e os lucros daqueles que alegadamente buscam reduzir a população e ver-se livres dos desempregados, pobres e outros “inúteis” da sociedade.

Mesmo com a robótica a tomar conta da produção eles vão sacar mais dinheiro de quem? Dos robôs?

Isto se não deflagrar um grande conflito mundial (a Ucrânia é a melhor desculpa de momento) entre EUA+Europa e Rússia...ou se a China não quiser demonstrar que é já a maior potência mundial, ou se o Califado (ISIS é o nome de deusa egípcia do amor pouco apropriado a esses malfeitores desumanos) continuar a vir por aí fora a repor a verdade histórica de há séculos.

Para incrêus, como eu, custa a aceitar a nova realidade mundial, dado que cresci num mundo instável, mas onde os valores fundamentais permaneciam inalterados há décadas. Há sempre - com o avançar da idade - uma certa nostalgia pela segurança dos tempos jovens onde a esperança abunda.

Não sei nem consigo sequer prever os negros dias de futuro que nos esperam.

Quero crer que a bolha vai rebentar, pode ser a bolha bolsista como em 1929 com o desabar deste capitalismo neoliberal, o mais selvagem de que há memória, pode ser outra

bolha qualquer, um conflito mundial ou nuclear, mas vai rebentar e resta depois - então, sim - ter esperança em dias melhores, mas é uma incógnita bem cinzenta que vai ensombrar estes anos derradeiros da minha passagem por esta Terra que todos destroem.

Espero que um novo mundo não tenha nem mais um *Illuminati*. A palavra *Illuminati* é um termo latim que significa "iluminado" e representa uma ordem ou sociedade secreta que tem o iluminismo como base das suas doutrinas. Como se trata de um grupo secreto, é rodeado de grande mistério. Quase todos concordam que o objetivo dos *Illuminati* é alcançar o domínio total do mundo, através de influências e pressões políticas, económicas e sociais.

A *NWO (New World Order)* ou NOM (Nova Ordem Mundial), seria um governo global, que tem autoridade sobre todo o mundo. Várias pessoas acreditam que um dos objetivos dessa NOM e dos *Illuminati* seria manter a população mundial abaixo dos 500 milhões de habitantes. Isso significa que muitas pessoas teriam que ser eliminadas.

Existem também teorias que indicam que os *Illuminati* manipulam vários alimentos e a água para causar infertilidade e esterilização, diminuindo a população mundial.

Outra ligação muito comum é com o Grupo ou *Clube de Bilderberg*, uma associação ultrassecreta que organiza reuniões para apenas 130 pessoas, que têm uma grande influência no mundo.

Existe especulação que alega que o que é decidido nessas conferências dita o futuro do resto de todo o mundo. Este clube tem este nome porque a primeira reunião organizada (em 1954) aconteceu no Hotel Bilderberg, na Holanda.

Alguns dos símbolos mais conhecidos dos *Illuminati* são o triângulo ou pirâmide, o "olho que tudo vê", a coruja e o obelisco.

Vários autores relacionam os *Illuminati* com a maçonaria e por isso às vezes existem símbolos equivalentes.

Vários cristãos acreditam que o líder da Nova Ordem Mundial e dos *Illuminati* será o Anticristo e o estabelecimento dessa ordem corresponderá ao início do fim do mundo.

Como filho da geração que acreditou no amor universal nos anos 60, quero crer que vai ser possível emergir uma nova ordem mais pacífica e amiga da Terra, onde a justiça e a equidade sejam, de novo, objetivos a atingir.

Ao meu lado, porém, a maioria das pessoas está demasiado ocupada e preocupada com a sobrevivência pessoal, com a manutenção do poder de compra consumista para ter divagações destas, enquanto eu, pelo contrário, nada posso fazer para garantir a minha sobrevivência motivo que me leva a estas lucubrações, consciente de que mais gente pode partilhar a minha visão do mundo, exemplificada pelo paradigma dos Colóquios da Lusofonia que me lideram a título gracioso em prol da defesa do imaterial: a língua e cultura de todos nós.

Se mais gente se dedicasse a título gratuito a defender utopias destas, bem melhor seria este mundo (que, parafraseando sempre, e uma vez mais, a minha mãe na sabedoria dos seus 92 anos, diz) que já não é o meu.

143. 143. CRÓNICA 143, DE VACAS, LAGOAS E TURISMO, 3 janeiro 2015

Leio hoje que “está por estudar o perfil do turista que busca os Açores” segundo dizem os agentes de viagem” ...

Deve ter sido uma surpresa saber de repente que vinham as companhias aéreas de baixo custo ou *low cost* e nada se sabia sobre o perfil do turista nos Açores..., mas no meu baú, encontro uma notícia já velhinha em que o Observatório Regional do Turismo dos Açores apresenta estudo sobre restauração:

*17 de novembro de 2009
O Observatório Regional do Turismo dos Açores vai apresentar os resultados de estudo que efetuou sobre a restauração na região.
A sessão de apresentação das conclusões da pesquisa terá lugar no dia 20 de novembro às 17h00, na sala Cedro, no Royal Garden Hotel.*

O Observatório Regional do Turismo (ORT) revela no comunicado que

“está consciente da importância que a gastronomia tem na afirmação de um destino turístico quer pelos laços emocionais e afetivos que estabelece com o turista, quer pelo envolvimento que propicia na construção de uma cadeia de valor, a qual começa na produção dos alimentos e termina com a experiência gastronómica que se proporciona a quem descobre o território”.

Neste contexto, o Observatório Regional do Turismo dos Açores, decidiu em setembro de 2008, iniciar o estudo “A Restauração nos Açores”, adjudicando-o à empresa de consultoria RDPP

*<http://www.publituris.pt/.../observatorio-regional-do-.../>
e mais recentemente, Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia ris3@azores.gov.pt*

Estratégia de Investigação e Inovação para a Especialização Inteligente (RIS3) - Relatório 25-07-2014

*Ex.mo Senhor Secretário do Mar, Ciência e Tecnologia,
Dr. Fausto Costa Gomes de Brito e Abreu*

No âmbito da estratégia de investigação e inovação para a especialização inteligente venho por este meio apresentar as seguintes sugestões:

- a) Criação de um novo projeto intitulado Sustentur (turismo sustentável - sustentabilidade económica, social e ambiental); ou*
- b) integração das seguintes atividades nos vários projetos já existentes:*

Projeto Marketur

- Atividade 1 - Conceção de um manual com os indicadores de turismo sustentável Projeto Marketur

- Atividade 2 Interligação com redes internacionais de monitorização de turismo sustentável (Organização Mundial do Turismo) Projeto Marketur -

- Atividade 4: Estabelecimento de um processo sistemático de levantamento e monitorização de indicadores de turismo sustentável Projeto Marketur -

- Atividade 5: - Conceção de novos produtos de turismo cultural em parceria com as empresas de animação turística e mapeamento cultural, conceção de guias digitais de turismo cultural; - Estudo e monitorização do Turismo Sénior a nível mundial; Caso exista a possibilidade de criar um novo projeto, como o SUSTENTUR, o OTA está disponível para planear as atividades a desenvolver e esquematizar todo o cronograma.

Com os melhores cumprimentos.

Carlos Santos (Presidente da Direção)

<http://www.azores.gov.pt/.../CB3F6F51-3124-451A-BF64>

A partir daqui fiquei mais tranquilo e resolvi ir dar uma volta à ilha, mais especificamente ao lado oeste onde se situa a Lagoa das 7 Cidades, ex-libris da ilha.

Constater:

As vacas fazem parte de toda a paisagem da ilha

As vacas quase que são a paisagem da ilha

Encontrei as ditas vacas nos montes, nas chãs, na estrada e mesmo na orla da lagoa das Sete Cidades, em números consideráveis...ocupando vastas áreas das faldas

daquela cratera vulcânica e espalhando-se mesmo até à borda de água, como se pode ver em fotos apenas a esta crónica...

O GRA [Governo regional dos Açores] gasta milhões atrás de milhões - desde há vários anos - em campanhas dispendiosas contra a eutrofização das lagoas, tem vindo a adquirir inúmeros terrenos privados a fim de evitar a presença de vacas e subsequente contaminação dos lençóis de água das lagoas.

Já em 1983 havia problemas deste tipo.

Posteriormente as causas foram sendo atribuídas à exploração agrícola²¹⁶.

A agricultura, apesar de não ser a única, é talvez, a principal atividade humana responsável pela diminuição da qualidade das águas subterrâneas e de superfície.

Pelas imagens adiante, pode-se comprovar que o Governo podia ter poupado enormes montantes dado que as vacas continuam pachorrentemente a pastar nas margens da lagoa...e a culpa nem é delas, que carneiramente vão para onde as mandam.

Já em 2008, o perito em solos Jorge Pinheiro dizia que a solução encontrada pelo Governo para combater a eutrofização da Lagoa das Sete Cidades não ia resolver o problema²¹⁷.

Em abril 2014, continuava o Governo regional a afirmar que ia resolver o problema.²¹⁸

Passados estes anos ainda ninguém deve ter lido o que se escreveu sobre a eutrofização que aumenta de ano para ano, mau grado os milhões investidos...

Isso é mais evidente quando a luta contra a eutrofização se substitui por duvidosos e custosos projetos de embelezamento das margens... sem falar ainda na aberração das casotas em betão que o arquiteto Souto Moura plantou na Lagoa que é uma das 7 Maravilhas Naturais de Portugal, as quais, à data, apesar das promessas todas não estão acabadas, nem habitadas, nem têm pessoas interessadas em habitar ou comprar.

²¹⁶http://www.academia.edu/5601305/ESTUDO_DA_EUTROFIZA%C3%87%C3%83O_E_DA_ZONA_N%C3%83O_SATU-RADA_DO_SISTEMA_AQU%C3%8DIFERO_DA_LAGOA_DAS_SETE_CIDADES_S._MIGUEL_A%C3%87ORES_PORTUGAL] “A industrialização da agricultura tem levado ao uso de doses de adubos químicos cada vez maiores e à utilização de irrigações intensivas. Esta prática juntamente com a utilização de tecnologias erradas, tem-se mostrado desastrosa, quer ao nível da qualidade dos solos quer na qualidade das águas subterrâneas e de superfície. A perda de nutrientes e matéria orgânica através da erosão, provoca a diminuição da atividade de micro-organismos do solo, que normalmente aceleram a degradação de muitos químicos agrícolas tóxicos, que contribuem significativamente para a poluição dos solos. A poluição difusa define-se como a descarga difusa de resíduos para as massas de água, que não podem ser atribuídas a fontes especificamente localizadas. A vulnerabilidade de um determinado aquífero depende do tipo de potencial poluente, isto é, a qualidade da água subterrânea pode ser muito vulnerável a uma carga de nitratos, originada por práticas agrícolas incorretas, sendo, no entanto pouco a cargas patogénicas. Assim torna-se relevante avaliar a vulnerabilidade à poluição em relação a casos específicos de poluição (nutrientes, de origem orgânica, metais pesados, etc.).

²¹⁷ [in <http://www.rtp.pt/acoress/?article=3871&visual=3&layout=10&tm=10>] o professor da universidade dos açores sustenta que para acabar com a eutrofização crónica da lagoa, é preciso atacar a causa e não as consequências. Jorge Pinheiro acredita que a extensão rural é a solução para o problema e por isso defende que o caso seja tratado pela secretaria regional da agricultura e não pela do ambiente. Segundo o perito, é necessário passar a uma exploração extensiva e adequar os adubos a esta alteração. Diz ainda que é preciso aceitar as quebras de rendimento a médio prazo e colmatá-las com as ajudas compensatórias da europa.

²¹⁸ Governo dos Açores anuncia medidas de combate à eutrofização na Lagoa das Furnas. O Secretário Regional dos Recursos Naturais anunciou que o Governo dos Açores prevê reduzir em mais de 50% a carga total de nutrientes que afluem à lagoa das furnas, no âmbito do combate à eutrofização, através da retirada das restantes áreas de pastagem das suas margens e com a obra para desvio dos afluentes da Ribeira do Salto da Inglesa. “Com esta retirada da atividade pecuária de cerca de 60 hectares na margem oeste da lagoa das furnas, já a partir de 01 de julho, cria-se em todo o perímetro da lagoa uma área de cerca de 900 hectares de proteção à massa de água, imprescindível ao plano implementado pelo governo para contrariar o fenómeno da eutrofização”, afirmou Luís Neto Viveiros, na cerimónia que assinalou, ainda, o dia mundial da terra e dia nacional do património geológico. Segundo o secretário regional, que falava na assinatura do contrato-promessa de permuta de terrenos de pastagem na margem da lagoa das furnas, o governo dos açores vai, também, avançar com a obra hidráulica para desvio dos afluentes da ribeira do salto da inglesa. “Trata-se de uma empreitada que se reveste de alguma complexidade técnica, quer pela dimensão da conduta, quer pela orografia do terreno, e que está orçada em cerca de 1,3 milhões de euros”, avançou Luís Neto Viveiros, adiantando que o projeto estará concluído até ao final do próximo mês, de modo a que a obra se possa iniciar ainda este ano. Para o titular regional do ambiente, o plano de ordenamento da bacia hidrográfica da Lagoa Das Furnas possibilitou que, na última década, fosse implementado um conjunto de ações corretivas e preventivas que pretendem compatibilizar os usos e as atividades com a proteção e valorização ambiental.

Mais um mamarracho ou elefante branco para o qual uma solução das inúmeras anunciadas tarda em chegar.

Convertam aquilo em aparthotel e pode ser que haja turistas interessados já que os locais as desdenham.

Além destas obras de tão reputado arquiteto (que devia estar pouco inspirado na altura em que as concebeu) existem ainda outras plantações metálicas junto à margem, de volumetria desajustada bem como os materiais utilizados que contrastam com a beleza natural da lagoa e como tal²¹⁹, já contestadas em 2013²²⁰.

Dos espaços concessionados, neste início de 2015, (a um custo de 4 milhões de euros) está o bar-restaurante uma estrutura metálica ladeada de vidro, com uma esplanada sem teto, aberta aos elementos e sem proteção do sol além de ocasionais guarda-sóis que se supõe existirem no verão.

Nesta tarde de sábado tinha 5 clientes quando lá entramos a contrastar com o velho bar-restaurante em frente à igreja sempre a abarrotar, sintoma evidente de que a ideia não vingou, embora tenha a vantagem de proporcionar acesso rápido a uma casa de banho, ao contrário da outra unidade mais antiga.

Teria ficado mais barato construir umas casas de banho do que este monólito metálico com madeira e vidro, espaços exteriores sem utilização e para os quais se não vislumbra utilidade.

Refiro-me - como é óbvio - às esquadrias metálicas, suspensas sobre o solo, que ladeiam a parte sul das estruturas e parte do outro lado sobre a lagoa. São inclusive um perigo para as crianças.

219[<http://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ambientalistas-criticam-equipamentos-nas-margens-da-lagoa-das-sete-cidades-1598146>]
220[<http://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ambientalistas-criticam-equipamentos-nas-margens-da-lagoa-das-sete-cidades-1598146>]

Associações ambientalistas criticam a dimensão e tipologia dos equipamentos construídos na margem da Lagoa das Sete Cidades, nos Açores, para apoio às atividades do plano de água, considerando que a solução “destoa” da paisagem.

A requalificação das margens das lagoas das Sete Cidades, um dos principais pontos turísticos da ilha de São Miguel e uma das 7 Maravilhas Naturais de Portugal, insere-se num conjunto de medidas do Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica das Sete Cidades.

Além de introduzir regras no uso desta área protegida, integra a construção de equipamentos para apoio às atividades do plano de água, designadamente canoagem e atividades náuticas, um bar e uma área de apoio para os técnicos e pessoal de serviço.

O projeto de arquitetura de requalificação das margens é também da autoria do arquiteto Souto Moura.

Os equipamentos já estão concluídos.

A associação ambientalista Amigos dos Açores e a Quercus manifestam, contudo, “reservas” em relação à arquitetura dos edifícios junto à margem da lagoa questionando a sua integração paisagística e dimensão.

“Colocamos muitas reservas ao dimensionamento que foi feito e ao impacto que, no fundo, aquele efeito de caixote tem perante uma paisagem mais harmoniosa com linhas mais suavizadas e retas”, afirmou o presidente da Associação Ecológica Amigos dos Açores, em declarações à Lusa, questionado sobre a intervenção.

Para Diogo Caetano, não está em causa a requalificação da bacia hidrográfica, que até “já está a ter efeitos práticos interessantes” para impedir o processo de eutrofização, mas a arquitetura dos equipamentos que “não é a mais adequada” para o local, criticando a instalação “tão próximo do plano de água” da lagoa.

“Poderia ter-se feito alguma pequena estrutura, mais vocacionada para a reabilitação de edifícios, baseada no turismo de natureza”, defendeu.

No caso da Quercus nos Açores, que garante ter recebido “queixas de alguns particulares”, existiu “mais uma vez um défice de participação e de consulta às ONG”, alegando que se está perante uma área protegida, pelo que “qualquer medida urbanística, de edificação, terá um impacto muito grande” na paisagem.

“As queixas têm a ver com a dimensão dos equipamentos e localização e foi neste sentido que alertámos a Direção Regional do Ambiente e estamos a aguardar uma resposta”, explicou o presidente da Quercus nos Açores, Rui Cordeiro.

Já para o presidente da Junta de Freguesia das Sete Cidades, Manuel Arsénio Roque, o projeto é encarado como uma mais-valia para “fixar turistas”, uma vez que “faltavam equipamentos de apoio” neste setor na freguesia.

O Diretor Regional do Ambiente [à data], Hernâni Jorge, sublinhou à Lusa que as estruturas estão feitas “no quadro do plano de ordenamento” e o projeto “respeita em absoluto os parâmetros” do documento.

Hernâni Jorge indicou que os esclarecimentos da Quercus se referem “à delimitação e dimensão da zona para banhos, única e exclusivamente.

Mas como dizia o chefe do Governo em junho 2014:

“A requalificação das margens da Lagoa das Sete Cidades, investimento de quatro milhões de euros hoje inaugurado, reforça a rede de Centros Ambientais dos Açores e potencia a utilização dos recursos endógenos para criar riqueza e emprego.”

PS: adorei também ver os cortes arbitrários de criptoméria e outras ao longo das vertentes da lagoa dentro do atual plano de desbastar os matos e vender a madeira para fazer dinheiro....

Mandem já vir os turistas para eles apreciarem esse atentado, e depois tornem a estudar o modelo de desenvolvimento e o tipo de turista que nos vem visitar...



144. 144. CRÓNICA 144, ABATERAM OS CÃES RAIIVOSOS, MAS NÃO ABATERAM A RAIVA 9 janeiro 2015

Estou em choque desde ontem pela morte dos meus camaradas de trabalho que apenas exerciam o seu direito à liberdade de expressão coisa que estas bestas fanáticas islâmicas não entendem....

Estão 600 anos atrasados em relação ao resto do mundo ocidental, vivem na Idade Média, usufruindo das vantagens do mundo democrático moderno.... Volte a pena de Talião para estes...nem no tempo do Califado ibérico se verificava nada disto, eram mais tolerantes e vivera coexistiam. Agora, estes fanáticos, ignorantes, lavados ao cérebro, tentam instilar o

medo no Ocidente. Se cedermos estamos mortos. Hoje, seremos todos Charlie Hebdo. E os governos? Esses acham-me politicamente incorreto, apodam-me de islamóforo sem perceberem quem sou.

Fui uma das pessoas, dentre outras centenas de australianos que delineou a política multicultural oficial da Austrália nos anos 80, assente na aceitação de premissas como o respeito pela cultura do país em troca da defesa dos interesses culturais dos emigrados.

Chegou o tempo de dizer basta! a estas bestas que dizem agir em nome de um Islão fundamentalmente extremista. O Islão não é isto, para uma grande maioria de pessoas oprimidas e com medo que o professam, nem para os que vivem a liberdade dos países ocidentais. O terror é isso, é apenas terror, não é islâmico nem cristão nem nada.... Mais um caso de reféns mortos...

Como alguém disse, hoje abateram os cães raivosos, mas não abateram a raiva. Ainda vai no adro a procissão, já houve guerras mundiais que começaram por menos...e esta já vai bem lançada. Não me interessa saber se estes muçulmanos eram fanáticos, se foram criados, comprados e treinados pela Mossad israelita ou pela CIA, se fazem parte do plano original de criação do ISIS pelos EUA para desestabilizar o Médio Oriente, se acreditam em Alá ou Jeová, se são crentes ou apóstatas, se são meros terroristas ou meros assassinos, se servem os interesses de Marine le Pen ou de quaisquer outros interessados em começar uma nova cruzada religiosa contra os infiéis,

Há um mês foi a vez da Austrália (que nunca mais será a mesma), agora é Paris, amanhã qualquer outro local, mas ninguém deu conta das atrocidades, violações, mortes, execuções, escravatura, etc. que vem sendo perpetrada ao longo deste último ano por estes primitivos bárbaros em países como o Iraque, a Síria, Líbia, etc.

Quando o mundo ocidental começou com a patranha da primavera árabe destapou o caldeirão da morte...Aqueles países eram de facto governados por ditadores (há tantos em todo o mundo, mas nem todos têm petróleo) mas estes faziam a contenção (brutal e totalitária) dos extremistas, fundamentalistas e outros "istas" que por lá havia, e agora estão à solta para destruírem o mundo civilizado onde quer que estejam...e nós todos vamos pagar a fatura... Haja ou não medo...o que está a acontecer nestes dias não tem retorno...e não me interessa se aqueles animais raivosos agiram por conta própria ou de outrem...mas sei que decerto a menor preocupação deles eram as ofensas contra Maomé...se fosse teriam destruído os arquivos todos do Charlie Hebdo antes de matarem os que lá estavam... É isso que a lei corânica propugna...gostava de estar errado desta vez...

145. 145. CRÓNICA 145 HOJE DIGO SIM À VIOLÊNCIA 3/2/15

A barbárie tem de acabar nem que seja pela lei de Talião...Depois das execuções sumárias, das degolações constantes e mediatizadas, da violação e venda de mulheres e crianças, depois de atirarem homossexuais de alturas e matarem-nos à pedrada caso sobrevivam a queda, surge hoje a nota selvagem de que um piloto jordano caído em território do ISIS foi queimado vivo numa jaula.

Para isto não tenho princípios que resistam e se é isto que eles querem, atirem-lhes pelo menos umas bombas atómicas em cima a ver se acabamos com esta praga de selvagens como raramente se viu na mais recente história (nem Pol Pot no Camboja nem a Indonésia em Timor, para citar apenas dois casos).

Este mundo está definitivamente muito doente e não há hospitais para estes doentes, a doença deles combate-se com as mesmas armas que usam: a aniquilação de todos os seus membros. Talvez pela primeira vez na minha vida, hoje digo sim à violência. ...

E se mais não digo é por ter esgotado as palavras.

145.1. REPULSA UNIVERSAL

24 horas depois li na blogosfera estes comentários que aqui transcrevo: Facebook © 4/2/2015 News Feed



António Conceição Júnior 8 hrs · É com extrema repulsa que soube deste inqualificável ato que importa ser visto para que não nos esqueçamos que no século XXI ainda existe barbárie hedionda, existe guerra e fome e os homens não se entendem de modo algum. Falem-me de religiões, falem-me da Inquisição e agora do Estado Islâmico. Algo está profundamente mal na humanidade. Não há o direito de fazer isto a ninguém.



Jihadistas queimam refém vivo Piloto de F-16 jordano foi capturado em dezembro. CMJORNAL.XL.PT



Pedro Coimbra Bárbaros!



Estela Silveira Machado Inqualificável... Não encontro palavras para isto. É de gente doída.



Ana Constante sem palavras.



António Conceição Júnior Detesto o Correio da Manhã, mas no caso publica fotografias que eu pensava terem acabado em Auschwitz



Nuno Sampaio Nunes E tem gente que ainda defende estes animais doentes, que utilizam a palavra Deus para justificar as suas barbaridades! Claro que o mundo tem de odiar esta corja nojenta!



Manuela Gorgueira HEDIONDO!



Sandra Kim Bárbaros! Que horror!



António Conceição Júnior A lei de Talião vai funcionar e aí já não vão achar graça.



Elisabete Silva.... Perante estas situações, que não consigo entender nem aceitar, fica esta dor de tristeza...



Teresa Basto Horrroso



Tony Martins o ato é repugnante, e as consequências deveriam ser muito superiores ao que, de certeza, irão ser.



Tony Martins a dor e a tristeza são factos que alimentam esses indivíduos que se aprazem com atos como os que se têm verificado. As ervas daninhas arrancam-se e queimam-se. O mundo civilizado deveria unir-se atrás de uma liderança forte e tomasse atitudes e efetuasse atos que acabassem com estas cenas de puro terror que serão sempre piores a cada passo atrás que a civilização der...



João Augusto Dente por dente olho por olho.



Jorge Cavalheiro É arrepiante! Qual século 21 qual treta...A humanidade exteriormente, às vezes, até parece muito "limpinha" e "arrumadinha". Às vezes, ficamos muito orgulhosos dos "nossos avanços" tecnológicos, democráticos, humanitários...Qual quê?! Afinal, onde e que estamos e para onde e que estamos a ir? Tantos ideais! Afinal o que e que tem de mudar? O que e que cada um de nos pode fazer, no campo da nossa pequenez e grandeza?



António Conceição Júnior Ocorre-me dizer que os animais, benza-os quem pode, não fazem nada disto.



António Conceição Júnior Jorge, meu caro, é de facto tenebroso, obscurantista. É como que a corporização do mal.



Jorge Cavalheiro Deixemo-nos de fantasias e olhemos para o TODO do qual um de nos é uma microscópica partícula de poeira. Muitas vezes, sem termos consciência, contribuímos mais do que pensamos para a barbárie do mundo atual. Grande trabalho de introspeção teríamos de fazer, a nível pessoal e coletivo. Vaidade, ego-centrismo, ambição, inveja...O nosso lado pequenino e a desgraça da humanidade.



Helder Fernando E a revolta ativa?



João Pedro Góis onde chegam os limites da bestialidade humana... Sem limites!



Carla Frias Acabei de ver esta notícia no telejornal da manhã e nem quis ver o vídeo assim que disseram o que era. Cada vez estou mais convencida que estamos a regressar à Idade Média ou pior, isto é, de quem não pensa nem tem noção do que faz. É nestas alturas em que acho que a raça humana perdeu aquilo que supostamente a distingue dos animais e cada vez abomino mais as religiões que são usadas para cometer crimes.



Maria Amorim Não consegui olhar p a TV enquanto deu as imagens. Um nó na garganta...como é possível tanta insanidade?



João Cardoso Das Neves A Inquisição Islâmica. Inaceitável.



João Cardoso Das Neves Algo de radical tem de ser feito. O mundo ocidental não pode ficar sentado a assistir a esta barbárie. Uma força militar de intervenção rápida tem de ser enviada. Tempo demasiado passou sem ação firme.



Yun Fee Lai Alguém está a querer pegar fogo total a este planeta. Existem mentes bizarras por detrás desta barbárie medieval em crescendo.

Isto não acontece por acaso.

Tentem não funcionar ao nível da reação primária emocional.

Jorge Cavalheiro toca num ponto fundamental e há forças poderosas bem posicionadas e bizarras e em centros de decisão que insanamente lucram com este crescendo de trevas violentas.

Hoje não é possível surgir do nada no meio do deserto, um exército poderoso de 10 mil homens fortemente armados e com equipamento o mais sofisticado possível, apoio logístico de transportes novos em folha, combustíveis e alimentação e fornecimento continuado de material de guerra para substituir os gastos.

Ou pensam que um exército de pé descalço sem uma poderosa logística e sem centenas ou milhares de milhões de dólares de apoio para manter esta máquina moderna de guerra, poderia em 2 semanas surgir do nada e conquistar extensas zonas do território?

Quem os treinou?

Quem os armou?

Quem lhes dá apoio logístico?

A quem interessa este retrocesso civilizacional evidente?

Que forças se movem na sombra para isto ser possível?

Porque querem que a raça humana regreda para a bestialidade?

Urgente acordar e despertar para estas questões e não se ficar em reações emocionais condicionadas por estes grupos de violência programada. De facto, é triste como apenas neste século XXI já estamos nitidamente a fazer em várias frentes o retrocesso e a barbárie medieval programada metodicamente por forças sombrias que querem evitar a todo o custo a chegada e a instalação da Era da Luz.

Isto não é retórica, mas uma verdade pura que muita gente comum insiste em fazer política de avestruz por não querer ver o mundo sombrio e orwelliano desta sociedade a caminho da perversão total pré-programada.

145.2. O "ESTADO ISLÂMICO" INFILTRADO Posted: 03 Feb 2015 08:08 AM PST

A este respeito escrevia hoje Benjamim Formigo - Jornal de Angola, opinião

O belo trabalho feito por americanos, britânicos e franceses na Líbia está à vista. Não gostavam de Muammar Kadhafi porque não se submetia aos jogos das petrolíferas estrangeiras e aos desejos externos. A tal "primavera Árabe" serviu às mil maravilhas para uma intervenção dos três países, sob a capa da OTAN, para mal disfarçar a agressão externa, a pretexto de defesa de civis, para intervirem bombardeando as tropas governamentais, impedindo Kadhafi de controlar a situação. Na altura escrevemos que estavam a quebrar um equilíbrio instável que só Kadhafi conseguira até então gerir. Kadhafi caiu e foi barbaramente assassinado por um dos grupos defensores dos "valores democráticos" que assaltava o poder com o apoio ativo no terreno da aviação dos Estados Unidos, Inglaterra, França e as armas que eles e outros forneciam. Hoje a Líbia é um Estado falhado, como convinha aos agressores. O petróleo vai para os seus países sem terem de pagar nada. E ainda lucram com a venda das armas. A ONU pode fazer as reuniões que quiser em Genebra, estão lá políticos que não governam nem têm influência, agora participam também autoridades locais, mas quem manda: as tribos nem se sentam à mesa, preferindo agir como faziam antes de Kadhafi, combatendo-se umas às outras, ora por interesses tribais, ora em apoio do que parece ser os dois governos

existentes no país: o reconhecido internacionalmente e que teve de abandonar a capital Trípoli, e outro autoproclamando Governo que se instalou na capital com o apoio de milícias. Ninguém tem uma solução e as soluções que se imaginam são elucubrações de tecnocratas que nunca puseram os pés na Líbia nem sabem nada de História da região. Como se isso não chegasse, nestas situações cria-se sempre um vazio de poder de que o chamado "Estado Islâmico do Iraque e do Levante" se tem aproveitado para equilibrar as forças de poder em seu proveito e com isso estabelecer base a partir das quais tentou incursões no Chade. A organização estabeleceu ligações nos Camarões que estão a tornar o norte do país num deserto, acabando com a atividade agrícola na região e criando problemas alimentares tanto nos Camarões como nas zonas vizinhas do norte do Níger, sul do Chade, pouco se sabendo sobre a RCA (República Centro-Africana). Contudo, alguns grupos seus afiliados que agem naquela zona estão perigosamente próximos do Boko Haram, que continua imparável na Nigéria. E leva a guerra a toda a região, sobretudo ao Chade e aos Camarões, que estão já a sentir os efeitos da guerra. As incursões militares das forças governamentais são poucas e sem a intensidade necessária e não dão garantias de proteção às populações aterrorizadas pelas atrocidades quer do Boko Haram, quer do EI (Estado Islâmico). A União Africana não pode continuar pelo menos aparentemente passiva. Por isso, na cimeira de Adis Abeba, já foi feita uma declaração de que são necessárias forças africanas para travar os rebeldes do Boko Haram. A África não pode contar a não ser consigo mesma. Se os dois grupos unem forças, com a infiltração islamita (terrorismo em nome do Islão, não confundir com islâmico) na costa Oriental a prolongar-se até ao Quênia e a situação instável no Sudão e em certa medida na RDC (República Democrática do Congo), formam uma tenaz que ameaça abaixo da cintura tropical. A situação humanitária que já não é boa nas zonas de conflito, particularmente a norte da cintura tropical, arrisca-se a tornar-se calamitosa. Nas zonas fronteiriças da Nigéria, Níger, Chade e Camarões começa a sentir-se com grande evidência a ação nefasta das investidas do Boko Haram. Não chega o auxílio humanitário, até porque as populações refugiadas estão em movimento e não existe segurança em parte nenhuma. A zona estável do sul tem de tomar a iniciativa, só ela tem condições para levar a União Africana e, por arrasto, a ONU a agir em favor das populações. As forças conjuntas africanas têm uma palavra a dizer.

Claro que têm toda a razão, há outros interesses por detrás, quem os armou e financiou? Israel e EUA, na continuação do seu apoio às "primaveras árabes" e como sempre em tudo o que se metem os EUA estragam sempre mais do que dizem ir compor.

Há coisas dentro das várias teorias de conspiração existentes que continuo a não entender.

Qual o interesse desses Illuminati e outros grupos em diminuir drasticamente a população mundial e voltar à barbárie? Para quê? Por que insistem em destruir a Terra e o ar? Porque manipulam o clima? Quanto mais a civilização regredir menos lucros irão ter por mais que dominem os povos. Há limites físicos à exploração. Mas a eles o que interessa é gastar o máximo possível, desperdiçar para recuperar depois em compensações e (re)construções despojando os povos de toda a riqueza e acumulando mais e mais, deitando mão a todos os recursos materiais existentes em qualquer parte do mundo sempre à sombra do poderoso dólar. Há inúmeras teorias sobre esta destruição maciça, teorias de eugenismo e outras, mas um dos mais esclarecedores textos explica bem o que se passa, de tal forma vil e inumana que as pessoas nem querem acreditar, assim como se recusam a crer que as torres gémeas foram deitadas abaixo pelos próprios... A despropósito convém lembrar o recente surto de ébola que permitiu aos EUA tomar conta de várias bases militares nesses países afetados e assim controlar os recursos minerais dos mesmos enquanto a população se preocupava com o ébola.

(leia-se a este respeito uma explicação da nova mentalidade que desafia toda a lógica²²¹).

146. 146. CRÓNICA 146 CONTRADIÇÕES CONSCIENTES 21/2/2015

Há dias assim, uma pessoa acorda com o vírus da síndrome da página em branco e depois nem sempre o resultado é o que se espera...

Antes de mais devo fazer declarações de interesse:

Sou veementemente carnívoro. Sou fervoroso adepto da carne de porco e da maior parte dos seus derivados em enchidos, especialmente os de Trás-os-Montes, das Beiras e da Hungria (por razões que não vêm ao caso). Sou intransigente adepto da maior parte das tradições e da necessidade de serem preservadas. Preocupa-me mais a desintegração europeia e a guerra da Ucrânia que a crise grega, pois antevejo uma repetição de duas guerras mundiais anteriores. Sou parcialmente a favor dos direitos dos animais e desaprovo a caça, em especial como alegado desporto, muito menos aprovo qualquer forma de tourada.

Dito isto, todos os anos por esta ocasião vejo-me confrontado com um espetáculo mesmo sob o meu nariz, pois na casa em frente procede-se à tradicional matança do corpo.

Apesar do meu amor pela matéria transmontana, raras vezes ali assisti a este costume da matança do porco e como era pequeno e inconsciente não retenho da mesma, grandes imagens ou recordações, antes prefiro concentrar-me nos excelentes resultados práticos para as minhas papilas gustativas que daí advinham. Sinto-me como cidadão de matriz urbana incomodado pela forma primitiva como a matança é feita e pelo sofrimento prolongado causado a um ser vivo.

A minha ancestralidade rural - tão manifesta em milhentos outros episódios - submerge sob a educação citadina e indigna-se pelos procedimentos. Ao ouvir os primeiros gritos de dor do animal, fugi e corri a refugiar-me debaixo do chuveiro para não ouvir esses lancinantes apelos. Quando emergi do duche já ia na fase do lança-chamas (como lhe chamo) para queimar a pele do animal e nem coragem tive de atualizar as fotos do ano transato que aqui acrescento.

Felizmente, a minha consciência tranquiliza-me ao dizer que não provarei a carne nem tampouco os enchidos do animal que vi na engorda nos últimos seis meses, aqui em frente. Devo aliás retificar-me e colocar as frases no plural dado serem dois os animais sacrificados nesta tradição pós-entrudo. Isto evoca-me a repugnância das crianças quando descobrem que as galinhas que se alimentavam a milho no quintal eram as mesmas que lhes davam a bela canja

Termino dizendo que devem continuar com estas tradições, mas por favor encontrem uma forma mais rápida e humana de terminar com o sofrimento do animal e eu continuarei a lamentar-me anualmente com estas linhas.



147. 147. CRÓNICA 147- DA LÍNGUA E DOS ACORDOS ORTOGRÁFICOS 13/5/2015

13 de maio 2015 entra em vigor oficialmente em Portugal o AO 1990, atrasado vinte e cinco anos. Na rede cibernética muita gente se insurge como contrista, isto é, sendo contra...A todos, sejam quais forem as razões invocadas, digo que se não concordam com este acordo e se não se pronunciaram durante o período de debate público (talvez estivessem ocupados a ver telenovelas do Brasil) sejam, pelo menos, coerentes e não aceitem também os acordos ortográficos anteriores.

Se não aceitam que este decreto algumas mudanças não podem coerentemente aceitar qualquer alteração decretada após 1911. Sejam coerentes e escrevam na forma caótica e desordenada como se escrevia em 1911, pois essa era a Língua Portuguesa pura segundo o vosso pensar, ou então vão mais atrás e sejam leais e fiéis e escrevam como el-rei Dom Dinis, aliás Diniz. Ninguém vos obriga a seguir a nova ortografia, a menos que sejam funcionários do Estado e afins, continuem a escrever como quiserem, mas sigam o meu conselho

e aproveitem as energias despendidas contra o AO 1990 a lutar contra leis bem mais iníquas, como sejam os cortes ilegais nas reformas, nos salários, nos subsídios, nos feriados.

Fernando Pessoa continuou a escrever à moda antiga, mas também ninguém o leu enquanto vivo. Eu, na minha infância e juventude, só lia livros publicados no século XIX e isso não me confundiu a dar erros na escola primária e liceu, e penso que os jovens que aprenderam na nova grafia nestes últimos seis anos também saberão distinguir entre as duas, como eu fiz.

A mim preocupa-me mais a ignorância da língua manifestada diariamente em órgãos de comunicação social, e noutros contextos, e essa nada tem a ver com acordos ortográficos, é pura ignorância, laxismo e desinteresse. Preocupa-me a deficiente formação dos professores de Português (entre outras áreas do conhecimento) e o inusitado elevado número de erros de Português (sem falar já de erros ortográficos) que surgem diariamente nas escolas de todo o país. Nunca, como hoje, houve tantos meios auxiliares para se escrever bem, desde corretores ortográficos ao acesso ilimitado que a internet permite.

Daqui a alguns anos todas as obras serão publicadas corrigindo a velha grafia e o vosso esforço de apego ao passado terá sido em vão. Hoje ninguém quer ler Antero, Eça ou outros clássicos na velha grafia e o mesmo se passará convosco, esgotadas as falácias e a desinformação que vem sendo timbre da vossa oposição desenfreada ao estipulado no AO 1990. Se a história vos for benevolente merecerão uma nota de rodapé ou nem isso.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo Lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que por vezes parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

Há algum tempo (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

«O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.

Ao mesmo tempo, os falantes de Português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças - tal como todas as outras - e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas - incluindo Português - e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.

A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.»

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em Português.

Sabendo como o inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do século V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Cúmbrico²²², Norrn²²³ e Manx (Gaélico mancês ou Man da ilha de Man), perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos.

Diz Crystal:

«As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na sua origem.

Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como kingly (Anglo-saxão), royal (Francês), e regal (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão.

Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.

Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes.

O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.

É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.

Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.»

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar. Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala.

Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real.

Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes. A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar.

A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização.

Os cursos superiores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

No 4º Colóquio da Lusofonia [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste, escrevia-se

222A ciência moderna utiliza o termo Cúmbrico para a variedade da língua britânica falada no Hen Ogledd. Parece ter sido muito intimamente relacionada com o galês antigo, com algumas variações locais. Não há textos sobreviventes escritos no dialeto; evidência para isso vem de topónimos, nomes próprios em algumas inscrições antigas e em fontes posteriores não-cúmbricas, em dois termos na Leges inter Brettos et Scottos, e o corpo de poesia pelo cynfeirdd, os "primeiros poetas", quase todos relacionados ao norte

223 O norrn é uma língua germânica setentrional extinta, falada nas ilhas Shetland e Órcadas, situadas na costa norte da Escócia, e em Caithness. Após a soberania das ilhas ser transferida à Escócia pela Noruega, no século XV, o idioma foi substituído gradualmente pelo escocês.

«O Português faz parte da história timorense. Não a considerar uma língua oficial colocaria em risco a sua identidade», defende o linguísta australiano Geoffrey Hull no seu recente livro *Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional*. A língua portuguesa «tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas» e é tanto mais plausível porque «o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O Português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do Português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli», afirma Hull. «A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa».

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Durante dois dias foi debatido o futuro do Português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma «língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o tétum e vários dialetos».

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do Português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que «foi sobretudo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor», e daí a relevância da presença do bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiosincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do Português em Timor.

«O tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do Português, e não do inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do inglês, o tétum está a servir-se do Português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o Português como o tétum».

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que «de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o Português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o Português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do Português». Por isso «não devemos ter medo do futuro do Português no mundo porque ele vai continuar a ser falado. E a crescer nos restantes países».

Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas.

Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios.

Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas.

As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma.

Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid.

Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza.

A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa.

O anúncio então feito por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa foi simultaneamente arriscado e ousado, mas foi um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Desde a sua criação, a AGLP, a sua Fundação e a Associação Pró-AGLP, não têm parado de aumentar as suas atividades e os seus convénios com entidades de todo o mundo lusófono.

Falta ser feita justiça no seio da CPLP para que lhe seja reconhecido o direito ao Estatuto de Observador, desígnio que tomámos como nosso desde 2010 no 13º Colóquio em Santa Catarina no Brasil. O tempo reporá a justiça da admissão na CPLP. (nota do autor: veio a ocorrer em 2017)

Em 25 de abril 2015, emocionado, assisti em Santiago de Compostela à inauguração da sede da AGLP e do seu rico acervo, na Casa da Língua Comum, dedicada à promoção da cultura e à língua portuguesa da Galiza. Um motor da mudança fundamental que se tem de operar para que a língua perdure e com ela a memória que vai de Manuel Murguia a Cal da Costa, Castelão, Rosalía de Castro e até Concha Rousia.

A recente aprovação da iniciativa Paz-Andrade visa na prática repor a língua galega no quotidiano daqueles que, impotentes, assistiram nas últimas décadas à sua castelhanização nesse castrapo a que se chamava normativo RAG.

Cito o embaixador José Augusto Seabra, primeiro patrono dos Colóquios:

“... Com a disseminação da língua que, a partir da sua matriz galaico-portuguesa, se tornou primeiro uma língua nacional e depois uma língua de contacto entre civilizações, este nosso idioma apresenta características de universalidade: disperso por todos os continentes, não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre povos.

Se a comunicação e o cordão umbilical entre os dialetos galego e Português perduraram até hoje, a diversificação tornou-se mais nítida nas rotas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, e tornou-se condição da unidade, mas não da unicidade, da língua portuguesa.”

Nesta época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos e dos terrorismos de toda a ordem impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa «Portuguesa língua», interlocutores de um polígono de civilizações, culturas e religiões.

Foi como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

*«Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua e lá onde for
Senhora vá de si, soberba e altiva...» (fim de citação)*

Termino dizendo que juntas, quer a AICL quer a AGLP, prosseguirão unidas a sua luta pela unificação ortográfica da língua de todos nós, elevando-a a uma maior dimensão, preservando as diferenças, mas mantendo unificada a escrita da língua.

Respeitando a diversidade do Português, que é aliás a sua grande riqueza, impõe-se fazer um esforço no sentido de uma aproximação das suas formas, em domínios ligados ao uso contemporâneo, como é o caso da terminologia científica e técnica e dos neologismos decorrentes das novas tecnologias e de convivência internacional, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações que são de identidades e alteridades culturais irreduzíveis.

Chrys Chrystello, Presidente da Direção da AICL - Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia

148. 148. CRÓNICA 148. DE AUTONOMIAS

148.1. AUTONOMIAS NOMINAIS (FLA, 6 junho 2013)

*“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”
Voltaire*

*Autonomias nominais (FLA, 6 junho 2013)
hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.*

*habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria*

*na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu*

*assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores.*

148.2. AUTONOMIA, LIBERTAÇÃO, AÇORES

Hoje vou falar de um tema controverso e minoritário, a autonomia, o direito a esta e a autonomia como antecâmara da libertação. Pode parecer fastidioso, mas como a maioria das pessoas desconhece a história e os que se opõem a autonomies também não sabem de que gema é feita esta gente, o melhor é relembrar tudo desde o início.

Ao contrário do que possa decretar o atual Presidente da República, Cavaco e Silva, existe um povo açoriano, resiliente e capaz de vencer contra a adversidade como o demonstra há séculos, sobretudo nos EUA e Canadá.

É esse povo que pode ajudar a atingir os desígnios da autonomia alargada que a todo o custo, o Governo central de Lisboa tenta evitar com a sua experiência de séculos de colonização.

Um povo que não é nação só se realiza na sua plenitude se conhecer e honrar a sua história. Prova-o a resiliência dos aborígenes australianos que sem escrita conseguiram preservar a grande nação através da preservação da sua história por via oral ao longo de 60 mil anos.

Dizem os dicionários²²⁴ que

Autonomia é um termo de origem grega cujo significado está relacionado com independência, liberdade ou autossuficiência.

O antónimo de autonomia é heteronomia, palavra que indica dependência, submissão ou subordinação.

Em Ciência Política, a autonomia de um Governo ou de uma região pressupõe a elaboração de suas próprias leis e regras sem interferência de um Governo central nas tomadas de decisões.

Em Filosofia, autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas.

Neste caso, a autonomia indica uma realidade que é dirigida por uma lei própria, que apesar de ser diferente das outras, não é incompatível com elas.

Em Educação, a autonomia do estudante revela capacidade de organizar sozinho os estudos, sem total dependência do professor, administrando eficazmente o seu tempo de dedicação e escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis.

Para a autonomia dos Açores²²⁵ teremos de levar em conta uma longa historiografia.

Foi iniciada com textos de Diogo Gomes de Sintra e de Valentim Fernandes Alemão, relativos ao descobrimento do arquipélago e, posteriormente, pelos de Pompeo Ardití ("Il viaggio che fece Pompeo Ardití da Pesaro all'Isola di Madera e alle Azzorre").

A estes, soma-se a obra "Saudades da Terra", do douto padre Gaspar Frutuoso (1522-1591), um manuscrito, escrito entre 1586 e 1590, dividido em seis volumes, que se inscreve numa história mais ampla, a da região atlântica que hoje referimos como Macaronésia, ao abordar os arquipélagos das Canárias, Cabo Verde e Madeira, antes de se dedicar aos Açores.

No século XVII destacam-se o "Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores", redigido entre 1646 e 1654 por Frei Diogo das Chagas (1584-1661), a "Fénix Angrence", entre 1683 e 1711 pelo padre Manuel Luís Maldonado (1644-1711), as "Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores", até 1695 por Frei Agostinho de Monte Alverne (1629-1726), e a "História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental", publicada em 1717 pelo padre António Cordeiro (1641-1722).

Desse período, nos nossos dias são também referidas obras menos conhecidas, mas não menos importantes, como por exemplo, num viés temático, "A Margarida Animada", publicada em 1723 pelo capitão Francisco Afonso de Chaves e Melo.

224 <http://www.significados.com.br/autonomia/>

225 http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_A%C3%A7ores

No século XIX, nomeadamente com o advento do Liberalismo, renovam-se os estudos sobre o tema, destacando-se a "Corografia Açórica" (1822), de João Soares de Albergaria de Sousa (1776-1875), ou obras de cunho mais restrito, como por exemplo a "História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta" (1871), de António Lourenço da Silveira Macedo (1818-1891), os "Anais da Ilha Terceira" (1850-1874), de Francisco Ferreira Drummond (1796-1858), ou as "Épocas Memoráveis da Ilha Terceira dos Açores" (1890-1896) de José Joaquim Pí-neiro (1833-1894).

Este período é marcado ainda pela recolha de textos e documentos, como por exemplo a "Coleção de Vari- edades Açorianas", de José de Torres (1827-1874), do "Arquivo dos Açores", por Ernesto do Canto (1831-1900), e as "Escavações", de Francisco Maria Supico (1830-1911).

Data ainda deste século a obra do britânico Thomas Ashe (1770-1835), "History of the Azores or Western Islands; Containing an account of the Government Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire", publicada em Londres em 1831, que enaltece a proeminência geoeconómica dos Açores, situados entre a África, a América e a Europa, e sugerindo ao seu Governo em Londres que patrocine a independência do arquipélago, transformando-o em um protetorado britânico.

No século XX, embora todas as correntes ideológicas se encontrem representadas em termos historiográ- ficos, um marco é estabelecido em 1976, a partir da fundação da Universidade dos Açores, sob a direção de Artur Teodoro de Matos, quando se regista um salto na produção historiográfica graças ao acréscimo do número de historiadores e da oferta bibliográfica.

Destaca-se nesse contexto, a produção de Avelino de Freitas de Meneses.

148.2.1. ENQUADRAMENTO CONSTITUCIONAL

E o que dizem as leis?²²⁶

A CRP²²⁷ prevê no seu artigo 161º como competência política e legislativa da Assembleia da República a apro- vação dos estatutos político-administrativos das Regiões Autónomas.

Os estatutos têm a forma de Lei, neles se definindo, nos termos da CRP, questões essenciais para o regime autonómico como a estrutura dos órgãos de poder próprio, as matérias de interesse específico e o património e poder tributário.

148.2.2. FORMA DE APROVAÇÃO

Reconhecendo o carácter paraconstitucional dos estatutos das Regiões Autónomas, o artigo 226º da CRP fixa um processo especial de aprovação daqueles diplomas, reservando o direito de iniciativa às Assembleias Legislativas das Regiões Autónomas.

Assim, os projetos de estatutos político-administrativos são elaborados pelas Assembleias Legislativas e envi- ados para discussão e aprovação à Assembleia da República; se a Assembleia da República rejeitar o projeto ou lhe introduzir alterações, remete-o à respetiva Assembleia Legislativa para apreciação e emissão de parecer; elaborado o parecer, a Assembleia da República procede à discussão e deliberação final. Igual regime se aplica às alterações dos estatutos.

148.2.3. ESTRUTURA E CONTEÚDO

O EPARAA atual foi aprovado pela Lei n.º 39/80, de 5 de agosto, e alterado pela Lei n.º 9/87, de 26 de março, pela Lei n.º 61/98, de 27 de agosto, e pela Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro.

Na sua versão atual (terceira revisão) o EPARAA, para além de um preâmbulo, tem 141 artigos, repartidos por 8 títulos:

- Título I – Região Autónoma dos Açores
- Título II – Princípios Fundamentais
- Título II – Regime Económico e Financeiro
- Título IV – Órgãos de Governo Próprio
- Título V – Relação da Região com outras Pessoas Coletivas Públicas
- Título VI – Das Relações Internacionais da Região
- Título VII – Organização das Administrações Públicas
- Título VIII – Revisão do Estatuto

²²⁶http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_Pol%C3%ADtico-Administrativo_da_Regi%C3%A3o_Aut%C3%B3noma_dos_A%C3%A7ores
²²⁷ Constituição da República Portuguesa

148.2.4. MATÉRIAS DE INTERESSE ESPECÍFICO

O artigo mais importante, porque definidor dos poderes de autogoverno açoriano é o artigo 8º, o qual define como matérias de interesse específico, nas quais a legislação açoriana quando exista prevalece, as seguintes:

*Valorização dos recursos humanos e qualidade de vida;
Património e criação cultural;
Defesa do ambiente e equilíbrio ecológico;
Proteção da natureza e dos recursos naturais, bem como da sanidade pública, animal e vegetal;
Desenvolvimento agrícola e piscícola;
Recursos hídricos, minerais e termais e energia de produção local;
Utilização de solos, habitação, urbanismo e ordenamento do território;
Vias de circulação, trânsito e transportes terrestres;
Infraestruturas e transportes marítimos e aéreos entre as ilhas;
Desenvolvimento comercial e industrial;
Turismo, folclore e artesanato;
Desporto;
Organização da administração regional e dos serviços nela inseridos;
Política demográfica, de emigração e Estatuto dos residentes;
Tutela sobre as autarquias locais e sua demarcação territorial;
Orientação, direção, coordenação e fiscalização dos serviços e institutos públicos e das empresas nacionalizadas ou públicas que exerçam a sua atividade exclusiva ou predominantemente na Região, e noutros casos em que o interesse regional o justifique;
Regime jurídico e exploração da terra, incluindo arrendamento rural;
Orla marítima;
Saúde e segurança social;
Trabalho, emprego e formação profissional;
Educação pré-escolar, educação escolar e educação extraescolar;
Espetáculos e divertimentos públicos;
Expropriação, por utilidade pública, de bens situados na Região, bem como requisição civil;
Obras públicas e equipamento social;
Comunicação social;
Investimento direto estrangeiro e transferência de tecnologia;
Adaptação do sistema fiscal à realidade económica regional;
Concessão de benefícios fiscais;
Manutenção da ordem pública;
Estatística regional;
Outras matérias que respeitem exclusivamente à Região ou que nela assumam particular configuração.
O Parlamento regional pode ainda transpor diretivas da União Europeia para o direito regional e apresentar propostas de Lei.*

148.2.5. LISTAGEM CRONOLÓGICA DOS DIPLOMAS ESTRUTURANTES

Sem levar em conta o período dos donatários e dos Capitães-Generais, em que a autonomia das populações se exercia num âmbito radicalmente diferente, os Açores gozam já 110 anos de autonomia, embora por vezes bem mitigada e durante muito tempo não abrangendo o ex-Distrito da Horta (ilhas de Faial, Pico, Flores e Corvo).

Essa autonomia assentou nos seguintes diplomas estruturantes:

Decreto de 2 de março de 1895 - (Diário do Governo n.º 50 de 4 de março de 1895) - Estabelece a possibilidade dos distritos açorianos requerem, por maioria de 2/3 dos cidadãos elegíveis para os cargos administrativos, a aplicação de um regime de autonomia administrativa baseada na existência de uma Junta Geral (similar àquelas que tinham existido até 1892).

O Decreto, da autoria de João Franco, é aprovado em ditadura, sendo ratificado pelas Cortes pela Carta de Lei de 14 de fevereiro de 1896;

Decreto de 18 de novembro de 1895 - (Diário do Governo n.º 262, de 19 de novembro de 1895) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Ponta Delgada concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Decreto de 6 de outubro de 1898 - (Diário do Governo n.º 226, de 10 de outubro de 1898) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Angra do Heroísmo concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Carta de Lei de 12 de junho de 1901 - (Diário do Governo n.º 131, de 15 de junho de 1901) - Marca a consagração parlamentar do regime autonómico, correspondendo à primeira discussão nas Cortes desta matéria.

Altera o Decreto de 2 de março de 1895, tornando-o extensivo, a requerimento dos cidadãos elegíveis, ao arquipélago da Madeira.

Pouco altera o regime anterior, mas têm claramente um carácter mais centralizador ao fazer depender múltiplas deliberações de aprovação governamental, não lhe fixado prazo para tal (cria um regime de "veto de gaveta");

Decreto de 1 de agosto de 1901 - (Diário do Governo n.º 171, de 3 de agosto de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Decreto de 19 de outubro de 1901 - (Diário do Governo n.º 239, de 23 de outubro de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Ponta Delgada e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913 - (Diário do Governo n.º 183, de 7 de agosto de 1913) - Esta lei é a primeira referente à autonomia feita na vigência da Constituição da República de 1911.

Não introduz alterações de monta limitando-se, no seu Título VI (artigo 87.º), a manter no essencial o regime do Decreto de 2 de março de 1895 com as alterações introduzidas pela Carta de Lei de 12 de junho de 1901.

Os republicanos açorianos, que durante a fase final da monarquia constitucional defendiam uma solução federal (e nalguns casos a independência), não conseguiram fazer vingar os seus pontos de vista;

Lei n.º 621, de 23 de junho de 1916 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Lei n.º 1453, de 26 de julho de 1923 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Decreto n.º 14 402, de 7 de outubro de 1927 - Cria o Delegado Especial do Governo da República nos Açores. Este posto é um antecessor direto do lugar de Ministro da República (a partir de 2006, Representante da República).

Ocupado pelo coronel faialense Feliciano António da Silva Leal, deu azo a alguma esperança no aprofundamento da autonomia e levou à produção da proposta de lei, nunca sequer discutida no Parlamento, de criar a Província Autónoma dos Açores (mais uma tentativa frustrada de acabar com a divisão distrital).

O cargo e os serviços da Delegacia foram extintos pelo Dec. n.º 17 830 de 7 de janeiro de 1930;

Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928 - (Diário do Governo n.º 39, de 16 de fevereiro de 1928, republicado no Diário do Governo n.º 48) - Decreto do Governo da ditadura nacional saída da revolução de 28 de maio de 1926, consagrando parte das reivindicações apresentadas ao Delegado do Governo da República.

É generoso nos princípios e objetivos, fruto, como sempre na história da autonomia açoriana, do momento de alguma fraqueza do Estado Português que então se vivia.

Revoga o Decreto de 2 de março de 1895;

Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928 - (Diário do Governo n.º 174, de 31 de julho de 1928) - Marca um profundo retrocesso face ao Decreto n.º 15 305, de 16 de fevereiro de 1928 (tão efêmero que vigorou só 5 meses), eliminando as veleidades autonomistas entretanto alimentadas.

É o primeiro diploma sobre autonomia contendo a assinatura de António de Oliveira Salazar, sendo já bem patente a sua marca na vertente financeira;

Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938 - (Diário do Governo, I série, n.º 99, de 30 de abril de 1938) - Depois de uma discussão alargada, envolvendo as Juntas Gerais e a Câmara Corporativa, foi aprovada pela Assembleia Nacional a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, dando execução ao disposto no artigo 124.º, §2.º, da Constituição de 1933, que dizia a divisão do território das ilhas adjacentes e a respetiva organização administrativa serão reguladas por lei especial;

Decreto-Lei n.º 30 214, de 22 de dezembro de 1939 - Aprova o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes desenvolvendo a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, aprovada pela Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938.

Foi elaborado por Marcello Caetano que para tal visitou demoradamente as ilhas e reuniu com as forças vivas locais. Estende pela primeira vez o regime autonómico ao Distrito da Horta.

Revoga o Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928, e o Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928. Foi influente na elaboração deste diploma, o 1.º Congresso Açoriano, que reuniu em Lisboa, de 8 a 15 de maio de 1938, a nata da intelectualidade açoriana da época;

Decreto-Lei n.º 31 095, de 31 de dezembro de 1940, que aprova o Código Administrativo de 1940, inclui em anexo um Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes.

Este diploma revoga o enquadramento jurídico anterior, consolidando o modelo administrativo que vigoraria durante todo o período do Estado Novo, incluindo, sem prejuízo das alterações operadas pelo Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947, o modelo específico dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes;

Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947 - (Diário do Governo n.º 178, de 4 de agosto de 1947) – Altera alguns artigos do Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e faz a sua republicação integral. Vigorou até à criação da Junta Regional dos Açores em 1975;

Decreto-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969 - Cria, para efeitos de planeamento regional, a Região dos Açores, dotada de uma Comissão Consultiva de Planeamento com sede em Angra do Heroísmo, a primeira consagração após o fim da Capitania Geral dos Açores de uma estrutura supradistrital.

Criou o conceito de Região que está na origem da atual Região Autónoma;

Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto - Cria a Junta Administrativa e de Desenvolvimento Regional (a Junta Regional dos Açores), na sequência do levantamento popular de 6 de junho de 1975 em Ponta Delgada. Derroga o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e extingue os distritos, criando um órgão administrativo único para os Açores;

Decreto-Lei n.º 100/76, de 3 de fevereiro - Altera o Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto, consolidando a Junta Regional enquanto órgão administrativo dos Açores. Extingue a Comissão de Planeamento Regional criada pelo Dec.º-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969;

Decreto-Lei n.º 318-B/76, de 30 de abril - Aprova o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores na sequência da aprovação da Constituição da República Portuguesa de 1976, ocorrida a 2 de abril de 1976, para entrar em vigor no dia 25 de abril seguinte.

Criou a atual Região Autónoma dos Açores na sequência do fixado na Constituição;

Decreto-Lei n.º 427-D/76, de 1 de junho - Altera o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores;

Lei n.º 39/80, de 5 de agosto – Aprova o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores na sequência de proposta apresentada pela Assembleia Regional dos Açores.

É o primeiro diploma de natureza paraconstitucional a reger a autonomia açoriana e o primeiro a ser democraticamente proposto pelo órgão representativo de todo o povo açoriano;

Lei n.º 9/87, de 26 de março – Aprova a primeira revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores;

Lei n.º 61/98, de 27 de agosto – Aprova a segunda revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores;

Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro – Terceira revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores (atualmente em vigor).

148.2.6. EVOLUÇÃO

Em resultado da Lei Constitucional n.º 1/2004, de 24 de julho, que consolidou e alargou substancialmente a capacidade legislativa do Parlamento açoriano, foi concluído o processo de revisão do EPARAA, o qual consolidou o aprofundamento da autonomia política e legislativa, ficando aberto o caminho para a criação de direito regional (i.e. legislação açoriana especificamente concebida para a realidade insular) em praticamente todas as áreas que não correspondem ao núcleo das competências reservadas dos órgãos de soberania, podendo mesmo neste, mediante autorização legislativa a conceder pela Assembleia da República, ser produzido direito próprio.

A livre administração dos Açores pelos açorianos, a divisa dos autonomistas do século XIX, parecia finalmente aproximar-se da realidade política açoriana. Se assim parecia no

papel, os anos subsequentes vieram provar diametralmente o oposto, com o Governo central cada vez mais coercivo, coartando todas as veleidades legisladoras da Assembleia Regional e do Governo. Não admira, pois, que na última década, se levantem de novo vozes independentistas (a FLA e suas várias manifestações cívicas como a ACA) a reclamar a entrega aos açorianos das suas riquezas que continuam a ser exportadas e exploradas pelo Governo centralista em Lisboa.

Se tiverem capacidade de motivar e captar as gerações mais novas o futuro pode ser diferente daquilo que é hoje. Pode demorar anos, décadas, mas tenho a certeza de que se trata apenas de uma questão de tempo. O poder local limita-se a ser porta-voz dos interesses partidários instalados em Lisboa, a ausência - por força da lei - de partidos locais, e o desencanto com a alternância PS e PSD-CDS, podem trazer surpresas futuras. É preciso que se saiba como estão a ser espoliados os açorianos das suas riquezas e se acabe de vez com a lamechice de dizer que Portugal faz o sacrifício de solidariedade de suportar os Açores, quando os gráficos da atividade económica global do arquipélago provam o contrário. Depois, haverá que investir na educação para a criação de uma massa crítica capaz de suportar os desafios de uma verdadeira autonomia.

J CHRYL CHRYSTELLO, JORNALISTA, CARTEIRA PROFISSIONAL AUSTRALIANA 2977131

149. 149. CRÓNICA 149 DA INGRATIDÃO E DA LITERATURA, CRISTÓVÃO DE AGUIAR UMA CRÓNICA AMARGA. UMA VERGONHA PONTA DELGADA 16/6/2015

Em 15/6/2015 na apresentação, pela diretora da Biblioteca Municipal de Ponta Delgada e pelo Dr Carlos Riley da Universidade dos Açores, dos dois primeiros volumes das obras completas de Cristóvão de Aguiar (50 anos de vida literária) éramos 10 na assistência e 2 eram do governo...

Sei que há um mês houve uma sessão de homenagem (18 de abril na Casa Museu Guerra Junqueiro, Porto), em colaboração com a casa dos Açores e com o Departamento de Letras da Universidade do Minho onde lançaste nessa data a tua Obra Completa, composta por 13 volumes, a cargo das Edições Afrontamento, do Porto, que ganharam o concurso lançado pelo Governo Regional dos Açores.

Sei que tu, Cristóvão, um dos dois insígnos autores do Pico da Pedra, tens fama de ser um autor difícil. Claro que és, pois poucos dominam a língua portuguesa como tu, poucos burilam a palavra até à exaustão e perfeição como insistes em fazer. Sei que a maioria das pessoas - embora possa saber cantarolar a popular Naufrágio²²⁸ imortalizada por Duarte e Ciríaco - desconhece que a clássica letra dessa canção universal é bem tua.

Cristóvão de Aguiar, já o disse e escrevi, *“é um autor difícil e o seu mau feitio é conhecido. Claro que sim, frontal e crítico, não entrou, nem quis, em cliques, clagues ou pseudo-tertúlias de intelectuais açorianos.”*



Radicado em Coimbra desde os anos de 1960, antes de ser incorporado no exército colonial português para ir para a Guiné e de terminar os seus estudos em Filologia Germânica, Cristóvão mudou-se para o Pico onde passa metade do ano. Em vez de voltar ao torrão natal de Pico da Pedra na ilha de S Miguel foi em 1996 para S. Miguel Arcanjo [Pico], onde é carinhosamente tratado pelos seus novos conterrâneos.

Mas depois de 15/6/2015, estarei para sempre chocado e desiludido com Ponta Delgada. Como se compreende que a oportunidade de terçar palavras com um dos mais importantes escritores dos Açores do século XX ficasse desaproveitada sem assistência nem interesse das pessoas da maior ilha do arquipélago?

Como se entende que um dos mais ricos e prolíficos autores da verdadeira identidade dos Açores ficasse a celebrar os seus 50 anos de vida literária para uma plateia com uma mão cheia de presenças?

Claro está que depois, na tua morte, serás aclamado por todos e a TV e rádio estarão lá para falar bem de ti, o autor que - como ficou demonstrado - não é benquisto na sua terra. Pequenez de mentes. Insensibilidade, incultura. País pequeno de mentes pequenas, arquipélago ingrato a quem tanto fez para dar a conhecer a identidade açoriana e não o postal ilustrado que se vende aos turistas sobre hortênsias e lagoas...

Não fiquei surpreendido, mas fiquei esclarecido sobre o valor que este país dá a um dos seus mais representativos ícones literários...fosse ele um cantor pimba ou outra qualquer personalidade famosa pelos seus pés de barro de fama fácil e o anfiteatro seria pequeno.

Não sendo escritor, sou como tu, Cristóvão, em muita coisa, mas ontem ao despedir-me rapidamente de ti, estava emocionado pela amizade que nos une e envergonhado dos meus concidadãos desta ilha que aceitei como nova pátria. Queria pedir-te desculpa em nome dos 68 748 habitantes de Ponta Delgada e dos restantes 137 699 cidadãos da ilha (Censo 2011).

Queria dizer-te que não é verdade, que há quem te leia e ama os teus escritos, mas não estavam lá para to demonstrar.

Queria dizer-te que escreves melhor que muitos adulados, lisonjeados, sabujados, louvaminhados, engraxados, incensados, engomados, apajeados²²⁹, bajoujados, escribas de Portugal e do arquipélago, mas só gerações futuras saberão reconhecer o teu valor.

Queria dizer-te que mereces muitos dos prémios que são anualmente distribuídos embora deles não precises.

Queria dizer-te que nos Colóquios da Lusofonia somos poucos, mas muitos te apreciam e entendem, mas não estavam lá ontem para to demonstrarem.

Queria dizer-te que o teu invejável percurso nestas cinco décadas de escrita não tem paralelo, mas lá estaria eu a adjetivar-te e tu não gostas disso. Não faz mal, sem menosprezo dos restantes, há quem possa afirmar que és um dos mais notáveis escritores em português da segunda metade do século XX e que soubeste transmitir (mesmo negando a açorianidade) a verdadeira alma micaelense e quiçá açoriana.

Bem hajas meu amigo pelos livros que nos deste e de que agora compilaram em Obras Completas estes dois volumes. Segundo Mário Mesquita, Cristóvão de Aguiar é um dos

229 a-pa-je-ar - verbo transitivo, 1. Acompanhar (como pajem).2. Lisonjear, adular."Apajeados", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/Apajeados> [consultado em 13-01-2016]

principais responsáveis pela afirmação cultural dos Açores após o 25 de abril, e a citar outros, poderia ser fastidioso e repetir aqui o que teu amigo e companheiro de muitas lutas (Medeiros Ferreira) escreveu sobre a tua obra, mas acabo de ler na Wikipédia:

“Depois de Vitorino Nemésio, [Cristóvão de Aguiar] é considerado o maior escritor da literatura de autores açorianos e um dos de maior importância no panorama da Literatura Portuguesa contemporânea. Foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique em 2001 e homenageado pela Faculdade de Letras e Reitoria da Universidade de Coimbra em 2005, por ocasião dos quarenta anos da sua vida literária, tendo sido publicado um livro, "Homenagem a Cristóvão de Aguiar", coordenado pela Prof.ª Doutora Ana Paula Arnaut, o qual contém a generalidade das críticas e ensaios publicados sobre a obra do autor durante a sua vida literária. A trilogia romanesca Raiz Comovida (1978-1981) é uma das suas obras mais importantes, a par com a trilogia Relação de Bordo (1999-2004), em 3 volumes, um dos mais interessantes diários da literatura portuguesa.”

A tua alma mater (Universidade de Coimbra) explica que

“[Cristóvão de Aguiar] ...tem-se revelado um escritor de mérito, a avaliar pelos prémios recebidos: Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa, pela "Raiz Comovida"; Grande Prémio da Literatura Biográfica APE, pela "Relação de Bordo" e o Prémio Nacional Miguel Torga, pelo livro "Trasfega”.

Para que não restem dúvidas foste um ilustre membro de uma “República de Estudantes de Coimbra” em cuja página²³⁰ se pode ler:

A Real República Corsários das Ilhas foi fundada em 1960 por iniciativa de estudantes provenientes do arquipélago dos Açores. Nos seus 41 anos de viagens a «nau corsária» já albergou marinagem que se mostrou distinta. A título de exemplo, cite-se o nome de Carlos Candal; o atual eurodeputado socialista era, em 1962, durante a grave crise que assolou a universidade, presidente da Associação Académica de Coimbra. Ainda, durante a crise académica de 1972, destaca-se Carlos Fraião; este antigo corsário foi membro do Comité Central do Partido Comunista Português. Também Germano de Sousa, Bastonário da Ordem dos Médicos e Cristóvão de Aguiar, escritor, viveram nesta República.

Por falar neste escritor, o zé manuel deixou um comentário na anterior versão desta página que reescreve um passo do Relação de Bordo (1964-1988), livro do referido Cristóvão de Aguiar, em que lança um olhar sobre as suas experiências nesta casa quando por cá passou nos anos 60:

Coimbra, 1 de janeiro de 1964 - Na Real República Corsários das Ilhas, a cuja tripulação venho pertencendo desde 1961 (em outubro ascendi a 2º telegrafista), a passagem de ano foi, para mim, pavorosamente triste!

De resto, nunca fui de grandes expansões nessas horas que a tradição instituiu como marcos de viragem não se sabe bem de quê. Alheio ao natural estardalhaço dos meus camaradas co-repúblicos, bem comidos e muito mais bem bebidos, encafuei-me no meu cantinho a ruminar.

É que 1964 vai ser o ano em que vou dizer adeus à vida de estudante (para sempre? e ela agora que me estava correndo tão bem: no terceiro ano sem nenhuma cadeira atrasada, mas é sempre assim). Isto porque já no próximo dia vinte e sete do corrente, numa segunda-feira logo de manhã, vou iniciar em Mafra o Curso de Oficiais Milicianos, com destino marcado para a guerra colonial.

Consta da guia de marcha que recebi há dias, não esse destino, mas outro que vai de certeza desembocar naquele. Por isso, logo ao bater da primeira badalada da meia-noite no relógio da torre da Universidade, senti que me estava afundando em terreno pouco firme e lodoso.

Cheguei da Ilha em finais de setembro com uma mala na mão e sem dinheiro com que mandar cantar um cego, quanto mais para continuar os estudos.

Havia justamente perdido a bolsa da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, novecentos escudos mensais, mas que me davam, resvés, para me ir sustentando em Coimbra. E perdi-a, não porque chumbasse, mas por não ter atingido a nota final de catorze valores, classificação exigida a partir do segundo ano até o final do curso para a manutenção da referida bolsa.

Podia ter pedido dinheiro emprestado, a juro de dez por cento, como é costume lá na minha freguesia, mas meu Pai zangou-se comigo devido a um namoro reatado que ele não queria, derriço que, uma semana após a minha chegada a Coimbra, se desmanchou na segura de meia dúzia de linhas de uma carta, que me acompanha, na carteira, dobrada em quatro, as dobras delidas e enferrujadas...

Por tal motivo, negou-se a ser minha fiança.

Perdi a cabeça e pedi que me antecipassem a incorporação! Veja-se o paradoxo: em tempo de guerra ser meio voluntário, eu que, se tivesse coragem e juízo, devia, mas era desertar daqui para fora.

Na Ilha não queria ficar. Minha tia Lurdes e o Ti José da Costa deram-me coragem e o dinheiro para a passagem de barco e ainda mais algum para me ir tentando.

Cheguei à República e logo pus os meus companheiros ao par da minha situação. Houve reunião de casa à noite e ficou decidido, por unanimidade, que eu ficaria lá na mesma com todas as prerrogativas de um Corsário e só

pagaria as minhas despesas, que seriam apontadas pelo Comissário de Bordo da Nau Corsária, quando recebesse os primeiros ordenados de aspirante.

Eram apenas quatro meses que ficaria a dever, de outubro a janeiro, que orçariam em cerca de três contos de réis. Depois, quando viesse de Mafra passar os fins de semana, andaria à lebre, como se diz em linguagem académica. Suspirei de alívio e comovi-me com tamanho companheirismo de que poucos como os ilhéus, fora das Ilhas, são capazes.

Por não conseguir perceber bem os motivos que levam um gajo a querer meter-se na guerra... terei que reconhecer que às vezes só se dá pelo erro depois de se ter dado o passo inexorável da tomada de decisão e consequente prisão às amarras que daí decorrem... nos tempos atuais, em boa consciência, eu, o corsário que escreve estas linhas, teria que manifestar, a um colega que se me aparecesse com o mesmo dilema existencial que fosse pedir telha e comida ao Exército para o qual fosse servir...

Mas, excetuando este detalhe que se prende com a valoração do mundo e com a justeza, ou não das coisas, o texto retrata aquilo que os Corsários têm melhor sabido fazer, não deixar um irmão na mó de baixo.

Termino citando os versos de Camões apostos numa das paredes da sala de refeições da Casa:

"Mais vale experimentá-lo que julgá-lo, mas julgue-o quem não puder experimentá-lo"

Dito isto à laia de introdução tenho uma declaração de interesse pessoal a fazer:

Sou amigo incondicional do autor e Cristóvão de Aguiar foi meu mentor de literatura açoriana na sua casa do Pico onde me recebeu, a mim e à minha mulher, como se de amigos de longa data se tratasse, nós que éramos de uma amizade recente surgida em colóquios da lusofonia. Durante os primeiros tempos da nossa amizade cavaqueei longamente com o escritor Cristóvão de Aguiar. Ambos, éramos e permanecemos, exaltados e revoltados contra a injustiça, quimera ensinada em verdes anos. Com ele aprendi e compreendi a canga que os cachaços insulares carreavam, muitas vezes, sem o saberem. Escrevi (e adiante assim o citarei longamente) em *CrónicaAçores: uma circum-navegação* (2º volume da Editora Calendário de Letras, 2011):

*O mal da descoberta da escrita açoriana para um leitor neófito é ser um vírus altamente contagioso. Foi o que me adveio ao ler *Dias de Melo*. Exagerei mesmo numa mesa-redonda na RTP-Açores (março 2009) ao afirmar que merecia ser mais conhecido que Hermann Melville, o da baleia *Moby Dick*, ao que Cristóvão retorquira logo ser uma hipérbole.*

A propósito do mesmo assunto esclareceria Cristóvão:

*Continuamos com a mesma pecha, a chamada açorianite aguda, que eu julgava que os colóquios [da lusofonia] tinham banido para sempre: o melhor da literatura, o mais belo que já li em toda a minha vida, e outros disparates do género. Ridículo! Enfim, só falta acrescentar que devia ter ganhado o Nobel, pelo menos este, que se houvesse mais elevado, seria este. Afinal, continua tudo na mesma, tal qual a música da relva: o mesmo e mais forte. Elogia-me a mim, para que te elogie a ti. Oh compadre, aqui na freguesia há só duas pessoas inteligentes. Uma sou eu, agora diga o compadre quem será a outra... já o Álamo e o João Afonso escreveram em 1981 no jornal *união*, de angra, que o meu mundo não é deste reino, de João de Melo, era superior ao mau tempo no canal e melhor que o apocalipse de são joão (vide: relação de bordo i, pp. 297 a 301 (10 de junho de 1983). francamente... assim, não passamos de paroquianos convencidos de que somos os melhores do mundo. chamei um dia a este complexo de superioridade "a insular bazófia". haja juizinho...*

Numa fase seguinte, entre muitos escritores locais que fui lendo, voltei-me para a obra deste autor. Uma prosa que se cola como uma sanguessuga e sorve o sangue impedindo a irrigação cerebral. Fica-se refém da sua escrita, que não sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão daquilo que lhe está subjacente. Embrenei-me noutros escritores que fui desbravando.

Ao longo destes onze anos falei e escutei a maior parte dos autores (e, entretanto, três já nos deixaram Fernando Aires, Daniel de Sá, José Dias de Melo). Com eles aprendi e compreendi a canga que os cachaços insulares carregaram, muitas vezes, sem o saberem.

O dilema da pequenez das ilhas para um autor se afirmar sem ser reconhecido fora delas, a atração pelo mercado continental mais vasto como forma de afirmação e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se

mudaram de armas e bagagens para fora das ilhas, a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo conseguiram alancandar-se a um reconhecimento externo.

O que muitos deles não acreditavam era que por serem autores açorianos podiam aspirar a serem universais e não apenas insulares, e não apenas portugueses, se entrassem em mercados mais vastos da Europa e do mundo. Esses escritores poderiam chegar bem mais longe e libertar-se da prisão invisível que é a pequenez das 9 ilhas do arquipélago.

Para isso, teríamos de mondar mercados novos e virgens, como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações açorianas, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que aprendem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas andam hoje.

Mas os colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há enorme gosto e apetência por escritores lusófonos. Para isso, idealizamos a atual série de Antologias, uma bilingue para captação do mercado norte-americano e canadiano, outra maior, em dois volumes, com uma seleção dos mais consagrados, uma coletânea de textos dramáticos para o ensino secundário e uma antologia no feminino dado que as autoras são sistematicamente esquecidas numa comunidade conservadora e machista como ainda é a sociedade açoriana.

Todas estas obras são didáticas para poderem ser estudadas nas escolas e assim se conseguir propagar este vírus altamente contagioso da escrita açoriana para leitores neófitos.

Depois, deparámos com um fenómeno típico das sociedades insulares e bairristas, a existência de “capelinhas”, cliques e claques, em torno das quais gravitavam alguns autores. Nem todos de qualidade despicienda, mas dependendo dessas cliques para serem objeto de artigos de jornal ou de visibilidade através da recensão crítica.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de quantidade. Na maioria, sem projeção para além destas ilhas, com exceções contemporâneas. Falta ainda destrinçar, entre as centenas de autores, aqueles que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os outros que se serviram do rótulo da açorianidade para terem alguma visibilidade que, de outro modo, não teriam.

A solução que adotámos foi a de ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar a qualidade de tais autores, com a ajuda dos autores que já conhecíamos e em quem já confiávamos. Daí as escolhas primeiras das antologias que posteriormente serão alargadas a mais autores e autoras à medida que os formos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga.

Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires, Cristóvão de Aguiar e Eduíno de Jesus surgem autores que podemos designar como a Maria das Capelas, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes até poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local, mas não deveriam nunca estar sob um rótulo de literatura.

Eu não mentia ao escrever o que escrevi sobre autores como Cristóvão de Aguiar. Tudo o que saía era sentido e vivido. Cristóvão de Aguiar fora lisonjeiro ao dizer-me que também Torga nunca mentira ao escrever poesia. Havia tão-só a origem transmontana comum pois nem eu era Torga, nem exprimia senão sentimentos reprimidos. Após meses de silêncio exercitava a pena de croniqueiro com a verve de jornalista que nunca deixara de ser. Era isto o que a escrita de Cristóvão, lentamente descortinada além das brumas, me proporcionava.

Para Cristóvão nunca seria catarse, mas fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a expiação constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, nem tampouco tiros.

No 9º colóquio da lusofonia (ou 4º Encontro Açoriano da Lusofonia em abril 2009), Cristóvão de Aguiar rejeitou (mais uma vez) o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona.

«O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

Como diz o autor (Relação de Bordo II pp. 199-200):

Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra ilha que conosco carregámos...

Sou como sou e a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos, separados por nove anos de idade, percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos e netos/as em buscas incessantes pelo Santo Graal. Desconfiei sempre que não existia, a não ser na busca incessante com que criamos uma *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Noutro qualquer dia escrevia eu que hoje mal se vislumbra a costa da Bretanha em frente à janela do meu castelo aqui nesta falsa²³¹ na Lomba da Maia onde habito.

O grande Mar Oceano confunde-se com o azuláceo ou acinzentado céu, depende da cor das lentes com que se acorda.

Está um tempo caramónico, como dizem em Terras de Miranda, sem necessidade de escarrabunhar os pés por estarem carrapudos.

Sinto a falta do sol que me anima e vitaliza nesta humidade entorpecente que amolece corações e fenece almas.

Era assim que desabafava mutuamente numa guerrilha verbal contra esta falta da função clorofilina que cerceia as musas e embota mentes.

E era então que me contrapunha Cristóvão de Aguiar “*O tempo está mesmo abafado. Abafa o corpo e sobretudo a mente. Nunca mais há tempo decente*”.

Otimista acredito que melhores dias virão. Concentro-me numa conceção positiva rumo à realização dos objetivos que pensa terminar durante o curto passeio terreno que lhe deram a oportunidade de usufruir. Os problemas, por maiores que sejam, são meras contrariedades. Umhas maiores que outras. Assim repito para crer no que digo. O tempo as curará retirando-lhes o relevo e importância ou resolvendo-as. Os momentos incomuns de felicidade

e alegria devem ser fruídos em plenitude. Comemorados, celebrados, prolongados e recordados.

Para isso sirvo-me da escrita. Para reviver momentos bons. Como são normalmente raros convém que perdurem, cinzelados nas pedras da lembrança. Criam trejeitos, esgares de sorrisos nas comissuras dos lábios.

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como em S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como no Pico.

Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que, como ele, ousam opinar sobre este arquipélago.

Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores.

Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem.

A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam.

Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram em terras da estranja.

Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais.

Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida.

Tais declarações de repúdio raramente extrapolam os cantos do arquipélago porque falar dos Açores ainda não é moda na grande capital do Império.

Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao amigo escritor Cristóvão de Aguiar.

Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa.

Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias.

Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo. Os Açores não são senão uma réplica miniatral da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma.

Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tamanho gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?).

Eu recebera “avisos amigos” para tais perigos quando o convidei a estar na Lagoa (março-abril 2009) para o 9º colóquio (4º encontro açoriano da lusofonia).

Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido.

Ao longo de meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica.

Eu carecia de aprender mais com esta insondável personagem que tantos cuidados incutia aos arautos e defensores da paz podre açoriana.

Como acumulara milhas, no cartão de viandante frequente, aceitara a sua hospitalidade em agosto de 2009.

Uns curtos dias no Pico que Cristóvão assumira como pátria segunda.

Muitos dias após deixar a ilha mágica ainda reverberavam os seus encantos. (ler o descritivo da estadia na [Crónica 74.2](#)).

Estas são as imagens que guardo deste autor que tanto aprecio e que ontem foi totalmente ignorado pelos habitantes da ilha e em especial de Ponta Delgada. Está provado que Cristóvão de Aguiar não dá votos a ganhar. Ainda bem.

E termino com esta palavras que lhe dediquei em 2013

644. Ao Cristóvão, Pico, 9 ago 2011/13 out 2013

*descobriram no pico
marroços milenares
piramidais construções*

*galerias ocultas
sem múmias nem tesouros
sem origem nem fim conhecido
falaram de fenícios, cartagineses
gente da pré-história*

*mas a verdadeira pirâmide
reside mais a norte
em s miguel arcanjo
numa atulhada falsa
com vista para s. roque
é a universal biblioteca
da nova alexandria*

*é lá que todas as noites
os livros se põem a dançar
debatem e trocam impressões
dão conselhos e admoestações
referem prodigiosas citações
partilham bailhos e saber
da universidade da açorianidade*

150. 150. CRÓNICA 150 DE ISLAMITAS A CRISTÃOS, GUERRAS SANTAS E OUTRAS MORTES 6 set. 2015

Começo esta CrónicaAçores com um poema inédito recente:

[680 A MORTE DEU À COSTA, 4 set. 2015](#)

*quando o mundo viu aylan kurdi
o menino sírio que deu à costa turca
o sangue congelou em nossos corações
esquecidos doutros anónimos
2500 tantos ou mais sem nome
que morreram naquela e
noutras praias noutros mares
afogados, asfixiados, esfaimados
desidratados, explorados, traficados
fugitivos, refugiados, imigrantes ilegais
adjetivos sem nexo
para quem busca a vida
depois de lhes destruírem o país
de lhes roubarem a vida e os sonhos
nem todos serão muçulmanos
nem todos serão terroristas
mas são todos seres humanos
e nós secamos lágrimas de crocodilo
com desculpas fáceis
e voltará a acontecer
e só alguns chorarão de novo
inédito chrys chrystello*

Para a seguir dar alguns factos:

A guerra do Iraque e todas as que seguiram no Médio Oriente resultaram da propaganda falsa sobre a primavera Árabe cujo petróleo interessava (e interessa sobremodo) aos EUA, Alemanha, Reino Unido, França, Canadá, Austrália, etc.... Dessas primaveras políticas que de primavera pouco ou nada tiveram, sobram países despedaçados, milhares e milhares de mortos e estropiados e milhares de refugiados e pessoas em fuga das ruínas de suas terras, vilas, aldeias e cidades. Nascido aparentemente do nada um ISIS, Califado, DAESH, Estado Islâmico ou o que mais lhe queiram chamar, inicialmente concebido e equipado no maior segredo pelos EUA e Israel para lutar, contra sabe-se lá bem o quê, mas que, tal como os seus antecessores Ben Laden, Saddam Hussein e outros tantos, se virou contra o criador numa de Dr Jekyll e Mr Hyde. Bem avisara Ghaddaffi antes de morrer, se me matarem vão sofrer uma invasão de islâmicos, que até agora alimentamos, a quem damos emprego e formação e assim mantemos fechadas as portas de fuga para a Europa... O quarto facto só surpreenderá os incautos: 0 (leia-se ZERO) refugiados no Catar, Kuwait, Arábia Saudita, etc.... Os EUA e Canadá não receberão nem um terço dos refugiados que a Europa

será obrigada a aceitar.... Jovens refugiados irados destruíram um abrigo para refugiados na Alemanha, queixando-se das condições precárias, mas serão mesmo refugiados estes? 15 pretensos refugiados foram detidos pelas autoridades italianas por terem morto, deitando borda fora, outros refugiados cristãos. Vamos ter de esperar até eles deitarem borda fora os cristãos da Europa.... Excetuando a Noruega, todos os países europeus deixaram construir mesquitas em nome do politicamente correto, mas a Noruega diz que só autoriza quando deixarem construir igrejas nos países muçulmanos... Há dois anos os muçulmanos (de segunda geração) da Suíça exigiam a retirada da cruz da bandeira suíça.... Há muita gente que confunde religião com outras coisas e não entenderam verdadeiramente o que é isto do islamismo, não como religião, mas como forma política de dominação...afinal o Império Otomano já se finou há um século e poucos se lembrarão... O 12º facto é o ressentimento que vai existir num país como Portugal com imensa pobreza, sem-abrigo, etc., ao verem estes refugiados a terem casa e o demais (se bem que pagos pela EU) enquanto os próprios nativos são obrigados e emigrar por razões económicas e de trabalho...isto vai dar muito que falar e antes que passem das palavras aos atos vai ser feio....

Há momentos, a diplomata timorense Natália Carrascalão inquiria:

Arrisco perguntar, se não há intenções de cumprir o que em tempos ouvimos sobre dois países europeus, ou seja a sua tomada pelos loucos do ISIS?

Dito isto, eu que nunca fui politicamente correto, interrogo-me sobre como irão os europeus fazer a triagem entre combatentes infiltrados dos que verdadeiramente fogem. quem está por detrás destas levas maciças de refugiados e destes barcos todos...?

151. 151. CRÓNICA 151, PAÍS DIVIDIDO E INGOVERNÁVEL, 11/11/15,

151.1. PAÍS DIVIDIDO

Enquanto escrevo aguarda-se que a múmia (termo usado para designar um péssimo PR) decida como vai ser governado este país dividido.

«Há, na parte mais ocidental da Ibéria, um povo muito estranho: não se governa nem se deixa governar!» Esta frase foi escrita por um general romano em serviço na Ibéria em carta enviada ao Imperador. É atribuída ao General Galba, que teria sido um dos primeiros governadores romanos na península, no século III antes de Cristo. ([LER CRÓNICA 66](#))

Tenho amigos de todas as cores do arco-íris e nem por isso deixam de ser amigos, nem isso implica que fique menos amigo por chorarem a queda do governo Passos Coelho, ou por festejarem como um novo abril a coligação do PS, BE e PCP. Há um princípio sagrado que sigo, sempre que posso, há décadas: política não se discute com amigos e família, ponto final. O país está dividido como já estive em 1975 de Rio Maior para cima e para baixo, mas agora mais parece uma divisão futebolística entre o FCP e o SLB (Porto e Benfica para os que não seguem a bola). Todos têm opinião -bem ou mal fundamentada - e desculpem que lhes diga, a maioria dos que têm opinião fazem-me lembrar os “contristas”²³² que sem lerem o AO 1990 falam de factos e fatos, de pactos com patos, cágados e cagados sem jamais terem lido nada sobre as mudanças do AO 1990 e confundindo léxico com ortografia.

A maioria do país descobriu 40 anos depois de abril que nas eleições legislativas não se elegia um governo, mas sim um parlamento...demorou tempo, mas ainda bem que agora já sabem. Depois não percebiam de aritmética e agora já vão tendo umas luzes para saberem que quando não há maiorias o governo se faz com minorias e com alianças parlamentares dos grupos com representação na AR. Ao contrário do que muitos pensam, não há coligações boas nem más, todas valem o que valem re os votos do PÁF valem tanto como os dos restantes grupos, gostemos ou não deles.... Até o PAN que quer proibir a águia do Benfica tem voto válido.

Este país onde tive a desdita de nascer e que nada me deu nestes 66 anos de vida, a não ser desgostos e muitos, é um país malformado, mal-educado, malpreparado feito de

gente diversa. Os que nasceram mais ou menos bem, como eu, a chamada classe média (alta ou baixa não interessa neste caso, mas já interessou pois no meu tempo eu podia ir para o liceu e os menos iam para as escolas técnicas, comerciais, industriais, ou nem isso...), os trabalhadores, os empresários, os patos-bravos e arrivistas, os corruptos quaisquer que sejam as suas cores políticas (e felizmente para a minhas origens parcialmente transmontanhas, nem todos são transmontanos, embora avondem como dizem os galegos), os políticos de aviário que jamais trabalharam um dia nas suas vidas (e muitos tiraram cursos esconso em universidades dúbias, outros tentaram falsificar esses cursos e outros nem isso) e uma enorme massa humana a que se chama povo.

Ora este povo que tem sido sistematicamente lavado ao cérebro desde tempos imemoriais sem jamais se depararem com grande oposição, por Viriatos, Sertórios, Romanos, Alanos, Suevos, Vândalos, Visigodos Árabes, pela Santa Inquisição delatória que fez de todos os tugas um povo de “bufos”, pela Ditadura de má-memória que nos deu 48 anos de belo obscurantismo em troca de alianças de paz com alemães, franquistas, americanos e britânicos para encher os cofres de ouro que não se investiu. É este povo - dizia eu - que nos últimos 40 anos encontrou a liberdade e a confundiu com libertinagem, liderado por gente sábia na arte de roubar (lembra-se dos dinheiros da formação profissional que a Europa mandou para se comprarem carros de alta gama e quejandos?), satisfeito consigo e com essa liberdade que nunca soube interpretar.

Nada aprendeu, entretanto este povo, a não ser substituir o fado, futebol e fátima, por mais fado, futebol e fátima, acompanhado ao som de música pimba e quanto mais ordinária melhor, acompanhado ao som de telenovelas que os fazia sonhar com vidas que nunca teriam pois só existem na tela dos televisores, e mais recentemente inebriado pelo voyeurismo de Casas do Big Brother e da Quinta, onde a depravação e o sexo são a moeda corrente que os mantém ligados ao televisor, totalmente anestesiados e tão incultos como no tempo do Salazar, embora agora fossem quase todos doutores, engenheiros, arquitetos, e médicos graças à massificação do ensino.

Um povo que nunca cuidou de se educar, de ter formação pessoal e profissional capazes (também os governantes não o queriam, quanto mais incultos mais manipuláveis), sem gosto na sua história, na sua língua e na sua cultura sempre confundida com atividades circenses fossem elas touradas ou futebol. Um povo anónimo como aquela mulher de Ponta Delgada que ontem mesmo dizia “eu não vou lá muito com a cara dele” e assim faz as suas opções políticas, mal dissimulando o seu racismo, xenofobia e preconceitos seculares, porque o putativo candidato a primeiro-ministro é “diferente”.

Houve mesmo quem escrevesse no Facebook que ele deveria ir vender chamuças e tandoori, forma dissimulada de lhe chamar monhé... é este povo que vota e assim faz as suas escolhas sobre quem nos vai governar...outros estarão ainda menos informados no seu analfabetismo disfuncional.

Olho pela janela e as brumas não auguram a chegada de nenhum Sebastião, desejado ou não. São apenas brumas, o Sebastião jamais chegará em dias de nevoeiro e mesmo que chegasse não salvaria este país. Está visto, o país partiu quase ao meio. A direita é direita, é direita. Porque sim. São dois quintos. A esquerda é esquerda, é esquerda. Porque sim. São três quintos. O centro, onde eu julguei que estava, desapareceu e agora?

Ontem mesmo de Espanha e a propósito da ameaça de independência da Catalunha (lembra-se que Portugal recuperou a sua independência em 1580 por causa da Catalunha perder a dela?) vinha a proposta irónica que a seguir se transcreve.

151.2. DESABAFO IBÉRICO TROCAMOS CATALUNHA POR PORTUGAL 11/11/2015

Dado el problema del separatismo catalán que no cesa y con el cual nos machacan continuamente los medios de comunicación, creo que la solución puede ser muy fácil:

Cambiar PORTUGAL por CATALUÑA.

Hace tiempo que hay un movimiento en Portugal que quiere unirse a España...

Pros:

El idioma se entiende mejor que el catalan y se esfuerzan por hacerse entender es mas les encanta hablar español.

Ganaríamos en población y en territorio, tendríamos Madeira y Azores para ir de vacaciones, complemento ideal de nuestras demás islas.

Perderíamos Barcelona pero ganaríamos Oporto y Lisboa.

Tendríamos todo el mercado luso-hablante del mundo con sus relaciones comerciales ya encauzadas.


Perderíamos al Barça y al Español pero tendríamos al Oporto y al Benfica...

Perderíamos la butifarra pero ganaríamos el bacalao y el arroz con marisco, además las raciones en los restaurantes son mas abundantes y economicas.

Tendríamos mas costa y por tanto muchas mas playas.

Su folclore es mucho mas alegre y entretenido que la sardana.

(Que casi no se mueven para no gastar energía)

P T Te amo 

No se tú... pero creo que ganaríamos mucho con el cambio...

Pásalo si estas de acuerdo.

Dito isto - e acreditem que esta crónica é das mais longas introduções que já escrevi - eu que (desde que deixei de ser monárquico aos 16 anos) sempre me coloquei no quadrante político mais à esquerda que à direita. Isto é comecei por me definir e ainda o sou, um social-democrata à moda da Suécia dos anos 70.

Direi também que comunistas e fascistas não têm grande simpatia ou estima na minha classificação (que me perdoem os bons e muitos amigos comunas, os outros não perdoem nada pois não imagino ter amigos fascistas, nem estou a ver quem possam ser, a menos que sejam da família e como todos sabem a família não se escolhe, nasce-se com ela como com um fato à medida, que depois quando a gente cresce pode sempre ir a um pronto-vestir e mudar de fato).

Há, no entanto, coisas que aprendi na minha Austrália e das quais não abduco, são princípios sagrados, dos poucos que ainda me restam neste mundo que definitivamente já não é o meu.

Acredito numa democracia participativa e aceito o voto da maioria mesmo que seja estúpida, iletrada e portuguesa.

Acredito que o mérito é a única unidade de valor que interessa e não o compadrio, a cunha, o senhor doutor parolo da sociedade em que cresci.

Acredito que um país só é governável quando os que o governam se governam apenas pelos superiores interesses do país e não pelos interesses do partido, dos amigos e demais associados corruptos e “boys and girls” nos seus “tachos”.

Se é corrupto, julgue-se, prenda-se e deite-se a chave fora. Os corruptos não têm reabilitação possível, mas obriguem-nos a trabalhar e a produzirem algo para a sociedade nem que sejam caixas de fósforos (esqueci-me de que já não se usam...pode ser, sei lá telemóveis, limpar matas, arar campos desertos, reabilitar casa devolutas...há tanto para fazer e poucos para o fazerem).

Acabem com as reformas milionárias não merecidas nem com descontos que as justifiquem. Todos devem contribuir com descontos para a reforma iguais aos que o estado deve colocar em fundos especiais, mas sem os meterem em fundos de especulação.

O RSI - rendimento de inserção social ou mínimo, como quer que se chame hoje em dia - deve sempre contribuir para bonificar os que mais precisam que o devem retribuir em trabalho para a sociedade na medida das suas possibilidades e não para ficarem em casa a ver televisão.

Uma obra não pode ter derrapagem de custos, devem ser responsabilizados os culpados e indemnizado quem merecer ser.

As viaturas de estado devem ser reduzidas a um mínimo indispensável para o normal funcionamento dos serviços e não para a brutal ostentação inútil que se assiste em qualquer autarquia, repartição pública, ministerial, etc. Na Austrália deslocava-me nos transportes públicos juntamente com membros do parlamento, ministros, etc....e os parentes deles nunca estiveram na lama...A justiça deve ser célere e sem prescrições...

Estado Social sim, mas com regras e inspeções: vejamos este exemplo a que assisti quando cheguei da Austrália, as casas sociais perto da minha no Porto, onde viviam pessoas sem posses, estavam todas com antenas parabólicas e carros melhores que o meu...isto em grupos familiares que não tinham rendimentos. Essas pessoas comiam diariamente nos cafés e restaurantes, coisa que eu não podia a não ser excecionalmente, algo me diz que a distribuição era injusta.

A minha ética é o trabalho e se hoje vivo a trabalhar “*pro bono* (graciosamente)” nos colóquios da lusofonia e suas atividades paralelas, fiz uma opção que não me remunera materialmente, mas me dá o prazer que o trabalho pago nunca me deu. São opções que não imponho a ninguém e desejo que respeitem.

Quando trabalhava por conta de outrem dei sempre mais do que recebi, fosse na função pública ou na privada. Raramente vejo isso nas pessoas que me rodeiam, exceção seja feita à mulher que me aceitou a meio da vida e a uns tantos e tantas que conheço e representam a exceção.

O restante, na sua maioria (falo dos professores agora), são uma desgraça para a profissão. Deveriam ser expulsos se houvesse sistemas de mérito na progressão de carreira e verificação de competências. São professores porque não podiam ser mais nada e não pela sua dedicação à nobre e decadente arte de ensinar). Entendo que o trabalho deve ser justamente remunerado e a carreira deve ter progressão de acordo com o trabalho desenvolvido e tudo é mensurável.

Na Austrália todos os funcionários públicos eram avaliados assim e progrediam graças ao mérito apenas. Era um sistema mais justo, as sugestões dos funcionários iam até aos ministros que muitas vezes eram forçados a mudar as normas “Top Down” pois não funcionavam na prática e ninguém melhor do que aqueles que estão na linha da frente para avaliar o impacto das mesmas. Aqui, qualquer norma é sempre rejeitada pois ninguém quer mudar nem ter mais trabalho, os funcionários públicos regem-se pela lei do menor denominador comum ou do menor trabalho útil.

O parlamento britânico tem condições mínimas para funcionar labora melhor que o português, sem computadores, nem gabinetes, nem telefones nem toda a parafernália eletrónica da Assembleia da República. Na Suécia os deputados de fora têm direito a um minipartamento de frugal conforto que é tudo o que necessitam.

Cá, há subsídios, mordomias, eu sei lá...o maior escândalo em Lisboa são os preços do caviar e do champanhe, quase gratuitos, no bar da Assembleia. Isto sem falar dos carros de luxo e das viagens em classe executiva.

Lá na Austrália os transportes públicos são para todos e assim diariamente viajavam comigo ministros e altos funcionários do governo estadual sem que os parentes caíssem na lama.

Por Portugal jamais esquecerei a cena ridícula dos ninjas que acompanharam (o então mais breve primeiro-ministro da História recente de Portugal) Pedro Santana Lopes para o protegerem de ameaças, quando foi numa visita relâmpago de 48 horas, (2004 ou 2005) a Bragança, com carros blindados, a guiarem na contramão para o levarem à Estalagem de São Bartolomeu onde estava alojado, ... uma cena à faroeste...

Ora, como todos sabem, Bragança é um coio de terroristas do ISIS e Al-Qaeda.

Ali ninguém se desloca sem batedores da polícia, guarda-costas e secretas como se fossem o presidente dos EUA ou de Angola... vá lá o diabo tecê-las e serem atingidos por uma alheira, butelo ou - quem sabe? - uma posta mirandesa.

Dito isto falta tecer algumas considerações aos últimos quatro anos de tortura do governo português em funções, manietado pela banca internacional de agiotas que tenta reger o planeta e indo ainda para além das exigências da troika e do FMI, sem cortar um avo que fosse aos privilégios dos governantes, aos desmandos da banca e a outras benesses. Se ao menos desse período tivéssemos a certeza de ir ficar melhor o país e as gentes, ainda se compreendia o esforço, mas sabemos, de antemão, que de nada servirá e tudo continuará na mesma.

Tudo à custa das classes trabalhadoras, a quem se retiraram direitos, feriados, salários, a quem se congelaram salários e pensões, se reduziram todos os benefícios arduamente conquistados depois das longas trevas da ditadura, de promessas nunca cumpridas e de aumentos exagerados de impostos aumentando o fosso entre ricos e pobres, condenando milhares de portugueses a emigrarem, despovoando ainda mais um país envelhecido, reduzindo a quantidade de pagantes de impostos enquanto se aumentavam o número de milionários por meios obscuros e indignos para não dizer ilegais. Que o digam a Porsche e a Ferrari.



Ora este governo insensível que liderou Portugal nos últimos 4 anos entreteve-se a dar ao desbarato (em troca de luvas e outras benfeitorias) tudo o que era nosso e tinha algum valor para os estrangeiros cobiçarem, há pouco de Portugal nos produtos portugueses. Quase tudo que leve o nome português pertence a estrangeiros. Se as joias da coroa fossem bem vendidas ainda se admitia essa privatização, mas dar ao desbarato coisas que todos nós pagamos exorbitantemente é um crime de lesa-pátria.

Primeiro começava-se uma campanha contra a ineficiência de qualquer bem a vender, cortavam-se os meios de terem lucros e de funcionarem e depois entregavam-se de mão beijada aos amigos e aos que mais luvas pagavam. Foi assim com a EDP, REN; TAP; etc.,

ficou a ponte Vasco da Gama, a torre de Belém e os Jerónimos e pouco mais, e mesmo esses iriam a seu tempo ser vendidos, que disso não me restam quaisquer dúvidas.

Escravizado desta forma o povo português vendido a chineses e a outros, cada vez tinham menos serviços, menos saúde, menos justiça, menos educação e mais facilmente se manipulavam, aceitando caridadezinha que era apanágio dos tempos de Salazar. Um quarto da população vive em níveis de pobreza extrema, aumentaram os sem-abrigo, os destituídos, e sobretudo e isso não perdoou, hipotecou-se a ESPERANÇA.

Sim, sei que sou um poeta, utópico e idealista, individualista, hedonista, mas se há coisa que não perdoou foi roubar A ESPERANÇA às novas gerações.

Nem Salazar conseguiu isso fazer à minha geração, pois havia a guerra colonial, havia um regime decrépito, mas tínhamos a ESPERANÇA e agora os meus filhos não têm isso nem sabem o que é, dado que foi hipotecado o futuro deles e dos filhos deles.

Como bom poeta anárquico sempre podia desejar o caos absoluto, após moi le déluge, diria mesmo, um terremoto maior do que o de 1755 para reconstruir o país todo do zero, mas isso era improvável. Sonho com isso desde os tempos de Liceu...

Assim temos de nos contentar com esta aliança da dita esquerda, dizem-me que é contranatura, mas não era contranatura o que estavam a fazer ao país? Vender o país a retalho sem mexer nos privilégios dos ricos e poderosos? Mandar sempre a fatura aos mesmos? Fazer o povo pagar os erros dos bancos em vez de se fazer como na Islândia onde se prenderam os banqueiros e se venderam os bancos para reembolsar os que foram vigarizados por eles?

Sou europeísta e acreditei no sonho dos fundadores da Europa como solução para um continente que assistiu a séculos de guerras incessantes como inúteis que sempre foram, mas não votei numa Europa manietada pelo grande capital agiota para nos retirar a liberdade e a soberania.

Não é essa a Europa a que quero pertencer, uma fortaleza anti-imigração que se deixa corroer de dentro pelo avanço do islamismo fundamentalista sonhando com islamismos moderados que ainda não existem. Uma Europa que vê primaveras árabes ao fundo do túnel do petróleo e com isso faz desabar ditadores e abre escancaradamente as portas a uma emigração que mais ninguém vai conter a não ser pela força das balas e dos naufrágios inúteis no mar mediterrâneo. Uma Europa aliada dos EUA a formar e a armar grupos como a Al-Qaeda, ISIS que depois fogem ao seu controlo para se tornarem em vilões como Saddam, Bin Laden e outras invenções americanas.



Nunca acreditei na troica e no FMI como forma de resolverem os problemas de nenhum país, dada a experiência que tinham em destruir países e condenar povos à miséria escravagista do capitalismo selvagem. A austeridade nunca foi receita para ninguém, nem faz crescer as economias para darem mais lucros aos agiotos.

Ao contrário dos meus amigos liberais e neoliberais sou contra toda e qualquer austeridade, mas não sou contra o rigor, nem sou contra o despesismo balofo, a ostentação, o novo-riquismo. Sabido isto congratulei-me com a moção de ontem que fez cair o governo minoritário Páf... que caiu com um puf...esvaziando a sua sobranceria e a quem dediquei esta adaptação de um célebre soneto do vate Luís Vaz de Camões:

EGÉRIA²³³ (Soneto de Camões adaptado ao dia de hoje)

*Coligação pouco gentil, que te partiste
Tão cedo deste desgoverno descontente
Repousa lá no inferno eternamente
E viva eu cá na terra jamais triste.
Se lá do assento abrasador, onde caíste
Memória desta tortura se consente
Não te esqueças do ódio ardente
Que devotaste ao povo que nunca viste.
E se vires agora que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que nos causaste
Da mágoa tão atrasada de perder-te
Roga a deus que teu governo encurtou
Que tão cedo não vá de volta a ver-te
Quão tarde de meus olhos vos levou
JCC 10/11/15*

Esqueci-me de dizer que também já não acredito nessas tretas de direita e esquerda, pois não creio em nenhum político honesto (é como acreditar numa prostituta virgem!), nem imagino que este novo governo possa fazer grande coisa (não o deixarão os magnatas agiotos) mas teve a vantagem de, por momentos, nos restituir a ESPERANÇA e para um poeta é essa a força que alimenta a vida. Quanto ao resto quero é que os corruptos sejam condenados e presos, que o sistema bancário mundial seja rapidamente aniquilado...Não, não me entendam mal, eu até acredito no capitalismo, mas mais à moda antiga, aquele que investe os lucros para criar maior riqueza para todos, como dantes acontecia.

Pelo que vi do comunismo há sempre uns mais iguais que outros. Ainda acredito numa social-democracia à moda sueca dos anos 70, que era assim que se imaginava o socialismo à portuguesa, onde o estado complementa a iniciativa privada e a liberdade individual em vez de a tolher com normas estúpidas como o tamanho dos tomates ou dos chicharos. Ainda acredito no ensino universal e gratuito para todos os que tiverem valor e não para os que querem apenas o canudo e o axíónimo Dr. ou Eng.⁹ ou quejandos.

Acredito que qualquer país só pode evoluir quanto mais culta for a sua massa populacional, eu disse culta, não disse com canudos de Bolonha...

Acredito em qualquer país que gaste mais no orçamento da cultura do que na defesa, acredito em qualquer país que preze a sua história e a preserve seja através da recuperação dos seus monumentos e tradições orais ou qualquer outra forma que não sejam touradas e demais falsas culturas circenses...caso contrário que volte o autêntico e original circo de Roma com muitos leões para lá deitarmos os nossos políticos na arena.

233 Do latim Egeria -, mitologia, «Egéria», conselheirasecreta de Numa Pompílio, rei de Roma, 714-671 a. C. Egeria, conhecida também como Echeria, Eteria, Aetheria e Etheria, foi a autora dum livro de viagens no século IV. Tudo parece indicar que nasceu na Galécia, "nas ribeiras mais afastadas do oceano ocidental", segundo documentos do século VII, embora (ao se perder a primeira parte da sua obra) haja autores que situem o seu nascimento na Aquitânia.

Quanto a guerras determino que em vez de mandarmos a nossa juventude para a guerra devemos estabelecer normas de duelo entre os políticos dos países beligerantes, podendo estes escolher as armas, sejam elas luta livre, corpo-a-corpo ou xadrez. Com ESPERANÇA posso voltar a sonhar e sem sonhos a vida não merece ser vivida.

152. 152. CRÓNICA 152, ABATERAM OS CÃES RAIIVOSOS, MAS NÃO ABATERAM A RAIVA II, 14/11/2015. NOVA VERSÃO, CRÓNICA 144

E onze meses depois aqui estou a escrever de novo as mesmas palavras: **ABATERAM OS CÃES RAIIVOSOS, MAS NÃO ABATERAM A RAIVA**. Depois de 13/11/2015 a Europa não mais será a mesma se os europeus quiserem...caso contrário e se continuarem a não saber lidar com o ISIS, DAESH ou estado islâmico, como devem, este será apenas mais um episódio depois da queda há semanas do avião russo, do atentado em Beirute há dias com 43 mortos e dezenas de feridos e este atentado de Paris.

Sempre me senti diferente, mas hoje tenho ainda mais vergonha de ser humano...vivo num mundo cada vez mais monstruoso e iníquo...este mundo já não é o meu...estou rodeado por tudo aquilo que abomino: violência, morte gratuita, a vida sem valor...pergunto-me, em que é que errei? Erramos todos e a minha vida de nada serviu para continuar a assistir à barbárie.

Quando os EUA começaram a criar monstros como Saddam, Bin Laden, ISIS, EI e a acreditar na história da carochinha (perdão da primavera árabe com cheiro a petróleo) despoletaram aquilo que Kadhafi sempre avisara e não há fronteiras que resistam a tantos terroristas e fundamentalistas, e quanto mais a Europa erguer muros mais terroristas atravessarão esses muros, pois eles vivem já dentro da própria Europa, nasceram lá.

Por que não meto a bandeira tricolor de fundo no Facebook? É simples não o fiz antes em nenhuma das catástrofes da Nigéria, do Líbano, da Síria, do Iraque, da Ucrânia e de tantas, tantas, tantas outras que nem me lembro de todas, podia começar pela Hungria nos anos 50, a Checoslováquia nos anos 60, Allende em 73, o genocídio de Pol Pot e de Timor e os que se seguiram que não haveria espaço para tanta bandeira. Depois tinha de incluir a maior parte dos países que os EUA invadiram...e quase que esgotava as bandeiras do mundo.

Afinal nasci no pós-guerra e seis décadas e meia depois continuo a ver metade do mundo em guerra, vejo a Europa a desmoronar-se como previ há muitos anos, o mundo ocidental cai que nem o Império Romano e os poucos princípios que me restam são vilipendiados dia após dia em todas as partes do mundo. Nasci numa época de esperança em dias melhores, na adolescência havia a esperança de ver cair o Estado Novo, vivi a esperança de um mundo multicultural na Austrália e hoje não encontro a esperança de que preciso para estes últimos anos de vida.

Fui sempre contra todas as formas de violência durante toda a minha vida e dou comigo a desejar mentalmente a violência para acabar com a violência absurda que nos rodeia. Estou aliás convicto, como o general Ramalho Eanes, de que é a única forma de terminar com este pesadelo jihadista. Mas sei que depois deste, outros virão. Acabaram com os gulags soviéticos, mas depois outros vieram e criaram Abu Grahib e Gitmo (Guantánamo). Reinventaram novas formas de matar e torturar enquanto eu sonhava ainda que as pessoas podiam se amar.

Espero poder continuar a sobreviver e continuar a sonhar... o original pode ler-se em [Crónica 144](#)

153. 153. CRÓNICA 153 AS GRANDES MENTIRAS DA HISTÓRIA. 21/11/15

153.1. AS SETE GRANDES MENTIRAS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Chegou o momento de dar voz a outros nestas crónicas e esta de António Garrochinho é bem esclarecedora e desconhecida pela maior parte dos professores e dos alunos deste país....

Publicada por António Garrochinho quinta-feira, 19 de novembro de 2015.

A respeito da nossa História temos muitas ideias feitas que não correspondem à verdade, mas as sobre as quais assenta a imagem que temos do País.

Descubra-as, agora aqui, na íntegra. (Confira, em baixo, a explicação detalhada sobre cada mentira)

153.1.1. MENTIRA N.º 1 -PORTUGAL É UM PAÍS DE BRANDOS COSTUMES

Não é verdade.

Só nos séculos XIX e XX, contam-se por milhares os mortos em guerras civis e revoluções. Foi o Estado Novo que inventou o chavão, numa operação de ação psicológica.

Naquela manhã de céu azul, a capital acordou ao som do canhão.

Erguiam-se barricadas, o vizinho lutava contra o vizinho, com soldados pelo meio e bandeiras nacionais de ambos os lados.

Ao final do dia, muito sangue tinha corrido nas valetas e contavam-se uns 200 mortos e mais de um milhar de feridos.

Este quadro não diz respeito a um país distante nem a uma época remota do passado.

Aconteceu há menos de cem anos, no dia 14 de maio de 1915.

Em Lisboa, capital de Portugal. Num país de "brandos costumes".



1640

Se mais exemplos não houvesse, este bastaria para derrubar a tese da "brandura" dos nossos hábitos e procedimentos, posta a circular pelo Estado Novo salazarista.

Mas as demonstrações de aspereza de costumes podem multiplicar-se até à exaustão.

Comecemos pelo caso acima referido.

O levantamento de maio de 1915, liderado pelo grupo dos chamados "Jovens Turcos", dirigia-se contra a "ditadura" de Pimenta de Castro, um general mandatado três meses e meio antes pelo presidente Manuel de Arriaga para governar com o Parlamento encerrado.

Jovem Turquia era o nome de uma loja maçónica de que faziam parte políticos, civis e militares.

O seu objetivo de repor a plena vigência da Constituição de 1911 seria alcançado, levando à imediata transmissão dos poderes para uma Junta Constitucional composta por cinco "jovens turcos", todos afetos à entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial, uma medida preconizada por Afonso Costa, o líder do Partido Democrático.

153.1.2. LINCHAMENTO DE UM SENADOR

No dia 17, esta junta preparava-se para transmitir por sua vez o poder a um novo Governo, que seria chefiado pelo dirigente do PD, João Chagas.

Porém, nesse mesmo dia, Chagas era atingido a tiro num olho pelo advogado e senador João José de Freitas, quando se encontrava na estação ferroviária do Entroncamento, dentro do comboio que o transportava do Porto para Lisboa.

Chagas ficou parcialmente cego e Freitas foi ali mesmo linchado por um grupo de populares de que fazia parte um soldado da GNR. Brandos costumes?

Poucos anos antes, nos dias 4 e 5 de outubro de 1910, a revolução que derrubara a Monarquia e implantara a República fizera, também em Lisboa, entre 60 e 70 mortos e cerca de 500 feridos.

Tinham sido erguidas barricadas na Rotunda (Marquês de Pombal) e um cruzador bombardeara o Palácio das Necessidades, onde o jovem rei D. Manuel II jogava o bridge com alguns cortesãos.

Um dos obuses da Rotunda, disparados no enfiamento da Avenida de Liberdade, pegou fogo a um prédio. As (poucas) forças leais à Monarquia, comandadas por Paiva Couceiro, investiram primeiro pelo lado de Campolide, e depois a partir do alto do Torel.

O Rossio era um acampamento de soldados, com as armas ensarilhadas.

O rei, a mãe e a avó passariam a noite em Mafra, de onde seguiriam para a Ericeira para embarcar rumo ao exílio.

Automóveis com revolucionários dentro perseguiram-nos ainda pela estrada do Sobreiro.

153.1.3. REI E PRESIDENTE ASSASSINADOS

D. Manuel II, de 20 anos, sucedera 32 meses antes ao pai, D. Carlos, assassinado em pleno Terreiro do Paço a 1 de fevereiro de 1908.

A meio da tarde desse dia, sob um pálido sol de inverno, o penúltimo rei de Portugal e o príncipe Luís Filipe, herdeiro do trono, tinham sido assassinados a tiro quando seguiam num landau, pouco depois de terem desembarcado do vapor do Barreiro, no regresso do palácio de Vila Viçosa.

O eco dos disparos de Manuel Buiça e Alfredo Costa, dois membros da sociedade secreta Carbonária, abalou a vida política nacional e anunciou para breve o advento da República, mas o regicídio foi considerado na altura pelos lisboetas quase como algo de natural.

Sabe-se agora que se tratou de um plano articulado, que envolvia além dos carbonários muitas outras pessoas, algumas altamente colocadas.

Numa reportagem publicada pelo New York Times em julho desse ano lia-se:

"Diz-se que a rainha Amélia reconheceu num dos assassinos um proeminente líder político, mas guarda firmemente o seu segredo."

Implantada a República, em 1911 e 1912 grupos de monárquicos exilados em Espanha entraram em pé-de-guerra pelo norte de Portugal, cercando vilas, investindo aldeias, aliciando camponeses e pastores para a causa derrotada.

Depois, entre 1915 e 1925 foram numerosos os movimentos militares em defesa da República democrática ou contra ela.

Um dos golpes triunfantes, o de Sidónio Pais, inauguraria no final de 1917 um ano de ditadura que terminaria com a morte a tiro, na Estação do Rossio, daquele a quem Fernando Pessoa chamara Presidente-Rei.

Era o segundo assassinio de um Chefe de Estado português em menos de 11 anos, depois do regicídio que vitimara D. Carlos.

153.1.4. UMA GUERRA ESQUECIDA

Ainda os tiros que tinham vitimado Sidónio ecoavam no Rossio, e já na outra ponta da linha férrea que dali partia no Porto era restaurado o regime monárquico.

Em Lisboa, os republicanos formaram um executivo obedecendo à Constituição de 1911, mas as Juntas Militares conservadoras não se conformaram e exigiram "um governo de força".

Contavam para isso com o apoio dos civis que giravam em torno do Integralismo Lusitano, de extrema-direita. O deposto rei D. Manuel II não só acompanhava tudo com a máxima atenção a partir do seu exílio inglês como dera mesmo luz verde à movimentação monárquica.

A ideia dos insurretos era estender as suas movimentações a todo o País, mas as Juntas Militares de Lisboa mostraram-se divididas.

Porém, a 22 de janeiro de 1919 uns 70 monárquicos hasteavam a bandeira azul e branca na antena telegráfica do alto de Monsanto.

Ali acabariam por ser cercados e desfeiteados por militares e civis leais à República.

Mas não terminou aqui a guerra civil de 1919.

Só a 13 de fevereiro, depois de combates no litoral centro do País, é que as forças republicanas entraram na Invicta e puseram termo à efémera Monarquia do Norte.

153.1.5. OS CRIMES DA NOITE SANGRENTA

A barbaridade maior estava, no entanto, para vir.

Na noite de 19 de outubro de 1921, uma pequena camioneta de caixa aberta tripulada por marinheiros e soldados da GNR foi recolhendo em suas casas o chefe do governo e outras figuras destacadas da vida política.

Um a um, estes foram depois abatidos a tiro na rua, no meio de insultos e sevícias.

A data ficou conhecida por Noite Sangrenta e o veículo por Camioneta Fantasma.

Os sublevados, chefiados pelo cabo marinheiro Abel Olímpio (alinhado de Dente de Ouro), assassinaram o primeiro-ministro António Granjo, o antigo herói da Rotunda, Machado Santos, o ex-ministro da Marinha e ex-presidente da Câmara de Lisboa Carlos da Maia e outras figuras destacadas.

O que está por detrás da Noite Sangrenta pode ter sido a demissão de Liberato Pinto da chefia do Governo e do comando da GNR, mas falou-se também de conspiração monárquica.

A hipótese de se ter tratado de uma movimentação orquestrada na sombra por setores do Partido Democrático também é plausível: este partido, dominante ao longo dos 16 anos da Primeira República, ter-se-ia assim vingado de inimigos políticos.

Recentemente, uma peça de teatro e uma série de TV vieram acrescentar dados a esta tragédia, mas as explicações são sempre orientadas pelo posicionamento ideológico dos autores.

153.1.6. 'LOUCOS' ANOS 20

Depois de mais uma série de tentativas frustradas de revolução, normalmente com mortos e feridos, em 1926 seria instaurada uma ditadura que duraria 48 anos.

Mas mesmo o triunfo da extrema-direita não foi pacífico, já que as fações militares se digladiaram a tiro ao longo dos meses de maio e junho.

Nos primeiros anos da ditadura, os "velhos republicanos" tentaram ainda inverter a situação, e houve mais vítimas nos combates de fevereiro de 1927, que se estenderam do Porto a Lisboa.

No final dos confrontos, que as tropas da ditadura venceriam, contavam-se 70 mortos no Porto e 50 em Lisboa, além de milhares de feridos nas duas cidades.

Passados quatro anos, e já com a ditadura solidamente instalada, houve um estertor do chamado "Revirvalho", agora na Madeira e nos Açores.

E em 1936, com Salazar sentado no poder, revoltaram-se no Tejo os marinheiros de dois navios de guerra, acabando o canhoneio do forte de Almada por fazer dez vítimas mortais.

O grosso dos marujos revoltosos iria "inaugurar" involuntariamente o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, um inferno tropical criado por um regime que usava um tom paternalista para impor a sua "verdade" indiscutível, e cuja polícia política (sucessivamente chamada PVDE, PIDE e DGS) prendia, torturava e fazia desaparecer opositoristas com toda a facilidade em nome dos "brandos costumes".

153.1.7. UM AGITADO SÉCULO XIX

Muito antes de tudo isto, ao longo do século XIX, sucederam-se as lutas civis -com batalhas e numerosas vítimas e as revoluções.

Primeiro, logo após o curto fogacho liberal de 1820, a grande guerra que opôs os absolutistas de D. Miguel aos constitucionalistas de D. Pedro, e em que participaram navios e mercenários estrangeiros (1832-1834).

Depois, a revolução de setembro de 1836 e, na década seguinte, uma nova guerra civil com intervenção exterior a Patuleia.

Perto do final do século, a tentativa frustrada de revolução republicana, no Porto, deixou estendidos na Rua de Santo António uma dúzia de mortos e quatro dezenas de feridos.

Não vale a pena recuar mais no tempo para demonstrar que os costumes portugueses nunca foram brandos.

Se o fizéssemos, seria apenas para recordar os clarões sinistros das fogueiras da Inquisição ou para lembrar os múltiplos linchamentos na rua de pessoas suspeitas de "jacobinismo", durante as Invasões Francesas de há 200 anos.

Ou ainda, na mesma época, o esquartejamento do general Bernardim Freire de Andrade quando, em Braga, ordenou o recuo estratégico das milícias para o Porto.

Foi para contrabalançar esta tradição portuguesa da violência política que o Estado Novo criou o estereótipo do "país de brandos costumes".

A cabeça das pessoas "faz-se", e o regime ditatorial dispôs de quase meio século para moldar ao seu gosto pelo menos duas gerações.

153.2. MENTIRA N.º 2 - O NOSSO PAÍS FOI O PRIMEIRO A ABOLIR A PENA DE MORTE

Foi dos pioneiros, mas não foi o primeiro.

À nossa frente vêm, por exemplo, a Venezuela, San Marino e o Estado norte-americano do Michigan. Está enraizada no nosso espírito a ideia de que fomos os pioneiros da clemência.

É verdade que nos encontramos no pelotão da frente, entre os primeiros a abolir a pena capital, mas houve quem chegasse antes de nós à conclusão de que ninguém tem o direito de ceifar a vida a outrem, seja a que pretexto for.

A Venezuela aboliu a pena de morte em 1863, quatro anos antes de Portugal, e antes de nós cortarmos a meta tinham-no feito ainda o ducado italiano da Toscana, em 1786, e o minúsculo São Marino, em 1865.

Pode dizer-se, isso sim, que Portugal foi o primeiro Estado a inscrever essa proibição na Constituição.

Mas pode também recordar-se que um soldado português foi fuzilado em 1917, na frente de combate da Primeira Guerra Mundial.

Foi na sessão parlamentar portuguesa de 10 de março de 1852 que um deputado do partido governamental propôs a abolição da pena de morte para todos os tipos de crimes e, conseqüentemente, a abolição do "hediondo ofício de carrasco".

Governava então Saldanha, do Partido Regenerador.

A proposta foi bem aceite ali na hora e acabou por levar a assinatura de vários proponentes, mas a verdade é que acabou por não reunir o consenso necessário para a sua aprovação, nem naquela sessão legislativa nem na do ano seguinte.

A abolição da pena de morte para todos os crimes à exceção dos militares acabaria, no entanto, por ser aprovada em 1867, concretamente no dia 1 de julho (o que nos mostra que naquele tempo em que ninguém ia a banhos, também não havia férias legislativas...).

O carrasco ficou, pois, desempregado, já que, a haver "queixas" poderosas contra algum militar, este seria fuzilado por um pelotão de execução.

E a coisa manteve-se assim até março de 1911, já no tempo da República, quando o Governo de João Pinheiro Chagas decidiu que a abolição fosse extensiva aos militares.

Só que, entretanto, rebentava a I Guerra Mundial, e Portugal entrava no conflito, razão considerada suficiente para a pena ser reintroduzida, embora apenas "em caso de guerra com país estrangeiro" e desde que cumprida no teatro de operações.

A coisa foi levada à letra, e efetivamente um soldado português seria mesmo fuzilado junto das trincheiras da frente de batalha, em setembro de 1917.

Acusado de espionagem, João Augusto Ferreira de Almeida, do Corpo Expedicionário Português, não regressou para contar o processo sumário de que fora objeto.

O episódio nunca viria a ser totalmente esclarecido, nem se sabe se Ferreira de Almeida passava mesmo informações aos alemães (coisa difícil de concretizar, mesmo admitindo que tivesse acesso a matéria confidencial, o que é duvidoso), mas não restam dúvidas de que o fuzilamento se efetuou, talvez para fazer passar junto dos aliados franceses e ingleses a ideia de um exército bem organizado.

De qualquer das formas, a abolição total da prática execrável apenas entraria novamente em vigor, espera-se que definitivamente em 1976, depois do 25 de abril.

A título de curiosidade, registre-se que a última execução de um civil tivera lugar em Lagos, em abril de 1846, e a de uma mulher remontava já a 1772.

Resumindo: alguns países anteciparam-se a Portugal na abolição da pena capital, inclusive o Michigan, um dos Estados que formam os EUA, nação onde, como se sabe, a injeção letal e outros métodos equivalentes de ceifar a vida alheia continuam a ser aplicados em muitos recantos.

153.3.1. MENTIRA N.º 3 - A INGLATERRA É A NOSSA VELHA ALIADA

Aprendemo-lo na escola e gostamos de o recordar de vez em quando, mas essa aliança há muito que só funciona num sentido: o dos interesses britânicos.

Estamos afetivamente ligados a diversos outros países.

O Brasil vem, sem grandes hesitações, à cabeça: é o "país irmão", expressão escolhida para não se utilizar a de "país filho", talvez ridícula se atendermos a que o "filho" seria...quase cem vezes maior do que o "pai".

Mas logo a seguir surge, historicamente, a Inglaterra.

Sim, porque a "paixão" agora quase generalizada pelos Estados Unidos da América é recente, não mais velha do que duas ou três décadas.

E a Espanha?

Bom, esse é um fascínio recente; basta lembrar que durante séculos não vinha de lá "nem bom vento nem bom casamento" e que argumento definitivo! se Portugal existe como Estado é, precisamente, por oposição dinâmica ao vizinho mais vasto e mais poderoso.

Mais poderoso sempre foi, embora nem sempre tenha levado a melhor nos confrontos diretos ibéricos.

O mais gostosamente recordado de todos os choques luso-espanhóis foi e continua a ser a batalha de Aljubarrota, que opôs portugueses e castelhanos ao entardecer do dia 14 de agosto de 1385, fez agora há dias 626 anos.

E aí, Portugal venceu em toda a linha, garantindo a sua independência, então seriamente ameaçada, motivo pelo qual a façanha é tão lembrada.

Em contrapartida, o espanhol comum nem sabe que tal batalha existiu e não admira, pois, os livros escolares não se referem a ela.

Tratava-se de impedir que Juan I de Castela se sentasse no trono português, coisa a que ele se sentia com direito por ser casado com a filha única do falecido rei D. Fernando, o Formoso.

Enquanto a maior parte da nobreza apoiava o pretendente castelhano, um grupo de inconformados, liderado por D. João, Mestre da Ordem de Avis e filho bastardo de D. Pedro I (ou seja, meio irmão de D. Fernando) decidiu opor-se-lhe, com a cobertura da burguesia nascente e do povo das cidades, sobretudo de Lisboa.

A verdade é que estes "marginais" (como hoje se diria) venceram um inimigo cinco vezes superior em número.

Mas não o fizeram sozinhos: ao lado dos 6 700 portugueses comandados pelo condestável Nuno Álvares Pereira combateram uns 300 arqueiros ingleses, que para cá se deslocaram ao abrigo de uma aliança assinada pouco antes, em 1373, quando reinava em Portugal D. Fernando e em Inglaterra Ricardo III.

Algumas centenas de arqueiros parece pouco, mas não é assim, se levarmos em conta que os long bows por eles utilizados eram uma arma temível.

Depois da batalha, o duque de Lancaster, John of Gout, reconfirmou a aliança e cedeu a mão de sua filha Philippa ao Mestre de Avis, já proclamado Rei de Portugal nas Cortes de Coimbra.

A inglesinha era a nossa bem conhecida D. Filipa de Lencastre (Lancaster), que seria mãe do Infante D. Henrique e dos seus irmãos, registados na História por Inclita Geração.

A ajuda da Inglaterra no quadro da Guerra dos Cem Anos, que então lavrava na Europa e opunha os insulares à aliança franco-castelhana foi importante, mas os soldados enviados por Londres não se foram embora sem antes terem praticado saques em diversas povoações portuguesas, como nos conta Fernão Lopes. Hoje, chamar-lhes-íamos hooligans.

153.3.2. MENTIRA N.º 3 - A INGLATERRA É A NOSSA VELHA ALIADA

Cerca de duzentos anos mais tarde, em 1578, quando outro rei espanhol, Filipe II, se achou também com direito ao trono português, os ingleses voltaram para nos ajudar, mas dessa vez a coisa não correu bem.

Tratou-se de uma força militar enviada pela rainha Isabel I em socorro de D. António, prior do Crato, quando este pretendente ao trono de Portugal se batia contra os exércitos de Filipe II.

A Inglaterra e a Espanha travavam então nos oceanos uma guerra sem quartel.

Essas tropas isabelinas, transportadas numa esquadra comandada pelo famoso corsário Sir Francis Drake, desembarcaram em Peniche, apoderaram-se do forte e, com o duque de Essex à frente, iniciaram a marcha para Lisboa.

Enquanto isso, os ágeis galeões de Drake posicionavam-se diante de Cascais, para bloquearem a barra do Tejo.

À capital portuguesa, já ocupada pelas forças espanholas do duque de Alba, iam chegando, entretanto, notícias acerca do avanço dos aliados ingleses, ou seja, dos "amigos de Peniche".

E não eram nada animadoras, já que os soldados de Essex, verdadeiros hooligans como os seus antepassados de 1385, se dedicavam ao saque das povoações que encontravam pelo caminho: Lourinhã, Torres Vedras, Loures...

Chegados aos arredores de Lisboa, os ingleses, que não traziam artilharia, esbarraram contra uma muralha de fogo espanhola.

Ao que parece, vinham a contar com o levantamento da população alfacinha, o que não aconteceria por receio da feroz repressão dos ocupantes.

E não tardou que os ineficazes aliados do prior do Crato tivessem de retirar, deixando atrás de si uma recordação triste, mas duradoura: a do fraco comportamento dos "amigos de Peniche".

Anos mais tarde, Sir Francis Drake voltaria a Portugal, mas...para bombardear Faro e saquear o Algarve.

Explicação: a união política de Portugal com a Espanha fazia de nós inimigos dos ingleses.

E foi nessa condição, aliás, que navios portugueses participaram, à força, na desastrosa aventura da "Invencível Armada" espanhola, enviada por Filipe II para submeter a Inglaterra, mas desfeiteada nas águas da Mancha por uma tempestade e pela contraofensiva de Drake.

153.3.3. MENTIRA N.º 3 - A INGLATERRA É A NOSSA VELHA ALIADA - NAPOLEÃO E AS GUERRAS MUNDIAIS

Durante as Invasões Francesas, é verdade que Portugal conseguiu manter a independência face aos ambiciosos projetos de Napoleão, graças à atuação do exército britânico de Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington.

Porém, a "ajuda" inglesa não ficou a dever-se à atração dos nossos lindos olhos, mas antes aos cálculos estratégicos da Grã-Bretanha, empenhada numa guerra contra a França e vendo abrir-se-lhe no nosso país um campo de batalha privilegiado.

Depois da derrota de Napoleão, os ingleses permaneceriam aliás alguns anos por cá, como "protetores" e verdadeiros governantes.

Mas a desilusão, para muitos, surgiria em 1890, aquando do célebre Ultimato britânico: Portugal era intimado por Londres, mediante a ameaça velada de retaliação naval, a evacuar o território africano entre Angola e Moçambique (atuais Zâmbia e Zimbabué).

O governo de D. Carlos acedeu, mas a onda de patriotismo com que a generalidade da população portuguesa respondeu à ofensa contribuiu decisivamente para a implantação da República, 20 anos mais tarde.

Não muito depois, Portugal entrou na Primeira Guerra Mundial, por decisão do Partido Democrático de Afonso Costa, a fim de garantir um lugar nas conversações de paz que se seguiriam à esperada vitória aliada.

Os ingleses, porém, franziram o nariz, e só contrafeitos acabaram por aceitar a fraca ajuda do aliado meridional.

Aquí, de certo modo, os papéis inverteram-se, mas já no tempo da Segunda Guerra Mundial a cedência de bases nos Açores seria acordada por interesse da Grã-Bretanha.

Curiosamente, ao discursar a este respeito na Câmara dos Comuns, Winston Churchill invocou...a aliança anglo-portuguesa de 1373.

Por ocasião da Guerra das Malvinas, em 1982, Londres voltou a utilizar os Açores, com o acordo de Portugal.

Hoje, em tempo de União Europeia e de quase cega fidelidade internacional aos EUA, já quase ninguém se lembra da Aliança Luso-Britânica, objetivamente a mais antiga do mundo entre dois estados soberanos, mas que ela continua a existir, isso é verdade.

Simplesmente, desde os seus primórdios, que remontam ao tempo de Aljubarrota, praticamente só tem servido o aliado do Norte.

153.4.1. MENTIRA N.º 4 - SALAZAR GARANTIU A NEUTRALIDADE NA II GUERRA

Diz-se e repete-se que a neutralidade portuguesa na Segunda Guerra Mundial se ficou a dever ao talento político do ditador.

Mas terá sido assim?

E Portugal foi mesmo neutral?

Salazar tinha sido um decisivo aliado de Franco na Guerra Civil Espanhola de 1936-1939, mas, ao rebentar a II Guerra Mundial, neste último ano, interessava-lhe impedir a todo o custo que o ditador espanhol (com quem assinara pouco antes o Pacto Ibérico) entrasse no novo conflito.

Se ele o fizesse, obviamente ao lado da Alemanha de Hitler, arrastaria inevitavelmente Portugal, deixando o nosso país vulnerável tanto à possível ocupação por tropas nazis (ou da Espanha franquista em seu nome) como ao hipotético desembarque dos ingleses, à semelhança do que sucedera 130 anos antes, aquando das Guerras Napoleónicas.

De qualquer forma, o território nacional transformar-se-ia num teatro de guerra.

Quanto ao Estado Novo, ficaria entalado entre dois imperativos de consciência: a fidelidade à aliança britânica, fosse ela o que fosse, e os compromissos com as jovens ditaduras, às quais estava ligado por afinidades ideológicas e interesses de sobrevivência.

A verdade é que, em 1940, Portugal se viu mesmo confrontado com o dilema das fidelidades.

A França já fora invadida pela Wehrmacht e a Inglaterra combatia sozinha contra a Alemanha.

Hitler, que em vão tentara convencer Franco a aderir ao Eixo Roma-Berlim, pensou atravessar com os seus Panzers o território espanhol para atacar Gibraltar por terra, numa intervenção militar que exigiria a ocupação de Portugal.

A Inglaterra mostrou na altura não estar em condições de defender o território luso de uma violação das suas fronteiras terrestres (até porque não era ainda tempo de abrir uma frente de combate na Europa), limitando-se a aconselhar o Governo de Salazar a retirar para os Açores em caso de invasão hitleriana ou franquista, após simular a defesa do território.

Não era, aliás, do interesse de Londres que Lisboa entrasse no conflito ao seu lado, como fizera na I Guerra Mundial, também contrariando os seus desejos.

O Portugal de 1940, de qualquer modo, não era impelido para a guerra junto da "velha aliada" por uma necessidade premente como a da defesa das colónias africanas, que um quarto de século atrás tinham sido objeto de cobiça tanto de britânicos como de alemães.

E Salazar não ignorava que a sobrevivência do seu regime passava por estar nas boas graças de ambos os lados de um confronto de desfecho ainda incerto.

Por sorte, as aventuras guerreiras de Mussolini nos Balcãs, descambando em desaire militar perante a Grécia, voltaram Hitler para um cenário bélico de emergência com que não contava, aliviando providencialmente a pressão na Península Ibérica.

Seguiram-se os compromissos militares da Alemanha contra os ingleses no norte de África e, por fim, a desmesurada invasão da URSS, que se transformaria depois no tórumo do III Reich.

Assim, a invasão de Portugal nunca se concretizaria, embora algumas precauções tenham sido tomadas, como a instalação de peças de artilharia antiaérea em partes centrais de Lisboa.

153.4.2. MENTIRA N.º 4 - SALAZAR GARANTIU A NEUTRALIDADE NA II GUERRA: O TRUNFO DOS AÇORES

Posto de lado o risco de invasão do continente, os Açores revelar-se-iam a parte do território nacional mais disputada, já que a posse de bases aeronaves no arquipélago seria de importância fulcral para ambos os lados em confronto, mas a Alemanha, potência sobretudo continental, não dispunha de meios para o ocupar.

Quanto à Inglaterra, solicitou a Salazar a concessão de bases nas ilhas, o que este começou por rejeitar receando represálias dos alemães, com os quais mantinha um frutuoso diálogo económico que incluía a venda de volfrâmio pago em barras de ouro.

Ciumenta, a Inglaterra, à qual Portugal também fornecia volfrâmio, chegou a esboçar um boicote económico ao nosso país, para desgosto do embaixador Armindo Monteiro, um anglófilo que preconizava a entrada na guerra ao lado dos britânicos, ousadia que lhe valeria a substituição no cargo.

O governo de Churchill, que via em Monteiro um bom substituto de Salazar, chegou a mover cordelinhos para o depor através de um golpe, mas a mudança de atitude do ditador português quanto aos Açores fá-lo-ia recuar.

Resumindo: durante a primeira parte do conflito, até à reviravolta na sorte das armas do outono-inverno de 1942-43, Salazar pôde sem custo gerir uma neutralidade que apregoava rigorosa e que tanto ingleses como alemães gostariam de ver mais colaborante.

Mas ao aperceber-se de que os Aliados tinham todas as probabilidades de vencer respondeu favoravelmente aos pedidos de Londres, e uma base britânica acabou por ser instalada nos Açores.

Ao pedido inglês seguiu-se o americano, e uma vez mais Salazar optou numa primeira instância pela negativa: tolerava a Inglaterra, mas detestava os EUA e desconfiava do papel que uma América convertida em superpotência pudesse vir a desempenhar num mundo talvez futuramente pautado por valores de um liberalismo extremo.

Mas também aqui acabaria por ceder, rendido ao peso das tropas americanas deslocadas para a Europa na contenção do expansionismo soviético para Ocidente.

Amainada a tempestade, Salazar sobreviveu, contra as previsões.

A lógica maniqueísta da Guerra Fria fazia-o alinhar do lado dos "bons" capitalistas contra os "maus" comunistas.

Igual sorte teve Franco, mesmo sem ter cedido bases aos Aliados nem ter encenado, como Salazar, um simulacro de eleições legislativas.

Houve mérito de Salazar na manutenção do estatuto de neutralidade?

O seu único verdadeiro mérito terá sido o de se esforçar por conter a adesão de Franco ao Eixo.

Mas se Portugal não entrou na conflagração foi, primeiro, porque Hitler acabou por não invadir a Península; e, depois, porque a Inglaterra assim o quis.

153.5.1. MENTIRA N.º 5 - OS CASTELOS SÃO DO TEMPO DOS MOUROS

Tinham sido, mas o tempo destruíra-os.

Então, o Estado Novo decidiu reerguê-los como achou que ficavam melhor com muitas ameias bem recortadas.

E fez o mesmo a igrejas medievais.

Antes da década de 40 do século XX, quem percorresse o País quase não encontraria castelos.

Reduzidas as antigas fortalezas medievais a montes de pedras, só a custo se conseguiria divisar aqui ou ali um pedaço de muralha, um vestígio de escadaria ou uma torre arruinada.

Querem ouvir uma história?

Se, num belo dia de 1836, um dos vereadores Vimaraneses tivesse votado de forma diferente numa reunião camarária, o Castelo de Guimarães teria sido demolido e a sua pedra utilizada para calcetar as ruas.

Foi por um só voto que saiu derrotada a proposta apresentada nesse sentido pela Sociedade Patriótica Vimaranesense.

Vá lá, compreende-se: estava ainda bem viva na memória de todos a guerra civil entre os liberais de D. Pedro e os absolutistas de D. Miguel, e o castelo tinha servido de prisão política miguelista...

Mesmo assim, ainda seria demolida a Torre de S. Bento, antes de, em 1881, a fortaleza ter sido classificada como "monumento histórico de primeira classe" e, em 1908, ter ascendido à dignidade de "monumento nacional".

Veio depois o Estado Novo, com toda a encenação que é apanágio dos regimes ditatoriais, ancorados em glórias passadas e palpitações nacionalistas e os castelos foram postos de pé como construções de cartolina.

Em Guimarães, foi a partir de 1937 que se procedeu a obras de intervenção, surgindo aos olhos de todos um harmonioso edifício de torres direitas e ameias certinhas rodeado de árvores frondosas e de extensos relvados.

É esse o castelo que hoje vemos e que podemos visitar, associando-o a D. Afonso Henriques e apodando-o de "berço da nacionalidade".

Mas o castelo de Guimarães não é caso único longe disso.

Também muitos dos lisboetas das últimas três ou quatro gerações, que se habituaram a passear, a meditar e a namorar no Castelo de São Jorge, nem sequer sonham que há pouco mais de meio século aquele suposto testemunho do passado da cidade pura e simplesmente não existia.

Mas a verdade é que as muralhas e torres hoje visíveis foram construídas a partir de 1938, no âmbito do tal programa salazarista de devolução de muitos dos monumentos nacionais a uma desejada pureza original, mas que frequentemente não passou de uma recriação livre dos edifícios ao sabor dos gostos de arquitetos e decoradores.

153.5.2. TIRA CHAPELINHOS, PÔE AMEIAS

E a Sé de Lisboa?

Olhamos para ela, com as suas torres ameadas que mais parecem de castelo do que de igreja, e pensamos: aqui está um edifício com quase dez séculos de idade...

Mas não.

Se a catedral lisboeta, como outras por esse País fora, é realmente de fundação muito antiga, a Sé que os nossos pais ou avós viam não é exatamente a mesma que agora ali se encontra.

O templo foi mandado construir por D. Afonso Henriques logo a seguir à conquista da futura capital de Portugal aos muçulmanos, em 1147, no mesmo local onde se erguia a grande mesquita da cidade.

Naturalmente, ao longo dos tempos a Sé foi recebendo acrescentos e alterações, sempre de acordo com o estilo usado na época da intervenção.

Daí resultou uma mistura de traças, desde o Românico puro dos primeiros tempos até ao Barroco de D. João V, passando pelo Gótico de D. João I.

Até aqui, tudo bem.

O estranho foi quando, há pouco mais de cem anos, se resolveu restituir a Sé à traça primitiva, seja lá isso o que for.

A Idade Média, com as suas tonalidades românticas, inflamava as imaginações.

Aliás, o mesmo tinha sido feito noutros países europeus, a começar pela França, cujas imponentes catedrais haviam sido quase reerguidas na primeira metade do século XIX.

Começou então a dança da Sé alfacinha.

Em séculos passados o templo já tinha possuído uns pináculos cónicos a coroarem-lhe as torres.

Estes "chapéus" caíram com o terramoto de 1755 e as torres passaram então a ser rematadas por uma espécie de parapeitos metálicos.

Era assim a Sé dos finais do século XIX. Resolveu-se às tantas proceder a uma intervenção, e uns remates cónicos voltaram a ser construídos.

Foi essa a Sé que conheceram os jovens da geração de 1910-1920.

O Estado Novo decidiu depois conferir à igreja um ar mais sólido e, para tal, derrubou os pináculos e encheu as torres de ameias, talvez para fazer conjunto com as do Castelo de São Jorge.

O resultado, que é o que ali vemos agora, tem, portanto, menos de um século.

Por isso nos enganamos quando, olhando para os monumentos da Idade Média, pensamos com os nossos botões: ora aqui está uma construção sólida, que resistiu como uma rocha à passagem dos séculos...

153.6.1. MENTIRA N.º 6 - ESTIVEMOS 500 ANOS EM ÁFRICA

Não estivemos.

A nossa presença efetiva nas colónias africanas tal como as entendemos não excedeu algumas décadas. Antes do 25 de abril de 1974 era frequente ouvir-se falar da "presença portuguesa de 500 anos em África".

Segundo a teoria oficial do regime e a ideia feita que já vinha da I República, Portugal teria estado meio milénio no continente africano, e seria para pôr fim a essa longa permanência que os "terroristas", armados por potências estrangeiras, nos moviam guerra "a partir do exterior".

Uma vez que o ensino era orientado, a informação censurada e o debate inexistente, a opinião pública imaginava que Angola e Moçambique "sempre" tinham sido o que eram.

Ora, a efetiva presença portuguesa em África, longe de ter durado 500 anos, não excedera algumas décadas, com especial incidência na primeira metade e nos meados do século XX.

O equivalente à duração temporal dos impérios africanos de outros países europeus: Inglaterra, França, Bélgica, Itália e Alemanha.

É certo que os primeiros contactos do nosso país com as costas africanas remontam ao século XV, e nisso fomos mesmo pioneiros.

Mas o estabelecimento de feitorias costeiras vocacionadas para o tráfico de ouro, marfim e escravos não basta para que se fale de colonização de países ou de povos.

Foi só na segunda metade do século XIX, depois da Conferência de Berlim, que a Europa definiu as regras a serem obedecidas na corrida às riquezas de África.

E a primeira das regras a cumprir para que um país europeu pudesse reivindicar direitos a um território africano consistia na sua ocupação efetiva.

E foi assim que, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, Portugal se envolveu em grandes guerras em África.

Chamava-se-lhes "de pacificação".

A mais popular delas foi a que culminou na destruição do Império Vátua do sul moçambicano e na prisão do seu soberano, Gungunhana, num raide comandado pelo capitão Mouzinho de Albuquerque.

Passou-se isso em 1895, e seguiram-se muitas outras campanhas, quer em Moçambique quer em Angola, até 1940.

Portanto, só nas décadas de 40 e 50 do século XX é que a África "portuguesa" adquiriu os contornos que muitos ainda conhecemos: habitada por centenas de milhares de compatriotas nossos.

Já agora: a grande importância histórica de Portugal está relacionada, não com a colonização africana, mas com a abertura da rota marítima para a Índia e para os países asiáticos mais além.

Inaugurámos os contactos e as trocas entre o Ocidente e o Oriente.

Quanto à maior obra portuguesa no mundo, terá sido a criação do Brasil tal como ele hoje existe, e que, preconceitos à parte e encarado com objetividade, é mesmo "um imenso Portugal."

153.7.1. MENTIRA N.º 7 - SOMOS UM PAÍS MUITO PEQUENO

Grandes não seremos, mas a imagem forçada da pequenez nacional tem sido usada pelos governantes como desculpa para a má gestão crónica.

Se compararmos a superfície de Portugal com as dos outros Estados da Europa (incluindo aqueles que se estendem para a Ásia), verificaremos que Portugal ocupa a 23.ª posição numa lista de 53 países.

Trata-se, portanto, de um território de dimensão média, equivalente por exemplo à Hungria.

A que se deve então o equívoco tão entranhado de que o nosso país é minúsculo?

Provavelmente, ao facto de os vizinhos mais próximos serem francamente maiores, a começar pela Espanha, que tem cinco vezes e meia a nossa área.

A França é ainda um pouco maior do que esta, e o Reino Unido, a Alemanha ou a Itália também não são nada pequenos.

No entanto, ultrapassada esta barreira, verificamos que tanto a próspera Suíça como a bem organizada Holanda são menores do que Portugal, o mesmo sucedendo com a Bélgica, a Áustria, a Dinamarca, a República Checa, a Irlanda, a Sérvia, a Croácia, a Bósnia, a Macedónia, a Estónia, a Letónia ou a Lituânia.

Para já não falar dos Estados reconhecidamente pequenos, como o Luxemburgo, o Chipre, Andorra ou as ilhas Faroé, nem dos minúsculos Mónaco, Malta, Liechtenstein, São Marino e Vaticano.

Quanto à população, Portugal ocupa o 14.º lugar entre os países exclusivamente europeus, e a sua média de habitantes por quilómetro quadrado é a 26.ª da lista.

Portanto, seja qual for o critério a que se obedeça, a conclusão a que se chega é sempre a mesma: o nosso é um país europeu médio.

Para a construção da imagem mental podem também ter contribuído a vastidão do Brasil e a largueza de Angola e de Moçambique, territórios a que estamos histórica e afetivamente ligados.

Simultaneamente, esquece-se que o Brasil, à semelhança daquelas colónias africanas, já nos pertenceu (embora em época diferente) e que um dos elementos da propaganda salazarista chegou a ser exatamente uma suposta vastidão geográfica de Portugal.

Muitos de nós lembramo-nos ainda bem do mapa da Europa com as colónias portuguesas sobrepostas e a legenda "Portugal não é um país pequeno" (e que se reproduz abaixo).

Mas porquê a habitual insistência numa suposta pequenez?

Só pode haver uma explicação: país pequeno deixa subentender escassez de recursos, logo serve de desculpa à falta de iniciativa dos cidadãos e a inépcia governativa.

Iniciativa nunca houve verdadeiramente, num país tradicionalmente governado em "cadeia de comando", à maneira de um quartel, com o comum dos cidadãos a designar por "eles" os que seguram o leme do barco.

Ao admitirmos este fatalismo, que funciona como uma espécie de pecado original a que seríamos alheios, fazemos por esquecer que existem países mais pequenos do que Portugal e francamente mais bem-sucedidos como são, para não ir mais longe, os casos da Suíça ou da Holanda.

É oportuno recordar que a própria Inglaterra (sem a Escócia, Gales e a Irlanda do Norte) tem apenas mais um terço, se tanto, da área portuguesa.

Sim, é certo que a sua população corresponde ao quádruplo da nossa e que o seu território é rico em ferro, carvão e petróleo, mas a estas vantagens inegáveis pode ser contraposta a agrura do clima e a relativa pobreza agrícola do solo.

De qualquer modo, nenhuma ideia feita resiste à comparação com a Holanda, um país fisicamente "inexistente", quase inteiramente fabricado pelo Homem sobre pântanos, sob um céu escuro como breu. Pequenos, nós?

Sim, de facto, mas por opção...

Publicada por Antonio Garrochinho à(s) 17:44 19 nov 2015

<http://desenvolturasedesacatos.blogspot.pt/2015/11/as-grandes-mentiras-da-historia-de.html?spref=fb>



Ao divulgar este artigo não queremos menosprezar nem diminuir a relevância do país, mas apenas colocá-lo no seu verdadeiro contexto, empobrecido pelos “melhoramentos” que a história oficial sempre acrescenta a todas as narrativas e desmitificar alguns dos lugares-comuns que se propagam.

154. 154. CRÓNICA 154, É NATAL OUTRA VEZ 2015, dezembro 2015.

Uma das grandes vantagens de se estar a envelhecer é que a noção de tempo adquire nova dimensão, ou seja, há mais de uma década que parece que o tempo anda mais depressa, por vezes quase que voa...os dias sucedem-se a um ritmo avassalador...os jovens infantes com quem andamos ao colo ainda não há muito tempo já nos mostram os seus filhos, e de repente em volta de nós, todos têm netos. Já me explicaram isto de uma forma sucinta que até entendi.

Ou seja, quando somos jovens o tempo é lento, pois, segundo a ordem natural das coisas ainda temos muita vida a nossa frente e, portanto, cada unidade (dia) parece demorar uma eternidade pois é uma fração enorme da vida vivida, mas uma pequena fração do que há para viver. Na velhice é o oposto, o tempo é rápido pois cada unidade é uma fração pequena do que já vivemos e mais pequena ainda do que nos falta viver...por isso a todos aconselho vivam cada dia como se fosse o último e não deixem nada por fazer, não deixem nada por dizer.

O ano de 2015 foi muito mau em termos gerais, quer pela saúde, minha e da companheira das últimas décadas, quer pela dificuldade de sobrevivência vivida, dia após dia, quer pela falta de paciência e tolerância por um mundo que nos é, cada vez mais, estranho e alienígena. A pequena trombose que me avisou sobre a minha fragilidade humana, em

março, veio alertar-me para uma durabilidade como um fator extremamente aleatório e independente da minha vontade e capacidade intelectual. E quando ainda temos tanto para fazer e para dizer essa constatação é uma pesada e ameaçadora espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças como os comprimidos ao pequeno-almoço, almoço e jantar insistem em nos mostrar.

Por outro lado 2015 teve tanta guerra, tanta desgraça humana, tanta miséria que nos fazem lembrar tempos idos e não-vividos que nos antecederam e deram lugar a duas guerras mundiais. Por isso, continuo a achar hipócritas estes votos coloridos, que enchem as páginas do correio eletrónico e o Facebook, pois para mim jamais serão dias festivos de natal enquanto almas gémeas continuarem a morrer à míngua ou em busca de um lugar no mundo e não uma morte por afogamento no ar mediterrâneo, ou atingidas por um qualquer grupo de extermínio DAESH ou similar.

A violência atinge paroxismos já esquecidos, a vida humana tem cada vez menos valor, as falcatruas descaradas sucedem-se, a desgovernação, a mentira propagandeada diariamente pela TV e jornais envenena as mentes, a manipulação das massas e das ideias contamina as futuras gerações. No meio deste deserto com vozes onde sempre vivi, germinam, porém, algumas flores silvestres e tímidas, carentes de água, mas resilientes, habito ainda suave utopia da poesia que sempre me governou e serve de desculpa para justificar a minha existência, e tu, meu amigo ou amiga, que me estás a ler se já não consegues vislumbrar essa utopia e esperança jamais terás natal. Não invejo os teus bens e conquistas materiais, legítima ou ilegitimamente conquistados, com que te ufanas na varanda dos dias, não cobicho nem desejo o paradigma de vida que escolheste, esses fogos-fátuos de vaidade, ostentação e prosápia com que te vestes e dás a esmola caridosa aos pobres que te cercam.

Dado que não posso regressar à minha mátria Bragança, persistirei a viver neste bucolismo açoriano que me cativou com as suas letras e escritores e escritoras pois sei que a mim ainda é legítimo continuar a sonhar e a viver utopias enquanto o mundo, lá fora, se desmorona como os icebergues. Se pertences a essa elite (na qual me incluo) és bem-vindo / a na minha modesta casa rural para partilhares sonhos e utopias, se não pertences a esse grupo (mais exclusivo que o clube Bilderberg) goza o teu natal consumista nas lojas da especialidade e fica bem longe. Um natal para todos é o que vos desejo. 20 dez 2015

155. 155. CRÓNICA 155, SNOBISMOS CULTURAIS 30 nov 2015

Lido na internet:

1. O cúmulo do snobismo é falar de Mozart sem jamais ter visto um dos seus quadros (gente culta que obviamente visita museus).
2. Mas há quem garanta que perguntar o resultado Toulouse - Lautrec em futebol podia ser pior. (gente que obviamente tem uma mente voltada para a prática desportiva).
3. Consta que havia recentemente um ministro português que adorava os concertos de violoncelo de Chopin. (gente que obviamente anda com os solfejos trocados).
4. Há quem saiba que Picasso é um modelo de automóvel de edição limitada... (gente que obviamente tem uma propensão para as marcas desportivas de automóveis)
5. Conselheiro da cultura da Junta Da Galiza, o sr. Pérez Varela disse em tempos "o melhor concerto da minha vida foi o de Carmina Burana, que es una de las buenas cantantes de este país, con la Orquesta Sinfónica de Galicia" (gente que obviamente vai muito à ópera)
6. "Sara Mago, una excelente pintora" (Ex-Ministra de Educación y Cultura, Esperanza Aguirre refiriéndose al Premio Nóbel de Literatura José Saramago. Feria del Libro. Mayo 1997) (gente que obviamente passa o tempo em galerias de arte)

Agora algumas de estudantes universitários em Lisboa... (in Revista Sábado)

7. Quem escreveu os Maias? Ah! Não me lembro, mas morreu há pouco tempo, Manoel de Oliveira (gente que obviamente frequenta os poucos cinemas que ainda existem)
8. Quem é Manoel de Oliveira? Um escritor (gente que obviamente frequenta imensas livrarias)
9. Qual é o símbolo químico da água? Ph...Ph ZERO
10. Quem pintou a Mona Lisa? Miguel Ângelo? Picasso?
11. Qual é a capital dos EUA? Inglaterra...Califórnia...Nova Iorque...
12. Quem era o Padrinho? Capone...Orlando? Marlon Brando
13. Quem é a chanceler alemã? Mel, não é Mel Gibson...
14. Quem pintou o teto da Capela Sistina? Miguel Arcanjo (gente que obviamente frequenta muito a igreja)
15. Quem escreveu O Evangelho segundo Jesus Cristo? Não sou católica...não me dou muito bem com a literatura antiga...Moisés?...
16. E alguém conhecia alguém na posse de todos (mesmo todos!) os discos do James Dean
17. Diga o nome dum famoso escritor português. Victor Hugo! (gente que obviamente compra muitos livros pelo colorido das suas capas)
18. E havia ainda alguém que conhecia outrem que tinha todos os discos do James Dean... (gente que obviamente é adepta dos discos de vinil)

156. 156. CRÓNICA 156. A EUROPA NUA 27/1/2016

O ano açoriano começou como tinha acabado com avisos da meteorologia, chuvas, ventos ciclónicos e inundações, desabamentos.... Tivemos a visita anormal de um ciclone, furação ou tufão Alex (conforme a latitude a que nos lê) que fez muitos estragos e causou duas mortes. Depois disso, em 26 dias houve 26 alertas da Proteção Civil. Tem chovido o suficiente para dizer basta. A saúde da minha cara-metade finalmente começou a ceder com tanta humidade e chuva e teve de ficar mais uma semana em casa de baixa. A impotência perante as tempestades e perante a falta de saúde atrasam a normalidade da vida e dos sonhos que nos permitem continuar vivos.

Nem mesmo me animou a eleição de um novo Presidente da República (Marcelo Rebelo de Sousa ou Marcelo II, filho de um ministro colonial do fascismo, comentador de tudo e de nada nas televisões, e afilhado do Dom Marcelo I (Marcelo Caetano, o da primavera política que falhou antes do 25 de abril). Como bom presidente eleito saiu de casa no primeiro dia com a TV às costas, mas cometeu mais que uma infração rodoviária: sem cinto de segurança no carro e parou a viatura à porta do café num lugar para deficientes. Bom exemplo para começar... A abstenção foi a grande vencedora em especial nos Açores (67%) a quem os presidentes e as repúblicas pouco ou nada dizem, pois reportam-se a um país a que ainda estamos ligados ma non troppo. Resumidamente Marcelo II teve 2 400 000 votos, ou seja, foi eleito por cerca de 25% dos portugueses... aqui na Lomba da Maia os resultados foram estes:

Nome	% Votos	Votos
Marcelo R. Sousa	59.38 %	193
Sampaio Da Nóvoa	17.23 %	56
Marisa Matias	8.31 %	27
Maria De Belém	7.08 %	23
Vitorino Silva	2.46 %	8

Nome	% Votos	Votos
Paulo De Morais	2.15 %	7
Edgar Silva	1.54 %	5
Henrique Neto	1.23 %	4
Jorge Sequeira	0.31 %	1
Cândido Ferreira	0.31 %	1
Branços	0.61 %	2
Nulos	0.61 %	2
Abstenção	68.49 %	715

Nada que preocupe o dia a dia destes vizinhos vaqueiros e demais habitantes da pacata freguesia.

Na Alemanha e noutros locais como na Suécia (assassinato de uma trabalhadora social) pelos refugiados verificaram-se cenas de violência, violações e quejandos, a fazer temer pelo pior esta integração forçada de refugiados islâmicos (alguns serão, outros não) numa Europa sem ideias em vias de desintegração rápida.

O novo governo de coligação parlamentar de António Costa continuou a desmontar alguns dos excessos da austeridade do anterior governo e a suspirar por milagres económicos de que necessita para prosseguir o cumprimento das promessas.

No futebol, as broncas do costume acrescidas da notícia de que a segunda liga profissional tinha sido vendida aos chineses que em troca querem um jogador chinês em cada uma das dez equipas de topo da segunda liga. Abstenho-me de comentar, pois corro o risco de ser vendido aos chineses... notícia falsa, obviamente.

Numa comissão de inquérito parlamentar açoriano ao acidente que vitimou uma pessoa no Pico quando um cabeço de amarração se desfez, velho e apodrecido, e matou um passageiro, concluiu-se (onde está a novidade?) que a culpa tem sempre de morrer solteira como convém a uma culpa de recato e de bons costumes. Entretanto a lavoura tonitruante continua a exigir mais e mais apoios, subsídios e sabe-se lá que mais, enquanto os desgraçados dos pescadores incapazes de saírem para a faina pela inclemência dos elementos continuam sem receber as migalhas que o governo demora a aprovar para lhes mitigar a fome. O fim das quotas leiteiras serviu para se ganharem mais uns milhões em subsídios... tudo vai bem neste país de faz de conta e os açorianos contentados, como sempre estiveram pelo jugo feudal a que a história os habituou, passam ao lado das tendências autonomistas da Catalunha, da Escócia e de quejandos.

Já nos EUA um homem de penteado (e o resto?) duvidoso continua a semear ódio na sua esperança de vir a ser presidente da nação que já comandou o mundo, e hoje se limita a golpes de estado, invasões, atentados, e outras proezas de que o futuro dará conta, enquanto o seu velho rival russo numa manobra de hegemonia mundial se alia à China e marca pontos no xadrez internacional, de acordo com os seus interesses económicos e geoestratégicos. Por isso a base das Lajes na Terceira perdeu o interesse para os EUA que a vão abandonando e deixando milhares de pessoas na penúria depois de 60 anos a viverem à custa da ocupação militar americana da base que protegia a velha Fortaleza Europa. Já na Austrália os líderes estaduais pedem para o meu país se tornar numa república...será desta? Há mais de 30 anos que sonhamos com isso.

in dn: Roma de joelhos

Encaixotadas, retiradas, tapadas. Faz de conta que nunca houve venus capitolina, eros com arco ou leda e o cisne. Os museus capitolinos, em roma, autocensuraram-se para matteo renzi, o primeiro-ministro italiano receber o presidente do irão, hassan rouhani, e a sua lista de compras no valor de 17 mil milhões de euros. Escapou o imperador marco aurélio a cavalo num animal com tudo à mostra, evidentemente, mas ainda assim, houve o cuidado de situar o chefe do estado iraniano não de frente para as partes, como inicialmente previsto, mas de lado. Uma capitulação, escreve andré macedo no editorial de hoje e ferreira fernandes pergunta no dn: e o sexo de cavalo à mostra ofende?

pessoalmente eu preferia isto:



O líder iraniano aterrou em Itália com um cheque de cem biliões para injetar na economia decrépita e a Europa capitulou como raramente se viu. Comento eu que uma Europa de calças na mão, sem espinha nem coragem nem moral a ceder, antes de ser dizimada pelos que aí virão. Bom exemplo de que é uma questão de tempo até "eles" tomarem conta de nós...desculpem se fui meigo. O sonho europeu dos anos 50 esvaneceu-se substituído por tecnocratas e burocratas vendidos ao vil metal que baixam as calças para terem petróleo barato do Irão... Falta de hortícolas e hoje em dia "los cojones" como se sabe são um bem raro que não se dá de manufatura doméstica, nem se cultiva, nem se produz, nem em estufa...

Nota de interesse do autor: fui um dos muitos responsáveis pela definição ao mínimo pormenor da política multicultural na Austrália e sua aplicação na Função Pública. Mas o respeito pelas culturas tem de ser mútuo e não unívoco como agora se vê... Eu faria isso se eles lá tivessem igrejas e fizessem o mesmo...como não fazem...

157. 157. CRÓNICA 157/2016, DA PAZ QUE VIVO E DAS IMBECILIDADES QUE NOS RODEIAM (mais uma crónica dedicada ao JOSÉ ANTº SALCEDO) 27/2/16

Ontem o meu amigo José António Salcedo, entre centenas de pessoas, umas anónimas, outras desconhecidas, peroravam contra a imbecilidade de um cartaz do Bloco de Esquerda chamado *Jesus teve dois pais...* não valia a pena incomodarem-se que a imbecilidade não é apanágio de um só grupo ou dos políticos em geral, é transversal a toda a sociedade. Hoje, acordei ainda incomodado por outros se afligirem com coisas como estas, que a mim, há muito passam ao largo, e ignoro totalmente, pois desmerecem uns segundos que sejam apenas da minha atenção e preocupação.

Enquanto ele tem o seu refúgio terreno no Gerês, eu estou nas nove ilhas da Atlântida, ele sonha com novas aplicações para os seus lasers e fibras óticas enquanto eu perseverantemente porfio em levar mais longe o debate, a defesa e a divulgação da língua, literatura (e outras coisas que não interessam a ninguém) através dos Colóquios da Lusofonia. Ele fotografa o mundo como o vê, eu escrevo o que sinto e vejo. Temos uma ética diferente da maioria das pessoas e somos profundamente avessos a "ismos" de qualquer tipo, especialmente os fundamentalismos e totalitarismos, por isso não nos chateamos com imbecilidades e concentramo-nos em agradecer estarmos vivos e aqui...

Não sendo católico, nada tendo a favor ou contra Jesus, impérvio ao facto de ter tido dois pais, duas mães ou nem por isso, há coisas que me assustam mais e nada têm a ver com o domínio global da banca nem com o crescimento da economia da Irlanda ou da Islândia. Menos ainda com a crise do sucesso de Macau. Fosse eu crente e estaria a dar graças (ou garças) a Deus, a Alá ou a uma qualquer mãe-natureza por estar vivo e ter nascido aqui e viver acolá. Com efeito, nunca me canso de agradecer não ter nascido no Afeganistão, na Coreia do Norte, na Nigéria, no Mali, no Paquistão, Bangladeche, Irian Jaya (Papua Ocidental

sob ocupação indonésia desde 1962), no Líbano, Iraque, Irão, na Caxemira, na ainda ilegal República Sarauí, República do Congo, Chade, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Ruanda, Burundi, Quênia, Uganda, Somália, Etiópia, Sudão, Líbia, Síria, Egito, Eritreia, Camboja, Birmânia (Myanmar), Chechénia, na maioria dos países da América Central, Latina ou da América do sul, México, Albânia, Hungria, países balcânicos, países da ex-União Soviética, como a Ucrânia, Crimeia e países terminados em “tão” (Turquemenistão, Tajiquistão, etc.) num total de 151 países atualmente em guerra....

São tantos e tão diversos, uns em guerras recentes, outros há décadas, sem paz nem futuro nem presente e eu aqui nos Açores a queixar-me de quê? Da humidade? Dito isto, alguém na sua perfeita sanidade tem coragem de se queixar de imbecilidades mesquinhas e de políticos? Creio bem que não, vejamos as coisas pelo lado positivo, pertencemos eu, o meu interlocutor e alguns mais a uma pequeníssima elite de seres pensantes, com opinião e inteligência para formar a sua própria opinião, divergindo de muito mais do que 90% da população portuguesa que nos rodeia e dos que nos comandam o dia-a-dia...

Conseguimos ser indivíduos e individualistas, mesmo integrados em esquemas coletivos e de solidariedade, sonhamos com altos voos para nós e para os nossos que não se comprazem com a mesquinhez e a mediocridade do meio ambiente onde estamos inseridos.

158. 158. CRÓNICA 158. PROTESTO DE UM CIDADÃO DA Lomba da Maia S MIGUEL AÇORES

Publicado a 10/03/2016

Lomba da Maia, março 2016

Ex.mo Senhor Diretor

Terá de morrer alguém numa derrocada na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá de haver uma derrocada catastrófica na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá a cor política da Junta de Freguesia e da Câmara algo a ver com os “estudos” que alegadamente estão a ser feitos para haver obras na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel?

A estrada ficou cortada depois das derrocadas de dezembro 2015, com enormes inconvenientes para centenas de moradores da costa norte.

Os transportes privados, os públicos, incluindo os transportes escolares, fazem desvios morosos por Calços da Maia, Gorreana e São Brás em estradas que não foram feitas para tal movimento e depois de meses de a estrada ter estado cortada à circulação entre a Lombinha e a Maia, nem um só trabalhador apareceu no horizonte num dos troços mais perigosos das estradas públicas regionais na costa norte.

Está em estudo, ao que dizem, a intervenção camarária e os transportes pesados estão proibidos de acederem aquele ramal, enquanto os ligeiros que por ali passam correm riscos enormes e desnecessários. A falta de sedimentação das perigosas arribas

após as derrocadas de dezembro pode nem precisar de mais chuvadas para causar novo desmoronamento...

Porque esperam então as entidades responsáveis para fazerem obras que há muito se impunham?

Se houver uma tragédia, do dia para a noite surgirão máquinas, trabalhadores e estudos?

Aqui deixo a pergunta a quem de direito como cidadão residente na costa norte a quem foi coartado o acesso direto entre a Lombinha e a Maia.

Ao fim de três meses continuo à espera do início das obras céleres para darem segurança aquele troço bem movimentado da estrada.

Com os melhores cumprimentos

CC

159. 159. CRÓNICA 159 QUANDO AS PALAVRAS SE ACABARAM, abril 2016

A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de dez anos.

Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito ou conheço nova ilha - enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?

A partir de 2006 comecei a traduzir autores açorianos e publiquei dois volumes da "CHRÓNICA AÇORES: uma Circum-navegação, de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, " cronicando as minhas viagens em volta do mundo.

Organizo desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia e sou atualmente o Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos, que divulgam obras de autores açorianos e livremente acessíveis em linha (<https://www.lusofonias.net/acoriedade/cadernos-acorianos-suplementos.html>)

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago?

É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em A Narcose, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

É preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroiços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim, meditar em frente ao ilhéu do Topo, extasiar-se no Caldeirão do Corvo e deleitar-se com as águas que em cascata pontilham as Flores...

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, rever a Traceira de Jasus de Álamo Oliveira, visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas de Daniel de Sá.

A estes nomes aleatórios há muitos outros a acrescentar de autores açorianos que não só merecem ser lidos, como deveriam constar

Por isso, em tempos, escrevi

Que Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da ilha do Pico.

Escreveu como se da janela da sua "Cabana do Pai Tomás" no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras

Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos.

Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano.

É disso que os meus livros falam. E continuo a citar:

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

Não sendo das Bermudas este triângulo, isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele.

Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava.

Sinto o sortilégio.

O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Há cinco anos que não visitava a ilha mágica, o Pico magnético que me atrai e seduz.

Um dos primeiros locais que quis visitar foi a casa de José Dias de Melo no Alto da Rocha do Canto da Baía. Aí perdi as palavras, as silvas retomaram posse de terrenos em tempos bem tratados e cuidados, a portinhola de madeira, na entrada, estalhaçada com as ripas no chão.

As pedras soltas do caminho de acesso à casa, o abandono total à espera de uma decadência que a casa não merecia por mais pobre humilde que sejam as suas origens e as do seu habitante mais celebrado e ora esquecido.

Foi há apenas cinco dias que as palavras se me acabaram.

Foram-se. Esgotadas. Caladas.

Silentes como o breu da noite.

Arrebatadas por alguma força alienígena que não entendo.

Sempre disse que um povo que não respeita a sua história e os seus vultos acabará, mais cedo ou mais tarde, como povo e dele restará um punhado de notas para a História.

Tentei saber o porquê do abandono, falei-me de disputas entre herdeiros e editores.

Não quis saber então, e muito menos quero agora.

Há desculpas que a gente não engole.

Até podem ser reais ou legais ou mesmo morais, mas nem por isso se tornam mais aceitáveis, palatáveis.

Um dos mais ricos patrimónios, ainda mal explorado, dos Açores é a sua riqueza literária.

Há anos que venho pugnando e propondo a autarquias e entidades várias, a criação de roteiros culturais locais, para se celebrar a memória de autores e de suas obras, os seus passos terrenos, os locais onde nasceram e viveram, onde escreveram, onde sofreram e sonharam.

Os passos que davam nas suas caminhadas diárias, as paisagens que os inspirava, os sons e os cheiros que rodeavam o seu meio-ambiente.

Fiquei imensamente triste, pensei que ia encontrar a casa aberta ao público, como espaço museológico, com um guia habilitado, a falar-nos das suas lutas, da sua escrita e vim a encontrar estas imagens que me compungem.

Estas palavras que me abandonaram servem apenas para lançar um apelo pungente aos herdeiros do escritor para que honrem a sua memória e não deixem morrer a casa que bem serviria para contar as suas histórias de baleeiros.

Há bens imateriais que se deviam sobrepor a quaisquer vantagens materiais desta propriedade a caminho da ruína. Sei que a memória do homem e da sua obra podem ser dignificados e acredito que o serão, para preservar este cantinho de um autor que soube sempre honrar o Pico natal. É este Pico que amo e quero ver enaltecido, em vez de entregue às silvas e ervas daninhas que nunca quebraram nem amedrontaram o escritor dos baleeiros.



A contrastar a autarquia asfaltara o pequeno caminho de acesso, outrora irregular e em gravilha solta. Este o aspeto degradado a que deixaram chegar a casa a contrastar com aquele que tinha em 2009, um ano após a sua morte.



2016



2009

Da última vez que aqui estive na ilha em 2011, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho.

Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de "pedir emprestada" a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando.

A viagem não teria destino.

Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros.

Não se cobriam bilhetes.

Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam.

Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termino dizendo que a magia da ilha, que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar, merece que a casa de José Dias de Melo seja mantida e aberta ao público em geral e aos fiéis como eu que ali peregrino sempre que vou ao Pico (Calheta de Nesquim) ...

160. 160. CRÓNICA 160 BRASIL, 18 abril 2016

Desde 11 setembro 1973 quando, os EUA com a ajuda de Pinochet, suicidaram Salvador Allende, outro momento bem triste da luta democrática surgiu a 17 abril 2016 quando o processo de destituição da Presidente Dilma Roussef do Brasil foi aprovado.

A juntar a isto, a vergonha da crise dos refugiados na Europa que não pode ser descrita por palavras e muito menos adjetivada. Sou dos poucos que ainda acredito que as pessoas eleitas devem ser destituídas nas urnas. Sou dos poucos que ainda acredito que a justiça deve ser isenta e seguir o seu curso.

Não creio em manifestações de rua, em levantamentos populares ou na palhaçada parlamentar que ontem ocorreu em Brasília, quando a maior parte dos votantes estava já indiciado por um ou mais crimes de corrupção e a deposta não é indiciada nem por um...

Claro que, com esta destituição, vão todos ficar "limpinhos" como as consciências que não têm. E por falar em democraticamente eleito. FHC (Fernando Henrique Cardoso) foi eleito democraticamente, Itamar Franco foi eleito democraticamente, Collor foi eleito democraticamente, até Hitler foi eleito democraticamente.

Mas ainda não consegui entender como é que centenas de corruptos, democraticamente eleitos para a Câmara dos Deputados (votaram 367 a favor da destituição, mais do que os 342 necessários), podem falar em lutar contra a corrupção? Raramente vi uma luta de classes tão mal dissimulada como esta.

Falta agora o Senado sancionar (54 votos) o afastamento de Dilma, e a luta intestina que paralisa o Brasil, há meses, irá continuar com os Jogos Olímpicos à porta...

Quem vai perder, (já não falo da situação económica) são as minorias, os negros, os sem terra e todos aqueles que na última década começaram a "existir" no Brasil para pesar daqueles que ora orquestraram o golpe. Mais um dia de tentativa de golpe no bananal brasileiro.

Como em 1932, a elite vai em busca do poder perdido. Depois do golpe mediático-civil-militar, o golpe mediático-empresarial-judicial. De onde vem o golpe? Da união de esforços

de políticos fisiológicos, de partidos oportunistas, de jornalistas arrivistas, de uma mídia grosseiramente conservadora e de juristas militantes.

Só no Brasil o supremo tribunal permite que um réu por corrupção conduza o processo de destituição do primeiro mandatário da nação. Eduardo Cunha, o réu, com fartura de provas, articula o derrube da presidente sobre a qual não pesa qualquer investigação de ilicitude.

Até ao século XIX, o direito serviu de ideologia da escravidão. Hoje, serve de ideologia do golpe como impeachment.

Assustador é o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) lembrar os militares de 1964 e o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante do DOI-Codi (polícia política e de tortura generalizada) entre 1970 e 1974 antes de votar. Ele foi o TORTURADOR de Dilma na ditadura.

A melhor descrição do circo de ontem em Brasília foi esta: uma piscina cheia de ratos. Os promotores do impeachment eram quase todos detentores de contas na Suíça, offshores no Panamá e recebiam "propina" (luvas) da Odebrecht... um outro fator a ter em conta: Projeto de Renan Calheiros e José Serra extingue "regime de partilha" e afasta Petrobrás.

Medida provocaria exploração predatória, em benefício de transnacionais petroleiras, não sei se entenderam bem que estamos aqui a falar de petróleo.

Quantas revoluções no mundo, quantas invasões, quantos crimes não foram feitos por causa do maldito ouro negro?

Tal como no Chile em 1973, este golpe da classe média branca vai fazer retroceder o Brasil e representa uma enorme vitória dos EUA contra o poder do bloco BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) que deixou de negociar em dólares e ameaçava limitar ainda o imperialismo norte-americano.

Como o fosso era já enorme entre os ricos e os outros, esse fosso vai agora aumentar, com iniquidades, injustiças, atropelos ainda maiores dos que já nos habituara a ditadura brasileira das décadas de 1964 a 1985.

Dizem que seis brasileiros possuem a mesma riqueza que a metade mais pobre do Brasil. Os patrões vão comemorar. Não vai ser fácil para o trabalhador. Os estudantes pobres e negros que nos últimos anos finalmente começaram a ter mestrados e doutoramentos vão voltar para as favelas sem mais estudos. Como escrevia hoje Carlos Albino

"Não quero imaginar um macro parlamento lusófono com esta gente do Brasil, outra de Angola, ainda outra de Moçambique, etc., a que se juntariam por certo os excelentes parlamentares da Guiné-Equatorial.

Não quero imaginar como da minha língua se poderia ver o mar da palha."

Agora na fase que se segue para destituição: No Senado são duas votações: a primeira é pela admissibilidade do processo, precisando de votação simples, metade + 1 dos votos dos presentes.

A segunda votação é a decisiva, precisando de 2/3 dos votos, ou seja, 54 votos e será sob a direção do presidente do STF. Vejam o que diz o senador Paulo Paim (PT-RS) com 13 anos de Senado:

" Não acredito que o impeachment passe na Câmara dos Deputados, mas faço um alerta aos navegantes. Estou há 13 anos no Senado e nesse tempo todo ninguém conseguiu 2/3 dos votos, a não ser por acordo.

No Senado Federal o impeachment não passará.

Quem fizer um acordo oportunista dançará!

Quem viver verá"

Senador Paulo Paim

E repasso a pergunta “Uma dúvida: o “tchau querida” se refere à Dilma ou à democracia? Ou a ambas?” disto tudo vai resultar um Brasil mais dividido e polarizado, mais incapaz de se sobreviver aos desafios que a crise económica global lhe impõe.

Uma democracia mais pobre e ineficaz.

A ditadura está ao virar da esquina.

Tal como em 1939, está em todas as esquinas da velha Europa ao novo mundo.

161. 161. CRÓNICA 161 A LUSOFONIA REGRESSOU A TRÁS-OS-MONTES, abril 2016

Depois do sucesso de várias edições dos colóquios da lusofonia em Bragança (2002 a 2010), andamos por outras paragens [Seia, Fundão, Açores (Ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza] e finalmente surgiu a oportunidade de regressarmos a Trás-os-Montes.

Regressamos a estas nossas terras transmontanas com o patrocínio da Câmara Municipal de Montalegre, e amplo apoio do EcoMuseu do Barroso, UTAD, Tertúlia João Araújo Correia, da SATA, Governo Regional dos Açores (Secretaria Regional da Cultura, Secretaria Regional de Turismo, Direção Regional do Ambiente e Mar, logomarca Açores certificado pela Natureza, Geoparque Açores), AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), Embaixador Anacoreta Correia da CPLP e Observatório da Língua Portuguesa, Embaixada da República Democrática de Timor-Leste em Lisboa.

Temerosos pelo frio que se fizera sentir no mês transato e pelo forte nevão ocorrido uma semana antes, arribamos a esta fria terra nas faldas do Larouco, e cedo nos apercebemos do calor das gentes da terra, da sua agradável hospitalidade, bonomia, simplicidade, sinceridade e inextinguível acolhimento que nos haveria de acompanhar ao longo de seis extenuantes dias de colóquio com quase cinco dezenas de oradores e mais de oitenta participantes, culminando na noite de dia 24 de abril em que muitas centenas se apinharam no Pavilhão Multiusos para celebrar o 25 de abril.

Como é nosso hábito começaremos por fazer uma curta resenha histórica do local onde nos encontramos, seguindo a própria descrição que a nossa parceira, Câmara Municipal de Montalegre tem na sua página:

Há 4 mil anos, os nossos antepassados ergueram aqui monumentos funerários como as antas da Mourela e da Veiga ou as cistas²³⁴ da Vila da Ponte, o que prova que Montalegre já era povoada na Idade dos metais. Depois, os Celtas erguem tantos castros quantas as povoações do concelho.

Os romanos atravessam a região com uma via imperial e pontes, e romanizam alguns castros.

Existem vestígios de cidades romanas como Praesidium (em Vila da Ponte, hoje denominada Sabaraz) e Caladunum (Cervos). Dos Mouros não há indícios documentais da sua presença, exceto a tradição oral que lhes atribui tudo quanto de extraordinário e antiquíssimo existe.

D. Afonso Henriques doou terras ou coutos onde floresceram albergarias (Salto), hospitais (Vilar de Perdizes e Dornelas) ou mosteiros (Pitões).

Como fronteira com o reino da Galiza, são erguidos os castelos de Gerês e Piconha e mais tarde os do Portelo e de Montalegre.

São atribuídos forais a Tourém, provavelmente por D. Sancho I em 1187. Só em 1273 é que D. Afonso III, em carta de foral, funda a vila de Montalegre e o respetivo alcácer tornando-se cabeça das Terras de Barroso.

Este foral é depois confirmado por D. Dinis, D. Afonso IV, D. João II e em 1515, D. Manuel converte-o em foral novo.

234 Uma cista é um monumento de tradição megalítica funerário. Basicamente é formada por quatro lajes, colocadas verticalmente formando um retângulo. Sobre elas costumava ser colocada outra pedra horizontal a jeito de tampa. No interior eram colocados os restos mortuários. Por vezes é difícil determinar se um monumento é um dólmen pequeno ou uma cista. O critério acostumado em tais casos é o tamanho: geralmente é considerada cista quando a sua superfície não superar o metro quadrado. As cistas aparecem, maiormente, associadas a outras formações megalíticas, por exemplo, no centro de túmulos (o que às vezes origina discussão sobre se é dólmen ou cista), no centro dum cromeleque (rodeando as cinzas mortuárias), no interior de covas sepulcrais, etc. Em geral a sua conservação é má, e costuma faltar a tampa e mesmo alguma das lajes laterais.

No reinado de D. João I, na sequência da Guerra da Independência, as Terras de Barroso são oferecidas a D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino.

Nas invasões francesas em 1809, as tropas tiveram problemas de monta com os barrosões, na Misarela. Em 1836, o concelho é dividido criando-se o município de Boticas e perderam-se Vilar de Vacas (sediado em Ruivães) para o município de Vieira do Minho, e o Couto Misto de Santiago de Rubiás.

A história recente de Montalegre é igual à de tantas regiões, marcada por uma forte emigração, depauperação económica e abandono das atividades económicas tradicionais.

Só com a institucionalização do Poder Local após o 25 de abril de 1974 é que surgem condições de revitalização do concelho devido às alterações estruturais que aquele movimento democrático permitiu.

Quando vim da Austrália, em finais dos anos 90, cedo retornei a estas terras transmontanas.

Portugal profundo chamavam-lhe os governantes, como sinónimo de esquecido. Revisitei o baú das reminiscências. Recriei passos perdidos há décadas, em aldeias, vilas e lugarejos sumidos na memória de tempos idos.

Visitei-os a todos.

A desertificação humana maciça, a emigração, a migração para o litoral e os limites da longevidade haviam impossibilitado a reconstrução das memórias.

Poucos sobravam para falar da minha infância e juventude por terras e aldeias pujantes.

Ou seria da vida escrava nesse feudalismo transmontano de 1960?

Teriam progredido?

Mais casas novas havia e muitas. Maiores.

Bem maiores e bem mais desertas. As velhas casas senhoriais abandonadas, inabitadas. Desertas. Vazias, sós, e tristes como só as casas são quando têm sentimentos como as plantas.

Em ruínas. Das gentes sumira-se-lhes o rasto.

Nem guardadores de cabras, nem guardadores de casas.

Perdidas na voragem consumista das grandes urbes.

As gentes anónimas no litoral que o 25 de abril roubara à emigração a salto.

Desaparecidas as “vendas”, os cafés e as tabernas.

Nem botequins havia sem gente que os sustentasse.

Os escassos setuagenários, congregados no adro das igrejas. Vazias. Sem serviços dominicais.

Escolas abandonadas às silvas.

Destroçava definhavam na vegetação que se reapoderava dos seus terrenos.

Poucas foram aproveitadas e ocupadas por novas valências.

Aqui e ali medravam em túbias esperanças de turismo rural ou escolas convertidas em lares de terceira idade.

Com uma população acima dos setenta anos, não tarda que morram sós sem ninguém dar conta.

Depois virão os sociólogos falar do problema da solidão na terceira idade, os geógrafos políticos lamentarão a desertificação humana do interior profundo, os políticos explicarão as alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social lamentarão a crise e a falta de apoios para prestarem ajuda solidária aos idosos, a GNR e PSP deplorarão a falta de meios humanos para uma política de proximidade, e os filhos e os netos continuarão a colocar em asilos e hospitais os idosos para não terem o trabalho de cuidar deles.

Ignorá-los-ão só por que são velhos.

Hoje tudo é já diferente da minha infância.

Vivemos numa nova escravatura que nem Aldous Huxley imaginou no seu livro Admirável Mundo Novo.

Os temores de 1984 de George Orwell converteram-se já nesta prisão sem grades onde prevalece o medo que enche o quotidiano de jornais e televisões.

Enquanto puder isolar-me-ei refugiado no onírico, na poesia e na utopia, em vez de buscar uma qualquer droga de felicidade falsa ou um novo empréstimo bancário ou hipoteca.

Cresci numa época conturbada, após a segunda guerra mundial, no esforço de reconstrução da europa, quando em Portugal ainda não se podia sonhar.

Cresci com a espada de Dâmocles da guerra colonial que viria a ceifar o futuro que tinha delineado. Nessas décadas de 1960 e 1970 éramos jovens, esperançosos e sonhadores num mundo melhor.

Durante alguns anos vivemos a ilusão que a revolução dos cravos permitia, mas hoje no outono da vida vivo desiludido com o mundo que me rodeia, com as promessas incumpridas de 42 anos de abril, uma desigualdade ímpar neste fosso entre ricos e outros, sem grandes esperanças para os dias que restam.

Já não sobejam grandes sonhos para passar às gerações futuras, enquanto antecipo as piores previsões orwellianas ultrapassadas por uma realidade que há muito excede a ficção.

Luto contra a imensa amargura de já não se poder sonhar.

Pessoalmente já não visitava esta agradável vila desde 2003 quando aqui veraneei na vizinha aldeia raiana de Baltar e mais especialmente na Rousia (do lado de lá da fronteira), local que ficou gravado na memória e onde me aprestei a ir recordar esses bons momentos.

Gostara tanto de lá passar dez dias que regressei nesse longínquo agosto de 2003 para mais uns tantos dias, em que galgamos quilómetros de estradas quer na província de Ourense quer na região de Montalegre, onde revisitei lugares perdidos na memória dos anos 60 e 70 como Pitões das Júnias, Vilar de Perdizes e Tourém, cheios de lendas e tradições geradas por uma rica herança que vem desde os Celtas, além desse memorável capítulo da história que foi o Couto Misto.

Um tio meu, da numerosa família Mesquita Guimarães provinha de Montalegre, e foi com pesar que vi a casa senhorial de seus antepassados à venda, mas em ruínas.

Desconheço quem são os herdeiros, mas sei que as novas gerações pouco ou nada ligam a estas recordações do passado que me esforço por fazer reviver a cada passo que dou.

Mal sabia eu em 2003 que poucos anos depois viria a conhecer a grande amiga e irmã de muitas lutas, Concha Rousia, da Academia Galega (da Língua Portuguesa) nossa patrona dos colóquios, juntamente com os mestres Professores Evanildo Bechara da Academia Brasileira de Letras e Malaca Casteleiro da Academia de Ciências de Lisboa.

O legado que quero deixar aos vindouros resume-se à rica experiência de vida na Europa, Ásia e Australásia, a escritos dispersos por livros e gavetas e ao ideal maior que nunca imaginei concretizar em tanta longevidade.

Falo dos 25 Colóquios da Lusofonia que já passaram pelo Porto, Bragança, Seia, Fundão, Ribeira Grande, Lagoa, Vila do Porto, Santa Cruz da Graciosa, Ourense na Galiza, Brasília, S. Paulo, Rio e Florianópolis no Brasil, Macau na China e agora Montalegre.

Somos um projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Esta nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento e que nos torna distintos de outros encontros científicos do género.

Temos encontrado gente capaz de operar as mudanças.

Assim se explica que depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos sejam hoje Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia.

A informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, permitiu avançar com ambiciosos projetos.

Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Há quem atribua o conceito de Lusofonia ao mentor do Quinto Império o Padre António Vieira, outros pretendem encontrar a sua génese em Agostinho da Silva, eu encontrei-a no meu mentor José Augusto Seabra que me desafiou a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo.

Na nossa visão abrangente todos cabem desde que trabalhem a língua portuguesa numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, emana da CPLP e outras entidades.

Escrevemos em 2003:

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais.

Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo.

Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma.

Infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do património linguístico.

Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da sua língua.

Além dos tratos de polé que a língua sofre nos meios de comunicação social, uma nova frente se abriu com o ciberespaço e as novas redes sociais.

Urge apoiar a formação linguística da comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores, zelar pela dignificação da língua nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

Falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, a competição é palavra tabu, o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, e continua a grassar a desresponsabilização.

A maioria dos cursos estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, há cursos que para nada servem. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos.

Mas será que falam Português?

Mais de uma década se passou e aquelas palavras continuam atuais à exceção do c mudo que finalmente desceu à tumba com a implementação do AO 1990 por que tanto pugnámos a partir de 2007.

Na vizinha Galiza houve avanços e recuos, depois de ajudarmos a criar a Academia Galega da Língua Portuguesa registaram-se progressos como a aprovação da lei Paz-Andrade que urge realizar.

O futuro decidirá se o Português na Galiza vence ou se continuará a ser vítima do genocídio linguístico, estropiado pela política antropofágica de mais de cinco séculos do reino de Castela.

O futuro decerto trará Angola e Moçambique ao AO-1990 já plenamente cumprido no Brasil e em Portugal, e em andamento mais lento em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Há notáveis avanços quantitativos em Angola, Moçambique e Timor-Leste, no número de falantes de Português, seguindo uma tendência mundial onde há - cada vez mais - lusofalantes.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros.

A República Popular da China prepara em Macau e nas universidades da China os seus quadros para dominarem a língua portuguesa e conquistarem os mercados lusófonos.

Creio que vai depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal.

A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros, mas pode ser o veículo de aproximação com as comunidades lusofalantes espalhadas pelo mundo.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar.

É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor.

O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

E foi isso que - graças ao convénio firmado com a autarquia de Montalegre - quisemos partilhar lembrando que pela segunda vez ostentámos com orgulho no colóquio a Marca Açores, Certificado pela natureza.

Recapitemos em breves palavras os momentos mais relevantes do colóquio que abordou três temas genéricos: Lusofonia e Língua Portuguesa, Açorianidades e Tradutologia:

Falamos de um evento que juntou 17 regiões e vários países representados, a saber: Alemanha, Açores, Austrália, Bangladeche, Bélgica, Brasil, Canadá, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 10 representantes de três academias de língua portuguesa e 13 universidades e politécnicos.

Todas as sessões (palestras e sessões culturais) foram gratuitas e abertas ao público.

Iniciou-se a sessão de abertura com três vídeos, um de Montalegre, outro dos nove geoparques dos Açores e um de memórias de 24 colóquios em imagens.

Na Mesa estavam o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, David Teixeira, Secretário da Embaixada da República Democrática de Timor-Leste, Dr. Bonifácio Belo, Presidente da AICL, Chrys Chrystello, patronos da AICL, Professor Malaca Casteleiro, mestre Concha Rousia, (infelizmente por motivo de doença o Professor Evanildo Bechara teve de regressar ao Brasil antes do início do evento) e o autor homenageado, dramaturgo açoriano Norberto Ávila.

Seguiu-se um Recital de Ana Paula Andrade (Piano) e Carolina Constância (Violino), do Conservatório Regional de Ponta Delgada, que fizeram em extraordinário esforço para estarem presentes apesar dos compromissos no CCB em Lisboa que lhes iria ocupar os seis dias seguintes.

Além de música do cancionero Açoriano revelaram mais poetas açorianos musicados num amplo projeto que iniciámos em 2010.

Depois, tivemos a estreia de José António Cabrita, um “katuas” (que me antecedeu em Timor de 1971 a 1973) a apresentar o seu mais recente livro Na lonjura de Timor / Iha dook rai Timor, da Editora Crocodilo Azul, e por fim, um magnífico recital de música pela Escola de Música Tradicional do Larouco cujo fim passa por promover o ensino da gaita-de-foles e precursão tradicional e que nos levou às origens celtas que povoam todo este território.

Foi um momento que levou os presentes a vibrarem e a anteciparem os dias que seguiriam.

Na segunda manhã tínhamos o início de um roteiro cultural intenso que nos levaria a Vilar de Perdizes em cuja igreja (de excepcional acústica) teve lugar o segundo e último Recital de piano de Ana Paula Andrade acompanhada ao violino por Carolina Constância do Conservatório de Ponta Delgada (Açores), seguindo-se uma visita à Senhora das Neves, Paço e aldeia sob a esclarecida condução do nosso muito especial Guia, Padre Fontes.

Depois do almoço o passeio cultural levou-nos a Pitões das Júnias, visita ao Mosteiro, forno do povo e terminou no Ecomuseu de Barroso (Espaço Padre Fontes) onde depois de uma visita pela história da região fomos agraciados com um beberete da Câmara Municipal para degustação de produtos locais, incluindo os seus famosos enchidos desta Terra Fria transmontana.

No terceiro dia de trabalhos, começaram os trabalhos científicos e palestras com uma grande participação de docentes da UTAD, muitos deles a versarem sobre esse escritor e lutador antifascista que foi o médico Dr Bento da Cruz, a bem merecer estudo pelas gerações mais novas que ignoram o pesadelo da Guerra Civil em Espanha e as suas implicações no viver raiano.

De tarde entre muitas outras comunicações houve uma visita a palestras que versavam Goa, Bengala (Bangladeche) e a língua concani, a que se seguiu a primeira sessão dedicada à açorianidade com os escritores Brites Araújo, Pedro Paulo Câmara e Carolina Cordeiro, culminando numa homenagem teatral ao dramaturgo açoriano Norberto Ávila - autor homenageado dos colóquios em 2016, com a representação de uma curta peça do autor adaptada pelo escritor terceirense Álamo Oliveira.

Ao quarto dia de trabalhos, e o mais intenso deste programa recheado que foi o 25º colóquio, salientam-se a segunda sessão de Açorianidades e duas sessões das Academias onde palestraram Isaac Estraviz, dicionarista da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), Embaixador Anacoreta Correia da CPLP, Ângelo Cristóvão da Academia Galega (da Língua Portuguesa) e Ana Salgado da Academia de Ciências de Lisboa.

Foi numa destas sessões que celebramos um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa (que havíamos lançado em Bragança em 2004) e hoje importante veículo lusófono no seio da CPLP.

Antes do jantar o nosso convidado (e sócio honorário da AICL) Prémio Nobel da Paz 1996 Dom Carlos Filipe Ximenes Belo lançou o seu mais recente livro “Pe. Carlos da Rocha Pereira, um missionário açoriano em Timor” publicado graças ao mecenato do Moinhos Terrace Café de Manuela Pereira e do nosso associado e adjunto da Direção (José Soares) com apoio da AICL.

Uma longa sessão de autógrafos antecedeu o jantar depois da apresentação que incluiu uma agradável intervenção com música de Timor, a cargo do grupo Tane Timor (do Porto, liderada por Daniel Braga).

Após o jantar tínhamos preparado uma sessão especial dedicada ao 25 de abril com três poemas musicados contra as ditaduras e pela liberdade de expressão que em Portugal chegou apenas com o 25 de abril.

São três documentos - visual e musicalmente fortes - que emocionaram muita gente (Geraldo Vandré “Para não dizerem que não falei de flores”, Georges Moustaki “Abril au Portugal”, e Chico Buarque “Fado Tropical”). Seguiram duas curtas alocuções do Presidente da AICL e de Dom Ximenes Belo.

Eu recordei que antes do 25 de abril em Portugal havia uma coisa chamada lápis azul, ou censura, que em 1972 me cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei então com cerca de trinta páginas...

Estava em Díli, Timor, na noite de 25 de abril 1974. Leio o que escrevi em 1999 no meu livro dossier secreto 1973-1975:

Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que o autor ia ter uma chamada telefónica uma hora depois.

Chamei o condutor de serviço para ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'.

Pressenti tratar-se de algo muito importante, pois já concordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência.

Já há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas gravadas.

Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquei aos colegas de habitação (o cirurgião Prata Dias e Proença de Oliveira, um dos chefes da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira.

Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de 'ondas curtas' e regressei ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade.

Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emisoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez).

Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi: "Nada, que esperavas?"

Ramos Horta recordou assim

O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

Sim. Em Lisboa disseram-lhe: "Sim senhor, ele pode sair do país". Comecei a preparar a minha saída de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Aí é que acreditei que as coisas estavam a mudar.

Falei igualmente do meu envolvimento durante mais de 24 anos na luta pela independência de Timor, consubstanciada na divulgação de notícias a órgãos de comunicação social portugueses, australianos e outros, permeados de inúmeras censuras (apesar de já se viverem os anos de 1978 a 1999) e que culminaram com a minha Trilogia da História de Timor com mais de 3760 páginas, não-comercializada (exceto o primeiro volume lançado em 1999) e hoje disponível nas Atas deste 25º colóquio e em versão pdf adaptada em linha Trilogia da História de Timor - disponível em linha, <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/> contendo o 1º volume Timor Leste, o dossier secreto 1973-1975 versão portuguesa e inglesa, o 2º Volume - historiografia de um repórter 1983-1993 e o 3º volume As guerras tribais. a história repete-se 1894-2006

Depois, Monsenhor Belo falou da liberdade, da paz, da luta em Timor pela independência a que se seguiu um concerto de um grupo galego que apenas toca José Afonso, os "Terra Morena" (Xico Paradelo; Bernardo Marques; Heitor Real) que durante quase uma hora recriaram alguns dos mais famosos temas do cantante da liberdade para gáudio da assistência que totalizava bem mais do que os 320 lugares sentados de que o auditório dispunha.

Momentos mágicos e altamente emotivos para os mais idosos que assim puderam evocar um momento particularmente importante da história recente de Portugal, e que falta ainda cumprir na sua totalidade.

A seguir viria uma homenagem do município ao 25 de abril (liderada pela família Pedreira) que recriou cenas do "antigamente, com as prisões políticas da PIDE, a censura, e evocou alguns cantares de liberdade então fortemente reprimidos, o espetáculo excepcionalmente bem delineado e desempenhado por amadores, culminou com o Grândola Vila Morena cantado de pé no palco e na assistência donde dezenas de pessoas saíram para se juntarem aos intervenientes no palco.

Momentos inolvidáveis que comoveram os mais velhos que - como eu - de uma forma ou de outra estiveram envolvidos na luta política pela libertação de Portugal do jugo de 48 anos de ditadura.

O momento foi particularmente evocativo para os brasileiros que sofreram a ditadura entre 1964 e 1985 (a chamada 5ª República) e hoje se encontram ameaçados pelo espectro do regresso de nova ditadura.

Momento igualmente marcante para os galegos que se encontram aqui em casa e onde livremente podem celebrar o 25 de abril por que anseiam, restando-lhes de momento concentrarem-se na luta pela reposição da sua língua, que afinal é a nossa, no lugar onde merece estar e que tem sido estropiada em castrapo pelo idioma prevalecente - castelhano - nas últimas décadas.

Para o Brasil e a Galiza vai a nossa solidariedade, extensiva a todos os locais do mundo onde ainda se fala Português, essa língua comum que nos une nesta utopia que são os Colóquios da Lusofonia.

No último dia de trabalhos a sessão da manhã foi dedicada a esse grande escritor (também médico) João Araújo Correia, cuja Tertúlia se fez representar por vários elementos que evocaram a sua rica obra e algumas das características mais etnográficas dos seus escritos que permitiram perpetuar o Douro antigo para as sociedades vindouras, hoje muito obnubiladas da sua obra.

A sessão da tarde foi dedicada à Academia Galega (da Língua Portuguesa) onde se registou a presença de mais de 3 dezenas de pessoas (que é pouco menos do que a habitual média das nossas sessões) e revelou bem a adesão local a este evento, enriquecendo a enorme comitiva que ali fizemos deslocar.

A sessão de encerramento teve a presença do Presidente da autarquia que salientou que este colóquio foi interessante porque é algo de novo na nossa terra e importante por ser algo peculiar que marca a passagem destes intelectuais por aqui, ficando satisfeito que os participantes tenham gostado de estar em Montalegre e que as palestras tenham decorrido na perfeição.

Já foi aqui anunciado que entre 2019 e 2021 teremos aqui as jornadas, novamente. E esta era a conclusão unânime de todos os presentes. VOLTAREMOS.

Anexo I depoimentos:

Orlando Alves | Presidente da Câmara Municipal de Montalegre

«Foi um colóquio interessante e importante. Interessante porque é algo de novo na nossa terra e importante por ser algo peculiar que marca a passagem destes intelectuais por aqui. Impunha-se uma maior presença de montalegrenses. Faria sentido a presença dos nossos professores, por exemplo. Nesta fase em que ainda se discutem as reminiscências do acordo ortográfico, neste palco poderia discutir se está conforme ou não. Este era o palco ideal para se fazer essa abordagem. Fico satisfeito que os participantes tenham gostado de estar em Montalegre e que as palestras tenham decorrido na perfeição. Já foi aqui anunciado que entre 2019 e 2021 teremos aqui as jornadas, novamente. Foi um fim de semana culturalmente muito enriquecedor. Agradeço a todos os que estiveram presentes e à organização».

David Teixeira | Vice-presidente da Câmara Municipal de Montalegre

«Terminamos com "chave de ouro". Duas conclusões fizeram o resumo desta lusofonia e desta razão que nos une: a raia não existe, somos um só povo, com as mesmas preocupações, dificuldades e anseios e outra conclusão muito importante, sobretudo para a nossa juventude, é que o 25 de abril continua a fazer sentido».

Fátima Fernandes | Vereadora da educação da Câmara Municipal de Montalegre

«Este evento só poderia ser um sucesso porque temos uma equipa fantástica. O meu reconhecimento a todos os funcionários que trabalharam para que este colóquio tivesse visibilidade e um resultado tão positivo. Estamos muito gratos e o facto de quererem regressar enche-nos de orgulho. É o reconhecimento do nosso trabalho e da maneira de sabermos receber. As comunicações foram maravilhosas. Foi muito enriquecedor. Temos todos muito a aprender sobre a nossa maior marca identitária que é a nossa língua».

Chrys Chrystello | Presidente da Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL)

«Nesta edição, os participantes não querem ir embora. Voltaremos a Montalegre o mais breve possível. Ainda sem data marcada para o regresso, mas será entre 2019 e 2021. Fomos surpreendidos pela positiva e em todos os aspetos. Pela hospitalidade, pelas caras bonitas e sorridentes que vimos nas ruas e locais onde estivemos, pela gentileza das pessoas que estiveram connosco. Sentimo-nos em casa. Sinto que este lugar pode ser a minha casa permanente. Foi um sucesso!».

Gorete Carneiro | Ecomuseu de Barroso

«É um balanço muito positivo para Montalegre, para o Ecomuseu de Barroso e para o município. Eles gostaram de estar cá e pretendem voltar porque foram bem-recebidos».

Concha Rousia | Academia Galega da Língua Portuguesa

«Montalegre é a capital da minha terra. Este colóquio é a confirmação de que a minha terra nos acolhe da melhor maneira possível. Regresso como académica em vez de criança, que acompanhava o meu pai à feira dos santos. Ver este local como capital da nossa língua comum é maravilhoso».

Malaca Casteleiro | Professor da Academia das Ciências de Lisboa (ACL)

«Foi um sucesso. Foi dos melhores colóquios que já tivemos, com uma receção magnífica. A sessão comemorativa do 25 de abril foi excepcional. Fiquei encantado com esta terra, do ponto de vista cultural, paisagístico, arquitetónico, com um castelo magnífico. Foi um prazer estarmos aqui».

Anexo II: Conclusões e Agradecimentos 25º colóquio da lusofonia

Queremos expressar o nosso agradecimento público à Câmara Municipal de Montalegre, na pessoa do seu Presidente, Prof. Manuel Orlando Fernandes Alves e do seu Vice-Presidente, Dr David José Varela Teixeira, Dra. Fátima Fernandes Vereadora da Educação, Joana Abreu da Eventos Montalegre, ao João Ribeiro Afonso do Pavilhão Multiusos e seu incansável jovem assistente Pedro Lestra Pires no apoio cibernético (som, imagem, computação), ao incansável, gentil e sempre prestimoso condutor João, ao EcoMuseu do Barroso na pessoa da Eng^a Gorete Carneiro (nossa coordenadora local), à nossa guia Luísa Queirós do EcoMuseu, ao Padre Fontes incansável guia de parte do nosso passeio cultural, à Maria João Alves e outras colaboradoras que nos assistiram no Secretariado Executivo, à UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), à Tertúlia João Araújo Correia na pessoa da sua coordenadora Dra. Helena Gil e demais membros participantes, ao Embaixador Eugénio Anacoreta Correia da CPLP e do Observatório da Língua Portuguesa, à embaixada da República Democrática De Timor-Leste em Lisboa, na pessoa do seu secretário Bonifácio Belo, aos nossos convidados de honra dramaturgo Norberto Ávila (homenageado AICL 2016) e ao Prémio Nobel da Paz 1996 Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, (e ao grupo Tane Timor e ao Daniel Braga pela música timorense) pelo lançamento do seu livro e nosso projeto comum Um missionário açoriano em Timor, Padre Carlos da Rocha Pereira, ao José António Cabrita (pelo lançamento do seu livro Na lonjura de Timor/Iha dook rai timor, à transportadora aérea SATA, ao Governo Regional dos Açores, à logomarca Açores certificado pela Natureza, ao Geoparque Açores, à Direção Regional da Cultura dos Açores, à Direção Regional de Turismo dos Açores, à AGLP (Academia

Galega da Língua Portuguesa), à Helena Chrystello e ao nosso adjunto José Soares, ao Grupo da Escola de Música Tradicional do Larouco, ao Rancho Folclórico da Venda Nova, à família Pedreira que encenou a magnífica exibição do 25 de abril e ao Grupo Terra Morena (Xico Paradelo (voz e bombo); Bernardo Marques (voz, viola, acordeão, harmónica) e Heitor Real (voz, viola eléctrica, baixo electroacústico) e a todos os demais aqui não especificamente mencionados mas de alguma outra forma envolvidos na concretização de um dos melhores colóquios de sempre.

Todas as componentes culturais (locais ou não) foram um sucesso, começando logo no primeiro dia com a pianista Ana Paula Andrade e a violinista Carolina Constância do Conservatório Regional de Ponta Delgada que nos deram a conhecer mais poetas açorianos musicados e trechos do Cancioneiro Açoriano; a que seguiu, a Escola de Música Tradicional do Larouco remetendo-nos para as nossas origens célticas.

No segundo dia, apesar dos chuviscos e da frescura do dia, a maioria pode ainda deleitar-se com a riqueza da visita a Vilar de Perdizes, à Senhora das Neves, Paço e aldeia sendo nosso Guia o Padre Fontes e a Luísa que da parte da tarde nos acompanhou na visita ao Mosteiro, forno do povo e Ecomuseu de Barroso (Espaço Padre Fontes).

Ao terceiro dia tivemos o Rancho Folclórico da Venda Nova logo de manhã e a presença de Dom Ximenes Belo no lançamento do seu livro e numa curta alocução dia 24 durante a memorável sessão do 25 de abril (<http://www.cmmontalegre.pt/showNT.php?id=3175>).

Além da sessão dedicada a Bento da Cruz tivemos outra dedicada a João Araújo Correia, duas sessões das 3 Academias da Língua representadas nestes colóquios, uma outra da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), a assinatura de um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa aqui representado pelo Embaixador Anacoreta Correia, duas sessões dedicadas à Açorianidade sendo os intervalos pautados com vídeos das nove ilhas dos Açores.

Tivemos ainda a participação de três oradores - autores - açorianos além do homenageado Norberto Ávila (Brites Araújo, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara).

As 18 regiões e países representados são: Alemanha, Açores, Austrália, Bangladeche, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 13 académicos representando três academias de língua portuguesa e membros de 13 universidades e politécnicos.

Neste colóquio surgiu a hipótese de sermos recebidos em Goa pela Sociedade Lusófona de Goa do Professor Aurobindo Xavier caso se obtenham apoios para a deslocação da comitiva oficial.

A hipótese da Páscoa 2018 em Compostela não foi debatida dada a ausência do nosso associado Alexandre Banhos da Fundação Meendinho que se propunha apoiar a sua realização em conjunto com a AGLP.

A hipótese da Universidade de Perúgia na Itália também não foi equacionada dada a ausência da associada Paula Limão daquela Universidade.

Aventou-se a hipótese de convidar a CPLP a fazer a sua reunião anual (Comissão temática de promoção e difusão da língua portuguesa da CPLP) em conjunto com um dos próximos colóquios nos Açores ou aqui em Portugal, pelo que iniciaremos as diligências necessárias. Iguamente foi solicitado que fizéssemos consultas para adesão da AICL à CPLP.

Foi decidido a AICL efetuar um lançamento na Casa dos Açores no Porto do livro de Dom Ximenes Belo com apoio da Tane Timor em data a acordar.

Foi decidido em unanimidade voltar a Montalegre (com base no atual protocolo existente) entre 2018 e 2021 dada a excelente memória que este 25º colóquio deixou em todos.

Foi anunciada a presença no 26º colóquio na ilha de São Miguel do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta, tendo sido decidido convidar com base nos apoios obtidos DARRELL Kastin (escritor de renome e descendente de açorianos) bem como o angolano Ondjaki (Nдалu de Almeida).

Nesse colóquio iremos convidar o Presidente do Governo Regional para fazer a abertura formal do evento e tentar lançar o CD de autores açorianos musicados pelo trio Bruma da EBI Maia 11.

Em 2018 no Pico iremos fazer um concerto especial com as partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

162. 162. CRÓNICA 162 MUNDO LOUCO 17 junho 2016

Nestes últimos tempos dei por mim a escrever cada vez menos, mas decerto não é por falta de tema...pelo contrário, há excesso de temas, mas não tenho nem tempo nem disposição para lidar com um mundo hostil com o qual me identifico, cada vez menos. Começamos por um evento surreal ontem à noite quando o meu filho João ao fechar as portadas das janelas me alertou para um objeto brilhante de cor alaranjada na direção sul, 5 a 10º abaixo da lua quase cheia...ele e a mãe tinham visto dois objetos similares, um dos quais desapareceu com uma velocidade astronómica sem se saber para onde. O outro, caracterizado por emitir luz para os lados e para baixo, em tom laranja ali permaneceu, depois desapareceu e tornou a voltar antes de desaparecer para o resto da noite.

Cheguei a esta avançada idade de seis capicuas sem jamais ter observado algo semelhante, embora tenha lido e visto documentários sobre o tema centenas de vezes. Estou consciente das reproduções de eventos similares desde as civilizações mais antigas, mas nunca tinha sido privilegiado com uma visão pessoal do fenómeno UFO OVNI. Foi a primeira, sem explicação lógica, racional ou científica. Aceitemos como diz o povo “eles andem aí”.

Esta semana foi assinalada por mais de centena e meia de mortos numa igreja no Quénia chacinado por extremistas em virtude da sua fé católica. Nem uma palavra nos telejornais ou nas páginas dos jornais, apenas uma nota de rodapé nalguns blogues da ciberesfera.

Na Florida, em Orlando, um desarranjado mental qualquer entrou num bar gay e desatou aos tiros (crê-se que com mais ajuda) e usando uma arma automática liquidou cerca de 5 dezenas de pessoas e feriu outras tantas. Dizem que era casado, mas era gay e já frequentara o bar. Tinha ideias confusas sobre o islamismo radical apoiando Hezbollah e Al Qaeda e sabe-se lá quem mais, grupos antagónicos o que demonstra tratar-se de uma pessoa confusa, segundo a mulher afirma, dizendo que o FBI a proibira de revelar a homossexualidade do marido. Claro que uma prenda destas para os serviços de defesa nacional não foi desaproveitada, pela propaganda anti-islâmica habitual.

Dos cristãos queimados no Quénia, assim como tantos eventos semelhantes na Nigéria nestes últimos anos, nem uma palavra. Os jogos circenses do futebol europeu começaram em França com ameaças terroristas profusamente divulgadas pelas autoridades que mantêm um regime de exceção a que os cidadãos se não habituem e contestam.

Depois, vieram confrontos entre hooligans russos e britânicos, mas só os russos foram ameaçados de expulsão. Não convém hostilizar os britânicos pois dentro de dias votam, o Brexit, sobre a sua saída ou não da EU.

E propositadamente, ontem mesmo, uma deputada inglesa foi morta à facada e a tiro por alguém que as autoridades acreditam ser da extrema-direita. Ou seria um destravado pago pela banca temerosa pela saída da UE? Quando mataram o arquiduque austríaco começou a primeira guerra mundial agora pode ser que a continuação da Grã-Bretanha na EU ganhe, quem sabe?

Na Florida (outra vez?) num hotel da Disney, uma criança de dois anos foi levada por um jacaré e apareceu depois afogada. Não deviam deixar os jacarés misturarem-se com os hóspedes da Disney, é má publicidade.

Na Europa, a NATO resolveu hostilizar ainda mais a Rússia e deslocou milhares de tropas para as suas fronteiras, não basta o que fez em tempos na Ucrânia que levou à sua partilha entre leste e oeste, ao abate de um avião civil e à morte de milhares de pessoas...

Nos EUA, Bernie Sanders deu luta à putativa candidata democrática Hillary Clinton, mas perdeu com as tralhas habituais na contagem dos votos, já era assim que o republicano Bush II ganhava eleições. O perigo maior vem do populista (dizem que é republicano, mas mais parece um democrata infiltrado para aniquilar os republicanos) Trump que ameaça o mundo com as suas “boutades” extremistas e faz os islâmicos radicais parecerem moderados.

Outra notícia de vulto esta semana é a da injeção de 4 biliões na CGD (recuso o mil milhões como há quem recuse o novo acordo ortográfico de há 36 anos atrás!). parece que

há anos que andava a fazer negociatas obscuras, emprestando a amigos do executivo, até a uma fundação que nunca existiu, e agora aqui d'el rei que é preciso dinheiro para recapitalizar e evitar a falência. Já não bastavam o BES, BCP; BPN; BANIF...e futuramente o Montepio...paga contribuinte tuga...

Em Trás-os-Montes fala-se do Museu da Lusofonia, ideia destes nossos colóquios da lusofonia em 2009 a quem foi prometido avançar e depois tudo morreu em fogo brando, para ser reativado em 2015 com cinco milhões de euros prometidos pela Comissão Coordenadora do Norte. Em 2009 precisávamos apenas de dois milhões para avançar...

Coíbo-me de comentar, fiquem com a ideia e o projeto, mas avancem lá com isso, que eu não divulgo mais nada do que se passou e éramos muitos os presentes, assim ficarei com mais um filho bastardo, mas a culpa não é minha. (o projeto está em <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/MUSEU%20BRAGANCA.htm>).

Continuarei a pugnar por Trás-os-Montes e por Bragança como sempre tenho feito, serei sempre um filho emigrado da terra, mas o amor mátrio não se discute nem se define. É nessas terras a que ainda chamo minhas que pertença e não é a idade nem a distância que vai fazer estremecer esses laços., mesmo no dia de hoje, bem triste pelo começo do enchimento da barragem do Tua, crime ambiental injustificado que sepultará mais uma obra-prima da natureza e centenas de anos de história.

Se um dia, o futuro vier, haverá quem julgue esses criminosos que autorizaram e levaram avante essa monstruosidade, mas para mim ficarão sempre retidas na memória as imagens das fagulhas do comboio a vapor que usava quando há sessenta e tais anos me deslocava a férias à terra de meus avós e minha mãe. Guardarei para sempre as imagens bucolicamente belas do Douro nesse percurso que é património imaterial e que hoje começam a afogar para uma barragem inútil, no que não passará nunca de mais um crime ambiental impune.

163. 163. CRÓNICA 163 CAMPEÕES 12/7/2016

O mundo enlouquece definitivamente e eu aqui impotente a assistir. Imaginem que os tugas ganharam uma taça de futebol, coisa nunca vista desde que nasci e mesmo a minha mãe com os seus 93 anos e sem perceber nada de bola deu conta de algo a que nunca tinha assistido desde pequena. Eu que nunca acreditei, e muito menos na atual equipa de uma mediocridade atroz, dependendo em demasia da supervedeta CR7 (O Cristiano Ronaldo), tenho de reconhecer que bem melhores jogadores e equipas jamais conseguiram tal feito. Lindo foi ver o mundo com a bandeira portuguesa, e com uma prometida ida a Fátima. Isto ainda volta ao que era dantes: fado, futebol e Fátima, grande país.

Mas a imagem que fica é a do jovem Mathis, lusodescendente nascido em França, a consolar um adepto francês inconsolável...nas imagens cómicas o melhor foi para o ex-jogador do FCP, Benny McCarthy, na África do Sul, aos saltos com a vitória portuguesa ou o Quaresma a agarrar a cabeça de um francês e a perguntar "Ronaldo foi este que te aleijou"???

Ao mesmo tempo - umas meninas e meninos - no atletismo andaram a colecionar medalhas e esperamos também umas condecorações propositadas, embora não concorde com o epíteto de heróis a jogadores principescamente pagos para andarem aos chutos a uma bola.

Heróis seriam os dois aviadores que voltaram para dentro do avião C 130 que ontem caiu no Montijo para tentarem salvar o piloto e morreram todos na explosão que seguiu, mas isto digo eu que tenho uma inversão de valores enorme em relação à sociedade que me rodeia.

Digno de registo é esse grande camaleão maoísta Durão Barroso (aquele mesmo cuja cara tem sido apelidada de cherne embora pareça mais um prepúcio) que depois de uns anos a delapidar a EU como seu presidente recebeu a esmola de um lugar não-executivo nos donos disto tudo (Goldman Sachs) ...ah! Grande maoísta convicto e coerente.

Também gostei muito das sanções a Portugal (e Espanha) pelo incumprimento orçamental 2013-2015 quando se sabe que nema Itália, nem a França nem a Alemanha cumprem, entre muitos outros incumpridores há décadas. Bem moral e justo, é desta europa que quero fugir pois não representa o sonho da minha infância de união europeia.

A "campeã" das infrações é a França, mas Polónia, Reino Unido e até a Alemanha já violaram a regra dos 3% de défice.

De acordo com um estudo, recentemente divulgado pelo Instituto de Investigação Económica alemão Ifo, que procedeu aos seus cálculos com base em dados da Comissão Europeia entre 1999 e 2015, a regra europeia de um défice abaixo dos 3,0% do Produto Interno Bruto (PIB) já foi violada em 114 ocasiões pelos Estados-membros.

Entre as 114 violações da regra, a "campeã" das infrações é a França, que ultrapassou o limiar dos 3% por 11 vezes, seguindo-se Grécia, Portugal e Polónia, todos com 10, Reino Unido (9), Itália (8), Hungria (7), Irlanda e Alemanha (5, em ambos os casos).

Portugal ultrapassou o défice permitido por 15 vezes, e se em cinco ocasiões tal era permitido devido à recessão (2003, 2009, 2011, 2012 e 2013), o mesmo já não se verificou nos anos de 2000, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2008, 2010, 2014 e 2015.

No extremo oposto, os países com maior "disciplina orçamental" são o Luxemburgo, a Estónia, a Finlândia, a Dinamarca e a Suécia, países que nunca registaram um défice acima da 'barreira' dos 3,0% do Produto Interno Bruto.

Portugal, ao contrário do que muitos pensam tem gente de valor e má liderança política, mas isso é um problema que vem desde o Afonso Henriques e foi preciso vir um engenheiro civil adepto de futebol para provar que os portugueses são capazes mesmo com armas desiguais e inferiores.

Igualmente serviu esta vitória portuguesa para provar a miscigenação lusitana de uma seleção de futebol que tinha como jogadores inúmeras nacionalidades, descendências e clubes, a saber:

*Anthony Lopes nascido em França joga no Lyon,
Eduardo joga no Dínamo de Zagrebe,
Rui Patrício joga no Sporting
Cédric nasceu na Alemanha e joga no Southampton,
Vieirinha joga no Wolfsburg,
Bruno Alves descendente de brasileiros joga na Turquia,
José Fonte joga no Southampton,
Pepe brasileiro de nascença joga no Real Madrid,
André Gomes joga no Valência para onde vai
Nani descendente de cabo-verdianos,
Adrien do Sporting nascido em França,
João Mário nascido no Porto, joga no Sporting e descende de angolanos,
João Moutinho joga no Mónaco,
William de Carvalho tem sangue angolano e joga no Sporting,
Renato Sanches de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde, joga no Benfica, mas vai para o Bayern,
Cristiano Ronaldo madeirense com descendência de cabo-verdianos joga no Real Madrid,
Éder veio da Guiné-Bissau e joga em França no Lille,
Ricardo Quaresma é Romani e joga na Turquia,
Rafa é do Braga,
Ricardo Carvalho joga no Mónaco,
Eliseu um açoriano, de sangue cabo-verdiano, que joga no Benfica,
Raphael Guerreiro nascido em França e a jogar no Lorient,
Danilo Pereira nasceu em Bissau e joga no Porto...*

ainda querem mais lusófonos e multiculturais do que isto? Belo retrato da sociedade.

Lloris : d'origine espagnole 🇪🇸
 Mandanda : né en RDC 🇷🇨
 Évra : né au Sénégal 🇸🇳
 Koscielny : d'origine polonaise 🇵🇱
 Mangala : originaire de RDC 🇷🇨
 Rami : franco-marocain 🇲🇦
 Sagna : d'origine sénégalaise 🇸🇳
 Umtiti : né au Cameroun 🇨🇲
 Coman : guadeloupéen 🇬🇩
 Kanté : d'origine malienne 🇲🇱
 Cabaye : d'origine vietnamienne 🇻🇳
 Matuidi : d'origine angolaise 🇦🇴
 Payet : réunionnais 🇷🇺
 Pogba : d'origine guinéenne 🇮🇳
 Sissoko : d'origine malienne 🇲🇱
 Martial : martiniquais 🇲🇶
 Griezmann : d'origine portugaise 🇵🇹

Na seleção francesa a mistura era deveras interessante

Dito isto penso que lhes ficou mal não colocarem as medalhas que receberam, falta de amor pátrio francês? Despeito pela derrota? Vencidos no campo e no *fairplay*.

Houve mesmo quem sugerisse usar a técnica do treinador para melhor gerir Portugal, mas creio que isso é sonhar alto demais.

Embora o filósofo português Eduardo Lourenço admitisse que isto podia despertar a população da sua letargia e tornarem a ser reativos... demasiado otimismo para a minha cabeça: http://rr.sapo.pt/.../eduardo_lourenco_vitoria_no_euro_2016_c... (ler adiante)

Pode acontecer estarmos perante novo surto de sebastianismo através do futebol e isso será ainda pior. Lucidez é isto. Olhar para o absurdo e não entrar no escuro: ligar a lanterna e colocar as coisas em perspetiva. Pensar, afinal...

P: Em tempos de universalidade do futebol, pode haver uma reivindicação da portugalidade na vitória de Paris?

R: Não há nos atores principais: o treinador, responsável máximo pela vitória, ou nos jogadores.

Mas, de facto, os meios de comunicação voltaram a retomar esse tema que é filho do nosso antigo complexo de inferioridade.

Um complexo histórico e cultural rebatido agora como se fosse uma espécie de vingança, ou desforra, para com uma França que nos teria ofendido.

Tudo isso é um pouco absurdo.

Agora não há dúvida alguma que a vitória é interessante para os portugueses que vivem em França.

De facto, já não são atores secundários da vida francesa.

A nossa emigração é uma emigração de sucesso.

Os portugueses estão muito integrados.

Não emigraram para nenhuma colónia longínqua, mas sim para um país que se conhece desde que Portugal existe.

Uma região privilegiada chamada França.

Mas há um contributo para o amor-próprio dos portugueses e para o reforço da sua identidade?

Os portugueses nem precisam desse contributo.

Os portugueses são tão portugueses, somos tão patriotas desde nascença até hoje que não precisamos deste tipo de suprimento de alma de uma vitória no futebol.

Mas, enfim, consola, sobretudo, num contexto europeu como é o de hoje.

A Europa está numa grande carência de sentido para ela própria.

Discute a sua própria identidade.

Algo incrível. Nós, sim, podemos fazê-lo.

Somos um pequeno país que foi ilustre na história por tudo quanto sabemos.

Mas ver a França discutir a sua própria identidade e ficar muito magoada por não estar à altura dos seus pergaminhos e da sua grandeza é um pouco triste.

Enfim, os meus filhos são franceses, a minha mulher era francesa, de maneira que poderia estar um pouco dividido, mas não estou.

P.: Como seguiu a epopeia desportiva do torneio com toda a carga simbólica que arrasta?

R.: Seguí preocupado. Não totalmente convencido de que teríamos uma boa equipa.

Tínhamos uma equipa mais ou menos como as outras, mas nada estaria garantido.

Nada garantido nem para Portugal, nem para qualquer outra seleção, como se viu durante todo o campeonato.

Mas nós não temos nada que provar.

O que tínhamos de provar ao mundo já provámos quando isso era uma novidade e constituía uma ação para a humanidade inteira.

Temos sempre este complexo de ser uma pequena nação não tão visível como outras.

Mas outras nações também não são visíveis.

Houve sempre países hegemónicos que dominaram o panorama internacional. A Inglaterra, a França, a Rússia, de que não se fala muito.

Acho que esta vitória no futebol foi um bom momento para uma reconciliação com os nossos complexos.

Esperemos que seja uma reconciliação longa e definitiva para curar os nossos complexos de inferioridade, se é que ainda os tínhamos.

Alguns tinham. Outros não tinham.

Portugal tem o orgulho, mas, por outro lado, sente-se muito pequeno.

P.: Esta vitória é relevante do ponto de vista animico, de reencontro com a história, mas, muitos destes triunfos desportivos, não costumam resolver aos povos problemas de futuro...

R.: Nada. Nenhum problema.

Isto é uma espécie de milagre, mas a história de Portugal é constituída por uma série de milagres.

Não se sabe assim muito como é que há quase mil anos este país pequenino, aqui no canto da Europa, é ainda sujeito do seu próprio destino.

P.: Mas esta é uma Europa em grave crise.

O professor defende que o continente está confrontado com o sentido da sua própria História?

R.: Sim, mas não no sentido do confronto ter lugar no interior da própria Europa.

Foi sempre assim na história da Europa.

Somos herdeiros do Império Romano.

Tanto a Europa do Sul, mais antiga que a outra, a nórdica, mais tarde a dominante depois dos tempos de Shakespeare.

A Europa está confrontada com o sentido da sua própria História mais no sentido da normalização da nossa relação - nos tempos modernos - connosco próprios.

P.: Afirma que a Europa está confrontada com uma contestação, mais que tudo, de natureza quase cultural. Como sair daqui?

R.: Como sair? Primeiro ter consciência de que o problema existe.

Ter consciência de que há ameaças concretas, sobretudo, as que se traduzem pelo fenómeno do terrorismo.

Outras ameaças sempre existiram.

A Europa define-se na sua relação com o que não é Europa.

Só sabemos o que é Europa quando estamos fora da Europa.

Na Europa temos uma experiência normal. É como a experiência de quem está em casa.

Há até uma pluralidade de casas que, mais ou menos, têm afinidades entre elas.

Isso é a Europa.

Outros continentes têm menos história que nós excetuando a Ásia que está na origem de tudo.

Neste momento a ameaça da Europa é uma ameaça cultural de um novo tipo.

O que está em causa é o papel hegemónico desta Europa no mundo.

É uma batalha cultural.

Um ensaísta norte-americano (Samuel Huntington) diz que há uma luta entre civilizações, um choque de civilizações, uma batalha cultural.

A História foi sempre isso.

A História não é outra coisa...

E para terminar numa nota pessoal: devo dizer que esta série de medalhas e de prémios começou com o meu filho mais novo, o João e a sua equipa do ENTA a ganharem a competição nacional do CanSat (os satélites em latas de refrigerantes) em abril, a que se seguiu a vitória europeia em junho passado contra 14 equipas <http://blog.lusofonias.net/?p=47517> ...dando uma curta palestra na universidade dos açores a contar como foi e a ser cumprimentado pelo ministro da área (ver foto abaixo). Auguro-lhe um futuro cheio de sucessos mesmo sem ser condecorado pelo presidente da república...

8 Regional

ENTA Team Sat2 orgulhosa com prémio no CanSat europeu

Alunos da Escola de Novas Tecnologias dos Açores estão orgulhosos com o primeiro lugar na competição europeia de micro satélites

ISMAEL RAIMUNDO
escola@novasat2.pt | novatech@novasat2.pt

João Perestelo, o porta-voz da ENTA Team SAT2 que venceu, no fim de semana passado, o European CanSat Competition 2016 em Torres Vedras, disse ao Açoriano Oriental que a equipa vem "com um sentimento de dever cumprido".

O aluno da Escola de Novas

veram durante estes seis meses". O docente reforçou ainda este sentimento: "ganhar uma competição contra colégios que têm equipamentos e recursos tecnológicos avançadíssimos, é para nós um orgulho".

Desde que os jovens aterraram no Aeroporto João Paulo II que os elogios não pararam de chegar. Ontem o presidente do Governo dos Açores, Vasco Cordeiro, felicitou os vencedores do CanSat europeu: "ao vencer equipas representantes de vários países, a ENTA Team SAT2 prestigiou o nome da Região Autónoma dos Açores numa competição europeia", declarou o líder do executivo açoriano.

Da parte do Governo da República, os estudantes foram parabenizados pelo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, que estando numa conferência em Ponta Delgada, aproveitou a ocasião para chamar os jovens a assistir e felicitá-los pessoalmente.

Recorde-se que esta não é a primeira vez que o primeiro prémio do European CanSat Competition vem parar aos Açores. Já em 2013, a Air Sat One, da Escola Secundária de Santa Maria trouxeram o troféu para o arquipélago. *

ANA CARVALHO ABILLO



O aluno da Escola de Novas Tecnologias dos Açores (ENTA) referiu que foi "uma boa experiência, não só pelo facto de termos ganho o primeiro lugar, mas também pelo ambiente da competição". A equipa açoriana representou Portugal na fase europeia da competição, concorrendo contra jovens de 13 outras nacionalidades.

Para Duarte Cota, formador da ENTA que acompanhou os alunos durante todo o processo de construção do mini satélite, "é um grande orgulho ter assistido ao trabalho todo que eles desenvol-

vo açoriano.

Da parte do Governo da República, os estudantes foram parabenizados pelo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, que estando numa conferência em Ponta Delgada, aproveitou a ocasião para chamar os jovens a assistir e felicitá-los pessoalmente.

Recorde-se que esta não é a primeira vez que o primeiro prémio do European CanSat Competition vem parar aos Açores. Já em 2013, a Air Sat One, da Escola Secundária de Santa Maria trouxeram o troféu para o arquipélago. *

ANA CARVALHO ABILLO



Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior com a ENTA Team Sat2



os 4 vencedores e o professor Duarte Cota



o satélite vencedor~

164. 164. CRÓNICA 164, FOGO E MAIS FOGO - agosto 12, 2016

Fartei-me do triste espetáculo circense da TV a dar incêndios a toda a hora para gáudio dos pirómanos e dos que lucram com estes fogos.

Fartei-me das entrevistas lamechas a quem perdeu tudo e não sabe como vai reconstruir a vida

Fartei-me da dor, do sofrimento, da perda em vidas, da perda em património nacional, fartei-me das palavras ocas de políticos e peritos

(o que adiante se escreve diz respeito a Portugal e Galiza)

Quero ação e quero-a já... E não, não é um problema de penas, pois toda a legislação está errada nesta doença pirómana...a pena não pode ser prisão, tem de ser trabalho de plantação de árvores durante anos, indemnizações a todos os lesados durante a toda a vida do culpado até pagar os estragos...

Os incêndios há 40 anos que são deliberados e a isto acrescentamos uma mão cheia de inimputáveis pirómanos, seja por seus atos de moto próprio, ou pagos com umas cervejas ... 25 anos de pena nada adianta...e tem um o custo de a sociedade manter esses párias.

Isso de nada adianta, o problema tem de se resolver de uma forma radical de se obter consenso alargado sem lóbis nem pressões de interesses privados, dando às FAP os meios de que dispunha nos anos 1990, acrescentando os mais recentes retardantes de fogo..., colocando guardas florestais (que ficam mais baratos pela centena do que um avião por uma hora), torres de vigia e outros meios de prevenção, limpando as matas que são do Estado, multando os privados (emigrados ou não que não limpam as suas terras, substituindo os eucaliptais sedentos de água por árvores autóctones de cada região.....

Intensificar a formação aos bombeiros, profissionalizar os bombeiros todos (outra vez ficaria mais barato do que uma hora de avião ou helicóptero).

É preciso é vontade política e nenhum partido no poder desde 1975 mostrou ter tal vontade... eu e tu, ou você que me lê, ou qualquer pessoa com senso comum... resolvíamos isto em duas penadas se estivéssemos em posição de poder decidir como fazer... e poupavam-se milhões e ardia muito menos área....

Nada que eu não tivesse escrito nestes últimos 40 anos ao ponto de prometer que esta é a última vez que me manifesto sobre o tema e não sou perito e ninguém pediu a minha opinião... E mudando para temas mais interessantes sugiro a leitura do volume 1 de Crónica Açores, uma circum-navegação a [Crónica 10](#).

165. 165. Bali revisitado 1/11/2016 ver [crónica 10.3](#)

166. 166. CRÓNICA 166 ELEITORES DA Lomba da Maia 16 outubro 2016

Era dia de eleições regionais, no largo da igreja da Lomba da Maia agrupavam-se os habituais homens à porta da igreja enquanto as mulheres e crianças assistiam ao culto. Não chovia nem fazia sol, antes pelo contrário. A temperatura era amena e o trânsito era reduzido ao redor da escola primária Amâncio da Câmara Leite na Rua de Nossa Senhora da Conceição. Fui votar e fui ultrapassado no meu lento passo por uma apressada agente da PSP que estacionara mal, do outro lado da rua mesmo em cima da curva. A descer vinham duas velhotas amparando-se mutuamente para subirem a escadaria de acesso à Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Na porta da escola estava uma jovem com uma caixa indicando RDP Antena Um que disse ser da Universidade Católica e querer fazer uma sondagem à boca das urnas. Das 429 pessoas votantes num universo de 1038 se a memória não falha estariam ali umas seis e nenhuma era jovem, antes pelo contrário com uma abstenção a rondar os 60% e o PS a sobrepor-se ao PSD que governa na Junta e na Câmara.

Não vi lá a mulher Einstein nem os seus filhos, nem as prostitutas muito sóbrias que aqui vivem, nem tampouco vi os jovens drogados do coreto da Igreja que terão, decerto, mais que fazer do que votar. Também faltava aqui a vizinha ao lado, na casa de baixo, que com os seus 90 anos há meses partiu a bacia e anda todos os dias num corrupio para o hospital na ambulância de transporte de doentes, e com enfermeiros a virem a casa tratar dela todos os santos dias. As vizinhas de frente não foram votar pois devem estar recenseadas na cidade pois só aqui vêm passar fins de semana e feriados. Os vizinhos da casa de cima, mal-encarados, como os seus antecessores, metropolitanos do continente, estiveram todo o dia fora e não votaram pois, como mudaram há pouco, ainda não devem estar recenseados localmente. Cheira-me a gente de mudanças múltiplas, talvez professores como o caracol de casa às costas, mas destes nada se sabe que nem a cortesia dos bons-dias aprenderam. Os vizinhos da esquina de cima, em frente ao café Eurobar, foram dar o seu voto.

Uma das idosas aqui da aldeia que mora no começo (ou será no fim?) da Rua das Casas Telhadas a que dei o cognome de palestiniana por andar sempre com um lenço negro na cabeça que mais parece um jibab, continua a vestir-se com as viúvas de antigamente sempre de negro até à morte. A propósito sabia que o *Icharb* palestiniano deu lugar ao francesismo écharpe? Não vi lá o velho agricultor ou vaqueiro, que diariamente aqui passa pelas sete e meia da manhã, na sua carroça puxada por um frágil pónei de melenas acastanhadas. Não vi lá nenhum dos vaqueiros que às centenas andam por estas ruas nos sete dias da semana, por entre colheitas de leite das suas vacas, que, na maior parte dos casos nem suas são, mas dos donos. A exploração feudal aliviou-se depois do 25 de abril, mas assumiu novos contornos, nem sempre visíveis a olho nu. Depois do fim das quotas leiteiras da EU, foram dezenas os que foram forçados a abandonar a prática das vacas, que ora, mais do que nunca, se concentram na mão de meia dúzia de proprietários aqui na Lomba da Maia.

Como não frequento missas não tive oportunidade de ouvir o padre na sua prédica dominical a aconselhar os fiéis a irem votar, mas suponho que o terá feito, como sempre se faz nestas terras. Como as missas são muito frequentadas por gente bem idosa e essa lá ia votar, suponho que o sermão da véspera ou da semana anterior terá tido os seus efeitos. Mera suposição, longe de mim denegrir as qualidades democráticas clericais que, suponho, são inculcadas aos seminaristas em Angra do Heroísmo nestes tempos que correm.

Uns dias antes da eleição cá andava o presidente da câmara, mai-lo o presidente da junta de freguesia e acólitos a percorrerem as ruas acompanhados da sua carrinha de som alto, tonitruante, como acontece em todas as campanhas. Creio que ao longo de doze anos raras foram as vezes em que vi aqui na aldeia (freguesia chamam-lhe os locais) qualquer um dos dois presidentes da câmara que já conheci (o Silva, Ricardo 2005-2013 e o Gaudêncio, Alexandre 2013-17). Assim, sabemos que, pelo menos de quatro em quatro anos, eles se lembram de que existimos cá na ponta norte do concelho, apesar de caladinhos e não-reivindicativos ao contrário dos da Faixa de Gaza - como eu chamo aos de Rabo de Peixe, vila piscatória muito conhecida e apreciada na distribuição de benesses municipais.

Não vi votar a viúva-alegre que, segundo as más-línguas acabou por matar o marido com tanto Viagra que lhe dava...há mulheres perigosas nesta Lomba, e decerto com coisas mais importantes para fazer do que votar, coitado do jovem que ali tem sido visto ultimamente, qualquer dia deixa de poder ir trabalhar de trolha.

Não vi a votar nenhuma das mulheres que semanalmente a Junta emprega na tarefa de limpeza de ruas, pintura de muros e outras manutenções locais em troca dos benefícios do

rendimento mínimo (qualquer que seja o nome que o rendimento de reinserção social atualmente ostenta).

Era de esperar que elas fossem votar em troca da sua prestação de serviços que bem jeito dá a estas ruas sempre sujas, que este povo (e isto já melhorou em 12 anos) tem a mania de deitar para o chão pacotes de batatas fritas, invólucros de gelados, e todos os papéis (e não papeles como eles lhes chamam) do que adquirem no supermercado ou no café da esquina.

Dizem que devemos contar 20% de abstencionistas como emigrados ou ausentes, para já não falar dos mortos que há anos não são retirados das listas de eleitores. Creio que isto se prende com o apoio financeiro que os partidos recebem em função do número de eleitores. Se fosse em função do número de votantes já teriam alterado a lei e revisto os cadernos eleitorais ou dado direito de voto ausente, mas como assim são beneficiados não há interesse nenhum em retirar os votos dos mortos.... Um bom cidadão mesmo depois de morto continua a servir os interesses dos partidos. Exemplo de cidadania.

Numa era de voto eletrónico em tanta parte do mundo, nem o obsoleto voto postal é permitido aos votantes da diáspora ou outros que estão longe dos seus locais habituais de voto. Eu entendo que este voto emigrante induza certo temor aos partidos, mas não vou aqui explicar as razões de tal receio.

Falando de números creio que mais de 50 deputados para um quarto de milhão de habitantes em nove ilhas é deputado a mais e depois a representatividade é uma coisa tramada. Imaginem que a ilha do Corvo com menos de 400 pessoas elege 2 deputados...pela proporcionalidade a Lomba da Maia só porque está aqui perdida no meio da ilha mais populosa deveria assim eleger mais de 4 deputados com 1038 votantes registados. Ficaríamos bem representados no hemiciclo na cidade da Horta. É em momentos como este que gostava de ser corvino. E pronto daqui a um ano noutras eleições ou quatro anos para estas, reportarei o que se passou nas mesas de voto locais.

167. 167. CRÓNICA 167 PÃO POR DEUS, HALLOWEEN E ETC. 1 nov 2016

Ainda não é meio dia e já tocaram à porta umas quinze vezes esses bandos de crianças que perpetuam o “Pão por Deus”. Tradição centenária em Portugal e aqui nas 9 ilhas dos Açores. Este ano até a Junta de Freguesia da Lomba da Maia abriu as suas portas para dar os doces às crianças.... Vejamos como descrevi isto em 2006, no meu livro CrónicaAçores uma circum-navegação volume 2 Halloween ([ler Crónica 60](#))

168. 168. CRÓNICA 168, É O FIM DO MUNDO QUE CONHECÍAMOS. 9 novembro 2016.
https://www.youtube.com/watch?v=c_anYpBqfbc



[R.E.M. It's the end of the world as we know it \(and i feel fine\) - YouTube](#)
[R.E.M. @ Perfect Square YOUTUBE.COM](#)

Em tempos não muito afastados escrevi em prosa no CrónicaAçores, uma circum-navegação. Dois volumes num total de quase 800 páginas. Embora muita coisa má se pudesse prever ali e (infelizmente) se tornasse realidade, não, nunca conseguiria prever este novo Presidente dos EUA não era uma delas.

Escapei ao terramoto de 1906 em São Francisco, ao afundar do Titanic em 1912, à gripe de 1919, ao incêndio do dirigível *Hindenburg*, ao Holocausto e às atrocidades da 2ª grande guerra por ainda não ter nascido. Assisti a dias negros na minha vida, uma brutal Guerra da Coreia da qual nem me apercebi dada a tenra idade, o fim da primavera de Praga e o esmagar do sonho democrático da Hungria, os assassinatos dos Kennedy (JFK em 1963 e Robert em 1968), o assassinato de Martin Luther King em abril 1968, o genocídio do Biafra, a guerra do Vietname, a guerra colonial, o ciclone *Tracy* em Darwin na noite de natal 1974, a destituição em 1975 do governo democraticamente eleito de Gough Whitlam na Austrália pelo governador-geral a mando da CIA, a invasão de Timor pela Indonésia em 7/12/1975, os reféns na embaixada em Teerão e o desastre nuclear de *Three Mile Island* em 1979, o assassinato de John Lennon em 1980, o desastre de Chernobyl em 1986 e tantos outros episódios...

Há muitos anos (2005 ou 2006) escrevi que estávamos a retroceder aos tempos da Revolução Industrial, o nazismo avassalador ameaçava o mundo com a desintegração latente da Europa e dos valores humanistas que a construíram em meados do século passado. Nunca em momento algum das minhas predições malignas sobre o futuro esperei, no entanto, que a revolução retrógrada ocorresse nos meus dias, e ela aí está. Se Reagan e Thatcher me pareciam maus na época, nem tenho adjetivos para qualificar Trump, tudo o que ele representa em conjunto com mais de 56 milhões de misóginos, racistas, xenófobos, sexistas, neonazis, supremacistas brancos, KKK (Ku Klux Klan), anti-LGB, neofascistas, ignorantes, irresponsáveis, iletrados. Peões cegos, seguindo o flautista de Hamelin. Os norte-americanos votaram num louco, racista, xenófobo, reles, ordinário. Se Hitler, que foi democraticamente eleito pelo povo, era um dos piores indivíduos que já nasceu - mas, pelo menos - tinha objetivos e ideias bem fundamentadas do que queria, este burgesso narcisista não tem conhecimentos nem inteligência suficiente para objetivo algum, além do retrocesso civilizacional. Há 27 anos caía o muro de Berlim hoje nasce o muro Trump, presidente nº 45 dos EUA. O mundo pensava-se que não podia piorar, mas isto é apenas o começo. Agora a América só se salva se a rainha Isabel II da Inglaterra terminar com os 240 anos da experiência norte-americana e reintegrar os EUA no Reino Unido... Trump é uma vergonha para qualquer país e um desastre de graves consequências. A Democracia, o Estado de Direito e os Direitos

Humanos não são valores assegurados para sempre. É necessário continuar a defendê-los e a preservá-los!

Marine Le Pen foi a primeira a dar os parabéns a Trump enquanto aguarda o dia de tomar posse no Eliseu. Se o mundo já era perigoso, a partir de 20 de janeiro, data da posse de Trump, vai ficar EXPLOSIVO. Será que a Europa tem consciência disto? Parafrazeando José Ribeiro e Castro “Agora, a Europa e os europeus que se façam à vida, pois o guarda-chuva americano irá provavelmente acabar”.

José Luís Peixoto afirma “Venceu o Ku Klux Klan. O futuro tornou-se mais assustador. O ódio é gasolina: dá energia, incendeia e envenena.” Avisava Stevie Wonder “eleger Trump é como me porem a guiar um carro”. O mundo caminha rapidamente para um abismo e não há nada que eu possa fazer. Mas não sei como explicar isto aos meus filhos. Putin deu os parabéns satisfeito, por ter agora um líder na Casa Branca que - pensa ele - pode vir a manipular. Será? Com um louco destes em cada lado nunca se sabe como isto vai acabar e ambos podem carregar no botão mágico do “DELETE EARTH”.



169. 169. CRÓNICA 169 HAJA DECÊNCIA NA MORTE, janº 8, 2017

Declaração pública de interesse:

Desmistifiquemos tudo: apesar de hoje em dia não ser já relevante tenho de me definir, como sendo de "esquerda" querendo com isso significar simpatizar com a noção de uma social-democracia à sueca do tempo do malogrado Olof Palme.

Tendo amigos de todas as cores do quadrante político, constato, porém, que se radicalizam, cada vez mais, e viram para uma direita xenófoba (que eu - multicultural - não posso aceitar), e sinto que estão eivados de sede de vingança e ressabiamentos que vieram à tona ontem na morte desse estadista que foi Mário Soares, propalando mentiras como a dos diamantes, tubarões e outras, que, de tanto repetidas a ignorantes e incultos, acabam por passar como sendo verdade. Lembro-me das armas químicas do Saddam...

A família e os amigos, normalmente, cabem dentro duma classe em que nem a política nem o futebol impedem de continuarem a ser quem são, nem reduzem a sua relevância para a minha vida, mas...

Sou profundamente contra todos os ismos, sejam eles fascismos, nazismos, islamismos e outros extremismos. Sou antifascista e anticomunista apesar de alguns dos meus amigos. Talvez não seja um anticomunista primário por respeitar que outros possam ser o que quiserem. Há, porém, uma linha que me separa de outros, a minha enorme tolerância, compreensão e respeito pelo OUTRO. No tocante à descolonização não a discuto pois, normalmente, os interlocutores estão a discutir a vida deles e não a política em si. Também eu poderia usar os mesmos argumentos quando fui impedido de regressar a Timor, minha primeira pátria de escolha... fiz essa catarse e outras. Não me regozijo com a morte de ninguém, amigo ou inimigo, merecida ou imerecida...ela é sempre uma espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças. Atribuir singelamente as culpas da descolonização a uma pessoa parece-me redutor e errado...basta pensar que Angola e Moçambique eram meros peões na política de dominó da ex-URSS e EUA, tal como Henry Kissinger preconizava. Basta pensar que sem tropa não se faz a guerra e a tropa baixou as armas. Basta pensar nos verdadeiros culpados Salazar e Marcello Caetano que não quiseram, nem souberam antever os ventos da mudança. Um, nem sequer deixava emigrar e colonizar as "colónias", o outro fez marcha-à-ré na chamada primavera política e manteve a sociedade portuguesa amordaçada na cinzenta derrocada do regime.... E em 1974 era já demasiado tarde para qualquer outra solução. Não quero com isto absolver ou culpar seja quem for, muito menos atribuir a culpa a uma ou outra personagem da história.

Termino este desabafo para saudar o grande estadista Melo Antunes, que evitou que Portugal fosse dominado pela máquina bem oleada do PCP, e nos devolveu em novembro 1975 a liberdade recém-conquistada em 1974, essa mesma que prezo e que louvo por me deixar hoje falar sem medos nem retaliações. Essa liberdade de expressão que permite, a todos os que pensam de forma contrária à minha, se manifestem com os seus ódios e insultos. Por aí não vou e agradeço a quem me deu essa liberdade que hoje tanto prezo e pela qual lutei nos jovens anos, antes de ser obrigado a ir "defender as colónias" de arma em riste, feito máquina de guerra, eu, que nunca andei à pancada com ninguém em 67 anos de vida...Sem o 25 de abril não haveria essa liberdade e os melhores da minha geração teriam continuado a verter o sangue em África. Sem o 25 novembro 1975, o país dividir-se-ia ao meio numa guerra civil fratricida como a de Espanha, décadas antes, com o Norte e os Açores a recusarem a ditadura do proletariado. Por isso, haja a decência que se deve a todos os que morrem ou estaremos a caminho de ter um Trump em cada esquina.

170. 170. CRÓNICA 170. PORTUGAL BRULE T'IL DÉJÀ? 17-18 junho 2017

Na impotência deste país, destes fogos (postos ou não) destas mortes inúteis sinto aquilo que sempre sinto neste país (Portugal) impotência perante tanta irresponsabilidade.

Claro que mais uma comissão de inquérito será nomeada para ver as suas conclusões arquivadas e posteriormente se ouvirem os ministros e secretários de estado dizerem que está tudo a postos para o combate de incêndios que todos os santos anos (desde há 43) devastam o país para gáudio e lucro das empresas de celulose e quejandos. Madeira ardida é papel barato, mesmo que seja à custa de mais de meia centena de vidas.

A versão oficial definitiva: o fogo de Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos, Ferreira do Zêzere começou com um raio que caiu numa árvore em Escalos Fundeiros, Pedrógão

Grande, em consequência de uma trovoada seca: sempre a culpa divina, esse deus é do camandro...tem umas costas largas.

Mas não se preocupem os portugueses, e menos ainda os familiares das vítimas, existem leis capazes em Portugal, aliás, das melhores leis no mundo sobre o tema. Existem normas e coimas para quem não mantém uma área de segurança de 50 metros em volta das suas casas no meio do mato.

Apenas por mera omissão não é dito que a maior parte dos terrenos que ardem são do Estado que não cumpre essas mesmas normas de limpeza de matas, que não disponibiliza vigilantes da natureza para substituírem os antigos guardas florestais que sem meios eletrónicos nem de comunicação lá iam desempenhando as suas funções (e quem quer ser vigilante da natureza e viver com condições mínimas isolado no meio do mato?).

Também por mera omissão não dizem que a maior parte dos donos dessas casas sem os 50 metros de proteção são idosos, (alguns mesmo muito idosos) incapazes de se movimentarem eficazmente, incapazes de terem 50 euros por hora para alugarem uma máquina de desbaste de mata, incapazes de por si mesmos fazerem eles o trabalho, sem dinheiro para os medicamentos de que carecem, sem dinheiro para pagar o táxi ao centro de saúde para tratarem da saúde de que carecem, abandonados por filhos e netos e deixados à sua sorte em aldeias desertas e desertificadas, donde se retiraram todos os serviços, desde a venda, ao mero café de aldeia ao multibanco, à escola, à própria junta de freguesia amalgamada com outra em aldeias limítrofes.

Por mera omissão não se mencionam as leis que permitem que se continue selvaticamente a permitir o plantio de eucaliptos e outras espécies altamente inflamáveis e totalmente desajustadas à orografia do terreno, mas adaptadas aos interesses de madeireiros e dos que lucram com os incêndios.

Por omissão ninguém falou dos incendiários (perfil típico 20 aos 35 anos, alcoólico, desempregado, com poucos estudos e com gosto de se sentir Nero e ver os fogos que atea com total impunidade, esteja ou não previamente condenado e em liberdade condicional).

Por omissão ninguém se lembrou que em vez dos milhões gastos todos os anos (em aviões e helicópteros que estão inoperáveis por falta de peças, de manutenção, de dinheiro para as reparações) se deviam contratar engenheiros agrícolas, os chamados engenheiros florestais, (os que verdadeiramente percebem da poda) para fazer uma eficaz manutenção de solos, um reordenamento territorial agrícola usando árvores bombeiras, como o castanheiro, que retardam os fogos e não servem de combustível como os eucaliptos e semelhantes.

Depois ninguém se lembrou de dizer que há 43 anos se segue a política errónea de gastar milhões no combate aos fogos em helicópteros (inoperacionais por falta de peças, de manutenção, de dinheiro para as reparações), em aviões dispendiosos e com muitas limitações em vez de se investir na prevenção, que deveria começar pela restauração do serviço de guardas florestais (vigilantes da natureza), pela definição de uma política de reordenamento territorial.

Menos leis “perfeitinhas” que ninguém cumpre e para nada servem (mesmo quando bem-intencionadas) e mais meios preventivos, com uma nova política das corporações de

bombeiros dotadas de meios próprios, pessoal profissional, bem treinado e pago, em vez dos impreparados voluntários que de boa vontade dão a vida por nada.

Escreve Manuel de Carvalho no Público 18 de junho de 2017, 10:54:

Como foi possível que uma população, corpos de bombeiros, forças policiais ou responsáveis políticos habituados a lidar com a devastação dos incêndios florestais não pudessem prever o que aconteceu?

Como foi possível que se tenham deixado aldeias remotas sem evacuação?

E por que não foi suspenso o trânsito em vias de risco?

Por que razão não houve socorro de outras corporações de bombeiros?

Ainda que justas, imperiosas ou evidentes, todas estas perguntas passam ao lado da questão essencial. As alterações climáticas que produziram um dia como o de sábado em meados de junho ameaçam destruir a floresta portuguesa.

E perante a iminência de um cataclismo desta dimensão, o país tem de ir muito para lá das perguntas de contexto ou da justa expressão das dores do momento: precisa de uma energia, de uma determinação e de um conjunto de meios para debelar o problema que parece estar para lá das nossas capacidades atuais.

Cito um especialista: (Jornal Público ALEXANDRA CAMPOS 18 de junho de 2017)

A pergunta que todos fazem agora é: teria sido possível evitar esta tragédia?

Paulo Fernandes, engenheiro florestal e professor no Departamento de Ciências Florestais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, acredita que pelo menos teria sido possível minimizar a sua dimensão.

Desde logo porque era possível antecipar que existia um potencial de fatores combinados, como a temperatura elevada, ventos muito fortes e, sobretudo, a instabilidade atmosférica (trovoadas e raios), que já estava prevista há dias, explica.

“Uma mistura fatal”, sintetiza. “Temos de estar preparados.

Em Portugal, não há pessoas especializadas em meteorologia de incêndios, há académicos, mas não há operacionais”, diz, notando que qualquer país com este potencial adverso tem de ter pessoas a trabalhar nestas áreas “a tempo inteiro”.

Todo o sistema de prevenção e combate a incêndios precisa, aliás, de ser reformado, defende.

“Esta originalidade portuguesa de ter fases alfa e charlie não faz sentido hoje.

Um sistema moderno não pode estar dependente do calendário, tem de ter flexibilidade para responder sempre que necessário, até por causa das alterações climáticas.”

A própria conceção do sistema, “pulverizado por várias forças com pouca massa crítica, torna tudo mais difícil”, acrescenta, lembrando que temos “um sistema muito focado no combate”, em que 90% do investimento é para esta área.

Mas Paulo Fernandes também acentua que se lembrou dos incêndios ocorridos em 2009 na Austrália, “*um dos países mais avançados na prevenção e combate e até na preparação das pessoas*” para lidarem com este tipo de situações.

Nesse ano, morreram na Austrália cerca de 170 pessoas, “*quase todas quando tentavam fugir*”. Mas a frente das chamas chegou a ser de 200 quilómetros e as projeções (de materiais, como cascas) chegaram a 30 quilómetros, nota.

Agora, o que pede é que se retirem ilações desta tragédia. “*Acho inconcebível que responsáveis do Governo e até o Presidente da República comecem logo a declarar à queima-*

roupa que tudo correu muito bem”, porque isto, acredita, contribui para “*a desresponsabilização*”.

Depois lembrem-se de cada héli privado de combate a fogos, custa ao Estado 1500 euros por hora a que acresce IVA, quanto mais tempo durarem os incêndios e quanto mais incêndios houver mais estes privados lucram.

O Estado retirou da competência das Forças Armadas, em finais de 1980, o combate aos fogos para os entregar aos privados....

Estávamos na altura do boom das PPPs [parcerias público-privadas]. O ambiente era propício.

O regresso da Força Aérea ao combate aos incêndios tem gerado controvérsia dentro do Governo. Enquanto a ministra da Administração Interna invoca a falta de capacidade deste ramo das Forças Armadas, o ministro da Defesa considera «inevitável» que a Força Aérea adquira os meios em falta para voltar ao ativo.

E termino dizendo, preparem-se que isto é apenas o começo de uma nova era de situações atmosféricas atípicas, temperaturas extremas (no verão fogos e no inverno inundações) num país onde se cimentaram ribeiras, onde se plantaram árvores não-autóctones altamente inflamáveis, onde se desviaram cursos de água, onde se não faz adequada manutenção de solos, onde se não limpam matas, e onde haverá sempre situações climatéricas extremas como estas...e não adianta culpar as divindades, ou a natureza, ou a anormalidade.

Podemos minimizar ou atrasar os seus efeitos, mas não a podemos controlar em absoluto.

A natureza é quem tem sempre a última palavra.

171. 171. CRÓNICA 171. DE HERÓIS HISTÓRICOS E OUTROS (2 LIVROS DE JOÃO MORGADO) 30/6/2017

Já li muito mais do que leio hoje, o tempo cada vez foge mais depressa dos meus pés à medida que a quarta idade da vida se aproxima. Igualmente devo assinalar para que conste que nunca, como agora, me acontece começar a ler um livro e deixá-lo de parte sem pachorra para assistir ao seu lento desenrolar.

É curioso como há mesmo factos novos que a idade inventa para nos alterar percursos antigos. Dantes lia os livros todos até ao fim, mesmo que não gostasse deles. Hoje - talvez devido ao menos tempo que tenho disponível para ler - ou um livro me cativa nas primeiras (digamos) trinta páginas ou está condenado a servir de oferta a uma pessoa de quem eu não goste muito.

Há autores que não conheço e que a medo começo a explorar nos livros que leio. Foi o caso de João Morgado autor premiado que se juntou aos colóquios da lusofonia em Belmonte. Não sabia o que esperar nem sabia ao que ia quando me debrucei no Diário dos Imperfeitos que era citado como sendo uma viagem à intimidade das pessoas de uma

pessoa enclausurada nas emoções sequestradas e cito da publicidade da editora Casa das Letras (Leya)

Diário dos Imperfeitos é uma viagem à intimidade das pessoas. Vítima de um acidente, a Gaivota é uma mulher que precisa de redescobrir todas as emoções sequestradas dentro de si. Ao mesmo tempo, reaprende a conhecer o seu corpo - uma aventura refreada pela moral, pela sombra do pecado e pelo medo que pode levar à própria insanidade. Uma luta interior entre o bem e o mal, que leva a uma inevitável conclusão: todas as pessoas são imperfeitas! Como irá reagir de novo à sua realidade? Voltará a ser quem era? E os que estão a seu lado, como vão sobreviver a esta viagem?

Uma escrita intimista, que procura descortinar os sentidos e as emoções dos diferentes personagens. Do prazer mais carnal ao amor puro, passando pela falsa moral da sociedade e da religião. Pelo meio, a filosofia simples de duas personagens inusitadas - a mulher que lê pensamentos e um pintor de sóis na parede. São eles que levam o narrador a perceber os sentimentos da «Gaivota» e nos ajudam a refletir sobre temas tão controversos como o amor, o desejo, o sentimento de culpa ou o próprio nojo. Isto pouco ou nada me dizia do que iria encontrar: não me falava do pintor que pintava cores dando vida ao cinzentismo dos dias nem da mulher que limpa a casa e os pensamentos e assim embarquei na história dentro da história como se começa a perceber nos últimos 4/5 do livro sem saber como vai terminar a história de amores imperfeitos e de emoções em conflito.

Não adianto mais sobre a trama, mas segui com atenção a mulher amada / desejada / descartada e mais tarde regressada (nunca se deve regressar ao lugar ou à pessoa com quem se foi feliz?), histórias de amor, encontros, desencontros, sociedades herméticas bem típicas da região onde o autor nasceu no interior mais profundo da Cova das Beiras. História da fuga para a cidade de vícios e pecados em contraste com a pureza e religiosidade falsas e aparentes desse interior. Histórias de vida que se desenrolam lentamente como se a cada dia se descobrisse mais uma chave secreta para a imperfeição do amor e dos amados.

E mais não digo desta empolgante história ou das histórias dentro desta história que nos enleia e mantém presos, também nós, atores da mesma, torcendo por uma ou outra personagem contra a corrente da própria dinâmica do conteúdo, pois o novelo não se desenrola como esperamos e antecipamos, antes depende das cores que o pintor pinta e das limpezas da mulher que nos limpa a casa e os pensamentos. Depois de ter lido este mergulhei com redobrado interesse em Vera Cruz a história do Cabral que andou a descobrir Brasil.

Se surpreendido ficara com a qualidade da trama e a desenvoltura da escrita no Diário dos Imperfeitos nem sei que diga deste empolgante livro de ficção histórica (o autor chama-lhe história romanceada) em que o editor (Clube do Autor) propala ser. O novo romance de João Morgado, autor já com vasta obra publicada, centra-se na vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral e numa época tão gloriosa quanto distante. Trata-se de um livro que facilmente ambiente o leitor no período áureo da nossa História no qual (re)descobrimos viagens acidentadas, jogos de sombras e traições, na Índia e no reino de Portugal, rivalidades e intrigas. E também um Pedro Álvares Cabral capaz intrépido e valente, por vezes desiludido e arrependido.

Vou ser breve, este livro empolgou-me três dias seguidos e só parei quando o acabei de ler. Pode não ser a versão mais real dos factos apresentados, mas segue um rigor histórico apenas entrecortado por duas personagens ficcionadas e revela bem o que poderia ter

sido a verdadeira história por detrás do descobrimento do Brasil, a ambição desmesurada desse rei a que chamam de venturoso. Vale a pena ler e meditar. Para muitos a sacanice do Gama (esse Vasco corsário que autores como Sanjay Subrahmanyam haviam escalpelizado de forma bem mais negativa) é aqui explicada de forma mais lógica e racional, em especial a sua segunda ida a Calecut na expedição da Armada da Vingança.

A história muda consoante os tempos e os autores, e a história de Portugal sai daqui menos mítica, mas mais humana. Gama aparece aqui não como o mítico herói que a história criou em lendas e contarellos, mas como o homem mau que era, enquanto Cabral surge como o verdadeiro humanista ao serviço de princípios cristãos. A descrição de Pero Vaz de Caminha do seu encontro com nativos do Brasil é um marco na história das descobertas inigualado.

A brutalidade das conquistas portuguesas com cortes de cabeças, orelhas e outras realidades típicas da época demonstram a violência das descobertas sem tirar brilho à epopeia das mesmas, e mostram um Cabral em conflito interno com os ensinamentos da Ordem de Cristo e a fama que granjeara como cavaleiro. Por isso, e por outras razões que não convêm a uma história de epopeias como a portuguesa, Cabral é - ainda hoje - o menos falado e mais esquecido dos grandes homens dessa época, e este livro irá repô-lo no panteão daqueles que merecem lá estar. Uma bela biografia de Pedro Álvares Cabral, um homem renascentista bem maior do que a época em que viveu e a quem o Brasil muito deve. Uma obra imprescindível para os que gostam de aprender história (mesmo romanceada e os romances de João Morgado são bons romances tecidos para nos enlearem do início ao fim do livro). Por tudo isto sinto-me privilegiado nos Colóquios da Lusofonia em termos aceite este novo associado que é um extraordinário autor a merecer que eu complete a leitura das suas outras obras. Uma última observação, a feliz profusão de notas de rodapé que ajuda a complementar factos históricos e dados quem nem todos devem assumir como conhecidos dos iletrados atuais.

172. 172. CRÓNICA 172. DA ESPERANÇA COMO FORMA DE VIDA. 8/7/17

Rezam as crónicas que sou moderadamente otimista desde há muitas décadas, baseado no princípio de que as coisas podem sempre ser piores, mas também podem vir a melhorar, e, normalmente, a vida convalesce conosco. Acredito piamente que a sorte se constrói com muito trabalho e esforço e creio que o destino - ao contrário de várias correntes de opinião - não está previamente traçado. Porventura, estará delineado para a carneirada que não pensa nem se dá ao trabalho de agir. Para os restantes, os poucos que sabem ser bípedes pensantes, o destino é feito de altos e baixos que vamos construindo e destruindo ao longo das decisões que tomamos.

Dito isto, nunca me arrependi de nenhuma decisão, mesmo as que provaram serem um fracasso total, pois na data em que as tomei decerto me pareceram as melhores, sopesados os prós e contras. Posteriormente, tal como sempre tentei fazer, exerci o meu direito de autocritica e autoavaliação psicológica das minhas ações e - quando o soube ou quando o pude - fiz as correções que entendi necessárias. Nos meus anos mais jovens, digamos entre os 17 e 23 (1967 a 1973), desde que entrei na Faculdade e comecei a ter um interesse ativo e prático na coisa pública e política a vida deixou de ter duas tonalidades (o branco e preto) e adquiriu centenas de tonalidades de cinzento.

Não podíamos ter nessa época associações de estudantes, mas um pequeno interstício legal permitia que criássemos uma Pró-Associação de Estudantes e foi isso que eu e outros

fizemos, sob o olhar condescendente das várias entidades repressivas da época. A principal atividade e fonte de receitas era a de copiar sebatas de matérias para os alunos do curso, depois começamos a organizar convívios (Faculdade de Economia do Porto) no final do ano em pleno Palácio de Cristal (hoje Pavilhão Rosa Mota) onde tínhamos um ou dois grupos de música pop, um Manuel Freire (para os mais intelectuais) e uma Maria da Fé para os mais popularuchos. Não havia liberdade, não havia democracia, mas havia seres pensantes e conseguíamos agradar a todos. (Hoje só há pimbas).

Nessa época qualquer jovem vivia com dois dilemas fundamentais (caso fosse um ser pensante, havia ainda alguns naqueles tempos) um, era a espada de Dâmocles da malfadada tropa (o exército colonial português que decepava as vidas e esperanças dos jovens ao enviá-los para uma guerra colonial que ninguém queria nem entendia), a outra era o facto de não pertencermos à Europa nem ao mundo naquela política do “orgulhosamente sós” a que a ditadura salazarenta se agarrava.

No que conseguíamos ler e ouvir queríamos ter a liberdade de um Woodstock americano, das manifs de estudantes de Paris em 68-69 e subsequentes em vez de vivermos sob uns “brandos costumes” que me obrigaram a pagar uma multa de 2\$50 (dois escudos e cinquenta avos) por andar descalço no acesso à praia mas antes desta...ou que me obrigavam a uma multa (creio que de 250\$00) por não ter licença de porte de “arma” (neste caso a “arma” era um isqueiro). Alguns colegas eram “bufos” não só da PIDE mas das atividades económicas e ao denunciarem o meu uso de isqueiro sem licença ganhavam 50% da receita...

MAS HAVIA ESPERANÇA, a guerra colonial acabaria, tal como a Guerra do Vietname iria acabar e a democracia haveria de chegar a Portugal como chegou a alguns países da Europa após a segunda grande guerra. Não sabíamos era quando...lembro que enquanto estive como aspirante a oficial, no RAL4 em Leiria, nos passeios longos de tertúlia com o malogrado (então major) Melo Antunes nas margens do rio Lis entre março e setembro 1973 ele me dizer que se estava a preparar algo para daí a dois ou três anos (no pior cenário seriam uns cinco anos). Falava-se de vida, de filosofia, de aspirações e sonhos e felizmente vivi o suficiente para ver a maior parte desses sonhos concretizados. Mas NUNCA, JAMAIS esquecerei o que era viver sem liberdade (especialmente a de expressão e de pensamento).

Antes do 25 de abril em Portugal havia uma coisa chamada lápis azul, ou censura, que em 1972 me cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei então com cerca de trinta páginas... O resto é já história, o 25 de abril trouxe, de facto, a liberdade de pensamento e de expressão e muita água correu sob as pontes da minha vida até ao dia de hoje em que me vejo confrontado por uma sociedade mais desigual do que nunca, de uma falsa fluência consumista. Uma sociedade comandada à distância por grupos obscuros da finança que controlam a maior parte dos países e seus governantes, e conduzem a maior parte da população a novas formas de escravatura, dissimulada ou não, reduzindo a capacidade de as pessoas escolherem livremente o seu rumo, encarneirando-as rumo a um abismo como o célebre “*Pied Piper of Hamelin*” e os *lemmings* [lemingues] que se atiravam do precipício ao som da flauta mágica antes de ele raptar todas as crianças dado que os habitantes não lhe pagaram o que era devido por ele se ter visto livre da praga de ratos. Muitos conhecem a história sem saber que ela se baseia em eventos reais ocorridos em 1284 naquela cidade da Baixa Saxónia na Alemanha.

Ora é neste mundo rapidamente evolutivo que me encontro neste ocaso de vida (a geração da minha avó nascida em 1885 e a minha em finais da guerra estavam mais perto uma

da outra do que as gerações dos meus filhos e dos meus netos onde existe já um fosso civilizacional e tecnológico apreciável).

O meu filho mais novo está agora numa fase semelhante à minha em finais dos anos 60. Já não há guerra colonial, mas há guerras (declaradas umas, outras não) um pouco por toda a parte, nunca a humanidade viveu tão bem materialmente como agora, mas também nunca houve tanta miséria como hoje.

Nunca houve tantos letrados no mundo nem tantos iletrados, o acesso universal à informação avassala as pessoas que não estão programadas para pensar, para tomar decisões, para fazerem escolhas.

Por outro lado, muitas das teorias da conspiração confirmam-se e desconhecemos as que nos ocultam. E eu a precisar de lhe dar conselhos e a ajudá-lo a acertar o rumo sem saber como. Nada do que eu cria é hoje real, nada do que me regeu em termos de princípios, ética, moral, vale um chavo. Este já não é o meu mundo tal como não é o da minha mãe, que do alto da sua sabedoria de 94 primaveras repetidas vezes o proclama. Por mais que me atualize tecnologicamente, a evolução foi de tal forma rápida que todos os princípios por que me regi deixaram de ter o valor absoluto que tinham.

Sei que o feudalismo transmontano a que assisti na minha juventude não volta mais, mas apercebo-me de novas formas e cambiantes de opressão - umas mais dissimuladas que outras - que substituem essas relações feudais por outras em que as pessoas até têm direito a voto, mas esse voto de nada serve, a não ser para darem a aparência de liberdade de escolha. Esse voto vai apenas sufragar as escolhas que outros fizeram em nosso nome, não muito diferente do voto na velhinha Assembleia Nacional salazarenta... E é isto: a esta geração falta a ESPERANÇA que nos movia, são todos uns zombies dependentes dos seus aparelhos permanentemente conetados onde a realidade virtual tem mais valor do que a real.

Mas como me dizia o amigo e cientista José António Salcedo quando estabelecíamos comparações entre hoje e as nossas tertúlias filosóficas do final da década de 1960: "*a realidade não existe, fora das nossas conceções...*" Essa é também a opinião de alguns cientistas australianos que demonstram que a realidade não existe de acordo com a física quântica. Uma experiência realizada provou aspetos bizarros e complexos da física quântica que podem ser um tanto quanto complicados de entender.

De acordo com o trabalho desenvolvido por uma equipe de físicos da Universidade Nacional da Austrália, a realidade não existe até que possa ser medida. Para chegar à conclusão, os pesquisadores colocaram em prática o Experimento de Escolha Demorada, de John Wheeler, para comprovar que tudo depende da medição.

O professor adjunto da Escola de Pesquisa Física e Engenharia da UNA, Andrew Truscott, explicou, em outras palavras, que

"... em nível quântico a realidade não existe se você não está olhando para ela". Seria como colocar um gatinho dormindo dentro de uma caixa de papelão e fechá-la.

O gatinho não será real para um visitante que não sabe o que a caixa contém, até que ela seja aberta e revele o seu interior.

Isto levanta uma questão básica: se há um objeto, quando ele decidirá se comportar como uma partícula ou como uma onda?

O misterioso comportamento da luz é um exemplo.

Você pode ver o efeito mesmo quando uma luz brilha através de duas fendas estreitas.

A luz se comporta tanto como uma partícula, passando por cada ranhura e lançando luz direta na parede por trás dele e como uma onda, gerando um padrão de interferência, resultando em mais de duas faixas de luz.

Deduzindo a partir do senso comum, o objeto deveria ser uma onda ou uma partícula, independentemente da forma como é medido.

No entanto, os cientistas australianos conseguiram demonstrar o que a física quântica defende: a maneira como esse objeto será medido é que definirá se assumiu um comportamento de uma onda, ou uma partícula.

Na época em que o experimento de John Wheeler foi proposto, em 1978, não havia tecnologia possível para realizar a experiência, que contou com feixes de luz devolvidos por espelhos. Agora, no entanto, a tentativa foi recriada usando cem átomos de hélio espalhados em estado de suspensão, conhecido como condensado de Bose-Einstein. Em seguida, eles foram ejetados, até restar somente um átomo.

Depois, deixaram o átomo passar através de um par de raios laser, propagados em direções opostas, formando um padrão como se fosse o desenho de uma rede, como uma grade sólida que iria dispersar a luz. Aleatoriamente, foi adicionada uma segunda rede de luz para combinar novamente os caminhos, depois de o átomo ter passado pela primeira. Era esperado que o átomo sofresse interferência construtiva ou destrutiva, caso tivesse viajado tanto como uma onda ou como um átomo. Mas quando a segunda grade foi adicionada, não se observou interferência, como se o átomo tivesse escolhido apenas um caminho.

Resumindo (se for possível): esperava-se que o átomo de hélio se comportasse como a luz, ou seja, passaria pela grade como uma partícula ou como uma onda.

Nesta experiência, um segundo conjunto de grades de laser foi ativado aleatoriamente apenas após o átomo ter passado através da primeira.

Como resultado, os pesquisadores descobriram um padrão de interferência ondulatória no comportamento dos átomos, uma vez que passaram pelo segundo conjunto de lasers. Mas se não houvesse um segundo conjunto de lasers, os átomos se comportariam como se fossem partículas e seguindo apenas um caminho. Se alguém escolhe acreditar que o átomo pegou um caminho em especial, isso significa que uma medição futura está afetando o passado do átomo. A respeito disso, Truscott explicou: "Os átomos não viajaram de A a B. Foi só quando eles foram medidos no final da viagem que o seu comportamento ondulatório ou partícula semelhante foi trazido à existência".

[Fonte: RT , ANU Crédito: agsandrew / Shutterstock.com]

173. 173. CRÓNICA 173: UMA VISITA VIRTUAL AO FAIAL: AS BOIAS DA MEMÓRIA DE MANUEL LEAL. 8/7/17

Não sou crítico literário nem entendo sobre as tendências da literatura. Sou um básico apreciador de livros que, normalmente, classifico de duas formas: gosto ou não gosto, depois há 60 cambiantes de cinzentos entre esses extremos “*60 shades of grey*, e não é o filme).

Normalmente, o que acontece quando gosto de um livro, começo a ler e em todos os momentos livres volto ao seu contacto para atingir o fim. Se, pelo contrário um livro não me cativa nas primeiras 30 páginas, vou arrastando a leitura até esta se tornar penosa e eu o abandonar a meio. São imensos os que cabem nesta última categoria por mais afamados e premiados que sejam os autores. Noutras ocasiões apesar de não estar a ser satisfeito o meu gosto pela leitura, vou penosamente adiando deixá-lo de parte e, por vezes, o milagre acontece.

Lembro-me bem, há uns anos atrás, que o Passageiro em Trânsito de Cristóvão de Aguiar demorou quase 80 páginas a cativar-me e a prender-me até ao fim do livro. Talvez fosse uma exceção em que a trama da aranha ia tecendo a sua teia até me envolver totalmente.

Doutras vezes, acontece que vou tomando notas mentais à medida que progrido na lenta descoberta do conteúdo de um livro. Foi o que me aconteceu recentemente com *As boias da memória* de Manuel Leal. Um livro que não se pode adquirir no mercado açoriano ou português, pois nenhum editor ou distribuidor se mostrou interessado e como o autor vive nos EUA, há décadas, vai certamente passar ao lado da maior parte dos leitores que gostariam de o ler.

Não sendo um tratado de genealogia no verdadeiro sentido da palavra, cumpre a função de catalogar centenas de habitantes do Faial nas décadas de 1940 e 1950, prosseguindo com a sua árvore até aos nossos dias.

Vou antes do meio do livro, finalmente, inventei tempo para mim...estou a gostar dos detalhes narrativos (por vezes até em demasia, mas percebe-se porquê...) e a visitar uma terra como imaginei que seria bem antes de cá chegar...o que só vem confirmar as minhas teorias sobre o feudalismo pós 25 de abril constatado aqui na costa norte de São Miguel.... Esta era a minha impressão ainda antes de chegar às cem páginas iniciais.

Depois, fui prosseguindo nesta leitura diferente, de forte crítica social e política, enquanto percorro episódios da vida no Faial que um ou outro colecionador de jornais da época poderia conhecer, ou que existem na memória de alguns avós ainda vivos sobre essa época. Por vezes, penso que estou a ler descrições de séculos passados há muito e não de uma época que coincide com o meu período de vida.

Prestes a atingir o fim do livro, existem ainda lugares que já não consigo reconhecer por terem desaparecido, mas consegui visitar o Faial numa época anterior à minha recente chegada a estas ilhas no princípio deste milénio. Foi tudo ainda bem pior do que tinha imaginado. Só não entendo por que não se revoltaram estes oprimidos contra tanta tirania.

Fiquei a conhecer quase metade dos seus habitantes e seus "apelidos" ou cognomes populares....

Nota-se ao longo da narrativa uma incansável sede de justiça pelas desigualdades sociais, pelas injustiças e iniquidades prevaletentes na sociedade açoriana, reflexo de um profundo ressentimento pessoal que nem, os anos fizeram esmorecer...

Infelizmente nem para o autor (psicólogo de profissão nos EUA) nem para mim veremos o dia em que as ilhas estarão entregues aos seus, a pequena massa crítica existente iria provavelmente fazer o que fez aquando do surgimento da literatura açoriana.. iam todos ser açorianos de repente, sem se separar o trigo do joio e os mais politizados iam aproveitar-se da nova e total autonomia para dominar, e como vem nos livros, o povo continuaria a ser escravo embora teoricamente livre...hoje estou pessimista em relação ao futuro gostava de poder trazer de volta homens como Teófilo e Arriaga mas já não se fabricam...

Falta hoje espírito de missão como o que rege os colóquios da lusofonia: fazer de borla algo de que todos beneficiam sem olhar a quem e sem ter benefícios pessoais. E os que podiam pensar assim estão todos como eu, velhos e acabados...o livro conta da miséria, da pobreza, da subjugação que caracterizou a verdadeira escravatura açoriana e faialense, mais típica de uma Revolução Industrial inglesa de 1800 do que de um país alegadamente europeu.

Sem assistência nem previdência social os trabalhadores eram meras peças de uma máquina a descartar e ignorar, quando doentes ou mortos, e os familiares teriam que vender todos os seus bens para os trazerem de volta mesmo quando iam a tratamento em Portugal. Fala-nos de crianças a trabalhar a troca de uma bucha de pão as horas dos adultos e a acartar as mesmas cargas pesadas fosse no carregamento de barças de carvão ou em outros mesteres.

O autor ao indignar-se contra esta exploração desenfreada - tão típica da sociedade açoriana - chama a atenção para um processo que existia em paralelo em Portugal, só que nos Açores essa exploração e humilhação era levada até aos extremos mais nojentos da exploração capitalista desenfreada. Enquanto em Portugal os servos da gleba iam tentando a sua sorte ao emigrar a “salto” para França, Alemanha, Suíça e Luxemburgo, nos Açores as portas dos EUA e Canadá, sobretudo, eram uma hipótese alternativa, mas mais reduzida. Era mais fácil na época dos iates e baleeiros em que quase bastava saltar para bordo, ou no tempo dos corsários em que a escravatura destes era preferível à existência miserável em terra.

E assim ao longo de cerca de 300 páginas vamos seguindo muitas vidas e outras tantas mortes de gente anónima que o autor ora repesca para a posteridade. Por entre muitas histórias de sucesso feitas fora das ilhas existem outras mais tristes, nomeadamente as dos que ficaram vivendo sempre acorrentados à grilheta colonial que Lisboa impõe sobre estas colónias esquecidas a que chama de Região autónoma dos Açores. Não conheço o autor pessoalmente, mas gostei deste trabalho didático, bem delineado, bem descritivo, bem por-menorizado que me leva a compreender ainda melhor por que uma verdadeira autonomia tem de ser consubstanciada na libertação do povo e esta será sempre a via da independência.

174. 174. CRÓNICA 174 INVICTAS BROTTASSEM, A NOVA POESIA AÇORIANA, 12/7/17

Finalmente chegou o dia de ler *invictas brottassem*, um livro datado de 2012 de Clarice Nunes-Dorval. Trata-se, ao que creio, do seu primeiro livro de poemas, depois de alguns arremedos de publicações diversas e avulsas em que a autora ia sentindo o pulso à veia inspiradora que, decerto, há muito a consumia.

Numa primeira análise superficial e sem querer ser crítico devo dizer que a autora me surpreendeu pelo empenho em transmitir as suas vivências, amores e desamores, encruzilhadas de sentimentos.

Ficamos a saber ao que veio quando escreveu este livro e ao que vai quando escrever outros, quiçá de maior envolvimento social do entorno que a rodeia.

Este livro é ainda demasiado pessoal e demasiado sofrido, e espero ansiosamente novos desenvolvimentos com mais sincretismo, maior endosso dos temas sociais que superfluam nas palavras ora mantidas sob o véu daquilo a que chamo os amores e desamores.

Quero ler esta autora quando ela sofridamente se debruçar sob o mundo que aparentemente a preocupa e a consome, mas que ainda não invadiu o sacrário dos seus sentimentos pessoais, que são determinantes na orquestração destas primeiras 125 páginas de poesia.

Quero ler esta autora quando ela exprimir a sua raiva, a sua dor em temas menos pessoais pois por enquanto as dores do mundo ainda não são as dela.

De forma cuidada e palavras sopesadas ela desenvolve a sua teia de convivências no convívio que partilha connosco dos seus sentimentos e por isso não hesito em recomendar esta nova escritora que mais não é do que a associada dos Colóquios da Lusofonia, Carolina Cordeiro, uma prosadora que ora dá os primeiros passos nos seus romances e nos promete

termos de voltar a falar dela em posteriores momentos quando as flores invictas brotarem de novo.



175. 175. CRÓNICA 175. O QUE É A LUSOFONIA NOS 20 ANOS DA CPLP, julho 2017

"Não tenho culpa de ter nascido em Portugal e exijo uma pátria que me mereça" (Almada Negreiros)

Escrever é fácil: comece com uma maiúscula e termine com um ponto final. No meio, coloque ideias. (Pablo Neruda)

"Somos um grande povo de heróis adiados, partimos a cara a todos os ausentes...somos incapazes de revolta e agitação... (Fernando Pessoa, "Obras em Prosa", Círculo dos Leitores, III vol. p. 292)

175.1. MITOS DA LUSOFONIA

Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes, dos Orientes exóticos "Que o Sol em nascendo vê primeiro" ²³⁵ que mitos salazarentos criaram aos orientes menos exóticos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu. Pugno pelos filhos que falam português qualquer que seja o país em que nasceram ou vivem, mas constato que encontrei mais estrangeiros interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que nativos da mesma.

Criamos novos mundos e redescobrimos outros, sem jamais identificarmos a mesquizez desta nossa maneira de ser que nos faz sentir grandes - talvez até maior do que somos, quem sabe? Agora que o grande desafio do século XXI nos confronta maior que um Adastor, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos, nem mesmo quando o Português era a língua franca de todos os comércios do mundo.

Precisamos de manter viva a nossa língua e vamos precisar de todos, especialmente daqueles que forem capazes por artes e engenhos de assumir iniciativas arrojadas: que o façam sem ser em busca delouvaminhas ou encómios, sem ser em busca da vã glória e fama fugaz de que se fazem tantas carreiras, sem ser em busca de usura ou lucro. É preciso gente dedicada, mesmo com fama e nome ou simplesmente anónimos como os trabalhadores que quotidianamente constroem o nosso meio ambiente.

235 Divisa de Timor Português em eras coloniais

Não precisamos apenas de iniciativas arrojadas, mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: simpósios, conferências, seminários, colóquios, ou o de meros boletins informativos (eletrônicos ou impressos), capazes de captar ouvintes e leitores com a língua de origem lusófona que adotamos ou queremos como nossa.

Mesmo que sejam os políticos bem-intencionados, mas deles não queremos as vãs e bem-soantes palavras eleitoralistas que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas.

Queremos uma política da língua, à semelhança doutros países, que permita a sua divulgação ampla como meio fundamental de manter a independência política, cultural e linguística. Só assim manteremos acesa esta chama com que comunicamos dos Algarves D'el-rei que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timores de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, às Goas, Malacas e Macaus de que apenas nos lembramos quando nos queremos sentir orgulhosamente beneficiários dessa herança portuguesa que é a língua. A essência do problema é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como.

(in Mitos da Lusofonia Revista Agália 2002)

175. 2. CIDADANIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. LUSOFONIA AGONIA

Surgiu há anos uma proposta do Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra para a criação de uma Cidadania da Língua Portuguesa (no Mundo) que importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras num país como Portugal, marcado por tradicionalismos avessos a mudanças.

Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusofalantes, independentemente de outros idiomas que outros idiomas que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e universal, importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos.

Quem são, o que fazem, o que pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe. Será que as línguas crioulas ou Pidgin e as indígenas se sobrepõem às outras? Porque o ensino do português é oficial quererá isso implicar que ele vai suplementar as línguas nativas?

Quando seremos capazes de admitir como lusofalantes que a língua a que chamamos nossa só pode sobreviver se enriquecida por outras? Dura lição esta, para aqueles, que, segundo diz o escriba “deram novos mundos ao mundo”. Se não aceitarmos esta realidade multilingue das comunidades lusófonas, criamos o conceito de ter uma língua viva com o mesmo futuro do esperanto.

Estas são as perguntas que aqui se põem e que alguém - que não eu - terá de responder. Estas são questões fundamentais para a sobrevivência da Língua Portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país a que chamamos nosso, mesmo que o não seja.

(in Lusofonia Agonia 1, Revista ELO online 2002-11-15)

175.3. A PROPÓSITO DO 4º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

Ximenes Belo, pediu em Bragança um maior investimento dos governos de Portugal e Timor-Leste no ensino da língua portuguesa aos timorenses. Para o Prémio Nobel da Paz, o futuro do português, que os timorenses adotaram como língua oficial, depende dos dois governos, português e timorense, porque "há, naturalmente, vontade de aprender, de conservar, mas por outro lado precisa-se de ajuda e de políticas para a manutenção da língua em Timor-Leste".

"Tem havido apoio, mas é preciso investir mais e sobretudo investir nos timorenses, que haja mais professores de português, que haja mais bibliotecas, que haja, enfim, uma coisa intensa" disse, à margem da sessão de encerramento do IV Colóquio da Lusofonia, em Bragança, onde durante dois dias de debateu sobre a língua portuguesa em Timor-Leste.

Para o antigo bispo de Díli "não chega" haver professores portugueses em Timor-Leste: "é preciso formar timorenses, é preciso criar bibliotecas, infraestruturas e, sobretudo, manter alguma rádio, televisão e diários para que se faça entrar a língua espontaneamente na mente das pessoas".

D. Ximenes Belo recordou depois ao auditório que os timorenses continuaram a batizar os filhos com nomes portugueses e a rezar e cantar em português, mesmo durante a proibição, entre 1975 e 1999, mas disse que a ocupação indonésia deixou marcas. "*Vocês querem que os timorenses falem a vossa língua, mas os timorenses apanharam bofetadas, foram torturados por falarem a vossa língua*", disse.

A disputa também de outras línguas, nomeadamente o inglês, compreende-se, na opinião de D. Ximenes Belo, que recordou que Timor está numa zona com vizinhos como a Austrália, Filipinas, Singapura, Tailândia, Hong Kong, onde as pessoas falam esta língua. "*Mas Timor foi sempre parcela especial com ligação a Portugal e mantendo o português constituiu uma dimensão própria daquela pequena nação*", considerou. Mesmo com o passado histórico de séculos de colonização portuguesa, D. Ximenes considera que o português não é tão fácil assim para os timorenses.

"*Os timorenses acham mais fácil o indonésio porque não tem conjugações, não é tão complicado como o português, mas é preciso apostar*" afirmou. D. Ximenes Belo escusou-se a comentar questões políticas ou sociais do país, afirmando estar há três anos fora, em Moçambique, e ter "poucas notícias" (de Timor). Disse, no entanto, que a sua preocupação é que haja paz, tranquilidade e reconciliação em Timor e que os jovens tenham trabalho.

HFT. LUSA. Transcrito de in A propósito do 4º colóquio da lusofonia, Revista Agália 2005)

175.4. MITOS DA LUSOFONIA

Na abertura do 2º Colóquio da Lusofonia, em outubro de 2003 em Bragança, tentei alertar contra os fundamentalistas de várias cores que visam preservar uma visão estática da língua portuguesa que se opõem a quaisquer inovações da língua e às alterações que o novo dicionário da Academia de Ciências veio introduzir.

Por outro lado, começam a existir movimentos ativos que podem levar a que o Português na sua variante Brasileira se emancipe. Creio ser apenas uma questão de tempo (dada a ausência duma política da Língua por parte de Portugal) para que o Brasileiro seja declarado língua e nessa altura o Português (europeu) estará condenado pois os 10 milhões de habitantes mais uns tantos milhares na Galiza (variante Galega) não serão suficientes para fazer frente a uma língua autónoma como a Brasileira com cerca de 200 milhões de falantes.

Das ex-colónias portuguesas não se poderá contar com muito apoio dado o exíguo número de pessoas (para além das elites políticas dominantes) que domina a língua de Camões. Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 7,5 milhões em 2050 contra os atuais 10,3 milhões.

O que é preciso é que o povo se entenda, que os portugueses não se armem em detentores únicos da língua ou como temos ouvido como aqueles que falam o Português puro. Os tempos não estão para purezas nem para puritanismos, porque o português que se fala em Portugal varia da Bragança dos Colóquios aos Açores onde vivo atualmente.

Todos falam Português e todos eles falam diferente de Norte a Sul, de Leste a Oeste. São lusofalantes todos aqueles que têm o Português como língua seja ela língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar. Sejam eles nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos. A uniformização linguística, a redução a um mesmo denominador comum é castrante e limitadora. Ela inibe e retrai a natural expansão da língua e do conceito mais lato e abrangente da Lusofonia que professamos.

O espaço dos Colóquios Anuais da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendo pois creio que é a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, às Bermudas e à Índia. O Inglês é língua universal, mas continuou unido com todas as suas variantes.

(in Mitos da Lusofonia, Jornal Primeiro de janeiro fev 2006)

175.5. LUSOFONIA E TODAS AS SUAS DIVERSIDADES CULTURAIS

Com a chegada em 2007 dos patronos Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) chegou a altura de passarmos a uma fase mais atuante da nossa intervenção, como membros da sociedade civil numa área que o poder político descursa e evita.

Apraz-nos dentro da nossa independência e subsídio-independência, constatar o apoio de alguns politécnicos e universidades, que vem premiar o esforço abnegado e dedicado

duma mão cheia de pessoas que acreditaram na vitalidade dum projeto sem paralelo no âmbito da Lusofonia.

Esta noção de Lusofonia abrangente sem distinção de credos, raças, nacionalidades ou outros fatores de distinguo, tem-nos permitido congregiar esforços e vontades, criando sinergias e desenvolvendo mecanismos em rede, sem paralelo. Falta apenas convencer os PALOP de que não somos nenhuma ameaça nem uma quinta coluna dum novo Império cultural, antes pelo contrário.

Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão que com a nossa podem coabitar.

(in Diário de Trás-os-Montes novembro 2007)

175.6. A UNIÃO PELA MESMA LÍNGUA

Ressalto do historial dos Colóquios da Lusofonia a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.

Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças.

Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une.

Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam.

A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública.

Creemos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua.

Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia.

Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio.

Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças.

Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia.

Depois, acrescentamos como SÓCIOS HONORÁRIOS E PATRONOS DOM XIMENES BELO EM 2015 E EM 2016 JOSÉ RAMOS HORTA (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a adesão da Academia Angolana a este projeto.

A Academia Angolana junta-se a nós no 28º colóquio em outubro 2017 em Vila do Porto.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar.

É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

J chrys chrystello preside à AICL Colóquios da Lusofonia desde 2001

(in <https://www.diariodetrasmontes.com/cronica/o-que-e-lusofonia-nos-20-anos-da-cplp>)

In <https://blog.lusofonias.net/?p=60477>

In <https://www.lusofonias.net/arquivos/413/ChronicAcores/893/Cronica-175-lusofonia-nos-20-anos-da-cplp.pdf>

176. 176. CRÓNICA 176, SONHAR AINDA É GRATUITO 28 julho 2017

Ando farto de fazer zapping aos telejornais que se arrastam - não por horas, mas por dias a fio - sempre a esmiçarem a dor alheia, a tragédia, os fogos, as falhas disto e daquilo, as promessas eleitorais da próxima campanha autárquica e imaginei um mundo feito à minha medida.

Assim, enquanto as imagens desfilavam mortais eu imaginava um candidato autárquico a anunciar que decidira não se recandidatar pois não cumprira a maior parte das suas promessas eleitorais de há quatro anos.

Enquanto as chamas inflamavam o pequeno ecrã imaginei o governo, deputados, bombeiros, peritos florestais e demais interessados sentados em volta de uma larga mesa erguerem-se a celebrarem a vitória de terem chegado a acordo para as formas de evitar o flagelo dos incêndios que anualmente dilapidam o país há mais de 40 anos.

Como não havia som não soube bem que medidas unanimemente acordadas eram essas que iam poupar milhões, apostando na prevenção em vez de os gastarem no combate às chamas.

Ao ver as recentes inundações que afetam pontos esparsos da Europa, imaginei que os órgãos dessa Europa desunida a que se chama EU, tinham unanimemente acordado em medidas ambientais para acabar com a manipulação da geoengenharia, causadoras de *flash floods* (enchentes repentinas), de granizo do tamanho de bolas de golfe, etc.

Ao assistir à crise humanitária das pragas de doenças que subitamente atacam um ou outro país, a mando das farmacêuticas a quem apenas interessa vender fármacos em vez de curar ou minorar a doença, descobri que uma companhia farmacêutica do Terceiro Mundo iria disponibilizar vacinas e tratamentos gratuitos contra as novas pragas que a humanidade propaga como se fossem naturais.

Só faltava mesmo apagar a dívida das nações para que pudessem crescer com os seus meios utilizando as riquezas naturais que os países dominantes exploram a seu bel-prazer competindo num mercado verdadeiramente livre sem manipulações de especuladores da meia dúzia de bancos e de famílias que dominam a economia mundial.

Só faltava agora acreditar que a população mundial era toda educada e culta, sabendo votar sem ser lavada ao cérebro por políticos ambiciosos e que a novilingua da mentira e da falsa notícia fora exterminada, incapaz de medrar por entre gentes cultas e educadas.

Mas isto já seria pedir muito e o mundo afinal nunca foi justo, nem educado, nunca deixou de discriminar, nunca deixou de explorar os mais fracos e indigentes intelectuais, através da política, da religião, do fanatismo, mas, se um dia, esse mundo existir é nele que quero viver num equilíbrio ecológico e ambiental em que a única incógnita seria a das forças

naturais e seus eventos cataclísmicos, que nenhuma procissão aplacará... (sonhar ainda é gratuito!)

177. 177. CRÓNICA 177. SOU ANTISSOCIAL OU ALÉRGICO AO RUÍDO A QUE CHAMA MÚSICA? 30/7/17

A jornalista Carmen Ventura queixava-se hoje na blogosfera:

Porque não fazem os festivais no meio de um pasto e deixam dormir quem está cansado de trabalhar???
À distância que estou das 'poças' e o barulho é medonho.
Falta de respeito.
Raios partam a quem autoriza uma merda destas...

...

Escrevi há anos em CrónicaAçores: uma circum-navegação vol 2 (ed. Calendário de Letras):

A festa em honra da padroeira é celebrada no último domingo de agosto, com procissão e arraial tendo já a duração de uma semana em festejos.

...

Nos últimos anos, a afluência de emigrantes e visitantes tem aumentado substancialmente.
Em dias de festa, vive-se um outro espírito na freguesia, as pessoas empenham-se em embelezar suas casas bem como as ruas.
Nesse domingo de festa, as ruas por onde passa a procissão são decoradas com magníficos tapetes de flores...

...

Aliás, desde as Festas do Divino que as festas não pararam.
Todas as noites há foguetes e barulho, aqui na aldeia, até altas horas.
Num destes dias já eram duas da manhã e os foguetes ainda estrebujavam, contrariamente às normas europeias e portuguesas relativamente à poluição sonora...

...

Havia gente nova há um ano à espera deste evento.
Isto permitia abrir todas as válvulas reprimidas.
Libertava a libido e os sonhos reprimidos de doze meses ilhéus, nesta prisão sem grades, que todas ilhas costumam ser.

...

Era a maior festa da aldeia do ano.
As diversões para os novos são poucas, sendo o opérculo de escape anual dos locais.
Velhos e novos, crianças e adolescentes, todos dançavam, pulavam e bebiam.
Bebiam e bebiam e tornavam a beber como se não houvesse amanhã.
Se calhar não haveria mesmo.
O som da música enchia uma noite amena.

...

... há anos que me queixo do mesmo e uma vez ao ano tento fugir das festas, primeiro punham altifalantes na rua, depois eram as "discotecas" improvisadas 3 na minha rua e rua paralela, com o som bass de uma delas a ir até às 3 ou 4 da manhã...estando calor era um horror mesmo com vidros duplos o som entrava e a casa tremia...nem polícia, nem comissão fabriqueira, nada...depois decidi emigrar todos os anos na semana das festas, mas nem sempre o posso fazer (este ano vai ser um deles, e já sei que durante uma semana vão tentar a tortura sonora que faria inveja aos métodos da PIDE.

...

Tanto a minha rua como a paralela onde vivia o saudoso Manuel Sá Couto são residenciais e não devíamos ter de ouvir a trampa de música e de barulho que debitam... é a época do ano em que tenho mais saudade da minha civilizada Austrália...

Acreditem que até já adormeci com auscultadores... e dizem-me que sou um desmancha-prazeres e nada há a fazer... uma vez ao ano sou mesmo antissocial.

...

Num dos anos a música da festa anual entrava janelas adentro tonitruante, com altifalantes de dez em dez metros a debitar pimba desde as oito da manhã.

Estava muito calor nesse ano e a minha mulher ia tomar uma atitude drástica, mas, felizmente, apareceu p vizinho saudoso Manuel Sá Couto que ao saber deste predicamento, subiu a um escadote e desligou os altifalantes que nos invadiam a privacidade e a sanidade.

...

A partir de então e já vão mais de dez anos, decidimos tirar férias na semana das festas.

Foi assim que acabamos por conhecer as ilhas todas, por mais de uma vez.

Chegada a última semana de agosto, para espanto e incompreensão dos locais zarpamos daqui para fora por uns dias.

Infelizmente, a minha mulher todos os anos tem de se apresentar na escola dia 1 de setembro, e nalguns casos como a festa coincide com o último domingo de agosto ainda temos de ser sonoramente violentados mais uns dias...

Respeito o direito dos locais preservarem esta tradição ancestral para a qual poupam todo o ano, seguindo a tradição de que era nestas festas da paróquia que se apalavravam os casórios das filhas espigadotas.

Ainda hoje, as jovens, de tenra adolescência, andam todas vestidinhas, penteadinhas, pintadinhas a passear rua abaixo, rua acima, ou no largo do coreto da igreja, a mostrarem-se como se estivessem numa feira de gado, desculpem a comparação.

Claro que os casamentos já não são apalavrados como dantes, mas esses tiques permanecem imutáveis, gravados na herança genética.

De notar que aqui na Lomba da Maia a consanguinidade é elevadíssima, muito mais do que na vizinha Maia...

...

E mais uma vez, a tradição manteve-se com os seus ademanos, mas a razão de ser dela perdeu-se no progresso que também das modinhas de música tradicional para a música pimba e música brasileira durante o dia enquanto à noite é o bum bum bum de um som "bass" bem forte, que faz tremer as paredes, acelera o ritmo cardíaco e faz perder a paciência a um santo que não sou.

...

Além disso, como se tal não bastasse, não nesta festa, mas em todas as ocasiões (e elas parecem ser semanais) há as roqueiras (os tradicionais foguetes ruidosos) que impedem qualquer descanso, assustando animais e humanos a qualquer hora do dia e da noite.

Costumo sempre dizer que se eu mandasse metia-lhes as roqueiras num sítio que não digo para nunca mais acenderem nenhum foguete..., mas isso são desabafos causados pela impotência de lidar com esta calamidade das festas, do ruído e da tradição profundamente adulterada que nem sequer serve para arranjar um bom casamento...

e como foi escrito:

O casamento é o triunfo da imaginação sobre a inteligência."
Oscar Wilde [1854-1890]

Ou, como afirmava Nietzsche, "festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas".

Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano.

Façam uma festa, mas mais silenciosamente.

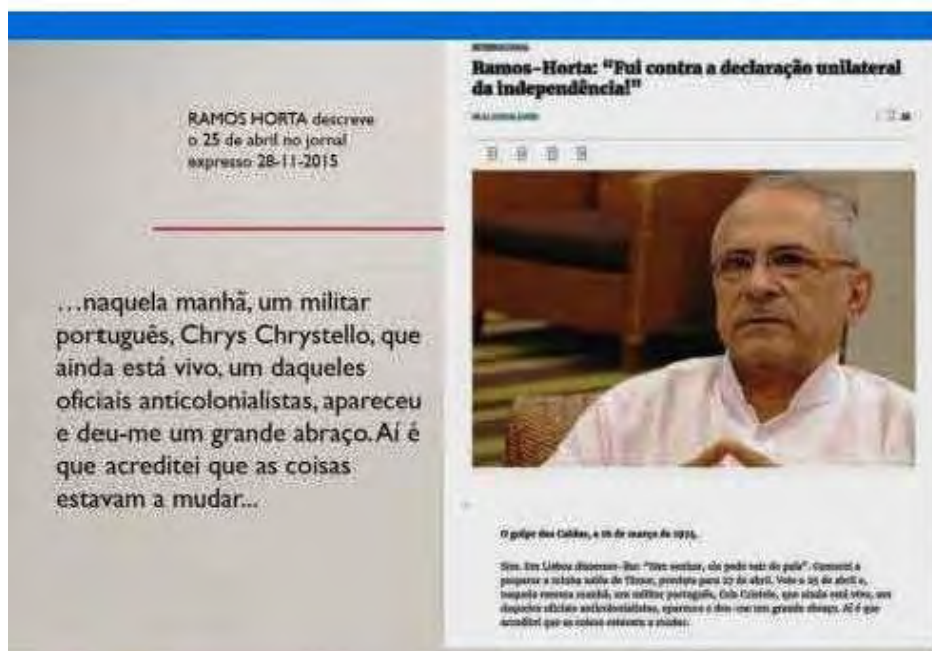
178. 178. CRÓNICA 178 O PESADO FARDO DA GUERRA COLONIAL 4/8/17

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

Na maior parte dos países onde vivi e nos que visitei havia uma certa aura de glória, direi mesmo, respeito, pelos bravos que ao longo dos séculos haviam combatido em nome dessa noção alienígena que é a pátria.

Havia paradas monstruosas e centenárias como as célebres marchas dos ANZAC (*Australian and New Zealand Corps*) na Austrália, e mesmo nos EUA, durante anos, houve respeito pelos bravos que forma vítimas das 1001 guerras americanas no mundo, nomeadamente na 2ª Grande Guerra, no massacrado Vietname, Coreia, etc.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita “pátria” (segundo Ramos Horta eu era um oficial anticolonialista, in Expresso 28/11/2015



Mas para todos, mesmo para aqueles que cegamente obedeceram às ordens militaristas e fizeram o que lhes mandavam, até por que na maior parte dos casos, não tinham alternativa, creio que lhes deve ser concedido o respeito de que hoje carecem, esquecidos numa teia de doenças, alcoolismo, depressão, sem apoios do Estado que os mandou morrer e matar pela pátria.

Bem ou mal, eles fizeram o que se esperava que fizessem. E vemo-los hoje, nos sem-abrigo, nos membros de famílias disfuncionais, no conluio com os seus segredos de guerra ciosamente guardados, sem catarse possível.

Nos EUA é bem pior, pois os veteranos de guerra são já uma espécie de escória a varrer para o esquecimento, sob o tapete diáfano de mil e uma guerras sem razão, como se as guerras alguma vez tivessem alguma razão, exceto a perpétua repetição da história dos países.

Quando cresci ainda havia respeito pelos veteranos sobreviventes da mortandade que foi a campanha portuguesa na 1ª Grande Guerra, conheci alguns desses heróis, de medalhas ao peito em marchas da famigerada Liga dos Combatentes (a que também pertenci durante uns anos após o 25 de abril, pois podia-se comprar comida mais barata no “casão”).

Hoje, não sabemos quantos são, quantos sofrem, quantos sobrevivem. nalgumas aldeias e vilas do interior profundo de Portugal. Alguns autarcas mandaram erigir pequenos monumentos em honra da memória desses bravos, mas regra geral, foram esquecidos e eles mesmos temem falar sobre o tema, ou evitam-no a todo o custo.

Nos Açores, autores houve que trataram o tema em livro: Urbano Bettencourt, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, para citar apenas alguns que me vêm à memória de momento, mas outros preferem manter um silêncio discreto, tal como o dono do café da esquina, o dono do restaurante mais acima, o lavrador que vive na rua e se recusa a falar do tema e tantos outros de que nem sei a existência.

Estava uma pessoa entretida nas suas lides nos anos de 1960, a estudar, a trabalhar e mourejar nos campos aqui nos Açores ou em Trás-os-Montes, ou em qualquer outro local e vinha a malfadada mobilização para Angola, Guiné, Moçambique, ou qualquer outro ponto do império e a vida acabava ali, mesmo que voltassem vivos e sem mazelas de vulto.

Para muitos, adiava-se a ida enquanto se pudessem continuar os estudos, sempre na esperança infundada de que a guerra colonial acabasse. Para outros era a saída da sua terrinha natal (e quantas vezes não era esta a primeira vez que saíam do seu cantinho natal, da sua freguesia ou aldeia, da sua ilha?).

Não irei descrever as noções contraditórias que de todos se apoderavam no caminho de ida, na estadia e no possível regresso se não morressem ou não ficassem estropiados, pois isso foi tema de pessoas mais abalizadas que eu.

Sei apenas que a mim foi um trauma que gorou todos os meus planos de vida, me impeliu para vários planos inclinados e me obrigou a agarrar a várias boias de salvação para percorrer o caminho que levou ao momento, hoje em que escrevo aqui e de novo:

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados.

Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

Cresci, como sabem, numa ditadura. Havia até quem lhe chamasse branda, como brandos costumes eram alegadamente os do povo que a suportava. Cresci acreditando que um dia o país faria parte da Europa e do mundo, e esse mundo estava tão longe que bem podia pertencer a outra galáxia. Lembro-me de ir a Tui comprar discos dos Beatles ou beber Coca Cola que em Portugal eram proibidas com medo dos miasmas contagiosos de civilizações estrangeiras.

Depois, veio o dia de todas as esperanças, um 25 de abril (quase sem mortes e com cravos na ponta das espingardas) e eu, que vivia em Timor, esperei por ele que tardaria a chegar (teria ido de barco?) e jamais arribou.

A Europa cresceu, o sonho dessa europa unida medrou e ela cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente naquela palhaçada que hoje é. Por toda a parte, uma após outra as ditaduras iam sendo aniquiladas e substituídas por vários modelos de democracia onde alegadamente o povo e a sua vontade eram representados em parlamentos. Com a queda do Muro de Berlim e o glasnost a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, quando esses sonhos se tornavam realidade até na América Latina e América do Sul. Já então, o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado as suas sementes com a Thatcher e o Ronald Reagan, mas nós não sabíamos que isso iria perverter todo o ocidente.

Lentamente, nestes últimos vinte anos assistimos a um constante retrocesso nas conquistas dos direitos fundamentais da humanidade, de igualdade, solidariedade e justiça. Mais do que nunca as democracias estão a ser manipuladas criando uma aparência de vontade popular através do voto universal, mas sendo, na prática, substituídas por autocracias da Rússia aos EUA passando pela Venezuela e dezenas de países, sem falar daqueles onde as escolhas democráticas foram substituídas por nomeações da grande e anónima banca internacional, do grande capital do petróleo às farmacêuticas que tudo controlam. Isto num mundo em que a verdade é ficção e a ficção é a neoverdade.

Ainda há dias a ler Umberto Eco, *O Cemitério de Praga*, me apercebi de que como isto sempre aconteceu sem nos darmos conta. Entretanto, países que se habituaram a mandar e a serem os xerifes do universo, como os EUA (em substituição dos decadentes grandes impérios que duas grandes guerras aniquilaram) continuam a inventar invasões, primaveras políticas, depondo ditadores ou democratas a seu bel-prazer. Dir-me-ão que a democracia ainda é o menos mau dos sistemas (como primeiro afirmou Winston Churchill). Claro que uma democracia é a pior forma de governança, salvo todas as outras alternativas, e não adianta chorar sobre os defeitos da democracia: a corrupção dos políticos de todas as cores, o nepotismo, os arranjinhos parlamentares (ora agora mamas tu, ora logo mamou eu, etc).

Há algo que sempre afirmei e reitero, mesmo que já não sirva para grande coisa, o 25 de abril trouxe-me o bem mais precioso: a liberdade de expressão, a mim que sou um individualista nato e jamais conseguiria viver numa autocracia. Dantes, os países democráticos tinham eleições os outros não (nem mesmo as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam). Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semi-democracia onde existe a aparência de uma verdadeira democracia com eleições e tudo o mais, mas onde a realidade não está representada, com resultados viciados, roubo descarado de votos e tanta manipulação que o resultado é a via autocrática transvestida de democracia oca. O que temos assistido nas últimas décadas é um ataque à democracia, e são as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos.

A democracia é uma planta muito frágil que precisa de ser regada diariamente. Como escrevia em 2015 Elísio Estanque²³⁶

Por um lado, são os poderes económicos de um capitalismo desenfreado, rendido à força do mercado e do dinheiro e aos múltiplos interesses que à sua sombra se expandem, mortalmente lesivos dos princípios democráticos. Financiamentos ilegais de campanhas eleitorais, promoção de testas de ferro, candidatos fantoches, quadros e dirigentes ao serviço de esquemas dominados pela corrupção, etc., são exemplos de que o vírus cancerígeno da democracia tudo subverte. Por outro lado, são as próprias estruturas partidárias que, na sua obsessão pelo poder, alimentam as mais perversas ligações e oligarquias na defesa das suas negociatas, reprimem o contraditório e combatem o debate democrático interno, que são a essência da democracia política.

O exemplo de uma semi-democracia, semi-autonómica, é bem visível nos Açores onde existe um parlamento regional e alguma teórica liberdade de escolha, mas onde todas as decisões relevantes para o povo açoriano são definidas em Lisboa pelo governo central, ao atropelo e revelia das normas autonómicas, com a cumplicidade das forças no poder. O povo, que até nem é totalmente ignorante, vota com os pés (isto é, abstendo-se) ou vota a favor dos que o mantêm subsidiodependente, num ciclo vicioso que se define assim: vota em mim e recebes apoios, não votas e desenrascas-te sozinho contra uma malha burocrática que te vai aniquilar.

As vozes independentes, são poucas e raras e vão sendo silenciadas sem lugar a destaque nos meios de comunicação totalmente silenciados numa onda de autocensura que lhes permita sobreviver. Estamos a caminho da autocracia, mas ainda com a manta diáfana da aparência democrática. Infelizmente, o pior ainda está para chegar. O nacionalismo e a xenofobia chegam ao poder com o voto do povo, a Democracia, de que Churchill dizia ser o menos mau de todos os sistemas conhecidos.

E até mesmo eu, que sempre me considerei um otimista nato, tenho demasiadas dúvidas, rodeado como estou por autómatos não-pensantes, obcecados com os pequenos ecrãs dos seus smartphones e impérvios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça que acontecem em volta como se pode ver nesta imagem do Titanic a afundar-se e os naufragos a tirarem “selfies”. Possa eu continuar a falar em casa e na rua, sem medos persecutórios, mesmo que as minhas palavras já não cheguem a muitos nem sejam lidas, e isso já me contentaria nestes dias difíceis que se avizinham. Quando essa liberdade se perder, de facto só terei de me conformar e aceitar que me implantem um “chip” para o meu próprio bem tal como nem George Orwell (1984 e o Triunfo dos Porcos) nem Aldous Huxley (Admirável Mundo Novo) conseguiram imaginar.



180. 180. CRÓNICA 180 TURISMO, LIXO, RATAZANAS E CORTESIA 16 ago 2017

A qualquer ponto da ilha de São Miguel onde se vá, encontra-se lixo e mais lixo e contentores a abarrotar...então ninguém pensou em alterar o esquema de recolha de lixo face ao aumento de pessoas, na ilha, nas praias, nos locais e miradouros turísticos....? hoje à noite na Praia dos Moinhos em Porto Formoso o lixo amontoado servia de péssimo cartão de visita a quem nos visita...na ribeira ao lado havia ratazanas de tamanho bem nutrido a condizer com um anúncio que há meses anuncia uma desratização da ribeira (só se for no cartaz ..).

... estacionamento por toda a parte, os parques não chegam, não há transportes coletivos, e os caçadores de votos não veem isto???? ... eu vi e continuarei a ver....e a alertar.

... criem depressa um serviço de "shuttle" = minibus (de 10, 15 ou 20 lugares) da Ribeira Grande e de Ponta Delgada para os miradouros e locais de mais turismo como a Lagoa do Fogo, Vista do Rei, Caldeiras, Caldeira Velha, etc....a um preço simbólico de 50 cêntimos. Façam viagens de 15 em 15 ou de 30 em 30 minutos nos meses de junho a setembro, e mais espaçados no resto do ano. Proibam os grandes autocarros de irem a esses locais. Depois fiscalizem e implementem uma luta sem cartel ao estacionamento selvagem (não multem, reboquem os carros da estrada como se faz nos países mais civilizados), mas criem alternativas, sem aumentar o número de estacionamentos permitidos, sem criarem novas obras, sem estragar a paisagem. O investimento é pequeno e os resultados seriam excelentes.

Quanto ao lixo mudem a rotina que até pode funcionar nos meses mais calmos, mas nos de maior afluência de gente dão uma péssima imagem da ilha aos que nos visitam (e que queremos nos continuem a visitar). Façam recolhas diárias ou bidiárias nos locais de maior afluência, estabeleçam novos contratos mais flexíveis (isto não é ciência atômica, mero senso comum de quem nada sabe sobre o assunto). Intensifiquem as campanhas nas escolas e nas comunidades para não deitarem lixo para o chão, mas - simultaneamente - coloquem papeleiras e cinzeiros de 50 em 50 metros nas cidades, nas vilas e freguesias.

Nos vários Fóruns (Fora) sobre os Açores leio diariamente preocupações semelhantes e sugestões...o turismo das companhias aéreas de baixo custo já cá está há uns meses largos, já houve tempo mais do que suficiente para uma atitude do GRA (governo da região) encarar soluções para uma afluência para a qual nem a ilha, nem a restauração, nem demais estruturas estavam preparadas.... Não nomeiem comissões para estudar o problema, vejam o que se faz noutras cidades (lá fora) e como resolveram estes problemas e copiem (não precisam reinventar a roda) ...

Uma última nota, mas esta muito urgente, gastem uns milhões a obrigar toda a gente na restauração a frequentar um curso (intensivo, mas essencial) de práticas de hotelaria, pois as pessoas (turistas) que atendem são as mesmas que garantem o seu salário no fim do mês. Os clientes são os seus verdadeiros patrões... mantenham as mesas limpas, esvaziem os cinzeiros e lavem-nos, nas zonas de fumadores. Não atendam as pessoas como se estivessem a fazer um frete, ajudem as pessoas a escolher os menus, sirvam a água com copos em vez de oferecerem garrafas sem copos ou perguntarem - na melhor das hipóteses "quer copo?"). Não precisam ser servis, mas corteses...educados... hospitaleiros...o resto a natureza já nos deu.

181. 181. CRÓNICA 181. DO TERROR AO MEDO, 18/8/17

Ontem houve mais um atentado em Barcelona pelo método mais económico de atropelamento e fuga. O oitavo caso semelhante num ano.

Na viatura foi encontrada documentação, como se propositadamente se deixasse uma pista sobre os autores, ou como se estes fossem inexperientes terroristas que deixavam a foto e nome atrás para serem rapidamente encontrados.

Ou teria sido o documento “plantado”? ou teria sido o ataque orquestrado para infundir o medo aos catalães em vésperas duma decisão sobre o seu futuro e independência? O dono do documento encontrado apresentou-se logo à polícia a “milhas de distância” alegando não ser ele.

Depois surgem os problemas da nacionalidade “islâmica” espanhola numa colónia no norte de África ou francês?

Será que os serviços competentes não distinguem nos seus registos a nacionalidade do dono do documento?

As forças de segurança espanholas identificaram Moussa Oukabir, irmão de um dos homens detidos na sequência do atentado de quinta-feira, em Barcelona, como o alegado autor do ataque, disseram à Efe fontes policiais. A polícia catalã já deteve três suspeitos de envolvimento no ataque e um outro suposto autor do atentado foi encontrado morto em Sant Just Desvern, em Baix Llobregat, a 12 quilómetros de Barcelona, depois de uma troca de tiros com a polícia catalã, após ter forçado a passagem de um controlo policial e ter atropelado uma polícia.

Um dos dois suspeitos, do ataque nas Ramblas, detidos pela polícia foi inicialmente identificado como Driss Oukabir, um homem de 28 anos. Mais tarde, um homem com o mesmo nome apresentou-se numa esquadra em Girona, a mais de 100 km do local do atropelamento afirmando que lhe foi sido roubada a identificação. De acordo com a imprensa espanhola, poderá ter sido o irmão, Moussa Oukabir, um jovem de 18 anos que vive em Barcelona

Depois, umas horas mais tarde surgiu a notícia vaga e imprecisa sobre 4 ou 5 alegados terroristas abatidos, com cintos de explosivos, a mais de cem quilómetros de Barcelona (em Cambrils)

Então e os cintos não explodiram?

Que principiantes de terroristas são estes?

E o Daesh reivindicou logo o atentado (claro, é boa propaganda gratuita) ...Autoridades policiais informaram que os terroristas de Cambrils transportavam cintos de explosivos falsos. Para quê, meter medo a quem passava (mas nem é Carnaval).

Os homens, antes de serem abatidos, ainda atropelaram várias pessoas na rua. Mas atropelaram quem, onde, como?

Quantas vítimas?

Ou o atropelamento também era falso?

Que houve mortos (14) e muitos feridos (100) não tenho dúvidas (Há um total de 88 feridos internados em várias unidades hospitalares: 15 em estado muito grave, 23 com gravidade média e 50 com ferimentos ligeiros), sobre o resto não tenho certeza nenhuma, a não ser de que isto daria uma excelente oportunidade para o governo bourbónico de Madrid colocar as suas unidades militares e paramilitares na Catalunha em prevenção terrorista durante o ato eleitoral.

Em breve veremos Catalunha tomada pela polícia espanhola e uma forte campanha de islamofobia que fará levitar do chão a direita espanholista lá. Não era bem para inspirar medo, mas para dar mais “segurança” à população. Uma zona ténue onde nunca se sabe onde termina o terror e começa o medo. As notícias são feitas para esse efeito duplo. Vem nos manuais do Tio Sam.

Entretanto prenderam mais gente, agora em Ripoli, a 96 km a norte de Barcelona, como suspeitos.

Recapitulemos, o DAESH foi inventado e criado e armado e apoiado pelos EUA para outros fins mais relacionados com as pretensas “primaveras árabes” que nunca floriram. E agora - a mando de quem ??? - anda o DAESH a atacar gente na Europa?

A única razão é aumentar a islamofobia preconizada por Donald Trump como o grande inimigo dos EUA, embora muitos atentados não tenham sido cometidos por islâmicos...

A NATO (OTAN) além dos exércitos, tem serviços de inteligência e comandos especiais de «ação interna» dentro dos países membros, as eleições são manipuláveis e os votantes mudam a sua intenção de voto influenciada por estes eventos. Começa-se pelo terror e morte e daí passa-se ao medo que a todos condiciona, direta ou indiretamente. E estes ataques irão continuar, aqui e ai, sempre que haja eleições ou a necessidade de mudar algo. Ou será que vez ando a ver teorias da conspiração onde elas existem?

182. 182. Crónica 182 -VENDO O MEU VOTO AUTÁRQUICO A QUEM CUMPRIR ESTAS 12 PROMESSAS PARA A Lomba da Maia 2017-2021 (24/8/2017)

Negociar com o governo regional a reabilitação da estrada Lombinha - Maia
Aumentar a frequência das carreiras da CRP (mesmo que para isso se utilizassem autocarros mais pequenos, mas mais frequentes)
Recuperar os moinhos da viola (trilho da praia da) e dar-lhes uma utilização comunitária
Criar um centro permanente do linho, usando programas de apoio para empregar jovens a aprenderem os velhos processos e comercializarem os seus produtos
Abrir posto dos CTT na Lomba da Maia
Criar A.L. (alojamento local) na freguesia,
Oferecer incentivo para a recuperação de moradias devolutas e em ruínas
Dinamizar atividades dos grupos jovens e apoiar a sua participação em eventos
Aumentar os locais de estacionamento gratuito nas ruas da freguesia
Criar posto de turismo e centro de interpretação para os trilhos da praia da viola (Promover o conhecimento e inventariação do património material e imaterial. Investigação da história da freguesia)
Criar balneários na praia da viola e lutar pela bandeira azul e nadador-salvador
Campanha de sensibilização de higiene urbana: promover em toda a população civismo perante o lixo, aumentando papeleiras e cinzeiros nas vias principais e separação do lixo com oferta de recipientes triplos a todos os habitantes.
